



**Universidade de Aveiro** Departamento de Línguas e Culturas  
2004

**João Paulo  
Martins Silvestre**

**Rafael Bluteau e  
o *Vocabulario Portuguez, e Latino*:**

**Teoria metalexicográfica, fontes e recepção**



**Universidade de  
Aveiro  
2004**

Departamento de  
Línguas e Culturas

**João Paulo  
Martins Silvestre**

**Rafael Bluteau e  
*o Vocabulário Portuguez, e Latino:***

**Teoria metalexigráfica, fontes e recepção**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Linguística Portuguesa, realizada sob a orientação científica do Doutor Telmo dos Santos Verdelho, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro



## **O júri**

Presidente

**Prof. Doutor José Rodrigues Ferreira da Rocha**  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutor Ivo José de Castro**  
Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Prof. Doutor Telmo dos Santos Verdelho**  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutor Manuel Ferreiro Fernandez**  
Professor Catedrático da Universidade da Corunha, Espanha

**Prof. Doutora Maria Rita Braga Marquilhas**  
Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Prof. Doutor António José Ribeiro Miranda**  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutor Álvaro Iriarte Sanromán**  
Professor Auxiliar do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho

**Prof. Doutor Michael J. Ferreira**  
Professor Auxilliari da Universidade de Georgetown, EUA

## **Agradecimentos**

A elaboração desta dissertação foi possível graças ao apoio financeiro da FCT e do FSE, no âmbito do III Quadro Comunitário. As condições de acolhimento proporcionadas pelo Departamento de Línguas e Culturas e pelo Centro de Línguas e Culturas foram essenciais para o cumprimento atempado do projecto.

A motivação inicial para este estudo no domínio da lexicografia antiga é justamente devida ao Professor Telmo Verdelho que, com uma disponibilidade generosa, partilhou o seu saber e experiência, acompanhando-me num percurso que foi, sobretudo, de aprendizagem. A proficiência do conselho científico e metodológico e o voto de confiança ao longo dos diversos estádios deste trabalho merecem um profundo reconhecimento.

Aos docentes do DLC, colegas doutorandos, amigos e familiares que nestes anos me encorajaram quero expressar a importância dos seus gestos de solidária estima.

## Resumo

Este trabalho tem por objecto o *Vocabulario Portuguez, e Latino* (1712-1728) de Rafael Bluteau, e nele se concede particular destaque à tipologia da obra, fontes informadoras, técnica lexicográfica e recepção.

Apontam-se os aspectos do percurso biográfico de Bluteau que permitem delinear o contexto de produção da obra lexicográfica e a expectativa de recepção; a reflexão metalinguística que aborda temáticas pertinentes para a dicionarística; a caracterização da obra expressa pelo autor; os traços tipológicos do modelo de dicionário universal e dicionário bilingue, e o modo como estas vertentes se conjugam, à luz de uma concepção que admite a fusão de modelos diversificados.

Propõe-se uma análise do processo de selecção e organização da nomenclatura, tendo em consideração o património lexicográfico português e o fundo informativo à disposição de Bluteau, seguindo-se uma análise das diversas categorias informativas presentes na estrutura dos artigos. O estudo em torno da recepção destaca a importância do *Vocabulario* como fonte lexical e informativa no período de transição para a dicionarística monolíngue do português.

## **Abstract**

The subject of this study is Rafael Bluteau's *Vocabulario Portuguez, e Latino* (1712-1728), with an emphasis on the typology of the work, sources, lexicographical technique and the work's reception.

The chief concerns refer to the characterization of the work as the author conceived it, the typological traits both of the universal and of the bilingual dictionaries, as well as the manner in which the two forms conjugated.

It is also within the scope to make an assessment of the selection and organisation of the nomenclature, within the context of the Portuguese lexicographical patrimony and of the informative sources Bluteau had at his disposal. This assessment is complemented with an examination of the various information categories present in the structure of the articles. The concluding part takes into consideration the reception of the *Vocabulario* as a privileged lexical and informative source in the transitional period leading to monolingual dictionaries.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	5
Normas de transcrição .....	13
<b>I — Bluteau e o contexto cultural português</b> .....	15
1. Dados biográficos essenciais .....	15
2. Bluteau e a vida cultural portuguesa .....	22
2.1. A reflexão metalinguística entre os teatinos .....	24
2.2. O círculo dos Ericeiras .....	27
2.3. Intervenções académicas .....	31
2.3.1. A renovação estética e temática .....	34
2.3.2. A reflexão metalinguística no contexto académico .....	36
2.4. Produção literária .....	42
2.4.1. Os sermonários .....	43
2.4.2. O <i>Oraculum utriusque Testamenti</i> .....	47
<b>II — Pensamento linguístico de Bluteau</b> .....	53
1. A linguagem e a tradição bíblica .....	54
2. A diversidade das línguas .....	58
3. O elogio da língua .....	62
4. Reflexão metaortográfica .....	69
4.1. O sistema ortográfico: conceito e critérios .....	73
4.1.1. Etimologia e analogia .....	74
4.1.2. Pronúncia .....	79
4.1.3. Uso .....	81
<b>III — Características tipológicas do <i>Vocabulario</i></b> .....	85
1. Enquadramento tipológico .....	86
1.1. Dicionário universal .....	88
1.2. Dicionário bilingue .....	94
2. Paradigmas lexicográficos: o cânone dicionarístico .....	96
2.1. <i>Dictionnaire universel</i> (1690) .....	99
2.2. <i>Le grand dictionnaire historique</i> (1699) .....	102
2.3. <i>Le dictionnaire royal</i> (1691) .....	104
2.4. <i>Ambrosii Calepini dictionarium</i> (1681) .....	106
2.5. <i>Dictionnaire general et curieux</i> (1685) .....	109
2.6. <i>Lexicon universale</i> (1698) .....	111

<b>IV — Técnica lexicográfica</b> .....	115
1. Nomenclatura .....	115
1.1 A extensão e a acumulação .....	116
1.2. Número de entradas .....	118
1.3. Organização da nomenclatura .....	121
1.3.1. Técnica de alfabetação .....	122
1.3.2. Ordenação das séries .....	129
1.3.3. Ordenação das entradas .....	133
1.3.4. Normalização das formas-lema .....	137
1.3.4.1. Variação em número .....	138
1.3.4.2. Variação em género .....	141
1.3.4.3. Estruturas sintagmáticas .....	142
1.4. Principais fontes da nomenclatura .....	146
1.4.1. <i>Thesouro</i> (1697) .....	147
1.4.2. <i>Prosodia</i> (1697) .....	151
1.4.3. <i>Le grand dictionnaire historique</i> (1699) .....	154
1.4.4. <i>Dictionnaire universel</i> (1690) .....	157
1.4.5. <i>Corpus</i> de autores portugueses .....	159
2. Marcas de uso .....	161
2.1. Informação diatécnica .....	164
2.2. Informação diintegrativa .....	170
2.3. Informação diatópica .....	175
2.4. Informação diacrónica .....	176
2.5. Informação diafrequencial .....	178
2.6. Informação diastrática .....	180
2.7. Informação diafásica .....	183
3. Técnica de definição .....	185
3.1. Processos directos .....	189
3.1.1. Definidores genéricos .....	190
3.1.2. Definidores específicos .....	194
3.2. Processos indirectos .....	197
3.2.1. Relações entre conceitos .....	197
3.2.2. Motivação derivacional .....	198
3.2.3. Relações de sentido .....	200
3.3. Processos de definição de verbos .....	203
3.3.1. Definidores verbais .....	205
3.4. A ordenação das acepções .....	207
3.4.1. Homonímia .....	210
3.4.2. Polissemia .....	212
4. Informação linguística .....	216
4.1. Notações gramaticais .....	216
4.2. Ortografia .....	221
4.2.1. A reflexão metaortográfica nos dicionários .....	221
4.2.2. A reflexão metaortográfica no <i>Vocabulario</i> .....	224
4.2.3. Principais soluções ortográficas .....	227
4.2.3.1. Diacríticos e timbre vocálico .....	228
4.2.3.2. I vocálico e semivocálico .....	232
4.2.3.3. Consoantes duplicadas .....	236

4.2.3.4. Dígrafos latinizantes .....	238
4.2.3.5. Dígrafos helenizantes .....	246
4.2.3.6. Alternância <ç-> / <s-> .....	249
4.2.3.7. Funções do grafema <h> .....	252
5. Informação bilingue .....	256
5.1. Tradução e propriedade de sentido .....	257
5.2. A descrição do léxico latino .....	261
5.3. Exemplos e citações latinas .....	263
5.3.1. O latim como intertexto autónomo .....	267
6. Informação enciclopédica .....	268
6.1. Estrutura dos enunciados enciclopédicos .....	270
6.1.1. Medicina .....	271
6.1.2. Química .....	274
6.1.3. Cosmologia, astrologia, astronomia .....	275
6.1.4. Botânica .....	277
6.1.5. Toponímia .....	279
6.2. A informação enciclopédica na estrutura do artigo .....	283
6.3. Fontes de informação enciclopédica .....	285
6.3.1. <i>Dictionnaire universel</i> (1690) .....	287
6.3.2. <i>Dictionnaire historique</i> (1699) .....	291
6.3.3. <i>Dictionnaire general et curieux</i> (1685) .....	293
6.3.4. Fontes não lexicográficas .....	296
6.3.4.1. Tratados técnicos .....	296
6.3.4.2. Relações de viagens .....	298
6.3.4.2. Historiografia .....	300
7. Abonações e citações de autores portugueses .....	302
7.1. O corpus de autores portugueses .....	304
7.2. Tratamento lexicográfico das citações .....	313
7.2.1. Funções das citações .....	316
8. Informação retórico-literária .....	321
8.1. Discursos .....	321
8.2. Mitologia .....	323
8.3. Codificação literária .....	329
8.4. Adágios portugueses .....	335
9. Dicionários especializados .....	339
9.1. Vocabulários onomásticos .....	340
9.2. Vocabulários analógicos .....	346
9.3. O «Vocabulario de synonymos, e phrases» .....	351
9.3.1. Sinónimos .....	352
9.3.2. Epítetos .....	355
9.3.3. Discursos .....	358
9.4. Glossários .....	353
9.5. O «Diccionario Castellano, y Portuguez» .....	362
10. Organização estrutural do <i>Vocabulario</i> .....	365
10.1. O <i>corpus</i> paratextual .....	370
10.1.1. A folha de rosto .....	372

10.1.2. Dedicatória, textos laudatórios e censuras .....	376
10.1.3. Os prólogos .....	380
10.1.4. O «Vocabulario de vocabularios» .....	385
<b>V — Recepção</b> .....	389
1. Recepção do <i>corpus</i> dicionarístico .....	389
1.1. <i>Diccionario portuguez, e latino</i> (1755) .....	391
1.2. <i>Novo dictionario das linguas portugueza, e franceza</i> (1764) .....	396
1.3. <i>Divertimento erudito</i> (1734-1744) .....	399
1.4. <i>Diccionario Portuguez das Plantas</i> (1765) .....	403
1.5. <i>Orthographia</i> (1734) .....	405
1.6. <i>Diccionario da lingua portugueza</i> (1789) .....	410
1.6.1. Nomenclatura .....	411
1.6.2. Técnica lexicográfica .....	414
2. Reflexão metalexigráfica .....	420
2.1. <i>Verdadeiro metodo de estudar</i> (1746) .....	420
2.2. «Planta» do <i>Diccionario da Academia</i> (1793) .....	425
2.3. <i>Reflexões sobre a lingua portugueza</i> (1842) .....	429
<b>VI — A informatização do <i>corpus</i> dicionarístico</b> .....	437
1. Registo e constituição de uma base de dados .....	439
1.1. Contributos para o estudo metalexigráfico e linguístico .....	440
<b>Conclusão</b> .....	447
<b>Fontes manuscritas</b> .....	455
<b>Fontes impressas</b> .....	457
<b>Bibliografia</b> .....	475
<b>Índice remissivo onomástico</b> .....	489
 <b>ANEXOS</b>	
<b>I. Rafael Bluteau (1638-1734): breve cronologia</b> .....	1
<b>II. Dedicatórias e prólogos (tomo I e <i>Suplemento</i>)</b> .....	5
i) «Ao muyto alto [...] Dom João o Quinto» (tomo I, 1712) .....	5
ii) «Prologo do autor a todo o genero de leitores» (tomo I, 1712) .....	9
iii) «Ao muito alto [...] D. João Quinto» ( <i>Suplemento</i> , 1727) .....	35
iv) «Prologo segundo» ( <i>Suplemento</i> , 1727) .....	38
<b>III. «Catalogo [...] dos Autores Portugueses»</b> (tomo I, 1712) .....	57
<b>IV. Fontes da nomenclatura do <i>Vocabulario</i> (letra D)</b> .....	93
<b>V. Comparação da nomenclatura de BLUTEAU, FOLQMAN, MARQUES e MORAIS</b> .....	133

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objecto o *Vocabulario Portuguez, e Latino* (1712-1728) de Rafael Bluteau, e nele se concede particular destaque à tipologia da obra, fontes informadoras, técnica lexicográfica e recepção.

Tratando-se da mais importante realização da dicionarística portuguesa no longo período compreendido entre a publicação da *Prosodia* de Bento Pereira (1634) e do *Diccionario* (1789) de Morais Silva, a obra de Bluteau representa mais do que uma transição entre estes dois marcos tipologicamente bem distintos.

Além das características que o tornam uma obra única na história da lexicografia portuguesa, o *Vocabulario* proporcionou um fundo lexical e documental que serviu de base para os dicionaristas do século XVIII e para muitos autores que reaproveitaram a informação enciclopédica e metalinguística compendiada pelo padre teatino. O presente estudo alarga o seu âmbito de leitura a um conjunto de textos que antecederam a lexicografia moderna do português, e em que a obra de Bluteau é o ponto de referência fundamental.

A investigação em torno do património lexicográfico português tem permitido a progressiva identificação das obras fundamentais e das respectivas fontes. O primeiro trabalho de vulto e amplamente documentado incidiu sobre o período desde as origens da história da língua até Jerónimo Cardoso (século XVI)<sup>1</sup>, e abriu caminho para pesquisas sobre obras e períodos seguintes, como a *Prosodia* (século XVII)<sup>2</sup> e o estudo que agora se apresenta sobre o dicionário de Bluteau.

---

<sup>1</sup> Verdelho, 1995.

<sup>2</sup> O dicionário de Bento Pereira é objecto de um trabalho de doutoramento da Mestre Helena Freire Cameron, a quem agradecemos a generosidade com que nos facilitou a consulta do *corpus* informatizado.

Na segunda metade do século XVII, e à semelhança do que acontece em outros países europeus, a questão da valorização do património linguístico e literário passa pela edição de dicionários. Tendo apenas à disposição obras cujo objectivo era sobretudo a descrição do latim, há a necessidade de um dicionário que amplie a nomenclatura do português, demonstrando que a língua possui léxico para todos os registos. Mas quais as características desejáveis para esse novo dicionário? Quais as necessidades a suprir? Que público contemplar?

Uma opção seria a reformulação e ampliação dos dicionários existentes, mas estes eram essencialmente obras escolares, configuradas a partir de modelos da dicionarística latina bilingue, adequadas à tradição pedagógica portuguesa, e que não poderiam crescer muito em tamanho, sem comprometer a funcionalidade.

Outra possibilidade, de que resultaria uma valorização importante do léxico vernáculo, era o aproveitamento do *corpus* literário, seleccionando a nomenclatura e os exemplos de acordo com critérios que garantiriam uma coerência à descrição da língua. Todavia, tal tarefa pressuporia um trabalho colaborativo, credibilizado por um suporte institucional, semelhante ao que dera à estampa o *Vocabolario della Crusca* ou o longamente anunciado dicionário da Académie Française. A agitada vida política e militar neste período da história de Portugal não favoreceu esta solução.

Com o aproximar do final do século, acentua-se a consciência do desfasamento entre a dicionarística portuguesa e a lexicografia bilingue produzida em França e Itália, com obras que incluíam uma ampla descrição do vernáculo, expressões e frases autorizadas. Além disso, alguns dicionários foram enriquecidos com maior quantidade de informação extralinguística, o que correspondia a um género de obra que a língua portuguesa não conhecia até então. Conjugam-se os factores para que o novo dicionário esteja aberto à incorporação de modelos tipológicos estrangeiros, tanto mais que, explorando a informação de tipo enciclopédico, garantia-se a composição expedita do dicionário, ou, pelo menos, dispensava-se uma ampla equipa redactorial. A informação propriamente linguística dos dicionários estrangeiros nem sempre era adaptável, mas o perigo de sacrificar a coesão na descrição do português não seria encarado como um óbice. À época, não há notícia do interesse por um dicionário monolingue, não só pelo peso que a cultura e a língua clássicas tinham na educação da nobreza portuguesa e no ensino em geral, mas também pelo desejo de apresentar, à Europa culta, o português como justo herdeiro do

latim. Neste contexto justifica-se o destaque que, ao longo deste trabalho, concedemos à figura de Rafael Bluteau, no papel de intermediário da cultura francesa e do património dicionarístico europeu.

Nesse sentido, no primeiro capítulo apontaremos os aspectos do percurso biográfico de Bluteau que permitem delinear o contexto de produção da obra lexicográfica e a expectativa de recepção. As relações sociais e o envolvimento em reuniões de carácter cultural contribuíram para a definição do público-alvo do dicionário e para a progressiva procura de um estatuto de autoridade em matéria linguística.

O segundo capítulo dá conta de um conjunto de reflexões metalinguísticas, presentes em textos de Bluteau, que apesar de não serem expressamente subordinadas a questões lexicológicas, abordam temáticas pertinentes para a dicionarística, como a valorização do vernáculo, as relações entre as línguas vivas ou a codificação ortográfica.

Os capítulos seguintes são dedicados à análise do *Vocabulario*, principiando pelas tipologia do dicionário (cap. III). Considera-se a caracterização da obra expressa pelo autor, os traços tipológicos do modelo de dicionário universal e dicionário bilingue, e o modo como estas vertentes se conjugam, à luz de uma concepção que admite a fusão de modelos diversificados. Nesse sentido, ensaia-se um roteiro dos principais títulos da lexicografia do século XVII — o cânone dicionarístico — a partir dos quais se configurou o *Vocabulario*.

O capítulo respeitante à técnica lexicográfica (cap. V) compreende, em primeiro lugar, uma apreciação do trabalho de selecção e organização da nomenclatura, tendo em consideração o património lexicográfico português e o fundo informativo à disposição de Bluteau. Segue-se uma análise das diversas categorias informativas presentes na estrutura dos artigos (marcas de uso, definição, informação linguística, enciclopédica, retórico-literária, exemplos, ...) em que se procura evidenciar o modo como a redacção do dicionário é influenciada pela conjugação de modelos tipológicos distintos. Para uma apreciação da estrutura complexa do *Vocabulario* deve ainda sublinhar-se a relação de complementaridade com uma série de léxicos especializados que enriquecem o *corpus* dicionarístico.

Por fim, procuraremos os testemunhos da recepção do *Vocabulario* como fonte lexical e informativa privilegiada, no período de transição para a dicionarística monolíngue. Além do dicionário de Morais Silva, de que resulta a mais importante e

completa reformulação do *corpus*, há um conjunto de lexicógrafos que ensaiaram reaproveitamentos parcelares, bem como uma série de textos de reflexão metalinguística, em que a autoridade tutelar de Bluteau se revela preponderante.

A análise do *Vocabulario* não se esgota na perspectiva dos estudos linguísticos, e mesmo neste âmbito os domínios de pesquisa que podem ser desenvolvidos alargam-se para além da lexicologia. A história da cultura, os estudos filosóficos e a história da literatura também encontram na obra de Bluteau um objecto de interesse, de que resultarão leituras orientadas por métodos distintos daqueles que nos propomos seguir.

Sem nos afastarmos dos estudos linguísticos, o património textual que os dicionários antigos oferecem tem merecido diferentes tipos de análises: leituras temáticas, que exploram o tratamento de um determinado campo lexical ou semântico; leituras subordinadas à história da língua, que procuram perceber as evoluções semânticas, ortográficas e fonológica; ou ainda leituras que avaliam a importância do *corpus* de citações literárias, enquanto testemunho de um uso prestigiado<sup>3</sup>.

O dicionário antigo, além de constituir um exercício de reflexão metalinguística, possui toda uma envolvimento histórica, pois recebe e origina uma tradição, introduz rupturas e inovações e recolhe os enunciados num determinado contexto social e temporal<sup>4</sup>. A consideração deste facto tem motivado novas perspectivas de análise, que concebem o dicionário como um discurso de instituição de uma língua normalizada, em que a selecção das unidades lexicais é um acto linguístico, que é simultaneamente legitimador de um determinado uso.

O nosso objectivo é um estudo metalexiconográfico que não pode dispensar uma visão integradora de outras vertentes de análise, na medida em que são factores configuradores de uma tipologia. O método que adoptaremos tem em conta um conjunto de premissas acerca das características específicas da obra, que recomendavam a exploração, com as devidas modificações, de linhas de análise que haviam sido traçadas para textos similares da lexicografia francesa. Entre essas premissas, decorrentes das nossas primeiras leituras do *Vocabulario* e da bibliografia a ele relativa, destacamos as seguintes:

---

<sup>3</sup> Cf. Collinot e Mazière, 1997: 1-4.

<sup>4</sup> *Ibidem*: 6.

1 — O *Vocabulario* distingue-se das grandes obras institucionais da lexicografia europeia pelo facto de o seu autor não ter trabalhado com directivas estritas. Ao contrário do contexto de produção que justificou o *Vocabolario della Crusca* ou o dicionário da Académie, não havia em Portugal um desejo expresso de planificação linguística, coordenada pelos monarcas, ou sequer por uma entidade com poderes delegados, sobretudo porque a diversidade de registos dialectais não era um factor de desagregação política. A prioridade é antes a ampliação da língua, possibilitando a inovação lexical, fundada em critérios de racionalidade e regularidade. Assim, a nossa leitura da função normativa do dicionário terá em conta a ausência de uma autoridade explicitamente atribuída.

2 — No período em que o *Vocabulario* foi redigido, são publicados dicionários tipologicamente inovadores que, sob o pretexto de descrever a língua, pretendem sobretudo uma descrição do mundo, sob a forma de um discurso pré-enciclopédico. Ou seja, devemos considerar a hipótese de a prioridade do lexicógrafo não ser sempre o estudo das unidades lexicais do português.

3 — Não restam manuscritos que documentem cabalmente a técnica de composição do dicionário, numa época em que ainda não se recorria à compilação da informação com o auxílio de verbetes. O *Vocabulario* apresenta-se, portanto, como um produto final, sem que seja possível distinguir claramente a evolução da redacção ou o processo de reescrita.

4 — Para a composição de um dicionário com a dimensão do *Vocabulario*, o autor reaproveitou forçosamente muito material destinado à descrição de outras línguas. Se partíssemos imediatamente para uma análise do léxico e da língua, incorreríamos decerto em inúmeros equívocos, pois muito do texto aparentemente metalinguístico pode ser, de facto, a transposição de texto informativo enciclopédico. Nestas circunstâncias, parece-nos justificada a importância que concederemos ao estudo do fundo documental à disposição do lexicógrafo, investindo na descrição bibliográfica das fontes e numa apresentação comparativa.

Todavia, o escrutínio minucioso das fontes depressa conduziria a uma exaustividade pouco proveitosa, pois a intertextualidade no texto dicionarístico é geralmente complexa. Assim, optaremos por tentar reconstituir um núcleo de obras essenciais para a composição da maioria dos artigos e, conseqüentemente, perceber a técnica de documentação e

redacção. Julgamos que perceber a localização e os limites da descrição do português pressupõe o conhecimento dos mecanismos de recepção da tradição lexicográfica.

Também considerámos pouco proveitoso enveredar por análises de aspectos linguísticos particulares, que de momento ainda não beneficiam de instrumentos que garantam resultados suficientemente documentados. A base alicerçante do nosso trabalho é uma análise de tipo estrutural, procurando uma descrição coerente e informativa da macro-estrutura e da micro-estrutura, e que será alargada, sempre que se justifique, a aspectos complementares, no âmbito da história da lexicografia, história da cultura, fontes e recepção.

Aplicamos ao *Vocabulario* métodos de análise recolhidos na leitura de bibliografia internacional sobre a história da lexicografia, e que se baseiam, de um modo especial, numa série de estudos sobre a dicionarística francesa dos séculos XVII-XVIII. Este *continuum* foi instituído pelo trabalho de B. Quemada, nos anos 60, e abarca todo o desenvolvimento das linhas de investigação por ele traçadas, seguidas por outros autores nos anos 70 e 80, roteirando os principais títulos, desde Estienne à Académie. Nos anos 90, destacam-se as análises de tipo discursivo do texto dicionarístico, com os contributos de A. Collinot e F. Mazière. Não obstante adoptarmos fontes teóricas com alguns anos, estas apontam vias pertinentes para uma abordagem que julgamos necessária, e de que o *Vocabulario*, só tardiamente, é objecto.

Procuramos a caracterização da tipologia dicionarística, numa perspectiva que privilegia a comparação com as fontes e os modelos; analisamos o artigo como uma unidade que exige uma leitura integral, e em que a definição é uma categoria de limites muito variáveis, que supõe a complementaridade de outras categorias informativas que constituem o artigo.

Esta opção parece-nos adequada, porque vai ao encontro de dúvidas que a leitura do *Vocabulario* poderá suscitar: quais as fronteiras entre os artigos? São unidades isoladas, ou redes que se completam? A intertextualidade é uma característica assumida e valorizada? O dicionário está organizado para privilegiar a leitura extensiva, ou a pesquisa lexical?

Traçada esta orientação, deixámos para segundo plano outra perspectiva que também nos pareceu promissora: avaliar em que medida a selecção da nomenclatura e o discurso lexicográfico reflectem um conjunto de profundas mudanças socioculturais que Portugal atravessa no período histórico em análise. Pensamos em aspectos diversos como a

renovação das ciências (processos experimentais, observações astronómicas, descobertas do mundo natural); a releitura das fontes clássicas do saber e o repensar do conceito de autoridades; o início de uma abundante produção editorial em vernáculo; ou mesmo o papel de mecanismos de controlo, passando pelo reforço da Inquisição e pela construção de um modelo de monarquia absoluta. Os primeiros anos de Bluteau em Portugal e o início da redacção do *Vocabulario* coincidem com as primeiras manifestações sensíveis de uma vivência de corte barroca, e o teatino é justamente uma das personagens-agente dessa modificação. As cerimónias públicas, os festejos, as precedências, o comportamento pessoal, são actos em que é imprescindível o domínio da palavra e dos símbolos que preenchem o quotidiano. O *Vocabulario* pretendia ser um instrumento orientador das práticas discursivas do homem da corte, e essa valia será potenciada a partir do momento em que, pela dedicatória e pelo patrocínio, se torna, ao olhos da Europa, um reflexo da grandeza e da cultura humanística de D. João V. Tal como outros monumentos que mandou erigir, converte-se em objecto simbólico. Nesse sentido, os primeiros capítulos do nosso trabalho são também, de forma naturalmente abreviada, a tentativa de acompanhar a análise metalexiconográfica do *Vocabulario* com uma visão circunstanciada dos aspectos históricos e culturais.

A planificação inicial do nosso estudo previa sobretudo a consideração do *corpus* lexical reunido no dicionário, mas o alargamento das pesquisa em torno da génese, fontes e técnica lexicográfica conduziu a uma reorientação que se julgou pertinente. Entretanto, o objectivo de uma pesquisa eminentemente lexicológica ganhou instrumentos que proporcionarão no futuro resultados muito mais suportados, uma vez que o projecto Corpus Lexicográfico do Português (Universidade de Aveiro - FCT) tem em curso o registo integral do dicionário em base de dados. O nosso estudo beneficia já da consulta da parte inicial desse valioso *corpus* informatizado, ora completando, ora avalizando os dados que havíamos obtido a partir da leitura do *Vocabulario*.

Nas duas últimas décadas, o *Vocabulario* tem merecido a atenção dos especialistas em história da língua, numa série de estudos parcelares, na sua maioria apresentados em encontros da especialidade, incidindo em aspectos relacionados com a técnica lexicográfica, o pensamento metalinguístico do autor e o aproveitamento do *corpus*

dicionarístico por Morais Silva<sup>5</sup>. Até à edição do microfilme em suporte CD (2000), a leitura do texto obrigava à consulta dos exemplares originais, o que explica a restrita divulgação da obra fora de Portugal e mesmo no Brasil, onde o número de exemplares também é reduzido.

Este horizonte que a técnica abriu ao *Vocabulario*, após quase três séculos, foi de extrema importância para o nosso trabalho, e não nos referimos apenas à leitura do texto, uma vez que tivemos sempre presente uma edição original, pertencente à Biblioteca da Universidade de Aveiro. Trata-se de abordar o *Vocabulario* como uma obra que pode novamente ser lida, interpretada e questionada pelo consulente actual, contemplando não apenas o filólogo, mas um público mais heterogéneo, que encontrará em Bluteau preciosos auxílios nos domínios da historiografia e dos estudos literários, entre outros. Com o esclarecimento da especificidade da obra, no que respeita à ordenação, selecção e apresentação da informação, esperamos contribuir para a reapreciação de um fundo documental, até hoje insuficientemente explorado.

---

<sup>5</sup> Destacam-se os contributos de Maria Filomena Gonçalves, Rita Marquilhas, Clotilde Murakawa, Evelina Verdelho e Telmo Verdelho, a que oportunamente nos referiremos.

## Normas de transcrição

A transcrição de excertos do *Vocabulario* é preferencialmente diplomática, ajustada ao objectivo de reproduzir um conjunto de traços que documentam a técnica lexicográfica e a variação da ortografia:

— Mantêm-se recursos tipográficos como o itálico e a maiusculação de palavras ou expressões.

— Não se desdobram as abreviaturas.

— Mantém-se o emprego dos caracteres originais, não se normalizando o uso de <i, j, u, v>. As excepções são o *s* longo, transcrito sempre por *s* redondo, e o conjunto composto por <c ,>, que é sempre substituído por <ç>.

— Corrigem-se as palavras que apresentam perturbações devidas à disposição dos tipos: caracteres separados por espaços em branco, junção de palavras ou inversão dos tipos.

— Assinalam-se com [?] os excertos de leitura duvidosa, podendo incluir-se uma tentativa de interpretação.



## I – BLUTEAU E O CONTEXTO CULTURAL PORTUGUÊS

### 1. Dados biográficos essenciais

O conhecimento da biografia de Rafael Bluteau (1638-1734), sem procurar a exaustividade que exigiria um estudo de tipo historiográfico, oferece importantes contributos para a compreensão dos objectivos e contexto de produção da obra lexicográfica.

Considerando que se trata de um estrangeiro que aprende tardiamente o português, torna-se pertinente indagar as motivações pessoais que justificam o interesse pela reflexão metalinguística em intervenções públicas, ou em outras obras para além do *Vocabulario*.

O enquadramento do teatino na história e na cultura do seu tempo não deixará de reflectir-se no dicionário, nomeadamente a participação nas academias, a construção de um discurso crítico em torno da orientação do barroco literário português, ou a aproximação a correntes de pensamento europeias nos domínios científico e filosófico. Importa ainda referir a nem sempre pacífica relação entre Bluteau e o poder político, pois é à inconstância das conjunturas que se devem momentos tão díspares como o bom acolhimento dos primeiros anos, o regresso a França, a reclusão em Alcobaça, ou, por fim, a criação de condições económicas para a publicação das obras<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. a síntese biográfica, ordenada cronologicamente (Anexo I).

As principais fontes documentais que permitem esboçar a biografia são os textos publicados após a morte, no âmbito de homenagens organizadas pelos pares académicos. Bluteau morreu em 13 de Fevereiro de 1734 e a Academia dos Aplicados dedicou-lhe um certame poético no dia 28 do mesmo mês. Num conjunto em que abundam as composições poéticas em latim, português e castelhano, somente dois textos são verdadeiramente informativos: a «Oração» de José Freire Monterroio Mascarenhas (1670-1760), que marcou o início da celebração, e a «Oração funebre, e panegyrica» de Diogo Rangel de Macedo (1671-1754), que a encerrou<sup>7</sup>. Em 4 de Março, recitou-se na Academia Real de História um elogio composto por D. Francisco Xavier de Meneses, editado com as restantes memórias referentes ao ano de 1734<sup>8</sup>. Com menor interesse documental, regista-se ainda a homenagem da Academia dos Unidos da Torre de Moncorvo<sup>9</sup> e um soneto anónimo inscrito num códice da Colecção Pombalina da B.N.L.<sup>10</sup>.

Mas a fonte mais citada nos estudos sobre Bluteau é a obra *Memorias historicas chronologicas da Sagrada Religião dos Clérigos Regulares em Portugal* (1792-1794), escrita pelo teatino Tomás Caetano de Bem (1718-1797), cronista da Casa de Bragança e membro da Real Academia de História<sup>11</sup>. A comparação entre o último texto e os que foram publicados pelos Aplicados e pela Academia Real não deixa dúvidas de que foram estas as fontes principais em que se baseou, pois reproduziu largos passos de ambos, tendo como principal preocupação o respeito pela ordenação cronológica. Recorreu também às frequentes notas autobiográficas registadas nos prólogos do *Vocabulario* e a um vasto conjunto de correspondência endereçada a Bluteau. Essas cartas permanecem na B.N.L., distribuídas por vários maços, e Caetano do Bem esteve certamente envolvido na organização do espólio, uma vez que são frequentes as anotações do seu punho, esclarecendo datas ou aclarando os nomes dos remetentes. Delas seleccionou as notícias mais relevantes, embora tenha omitido excertos comprometedores no que respeita ao

---

<sup>7</sup> Joaquim Leocádio de Faria, *Obsequio Funebre ...*, 1734. Inclui a «Oração recitada no Obsequio Funebre, que dedicou a Academia dos Aplicados à memoria do Reverendissimo Padre D. Raphael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providencia, por Joseph Freire de Monterroyo Mascarenhas, Director da mesma Academia» (pp. 1-18) e a «Oração funebre, e panegyrica, com que deu fim a este Obsequio Diogo Rangel de Macedo...» (pp. 155-164).

<sup>8</sup> Francisco Xavier de Meneses, *Elogio...*, 1734.

<sup>9</sup> João Madureira Lobo, *Á morte do R.mo P.e M. D. Rafael Bluteau...*, 1734.

<sup>10</sup> *Morreo o Gram Bluteau; não para a Fama [...]*. B.N.L. Col. Pombalina, Tom. II.

<sup>11</sup> Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792. O capítulo referente à «Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau» constitui o livro VI do primeiro tomo (pp. 283-317).

posicionamento político. Caetano menciona ainda a existência de dois volumes manuscritos, intitulados *Cartas Politicas, e eruditas*<sup>12</sup>, que conteriam cópias autógrafas das cartas enviadas por Bluteau, mas deles não há notícia no catálogo da B.N.L.

Antes de ingressar nos teatinos no final da década de 50, Bluteau frequentou em França os prestigiados colégios jesuítas de La Flèche, Reims e Clermont<sup>13</sup>. O ensino praticado pelos jesuítas era marcado pelo espírito da Contra-Reforma, incutindo nas crianças valores que os transformassem em adultos marcados por uma *pietas litterata*, conjugando a religião e a tradição da cultura e literatura clássicas, a que se associava ainda a preocupação em combater os vícios e os inimigos da fé<sup>14</sup>.

No que toca à aprendizagem das línguas, estas limitavam-se ao latim, grego e francês, com claríssimo predomínio da primeira. O ensino da língua grega encontrava-se em declínio desde o início do século XVII, e o francês continuava associado aos exercícios de versão, pois só se autonomizou do latim em meados do século XVIII. O estudo da língua latina, para além das explicações gramaticais teóricas, assentava na leitura e explicação dos autores, sendo Cícero, Ovídio, Virgílio, Quintiliano e Esopo os mais usuais<sup>15</sup>. Um dos objectivos fundamentais da instrução era a formação de oradores eficazes que deslumbrassem nos salões e nos púlpitos. Assim se compreende a insistência

---

<sup>12</sup> *Catalogo das Obras Literarias Impressas, e Manuscritas; que foraõ estudo, e trabalho dos Religiosos de quem se faz mençaõ nestas Memorias*. B.N.L.

<sup>13</sup> O relato biográfico de D. Francisco de Meneses não permite reconstituir com toda a exactidão o percurso escolar, especialmente no que respeita ao número de anos que permaneceu nos dois últimos colégios: «Em Pariz estudou dous annos Grammatica, e oito no Collegio de la Fleche, sendo nelle Porcionista, continuou as Humanidades com o grande Mestre o Padre Daroy Jesuita, que nos ultimos dous lhe ensinou Rhetorica, se aperfeçoou em Rheimo, no terceiro anno desta eloquente Faculdade, em que fez o mais admiravel progresso, que não deveo menos à natureza, que à Arte. Voltou a Pariz, donde no Collegio de Clermont, da Companhia, lhe ensinou Logica o insigne Padre Herault [...]; e como já estava, não só bem instruido na lingua Grega, mas com perfeito conhecimento da Latina, pode entender o Texto dos Filosofos antigos, e os diversos Systemas dos modernos, cultivando ao mesmo tempo algumas partes da Mathematica, brilhando o seu engenho na subtileza dos argumentos, descobrindo na Fysica as propriedades dos corpos, na Methafysica a dos espiritos, e na Ethica o recto uso das paixoes, que sempre soube moderar [...]» (Meneses, *Elogio...*, 1736: 5). Cf. ainda Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 284. Sobre a importância de La Flèche e Clermont na história do ensino em França, cf. Viguerie, 1981: 307.

<sup>14</sup> Sobre o currículo, adequado às directrizes da *Ratio Studiorum* (1599), cf. Margolin, 1981: 213-218.

<sup>15</sup> O comentário dos textos pelo professor — *praelectio* — obedecia a uma estrutura faseada, composta por cinco lições, em cujas designações é bem patente o peso da tradição clássica: *argumentum*, o resumo do texto; *explanatio*, explicação de sentidos de difícil interpretação; *rhetorica*, exposição das regras gramaticais, retóricas e poéticas presentes; *eruditio*, contextualização histórica e cultural para a compreensão do autor; *latinitas*, o comentário sobre o estilo e a latinidade.

em métodos que incitassem o exercício da palavra, a produção textual e a sua proclamação (*disputationes*, concursos literários, representações teatrais). Os concursos literários, nos quais de resto Bluteau triunfou, constituíam uma oportunidade soberana para a exercitação da produção escrita e para desenvolver as habilidades oratórias<sup>16</sup>.

Entre 1660 e 1664, prosseguiu os estudos em importantes centros de cultura onde a ordem dos teatinos se encontrava instalada — Verona, Roma e Paris — seguindo o percurso que os superiores destinavam aos jovens sacerdotes que se destacavam<sup>17</sup>. Ao longo do século XVII, os teatinos consolidaram o prestígio enquanto formadores, acolhendo noviços provenientes de famílias nobres e preparando os padres para a integração no ambiente das cortes, onde sobressaía a sua sólida erudição. É no seio deste grupo de notáveis e piedosos religiosos aristocratas que D. Rafael completa a sua educação teológica e filosófica. As diversas casas e colégios dos teatinos terão certamente sido um ponto de encontro de notáveis eruditos, como poderemos constatar pelo prestígio que o Convento da Divina Providência alcançou em Portugal, no início do século XVIII<sup>18</sup>. A passagem por Roma terá sido marcante a nível estético, uma vez que a cidade se encontrava em efervescência artística, desencadeada por uma importante renovação arquitectónica planeada pelo Papa Urbano VII (1623-1644). À grandiosidade das construções, somava-se o deslumbramento das cerimónias papais e a complexidade dos

---

Compreendido o texto, o aluno devia imitá-lo, traduzindo-o em vernáculo e reescrevendo-o em latim. Cf. Margolin, 1981: 219; Viguerie, 1981: 310-311.

<sup>16</sup> A tragédia *Pietas regnorum vitrix*, que se conserva manuscrita na B.N.L. (Cod. 6.809), data precisamente do período de La Flèche e foi composta no âmbito de um concurso literário.

<sup>17</sup> A fundação da Ordem dos Clérigos Regulares remonta a 1524, por iniciativa de Caetano de Tiene, João Pedro Carafa, Paulo Consiglieri e Bonifácio de Cole, e é motivada pelo espírito da Contra-Reforma, pois assumem como missão contestar acerrimamente Lutero, reformar os costumes do clero e pregar a prática da virtude entre os leigos. Acreditando no poder da divina providência, viviam em austeridade e em estrito voto de pobreza, aceitando donativos, embora sem pedir esmola. Além de Roma, encontravam-se em grandes cidades como Verona, Génova, Turim, Veneza, Florença, Milão ou Nápoles. Em breve se seguiu a expansão a outros países europeus, patrocinando o Cardeal Mazarin a instalação em França, na Casa de Santa Ana a Real, perto do Louvre; em Espanha, reforçam a presença durante o reinado de Filipe II; em Portugal, a primeira autorização concedida por D. João IV data de 1648. No que respeita ao alargamento fora da Europa, fundam missões papais em destinos tão remotos como Perú, Sumatra, Goa, Geórgia, Arábia ou Arménia.

Sobre os teatinos, além das *Memorias* de Caetano de Bem, cf. também as abundantes considerações históricas insertas nas *Prosas Portuguezas* (I: 237-250) e no *Vocabulario* (s.u. THEATINOS).

<sup>18</sup> Bluteau testemunha a volumosa produção literária e científica que era devida a autores Teatinos, citando no *Vocabulario* uma copiosa lista dos temas abordados, dos padres que os estudaram e de algumas obras publicadas. *Voc.*, s.u. THEATINOS.

rituais litúrgicos, em parte responsáveis pelo modelo de corte barroca posteriormente imitado pelas casas reais francesa e ibéricas<sup>19</sup>.

De regresso a Paris, onde conclui os estudos conducentes ao grau de doutor em teologia<sup>20</sup>, continua a acompanhar lições de filosofia e matemática, o que demonstra a pluralidade dos seus interesses. Desta época data a atracção pelo lulismo de cariz enciclopédico, uma corrente filosófica que se difundiu em França no século XVII e na qual Bluteau recolhe influências que marcarão a sua obra, particularmente o *Oraculum utriusque Testamenti*<sup>21</sup>.

Bluteau chega a Portugal em Junho de 1668, com 36 anos, quando ainda se fazia sentir a agitação causada pelo controverso afastamento de D. Afonso VI<sup>22</sup>. Portugal assinara em Março de 1667 um tratado com a França, que impunha o prolongamento da guerra com Espanha, situação que convinha aos interesses de Luís XIV; mesmo a deposição havia sido apoiada pelo influente partido pró-francês, em que a rainha D. Francisca era uma figura central.

A aproximação à esfera da corte, e em especial a amizade com a rainha D. Francisca, é favorecida pelo bom momento das relações com França, pela fama adquirida no púlpito e pela erudição literária e científica. A sua influência consolida-se a partir do momento em que o 3º Conde da Ericeira D. Luís Xavier de Meneses (1632-1690) lhe solicita uma colaboração estreita no ambicioso plano de reorganização e fomento da indústria têxtil portuguesa. O teatino elabora um tratado sobre a criação do bicho da seda, visando disseminar o cultivo da amoreira em grandes extensões territoriais e fornecer

---

<sup>19</sup> Na expressão de Victor Tapié (1988 (1957), I: 96), Roma era a «cidade de triunfo, onde se vinha, de longe, celebrar a vitória da Igreja Católica sobre a heresia ou o paganismo».

<sup>20</sup> Na época, o investimento nesta especialização corresponde a uma política dos países católicos em formar um clero culto e moldado por uma ortodoxia ao serviço da Contra-Reforma. Cf. Verger, 1981: 260-266.

<sup>21</sup> «mas impaciente [...] de compreender a Encyclopedie, sempre desejada, e nunca conseguida, se applicou, com felicidade, à Arte de Raymundo Lullio, e pelas combinaçoens dos predicamentos, e principios, a que se reduz, discorria engenhosamente em todas as materias, já facilitando, desde entãõ, o admiravel uso, que lhe deu, nos Discursos, e Oraçoens a taõ diversos assumptos» (Meneses, *Elogio...*, 1734: 9). Sobre o lulismo com fins enciclopédicos, cf. Ribeiro, 1989.

<sup>22</sup> Entre Setembro e Outubro de 1667, o infante D. Pedro afasta o Conde de Castelo Melhor e António de Sousa de Macedo, os colaboradores mais próximos do monarca; em Novembro, D. Afonso VI é forçado a abdicar; segue-se o pedido de divórcio por parte de D. Maria Francisca de Sabóia. As Cortes são convocadas em Janeiro de 1668, atribuindo a D. Pedro o título de príncipe regente; em Março é finalmente decretado o divórcio, que permite o casamento com a cunhada. Para uma síntese dos acontecimentos históricos, cf. Hanson, 1986 (1981): 28-33; Dória, 1975-1978a e 1975-1978b.

matéria prima para a produção<sup>23</sup>. Foi igualmente responsável pela angariação de artesãos qualificados, estabelecendo diversos contactos nesse sentido durante a estadia em Turim e Paris, entre 1680 e 1681<sup>24</sup>. A mesma viagem servirá para negociar o casamento da princesa D. Isabel (1669-1690) com o príncipe Victor Amadeu, filho do Duque de Sabóia e sobrinho da rainha D. Maria Francisca; esta função é confiada a Bluteau após a morte repentina do embaixador Duarte Ribeiro de Macedo, que seguia na mesma comitiva<sup>25</sup>. Sem indicação de uma data precisa, encontramos também o padre numa expedição a Trás-os-Montes, com o objectivo de avaliar a viabilidade da exploração de minas de prata<sup>26</sup>.

A fama da sua erudição terá facilitado a nomeação para Qualificador do Santo Ofício, tendo a seu cargo um número considerável de censuras, bastantes para preencher um volume que, segundo informa D. Francisco Xavier de Meneses, se perdeu na última viagem para Portugal<sup>27</sup>. Graças às suas funções, pôde obter uma licença que o autorizava a ler livros proibidos, com poucas ou nenhuma excepções, algo que nem o padre D. Manuel Caetano de Sousa conseguira<sup>28</sup>.

Em 1683, morre a rainha D. Maria Francisca, o que constitui um revés para o partido francês e muito particularmente para D. Rafael, já que os ligava uma reconhecida amizade. Perante a perspectiva de um segundo casamento do rei e o facto de a infanta Isabel continuar solteira, constituem-se dois partidos: uns, face ao crescente poderio francês, consideravam proveitosa uma aproximação a Espanha; outros preferiam a sujeição aos interesses franceses e evitar uma aliança ibérica<sup>29</sup>. Neste cenário, o nome do teatino surge envolvido em jogos de bastidores tendo em vista reatar as hostilidades com

---

<sup>23</sup> R. Bluteau, *Instrucção sobre a cultura das amoreiras...*, 1679. Embora bem intencionado, este plano não suscitou adesão por parte das populações, facto que o autor lamenta (cf. *Prosas Portuguezas*, II: 305). Sobre a colaboração de Bluteau no projecto, cf. Moreira, 1983: 76-77; sobre o plano de fomento, cf. Serrão, [1980]: 373-377.

<sup>24</sup> Da correspondência enviada por D. Luís percebe-se que as negociações assumiam os contornos de verdadeiros segredos de estado e o envolvimento de Bluteau constitui um indício do seu prestígio enquanto conselheiro em negócios públicos. Cf., entre outras, a carta de 16-12-1680, citada por Caetano de Bem, *Memórias...*, 1792: 293.

<sup>25</sup> Ericeira remete-lhe uma carta com as instruções e sublinha: «Torno a lembrar a Vossa Paternidade que está em ocasião de augmentar muito o seu credito com os nossos Principes» (*ibidem*: 290).

<sup>26</sup> Meneses, *Elogio...*, 1734: 10-11.

<sup>27</sup> *Ibidem*: 10.

<sup>28</sup> Caetano de Sousa, em carta de 4-9-1692, pede ao Santo Ofício uma licença semelhante à de Bluteau (B.N.L., Mss., Cx. 56, nº 8).

<sup>29</sup> Cf. Serrão, [1980]: 217-219.

Castela e estreitar as relações com França<sup>30</sup>. Verdade ou intriga, chegou inclusive a ser citado num processo inquisitorial movido a um impressor, alegando este que o padre traduzira um opúsculo que incitava à quebra de tréguas com Espanha<sup>31</sup>. A pretexto de imprimir as suas obras, parte para França em 1697. As cartas dos amigos mais próximos, embora não forneçam dados esclarecedores, deixam perceber o desconforto político que sentia em Lisboa<sup>32</sup>.

Em 1704 regressa a Portugal, mas a conjuntura política era marcada pela incerteza e pela desconfiança em relação à França<sup>33</sup>, pelo que, considerando que a sua presença na corte era insustentável e comprometedora, D. Pedro opta por enviá-lo para o Mosteiro de Alcobaça, aguardando por dias mais tranquilos. Mas a espera será longa e só com o armistício de 1712 se criam as condições para o regresso à corte, que ocorrerá no ano seguinte. A partir de então, e a par da publicação do *Vocabulario*, acompanha o renascimento das instituições de cultura após os anos de guerra, participando na Academia Portuguesa (1717) e na Real Academia de História (1720).

---

<sup>30</sup> «Não deixava o Padre Rafael de ter na Corte alguns emulos, que della o desejavão summamente ver affastado; [...] Procuravão persuadir que o Padre Bluteau em qualquer ocasião que se oferecesse, havia sempre de preferir os interesses de França aos de Portugal; e não se esquecião de involver na idéa deste systema o mais sagrado, a que póde chegar, ou tocar o respeito politico: propunhão, ou mostravão reçar que o Padre influisse de algum modo no casamento da Princeza herdeira deste Reino com Principe Francez» (Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 300).

<sup>31</sup> *Processos da Inquisição de Lisboa*, nº 1871 e nº 2753, Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Cf. Almeida, 1996: 7-8.

<sup>32</sup> Uma carta de D. Joana de Meneses, Condessa de Ericeira (Lisboa, 16-2-1698), que Caetano de Bem não reproduz: «Je vous croy cependant bien mieux placé que luy et je suis persuadee que vous ne vous repantires pas d'avoir suivi les conseils que donnais touiours de vous en aller en France ou votre merite trouvera sans doute toutes les distinctions qui luy sont deues, il ne faut pas s'etonner que l'on ne luy ait pas randu justice dans les derniers momens de votre sejour a Lisbonne, vous sçavez que l'on n'y a pas toujours tous les egards que l'on doit aux gens [...]» (B.N.L., Mss., Cx. 24, nº 108). Cf. também a carta do Marquês de Arronches (19-11-1698): «Foy p.a mim couza nova o saber a vinda de vossa R.ma a essa cidade, porq. das particularidades da patria vivo separado em q.to ás noticias, ficando á mercè de quem más participa; porem não posso persuadirme q fosse sò o motivo da estampa do libro q obrigasse a vossa R.ma a deixar as delicias do Tejo p.a empreender huã lida com amanuenses, ou libeiros [...]» (B.N.L., Cod. 7.701).

<sup>33</sup> D. Pedro II envolvera-se na Guerra da Sucessão de Espanha, apoiando em 1701 o candidato ao trono sustentado por Luís XIV, mas rasgando em 1702 os compromissos assumidos. Cf. Serrão, [1980]: 222-224.



Fig. 1

Quadro a óleo (B.N.L.), representando Rafael Bluteau, reproduzido em Marquilhas, 2001: 108.

## 2. Bluteau e a vida cultural portuguesa

Durante os reinados de D. Pedro II e D. João V, a casa dos teatinos em Lisboa foi um centro de intenso labor intelectual, albergando figuras de uma notável erudição e reconhecido prestígio social<sup>34</sup>. O próprio D. Rafael testemunha a enérgica actividade dos

---

<sup>34</sup> Desde o início do século XVII que os padres teatinos passavam por Lisboa, porto de embarque para as missões no Oriente e em África, residindo provisoriamente em instalações alugadas. Em

padres da Divina Providência, dividindo-se pela pregação, participação em academias, investigação histórica e assistência à comunidade<sup>35</sup>. A Casa gozava de boa reputação no que respeita à qualidade do ensino aí ministrado, assegurando os padres a leccionação de gramática latina, filosofia e teologia aos jovens que desejavam professar na ordem e aos filhos da nobreza cidadina<sup>36</sup>.

Não foi propriamente um centro irradiador de renovação filosófica, mas a verdade é que, graças a Bluteau e a outros teatinos portugueses que também viajaram pela Europa, a estes padres chegaram as notícias do moderno pensamento científico e filosófico bem antes de Verney publicar as suas críticas. Como concluiu Alberto de Andrade a propósito destes aristotélicos arejados, «toda a cultura europeia — se se teimar em negá-la aos filhos de Santo Inácio — existiu, pelo menos, entre os dezasseis sacerdotes e alunos da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência»<sup>37</sup>.

O convento foi ponto de encontro da nobreza e da corte, inclusive com a participação do rei. No recato da sua pequena capela, os teatinos organizavam celebrações para a nobreza esclarecida, que em muitos aspectos se assemelhavam às sessões das academias, como se verifica pela leitura das *Prosas Portuguezas*, onde se registam somente as festas em que Bluteau orou<sup>38</sup>.

Os religiosos desta instituição dispunham de uma das mais ricas bibliotecas de Lisboa, progressivamente aumentada pelo zelo bibliófilo das diversas gerações de padres. Além dos livros raros, reunia estampas, mapas, moedas e medalhas, dispostas de tal forma

---

1650, D. João IV permite ao Padre D. António Ardizzoni a fundação de uma casa na capital. A autorização é renovada em 1656, mas ainda não permite a instituição de um convento, uma vez que a multiplicação do número de ordens religiosas impusera medidas de restrição. A construção da casa, situada no Bairro Alto, na actual Rua dos Caetanos, foi financiada por senhoras da nobreza lisboeta. Cf. Castilho, 1956: 234-243. O edifício acolheu o Conservatório Nacional após 1837.

<sup>35</sup> «Na unica Casa, que de poucos annos a esta parte elles tem no Reyno de Portugal nesta Corte, fazem os Theatinos as funções, a que só poderia supprir hũa numerosa familia Religiosa. São unicamẽte dezaseis Sacerdotes Capitulares; todos dezaseis sobem ao pulpito, & seis delles tiverãõ a honra de prégar na Capella Real. Actualmente tem dous Lentes de Theologia, a fóra outros, que tãbem lèrãõ na mesma Aula; tem quatro Compositores, tres Qualificadores do Santo Officio, tres Lentes na Academia dos Generosos; hum Deputado da Bulla, hum Examinador das Ordens Militares, hum Cronista da Casa de Bragança, dous Mestres de Principes; na mesma Casa, & no meyo de tantas, & tão serias occupaçoens, frequentãõ o Coro, fazem na Igreja Oração mental duas vezes no dia, administram os Sacramentos de dia, & de noite, toda a hora que são chamados; & a qualquer aviso do Escrivão do Crime da Corte, vão dous delles passar a noyte com o padecente, que no dia seguinte ha de ser executado [...]» (*Voc.*, s.u. THEATINO).

<sup>36</sup> O próprio Bluteau ensinou filosofia em 1669 (Cf. Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 288).

<sup>37</sup> Andrade, 1945a: 553.

que pudessem ser admiradas pelos visitantes, constituindo, perante a sociedade lisboeta, a prova da elevada erudição dos clérigos regulares. D. José Barbosa e Bluteau foram os principais responsáveis pelo engrandecimento do espólio, o primeiro com a sua colecção sobre história de Portugal, o segundo com os livros de estampas, comprados no estrangeiro<sup>39</sup>. No final do século XVIII seriam cerca de 16 mil volumes, que a já decadente Casa da Divina Providência doou à Real Biblioteca Pública, a troco de verbas que garantissem a subsistência dos poucos padres que restavam<sup>40</sup>.

## 2.1. A reflexão metalinguística entre os teatinos

Considerando a produção literária e interesses de alguns dos padres que coabitaram com Bluteau, pode concluir-se que a Casa da Divina Providência proporcionou um ambiente favorável ao desenvolvimento de estudos metalinguísticos. Entre sermões, obras de historiografia e contributos académicos, é significativo não só o número de títulos publicados, mas também a quantidade de trabalhos que permaneceram manuscritos ou por concluir, depositados na biblioteca do convento. Não obstante o facto de a grande maioria dos estudos se debruçar sobre questões de história e genealogia, outros teatinos revelaram interesse pela elaboração de obras de tipo lexicográfico, embora não tenhamos notícia de que alguma tenha sido efectivamente publicada. Mas, como se declara no prólogo do *Suplemento*, todo esse material manuscrito e pacientemente ordenado para uso pessoal foi liberalmente colocado à disposição do autor do *Vocabulario*. Os prestáveis padres

---

<sup>38</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 267-325, 363-394, 395-421; II: 107-146, 229-270.

<sup>39</sup> Caetano de Bem descreve «Huma gallaria, ou collecção de estampas, e muitas destas primorosamente illuminadas, em diversos Tomos de differente grandeza, em que se vê a Historia Biblica, as Taboas da célebre Carlota Catharina Patina, retratos de Santos, e pessoas Ecclesiasticas, reis, Rainhas, Principes, Princezas, Heroes, Generaes, Fabulas, e Historia Natural, festejos publicos com mascarar, e bailes, sellos, ou cifras, desenhos de Gallot, & que trouxe o Padre D. Rafael Bluteau» (Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 181-182).

<sup>40</sup> Tendo em vista o estudo dos acervos iniciais da actual B.N.L., Manuela Domingos (1994) reuniu documentação relativa à doação do espólio e que nos permite calcular o imenso valor da colecção dos teatinos. Destaca-se o *Catalogo methodico dos livros que a Comunidade dos Clerigos Regulares da Divina Providência de Lisboa doou à Real Biblioteca Publica da Corte no anno de 1796* (B.N.L.). O inventário ocupa três volumes e obedece a uma organização temática: tomo I, «Historia», 294 fol.; tomo II, «Bellas-Letras, Filosofia, Medicina, Mathematica e Officios, e Artes», 237 fol.; tomo III, «Sciencias Civis e Politicas, de Sciencias Ecclesiasticas e de Poligraphia e Miscellanea», 284 fol. Cf. Domingos, 1994: 76-83.

foram José Barbosa, Luís Caetano de Lima, Jerónimo Contador de Argote e Manuel Caetano de Sousa<sup>41</sup>:

Contribuirão estes quatro eruditos sogeitos à formação, e perfeição do Vocabulario; o primeiro, com hum livro, escrito de sua letra, intitulado *Indice de palavras, e frases Portuguezas, tomadas de varios Authores*; o segundo, com outras expressoens, por ordem alfabetica distribuidas em cadernos avulsos; o terceiro, com humas objecções, ou criticas advertencias sobre os primeiros volumes do Vocabulario, que lhe foraõ à mão, estando actualmente em Braga; o quarto, de tempo em tempo com selectos, e exquisitos termos, cuja intelligencia, quanto mais rara, he mais preciosa.<sup>42</sup>

D. José Barbosa (1674-1750), irmão de Diogo Barbosa Machado, professou nos teatinos em 1690. D. João V nomeou-o cronista da Casa de Bragança, em 1713, e convidou-o para integrar a Academia de História, na qualidade de membro fundador<sup>43</sup>. A sua biblioteca particular, dedicada sobretudo à história de Portugal, continha exemplares de grande raridade, que posteriormente integraram o acervo dos teatinos. Conhecia perfeitamente o castelhano, o francês e o italiano, embora não tenha produzido obras nessas línguas.

Apesar de não ter chegado até nós o referido *Indice de palavras, e frases Portuguezas*, a biografia traçada por Caetano de Bem permite-nos compreender as motivações que presidiram à sua elaboração, bem como quais os autores que foram objecto de uma leitura cuidada. Cultivando uma atitude purista, recusava introduzir nas suas composições termos de línguas estrangeiras, como se fossem palavras bárbaras, de modo a evitar a corrupção do idioma. O *Indice* recolheria excertos dos seus autores predilectos, aos quais devotava um estudo constante: «Esta abundância, e pureza de vozes adquirio o Padre Barbosa na continua lição, e grande reflexão, com que lia as Obras de Barros, Lucena, Vieira, e outros; e principalmente de Jacinto Freire de Andrade, na vida de D. João de Castro, cuja Obra leo vinte e oito vezes, porque no seu conceito, e no de todos os mais intelligentes he este Escritor hum dos primeiros Mestres da eloquencia Portugueza»<sup>44</sup>.

D. Luís Caetano de Lima (1671-1757) professou no convento dos teatinos em 1687, contando-se Bluteau entre os seus mestres. Dominava a língua latina, o grego e o

---

<sup>41</sup> Além destes padres, os nomes mais marcantes do período áureo dos teatinos em Portugal são D. António Ardizzoni (1609-1697); P. André Nunes da Silva (1630-1705); D. Tomás Beeckmann (1660-1729); D. Caetano Barbosa (1660-1736); D. António Caetano de Sousa (1674-1759); D. Francisco Xavier do Rego (c. 1692-1738) e D. Caetano de Gouveia Pacheco (1696-1768).

<sup>42</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor malevolo».

<sup>43</sup> Para uma lista das obras publicadas, portuguesas e latinas, cf. Barbosa Machado, *Bibliotheca*, II, 825-829.

hebraico, mas destacou-se pela atenção que consagrou às línguas modernas, pois, graças a uma série de viagens pela Europa, aprendeu a falar fluentemente francês e italiano. A produção literária deste membro fundador da Academia Real de História é vasta, não se limitando aos tratados históricos e textos redigidos no âmbito da Academia, publicando ainda uma *Orthographia* e duas gramáticas em que confronta o português com o francês e o italiano<sup>45</sup>.

Bluteau escreve que Caetano de Lima lhe facilitou a consulta de listas de expressões, «por ordem alfabética distribuídas em cadernos avulsos». Estas obras não constam do catálogo elaborado por Barbosa Machado, uma vez que o bibliófilo somente dá conta dos manuscritos completos. Todavia, na B.N.L. encontram-se vários trabalhos de cariz lexicográfico inacabados e aparentemente para uso pessoal, elaborados ao sabor da recreação erudita, mas que, em conjunto com os títulos efectivamente publicados, deixam perceber uma reflexão metalinguística abrangente e continuada<sup>46</sup>:

— *Diccionario Portuguez e Latino das palavras e frases portuguezas mais necessarias e de melhor uso explicadas na mais pura latinidade e com exemplos dos melhores autores* (B.N.L., Cod. 3120-3124).

— *Diccionario Latino e Portuguez* (B.N.L., Cod. 3348).

— *Latina vocabula, locutionesque minus usitatae lusitanicè explicatae. Cum de latini sermonis utilitate ac praestantia dissertatione*, 1729 (B.N.L., Cod. 3126).

— *Lusitanae loquutiones latinè explicatae alphabetico ordine et Cardin. Petr. Bembi et Jacobi Sadoleti verbis expressae*, 1729 (B.N.L., Cod. 3129).

— *Vocabulario nautico da lingua e frases portuguezas* (B.N.L., Cod. 3138).

— *Vocabulario de synonymos e equivalentes da lingua portugueza* (B.N.L., Cod. 3137-3138).

D. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749) entrou aos 12 anos para o Convento da Divina Providência, dedicando-se com particular interesse aos estudos filosóficos. Acompanhou Bluteau nas sessões da Academia Portuguesa e da Real Academia de História, sendo-lhe confiada a redacção das *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* (1732-1747)<sup>47</sup>. Publicou a gramática *Regras da lingua portugueza*,

<sup>44</sup> Caetano de Bem, *Memorias...*, 1794: 170.

<sup>45</sup> *Orthographia da lingua portugueza*, 1736; *Grammatica Franceza, ou arte para aprender o Francez por meyo da lingua Portugueza*, 1710; *Grammatica Italiana, e arte para aprender a lingua Italiana por meyo da lingua Portugueza*, 1734. Ao interesse pelas línguas, aliavam-se um estilo conciso e um espírito pragmático: «Na Philologia foi muito instruído, que acompanhava de huma judiciosa critica; e desta se servia para a devida perfeição em as suas composições, ornando estas com as noticias precisas; e não trazendo huma multidão de citações a Authores, que só servem para encher paginas, que enfada, e não deleita, enfastia, e não ensina» (Caetano de Bem, *Memorias...*, 1794: 161). Sobre a lista das obras publicadas e dos manuscritos completos, cf. Barbosa Machado, *Bibliotheca*, III, 67-69.

<sup>46</sup> Sobre o aproveitamento que Bluteau faz deste material, cf. capítulo IV.1.3.1 e IV.9.3.

<sup>47</sup> Cf. Barbosa Machado, *Bibliotheca*, II: 493-494.

*Espelho da lingua latina* (1721), postulando que o ensino do latim devia ser precedido do conhecimento das regras da língua materna. Bluteau indica que a sua colaboração se limitou ao exame crítico dos primeiros volumes do *Vocabulario*, publicados até 1712. Embora se encontrasse em Braga, D. Jerónimo teve acesso aos primeiros exemplares e acompanhou de perto a sua publicação<sup>48</sup>.

D. Manuel Caetano de Sousa (1658-1734) ingressou nos clérigos regulares em 1675, onde ensinou latim, filosofia e teologia. Em 1709 partiu para Itália e aí se demorou três anos, visitando as principais cidades e centros de cultura. De regresso a Portugal, encontramos-lo nas sessões da Academia Portuguesa, onde discursa sobre filosofia moral, ao mesmo tempo que delineia uma vasta história eclesiástica portuguesa, projecto que recolherá a aprovação e o patrocínio de D. João V. É precisamente o esforço no sentido de criar as condições para a realização de tão demorada e complexa empresa que desencadeará a fundação da Academia Real de História<sup>49</sup>.

O autor do *Vocabulario* agradece-lhe o esclarecimento de «selectos, e exquisitos termos», que provavelmente seriam palavras antigas ou de significado obscuro que ocorriam em documentação histórica e genealógica. Não publicou nenhuma obra de cariz metalinguístico, mas, no inventário das obras manuscritas de Caetano de Sousa, Barbosa Machado regista dois catálogos de terminologias: um *Diccionario de todas as palavras pertencentes á Arte de Livreiro* e uma *Numismographia Lusitana* que, de acordo com a descrição, «consta dos nomes, e qualidade de Moedas que tem havido neste Reyno»<sup>50</sup>.

## 2.2. O círculo dos Ericeiras

O relacionamento de Bluteau com os condes da Ericeira principia nos primeiros anos da sua estada em Portugal e prolonga-se até à sua morte, atravessando três gerações desta família. Para além do convívio intelectual e da colaboração em diligências ao

---

<sup>48</sup> Em Novembro de 1712 D. Jerónimo esteve em Coimbra e encontrou-se com António Portocarrero no preciso momento em que este padre diligenciava a publicação dos primeiros volumes. Cf. a carta de António Portocarrero a Bluteau, Coimbra, 14-11-1712. (B.N.L., Cod. 7.701).

<sup>49</sup> Cf. Barbosa Machado, *Bibliotheca*, III: 200-211.

<sup>50</sup> No âmbito das academias, proferiu ainda a *Prosopopeya da letra S. sentida da desgraça que padeceo na Academia Portugueza a letra Z sua irmã mais moça* e *Observaçoes litterarias, ou signifiçoes da Palavra Impetrar* (cf. *ibidem*: 206-207).

serviço do interesse público, os testemunhos escritos revelam uma forte amizade<sup>51</sup>. É central o papel destes nobres ilustrados na renovação cultural pré-iluminista, especialmente na redefinição dos objectivos das academias literárias em Portugal, segundo orientações em que a influência tutelar de Bluteau é assinalável. Mas se os estudos no âmbito da cultura portuguesa sublinham o modo como a presença do teatino alargou os horizontes dos Ericeiras<sup>52</sup>, importa também que notemos em que aspectos o convívio muito próximo com estas personagens influenciou a obra de D. Rafael: ao nível do estilo, podemos considerar os literatos da casa como modelos configuradores na progressiva adaptação do autor ao gosto literário português; no domínio da obra lexicográfica, é de salientar a colaboração proporcionada ao nível da revisão e elaboração do *Vocabulário*.

Os Ericeiras destacaram-se pela notável erudição, pelo domínio das línguas clássicas e dos principais idiomas modernos, mas também por uma educação científica muito superior àquela que seria usual entre os nobres da época. No que concerne à abundante produção literária, sobretudo historiográfica, só uma pequena parte foi publicada e, dos inúmeros manuscritos perdidos no terramoto de 1755, conhecem-se apenas alguns títulos citados *na Bibliotheca Lusitana*.

D. Luís de Meneses ganhara a confiança do rei D. Pedro, graças a uma participação muito activa nas guerras de consolidação da restauração e um apoio inequívoco à

---

<sup>51</sup> O teatino foi um entre os inúmeros estrangeiros recebidos em casa dos Ericeiras, que manifestavam um interesse muito particular por quem trouxesse notícias respeitantes à cultura francesa. Merecem referência alguns nomes de ilustres frequentadores da casa, que também conviveram com Bluteau (Cf. Monteiro, 1962: 198):

- Jean d' Estrées (1666-1716), embaixador de França em Portugal;
- Lequien de la Neufville, escritor francês e autor da *Histoire générale de Portugal* (1700). Deslocou-se ao nosso país em 1713, ocasião em que foi homenageado pelo rei. Conheceu certamente Bluteau, pois compôs um madrigal em sua honra, incluído no *Suplemento*;
- Abade de Mornay-Montchevreuil, embaixador de França em Portugal de 1715 a 1721;
- General Schomberg (1615?-1690), militar alemão luterano, contratado para servir o exército português.

<sup>52</sup> Sobre o ambiente de efervescência cultural entre os Ericeiras e os contactos com Bluteau, cf. os estudos de Ofélia Paiva Monteiro (1962; 1964/1967), Hernâni Cidade (1975 (1933-1939)) e Sebastião Silva Dias (1953).

No período entre 1668 e 1734, os principais membros da família são D. Fernando de Meneses, 2º Conde da Ericeira (1614-1699), casado com D. Filipa de Noronha; a sua única filha, D. Joana de Meneses (1651-1709), casada com o irmão de D. Fernando, D. Luís de Meneses (1632-1690), que adquire assim o título de 3º Conde; o filho do casal é o 4º Conde, D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1746); sucede-lhe D. Carlos de Meneses (1689-1742), 5º Conde da Ericeira e 1º Marquês do Lourical.

deposição de Afonso VI. Em 1675 é nomeado Vedor da Fazenda, com responsabilidades em políticas de defesa, comércio marítimo, moeda e fomento industrial, solicitando a colaboração de Bluteau em negócios públicos, como atrás se referiu. Após 1673, e com acesso franco aos arquivos do conselho de guerra, D. Luís principia a *Historia de Portugal Restaurado* (1679-1698), um relato historiográfico amplamente documentado que constituiu uma preciosa fonte de terminologia militar para o *Vocabulario*<sup>53</sup>.

D. Francisco Xavier, que Bluteau acompanhou desde criança, recebeu uma formação em que, sem descuidar a formação clássica, se privilegiaram as línguas modernas, em especial a língua e cultura francesas, reflectindo as preferências da mãe e os gostos da corte<sup>54</sup>. A educação literária respeitou os moldes barrocos, caracterizando de forma indelével o seu estilo<sup>55</sup>. Mas, apesar de ser um exímio praticante dos códigos literários seiscentistas, apreciou as propostas renovadoras do francês Nicolas Boileau (1636-1711), muito provavelmente por influência de Bluteau, que conhecia pessoalmente o autor da *Art Poétique* (1674)<sup>56</sup>. Equipou a biblioteca familiar com instrumentação para experiências, que apresentou em sessões académicas que decorreram no palácio, e manteve-se a par da mais recente produção científica através da correspondência com as

---

<sup>53</sup> A obra destaca-se pelo facto de ter sido escrita em vernáculo, vencendo resistências que recomendavam o latim como a língua mais adequada à narração de feitos heróicos. Bluteau conseguiu incluir no *Journal des Scavans* uma referência muito elogiosa à obra e ao seu autor. Considerando o conhecimento da intimidade familiar de D. Luís espelhado no artigo, Hernâni Cidade sugere que o teatino tenha também sido o responsável pela redacção (cf. Cidade, 1975 (1933-1939): 38). O artigo referido é citado por Barbosa Machado, *Bibliotheca*, III: 117-118.

<sup>54</sup> Era célebre a erudição de D. Joana de Meneses, que se exprimia perfeitamente em francês e se dedicava ao estudos da retórica e da arte poética. Adquiriu protagonismo político na corte, dado o seu estatuto de confidente e conselheira da rainha D. Catarina no período em que lhe foi confiada a regência do país, em virtude da ausência de D. Pedro II aquando da guerra da sucessão de Espanha. Sobre as obras publicadas e manuscritas, cf. *ibidem*: 555-557.

<sup>55</sup> A formação desta criança precoce, «que principiou a fallar aos seis meses de nacido» (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II: 289), de acordo com a análise de Ofélia Paiva Monteiro, constitui «um misto de tradição e de certas directrizes modernas» (Monteiro, 1962: 198). Até aos sete anos, tendo por mestres os seus familiares, aprendeu as línguas contemporâneas, história antiga e moderna, erudição sagrada, arte de conceitos, estilos do paço, métrica, mitologia, arte militar, geografia antiga, de tal forma que, aos oito anos, perante a corte, já desenvolvia motes, compondo sonetos segundo as complexas regras do estilo barroco (*ibidem*: 198-199).

<sup>56</sup> Assim se depreende do facto de o Conde, em carta enviada para Paris, pedir a Bluteau que entregasse os seus cumprimentos a Boileau (cf. Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 305). O fascínio do Conde pelos versos e propostas de Boileau inspiram-lhe uma tradução em português, que apesar de só ter sido publicada postumamente (cf. Inocência Silva, *Dic. Bib.*, III: 87), certamente seria do conhecimento dos frequentadores da casa e dos círculos académicos, fazendo «sentir a oposição entre a prestigiosa e modelar literatura de que o crítico codificava as leis e hierarquizava os valores, e o gongorismo ainda dominante» (Cidade, 1975 (1933-1939): 71).

principais academias europeias, nomeadamente a Arcádia de Roma, a Academia de S. Petersburgo e a Sociedade Real de Londres, as duas últimas de carácter mais científico que literário<sup>57</sup>.

A colaboração de D. Francisco Xavier no *Vocabulario* ter-se-á registado, sobretudo, aquando da preparação dos suplementos publicados em 1727 e 1728. De facto, os primeiros oito tomos foram concluídos em Alcobaça, em relativo isolamento e, embora a correspondência entre ambos fosse frequente, os testemunhos que chegaram até nós não comprovam uma participação significativa. De resto, entre 1704 e 1713, o Conde encontrava-se afastado da capital em campanhas militares e no desempenho de cargos administrativos<sup>58</sup>. Somente no *Suplemento* se encontra um agradecimento manifesto pelo auxílio prestado:

[Leitor malévolo] Não es o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, viva encyclopedia, e perpetuo manancial de toda a literatura. Na Uniuersidade de Coimbra, em hum Congresso de homens doutos, taõ singularmente acreditou o Vocabulario, que lhe chamou *Livro universal*; e depois com os additamentos, que me communicou, o fez ainda mais copioso<sup>59</sup>.

As licenças indicam que o corpo dicionarístico dos suplementos estaria praticamente concluído por volta de 1725, mas a sua publicação só ocorre em 1727-1728, principiando entretanto a recolha de dados tendo em vista a edição de um terceiro volume, para o qual o nonagenário Bluteau contou com a assistência muito empenhada de D. Francisco e do seu filho, D. Luís Carlos de Meneses<sup>60</sup>.

<sup>57</sup> Publicou os *Extractos Academicos dos livros que a Academia de Petersburg mandou à de Lisboa* (1736), que testemunham a actualidade do seu saber científico. Como resume Ofélia Monteiro (1964/1967: 18), os excertos «ocupam-se de tudo, desde o cálculo infinitesimal à resolução de equações algébricas, desde a exegese cristã à análise dos movimentos do coração e do mecanismo circulatório, desde o estudo das novas teorias astronómicas de Kepler, Galileu e Newton às investigações históricas e às descrições de plantas exóticas». Cf. *ibidem*: 19-23; 25-30.

<sup>58</sup> Cf. Monteiro, 1962: 225-227.

<sup>59</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor malevolo».

<sup>60</sup> A educação do 5º Conde da Ericeira foi igualmente esmerada, desenvolvendo um grande interesse pelo estudo das ciências. Seguiu a carreira militar e foi eleito vice-rei da Índia, regressando a Portugal somente em 1723. Suspeitas de irregularidades na sua governação conduzem a um processo judicial em que é sentenciado ao afastamento da corte por um período de 10 anos, isolamento propiciador de uma intensa dedicação a estudos económicos, políticos e linguísticos. Segundo Barbosa Machado, «praticou a [língua] Portuguesa com escrupulosa severidade, não admetindo algum termo novo que a corrupção do século tem facilitado» (*Bibliotheca Lusitana*, III: 79). Além da colaboração com Bluteau, procedeu a uma revisão crítica do dicionário de Moreri, corrigindo ou completando informações referentes a Portugal, compiladas num *Suplemento ao Diccionario Historico de Morery*, que o autor posteriormente remeteu para Paris (*ibidem*: *loc. cit.*). Trocou correspondência com o botânico francês Bérnard Jussieu (1699-1777), comunicando-lhe designações e descrições de plantas existentes em território português.

O testemunho desta colaboração é uma carta de D. Francisco a Bluteau, datada de 7 de Maio de 1727<sup>61</sup>. O terceiro suplemento representaria uma actualização da nomenclatura não incluída no *Vocabulario* ou nos suplementos prontos a sair à luz. D. Luís encarregar-se-ia da terminologia científica, enquanto o pai recolheria os termos vulgares e completaria os artigos com adágios e frases. Mas a intenção de publicar três suplementos, expressa pelo próprio Bluteau nas páginas das *Prosas Portuguezas*, não se concretizou<sup>62</sup>. O material recolhido por D. Luís Carlos, possivelmente com posteriores acrescentamentos, terá dado corpo a um *Complemento ao Vocabulario*, que permaneceu manuscrito e do qual hoje só se conhece o título<sup>63</sup>.

### 2.3. Intervenções académicas

As academias constituíram um palco privilegiado para a afirmação de Bluteau entre os eruditos da época, confirmando-lhe o estatuto de autoridade no domínio da língua e, simultaneamente, a sua plena integração e aceitação na corte de D. João V. Os biógrafos somente asseguram a participação nas Conferências Discretas e Eruditas, na Academia Portuguesa e na Academia Real de História, embora não seja de excluir a sua comparação pontual em outras reuniões de menor projecção.

As academias referidas representaram uma evolução em relação às primeiras tertúlias, motivadas sobretudo pelo passatempo e pelo divertimento em torno da composição poética de gosto gongórico<sup>64</sup>. Os contactos com a Europa culta, o interesse

---

<sup>61</sup> Citada por Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 314. Cf. adiante, cap. V.1.

<sup>62</sup> «[...] os meus annos me obrigaõ a recolher as vélas oratorias; quanto mais, que se vem chegando o tempo de acodir à impressãõ dos tres volumes, que ficaõ para complemento do meu Vocabulario, Portuguez, e Latino; e como a impertinencia de rever, cada dia muitas folhas, quando vem do prélo, leva muito tempo, naõ he compativel a occupaçãõ da Oratoria, com o trabalho desta revista» (*Prosas Portuguezas*, I: 103).

<sup>63</sup> «Com o Titulo de Complemento ao Doutissimo Vocabulario do P. D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, e Academico Real, escreveo tres volumes de folha, em que fez excellentes emendas, e utilissimos aditamentos àquella grande obra, que com elles ficará melhorada, e naõ perfeita absolutamente; porque aquelle genero de composaçãõ he de sua natureza imperfeito» (D. José Barbosa, *Epitome...*, 1743: 194). Barbosa Machado inclui também o *Complemento* entre as obras do autor: «*Complemento ao doutissimo Vocabulario do Padre D. Rafael Bluteau Clerigo Regular e Academico da Academia Real*. Fol. 3. Tom. M. S. Consta de utilissimas emendas e eruditos aditamentos» (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III: 80).

<sup>64</sup> No período em que Bluteau permaneceu em Portugal, regista-se ainda a actividade, com maior ou menor regularidade, das Academias dos Instantâneos, Problemática, dos Aplicados, do Núncio e dos

pelas notícias dos progressos científicos e os ecos das actividades das academias estrangeiras tornavam cada vez mais anacrónicas as academias exclusivamente subordinadas à composição poética. O principal agente da redefinição dos objectivos e das temáticas foi D. Francisco Xavier que, a partir de Fevereiro de 1696, acolheu no seu palácio as Conferências Discretas e Eruditas. São, como testemunha Bluteau, um primeiro passo para a introdução de estudos científicos como complemento das temáticas literárias: «nem os dentes da bella Laura, nem os olhos de Phyllis, nem outros ociosos, e effeminados assumptos roubavaõ com queixas da sabedoria as atenções, louvavelmente consagradas a discursos Moraes, e Politicos, a noticias Filosoficas, a advertencias, e questoens, concernentes à pureza da nossa lingua»<sup>65</sup>.

Caberá à Academia Portuguesa — uma designação que evoca a congénere francesa — incrementar a profundidade dos estudos, com a atribuição de temáticas aos diversos membros, encarregados de partilharem o progresso dos seus trabalhos nas sessões. Fundada por D. Francisco Xavier em 1717, esta academia contava com o favor régio, o que acentua ainda mais a oficialização dos encontros e a acreditação social dos seus membros enquanto eruditos<sup>66</sup>. Apesar do interesse manifestado por áreas como a física,

---

Ilustrados. Sobre os antecedentes das academias em Portugal, cf. Ferreira, 1982: 9-18. Como refere este autor, o facto de não haver notícias de importantes movimentos académicos autónomos no século XVI sugere que essa vivência deveria ser suprida pelo ambiente da corte, onde se reunia a nata da nobreza. Em 1647, D. António Álvares da Cunha, guarda-mor da Torre do Tombo, funda e acolhe em sua casa a Academia dos Generosos, cujas sessões se prolongaram até 1667, sendo posteriormente retomadas pelos filhos, D. Pedro e D. Luís da Cunha, em 1684-1686 e 1693-1696. Entre 1663 e 1665 reuniu-se a Academia dos Singulares de Lisboa. Para um elenco dos membros das duas academias, sessões realizadas e colectâneas poéticas publicadas, cf. Matias, 1982 e Ferreira, 1982: 21-29.

<sup>65</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 20. Entre outros, participaram nas sessões Manuel Teles, Marquês de Alegrete; D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda; José de Faria, diplomata; Luís do Couto Félix, Guarda-mor da Torre do Tombo; Manuel Gomes da Palma, jurisconsulto (*ibidem: loc. cit.*). As Conferências terminam definitivamente em 1704, ano em que D. Francisco Xavier parte em campanha militar.

<sup>66</sup> Perante o elenco dos mestres convidados e os temas propostos, verifica-se que o peso das belas letras é ainda considerável: Marquês de Alegrete, os vícios da eloquência; Conde de Vilamaior, matemáticas pertencentes a cavalheiros; Visconde de Asseca, paradoxos académicos; D. Francisco Manuel de Melo, as mulheres ilustres; Júlio de Melo, panegíricos de varões ilustres portugueses; José Soares da Silva, a política; Manuel Pimentel (cosmógrafo-mor), a filosofia natural; António Rodrigues da Costa, a história; Inácio de Carvalho, a poesia lírica; Pe. António de Azevedo, a ética dos modernos; Francisco Leitão Ferreira, a arte simbólica; Jerónimo Godinho, o estilo elegíaco, a arte das inscrições; Manuel de Azevedo Fortes, a lógica moderna, comparada com a dos antigos; José do Couto Pestana, ditos e apotegmas dos reis portugueses; José Contador, paradoxos matemáticos. Entre os membros, quatro padres teatinos: D. Manuel Caetano de Sousa, lições de filosofia moral; D. José Barbosa, dendrologia; D. Jerónimo Contador de Argote, fábulas da história; e D. Rafael Bluteau, com

com recurso aos instrumentos da biblioteca do Conde, todos os contributos não poderiam deixar de se pautar por um conservadorismo prudente: como recorda Ofélia Monteiro, as sessões contaram com a presença do Inquisidor-Mor Cardeal da Cunha, e o próprio D. Francisco Xavier era familiar do Santo Ofício. Mesmo a notícia acerca dos livros novos publicados na Europa, que competia ao Conde, seria decerto muito ponderada<sup>67</sup>.

As sessões ter-se-ão prolongado até 1722, mas, em 1720, grande parte dos membros foi convidada a integrar a Academia Real da História, fundada por D. João V, interessado em patrocinar iniciativas que cimentassem, em Portugal e no estrangeiro, a imagem do monarca mecenas, fomentador iluminado das instituições culturais. Destaca-se novamente a presença dos teatinos — entre os quais Bluteau, Manuel Caetano de Sousa, D. José Barbosa, D. Luís Caetano de Lima e D. José Contador de Argote — e ainda de D. Francisco Xavier, Manuel de Azevedo Fortes e Francisco Leitão Ferreira. A instituição de uma academia com estas características contrasta com a generalidade das congéneres europeias, direccionadas para as ciências, a literatura ou a lexicologia. Em Portugal o movimento da Restauração desencadeou um interesse pelos estudos históricos, em particular os relacionados com as “antiguidades” profanas ou religiosas, arqueologia, inscrições, genealogia e fundos documentais<sup>68</sup>.

---

as excelências e documentos do sábio cristão, para além dos estudos filológicos (*Prosas Portuguezas*, I: 341).

<sup>67</sup> Monteiro, 1964/1967: 6-7.

<sup>68</sup> Na origem da Academia encontramos o projecto do teatino Manuel Caetano de Sousa, que tinha em vista a escrita de uma história eclesiástica de Portugal; a monumentalidade da empresa motiva a criação da instituição, cujos objectivos se alargaram (cf. Anselmo, 1989: 79-80). A Academia não se dedicava somente à investigação, cultivando largamente o louvor da família real e dos próprios membros; os discursos académicos e as obras publicadas sob a sua égide não se haviam ainda libertado da retórica barroca: «Muita festa à virgem que lhe era padroeira, muita celebração de efemérides ltuosas ou festivas do Paço, abundante profusão de hipérboles, na engomada e lustrosa retórica da época, por muitas centenas de páginas de panegíricos, elogios e sermões» (Cidade, 1975 (1933-1939): 82). O patrocínio da Academia, largamente subsidiada por D. João V, permite a prossecução e posterior publicação de uma série de trabalhos de laboriosa erudição, na sua maioria catálogos que acumulam informação dispersa, mas sem intenção de a sintetizar ou interpretar criticamente (cf. Anselmo, 1988: 55).

### 2.3.1. A renovação estética e temática

Ao lado de D. Francisco Xavier, Bluteau participou activamente na reformulação dos objectivos das academias literárias, não só com sua colaboração inovadora, mas também com um conjunto de reflexões em que teceu críticas à vacuidade da produção académica anterior, notando a pobreza dos conteúdos e a aproximação ao gosto italiano.

[...] nas Palestras Academicas, pelo que tenho observado, raras vezes se propoem questoens sobre realidade, e existencia dos objectos, sobre que se discursa; donde nasce, que o fundamento da mayor parte dos discursos Academicos he fabuloso, vaõ, frivolo, e de pouca, ou nenhuma entidade. [...] Em nobilissimas Academias trabalharaõ subtilissimos engenhos, em descrever, e moralizar monstruosas fatuidades, indignas da atenção de sizudos ouvintes.<sup>69</sup>

Especial reprovação lhe mereceram as composições poéticas da Academia dos Singulares, acerca das quais comenta, após citar estrofes exemplificativas, «o engenho, discriçaõ, agudeza, e primor Poetico, com que os Academicos trataraõ estes, e outros semelhantes assumptos, certamente he digno de admiraçaõ; não pôde haver assumptos mais inuteis, e menos dignos do talento, habilidade, e sciencia de taõ grandes sogeitos»<sup>70</sup>.

Saliente-se que os seus reparos se referem ao conteúdo e não à forma, tanto mais que o teatino seguia os cânones barrocos e compunha destramente de acordo com os rígidos formalismos ainda em voga entre nós<sup>71</sup>. O discurso académico exigia formas conservadoras, e não dispensava os preceitos da retórica que o enobreciam e lhe conferiam a dignidade adequada às assembleias. Rompendo o equilíbrio clássico entre *docere* e *delectare*, predomina a função do deleite, tanto o provocado no leitor, como aquele que o autor experimenta no momento da elaboração, orientando o texto no sentido de despertar no leitor o prazer de contemplar a complexidade da construção engenhosa e decifrar os mecanismos dessa mesma construção<sup>72</sup>. Também no texto académico

<sup>69</sup> *Prosas Portuguezas*, I, 327.

<sup>70</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>71</sup> De facto, embora conhecesse a obra de Boileau e defendesse, teoricamente, a contenção retórica no púlpito, na prática não se libertou do gosto contemporâneo, pelo que não é sem razão que Verney o acusa de se ter convertido aos vícios do estilo português: «O que me admira neste particular é, que o Padre Bluteau, que nacêra em um Reino, no-qual se-sabe, que coiza é Eloquencia, e bom gosto; quizesse introduzir tambem isto, em Portugal [...] este era o estilo, do tal Religiozo: metodo, criterio, bom gosto, nam sabia de que cor era. é o mais cansado escritor, que eu tenho visto. Na verdade era infatigavel, em algumas coizas: mas nam era autor para se imitar: porque bebêra desorte, este estilo de Portugal» (Verney, *Verdadeiro metodo...*, I, 1746: 220).

<sup>72</sup> Pires, 1988: 41. A poesia desta época e a literatura em geral foram rotuladas de obscuras, mas os tratadistas distinguiram entre dois tipos de obscuridade, como refere Maria Gonçalves Pires: «a que deriva de ideias profundas, temas complexos, e que é considerada tão louvável como inevitável; e a

predomina a estética do deleite, pelo que o discurso não assenta tanto na argumentação lógica, mas antes em procurar deslumbrar o receptor com a capacidade de mobilização dos recursos retóricos, provando o engenho do autor<sup>73</sup>.

À luz da poética barroca, o requinte formal constituía um critério fundamental para a avaliação da qualidade da produção literária, que não poderia deixar de se repercutir na escrita do *Vocabulario*, porquanto o dicionário se apresentava como prolongamento do discurso académico e como manual auxiliar para oradores, prosadores e poetas.

No que respeita à renovação de conteúdos, Bluteau demonstra o interesse pela nova filosofia natural (a física), pelo experimentalismo e pela observação directa. Na «Academia Theologica», inserta nas *Prosas Portuguezas*, encontramos uma resenha da história do movimento académico europeu contemporâneo, concluindo que «hum dos principaes motivos da instituição das Academias, he a indagação, e exame de materias, e operações scientificas»<sup>74</sup>.

Embora revele o conhecimento das teorias tradicionais, contrapõe-lhes com frequência a opinião dos autores mais recentes, tomando o partido destes últimos na célebre disputa entre antigos e modernos, constatando o progresso da ciência

---

que resulta de termos desusados, de metáforas estranhas, de sintaxe extravagante, que é condenada» (*ibidem*: 43).

<sup>73</sup> A «Prosa Symbolica, Tratado compendioso da arte symbolica» constitui um verdadeiro manual da agudeza de engenho e demonstra até que ponto a tradição da estética barroca é prevalecente em Bluteau: «Na arte da eloquencia não ha prova mais illustre da agudeza do engenho, que o atar as remotas, e separadas noções dos objectos propostos, e expressando hum conceito por meyo de outro muito diverso, descobrir em cousas desemeilhantes semelhança» (*Prosas Portuguezas*, II: 73). A «Prosa Symbolica» inclui um reportório de descrições enigmáticas, isto é, metafóricas, com recurso a «expressoens remotas da intelligencia do vulgo», e foi elaborada tendo por base um «caderninho deste genero de descrições Enigmaticas, que para passar tempo, eu fiz em Portuguez ha muitos annos» (*ibidem*: 18).

<sup>74</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 341. Na sua opinião, as instituições modelares nos estudos físicos por meio de processos de experimentação e observação directa seriam a Sociedade Real dos Físicos de Inglaterra, também conhecida por Colégio Experimental de Londres; a Sociedade experimental, em Florença; a Academia dos curiosos da natureza, na Alemanha; a Academia Real das Ciências, em França. Bluteau conheceria directamente os procedimentos nesta última academia, tanto mais que nos dá testemunho do seu convívio com os académicos: «O famoso Cassini, celebre Mathematico da Academia Real das Sciencias em França, me disse em Pariz, que poderia a Lua distar da terra humas trinta mil legoas [...]» (*ibidem*: 159). Este tipo de nota também surge no *Vocabulario*: «Na segunda jornada que fiz a Parîz, fui convidado para ir ver huma demonstração do movimento continuo, em hũa maquina inventada por hum Francez [...] que havia tido a habilidade de persuadir aos da Academia Real das Sciencias, que elle tinha achado o movimento continuo artificial [...]» (*Voc.*, s.u. MOVIMENTO).

contemporânea<sup>75</sup>. Assim, evidencia um modernismo inovador, mas não atentatório da tradição, recusando os princípios da filosofia moderna cujas implicações contrariassem abertamente a ortodoxia religiosa, como se esperaria de um qualificador do Santo Ofício.

A atenção ao progresso da ciência e aos novos procedimentos experimentais, de que as *Prosas Portuguezas* são testemunho, encontra-se igualmente presente nos artigos do *Vocabulario*, em particular nos subordinados à terminologia científica. De facto, as *Prosas* constituem uma amostra superficial da amplidão de interesses e conhecimentos de D. Rafael, mais cabalmente expressos na extensão de uma obra com características de um dicionário universal. O tratamento deste tipo de conteúdos merecerá uma observação mais atenta no capítulo dedicado à informação de tipo enciclopédico<sup>76</sup>, mas importa desde já assinalar algumas orientações temáticas e argumentativas que representam um *continuum* entre as áreas da discussão científica nas academias e o enunciado lexicográfico. Assim, no *Vocabulario*, são constantes as referências à «filosofia moderna», cujas teorias são aduzidas em contraponto às tradicionais, fundadas geralmente em autores da Antiguidade; citam-se tratados científicos publicados um pouco por toda a Europa e descrevem-se procedimentos experimentais, observações e resultados.

### 2.3.2. A reflexão metalinguística no contexto académico

Considerando o destaque que é concedido à Academia Francesa nas *Prosas Portuguezas*<sup>77</sup>, esta instituição seria para Bluteau o modelo inspirador no que respeita à reflexão autorizada sobre a língua e a eloquência. A Academia havia sido fundada em 1635 pelo Cardeal Richelieu, com o objectivo de estabelecer regras claras para a língua, torná-la pura, eloquente e dotada de vocabulário suficiente para fazer face às exigências

<sup>75</sup> «Que nos homens deste tempo a memoria, e o juizo tenhaõ ou igual, ou ainda mais vigor, que nos antepassados, claramente o demonstra a perfeição, e altura, em que hoje estaõ as Artes, e Sciencias; os livros, que nellas escrevem os modernos, excedem no numero, methodo, noticia, e elegancia todas as obras dos antigos» (*Prosas Portuguezas*, I: 39). Alberto de Andrade resume a posição filosófica de Bluteau com a expressão «peripatético moderno», que nos parece bem adequada (1945b: 542). Como afirma Sebastião Silva Dias, não encontramos no pensamento de Bluteau uma filiação explícita em Descartes, embora certamente conhecesse aspectos da sua obra e do seu pensamento, ainda que por intermédio de comentadores, que com regularidade cita no *Vocabulario* (Dias, 1952: 309-313).

<sup>76</sup> Cf. cap. IV.6.

<sup>77</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 340.

impostas pelas artes e pelas ciências<sup>78</sup>. De acordo com os estatutos, os académicos procederiam à leitura atenta dos melhores autores da língua francesa, examinando e seleccionando as palavras e as frases que constituíssem os exemplos a partir dos quais se estabeleceriam as regras de bom uso, nomeadamente a respeito da ortografia. Toda a actividade se direccionava para a publicação de obras em que se recolhesse o fruto das observações dos académicos, permitindo a divulgação dos tão desejados instrumentos de normalização linguística: um dicionário, uma gramática, uma retórica e uma poética<sup>79</sup>.

Como já observámos, Bluteau lamenta que, entre nós, as academias se limitassem à composição literária, observando temáticas indignas do talento e sabedoria dos seus membros, quando se podiam dedicar ao aperfeiçoamento da língua<sup>80</sup>. Nas Conferências de D. Francisco Xavier encontra as condições para promover a tão desejada reflexão sobre as palavras. As *Prosas* registam o formulário do assento da sessão inaugural, em que se percebem semelhanças com o plano de trabalhos delineado pelos académicos franceses, particularmente a procura da perfeição da língua, garantindo que fosse capaz de tudo exprimir<sup>81</sup>.

---

<sup>78</sup> Além destes objectivos explícitos, a Academia pretendia contribuir para a unificação linguística no território, bem como para o incremento do prestígio do francês no conjunto das línguas europeias: «La langue françoise, qui jusqu' à present pu rendre la plus parfaite des modernes, est plus capable que jamais de le devenir, vu le nombre des personnes qui ont une connoissance particulière des avantages qu'elle possède, et de ceux qui s'y peuvent encore ajouter» (Académie Française, *Lettres patentes ...*, 1995a (1635)).

<sup>79</sup> Cf. Académie Française, *Statuts et règlements...*, 1995b (1635), artigos XV-XVI. Só em parte se cumpriram os objectivos, com a edição do dicionário em 1694 e a tardia publicação de uma gramática, em 1932; de acordo com o artigo XVII dos estatutos, a maior parte do tempo das sessões deveria ser consagrado ao exame dos textos e à preparação das obras referidas. Sobre a organização das primeiras sessões dedicadas à redacção do dicionário, cf. Catach, 1998: 70-75.

<sup>80</sup> «Destes, e outros frivolos assumptos estão cheas as obras dos nossos Academicos, e como muitos delles tem a imaginação depravada com estas, e outras semelhantes idéas, a solidas, e proveitosas proposições fechaõ os ouvidos; e esta é huma das razões, porque taõ pouco fruto fez a indagação das palavras, que com mais propriedade, e elegancia podiaõ ornar no idioma Portuguez o discurso» (*Prosas Portuguezas*, I: 27). Os académicos franceses pretendiam contribuir para um aperfeiçoamento da língua, tomando-a um instrumento de pensamento, equiparável às línguas antigas. Cf. Cahné, 1998: 129.

<sup>81</sup> «Como a lingua Portugueza não cede na elegancia a alguma das viventes, pareceo aos scientes de Lisboa, que como propria, e eloquente, era digna do seu estudo, e capaz da sua applicação [...] a varios assumptos, e sobre tudo em palavras da Lingua Portugueza, ou já introduzidas com significação propria, ou já antiquadas, ou ainda não admittidas. Examinaraõse os mais estimados Escritores da lingua, a necessidade, que havia de algumas vozes estranhas, para que nos faltavaõ nomes proprios, e sobre tudo o uso, que he o melhor arbitro, a etymologia, a pronuncia, a Orthografia, e Grammatica» (*Prosas Portuguezas*, I: 1-2).

O estudo sobre as palavras foi introduzido nas sessões para responder às dúvidas com que Bluteau se deparava à medida que avançava a composição do *Vocabulario*. Nesse momento já teria coligido bastante informação respeitante às primeiras letras e a nomenclatura básica também se encontraria definida, tanto mais que o teor das reflexões que propõe nas Conferências pressupõe um conhecimento experimentado do *corpus* lexicográfico e literário português<sup>82</sup>. No que respeita à organização dos trabalhos, as questões seriam apresentadas numa sessão e a discussão teria lugar na seguinte, submetendo-se a decisão ao voto dos académicos.

Os objectivos do teatino, patentes no «Oratorio requerimento de palavras portuguesas», apontavam para um ambicioso estudo diacrónico da língua, agrupando as palavras em três categorias<sup>83</sup>. Em primeiro lugar, as «supplicantes agravadas», ou seja, as palavras antigas e já fora de uso, pretendendo averiguar qual o seu significado e preservar essa informação, para uma correcta interpretação dos documentos antigos.

Seguiam-se as «supplicantes desconfiadas», definidas como as palavras «nativas», por oposição àquelas que no passado haviam sido introduzidas por godos, árabes, franceses e ingleses. Demonstrando o empenho na defesa do vernáculo, lembra que aos académicos caberia assegurar «o direito das palavras nativas para conservação, e confirmação da posse, em que estão»<sup>84</sup>, perante o perigo de serem substituídas pelas estranhas.

Por último, apresentar-se-iam as «supplicantes pretendentes», que correspondiam aos neologismos, designados pelo autor como palavras «estranhas», ou «peregrinas». A introdução ou criação de novos vocábulos justificar-se-ia em três circunstâncias: a «indigência», que se verificava sobretudo na insuficiência de palavras ao nível dos termos técnicos; a «elegância», na medida em que o ornato do discurso reclamava o emprego de termos incomuns e que não se encontravam nem na «mais opulenta língua do Mundo»; a «decência», que impunha a substituição das palavras disfémicas, «que não só nos

---

<sup>82</sup> Tendo em conta que em 1697 parte para Paris e aí ensaia uma primeira impressão do dicionário.

<sup>83</sup> Recitado na primeira sessão das Conferências, o «Oratorio requerimento» constitui um plano de trabalho sob a forma de um discurso alegórico, em que as palavras — os réus — se apresentam perante um tribunal, cujos juízes são os académicos.

<sup>84</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 8.

Pulpitos, e nas Academias, mas nem nas praticas mais familiares se podem pronunciar sem pejo»<sup>85</sup>.

O debate linguístico não atingiu a dimensão desejada, em primeiro lugar devido às contingências políticas que motivam o regresso a França no ano seguinte, mas também porque a adesão dos académicos foi inferior à que Bluteau previra<sup>86</sup>. Graças à transcrição das palavras analisadas conservada nas *Prosas*, podemos avaliar o trabalho efectivamente realizado ao longo de doze sessões, reagrupando-as de acordo com a natureza da dúvida:

— esclarecimento do significado de palavras e expressões em uso:

*Abada, Abies* (palavra latina), *Agrestes, Animosidade, Crocodillo, Ema, Endoenças, Entrudo, Fallar critico, Feniz, Florente, Florescente, Florescido, Florído, Flôrido, Graveza, Gravidade, Infanta, Infante, Leveza, Levidaõ, Mencionados, Sussurro*;

— introdução de novas palavras e declaração do seu significado:

*Amnistia, Anarchia, Bloquear, Bloqueo, Claudicar, Collisaõ, Destacamento, Destacar, Feniz, Infatuar, Paragonar, Projecto, Recruta*;

— ortografia e pronúncia:

*Alagoa, Alambique, Alampada, Armazem, Arrecadar, Chaminè, Philosophia*;

— supressão de palavras fora de uso:

*Afaõ, Afanar*;

— substituição de palavras indecentes:

*Cagalume*.

O catálogo presente nas *Prosas* poderá não ser exaustivo, mas permite-nos constatar que a maior parte dos casos aduzidos se relacionava com a precisão do significado e a introdução de novos termos, geralmente decalcados a partir de palavras francesas que o uso progressivamente introduzira na escrita<sup>87</sup>. Dos assentos das decisões infere-se que as discussões seriam bastante participadas, invocando-se a língua latina e a tradição dos autores clássicos, a comparação com o espanhol e o francês, mas também as lições dos dicionários.

<sup>85</sup> *Ibidem*, I: 12. Desenvolvendo a questão da decência dos termos, Bluteau conclui o *Oratorio* com o caso da palavra «Pyrilampo», composto erudito que solucionaria a dificultosa questão de nomear o insecto que o vulgo conhecia por caga-lume, designação que, de resto, nunca é introduzida no discurso (*ibidem*: 13-15).

<sup>86</sup> Cf. *ibidem*, I: 27. As temáticas linguísticas continuariam presentes, por iniciativa de D. Francisco Xavier, a quem Barbosa Machado atribui a autoria de «vinte e oito discursos filológicos», como: *Observações ortográficas; Se na língua portuguesa hão-de preferir na ortografia a origem ou a pronúncia* (Monteiro, 1962: 212).

<sup>87</sup> Tomemos como exemplo a decisão acerca da palavra *recruta*: «He Francesa, *Recrüe*, usada entre Hespanhoes, e pelo Conde da Ericeira, *Historia de Portugal Restaurado, 2. part.* significava as levas, que se fazem para reencher as companhias, a quem faltaõ soldados por mortos, ou por fugidos: propunha-se reforço, e achando que não explicava, se admittio *Recruta*» (*Prosas Portuguezas*, I: 16).

Quando a Academia Portuguesa inicia as suas sessões em 1717, Bluteau retoma as preocupações de 1696, agora sob a forma de questões concernentes à ortografia e significado de algumas palavras, a par de orações sobre temas da física, geografia e história<sup>88</sup>. A orientação eminentemente historicista da Academia Real, fundada em 1720, constituiu certamente uma desilusão para o teatino, ao ponto de ter manifestado o seu protesto nas sessões da Academia Portuguesa, através da «Prosa apologetica, justificação de huma soberana princeza, injustamente exclua das doudas Conferencias da Academia Real de Lisboa», sendo a referida princesa a ortografia, «Emperatriz de toda a escritura»<sup>89</sup>. Em virtude desta desatenção, a casa do Conde da Ericeira continua a ser o palco privilegiado da reflexão linguística, empreendendo o teatino uma série de lições sobre ortografia, recuperando e actualizando as notícias que publicara no *Vocabulario*, no início de cada letra<sup>90</sup>.

A leitura dos artigos do *Vocabulario* e *Suplemento* correspondentes às palavras analisadas nas Academias permite-nos concluir que as reflexões foram integradas no texto lexicográfico, com referências que por vezes incluem uma síntese do debate<sup>91</sup>. O facto de

<sup>88</sup> Ao todo apresenta nove questões: «I. *Se a penultima syllaba deste nome Academia se ha de pronunciar breve, ou longa.* II. *Se no idioma Portuguez esta palavra Colonia, tem terceiro significado.* III. *Se he boa Ortographia a de certo Autor Portuguez de boa nota, que em lugar de C com cedilha, poem dous SS. verb. gratia, Conceissaõ, Anunciassaõ, &c. ao contrario do commum que diz, Conceiçaõ, Annunciaçaõ, &c.* IV. *Se tambem havemos de seguir a Ortographia dos que a todas as palavras, que começã por ST. ou or SP tiraõ o E, escrevendo em lugar de Estrella, Strella, e por Espirito, Spirito.* V. *Se assim como de alguns substantivos Latinos, que acabaõ em As, v. g. Bonitas, Gravitas, Magnanimitas, &c. tomamos Bondade, Gravidade, Magnanimidade, &c. Poderamos tomar do Latim voluptas, voluptade.* VI. *No quinto tomo dos seus Sermoens pag. 318. diz o Padre Antonio Vieira, fallando em huma tormenta: Achicaraõ de repente as bombas, que quer dizer, aqui, Achicar.* VII. *Na Chronica delRey D. Affonso o V. cap. 30. pag. 203. col. 2. fallando de Duarte de Menezes, cercado em huma Praça de Africa, diz o Author: Mostrando que queriaõ recolher o almargem em huma Praça de Africa. Pergunta-se que quer dizer Almargem neste lugar.* VIII. *Na Chronica do Condestable de Portugal D. Nuno Alvarez Pereira, pag. 53. col. 1. diz o Author: Os Castellaõs, e Castoens com seu roubo jaziaõ, &c. Perguntase que quer dizer Castoens.* IX. *Se no idioma Portuguez Cobra he o mesmo que Serpente» (Prosas Portuguezas, I: 23-25).*

<sup>89</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 170-185. As sessões da Academia Portuguesa prolongaram-se até 1722.

<sup>90</sup> «Prosa grammatonomica, portugueza, ou regras, e leys, para o uso das letras do Alfabeto Portuguez, na escritura, e na pronunciaçaõ» (*Prosas Portuguezas*, II: 186-220). Trata-se de uma importante reflexão crítica, em que Bluteau confronta as lições dos ortógrafos portugueses e explicita as opções seguidas no *Vocabulario*, no que respeita à ortografia. À data, os oito volumes estavam concluídos e o autor assume inúmeras falhas e incongruências, como notaremos oportunamente (cf. cap. IV.4.2.).

<sup>91</sup> Por exemplo, no artigo RECRUTA (cf. *supra* a informação registada nas *Prosas*) Bluteau incluiu a seguinte nota: «Nas conferencias eruditas, que se celebrãõ na livraria do Conde da Ericeyra, anno de 1696, em lugar de *Recruta*, vocabulo estrangeyro, foy proposto *Reforço*, palavra nacional, mas achando, que não explicava adequadamente, se admittio *Recruta* [...]» (*Voc.*, s.u.). Cf. também os

a opinião expressa pelo autor ser secundada por um grupo de homens doutos certamente constituiria uma acreditação suplementar, mas a referência aos académicos é ocasional e, na maior parte das vezes, aduzida a título de curiosidade. De resto, o número de palavras estudadas constitui uma percentagem reduzidíssima da globalidade das entradas.

A Academia Portuguesa extinguiu-se sem que, no entender de Bluteau, avançassem os estudos em duas áreas problemáticas da língua portuguesa: a normalização da ortografia e a dicionarização do vocabulário antigo<sup>92</sup>. Perante tais lacunas, lembra que em outros reinos — novamente a França — essas obras haviam encontrado bom acolhimento<sup>93</sup>.

Apesar das referidas divergências, Bluteau consolidou nos últimos anos de vida o prestígio entre os eruditos portugueses. O dicionário, as contribuições académicas e a publicação de uma colectânea como as *Prosas Portuguezas* (1727-1728) transformaram o teatino em árbitro linguístico e estético, numa época em que o domínio das belas letras constituía uma importante mais-valia nos complexos mecanismos de reconhecimento social<sup>94</sup>. As *Prosas* caracterizam-se pela variedade temática das composições, o conhecimento abrangente e integrador dos múltiplos ramos do saber que são próprios do sábio cristão. O discurso académico, tal como D. Rafael o concebe, não se confina aos limites do literário ou do científico, residindo o desafio precisamente na conjugação da literatura e da erudição, da ciência e da religião.

Nas *Prosas* a reflexão linguística não se circunscreve ao «Oratorio Requerimento», à «Prosa Apologetica» e à «Prosa Grammatonomica», alargando-se a um conjunto de excursos em que a temática da língua está presente, inserida em discursos académicos que não lhe são subordinados. É possível identificar casos de intertextualidade entre as *Prosas* e o *Vocabulario*, sob a forma de remissões para artigos em que se resumem intervenções nas reuniões do Conde da Ericeira:

Nesta mesma Academia dos Generosos [...] tenho recitado outras lições Academicas, das quaes as principaes são: Da possibilidade da Pedra Filosofal. Se ha no Mundo huma nação de Pygmeos? Se o Phenix he ave verdadeira, ou fabulosa? Se he verdade, que o Pelicano abre com o bico o peito,

---

artigos do *Vocabulario* ANIMOSIDADE, DESTACAMENTO, EMA, PROJECTO. As palavras cuja introdução foi considerada desnecessária, como PARAGONAR, não constituem entrada no dicionário.

<sup>92</sup> «finalmente na Orthografia Portugueza, como na casa onde não ha pão, todos gritaõ, e ninguem tem razaõ, porque até não assentarem os Doutos, como o tem feito os das outras naçoens, o modo com que se ha de escrever, sempre haverá contendias, e não saberá o vulgo quem tem razaõ» (*Supp.*, I: «Advertencias a todo o leitor»).

<sup>93</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 26.

<sup>94</sup> Almeida, 1996: 224.

para com o sangue sustentar o filhos? Não trago aqui as liçoens, que recitey sobre estes assumptos, por não repetir nellas muitas noticias, e razões, que no meu Vocabulario se acháraõ impressas na letra P, na declaração das palavras Pedra Filosofal, Pelicano, Pheniz, Pygmeo<sup>95</sup>.

Este caso particular, além de ilustrar o reaproveitamento de materiais, demonstra a intercomunicação entre os textos académico e lexicográfico, só possível porque existe uma convergência tanto no que respeita à selecção de temáticas, como ao nível da recepção, uma vez que se considera que o público académico e o leitor implicado do *Vocabulario* partilham os mesmos interesses. Esta associação de contextos, que dignifica o conteúdo do dicionário ao ponto de permitir a citação nas academias, concorre, indirectamente, para a nobilitação da obra lexicográfica.

#### 2.4. Produção literária

Além das *Prosas Portuguezas*, importa considerar dois campos da produção literária de Bluteau que se relacionam com o labor lexicográfico. A experiência da escrita e compilação dos sermões, em que se exercita a selecção de conceitos e de lugares predicáveis, não pôde deixar de influenciar a redacção de artigos dicionarísticos plenos de auxílios à oratória sacra, com clara preponderância no conjunto da informação retórico-literária. Por outro lado, a composição do *Oraculum utriusque testamenti*, um dicionário de concordâncias bíblicas com ordenação alfabética, proporcionava um constante acesso a citações, sentenças e desenvolvimentos retóricos em latim, aproveitáveis para o *Vocabulario*, cuja redacção decorria em simultâneo.

Apesar de não caber no presente trabalho uma resenha da extensa e variada produção poética do teatino, deve assinalar-se a obra *Lucerna sepulcralis*, que permanece manuscrita, mas num estado de organização que demonstra a intenção de publicá-la. A *Lucerna* é uma recolha de milhares de epitáfios, redigidos em latim, que compreende desde textos da Antiguidade, até composições contemporâneas de Bluteau, dedicadas a personalidades da nobreza portuguesa<sup>96</sup>. A ordenação do conjunto é temática, de acordo

---

<sup>95</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 51.

<sup>96</sup> *Lucerna Sepulcralis, Cujus Radii Epitaphia Vetera et Nova, Rudia, et Elegantia, et Sepulcralia Elogia recordatione digniora; Secundum Dignitates, Aetates, et Officia, Dotes, Moresque Personarum distributa in classes [...]* (B.N.L., Cod. 3354). Trata-se de um volumoso manuscrito, com 375 fólios.

com os cargos, dignidades ou época da figura a quem o epitáfio se dirige. As categorias são variadas — bispos, abades, reis, guerreiros, oradores, historiadores, oradores, médicos, pintores, astrónomos, geógrafos, personagens mitológicas, entre outras — e no espectro de nomes citados encontram-se, por exemplo, Erasmo (1466-1536), François Rabelais (1494-1553), Albrecht Dürer (1471-1528), Peter Rubens (1577-1640) ou Pieter Bruegel (c.1525-1569). A *Lucerna* revela o interesse de Bluteau pela informação de tipo biográfico, mas não há notícia de que a obra tenha sido composta a par do *Vocabulario*, nem evidências de uma intercomunicação entre os textos.

#### 2.4.1. Os sermonários

Como se notou anteriormente, os teatinos proporcionavam aos seus padres uma cuidada preparação em retórica, tendo em vista formar exímios pregadores que pudessem apresentar-se perante a alta sociedade. Não surpreende que em 1664, com 25 anos, encontremos Bluteau na capela real de França, pregando perante Luís XIV e a rainha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França. Os biógrafos relatam-nos que o agrado foi tal, que o padre foi convidado a repetir as celebrações nos três anos seguintes e que a rainha o nomeou pregador ordinário da sua capela<sup>97</sup>.

Quando em 1668 é enviado para Portugal, o sucesso no púlpito será justamente uma das principais motivações para a aprendizagem da língua. Os depoimentos da época sublinham a rapidez com que Bluteau principia a falar português com correcção, especialmente no que respeita à pronúncia<sup>98</sup>. Uma leitura dos índices dos seus sermões

---

<sup>97</sup> Cf. Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 285-286. Até ao fim da vida não dispensará o título de pregador da rainha Henriqueta Maria, colocando-o no rosto da suas obras, a par das funções de qualificador do Santo Ofício.

<sup>98</sup> De tal facto nos dá conta Fr. António dos Arcanjos, na censura ao primeiro volume das *Primicias*: «Porque alem de não encontrarem a pureza da Fè Catholica, podem servir de credito à Nação Portuguesa, porque censurando de imperceptiuel a pronunciação do seu Idioma alguns estrangeiros, sendo-o em Portugal o Author destes Sermoens, desuaneceo a difficultade com a demonstraçõ que faz nos discursos, que exprime com acentos taõ proprios, & naturaes, que sendo Frances por natureza, mostrase Portuguez na lingoa» (Bluteau, *Primicias...*, 1676). Veja-se também o testemunho de Monterroio Mascarenhas, que relata a actividade do padre, após o regresso de Paris, em 1681: «Continuou a prégar neste Reyno com alguma inveja dos naturaes, mas com estimaçam de todos: o seu espirito era igual à sua eloquencia; e ambos eram grandes. A fama do seu nome fazia as festividades mais solemnes; e se por esta razam crescia cada vez mais o seu trabalho, avultava

permitirá constatar que Bluteau se dirigia a uma audiência selecta, tendo como palcos principais a Capela Real, a Casa da Divina Providência, conventos ou cerimónias que reuniam a nobreza<sup>99</sup>.

Em 1676, Bluteau principia a edição de uma colectânea, sob o título genérico de *Primicias Evangelicas*. Segue-se um segundo tomo, em 1685, e um terceiro, datado de 1697, impresso em Paris<sup>100</sup>, cada um recolhendo 20 sermões, que testemunham o desempenho do teatino em púlpitos prestigiados, como a Capela Real e os mais importantes conventos de Lisboa.

A publicação dos *Sermoens panegyricos, e doutrinaes* (1732-1733), já nos últimos anos de vida, é uma reedição das *Primicias*, que decerto se encontrariam esgotadas, aproveitando para incluir sermões posteriores a 1697. Esta última colectânea refunde alguns sermões proferidos em celebrações oficiais e que, não tendo sido incluídos nas *Primicias*, estariam também fora do mercado<sup>101</sup>.

---

tambem cada dia mais a sua fama. Causava nam só admiraçam, mas espanto, ver possuir mais perfeitamente hum estrangeiro a propriedade da lingua Portugueza, do que muitos nascidos, e criados em Portugal» (Faria, *Obsequio funebre...*, 1734: 8-9).

<sup>99</sup> Bluteau foi convidado para ocasiões solenes, que exigiam inclusive uma preparação com largos meses de antecedência, como se verificou no *Sermão nas exéquias de D. Manuel*. Em 22 de Julho de 1671, Diogo Soares informa Bluteau sobre a data exacta e percebe-se que já anteriormente os pormenores da envolvência cénica haviam sido discutidos: «S.or Meu. o sermaõ das exequias do N. Rei Dom M.el hade ser a segunda f.ra quatorze de Dez.bro e ja se tem considerado, o impedim.to que V. P.e apontou da armaçaõ por que tudo hade estar pervenido para este dia esta naõ fosse demais [...] ficamos esperando com grande alvoroso p.a o ouvir. [...]» (B.N.L., Cod. 7.701).

<sup>100</sup> «[...] julgando que esta Corte já não fazia da sua pessoa a mesma aceitação, se resolveo a sahir de Portugal. Tinha já dado á luz em Lisboa dous Tomos de seus Sermões [...]; e com o pretexto de imprimir o terceiro, e outras suas obras com maior commodidade em 1697. passou a França» (Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 304). Nos paratextos deste tomo encontramos abundantes testemunhos da precária posição de Bluteau na corte: são claras as críticas aos vícios dos portugueses, destacando a dissimulação e impossibilidade de falar abertamente.

<sup>101</sup> Como seria o caso dos sermões nas exéquias da rainha D. Maria de Sabóia, do rei D. Manuel II ou do Barão de Bateville. Também há registo de colectâneas publicadas no estrangeiro, contendo traduções de sermões proferidos em Portugal. É o caso dos *Sermoni overo Panegirici...* (Veneza, 1683) e de uma colectânea, noticiada por Caetano de Bem, que não conseguimos localizar: «Escuela del Calvario, Repartida en Cinco Claves. Su Autor, el Padre Don Rafael Bluteau C. R. Traducida de Portugues en Castellano por el Licenciado Luis de Oliveira, Presbytero Lusitano. Estes Sermoens andaõ impressos na Parte II. da Laurea Lusitana, impressa em Madrid por Garcia de la Iglesia, 1670» (Caetano de Bem, *Catalogo das Obras Literarias...*, B.N.L., Cod. 187). Se a edição do primeiro livro parece dever-se aos contactos com os teatinos em Itália, o segundo é um indício de algum prestígio de que Bluteau gozava no país vizinho, o que é corroborado pela sua correspondência. Entre as cartas dirigidas a Bluteau, em castelhano, encontramos a de um Dom Francisco Ambrosio, datada de 1726, e que testemunha o reconhecimento das *Primicias* e de vários sermões soltos, que os livreiros faziam chegar até Salamanca (B.N.L., Mss., Cx. 24, nº 93).

No «Antiloquio» do terceiro volume das *Primicias* encontramos a mais elaborada e divulgada reflexão de Bluteau sobre os métodos de pregar<sup>102</sup>. O conhecimento experienciado no que respeita aos estilos de pregação autorizava o teatino a escrever sobre a temática: «Em Italia, França, Castella, Portugal, e finalmente em todos os Reynos da Christandade ha Prégadores de grande nome, e todos no mesmo exercicio tem diferente estylo, porque da natureza, e da Patria tiveraõ todos diferente genio»<sup>103</sup>. Opta por uma via conciliatória, evitando as disputas entre defensores de estilos e contornando uma questão sensível que suscitava muitas críticas por parte dos detractores do método português: o abuso no emprego do conceito conduzia facilmente a desvios ao espírito da sagrada escritura, dado o esforço em surpreender o auditório com inesperadas aduções de locais bíblicos e engenhosas provas<sup>104</sup>.

Entre nós, e como conclui Aníbal Pinto de Castro no estudo que dedicou a esta temática, não encontraremos obras teóricas nacionais versando a retórica eclesiástica<sup>105</sup>, mas somente pequenos manuais manuscritos por pregadores e destinados a uso pessoal ou ao ensino num círculo restrito, em que anotavam regras, exemplificadas com breves excertos de sermões. Em face desta carência, os oradores recorriam aos sermões publicados, pelo que os autores mais apreciados convertem-se em padrões estéticos e dos seus textos os imitadores procuram colher os princípios teóricos para a construção da sua própria prédica<sup>106</sup>. A organização dos sermonários já considerava o seu aproveitamento pelos pregadores, na medida em que fornecia instrumentos paralexigráficos que

---

<sup>102</sup> Trata-se do «Antiloquio panegyrico, critico, e parenetico [...] Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Cascaes». O destinatário é D. Luís Álvares de Sousa e Ataíde, 2º Marquês de Cascais, enviado para Paris em 1695, como embaixador extraordinário a Luís XIV.

<sup>103</sup> Bluteau, *Primicias...*, 1697: 11.

<sup>104</sup> Esta visão decorre da experiência pessoal, pois, como testemunha no fim do *Antiloquio*, o seu estilo era uma combinação de influências. Apesar de seguir o costume português, havia introduzido a amplificação italiana e a divisão francesa: «com curiosa docilidade dobrey o genio, e o estylo ao uso da Rhetorica Italiana, Franceza, e Portugueza, e sem apurar excellencias de estylos [...] todo o meu estudo foy parecer em Italia Romano, em França Parisiense, e Ulyssiponense em Portugal [...] assim não tive escrupulo de enxerir em alguns sermoens Portuguezes entre os conceitos alguma descripção, ou amplificação ao modo de Italia, e em todos sempre usei de divisaõ ao modo de França, o que depois se foi introduzindo de sorte, que hoje raro he o prégador Portuguez, que acabado o exordio não divida em duas, ou tres partes a materia do seo discurso» (*ibidem*: 36).

<sup>105</sup> A obra internacional mais divulgada entre nós terá sido a *Rhetorica ecclesiastica* (1576), de Frei Luís de Granada, enquanto manual adoptado pelos jesuítas.

<sup>106</sup> O caso mais notório é, sem dúvida, o dos *Sermões* do P. António Vieira, publicados entre 1679 e 1748, com grande sucesso editorial; o culto do seu estilo fez dos seus escritos «paradigmas perfeitos,

proporcionavam um conspecto sobre a totalidade da obra e permitiam um acesso rápido à informação contida no volume, através da indexação de palavras, de temas, ou de lugares dos textos sagrados<sup>107</sup>.

Também os sermões de Bluteau são indexados, o que não constitui novidade, visto que, no século XVII, os índices temáticos ou de coisas notáveis se generalizaram em obras de tipo enciclopédico<sup>108</sup>. As entradas correspondem a palavras-chave, seguindo-se uma série de excertos de sermões onde são referidas, com remissão para a página ou parágrafo<sup>109</sup>. Se compararmos os índices das *Primicias* com os dos *Sermões* de Vieira, verificamos que a estrutura de ambos é muito semelhante<sup>110</sup>. As entradas reportam-se às temáticas mais comuns na oratória sagrada, com claro predomínio do universo bíblico e dos termos relacionados com a moral<sup>111</sup>.

---

inculcados a pregadores, principiantes ou experientes, determinando assim uma influência decisiva na parenética do barroco português» (Castro, 1973: 111).

<sup>107</sup> Por exemplo, cada um dos 15 volumes dos *Sermões* de Vieira, publicados entre 1679 e 1748, é acompanhado de um «Índice das cousas mais notáveis», que constitui um conjunto paratextual de extensão considerável.

<sup>108</sup> A extensão destes índices é a seguinte: tomo I, 44 páginas; tomo II, 24; tomo III, 22.

<sup>109</sup> E.g., «Porque razão, não revelou Abraão a Sara, o intento que tinha de sacrificar a Isaac» (Bluteau, *Primicias...*, 1697).

<sup>110</sup> Embora o índice de Vieira seja bastante mais copioso. A título de exemplo, comparámos o 1º tomo dos *Sermões* (1679) e o 2º das *Primicias* (1676), impressos na oficina de Miguel Deslandes, com formato e arranjo tipográfico muito semelhantes. Considerando a proporção entre o número de entradas do índice e o número de páginas de sermão em cada uma das obras, a obra de Bluteau tem cerca de metade do número de entradas.

<sup>111</sup> Podemos definir alguns campos que se destacam pela grande quantidade de entradas. Os exemplos são retirados da edição de 1676:

- nomes próprios: *Abel, Abraham, Absalaõ, Adam, Caifaz, Herodes, Jephte*;
- locais bíblicos: *Calvario, Cenaculo, Cruz, Horto de Getsemari*;
- referências da Antiguidade clássica: *Alexandre, Cataõ, Cesar, Diogenes, Lecedemonios*;
- hagiografia: *Santo Antonio, S. Ioaõ Bautista, S. Iam de Deos, S. Joam Euangelista*;
- terminologia da teologia cristã: *Anjos, Antichristo, Cristo, Demonio, Deus, Espiritu Santo, Lucifer, / Bautismo, Eucharistia*;
- expressão do pecado e da virtude: *Avareza, Ambiçam, Amor, Castidade, Constancia, Desuelo, Dignidade*.

As demais palavras que constituem entrada também são frequentes no discurso sacro, permitindo variadíssimas explorações simbólicas, como *agua, cabeça, coroa, deserto, estrella, lagrimas, luz*.

### 2.4.2. O *Oraculum utriusque Testamenti*

O *Oraculum*, de entre as obras de Bluteau, será aquela que tem merecido menos atenção, talvez pelo facto de ser integralmente escrita em latim<sup>112</sup>. Trata-se de um monumental dicionário de conceitos predicáveis, cuja escrita ocupou largos anos de trabalho ao autor. Já nas *Primicias Evangelicas*, datadas de 1676, Bluteau nos informa acerca da complexa tarefa de compilação de dados para o *Oraculum*, afirmando mesmo que sua extensão delongaria decerto a publicação<sup>113</sup>. No exílio de Alcobaça adiantou a execução, de modo que em 1712 pôde apresentar na Corte o primeiro volume, pronto para ser impresso<sup>114</sup>. Bluteau completou a obra, como se pode verificar pela leitura dos volumes autógrafos, que ainda se conservam<sup>115</sup>. No entanto, a publicação só terá lugar em 1734, já após a morte do autor, não avançando para além do primeiro tomo, que contém as letras A e B.

Se os códices que chegaram até nós representarem a única cópia existente, a fixação do texto para ser impresso seria uma tarefa morosa e complexa, devido às constantes dificuldades de leitura que o manuscrito suscita. A expectativa de recepção de uma obra de tão grande dimensão e redigida em latim poderia não justificar a árdua tarefa, ao ponto de a impressão ter sido suspensa, considerando a menor procura de textos em latim e a existência uma produção em vernáculo neste domínio. De facto, as recolhas de conceitos predicáveis foram muito abundantes no último quartel do século XVII e no

---

<sup>112</sup> *Oraculum utriusque Testamenti ad promiscuas in Sacra Biblia interrogationes, servato literarum ordine, responsa reddens, et Verbi Divini praeconibus viam aperiens ad innumerabiles argutas sententias, quas vocant conceptus praedicabiles, ex multiplici Sacrarum Literarum sensu, ac praecipuè literalí, pro sermonis opportunitate eruendas [...], 1734.*

<sup>113</sup> «Tenho dado principio a huma obra de muitos volumes sobre toda a sagrada Escritura, com o titulo de *Oraculum vtriusque Testamenti*, mas reparando na vagarosa dilaçam, que pede o dilatado desta obra, & nam querendo ficar todo este intervallo de tempo, sem dar a V. A. alguma demonstraçam da minha vassalagem, determinei de prevenir os futuros sacrificios com este pequeno tributo» (Bluteau, *Primicias...*, 1676).

<sup>114</sup> «Tinha o Padre D. Rafael Bluteau já prompto para sahir á luz o primeiro Tomo da sua grande obra *Oraculum utriusque Testamenti*, este offereceo, estando ainda em Alcobaça, ao Cardeal D. Nuno da Cunha e Ataide, que o apresentou a ElRei, a quem o mesmo Cardeal já tinha apresentado os Tomos do Vocabulario Portuguez, e Latino, que já estavam impressos» (Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 311).

<sup>115</sup> B.N.L. Cod. 3000 a 3002. O texto encontra-se encadernado em três volumosos códices. O caderno correspondente ao volume publicado é notoriamente uma segunda versão; os restantes estão repletos de emendas e notas sobrepostas em folhas coladas. O códice 3000 compreende as letras A-D, o 3001 as letras E-L e o último as letras M-Z.

início do século seguinte, como conclui Aníbal Pinto de Castro, que efectuou um levantamento de documentos deste género em fundos bibliográficos portugueses<sup>116</sup>. Destinadas ao uso dos pregadores, como facilitadores da elaboração discursiva, estas listas tornaram-se frequentes nas livrarias dos conventos, para além das que eram compostas para uso pessoal. Em geral, eram inventário ordenados alfabeticamente, em que se compendiam provas e argumentos, sem pretensões de originalidade; algumas recolhas mais elaboradas foram publicadas, deixando antever nos títulos a intenção de servirem de *vade mecum*<sup>117</sup>.

A designação de oráculo não é incomum em obras do século XVII e XVIII, aplicando-se a tratados dedicados à interpretação do texto bíblico. A definição que o autor apresenta no *Vocabulario* precisa o sentido do título: «Oraculos Divinos, são as palavras de Deos na Sagrada Escritura. Oraculos tambem chamamos às repostas [*sic*] dos Summos Pontifices, às sentenças, & decisões de graves Autores, homens sabios, & doutos»<sup>118</sup>.

Na dedicatória endereçada ao Cardeal da Cunha e a D. João V, o autor apresenta o livro como um oráculo de expressões ambíguas e de assuntos narrados nos textos bíblicos, tendo em vista a formação de conceitos predicáveis. Insistir-se-á particularmente na variação dos conceitos, podendo os pregadores recorrer quer às figuras da retórica, quer à aplicação dos princípios lulianos. Seguem-se as «Praeviae notiones ad conceptus praedicabiles inventionem, constructionem, variationemque utiles», que se estendem ao longo de 115 páginas, e que na prática constituem um tratado de retórica, embora o autor sublinhe a sua função preambular<sup>119</sup>.

Num primeiro capítulo, dedicado à natureza do conceito predicável, define-o como uma agudeza, levemente obscurecida pelo engenho divino, aclarada pelo engenho humano e confirmada pela autoridade do escritor sagrado<sup>120</sup>. Sublinhando o enorme prestígio do

<sup>116</sup> Castro, 1973: 134-138.

<sup>117</sup> A título de exemplo, citamos, de Cristóvão de Lisboa, o *Jardim da Sagrada Escripura. Disposto em modo alphabetico. Com hum elenco de discursos, & conceitos sobre os Evangelhos das domingos, quartas, & sextas feiras da Quaresma, & domingos do Advento...*, 1653. Temporalmente mais próximo da publicação do *Oraculum* encontramos, de Frei António da Expectação, *A Estrella d'Alva Applicada. Breviario de varios assumptos, e ideas predicaveis de varios Santos, e outros sermoens de entre anno...*, 1727.

<sup>118</sup> *Voc.*, s.u. ORÁCULO.

<sup>119</sup> Caetano de Bem, que conhecia os manuscritos e o seu conteúdo, cita este título como se de uma obra independente se tratasse (Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 285).

<sup>120</sup> «Conceptus praedicabilis est argutia, ab ingenio Divino leviter involuta, ab humano ingenio scitè dilucidata, & sacri scriptoris auctoritate firmata» (Bluteau, *Oraculum*, «Praeviae notiones»: 2). Esta

conceito predicável entre todos os ornamentos da facúndia eclesiástica, procura diferenciá-lo de outros artifícios que somente pretendiam conquistar o auditório pelo espanto que provocavam. No período em que estudou em Roma, pôde observar o sucesso dos pregadores que construía intrincados discursos entrelaçados e cujo sucesso assentava em prodigiosas exibições de memória e no modo como pronunciavam frases expressivas de um fôlego. Acumulavam nos sermões grande quantidade de informação erudita, retirada de obras como a *Officina* (1610) e a *Cornucopia* de Ravísio Textor, a *Polyanthea* (1639) de Josephus Longius ou os *Mysteria Numerorum* (1617) de Petrus Bungus<sup>121</sup>.

Porque a formação e desenvolvimento dos conceitos passava, em regra, pela aplicação das chamadas figuras de retórica, o corpo deste tratado é composto por um longo catálogo de tropos, cujo título aponta desde logo para uma técnica de potenciação do aproveitamento das fontes bíblicas: «Ejusdem Conceptûs Praedicabilis per insigniores oratorum figuras variatio»<sup>122</sup>. Não obstante, como alega Bluteau, o processo não se esgotaria nas figuras de retórica, pois com a aplicação dos princípios combinatórios da *Ars magna sciendi* de Raimundo Lúlio seria possível uma variação ainda mais significativa<sup>123</sup>.

---

definição assemelha-se à que encontramos no *Vocabulario*: «Conceito. Pensamento. Idea, imagem, que fórma o entendimento de alguma cousa. [...] Conceito. Parto do engenho. [...] Conceito predicativo. He huma argucia da mente divina, lèvemente encuberta debaxo de algum dos sentidos da sagrada Escritura, & sutilmente explicado pelo engenho humano, em ordem a alguma sentença, ou d'ocumto moral. [...]» (*Voc.*, s.u. CONCEITO). Como notou Maria Lucília Gonçalves Pires, Bluteau baseia-se na formulação consagrada por Emanuel Tesauro, no seu *Canocchiale Aristotelico* (1665): «un'argutia simbolica, leggiermente acennata dall'ingegno divino, leggiadramente svelata dall'ingegno humano e rifermata con l'autoritâ di alcun sacro scrittore» (citado por Pires, 1991: 129-130).

<sup>121</sup> Bluteau, *Oraculum*, «Praeviae notiones»: 8. O teatino cita um conjunto de obras de referência, de tipo enciclopédico, que conheceram larga difusão, e que permitiam um acesso facilitado a informações de cariz erudito, compendiadas alfabeticamente. Dos três autores, Ravísio seria o mais divulgado, mas todas as obras, publicadas originalmente no século XVI, encontravam ainda acolhimento no século seguinte: *Theatrum poeticum et historicum, sive officina Io. Ravisii Textoris*, 1610; *Petri Bungi Bergomatis Numerorum mysteria ex abditis plurimarum disciplinarum fontibus hausta...*, 1617; *Florilegii magni, seu, Polyanthae floribus nouissimis sparsae, libri XX...*, 1639.

<sup>122</sup> Bluteau, *Oraculum*, «Praeviae notiones»: 29-115.

<sup>123</sup> *Ibidem* : 22. Importa notar que esta referência à combinatória luliana constitui um aspecto relevante na história do pensamento filosófico português. As doutrinas de Raimundo Lúlio (c. 1230-1315) foram desde cedo conhecidas em Portugal, estando a difusão de textos atestada desde o século XIII. Todavia, no século XVII a sua repercussão não foi intensa, nem determinante, pelo que o contributo de Bluteau se revestirá de alguma notoriedade. Cf. Caeiro, 1960, 1989.

No que respeita ao dicionário, encontra-se dividido em duas secções. Em primeiro lugar, um índice dos temas dos conceitos predicáveis, extraídos dos diferentes significados das palavras bíblicas<sup>124</sup>. A título de exemplo, citamos as entradas iniciais:

ABALIENARE peccatum non modò est à summo bono recessus, sed retrocessus. Qui se, neglecto, & post habito pudore, ad turpitudines abjiciunt, alienatâ mente censendi sunt.  
 ABIES in mundi viridario, vernantes floribus arbores, degenerant in cupressos. Sapientis est, alienis sapere ruinis, & sibi cavere.

Segue-se o reportório dos locais da sagrada escritura, sob a forma de concordâncias, que serviram para a elaboração dos conceitos predicáveis<sup>125</sup>:

ABJICERE. Abjicite Deos alienos, qui in mediis vestri sunt. Gen. 35. 2.  
 ABIRE. Beatus vir, qui non *abiit* in consilio impiorum, & in via peccatorum non stetit. Psalm. 1. 1. *Abiit* Ruben, & dormivit cum Bala, concubina patris sui. Gen. 35. 22. *Abierunt* post pravitatem cordis sui, & post Baalim, quod didicerunt à patribus suis. Jerem. 9. 14. Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum, & mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor, erit ultra, quia prima *abierunt*. Apocal. 21. 4.

Nos artigos, Bluteau não se limita a listar uma série de ocorrências, pois estabelece distinções entre acepções, de modo a garantir que a temática que o orador pretende desenvolver está de acordo com o sentido da passagem bíblica.

MAGNIFICENTIA  
 ORACVLVM. Gloria. Honor. Maiestas. Omnipotentia.

Magnificentia, *Gloria*  
 Deut. 32. date magnificentia deo nostro  
 [...]  
 Magnificentia, *Honor*  
 Psalm. 70. multiplicasti magnificentiam tuam  
 110. confessio et magnificentia op.a eius  
 [...]  
 Magnificentia, *Maiestas*  
 1. Par. 17. fecisti omnem magnificentiam hanc  
 Esth. 1. ut magnificentia regia dignum erat  
 [...]  
 Magnificentia, *Omnipotentia*  
 Deut. 33. magnificentia eius discurrunt nubes  
 1. Par. 29. tua est domine magnificentia  
 [...]

<sup>124</sup> «Themata conceptuum praedicabilium ex varia biblicarum dictionum significatione. Deprompta, et in primo, ac secundo tomo, litterarum ordine disposita». No volume impresso, ocupa as pp. 117-163 e inclui informação referente aos dois primeiros tomos (entradas ABALIENARE a FUROR).

<sup>125</sup> «Loca sacrae scripturae quibus in primo, et secundo volumine utitur author ad themata conceptuum praedicabilium. Non servatur ordo bibliorum, sed vocum» (Bluteau, *Oraculum*: 164 e ss.).

A vinculação ao texto bíblico faz com que as “acepções” estabelecidas não possam ser directamente aplicadas num dicionário como o *Vocabulario*, em que se valoriza a propriedade de sentido da língua latina, aferida com exemplos de autores do período clássico, que eram privilegiados nos dicionários latinos em que Bluteau se inspirou. Veja-se a informação latina registada no *Vocabulario*, s.u. MAGNIFICENCIA:

MAGNIFICENCIA. He virtude, que consiste em hũa prporcionada mediania de despezas, com fim honesto [...]

*Magnificentia, ae. Fem. Cic.*

Magnificencia. Grandeza, pompa, e liberalidade em materias de grande custo.

*Magnificentia, ae. Fem. Splendor, is. Masc. Cic.*

Magnificencia em edificios, vestidos, & banquetes. *Aedium, vestium, epularum magnificentia. Cic.* Para que a magestade do Imperio se visse na magnificencia dos edificios publicos: *Ut maiestas Imperii aedificiorum egregias haberet auctoritates. Vitruv.*

Além das concordâncias, a maioria dos artigos alarga-se em informações históricas e culturais, e interpretações dos doutores da igreja a propósito de passos bíblicos. Neste aspecto em particular, o tipo de conteúdos seleccionados assemelha-se aos que podem ser encontrado no *Vocabulario*, com a ressalva de que no *Oraculum* são desenvolvidos com um pormenor e prolixidade que não tinham lugar na configuração tipológica de um dicionário de língua, ainda que universal. O confronto entre artigos revela coincidências, especialmente em entradas que evocam tópicos recorrentes no discurso religioso:

— *Oraculum*, s.u. SERPENS

[...] Quamvis serpens, ut alia animalia, esset hominis subiectus, illique nocere non posset, habebat tamen peculiarem cum homine antipathiam, cuius causam perscrutantes philosophi, dicunt, quod serpens est frigidae, et siccae temperiei, homo vero est calido, et humido temperamento praeditus. [...]

Evam invitaturus ad comendum, serpentis figuram mutuatur; serpenti enim, et Diabolo magis congruit homo satiatu, quam ieiunius. Narrat Plinius serpentes ab hominis ieiuni salivâ, tanquam ab aquâ ferventi abhorre, quoniam haec si fauces anguium intraverit, illicó perire dicuntur. [...]

In hoc quoque convenit Diabolum cum serpente, quod uterque metuit hominem nudum. Timet serpens hominem exutum, timet Diabolus hominem exutum affectibus.

— *Voc.*, s.u. SERPENTE

[...] Os Filósofos, que querem dar a razão, porque a saliva do homem em jejum na garganta da Serpente, a mata, dizẽ q̃ h e effeyto da grãde antipathia de hum com outro, porque o temperamento da Serpente he frio, & secco, & o do homem he quente, & humido. Escreve Santo Isidoro, que a Serpente não tem medo do homem senão quando o vê nũ, deve de reconhecer nelle o dominio que nella tinha, quando o tentou estando ainda nũ. [...]

Per amoena paradisi ambulacra spatiabantur primi parentes, tam nudi corpore, quam nudâ simplicitate, et veritate, fiebantque hac geminâ nuditate serpenti simul [...]. [Nota marginal: S. Isidor. lib. 12. Orig. cap. 4. affirmat hominem nudum à serpente timeri [...] Non ergo sine causâ, contra hominis nuditatem foedus iniit Diabolus cum serpente, ambo enim sibi metuunt ab homine nudo; pertimescit serpens nuditatem corporis; nec vinci timet Diabolus nisi ab homine nudae veritatis amatore, et omni terrenarum voluptatum, divitiarumque cupiditate exuto.

Os dois dicionários têm em comum o facto de servirem de auxílio à composição literária, constituindo um precioso suporte à elaboração do discurso nos moldes barrocos, facilitando a amplificação e a variação, de acordo com os gostos vigentes. Mas o *Oraculum*, porque é especificamente orientado para esse fim, amplifica o mesmo tópico que no *Vocabulario* surge sob a forma de síntese. Se considerarmos que as obras foram elaboradas simultaneamente, podemos aceitar o cruzamento de dados aquando da escrita dos artigos, aproveitando e traduzindo para o dicionário português um conjunto de notícias que na tradição escrita circulavam em latim.

## II – PENSAMENTO LINGUÍSTICO DE BLUTEAU

O *Vocabulario* foi configurado tendo em conta uma tradição de obras gramaticográficas e lexicográficas, particularmente direccionadas para o vernáculo, e os traços essenciais da reflexão metalinguística do autor podem ser encontrados na leitura desse fundo documental. Compreende-se a atenção que Bluteau dedicou ao estudo da produção gramatical precedente, pois a sua condição de estrangeiro implicava um recurso frequente à autorização dos gramáticos, de forma a creditar as afirmações a propósito de uma língua que não dominava desde o berço.

O inventário das suas notas metalinguísticas de cariz gramatical corresponde a todo um cruzamento de autoridades, sabendo-se de antemão que o autor não presume introduzir ideias originais: cita uma tradição e reflecte sobre essa mesma tradição, apontando as ideias que crê serem mais válidas<sup>126</sup>. As fontes documentais ao dispor são os textos preambulares do *Vocabulario* e as comunicações académicas insertas nas *Prosas*, testemunhos que, além da riqueza informativa, possuem a dupla vantagem de serem marcados pela tónica da argumentação e de a figura do autor ser neles preponderante.

---

<sup>126</sup> O saber metalinguístico, na definição de Sylvain Auroux, é representado, constituído e manipulado com o suporte de uma metalinguagem. Do ponto de vista da história das ideias linguísticas, compreende saberes de natureza especulativa — o campo das representações abstractas — e saberes de natureza prática, orientados pelo objectivo de adquirir determinadas competências, que Auroux designa por «maîtrises», uma vez que as competências, associadas ao domínio de técnicas específicas, poderiam ser investidas de um estatuto profissional. Assim, considera «(a) *la maîtrise de l'énonciation*, par là nous entendons la capacité d'un locuteur de rendre sa parole adéquate à un but donné, convaincre, représenter le réel, etc.; (b) *la maîtrise des langues*, parler et/ou comprendre une langue, qu'il s'agisse de la langue maternelle ou d'autres langues; (c) *la maîtrise de l'écriture*» (Auroux, 1989: 18).

Quanto ao *Vocabulário*, a possibilidade de recorrer aos artigos para a reconstrução das ideias linguísticas impõe algumas reservas, uma vez que Bluteau se socorre da transcrição, nem sempre assinalada, de excertos das glosas de outros dicionários. No entanto, o confronto com as fontes permite concluir que, perante o caudal informativo, a selecção dos dados revela o eclectismo do compilador, pois geralmente recusa a simples tradução integral de uma única fonte, recolhendo excertos do que considera serem as notícias mais credíveis e autorizadas. Ou seja, mesmo que as definições de termos metalinguísticos não sejam da sua exclusiva lavra, é legítimo supor espírito crítico na escolha.

A contextualização que propomos aborda aspectos como a origem da linguagem, o panorama das línguas no mundo e a disputa pela primazia no seio dos idiomas europeus; em seguida, e concentrando-nos em aspectos específicos da língua portuguesa, merecem particular destaque a discussão em torno da norma ortográfica e uma apreciação de algumas das obras de descrição e teorização metalinguística que Bluteau terá consultado<sup>127</sup>.

## 1. A linguagem e a tradição bíblica

As questões em torno da origem da linguagem humana, bem como do posterior desenvolvimento e ramificação das línguas, encontravam resposta à luz de uma tradição de interpretação do texto bíblico, com uma aceitação considerável ainda no século XVIII. A explicação suficiente residia no *Génese*, sob a figura de Adão — o nomoteta — a quem Deus teria consignado a tarefa de nomear a criação. Partindo da lição da *Vulgata*, o texto era suficientemente ambíguo para permitir duas possibilidades de leitura, sendo lícito depreender que os nomes se adequavam à natureza dos seres, mas não negando a hipótese de a designação ter sido feita de forma arbitrária, acolhendo confortavelmente as correntes platónica e aristotélica, cujos contributos para a reflexão sobre a linguagem podiam assim ser integrados na tradição cristã<sup>128</sup>.

---

<sup>127</sup> Não se incluem nesta apreciação os dicionários que terão sido as fontes modelares da técnica lexicográfica. Cf. cap. III.2.

<sup>128</sup> Cf. Carreter, 1949: 39; Kouloughli, 1989: 65-70.

Bluteau escolhe precisamente a figura de Adão, o «legislador de vocábulos», para abrir a dedicatória do *Vocabulario* a D. João V, demonstrando que o primeiro rei do mundo foi o autor do primeiro dicionário, na medida em que estabeleceu uma nomenclatura para designar o que o rodeava<sup>129</sup>. No que respeita à relação entre a palavra e a coisa nomeada, Bluteau atribui à língua adâmica, comunicada ao primeiro homem pela potência divina, a propriedade de declarar perfeitamente «a essência do significado», pois cada um dos nomes impostos por Adão «foi huma definiçam das propriedades essenciaes dos Animaes, & das Aves»<sup>130</sup>. Esta justeza do significado seria irrepetível, o que permite ao autor concluir que somente a língua de Adão foi perfeita, e que este título não se apropria a nenhuma das línguas posteriores, vivas ou mortas.

Esta questão, que recupera no prólogo de 1712, não é inédita em obras lexicográficas, uma vez que já havia constituído objecto de debate no *Tesoro de la Lengua Castellana* (1611). Os textos preambulares do dicionário espanhol incluem uma carta do licenciado Baltasar Navarro de Arroyta, na qual, acerca da suma propriedade da língua adâmica, conclui que «esta proposición no se entiendo tan fácilmente, escarbando algo en ella [...] como digamos por exemplos que pusiese por nombre a piedra, *piedra*, aludiendo a la dureza que en aquel vocablo se sinifica. Agora pregunto: si a la piedra llamó así por la dureza, a la dureza por qué la llamó así, o aludiendo a qué?»<sup>131</sup>. Todavia, como se referiu atrás, a questão não era pacífica, e algumas páginas depois, o lexicógrafo Sebastián de

<sup>129</sup> «A primeyra occupação do primeyro Rey do mundo foy ver, & considerar, que nomes havia de por ás criaturas. Nesta curiosa nomenclatura gastou Adaõ as primeyras horas do seu governo, Legislador de vocabulos, no preludio da vida, compositor do primeyro Diccionario» (*Voc.*, I: «Ao muyto alto e muyto poderoso Rey...»).

<sup>130</sup> Prossegue, analisando o texto bíblico: «*Omne enim, quod vocavit Adam animae viventis, ipse est nomen eius. Genes. cap. 2. vers. 20.* Com estas palavras implicitamente diz o Texto; os nomes das mais lingoas não sam os proprios nomes do que por elles se significa, porque não declaram o constitutivo, & essencia do significado. sò Adam com a luz da Philosophia infusa acertou com a propriedade dos nomes, porque o conhecimento da essencia, foi o artifice do apelido. Ainda hoje, depois de tantos seculos, o nome, que deu Adam a cada hum dos viventes, he o seu proprio nome; *Ipsum est nomen eius.* Outro nome da propria creatura, não o pode haver, porque he nome definitivo do ser; & como o ser nam se muda, nam se pode mudar este nome. [...] Perdeose com Adam esta Philosophia nominal, & com ella se perderam os nomes quidditativos, & expressivos das sciencias na primeira lingoagem do mundo. Se elles escaparam do Diluvio Universal, & persistiram até o tempo dos temerarios architectos da Torre de Babel todos no calor de aquella turbulenta empreza se misturaram, & os que desta mistura resultaram, sam partos abortivos da confusam» (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»). Desta concepção, como nota Djamel-Eddine Kouloughli, num artigo dedicado à temática da linguagem na Bíblia, decorre que o verdadeiro nome, atribuído pelo acto criador da nomeação, é uma parte intrínseca e constitutiva do nomeado; segundo a mesma lógica, a enunciação suscita e invoca à existência o estado de coisas enunciado (Kouloughli, 1989: 70).

Covarrubias defende que a língua dos primeiros pais foi infundida por Deus e que os nomes impostos foram convenientes com as qualidades dos seres, de modo que «si hasta agora durara la noticia destas etimologías, no teníamos para qué cansarnos en buscar otras»<sup>132</sup>.

Quanto ao desaparecimento da língua primitiva, Bluteau considera que poderia ter ocorrido com o repovoamento subsequente ao dilúvio universal, mas, mesmo que ainda subsistisse, os «nomes quidditativos, & expressivos das sciencias» não resistiriam à *confusio linguarum*. No *Vocabulario*, no artigo BABEL, além de citar a descrição da torre por Fílon de Alexandria e Santo Isidoro de Sevilha, sublinha a historicidade do facto pelo recurso à cronologia bíblica de James Ussher, situando a divisão das línguas no ano 2247 antes da era cristã<sup>133</sup>. No artigo limita-se a referir que «confundio Deos os espiritos, & as lingoas», mas em outras passagens descreve a formação da diversidade como um processo evolutivo e não uma instituição da mão divina, tratando-se de uma diferenciação a partir do substrato hebraico e com o recurso a novas palavras, criadas por cada povo:

A este cahos das lingoas se seguio o instituto dos homens, o genio, e uso das Gentes, que formaram, introduziram, & autorizaram em todas as partes do mundo infinitos vocabulos, para o trato Natural, Civil, Politico, & Militar. E por quanto, com o andar do tempo, o uso se fez natureza, a cada naçam lhe parecem nam sô genuinas, & proprias, mas naturaes, & necessarias as vozes, com que se declara<sup>134</sup>.

Todas as linguas nascem pobres, e mendigando se enriquecem. Desde o principio da confusaõ das linguas na empreza da Torre Babilonica, da lingua Hebraea mendigaraõ palavras a lingua Caldaica, a Arabica, ou Medianitica, a Samaritana, a Ethiopica, e a Syriaca. Com outra semelhante inopia, pobreza, e em certo modo insensivel mendicidade, em todas as naçoens se foraõ humas linguas remedeando com os cabedaes das outras<sup>135</sup>.

No que respeita à questão da génese das línguas, transparece a influência da obra *Turris Babel*, do jesuíta Atanasius Kircher (1602-1680), autor frequentemente citado ao longo do *Vocabulario* e celebrado como um dos mais progressivos sábios da época. As palavras de Bluteau representam uma síntese da teoria do jesuíta, cujos estudos se baseiam na aceitação da tradição bíblica e no estabelecimento de um quadro comparativo

<sup>131</sup> Covarrubias, *Tesoro...*, 1994 (1611): 997.

<sup>132</sup> *Ibidem*: 1002.

<sup>133</sup> Cita a obra *Annales Veteris Testamenti, a prima mundi origine deducti*, 1650-1654, elaborada pelo bispo irlandês James Ussher (1581-1656), que se propôs datar historicamente todos os factos narrados na Bíblia. Embora não seja o primeiro autor a tentar uma cronologia deste género, conheceu larga difusão e aceitação no mundo católico, invocando Bluteau a sua autoridade na datação de passagens do Antigo Testamento. Cf., por exemplo, *Supp.*, s.u. BELO.

<sup>134</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro».

<sup>135</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor portuguez».

das línguas primitivas, a partir da construção de relações etimológicas e análise dos sistemas de escrita. Conclui que o hebraico se dividiu em cinco dialectos, correspondendo a cinco ramos dos descendentes de Noé, levantando uma barreira linguística que conduziu à dispersão dos povos, o que permite explicar a multiplicidade das línguas contemporâneas através de sucessivos processos de corrupção. A reflexão sobre a transformação das línguas não se limita ao *Génesis*, pois atribui a mudança a factores históricos (nascimento e declínio de impérios, migrações, colonizações), estabelece um paralelo entre a diversidade linguística e as diferenças culturais e religiosas, e relaciona a divisão com o surgimento da idolatria, provando os seus argumentos pela comparação das designações dos deuses nas várias línguas<sup>136</sup>. Do confronto entre o artigo LINGUA e a *Turris Babel* pode concluir-se que o autor do *Vocabulario* não citou Kircher através de uma fonte de segunda mão, uma vez que, além de reproduzir a ordem da exposição das matérias, recolhe do texto latino a informação respeitante à etimologia dos nomes das línguas, vertendo-a literalmente para português<sup>137</sup>.

Como se esperaria, em temáticas que contrariassem as interpretações do texto bíblico, Bluteau manifesta a concordância em relação às teorias tradicionais, apesar de, no final do século XVII, a aceitação da narração do *Génesis* já não constituir matéria de consenso.<sup>138</sup> Mas por mais amplo que fosse o leque de leituras de Bluteau — recorde-se

<sup>136</sup> Cf. Eco, 1996 (1993): 91. Kircher dedica a esta temática a primeira parte do livro III da *Turris Babel* («Prodromus in Atlantem Polyglossum quo per praelusiones quasdam de varietate linguarum & idiomatum disparatissima genera, quae unà cum idolatria in orbem terrarumque occasione primaevae confusionis irrepserunt, potissimum agitur»), com destaque para os seguintes capítulos: «De inclinatione, corruptione & interitu linguarum. De occasionibus & multiplici causarum serie, qua linguae variorum regnorum florentes, tandem omnimodae corruptionis oblivionisque damnum passae sunt. De origine & introductione idolatriae in mundum ratione diversitatis linguarum morumque, qui apud gentes differentes nationes vigeant. De varietate & multitudine numerorum qui ex confusione linguarum & divisione gentium natae sunt.»

<sup>137</sup> Compare-se o original e a tradução de Bluteau:

— «Syria propriè dicta, quae & in sacris literis [palavra em caracteres hebraicos] Aram, ab Aram filio Sem, primo ejus possessore, à quo & lingua Aramaeca dicta fuit [...] Persia à voce [palavra em caracteres hebraicos], id est, equus, à bonitate equorum, quos producit, olim Aelam, à primo ejus possessore Aelam filio Sem, & nepote Noë, nomen obtinuit» (Kircher, *Turris Babel*, 1679: 197, 201);  
— «[...] a lingua Siriaca, ou Aramea, (assim chamada de Aram filho de Sem, que foy o primeyro possuidor daquella terra) [...] da lingua Persiana, ou Elamitica (assim chamada, porque Elam filho de Sem, & neto de Noè foy o primeyro que possuhiu a Persia)» (*Voc.*, s.u. LINGUA).

<sup>138</sup> Sob influência de uma concepção linear da história, autores como John Locke (1632-1704) idealizam o ser humano em constante progresso, da rudeza para a perfeição. Este princípio, aplicado à linguagem e às restantes faculdades intelectuais, não é compatível com a visão de um homem adâmico sábio e dotado de uma língua perfeita, avançando Locke com a hipótese de os primeiros homens serem mudos, produzindo de início apenas sons naturais sem valor comunicativo,

que a sua licença da Inquisição lhe facultava a consulta de obras proibidas — o cargo de qualificador do Santo Ofício e a o hábito de teatino recomendariam alguma contenção quanto à inclusão de opiniões de autores classificados como heréticos, especialmente quando se afirmassem discordantes em questões de fé<sup>139</sup>.

## 2. A diversidade das línguas

Além de configurar as teorias acerca da linguagem, a Bíblia também influenciou, durante a Idade Média e o Renascimento, os modelos de organização e classificação das línguas até então conhecidas. Tradicionalmente, estabelecia-se uma dicotomia entre línguas sagradas (latim, grego, hebraico) e línguas bárbaras, acreditando-se segundo a opinião mais comum que o número de idiomas não ultrapassaria os 72, correspondendo à divisão dos povos após Babel. No caso da Península Ibérica, a manutenção desta visão mítica apoiava-se ainda na figura de Túbal, o descendente de Noé que teria habitado a região e instituído a língua<sup>140</sup>.

A alteração deste modelo deve-se, em primeiro lugar, ao incremento do estudo das línguas. Ao longo da Idade Média, enquanto o latim é objecto de escolarização e de uma continuada tradição gramatical, a atenção aos outros idiomas terá sido praticamente residual na Europa ocidental. Somente no Renascimento, e sobretudo em Itália, o interesse pelo helenismo ganha expressão visível, embora sem nunca atingir a mesma profundidade e difusão que o culto do latim. O despertar do estudo do hebraico ocorre em finais do século XV, não se restringindo aos sábios judeus, e tendo como objectivo não só aceder aos estudos cabalísticos, como também permitir a leitura dos textos bíblicos originais. A redescoberta do hebraico é decisiva para uma nova visão do panorama linguístico, pois revela uma língua com uma estrutura muito diferente do latim e introduz a noção de

---

desenvolvendo a linguagem à medida das necessidades, por meio da atribuição de significado a signos artificiais (*Essay concerning human understanding*, 1690). Cf. Carreter, 1949: 32-33.

<sup>139</sup> «O melhor de todos os livros he a Biblia Sagrada, porque he a fonte das verdades primitivas, & de toda a doutrina necessaria para o conhecimento de Deos, & salvação da alma» (*Voc.*, s.u. LIVRO).

<sup>140</sup> Em Bernardo Aldrete (*Del Origen y Principio de la Lengua Castellana*, 1606) encontra-se uma revisão crítica da tradição mítica, que possibilitara considerar que a língua de Túbal dera origem ao latim. Aldrete não nega a vinda de Túbal, mas a sua língua seria uma das muitas que compunham o mosaico linguístico peninsular, concluindo que não se poderia afirmar com certeza qual a primeira em Espanha. Cf. cap. XV, «Diversas opiniones de la lengua antigua de España se excluyen por inciertas, muestrase que fueron muchas» (Aldrete, *Del Origen...*, 1674 (1606): 53-55).

parentesco entre as línguas, uma vez que a tradição gramatical hebraica — que o conhecimento do idioma agora tornava acessível — já se havia debruçado sobre as relações com o aramaico e o árabe. Desta forma, como conclui Keith Percival, em meados do século XVII, os sábios europeus tomavam como certa a unidade das línguas semíticas<sup>141</sup>.

Outro contributo para a mudança de paradigma foi o contacto com as línguas geralmente classificadas como exóticas que, para além do facto de serem estruturalmente distintas do latim, surpreenderam os europeus com o seu número e variedade<sup>142</sup>. As notícias que os missionários traziam acerca das línguas dos indígenas sul-americanos ou da longínqua China revelam idiomas sem nenhuma aparente ligação entre si. O chinês será, precisamente, um foco do interesse dos eruditos do século XVII, que, face à inexistência de gramáticas, embarcam em estudos especulativos que sublinham o exotismo e a diferença linguística<sup>143</sup>.

Em consequência, para muitos autores, entre os quais se conta Bluteau, a leitura que propunha 72 línguas, infundidas pela potência divina, torna-se insustentável, julgando-se mais coerente ver em Babel a quebra da relação original entre signo e referente, permitindo a liberdade na multiplicação das línguas<sup>144</sup>. De resto, o teatino revela-se perfeitamente consciente da impossibilidade de inscrever a diversidade linguística num quadro estático:

Na minha opiniaõ ninguem até agora soube quantas linguas ha no Mundo; nem creyo, que daqui em diante se saberá o numero dellas, principalmente depois que pelas noticias do Brasil, dadas à luz pelo Padre Simaõ de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, sabemos que só nas prayas do Rio das Amazonas, se fallaõ mais de cento e cincoenta differentes

<sup>141</sup> Percival, 1992: 228. Cf. *ibidem*: 226-229.

<sup>142</sup> Do século XVI para o século XVII, o número de idiomas referenciados cresce sucessivamente na abundante bibliografia que se dedica a estabelecer o elenco das línguas do mundo. Um dos exercícios mais frequentes e motivadores da leitura é a versão do *Pater Noster* para um número crescente de línguas — uma centena, em 1680 —, que se pode encontrar nas seguintes obras: Conrad Gesner (1516-1565), *Mithridates. De differentis linguarum tum veterum tum quae hodie apud diversas nationes in toto orbe terrarü in usu sunt...*, 1555; André Thevet (1502-1590), *La cosmographie universelle*, 1575; Hieronimus Megiser (c. 1553-1618), *Specimen quadraginta diversarum et inter se differentium linguarum et dialectorum, videlicet Oratio Dominica totidem linguis expressa*, 1593; Claude Duret (c. 1570-1611), *Thresor de l'histoire des langues de cest univers: contenant les origines, beautés, perfections, décadences, mutations, changements, conversions et ruines des langues*, 1613; Andreas Müller (1630-1694), *Oratio orationum: SS. Orationis Dominicae Versiones praeter Authenticam ferè Centum [...] Singulae geminis linguae suae characteribus*, 1680. Cf. Percival, 1992: 234.

<sup>143</sup> *Ibidem*: 235. Uma das obras mais divulgadas acerca dos povos e das línguas do Oriente é *China Monumentis*, 1667, de Athanasius Kircher, que Bluteau cita frequentemente no *Vocabulario*. Sobre as teorias do jesuíta acerca dos caracteres chineses, cf. Eco, 1996 (1993): 154-157.

<sup>144</sup> Buescu, 1983b: 25.

linguagens, e essas (segundo afirma o Padre Antonio Vieira) tão diversas entre si, como a nossa, e a Grega<sup>145</sup>.

Mas a justificação não reside somente na cadência das descobertas: o número de línguas, já elevado, pode ser muito superior, tendo em conta os princípios combinatórios matemáticos. Segundo afirma, se a língua assenta na formação de palavras através da combinação de caracteres, as possibilidades matemáticas das operações de permutação encontram-se muito longe do esgotamento<sup>146</sup>. Este princípio, em que se identificam ressonâncias cabalísticas, pressupõe a arbitrariedade das palavras, que adquirem significado por instituição de um grupo humano particular, bem como a redução de todas as línguas, conhecidas e desconhecidas, a um determinado número de sons básicos. Note-se que Bluteau não se refere explicitamente aos sons, mas antes às 24 letras do alfabeto:

[...] porque não ha entendimento humano, que possa alcançar, e determinar as innumeraveis collocaçoens, de que são capazes os vinte e quatro caracteres do Alphabet, para vocabulos expressivos do conceito, em todos os usados, e possiveis idiomas. [...] As partes integrantes de todas as dicçoens, verbos, nomes substantivos, adjectivos, interjeiçoens, adverbios, &c. são unicamente vinte e quatro letras, mas são tão diversamente situadas, entresachadas, e compostas, que as palavras de huma nação para outra são pela mayor parte aos estranhos não só inintelligiveis, mas quasi impronunciaveis com perfeita, e propria articulação<sup>147</sup>.

Parece lícito depreender uma identificação entre os caracteres e a sua realização fónica, tanto mais que era prática corrente a conversão das línguas exóticas ao sistema alfabético latino, inclusive aquelas que não conheciam sequer a escrita.

No final do século XVII, o esquema de classificação das línguas elaborado em 1599 por Justo Escalígero (1540-1604) recolhia ainda grande aceitação<sup>148</sup>. A sua preocupação não residia em procurar demonstrar que o hebraico era a língua primitiva, questão que reputava de irresolúvel, concentrando-se antes na divisão das línguas em matrizes e derivadas. O modelo contempla 11 matrizes, entre as quais distingue 4 maiores (latina, germânica, eslava, grega) e 7 menores (epirótica, tartária, húngara, finlandesa, islandesa, britânica e basca), não havendo necessariamente relação entre as diversas matrizes, ou entre estas e a língua primitiva.

A consulta de alguns dos dicionários que constituíram uma fonte informativa do *Vocabulario* permite verificar que os respectivos autores recuperam a terminologia de Escalígero e aplicam a sua divisão. Tanto Furetière (1690), como o *Dictionnaire*

<sup>145</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 379.

<sup>146</sup> Cita, a este propósito, os cálculos do filósofo e matemático francês Nicolas de Malebranche (1638-1715) (*ibidem: loc. cit.*).

<sup>147</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 379-380.

<sup>148</sup> *Diatriba de Europaeorum linguis*, publicado postumamente em *Iusti Scaligeri [...] opuscula*, 1610. Cf. Carreter, 1949: 95; Droixhe, 2001.

*Universel* de Trevoux (1721) reproduzem o esquema acima enunciado: «On divise les langues en langues matrices & originelles, comme sont l’Hebreu, l’Arabe en Orient; L’Allemand, le Slavon en Occident. Le Basque & le Bas-Breton sont tenus aussi pour Langues matrices, qu’on croit estre celles des anciens Celtes ou Gaulois. Les langues derivées sont celles qui sont meslées du langage de plusieurs peuples voisins qui ont eu commerce ensemble, comme le François, l’Italien, & l’Espagnol»<sup>149</sup>.

O esquema de Bluteau procura integrar, na medida do possível, o espectro das línguas conhecidas e somente inclui as contemporâneas. Embora mantenha uma distinção dicotômica, que se inspira em Escalígero, divide-as tendo em atenção uma conjugação de critérios geográficos e demográficos, isto é, a relação entre a extensão da área de influência e o número de falantes.<sup>150</sup>

#### Línguas matrizes e gerais

<i>Latina</i>	<i>Tartarica</i>	<i>Mexicana</i>
<i>Teutonica</i>	<i>Sinica</i>	<i>do Perú</i>
<i>Esclavona</i>	<i>Africana</i>	<i>dos Tapuyas</i>
<i>Grega</i>	<i>dos Negros</i>	<i>Galibina</i>
<i>Arabica</i>	<i>Ethiopica</i>	

#### Línguas particulares

<b>Europa</b>	<b>Ásia</b>	<b>África</b>
<i>Irlandeza</i>	<i>Japoens</i>	inumeráveis
<i>Finlandeza</i>	<i>Armenia</i>	
<i>Armorica</i>	<i>Guzarates</i>	<b>América</b>
<i>Vascoense</i>	<i>Malabarica</i>	inumeráveis
<i>Hungara</i>	<i>Malaya</i>	
<i>Albaneza</i>		

(Fonte: *Voc.*, s. u. LINGUA)

<sup>149</sup> Furetière, *Dict. Univ.*, 1690: s. u. LANGUE. O texto de *Trévoux* (1721) é muito semelhante. O *Dictionnaire de l’Académie* (1694) limita-se a registar a terminologia: «langue matrice. langue primitive, originale. la Langue Italienne est derivée de la Latine» (s.u. LANGUE).

<sup>150</sup> «As linguas, ainda que pareçam innumeraveis, todas se podem reduzir a duas, a saber, linguas matrizes, & géraes, que se estendêrão muito, & são usadas entre muitas nações diversas, em razão das Conquistas, Religião, commercio, que as introduzio; & linguas particulares, ou proprias de alguma nação, que por consequencia são menos dilatadas» (*Voc.*, s.u. LINGUA).

No artigo do *Vocabulario*, completa a enumeração das 14 matrizes com a relação dos locais onde cada uma das línguas é falada, destacando os movimentos de expansão dos idiomas europeus aos restantes continentes. Principia pela língua latina que, «dividida, & como transformada em varios idiomas, corre todas as Provincias de Italia, França, Portugal, & Castella, & pelos Europeos foy levada a muytas partes»<sup>151</sup>. Segue-se a teutónica, natural da Alemanha, Escandinávia e Ilhas Britânicas, da qual identifica três «ramos» (inglês, holandês e dinamarquês) responsáveis pelo alargamento dos limites territoriais da língua.

Quanto às particulares, «independentes de todas as mais linguas», só considera o esquema completo no que diz respeito à Europa e à Ásia, uma vez que, na América e África, ao elevado número de línguas conhecidas deve somar-se o das por descobrir. Parece ainda estabelecer, de forma implícita, uma relação entre o grau civilizacional de um povo e a delimitação e estabilidade linguísticas, pois as línguas desses territórios «se supõem tantas, quantas são as barbaras nações do Sertão, que pelos seus ferinos costumes vivem sem commercio, sem hospitalidade, & sem reciproca communicação»<sup>152</sup>. A quantidade de informação compilada nas três colunas que dedica ao tema pressupõe a consulta de fontes bastante actualizadas, uma vez que obras como o *Mithridates* (1555) de Gesner são parcas em notas geográficas.

### 3. O elogio da língua

Ao retomar, no início do século XVIII, a questão do elogio da língua portuguesa, Bluteau inscreve-se numa corrente de textos argumentativos que se iniciara dois séculos antes com as obras dos primeiros gramáticos do vernáculo, em particular com João de Barros e o *Dialogo em louvor da nossa linguagem* (1540).

Este género de discursos apoloéticos pode ser encontrado nas principais línguas da Europa, a partir do século XVI, originando a denominada “batalha dos vernáculos”. A questão radica na progressiva constatação de que o latim, língua fixa e restrita a campos

---

<sup>151</sup> *Ibidem: loc. cit.*

do saber delimitados, cedia a sua preponderância em face de mudanças ao nível da configuração dos saberes e do acesso ao conhecimento. Estes factores são potenciados pela acção da imprensa que, permitindo a maior difusão do saber, encontra nos vulgares a forma de atingir públicos mais alargados. O desenvolvimento dos *corpora* literários nacionais incentiva os defensores da conveniência em recorrer às línguas modernas, discutindo-se sobre qual é merecedora da primazia, ou seja, aquela que melhor corresponde às qualidades tradicionalmente atribuídas à língua clássica. Os discursos de exaltação apresentam como linhas fundamentais a defesa, o louvor e a ilustração da língua, assumindo a questão contornos que variam de acordo com os países. No que respeita aos argumentos que justificavam a excelência, os diversos autores geralmente não primavam pela originalidade, adaptando para o caso do seu idioma o arsenal retórico que já havia sido mobilizado por outros para ilustrar as respectivas línguas<sup>153</sup>.

Não obstante os patriotismos tendenciosos, o facto é que, à medida que o século XVII avança, o francês ascende a uma posição privilegiada no quadro das línguas europeias, e não somente devido aos elogios que afirmavam a sua superioridade. Sob o signo da purificação, uma nova estética literária pretende expurgar a língua de palavras e construções sintácticas antiquadas, eliminando os equívocos que perturbassem a clareza do estilo. Nesse sentido, desde a primeira metade do século, corrigem-se várias obras literárias, publicam-se edições revistas e editam-se textos de reflexão metalinguística, que são elaborados tendo em conta o “bom uso”, uma expressão consagrada em *Remarques sur la langue françoise* (1647) de Vaugelas. Refira-se ainda o papel de uma instituição como a Academia (1636), consagrada pelos estatutos à produção de instrumentos de normalização linguística<sup>154</sup>. Por ser cultivada nas diversas cortes e ser corrente nas relações diplomáticas, os lexicógrafos do final do século não hesitam em considerá-la língua franca, substituindo o latim<sup>155</sup>.

---

<sup>152</sup> *Ibidem: loc. cit.* A propósito do mosaico dos falares indígenas no Brasil, cita os relatos do jesuíta Simão de Vasconcelos (*Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil*, 1668), numa anotação em tudo paralela à que encontramos nas *Prosas Portuguezas* (I: 379), dedicada ao mesmo tema.

<sup>153</sup> Giard, 1992: 207-212, 224.

<sup>154</sup> Sancier-Chateau, 1993: 13. Cf. também Otman, 1995.

<sup>155</sup> «On l’entend ou on la parle dans toutes les Cours de l’Europe; & il n’est point rare d’y trouver des gens qui parlent François, & qui écrivent en François aussi purement que les François mêmes. [...] Veut-on qu’un libelle coure bien le monde? Aussi tôt on le traduit en François, lors même que l’original en est Latin: tant il est vray que le Latin n’est pas si commun en Europe aujourd’huy que la langue François» (Furetière, *Dict. Univ.*, 1690: «Préface»).

Um testemunho do interesse que a língua francesa continuou a despertar pela Europa já no século XVIII são as palavras do galego Frei Benito Feijoo (1676-1764), no Discurso XV do *Theatro Critico Universal* (1726), subordinado ao «Paralelo de las lenguas castellana, y francesa». Embora condene a introdução afectada de galicismos, reconhece os benefícios de conhecer o francês, pois permite o acesso a um conjunto de obras que, em virtude da originalidade e riqueza informativa, eram títulos fundamentais na biblioteca do homem erudito, sem que se encontrasse equivalente em latim. De resto, no seu entender, o castelhano encontrava-se arredado de muitas áreas do conhecimento moderno, em campos como a física experimental ou a teologia, testemunhando ainda o bom acolhimento das obras lexicográficas francesas, sobretudo os dicionários históricos e geográficos, com destaque para Moreri<sup>156</sup>.

Em Portugal, para além do número crescente de nobres cuja educação contemplava o domínio do idioma, a corte tornou-se “afrancesada” com a rainha D. Maria Francisca de Sabóia e as suas damas de companhia. A oposição a Luís XIV na guerra da sucessão de Espanha manchou de suspeição os que se mostrassem filiados da França, mas, após o armistício em 1712 e o reatamento das relações diplomáticas em 1714, D. João V, inspirado na prestigiosa figura do Rei Sol, organizou a sua corte de acordo com o paradigma francês, tornando-a mais permeável às influências estéticas e literárias que lhe estavam associadas<sup>157</sup>.

Entre nós, a defesa do vulgar e a exploração das similitudes com a matriz latina são pontos comuns em textos que se estendem ao longo de um período temporal considerável. A leitura das sucessivas defesas do português permite observar um discurso marcado por uma intensa intertextualidade, em que a autoridade daqueles que se debruçaram sobre a temática é consecutivamente reforçada pelos que a retomam<sup>158</sup>.

---

<sup>156</sup> Feijoo, *Theatro Critico Universal...*, 2000 (1726): 316-318. Feijoo considera extremada a posição dos que afirmam que «quanto hai bueno, y digno de ser leido, se halla escrito en los dos Idiomas Latino, y Castellano», mas não deixa de censurar aqueles que, por terem viajado, julgam que «solo en Francia [...] reinan, segun su dictamen, la delicadeza, la policia, el buen gusto» e, preferindo o idioma francês, «con algunas voces que usurpan de èl, salpican la conversacion, aun quando hablan en Castellano» (*ibidem*: 315).

<sup>157</sup> Sobre o gosto francês na corte de D. João V, cf. Bebiano, 1987: 90-91, 99-108; Bottineau, 1973.

<sup>158</sup> Considerando as principais obras de defesa da língua, até meados do século XVII, verifica-se que quase todas surgem como complemento de outros textos metalinguísticos: João de Barros, «Dialogo em louvor da nossa linguagem», in *Grammatica da lingua Portuguesa*, 1540; Pero de Magalhães de Gandavo, *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua*, 1574; Duarte Nunes de Leão,

Todavia, é possível identificar cambiantes nas motivações que presidiram à sua produção. Segundo Leonor Buescu, as primeiras argumentações correspondem a um esforço de distinção em relação ao castelhano, em que «a língua é o instrumento da criação duma literatura e esta serve a superação duma possível indiferenciação cultural»<sup>159</sup>; no momento seguinte, pautado pela euforia da expansão, a língua é um instrumento ao serviço da missão; por fim, devido às circunstâncias históricas da perda de independência, a atenção é novamente centrada na relação com o castelhano, sublinhando a consciência da diferença linguística como factor de autonomia política<sup>160</sup>. Interessa-nos sobretudo destacar a última fase, pois os ecos da reivindicação da individualidade e excelências do português prolongam-se bem para além de 1640. O castelhano tinha a seu favor o maior número de falantes e o prestígio do património literário, que propiciava, à partida, maiores possibilidades de sucesso editorial e reconhecimento aos autores que optassem por não publicar as suas obras em português. Assim se compreende a importância em sublinhar a não inferioridade do português em relação ao castelhano, sobretudo enquanto língua apta à composição literária em todos os estilos.

O texto de Manuel Severim de Faria (1583-1655), «Das partes que há-de haver na linguagem para ser perfeita, e como a Portuguesa as tem todas e algũas com eminência de outras línguas», deixa transparecer as motivações políticas que o orientam, com apelos mobilizadores ao uso do português como marca de unidade, afirmação identitária e expressão de resistência<sup>161</sup>. Os argumentos em que fundamenta o elogio não são de forma alguma inovadores — as fontes estão patentes nas frequentes citações de Barros, Gandavo e Nunes de Leão — como se verifica na enumeração dos cinco critérios, transmitidos pela antiga tradição gramatical, que permitem avaliar o grau de perfeição de uma língua: «ser copiosa de palavras, boa de pronunciar, breve no dizer, que escreva o que fala; e que seja apta para todos os estilos»<sup>162</sup>. Porque o escopo do discurso é uma língua novilatina,

---

*Origem da lingua portuguesa*, 1606; Manuel Severim de Faria, «Das partes que ha de haver na lingoagem para ser perfeita, e como a Portuguesa as tem todas [...]», in *Discursos varios politicos*, 1624; Álvaro Ferreira de Vera, *Breves louvores da lingua portuguesa, com notaveis exemplos da muita semelhança, que tem com a lingua latina*, 1631.

<sup>159</sup> Buescu, 1983a: 231.

<sup>160</sup> *Ibidem*: 231-232.

<sup>161</sup> Faria, *Discursos...*, 1999 (1624): 96-97.

<sup>162</sup> «De maneira que a que tiver estas qualidades em maior pefeição será de mor excelência que as outras» (*ibidem*: 74).

acrescenta o critério da origem, isto é, o grau de semelhança com uma das três grandes línguas da Antiguidade, latim, grego e hebraico. Propõe-se demonstrar que o português é a língua que mais se aproxima do latim e que, nos critérios enunciados, «não é inferior a nenhuma das modernas, antes igual a algumas das antigas, com razão lhe poderemos dar o louvor da língua perfeita, e de ser ãa das melhores do mundo»<sup>163</sup>. A grande falta que Severim aponta à sua língua é precisamente a inexistência de instrumentos de apoio à produção literária, «que estando a Latina, e as outras vulgares tão cheias de volumes, de Traduções, de Cópias, Frases, Elegâncias, e de Tesouros de sua eloquência, com que as vemos ornadas de tão ricos atavios, só a nossa está pobre de todo artifício»<sup>164</sup>. O discurso de Severim de Faria constitui uma boa síntese de uma tradição argumentativa que sem dúvida colheria muitos aplausos no início do século XVIII, ao ponto de Bluteau recomendar a sua leitura aos estrangeiros que duvidassem da qualidade do português<sup>165</sup>.

Todavia, os leitores do *Vocabulario* certamente não esperariam que o francês Bluteau declarasse que o português era a mais perfeita das línguas, pelo que a sua estratégia assenta em considerar que não existem línguas perfeitas e que o português não é inferior ao espanhol, ou ao francês. A reivindicação da dignidade da língua é precisamente o tema central do prólogo ao leitor estrangeiro, que ocupa cerca de um quarto da extensão total do «Prologo a todo o genero de leitores», o que constitui um indicador revelador da importância que lhe é dedicada.

Para o teatino, «ventilar questoens sobre a preferênciã das lingoas he curiosidade de necios. Todas tem singulares excellencias, & cada nação lhe parece o seu idioma o melhor de todos»<sup>166</sup>, uma opinião em que deveriam pesar a experiência multicultural e a aprendizagem pela prática da oralidade. Também refuta alguns dos critérios tradicionalmente aplicados na comparação das línguas, considerando que resultam da

<sup>163</sup> *Ibidem*: 80.

<sup>164</sup> *Ibidem*: 95. O elogio do francês, por Vaugelas, insiste precisamente nas possibilidades de exploração da língua a nível estético: «il n'y a iamais eu de langue, où l'on ait escrit plus purement & plus nettement qu'en la nostre, qui soit plus ennemie des equivoques & de toute sorte d'obscurité, plus grave & plus douce tout ensemble, plus propre pour toutes sortes de stiles, plus chaste en ses locutions, plus iudicieuse en ses figures, qui aime plus l'elegance & l'ornament [...] qu'il n'y en a point qui observe plus le nombre & la cadence dans ses periodes, que la nostre; en quoy consiste la veritable marque de la perfection des langues» (Vaugelas, *Remarques...*, 1647: «Preface»).

<sup>165</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro».

<sup>166</sup> *Ibidem*: *loc. cit.*

natural preferência que cada povo nutre pela materna<sup>167</sup>. Nesse sentido, nega que em alguma língua particular as palavras se acomodem melhor com a «materialidade do significado», uma vez que «do entendimento, que as applica, depende o valor das palavras, & assim taõ proprias são muitas letras, para significarem pouco, como poucas, para significarem muito»<sup>168</sup>. Condena ainda a especulação etimológica como meio de provar a suposta antiguidade e nobreza das línguas, uma vez que «o descobrimento da origem das palavras he tam infructuoso, como trabalhoso estudo»<sup>169</sup>. E, rematando a crítica:

O que digo, & torno a dizer, he, que para o effeito de sua instituição todos os vocabulos são igualmente bons. As palavras são espelhos do pensamento, & imagens do conceito, toda a sua excellencia he representação. Em todas as lingoagens tem qualquer vocabulo esta excellencia [...] tudo o mais, que se chama nobreza, antiguidade, elegancia, & suavidade da palavra, são prerogativas, que a vaidade das naçoens excogitou para a preferencia do seu idioma<sup>170</sup>.

Mas se todas as línguas são iguais na essência, há critérios, não intrínsecos, em que se distinguem, como a extensão geográfica que abrangem, o número de falantes ou o grau de investimento na dimensão estética:

[...] a lingua Portugueza não desmerece lugar entre as melhores, se he verdade (o que me não posso persuadir) que hã lingoas melhores que outras; mais amplas, mais cultivadas, & mais celebres no mundo, sim [...] Mas por serem humas lingoas mais abundantes, & estendidas, que outras, não por isso sam essencialmente melhores<sup>171</sup>.

Quanto à questão da emulação entre o português e o castelhano, que percorreria todo o século XVII, Bluteau não insiste na procura de superioridades, antes investe na afirmação da autonomia. Dirigindo-se ao leitor estrangeiro, assegura-lhe que, ao contrário

<sup>167</sup> «Nem pellas noticias da nossa lingua materna podemos julgar da propriedade, & elegancia de outro idioma [...] Para cada naçam as suas palavras nacionaes são as melhores, porque respondem ao conceito & idea, de quem usa dellas» (*ibidem: loc. cit.*).

<sup>168</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>169</sup> *Ibidem: loc. cit.* A tentativa de estabelecer relações entre os vernáculos e o grego, hebreu e outras línguas antigas pretendia responder à relação privilegiada entre o latim e o italiano, reclamada pelos primeiros humanistas. Desse esforço de enobrecimento, empolgado pelo nacionalismo, resultaram inevitavelmente derivações etimológicas totalmente fantasiosas. Cf. Giard, 1992: 209, 221. No prólogo, Bluteau declara: «he esta obra tam abundante de etymologias, & definiçoens, & muito mayor seria a abundancia das derivaçoens, se eu não moderara a minha curiosidade, & a não restringira às que me pareceram mais naturaes, & precisas para a intelligencia das palavras. Em primeiro lugar não fis caso de etymologias arrastadas, & forçadas; que hã palavras, como pessoas, nadas, (como diz o vulgo) das ervas, & cuja origem seria mais difficultosa de descobrir, que aos primeiros exploradores da America, o novo mundo» (*Voc.*, I: «Ao leitor indouto»). Esta opção verifica-se no modo como o lexicógrafo procura ler criticamente um conjunto de explicações etimológicas tradicionais, nomeadamente as do *Tesoro* (1611) de Covarrubias, confrontando-as com os dicionários de Ménage. Cf. caps. III.2., IV.9.5., V.1.5.

<sup>170</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro».

da crença geral que vigora pela Europa, o português não é um dialecto corrupto do castelhano, mas sim uma língua irmã que, de forma independente, se desenvolveu a partir do latim<sup>172</sup>.

Se é pertinente a crítica de Bluteau à inconsequente batalha dos vernáculos, o facto é que, aparentemente, não a aplica na extensão esperada, uma vez que conclui o prólogo ao leitor estrangeiro reproduzindo um excerto de um elogio do português, em que se encontram muitas das ingenuidades que anteriormente reprovava e apelidava de «curiosidade de necios»<sup>173</sup>. Mas a inclusão do excerto parece dever-se mais ao valor literário, uma vez que Bluteau recomenda a sua leitura aos estrangeiros que, obstinados, ainda insistem em tentar descobrir qual a melhor língua do mundo, apesar de ele próprio considerar a questão irresolúvel e inútil<sup>174</sup>.

Acrescente-se que, em alguns dicionários franceses e castelhanos, o elogio das respectivas línguas era explícito e assumido pelos autores. A leitura dos prólogos, ou artigos dedicados à língua, em léxicos que Bluteau considerou modelares, permite constatar a longa tradição da euforia laudatória. Sebastián de Covarrubias, no início do século XVII, escrevia no seu *Tesoro* que a língua espanhola «no se debe contar entre las bárbaras, sino igualarla con la latina y la griega, y confesar ser muy parecida a la hebrea

<sup>171</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>172</sup> «[...] na opinião da maior parte dos Estrangeiros, a lingua Portugueza não he lingua de por si, como he o Francez, o Italiano, &c. mas lingua enxacoca, & corrupçam do Castelhana, como os Dialectos, ou lingoagens particulares das provincias, que são corrupçoens da lingua, que se falla na Corte, & cabeça do Reino» (*ibidem: loc. cit.*). Poderemos entrever nestas palavras reflexos dos efeitos da dominação filipina. Se atendermos à definição do *Vocabulario*, o adjectivo enxacoca descrevia a língua portuguesa como uma tentativa frustrada de imitação do castelhano, entremeando palavras autóctones: «ENXACÔCO. Aquelle, que querendo fallar huma lingua, a confunde com outra. *Barbarè bilinguis*. [...] Fallar enxacoco. *Partium cum alieno sermonem confundere*» (*Voc.: s.u.*). Sobre o espaço do português no contexto linguístico ibérico, no século XVIII, cf. Paz, 2002: 8-11.

<sup>173</sup> «Para fallar he engraçada com hum modo senhoril; para cantar he suave, cõ hum certo sentimento, que favorece a Musa [...] Tem de todas as línguas o melhor, a pronunçiação da Latina; a origem da Grega; a familiaridade da Castelhana; a brandura da Franceza; a elegancia da Italiana. Tem mais adagios, & sentenças, que todas as vulgares em fê de sua antiguidade [...]» (*Voc., I: «Ao leitor estrangeiro»*). O excerto é citado sem indicação explícita de autoria («certo Autor, tam discreto, como veridico, & ainda que Portuguez, sincero, & não encarecido» (*ibidem, loc. cit.*), mas trata-se de uma passagem do diálogo I da *Corte na Aldeia* de Francisco Rodrigues Lobo (1991 (1619): 68-69), dedicado a temáticas linguísticas e literárias, e ao louvor da língua em particular.

<sup>174</sup> *Voc., I: «Ao leitor estrangeiro»*. Ao citar este texto e o discurso de Severim de Faria, Bluteau teria em conta as preferências de um público mais conservador, adepto da tradicional retórica da superioridade. Nessa linha de pensamento, lembremos a publicação do *Antidoto da Lingua Portugueza* (Amsterdã, c. 1710?), de José de Macedo, ou o opúsculo *Discurso Philologico Critico*

en sus frasis y modos de hablar»<sup>175</sup>. Sobre a indiscutível perfeição e supremacia do francês encontram-se testemunhos claros nos prefácios dos dicionários de Furetière (1690) e da Académie (1694), o que não deixa de estar de acordo com os princípios programáticos que uniam os colaboradores da instituição acadêmica:

[...] il y a quelque sorte de justice dans ce privilege de la langue Françoise, puis qu'on se sauroit raisonnablement luy contester certaines perfections tres avantageuses qui ne se trouvent point dans les autres langues. On pourroit peut-être s'exprimer plus fortement, mais on aime mieux témoigner la reconnaissance de l'honneur qui luy est fait dans les pays étrangers<sup>176</sup>.

[Cícero considerava a língua latina perfeita] & peut-estre n'aura-t-on pas moins de raison de penser la mesme chose en faveur de la Langue Françoise, si l'on veut bien considerer la Gravité & la Variété de ses Nombres, la juste cadence de ses Perodes, la douceur de sa Poésie, la regularité de ses Vers, l'harmonie de ses Rimes, & sur tout cette Construction directe, qui sans se'elloigner de l'ordre naturel des pensées, ne laisse pas de rencontrer toutes les delicatesses, que l'art est capable d'y apporter<sup>177</sup>.

Os autores do *Dictionnaire universel* de Trévoux, na edição de 1721, recolhem para o artigo LANGUE excertos de Ménage, Bouhours e Vaugelas, os autores que «ont fait des remarques sur la langue, pour enseigner la pureté, les finesses, les délicatesses & les vices». A língua francesa, «a en quelque façon succédé à la langue Latine, & est devenuë la langue commune, & univèrselle», e ganha na comparação com os demais vulgares, sendo o castelhano a língua que mais defeitos regista<sup>178</sup>. Como se verifica, Bluteau não parece inspirar-se nesta argumentação, nem procura adaptá-la ao português.

#### 4. Reflexão metaortográfica

O desejo de fomentar a discussão de uma norma ortográfica, suportada pela autoridade dos académicos, era um tópico recorrente nas intervenções de Bluteau, que lamentava o desinteresse dos doutos por uma questão que considerava fundamental. Como se notou anteriormente, as primeiras discussões académicas sobre as palavras a

---

sobre el Corolario del Discurso XV del Theatro Critico Universal (1727), de Ernesto Frayer (pseud. de Martinho de Mendonça de Pina e Proença). Cf. Verdelho, 2000b e Leite, 2002.

<sup>175</sup> Covarrubias, *Tesoro de la Lengua*, 1994 (1611): 1001.

<sup>176</sup> Furetière, *Dict. Univ.*, 1690: «Préface».

<sup>177</sup> Académie, 1694: «Preface».

<sup>178</sup> Trévoux, 1721: s.u. LANGUE. «Leur langue [o castelhano] n'est point propre à peindre les pensées au naturel; elle fait pour l'ordinaire les objects plus grands qu'ils ne sont, & va plus loin que la nature. [...] La langue Françoise est simple sans bassesse; libre sans indécence, élégante, & fleurie sans sard [...]» (*ibidem*, *loc. cit.*).

introduzir no *Vocabulario*, episódicas e pouco relevantes no que respeita ao número de unidades abordadas, não se direccionaram para a definição de convenções.

Tentando estabelecer uma periodização da reflexão metaortográfica de Bluteau, constata-se que a publicação dos textos em que explicita as regras para uma escrita correcta ocorre após a edição do *Vocabulario* e, ao que tudo indica, eles foram elaborados quando os oito tomos do dicionário estavam praticamente concluídos<sup>179</sup>.

Nas primeiras intervenções públicas sobre temáticas linguísticas, em 1696, as questões acerca da ortografia ocupam uma posição pouco relevante, suplantadas pelo esclarecimento do significado de palavras e expressões em uso, ou pela introdução de neologismos<sup>180</sup>. Uma das excepções é a sessão de 18 de Março, em que se perguntou se a ortografia deveria seguir a origem, ou a pronúncia. Perante esta questão clássica, argumentaram uns que se deviam eliminar as letra dobradas quando não fossem pronunciadas, o que contribuiria para que todos escrevessem certo. Mas a opinião prevalecente foi a dos que consideravam que não se devia seguir a pronúncia, mantendo as letras que «conhecidamente encerravaõ as origens sem corrupçaõ», sempre que as grafias etimologizantes não entrassem em confronto com outras grafias do português.<sup>181</sup>

Nas reuniões da Academia Portuguesa (1717), Bluteau retoma o modelo do «Oratorio Requerimento», todavia sem conceder maior visibilidade à ortografia, suplantada pela atenção dispensada às palavras antigas de significação obscura. Mesmo considerando o teor das dificuldades ortográficas expostas aos académicos, não há sinais de que a assembleia desejasse ir além da discussão de casos particulares, ou extrair conclusões com implicações mais alargadas, bastando a resolução que recomendava seguir a ortografia «mais usada»<sup>182</sup>.

A motivação para um esforço de sistematização da reflexão metaortográfica surgirá por volta de 1722, quando constata que a Academia Real, que poderia ser institucionalmente encarregada de assentar uma norma, não se desviaria de uma orientação historicista. A «Prosa Apologetica, Justificação de huma Soberana Princeza» e a «Prosa Grammatonomica» resultam do protesto lavrado nas reuniões que ainda se

---

<sup>179</sup> Sobre o espaço da reflexão metaortográfica no *Vocabulario* e no *Supp.*, cf. cap. IV.4.2.2.

<sup>180</sup> Cf. I.2.3.2.

<sup>181</sup> Assim, por exemplo, escrever-se-ia *Monarquia*, e não *Monarchia*. *Prosas Portuguezas*, I: 18.

<sup>182</sup> O argumento do uso justifica a opção por *Annunciaçaõ* e *Estella* em vez de *Annunciassaõ* e *Strella*. Cf. *Prosas Portuguezas*, I: 23-24.

efectuavam em casa de D. Francisco Xavier, sendo os textos publicados em 1728 nas *Prosas Portuguezas*<sup>183</sup>.

A *Prosa Apologetica*, formalmente, não difere muito da restante produção académica do tempo e a sua função é servir de preâmbulo à temática que o autor pretende desenvolver nas sessões seguintes. Estrutura-se em torno de uma alegoria, que apresenta a ortografia como a imperatriz da escrita e das artes, sendo o seu império o mais antigo, universal e durável. Partindo desta divisão, amplifica cada um dos três pontos, provando-os com toda uma acumulação de episódios retirados da tradição erudita clássica, em que a escrita é a temática central, insistindo continuamente na importância de uma grafia autorizada e correcta.

Uma vez que entende a ortografia como um elemento fundamental da dimensão estética do texto, considera incoerente o investimento dos escritores no arsenal retórico, ao mesmo tempo que descumam a componente ortográfica<sup>184</sup>. A escrita é um antiquíssimo instrumento da civilização, e a sua correcção é uma condição essencial para o desenvolvimento das diversas áreas da actividade humana, cuja transmissão, fomento e preservação dependem da exactidão com que consigam ser representadas. O perigo de uma escrita “bárbara” reside no facto de poder vir a ser desconsiderada pelas gerações futuras, perdendo-se o respectivo património de memória<sup>185</sup>. Mas se é tão evidente a necessidade de uma ortografia uniforme, subsiste a resistência dos contemporâneos a uma norma, em virtude da multiplicidade de regras que se fundamentam em opiniões

---

<sup>183</sup> «Prosa Apologetica, Justificação de huma Soberana Princeza, injustamente exclua das douts Conferencias da Academia Real de Lisboa, recitada na sala academica do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes» (*Prosas Portuguezas*, II: 170-185); «Prosa Grammatonomica, Portugueza, ou regras, e leys, para o uso das letras do Alfabeto Portuguez, na escritura, e na pronunciação» (*ibidem*: 186-228). Apesar da ausência de datação, as comunicações terão sido proferidas o mais tardar até 1723, pois menciona a participação de D. João V nas sessões da Academia Real em 1722 e lembra que há 55 anos assiste na corte de Portugal, tendo chegado em 1668 (*ibidem*: 171, 193).

<sup>184</sup> «Em todas as partes se escreve, e em todas ellas ha quem escreve mal, com tão grande desattenção ao decoro da Orthographia, que ordinariamente he a parte em que menos se cuida. Agudeza nos chistes, magestade nas sentenças, pomposa erudição, elegancias affectadas, soberbas altiloquencias em papeis impressos, ou manuscritos, são todo o empenho dos Escritores; da Orthografia, que a todas as imagens da locução dá o complemento, e o lustre, nenhum caso se faz: o escrever correcto parece trabalhosa inutilidade, e tediosa impertinencia» (*ibidem*: 172).

<sup>185</sup> *Ibidem*: 180-182.

subjectivas de autores diversos. Em consequência, as contradições geram o descrédito e prejudicam a praticabilidade dos sistemas propostos<sup>186</sup>.

A «Prosa Grammatonomica», em contraste com a antecedente, apresenta muito maior contenção no aparato retórico, pautando-se pela preocupação em definir, sistematizar e clarificar, com características estilísticas e estruturais que a aproximam do registo que encontramos do *Vocabulario*. Trata-se de um texto informativo, muito dependente da intertextualidade e com abundante número de exemplos e remissões, pelo que é pouco provável que a versão proferida nas sessões tenha sido a mesma que foi publicada em 1728.

Quanto à estrutura, a exposição segue rigidamente a tradicional ordenação alfabética, já presente em Nunes de Leão, o que condiciona o âmbito de análise, pois exclui a acentuação e a pontuação. Não se limita a uma colecção dos artigos que ao longo do dicionário dedicou a cada uma das letras do alfabeto, pois introduz alterações substanciais, reduzindo consideravelmente a informação relativa à língua latina e concentrando-se no português. Outra inovação é o leque de autores citados, uma vez que, no *Vocabulario*, os textos de Nunes de Leão eram a fonte quase exclusiva, talvez pelo carácter prático e informativo das listas de palavras contidas na *Orthographia*.

Na «Prosa Grammatonomica» propõe uma reflexão mais elaborada, procedendo a uma recensão da principal produção metaortográfica do século XVII, em que confronta os pontos de vista de Nunes de Leão, Vera, Barreto e Bento Pereira, e aponta as soluções de sua preferência. É também o primeiro testemunho em que o lexicógrafo reconhece a sua responsabilidade por algumas incongruências na grafia do *Vocabulario*, pois, segundo afirma, só a meio da obra definiu uma norma orientadora em algumas áreas problemáticas, guiando-se até então pelo uso dos autores:

Eu, que nisto mesmo que encomendo, tenho faltado, confesso minha culpa, e sinto muito ter dado taõ mau exemplo. Em muitas dicçoens do meu Vocabulario tenho confundido as duas Orthografias Grega, e Latina; porque como no principio, e continuação da obra ainda não tinha tomado partido, hum dia, à imitação de algum Author Portuguez, seguia a Orthografia dos Gregos, outro dia, à imitação de outro Author da mesma nação, seguia a dos Romanos; e quando quiz remediar, já não era tempo, porque a mayor parte dos volumes tinhaõ sahido à luz, e só com outra edição, (se a obra era merecer, e a conseguir) se poderãõ emendar estes, e outros erros<sup>187</sup>.

<sup>186</sup> «No principio chamey a este discurso Apologia, porque muitos que se não querem sujeitar ao rigor dos seus preceitos, lhe chamaõ arte pueril, estudo impertinente, Grammatica litigiosa, e chea de intrincadas controversias, como as que experimentamos na varia doutrina dos nossos Orthografos Portuguezes» (*ibidem*: 183).

<sup>187</sup> *Ibidem*: 195

As conferências são posteriores à publicação dos oito tomos do *Vocabulario* e contemporâneas da elaboração do *Suplemento*, mas os críticos teriam decerto levantado objecções anteriormente. No «Prologo segundo» a questão da ortografia já mereceu acolhimento e, em resposta aos que no dicionário não encontravam as palavras com a grafia esperada, lembra que nas conferências defendera a normalização<sup>188</sup>.

#### 4.1. O sistema ortográfico: conceito e critérios

Em face das perplexidades da notação escrita dos vernáculos, é com prudência que os gramáticos e ortógrafos apresentam as suas definições de ortografia. Nas principais obras da gramaticografia latina e vernácula, os autores optam geralmente por explorar a etimologia da palavra (*orthos*, *graphein*) e organizam a definição em torno da lição de Quintiliano, «quod Graeci orthographiam vocant, nos recte scribendi scientiam nominemus»<sup>189</sup>. Bluteau publicou duas definições de ortografia, primeiro na respectiva entrada do *Vocabulario* e, alguns anos depois, na «Prosa Apologetica», no âmbito das sessões académicas a que nos referimos anteriormente:

ORTHOGRAPHIA. Derivase do Grego *Orthos*, Recto, & *Grapho*, Escrevo, & assim Orthographia vem a ser, Arte de escrever as vozes, com as letras convenientes à sua origem, & recta pronunção, que o uso tem introduzido [...].<sup>190</sup>

Orthografia he palavra Grega, derivada de Orthos, que quer dizer Direito, e Graphein, que significa Escrever; e assim confesso, que Orthografia não he outra cousa, que arte de escrever recta, e directamente em qualquer idioma; isto he, de escrever as palavras com as letras devidas, e sómente necessarias, sem pôr huma por outra, nem alguma de mais, ou de menos.<sup>191</sup>

Não se trata de elaborações originais, pois em ambos os casos as fontes são identificáveis: como se conclui da confrontação dos textos, terá recorrido aos tratados de Álvaro Ferreira de Vera<sup>192</sup> e João Franco Barreto<sup>193</sup>. Se, em termos gerais, a ortografia é a

<sup>188</sup> Cf. IV.4.2.2.

<sup>189</sup> Quintiliano, *Institutio oratoria*, 7, 1. Sobre as sucessivas definições de ortografia nas principais obras da gramaticografias latina e vernácula, cf. Kemmler, 1996: 10-12.

<sup>190</sup> *Voc.*, s.u. ORTHOGRARIA.

<sup>191</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 184.

<sup>192</sup> «Orthographia he arte de escrever as vozes com as letras dividas á direita pronunção, & segundo a sua origem: porque orthos (em Grego) quer dizer direito; & graphos escreuo: como se dissessemos, escrevo como pronuncio» (Álvaro Ferreira de Vera, *Orthographia...*, 1631).

escrita sujeita a normas, a definição que elabora a partir de Vera é a mais devedora ao peso da tradição dos gramáticos latinos, pois invoca um conjunto de critérios que configuram as regras ortográficas: origem, pronúncia e uso. Juntamente com a analogia, que Bluteau aqui não refere, estes quatro princípios representam a actualização, no universo das línguas novilatinas, dos elementos que Varrão identificou como constituintes da *latinitas* (*natura, analogia, consuetudo e auctoritas*), ou, de acordo como o modelo posterior de Quintiliano, *ratio* (englobando *analogia* e *etymologia*), *vetustas, consuetudo* e *auctoritas*<sup>194</sup>. Quanto ao empréstimo à *Ortografia* de Barreto, a opção parece justificar-se pelo facto de a sua definição não se restringir a nenhuma língua em particular, o que se adequa ao tema da «Prosa Apologetica», em que a ortografia, ou, mais propriamente, a escrita, é considerada numa dimensão diacrónica e interlinguística.

Etimologia, pronúncia e uso eram critérios há muito tempo citados na discussão metaortográfica do português, e constituíram três fontes de soluções para a passagem da língua ao registo escrito. A co-ocorrência das diferentes orientações — quer na prática, quer nos tratados — dificulta as periodizações da ortografia que assentem numa delimitação opositiva de períodos fonético e (pseudo)etimológico, separados por uma fronteira colocada no século XVII. No entender de R. Kemmler, uma vez que nos sistemas propostos pelos ortografistas não prevalece em absoluto o traço da representação fonética ou o traço etimologizante, será mais correcto considerar que se trata de um processo interactivo, em que variou o grau de importância concedida a cada um dos traços<sup>195</sup>.

#### 4.1.1. Etimologia e analogia

O final do século XVII e a primeira metade do século XVIII correspondem a um período em que, nas obras de reflexão metalinguística, se acentua a tendência para uma

---

<sup>193</sup> «Ortografia he arte de bẽ escrever qualquer linguagem; isto he, de escrever as palavras, & as vozes cõ as letras devidas, & sòmẽte necessarias, sã por uma por outra, nã alguma de mays, ou de menos» (João Franco Barreto, *Ortografia da Lingua Portuguesa*, 1671).

<sup>194</sup> Cf. Gonçalves, 1992: 56.

<sup>195</sup> Observando as principais propostas de periodização da ortografia portuguesa — cujos critérios, de resto, considera pouco definidos — R. Kemmler (1996: 119-124) nota que nenhuma tem em conta o surgimento dos primeiros textos metaortográficos.

escrita etimologizante, com a publicação de instrumentos normalizadores que, sucessivamente, defendem e apuram o princípio da fidelidade à imagem da matriz latina, com destaque para a *Prosodia*, o *Vocabulario* e a *Orthographia* (1734) de Madureira Feijó.

Embora os argumentos do prestígio e nobilitação do vernáculo fossem recorrentemente invocados nos textos de defesa e ilustração da língua, do ponto de vista da teoria da escrita a opção pela via etimológica não se reduz a uma demonstração de afecto pela tradição escritural latina, à luz da renovação cultural inspirada pelo mundo clássico antigo. O latim, depurado pelos filólogos humanistas, difundido pelo texto impresso e apoiado por instrumentos lexicográficos era a fonte privilegiada para a regularização desejada. O respeito pela etimologia era geralmente considerado como o critério de implementação menos problemática, já que a solução consistia em explorar e potenciar as semelhanças com um sistema ortográfico sobejamente conhecido e tido por coerente, com a vantagem acrescida de viabilizar a estabilidade e permanência do signo gráfico.

A aproximação ao latim concretiza-se sobretudo sob a forma de grafemas etimológicos latinizantes, em que, segundo o princípio de uma escrita ideovisual, as letras actuam como marcadores semânticos e facilitam o processo de reconhecimento das palavras e do respectivo significado, devido à criação de hábitos visuais por parte do leitor<sup>196</sup>. Se é certo que o sistema obrigava a um constante apelo à confrontação com o latim, restabelecendo os laços da filiação das palavras, o facto é que a interacção das duas línguas já se vinha intensificando desde a primeira metade do século XVI, com reflexos ao nível da ortografia e do vocabulário. Este fenómeno, geralmente designado de latinização do português, não só resultou numa abundante produção terminológica, como correspondeu a um «desbloqueamento do léxico do português escrito»<sup>197</sup>.

Para Bluteau, a via das grafias etimologizantes já não era questionável, uma vez que as inversões a essa tendência, no sentido de uma aproximação à pronúncia

---

<sup>196</sup> Recorremos à terminologia empregue por L. Pasques (1988: 36-37), caracterizando as teorias da escrita subjacentes à antiga ortografia etimológica do francês. Sobre os princípios da escrita ideovisual e as teorias ortográficas da Académie, cf. Biedermann-Pasques, 1998: 113.

<sup>197</sup> Verdelho, 1987: 182. Na primeira metade do século XVI, «o “ser latino” (mesmo para falar e escrever em português), começou a ser preponderante, e [...] além da ortografia, o próprio vocabulário latino, passou a ser utilizado, de modo consciente e intencional, como elemento

efectiva, introduziriam mais perturbações que benefícios. Assim, perfilhava o princípio de que a precisão do significado da palavra dependia da clareza com que a ortografia conseguisse tornar identificável a informação semântica associada à etimologia<sup>198</sup>. O postulado, em si, não constituía novidade, pois o argumento já era glosado nos textos de ilustração do vernáculo e, entre as obras mais recentes, fora amplamente explorado no *Antidoto* (c. 1710) de José de Macedo. Interessa-nos, sobretudo, a veemência com que elege a lexicografia latina, a partir do *Calepino*, como via privilegiada para a configuração das soluções ortográficas, uma vez que o decalque deve respeitar tanto quanto possível a forma original, bastando «saber buscallas nos Vocabularios Latinos, porque nelles se achará huma sufficiente declaração para pollas por escrito, com a intelligencia que basta»<sup>199</sup>.

Também neste âmbito é notória a influência da dicionarística francesa, em que a transição para a lexicografia monolingue não implicou simplificações ortográficas de vulto, mas antes um aprofundamento e consolidação da escrita etimológica. Nos dicionários da Académie, «exemplares, e prototypos de todos os mais [...] naõ achará o Leitor Filosofia, nem Filologia, &c. mas Philosophie, Philologie, Philomele, Philtre, Phlebotomie, Phrenesie, &c»<sup>200</sup>.

A *Prosodia* de B. Pereira era, entre as obras nacionais, o dicionário mais completo e acreditado a que os portugueses podiam recorrer para regular a escrita e a introdução de neologismos e compostos eruditos, vertendo criteriosamente a nomenclatura latina e respeitando o sentido determinado pela glosa:

Em Portugal he hoje muito facil esta distincão na Orthografia das palavras derivadas do Grego. Na ultima edição da Prosodia do Padre Bento Pereira se achão todas as palavras Grego-Latinas, que mais commumente se usaõ. Para a portuguezallas, e vulgarizallas com o seu proprio significado, o meyo mais facil, e mais facil, [sic] he usar dellas com a mesma Orthografia, com que na dita Prosodia se achão impressas; o mudarhe a Orthografia, he estropeallas, e privallas do seu genuino sentido»<sup>201</sup>.

Importa notar que, quanto ao *Thesouro*, a opinião já não era tão favorável, uma vez que a nomenclatura portuguesa, além das formas correctas, incluía variantes que desrespeitavam o étimo latino e a analogia, e em que a grafia seguia a pronúncia mais

---

enriquecedor da língua portuguesa, e certamente como índice de erudição e marca de prestígio» (*ibidem*: 158).

<sup>198</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 194.

<sup>199</sup> *Ibidem*: loc. cit.

<sup>200</sup> *Ibidem*: loc. cit.

<sup>201</sup> *Ibidem*: loc. cit.

usual. É certo que a obra não é explicitamente identificada — Bluteau contém-se nas críticas ao dicionário dos jesuítas — mas o facto de todos os exemplos citados ocorrerem no *Thesouro* denuncia o alvo da crítica<sup>202</sup>.

A aprendizagem de uma grafia de tipo etimológico torna-se um pesado exercício de memória visual, facilitado, é certo, quando suportado pelo conhecimento do latim. Considerando a precariedade da escolarização, tal sistema reduzia o número de indivíduos que o podiam aplicar com correcção, alguma coerência e notícia dos princípios subjacentes.

Esta dependência do sistema ortográfico português, com implicações na pedagogia, é patente nas *Regras da lingua portuguesa, espelho da lingua latina* (1721), de Jerónimo Contador de Argote. Acreditando que a aprendizagem do vernáculo deve anteceder a do latim, o autor expõe as regras gramaticais do português que considera comuns a ambos os idiomas, sem pressupor qualquer conhecimento da língua clássica por parte do aluno. A obra inclui um «Tratado breve da orthografia da lingua portugueza» (pp. 341-356), de âmbito muito limitado, em que enuncia alguns preceitos sobre pontuação, emprego de maiúsculas e aborda de forma superficial a grafia de grupos consonânticos, como o caso das sequências <-mp->, <-mb-> e da duplicação de consoantes exclusivamente em posição intervocálica. Aspectos como a grafia e pronúncia dos ditongos, o sistema das sibilantes, os grupos consonânticos etimológicos, os dígrafos helenizantes ou o emprego do <h> são omitidos, aguardando uma posterior iniciação ao latim<sup>203</sup>.

Os partidários de uma escrita etimológica são os primeiros a admitir que a emulação do latim é um factor de distinção social, apartando os doutos, que na escrita espelhavam a sua erudição, do vulgo, que se limitava a tentar reproduzir a oralidade. Esta diferenciação de registos é socialmente justificada, pois, como nota Bluteau, «nas Cortes

---

<sup>202</sup> «Em Dicionarios Portuguezes passam por synonymos *dissuadir*, e *dessuadir*, *despensar*, e *dispensar*, *descante*, e *discante*, *desbarate*, e *disbarate*» (*ibidem*: 195). Por exemplo, no *Thesouro* (1697), a entrada DISSUADIR remete para DESSUADIR, e a glosa é «Dissuadeo, es. Abhortor, aris»; regista ainda «Dessuadida cousa. Dissuasus, a, um».

<sup>203</sup> A obra apresenta-se sob a forma de um diálogo entre mestre (M.) e aluno (D.). Questionado sobre a forma de escrever com as letras devidas, o discípulo responde: «D. Sabe-se pelos livros da Orthografia Portugueza, e tambem com o uso, e lição dos livros, attentando o como se escrevem as palavras. / M. Dizey algumas dessas regras. / D. As regras da Orthografia Portugueza a mayor parte depende de alguma noticia da lingua Latina, e como este tratadinho se faz para os que ainda não sabem a lingua Latina, he escusado repetir essas regras.» (Argote, *Regras...*, 1725 (1721): 349). A ortografia é definida como «a arte de escrever as palavras, e Oraçoens com acerto. [...] He escrever as palavras, e Oraçoens com as letras, e pontuação, com que se devem escrever» (*ibidem*: 341-342).

pede o decoro, que a nobreza, e os doutos no fallar, e no escrever se distingão do vulgo»<sup>204</sup>. O domínio da linguagem não poderia deixar de se inserir no vasto conjunto de regras, rituais e precedências que, no período barroco, regulam as relações interpessoais e a admissão à esfera das instituições de poder, político e religioso. O esforço de aperfeiçoamento da língua tinha como horizonte imediato a exploração das potencialidades retóricas, segundo o modelo greco-latino, ainda praticamente hegemónico na composição literária socialmente prestigiada. Nestes pressupostos, o conceito de uniformização não se confunde com o de universalização, pois parte-se do princípio de que a escrita do vulgo será sempre desregrada, reflexo de um uso também ele descuidado<sup>205</sup>.

O padrão etimológico representava um acréscimo de estabilidade para o sistema ortográfico, mas coexistiam princípios de escrita analógica, cedências ao uso e reprodução da oralidade, que actuavam como elementos desequilibrantes, na medida em que a sua aplicação implicava um considerável grau de arbitrariedade. Embora os três critérios não mereçam tantas referências como o etimológico, Bluteau não deixa de apontar os inconvenientes dos princípios que não dependam de normas constringentes.

Se a introdução no português de decalques de palavras latinas não parece suscitar problemas, a questão das grafias analógicas surge como uma fonte de divergências. O critério da analogia, complementar e decorrente do etimológico, porque assentava na exploração de semelhanças com o latim como solução para casos duvidosos, podia ser aplicado a uma parte considerável do léxico português, conferindo à grafia uma “aparência” latinizante, de acordo com o princípio ideovisual já referido<sup>206</sup>. O carácter

---

<sup>204</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 194.

<sup>205</sup> «Hoje, que ha Diccionarios amplissimos de etymologias Grego-Latinas, facilmente podem os Doutos ter noticias de todas as origens, e derivaçoens dos vocabulos destas linguas; que desprezem os idiotas estas noticias, pouco importa. Assim como ninguem faz caso do modo com que fallaõ; a ninguem dá cuidado o modo com que escrevem. Aos letrados compete por obrigação o bom uso das letras» (*ibidem*: 225).

<sup>206</sup> Os conceitos de etimologia e analogia não se aplicavam somente em relação ao latim, mas também obrigavam ao respeito pelas palavras portuguesas, especialmente em casos de derivação (cf. Bento Pereira, *Regras...*, 1666: 7-9). Embora Bluteau não distinga explicitamente etimologia e analogia, da observação dos seus exemplos é lícito concluir que a sua concepção não se afastaria muito da que é expressa na *Orthographia* de Madureira Feijó (1739 (1734): 31): «Analogia, palavra Grega, he o mesmo que proporçaõ, conveniencia, ou similhança de humas cousas duvidosas com outras, que são certas; e serve para escrevermos com acerto innumeraveis palavras, que fazendo duvida nas letras, com que se haõ de escrever, esta duvida se tira pela proporçaõ, ou similhança, que tem com outras, que são certamente. E deve-se observar esta regra mais principalmente nas palavras

arbitrário devia-se à variabilidade no grau de aproximação às formas latinas — isto é, aplicando ou não a analogia na máxima extensão — e a um conhecimento pouco seguro da etimologia, disciplina ainda muito devedora às lições fantasiosas dos gramáticos latinos e medievais. Para Bluteau, a aplicação da analogia não pode ser sistemática, uma vez que tem de ceder perante o uso geralmente aceite:

Estas leys da analogia, ou proporção de vocabulos de huma lingoa para outra, são muy falliveis, porque são poucos os que sabem com perfeição as duas linguas, que se communicãõ; e o uso como he mais poderoso que as leys, quasi sempre prevalece<sup>207</sup>.

#### 4.1.2. Pronúncia

O ajustamento da escrita segundo critérios analógicos conduziria também a uma progressiva reformação dos hábitos de pronúncia, mais uma vez no sentido da latinização, contrariando fenómenos fonéticos que eram tidos por manifestações de desvio. Observando formas como *enformação*, *enquirir*, *investir*, *dereito* conclui que:

Finalmente nesta sorte de palavras teriamos hũa regra certa para escrevellas, e pronunciallas como convem. Verdade he, que os que não sabem de Latim, se não poderiaõ governar por ella; mas para quem não sabe, não ha neste mundo outro remedio, que estudar para aprender, ou perguntar para saber<sup>208</sup>.

As cedências ao critério da pronúncia, que não fossem consagradas pelo uso, merecem a reprovação de Bluteau. Nesse sentido, recusa sistematicamente as intervenções propostas por João Franco Barreto, que visavam moderar a introdução de grupos consonânticos greco-latinos, sem realização oral efectiva. É o caso dos dígrafos <ch>, <ph>, <th> e do <y> etimológico, que deveriam ser simplificados aquando da transposição para português das palavras latinas que os mantinham como indício da

---

derivadas da lingua Latina; em que seria impropria a derivação, senão imitassemos a similhaça». Citando um exemplo retirado do ortografista: «E se me disserem que o Latinos escrevem Nunquam, e nós Nunca; respondo, que quem escreve Nunca não erra, antes segue a analogia da palavra» (*ibidem: loc. cit.*). Sobre o princípio da analogia em Feijó, cf. Gonçalves, 1992: 60.

<sup>207</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 200-201. A propósito desta temática, rejeita as regras de Franco Barreto, que pretende grafar <-je-> em palavras como *magestade* e *engeitar*. Bluteau argumenta que as formas com <-ge-> se encontram registadas nos dicionários de Cardoso, Barbosa, Reboredo e Pereira, e são seguidas em documentos oficiais, concluindo que «me parece mais acertado conformarme com exemplos desta Orthographia, taõ authorizados, do que pegarme às analogias de João Franco Barreto» (*ibidem: 201*).

<sup>208</sup> *Ibidem: 203*.

origem grega; ou ainda a supressão do <h> inicial, marca de uma aspiração que todos reconheciam ser inexistente<sup>209</sup>.

Barreto argumenta que se trata de «escrever como se pronuncia, que he a pedra fundamental de toda boa ortografia, & que só por excellencia (como ja dice) ã nossa lingua se acha»<sup>210</sup>, mas o teatino parece querer ultrapassar o já muito glosado princípio, ao notar que, em cada língua, a relação entre as letras e a pronúncia assenta numa convenção, que aos estrangeiros parecerá inevitavelmente estranha. Essa convenção, fortemente inculcada pela aprendizagem da leitura, leva os nacionais, ignorantes ou tendenciosamente patriotas, a considerar que a sua língua é a mais perfeita, pois só nela se fala como se escreve<sup>211</sup>. Como demonstração, invoca a sua experiência multilingue para aduzir exemplos de desencontros entre o latim, italiano, francês e português, pelo facto de aos mesmos grupos de grafemas se atribuírem realizações distintas, recordando assim aos «zelosos da perfeição do idioma Portuguez» que, para os estrangeiros, também o português parece sofrer de deficiências<sup>212</sup>. Ou seja, afirmar que se intervém no sistema ortográfico para adequar a escrita à pronúncia é, no fundo, uma falsa questão, pois o princípio da convenção permite a manutenção de grafias etimologizantes, a que o leitor nelas instruído saberá atribuir o valor fónico correcto. A pronúncia, variável no tempo e no espaço, era, por conseguinte, um critério desvalorizado, e a sua instabilidade não parecia constituir uma base satisfatória para uma escrita perene e normalizada.

Contra a pronúncia somava-se ainda o factor da variedade dialectal, a que Bluteau não foi indiferente, uma vez que acolheu no *Vocabulario* um abundante número de entradas marcadas como «termo chulo», «palavra da Beira», ou «palavra do Minho», para além do «Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho, e Beira», publicado no *Suplemento*. Mas o seu interesse por esse caudal de palavras não contraria o princípio de que o modelo de pronúncia reside na província da Corte, configurando um registo sociolectal prestigiado<sup>213</sup>.

---

<sup>209</sup> Cf. *ibidem*: 197-198, 212, 225.

<sup>210</sup> Barreto, *Orthographia...*, 1671: 108. Sobre o critério da pronúncia na abolição de grafias etimológicas, cf. também pp. 148, 183-184.

<sup>211</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 187-189.

<sup>212</sup> *Ibidem*: 188.

<sup>213</sup> Bluteau define dialecto como «modo de fallar proprio, & particular de huma lingua nas diferentes partes do mesmo Reino; o que cõsiste no accento, ou na pronunciaçãõ. ou em certas palavras, ou no modo de declinar, & conjugar; & assim vemos, q̃ no mesmo Reino de Portugal os da Provincia da

Nas *Regras da lingua portuguesa* (1721), obra gramatical de cariz pedagógico, está bem sublinhada a preocupação em evitar a interferência na aprendizagem dos registos classificados como desviantes<sup>214</sup>. No capítulo dedicado aos “dialectos locais”, Argote distingue os falares da Estremadura, Entre Douro e Minho, Beira, Algarve e Trás-os-Montes, descrevendo-os por meio de traços característicos, fonéticos e lexicais, que se opõem à norma, localizada na Estremadura. É sintomático que as variações, ou melhor dizendo, as divergências, sejam designadas por «defeytos» e, quando o grau é considerável, quase as exclua do espectro da língua portuguesa<sup>215</sup>. O perigo da influência da pronúncia das classes populares é visível na forma como repudia os contactos dos alunos com o dialecto rústico, «hum modo de fallar a lingua Portugueza, mao e viciado, [...] e delle usa a gente ignorante, rustica e incivil», que se opõe ao dialecto «verdadeyro»<sup>216</sup>.

#### 4.1.3. Uso

Como Bluteau repetidamente reconhece, o uso, «como he mais poderoso que as leys, quasi sempre prevalece»<sup>217</sup>, não obstante o facto de também aumentar o grau de arbitrariedade do sistema ortográfico. A tradição impunha, é certo, uma distinção entre o uso do vulgo e o dos doutos, sendo que somente este último, difundido pela imprensa, prestigiado e digno de imitação, poderia constituir a *auctoritas*.

A elaboração do *Vocabulario*, um dicionário de nomenclatura muito extensa e abonada, implicou um alargamento considerável das fontes de autorização, expandindo o leque de ortografias potencialmente contraditórias. Mesmo que optasse por se restringir

---

Beira, de Entredouro, & Minho &c. não fallaõ, nem pronunciação [*sic*] o Portuguez do mesmo modo, que os filhos de Lisboa» (*Voc.*, s.u. DIALECTO). Cf. IV.2.2.3.

<sup>214</sup> Argote, *Regras...*, 1725 (1721): 291-301.

<sup>215</sup> O dialecto do Alentejo «differe pouco do da Estremadura [...] e dizem que tem alguns defeytos da pronuncia do Algarve. [...] Ha alguns de alguns lugares de Tras os Montes, e Minho nas rayas de Portugal, que são muyto barbaros, que quasi que se não pòdem chamar Portuguez, mas só os usa a gente rustica daquelles lugares» (*ibidem*: 295-296).

<sup>216</sup> *Ibidem*: 299. Os exemplos que cita testemunham toda uma série de fenómenos fonéticos que distinguem a língua não condicionada pela matriz escritural latina: «Para dizerem os rusticos Por certo, dizem Bofé. Aos Tostoens dizem Tostaens, aos Grãos Grães, &c. A letra Z muytas vezes pronunciaõ como G, [...] Atraverse dizem Estreverse. Flores dizem Froles, &c.» (*ibidem*: 300).

<sup>217</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 200-201.

aos “autores de boa nota”, o que não se verificou, as variações seriam inevitáveis, como reconhece no tomo publicado em 1720:

Temos quatro Autores de Orthographia da lingua Portugueza, ou para dizer melhor, quatro Orthographias, porque todas quatro são diversas, a do Licenciado Duarte Nunes de Leão, impressa anno de 1576. a de Alvaro Ferreyra de Vera, anno de 1631. & as de João Franco Barreto, & do P. Bento Pereyra mais modernas. Com Orthographia diferente destas quatro escreve muytas dicções o P. Man. Fernandes no seu livro intitulado, *Alma Instruida*, &c. Desta maneyra, em Portugal, para o modo de escrever não ha moda, nem regra certa; quasi todos escrevem como querem; & com a continuação desta diversidade, só cada hum poderá entender a sua escritura<sup>218</sup>.

A possibilidade de coexistirem vários usos prestigiados, sem que, à partida, fosse possível eleger o mais acertado e rotular os demais como reprováveis, recomenda que consideremos uma noção de ortografia menos restritiva — ortografia pluriforme —, designação que, em Portugal, se aplica a todo o período que antecedeu a primeira uniformização oficialmente institucionalizada, datada de 1911<sup>219</sup>. Deste modo, permanecendo o conceito de norma, seria admissível um determinado grau de variação, embora se mantivesse um núcleo de características que permitiriam formular juízos acerca da correção e aceitabilidade das soluções ortográficas.

Uma das características fundamentais do uso é o facto de não se submeter aos critérios de racionalidade, que são particularmente caros a Bluteau, e que fundamentam um sistema etimológico-analógico com ambições uniformizantes<sup>220</sup>. Na maior parte dos casos, no *Vocabulario* o uso é invocado para justificar a inclusão de palavras na nomenclatura, especialmente as que dificilmente se encontrariam abonadas em autores, como, por exemplo, os “termos chulos”<sup>221</sup>. No âmbito da ortografia, o uso legitima as

---

<sup>218</sup> *Voc.*, s.u. ORTHOGRAPHIA. Sobre o autor da *Alma instruida* (1687-1699), Inocêncio Silva oferece o seguinte comentário: «os nossos philologos e criticos, entre elles o P. Francisco José Freire, não consideram este escriptor de grande peso no tocante á linguagem, e notam-lhe muitos defeitos, e incorrecções. A propria orthographia de que usa é bastante irregular, e apresenta anomalias que são dignas de reparo» (Inocêncio Silva, *Dic. Bib.*, V: 420).

<sup>219</sup> Cf. Marquilhas, 2000: 230-234. «Uma concepção lata de ortografia, enquanto vertente institucionalizada de um sistema de princípios abstractos — a escrita —, variável segundo os contornos da sociedade em que vigora, torna desnecessário que nela se integre a noção de uniformidade. A *ortografia uniforme* surge no Ocidente em épocas bem recentes porque depende de um organismo suficientemente forte para prescrever com firmeza a sua observância» (*ibidem*: 233).

<sup>220</sup> O exemplo, apesar do tom anedótico, é ilustrativo: «FIAMBRE. [...]. Já que fiambre he comer de carne fria, eu antes dissera Friambre, que Fiambre. Mas ordinariamente mais póde o uso, que a razão» (*Supp.*, s.u.).

<sup>221</sup> Por exemplo: «ATRAZADO. Alguns cultos, zelosos do decoro das palavras não querem, que se diga *Atrazado*, nem *Atrazar*; mas são palavras tão cômuas, que difficilmente se poderá impedir o uso dellas» (*Voc.*, s.u.). «GUARDANAPO. [...] Querem alguns, que seja erro na lingua Portugueza chamar *Guardanapo* ao pano, com que nos alimpamos quando comemos, porque segundo o Nebricense no

formas irregulares, que desrespeitam a grafia do étimo latino ou que contrariam a regularidade das analogias, como a já referida forma *magestade*.

A ponderação dos diversos critérios deixa antever uma prática ortográfica conservadora, no sentido em se intervém moderadamente na tradição escritural prestigiada, e somente para conferir traços de regularidade ao sistema. Bluteau, a generalidade dos ilustres letrados contemporâneos, bem como os profissionais intervenientes no processo de impressão — homens de formação librária, na designação de Rita Marquilhas — tinham em comum uma ortografia regulada sobretudo pela habitação à imagem das palavras, e não tanto pelo som do dialecto que ouviam e em que se expressavam<sup>222</sup>.

---

seu Dicionario, Lit. M. *Mapa, ae*, ou *Mapum, i*, quer dizer a toalha de mesa [...] Mas já que o uso tem introduzido *Guardanapo*, parece mais acertado continuar com elle, [...]» (*Supp.*, s.u.).

<sup>222</sup> Cf. Marquilhas, 1991: 98.



### III. CARACTERÍSTICAS TIPOLOGICAS DO VOCABULARIO

No período que medeia entre o início da compilação do *Vocabulario* e a sua publicação ocorrem mudanças significativas no panorama da lexicografia europeia, com o surgimento de obras que se transformam em modelos de referência, e com a afirmação de novas tendências na elaboração dicionarística. Os dicionários reformulam-se e reinventam-se, de acordo com os gostos de novos públicos e pela intervenção dos editores, que pressentem o interesse por obras que organizem informação de tipo enciclopédico, em língua vernácula. Este movimento editorial foi particularmente activo em França, acompanhando o ascendente político e linguístico do país, mas também se fez sentir em Inglaterra, na Itália e na Alemanha. O facto de a *Prosodia* ter sido, durante quase 80 anos, a mais moderna e quase única realização da lexicografia portuguesa, demonstra o claro desfasamento do mercado editorial nacional no que respeita à variedade tipológica e ao investimento na descrição do português.

Bluteau procurará o enquadramento tipológico do *Vocabulario* em exemplos da mais actual e prestigiada lexicografia francesa<sup>223</sup>. Na década de 80, os principais

---

<sup>223</sup> A lista das obras lexicográficas publicadas em França, ou relativas à língua francesa, entre 1670 e 1720, ilustra a vitalidade do mercado editorial e a apetência do público por este género de textos (cf. o repertório de Quemada, 1968: 574-580, que não é exaustivo e exclui, por exemplo, os dicionários históricos). Reproduzem-se aqui alguns títulos essenciais, que Bluteau cita frequentemente:

1671 — F. Pomey, *Dictionnaire royal augmenté*, Lyon

1673 — P. Danet, *Dictionarium novum latinum et gallicum*, Paris

1674 — L. Moreri, *Le grand dictionnaire historique*, Lyon (1<sup>a</sup> ed.)

1680 — P. Richelet, *Dictionnaire françois contenant les mots et les choses*, Genève

1681 — *Ambrosii calepini dictionarium*, Lyon

1683 — P. Danet, *Nouveau dictionnaire françois et latin*, Paris

1684 — C. de Rochefort, *Dictionnaire général et curieux de la langue françoise*, Lyon

1689 — P. Tachard, *Dictionnaire nouveau, François-Latin*, Paris

dicionários franceses eram bilingues (francês-latim) e caracterizavam-se pela predominância de informação linguística, tendo em vista o uso nos colégios dos jesuítas<sup>224</sup>. Todavia, na década de 90, além do *Dictionnaire de l'Académie* (1694), publicam-se grandes obras destinadas ao público culto e urbano que destacavam a informação de tipo enciclopédico, principiando com Furetière (1690), e culminando com a reedição ampliada de Moreri (1699).

A leitura destes dois últimos dicionários marcou profundamente Bluteau, ao ponto de motivar uma inflexão considerável nos objectivos previamente definidos para o *Vocabulario*. Nos 10 anos seguintes, o teatino rescreverá o seu dicionário, procurando incorporar numa síntese funcional modelos tão díspares como o prático e pedagógico *Dictionnaire Royal* (1691) de Pomey e o monumental e prolixo Moreri. A tipologia do *Vocabulario* poderá encontrar-se nessa sobreposição sincrética de diversos dicionários, por sua vez tipologicamente distintos.

## 1. Enquadramento tipológico

No fim do século XVII, a dicionarística monolíngue francesa ainda não conhece normas tipológicas suficientemente delimitadas, e, na prática, apenas uma pequena parte dos lexicógrafos acaba por respeitar na íntegra as opções inicialmente estabelecidas. Daí que, na análise das obras deste período, se admita a confluência de várias tendências num mesmo dicionário<sup>225</sup>.

Considerando o conteúdo global das obras, B. Quemada adopta, para a época em estudo, a distinção entre dicionários de coisas e dicionários de palavras. Estes últimos poderiam registar informações relativas ao género gramatical das palavras, forma gráfica

---

1690 — A. Furetière, *Dictionnaire universel*, La Haye

1691 — A. Pomey, *Le Dictionnaire royal, augmenté de nouveau*, Lyon

1694 — T. Corneille, *Dictionnaire des arts et des sciences*, Paris

1694 — *Dictionnaire de l'Académie françoise*, Paris

1697 — P. Bayle, *Dictionnaire historique et critique*, Rotterdam

1699 — L. Moreri, *Le grand dictionnaire historique*, Paris (9<sup>a</sup> ed.)

1704 — *Dictionnaire universel françois et latin de Trévoux*, Trévoux

1721 — *Dictionnaire universel de Trévoux*, Trévoux (2<sup>a</sup> ed.)

<sup>224</sup> Cf. Quemada, 1998: 50-51.

<sup>225</sup> Quemada, 1968: 76-77.

e sonora, filiação etimológica, significado, valores expressivos, emprego, grau de especialização, pertença aos diversos campos de linguagem. Os dicionários de coisas — ou de noções, segundo a designação do século XVIII — reportam-se àquilo de que a palavra é uma representação, seja uma ideia ou uma coisa, aduzindo informações acerca da origem, causas, história, funcionamento ou uso<sup>226</sup>.

No prólogo do *Supplemento*, Bluteau apresenta uma tipologia que contempla três géneros — históricos, de coisas, universais — que são definidos a partir das características dos dicionários que considera modelares. O critério distintivo parece atender mais ao tipo de nomenclatura seleccionada e não ao teor da informação que é dada acerca das unidades lexicais. A designação de “universal” é associada a uma obra que reúne a nomenclatura típica de dicionários de coisas e históricos, o que explica a equiparação entre o *Dictionnaire de l’Académie* e o *Dictionnaire Universel*:

**Se o Vocabulario for Historico**, como o de Luiz Moreri, nos nomes das pessoas insignes, e dignas da memoria da posteridade, se achará hum compendio da sua historia.

**Se o Vocabulario for de cousas**, e não de pessoas, como o do Abbade de Furetiere, ou da Academia da lingua Franceza, nos nomes de todas as coisas corporeas, e incorporeas se acharáo as suas mais singulares propriedades.

**Se o Vocabulario for como o do Lexicon Universal de Hofman**, achará o Leitor noticias das pessoas juntamente, e das cousas, e andará advertido nas materias concernentes à pureza da Fé, porque o Author não he Orthodoxo. Este meu Vocabulario, como não he de pessoas, nele só se acharáo os nomes de alguns Numes, ou Heroes, e Personagens fabulosas, cujo conhecimento me pareceo preciso para os Poetas, e Mythologicos. Porém de todas as cousas, que me vieraõ à noticia, faz o dito Vocabulario menção<sup>227</sup>.

Em bom rigor, o *Vocabulario* não se insere em nenhum destes géneros, tal como são descritos e exemplificados. Seria um dicionário de coisas, mas não equiparável a Furetière, e muito menos ao dicionário da Académie. A caracterização mais coerente e informativa surge no texto que introduz o «Vocabulario de Vocabularios», onde se encontra a distinção entre dicionários históricos e dicionários verbais, pormenorizando e confrontando a nomenclatura de cada um dos géneros. Se a informação referente aos históricos é semelhante ao que esparsamente vinha escrevendo nos prólogos, no caso dos

<sup>226</sup> *Ibidem*: 77. A propósito da tipologia de dicionários e obras de referência paralexiconográficas, Hartmann e James (2001, s.u. TYPOLOGY) distinguem dicionários gerais e dicionários especializados, integrando em cada um dos grupos obras de informação linguística e obras de informação factual (do inglês *factual information*). Por exemplo, um dicionário de língua é um dic. geral linguístico, uma enciclopédia é um dic. geral factual, um dicionário de provérbios é um dic. especializado linguístico e um dicionário de história é um dic. especializado factual.

<sup>227</sup> *Supp.*, I: «Ao muito alto, ... Rey, D. João». Sublinhado nosso.

dicionários verbais verifica-se uma descrição mais alargada e completa que, no fundo, coincide com as características do *Vocabulario*:

Muita differença vay de Diccionarios Historicos aos que chamo verbaes; estes ensinaõ o uso das palavras, aquelles daõ noticia das pessoas. **Diccionarios Historicos envolvem, e revolvem os tempos passados, e trazem à memoria os successos de todas as idades, as fundaçoens, augmentos, e declinaçoens dos Reinos, e das Republicas;** o principio, e a extincção das familias, e geralmente tudo o que pertence à Religiaõ, às ceremonias, ao governo, aos costumes [...]

Pelo contrario em **bons Diccionarios de Linguas, ou (como já lhes chamey) Verbaes, se achão todas as disciplinas com os termos, de que usaõ, alfabeticamente explanadas;** apparecem descripçoens das plantas, dos animaes, dos insectos, dos Mineraes, dos metaes, das pedras brutas, e finas, das drogas naturaes, e artificiaes; nestes mesmos Theatros da locução, e da erudição fazem seu papel a Theologia Moral, e Escolastica, a Jurisprudencia Civil, e Canonica, a Geometria, a Geografia, a Hydografia [*sic*], a Astronomia, a Gnomonica, a Musica, a Optica, a Catoptrica, a Dioptrica, e Perspectiva, a Pintura, a Escultura, a Architectura civil, e militar, a Statica, Tactica, e Pyrothecnica; a estas se ajuntãõ a Nautica, a Caça, a Altenaria, ou Alta volateria, a Pesca, a Agricultura, a Armeria, a Rhetorica, e a Poesia com etymologias, com Adagios, e termos de Naçoens do Oriente, e do Occidente tirados das Relaçoens, que ficaraõ de curiozos, que por terras estranhas andaraõ<sup>228</sup>.

Sublinhe-se que Bluteau se refere aos «bons Diccionarios de Linguas», que são aqueles em que a vertente universal se encontra largamente representada, o que constitui uma depreciação implícita de uma lexicografia mais exclusivamente linguística, como o dicionário da Académie. A descrição lembra inevitavelmente alguns dos domínios lexicais inscritos na portada do *Vocabulario*, mas registam-se expressões significativas como «todas as disciplinas», «apparecem descripçoens», «Theatros da locução, e da erudição», que apontam para a ultrapassagem do modelo configurado por Furetière. Desde 1690 até cerca de 1720 o paradigma de dicionário universal já evoluíra, e esse progresso foi incorporado no *Vocabulario*.

### 1.1. Dicionário universal

O aumento progressivo da informação de tipo enciclopédico — orientada mais para a descrição do mundo referencial, do que para as palavras que significam essa realidade — verificava-se na lexicografia latina desde o século XVI e acentua-se nos dicionários bilingues do século seguinte. Com a transição para obras monolingues, a prática está de tal modo enraizada que os dados extralinguísticos permanecem como um complemento valorizado e apreciado, ampliando a glosa e integrando a própria definição.

<sup>228</sup> *Supp.*, II: «Vocabulario de vocabularios». Sublinhado nosso.

Em consequência, os artigos também crescem em extensão, incluindo diversos temas que são recuperados e acumulados partir de dicionários anteriores. Como refere B. Quemada, a disparidade que recobre a noção de enciclopedismo torna-se, em pouco tempo, quase ilimitada, autorizando a multiplicação de notícias científicas, receitas para a vida prática e notas de economia doméstica<sup>229</sup>. Este é um período de experimentação, que antecede o esforço de avaliação global e crítica da informação, que caracterizará a prática dos enciclopedistas franceses da segunda metade do século XVIII.

A partir do dicionário universal de Furetière, a vida quotidiana e a diversidade de artes e ciências são centros de interesse nos novos léxicos monolíngues. A preocupação é registar, numa única obra, o maior número possível de palavras que, no seu conjunto, permitam aceder a informações acerca de uma realidade em mudança. Se em 1685 Furetière entra em conflito com os académicos para defender a utilidade do seu dicionário universal, poucos anos depois o modelo é largamente aceite, copiado e adaptado por vários lexicógrafos europeus, entre os quais Bluteau<sup>230</sup>.

O teatino não adopta no título a designação “universal”, mas na página de rosto e nos prólogos salientam-se muitos pontos de contacto com Furetière, expressando a firme crença de que o dicionário não se pode limitar a proporcionar o acesso às palavras, mas antes oferecer uma definição que informe acerca das propriedades do referente:

Muito menos trabalhosa, e menos util he a composição dos Vocabularios de duas, ou tres linguas, que unicamente trazem as palavras, que de hum idioma correspondem às de outro, [...] Em poucos mezes, e com pouco trabalho se póde fazer hum Vocabulario destes; mas desta summa esterilidade, que proveito póde tirar o Leitor? [...] para a sciencia pouco importa. Que importa, que em Ingles, e em Alemaõ, ou em outras linguas eu saiba como se chama hum Thermometro, se realmente não sey outra cousa delle, que o seu nome, nos ditos idiomas. Vocabularios proveitosos, são os que declaraõ a natureza, virtudes, e propriedades das cousas, que os vocabulos significaõ<sup>231</sup>.

Tal como defendia Furetière, à partida um dicionário universal não admite excepções, daí que, para Bluteau, «Vocabulario universal he huma nomenclatura de tudo,

---

<sup>229</sup> Quemada, 1968: 86.

<sup>230</sup> Limitamo-nos aqui a aspectos gerais que configuram o modelo dos dicionários universais do início do século XVIII. Sobre características específicas da obra de Furetière, cf. adiante cap. III.2.1.

<sup>231</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor estrangeiro». A declaração da «natureza, virtudes, e propriedades das cousas, que os vocabulos significaõ» contrasta com o reconhecimento da natureza dos vocábulos que significam as coisas, promovido especialmente a partir da *Grammaire générale et raisonnée* (1660). Este é um entre muitos passos claramente inspirados no prólogo do *Dictionnaire Universel*: «Car, que me sert de pouvoir nommer en plusieurs façons une même chose, si je ne suis capable d'en donner une bonne definition? Que m'importe, par exemple, qu'un niveau ait un tel nom en Latin, en Grec, en Alleman, en cent autres langues differentes, si je ne sais que c'est au fond qu'un niveau?» (Furetière, *Dict. Univ.*, 1690: «Preface»).

o que compreende em si o universo. Areas, & atomos são partes deste, & como tem nome, tem direito para terem nos Vocabularios o seu lugar»<sup>232</sup>. Com a consciência de que não é possível alcançar a exaustividade absoluta, a prioridade é uma representação satisfatória dos diversos domínios do léxico. Assim, ambos sublinham que os seus dicionários compreendem os termos de todas as artes e ciências; Furetière fá-lo em subtítulo, Bluteau declara-o no prólogo<sup>233</sup>.

À semelhança do *Dictionaire Universel*, a página de título do *Vocabulario* aponta para um conteúdo de natureza enciclopédica — subordinado à configuração do dicionário de língua — em que os longos subtítulos são tentativas de uma catalogação dos ramos do conhecimento contemplados. Ainda assim, Bluteau não se limita a copiar Furetière, e as diferenças são dignas de nota<sup>234</sup>.

Os subtítulos de Furetière são uma sequência de parágrafos, numa enumeração textualizada, em que se ensaia uma hierarquização dos saberes. De acordo com a leitura de André Collinot, o primeiro grupo refere-se ao homem e ao mundo, incluindo como subcategorias o espírito («La Philosophie, Logique...»), o corpo («Physique; la Medecine, ou Anatomie...») e a natureza («Botanique, ou l’Histoire naturelle des Plantes e celle des Animaux, Mineraux, Metaux & Pierreries...»). Segue-se a sociedade e as suas leis («la Jurisprudence Civile & Canonique, Feodale & Municipale...»); as ciências e as suas aplicações («Les Mathematiques, la Geometrie, & l’Algebre... l’Astronomie, l’Optique...»). Por fim, as belas artes («Les Arts, la Rhetorique, la Poësie, la Grammaire, la Peinture...») e as técnicas («la Marine, le Manège, l’Art de faire des armes... & la plus-part des Arts mechaniques»)<sup>235</sup>.

Em Bluteau, apenas a designação *Vocabulario Portuguez e Latino* merece destaque em caixa alta, seguindo-se uma sucessão de 57 epítetos, ordenados alfabeticamente, que completam o título. Emprega apenas adjetivos, derivados de formas nominais que, na sua

<sup>232</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor douto». Cf. a expressão de Furetière: «l’universalité ne souffre point d’exception» (Furetière, *Factums*, I, 1694: 23).

<sup>233</sup> Bluteau: «tras este Vocabulario os termos proprios de todas as sciencias Humanas, & Divinas, & de todas as Artes liberaes, & Mecanicas com definiçoens, ou descripçoens, que em breves palavras claramente expoem a substancia dellas» (*Voc.*, I: «Ao leitor douto»); o *Dict. Univ.*, em subtítulo: «Contenant generalement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les Sciences et des Arts».

<sup>234</sup> Cf. cap. IV.10.1.1., fig. 3.

<sup>235</sup> Collinot, 1985: 15-16. O autor aponta semelhanças entre esta proposta de repartição do mundo e obras como o *Indiculus Universalis* (1667) de Pomey.

maioria, são neologismos marcados pela erudição greco-latina e certamente de difícil descodificação, demonstrando assim a aptidão da língua portuguesa para tratar todas as matérias científicas mantendo o requinte formal<sup>236</sup>. Mais do que a acessibilidade do discurso, preocupa-o a harmonia estética da página e a enumeração retoricamente bem conseguida, de modo a «evitar circunloquios, e com succinta elegancia abreviar discursos»<sup>237</sup>.

Somente uma parte destes epítetos coincide com designações comuns de dicionários terminológicos — histórico, geográfico, farmacêutico, ... — pelo que não estamos perante uma descrição das partes do todo. É possível dividi-los em dois grupos: 1) os que indicam domínios do léxico; 2) os que enunciam características relativas à tipologia e técnica lexicográfica.

**1) designações de domínios lexicais:**

i) mundo natural	Anatomico, Botanico, Dendrologico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Hydrographico, Ithyologico, Lithologico, Meteorologico, Ornithologico, Uranologico, Zoologico
ii) actividades humanas	Architectonico, Bellico, Chimico, Ecclesiastico, Economico, Geometrico, Gnomonico, Liturgico, Medico, Musico, Nautico, Numerico, Optico, Pharmaceutico, Rustico, Therapeutico, Technologico
iii) tradição da erudição humanista	Dogmatico, Dialectico, Hierologico, Poetico, Philologico, Rhetorico, Symbolico, Theologico
iv) registos linguísticos	Aulico, Comico
v) estrangeirismos / neologismos	Brasilico, Indico, Neoterico, Xenophonico

Os domínios do mundo natural e das actividades humanas coincidem, de uma forma geral, com os tópicos a que Furetière concedia particular destaque, e que justificavam a ênfase nas ciências e nas artes.

As diferenças principiam com os domínios reunidos em iii), que no *Dictionaire Universel* têm um tratamento muito modesto. A sua presença destacada no *Vocabulario* pode ser classificada como uma herança da tradição erudita humanista, já que representam um tipo de informação valorizada pela lexicografia latina. É o caso da terminologia relativa à reflexão filosófica e teológica, «aos Dogmas, & materias concernentes â Fê, &

<sup>236</sup> Alguns dos termos nem se encontram na nomenclatura do *Vocabulario* (*dendrologico*, *hierologico*, *lithologico*, por exemplo), o que explica a preocupação do lexicógrafo em descodificar os adjectivos seleccionados, no prólogo «Ao leitor impertinente» (*Voc.*, I).

<sup>237</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico». «Se assim como nos permite o idioma Portuguez, que digamos Aulico, Architectonico, Bellico, Florifero, Fructifero, Nautico, Numerico, Syllabico, &c. aos Francezes lhe dera o seu idioma facultade, para dizer *Aulique*, *Architectonique*, *Florifere*, *Fructifere*, *Nautique*, *Numerique*, *Bellique*, *Syllabique*, &c. quem estranharia, que usassem destes, e outros semelhantes termos» (*ibidem*, *loc. cit.*).

pontos de Religião; â Logica, ou Dialectica [...] a toda a Theologia Escholastica, & Positiva». A mesma tradição justifica a recolha dos termos que codificam a dimensão estético-retórica da linguagem: o *Vocabulario* é filológico porque «nelle se explicam vozes Grammaticaes para a propriedade, & elegancia da locução, termos de Poesia vulgar, & Latina, & tudo, o que pertence a Humanidades, & amena litteratura»; é simbólico pela informação relativa a «motes, devizas, Emblemas, Jeroglyphicos, & Symbolicas imagens»; é retórico «porque traz os nomes de todos os tropos, & figuras da Rethorica»<sup>238</sup>.

No grupo iv), sob a designação de registos, encontra-se a distinção entre os extremos na gradação dos “níveis de língua” admitidos na nomenclatura: o áulico, «palavras proprias dos Palacianos, officios, & manejos da Corte», e o cómico, «palavras chulas, rifoens, & annexis do vulgo, proprios de comedias, & farças»<sup>239</sup>. Por fim, em v), os estrangeirismos, realçando em especial o léxico introduzido por via dos contactos com o Brasil e a Índia. Neste grupo considerou-se também o epíteto «neoterico», associado pelo autor às «palavras novamente introduzidas no idioma Portuguez», o que inclui os termos estrangeiros que o uso admitiu.

Os restantes epítetos não remetem para as características da nomenclatura, mas para o tratamento dicionarístico que é concedido às unidades lexicais. Uma vez descodificados pelo autor, os termos aproximam-se do que actualmente se designa por categorias de informação<sup>240</sup>:

**(2) tratamento metalexigráfico e metalinguístico**

Critico	«he Critico, particularmente no uso de algumas diçoens latinas, cuja significaçam he ambigua»
Etymologico	(não comenta)
Homonymico	«expoem todo o genero de Equivoco»
Isagogico	«neste [dicionário] se definem, & explicam todos os termos, que introduzem ao conhecimento de todo o genero de sciencias, & doutrina»
Laconico	porque « hum bom Diccionario, breve, & substancialmente trata de tudo.»
Orthographico	(não comenta)
Syllabico	«Sobre as palavras, que podem causar embaraço na pronunciaçam, hã sinaes»
Synonimico	«ou vozes, que, aindaque diversas, significam o mesmo»
Romano	«porque traz o latim, lingoa propria, & natural dos Antigos Romano»

<sup>238</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor impertinente».

<sup>239</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>240</sup> Cf. Hartmann e James, 2001, s.u. INFORMATION CATEGORY.

Bluteau enumera categorias de informação de tipo linguístico, referentes à etimologia, prosódia, sinonímia (relação com outras unidades lexicais), ortografia, marcas de uso (estilísticas), tradução (relação com unidades lexicais de uma língua segunda, o latim). Por sua vez, os termos *lacónico* e *isagógico* aludem às características da definição de um dicionário universal, que deveria conjugar a brevidade com a necessidade de explicar a substância e «introduzir ao conhecimento», o que pressupõe uma informação extralinguística de tipo enciclopédico<sup>241</sup>.

E foi precisamente a valorização das informações que complementavam a definição que motivou o sucesso editorial dos dicionários universais em França. Quando, a propósito do *Vocabulario*, Bluteau afirma que «tem este livro respostas promptas, & correntes para tuas duvidas. Primeiro te caçaràs tu em buscar, & perguntar, que elle em apontar, & responder»<sup>242</sup>, não se restringe à questão do significado. No seu entender, a perfeita compreensão do significado já não dispensava as informações adicionais, que faziam do dicionário uma obra tão útil e instrutiva, quanto os livros de onde as notícias haviam sido retiradas. O teatino apresenta o dicionário como o índice de uma biblioteca, não porque descodificasse a língua escrita, mas porque era uma súpula autorizada do conhecimento nela contida:

[...] e assim para a intelligencia de todo o genero de palavras, hum bom Vocabulario he hum Indice de todos os Indices de huma grande Livraria; he hum thesouro, em que se acha junto, o que anda em muitos cofres dividido; he a ucharia dos pastos do entendimento, a guardaroupa das sciencias, o armazem das noticias, e o **banquete universal de toda a sabedoria**.<sup>243</sup>

O dicionário universal é um instrumento facilitador, que não pretende acrescentar nada que não tenha sido dito por outra autoridade, seja ela um dicionário, um autor clássico ou o mais actual tratado científico. A prova da erudição e competência do lexicógrafo reside na qualidade da compilação, seleccionando e transcrevendo com fidelidade as notícias mais relevantes. Assim, porque confia na autoridade da tradição invocada, o leitor do dicionário aprenderá com mais facilidade do que se recorresse aos textos originais.

[...] porem com a pratica deste vocabulario, aprenderàs sem trabalho, e alcanças sem estudo, o que grandes Mestres, & famosos cathedraticos ignorão: sem tomar delles postilla, entenderàs os

<sup>241</sup> Não se incluiu em nenhum dos grupos os epítetos *qualitativo*, *quantitativo* e *quidditativo*, cujo significado o lexicógrafo não esclarece de forma inequívoca (cf. *Voc.*, I: «Ao leitor impertinente»). A interpretação mais plausível é que se relacionem com a nomenclatura, que incluiria os nomes que significam quantidades, qualidades e essências.

<sup>242</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor douto».

<sup>243</sup> *Supp.*, I: «Ao muito alto, ... Rey, D. João». Sublinhado nosso.

termos, com que se explicaõ; e juntamente lhes poderâs ensinar muitos, que elles ignoraõ. Em todas as artes fallarâs, como Mestre; & como jubilado, em todas as sciencias; poderâs seguir, & proseguir os discursos dos mais scientes, em todas as faculdades te darâ a tua erudição, com que sustentar a pratica, & com o commercio das letras, em toda a Região escolastica farâs escala<sup>244</sup>.

Nesta ambição de uma síntese do conhecimento — por enquanto desestruturada e pouco crítica — reconhecem-se as origens imediatas da Enciclopédia, mas o modelo acumulativo permanecerá em toda a primeira metade do século XVIII.

## 1.2. Dicionário bilingue

Até finais do século XVII, a grande maioria dos dicionários publicados em França era bilingue. O *Dictionnaire François* (1680) de Richelet permaneceu, por mais de dez anos, como a primeira e única excepção, mas tratava-se de uma obra editada na Holanda, para escapar ao privilégio da Academia. Esta restrição condicionou os lexicógrafos a organizarem os seus léxicos bilingues de modo a que suprissem as funções de uma obra monolingue. Daí que, para os consulentes, o facto de um dicionário ignorar completamente a informação latina não era necessariamente interpretado como uma vantagem. B. Quemada classifica algumas destas obras como “falsos bilingues”, uma vez que a informação sobre a língua antiga pode ser tão sucinta que se reduz a um complemento, numa glosa essencialmente monolingue<sup>245</sup>.

O *Vocabulario* foi concebido, inicialmente, como um dicionário bilingue, em que, à valorização da língua vernácula, se somava o incremento na quantidade e qualidade da informação latina; o ímpeto enciclopédico, atrás referido, é posterior. Encarando o latim como categoria de informação linguística, a sua função primária é a tradução do lema. Mas, porque beneficiava de uma amplíssima codificação gramatical e lexicográfica, o paralelo com o português contribuía para a inteligência do significado do vernáculo. Os autores franceses, e com eles Bluteau, valorizavam este aspecto, afirmando que deste modo os estrangeiros acediam à compreensão da língua de entrada, por intermédio do latim. Mas, em bom rigor, a tradução substituía muitas vezes a definição, simplificando a tarefa do lexicógrafo. Em simultâneo, o paralelo sublinhava a origem do português no

---

<sup>244</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor indouto».

<sup>245</sup> Cf. Quemada, 1968: 47.

latim, permitindo especulações etimológicas sobre os sentidos primitivos das palavras, justificar ortografias e estruturas sintáticas e, em síntese, enobrecer o vernáculo<sup>246</sup>.

O dicionário pretendia ir além do simples confronto entre línguas, funcionando como um auxiliar à composição literária em latim, para o que reunia exemplos de passagens e construções sintáticas dos autores latinos de melhor nota. Neste domínio, Cardoso, Barbosa e o *Thesouro* dedicavam às citações um espaço muito limitado, e a *Prosodia*, de acordo com a avaliação de Bluteau, era uma mistura de palavras «Latinas, e alatinadas, proprias, e barbaras, antiquadas, e novas»<sup>247</sup>.

O teatino, aluno dos jesuítas de La Flèche e das universidades italianas, não esconde a perplexidade perante a má qualidade das composições em latim elaboradas pelos portugueses, uma falha que atribuía à falta de estudo<sup>248</sup>. Na dedicatória ao rei, Bluteau sublinha que os seus vassallos possuem agora um instrumento que lhes permitirá «formar discursos, escrever cartas, & compor livros em latim com facilidade, & elegancia»<sup>249</sup>. A fonte da «verdadeira língua latina» era o trabalho dos lexicógrafos franceses e italianos que, ao longo do século XVII, depuraram a qualidade das recolhas monolingues, publicando as sucessivas edições do *Calepino*. De entre várias, elege a edição de Lyon (1681) como paradigma de uma selecção autorizada pelo labor filológico, princípios que tenta transpor para o *Vocabulario*:

A universal aceitação, e as muitas edições do Dicionario de Calepino me obrigáão a tomallo por exemplar do meu Vocabulario. [...] trago toda a fraze Latina, que pude achar, para os que quizerem compor em Latim, e nisto com particular estudo procuro imitar a Calepino, que não só explica todo o genero de palavras Latinas, mas tambem traz as diferentes accepções dellas, e com fidelidade allega com os bons Autores, que usáão delles, e até os lugares aponta<sup>250</sup>.

Ao contrário da *Prosodia*, no *Vocabulario* não há a intenção de garantir que tudo possa ser dito em latim, seja porque o referente não existia na Antiguidade, seja porque o termo que a tradição medieval forjara não se encontrava registado em autores do período

<sup>246</sup> Argumentos similares justificam a introdução do latim no *Dictionnaire Universel* de Trévoux. Este dicionário recupera parte da informação de Furetière, que era monolingue, mas insere nos artigos a tradução do lema em latim (cf. *Trévoux*, 1721, «Preface»: iv).

<sup>247</sup> *Supp.*, II, «Apologia»: 583.

<sup>248</sup> «Considerey o pequeno numero dos que neste Reyno se applicaõ ao Estudo da verdadeira Lingua Latina; o Latim das nossas Escolas, [...] usado dos seus Cathedraticos, ordinariamente he barbaro; entre nõs orações Academicas em Latim são raras, em bom Latim, rarissimas; poucos imitadores tem o Cicero da Lusitania, Ozorio; huns bestamente presumidos pela analogia, ou semelhança das palavras adivinhaõ, ou querem adivinhar o Latim, que ouvem» (*ibidem*: 584).

<sup>249</sup> *Voc.*, I: «Ao muyto alto ... Rey Dom João».

<sup>250</sup> *Supp.*, II, «Apologia»: 556-557.

clássico. A mesma preocupação estende-se à sintaxe e às expressões retoricamente marcadas, que motivam frequentes citações de longos excertos exemplificativos<sup>251</sup>.

A vertente bilingue do *Vocabulario* ultrapassa claramente o âmbito da simples tradução; não basta ao consulente saber como se diz, mas sim a forma mais correcta de se expressar nos estilos *levantado*, *poético* e *oratório*, de acordo com as designações da época. É possível enquadrar este modelo no conceito de formação desenvolvido e praticado nos colégios jesuítas franceses, e que se reflectia nas suas obras pedagógicas e lexicográficas. Falar e escrever correctamente o latim — a gramática latina — era apenas o passo que antecedia o estudo da retórica, em que só o conhecimento profundo dos autores desenvolvia a capacidade de distinguir as palavras adequadas à poesia, história ou oratória em geral, a par do domínio de todo um fundo de expressões destinadas a ornamentar o discurso<sup>252</sup>.

Neste modelo de dicionário bilingue, cultivado pelos jesuítas franceses ao longo do século XVII, a acumulação de informação latina surge em sucessivas subentradas, como se a palavra-lema mais não fosse que uma chave para aceder a domínios semânticos latinos amplos e diversificados. Como se notará oportunamente, em grande número de casos o resultado não será uma descrição do português, mas um reagrupamento de traduções de expressões latinas<sup>253</sup>.

## 2. Paradigmas lexicográficos: o cânone dicionarístico

O modelo do *Vocabulario* deve mais a uma assídua e interessada leitura de dicionários do que a uma teorização lexicográfica com alguma consistência e

<sup>251</sup> O cânone de Bluteau encontra-se definido na «Summaria noticia dos antigos autores latinos citados nesta obra para exemplares da boa latinidade» (*Voc.*, I). Além deste latim literariamente autorizado, admite toda uma série de expressões criteriosamente fabricadas, de modo a exprimir realidades que o latim clássico não conhecia: «Em varios lugares desta obra tomei o trabalho de exprimir com periphrasis, & circunloçoens latinas os nomes Portuguezes de varias Artes liberaes, & mecanicas, que não tem latim proprio; mas conhecendo por experiencia a inutilidade deste trabalho, por serem materias, que rarissimas vezes correm em discursos latinos, resolvime a deixar o latim dellas em branco» (*Voc.*, I: «Ao leitor impertinente»).

<sup>252</sup> Sobre a relação entre a aprendizagem do vocabulário latino e o ensino da retórica, nos colégios dos jesuítas em França, cf. Girardin, 1995: 21-22.

<sup>253</sup> Cf. cap. IV.5.2.

originalidade. Não se exigiria que Bluteau tivesse produzido uma reflexão com a envergadura e a acuidade de Furetière, mas o facto é que, por mais que discorra sobre a obra, a língua e os dicionários, não esclarece a questão fundamental que é a definição dos limites tipológicos.

Em geral, os lexicógrafos do século XVII ou eram pedagogos, ou trabalhavam sob a égide de uma academia regulamentadora; estes contextos de produção impunham condicionalismos programáticos e materiais que unificavam o dicionário, a que se acrescentava um controlo *inter pares* decorrente de um trabalho colaborativo. Não é o caso de Bluteau, um erudito que, por necessidades do percurso religioso e universitário, aprendeu as línguas clássicas e as principais línguas vivas europeias, e que — herança da formação jesuíta — valorizava o domínio da palavra e conhecia o valor utilitário e simbólico dos dicionários. O interesse pelas línguas e pela sua codificação confunde-se com o fascínio de bibliófilo pelo universo dicionarístico, que se concretiza sob a forma de uma colecção de obras, em várias línguas e de vários tipos.

Na sua cela teria mais de 60 obras<sup>254</sup> e o catálogo do «Vocabulario de Vocabularios» reúne cerca de 140 títulos. Tudo indica que não usou com semelhante assiduidade todas as obras mencionadas neste repertório excessivo, mas decerto conhecia a quase totalidade dos títulos e possuía, ou teria acesso facilitado a uma boa parte. Muitas dessas obras eram do início do século XVII, ou mais antigas, e constituíam uma fonte de informação erudita, mas representavam modelos de tratamento dicionarístico cada vez menos apreciados. O teatino preferia obras recentes, monolinguês ou implicitamente orientadas para o monolinguismo, ainda que com forte componente latina; sobretudo, a nomenclatura deveria contemplar domínios lexicais que apontassem para referentes extralinguísticos.

No “cânone dicionarístico” consideramos as obras cujas características tipológicas Bluteau mais se preocupou em reproduzir, e incluirá os dicionários universais de Furetière (1690) e Hofmann (1698), o *Calepino* de Lyon (1681), o bilingue de Pomey (1691) e, entre as obras de nomenclatura especializada, Moreri (1699) e Rochefort (1685). É um horizonte claramente dominado pelo melhor que a lexicografia francesa contemporânea oferecia.

---

<sup>254</sup> «Na minha cella tenho mais de sessenta volumes de Vocabularios, e alguns Gregos, e Hebraicos, precisos para descobrir etymologias, e nomes, que dos ditos idiomas se derivaõ» (*Supp.*, II: «Apologia»).

Desta lista de obras não faz parte o dicionário da Académie (1694), ainda que citado e elogiado por Bluteau nos prólogos. De facto, a sua tipologia e o género de reflexão linguística subjacente são, na prática, quase uma antítese do que o *Vocabulario* nos apresenta. Não obstante ter sido objecto de acesas críticas em França — sobretudo no respeitante à ortografia e imprecisão nas definições — o dicionário da Académie teve uma excelente recepção no estrangeiro. Em vez de citações literárias, propunha expressões de uso comum, o que, a par da organização por famílias de palavras, resultava num importante instrumento para a aprendizagem da língua<sup>255</sup>.

Deve também assinalar-se o facto não ter colhido influências marcantes em dicionários do castelhano, que, não obstante reunirem informações pertinentes para o português dada a proximidade das línguas, eram obras em que a técnica lexicográfica parecia menos consolidada, quando comparada com a dicionarística francesa. O *Tesoro de la lengua* (1611) de Covarrubias é o dicionário castelhano mais citado e é uma assídua fonte de informações de tipo etimológico, mas o facto de Bluteau discordar frequentemente das lições nele contidas e de criticar a técnica de definição por ele seguida não permite incluí-lo no conjunto de textos paradigmáticos.

A leitura dos artigos do *Vocabulario* comprova que o *Tesoro* esteve presente na mesa de trabalho do lexicógrafo, mas foi simultaneamente objecto de um confronto crítico bastante aturado, já que Bluteau discute a generalidade das explicações baseadas em analogias muito remotas ou insustentáveis, herdadas da tradição medieval. A sistemática tentativa de precisar uma etimologia para cada palavra merece inclusive alguns comentários irónicos em diversos artigos, pelo que, nessas circunstâncias, cita a opinião de Covarrubias exprimindo um distanciamento bem vincado<sup>256</sup>. Este dicionário revela-se

<sup>255</sup> Cf. Hausmann, 1998.

<sup>256</sup> Alguns exemplos: «ARANDELA [...] O Licenciado Covarrubias, que se preza de achar etymologias para todo o genero de palavras deriva *Arandella* de *Arandel Cidade* (Segundo elle diz) do Reyno de Inglaterra, donde na opiniaõ do dito Author, veyo esta invençaõ, como tambem certa volta, com que as mulheres de Castella cobrem, & ornaõ o pescoço.»; «CALABRIAR. Das etymologias Hebraicas, & Gregas, como tambem das muitas fontes da Provincia de Napoles, chamada *Calabria*, trazidas por *Cobarrubias*, nam faço mençaõ, porque todas ellas me parecem tam puxadas, que me não canso em puxar por ellas.»; «PERRO. Pareceme trabalho inutil o buscar a etymologia deste nome, porque o Licenciado Cobarrubias depois de se cançar muito nesta pesquisa, não achou em que fundar a derivação de *Perro*, senão no Grego *Pyr*, que quer dizer *Fogo*, & para authorizar esta etymologia, diz, que o perro he animal de temperamento muito secco, & quando se quer deitar, não podendo dobrar de golpe o espinhaço, dá voltas, & a cada volta que dá, o dobra hum pouco, atè que finalmente conhece, que se póde deitar. Notavel qualidade ignea he esta do Perro [...]».

sobretudo útil como fonte informadora do significado de palavras castelhanas que eram também usadas no português. Além destes aspectos, o facto de o *Vocabulario* pretender ser um instrumento de afirmação linguística do português recomendava um aproveitamento comedido dos dicionários castelhanos, inclusive nos contextos em que a proximidade do léxico e da semântica propiciavam a intertextualidade<sup>257</sup>.

### 2.1. *Dictionnaire Universel* (1690)

A obra de Antoine Furetière merecerá ao longo deste trabalho diversas referências, a propósito de características tipológicas, técnica lexicográfica específica e outros aspectos parcelares que influenciaram o *Vocabulario*. Importa sintetizar o complexo e conturbado processo da sua génese, pois aí reside parte da explicação para o facto de este ter sido o dicionário de língua mais apreciado pelo público francês dos finais do século XVII. A originalidade tipológica e as discussões polémicas em defesa do autor motivaram uma adesão quase partidária da maioria dos intelectuais parisienses, para quem a obra se tornou um símbolo de uma reacção anti-académica e um modelo de sucesso editorial para os lexicógrafos imediatamente posteriores, entre os quais Bluteau<sup>258</sup>.

O abade Antoine Furetière (1619-1688), admitido na Académie em 1662, foi um dos mais activos participantes nas poucas sessões em que os académicos se dedicavam à composição dos artigos do dicionário. Era um processo demasiado lento, pautado por um desinteresse generalizado dos membros e por indecisões, até perto da redacção final, em aspectos fundamentais como a ortografia, a classificação morfológica, ou a admissão de citações literárias a título de exemplo autorizador<sup>259</sup>. O resultado prefigurava-se como um dicionário que se demarcava da tradição, mas que recusava a tendência contemporânea

---

<sup>257</sup> Sobre o recurso ao *Tesoro* como fonte de definições para termos castelhanos, cf. cap. IV.9.5.

<sup>258</sup> A biografia de Furetière, os registos da sua contribuição nas sessões da academia, excertos dos textos da polémica com os académicos e o processo que conduziu à publicação póstuma da sua obra encontram-se documentados na longa e informativa introdução de Alain Rey à reimpressão do *Dictionnaire Universel* (Rey, 1978: 9-95).

<sup>259</sup> Cf. Collinot e Mazière, 1997: 26.

para o enciclopedismo; um dicionário de língua, com restrições à abrangência da nomenclatura, que os detractores designariam de “dicionário de palavras comuns”<sup>260</sup>.

Furetière não escondia a discordância em relação a estas orientações, em especial a restrição da nomenclatura, pelo que não causou estranheza que em 1684 pedisse uma licença para publicar um dicionário universal de artes e ciências, com a condição de o seu âmbito não coincidir com o da academia. Nesse mesmo ano publica *Essais d'un dictionnaire universel*, com que escandaliza os académicos, que não só o acusam de violação do privilégio e de plágio, como conseguem uma revogação da licença de impressão. A resposta de Furetière surge na série de *Factums* (1685), textos polémicos em que critica a escassa utilidade do dicionário da Académie, denuncia o pouco empenho dos seus membros e destaca as vantagens da sua própria obra. A opinião pública aplaude Furetière e defende a edição do dicionário, que despertara um vivo interesse, sobretudo entre a burguesia emergente; mas as restrições não são revogadas e o abade morre em 1688. Caberá a Pierre Bayle editar na Holanda o aguardado dicionário, em três volumes bem estruturados e tipograficamente cuidados, que conhecem sucesso imediato em França<sup>261</sup>.

Em sua defesa, Furetière argumentara que «les termes des Arts et des Sciences sont tellement engagés avec les mots communs de la Langue»<sup>262</sup>, pelo que dificilmente se poderiam ignorar as acepções particulares de muitas palavras de uso frequente. Reconhecia a autoridade dos académicos para descrever o bom uso, mas, porque a

---

<sup>260</sup> O dicionário da Académie era uma incumbência ordenada pelo rei, para descrever, unificar e normalizar uma língua de estado. Nesse sentido, trata-se de uma lexicografia sincrónica, em que não se reproduzem definições filológicas, retiradas de autoridades literárias, nem os usos se justificam com escritores prestigiados. Ao reagrupar as palavras em torno de uma entrada-base, e não alfabeticamente, analisavam a língua como algo sistemático e racional, explorando as relações morfológicas e etimológicas, sem recorrer ao latim. As decisões sobre estruturas frásicas e colocações decorrem da reflexão em torno do discurso, pelo que são exemplificadas não com citações, mas com frases e expressões construídas. No que respeita à nomenclatura admitida, a linguagem a descrever é a do dia-a-dia na corte, que exclui termos profissionais (as artes), linguagens especializadas (como as ciências) e todos os termos associados a pequenos grupos. Este princípio legitima também a rejeição dos regionalismos. Cf. Collinot e Mazière, 1997: 26-30; Catach, 1998: 75-76.

<sup>261</sup> P. Bayle (1647-1706), protestante francês exilado na Holanda, é também o autor do prefácio do *Dict. Universel*, em que recorda a conturbada dissensão entre Furetière e os académicos. Bayle publicou ainda o *Dictionnaire historique et critique* (1697), motivado pela correcção dos erros que encontrara em Moreri. Para a sua biografia, em especial sobre a colaboração com Furetière, cf. Rey, 1978: 70-73.

<sup>262</sup> Furetière, *Factums*, 1694, *apud* Quemada, 1968: 171.

abrangência da nomenclatura era muito limitada, essa descrição rapidamente se tornaria desatualizada e pouco útil para o futuro. Daí a opção por uma nomenclatura o mais abrangente possível, reunindo a língua arcaica, contemporânea e neologismos, num todo indissociável<sup>263</sup>.

Só aparentemente a descrição da língua é a preocupação central de Furetière, interessado não tanto pelas palavras, mas pela descrição exacta das coisas que as palavras designam, das noções científicas e de um saber racional. Como refere Laurent Bray, o seu discurso lexicográfico é um discurso crítico, mais sobre os conhecimentos e sobre as crenças, do que sobre a língua. Pierre Bayle explica no prefácio que «le language commun n'est icy qu'en qualité d'accessoire», como um complemento que tornaria o dicionário efectivamente universal; «c'est dans les termes affectez aux Arts, aux Sciences, & aux professions, que consiste le principal», ou seja, uma descrição dos tecnolectos e dos seus referentes<sup>264</sup>.

Este enfoque não é encarado como um defeito, até porque se conformava com os interesses do público. Bayle sublinha outras características apelativas, como a expectativa de uma leitura agradável, informativa e diversificada; uma descrição das coisas e dos conceitos em que se privilegia a história e as origens; o acesso a sínteses minimamente elucidativas sobre termos-chave das ciências em ascensão, a física e a história natural. A simples informação linguística, tal como se esperava do anunciado dicionário da Académie, era inequivocamente classificada como «secherese»:

On n'avertira poin non plus le public, que **la secherese qui acompagne ordinairement les Dictionaires n'est pas à craindre dans celui-cy**. Car outre que la vaste étendue, & la carriere immense que l'Auteur a choisie pour son dessein, fournit dans chaque page beaucoup de diversité, & ne permet pas que le Lecteur fasse beaucoup de chemin sans apprendre quelque chose qui en veut la peine; outre celá, dis-je, on a soin de donner du relief aux definitions par des exemples, par des applications, par des traits d'Histoire; on indique les sources, on marque souvent les origines & les progresz; on refute, on preuve, on ramasse cent belles curiositez de l'Histoire naturelle, de la Physique experimentale, & de la pratique des Arts<sup>265</sup>.

O caminho para uma enciclopédia da língua francesa, que com esta obra se ensaiava, não se limitaria à enunciação de todas as palavras, mas à descrição de todas as

---

<sup>263</sup> Quemada, 1968: 171-172. Uma nomenclatura completa e quantiosa e um registo pormenorizado das várias acepções — ainda que de uso muito restrito ou mesmo fora de uso — era a melhor forma de demonstrar a riqueza da língua francesa. Esta função “acumulativa” dificilmente se conjugaria com a produção de um dicionário normativo ou purista, em que a reflexão sobre as escolhas é fundamental. Furetière deixa essa tarefa para os académicos.

<sup>264</sup> Bray, 1990: 1800. Sobre o espaço concedido aos tecnolectos no dicionário de Furetière e no da Académie, cf. Bierbach, 1998.

coisas, numa abrangência de conteúdos, pautada por um discurso com preocupações pedagógicas:

Ce ne sont pas de simples mots qu'on nous enseigne, mais une infinité de choses, mais les principes, les regles & les fondemens des Arts & des Sciences: de sorte qu'au lieu d'amplifier l'idée de son Ouvrage, l'Auteur la retressie, quand il a dit en dediant ses Essais au Roy, *qu'il avois entrepris l'Encyclopedie de la langue Françoise*<sup>266</sup>.

Os leitores de Furetière não sentiam a falta da informação linguística, substituída pela erudição e por um olhar particularmente atento sobre os objectos e as actividades do mundo contemporâneo. Sem estes complementos atractivos, o dicionário dos académicos, finalmente publicado em 1694, não foi compreendido por uma grande parte do público.

## **2.2. *Le grand dictionnaire historique* (1699)**

O interesse pela composição de dicionários históricos em vernáculo é um fenómeno da segunda metade do século XVII, momento a partir do qual estas obras adquirem uma dimensão que os dicionários latinos similares nunca haviam atingido. Os antecedentes encontram-se nas recolhas de nomes de povos e topónimos, primeiro privilegiando a Antiguidade, e pouco a pouco completadas com nomes modernos. Um dos mais importantes textos do século XVI é o *Dictionarium historicum ac poeticum, omnia gentium, hominum, locorum, fluminum ac montium* (Paris, 1553), de Charles Estienne (1504-1564). Dele derivam o *Dictionnaire théologique, historique, poétique, cosmographique et chronologique* (Paris, 1643, 1664) de Juigné Broissinière, que é essencialmente uma tradução, e o *Dictionarium historicum* (Oxford, 1670) de Nicolas Lloyd, que aumentou bastante a recolha de Estienne ao longo de mais de 30 anos. O padre Louis Moreri (1643-1680) compõe o seu *Dictionnaire historique* a partir da obra de Lloyd, publicando a primeira edição em 1674 (Paris, 1 vol. in-fol.) e iniciando em seguida a ampliação do trabalho, que deixará inacabado.<sup>267</sup>

---

<sup>265</sup> Furetière, *Dict. Univ.*, 1690: «Preface». Sublinhado nosso.

<sup>266</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>267</sup> As sucessivas reedições têm cada vez menos a ver com o trabalho original, pelo que será mais correcto considerá-lo uma obra colectiva. A 2ª edição (2 vol., Lyon, 1681) foi completada com um suplemento em 1689. Principiam as edições holandesas (1696, 1698, 1702) que se apresentam em 4 tomos. Entretanto, Pierre Bayle publica em 1697 um volume de correcções ao *Dictionnaire historique* (2ª, aumentada, 1702). A obra, sob o nome de Moreri, conhecerá cerca de 20 edições, até 1759.

Bluteau usou a edição parisiense de 1699, que seria já a nona<sup>268</sup>. Nos anos seguintes, a obra continuou a ser corrigida e aumentada, mas o teatino não terá adquirido novos exemplares<sup>269</sup>. Como atrás se referiu (cf. cap. III.1), incluía-o na categoria dos dicionários de nomes, pois nele «tudo saõ appellidos, e nomes propios de pessoas, de Naçoens, de Terras»<sup>270</sup>. É uma classificação redutora e pouco rigorosa, já que em obras deste género as entradas servem apenas para indexar factos e conceitos, e a atenção não recai sobre a nomenclatura, mas sobre o desenvolvimento de um conjunto de temas seleccionados. Ou seja, perante a dificuldade em dicionarizar o discurso histórico, geralmente exposto por ordem cronológica, o lema será a palavra que com mais eficácia permitir ao consulente aceder ao assunto. Por convenção, em Moreri os factos são geralmente associados aos seus protagonistas, cujos nomes ocorrem em posição de entrada. Mais que um dicionário de personalidades, é um compêndio do conhecimento, antigo e moderno, de acordo com o princípio, expresso no prólogo, de que tudo é matéria para um dicionário histórico<sup>271</sup>. Assim se compreende que tenha sido tão útil a Bluteau, enquanto fonte informativa, apesar de o *Vocabulario* não incluir nomes de pessoas.

Mas o mais completo plano da obra será mesmo a página de título, enumerativa e pormenorizada<sup>272</sup>. Assim, sob a designação genérica *Le grand dictionnaire historique ou le mélange de l'histoire sacrée et profane*, podem identificar-se os seguintes domínios principais:

**i) mitologia:**

l'histoire fabuleuse Des Dieux & des Heros de l'Antiquité Payenne:

**ii) biografias (associadas a factos históricos):**

Les Vies et les Actions Remarquables Des Patriarches; des Juges; des Rois des Juifs; des Papes; des Saints Martyrs & Confesseurs, des Peres de l'Eglise & des Docteurs Orthodoxes; des Evêques; des Cardinaux & autres Prélats celebres; des Heresiarques & des Schismatiques, avec leurs principaux dogmes: Des Empereurs; Des Rois; Des Princes illustres, & des grands Capitaines: Des Auteurs anciens & modernes; des Philosophes; Des Inventeurs des Arts; & de ceux qui se sont rendus recommandables en toute sorte de Professions, par leur science, par leurs Ouvrages, & par quelque action élatante.

<sup>268</sup> Paris, Jean-Baptiste Coignard. 4 vol. in-fol.

<sup>269</sup> No *Suplemento* (II: «Apologia»), confessa não ter ainda consultado a edição de 5 volumes (Paris, 1712), isto quando já se preparava uma com 6.

<sup>270</sup> *Supp.*, II: «Vocabulario de Vocabulários».

<sup>271</sup> «[...] dans un Ouvrage tel que celui-ci, où l'on a prétendu rassembler les connoissances des tous les Siècles & de toutes les Nations. Fable, Histoire, & ce qui en dépend necessairement; Religion, Cérémonies, Gouvernement, Moeurs, Coûtumes, Evenements de Paix & de Guerre, Genealogies, Monuments de Peinture, de Sculpture, d'Architecture, Critiques, Productions d'esprit: tout est du ressort d'un Dictionnaire Historique». Citamos o «Préface» da edição de 1699, reproduzido na de 1712, que consultámos (Paris, Jean-Baptiste Coignard, 1712, 5 vol. in-fol.).

<sup>272</sup> Cf. IV.10.1.1., fig. 5.

**iii) geografia (física e humana):**

La description Des Empires, Roïaumes, Republicues, Provinces, Villes, Isles, Montagnes, Fleuves, & autres lieux considerables de l'ancienne & nouvelle Geographie: où l'on remarque la situation, l'étenduë & la qualité du Païs; la Religion, le Gouvernement, les moeurs & les coûtumes des Peuples:

De edição para edição, aumenta a importância de certos subdomínios que eram menos considerados no projecto inicial de Moreri, mas cuja inclusão responde à apetência do público pela universalidade. Esta dispersão, que já se verificava em 1699, pode dever-se ao elevado número de redactores que trabalhavam isoladamente, sem normas que garantissem uniformidade de critérios. Outras áreas de interesse são:

**iv) instituições**

L'Établissement et le Progrés Des Ordres Religieux & Militaires; & La Vie de leurs Fondateurs;  
Où l'on voit les Dignitez, les Magistratures ou Titres d'honneur: Les Religions & Sectes des Chrétiens, des Juifs & Païens:

**v) genealogia**

Les Genealogies De plusieurs Familles illustres de France, & de'autres Païs:

**vi) actividades e conhecimento humano**

Les principaux noms des Arts & des Sciences:

**vii) actos sociais**

Les Actions publiques & solenneles: Les Jeux, les Fêtes, &c.

**viii) legislação civil e religiosa**

Les Edits & les Loix, dont l'Histoire est curieuse, &c. L'Histoire des Conciles generaux & particuliers, sous le nom des lieux où ils ont été tenus.

Da diversidade de temas percebe-se que os compiladores aspiram a uma síntese universal, o que o torna uma fonte de informação muito apreciada, não apenas pelo erudito, mas sobretudo pelo homem de sociedade que sente necessidade de demonstrar, perante os seus pares, que domina um leque amplo de conhecimentos<sup>273</sup>. Para o erudito, o dicionário histórico é uma síntese, em que se apontam os autores a consultar para aprofundar um determinado estudo<sup>274</sup>.

### 2.3. *Le Dictionnaire Royal* (1691)

O jesuíta François Antoine Pomey (1636-1673), professor de humanidades e retórica no colégio de Lyon, é mais conhecido por obras como o *Hermes grammaticus*

<sup>273</sup> É o editor quem o afirma, apontando o não erudito como público preferencial: «Cherchent-ils à s'instruire d'un point d'Histoire? l'ordre alphabetique le presente d'abord à leur vue, & leur en développe les circonstances avec assez de netteté, pour leur donner lieu de s'en faire honneur dans les conversations, unique & foible avantage où se bornent la plûpart d'entr'eux» (*ibidem: loc. cit.*).

(1657) e o *Candidatus rethoricae* (1659), mas foi também o autor de uma série de textos dicionarísticos de larguíssima difusão: *Pomarium latinitatis, seu phrases synonymae* (1659), *Sillabus seu lexicum graeco-latino-gallicum* (1664), *Le dictionnaire royal des langues françoise et latine* (1664) e o *Indiculus universalis* (1667).

O *Dictionnaire Royal Augmenté* (1671) resulta de uma revisão do trabalho de 1664 e caracteriza-se por um incremento na quantidade de informação relativa à retórica, e por um esforço de tratamento sistematizado dessa mesma informação. A boa aceitação e o trânsito escolar valeram-lhe sucessivas reedições, de entre as quais Bluteau escolherá a de 1691:

Le Dictionnaire Royal, augmenté de nouveau, & enrichi d'un grand nombre d'expressions elegantes, de quantité de mots François nouvellement introduits; & de cinquante descriptions; comme aussi d'un petit Traité de la Venerie & de la Fauconnerie [...] <sup>275</sup>.

Segundo a avaliação de Pomey, o aspecto mais inovador da edição revista de 1671 é a inclusão de perto de 3000 expressões francesas, recolhidas em textos literários de autores «qui passent pour les Maîtres de nôtre Langue», e que são vertidas para latim <sup>276</sup>. Além das traduções, pontualmente acrescenta «descriptions de choses», que mais não são que desenvolvimentos retóricos, parafrásticos e acumulativos, ao serviço da *amplificatio* <sup>277</sup>.

Quanto à selecção da nomenclatura, admite palavras francesas antigas, ou novas, desde que se encontrem atestadas em bons autores; não se coloca a questão da pureza das formas e do “bel usage”, uma vez que o principal investimento linguístico e estilístico se concentra no latim. De resto, não se assume como dicionário prescritivo no que concerne ao francês, nem pretende controvérsias sobre a sua normalização, pois entende que as línguas modernas estão naturalmente sujeitas a constantes mudanças <sup>278</sup>.

Pomey afirma que quase todas as versões para latim são elaboradas com base em construções latinas recolhidas em textos de Cícero, ainda que só pontualmente se indiquem as remissões, «quand les locutions étoient ou extraordinairement belles, ou qu'elles pouvoient choquer les demi-sçavans, par le tour extraordinaire qu'elles ont» <sup>279</sup>.

<sup>274</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>275</sup> Lyon, chez Antoine, & Horace Molin, 1691. Citamos a partir da reedição de 1716 (Lyon, Chez Louis Servant) que, de uma forma geral, é muito similar às anteriores, sem alterações no título, nos textos introdutórios e na técnica lexicográfica.

<sup>276</sup> Pomey, *Dict. Royal*, 1716, «Avis au lecteur»: § I.

<sup>277</sup> *Ibidem: § II.*

<sup>278</sup> *Ibidem: § V.*

<sup>279</sup> *Ibidem: § VI.*

Mas a par do respeito pelos bons autores latinos subsiste a questão da vitalidade das línguas modernas, que Pomey considera ser a maior dificuldade nos dicionário bilingues. Porque o francês incorpora continuamente palavras estrangeiras e «produit presque tous les jours quelque mot nouveau», cabe ao lexicógrafo aplicar estratégias para manter o latim como uma língua funcional e actualizada. Neste âmbito, as opções mais frequentes e consensuais são a latinização de termos gregos (e.g. *termomettre*, *microscope*, *engyscope*) e a composição de perífrases, que não ultrapassem dois ou três elementos (e.g. *amiral* [almirante], *rei maritimae Praefectus*). Falhando estas possibilidades, admite ainda alatinar as palavras francesas, aplicando-lhes as terminações latinas (e.g. *Ardoise*, *Ardosius lapis*)<sup>280</sup>.

O *Dictionnaire Royal* propunha soluções eficazes para a questão da falta de normas ortográficas. Consciente da diversidade de usos e mutabilidade da língua, Pomey recusa uma atitude normativa unificadora, tanto mais que os autores prestigiados — que são os mestres da língua — também divergiam entre si. Assim, tenta registar a amplitude de bons usos: «j'ai crû être de mon devoir pour faciliter l'usage de ce Livre, d'écrire tous les mots de toutes les façons qu'on les trouve écrits dans les bons Auteurs de ce temps»<sup>281</sup>. Não obstante, define alguns princípios para as grafias etimologizantes, eliminando grafemas que não se pronunciam, ou que suscitam dificuldades na leitura, escrevendo *conter*, *donter*, *colere*, *caractere* por *compter*, *dompter*, *cholere*, *character*. Nas palavras oriundas do grego, manterá os dígrafos etimológicos que não coloquem duas possibilidades de pronúncia (*philosophie*, *theatre*, *syllabe*, mas não *monarche*)<sup>282</sup>.

Esta obra foi um dos primeiros modelos de Bluteau, tanto mais que corresponderia a uma técnica de ensino observada pelos jesuítas franceses. A partir do *Dictionnaire Royal* configurou a vertente bilingue do *Vocabulario*, combinando a funcionalidade de uma obra pedagógica com o respeito pelo bom latim autorizado.

#### **2.4. *Ambrosii Calepini Dictionarium* (1681)**

No século XVIII, graças a sucessivas revisões e aditamentos, o *Calepino* mantinha-se como uma obra prestigiada e constituía uma das principais autoridades em matérias

<sup>280</sup> *Ibidem*: § VII.

<sup>281</sup> *Ibidem*: *loc. cit.*

<sup>282</sup> *Ibidem*: § VIII-IX.

respeitantes à língua latina, nomeadamente na norma ortográfica. Em Portugal, o *Calepino* foi apreciado pelo tipo de informação que continha, uma vez que a obra mais semelhante, a *Prosodia*, só parcialmente o substituía. Bento Pereira estabeleceu a sua nomenclatura a partir do *Calepino* e dele retirou parte das definições, mas todo o esforço de acumulação e autorização só ocasionalmente foi reproduzido, supondo-se que o leitor interessado recorreria ao dicionário latino<sup>283</sup>.

Desde a primeira metade do século XVII — época de composição da *Prosodia* — haviam surgido novas edições do *Calepino*, marcadas pelo incremento da autorização num maior número de autores clássicos e por uma revisão cuidada, no sentido de depurar a língua latina de muitos barbarismos; simultaneamente, consolidou-se o pendor para o enciclopedismo e o gosto pelas antiguidades, presentes desde as edições do século XVI.

O *Calepino* que Bluteau usou era a recentíssima edição de Lyon (1681), amplamente revista e aumentada por padres jesuítas, sob a direcção de Laurentio Chiffletio<sup>284</sup>. Trata-se de uma versão octolingue — latim, hebraico, grego, francês, italiano, alemão, espanhol e inglês — em que a tradução é uma vertente acessória; sobretudo, promete um estudo completo da latinidade, ao ponto de, como se afirma em subtítulo, a obra se assemelhar a um *thesaurus*.

A edição era valorizada por um conjunto diverso de informações de tipo linguístico que, à época, se inseriam no largo âmbito da filologia, como a recolha de expressões retoricamente marcadas, a especulação etimológica, a tradução do lema, correcções a edições e leituras de textos clássicos, ou a compilação de adágios, tudo «ex optimis Authoribus»<sup>285</sup>. Para além de uma marcação meticulosa da quantidade das sílabas em latim, é sistemática a reflexão sobre a correcção das formas, emitindo juízos que revelam

---

<sup>283</sup> Cf. Verdelho, 1995: 326-345. O modelo do *Calepino* também configura os dicionários em vernáculo: «A estrutura do artigo do dicionário aumenta a informação, alarga-se em formulações fráscas coerentes e versáteis, e dá lugar à técnica de redacção lexicográfica moderna, preocupadamente simples e flexível [...] e impõe um estilo conversacional e exigentemente pragmático, esclarecidamente motivado pela eficácia do ensino e pelo rigor formal do vocabulário latino» (*ibidem*: 328).

<sup>284</sup> *Ambrosii Calepini Dictionarium, Quanta maxime fide ac diligentia accurate emendatum, & tot recens factis accessionibus ita locupletatum, [...] Nunc à R. P. Laurentio Chiffletio Soc. Jesu, Presbytero aliisque Philologis revisa [...]*, 1681.

<sup>285</sup> «Praeter alia omnia, quae in hunc usque diem fuerunt addita, praecipuè à Joanne Passeratio; olim in principe Academia Parisiensi Eloquentiae Professore Regio, Accesserunt etiam insignes loquendi modi, lectiones etymologiae, antitheta, translationes, emendationes, adagia ex optimis quibusque Authoribus decerpta» (*Ambrosii Calepini*, 1681: nota da página de rosto).

uma intenção prescritiva. São frequentes comentários como os que se observam neste breve artigo:

Cyaneae, [transcrição em caracteres gregos], per quatuor syllabas, Maenandri Phrygii flaminis filia fuisse fertur, quae à Mileto compressa Caumum & Byblida genuit, Ovid, *lib. 9. Metam.* [citação de quatro estrofes] Producit autem haec dictio primam syllabam & ultimam, duas autem medias corripit, ut conficiat choriambum: Cyane verò, pro Siciliae nympha, tres tantùm habet syllabas, quarum ultima longa est, duae priores coripiuntur, ut sit anapaestus. **Quod ideò admonère visum est, quòd non paucos etiam nominis magni viros in errorem videamus impegisse**<sup>286</sup>.

A vocação de *thesaurus* justifica a inclusão, desejadamente exaustiva, de nomes próprios de pessoas, geográficos e históricos: «magna sylva nominum, tum appellativorum, tum propriorum, ut virorum, mulierum, sectarum, populorum, Deorum, siderum, ventorum, urbium, marium, fluviorum, & reliquorum, ut sunt vici, promontoria, stagna, paludes, &c. ita omnibus aliis, quae hactenus prodière, incredibili & rerum & verborum numero sit locupletius»<sup>287</sup>. Os padres jesuítas, sensíveis aos gostos do público contemporâneo, desenvolveram em grande número de artigos a componente de informação de tipo enciclopédico, em especial no caso de nomes de pessoas, recolhendo os que de alguma forma eram mencionados em textos célebres da Antiguidade, desde Cícero à comédia grega. O discurso dicionarístico assume por vezes características próximas da narrativa, procurando resumir com eficácia e algum pormenor factos e contextos:

Cyanippus, [caracteres gregos], Syracusanus fuit, qui quum Bacchi Orgia contemneret, ab irato deo tanta perfusus est ebrietate, ut filiae Cyneae in tenebris, quamvis reluctanti, vitium intulerit. Filia verò, cognito ex anulo, quem violatori dextraxerat, patente, tunc quidem ut potuit, dolorem dissimulavit: Postea autem ingenti exorta pestilentia, quum ab Apolline remedium promitteretur, si ab auctore flagitii poenas sumerent, admirantibus omnibus quodnam esset tantum scelus, quod etiam Superis curae esset auctoris morte expiari: conscia rerum Cyaneae arreptum capillis patrem ad aram pertraxit, cóque primum mactato, sibi quoque manus intulit. Author Plut. *in Parallelis*<sup>288</sup>.

Nos artigos sobre verbos, adjetivos e palavras de significação gramatical em geral, assinala-se uma rigorosa particularização das diferentes acepções, delimitadas pelo símbolo ¶. Por norma, todas as acepções são acompanhadas de exemplos autorizados e é fácil que um artigo de uma página acumule perto de uma centena de abonações, com referências completas de capítulo e parágrafo<sup>289</sup>. É notória a coerência na aplicação de

<sup>286</sup> *Ibidem*, s.u. CYANEE. Sublinhado nosso.

<sup>287</sup> *Ibidem*: nota da página de rosto.

<sup>288</sup> *Ibidem*, s.u. CYANIPPUS.

<sup>289</sup> A autorização é a norma, mesmo em artigos de duas linhas, como: «Cyanos, [caracteres gregos]. Fluvius est Colchidis, qui juxta Aeam oppidum in Phasim influit. Author Plin. *lib. 6. cap. 4.*» (*ibidem*: s.u.).

uma técnica lexicográfica, com uma estrutura típica em que, acerca de um lema, se apresenta a definição por sinonímia, a tradução nas línguas em que é possível, o desenvolvimento da acepção principal e o tratamento das restantes acepções.

Sem recusar a tendência para acumular cada vez mais informação, o resultado é um texto dicionarístico organizado e de fácil leitura, em comparação com outras edições anteriores que consultámos, o que pressupõe um nível de reflexão sobre o latim que ultrapassa a simples adição de notas de erudição filológica<sup>290</sup>.

### 2.5. *Dictionnaire general et curieux* (1685)

O dicionário de César de Rochefort (?-1690) inscreve-se numa categoria de obras que B. Quemada classifica como «mi-lexicographiques, mi-encyclopédiques»<sup>291</sup>. Não desempenhavam a função de um dicionário de língua, a nomenclatura não pretendia recobrir áreas específicas, nem o conjunto da informação fornecida constituía uma síntese global do conhecimento. Na prática, apresentavam ao leitor uma grande variedade de temas que, no caso de Rochefort, recebem a designação de «choses curieuses»<sup>292</sup>.

As primeiras linhas do título apontam enganadoramente para uma nomenclatura abrangente e informação de tipo linguístico, mas a vertente mais desenvolvida é a informação que consiste em sugestões de discursos, a partir de passos literários e episódios históricos:

**Dictionnaire general et curieux, contenant les principaux mots, et les plus usitez en la langue françoise, leurs definitions, divisions, & etymologies; enrichies d'eloquens discours, soutenus de quelques histoires, de passages des pères de l'eglise, des auteurs et des poëtes les plus celebres anciens & modernes: avec des demonstrations catholiques sur tous les points qui sont contestez entre ceux de l'eglise romaine, et les gens de la religion pretendue reformée [...]**

De acordo com o prefácio, um dicionário só é útil se for baseado na leitura dos melhores autores e, para se tornar agradável, deve incluir excertos das mais belas expressões; o compilador não se limitará à selecção, sendo necessário interpretar os

---

<sup>290</sup> É sabido que a designação genérica de *Calepino* abrange obras com substanciais diferenças entre si; em todo o caso, o confronto com uma edição de Veneza (1622) reforça a impressão de que o texto de 1681 representa uma evolução no sentido de uma organização mais cuidada das glosas.

<sup>291</sup> Quemada, 1968: 182. Outra obra do mesmo género, em francês, é a *Bibliothèque Universelle* (1649), de Paul Boyer.

<sup>292</sup> Rochefort, *Dict. General*, 1685: página de rosto.

excertos e dispô-los nos locais mais adequados<sup>293</sup>. Este dicionário, que o autor afirma ter composto para seu uso próprio, assemelha-se a uma selecta literária, «un ouvrage qui est capable de tenir lieu de bibliotheque à ceux qui n'ont pas les moyens de se fournir de quantité de livres»<sup>294</sup>, mas o objectivo principal é servir de apoio à composição literária e à oratória, registando aproveitamentos retóricos e desenvolvimentos de temas, muito para além dos *topoi* tradicionais.

Este modelo, acessível aos menos eruditos, é o desenvolvimento natural dos antigos dicionários latinos de conceitos predicáveis, agora pensado não só para o sacerdote, mas também para o advogado e para o homem público em geral, uma obra «tres utile, et tres necessaire, à toutes sortes de personnes, & particulièrement à ceux qui veulent composer, parler en public, & diriger les ames»<sup>295</sup>. Por outro lado, admite-se, de forma explícita, uma dimensão de fruição lúdica, em que a variedade temática permite retirar prazer, quer da leitura extensiva, quer de leituras ocasionais. Na página de título, sublinha-se que inclui matérias «capables de satisfaire l'esprit des lecteurs, par la grande diversité des sujets dont il traite» e, no prefácio, assegura que «il est certain qu'estant rempli de diverses choses curieuses, on trouvera dans une autre page quelque chose qui flatera le goust».

A própria selecção da nomenclatura reflecte o espírito de colecção, já que o número de entradas é muito baixo e não há, de facto, a preocupação em registar as principais palavras da língua, privilegiando aquelas a que a tradição literária e o uso conferiram maior valor simbólico. Os artigos são extensos — por vezes com mais de uma página — mas não é incomum encontrar glosas em que não se apresenta a definição do lema e em que toda a atenção se concentra nos exemplos de discursos eloquentes<sup>296</sup>.

Tal como nos dicionários de conceitos predicáveis e sermonários, existe uma «Table des principales matiéres» (77 pp.), que garante o acesso à informação dispersa no interior

<sup>293</sup> *Ibidem*: «Au lecteur».

<sup>294</sup> *Ibidem*: *loc. cit.*

<sup>295</sup> *Ibidem*: página de rosto.

<sup>296</sup> A estrutura típica da glosa é a introdução de um tópico, a sua autorização e um exemplo de desenvolvimento, como se observa no breve artigo CAVALERIE, que se reproduz na íntegra: «CAVALLERIE. La Cavalerie Françoisise a esté de tout temps brave, & extremement redoutée, Plutarque, Polybe & Appien, en disent des merveilles; Cesar assure, qu'en la guerre d'Afrique, trente Cavaliers Gaulois, defirent deux mille Chevaux-legers Numidiens, dans les combats; la Cavalerie fait bien-tost son effet, & son office, dit. Tit. Liv. *Equestrium virium proprium cito parare, cito cedere victoriam*: Ces grans hommes seroient bien étonnez s'ils voyoient aujourd'huy nostre Cavalerie, composée de Soldats d'élite, bien-faits & fort propres, également bien montez, & leurs chevaux bien arnachez.»

das glosas. O índice recolhe palavras-chave, acompanhadas de uma breve síntese do tema, em número bem superior às entradas do dicionário, o que comprova o carácter textualizado e denso das glosas compostas por Rochefort. Dada a preponderância de tópicos históricos, mesmo a informação de tipo linguístico se subordina a esta tendência, pelo que merece especial destaque a explicação da origem das palavras (etimologia e aparecimento de um determinado uso ou significado):

Caracalla Empereur pourquoi ainsi appellé;  
Cardinaux, leur origine, & premiere institution [...] Origine de ce mot;  
Ceremonies, origine de ce mot;  
Chanoine Etimologie de ce mot<sup>297</sup>.

O índice recupera os casos de uso simbólico das palavras, com tradição retórica e literária, pois o objectivo da recolha não é descrever a linguagem corrente.

Castor symbole des gents à coeur double;  
Charbons ardents, symbole des conspirations;  
Chameau symbole de la jalousie;  
Clemence representée par l'olivier<sup>298</sup>.

A definição das palavras não parece interessar a Rochefort, pois raramente o índice destaca esse tipo de informação, observável em expressões como «Charivari, ce que c'est», «Civilité. Sa definition & description», ou «Constance, sa definition»<sup>299</sup>; mas, em geral, estas entradas não remetem para definições dicionarísticas, antes para descrições elaboradas e autorizadas, ao serviço da amplificação ou ornamentação dos conceitos.

## 2.6. *Lexicon universale* (1698)

O dicionário de Johan Jakob Hofmann (1635-1706) representou uma evolução no que respeita às características dos dicionários universais. Embora Bluteau tenha dele colhido influências, o seu autor era um teólogo protestante, pelo que a reacção do teatino ao seu trabalho não poderia ser de adesão e aplauso<sup>300</sup>. Professor de história e língua grega na universidade de Basileia, publicou em 1677 a 1ª edição do seu dicionário, sob a

<sup>297</sup> Exemplos retirados da «Table des matiéres».

<sup>298</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>299</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>300</sup> Os elogios são pouco frequentes e sempre prudentes: «Joaõ Jacobo Hofmanno, que se fora Escritor Orthodoxo, na minha opiniaõ merecera hum dos primeiros lugares no consistorio dos Autores de Vocabularios» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

designação de *Lexicon universale historico geographico chronologico poetico philologicum*. A boa recepção motivou um suplemento em 1683, em que desenvolve os temas referidos e acrescenta uma «addenda comprehendens historiam animalium, plantarum, lapidum, metallorum, elementorum, rerum astricarum». A edição de 1698, que Bluteau possuiu, resulta da adição de novos artigos e da reordenação do material anteriormente compilado, atingindo o considerável número de cerca de 4000 páginas em tipo miúdo, em 4 volumes de fólio.

Os objectivos de Hofmann eram grandiosos, pois, à semelhança de Moreri, pretendia registar a informação típica de um dicionário histórico (história, biografias, costumes, instituições, geografia física e humana), mas também todo o universo extralinguístico; um dicionário de “nomes” e de “coisas”, como o classifica Bluteau. A página de título é apenas um resumo dos domínios que se propunha abordar, aqui destacados a negro:

Lexicon Vniversale, **Historiam Sacram Et Profanam**, Omnis aevi, omniumque Gentium; **Chronologiam** Ad Haec Vsque Tempora; **Geographiam** Et Veteris Et Novi Orbis; Principum Per Omnes Terras Familiarum Ab omni memoria repetitam **Genealogiam**, Tum **Mythologiam**, **Ritus**, **Caerimonias**, Omnemque Veterum Antiquitatem, ex Philologiae fontibus haustam; Virorum, Ingenio Atque Eruditione Celebrum Enarrationem copiosissimam; Praeterea **Animalium**, **Plantarum**, **Metallorum**, **Lapidum**, **Gemmarum**, **Nomina**, **Naturas**, **Vires Explanans**. Editio Absolutissima, Praeter Supplementa, & Additiones, antea seorsum editas, nunc suis locis ac ordini insertas, Vberrimis Accessionibus, Ipsius Auctoris Manu novissime locubratis, tertia parte, quam antehac, Auctior, Locupletior [...]

O autor apresentará uma enumeração ainda mais particularizada no prefácio, ao longo de duas páginas de fólio. Não obstante, da leitura dessa lista e pela consulta do *Lexicon* observam-se algumas limitações, em especial no vocabulário das artes e das ciências temporalmente mais próximas. De facto, este dicionário, com nomenclatura e glosas em latim, sustenta-se na tradição lexicográfica latina e em fontes documentais também em línguas antigas, o que o torna um repositório de erudição, mas dificilmente um léxico ajustado ao mundo contemporâneo, como o dicionário de Furetière pretendeu ser<sup>301</sup>. Esta conjugação de dicionário “histórico” e de “coisas” exclui a exploração de informação de tipo linguístico, pelo que, à época, era a obra de grande difusão que mais se havia aproximado da nomenclatura típica de uma enciclopédia, tal como se definiria no século XVIII.

<sup>301</sup> Cf. Hofmann, *Lexicon universale*, 1698, I, «Praefatio auctoris»: 2-3.

O enciclopedismo de Hofmann revela mais trabalho filológico do que reflexão crítica e análise. O autor promete uma recolha exaustiva de todas as notícias de interesse, com anotação minuciosa das fontes e indicação de capítulo e página<sup>302</sup>. O objectivo não é contestar ou reflectir sobre a tradição, o rigor advém do facto de apenas se considerar a informação que se encontra autorizada, de acordo com o princípio «non enim unquam sine Teste loquimur»<sup>303</sup>.

Os editores apresentam o dicionário como um compêndio de conhecimentos retirados de outros livros, que, no conjunto, constitui um auxílio para o estudo das ciências («ad Scientias breviorum facilioremque studiosis earum aperirent viam»<sup>304</sup>). A preocupação fundamental consiste em compilar autores antigos e modernos, condensando numa obra «tantam mollem & quasi Oceanum librorum». Porque, à partida, nenhum domínio do conhecimento estava excluído, o extenso *corpus* de autores citados representaria a quase totalidade do que o lexicógrafo entendia ser o património literário de referência; daí surge o conceito, diversas vezes repetido nos textos prefaciais, de que este tipo de dicionário deve ser uma biblioteca condensada numa única obra<sup>305</sup>. Furetière e Corneille não haviam reivindicado esse estatuto para as suas obras, até porque a nomenclatura e os objectivos eram mais limitados.

O *Lexicon* de Hofmann era considerado o mais completo dos dicionários universais e, para Bluteau, foi a última das influências no que respeita à tipologia. Adicionando a toponímia, o *Vocabulario* ultrapassa Furetière na abrangência da nomenclatura e é apresentado como um compêndio de notícias e síntese de uma biblioteca, não só pelas palavras que contém, mas pelas informações que cita e reproduz: «Nestas poucas folhas

<sup>302</sup> «Nullae memorabilis, inter homines notae, sint res, quin hic suum ordinem locumque habeant; velut de omnibus fusius in Praefationibus agitur» (*Ibidem*: «Dedicatio»).

<sup>303</sup> «In testimonium itaque identidem videbis advocatos Auctores, è quibus hoc Opus collectum; tum priscis, tum recentibus, optimis atque praestantissimis, editis ac ineditis. [...] Et quidem ea diligentia, ut libros & capita, aliquando etiam paginas, sectiones, paragraphos, notaverimus; quo & de candore nostro ac fide (**non enim unquam sine Teste loquimur**) certus esse possis, & si prolubium subetat, prolixior rerum, quas per fastigia tantum saepissime tradere coacti fuimus, cognitio ex ipsis fontibus hauriri queat» (*ibidem*, «Praefatio auctoris»: 3. Sublinhado nosso).

<sup>304</sup> *Ibidem*: «Dedicatio».

<sup>305</sup> «[...] idque omnium optime conficiendis ejusmodi LEXICIS, in quibus ordine Alphabetico per compendium traderentur illa, quae late ac diffuse in Scriptorum tum recentiorum, tum antiquorum monumentis essent comprehensa» (*ibidem*, *loc. cit.*); «quandoquidem haec sit parva quidem, sed absoluta quasi Bibliotheca, qua immensa librorum aliorum copia supersederi possit, & hic istorum medullae reperiantur repostae» (*ibidem*: «Typographi lectoribus»).

offereço ao publico para a intelligência, propriedade, & uso das palavras Portuguezas, & latinas a substancia de mais de dois mil volumes. Aos curiosos poupa esta obra o gasto de huma grande livraria; & ainda que tivesse cada particular todos os livros, que revolvi, & Autores, que consultei para o intento, todas estas noticias estariam espalhadas sem ordem, nem distinçam entre differentes assumptos, & materias»<sup>306</sup>.

Bastará ler o dicionário de Trévoux (1721) para verificar que esta tendência é comum à generalidade dos dicionários universais publicados na primeira metade do século; Bluteau partilha de uma euforia acumulativa que é típica de um momento histórico e que tornava aceitável a combinação de informações que posteriormente seriam associadas a tipos distintos de dicionários. Por outro lado, se recordarmos a má recepção do dicionário da Académie, deve considerar-se que o público ainda não entendia a utilidade de um dicionário que se limitasse à descrição linguística; aquilo que Verney definiria como falta de método correspondia, naquele momento, a um modelo apreciado. Só a segunda metade do século trará novos impulsos editoriais e novas exigências críticas, que verão os dicionários clericais como obras excessivas e desorganizadas, sem deixar de lhes reconhecer a utilidade informativa.

---

<sup>306</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor mofino».

## IV. TÉCNICA LEXICOGRÁFICA

### 1. Nomenclatura

As características tipológicas do *Vocabulario* implicaram uma renovação substancial da nomenclatura, que não se limitou a aspectos meramente quantitativos. A redefinição do âmbito e das funções atribuídas ao dicionário de língua originou o alargamento da nomenclatura a novos domínios das terminologias especiais, despertando no lexicógrafo a ambição da exaustividade, que se traduziu num esforço de acumulação de entradas.

Os limites para esta euforia terminológica pareciam ser as contingências materiais, e mesmo essas foram sucessivamente superadas. Deste período, que se prolongou até meados do século XVIII, datam precisamente as monumentais obras lexicográficas em língua vulgar. Apesar de, em Portugal, o *Vocabulario* ser um exemplo isolado e algo tardio desta tradição de grandiosidade, o modelo continuou a ser cultivado em países como a França, em que a dimensão física do dicionário acompanhou o crescimento da nomenclatura<sup>307</sup>.

O aumento do número de volumes e de entradas constituiu um teste à funcionalidade dos dicionários, pelo que os lexicógrafos foram obrigados a consolidar a

---

<sup>307</sup> Em 1690, o dicionário de Furetière apresenta-se em 3 volumes in-fólio. A 2ª edição do *Dictionnaire universel françois et latin* de Trévoux (1721), que, no fundo, é uma reformulação ampliada do trabalho de Furetière, ocupa 5 tomos; a 6ª e última edição (1771) divide-se em 8 volumes.

técnica de ordenação alfabética, a par da normalização na apresentação das formas identificadas como lema. Estes factores devem portanto ser considerados na análise da nomenclatura, uma noção complexa que, como afirma B. Quemada, compreende as diversas características relacionadas com o número e a natureza das palavras consignadas num dicionário<sup>308</sup>.

### 1.1. A extensão e a acumulação

Na generalidade dos vernáculos, a questão da abundância de palavras repercute-se na lexicografia à medida que a necessidade social do dicionário e a produção editorial aumentam. Em Portugal, esse crescimento verifica-se ao longo do século XVII, tanto mais que, até meados do século, Cardoso e Barbosa eram os únicos instrumentos disponíveis. Pode supor-se um consenso geral, entre os usuários da época, sobre o facto de a língua não se encontrar suficientemente representada, mesmo considerando apenas a nomenclatura típica de um dicionário de língua.

Os paratextos do *Thesouro* de B. Pereira anunciam tão claramente essa insuficiência, que, na página de rosto da edição de 1647, o tópico dominante é precisamente o da quantidade da nomenclatura, demonstrando com exemplos o incremento que a obra representava. Para os lexicógrafos do período em estudo, o número de entradas dos dicionários é um critério comparativo fundamental, tendo em vista a superação das obras precedentes<sup>309</sup>. O dicionário dos jesuítas, com cerca de 24.500

---

<sup>308</sup> Cf. Quemada, 1968: 265. Entende-se por nomenclatura (ou macro-estrutura), a lista organizada das entradas que permitem ao compilador e ao consulente localizar a informação. Por sua vez, a entrada é a forma de uma palavra, ou conjunto de palavras combinadas, que são seleccionadas para lema. Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. HEADWORD, LEMMA, MACROSTRUCTURE. No início do século XVIII, o conceito de nomenclatura ainda não designa a totalidade das entradas, sentido que Quemada (*ibidem*: 265) apenas encontra registado na edição de 1771 do dicionário de Trévoux. Bluteau explica que nomenclatura «às vezes se toma por catalogo de nomes, & palavras proprias de algum idioma. Temos hoje muitas nomenclaturas, Italianas, & Castelhanas, que são como compendios de Dictionarios» (*Voc.*, s.u. NOMENCLATURA). De resto, a palavra latina *nomenclator* estava presente em bibliónimos lexicográficos, como o *Nomenclator omnium rerum* (1567) do alemão Hadrianus Junius, que é diversas vezes citado no *Suplemento*. Na lexicografia moderna, alguns autores adoptam o termo *nominata*, como é o caso do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001).

<sup>309</sup> «Tem todos os vocabulos portugueses que trazem Cardoso, & Barbosa, & de nouo outros muytos mil, em tanta copia, que so os vocabulos acrescentados são outros tantos, & mais, que todos quantos

entradas na edição de 1697, era uma descrição da língua de extensão bastante apreciável, mas a selecção dos itens e a organização dos lemas estavam pensadas para o trânsito escolar, algo que não se coadunava com as novas exigências e expectativas a que a nomenclatura do *Vocabulario* procurava responder. A estrutura dos dicionários com entradas em português e glosa em latim dificultava a inclusão de toda uma série de palavras em que, ou o correspondente latino não existia, ou era também um termo técnico, fornecendo assim uma definição pouco informativa. Importava satisfazer a apetência dos consulentes por domínios terminológicos que, em geral, eram registados em glossários e tratados especializados latinos (medicina, botânica, física, ...). Na segunda metade do século XVII, deverá ter-se acentuado a distinção, outrora muito ténue, entre o termo técnico greco-latino e a palavra portuguesa morfológica e ortograficamente adaptada. Ou seja, tais palavras adquiriam o direito a integrar uma nomenclatura portuguesa, do mesmo modo que ocorriam naturalmente em textos escritos em vulgar.

O tema da cópia, enquanto marca configuradora do *Vocabulario*, está presente desde as primeiras páginas, seja em relação ao número de entradas, seja a propósito da abundância de informação erudita. Na dedicatória a D. João V justifica aquilo que é materialmente patente: a concretização de um projecto de exaustividade e acumulação. Ao longo do texto surgem expressões como «fecundidade, & elegancia [...] das lingoas», «affluencia das palavras», «abundancia de voz», afirmando que um dicionário deve conter as palavras que suprem as necessidades discursivas nas artes, ciências e nos diversos cenários em que o homem culto se movimenta<sup>310</sup>. Nesse sentido, justifica-se um programa de expansão sistemática do vocabulário, pela importação de palavras latinas, segundo o qual «o Lacio há de ser a fonte, & o thesouro mais propinquo, donde Portugal há de tirar as palavras, de que necessita»<sup>311</sup>. A questão da primazia entre as línguas europeias não estava de modo algum ultrapassada — antes adquirira novos contornos, com o ascendente

---

tem os sobreditos Vocabularios. E assim pera que se veia a falta de vocabvlario em que estauamos, com descredito de nossa lingoa, sendo injustamente de algũs julgada por menos copiosa, pode aduertir o curioso leitor nos vocabulos que leuaõ este sinal † porque nenhum delles traz o Vocabulario de Barbosa, que he o mais copioso: & se bem aduertir, acharà que muy de ordinario vão assinalados a fio seis, dez, vinte, & mais [...]» (B. Pereira, *Thesouro*, 1647: página de rosto).

<sup>310</sup> «A opulencia de hum Reyno não só consiste na abundancia das riquezas, senão tambem na affluencia das palavras; & assi pelo contrario, todo o Reyno, falto de palavras, he pobre. [...] Sem abundancia de vozes para todas as materias do discurso, emmudecem as artes, & as sciencias, & fica ociosa a capacidade dos que nos Pulpitos, Academias, & congressos dos sabios, querem expor os cabedades do seu engenho» (*Voc.*, I: «Ao muyto alto [...] Rey Dom Joaõ»).

cultural e político da França — e o *Vocabulario*, quantioso como os principais dicionários franceses e castelhanos, torna-se o contributo possível para uma política de afirmação da língua, que procura evitar uma menorização do português<sup>312</sup>.

Da mistura de terminologias, vocábulos antigos, termos hápax e topónimos resulta uma nomenclatura atípica, que os críticos terão interpretado como uma selecção desregrada, tendo em vista a extensão artificial do número de entradas. Bluteau apresenta o uso como critério bastante para a admissão, mesmo que o índice de frequência seja reduzido, o que se explica pelo facto de a recolha dever muito às abonações num *corpus* textual autorizado<sup>313</sup>.

## 1.2. Número de entradas

No *Vocabulario* não há qualquer indicação, ainda que aproximada, acerca do número total de entradas. O facto de os volumes irem sofrendo correcções e adições até perto do momento da impressão poderá ser uma explicação plausível, mas nem no *Suplemento* se demonstra o interesse por uma contagem global. Contabilizando apenas os macro-artigos (iniciados pelo lema em capital), no total registam-se menos de 32.000 entradas nos oito volumes e perto de 6.000 nos suplementos<sup>314</sup>.

A comparação com o *Thesouro* sustenta a percepção de que se trata de um valor modesto, pois o dicionário dos jesuítas regista cerca de 24.500 entradas, cada uma correspondendo, em geral, a uma acepção ou unidade de sentido. Mas, dadas as diferenças na técnica lexicográfica, os valores obtidos traduzem realidades distintas, pelo que o número total de entradas é um dado menos informativo do que se poderia supor. Como se observará no capítulo seguinte, também a estimativa aproximada do número de

---

<sup>311</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>312</sup> «pellas noticias, que tenho, acho que este Vocabulario, aindaque não fora, nem Latino, nem Geographico, ainda seria mais copioso, que os que ategora se tem impresso em lingoa vulgar estranha» (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

<sup>313</sup> «Enganaõse os que attribuem a vastidaõ da obra à insaciavel curiosidade do Author, que para accrescentar o numero dos vocabulos, os foy accumulando sem a escolha, e moderaçaõ que convem. Todas as palavras, que tem nesta obra seu particular paragrafo, são usadas do vulgo, ou dos homens doutos, e da mayor parte delles se confirma o uso com exemplos de Escritores Portuguezes, [...] para que os Leitores pouco lidos o não fação inventor delles» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

subentradas revelaria inúmeras dificuldades, pois a estrutura dos artigos é muito variada e o lexicógrafo não distingue com clareza as acepções e os exemplos.

Na tabela abaixo, discrimina-se o número de entradas, por letra, nos oito volumes do *Vocabulário* e nos suplementos. Nos macro-artigos, as subentradas não foram contabilizadas; consideraram-se as entradas não assinaladas devido a erro tipográfico (grafadas em minúscula, por exemplo); as palavras principiadas por I/J e U/V mantiveram-se integradas na mesma sequência.

**Número de entradas e composição percentual**

	<i>Vocabulário</i>		<i>Suplemento</i>		Total	
A	3660	11,49	721	12,14	4381	11,59
B	1352	4,25	429	7,22	1781	4,71
C	3595	11,2	940	15,83	4535	12
D	2164	6,79	306	5,15	2470	6,51
E	2740	8,6	445	7,49	3185	8,43
F	1166	3,66	212	3,57	1378	3,64
G	918	2,88	243	4,09	1161	3,07
H	444	1,39	139	2,34	583	1,54
I	1516	4,76	214	3,60	1730	4,57
K	1	0,003	29	0,48	30	0,07
L	1048	3,29	178	2,99	1226	3,24
M	1908	5,99	411	6,92	2319	6,13
N	509	1,59	102	1,71	611	1,61
O	637	2	97	1,63	734	1,94
P	2843	8,92	429	7,22	3272	8,66
Q	243	0,76	34	0,57	277	0,73
R	1694	5,31	222	3,73	1916	5,07
S	2300	7,22	283	4,76	2583	6,83
T	1738	5,45	307	5,17	2045	5,41
U	1116	3,5	155	2,61	1271	3,36
X	66	0,2	13	0,21	79	0,2
Y	11	0,03	4	0,06	15	0,03
Z	174	0,54	24	0,4	198	0,52
	31843	100%	5937	100%	37780	100%

Analisando os totais, observa-se que os artigos dos suplementos representam 15.7% das entradas, o que se traduziria num incremento de 18.6% em relação aos oito volumes. Mas, em rigor, este número será menor, na medida em que uma parte das entradas apenas introduz adendas a artigos já existentes.

Os números só adquirem sentido perante um elemento comparativo que deve ser procurado entre a lexicografia estrangeira contemporânea. Um bom correspondente será a

<sup>314</sup> A única quantificação é a do catálogo dos «mais de cinco mil vocabulos» que compõem o

2ª edição (1721) do dicionário de Trévoux, pois há semelhanças no que concerne à selecção da nomenclatura e à técnica lexicográfica. Segundo informação de B. Quemada, os cinco volumes contêm 47.871 entradas, o que é apenas um indicador da extensão da nomenclatura de um dicionário de tipo universal<sup>315</sup>. A diferença não é surpreendente, pois os dicionários franceses eram já o resultado de sucessivos esforços de acumulação, desde finais do século XVII, enquanto o *Vocabulario* é um primeiro ensaio.

Quanto à composição percentual por letras, a repartição das entradas aponta para uma tendência comparável à das nomenclaturas dos dicionários modernos do português:

**Sequências com maior número de entradas**

Vocabulario		Suplemento		Total	
A	11,4	C	15,8	C	12,4
C	11,2	A	12,1	A	11,5
P	8,9	E	7,4	P	8,6
E	8,6	B	7,2	E	8,4
S	7,2	P	7,2	S	6,8
47,3%		49,7%		47,7%	

No *Vocabulario*, o conjunto formado pelas cinco letras com mais entradas (A, C, P, E, S) representa quase metade da nomenclatura e, no *Suplemento*, essas mesmas letras estão também entre as que recebem maior número de entradas novas. No cômputo geral, o C é a letra com mais lemas, o que é uma característica atípica em face dos dicionários modernos, em que o A é a sequência mais preenchida<sup>316</sup>. De resto, a sobrecarga do C parece ser uma marca comum nos dicionários da época, pois também se verifica nas edições de 1721 e 1743 de Trévoux<sup>317</sup>.

---

*Suplemento*, mas mesmo aqui o cálculo se revela pouco rigoroso.

<sup>315</sup> Quemada, 1968: 270.

<sup>316</sup> Neste aspecto em particular, a nomenclatura do *Vocabulario*, confrontada com os dados estatísticos relativos ao *Dicionário Houaiss* (2001) não apresenta letras excessivamente intumescidas. Citando apenas as letras mais representativas, as cerca de 228.500 unidades do *Houaiss* repartem-se do seguinte modo:

A – 13.58%;	M – 6.81%;
C – 11.14%;	D – 6.76%;
P – 8,79%;	B – 5.73%.
E – 7.38%;	

Para uma avaliação do peso das entradas resultantes de prefixos produtivos (ab-, des-, in-, por exemplo), cf. a comparação entre as nomenclaturas do *Vocabulario* e do *Diccionario* de Morais Silva (1789), cap. V.1.6.

<sup>317</sup> Quemada, 1968: 270.

### 1.3. Organização da nomenclatura

Os grandes dicionários monolíngues publicados na Europa no século XVIII foram beneficiários de um longo e gradual processo de experimentação que generalizou a ordenação alfabética da nomenclatura. A partir de então, as noções de catálogo lexical e ordem alfabética são quase indissociáveis, concorrendo para a definição do conceito de ordem dicionarística<sup>318</sup>.

Na prática, a técnica ainda apresentava algumas deficiências, mas encontrava-se suficientemente desenvolvida para potenciar a grande vantagem da ordenação alfabética, que é o facto de permitir a disposição das entradas sem admitir excepções. Todavia, a indexação letra-a-letra até ao final da palavra, que é o procedimento mais comum, introduz inconvenientes, não só porque obriga à separação de palavras que se aproximam morfológica ou semanticamente, mas também porque dificulta a tarefa de busca, uma vez que pressupõe o domínio da norma ortográfica que regula a língua da entrada<sup>319</sup>.

A organização alfabética uniformizada conferia coerência e estabilidade a repertórios lexicais em contínua expansão, permitindo integrar não só os neologismos, como também as novas acepções para os termos anteriormente dicionarizados<sup>320</sup>. A alfabetação aplica-se a artigos cada vez mais abrangentes e textualizados, e não a um conjunto alargado de itens, que uma ordenação correcta separaria e tornaria ilógico. Deste modo, configura-se a formulação do artigo de dicionário que se tornou tradicional a partir do século XVIII: o reagrupamento, num conjunto com unidade textual, de informações linguísticas ou enciclopédicas ligadas a uma entrada<sup>321</sup>.

---

<sup>318</sup> Cf. *ibidem*: 328.

<sup>319</sup> Hüllen, 1999: 11. Em geral, distinguem-se três tipos de organização da nomenclatura: ordenação local (respeitando a sequência das ocorrências num determinado texto); temática ou conceptual (observável em dicionários onomasiológicos); ordenação de acordo com a forma gráfica da palavra ou a sua realização fonética. Nesta última categoria inserem-se os dicionários alfabéticos, mas também os dicionários de rimas. Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. ORGANISATION.

<sup>320</sup> Quemada, 1972: 104; 1998: 67. O aperfeiçoamento da técnica de alfabetação acompanhou o processo de reformulação do conceito de artigo em dicionários de línguas modernas. Tomando por base o exemplo e a técnica lexicográfica de obras instituidoras como os dicionários de Calepino, Nebrija (1492) ou R. Estienne (*Dictionarium seu Linguae Latinae Thesaurus*, 1531), as sequências de itens lexicais, transmitidas pela tradição medieval, sofreram nos diversos vernáculos sucessivos exercícios de reagrupamento de acordo com critérios semânticos e derivacionais (Verdelho, 2000a: 125-126).

<sup>321</sup> A definição é de B. Quemada (1972: 103), que considera a estruturação com base em parágrafos — isto é, artigos mais ou menos textualizados — como um marco fundamental na lexicografia

### 1.3.1. Técnica de alfabetação

No panorama dicionarístico português, a publicação do *Vocabulario* representa uma substancial evolução na ordenação formal da nomenclatura, com diferenças que se tornam mais notórias pelo facto de, nos dicionários editados anteriormente, ainda não se verificar a ordenação alfabética directa. O texto de J. Cardoso (1562) é aquele em que é mais visível a conjugação da organização alfabética e derivacional, agregando palavras por relações morfológicas e semânticas. Por sua vez, o *Thesouro* apresenta-se como um glossário em que, apesar das preocupações com a alfabetação, subsistem também ordenações por campos semânticos e derivações etimológicas<sup>322</sup>.

Estas opções, se bem que justificáveis tendo em atenção a época de elaboração das obras e o trânsito escolar a que estavam destinadas, representavam, em finais do século XVII, um modelo pouco prestigiado. Os dicionários que Bluteau conheceu no estrangeiro apresentavam técnicas de alfabetação e reagrupamento bem mais desenvolvidas<sup>323</sup>.

As diferenças podem ser observadas desde logo em obras do início do século, como é o caso do *Thresor de la langue françoise* de Nicot (1606). Este dicionário de larga difusão e influência dominou o panorama lexicográfico francês até à publicação do *Dictionnaire François* de Richelet (1680) e revela um investimento em reflexão lexicológica e lexicográfica que supera as obras portuguesas contemporâneas. A disposição alfabética apresenta poucas incongruências, pois só se aplica às entradas que encabeçam o macro-artigo; as subentradas, que incluem a fraseologia e poucas derivações morfológicas, surgem em alíneas. Em todo o caso, o *Thresor* de Nicot destaca-se pela

---

monolíngue francesa. A primeira edição do dicionário da Académie, com a ordenação das palavras por famílias, será a excepção mais notória a uma tendência generalizada para a indexação alfabética integral nos dicionários monolíngues. Sobre as justificações dos académicos para esta opção, que considerava especialmente os leitores eruditos, cf. Catach, 1998: 77-78.

<sup>322</sup> «[...] uma das mais notadas deficiências destes dicionários é a imprecisão no estabelecimento da ordem alfabética das entradas. Os autores perturbaram frequentemente este critério com as interdependências resultantes dos vínculos etimológicos. As chamadas famílias de palavras desorganizam quase sempre a distribuição alfabética da nomenclatura» (Verdelho, 1993: 783).

<sup>323</sup> Sobre a evolução dos primeiros léxicos alfabetados impressos, com particular destaque para a influência do *Catholicon* de João Balbo (século XV) e dos dicionários de Estienne (*Thesaurus*, 1531; *Dictionnaire françoislatin*, 1539), cf. Quemada, 1968: 322-324. Acerca do longo percurso desta técnica de ordenação, desde a Antiguidade clássica até à Idade Média, cf. a síntese de Shaw, 1997: 3.1.2.

delimitação, hierarquização e ordenação da nomenclatura, com repercussões imediatas na facilidade de consulta<sup>324</sup>.

Ou seja, ao compor o *Vocabulário* de acordo com o modelo dos grandes dicionários do fim do século, Bluteau obriga-se a ultrapassar etapas que a lexicografia portuguesa não experimentou plenamente. De facto, para tarefas basilares como a selecção da nomenclatura e reagrupamento dos significados, os lexicógrafos franceses operaram sobre todo um esteio de reflexão semântica e experimentação lexicográfica, de que o trabalho de Claude Vaugelas e a Académie são apenas os exemplos mais visíveis. Se no *Vocabulário* a ordenação da nomenclatura e dos significados é claramente devedora a modelos externos, não é menos verdade que as soluções que a tradição lexicográfica portuguesa oferecia não eram suficientes para as ambições do autor.

Não há indicação de que Bluteau tenha desejado para a ordenação das entradas outro sistema que não o da alfabetação directa. Tal opção implicava um esforço suplementar na selecção prévia da nomenclatura, de modo a não atrasar a redacção do texto com carácter definitivo. Em todo o caso, o *Vocabulário* passou por duas etapas de reescrita, que terão permitido eliminar incongruências, mas também acrescentar entradas aos últimos volumes até cerca de 1712<sup>325</sup>.

O manuscrito original de imprensa a enviar para os tipógrafos teria necessariamente de corresponder à ordenação final desejada, pois não é de supor a possibilidade de um trabalho colaborativo, em que na oficina se corrigissem eventuais imperfeições. De facto, o fragmento que resta demonstra um trabalho cuidado, confiado a um escrevente, em que a escrita tenta representar o modo como o texto deve ser impresso, reproduzindo artifícios como a capitulação das entradas, a indentação e os títulos

---

<sup>324</sup> É certo que ainda são muitas as debilidades, como as oscilações no tratamento tipográfico das entradas e subentradas, em especial quando os tipógrafos trocavam o itálico pelo romano, criando assim falsas entradas incorrectamente alfabetadas. Também é reduzido o número de remissões de palavras derivadas para o macro-artigo em que são abordadas. Cf. Wooldridge, 1997 (1977): 2.2.1; Bray, 1990: 1794-1795; Quemada, 1998: 43-44.

<sup>325</sup> «trabalhei nesta obra mais de trinta annos. Duas vezes escrevi de minha letra os outo volumes, que vão sahindo à luz, & outras duas vezes foram os dittos volumes tresladados, & postos em limpo por diversos Escreventes» (*Voc.*, I: «Ao leitor mofino»). As licenças dos dois primeiros volumes foram pedidas em 1705, do terceiro e do quarto em 1708 e dos restantes em 1712.

correntes que indicam a separação das séries<sup>326</sup>. Quase se adivinha a preocupação em evitar erros de ordenação e de destaque da nomenclatura por parte dos compositores.

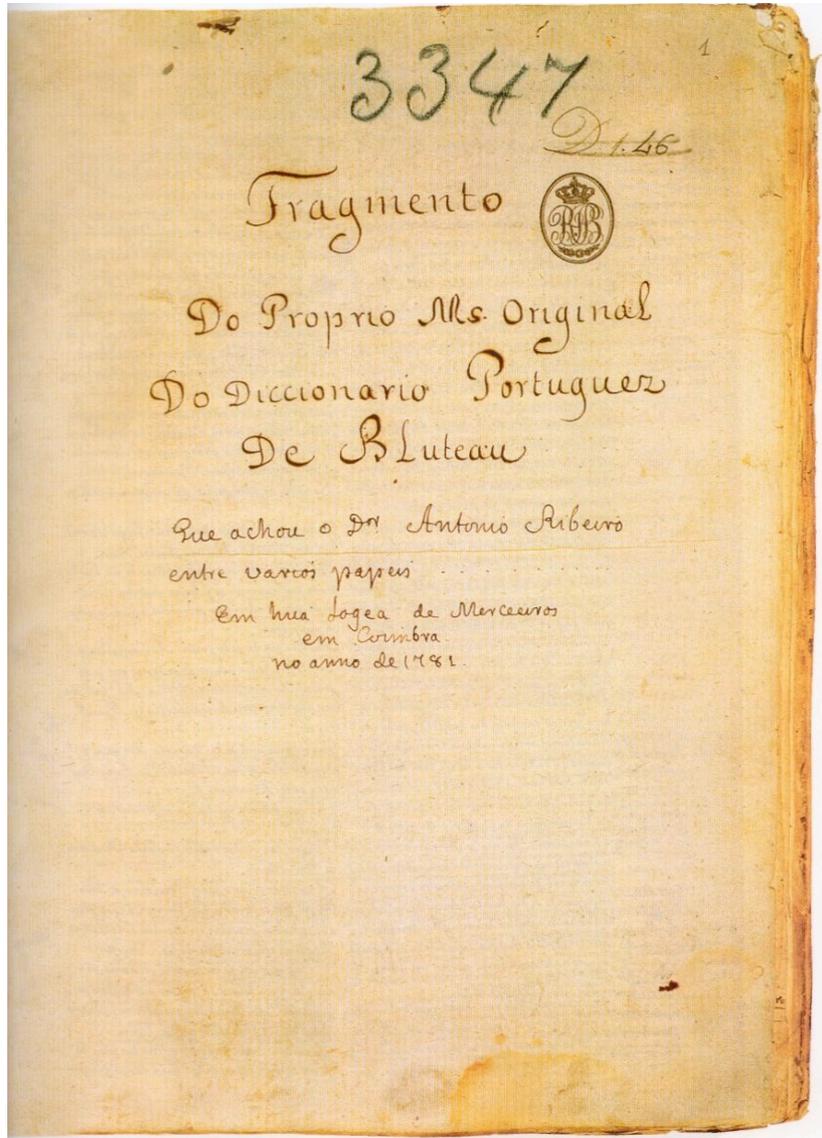


Fig. 1

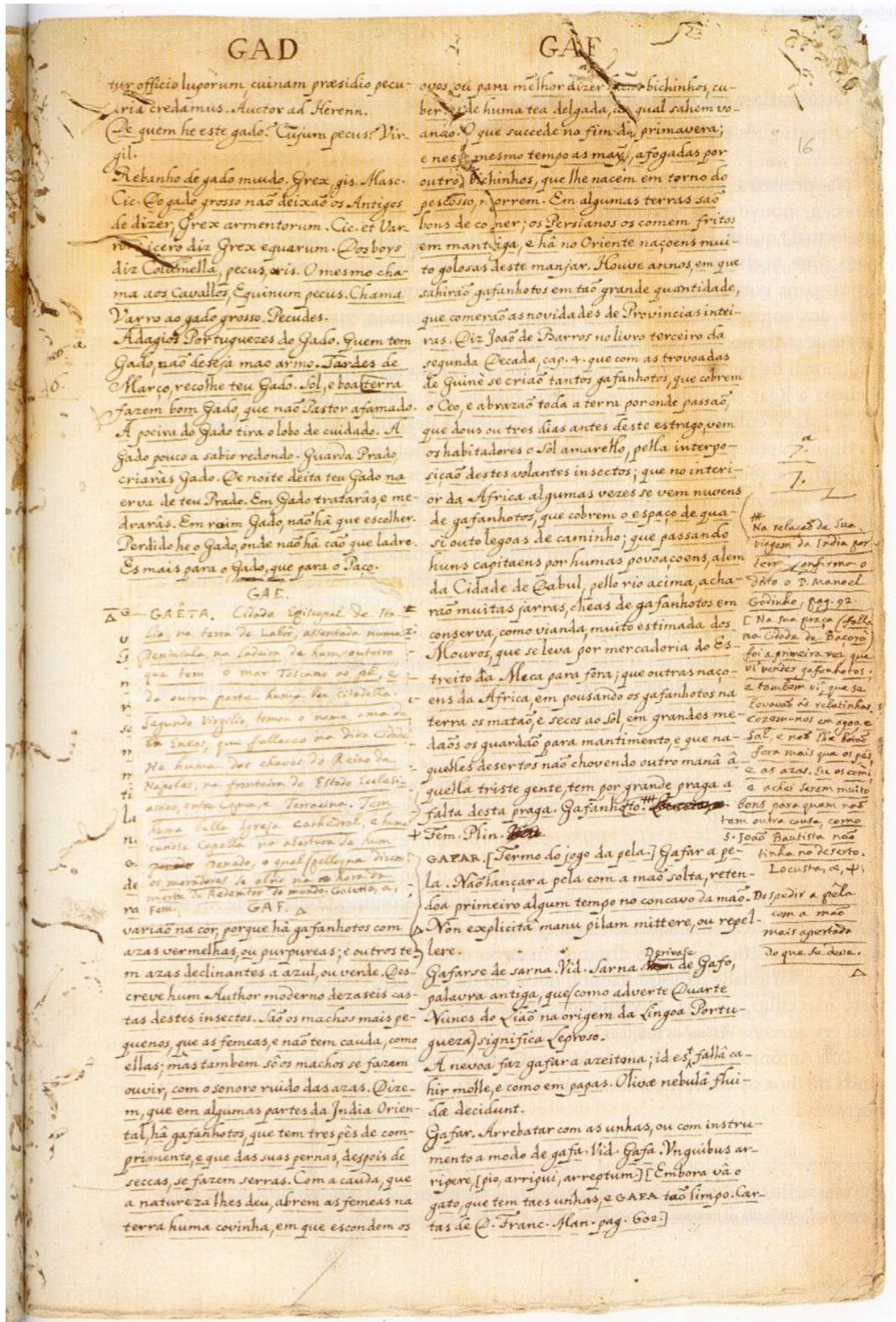
Rosto do «Fragmento do proprio Ms. original do Diccionario Portuguez de Bluteau, que achou o D.º Antonio Ribeiro entre varios papeis», reproduzido em Marquilhas, 2001: 109.

<sup>326</sup> B.N.L. Cod. 3.347. O manuscrito revela-se particularmente informativo no que respeita ao confronto entre as convenções ortográficas do lexicógrafo e a prática dos impressores (cf. adiante, cap. IV.4.2.3). Sobre a descrição material do códice e a sua proveniência, cf. Marquilhas, 1991: 30-34.



Fig. 2

Reproduzido em Marquilhas, 2001: 110.



GAD

GAF

tur officio luporum, cuiusdam presidio pecu-  
 aria credamus. Auctor ad Herenn.  
 De quem he este gado. Cuius pecus. Vir-  
 gil.  
 Debanho de gado mudo. Grex. jis. Masc.  
 Cic. O gado grosso não deixão os Antigos  
 de dizer. Grex armentorum. Cic. et Var-  
 ro. Cicero diz Grex equarum. Dos boys  
 diz Cotinella, pecus, vis. O mesmo cha-  
 ma aos Cavallos, Equinum pecus. Chama  
 Varro ao gado grosso. Pecudes.  
 Adagio Portuguezes do Gado. Quem tem  
 Gado não deseja mau armo. Jardes de  
 Marco, recolhe teu Gado. Sol, e boa terra  
 fazem bom Gado, que não bastor afamado.  
 A poeira do Gado tira o lobo de cuidado. A  
 Gado pouco a rabio redondo. Guarda Prado  
 criaria Gado. De noite deita teu Gado na  
 erva de teu Prado. Em Gado tratarás e me-  
 dianas. Em raim Gado, não há que escolher.  
 Perdido he o Gado, onde não há cão que ladre.  
 Es mais para o Gado, que para o Dado.

GAF

GAETA. Cidade principal de Ita-  
 lia na terra de Labro, adentrada numa  
 península na ladura de hum outeiro  
 que tem o mar Tiriano ao pé, e  
 da outra parte haia ha Cidadella.  
 Segundo Virgilio temo o nome, ma  
 de Ines, que fallava na dita Cida-  
 de ha humas das chaves do Reino de  
 Naples, na fronteira do Estado Sicili-  
 ano, entre Capua e Terracina. Tem  
 hum bella Igreja Cathedral, e hum  
 curioza Capella na abastura de hum  
 grande paredão, o qual pella na man-  
 de os murallas de outro na hora do  
 nome de Redentor do mundo. Galieno, a,  
 ra fam.

GAF

variação na cor, porque há gafanhotos com  
 azas vermelhas, ou purpureas; e outros te-  
 m azas declinantes a azul, ou verde. Des-  
 creve hum author moderno dezaseis cas-  
 tas destes insectos. São os machos mais pe-  
 quenos, que as femeas, e não tem cauda, como  
 ellas; mas também são machos se fazem  
 ouvir, com o sonoro ruído das azas. Dizem  
 que em algumas partes da India Orien-  
 tal, há gafanhotos, que tem tres pés de com-  
 primento, e que das suas pernas, depois de  
 seccas, se fazem serras. Com a cauda, que  
 a natureza lhes deu, abrem as femeas na  
 terra hum covinha, em que escondem os

vos, ou para melhor dizer, bichinhos, cu-  
 ber de huma tea delgada, a qual os hem vo-  
 anão. O que succede no fim da primavera;  
 e nesto mesmo tempo as mãs, afogadas por  
 outros bichinhos, que lhe nascem em torno do  
 gesto, e porrem. Em algumas terras são  
 bons de comer; os Persianos os comem fritos  
 em mantiga, e há no Oriente nações mu-  
 to golosas deste manjar. Houve annos, em que  
 sahirão gafanhotos em tão grande quantidade,  
 que comerão as novidades de Provincias inte-  
 ras. Diz João de Barros no livro terceiro da  
 segunda Decada, cap. 4. que com as trovoadas  
 de quine se crião tantos gafanhotos, que abrem  
 o Ceo, e abruzão toda a terra por onde passão,  
 que dois ou tres dias antes deste estrago, vem  
 os habitadores o sol amarello, pella interpo-  
 sição destes volantes insectos; que no interi-  
 or da Africa algumas vezes se vem nuvens  
 de gafanhotos, que cobrem o espaço de qua-  
 re cento legoas de caminho; que passando  
 hums capitães por humas povoações alem  
 da Cidade de Cabul, pello rio acima, acha-  
 rão muitas jarras cheas de gafanhotos em  
 conserva, como vianda muito estimada dos  
 Mouros, que se leva por mercadoria do Es-  
 treito da Mecca para fóra; que outras nações  
 da Africa, em pousando os gafanhotos na  
 terra, os mata, e secca ao sol em grandes me-  
 llaos os quantão para mantimento, e que na-  
 quelles desertos não chovendo outro manã a  
 quella triste gente, tem por grande praga a  
 falta desta praga. Gafanhotos.

GAFA. Termo do jogo da pela. Gafar a pe-  
 la. Não lançar a pela com a mão solta, reten-  
 doo primeiro algum tempo no concavo da mão. De spider a pela  
 Não expliciti manu pilam mittere, ou regel-  
 lere.  
 Gafare de sarna. Vid. Sarna. <sup>Deriva</sup> de Gafu,  
 palavra antiga, que como adverte Quar-  
 tines do <sup>em</sup> na origem da lingua Portu-  
 guesa, significa Leproso.  
 A nevea faz gafar a azeitona; id est, falli a-  
 hir molle, e como em papas. Thoe nebula flui-  
 da decidunt.  
 Gafar. Arrebatar com as unhas, ou com instru-  
 mento a modo de gafa. Vid. Gafa. In quibus ar-  
 ripere, [gio, arripui, arreptum]. Embora vã o  
 gato, que tem taes unhas, e GAFA tao limpo. Car-  
 tas de C. Franc. Man. pag. 602.]

16  
 a  
 7.  
 7.  
 # Na relação de Sea  
 Viegas da India por  
 tem. Confirma o  
 dito o P. Manoel  
 Godinho, pag. 92.  
 Na sua praga (falli)  
 na Ode de Bacoro  
 foi a primeira vez que  
 vi vender gafanhotos,  
 e também vi, que se  
 coziam-nos em agua, e  
 sal, e nesto modo  
 fora mais qua os pés  
 e as azas, de os comi-  
 s achas serem muito  
 bons para quem nos  
 tem outra causa, como  
 S. João Baptista nos  
 tinha no deserto.  
 Locustae, et, p.  
 mais oportado  
 do que se deve.

Fig. 3

Reproduzido em Marquilhas, 2001: 111.

São escassos os dados acerca de todo o trabalho que antecedeu esta fase, até porque ainda não se identificaram quaisquer outros manuscritos do *Vocabulario* anteriores à pré-impressão. O único testemunho — indirecto, sublinhe-se — é o manuscrito do *Oraculum*, uma obra paralexicográfica que foi composta em Alcobaça, a par com o dicionário<sup>327</sup>. O códice é composto por duas partes distintas, principiando pelo original de imprensa correspondente ao primeiro e único volume a ser impresso, em letra que não a do autor; a segunda parte é composta pelo texto inédito e apresenta-se em volumosos cadernos de fólio, manuscritos por Bluteau<sup>328</sup>. Esta versão, que certamente antecederia a cópia para original de imprensa, também por sua vez parece ser a cópia de uma versão anterior. Isto porque a um texto-base com uma aparência de uniformidade foram adicionadas inúmeras correcções e adições, em nota marginal ou através de pequenas folhas coladas, permitindo a inclusão de excertos ou de novos artigos.

Parece legítimo supor que o *Vocabulario* também tenha conhecido uma versão semelhante, em que a generalidade dos artigos já se apresentaria com a redacção final e a nomenclatura se aproximaria da organização definitiva. Mas, porque ainda se tratava de um documento de trabalho, poderia incluir novos artigos acrescentados na margem ou em folhas coladas, de modo a não induzir em erro o escrevente. Esta fase deve remontar ao período em que o autor residiu em Alcobaça, uma vez que nesses três anos toda a obra foi profundamente revista, com um incremento do número de entradas.

Mas o material compilado em finais do século XVII já seria bem mais que um rascunho. As notícias que dão conta de uma tentativa de impressão por volta de 1697 indicam que a versão anterior a Alcobaça já se encontraria num estado muito adiantado de redacção. É de admitir que o texto das últimas letras não estivesse concluído, mas a nomenclatura fundamental encontrava-se definida e ordenada, uma vez que licenças dos superiores teatinos de Roma foram obtidas em 1697 e 1698, mediante o envio de um manuscrito<sup>329</sup>.

A versão de 1697 beneficiou do exemplo da técnica de alfabetação mais apurada presente nos dicionários de Furetière (1690) e de Corneille (1694), mas por mais decisiva que tenha sido essa influência, Bluteau já trabalhava no *Vocabulario* desde cerca de 1680

---

<sup>327</sup> Cf. cap. I.2.4.2.

<sup>328</sup> B.N.L. Cod. 3001 a 3003.

<sup>329</sup> Somente serão renovadas em 1727, para a impressão do *Suplemento*.

e é nesse intervalo de 10 anos que podemos situar a organização da nomenclatura fundamental.

Esta fase pressupõe a confrontação das fontes lexicográficas disponíveis, bem como a colecção de material disperso nos diversos cadernos em que, durante mais de 6 anos, o teatino anotara palavras e expressões que colheira na leitura de autores portugueses<sup>330</sup>. Não é certo que esse fundo informativo se encontrasse alfabeticamente ordenado, ainda que de uma forma rudimentar; o mais provável é que se tratasse de uma ordenação local, recolhendo citações e contextos no decurso da leitura. A constituição deste género de listas era uma ocupação erudita frequente entre os clérigos e os documentos obtidos não tinham necessariamente em vista tornar eficiente uma consulta futura<sup>331</sup>.

Para a elaboração de listas de nomenclatura — que poderiam incluir os primeiros esboços de redacção dos artigos, definindo as subentradas — o método de trabalho não se distanciaria muito do que podemos observar no manuscrito do *Diccionario Portuguez e Latino* do teatino Caetano de Lima<sup>332</sup>. Trata-se de um precioso exemplo de um dicionário em plena redacção, com artigos parcialmente concluídos, entradas sem glosa e espaços em branco. Caetano de Lima trabalhou em cadernos de média dimensão, posteriormente cosidos em volumes de tamanho que permitisse o manuseio.

Da leitura atenta dos dicionários anteriores, portugueses e latinos, o lexicógrafo delineava uma previsão sobre quais as letras que comportariam maior ou menor número de entradas, o mesmo acontecendo em relação a determinadas sequências alfabéticas no interior de cada série. Com base nessa estimativa, dividia os cadernos em sequências limitadas por 2 ou 3 letras iniciais, sendo essa informação registada nas páginas ainda em branco, sob a forma de títulos correntes. Este sistema permitia acumular informação, mas

---

<sup>330</sup> «Do trabalho, que tomei em colher de todos os livros Portuguezes, que me vieram às mãos, dicçoens, & phrases, não faço menção; sô digo, que enchi dellas alguns dez volumes de quarto, & nesta collecçam gastei mais de seis annos» (*Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

<sup>331</sup> No espólio proveniente da biblioteca dos teatinos encontra-se um manuscrito de Caetano de Lima, intitulado *Vocabulario nautico da lingua e frases portuguezas* (B.N.L., Cod. 3138). O autor copiou integralmente um texto em que o vocabulário náutico era abundante e transcreveu nas margens todas as palavras desse campo semântico, sem lhes conferir outra ordenação para além da local, mantendo-as inclusive perto da linha em que ocorrem.

<sup>332</sup> Caetano de Lima, *Diccionario Portuguez e Latino das palavras e frases portuguezas mais necessarias e de melhor uso explicadas na mais pura latinidade e com exemplos dos melhores autores*, B.N.L., Cod. 3120-3124. Apesar de ocupar seis volumes in 4º, poderia ser apenas um léxico para uso pessoal, pois não há sequer notícia de uma intenção em publicá-lo.

dificultava uma ordenação eficaz e o acesso à nomenclatura. Assim, o lexicógrafo manteria um índice das entradas, provavelmente dividido em sequências, facilitando a constante actualização e minimizando as inevitáveis operações de rescrita. Sabe-se que D. Francisco Xavier de Meneses e o seu filho elaboraram índices como instrumento auxiliar de controle da nomenclatura e é de supor que esta também tenha sido uma estratégia fundamental na composição do *Vocabulario*<sup>333</sup>.

### 1.3.2. Ordenação das séries

O sucesso do esforço de ordenação dependia da coerência com que o lexicógrafo estabelecesse e cumprisse uma determinada sequência alfabética. A seriação dos grafemas latinos era regular, mas surgiam divergências entre os lexicógrafos no que respeita à integração de grafemas introduzidos posteriormente, fossem eles específicos da escrita vernácula, ou de uso comum nas principais línguas europeias<sup>334</sup>. Mas esta dificuldade não foi de modo algum exclusiva do português e, no início do século XVIII, não havia propriamente um sistema alfabético normalizado, antes um conjunto mínimo de práticas geralmente aceites, legitimadas sobretudo pela lexicografia latina.

Da leitura do *Vocabulario*, o primeiro aspecto a notar é que se mantém o desfasamento entre o número de grafemas simples em uso e o número de séries alfabéticas, limitando-se estas a 23:

---

<sup>333</sup> «Como meu filho copiou o Index do Supplemento, que remeto, não vai palavra alguma repetida das que elle continha desde L. e N. S. para diante: com que se não cance Vossa Reverendissima em conferillas, nem as do meu novo Supplemento, que brevemente remetterei, porque corri cuidadosamente o Vocabulario, e Supplementos» (carta citada por Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 314).

<sup>334</sup> Os tratados ortográficos também não forneciam soluções para a ordenação, tanto mais que nem sequer eram unânimes quanto ao número de unidades grafemáticas. Franco Barreto regista um alfabeto com 26 unidades e estabelece uma distinção entre as letras tradicionais e aquelas que foram introduzidas pelos «modernos» (<ç>, <j> e <v> minúsculos), enunciando-as à parte e sem as integrar na sequência alfabética (Barreto, *Ortografia...*, 1671: 65-66). Madureira Feijó explica que o número de letras pode variar entre 23 e 25, diferença que resulta do facto de se poder considerar <j> e <v> como unidades autónomas. Tal como Barreto, Feijó não inclui <j> na sequência de maiúsculas, apesar de ocorrer ao longo do texto e de ser usado em posição inicial na lista de erros de pronúnciação. Na «Breve instrucçam para os Mestres das Eschólas de Lêr, e Escrevêr», propõe um alfabeto simplificado, em que elimina o <k> e introduz o dígrafo <ll> (Feijó, *Orthographia...*, 1639 (1634): 16-17, 545). Curiosamente, o primeiro dos alfabetos enunciados tem 24 letras, pois omite <J>.

A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X, Y, Z.

Em todo o caso, a inclusão de séries delimitadas para <K> e <Y> constitui uma novidade, uma vez que Cardoso, Barbosa e Pereira não as contemplam, tanto mais que eram consideradas estranhas à ortografia portuguesa. Analisando a nomenclatura do *Vocabulario* nestas duas séries, constata-se que são sobretudo neologismos, cuja presença se justifica pela busca da exaustividade e pelo teor enciclopédico, factores que exerceram uma pressão considerável na nomenclatura dos grandes dicionários da época<sup>335</sup>. Para além desta primeira ordenação, torna-se necessário um sistema de seriações parcelares, que permita a integração de palavras principiadas por dígrafos, bem como por outros grafemas não contemplados, como é o caso de <ç>, <j>, <u> e <w>.

A avaliação das diferentes soluções apresentadas por Bluteau e pelos antecessores deve ter em conta as modificações nos sistemas ortográficos das respectivas épocas. De facto, o avanço do *Vocabulario* em termos da técnica de alfabetação só foi possível porque a língua escrita que procurava inventariar já se encontrava ortograficamente mais normalizada, o que permitiu dispensar técnicas auxiliares de ordenação, como é o caso das seriações por critérios fonológicos.

Assim, na série <C>, Cardoso indexa primeiro todas as palavras em que o grafema representa a oclusiva; segue-se <ça, ce, ci, ço, çu> e, por fim, as palavras principiadas pelo dígrafo <ch><sup>336</sup>. Barbosa reduz as distinções a duas, indexando primeiro os lemas com valor de oclusiva e em seguida as sibilantes, integrando o <ch> na sequência <ça, ce, ch, ci, ço, çu>. Por sua vez, o *Thesouro* recupera o esquema de Cardoso, remetendo novamente o <ch> para o fim da série.

No caso de <I>, no *Thesouro* a mesma série abarca os valores consonântico e vocálico, sem que essa distinção seja tipograficamente marcada de uma forma rigorosa. No dicionário de Cardoso, o grafema inicial é sempre <i> — maiúsculo ou minúsculo, de acordo com a disponibilidade da caixa —, enquanto o <j> minúsculo só ocorre em

<sup>335</sup> De facto, como Bluteau reconhece, não se trata propriamente de nomenclatura portuguesa, mas de decalques de palavras estrangeiras: «No principio do tomo quinto do nosso Vocabulario Portuguez, e Latino, seguindo os preceitos da Orthografia de Duarte Nunes de Leão, temos deixado a letra K, quasi em branco como letra, no Alfabeto Portuguez inutil, e ociosa; porém considerando, que em livro de linguagens Septentrionaes, e outras tambem estranhas, sahe a letra K no principio de muitas dicçoens, temos achado, que neste Supplemento convinha fazer menção dellas, segundo a Orthografia da terra, por não ficarem os Portuguezes privados das noticias, que dellas dependem» (*Supp*: s.u. K).

posição medial. Quanto à ordenação no interior da série, a intenção seria apresentar primeiro as palavras com <i> consonântico (<I<sup>a,e,o,u</sup>>) e, por fim, as palavras em <i+CONSOANTE>, respeitando a ordenação alfabética no interior de cada um destes grupos de entradas. Todavia, surgem sequências anómalas como:

Iejum, Iejuar, Ioya [‘jóia’], ida, idolo, [...], Igualador, Igreja, Ioyo, Ioeira

Barbosa e Bento Pereira estabelecem uma sequência em que, para efeitos de ordenação, as realizações vocálicas ou consonânticas são indistintas. Todavia, no dicionário de Barbosa, o emprego do <j> maiúsculo e minúsculo ainda é similar ao que se observa em Cardoso. Nos finais do século XVII, e tendo em conta o conjunto *Prosodia-Thesouro*, o emprego do <J-> era mais generalizado, mas não ao ponto de ser regular. Nas séries <J<sup>a,e,o,u</sup>> da *Prosodia*, as páginas em que o <J-> é a regra alternam com outras em que as entradas principiam por <I->. No caso do *Thesouro*, apesar de as entradas com valor consonântico não totalizarem mais de 3 colunas, o <J-> só ocorre nas 4 entradas da série <Je-><sup>337</sup>. Parece tratar-se de uma concessão à caixa tipográfica, uma vez que seria necessário o carácter minúsculo itálico em quantidades incomportáveis<sup>338</sup>.

A evolução do tratamento do par <u/v> é muito semelhante à do anterior. Cardoso principia pelas palavras com valor consonântico, remetendo para o fim as de valor vocálico, enquanto Barbosa e Bento Pereira se limitam ao critério alfabético, considerando os grafemas indistintos quanto à ordenação. O grafema <U> em posição inicial só ocorre nas edições mais tardias do *Thesouro*, pois tanto na edição de 1647, como nos dicionários anteriores, a regra é o uso do <v->.

A lenta introdução do <J-> e <U-> nos dicionários é condicionada sobretudo pelas características das oficinas tipográficas, apetrechadas em função de uma escrita latina em que o emprego de <i, j, u, v>, maiúsculos e minúsculos, era ainda bastante irregular, o que se reflectia também na impressão dos textos em português<sup>339</sup>.

<sup>336</sup> Cf. Teyssier, 1980: 25.

<sup>337</sup> <J> na edição de 1723. Nas de 1647 e 1697 ocorre apenas <I>.

<sup>338</sup> O corpo do <J> romano disponível era bastante alongado na metade inferior, o que perturbaria a composição de páginas em que as glosas, em geral, não ultrapassavam uma linha.

<sup>339</sup> De facto, são tardias as tentativas mais consistentes de regularização. Na primeira metade do século XVII, em França, vários autores propõem a diversificação do uso de <j> e <v>, mas, na prática, os impressores não podem ou não acedem a respeitar essa intenção. Em 1558, o impressor Jean de Tournes adopta nos seus textos o uso actual do <j> e <v>, mas apenas nas minúsculas (*Oeuvres* de Marot, 1558). Petrus Ramus (Pierre de la Ramée, 1515-1572), trabalhando com o editor Andreas Wechel, alarga a aplicação às maiúsculas, em primeiro lugar nas obras latinas (*Scholae*

Assim, e tendo em conta a prática em dicionários portugueses que ainda conheciam largo uso após a edição do *Vocabulario*, o trabalho de Bluteau destaca-se por um esforço mais consistente, mas nem sempre conseguido, de organizar internamente as séries de acordo com critérios alfabéticos. Os grafemas <i/j> e <u/v> tornam-se indiferentes do ponto de vista da ordenação, enquanto os dígrafos, como <ch>, são integrados nas séries tendo em conta cada um dos símbolos gráficos que os compõem. A mais notória exceção é o <ç> inicial, que Bluteau substitui por <s->, uma vez que as remissões <ç<sup>a, o, u</sup> - > -> <s<sup>a, o, u</sup> -> são indexadas no fim das sequências <ca-, co-, cu->, respectivamente.

No caso das letras ramistas, parece claro que a intenção do lexicógrafo seria respeitar o uso reformado para as maiúsculas, que correspondia à prática dos dicionários de Furetière (1690) e da Académie (1694). Todavia, tal não acontece na série <I/J> (tomo IV, Coimbra, 1713), pois o Colégio das Artes não disporia de tipos maiúsculos suficientes, ao ponto de por vezes faltarem também no texto dos artigos, sendo substituídos por <I->. No volume de 1713, o <J-> é pouco frequente em alguns cadernos, e pode mesmo concluir-se que ocorre de forma algo arbitrária, dependendo da disponibilidade da caixa. Nem sequer parece coincidir com as palavras em que a pronúncia seria duvidosa — como topónimos estrangeiros e neologismos — pois em geral as ocorrências na glosa esclarecem a questão. Só nos volumes de Lisboa a representação das maiúsculas atinge a coerência pretendida.

Outra inovação é a inclusão, na série <U/V>, de palavras estrangeiras que, na origem, principiavam por <w->. O estatuto do grafema já se encontrava definido nos dicionários franceses, sendo indexado como uma sequência de <u/v+u/v>, mesmo quando as tipografias dispunham do carácter <w>, como sucede em Furetière e no dicionário da Académie. Bluteau aplica o mesmo princípio, apesar de apenas registar uma entrada nestas circunstâncias, no *Suplemento*<sup>340</sup>.

Ao longo do *Vocabulario*, o grafema <w> ocorre na transcrição de palavras estrangeiras, mesmo quando a caixa não continha tal carácter, sendo então necessário

---

*grammaticae*, 1559) e, em seguida, também nas francesas (*Gramere*, 1562). Pela efectiva repercussão desta normalização, os grafemas receberão a designação tradicional de “letras ramistas”. N. Catach descreve as vicissitudes do processo, focando em particular as dificuldades dos impressores em obter os tipos adequados (1968: 130-132, 225). Sobre a evolução destes grafemas na tradição tipográfica europeia, cf. *ibidem*: 312-314.

<sup>340</sup> Trata-se do topónimo alemão UVOLFFENBUTEL, que, segundo a glosa informa, corresponde ao latim «*Wolfenbutelum*» (*Supp.*: s.u.).

fabricá-lo com a junção de dois vês<sup>341</sup>. Todavia, o uso deste grafema é muito pontual e, ao contrário do <K>, não beneficiava do peso da tradição latina, o que explica o facto de não ser incluído na sequência alfabética do dicionário e de não merecer referência na «Prosa Grammatonomica».

### 1.3.3. Ordenação das entradas

A regra geral é a ordenação letra-a-letra até ao fim da palavra, aplicando a sequência alfabética consignada para a disposição das séries. A prática contrariará diversas vezes este princípio — por lapso do autor ou por erro dos tipógrafos — mas as faltas materiais são inevitáveis numa obra antiga de tão grande dimensão, isto para além do carácter ainda experimental desta técnica de alfabetação, em relação ao português. Observemos, em primeiro lugar, alguns exemplos seleccionados de ordenação.

No que respeita ao <ç>, é indistinto do <c>, excepto quando todas as letras coincidem, sendo nesse caso a palavra com <ç> registada em segundo lugar:

— ORCA, ORÇA, ORCADAS, ORÇAMENTO, ORÇAR, ORCHESTRA

Em interior de palavra, também não se distinguem <i/j> e <u/v><sup>342</sup>:

— JUGO, JUGULAR, IVICA [“Ibiza”], JUIZ, JUIZO  
 — UVA, UVALCEUSSEN, UVEA, UVEIRA, VULCANO  
 — VULTURNO, UVRE, VURMO, UYVAR, UYVO, UZAGRE

No exemplo anterior verifica-se que o <y>, em UYVO, é indexado antes de <z>, apesar de representar uma semivogal. A posição do <y> levanta problemas, uma vez que a prática ortográfica admitia a alternância com <i>. Quando o <y> representa uma memória etimológica, a ordenação segue geralmente a tradição dicionarística latina. No caso de palavras portuguesas observam-se inúmeras incongruências, como na seguinte série, em que ambos os <y> são semivogais e recebem um tratamento distinto:

<sup>341</sup> A solução não era de modo nenhum inédita, pois já servia em França desde a segunda metade do século XVI, altura em que o <W> maiúsculo rareava nas tipografias (Catach, 1968: 311). É lícito concluir que a oficina tipográfica de Coimbra não dispunha do carácter, pelo menos no tamanho do tipo empregue no *Vocabulário*. Em contrapartida, a oficina da Patriarcal, onde se imprimiram os suplementos, já tinha o carácter nas caixas, sendo frequentemente solicitado para o registo de topónimos, cujo número é superior nos referidos volumes.

— OLANDILHA, OLARÍA, OLÁYA, OLDEMBURGO, OLDENSÊL, OLEÂDOS, OLEAR, OLEYRO, OLEO

Os dígrafos também são indexados letra a letra, traduzindo a prevalência da forma gráfica da palavra sobre os critérios fonológicos. Assim, não se distinguem o <ch> “grecizante” e o <ch> que representa a sibilante palatal:

— CHARCO, CHAREL, CHARIDADE, CHARISMA, CHARLAR, CHARLATAM  
— CACETA, CACHA, CACHACA, [...], CACHEIRA, CACHETICO, CACHETICO, CACHEXIA, CACHIMBAR

O <-h-> em posição intermédia, incluindo o dígrafo <nh>, é considerado como unidade independente, mesmo quando apenas tem um valor semelhante ao de um diacrítico, ou quando é uma marca visual de uma memória etimológica:

— INGUIA, INHABIL, INHABILIDADE, INHABILITAR, INHABITADO, INHABITAVEL, INHAME, INHAPURE, INHAZARA, INHENHO, INHERENCIA  
— INCOGNITO, INCOHERENCIA, INCOLA  
— CAMPESTRE, CAMPHORA, CAMPINA

No que respeita às palavras compostas, a prática mais comum nos dicionários anteriores era considerar apenas o primeiro elemento lexical. Assim, a ordenação de uma série de entradas — em geral hipónimos — estabelece-se aleatoriamente ou por critérios semânticos<sup>343</sup>.

Perante casos semelhantes, Bluteau tenta estender o critério alfabético ao segundo e terceiro elemento, até porque o conjunto de entradas numa mesma série poderia facilmente prolongar-se por várias páginas. Mas a ordenação não é aplicada com todo o rigor, como se observa na seguinte lista de entradas, em que os desvios se assinalam a negrito:

VILLA	VILLAGEM	<b>VILLA REAL</b>
VILLAMENTE	VILLALVA	<b>VILLAR-MAYOR</b>
VILLA-BOIM	VILLANAZ	<b>VILLARINHO da Castanheira</b>
VILLA COVA	VILLANÍA	<b>VILLA RUIVA</b>
VILLA DAS PIAS	VILLANOVA d'Asti	<b>VILLAR TURPIM</b>
VILLA DE PASSO	<b>VILLALPANDO</b>	VILLA SECA
VILLA DE REY	VILLAÕ	VILLA VELHA DE RODAÕ
VILLA DO CONDE	VILLAÕ RUIM	VILLA VERDE
VILLA FERNANDO	VILLA POUCA DE AGUIAR	VILLA VIÇOSA
VILLA-FLOR	VILLAR DE FRADES	<b>VILLAS BOAS</b>
VILLA FRANCA	<b>VILLAR SECO DA LOMBA</b>	

Verifica-se que a ordenação é letra-a-letra, omitindo espaços e hífens, e que considera os elementos de valor gramatical, como as preposições. Mas, como se nota na série <villar->, a regra não se aplicou até ao fim da palavra, terminando precisamente no

<sup>342</sup> Neste caso, o princípio é o mesmo dos dicionários anteriores, mas a regularidade no emprego dos grafemas beneficia a leitura. Por exemplo, o *Thesouro* (1647) ainda registava *viuer*, *viuua*, *Vua*, *Vuas*, *Vueyras*.

<sup>343</sup> Cf., *Thesouro* (1647): *Vua*, *Vua azeda*, *Vua temporaã*, *Vua serodea*, *Vuas de pendura*, *Vuas roxas*, *Vuas de boa casta*, *Vuas brauas* [...]. Na edição de 1697, *Uva* é a forma mais comum.

<r>, parecendo portanto que se considerou esta distinção suficiente para localizar as entradas. Erros como VILLALPANDO e VILLAS BOAS são frequentes, e a explicação poderá residir em equívocos aquando da composição tipográfica. Outras excepções são claramente opções do lexicógrafo, como a seguinte ordenação, presente na letra C, que distingue a realização vocálica da consonântica, contrariando a prática geral na série <I/J>:

— CAJADINHO, CAJADO, CAJAM, CAJAZEIRO, CAJU, CAIBROS, CAIMAM, CAIMBA, CAIREL, CAIRO

Importa ainda assinalar uma regra de ordenação em que o critério fonológico se sobrepõe à posição da unidade grafemática na sequência alfabética tradicional. Nos volumes impressos em Coimbra, a caixa não dispunha de diacríticos para assinalar as maiúsculas das entradas, pelo que o grupo <-AÕ> era registado <-AM>. Todavia, quando a terminação era relevante para efeitos de indexação, a palavra era ordenada de acordo com a grafia desejada, e não pela efectivamente registada<sup>344</sup>.

A aplicação de todo este conjunto de regras que vimos observando resulta numa renovação efectiva do modo de apresentar a nomenclatura ao consulente. A reduzida dimensão das glosas nos dicionários anteriores colocava ao alcance imediato da visão todo um conjunto de entradas semântica e morfológicamente relacionadas, pelo que era dispensável o investimento na alfabetação. Perante o crescimento súbito das glosas e a integração de novas acepções é mais funcional destacar um menor número de formas de entrada, colocando na sua dependência os itens relacionados, aos quais anteriormente era concedido igual relevo.

No caso do *Vocabulario*, a comparação da nomenclatura com a tradição lexicográfica deixa perceber a importância de um trabalho básico de reagrupamento das entradas registadas em Bento Pereira, tal como o jesuíta fizera em relação a Cardoso e Barbosa. A tabela seguinte inclui as entradas que os quatro dicionários consagram a ESCREVER e palavras derivadas. Do *Vocabulario* transcrevem-se também as subentradas, embora se exclua a fraseologia que não introduza novas acepções; omitem-se as traduções de citações literárias latinas, figurando em posição de subentrada, e que apenas servem de ilustração. As entradas e subentradas não registadas em dicionários anteriores são assinaladas a negrito:

---

<sup>344</sup> Assim se explicam sequências como: CAÇANTE, CACAO, CAÇAM, CAÇADO, CAÇAR.

Cardoso (1562)	Barbosa (1611)	Thesouro (1697)	Vocabulario
Escreuer	Escreuer	Escrevente	ESCREVENTE
Escriuam	Escriuão	Escrever	ESCREVER
Escretura	Escriuão, i. tabalião	Escrever a miude	Escrever a alguem
Escrito	Officio d'escriuão	Escrever a miude	<b>Escrever mais largo [...]</b>
Escritorio	Escritorio	Escritura	<b>O mestre, que ensina a escrever</b>
Escreuaninha	Escritorio	Escritura	<b>Cousa, que serve para escrever [...]</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Tinta para escrever [...]</b>
	Escritorio	Escritura	Escrever a miudo a alguem [...]
	Escritorio	Escritura	<b>Escrever o que outra pessoa diz, ou está dictando [...]</b>
	Escritorio	Escritura	Escrever. Compor
	Escritorio	Escritura	ESCRIBA
	Escritorio	Escritura	ESCRITA
	Escritorio	Escritura	ESCRITO
	Escritorio	Escritura	<b>Livro, escrito de mão</b>
	Escritorio	Escritura	Escrito. Billhete.
	Escritorio	Escritura	<b>Escrito, feito ou assinado de mão propria</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Escrito de amores</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Escrito posto em alguma praça, ou lugar publico da Cidade</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Pôr na porta de humas casas escritos para se venderem</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Escrito da Alfandega</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Escrito de casamento</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Escrito de desafio</b>
	Escritorio	Escritura	ESCRITOR
	Escritorio	Escritura	ESCRITORIO [móvel]
	Escritorio	Escritura	<b>Escritorio de letrado</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Escritorio [local]</b>
	Escritorio	Escritura	ESCRITOS
	Escritorio	Escritura	ESCRITURA
	Escritorio	Escritura	<b>Escritura publica</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Escritura sagrada</b>
	Escritorio	Escritura	<b>Escrituras antigas</b>
	Escritorio	Escritura	ESCRIVANINHA
	Escritorio	Escritura	Escrivantina. Officio de escrivaõ
	Escritorio	Escritura	ESCRIVAM
	Escritorio	Escritura	Escrevaõ de puridade
	Escritorio	Escritura	Escrevaõ de Paço
	Escritorio	Escritura	Escrevaõ do cível
	Escritorio	Escritura	Escrevaõ do crime

A amostra recolhida dos três primeiros dicionários ilustra as deficiências da técnica de alfabetação, registando uma ordenação parcial até à 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> ou 5<sup>a</sup> letras<sup>345</sup>. O *Thesouro* já apresenta uma ordenação mais correcta, registando-se apenas o desvio de ESCRIVANINHA e ESCRITOS, cujas posições se explicam à luz das relações de derivação. Além disso, nas três obras referidas, todos os itens têm um tratamento tipográfico semelhante, o que dificulta a delimitação de grupos relacionais. Por exemplo, a hierarquização entre ESCRIUÃO (Barbosa e *Thesouro*) e as designações dos diversos tipos de escrivão assenta na repetição do lema; em contrapartida, no *Thesouro* é difícil indicar onde termina o grupo de entradas subordinadas a ESCREVER.

Por comparação, o *Vocabulario* introduz um sistema de hierarquização distinto, que por regra não engloba no macro-artigo as palavras derivadas. De facto, considerando as entradas e subentradas que não se encontram em léxicos anteriores, observa-se que o incremento se deve aos itens que, no entender do lexicógrafo, corresponderiam a novas acepções. Sem entrar na análise da técnica de elaboração dos artigos, importa desde já notar as perturbações que a fraseologia acarreta, pois nem sempre é clara a distinção entre subentradas, exemplos em contexto e expressões de origem literária. Tipograficamente, a distinção é pouco clara, pois as frases-exemplo ora são colocadas numa alínea, ora surgem em sequência num mesmo parágrafo<sup>346</sup>.

#### 1.3.4. Normalização das formas-lema

Nos dicionários monolíngues, publicados nos finais dos séculos XVII, é visível o esforço de normalização no registo das formas-lema, no sentido de as tornar representativas de paradigmas gramaticais<sup>347</sup>. Sem a preocupação da correspondência obrigatória com a segunda língua, há condições mais favoráveis para que a nomenclatura se estruture de acordo com as categorias gramaticais e a morfologia da língua que se pretende descrever.

---

<sup>345</sup> Sobre este aspecto particular da técnica lexicográfica, em Jerónimo Cardoso, cf. Teyssier, 1980: 25.

<sup>346</sup> Cf. IV.3.4.

Na nomenclatura dos dicionários anteriores ao *Vocabulario*, a percepção da regularidade é gravemente perturbada pela fraseologia, que introduz locuções adverbiais e diversas categorias integradas em sintagmas. Ao adaptar os critérios de estruturação da nomenclatura das obras francesas, Bluteau evita, à partida, inúmeras debilidades do sistema pesado e irregular dos dicionários portugueses em circulação. Para garantir a funcionalidade da nomenclatura, era necessário evitar a tentação da acumulação fácil — eliminando categorias gramaticais de formação previsível, por exemplo — mas também normalizar a apresentação da forma-lemma, no que respeita ao género e ao número.

Tal como os seus modelos estrangeiros, o *Vocabulario* não se libertou totalmente das incongruências próprias de uma técnica em evolução, para além das concessões necessárias à conjugação das vertentes portuguesa e latina<sup>348</sup>.

#### 1.3.4.1. Variação em número

Nas entradas correspondentes a substantivos e verbos, a regra básica era registar o lema no singular. Todavia, são várias as situações em que este princípio é contrariado, pelo que o lema não funciona como unidade paradigmática, antes pretende traduzir um uso preponderante.

A excepção natural a esta regra são os chamados *pluralia tantum*, palavras que morfologicamente são plurais, sem que na língua existam as respectivas formas do singular<sup>349</sup>. O *Vocabulario* regista-os, sem qualquer marcador que esclareça o seu estatuto. Citam-se alguns exemplos recolhidos na letra A, que mantêm somente o plural no português actual:

ALCANÇOS [...] São os dedos, que nas mãos dos Falcoens saõ sòs per si, & mayores, que os outros [...] *Digiti decumani* [...]

<sup>347</sup> Como refere Landau (1991 (1984): 76), nem todas as formas são escolhidas para representar um paradigma gramatical e o reconhecimento do valor destas formas pelos falantes pressupõe um nível elevado de padronização da língua.

<sup>348</sup> B. Quemada (1968: 275 e ss.) aponta e exemplifica várias insuficiências nos dicionários de Nicot (1606), Richelet (1680) e Furetière (1690), no que concerne à flexão das formas-lemma, seja por tratamento diferente dentro da mesma obra, seja por divergências em relação aos critérios de lexicógrafos precedentes.

<sup>349</sup> Os *pluralia tantum* constituem escolhas únicas, em que «a marca formal de plural não é objecto de escolha por parte do falante» (Barbosa, 1994: 213).

ALMORREIMAS. Tumores, nas extremidades das veas, que estão ao redor do cesso [...] *Haemorrhoides, dum* [...]  
 ALPORCAS. Enfermidade assim chamada, porque he ordinaria nos porcos. São tumores schirrosos [...] *strumae, arum* [...]  
 ALVIÇARAS [...] premio, que se dà a quem traz huma boa nova [...] *Evangelia, orum* [...]  
 ARREDORES. Os arredores de huma Cidade. *Circumjecta urbi loca. Neut. plur. Tit. Liv.*

Mas Bluteau também aplica a forma plural do lema a substantivos que, em rigor, possuem singular, o que remete para uma concepção lata de *pluralia tantum*, que se funda na tradição gramatical latina, em que a designação abrangia palavras cujo singular era morfologicamente possível, mas de uso pouco frequente. Nos dicionários actuais, estes lemas surgem no singular, pois não há diferença de significado em relação ao plural. No *Vocabulario*, esta situação pode ocorrer em substantivos cujos referentes geralmente se associam em pares, pelo que o lexicógrafo destaca a palavra que designa o conjunto:

ALGEMAS. Ferros, cõ ã se prẽdẽ as mãos dos criminosos. *Manicae, arũ.* [...]  
 ARRECADAS. Brincos das orelhas [...] *Inauris, is Fem. plur.* [...]  
 AMYDALAS. São duas glandulas nas Ilhargas da campainha da boca [...] *Tõsillae, arum* [...]

Em outros casos, é um indício de que o plural era bem mais usual, pois o referente era tipicamente um conjunto composto por um número indeterminável de elementos:

ALFORRECAS. Excremento do mar esponjoso [...]  
 AMANTILHOS. (Termo de marinhagem.) São huns cabos, que vaõ das pontas das vergas [...] *Opiferi funes, ium* [...]  
 ANDAINAS [...] He o panno cõ que anda vestida a nao [...]  
 ANDURRIAES. Lugares por onde anda muita gente, lugares trilhados [...]

Entre vários exemplos possíveis de um tratamento distinto, pode citar-se o artigo ALIMPADEIRA, introduzido pela forma singular, gramaticalmente correcta, que é imediatamente precisada pela expressão no plural contextualizada<sup>350</sup>.

Por vezes, a entrada no plural está claramente subordinada ao latim, e constitui uma tentativa de transpor para o português, com a fidelidade possível, uma palavra latina em que o plural se encontra semanticamente marcado, mantendo as regras gramaticais da origem<sup>351</sup>. O lexicógrafo raramente explica o motivo da entrada no plural, nem em que

<sup>350</sup> «ALIMPADEIRA. (Termo de Colmeeiro). Abelhas alimpadeiras. São as ã entraõ primeiro, que nenhuma a alimpar o sitio [...]» (*Voc.*, s.u.). Na definição o plural é privilegiado, e certamente corresponde ao uso mais frequente, pelo que a forma-lemma singular desempenha uma função paradigmática.

<sup>351</sup> Cf., por exemplo, o registo em entradas separadas de ARMA e ARMAS, em que o lexicógrafo explicita, justificando, o facto de o *pluralia tantum* não se manter em português: «ARMA [...] Esta palavra he mais usada no plurar [*sic*], que no singular. Vid. Armas.»; «ARMAS. Instrumentos de guerra, offensivos ou defensivos. Quasi sempre se diz *Armas* no plurar. *Arma, orum. Neut. Porem às*

circunstâncias a língua portuguesa admite o singular; será mais fácil encontrar este género de indicações a propósito de expressões em latim, como se observa na glosa de AMORES:

AMORES [...] Esta palavra no plural de ordinario significa amor lascivo [...] *Amores, um* [...] Também se pode dizer *Amor* no singular *Lascivus amor* [...]  
 AMORICOS, *Leves amores* [...]  
 ANTEPASSADOS [...] os q̄ viviaõ nos seculos passados. *Maiores, um. Masc. Plur. Patres, um.* [...]  
 ACROTÉRIOS [...] he o que serve de ornato às partes mais altas dos frontispícios [...] *Acroteria, orum* [...]

O facto de os gentílicos serem geralmente registados no plural era uma prática corrente nos dicionários latinos (na *Prosodia*, por exemplo), de acordo com as regras gramaticais da língua. O *Vocabulario* inclui na nomenclatura muitos nomes de povos da Antiguidade e mantém as formas mais concordantes com a tradição escrita, o que resulta em entradas como ADIABENOS, ALANOS, AMPHISCIOS, AQUITANOS, ARCADES, ARGIVOS, ARTABROS, entre outras.

Outro procedimento que pode ter sido influenciado pela lexicografia latina é o facto de, por vezes, a nomenclatura acolher em entradas distintas as formas de singular e plural, quando correspondem a significados diferentes. As palavras *heterologa*, segundo a designação latina, eram geralmente casos de polissemia, como se verifica em alguns exemplos do *Vocabulario*:

ABREVIATURA. Compendio, Epitome [...]  
 ABREVIATURAS, Palavras abreviadas [...]  
 ACTO [...] Acto, ou Auto da fe [...]  
 ACTOS (Termo forense.) He o mesmo, que Processo [...]  
 APARO. Apáro de penna [...]  
 APAROS. Miudos fragmentos de cousas cortadas [...]  
 ASCENDENTE. Termo Astrologico [...]  
 ASCENDENTES. [...] Os Pays, e Avòs, de que descendemos [...] *Patres, um* [...]  
 ASSASSINO. [...] Aquelle, que mata por dinheiro [...]  
 ASSASSINOS. [...] Póvos da Seita de Mafoma [...]

Esta descrição não traduz uma técnica sistematizada e coerente do lexicógrafo, mas antes um enquadramento de opções que não podem ser simplesmente classificadas como anormalidades.

---

vezes se diz *Arma* no singular. V. gr. Para este genero de peleja, esta *arma* he mais propria, que aquella.» (*Voc.*, s.u.).

### 1.3.4.2. Variação em género

Os substantivos masculinos constituem geralmente a entrada paradigmática, nos casos em que a regularidade dos processos morfológicos permite aceder ao substantivo feminino. Na nomenclatura do *Vocabulário*, a principal justificação para a duplicação de entradas parece ser a existência de particularidades morfológicas, quer na palavra portuguesa, quer na correspondente latina. No primeiro caso, a duplicação equivale a uma remissão, pois geralmente o artigo da entrada no masculino é mais informativo:

ALEMAM. Natural de Alemanha. [...] *Germanus, i. Masc.* ou *Alemanus, i. Masc.* Alemã. *Germana, ae. Fem.* ou *Alemana, ae* [...]

ALEMOA. Mulher natural de Alemanha. *Vid.* Alemão.

A duplicação pode resultar da divergência na morfologia dos géneros, nas duas línguas em confronto. Quando a forma-lemma é regular, mas tal não acontece em latim, autonomiza-se a forma feminina portuguesa — ainda que regular — para destacar a anormalidade na língua clássica.

ACREDOR. Aquelle, a quem não paguei o dinheiro [...] *Creditor, oris. Masc.* [...]

ACREDORA. A mulher, à qual se deve dinheiro. *Creditrix, icis. Fem.* [...]

ADULADOR. *Adulator, oris. Masc. Assentator, oris. Masc.* [...]

ADULADORA. [...] *Assentatrix, icis. Fem. Plaut.* No Calepino se acha *Adulatrix*, mas sem o nome do Author, que usa desta palavra.

ADULTERA. Mulher, que cõmeteo adulterio. *Adultera, ae. Fem.* [...]

ADULTERO. Homem, que cõmete adulterio. *Adulter, eri. Masc.*

ALCOVITEIRA. Mulher, que entrega molheres, & dà casa de alcouce. *Lena, ae. Fem.* [...]

ALCOVITEIRO. Torpe medianeiro, & ministro infame da luxuria alhea. *Leno, onis. Masc.* [...]

No cotejamento entre o latim e o português reside também a explicação para a abundância de diminutivos na nomenclatura, uma vez que a morfologia deste género de derivação sufixal era particularmente complexa em latim. O *Thesouro* de Bento Pereira era fértil em diminutivos, e grande parte é recuperada por Bluteau, com o respectivo latim. São palavras de formação regular em português, como ABELHINHA, ABOBORINHA, AGULHINHA, ALCOVITEIRINHO, ALDEAMSINHO, ALFACINHA, ALMINHA, ALMASINHA, ANELINHO, AVESINHA, que em geral encabeçam artigos breves, em que o latim é o único pretexto<sup>352</sup>.

A normalização da morfologia das formas-lemma está fortemente relacionada com a necessidade de corresponder coerentemente ao latim. Só o fim desse constrangimento

permitirá a configuração da nomenclatura dos dicionários modernos, tal como a conhecemos a partir de Morais Silva.

### 1.3.4.3. Estruturas sintagmáticas

Os primeiros dicionários monolíngues foram elaborados a partir do material fornecido por uma tradição lexicográfica bilingue e plurilingue, o que explica a tendência para a nomenclatura contemplar toda uma série de conjuntos sintagmáticos, que não se limitavam às palavras compostas<sup>353</sup>. O facto de o *Vocabulario* suprir as funções de um dicionário bilingue coloca problemas suplementares à delimitação das unidades lexicográficas; mais uma vez, as soluções apresentadas nem sempre deverão ser interpretadas como incongruências, mas antes como especificidades de uma diferente técnica de descrição da língua.

A unidade de tratamento lexicográfico, correspondendo à entrada principal, pode apresentar-se como um sintagma formado por duas ou mais palavras. Estes sintagmas dividem-se em dois tipos: as expressões fixas, que são sintagmas cujos elementos constituintes não podem ser deslocados ao acaso, nem ser substituídos sem afectar o significado global (como as expressões idiomáticas e as colocações); e as combinações livres, em que o significado é a soma regular dos significados dos lexemas constituintes<sup>354</sup>. Nos dicionários bilingues sente-se a necessidade de incluir, e tornar localizáveis, um grande número de expressões fixas (co-ocorrências restritivas), seja pelas dificuldades de

---

<sup>352</sup> Alguns exemplos: «ABELHINHA. Abelha pequena. *Apicula*, *ae. Fem.*»; «AGULHINHA. Agulha pequena. *Acucula*, *ae.*; ou *acicula*, *ae. Fem.* [...]»; «ALCOVITEIRINHO. *Lenunculus*, *i. Masc.*» (*Voc.*, s.u.).

<sup>353</sup> Cf. Quemada, 1968: 277.

<sup>354</sup> Hartmann e James classificam estes sintagmas como MULTI-WORD EXPRESSIONS, (2001, s.u.): «a phrase consisting of two or more words functioning as a single lexeme. The constituents are relatively stable (fixed expressions)». A designação PHRASAL ENTRY (*ibidem*, s.u.) refere-se à ocorrência destes sintagmas em entrada ou subentrada.

São várias as teorizações sobre a delimitação das unidades lexicográficas. No estudo que Álvaro Iriarte Sanromán dedicou a este tema, privilegiam-se as teorias de Igor Mel'cuk, um dos responsáveis pelo *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain* (1984-1999). Assim, e no que respeita às unidades superiores à palavra, distinguem-se as co-ocorrências lexicais livres e as co-ocorrências lexicais restritas (ou frasesmas). Estas últimas dividem-se em frasesmas completos (expressões idiomáticas, que no fundo são unidades lexicais), semi-frasesmas (colocações, resultantes da co-ocorrência de duas ou mais unidades lexicais) e quase-frasesmas (Sanromán, 2001: 169-182).

acesso ao sentido, seja pelo facto de a equivalência na segunda língua não ser alcançável através da simples tradução de cada um dos constituintes. Por esta última razão também se justifica a inclusão de construções livres, quando correspondem a co-ocorrências de grande relevância ou frequência na língua de chegada<sup>355</sup>. Estes princípios da actual teoria metalexigráfica são relevantes na análise da nomenclatura de um dicionário como o *Vocabulario*, em que se atenta na propriedade do significado em ambas as línguas em paralelo<sup>356</sup>.

Nos primeiros dicionários do português registavam-se como lema não só as diferentes acepções, mas também toda uma série de combinações de uma palavra com outro lexema, em torno de um determinado campo semântico. A nomenclatura de Cardoso (1562), por exemplo, inclui lemas que são tradução ou paráfrase de palavras latinas, e essa técnica perdurará nas obras de Barbosa e B. Pereira. A estrutura do *Vocabulario*, em macro-artigos, permite incorporar essa herança, mas há traços de continuidade no que respeita à selecção da forma que constitui a entrada principal<sup>357</sup>.

Comparado com obras como o dicionário de Furetière, em que os sintagmas são sistematicamente remetidos para o interior do artigo, o *Vocabulario* apresenta nas entradas um considerável número de estruturas complexas. O destaque tipográfico do primeiro lexema da entrada cria a ilusão de uma unidade lexicográfica reduzida à palavra, mas a unidade engloba frequentemente outros elementos lexicais, que fazem parte do lema, como se comprova pela definição subsequente e pela informação latina. Um indício de que o lexicógrafo considera a totalidade do sintagma é o facto de, no catálogo das entradas

---

<sup>355</sup> *Ibidem*: 153-154.

<sup>356</sup> Nos modernos dicionários bilingues, «as unidades de análise e descrição lexicográficas poderão ser estabelecidas por contraste ou comparação das duas línguas, o que acarretará necessariamente o estabelecimento de uma unidade lexicográfica de carácter variável, oscilando do monema até à frase ou até à oração. De facto, esta prática é seguida nos métodos de tradução automática baseados em exemplos, que utilizam como unidades de tradução o maior sintagma possível da língua de partida que consta da base de dados» (*ibidem*: 148).

<sup>357</sup> Em J. Cardoso (1562) registam-se muitas entradas em que o correspondente português não parece estar ainda lexicalizado sob a forma de uma única palavra, como acontecia em latim: «Curral. Stabulum, i. / Curral de bois. Bobile, is. / Curral de cabras. Caprile, is. / Curral douelhas. Ouile, is. / Curral de cabritos. Hedile, is. / Curral de porcos. Hara, ae, suile, is.» Cf. também Sanromán, 2001: 65-67.

acrescentadas no *Suplemento*, grande parte das expressões idiomáticas e colocações ser transcrita na íntegra<sup>358</sup>.

O tratamento das expressões idiomáticas não é uniforme; em geral, são integradas nos artigos encabeçados por uma das palavras que as compõem (e.g. “braço direito”, s.u. BRAÇO). Com menos frequência, ocupam a posição de lema, como nos exemplos seguintes:

CU de Judas [...] Má rua [...]  
 DARES, e tomares [...] contendas [...]  
 ESPIRRACANIVETES [...] Homem agastado, ameaçador [...]  
 TRANCARRUAS [...] Homem vadio [...]  
 TROCAS BALDROCAS [...] Cambiar trastes [...]  
 TUGIR, e Mugir [...] não fallar palavra [...]

Esta autonomização pelo lexicógrafo é um reconhecimento, ainda que empírico, da particularidade semântica destas expressões, que são unidades lexicais<sup>359</sup>. Note-se que a união de estruturas VERBO + SUBSTANTIVO, como *espirracanivetes*, é apenas uma convenção ortográfica.

Tal como as expressões idiomáticas, também o significado das colocações não pode ser deduzido a partir da soma dos significados, o que justifica a inclusão destes casos de co-ocorrência lexical nos dicionários. Mas porque o significado das colocações está directamente relacionado com o significado de um dos lexemas, dicionários como Furetière integraram estas expressões em subentradas, de forma sistemática.

No *Vocabulario*, a análise semântica de muitas das expressões fixas que ocorrem em entrada é problemática — os artigos são pouco esclarecedores — mas as características aproximam-nas da definição de colocação<sup>360</sup>. Parece ser o caso de expressões como:

AGITAR huma questão [‘disputar’]  
 ALVOROTAR o povo [‘incitar revolta’]  
 APERTO de gente [‘multidão’]  
 ARRANCO da morte [‘estertor’]

<sup>358</sup> Expressões como *Abanar as orelhas*, *Acção nas Bancas*, *Açoute de Deos*, *Agoa Vay*, *Alojar paõ*, *Aporrear a paciência*, *Arrebear o diabo* (*Supp.*, I: «Catalogo de mais de cinco mil vocabulos...»). Todavia, no respectivo artigo, o mais comum é que se destaque apenas a primeira palavra.

<sup>359</sup> De acordo com a definição de Hartmann e James (2001, s.u. IDIOM), «a fixed expression whose overall meaning is not always transparent from the combination of the meanings of the constituent words». Sanromán (2001: 174), acompanhando Mel’cuk, sublinha que o significado não deve incluir o significado de nenhum dos constituintes, distinguindo-se assim das colocações.

<sup>360</sup> O conceito de colocação (ou semi-frasema), segundo Mel’cuk: «Nous appelons semi-phrasème un phrasème **AB** au signifié ‘AC’ ou ‘BC’ qui inclut le signifié de l’un des constituants, alors que l’autre soit ne garde pas son sens, soit — même s’il garde son sens — n’est pas sélectionné librement» (citado por Sanromán, 2001: 177).

BACORINHAR o coração ['palpitar']  
 ESCANGALHARSE com riso  
 RIR-SE às paredes ['rir sozinho']

Nos artigos destas entradas não se encontram remissões para um dos lemas constituintes, o que é um indício da sua individualização semântica. De resto, o enfoque dos artigos é mesmo a expressão, pois não se define *agitar*, *alvorotar*, *escangalhar-se*, mas sim a sequência co-ocorrente.

Resta referir a inclusão das combinações lexicais livres, que representam a maior parte das expressões em posição de entrada e, ao mesmo tempo, um dos maiores entraves a uma configuração regular e funcional da nomenclatura do *Vocabulário*. Em geral, encontram-se à cabeça de artigos elaborados em torno de uma acumulação não hierarquizada de acepções, em que a própria entrada é uma acepção. O dicionarista considera como unidades de tratamento lexicográfico expressões em que o lema é apresentado num contexto de uso, particularizando um de entre vários empregos ou significados da palavra, em sequências redundantes que tornam pouco clara a distinção entre exemplo de uso e acepção. Esta estratégia verifica-se sobretudo no tratamento de verbos, cujo significado varia em função do complemento seleccionado:

ABRIR huma porta, huma janela  
 ACALENTAR hũa criança  
 ACAMPARSE o exercito  
 ACERTAR com tiro  
 ACHAR o que se busca  
 ACORDAR do sono  
 ALMOFAÇAR hum cavallo  
 AMANSAR, huma fera  
 APASCENTAR o gado  
 ARREGAÇAR a vestidura  
 ASSOLAR huma terra  
 ATACAR huma espingarda, ou outra semelhante arma de fogo

Observando outras expressões que são destacadas ao longo dos artigos através da marcação tipográfica, conclui-se que não há uma verdadeira distinção entre entrada e subentradas, e que o verbo é tipicamente acompanhado de um sinónimo, ou integrado num sintagma que contextualiza e precisa o significado:

ACALENTAR hũa criança + Acalentar, no sentido metaphorico.  
 ACERTAR com tiro + Acertar. Succeder a caso. + Acertar. Fallar com propriedade, [...]  
 ACHAR o que se busca, + Achar acaso. + Achar. Inventar, & excogitar alguma cousa, [...]  
 ACORDAR do sono, + Acordar. Lembrarse. + Acordar. Resolver, [...]

Apesar de a acumulação de construções nem sempre introduzir novas acepções para o verbo, a selecção dos lexemas co-ocorrentes não é aleatória, pois parece basear-se numa

avaliação, por parte do lexicógrafo, dos interesses do consulente no que respeita à composição em latim<sup>361</sup>.

Outra possibilidade é a integração do verbo num sintagma exemplificativo de uma determinada construção sintáctica, em que os lexemas co-ocorrentes são pronomes indefinidos ou o substantivo *cousa*.

ABENÇOAR a alguém (Alicui bene precari)  
 ABOCANHAR em alguma coisa (Aliquid mordere)  
 ABRANDAR alguma coisa (Rem duram mollire)  
 ABUSAR alguma coisa, de alguma coisa (Aliqua re abuti)  
 ACCUSAR a alguém (Aliquem accusare, incusare, insimulare, criminari.)  
 ACOSTUMAR a alguém a alguma coisa (Aliquem aliqua re assuefacere)  
 AFASTAR huma coisa da outra (Aliquid ab aliqua re remove)  
 AFIGURARSE alguma coisa a alguém (Observari aliquid oculis alicujus)  
 ARRECADAR alguma coisa de alguém (Aliquid ab aliquo accipere, ou recipere.)

Esta técnica era muito usada na lexicografia latina, enquanto descrição abstracta das relações gramaticais das palavras e, no *Vocabulario*, visa a comparação das estruturas das duas línguas. O facto de aplicar ao português os esquemas de regências resulta numa descrição da língua muito informativa que, ao contrário das combinações livres que atrás se observaram, confere alguma normalização à apresentação da nomenclatura.

#### 1.4. Principais fontes da nomenclatura

A nomenclatura foi elaborada tendo sobretudo em conta o universo linguístico de referência que é o da língua escrita. Além da colecção e confronto de nomenclaturas existentes, as fontes informativas alargam-se a uma massa textual, que inclui a tradição literária, mas também publicações informativas e técnicas.

O número de palavras em que a fonte não é a tradição escrita terá um peso pouco significativo. Bluteau afirma ter procedido a uma recolha, *in loco*, dos termos das “oficinas” (moinhos, forjas e lagares, entre outros<sup>362</sup>), domínios em que os inventários lexicográficos franceses eram de pouca utilidade, pois em geral os termos correspondentes diferiam substancialmente. Há a considerar também as palavras e expressões usuais no

<sup>361</sup> Por vezes, a redacção da expressão consigna essa possibilidade: «ABRIR huma porta, huma janela, + Abrir os olhos + Abrir a boca, [...]»; «ATACAR huma espingarda, ou outra semelhante arma de fogo + Atacar huma praça. + Atacar com ataca [...]» (*Voc.*, s.u.).

<sup>362</sup> Cf. *Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico».

registo oral — por vezes classificadas como “uso do vulgo” —, bem como os regionalismos.

A análise exaustiva das fontes de toda a nomenclatura é uma tarefa que ultrapassa os objectivos deste trabalho. Optou-se por limitar essa sondagem a uma sequência alfabética exemplar, seleccionando-se a letra D, que representa cerca de 6% das entradas e permite observar o tratamento de campos semânticos bem determinados, além de casos de prefixação, composição, neologismos, entre outros. Com outras sequências, como a C, aumentava a amostra, mas não a variedade dos casos para estudo.

#### 1.4.1. *Thesouro* (1697)

A nomenclatura do *Thesouro* é muito mais rica do que fazem supor a dimensão modesta, ou a condição de anexo à volumosa *Prosodia*, pois reúne cerca de 24.500 entradas (edição de 1697). Os jesuítas conceberam a obra tendo em vista a escolarização, e é visível a preocupação em verter para latim o léxico e as estruturas mais comuns da língua portuguesa, compreendendo grande número de palavras relativas a domínios especiais ou actividades, adequados ao público-alvo do *Thesouro*<sup>363</sup>. De resto, esta é uma das razões para o uso continuado da obra de B. Pereira, com poucas alterações, por mais de um século.

Expurgado de muita da fraseologia, o *Thesouro* permitiu a Bluteau reunir o núcleo fundamental da nomenclatura do *Vocabulario*, que inclui palavras de frequência elevada e abrange alguns dos principais campos semânticos. Comparando a letra D nos dois dicionários, constata-se que, das 2164 entradas do *Vocabulario*, 1190 já se encontravam registadas no *Thesouro*, o que perfaz mais de metade do total da amostra (cerca de 55%). Mas a selecção não é desprovida de critério, pois o *Thesouro* tem perto de 2100 entradas nessa sequência, sendo então necessário atentar nas características das formas admitidas e das rejeitadas.

No que respeita às entradas seleccionadas, Bluteau recolhe as que mais se ajustavam com o princípio da racionalização e normalização da nomenclatura. No *Thesouro*, para além da grande quantidade de estruturas sob a forma de sintagmas, é

possível identificar uma coerência nas categorias que garantiam a comunicação entre as morfologias latina e portuguesa. O dicionário dos jesuítas apresenta, com bastante regularidade, conjuntos de entradas tipicamente constituídos pelo par verbo/substantivo, a que se associam o particípio, um substantivo com o valor semântico de agente e o advérbio de modo. Na nomenclatura fundamental, o *Vocabulario* pouco acrescenta ao que o *Thesouro* consignava, e até é assinalável um maior comedimento, no sentido de não registar palavras de formação regular e de significado implícito, como sejam os advérbios de modo e os substantivos de agente.

A título de exemplo, observem-se alguns grupos de entradas do *Thesouro*, com poucos ou nenhuns casos de fraseologia. Assinalam-se a negro, na coluna relativa ao *Thesouro*, as entradas não recuperadas e, na respeitante ao *Vocabulario*, as que constituem inovação:

<i>Thes.</i>	<i>Voc.</i>	<i>Thes.</i>	<i>Voc.</i>
DANIFICAÇÃO	DANIFICAÇAM	DECLARAÇAM	DECLARAÇAM
DANIFICADA COUSA	DANIFICADO	DECLARADA COUSA	DECLARADAMENTE
DANIFICADOR	DANIFICADOR	DECLARADAMENTE	DECLARADO
<b>DANIFICAMENTO</b>	DANIFICAR	<b>DECLARADOR</b>	DECLARAR
DANIFICAR	DANINHO	<b>DECLARADORA</b>	
DANINHA COUSA	DANO	DECLARAR	
DANO	DANOSO	<b>DECLARARSE</b>	
DANOSA COUSA			
DELEITAÇAM	DELEITAÇAM	DEBIL COUSA	DEBIL
DELEITAR	DELEITAR	<b>DEBILMENTE</b>	<b>DEBILIDADE</b>
<b>DELEITARSE</b>	DELEITAVEL	DEBILITAÇAM	DEBILITAÇAM
DELEITAVEL COUSA	DELEITE	DEBILITADA COUSA	DEBILITADO
DELEITE	DELEITOSO	DEBILITAR	DEBILITAR
DELEITOSA COUSA			
<b>DELEITOSAMENTE</b>			
<b>DEGOLADA MEA</b>	<b>DEGOLAÇAM</b>	<b>DELEIXAÇAM</b>	DELEIXADO
<b>DEGOLADO DE MULHER</b>	DEGOLADO	DELEIXADA COUSA	DELEIXAMENTO
DEGOLADO	DEGOLADOURO	<b>DELEIXADAMENTE</b>	
DEGOLADOURO	DEGOLAR	DELEIXAMENTO	
<b>DEGOLADURA</b>		<b>DELEIXARSE</b>	
DEGOLAR			

É notório que Bluteau não procurou explorar ao máximo a variação morfológica para inflacionar a nomenclatura, pelo menos no grau que o *Thesouro* permitia. Algumas das entradas desaproveitadas representam formas regulares, sem dificuldade no acesso ao significado ou na morfologia do correspondente latino (DELEITOSAMENTE, DEBILMENTE,

<sup>363</sup> Cf. Verdelho, 1993: 783; Verdelho, 1982:17-18.

DELEIXADAMENTE). Mas, como se analisará adiante, em outros casos presume-se uma apreciação sobre o uso da palavra (e. g. DANIFICAMENTO, DELEIXAÇAM).

A valia do *Thesouro* é bem notória quando se examinam as séries de entradas que incluem prefixos muito produtivos e de uso frequente<sup>364</sup>. A sequência DES- do *Vocabulario* contém 947 entradas que, na grande maioria, são palavras derivadas por prefixação, com o sentido geral de separação / acção contrária. No total, 665 (70,22%) das entradas já se encontravam no *Thesouro*. Veja-se o exemplo das 37 entradas da sequência DESCA-. Apenas se identificam sete adições (aqui assinaladas a negro), o que aponta para uma renovação do léxico particularmente restrita nas séries em que o *Thesouro* era mais copioso.

*Voc. (DESCA-)*

DESCABEÇAR	DESCAMPADO	DESCARNAR
DESCABELLADO	DESCANÇADAMENTE	<b>DESCARREGA *</b>
DESCADEIRAR	DESCANÇADO	DESCARREGADO
DESCAHIDA	DESCANÇAM	DESCARREGAR
<b>DESCAHIDO*</b>	DESCANÇAR	DESCARTAR
<b>DESCAHIMENTO*</b>	DESCANÇO	<b>DESCARTE*</b>
DESCAHIR	DESCANTAR	DESCASCADO
DESCALÇAR	<b>DESCANTE*</b>	DESCASCAR
DESCALÇO	DESCARADO	DESCATIVAR
DESCAMBAR	DESCARAPUÇADO	DESCAVALGAR
<b>DESCAMINHADO*</b>	DESCARGA	DESCAVEIRADO
<b>DESCAMINHO*</b>	DESCARGO	

Considerando a amostra, porque DESCAHIR, DESCAMINHAR, DESCANTAR, DESCARREGAR e DESCARTAR faziam parte da nomenclatura de Bento Pereira, Bluteau apenas acrescenta variações morfológicas a campos semânticos já representados. Há ainda toda uma série de entradas do *Thesouro* que no *Vocabulario* serão integradas em macro-artigos, o que permite recuperar a quase totalidade da nomenclatura, embora com diferentes níveis de destaque<sup>365</sup>.

Mas o processo é mais complexo, pois Bluteau não segue o *Thesouro* de uma forma tão linear. Além da integração da fraseologia em macro-artigos e da supressão de variações morfológicamente previsíveis, há um nível de selecção que implica a recusa de

<sup>364</sup> Excluindo o caso dos prefixos greco-latinos, empregues na formação de neologismos, como dia-, dys-, etc.

<sup>365</sup> Ainda na série DESCA-, Bluteau recupera como subentradas as seguintes entradas do *Thesouro*: DESCABEÇADA COUSA, DESCAIDA DE GALINHA, DESCALÇARSE, DESCANÇAR A OUTREM, DESCARGO

determinadas formas. Apesar de entre o *Vocabulario* e o *Thesouro* mediarem mais de 50 anos, é difícil admitir que um tão grande número de palavras tivesse entrado em desuso<sup>366</sup>.

A nomenclatura do *Vocabulario* não se limitava à sincronia, pois acolhia palavras que, de acordo com as indicações do lexicógrafo, já no fim do século XVII eram pouco usadas. A apreciação das palavras atenderia a factores como o registo em que era empregue e o estatuto do falante que tipicamente a usava. Trata-se de uma avaliação subjectiva, de critérios inconsistentemente definidos, e da qual resultam em geral duas situações: ou a omissão, ou uma marcação do lema como “termo chulo” ou “termo do vulgo”. Tudo indica que a selecção para a nomenclatura do *Vocabulario* foi bem mais restritiva que a do *Suplemento*, uma vez que muitas das entradas proscritas são integradas nos volumes de 1727-1728<sup>367</sup>.

Assim, este repúdio dos termos do vulgo poderá explicar a exclusão de entradas do *Thesouro* como DANDAM (lat. *incubus*), DEÇURRATE (‘às escondidas’), DESBEIÇAR, DESBURCINADO PUCARO, DESCORTIÇAR, DESTROIMENTO, DIREITESA, DOAIRO (lat. *vultus*), ou séries inteiras como DESBOROADA COUSA / DESBOROAR / DESBOROARSE, DESCONFORTAR / DESCONFORTO, DESFAÇADA COUSA / DESFAÇADAMENTE / DESFAÇAMENTO / DESFAÇARSE, DESMIUÇADA COUSA / DESMIUÇADAMENTE / DESMIUÇAR.

Por outro lado, muitas das entradas, fosse pela ortografia, fosse por parecerem formas corruptas, não se coadunavam com um programa implícito de relatinização da língua portuguesa. Daí que Bluteau altere entradas, “corrigindo-as” no sentido de uma

---

DE CONSCIENCIA, DESCARNADO, DESCARREGAR BOFETADA, DESCARREGARSE, DESCARTADO. Esta reorganização significa um aproveitamento da quase totalidade da nomenclatura da amostra.

<sup>366</sup> O *Thesouro* foi publicado em 1647, mas concluído em 1638, e manteve-se quase totalmente inalterado em todo o seu longo período editorial.

<sup>367</sup> Os dois artigos seguintes, retirados do *Suplemento*, são exemplos de uma recuperação consistente e metódica de um fundo desaproveitado, pois ambas as entradas se encontravam no *Thesouro*, mas não no *Vocabulario*. A referência aos dicionários de B. Pereira é explícita e reveladora de uma leitura cuidada:

— «AMARLOTAR. Apertar na mão hum papel v. g. e enchello de rugas. He termo do vulgo. No seu Thesouro da Lingua Portuguesa, traz o Padre Bento Pereira este verbo, e o verte em Latim pelo verbo *contractare*, que segundo o dito Author na sua Prosodia, he Tocar muitas vezes, e ensovalhar com as mãos. [...]».

— «ESCACHAPECEGUEIRO. Termo chulo, do qual usamos, quando por zombaria queremos encarecer alguma cousa, v. g. mentiras de escachapecegueiro [...]».

morfologia analógica, e contrariando fenómenos fonéticos generalizados na pronúncia do vulgo<sup>368</sup>.

#### 1.4.2. *Prosodia* (1697)

O principal objectivo de Bluteau ao percorrer a *Prosodia* era encontrar termos adequados para traduzir em latim a grande quantidade de palavras portuguesas pela primeira vez dicionarizadas. Explorando a intercomunicação entre os dois dicionários, o *Thesouro* funcionava como um índice para as notícias mais extensas e pormenorizadas da *Prosodia*, e esse tipo de pesquisa deverá ter ocorrido de uma forma consistente, uma vez que é frequentemente descrita nos artigos do *Vocabulario*. Inúmeras entradas, como CARAMINHOLA, foram construídas com base nesse cruzamento de informação:

*Thes.:* Caraminhola. *Tutulus, i.*

*Pros.:* Tutulus,i, m.g. A caraminhola, ou poupa de cabellos entrançados no alto da cabeça com fitta vermelha; item veo, com que cobriam a cabeça, quando sacrificavam; item mitra Episcopal, &c. 1. l. 2. b. Varr.

*Supp.:* CARAMINHOLA. No Thesouro da lingua Portugueza o Padre Bento Pereira lhe chama em Latim *Tutulus* palavra, que (segundo o dito Author) na sua *Prosodia*, tambem era huma poupa de cabellos, entrançados no alto da cabeça com fita vermelha.

As glosas portuguesas da *Prosodia* encerravam um manancial de informação muito superior ao do *Thesouro*, pelo que o lexicógrafo facilmente se deparou com palavras que não ocorriam em dicionários anteriores. É legítimo supor que, além das consultas regulares, tenha efectuado uma leitura integral, uma vez que introduz na nomenclatura do

---

<sup>368</sup> Não se trata de simples variantes ortográficas, pois representam um reajustamento da forma da palavra ao significado, considerando os elementos constitutivos e a analogia com o latim. Alguns exemplos recolhidos na letra D, comparando as entrada do *Thesouro* e as formas privilegiadas no *Vocabulario*:

- DESBAGULHAR / DESBAGOAR (tirar os bagos);
- DESAPROPOSITADA COUSA / DESPROPOSITADO;
- DESEMBURULHAR / DESEMBRULHAR;
- DESEMMASTEAR / DESMASTEAR;
- DESEMPossar / DESApossar.

*Vocabulario* palavras portuguesas que apenas registavam uma ocorrência em toda a *Prosodia*<sup>369</sup>.

Exceptuando os casos em que há uma referência explícita à *Prosodia*, torna-se difícil determinar se este dicionário de B. Pereira foi a fonte, pois preferia-se a abonação com escritores portugueses, quando disponível. Tomando como exemplo o *corpus* da letra D, com 2164 entradas, constata-se que 974 (45%) não se encontram na nomenclatura do *Thesouro*; entre estas, 181 (19%) ocorrem no texto das glosas da *Prosodia*. Todavia, o número das que apresentam abonação em autor português é elevado, atingindo os 61% (113 em 181), o que parece afastar a hipótese de a *Prosodia* ter uma influência muito relevante na nomenclatura do *Vocabulario*. Em rigor, a grande maioria destas palavras resulta de variações morfológicas comuns, que a língua escrita registaria com abundância, pelo que o contributo da *Prosodia* seria dispensável. Mas, restringindo a análise ao conjunto de entradas em que as obras de B. Pereira são explicitamente mencionadas, é possível apreciar quais as áreas em que a influência foi efectiva.

A nomenclatura latina da *Prosodia* era extensa e enveredava por domínios semânticos especializados — botânica, linguagem militar, eclesiástica, termos dos tratados técnicos latinos da Antiguidade —, pelo que o esforço para registar os termos correspondentes na língua de chegada fez aumentar o grau de especialização do léxico português até então inscrito em dicionários.

Este fundo lexicológico, que dificilmente seria recuperado para o *Thesouro*, é integrado na nomenclatura do *Vocabulario*, com destaque para as designações do mundo animal e vegetal. Da confrontação dos artigos percebe-se claramente que a fonte é a *Prosodia*:

*Pros.*: Siser, is, n. m. g. A alquirivia herua. 1. Incr. b. Horat. 2. Satyr. 8.

*Supp.*: ALQUIRIVIA. Vid. Cherivia. Na sua *Prosodia* o Padre Bento Pereira declarando o Latim de *Siser*, que em Portuguese he *Cherivia*, diz *Alquirivia*.

*Pros.*: Succussator, Succussor, is, m.g. O balouçador, cavallo que anda de trote, & c. p. Incr. l. Amalth.

*Supp.*: BALOUÇADOR cavallo. O que anda no trote. O Padre Bento Pereira traz esta palavra na sua *Prosodia* sobre o *Vocabulario Latino Succussator*. Deve de ser palavra do Minho.

*Pros.*: Simia marina. Bogio do mar peixe. Am.

*Supp.*: BUGIO. Tambem ha Bugio peixe, e delle faz menção o Padre Bento Pereira, na sua *Prosodia*, verbo *Simius*.

<sup>369</sup> É o caso de entradas como ALGIBEBE, BALOUÇADOR, BUGIO (peixe), ELUDIR, ESPANTALOBOS (erva), ESTANCADEIRA (erva), FRADINHO DA MAÕ FURADA, FRAGRANTE DELICTO, GALLITRICO (erva). A relação com o texto da *Prosodia* é geralmente referida.

- Pros.:* Statica, ae. Statice, es, f.g. A arte, que tracta dos pezos; itê estancadeira, herua que veda o sangue, & camaras. 1. 2. b. Plin.
- Voc.:* ESTANCADEIRA. Erua, que desda raiz lança muita folha, comprida & estreira [...] Há outra especie, que differe da primeira, em ser mais baixa. Chamaõlhe assi, porque huma, & outra he muito astringente, & o cozimento della estanca as hemorragias, & véda outros humores, & camaras. [...] A Prosodia do P. Bento Pereira faz menção do nome desta Erua, na declaração da palavra *Statica*, ou *Satice* [sic].

As glosas da *Prosodia* autorizam ainda a inclusão, entre a nomenclatura portuguesa, de decalques de palavras gregas e latinas de uso restrito e de tradução difícil (substantivos, principalmente), que os jesuítas já haviam aportuguesado (e.g. ESPHIRENA, LACTAVO, cf. *infra*). São também abundantes os testemunhos da relatinização da língua, sob a forma de novas palavras em português, criadas a partir de verbos e substantivos latinos, como é o caso de ELUDIR. No início do século XVIII, Bluteau é mais sensível a estas formas e concede-lhes destaque no *Vocabulario*; se umas são mera exibição de erudição, outras conhecerão bom acolhimento e o seu uso generalizar-se-á.

- Pros.:* Eludo, is, lusi, lusum. Acabar o jogo, zombar, eludir, enganar. 1. 2. 1. Ovid. Art. 2.
- Supp.:* ELUDIR. He tomado do Latim *Eludere*, que propriamente quer dizer *Acabar o jogo*, [...] No sentido metaforico, Eludir he escapar destramente de alguma dificuldade, ou embaraço, desviar o golpe, não responder diretamente ao ponto. [...] (Zombar, Eludir, Enganar. **O Padre Bento Pereira na sua Prosodia, verbo *Eludere*.**)
- Pros.:* Sphyraena, ae, f. g. *Esphyrena* peixe das ilhas Poncias. 1. 1. Plin.
- Pros.:* Sudes, is, f.g. A aguilhada, azagaia, estaca, pao tostado; item o madeiro grosso; item pocilga, ou chiqueiro de porcos; itê o peixe estyrena. 1. b. Virg. Georg. 2.
- Supp.:* ESPHIRENA, ou **Esphyrena, como se acha aportuguezado na Prosodia de Bento Pereira, verbo *Sphyraena***, nome derivado do Grego *Sphyra*, que segundo Favorino, quer dizer *Setta*, e por isso lhe chamaõ em Latim *Sudes* [...] He este peixe muito comprido, como o denotaõ os nomes, *Telum*, e *Sudes*, que lhe deraõ os Antigos [...] **Entre alguns significados do Latim *Sudes*, o Padre Bento Pereira na sua Prosodia, diz o peixe *Estyrena***, supponho, que foy erro da Impressaõ, em lugar de *Esphyrena*, ou *Esphyrena*.
- Pros.:* Latusclavus, Laticlavii, m.g. Tunica de purpura dos Senadores, & Sacerdotes. 1. p. 1. Sil. 3. Sacrificam lato vestem distinguere clavo.
- Pros.:* Laticlavii, m.g. O senador, o que veste laticlavo. 1. b. 2. 3. 1. Suet.
- Supp.:* LATICLAVO. Tunica, ou vestia de bocados, ou retalhos de purpura, da feiçaõ de cabeças de pregos largos. Era trage honorifico, e distinctivo entre Romanos, e vestidura propria de Senadores, que (como o manifesta Suetonio) se chamavaõ de hum só nome *Laticlavii*; [...] **(O Senador, que veste *Laticlavo*. Bento Pereira, na sua Prosodia, verbo *Laticlavii*.)**

### 1.4.3. *Le grand dictionnaire historique* (1699)

A nomenclatura dos grandes léxicos latinos — entre nós, a *Prosodia* — acolhia domínios semânticos que, apesar de não serem típicos num dicionário de língua, eram essenciais para a interpretação dos textos. A par da informação estritamente linguística, os léxicos compendiam dados históricos que garantiam o acesso a um conjunto de referências que não se limitava ao conceito abrangente de “cultura clássica”, pois era concedido um tratamento semelhante a todo um fundo lexical relacionado com o cristianismo e a tradição bíblica. Entre esses domínios destacam-se a toponímia da Antiguidade (mundo latino, helénico, locais bíblicos), a organização social (instituições, actividades) ou a religião (cultos pagãos, mitónimos, terminologia greco-latina do cristianismo). Em França, este vocabulário acaba por se autonomizar sob a forma de dicionários históricos, em que a nomenclatura se especializa ainda mais e passa a acolher nomes de pessoas.

Neste âmbito, o dicionário de Louis Moreri (1643-1680) revelava-se como a fonte mais prática, pois incluía a história moderna e uma vastíssima informação toponímica. Bluteau não esconde a admiração pelo *Dictionnaire Historique* e supõe-se a apetência das elites culturais portuguesas pelo género de informação nele contido, correspondendo ao interesse que a obra desperta em toda a Europa<sup>370</sup>.

O domínio em que o *Vocabulario* mais beneficiou foi o da toponímia estrangeira, sendo Moreri a principal fonte informadora. Na letra D existem 69 topónimos — quase todos estrangeiros, exceptuando DORNELLAS, DOURO e DUME — e 61 encontram-se entre as entradas do *Dictionnaire historique*. O incremento, em comparação com os dicionários anteriores, é significativo, bastando referir que, dessas 69 palavras, apenas 20 ocorrem no texto das glosas portuguesas da *Prosodia*.

O *Vocabulario* retoma somente uma parte da extensa nomenclatura toponímica de Moreri, mas a escolha não disfarça a fonte e o resultado é um predomínio da informação relativa a França e países vizinhos, quase como se fosse um dicionário francês. Das 60 entradas que recupera, mais de 80% referem-se à Europa, com enorme vantagem para a França e a Alemanha. Ásia e África estão representadas por topónimos de alguma forma relacionados com a presença dos portugueses nessas paragens.

No quadro seguinte, os topónimos estrangeiros da letra D, simultaneamente registados em Moreri e no *Vocabulário*, são reagrupados por áreas geográficas. As formas registadas na *Prosodia* foram marcadas com asterisco, o que permite constatar a importância que Bluteau concedeu à toponímia moderna, anteriormente pouco representada:

**Topónimos estrangeiros registados em Moreri e no Voc. (tomo III, letra D)**

Europa			Outros
França	Ingl./Irl./Esc.	Outros	Ásia
DELFINADO*	DUMBAR	DACIA*	DABIR
DIEPPA	DUMBLAN	DALMACIA*	DAMAM
DIJON*	DUNFREI	DANTZIC*	DAMASCO
DINAN	DORCESTER	DELFI	DARDANELLOS
DINANTE	DUN	DELOS*	DECAN
DOLA	DUBLIN	DODONA*	DIO*
DOMBES	DUNGAL	DON	
DONCHERY		DORDRECT	
DORDONHA		DORIA	
DRAGUINHAM		DORIDA	
DREUX		DRIN	
		DRINO	
<b>Alemanha</b>	<b>Flandres</b>	DUINA	<b>África</b>
DANUBIO*	DAMVILERS	DULCINHO	DAMIATA
DEVANTER	DISMUDA	DUNA	DIOSCORIDA
DILINGUEN	DUAI	DURAZO*	
DONAVERTE	DUNQUERQUE	DUVINA	
DORTMUNDA			
DRAVO*			
DRESDA			
DUISBURGO			
DURLAC			
DUSSELDORP			

Outro efeito deste empréstimo é o facto de a nomenclatura apresentar um conjunto de palavras com uma morfologia nitidamente estrangeira, pouco adaptada ao português. Em geral, a forma-lemma privilegia uma ortografia muito semelhante ao original de Moreri, em detrimento de uma aproximação à forma latina<sup>371</sup>.

<sup>370</sup> Cf. III.2.2.

<sup>371</sup> Alguns exemplos, confrontando o *Vocabulário*, Moreri e a forma latina erudita:

(Voc.)	(Dict. Hist.)	(lat.)
DEVANTER	DEVENTER	<i>Deventria</i>
DILINGUEN	DILINGHEN	<i>Dilinga</i>
DONAVERTE	DONAVERT	<i>Donavertia</i>
DONCHERY	DONCHERI	<i>Doncheriacum</i>
DORDRECT	DORDRECHT	<i>Dordracum</i>

A valência geográfica de Moreri foi o domínio que Bluteau mais consistentemente explorou, mas tratava-se de uma parte pouco significativa da nomenclatura do grande dicionário francês. A avaliação do aproveitamento das restantes entradas afigura-se complexa, pois quando Furetière e Corneille elaboraram os seus trabalhos, os volumes de Moreri já se encontravam amplamente divulgados, e os dois lexicógrafos alargaram a nomenclatura para acolher informação típica de um dicionário histórico, sem admitir, todavia, a toponímia e antroponímia<sup>372</sup>.

Ou seja, em Bluteau, Moreri é a fonte das entradas de tipo histórico, mas através da mediação de Furetière e Corneille, na medida em que os seus trabalhos efectuaram uma primeira selecção, de entre a vasta massa informativa do *Dictionnaire historique*, destacando temas passíveis de serem integrados num dicionário de nomenclatura abrangente.

Entre esses domínios, os mais representativos são a história antiga, a história moderna e a religião, dos quais se apresentam alguns exemplos, retirados da letra D, em que é comprovável a leitura de Moreri, uma vez confrontados os artigos. Assinalaram-se as entradas que ocorrem em Furetière e Corneille, e constata-se que frequentemente as opções de Bluteau coincidem com a nomenclatura do *Dictionnaire universel*, como atrás de referiu.

**Exemplos de entradas registadas em Moreri, 1699 (letra D do Vocabulario)**

<b>Religião</b>	<b>História antiga</b>	<b>História moderna</b>
DALMATICA (F/C)	DECEM-VIROS (F/C)	DAYRI
DATARIO (F/C)	DECVRIAM (F)	DERVIZ
DECALOGO	DIADEMA	DELFIM (F/C)
DECRETAES (F)	DICTADOR (F/C)	DESPOTICO (F/C)
DEDICAÇAM (F)	DUUMVIROS (F/C)	DIVAM (F/C)
DEGRADAÇAM (F/C)		
DEUTERONOMIO		
DIACONATO (F)		
DIACONISA (F/C)		
DIACONO (F/C)		
DIOCESE (F)		
DIPTYCO		
DOMINICAL (F)		
DRUIDAS (F/C)		

F: ocorre no *Dict. Univ.*, 1690; C: ocorre no *Dict. des Arts*, 1694

É certo que, considerando apenas o processo de estabelecimento da nomenclatura, grande parte dessas entradas integraria o *Vocabulario* mesmo que a vertente histórica não

<sup>372</sup> Esta influência é decisiva em Furetière que, sob a designação de dicionário universal, combina os conceitos de dicionários histórico e dicionário de língua.

fosse considerada, uma vez que teriam lugar num dicionário que atendesse apenas à informação linguística. De facto, palavras como DEDICAÇAM, DEGRADAÇAM, DELFIM, DIADEMA, DECURIAM, DIACONATO, DIACONO encontram-se na nomenclatura do *Thesouro* (1697) e a grande maioria dos termos recolhidos na tabela acima apresenta inclusive abonação em autor português<sup>373</sup>.

#### 1.4.4. *Dictionnaire universel* (1690)

A nomenclatura do *Dictionnaire Universel*, pelo destaque concedido aos domínios das artes e das ciências, revelou-se fundamental na introdução dos neologismos científicos e técnicos na nomenclatura portuguesa, numa época em que o seu estatuto lexical era indefinido, já que eram comumente classificados como palavras latinas, ainda que morfológicamente adaptados. Nestas circunstâncias, o *Dictionnaire Universel* apresentava-se como um instrumento útil, pois os processos morfológicos que permitiram a introdução e o trânsito dessas palavras em língua francesa poderiam ser aplicados ao português.

Sobretudo, o facto de ser registado por Furetière garantia que não se tratava de um termo inusitado. A construção de neologismos eruditos obedecia a processos morfo-semânticos regulares, com elementos reconhecidamente oriundos do latim e do grego, mas a interpretação de tais compostos não era evidente<sup>374</sup>. O leitor decerto as consideraria palavras estranhas, mas Bluteau era sensível à função interlinguística destes neologismos, admitindo-os desde que se garantisse a funcionalidade morfológica da palavra.

A estreita proximidade com o *Dictionnaire Universel* é mais notória nas sequências alfabéticas que representavam grafias etimologizantes (e.g., CY-, DY-, HY-). Por exemplo, entre as 67 entradas da sequência HY- o número de correspondências com a nomenclatura de Furetière demonstra uma selecção de domínios que não se limita aos termos científicos:

---

<sup>373</sup> É o caso de DALMATICA, DECEM-VIROS, DEDICAÇAM, DEGRADAÇAM, DELFIM, DELFINADO, DIADEMA, DICTADOR, DIOCESE, DAYRI, DECRETAES, DERVIZ, DESPOTICO, DOMINICAL, DRUIDAS.

<sup>374</sup> Basta recordar a reacção dos leitores às formas adjetivais que preenchem o subtítulo do *Vocabulario*, que obrigam o lexicógrafo à explicação do seu significado (cf. *Voc.*, I: «Ao leitor impertinente»).

<i>Dict. Univ.</i>	<i>Voc.</i>	<i>Dict. Univ.</i>	<i>Voc.</i>
HYADES	HYADAS	—	HYPERDULIA
—	HYBLA	—	HYPERICAM
—	HYBLEO	—	HYPHEN
—	HYDASPE	HYPOCAUSTE	HYPOCAUSTO
HYDRE	HYDRA	HYPOCONDRIAQUE	HYPOCONDRIACO
HYDRARGYRE	HYDRARGYRO	HYPOCONDRE	HYPOCONDRIOS
HYDRAULIQUES	HYDRAULICO	—	HYPOCRENE
—	HYDRELEO	HYPOCRISIE	HYPOCRISIA
—	HYDRIA	HYPOCRITE	HYPOCRITA
—	HYDRO	—	HYPODIASTOLE
HYDROCELE	HYDROCELE	—	HYPODORIO
—	HYDROCEPHALO	HYPOGASTRE	HYPOGASTRIO
HYDROGRAPHIE	HYDROGRAPHIA	—	HYPOLIDIO
HYDROGRAPHIQUE	HYDROGRAPHICO	—	HYPOPHRYGIO
HYDROMANTIE	HYDROMANCIA	—	HYPOMIXOLIDIO
HYDROMEL	HYDROMEL	—	HYPOQUISTIDOS
HYDROPIESIE	HYDROPIESIA	HYPOSTASE	HYPOSTASIS
HYDROPHOBIE	HYDROPHOBIA	HYPOSTATIQUEMENT	HYPOSTATICAMENTE
HYDROPIQUE	HYDROPICO	HYPOSTATIQUE	HYPOSTATICO
HYAENE	HYENA	HYPOTHEQUE	HYPOTECA
HYMEN	HYMENEO	HYPOTHEQUÉ	HYPOTECADO
—	HYMETO	HYPOTHEQUER	HYPOTECAR
HYMNE	HYMNO	HYPOTEQUAIRE	HYPOTHECARIO
—	HYOYDE	HYPOTHENUSE	HYPOTHENUSA
—	HYPALLAGE	HYPOTHESE	HYPOTHESIS
—	HYPANIS	HYPOTHETIQUEMENT	HYPOTHETICAMENTE
—	HYPAPANTE	HYPOTHETIQUE	HYPOTHETICO
—	HYPERBATOS	HYPOTYPOSE	HYPOTHIPOSIS
HYPERBOLE	HYPERBOLE	—	HYRCANIA
HYPERBOLIQUEMENT	HYPERBOLICAMENTE	—	HYRCANO
HYPERBOLIQUE	HYPERBOLICO	—	HYSOPE
—	HYPERBOREO	HYSOPE	HYSOPO
—	HYPERCATALECTO	HYSTERIQUE	HYSTERICO
HYPERCRITIQUE	HYPERCRITICO		

Assinala-se uma convergência em 39 das 50 entradas que Furetière registava na mesma sequência, deixando de parte algumas palavras derivadas (HYPOGASTRIQUE, HYPOTHECAIREMENT, ...) e casos de discordância ortográfica (HYACINTHE).

No que respeita ao que Furetière classificava de “palavras comuns”, Bluteau usaria o *Dictionnaire Universel* apenas como um instrumento para a aferição da nomenclatura, tanto mais que parte das terminologias específicas já apresenta no *Vocabulario* uma abonação em autor português, o que demonstra a crescente permeabilidade da língua aos compostos greco-latinos. Se HYDROCEPHALO, HYDROGRAPHIA, HYDROMANCIA ou HYPOCONDRIOS, por exemplo, já estavam registados em textos portugueses, para HYDRARGYRO, HYDRAULICO, HYDROPHOBIA ou HYPERCRITICO, entre outros, não encontrou

abonação, o que pode indicar que se tratava de termos de uso ainda muito restrito. Nestes casos, a ocorrência em Furetière seria decisiva para a inclusão<sup>375</sup>.

#### 1.4.5. *Corpus* de autores portugueses

A função do extenso *corpus* literário que Bluteau compulsou — colhendo «de todos os livros Portuguezes, que me vieram às mãos, dicções, & phrases» em «alguns dez volumes de quarto»<sup>376</sup> — não se limitou à autenticação das entradas do dicionário. Oportunamente se analisará a dimensão e a composição desse conjunto de obras, o género de informações que delas se extraiu e a integração das citações na redacção dos artigos do *Vocabulario*<sup>377</sup>. De momento, interessa sobretudo averiguar em que medida essa selecção dos mais representativos textos do património literário dos séculos XVI e XVII constituiu uma fonte informativa da nomenclatura.

Como facilmente se verifica, o facto de uma entrada registar abonação não significa que essa foi a fonte. Das 2164 entradas da letra D, cerca de metade (1087) apresenta abonação; todavia, se considerarmos apenas as palavras que não se encontravam no *Thesouro* (974), o número das que remetem para uma autoridade (580) não é consideravelmente superior (60%).

Apenas a leitura dos artigos revela a relação entre as fontes de abonação e a nomenclatura, ou porque a definição do lema se constrói a partir do texto citado, ou porque a obra em causa é assumidamente uma fonte privilegiada para um determinado campo lexical. Os dois casos em que o contributo é mais notório e quantitativo são as chamadas “palavras antiquadas” e as terminologias de alguns grupos profissionais ou actividades.

O *Vocabulario* acumula na nomenclatura todo um fundo lexical que o dicionarista considerava fora de uso, compreendendo termos que já não ocorriam nos textos do século

---

<sup>375</sup> Além de Furetière, Bluteau também consultou o *Dictionnaire des arts et des sciences* (1694) de Thomas Corneille. A nomenclatura dos dois dicionários é muito semelhante, mas Corneille, porque é posterior, acrescenta algumas novas entradas. Na amostra de HY-, os termos HYDRELEON, HYDROCEPHALE, e HYOIDE, que Furetière ignorava, foram retirados da nomenclatura de Corneille, como se comprova pelo confronto das glosas. Em todo o caso, o *Dictionnaire Universel* mantém-se como a fonte preferida.

<sup>376</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico».

<sup>377</sup> Cf. cap. IV.7.

XVII. Classificadas como “palavras antiquadas”, foram recolhidas no decurso da leitura de obras como as *Decadas* (1552-1615) de João de Barros, a *Chronica d' Elrei D. João I* (1644) de Fernão Lopes, a *Coronica do Condestabre de Portugal Nuno Aluares Pereira* (1526), ou os documentos da *Alcobaça ilustrada* (1710) de Fr. Manuel dos Santos, para referir apenas os títulos mais citados. Tudo indica que, para o lexicógrafo, estes seriam termos hápax, pois revela notórias dificuldades em elucidar os significados, ensaiando conjecturas a partir dos contextos, ou mesmo omitindo qualquer definição<sup>378</sup>:

ALIFASE. Palavra antiquada. Parece que era certa peça de cama. No testamento da Rainha Santa Isabel se faz menção deste vocabulo. Vid. *Alcobaça Ilustrada*.

COCEDRA. Palavra antiquada. Parece, que era peça de cama. No testamento da Rainha Santa Isabel se faz menção desta peça. Vid. *Alcobaça Ilustrada*.

EMBUIZAR. Palavra, a meu ver, antiquada, porque a não achei em Authores modernos. Das cintas do costado meyas *Embuizadas*. *Barros*, 2. Dec. fol. 45. col. 1.

EMPRIR. Palavra antiquada. Vid. Encher. *Achase nos versos de hum antiquissimo Poema, do qual faz menção Manoel de Faria*, na Introdução às Odas de Camoens, pag. 81. O Rouçom da cava *Emprio* de tal sanha A Julianni, & Orpas a sa grey daninhos.

INSIBIDADE. Palavra antiquada. Vid. mais abaixo *Insipiencia*. (Por erro, e *Insibidade* do dito procurador. Anda em huma escritura antiga. Vid. *Alcobaça Ilustrada*, pag. 179. col. I.)

RIIGO. Palavra antiga. Parece quer dizer apressado. Vid. *Apressado*. *Acelerado*. (Assim como veyo com as novas *Riigo*, assim se partio *Riigo*. *Vida do Condestab. D. Nuno Alvares Pereira, parte 7. col. 3.*

Igualmente proveitosa foi a leitura dos tratados técnicos publicados em língua portuguesa — em número crescente a partir de meados do século XVII — e que compendiam as terminologias essenciais da profissão ou actividade correspondente. Neste âmbito, os dicionários anteriores revelavam-se pouco informativos, pois concediam pouco espaço às actividades que não se enquadravam no universo linguístico da latinidade. Mas a selecção de unidades lexicais em obras com centenas de páginas e repletas de termos técnicos dificilmente podia ser exaustiva, exigindo uma técnica de identificação das palavras mais relevantes.

Um exemplo deste processo é a integração na nomenclatura de nomes de medicamentos que constavam no *Memorial de varios simplices*, de João Curvo Semedo<sup>379</sup>. Apesar de ter apenas 32 páginas, é um texto rico em nomes de plantas, fármacos e

<sup>378</sup> Cf. cap. IV.2.3.

<sup>379</sup> *Memorial de varios simplices que da India Oriental, da America, & de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remedio de muytas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada hum, & o modo com que se devem usar* (in-fol., 32, [2] pp.). Por vezes com um título ligeiramente diverso, este tratado circulou anexo a outras obras do autor (cf. Inocêncio Silva, *Dic. Bib.*, III: 357). A edição consultada foi publicada com a *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres tratados* (1727). Embora posterior à que Bluteau usou, dela não difere no número de páginas, ou na disposição do texto.

doenças, que não foram todos recuperados para a nomenclatura. Confrontando as entradas do *Suplemento* e o *Memorial*, conclui-se que Bluteau se apoiou no índice remissivo da obra e concentrou a sua atenção nas palavras-chave que Curvo já destacara, o que era um indicador de relevância e a garantia de que, acerca desse termo, encontraria informação abundante na própria obra<sup>380</sup>. Se excluirmos alguns nomes de medicamentos que já haviam sido indexados no *Vocabulario* e não se repetem no *Suplemento*, a lista das entradas em que na abonação se menciona o *Memorial* é praticamente coincidente com o índice elaborado por Curvo<sup>381</sup>.

De um modo geral, dificilmente um tratado técnico documentará outro tipo de palavras para além das terminologias, uma vez que a noção de “autor de boa nota” não recomendava este género de obras para abonar a propriedade de termos que não os da respectiva arte.

## 2. Marcas de uso

O *Vocabulario* é o primeiro dicionário português a praticar a marcação de usos de uma forma regular, reproduzindo na sua técnica lexicográfica um sistema de classificadores que os lexicógrafos franceses vinham ensaiando nos dicionários universais. O procedimento representa um progresso na reflexão metalinguística, ainda que, neste período, o processo de marcação seja muito empírico, com uma notória variação nos critérios ao longo das obras. A possibilidade de classificar as palavras e as expressões como típicas ou apropriadas a um contexto particular, ou como pertencentes a uma determinada variedade linguística, pressupõe a definição de grandes domínios do

---

<sup>380</sup> Além de incluir remissões, vários tratados técnicos franceses apresentavam recolhas de vocabulário especializado com breves explicações, publicadas em anexo. Cf. a lista de títulos do século XVII reunida em Quemada, 1998: 48-49, 52.

<sup>381</sup> A análise dessas entradas permite também verificar que o lexicógrafo se cingiu ao campo lexical relativo ao tema central do tratado. Das 28 entradas do *Suplemento* em que cita explicitamente o *Memorial*, apenas duas são relativas a designações de doenças: TORCEDURA DE BARRIGA, TOSSIGOSO. As restantes são medicamentos: ANGARIARI, ANGELICA, ARTEQUIM, BIBUIVA, BUTUA, CASCAVEL, CYPÔ, Raiz divina (s.u. DIVINO), Raiz de João Pires (s.u. ESULA), Maçaã do Elefante (s.u. MAÇAÃ), MERIGANGA, MILHOMENS, MINHAMINHA, MOÇUAQUÎM, MONGUZ, MUBANGO, MUTUTUTU, PAUZARI, Priapo do Cavallo marinho (s.u. PRIAPO), QUIRATO, SAPUCHE, SERPENTARIA, Oleo de Tranquillo (s.u. TRANQUILLO), TRIAGA BRASILICA, UNICORNE, ZUCHI.

léxico, mas também a análise da realidade linguística apreendida no discurso, a articulação dos julgamentos acerca dos elementos lexicais e a transmissão dessa informação ao leitor. Como refere Alain Rey, as marcas veiculam um saber analítico, uma vontade taxionómica e julgamentos de valor de tipo social, de certa forma relacionados com as noções de norma e de uso<sup>382</sup>.

À época, o uso destes marcadores como complemento da descrição da língua vulgar era muito recente, aparecendo pela primeira vez com alguma consistência no *Dictionnaire François* (1680) de Pierre Richelet<sup>383</sup>. O lexicógrafo era professor de francês língua estrangeira e o seu sistema de classificações demonstrava a preocupação em guiar os falantes não nativos nas suas escolhas linguísticas. Recorrendo a símbolos tipográficos, marcava com asterisco as palavras ou expressões empregues em sentido figurado, e com uma cruz aquelas que apenas se usariam no estilo simples, cómico, burlesco ou satírico. A combinação dos dois símbolos representava restrições diafásicas ainda mais específicas, correspondendo a palavras que «n'ont cours que dans le stile le plus simple, comme dans les vaudevilles, les rondeaux, les épigrammes, & les ouvrages comiques»<sup>384</sup>. Os sinais conjugavam-se com marcadores textualizados, que remetiam para domínios do léxico, sobretudo as classes profissionais (*terme de...*), mas contemplando também estrangeirismos, variações regionais, diacrónicas ou até particularidades gramaticais<sup>385</sup>.

<sup>382</sup> Rey, 1990: 18-19. Este princípio, enunciado para a lexicografia francesa actual, aplica-se às avaliações do uso presentes dos dicionários dos séculos XVII-XVIII. Aliás, os sistemas de marcação modernos são, de uma forma geral, uma evolução dos adoptados pelos antigos dicionários universais, com sucessivas tentativas de normalizar a escolha e o emprego das marcas. A análise dos factos sociolinguísticos revela-se complexa, pois os falantes têm acerca deles uma percepção intuitiva, mas nem sempre concordam entre si. Os dicionários modernos também variam na atenção que concedem às diferentes dimensões do uso, bem como nas técnicas de marcação; as abreviaturas e símbolos convencionados representam distinções que não estão claramente definidas, daí que muitas marcas sejam arbitrárias e atribuídas de um modo quase intuitivo, suscitando inúmeras dificuldades à interpretação por parte dos consulentes. Mas algumas das incongruências que facilmente se apontam nos dicionários antigos, ainda subsistem nos modernos, em especial o facto de a terminologia ser muito flutuante, com marcadores quase-sinónimos (e.g. *arcaico*, *antiquado*, *antigo*). Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. USAGE LABEL; Rey, 1990: 17.

<sup>383</sup> Como nota B. Quemada (1998: 65), Nicot já apresenta um conjunto de marcas, mas com funções e emprego ainda muito irregulares.

<sup>384</sup> Richelet, *Dictionnaire François*, 1680: «Préface».

<sup>385</sup> Sobre as diversas marcas de Richelet e o seu significado, cf. Bray, 1990: 1796-1797. O sistema pretende testemunhar um uso efectivo do vocabulário, distinguindo acepções gerais e particulares, como se observa em alguns exemplos:

— ALIANCE, s.f. Sorte de parenté [...] \*Aliance. Terme d'orfevre. Bague, ou jonc [...];  
— AMBASSADRICE. s.f. Femme d'Ambassadeur. † Celle qui fait quelque message (Je suis une ambassadrice de joie. Mol.);

Furetière — e com ele a tradição lexicográfica subsequente — recuperou apenas os marcadores textualizados, pois estes permitiam-lhe destacar os termos das artes e das ciências, ou colocar em primeiro plano as acepções integradas em tecnolectos. Esta solução revelava-se muito conveniente, pois afastava o seu dicionário do modelo da Académie, e, talvez por isso, o uso de marcadores foi mais sistemático do que em Richelet<sup>386</sup>. Contudo, não se apresenta como um sistema normalizado, com um conjunto fechado e estruturado de classificadores, estabelecidos após uma análise e organização da totalidade do léxico. Furetière ampliou o número de marcadores, tendo em vista a definição precisa da palavra em análise, e não tanto a integração num determinado domínio. Com frequência as marcas perdem a função de símbolo codificador de interpretação imediata e integram-se em formulações mais complexas, misturando-se com a definição, ao ponto de se tornar difícil delimitá-las<sup>387</sup>.

Copiando de Furetière largos excertos dos artigos, Bluteau incorporou na própria técnica lexicográfica o sistema de marcações, aplicando-o na classificação de palavras que não se encontravam no dicionário francês. No *Vocabulario*, o tipo e a variedade de marcas não se apresenta mais normalizado que no modelo original; é certo que Bluteau intuía a noção de domínios, mas os marcadores não são entendidos como forma de estabelecer relações de sentido entre unidades lexicais. Tal como foi prática comum na primeira metade do século XVIII, insiste-se num *continuum* entre as funções típicas da marca de uso e as da definição, ao ponto de, frequentemente, a primeira ser considerada como definição única e bastante.

Apesar das insuficiências, os classificadores no *Vocabulario* recobrem diversas dimensões do uso, sem que o lexicógrafo se obrigue a dar conta de todas com igual relevo. Este tipo de julgamentos torna-se necessário em face de uma selecção lexical que não admite somente o “bom uso”. A nomenclatura não será tão abrangente que permita receber as palavras que, à época, eram tidas por demasiado ofensivas, mas há a noção de que o grau de aceitabilidade varia de acordo com a situação comunicacional, daí que o lexicógrafo incluía uma série de comentários acerca da adequação discursiva, de uma forma explícita e quase prescritiva.

---

— ANCRER. v.a. Jetter l'ancre. †\* S'ancrer. S'établir. (*Dictionnaire François*, 1680: s.u.).

<sup>386</sup> No dicionário da Académie, as marcas de uso são raras, quando comparado com Furetière ou Richelet. Cf. Lehmann, 1998: 169-170.

<sup>387</sup> Quemada, 1968: 306-307.

Assim, analisaremos os julgamentos acerca das diversas dimensões do uso de acordo com as definições da actual teorização lexicográfica, mas de aplicação extensível aos dicionários do período em estudo, tanto mais que o sistema moderno é uma evolução em que se alargaram e se normalizaram as práticas do século XVIII<sup>388</sup>.

## 2.1. Informação diatécnica

A informação diatécnica permite ao consulente associar uma palavra ou expressão a uma determinada especialidade técnica, ou disciplina<sup>389</sup>. Esta divisão do léxico em domínios não incorpora necessariamente uma avaliação de tipo diastrático, ou seja, não pressupõe que o uso seja restrito a um grupo socioprofissional. Embora dependa das convenções de cada dicionário, o marcador mais comum é a designação de uma ciência ou actividade, o que equivale a delimitar uma terminologia, aqui entendida como um conjunto de termos que representam um sistema de noções num domínio particular<sup>390</sup>.

Como se observou atrás, os dicionários universais propunham, no título ou subtítulos, uma taxionomia do conhecimento humano, mas essas categorias não eram integralmente transpostas para a delimitação dos domínios lexicais. No prólogo, Bluteau apresenta um divisão entre termos das ciências humanas e divinas, artes liberais e artes mecânicas, mas o esquema medieval revela-se insuficiente<sup>391</sup>.

<sup>388</sup> Adopta-se a terminologia de Hartmann e James (2001: s.u. DIASYSTEMATIC LABELLING), que definem “marcação diassistemática” como a especificação das restrições ao uso através de um sistema de marcas inter-relacionadas. Existem outras propostas de classificação, específicas para dicionários anteriores ao *Vocabulario*, em que a variedade de marcadores era menor. Para análise do dicionário de Nicot (1606), a taxionomia de T. Wooldridge (1997 (1977): § 2.1.2) contempla marcas temporais, espaço-linguísticas, socioprofissionais, estilísticas e quantitativas. Por sua vez, a classificação de L. Bray (1990: 1797) para o dicionário de Richelet (1680) foi elaborada tendo em conta as características específicas da obra, nomeadamente a conjugação de marcadores textuais e tipográficos.

<sup>389</sup> «A usage feature wich associates a word or phrase with a particular subject field» (Hartmann e James, 2001: s.u. DIATHECNICAL INFORMATION).

<sup>390</sup> A definição é de Xavier e Mateus, 1992: s.u. TERMINOLOGIA.

<sup>391</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor douto». As principais disciplinas e actividades são enumeradas no *Voc.*, s.u. ARTE: «Regras, & methodo, com cuja observação se fazem muitas obras uteis, aggradaveis, & necessarias à Republica. Neste sentido Arte se differença de Sciencia, cujos principios consistem em demonstraçoens; [...] [divide-se] a Arte em dous ramos, a saber o das Artes Liberaes, que são sette, **Grammatica, Rhetorica, Logica, Aritmetica, Musica, Architectura, Astrologia**, [...] Artes mechanicas, que tambem são sette principaes, das quaes dependem todas as mais; **Agricultura, Caça, Guerra, todos os officios fabris, a Cirurgia, as artes de tecer, & navegar**».

O conjunto de domínios de delimitação mais problemática encontra-se no âmbito do que se designava por “ciências humanas e divinas”, em que, por norma, os lemas representam conceitos, e não coisas. Em comparação com os termos das técnicas, observa-se que a variedade de marcadores é muito inferior, e que o número de palavras marcadas é baixo. Por exemplo, o lexicógrafo sente dificuldades em delimitar os diversos domínios da filosofia, daí que seja raro encontrar expressões como:

<b>Marcadores</b>	<b>Exemplos de entradas</b>
Termo Ascetico	DEIFORME, ILLAPSO
Termo Dialectico	DIFFERENÇA, DISCURSO
Termo Dogmatico, & Ascetico	EXULTAÇAM
Termo da Logica, Palavra da Logica	DILEMA, ESPECIE
Termo Philosophico	COGITATIVA, DEMOSTRAÇAM
Termo Physico, Termo da Physica	CONTINUIDADE, CORPOREIDADE
Termo Theologico	BEATIFICO, EMANAÇAM
Termo da Theologia moral	COMUNICAR, DIRIMENTE
Termo Metaphysico	EXISTENCIA

Outro domínio em que as marcas também são raras é o da terminologia metalinguística e metaliterária. Todavia, porque neste caso as palavras já eram objecto de uma longa tradição de codificação, os marcadores são mais específicos e servem inclusive para definir subdomínios:

<b>Marcadores</b>	<b>Exemplos de entradas</b>
Termo da Grammatica, Termo Grammatical	CASO, DECLINAÇAM, DEFECTIVO
Termo da Grammatica Grega	DUAL, EXOMENO
Termo da Grammatica Latina	DEPONENTE
Termo da Orthographia, Termo Ortografico	BRACCHIA, CEDILHO, COMA
Termo da Poesia	CENTOENS
Termo da Poesia Portugueza, & Castelhana	ESTANCIA
Termo da Poesia Lyrica	ANTISTROPHE
Termo da Poesia Vulgar	COPLA, VERSO DESMAIADO
Termo de Poesia Latina	ESPONDAICO, TRIBRACO
Termo Poetico Castelhana	ESTRIBILHO
Termo da Prosodia	BREVE
Termo da Prosodia Latina	CATALECTICO
Termo da Rethorica	DEMOSTRATIVO, DISPOSIÇAM

A influência dos dicionários históricos motivou a inclusão dos termos que designavam as principais instituições sociais — órgãos de poder, igreja, ensino, justiça, exército — bem como os seus cargos, ritos e actividades. Os pré-enciclopedistas concediam largo destaque às instituições da Antiguidade grega e latina, consagrando domínios temáticos como o direito e a religião romanas (v.g. DELUBRO, *t. da antiga*

*gentilidade romana*), ou os rituais das igrejas primitivas (v.g. CHERÛBICO, *t. da liturgia grega*). Ao marcador compete indicar, além do domínio principal, se se trata de um termo da Antiguidade ou da época contemporânea, o que conduz a uma ampla variedade de expressões. Por enquanto, a normalização não é uma prioridade e o lexicógrafo procura que o marcador seja informativo no contexto de cada artigo, ajustando-se e completando a definição. Por exemplo, o que poderia ser designado genericamente como o domínio do léxico religioso, desdobra-se em várias fórmulas particularizantes:

T. da antiga gentilidade Romana	T. do computo Ecclesiastico
T., antigamente Ecclesiastico	T. Ecclesiastico / palavra Ecclesiastica
T. de Cabidos, & Igrejas Collegiaes	T. da Igreja
T. do Ceremonial da Igreja	T. da jurisdição Ecclesiastica
T. de Ceremonias Episcopaes	T. da Liturgia Grega
T. da Chancelaria de Roma	

Em rigor, a ocorrência de expressões similares como *Termino da Igreja* e *Termino Ecclesiastico* não corresponde, na prática, a uma função distintiva; consultando o *Vocabulario*, verifica-se que variações deste género podem ser classificadas como sinonímicas, o que reforça a ideia de que o contexto privilegiado da marca é o artigo<sup>392</sup>.

Os marcadores que designam as técnicas e os objectos das diversas ciências e actividades profissionais podem apresentar múltiplas formulações equivalentes. Com efeito, nas “artes mecânicas”, o lexicógrafo emprega indistintamente ora o nome da “arte”, ora o nome do agente, isto é, o profissional que a exerce; no primeiro caso, ainda é possível a alternância entre substantivo ou adjetivo, sempre que as regras da língua o permitem. Uma breve sondagem permite recolher abundantes exemplos de actividades e profissões.

<sup>392</sup> Por exemplo, COMUNICACAM, CATHECUMENO E CONFIRMACAM são *termos da Igreja*, enquanto BEATIFICACAM, CELEBRANTE e CONCURRENCIA são *termos Ecclesiasticos* (Voc., s.u.).

**(1) Designação de actividade**

t. de agricultura	t. gnomonico
t. da alta volataria	t. de manejar cavallos
t. de altaneria	t. de manejo
t. anatomico	t. de mareação
t. de architectura	t. de marinagem
t. de armaria	t. da medicina
t. da artilharia	t. medico
t. astronomico	t. medico, & anatomico
t. de aucupio, ou caça de aves	t. medico, & cirurgico
t. de cavallaria	t. meteorologico
t. chimico	t. da montaria
t. da cirurgia	t. nautico
t. de cozinha	t. da optica
t. da gineta	t. pharmaceutico

**(2) Designação de agente**

t. de abegaõ	t. de cozinheiro	t. de lavrador
t. de agricultor	t. de çurrador	t. de livreiro
t. de agulheiro	t. de dourador	t. de medico
t. de alfayate	t. de encadernador de livreiro	t. de merceneiro
t. de algebrista	t. de ensayador de moeda	t. de mineiro
t. de alveitar	t. de enxertador	t. de moedeiro
t. de architecto	t. de esparteyro	t. de musico
t. de artilheiro	t. de espingardeyro	t. de navegantes
t. de barbeiro	t. de esteireiro	t. de oleyro
t. de barqueiro	t. de ferrador	t. de ourivez
t. de boticario	t. de ferreiro	t. de parteyra
t. de caçador	t. de fiandeira	t. de pastor
t. de cardador	t. de fundidor	t. de pedreiro
t. de carpinteiro	t. de gente	t. de pintor
t. de caxeiro	t. de hortelaõ	t. de sangrador
t. de chimico	t. de impressor	t. de sapateiro
t. de cirurgiaã	t. de jardineyro	t. de serrador
t. de colmeeiro	t. de joalheiro	t. de tanoeiro
t. de comediante	t. de jogador	t. de tesselaõ
t. de costureira	t. de lavandeira	

No que respeita às actividades, entre as designações citadas em 1), há pares claramente sinonímicos como *t. medico* / *t. da medicina*, mas também relações mais subtis, como *t. de mareação* / *de marinagem* / *nautico*, ou *t. de cavallaria* / *de manejo* / *de gineta*. Embora se trate de marcadores semanticamente aproximados, quando analisados fora dos respectivos contextos admite-se uma aplicação a domínios diferenciáveis. Assim, e considerando o último exemplo, *cavallaria* poderia marcar o vocabulário relacionado com a arte de cavalgar, enquanto *manejo* se reportaria ao treino dos animais, e *gineta* se restringiria a uma técnica específica de montar<sup>393</sup>. Na prática, esta distinção não se reflecte

<sup>393</sup> De acordo com os respectivos artigos no *Voc.*, s.u. CAVALLARIA, GINETA e MANEJO.

na atribuição dos marcadores, já que *cavallaria*, enquanto termo mais genérico, é atribuído a palavras dos outros subdomínios referidos; por sua vez, *manejo* e *gineta* são empregues como marcas similares. Entre os exemplos seguintes, atente-se sobretudo nas entradas ENCAPOTAR, ESTRELLEIRO e EMPROADO:

ENCAPOTAR. (**Termo de Cavallaria**) *Encapotarse* o cavallo. He metter muyto o rosto, por ser rasteyro de sua natureza [...]

ENGARGANTAR. (**Termo de Cavallaria**) Metter o pé no estribo até o peyto delle. [...]

ENGALAR. (**Termo de Cavallaria**) Pesçoço de cavallo engalado. [...]

ESTRELLEIRO. (**Termo de manejo**.) Cavallo estrelleiro. Que levanta muito a cabeça [...]

ESPALDETA [...] (**Termo de manejo**.) Fazer espaldeta, he voltar o ombro direito [...]

CHAÇA [...] (**Termo de Manejo**.) Fazer o Cavallo chaça, he quando o retem a parar [...]

ARREÂZ. **Termo da Gineta**. He huma fivela, sem fuzilhaõ, que está prégada no vaso da sella [...]

DESPAPADO. (**Termo de Gineta**.) Cavallo *Despapado* se chama, quando não recolhe a barba [...]

EMPROADO (**Termo da Gineta**) Cavallo bem *emproado*. Aquelle, que traz a cara levantada, em boa proporção [...]

Nas três entradas citadas, observa-se que todas referem movimentos da cabeça do cavalo, mas recebem marcadores distintos. Estas oscilações não reduzem a eficácia da marca enquanto elemento contextualizador da definição, sendo esta, em rigor, a sua função principal.

Quanto aos nomes de agente (cf. alínea 2, *supra*), formam um sistema muito coerente, em que por norma não ocorrem duas designações sobrepostas para a mesma profissão. Neste contexto, a fórmula *termo de* + ‘agente’ não representa uma informação de tipo diastrático, pois funcionalmente não se distingue dos marcadores de actividade:

ESTRELLAR. **Termo de cozinha**. He fregir até córar [...]

ESTOFADO [...] **Termo de cozinha**. Veado estofado. Vitella estofada, &c. [...]

DOURADO. **Termo de cozinheiro**. Dizse de varios manjares, untados por cima [...]

ENREDADO [...] **Termo de cozinheiro**. Põbos enredados. Chamaõlhe assi, porque [...]

Ao associar o termo ao agente, o dicionarista evita uma reflexão lexicológica mais profunda, mas facilita a redacção dos artigos, uma vez que seria problemático enquadrar numa actividade profissões como *agulheiro*, *caxeyro*, *colmeeiro*, *çurrador* ou *esparteiro*. Daí que algumas das designações de agente sejam de uso muito pontual, variando consoante o interesse do lexicógrafo pela terminologia da respectiva profissão. Assim, as profissões mais representadas são *medico*, *pintor*, *alveitar*, *ourivez*, *impressor*, *pedreiro*, *caçador*, *sapateiro*.

Outra possibilidade de delimitar um domínio terminológico consiste em associar o lema a um objecto, com o qual se estabelece uma relação semântica. Essa relação pode ser

partitiva, baseada numa hierarquia, em que o lema é uma unidade subordinada (merónimo) e o marcador corresponde a um todo supra-ordenado (holónimo). Em geral, os marcadores são objectos, mas será mais rigoroso se os descrevermos como conceitos integradores, pois pode trata-se de algo tão pequeno como um freio, ou tão grande como um navio<sup>394</sup>:

BOLEA. **Palavra de Coche.** *Bolea mestra*, he hum pao, donde se prendem os dous cavallos do tronco [...]  
 CURVATAM. (**Palavra de Navio**) *Curvatão* do gurupez, he donde se poem o vão para assentar a gavea [...]  
 EXPLANADA. (**Termo da Fortificação.**) A planicie de huma praça darmas [...]  
 COSCOJA. (**Termo da sella de Estardiota**) *Coscósas* saõ nas pontas, ou ilhargas da fivella, [...]  
 CANZIL. (**Termo de Atafona.**) Os canzis saõ dous paos, com suas brochas, [...]  
 TIRO [...] **Termo de carro.** He hum calabre, que serve de puxarem os boys pelo arado [...]  
 CALÇADURA. (**Termo de Espora.**) He o vaõ, que ha entre huma hastea, & outra [...]  
 CAIMBA. (**Termo de freo.**) Caimbas sam os dous ferros compridos, que ficaõ nos cantos [...]  
 BOMBA [...] (**Termo de Palheiro.**) He hum Postigo, que se faz no sobrado do palheiro, que vulgarmente chamamos Alçapão [...]  
 ENTRALHAR. **Termo de redes.** Tralhas se chamaõ os nós das redes, e entralhar he pôr estes nós [...]

Explorar a relação parte/todo revela-se uma técnica simples e compreensível de classificar e agregar os componentes de qualquer estrutura física, pelo que este tipo de marcador é de aplicação muito regular e consistente. Por exemplo, confrontando as expressões *termo nautico* e *termo de navio*, conclui-se que esta é reservada às relações partitivas, enquanto a primeira ocorre em palavras que referem técnicas de navegação. Mas, porque *t. nautico* é mais genérica, pode recobrir as funções da segunda (cf. BARREDOURA):

ESGARRAR. (**Termo Nautico.**) Apartarse huma embarcaçãõ da companhia das outras [...]  
 BARREDOURA. (**Termo Nautico.**) Vela barredoura. He huma vela presa na ponta do pao [...]  
 BRANDAES. (**Termo de navio.**) Brandaes grandes saõ huns cabos, que passaõ [...]  
 ESCATELADO. (**Termo de Navio**) Cavilha Escatelada, quer dizer, furada na ponta [...] <sup>395</sup>

Concluindo a análise das principais formas de marcar a informação diatécnica, importa sublinhar uma tendência comum a todas, que é o investimento na particularização

<sup>394</sup> Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. PARTITIVE RELATION, COMPREHENSIVE CONCEPT.

<sup>395</sup> Esta fórmula acolhe algumas expressões, aparentemente anómalas, como:

— COMMEMORAÇAM [...] (**Termo de Breviario**) He huma antiphona, com seus versetes, & oraçãõ, [...]

— BARBILHO. [...] (**Termo de bichos de seda.**) He toda a seda, que se tira com os dedos do redor dos casulos, [...]

Nestes casos, embora esteja presente, a hierarquia parte/todo é secundária, pois a relação semântica fundamental parece assentar na contiguidade do mundo de referência: uma expressão que designa um conceito ligado a um determinado domínio da realidade é usada para designar outra palavra do mesmo âmbito de referência. Ou seja, não se tratará de partes do missal, do breviário ou do bicho da

dos domínios. Uma leitura do conjunto dos exemplos citados demonstra que o marcador ainda não era uma forma normalizada e que a sua função era proporcionar um contexto de referência informativo, que antecederesse e completasse a definição. Por isso, o lexicógrafo optava pela particularização sempre que julgava necessário e não se restringia a categorias abrangentes fixas. Como se observa nos seguintes grupos de entradas, os subdomínios são extensões de outros marcadores mais comuns:

- BARROTAR. (**Termo de Carpinteiro.**) Assentar os barrotes [...]  
 CAMBAS. (**Termo de carpinteiro de carros.**) Saõ os terços, q̃ recebem os rayos da roda [...]  
 ENTREMECHAS. (**Termo de carpintaria de navio.**) saõ humas traves, com que se fortificaõ as cubertas [...]
- CABRIOLA. (**Termo de dãça**) Salto no ar, meneando os pès com graça [...]  
 BATAÔ. **Termo da dança do sarao.** He furtar com hum pé o lugar do outro.
- EXPLORAR. (**Termo militar.**) Andar reconhecendo, & observando hum lugar [...]  
 ESTIPENDIADO. (**Termo da paga militar.**) Milicia estipendiada. [...]
- FOLHA, [...] **termo da carregação do sal de Setuval.** He huma folha de papel, porque se costumaõ despachar os navios, na qual vaõ carregados os moyos [...]  
 TALHADÔR. **Termo da repartição do sal de Setuval.** He hum homem, que vay à marinha tomar conta dos moyos de sal [...]

Por mais específico que seja o marcador, continua a ser um conceito genérico, que descreve uma técnica ou actividade e que permite abarcar semanticamente outros termos específicos. No que respeita à estrutura do discurso lexicográfico, a grande vantagem é o facto de o marcador se transformar numa “pré-definição”, permitindo que o texto subsequente se concentre em descrever as características associadas à palavra-lemma, uma vez que a contextualização já foi efectuada<sup>396</sup>.

## 2.2. Informação diintegrativa

Esta categoria traduz uma avaliação acerca do grau de integração de uma palavra, em relação ao vocabulário nativo de uma língua. Por norma, nos dicionários modernos, os marcadores destacam as palavras que são entendidas como empréstimos ou estrangeirismos, e as unidades lexicais não assinaladas são tacitamente consideradas como nativas. Tendo em conta o estágio pré-científico do conhecimento etimológico e a

---

seda, mas designações metonímicas para “celebração litúrgica” e “cultivo da seda”. Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. METONYMY.

inconsistência das classificações, não se pode extrair o mesmo tipo de conclusões a partir dos dicionários antigos<sup>397</sup>. Todavia, a informação expressa no *Vocabulario* constitui um importante testemunho da inovação lexical no respectivo período da história do português, revelando sobretudo a maior permeabilidade em relação à influência dos contactos entre línguas.

As expressões mais comuns são *he palavra de*, *termo de* e *he tomado de*, e surgem logo no início da glosa. Desta forma evidencia-se a integração de termos de um largo espectro de línguas vivas estrangeiras, que não se confina às europeias românicas, mas que se alarga às línguas nativas dos locais em que a presença comercial e política dos portugueses se fazia sentir. Daí que, numa sondagem das línguas mais citadas, seja elevado o número das que seriam consideradas exóticas:

BURGRAVIO. Termo Alemão	BUTGEROS. Termo da India
CHOCOLÁTE. He palavra da America	CUNTO. Termo da India Portugueza
MOXINGA. Termo de Angola	ESTACADO. He Palavra Italiana
CABILDA. Palavra Arabica	COCHUMIACOS. Palavra do Japão
BANDEL. He palavra da Asia	CERAME. Termo do Malabar
BEIJI. Termo do Brasil	BANDARA. Termo de Malaca
CAUDILHO. He palavra Castelhana	IGARAVANA. Palavra do Maranhão
CUCHIMIOCÔ. Termo da China	CARBANÇARÁ Termo da Persia
COPRA. Palavra da Ethiopia Oriental	COCIVARADO. Termo do Reyno Canará
DESSERT. He palavra Franceza	FANARI-KIOSC. Palavra Turqueica
ANITO. Termo das Ilhas Filipinas	

Na prática o marcador apenas assinala que a palavra não é portuguesa, não esclarecendo qual o grau de integração na língua. É de supor que muitas fossem quase hápax, ocorrendo somente em textos historiográficos e geográficos, ou circunscritas ao universo da escrita e da literatura erudita<sup>398</sup>. De facto, em geral todas se apresentam ao consulente com a mesma possibilidade de integração, ainda que algumas mantenham

<sup>396</sup> Este tema será retomando no capítulo dedicado às técnicas de definição, especialmente em IV.3.1.

<sup>397</sup> Entende-se por empréstimo o processo de inovação lexical em que palavras e expressões são copiadas e transferidas de uma língua para outra. O estrangeirismo é uma sub-categoria do empréstimo, em que a palavra não é completamente assimilada pela língua, subsistindo incompatibilidades fonológico-grafemáticas. A palavra mantém frequentemente a grafia da língua original e merece um destaque tipográfico, como o itálico ou as aspas (cf. Hartmann e James, 2001: s.u. DIAINTEGRATIVE INFORMATION, BORROWING, FOREIGNISM).

<sup>398</sup> Os comentários de Bluteau no prólogo indiciam a reduzida expressão destas palavras exóticas na língua. O *Vocabulario* «declara muitas vozes estranhas, que o commercio com o Brasil, India, & outras terras ultramarinas introduzio, se não na lingoa, na Historia das conquistas de Portugal, como se vê no livro das Noticias do Brasil do P. Simão de Vasconcellos, nas Decadas de Joam de Barros, Diogo do Couto, &c. & [...] porque das suas conquistas, & dominios fora da Europa, de Angola v. g. Congo, Moçambique, sofala, &c; trouxeram os Portuguezes muitos vocabulos» (*Voc*, I: «Ao leitor impertinente»).

grafias pouco consentâneas com a norma portuguesa (e.g. «FANARI-KIOSC. Palavra Turqueíca»).

Por outro lado, o lexicógrafo parece confiar na competência linguística do consulente e nem sempre explicita se se trata de um neologismo de introdução recente, ou de uma palavra estrangeira há muito tempo assimilada. Daí que o tipo de comentário que se observa nos artigos DESSERT e FELICITAR seja quase excepcional:

DESSERT. He palavra Franceza, **que há pouco se começa na Corte**. Val o mesmo, que sobremesa. [...]

FELICITAR. [...] Felicitar, dar parabens. Neste sentido he tomado do francez *Feliciter*, **e começa de ser usado em Portugal**. [...]

Se as anotações deste género fossem frequentes, o *Vocabulario* seria um rigoroso testemunho da influência da relação bilingue com Espanha e da penetração dos galicismos, já que o castelhano e o francês são as línguas românicas mais citadas, na condição de fontes de inovação lexical. O dicionarista não se pronuncia sobre a frequência ou a data da introdução, mas deixa perceber quais os termos estrangeiros que se encontram suficientemente assimilados, ao ponto de designarem objectos e actos do quotidiano. Um indício de que a palavra pode ser de introdução recente é a data da abonação, como se comprova na análise das entradas dos termos *tomados do francês*, em que uma grande percentagem é atestada com excertos da *Gazeta de Lisboa*, ou por obras publicadas já no século XVIII. O exemplos seguintes foram extraídos do *Suplemento*:

CAMISOLA, he tomado do Francez *Camisole*, que he huma especie de colete, que se veste entre camisa, e gibaõ [...]

CHARPA. He tomado do Francez *Echarpe*, [...] que he huma banda larga de tafeta negro, com que em França as mulheres cobrem os hombros [*Gaz.*, 1726] [...]

COMPRIMENTAR. He tomado do Francez *Complimenter*, que he fazer cumprimentos de agradecimento, de parabens, &c [*Gaz.*, 1722] [...]

CONJUNTURA. He tomado do Francez *Conjoncture*. He o estado dos negocios, boa, ou má disposição delles [*Gaz.*, 1720] [...]

DIFFERENÇA. Desavença. Neste sentido he tomado do Francez *Different*, que val o mesmo que debate [*Gaz.*, 1726] [...]

EQUIPAGEM. He tomado do Francez *Equipage*, que he todo o necessario para huma jornada [*Gaz.*, 1720] [...]

FELICITAR. Felicitar, dar parabens. Neste sentido he tomado do francez *Feliciter*, e começa de ser usado em Portugal [*Gaz.*, 1722] [...]

FINANÇAS. He tomado do Francez *Finances*, que val o mesmo, que Fazenda Real, ou o dinheiro, que procede das sizas [*Vida do Cardeal Mazarino*, 1707] [...]

FRICASSÉ. He tomado do Francez *Fricassée*, que he comer, feito em sertãa [...]

INCONTESTAVEL. He tomado do Francez *Incontestable*, que val o mesmo, que cousa indubitavel [*Tratado de Paz*, 1713] [...]

TRENÔ. He tomado do Francez *Traineau*. Especie de carrinho de rojo [*Gaz.*, 1723] [...]

As palavras ou acepções contempladas nesta lista não ocorrem nas glosas portuguesas da *Prosodia* (1697), e o facto de não terem sido contempladas nos oito

volumes do *Vocabulario* indica que, no período entre 1712-1725, deve ter-se verificado um incremento sensível no uso de termos estrangeiros na oralidade e na escrita. O interesse por estas palavras “neotéricas” será a explicação para o facto de o seu número ser claramente superior nos suplementos, acompanhadas por uma técnica de marcação mais sistemática e regular.

A outra vertente da inovação lexical por empréstimo é a aceitação progressiva de palavras latinas, perfeitamente adaptadas à morfologia portuguesa. Não se trata de tradução, mas uma transposição em que se mantém o significado original quase intacto, com a intenção de preencher o que se considerava serem vazios semânticos:

CONNIVENCIA. He palavra Latina, da qual até agora não acho exemplo em Authores Portuguezes. Mas como poderá ser necessario o uso della para synonymo de *consentimento*, [...] me pareceo bem fazer aqui menção della.

Daí que o marcador mais frequente seja *he palavra latina*, expressando um nível de integração que autoriza o uso. De novo, não há indicação explícita de que se trata de um neologismo recente, mas a consulta das glosas da *Prosodia* demonstra que a transposição para português ainda não era comum, pelo menos ao ponto de ser registado como equivalente da palavra latina<sup>399</sup>. No *Vocabulario*, e em especial no *Suplemento*, as palavras resultantes da relatinização são admitidas com naturalidade:

ADDICTO. He palavra Latina, de *Addictus*, a, um, que val o mesmo que **inclinado**, ou **empenhado** em servir a alguém [...]  
 ADUNCO. He palavra Latina de *Aduncus*, que quer dizer, **Curvo**, **Retorcido** [...]  
 ALÍPEDE. He palavra Latina de *Alîpus*, genitivo, **Alîpedis**, val o mesmo, que o que tem **azas nos pés** [...]  
 ALTISONO. He palavra Latina de *Altisonus*, a, um. Cousa **que soa alto**. [...]  
 ANÊLO. He palavra Latina de *Anhelus*, a, um, que quer dizer, **que respira com dificuldade** [...]  
 AUSO. He palavra Latina de *Ausum*, i, Neut. que quer dizer **Ousadia**. [...]  
 BLANDÍCIA. He palavra Latina, que val o mesmo que **affago**, **caricia**, **meiguice**. [...] *Blanditiae*, *arum* [...]  
 BOMBÍZ. He palavra Latina de *Bombix*, **bicho da seda** [...]  
 CELICO. He palavra Latina, de *Caelicus*, a, um, **Celeste**. [...]  
 CELSITUDE. He palavra Latina de *Celsitudo* Altura, ou **Alteza**. [...]  
 CELSO. He palavra Latina de *Celsus*, a, um. **Alto**. [...]  
 CORUSCANTE. He palavra Latina de *Coruscans*, ou *Coruscus*, que quer dizer muito **luzidio** [...]

A proliferação de “palavras latinas” na nomenclatura corresponde a um especial acolhimento da relação privilegiada entre o latim e o português, que permitia empréstimos que se julgavam impossíveis em outras línguas. Já no que respeita à integração de palavras gregas — sobretudo os termos técnicos da medicina, metalinguagem, cerimonial

<sup>399</sup> Da pequena amostra de neologismos retirados do *Vocabulario*, que a seguir se cita, apenas *altisono* ocorre na *Prosodia* (1697), s.u. STATIUS («Papinio estacio poeta heroico, & altisono»).

religioso e filosofia — a admissão resulta de um consenso translinguístico, que reconhece um valor semelhante a essas unidades lexicais em francês, castelhano ou português.

Ao contrário do latim, a relação semântica entre o grego e o neologismo será mais remota, pois muitos dos termos prolongam um processo de recriação ou de inovação lexical em que se explora apenas uma parte do significado original, de modo a tornar racionalmente sustentável a adoção das novas unidades lexicais. A divergência entre sentido original e a sua relexicalização no âmbito de uma linguagem especial é sublinhada nas definições lexicográficas:

HYPOSPHAGMA. Termo de Medico. He palavra Grega **do verbo *Hiposphattein*, ferir por baixo.** Dizse de humas **roturas das veas por algum golpe nos olhos.** Os nossos Medicos usaõ desta palavra por sugillaçaõ. Vid. Sugillaçaõ no tom. 7. do Vocab. (Sugillaçaõ, ou *Hyposphagma*, he huma nodoa vermelha, roxa, &c. *Polyanth. de Curv. pag.* 146.)

É legítimo supor que a terminologia dos domínios acima referidos conhecesse um uso regular, correspondendo a um grau de integração semelhante ao dos termos adoptados do latim. O mesmo não aconteceria com um extenso conjunto de palavras gregas presentes na nomenclatura, que remetem para conceitos de erudição histórica e mitológica, mas que raramente apresentam abonação explícita em autor português. Embora recebam um marcador igual ao dos termos técnicos — *he palavra grega* — figuram na nomenclatura como entradas para informações de tipo enciclopédico:

ACOEMETES. He palavra Grega, composta do A privativo, e do verbo *Coimaomai*, que val o mesmo, que *Estou deitado para dormir* [...]. Deuse este nome a huns Religiosos [...]  
 AMPHIDROMIAS. He palavra Grega, que val o mesmo que o correr em roda, o andar ao redor. [...]  
 Amphidromias na antiga Grecia Gentilica, eraõ festas [...]  
 CUREOTIS. He palavra Grega de *Coura*, que quer dizer *Tosquia*. Era o terceiro dia das Apaturias, festas, que os Athenienses celebravaõ [...]  
 CYNOCEPHALO. He palavra Grega, que quer dizer *Cabeça de caõ*. Segundo Plutarco he o nome do Deos dos Egeycios [...]

Decerto não eram palavras desconhecidas, pois estariam contempladas nos grandes dicionários latinos, como o *Calepino*, que transliteravam o vocabulário grego. Mas as glosas de Bluteau não permitem concluir que haveria uma tradição escrita em português que suportasse a adaptação, pelo que o *Vocabulario*, com a pressão do enciclopedismo, pode ter sido o primeiro texto de grande circulação em que este género de palavras ocorreu.

### 2.3. Informação diatópica

A informação diatópica associa uma palavra ou expressão a uma variedade regional de uma determinada língua, pressupondo a consciência de um conjunto de características opositivas que distinguem e delimitam um dialecto. De acordo com a definição registada no *Vocabulario*, a distinção assenta em critérios fonológicos, morfológicos e lexicais, e o modo de falar dos habitantes de Lisboa é o padrão acatado para aferir a variação<sup>400</sup>.

A inclusão dos regionalismos será uma influência do dicionário de Furetière, que não se limitava à língua da capital e recolhia inúmeras palavras de variedades dialectais, algo que o dicionário da Académie recusava claramente. Tal como no modelo francês, o espírito de acumulação admite todas as palavras das províncias, por vezes com o objectivo de introduzir notícias pitorescas sobre a etimologia de termos estranhos aos falantes de Lisboa. Ou seja, para Bluteau o interesse pela variante lexical regional justifica-se precisamente pelo uso restrito e pela curiosidade linguística, e não como um pretexto para juízos reprovadores sobre o bom e o mau uso<sup>401</sup>.

No *Vocabulario*, os marcadores diatópicos distinguem, por ordem de frequência, Beira, Minho, Entre Douro e Minho, Trás os Montes, Alentejo, Ribatejo e Algarve; o vocabulário não marcado adquire o estatuto de padrão e coincide com o uso da capital. As poucas vezes que se destaca uma palavra como sendo típica de Lisboa é porque o referente extralinguístico se encontra no quotidiano da cidade:

<sup>400</sup> «DIALECTO. Modo de fallar proprio, & particular de huma lingoa nas diferentes partes do mesmo Reino; o que cõsiste no accento, ou na pronunciação, ou em certas palavras, ou no modo de declinar, & conjugar; & assim vemos, q̃ no mesmo Reino de Portugal os da Provincia da Beira, de Entredouro, & Minho &c. não fallaõ, nem pronunciação [sic] o Portuguez do mesmo modo, que os filhos de Lisboa [...]» (*Voc.*, s.u.).

<sup>401</sup> Cf., por exemplo, «OBRADA. Na Provincia de Entre Douro, e Minho, quando morre alguem, levaõ de casa do defunto suas offertas de paõ, vinho, e cera aos Parocos, e a estas offertas chamaõ Obradas, que he corrupção do Vocabulo Latino *Oblata*, e assim lhe chamaõ *Obrada* no singular, e Obradas no plural» (*Supp.*, s.u.).

Para outros autores, como Contador de Argote, o regionalismo equivalia a um barbarismo, que ofendia a racionalidade e a equiparação do português ao latim. Nas *Regras da lingua portuguesa* (1721) sublinha-se a preocupação em evitar que os registos classificados como desviantes interfiram na educação dos jovens. No capítulo dedicado aos “dialectos locais”, as variações, ou melhor dizendo, as divergências, são designadas por «defeytos» e, quando o grau é considerável, quase são excluídas do âmbito da língua portuguesa. Por exemplo, sobre o dialecto do Alentejo, esclarece que «differe pouco do da Estremadura [...] e dizem que tem alguns defeytos da pronuncia do Algarve. [...] Ha alguns de alguns lugares de Tras os Montes, e Minho nas rayas de Portugal, que são muyto barbaros, que quasi que se não pòdem chamar Portuguez, mas só os usa a gente rustica daquelles lugares» (Argote, *Regras...*, 1725 (1721): 291-301).

CABANA, [...] Cabanas, **chamaõ em Lisboa** a huma moda de sejes, cubertas de hum couro, sem caixa.

CASTELLO. [...] Castellos **chamaõ em Lisboa** a huns paos, que na parte superior tem huma obra torneada, a modo de castellinhos, ornados com ramalhetes, que levaõ os Mesteres nas Prociissoens da Cidade.

PACIENCIAS. **Assim se chamaõ em Lisboa** por zombaria os Escudeiros das Senhoras, que as acompanhaõ a cavallo.

Raras vezes estes marcadores se apresentam sob a forma de sintagmas fixos e autonomizados por parênteses; o lexicógrafo prefere integrá-los num discurso dicionarístico mais fluente, encadeando-os com a definição:

CADEIXO. **Palavra da Beira.** Val o mesmo, que livro velho. *Vid.* Bacamarte.

ORESSA. **Na linguagem da Beira,** he Viracaõ.

CUNCA. Tigella de páo, **no Minho.** V. Tigella.

OYRAS, ou Ouras. Vertigens, ou dores, e molestias da cabeça. **He termo de Entre Douro, e Minho.**

DONA. [...] **Na provincia de Entre Duoro [sic] & Minho** significa o mesmo que Avó. [...]

BEILHÔ. Fazse de abobora menina com farinha, açúcar, &c. Dizem, que **na Provincia de Traslosmontes,** chamaõ *Beilhôs* as castanhas assadas, depois de esbrugadas.

ARTIMANHAS. **Nos confins do Minho, & Raya de Galiza,** he o nome, que commumente dão à balança.

ALMARGEAR. Terra almargeada, he terra brava, mas cultivada, que só dá algumas hervas. **He palavra usada no Alem-tejo.**

RATONEIRO **chamaõ no Alemtejo** aos Paysanos, que seguem os exercitos [...]

Será admissível contar entre as variedades diatópicas as especificidades lexicais das comunidades de falantes portugueses na Índia e no Brasil. Não nos referimos às transposições de palavras de línguas nativas — abordadas no capítulo IV.2.2 —, mas à criação de neologismos ou evoluções de sentido, por processos que excluem o empréstimo de uma língua estrangeira. Será esse o caso em palavras como:

BUTIQUEIRO. **Em Goa, e outras Cidades da India Oriental,** Butiqueiro he tendeiro, porque os Portuguezes da India chamaõ Butica à loge, ou tenda. [...]

CAGALUME. Ouço dizer, **que em Goa, e em outras Cidades da India,** os Portuguezes chamaõ a este insecto, *Bicho do fogo.*

CANGALHO [...] Cangalhos **chamaõ no Brasil** aos tristes negros, quando chegaõ de Angola doentes, & esfaimados [...]

CORRENTE [...] *Correntes* **chamaõ no Brasil** às cadeas leves, em que trazem presos pelo pescoço os Gentios, que os Portuguezes vaõ buscar ao sertão.

## 2.4. Informação diacrónica

A informação diacrónica associa uma palavra ou expressão a um determinado período da história da língua. Em geral, os marcadores dicionarísticos representam uma escala cronológica em que nos extremos se encontram as palavras arcaicas e os

neologismos<sup>402</sup>. No capítulo anterior notou-se que os neologismos — tecnolectos e empréstimos interlinguísticos — não mereciam uma marcação de tipo diacrónico, pois o lexicógrafo considerava que o consulente possuía a capacidade de avaliar o que era inovação no fundo lexical. Pelo contrário, no que respeita aos arcaísmos, encontra-se frequentemente uma indicação de que a palavra em causa seria característica de um período mais antigo, que não o da língua coeva.

Bluteau parece aplicar de forma indiferente os termos *antigo* e *antiquado* para classificar os arcaísmos, ou seja, as palavras que à época não faziam parte do uso corrente, excepto em contextos muito específicos, como documentos legais, textos literários, fórmulas consagradas na oralidade e provérbios<sup>403</sup>:

LAIDAR. **Termo antigo**, que se acha em muitas escrituras do principio do Reyno, e val o mesmo, que *Lidar*. *Faria, Europa*, 3. part.

POSTRIMEIRO. **Termo antiquado**, tomado do Latim *Postremus*, a, um. Vid. ultimo. Vid. Derradeiro. (Seja esta a minha *Postrimeira* vontade. *Alcobaça Illustrada, Testamento da Rainha Santa Isabel* [...])

COMPANHA. **Palavra antiga**, de que usa Camoens em lugar de companhia. A pastoral *Companha*. Cant. 3. out. 49. [...]

JOUVER. **Palavra antiquada**. Vid. Estar. (Eu *Jouve* aqui encerrado. Lopes, *Vida del Rey D. João I*. part. 2. cap. 153.

*Antigo* e *antiquado* surgem a classificar palavras de significado incerto, bem como termos apenas testemunhados pela epigrafia e sem qualquer trânsito no tempo de Bluteau (cf. VENSI, abaixo). Por vezes, o lexicógrafo apenas marca o lema e fornece o contexto da abonação, e a tentativa de definição decorre do próprio exemplo, o que também confirma o carácter restrito do termo<sup>404</sup>:

DAMINHO. **Palavra antiga**. *A Juliaõ, e Horpes a sua grey* Daminhos. Certo Poeta Antigo. *Faria tom. 3. da Europ. Portug.* 378.

VENSI, **palavra antiquada**. Acha-se no letreiro da sepultura do Arcebispo de Braga, D. Martinho Affonso Pires da Charneca, enterrado em Lisboa, na Igreja de S. Christovaõ, Aqui jaz D. Martinho, &c. foy com El Rey D. João em a graõ batalha Real, &c. *Vensi* com a sua gente entrou duas vezes em Castella, &c. Na Historia da vida deste Prelado, tomo 2. pag. 222. col. I. diz D. Rodrigo da Cunha, que a palavra *Vensi* parece val *outrosi*.

<sup>402</sup> Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. DIACHRONICAL INFORMATION, ARCHAISM.

<sup>403</sup> Poderia supor-se que o termo *antiquado* indicava que havia um uso restrito, mas o *Vocabulario* esclarece que antiquado é «Cousa, que jã não está em uso. Palavras antiquadas» (s.u.). Ainda assim encontram-se fórmulas como «CAROAVEL. **He palavra, quasi antiquada**. Derivase do Latim *Carus*, que val o mesmo que Amado, Querido. [...] Em certo Author Portuguez tenho lido as palavras, que se seguem. El-Rey D. Sebastiaõ não era muito *Caroável* de cheiros [...]».

<sup>404</sup> Bluteau procura interpretar os contextos, mas porque invoca um número insuficiente de fontes, por vezes as definições apresentam-se incompletas ou incorrectas, como se observa em LAIDAR (‘ferir’) e JOUVER (‘jazer’) (cf. *supra*). Cf. J. P. Machado, *Dicionário etimológico...*, 1995, s.u. LAIDAR: «v. *Ant*. Provavelmente do lat. *laedere*, ferir, contundir; danificar, arruinar [...] no séc. XVI já estava antiquado (vj. Duarte Nunes de Leão, *Origem da Língua Portuguesa*, cap. XVII) [...]».

Uma fórmula alternativa, mas que também resulta numa avaliação diacrónica, consiste em rotular como *antigo* todo um domínio lexical, do qual o lema faz parte. Neste contexto, a interpretação é feita caso a caso, pois esses domínios não compreendem apenas palavras arcaicas:

ALHUR. **Termo dos antigos Portuguezes**, do qual usavaõ frequentemente, para significar *Em outra parte* [...]

COSTANEIRA. (**Termo da antiga milicia Portugueza**) Costaneira do Exercito. Vid. Ala. [...]

Por sua vez, as marcas de neologismos são explícitas e inequívocas, mas também raras, como acima se notou. Este género de indicações ao consulente é excepcional, mas justificada, numa fase do processo de integração das palavras em que ainda não é possível invocar um uso escrito autorizado. Por vezes, o seu emprego limitava-se às «praticas dos bem fallantes»:

BENEMERENCIA. **Palavra novamente introduzida**. O que as boas acçoens de alguem merecem [...]

PRESENCIAR. Fazer huma cousa que disseraõ, presente a outra pessoa. [...] Entre nõs *Presenciar* **he palavra nova**, que alguns querem introduzir, como v.g. *Diligenciar, Precisar, e outros verbos, que pelas praticas dos bem fallantes se vem insinuando*.

## 2.5. Informação diafrecuencial

A informação diafrecuencial exprime uma avaliação sobre a frequência do emprego das unidades lexicais, tendo em conta o número de ocorrências<sup>405</sup>. Os dicionários gerais apenas consideram relevante marcar as palavras muito frequentes ou raras, de acordo com uma avaliação complexa, que pode basear-se quer na análise quantitativa de um *corpus* extenso, quer num conjunto de percepções intuitivas, decorrentes da competência linguística dos lexicógrafos.

Os comentários de Bluteau acerca da frequência devem ser interpretados com algumas reservas, pois em princípio não se aplicariam à língua portuguesa em toda a sua extensão territorial, já que o lexicógrafo apreciava sobretudo as realizações da variedade diatópica de Lisboa. No *Vocabulario*, estes marcadores podiam ser empregues quando a ortografia e fonologia das palavras apresentavam variantes consistentes e reconhecidas pelo uso (e.g. *chirurgia/cirurgia*), ou quando se registavam unidades lexicais

<sup>405</sup> Hartmann e James, 2001: s.u. FREQUENCY INFORMATION, DIAFREQUENTIAL INFORMATION.

semanticamente concorrentes (e.g. *carnaval/entrudo*). Nestes casos, a forma mais frequente não é necessariamente a preferida (cf. CHIRURGIA):

CARNAVAL. Os dias do Intrudo, porque nelles nos despedimos da carne, como se disseramos *Carne vale*. **A palavra Intrudo, he mais usada** [...]

ALBRICOQUE, ou Albecorque, ou Alboquorque. **Nenhuma destas palavras he muito usada**; sò em dous Autores Portuguezes tenho achado as duas ultimas; & a primeira a saber, *Albriquoque*, a ouvi dizer a pessoa presumida de fallar bem Portuguez. **Comumente todos lhe chamaõ Fruta nova** [...]

CHIRURGIA. Chirurgia. Assi se déve dizer, havendose respeito ao Grego; porem **Cirurgia he mais vulgar**. *Vid.* Cirurgia.

Os marcadores de frequência podem associar-se a informações de tipo sociolinguístico, na medida em que documentam o largo uso de uma palavra no âmbito de um determinado registo. Ou seja, a frequência é entendida como um valor relativo, apenas apreciado em função de um contexto comunicativo, socialmente delimitado. No caso das variedades diatécnicas, avalia-se a preponderância de um termo no interior de um domínio semântico; nas variedades diastráticas e diafásicas, reforça-se a indicação de que a palavra — ou uma acepção — é típica desse registo:

— **var. diatécnica:**

ENCONTRO [...] Hoje **em phrase militar he mais usado *Recontro***, que *Encontro*. [...]

AUCTO, Auctor, & Auctoria. Saõ **palavras muyto usadas nos Tribunaes, assi Ecclesiasticos, como Seculares**. *V.* Acto, Autor, Auctoria.

— **var. diafásica:**

CONTRA. [...] Tudo tem sua contra, *id est*, sua duvida. **Termo muito comum, e domestico**.

— **var. diastrática:**

MOXINGA [...] Termo de Angola, mas **muito commum na frase chula Portugueza**. Dar muita moxinga, he dar boa cóça [...]

PIEIDADE. [...] **No sentido popular he muito commum** por Lastima, v.g. Està de tal modo tomado do vinho, que he huma Piedade. [...]

Outra possibilidade é a análise da frequência em textos estilisticamente codificados ou tematicamente delimitados (e.g. direito, história, medicina...). O lexicógrafo não se limita a uma oposição escrita/oralidade, pois indicam-se os géneros textuais em que as palavras ocorrem, o que equivale a uma recomendação sobre a adequação discursiva<sup>406</sup>:

BLAZAM, ou Brazão. [...] não he facil assentar qual he melhor, *Brazão*, ou *Blazão*. **Commummente dizemos Brazão; mas nas Ordenaçoes do Reyno acho escrito *Blazão*** [...]

CANDELABRO. He palavra Latina, val o mesmo, que castiçal; **mas não he usada, senão em prosa muito grave, ou em versos** [...]

AUÇAM. He **palavra muyto usada na Ordenação do Reyno, & na pratica Forense**. *V.* Acção.

<sup>406</sup> Hartmann e James classificam estas categorias como informação diamedial e diatextual. A primeira associa a palavra a um canal comunicativo específico (oralidade, escrita); a segunda associa a um género ou tipo discursivo (poético, conversacional, ...). As suas atribuições por vezes confundem-se com as da informação diastrática ou diafásica (2001: s.u. DIAMEDIAL INFORMATION, DIATEXTUAL INFORMATION).

## 2.6. Informação diastrática

A informação diastrática associa uma palavra a um grupo social, integrando-a no vocabulário típico de um determinado sociolecto. Nos dicionários do período em estudo, a relação entre informação diastrática e diafásica é muito próxima, com claro predomínio das distinções baseadas no estatuto social<sup>407</sup>. Os lexicógrafos franceses, e com eles Bluteau, configuraram a análise de tipo sociolinguístico de acordo com uma classificação herdada da tradição retórica, explicitamente hierarquizadora, que estabelece estilos *baixos* e *elevados*. Este nivelamento ajusta-se com facilidade às distinções sociais, pelo que o estilo baixo designa a linguagem do povo inculto, por oposição à linguagem modelada pela escolarização, leitura e convívio erudito, que caracteriza os “bem falantes”.

Assim, salvo em aspectos pontuais que adiante se notarão, as variações da língua devidas ao contexto situacional são descritas como um reflexo e consequência das distinções sociais, embora Bluteau não esclareça qual a fronteira que delimita o vocabulário do vulgo. Presume-se que seria um fundo lexical evitado pelas classes instruídas — mas não desconhecido —, e de ocorrência confinada à oralidade<sup>408</sup>. A nomenclatura do *Vocabulario* admite as palavras atribuídas ao uso popular, mas é significativo que apenas estas recebam marcadores diastráticos específicos (*baixo, do vulgo,...*). De facto, as sondagens não revelam expressões como *elevado, culto, nobre* ou equivalentes, pelo que o léxico não marcado corresponderá a um registo padrão que, seguindo a percepção sociológica do lexicógrafo, poderíamos descrever como o vocabulário digno da corte.

<sup>407</sup> Nos dicionários modernos subsistem dificuldades semelhantes, já que é complexa a distinção absoluta entre o contexto situacional da produção linguística e o estatuto social dos interlocutores. Marcadores como *formal, popular, informal, elevado* transmitem uma classificação que pode conjugar as vertentes de avaliação diastrática e diafásica. Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. DIAPHASIC INFORMATION, DIASTRATIC INFORMATION.

<sup>408</sup> O seguinte comentário demonstra que o dicionário não recusa os termos populares, mas faz questão de os demarcar: «TRATADA. **Naõ he palavra usada de gente presada de fallar bem, nem atégora a tenho achado em Autor Portuguez. Mas como he admitida no vulgo, convém fazer menção della.** He huma disposição de vontades, e meyo para a execução de algum mau intento [...]» (*Voc. s.u.*); «SOTA-ALMIRANTE. Sota-Capitaõ, Sota-cocheiro, &c. No meu Vocabulario não segui esta orthographia, [...], **que todas estas palavras, que começam por Sota parecem mais usadas do vulgo, que de gente, prezada de fallar bem**» (*Supp., s.u.*).

Um dos marcadores empregues é o adjectivo *baixo* — resultante da transposição para português de um termo da retórica latina — que representa uma clara desvalorização do léxico popular. Porque são exclusivos do povo, os *termos baixos* são uma marca social, caracterizada pejorativamente no *Vocabulário*:

BAXO. [...] Rasteiro. Popular. Não elegante. Estilo baixo. *Stilus demissus. Plin. Humile decendi genus. Oratio humilis. Cic. Humilis & demissus sermo. Cic. Palavra, ou termos baixos, que se achão sô na boca do povo. Verba humilia, & abjecta. Cic. Sordida verba. Sen. Rhet. ou verba jacentia. Cic. [...]*

*Baixo* é um rótulo que não encontra justificação apenas no significado da palavra, que por norma não é ofensiva, nem descreve realidades moralmente condenáveis; antes constitui uma advertência no sentido de evitar o seu uso, pois o resultado será uma expressão deselegante. Daí que seja frequente a remissão para termos mais consentâneos com o estatuto do consulente típico:

ESTROVINHADO. **He palavra baixa**, & pouco usada. *Vid. Temerario. [...]*  
 ENCASQUETARSE, ou estar encasquetado de alguma opinião. **Modo de fallar baixo** [...] Encasquetouse-lhe na cabeça esta opinião [...]

Na prática, *baixo* parece ser um marcador sinónimo de *termo do povo / termo popular*, já que se aplica ao mesmo tipo de vocabulário, reforçando o princípio de que o estigma se encontra no uso:

BITÔLA. **Termo do Povo**. Governase pela sua Bitôla, *id est*, pelo seu parecer.  
 EMBIRRADO. (**Termo plebeo**) Irado, com obstinação. [...]  
 ESPETADO [...] Andar espetado. (**Termo popular**.) Andar muito direito. *Vid. Direito.*

*Vulgar e termo vulgar* são marcadores predominantemente diastráticos, embora se admita o emprego muito pontual ou como marca de frequência, ou para sublinhar a oposição entre o vernáculo e o latim<sup>409</sup>. São *vulgares* os desvios semânticos em relação à acepção etimológica (cf. ENGEITAR, abaixo), bem como toda uma série de palavras para as quais não se encontra uma origem latina, e que o lexicógrafo associa à linguagem popular:

ENGEITAR. [...] Engeitar he não admittir o offerecido. [...] **Engeitar, em phrase vulgar val o mesmo, que enfeitar, enganar**, & fazer adulterio a alguem.  
 ESCARAFUNCHAR. (**Termo vulgar**) Bulir com qualquer cousa em huma chaga, v.g. no nariz [...]  
 CHANCA. (**Termo vulgar**.) Pé grãde. Homem, que tem grande chanca [...]

<sup>409</sup> Duas dessas acepções estão registadas no *Vocabulário*: «VULGAR. Couse do vulgo. [...] Vulgar. Diz-se dos nomes, & da lingoagem, que não he Latina, & que o vulgo falla. *Vid. Romance.*» (*Voc.*, s.u.). Assim, *vulgar* também pode assinalar uma palavra ou expressão vernácula, cujo uso não é restrito ao povo. Veja-se o seguinte exemplo, que apresenta uma abonação literária: «MULHE MULHE. Expressão vulgar, quando chovisca. *Aturando o Mulhe mulhe Das chovinhas deste tempo. Oraç. Academ. de Fr. Simão, pag. 178.*» (*Supp.*, s.u.).

No caso de *vulgarmente*, o lexicógrafo explorou as várias acepções da palavra em português, pelo que o marcador pode representar três tipos de informação, que têm em comum o facto de a palavra ser usada pelo povo<sup>410</sup>:

— **diatrática:**

CANIFRAZ. (Termo chulo.) Diz-se **vulgarmente** de quem não tem mais, que ossos.

— **diaintegrativa:**

DIACROCO, ou *Diacurcuma*. Composição de pós *Hystericos*, corroborantes, sudoríficos, cuja base he o *Crocus*, **vulgarmente** Açafrão. [...]

— **diafrequencial:**

CHOCHO. [...] Metaforicamente. De quem começa a sentir o pezo dos annos, ou tem as forças quebrantadas de alguma grave doença, costumamos dizer **vulgarmente**, fullano anda chocho [...]

Pelo contrário, a referência ao *vulgo* é de interpretação inequívoca e talvez por isso seja o marcador mais frequente. Embora varie na formulação, a expressão descreve um uso socialmente confinado:

CAPITOA. (**Termo do vulgo.**) A authora de alguma cousa [...]

CACHORREIRA, ou volta cachorreira. Volta de Rusticos, que trazem o pescoço, ou o cabello levantado. **He palavra do vulgo.**

PATACHOCA. **Nome, que dá o vulgo** aos moços das Freguezias, que servem na Sacristia.

BRUNIDO, Brunido, **ou segundo o vulgo**, *Bornido*. Polido com Brunidor [...]

IRRA. **Expressão do vulgo**, com que manifesta a aversão, que tem a alguma cousa [...]

Um caso particular de marcação diatrática é o adjectivo *chulo* e derivados, que Bluteau associa directamente à linguagem popular<sup>411</sup>. Todavia, estas expressões contêm simultaneamente uma apreciação de tipo emotivo, que reflecte um conjunto de princípios sociais, que tornam aceitável ou inaceitável o uso de uma palavra.

*Chulo* representa um condicionamento do uso ainda mais explícito, em que além da deselegância, o falante se arrisca a ser inconveniente ou ofensivo. Atentando na definição dicionarística de *chulo* e *chularia*, as palavras «ridicularia», «zombaria» e «velhacaria» remetem para um limite a partir do qual os termos podem ser facilmente interpretados como injuriosos. Ou seja, estes marcadores assinalariam as palavras que, atendendo às características da nomenclatura do *Vocabulario*, se encontravam no limite do decoro<sup>412</sup>. Entre os abundantes exemplos, citam-se algumas palavras que referem anormalidades físicas e defeitos morais:

<sup>410</sup> O respectivo artigo apresenta três acepções: «Vulgarmente. Commummente. Vulgò. Vulgarmente. Com vulgaridade. Cõ modo popular, & commum. Vulgariter. Vulgarmente. Com palavras commummente usadas. Vulgatis uti verbis.» (*Voc.*, s.u.).

<sup>411</sup> «CHULARIA. Facecia vulgar. Chança, ridicularia, zombaria popular. Vid. Nos seus lugares, no Vocabulario.»; «CHULO. Aquelle, que diz graças, mas com frase baixa, ou com alguma velhacaria. *Impolitè, vel lascivè facetus, a, um.* Termo chulo. *Verbum Proco.*» (*Supp.*, s.u.).

<sup>412</sup> Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. TABOO WORDS, VULGARISM.

ESCANIFRADO. **He chulo**. Vid. Magrinho. Delgado.

GOLELHAR. Chocalhar. Fallar muito. Ser chocalheiro, **verbo chulo**. **Tambem chulamente chamaõ** Golelha, ou Golhelho ao palreiro, ou chocalheiro, que não guarda segredo a ninguém.

CHOCHIM. Homem ridículo. **Costumamos dizer chulamente** de hum, que he ridículo, e anda trapalheiro, que he Chochim de las cabaças.

ALMANJARRA. [...] **por chularia** chamaõ Almanjarra a hum homem muito corpulento.

JANGAZ. **Chularia**. Homem muito comprido.

JAÕMIJÃO, ou jamijaõ. **Termo chulo**. Homem desairoso, mal atacado, mal amanhado [...]

A grande maioria dos *termos chulos* destaca-se pelas particularidades morfológicas (fenómenos de derivação e composição) ou fonológicas, que os tornam singulares<sup>413</sup>. Estes termos não são injuriosos ou chocantes ao ponto serem rotulados como obscenidades, nem se enquadram no que se poderia classificar como termos tabu, que de resto foram quase expurgados do *Vocabulário*. Os *termos chulos* são palavras e expressões conotadas com um registo socialmente marcado, impróprio de um homem da corte. Bluteau admite a inclusão de «vocabulos expressivos de cousas, feas, idiondas, asquerosas, monstruosas, offensivas do Tacto, ou do Olfato, da vista, ou do gosto», tanto mais que «na Rhetorica deve o Orador em certas ocasiões conformarse com o estylo da natureza, porque os termos proprios, e naturaes tem mais energia, e nos animos dos ouvintes fazem mais impressaõ, do que os metaforicos»<sup>414</sup>. Todavia, na prática o lexicógrafo refugia-se num discurso eufemístico, quer no que respeita às unidades seleccionadas para a nomenclatura, quer na explicação do significado<sup>415</sup>.

## 2.7. Informação diafásica

A informação diafásica associa uma palavra ou expressão a um determinado registo de língua, ou seja, a uma variedade decorrente de um contexto situacional<sup>416</sup>. Trata-se de uma dimensão de análise pouco explorada por Bluteau, para quem a escolha do léxico é sobretudo condicionada pelo estatuto social do falante. Assim, não se identifica um

<sup>413</sup> Mais alguns exemplos: BOQUISECO, CANCABURRADA, CANDONGA, CARISMOCHO, CARRASPANA, CHINCHARAVELHA, CHOCHORROBIO, CHOCORRETA, CHOLDABOLDA, DIXIMES, ESPIRRACANIVETES, JAMPANAÕ, MEXERUFADA, MIJOTE, TATIBI.

<sup>414</sup> *Supp.* II, «Apologia do Autor»: 586.

<sup>415</sup> Cf., por exemplo, «CU. Inurbano, e descomposto synonymo de assento trazeiro, e pouzadeiro» [...]; «CU de Judas. (Annexim chulo.) Má rua. Canto. Beco sujo. Mora no cu de Judas, id est, mora em má rua, em hum beco sujo.»; «CUADA. Pancada, que se dá com tal parte no chaõ [...]» (*Supp.*, s.u.); CESSO. A parte do corpo, por onde sahem os excrementos [...]» (*Voc.*, s.u.). Cf. Silvestre, 2003.

conjunto estruturado de marcadores que configurem uma escala de graus de formalidade, já que o lexicógrafo integra essa avaliação na distinção *chulo/vulgar/não vulgar*, ainda que de modo implícito.

A exceção a este sistema encontra-se apenas num número reduzido de marcadores, que em rigor correspondem a variedades diafásicas, ainda que a frequência do seu emprego seja pouco significativa. Os contextos situacionais contemplados no *Vocabulário* pressupõem que os interlocutores gozam de um estatuto social semelhante, com intimidade suficiente para dispensar um elevado grau de formalidade.

O marcador mais frequente é a palavra *familiar* — adaptada do latim *sermo familiaris*<sup>417</sup> — que se refere ao tipo de léxico que poderia ser mobilizado numa conversa *inter pares*. Não será muito diferente o valor da expressão *doméstico*, que ocorre em contextos equivalentes:

CALACERÍA, ou Calaçaria. [...] he descanço vicioso, inimigo de trabalho, e applicaçãõ. **He usado no discurso familiar.**

BONACHO, Bonâcho, Bonachão, Bonacheiraõ. Muito bom, muito brando. **São palavras usadas na conversação familiar [...]**

AVOAR. He pouco usado. **No discurso familiar dizemos Avoou,** por *Fugio, Desapareceo* [...]

BEM MAL. Termo negativo, principalmente havendo alguma pergunta, v.g. Vós, oh amigo, faltarmeheis ao que vos pedir? responde o outro, eu? Bem mal. *Id est*, Naõ; **termo muito commum, e domestico.**

CONTRA. [...] Tudo tem sua contra, *id est*, sua duvida. **Termo muito comum, e domestico.**

Encontram-se anotações que, sem deixar de apontar para uma situação de informalidade, remetem para o domínio da pragmática discursiva, na medida em que classificam as intenções comunicativas do emissor (sátira, ironia, humor, invectiva, ...):

BEM. [...] Bem. Ironia de quem reprova o que ouve dizer, v.g. Dizeis que me haveis de mandar citar? Bem. Também **he termo de zombaria, de galanteria, e de outras cousas semelhantes.** [...]

GARAJAÕ, ou Garanjaõ. **Por zombaria se diz** de quem he muito alto do corpo [...]

A ausência de abonações literárias indicia que estas palavras e expressões são típicas da língua falada, pelo que poderão adicionalmente ser classificadas como coloquialismos, dado o seu carácter informal<sup>418</sup>.

<sup>416</sup> Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. DIAPHASIC INFORMATION, REGISTER.

<sup>417</sup> «DISCURSO. [...] Discurso familiar, como quando se conversa. *Sermo familiaris*, ou *quotidianus. Cic.*» (*Voc.*, s.u.).

<sup>418</sup> Esta noção compreende avaliações de tipo diafásico (formal, informal), diamedial (oral, escrito) e diastrático, o que explica as dificuldades dos lexicógrafos modernos em classificar os coloquialismos. Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. COLLOQUIALISM.

### 3. A técnica de definição

A evolução da técnica de definição é um aspecto fundamental do conjunto de modificações registadas nos dicionários bilingues e monolíngues, nos séculos XVI e XVII<sup>419</sup>. Os dicionários bilingues, sobretudo a partir do *Dictionnaire françoislatin* (1539) de R. Estienne, iniciam uma gradual separação em relação às referências etimológicas latinas, que até então eram preponderantes enquanto base da explicação semântica<sup>420</sup>. De acordo com a concepção medieval, a adequação entre o significante e a realidade permitia explicar os sentidos através das etimologias, baseadas em derivações, decomposições fonológicas e transposições por antonomásia<sup>421</sup>. Mesmo quando a língua de entrada era um vernáculo, os lexicógrafos orientavam a definição para o sentido do termo latino, e o tipo de análise semântica que neles se encontra, para além da etimologia, baseava-se na tradução, na paráfrase e na acumulação sinonímica.

Nos dicionários bilingues mais tardios — entre eles os de Bento Pereira — aumenta o interesse pela descrição e explicação do vernáculo. Essa tendência não se verifica tão claramente no *Thesouro*, que pretendia apenas ser um instrumento facilitador do acesso ao latim. Neste dicionário, os esforços de particularização semântica tinham geralmente em vista a propriedade significativa do termo latino<sup>422</sup>. As glosas da *Prosodia* eram mais complexas e informativas, ainda que, aparentemente, se limitassem a uma sucessão de

<sup>419</sup> Sobre as características tipológicas dos dicionários latinos que serviram de base ao *Vocabulario*, com exemplos de diferentes soluções no que respeita à informação latina na estrutura da glosa, cf. cap. V.5 e IV.3.4.

<sup>420</sup> Outros marcos desta evolução são o *Thresor* (1606) de Nicot e *Origines de la langue françoise* (1650) de Ménage. Cf. Buridant, 1990: 54-55. Como refere B. Quemada (1998: 43), «l'objectif de la lexicographie la plus avancée au XVIIe siècle était, rappelons-le, l'enseignement du latin. Les répertoires français-latin font alors la part belle aux mots français difficiles à traduire, au détriment des emplois ordinaires. Mais Robert Estienne, avec le *Dictionarium Latinogallicum* de 1538 et ses multiples versions, a donné un nouvel élan à l'inventaire du lexique français. Avant lui, aucun répertoire n'avait puisé dans la langue moderne autant de mots et de syntagmes au titre de synonymes ou d'équivalents traductifs. Lorsque le dictionnaire sera inversé en *Dictionnaire françois latin* (1539-1540), la présentation alphabétique, même approximative, mettra en évidence des lacunes que les éditions postérieures chercheront à combler».

<sup>421</sup> Cf. *ibidem*: 44-45, 54-55.

<sup>422</sup> Assim se explica grande parte dos desdobramentos de entradas portuguesas no *Thesouro*. Alguns exemplos (s.u.):

- *Forquilha*. Furca, ae. Furcilla, ae.
- *Forquilha de armar redes*. Ames, tis.
- *Forquilha de alimpar trigo*. Merga, ae.

equivalentes sinonímicos. Todavia, a acumulação lexical traduzia acepções diferentes, apesar de a técnica de redacção dos artigos nem sempre sublinhar uma clara delimitação dos sentidos. O valor informativo destes enunciados advém do facto de a análise semântica, orientada pelo termo latino, ser frequentemente aplicável ao equivalente português<sup>423</sup>.

Outro aspecto é a ocorrência de segmentos explicativos, cuja função consiste em decodificar outras palavras vernáculas presentes na mesma glosa. Este procedimento não era sistemático e resolvia dificuldades pontuais de interpretação, tais como a explicação de termos técnicos portugueses (cf. exemplo 1), a clarificação de termos eruditos introduzidos no vernáculo (2), ou a especificação de uma acepção particular entre outras consignadas em português (3):

- 1) Molile, is, n.g. A **almanjarra, instrumento pera moer**; item caldeiram muito grande.
- 2) Iactantia, ae, f.g. A **jactancia**, soberba, vaãgloria, o gabarse, &c. Cic.
- 3) Lithoromon, i, n.g. **Agulha, instrumento de çurgia, pera tirar a pedra da bexiga**<sup>424</sup>.

Tais definições, dispersas, sucintas e incompletas, estavam longe de constituir uma fonte suficiente para as ambições do *Vocabulario*. Bluteau encontra os seus modelos na lexicografia francesa, em que se consolidava uma técnica de elaboração de dicionários monolingues, com o conseqüente abandono do latim, ou outra língua segunda, como estratégia de construção da definição. Acresce que os dicionários de língua de tipo enciclopédico preconizavam definições muito mais informativas, que transmitissem um conhecimento rigoroso, sintético e tão completo quanto possível acerca dos referentes extralinguísticos<sup>425</sup>. Neste âmbito, o *Vocabulario* demonstra ser uma obra de transição, combinando as definições lógicas, descritivas e enciclopédicas dos novos dicionários monolingues, com procedimentos tradicionais como a tradução e a sinonímia.

Em domínios tão diversos como a filosofia, a gramática ou a dicionarística, a definição era entendida como uma questão do âmbito da lógica. Bluteau, na sequência de Furetière, invoca um conjunto de argumentos e princípios teóricos, num esforço de perspectivar de modo específico a definição lexicográfica. Todavia, a prática terá sido

<sup>423</sup> E.g.: «Linea, ae, f.g. A linha, o cordel, o fio, a raia, debuxo, parentesco, regra de livro, &c. [...]» (*Prosodia*, 1697: s.u.).

<sup>424</sup> *Ibidem*: s.u.

<sup>425</sup> Na segunda metade do século XVII, como explica B. Quemada, os lexicógrafos franceses criaram definições quase originais para grande parte do vocabulário e separaram as respectivas acepções, visto que a simples tradução do fundo presente nos dicionários latinos já não era suficiente (Quemada, 1968: 391).

mais determinada pelo empirismo das relações semânticas de expansão e de acumulação, do que pelas teorias da lógica.

Na lexicografia prevaleceu o modelo de definição fundado em Aristóteles, segundo princípios transmitidos pela tradição escolástica e codificados nos tratados de retórica. A sua influência nos dicionários latinos medievais foi estruturante, de modo que os primeiros monolíngues dos finais do século XVII ainda o reconhecem como um sistema teórico funcional, preferindo ignorar os progressos do cartesianismo ou de Port-Royal<sup>426</sup>. No *Vocabulario*, Bluteau invoca Aristóteles no artigo DEFINIÇAM e, mais tarde, no «Prologo segundo» do *Supplemento*, evidenciando a subordinação do conceito aos princípios do aristotelismo:

DEFINIÇAM. He huma Oraçaõ, que declara o que he huma cousa, & qual he; & he de duas maneiras, a saber **Definiçaõ essencial**, que he usada dos Philosophos, & consta de genero, & differença, & declara a natureza pela qual huma cousa he immutavelmente o que he; outra he **Definiçaõ accidental**, que he propria do Orador, & declara a cousa por circunstancias, & propriedades adjacentes. [...] <sup>427</sup>

Segundo os Peripateticos, dos modos de saber, demonstrativos do que se ignora, o primeiro he a definiçaõ; e esta he huma oraçaõ, que explica a natureza da cousa, qualidade, que ajuda muito a adquirir sciencias, porque conhecida pela definiçaõ a natureza, ou essencia de huma cousa, se vem em conhecimento das propriedades, e virtudes, que della emanaõ; [...] A isto se acrescenta, que sempre a definiçaõ he fundamento, e principio da conclusaõ scientifica, para a qual (segundo as leys da Dialectica) he preciso conhecer a qualidade da cousa, que he o que a definiçaõ declara. <sup>428</sup>

A teoria aristotélica considerava a distinção entre definição nominal e definição real (ou «essencial», no artigo do *Vocabulario*). O primeiro tipo, omitido no excerto citado, define as palavras desconhecidas por meio de outras conhecidas, com recurso à sinonímia e à explicação etimológica; o segundo enuncia as qualidades e atributos intrínsecos que distinguem a natureza do *definiendum*<sup>429</sup>. A definição accidental corresponde a um tipo de definição imperfeito, que assenta em descrições de propriedades que permitem a distinção, mas que não decorrem necessariamente da essência do objecto descrito.

<sup>426</sup> Quemada, 1968: 391-393. Sobre a definição do nome e do verbo na *Logique* (1662) e na *Grammaire* (1660) de Port-Royal, cf. Delesalle, 1990.

<sup>427</sup> *Voc.*, s.u. Furetière também representa a definição como um conceito filosófico: «DEFINITION, signifie en Philosophie, une explication de la nature d'une chose. La bonne *definition* Logicale consiste en genre & en difference» (Furetière, *Dict. Univ.*, 1690: s.u.).

<sup>428</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor douto».

<sup>429</sup> Cf. Quemada, 1968: 393-394. Sobre as posteriores interpretações de Boécio e da escolástica em geral, cf. Freitas, 1989: s.u. DEFINIÇÃO. Os textos de Platão, Aristóteles, Isidoro de Sevilha, Pascal e Locke que esclarecem a evolução do conceito de definição encontram-se compilados em Sager, 2000, com uma introdução de Alain Rey (pp. 1-14).

A formulação apresentada por Bluteau é uma revisão escolástica, em que é patente a recusa do nominalismo medieval, que o lexicógrafo associa à tradição lexicográfica que o precedeu. Os dicionários bilingues anteriores, «sem definir, nem descrever o em que falaõ, só trazem nomes, saõ meramente Nominaes; nomeaõ, e paraõ; apontaõ o vocabulo, o mais fica em silencio; tudo he huma mera nomenclatura alfabetica»<sup>430</sup>.

O dicionário monolíngue em vernáculo exige um discurso específico, esclarecedor, em que a definição apenas é útil na medida em que seja informativa e desbloqueie o acesso ao significado. As estratégias da lógica permitem elaborar definições de um modo sistemático em domínios lexicais bem delimitados, mas o lexicógrafo não se vincula a um corpo teórico que, se fosse escrupulosamente seguido, conduziria a um hermetismo escolástico:

[...] as definiçoens, que trago, não são todas logicas, & muitas vezes mais são descripçoens, que definiçoens, porque de ordinario seria mais difficultosa de entender a definição, que o definido; e assim se eu definira Logica, & Dialecticamente plantas, animaes, instrumentos, & artefactos, mais facilmente os havias de conhecer pello nome, que pella definiçam, & como não es versado na phrase Escolastica, outro Vocabulario te seria necessario, para entenderes o meu.<sup>431</sup>

Os primeiros dicionários universais não pretendiam apenas que a definição resumisse o real em taxionomias lógicas. Como se depreende do prólogo de Pierre Bayle — que neste tema é mais explícito que Bluteau — importa dotar o vernáculo de um aparato discursivo, que até então somente o latim possuía, e que garantisse a comunicação e a inteligência dos conceitos, privilegiando a descrição e a enumeração das características<sup>432</sup>. A apetência por informação completa propicia a multiplicação de definições de tipo enciclopédico, cuja estrutura varia de dicionário para dicionário,

<sup>430</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor douto». Uma crítica semelhante à que é expressa por Bayle, no prefácio do *Dictionnaire Universel* (1690): «On ne dit rien d'un grand defaut qui regne pour l'ordinaire dans les Lexicons des langues savantes, & sur tout dans les Dictionnaires polyglottes: c'est qu'on y voit bien les rapports d'un mot à un autre mot, mais non pas aussi souvent qu'il le faudroit la definition des choses signifiées par les mots. C'est neanmoins ce qu'il y a de plus necessaire à savoir».

<sup>431</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor indouto».

<sup>432</sup> «On ne sera plus réduit, comme le sont tant de gens, dans les matieres même les plus communes, à recourir au mot vague de chose, de piece, & à faire des postures de mains & de pieds, (manieres qui passent avec raison pour rustiques) afin d'exprimer la figure, la situation, & l'étenduë de ce dont on parle. Cet Auteur apprend à tout le monde, non seulement la nature des choses par leur matiere, leurs usages, leurs especes, leurs figures, & leurs autres proprietes, mais aussi les termes propres dont il se faut servir pour les décrire» (Furetière, *Dict. Univ.*, 1690: «Preface»). O dicionário da Académie privilegiará a definição das palavras comuns da língua, considerando que a sua explicação é mais complexa e necessária que a dos termos das artes e ciências, que em geral são objecto de uma definição descritiva. Cf. Mazière, 1998: 187.

consoante o número e o tipo de factos extralinguísticos que o lexicógrafo considera relevante adicionar.

Definição nominal, definição lógica por género/diferença e definição de tipo enciclopédico são os três níveis de explicação do sentido mais comuns nos dicionários deste período. Não obstante a crítica às definições nominais, Bluteau também recorrerá a elas para a complexa tarefa de criar definições inéditas para o léxico português, conjugando as técnicas dos dicionários bilingues e monolingues. Apenas o sistema lógico assentava numa codificação consolidada, pelo que sobrava uma enorme margem para a experimentação; a fidelidade a uma sustentação teórica é uma intenção que, na prática, não está em condições de realizar e que pressuporia, no mínimo, uma colaboração colegial como a que se havia instituído na Academia Francesa.

Na distinção fundamental entre definição essencial e definição nominal radica o desenvolvimento de toda uma série de estratégias de explicação do sentido, que B. Quemada reuniu em dois grupos aglutinadores: os processos de definição directos e os processos indirectos<sup>433</sup>.

### 3.1. Processos directos

Neste grupo agregam-se as definições lógicas que procuram exprimir a essência da coisa designada, por meio de um definidor genérico — que desempenha a função de indicação classificatória geral — e de definidores específicos, que particularizam as marcas características do *definiendum*. Há ainda a considerar a função dos termos de ligação que estabelecem a relação lógica entre as duas partes da definição<sup>434</sup>. Este tipo de processos era de uso generalizado em dicionários monolingues latinos como o *Calepino*, mas a sua aplicação a uma língua materna, sobretudo ao vocabulário corrente, despertaria a sensação de se tratar de uma definição pleonástica e desnecessária, como Bluteau mais de uma vez testemunha:

---

<sup>433</sup> O estudo de Quemada (1968: 417 e ss.), que procura abranger os dicionários do século XVII e XVIII, parece-nos ser o modelo explicativo mais coerente. Recentemente, A. Collinot e Mazière (1997: 177-194) debruçaram-se sobre os tipos e estratégias de definição, com uma perspectiva orientada pela análise do discurso e centrada em Furetière.

<sup>434</sup> Quemada, 1968: 417-418.

Estranha o Leitor Impertinente, e condemna de ridícula a definição, que dou de algumas plantas, v. g. maceira, arvore, que dá maçãs, pereira, arvore, que dá peras. **Em todas as escolas da Logica se ensina, que toda a definição, que consta de genero, e diferença he boa; nestas definiçoens arvore, he o genero, maçãs, e peras, são as diferenças.** Que queria o Impertinente? Queria, que eu dissesse: Maceira, arvore que dá medronhos? Pereira, arvore, que dá castanhas? Dirá o Impertinente, melhor fora não dizer nada. Bem está; mas ao Impertinente se acaso lhe perguntarem, que cousa he maceira, ou pereira, que dirá elle?<sup>435</sup>

O esforço de explicação sistemática do léxico frequente corresponde à ultrapassagem dos modelos baseados na contextualização temática, como a *Amalthea* (1673) e o *Indiculo Universal* (1716), ou na simples tradução para uma língua segunda, como o *Thesouro*. Estas obras, no que respeita à compreensão do português, eram pouco mais que catálogos, em que uma breve definição só se justificava quando o significado se supunha desconhecido.

### 3.1.1. Definidores genéricos

Os definidores genéricos representam uma tipologia extralinguística, que divide o real em classes e subclasses, pelo que eram sobretudo empregues na definição de substantivos concretos, beneficiando das taxionomias pré-existentes. Em pares como BURRO, «Animal quadrupede domestico» ou AVELEIRA, «Arvore, que dá Avelaãs», o lema é claramente um hipónimo do definidor genérico, permitindo a elaboração de definições intensionais, em que se especificam os atributos de um conceito pela invocação das características de um hiperónimo, comumente reconhecidas<sup>436</sup>. Mas a classificação e interpretação do elemento genérico é mais complexa, pois o seu grau de autonomia é variável, como se verifica na seguinte série de exemplos:

CUNHA. **Pedaço de ferro**, ou de páo, quadrado, que acaba em angulo [...]  
 ENGONÇO. He **hum ferro**, que pela cabeça parece anel, com duas pernas [...]  
 CAXA. **Especie de arca**, cuja coberta esta de por si, sem fechadura, & sem engonços [...]  
 ARRELHADA. **Instrumento** de alimpar o arado [...]  
 CAVA. **Lugar**, alguma cousa fundo, em que se ajuntaõ as agoas, que correm [...]  
 CEREJEIRA. **Arvore** que dá Cerejas [...]  
 CEREJA. **Fruto** da Cerejeira. Hà de muitas especies. Todas tem hum caroço [...]

Ou seja, nem todas as designações genéricas proporcionam definições minimamente auto-suficientes, quando interpretadas em conjunto com a palavra-lemma. Enunciados como

<sup>435</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor impertinente». Cf. também *Supp.*, I: «Ao leitor douto».

<sup>436</sup> Hartmann e James, 2001: s.u. INTENSIONAL DEFINITION.

“engonço é um ferro”, “arrelhada é um instrumento” não servem para definir e exigem informações adicionais, por oposição a “cerejeira é uma árvore” ou “cereja é fruto”, em que o definidor apresenta uma elevada autonomia. A. Collinot integra estas diferenças numa escala em que num extremo se encontram formas sintagmáticas (“hum ferro”) e no outro formas paradigmáticas (“arvore, “fruto”), admitindo formas intermédias como “instrumento”. A autonomia no extremo paradigmático resulta da função integradora de hiperónimos fortes<sup>437</sup>, que são precisamente os de emprego mais frequente e estável.

No *Vocabulario*, este tipo de hiperónimos já regista um uso repetido, introduzindo no discurso lexicográfico uma codificação taxionómica e uma estruturação enciclopédica do real. A fixação de um conjunto de classes e subclasses resulta de uma abstracção das qualidades dos seres e objectos, que formam um sistema e se relacionam com alguma coerência. A delimitação dos géneros, das suas espécies e das relações de hierarquia é uma condição prévia para a posterior regularização dos definidores, o que pode ser observado em grupos como [animal ⇒ ave, insecto, peixe, réptil] ou [planta ⇒ árvore, fruto, arbusto, erva]:

ANIMAL. Corpo animado, que se move, & sente [...]

AVE. Animal volátil. [...]

PEIXE. Animal que nasce, & vive na agua [...]

INSECTO. Animalsinho [...]

REPTIL [...] animal, ou insecto, que anda de rojo [...]

PLANTA. Debayxo deste nome generico se entende qualquer arvore, arbusto, flor, herva, & corpo vegetante [...]

ARVORE. Corpo vegetante, mayor que Erva, & Arbusto, que lança ramos, & folhas [...]

FRUTO. O que a arvore produz cada anno despois da folha [...]

ARBUSTO [...] Corpo vegetativo, que não chega à grandeza de arvore [...]

ERVA. Planta, menor que arbusto [...]

A partir do momento em que nas definições dicionarísticas as espécies se encontram suficientemente autonomizadas e distintas entre si, podem converter-se em designações genéricas. Este conjunto restrito de nomes, atrás citado, acompanhado por um número também limitado de definidores específicos, dá origem ao mais estável sistema de segmentos definidores, com que Bluteau introduz as explicações sobre o mundo natural:

<sup>437</sup> A expressão hiperónimos fortes é de Collinot e Mazière, 1997: 180-182. Quemada, anos antes, havia proposto a distinção entre definidores próximos e definidores afastados, de acordo com a

**— animal:**

ENGALA. Animal.  
 CROCODILO. Animal amphibio  
 JANACA. Animal de Africa  
 CABRA. Animal domestico  
 BOY. Animal, quadrupede  
 CAÔ. Animal quadrupede domestico  
 COBRA. Animal reptil, & aquatico

**— peixe:**

ABADEJO. Peixe  
 DOURADA. Peixe conhecido  
 BODIAM. Peixe da costa  
 PERCA. Peixe de agua doce  
 ESCALHO. Peixe de escama  
 CANEIA. Peixe de mar  
 ALBACOR. Peixe do alto mar  
 BICUDA. Peixe do Brasil  
 BARBO. Peixe do rio

**— ave:**

CORCULHER. Ave  
 ALCARAVAM. Ave agreste  
 ASSOVIADREIRA. Ave aquatica  
 COTOVIA. Ave conhecida  
 BUITRE. Ave de rapina  
 ADEM. Ave domestica  
 CORUJA. Ave nocturna  
 COLHAREIRO. Ave silvestre

**— insecto:**

BESTEIRO. Insecto  
 CARACOL. Insecto reptil  
 ESCORPIAM. Insecto venenoso  
 CABRA D'AGUA. Insecto aquatico  
 BESOURO. Insecto volante

Adiante se referirão os tipos e funções dos definidores específicos, mas estes segmentos merecem particular destaque, porque funcionam como etiquetas enciclopédicas recorrentes, quer à cabeça da definição, quer integrados em discursos retoricamente mais elaborados. Além disso, incluem termos como *anfíbio* e *quadrúpede*, que no decorrer do século XVIII se consolidarão como definidores científicos, à medida que progridem os métodos de classificação<sup>438</sup>.

Termos como *instrumento* e *engenho* encontram-se numa posição limiar no que respeita à autonomia enquanto definidores. As respectivas definições lexicográficas sustentam a sua interpretação como hiperónimos — «INSTRUMENTO. Engenho, com q o artifice faz alguma obra», «ENGENHO. Machina mecanica com engenhoso artificio» — designando objectos e mecanismos para uso humano. O lexicógrafo reconhece que são termos genéricos demasiado abstractos, pelo que os acompanha com delimitadores específicos. Ao contrário de “o abadejo é um peixe”, um enunciado como “a espátula é um instrumento” exige um complemento informativo, que indica a matéria constituinte (cf. exemplo 1), um domínio do conhecimento (2), ou uma actividade profissional (3):

- 1) ESPATULA. Instrumento de Pao  
 ESCOPRO. Instrumento de ferro
- 2) COMPASSO. Instrumento Geometrico  
 COSMOLÂBIO. Instrumento Mathematico

---

avaliação da especificidade e da generalização do definidor em relação ao *definiendum* (1968: 423-424)

<sup>438</sup> Quemada, 1968: 428-430.

- 3) BOTAFOGO. Instrumento de Artilheiro  
 ESPECULO. Instrumento de Cirurgiaõ

Além do uso repetido, estas estruturas recebem frequentemente um destaque tipográfico ao serem isoladas por parênteses, encabeçando a definição, o que indica que o lexicógrafo as considerava como etiquetas de classificação tipológica.

O número de objectos que podem ser integrados na categoria de *engenho* é menor, pelo que Bluteau não constrói um conjunto de subclasses. O termo genérico é acompanhado por estruturas mais alargadas, segundo a fórmula [*engenho* + FUNÇÃO], ou [*engenho* + DESCRIÇÃO], de que não resultam sintagmas fixos de uso repetido:

- BUGIO [...] **Engenho, da feição de** huma forquilha, em que de hum barco se attrahe [...]  
 CEGONHA [...] **Engenho de** tirar agoa dos pòços, de que se usa em algumas aldeas [...]  
 ASSOPRADOR. **Engenho, com que** se assopra o lume [...]

*Instrumento e engenho* ainda funcionam como designações de categorias muito abrangentes, e distinguem-se dos casos em que o lexicógrafo usa como definidor genérico palavras que representam subclasses de nível inferior.

As definições introduzidas por *espécie de...* traduzem uma particularização da realidade ainda mais acentuada, constituindo hiperónimos de abrangência limitada, quando comparados com outros exemplos atrás assinalados (e.g. fruta ⇒ maçã; maçã ⇒ ‘espécies de maçãs’)<sup>439</sup>.

- CAMOEZA. **Especie de maçã**, cheirosa, & suave ao gosto [...]  
 ARROZ. **Especie de grão**, que sô despois de mondado, he branco [...]  
 ESTUFA. **Especie de forno** de metal, ou de barro [...]  
 DENARIO. **Especie de moeda** antiga dos Romanos [...]  
 CAMELO. **Especie de doce**. Faz-se de açucar em ponto [...]  
 BORNÍ. **Especie de falcão**, que tomou este nome da Provincia de Borni [...]

Nestes casos, *espécie* assinala uma subcategorização, já que é possível admitir enunciados como “camoesa é uma maçã”, “arroz é um grão”, ou “estufa é um forno”. Mas, tal como Bluteau adverte no *Vocabulario*, *espécie* pode estabelecer uma relação meramente analógica entre o *definiendum* e o definidor, pretendendo o lexicógrafo

<sup>439</sup> Os princípios lógicos contemplavam uma hierarquização das espécies, autorizando um largo espectro de categorias: «*Especie infima*, he a que debaixo de si não tem outra, mas só tem individuos. v.g. *Homem, cavallo &c.* são especies infimas. *Especie media*, ou *subalterna*, he a que debaixo de si tem outras especies, & assi respectivamente aos seus inferiores he genero; v.g. *Animal* tem sobre si *Vivente*, & debaixo de si tem *Homem, cavallo, &c.*» (Voc., s.u. ESPECIE).

sublinhar apenas a existência de características comuns<sup>440</sup>. Nos exemplos seguintes, o definidor genérico é tão específico, que dificilmente se pode considerar uma subclasse:

- AVEA. Especie de trigo, ou cevada, com cana nodosa [...]  
 BOLOR. Especie de barbinhas brancas, ou fios verdes, que se crião na superficie das materias [...]  
 ESCARA. Especie de codea, ou costra, que se cria na superficie de huma chaga [...]  
 ALGIBEIRA. Especie de saquinho de panno, ou pelle cozida com calção [...]  
 ALÇAPAM. He huma especie de porta, ou postigo lançado sobre hum vaõ [...]

Trata-se de uma estratégia discursiva que modaliza o grau de generalização do definidor, para que não haja equivalência com o *definiendum*, impedindo a formulação de enunciados como “aveia é trigo” ou “algibeira é um saquinho”; deste modo, o significado da palavra-lemma pode inclusive construir-se com a junção de traços característicos de mais de um definidor (e.g. “aveia assemelha-se a trigo e a cevada”). Outro indício que permite identificar em que circunstâncias não são hiperónimos é o facto de se registarem definições circulares, em que um termo é definido recorrendo às palavras que esse mesmo termo definiu, e.g. «CAXA. **Especie de arca**, cuja coberta esta de por si, sem fechadura [...]», «ARCA. **Especie de Caixa** grande, cõ fechadura [...]».

### 3.1.2. Definidores específicos

Os definidores específicos complementam o definidor genérico, evidenciando as marcas distintivas, ou *diferentia*, segundo a terminologia da lógica. Formalmente, caracterizam-se por uma enorme variedade, embora possam ser agrupados de acordo com o tipo de informação que veiculam<sup>441</sup>. No que respeita à tipologia dos definidores

<sup>440</sup> «[...] geralmente fallando tomase especie em muitos outros sentidos. As vezes dizse dos individuos de cada especie, separadamente, & val o mesmo, que *Casta*, v.g. Não sei que especie de fruta he esta. Outras vezes, *Especie* se diz de huma natureza ambigua, que participa de duas cousas diversas, v.g. o pero he huma especie de fruta, que nem he maçã, nem pera, mas participa da natureza de huma, & outra. [...] Tambem usamos desta palavra, dizendo [...] o Hermitaõ he huma *Especie* de Frade, mas que não faz votos, nem vida commua» (*Voc.*, s.u. ESPECIE). A expressão *casta de* ocorre raramente, mas respeita o sentido enunciado por Bluteau: «URO, he huma casta de Boy bravo [...]»; «TEIGA de Abrahaõ, he huma casta de medida 4. ou 5. Alqueires, que em algumas terras da Beira se paga [...]» (*Supp.*, s.u.).

<sup>441</sup> «Diferença. (Termo Dialectico.) He hum attributo essencial, que distingue huma especie da outra, como a racionalidade, que distingue o homem do bruto» (*Voc.*, s.u.).

específicos, seguiremos a terminologia de Quemada, considerando as marcas de descrição, origem, finalidade e funcionalidade<sup>442</sup>.

É a adequada selecção das marcas diferenciadoras que permite elaborar definições a partir de termos genéricos que representam categorizações muito fluidas, como os nomes de matérias constituintes ou substâncias (*pau, ferro, ...*). As potencialidades de uma técnica de acumulação de traços peculiares sobressaem quando se analisam as variações em torno de um mesmo termo-base, pelo que os exemplos que adiante se citam são preferencialmente extraídos de um conjunto de entradas cujo definidor genérico é *pau*.

As marcas descritivas introduzem na definição elementos caracterizadores que, na sua forma mais simples, podem limitar-se a um adjetivo (e.g. «AQUILA. Pao cheiroso [...]»), ou alargar-se a expressões mais complexas de extensão variável, seja pela adição de adjetivos (cf. exemplo 1), seja pela aposição de descrições parcelares (cf. ex. 2):

- 1) BRASIL. Pao **vermelho, pesado, & muito seco**. [...]
  - ASPALATO. He hum pão **compacto, pesado, oleoso, cheiroso, de cor purpurea, escura, amargoso, & picante ao gosto**. [...]
- 2) CHUÇO. He hum pão **comprido, q̃ tem choupa em cima, & no cabo outro ferro agudo**, a que chamaõ, *Encontro*. [...]

As marcas de origem são sobretudo notações de tipo geográfico, que não constituem características essenciais, antes um complemento enciclopédico que sublinha o carácter exótico do referente (cf. ex. 3); todavia, podem também referir-se ao processo de génese que está na origem do *definiendum*, veiculando uma explicação (ex. 4). Mas a origem e a localização nem sempre são tópicos de informação bem distintos, pelo que se podem mesclar numa mesma expressão (e.g. «BIDASSOA. Rio, que sahe dos Pyreneos da banda de Maia [...]»).

- 3) TECA. Pao **da India**, do qual faz menção Diogo de Couto [...]
  - CAMPECHE. Pao, **que vem do Brasil**. He vermelho [...]
- 4) BANANA. Fruta **do Brasil. Nasce em humas arvores** de taõ grandes folhas [...]
  - ALCANFOR. Goma, que **sahe de huma arvore** de extraordinaria grandeza, **que nace nas Indias orientaes** [...]

Também se incluem na categoria das marcas de origem as definições em que o *definiendum* é apresentado como um efeito directo de uma série de causas, que não são consideradas circunstâncias accidentais:

- 5) ASSOMBRAMENTO. Espanto causado do medo [...]
  - CANÇÂÇO. Fraqueza do corpo, causada de andar, ou trabalhar muito [...]
  - BOSTELA. Tumorsinho na pelle, causado de humor acre, & quente [...]

---

<sup>442</sup> Quemada, 1968: 431-435.

Se o processo resulta de um somatório de elementos, de acordo com uma fórmula, estamos perante uma estratégia a que B. Quemada chamou “definição-receita”, e que é característica dos dicionários pré-enciclopédicos<sup>443</sup>. Encontra-se frequentemente nas entradas referentes a nomes de drogas, mas a técnica é válida para descrever algo que obedeça a um procedimento normalizado, como uma codificação literária:

- 6) CEROTO. Unguento **composto de cera, oleo, gomas, & pós desecativos**, [...]
   
CEROL, Ceról, com que os çapateiros enceraõ as linhas, **composto de cera, pez, & cebo**. [...]
   
BALHATA. Canção, com que se baila. **He composta de repreza, mudanças, & volta**. [...] <sup>444</sup>

Os valores expressos pelas marcas de finalidade variam de acordo com as características semânticas e referenciais do *definiendum*; em geral, tratando-se de objectos, o definidor específico explicita o resultado de um uso, como se observa nas entradas relativas a instrumentos (ex. 7). Quando a definição se refere a um processo ou ao seu agente, a marca de finalidade traduz um objectivo (ex. 8):

- 7) ENSINHO. Pao com dentes na ponta. **Serve de arrastar a espiga, que fica por debulhar** [...]
   
LANADA. He hum pao, com sua pelle de carneiro atada na ponta, **que serve de alimpar as peças**.
   
8) EDUCAÇAM. Criação, esino **para a direcção dos costumes** [...]
   
ESTUDANTE. O que frequenta o Collegio **para aprender** [...]
   
EXAME. Prova, que se faz **para conhecer as qualidades de hum sogeito** [...]

As marcas de funcionalidade aproximam-se dos valores anteriormente referidos, mas estas colocam a ênfase no modo de funcionamento ou de emprego de um objecto, e não no objectivo do seu uso. A distinção é mais clara nas definições em que a informação funcional e de finalidade ocorrem em segmentos contíguos (ex. 9), mas também se verificam enunciados em que do funcionamento se depreende o fim (ex. 10):

- 9) CABRESTANTE do Navio. He hum pao grosso, com seus furos em cruz, **em que se mettem as barras, & serve para virar as amarras** [...]
   
BARRA [...] (Termo de navio.) He hum pao, ou ferro, **que se mette em hum buraco no pè do mastareo, para o sustentar**. [...]
   
10) ALEVADOURO. (Termo de Atafona.) He hum pao, **que faz levãtar, & abaixar a pedra**.
   
BARTIDOURO. Pao concavo, **com que se lança fora dos bateis, & fragatas a agoa, que tem dentro** [...]

A descrição pode traduzir uma localização relativa<sup>445</sup>, integrando o *definiendum* num contexto físico, e relacionando-o com outros objectos, o que permite clarificar o funcionamento ou a finalidade, mesmo quando estas marcas são explicitadas:

<sup>443</sup> *Ibidem*: 434.

<sup>444</sup> A indicação dos componentes essenciais pode ser meramente descritiva, não sendo portanto uma marca de origem: «BROCHE. Brinco do peito, composto de tres peças de qualquer pedraria [...]»; «BEIÇO. Parte duplicada, glandulosa, composta de huma carne molle, & fungosa, coberta por fora de pelle, & por dentro de huma tunica muito delgada [...]» (*Voc.*, s.u.).

11) MIULLO. He hum pao, **que està entre as caimbas da roda do carro.**

COLCHETE [...] (Termo de marceneiro) He hum páo, **que está no banco**, no qual se arrima a madeira, que se quer cepilhar. [...]

OUCA do carro, ou do arado. He hum pao de hum palmo, **atravessado no ponta do Timaõ**, que serve para ter maõ no Tamoeiro.

Na prática, os diversos definidores específicos atrás discriminados podem conjugar-se e completar-se, variando consoante a disposição dos diversos constituintes do artigo.

### 3.2. Processos indirectos

Retomando a dicotomia estabelecida por Quemada, esta categoria agrega os processos de definição em que não se verifica uma explicação da natureza ou essência do *definiendum*, uma vez que assenta na referência a uma representação verbal previamente conhecida<sup>446</sup>. A definição nominal, se bem que considerada ineficaz e pouco informativa por Bluteau, não é de forma alguma abolida, até porque constituía uma solução cómoda, na medida em que se servia das relações semânticas que o intertexto lexicográfico permitia esclarecer.

Todavia, mesmo quando o núcleo da definição se resume a uma simples sequência de sinónimos, não se deve ignorar que o *Vocabulario* adiciona diversa informação — traduções e expressões latinas, excertos exemplificativos em português — que também contribui para o esclarecimento do significado, o que o distingue dos dicionários precedentes. Por outro lado, algumas das formulações elaboradas a partir de relações semânticas são paráfrases complexas e pormenorizadas, o que proporcionava ao consulente uma explicação satisfatória, em alternativa ou em complemento às descrições. Este género de definições explora sobretudo as relações entre conceitos, relações derivacionais e relações de sentido.

#### 3.2.1. Relações entre conceitos

O enunciado da definição é encabeçado por um termo intermédio, que estabelece a relação entre o conceito definido e um outro conceito definidor. Essa ligação pode traduzir relações como o parentesco, o que é um processo comum na definição de animais

---

<sup>445</sup> Esta categoria não é considerada em Quemada, 1968.

(*macho, fêmea*), e que Bluteau estende a personagens históricas e mitológicas (*filho, pai, mãe*):

- 1) BODE. O macho da cabra. [...]
- CACHORRA. A fema do cachorro. [...]
- CADELLA. A fema do caõ. [...]
- PLUTAÕ. Filho de Saturno, e irmão de Jupiter, e de Neptuno, [...]

O termo intermédio pode também expressar uma relação de pertença entre uma parte e um todo decomponível (*parte de*, cf. ex. 2), ou incluir uma parte — o *definiendum* — num conjunto, cujos elementos estão convencionalmente quantificados e seriados (ex. 3):

- 2) CALVA. A parte da cabeça, em que falta o cabelo. [...]
- BAIRRO. Certa parte da Cidade com suas casas, & ruas. [...]
- CACHACA. A parte do pescoço, posterior à garganta. [...]
- 3) DOMINGA, ou Domingo. O primeiro dia da semana [...]
- DATIVO. Termo Grammatical. He o terceiro caso da declinação de hum nome [...]
- FA. Termo de Solfa. A quarta das seis vozes da Musica. [...]

Nestes casos, e de forma mais evidente nos nomes de animais, a definição da sua natureza depende de uma remissão implícita para o artigo do termo definidor, onde se registam os traços essenciais que são partilhados com o termo definido<sup>447</sup>.

### 3.2.2. Motivação derivacional

No *Vocabulario* são comuns as definições que exploram os vínculos das relações de derivação entre as palavras. Como se observou anteriormente (cf. cap. IV.1.3.3), a etimologia permanecia como uma solução válida para a ordenação da nomenclatura (o dicionário da Académie será o exemplo mais célebre) apresentando uma estrutura em macro-artigos, com as palavras derivadas em subentrada.

A reordenação alfabética de todo o fundo lexical previamente recolhido não obrigou os lexicógrafos a desmultiplicarem as definições, o que dificultaria a redacção e criaria

<sup>446</sup> Quemada, 1968: 441.

<sup>447</sup> Assim, CACHORRA ⇒ «CACHORRO. Caõ pequeno» ⇒ «CAÕ. Animal quadrupede domestico, de que ha muitas especies, singularmente amigo do homem, & symbolo da fidelidade [...]»; BODE ⇒ «CABRA. Animal domestico, quadrupede, cornigero, fema do cabraõ, de focinho chato, & rabo curto [...]» ⇒ «CABRAM. Vide. Bode» (*Voc.*, s.u.).

redundâncias, optando-se antes pela remissão para núcleos de significação tidos por primordiais.

Uma vez retirados da sequência alfabética, os grupos de palavras derivadas revelam os laços de dependência, com definições remissivas que apontam para explicações que se encontram apenas na palavra-base. Do *Vocabulario*, cita-se um exemplo desta inter-relação, a partir de termos derivados de DANO e DANAR, aqui hierarquicamente dispostos:

- DANO. Perda. Detrimento [...]  
 + DANIFICADO. Causa, que tem recebido algum **dano**. [...]  
 + DANIFICADOR. Aquelle, que causou algum **dano**. [...]  
 + DANIFICAR alguma cousa. *Alicui rei detrimentum afferre, ou impertire. Vid. Dano.* [...]  
 + DANOSO. Que causa **dano** [...]  
     + DANINHO. **Danoso**. Dizse dos animaes, aves, &c, que danificaõ os campos, as arvores &c. [...]  
 DANAR. Corromper. *Aliquid corrumpere* [...]  
 + DANADO. Causa, que se corrompeo. *Corruptus, a, um. Vid. Danar.* [...]

Como os exemplos demonstram, nestas definições relaciona-se o termo definido com um termo definidor que é uma palavra da mesma família, e o valor que distingue semanticamente o *definiendum* da palavra da qual ele deriva é indicado por uma série de expressões de uso regular. Por norma, *o que / aquele que* indicam que o termo derivado tem a função de agente (cf. ex. 1, *infra*); *acção de* + VERBO representa um substantivo derivado do verbo referido (ex. 2); a fórmula *a modo de* + NOME traduz uma adjectivação ou uma adverbialização (ex. 3):

- 1) AÇULADOR. O que **açula**, *Vid. Açular. Irritator, oris.* [...]  
 CONSOLADOR. Aquelle, que **consola**. [...]  
 AFILADÔR. aquelle que **afila** pezos, vasos, &c. [...]
- 2) BOCEJO. A acção de **bocejar**. [...]  
 ARRANHADURA. A acção de **arrânhar**, ou a violêta impressã da unha na superficie da pelle [...]  
 CONFRONTAÇAM. A acção de **confrontar** humas cousas com as outras. [...]
- 3) BESTIALMENTE. A modo de **besta**. [...]  
 ACHINELADO. Causa a modo de **chinela**. [...]

A palavra *cousa*, presente no último exemplo citado, marca as definições de adjectivos e é uma das mais persistentes tradições na lexicografia portuguesa anterior ao *Vocabulario*. Bluteau usa-a com frequência para assinalar o mesmo tipo de relação que encontramos em Cardoso e Bento Pereira. Procurando ajustar-se às características

semânticas do adjectivo, as fórmulas empregues são *cousa de*, *cousa concernente* e *cousa que tem*<sup>448</sup>:

- DECLAMATORIO. Cousa concernente a declamação. [...]
- EUCARISTICO. Cousa da Eucharistia, ou concernente a Eucharistia. [...]
- BOLORENTO. Cousa, que tem bolor. [...]

A motivação derivacional torna-se a solução mais cómoda para contornar definições que de outro modo se revelariam complexas. Os termos *qualidade de*, *virtude de* servem de base à definição de nomes e adjectivos com um potencial de abstracção muito elevado, por vezes derivados de palavras também elas abstractas:

- CORROSIVIDADE. Qualidade corrosiva. *Qualitas rodendi vim habens*. [...]
- CONDENSATIVO. Cousa, que tem a virtude de condensar. [...]
- CONTINENTE. Aquelle, ou aquella, que tem virtude de continencia. [...]

Todavia, há casos em que o vínculo derivacional se torna obrigatório, porque só ele torna racionalmente explicável a estreita relação entre a forma da palavra e o seu significado (cf. *infra* DESCARAPUÇADO e CHAPADO). A referência à unidade primitiva pode conjugar-se com outras técnicas de definição, como as relações de tipo sinonímico. Por exemplo, os definidores principais em CABEÇADA e CEVADO são sinónimos (*pancada*, *gordo*), completados por *cabeça* e *ceva*, que clarificam a particularização do sentido.

- DESCARAPUÇADO. Aquelle, que está com a cabeça descuberta, ou sem carapuça [...]
- CHAPADO. Homem chapado. Que anda, como guarnecido com a chapa da sua virtude [...]
- CABEÇADA. Pancada, que se dá com a cabeça. [...]
- CEVADO. Gordo com a cêva, (fallando em algum animal.) [...]

### 3.2.3. Relações de sentido

Nesta categoria incluem-se as definições nominais em que o sentido é explicado através de palavras sinónimas, que o lexicógrafo considera serem de significado mais acessível que o do *definiendum*. Este tipo de definição desenvolveu-se sobretudo nos dicionários bilingues, em que à entrada latina se seguia uma série de sinónimos em

<sup>448</sup> A aplicação desta técnica de definição a adjectivos decalcados de termos latinos representa um desvio da relação palavra derivada / palavra primitiva, nas situações em que o termo é uma espécie de tradução do latim:

- ARIETINO. Cousa de Carneyro. *Arietinus, a, um*. [...]
- EQUOREO. (Termo poetico) Cousa do mar, ou concernente ao mar. *Aequoreus, a, um*. [...]
- CIVICO. Cousa concernente a Cidadã [...] (*Voc.*, s.u.).

vernáculo, procurando documentar as diversas acepções na língua original, ou sugerir várias possibilidades de tradução para o mesmo significado.

Os lexicógrafos reconheciam que se tratava de uma definição imperfeita, ou porque contornava a essência do definido, ou pela impossibilidade de uma correspondência suficiente. O próprio Bluteau, no prefácio do «Vocabulario de synonymos», declara que «nesta obra, não me obrigo a dar synonymos tão perfeitos, que debaixo de nomes diversos, sempre signifiquem a mesma cousa, porque duvido muito, que em nenhuma língua se achem termos com esta identica semelhança»<sup>449</sup>.

No *Vocabulario* regista-se um uso frequente da sinonímia, que se revela útil na definição de palavras que dificilmente poderiam ser agrupadas em categorias, ou descritas a partir das propriedades físicas do referente. Podemos considerar que se trata de um sinónimo quando o definidor seleccionado é demasiado específico para que se possa classificar como termo genérico, isto para além do facto de permitir a comutabilidade entre os lexemas, pelo menos em alguns contextos.

Quando a definição inclui apenas um sinónimo e não há remissão para a respectiva entrada, supõe-se que o grau de equivalência semântica seja elevado (ex. 1). A acumulação de dois ou mais sinónimos, especialmente se ocorrerem remissões (ex. 3), já indicia a distinção entre acepções, o que restringe a comutação com a palavra-lemma ou com os restantes definidores:

- 1) DEMENCIA. Loucura. [...]  
DIFFERENÇA. Diversidade. [...]
- 2) DICTADO. Sentença, Proverbio. [...]  
DEIXAÇAM. Renuncia, Abdicaçãõ, Cessaõ. [...]
- 3) DICTAME. Regra. Doutrina. Maxima. Vid. nos seus lugares. [...]  
DISCIPLINADO. Criado. Ensinado. Vid. nos seus lugares. [...]

Algumas relações de equivalência podem estender-se a todo um grupo de lemas derivados de uma palavra primitiva. Nesses casos, para se manter a definição sinonímica, o definidor também se sujeita a processos derivacionais<sup>450</sup>:

- 4) DIVERTIDAMENTE. **Sem atençaõ.** Com distraçãõ. [...]  
DIVERTIDO. **Desattento.** [...]

<sup>449</sup> *Supp.*, II: «Vocabulario de synonymos e phrases portuguezas». Sobre as críticas aos dicionários franceses do século XVIII que insistiam nas definições de tipo sinonímico, cf. Quemada, 1968: 447.

<sup>450</sup> Este tipo de sinónimos aproxima-se do que geralmente se designa por sinonímia total, ou absoluta, com a ressalva de que se avalia a comutabilidade e não a existência de uma sinonímia perfeita. Cf. Vilela, 1994: 28-29.

DIVERTIMENTO. **Desatenção**. [...]  
 DIVERTIR. Causar desatenção. **Suspender a atenção**. [...]

Os sinónimos comutáveis originam definições verdadeiramente circulares, como «DEMORA. Detença [...]», «DETENÇA. Demora [...]». Admite-se que, por vezes, a repetição corresponda a uma racionalização do discurso lexicográfico, eliminando explicações duplicadas, para as concentrar sob o lema de maior frequência (ex. 5). Todavia, o confronto de outros exemplos revela que o lexicógrafo procura explorar ao máximo as relações de equivalência, construindo redes complexas em que o núcleo da definição se limita ao cruzamento de um conjunto restrito de sinónimos (ex. 6):

- 5) BILADEIRA. Dançadeira. Vid. No seu lugar. [...]  
 DANÇADEIRA. Bailadeira. Dizse particularmente das mulheres plebeas, que vão dançando com arcos de flores nas procissoens [...]
- 6) DESGOSTO. Desprazer. Dissabor. [...]  
 DESPRAZER. Desgosto. [...] Descontentamento [...]  
 DESSABOR. Desgosto [...]  
 DESCONTENTAMENTO. Desgosto, dissabor [...]

As relações de sentido contemplam também as definições negativas, em que o significado é explicado através de uma paráfrase, cujo núcleo definidor expressa um sentido contrário ao do *definiendum*. Nestas circunstâncias, o núcleo é tipicamente um antónimo:

- 7) CRU. Não cozido. [...]  
 DESQUERIDO. Não amado. [...]  
 BAXO. O contrario de alto. [...]  
 CONCAVO. O contrario de convexo. [...]

Todavia, a definição é menos esclarecedora sempre que o antónimo é formado por um processo de prefixação regular (in-, des-), visto que pressupõe o conhecimento do significado da palavra primitiva. Daí a presença de explicações adicionais, ou de uma remissão:

- 8) EMERSAM. O contrario de Immersaõ. He quando huma cousa depois de metida na agoa, torna a sahir della [...]  
 FALLIVEL. O contrario de infallivel. Vid. Infallivel.  
 ACCESSIVEL. O contrario de innaccessivel. A que se pode facilmente chegar [...]

Obtêm-se definições semelhantes através de paráfrases que decompõem morfológica e semanticamente as palavras-lema, embora não recorram a núcleos com sinónimos ou antónimos (e.g. «DESAVERGONHADAMENTE. Sem vergonha. [...]», «DESENTOADAMENTE. Fora do tõi, Sem tom. [...]»).

Por fim, e sem exprimir uma distinção entre casos de antonímia gradual ou complementar, encontram-se as definições que Quemada classificou como localizadoras, em que a explicação descreve uma posição relativa de um conceito, em relação a outros conceitos opostos:

- 9) GRIS. He tomado do Francez *Gris*, que he huma cor entre branco, e negro. [...]  
 DIREITO. Cousa, que não està nem curva, nem torta. [...]  
 MORNO. [...] Temperado entre quente, & frio. [...]  
 MEDIOCRE [...] O que tem o lugar do meyo, entre o muito, & o pouco. [...]

### 3.3. Processos de definição de verbos

Os modelos da lógica e as reflexões dos lexicógrafos centravam-se na definição dos substantivos, marginalizando a questão do tratamento das palavras e expressões que representavam processos, estados e eventos. De um modo geral, as definições de verbos caracterizam-se pelo facto de recorrerem a um outro verbo, ou a uma perífrase verbal, embora se registem estratégias semelhantes às que se empregam nos substantivos, como a exploração das relações de sinonímia ou das relações derivacionais.

Neste aspecto da técnica lexicográfica, as glosas de Bluteau revelam soluções que variam no grau de complexidade e de funcionalidade. Uma primeira categoria compreende as definições mais concisas, formadas por verbos simples, ou por verbos acompanhados por um número restrito de complementos, cujo resultado é uma expressão que pode substituir paradigmaticamente o *definiendum*. Como se observa nos exemplos seguintes, são por regra enunciados breves, que concentram apenas a informação semântica indispensável:

- DESMIOLAR. Tirar os miolos [...]  
 ALENTAR. Dar animo [...]  
 DOESTAR. Deshonrar. Injuriar [...]  
 ADOECER. Cahir doente. Enfermar [...]

Assim, a definição corresponde a uma forma alternativa de veicular um sentido, e.g. “o homem adoeceu; o homem caiu doente; o homem enfermou”. Este tipo de comutação deixa de ser possível quando o enunciado acumula complementos acessórios, que particularizam o sentido de verbos definidores muito genéricos (*fazer, dar, tirar,...*)

- ACENAR. Dar sinal com a cabeça, ou com os olhos, para exprimir, o que queremos dizer [...]  
 ESBOROAR. Fazer em pó qualquer cousa levemente unida [...]  
 ESCOAR. Separar hum licor da materia, & do vaso, em que está, deixando-o correr para outra parte. [...]

Torna-se portanto difícil isolar um núcleo da definição, que possa constituir uma unidade mínima de sentido (‘dar sinal’?, ‘fazer em pó’?, ‘separar um licor’?); além disso, os elementos com função de agente representam categorias genéricas, indefinidas ou variadas (*licor; qualquer coisa; com a cabeça, ou com os olhos*). Este género de enunciados revela claras interferências das definições de tipo enciclopédico, na medida em que descrevem os processos que os verbos representam, indicando os elementos intervenientes, os procedimentos e a finalidade.

Decerto por influência dos dicionários latinos monolíngues — em que o verbo era acompanhado de pronomes que indicavam os casos exigidos pela sintaxe específica — registam-se definições em português que se assemelham a esquemas relacionais:

COLLOCAR. Por alguma coisa em algum lugar. [...]  
COTEJAR. Fazer comparação de huma coisa com outra [...]  
ENFORMAR. Dar enformação contra alguém. [...]

A expressão definitória enuncia aquilo que actualmente se classificaria como os argumentos internos do predicador. Por vezes nem sequer há lugar a uma verdadeira definição, bastando ao lexicógrafo a ordenação linear do verbo e dos seus argumentos:

CONCEDER alguma coisa a alguém. [...]  
DAR alguma coisa a alguém. [...]  
DECLARAR alguma coisa a alguém dizendolha, e significandolha. [...]

Por fim, há a notar um tipo de definição que é introduzida pelas formas *he* e *diz-se*. Em rigor, neste contexto estes não são verbos definidores, já que o seu significado é redundante, uma vez que se subentende que o texto que se segue à entrada é uma explicação. A sua função é introduzir expressões nominais que indicam o argumento externo do verbo definidor, pelo que a definição no seu todo corresponde a uma descrição de um processo. Formalmente são atípicas porque o definidor verbal é deslocado da posição mais usual:

ESGARAVATAR. He da **Galinha**, espalhando a terra com as unhas [...]  
BOLSAR. Diz-se das **crianças**, em que regurgitando o leite, o vomitão. [...]  
BROTAR. Diz-se da **planta**, quando começa a dàr folha, ou fruto [...]  
ACABRAMAR. Termo pastoril. He quando o **pastor**, ou **guarda do gado** ata o pè do boi ao corno. [...]

Os nominais destacados tornam-se essenciais para a definição, uma vez que desempenham funções semânticas de agente ou origem do processo que o verbo definido representa. Daí que seja possível a reconstituição de relações sintácticas como ‘a galinha esgravata’, ‘as crianças bolsam’, ‘a planta brota’, ‘o pastor acabrama (o boi)’.

### 3.3.1. Definidores verbais

Apesar de a escolha depender das propriedades semânticas do *definiendum*, a confrontação dos enunciados permite assinalar um conjunto restrito de definidores de alta frequência, entre os quais se destacam os verbos *fazer*, *tirar*, *dar*, *pôr*, *tomar* e *estar*. Devido ao facto de a sua significação ser fluida, intervêm na composição de perífrases verbais e locuções parafrásticas que constituem o núcleo da definição.

Todavia, em relação aos verbos citados, há que distinguir as situações em que são empregues com o seu valor próprio (sentido pleno) e os casos em que funcionam como verbos de suporte na formação de predicados complexos<sup>451</sup>. O verbo *fazer*, que no *Vocabulário* é o definidor verbal mais frequente, ilustra bem esta duplicidade. Os exemplos citados em 1) ilustram o uso do verbo no seu sentido primitivo (sinónimo de ‘produzir’, ‘criar’), em que é imediatamente seguido de um nominal com a função semântica de objecto, resultante da acção expressa quer pelo verbo definido, quer pelo verbo definidor:

- 1) ENTRANÇAR. Fazer tranças [...]
- ENXAMEAR. Fazer enxames [...]
- EDIFICAR. Fazer huma obra de pedra, & cal. [...]

Mas, comparativamente, é superior o número de definições em que *fazer* é um verbo de suporte, prevalecendo o sentido do nome que ocorre à direita, e que constitui o verdadeiro núcleo semântico<sup>452</sup>. As glosas exploram o raciocínio lógico inerente ao processo de derivação lexical, de modo que o verbo é definido a partir de nomes que designam uma acção, ou o resultado de uma acção ou processo (e.g. *doudice* → *doudejar*; *doudejar* → *fazer doudice*):

- 2) DOUDEJAR. Fazer doudices [...]
- ELEGER. [...] Fazer eleição [...]
- ACOMPANHAR. Fazer companhia [...]

*Fazer* adquire um valor causativo quando acompanha verbos que designam eventos ou processos (cf. ex. 3) e distingue-se dos exemplos anteriores pelo facto de conferir um

<sup>451</sup> Sobre as definições com verbos de suporte no dicionário da Académie, cf. Chevalier, 1998: 299-300.

<sup>452</sup> Esta distinção encontra-se consignada no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, s.u. FAZER) que, além do significado próprio e da função de verbo-suporte, aponta ainda o valor causativo.

valor semântico à perífrase verbal, na medida em que é parafraseável por ‘causar’, ‘provocar’:

- 3) ESPREMER. Fazer sahir algum licor, apertando, & comprimindo [...]
- ESBORRACHAR. Fazer rebentar alguma cousa, pisando, apertando, &c. [...]
- DESDENTAR. [...] Fazer cahir os dentes [...]

Outra estratégia comum no *Vocabulario* é empregar *fazer* equivalendo a ‘tornar’, em situações em que o verbo definido designa o resultado de uma transformação exercida sobre um objecto, sem que este seja obrigatoriamente mencionado no enunciado:

- 4) ALATINAR, ou latinizar. Fazer huma palavra estrangeira latina [...]
- ADOÇAR. Fazer doce [...]
- ESFARRAPAR. Fazer em pedaços sem instrumento [...]
- ESMIGALHAR. Fazer em migalhas. [...]

A partir da série de exemplos atrás citados é possível desde já sublinhar o recurso a estratégias similares às que foram apontadas para a definição de nomes, sobretudo para a selecção dos núcleos semânticos, que são muitas vezes o resultado de relações de sinonímia (cf. ESPESAR) e relações derivacionais (cf. AUTENTICAR):

- 5) ESPESAR. Fazer **denso** [sinónimo de ‘espesso’] [...]
- AUTENTICAR. Fazer **autentico**, certo, indubitavel. [...]

O definidor *tirar*, também de alta frequência, ocorre com o seu sentido pleno (sinónimo de ‘extrair’, ‘arrancar’ com movimento) mas está particularmente orientado para a explicação de verbos que indicam privação ou negação, como é o caso dos que são formados com o prefixo *des-*. *Tirar* afasta-se do sentido primitivo de acordo com as características semânticas do nominal que ocorre à direita do verbo. Comparando o conjunto de exemplos abaixo citados, em que os nominais assinalados são progressivamente mais abstractos, observa-se que em 6) o objecto é deslocado, enquanto em 7) o verbo *tirar* indica uma transformação sem deslocamento. Quanto ao valor privativo, é mais evidente com nominais cujo grau de abstracção é potencialmente elevado, como em 8):

- 6) DESCARREGAR. Tirar **a carga** de quem a leva [...]
- DESENTERRAR. Tirar da sepultura [sc. ‘**o cadáver**’] [...]
- 7) DESTINGIR. Tirar **a côr**, em que huma cousa foy tinta [...]
- DESINFLAMAR. Tirar **a inflamação** [...]
- 8) DESEMPEDIR. Tirar **embaraços** [...]
- DESASSOCEGAR. Tirar **o socego** [...]

O que se notou com mais pormenor em *fazer* e *tirar* verifica-se na generalidade dos verbos definidores mais comuns, em que a função de suporte permite elaborar paráfrases de outros verbos de sentido pleno<sup>453</sup>:

- |  |   |
|--|---|
| 9) BRADAR. <b>Dár</b> gritos [...]                 | ARRISCAR. <b>Por</b> em perigo [...]            |
| ESPANCAR. <b>Dar</b> com pao [...]                 | ACENDER. <b>Pôr</b> fogo a alguma cousa [...]   |
| ESCUTAR. <b>Dar</b> ouvidos [...]                  | DIFFICULTAR. <b>Por</b> dificuldades [...]      |
| CEAR. <b>Tomar</b> a refeição da noite [...]       | EXTERMINAR. <b>Lançar</b> fora dos termos [...] |
| ENRAVECER [ <i>sic</i> ]. <b>Tomar</b> raiva [...] | CANTAR. <b>Lançar</b> a voz com harmonia [...]  |

Quando a definição é introduzida por um verbo copulativo (*ser*, *estar*, *ficar*), entre o núcleo semântico e o *definiendum* existe frequentemente uma relação de derivação, o que origina explicações de tipo circular (cf. 11). Neste contexto, o definidor mais comum é um adjectivo de origem participial:

- |   |  |
|---|--|
| 10) DORMITAR. Estar como adormecido [...]     |  |
| DESAGRADAR. Não ser do agrado de alguém [...] |  |
| DEFRONTAR. Ficar defronte [...]               |  |
| 11) BASTAR. Ser bastante [...]                | CONVIR. Ser conveniente [...]            |
| BASTANTE. O que basta [...]                   | CONVENIENTE. O que convem a alguém [...] |

### 3.4. A ordenação das acepções

As soluções que Furetière e a Académie apresentaram para o problema da avaliação e discriminação dos sentidos — e que configuraram a dicionarística posterior — radicam na técnica lexicográfica que os dicionários bilingues ensaiaram ao longo do século XVII. Confrontando os principais dicionários francês-latim (Nicot (1606), Pomey (1664, 1691) e Danet (1683) ) observa-se uma evolução na técnica de recolha e selecção dos significados, a partir do reaproveitamento das acepções registadas nos dicionários latinos monolingues e latim-vernáculo.

Richelet, Furetière e os académicos aproveitaram a abundante informação coligida nas obras anteriores e, libertos das correspondências com o latim, puderam introduzir alterações estruturais e níveis de análise até então inviáveis: eliminaram distinções semânticas que em francês eram artificiais, mas que expressavam sentidos diversos na língua latina; prescindiram de inúmeros exemplos e estruturas frásicas que apenas

<sup>453</sup> Registam-se outros definidores de uso regular, mas de frequência inferior aos atrás citados:

traduziam expressões latinas relevantes, mas não representavam novos sentidos em francês; por fim, adicionaram acepções e lexias que eram próprias do vernáculo, e que antes não haviam sido dicionarizadas por serem rotuladas de idiotismos.

Apesar de formalmente distintos, os dicionários monolíngues e bilingues destacam de alguma forma a separação das acepções. Do dicionário de Pomey (1691), que é um bom exemplo do modelo bilingue, transcrevemos o artigo *DOMAINE*, a que acrescentámos em nota marginal uma discriminação numerada das acepções<sup>454</sup>:

- [1] *DOMAINE, Droit de propriété.* Hoc dominium, nii. Domini jus. Dominium & jus.
- [2] *Domaine, biens tenus en domaine.* Domini jure possessa, habitave bona. Hae Possessiones, num. Haec Bona, orum. Bona cujusque propria.
- [3] *Avoir un grand domaine.* Habere ampla latifundia. Magnos fundos, ingentia praedia possidere.
- [3A] *Domaine immuable.* Possessio unius ac perpetui vectigalis annui. Praedium statae ac ejusdem mercedis annuae.
- [3B] *Domaine de la Couronne.* Regium patrimonium, Regius census, ùs. Census fisci Regii.
- [3C] *Domaine privé du Prince.* Privata res. Principis Peculiaria. Principis bona.
- [3D] *Domaine du Seigneur Feodal, l'étenduë de son fief.* Beneficiarii Domini territoriü, praedium, universus ager.

Com o mesmo destaque tipográfico e em posição de cabeça de parágrafo apresentam-se informações dicionarísticas de natureza diversa. O lema e a definição são naturalmente a primeira acepção, mas a segunda acepção surge sob a forma de uma definição por contexto (cf. 2), explicável a partir do sentido expresso em 1). A estrutura frásica em 3) corresponde, em rigor, a um novo sentido, embora se assemelhe a um exemplo. De facto, a distinção de sentidos mais eficaz reside na tradução latina, uma vez que *dominii jus* (1), *bona jure possessa* (2) e *latifundia* (3) esclarecem cabalmente a polissemia da palavra francesa. Nas lexias que principiam os parágrafos seguintes (3A,B,C,D), *domaine* mantém o sentido consignado em 3), mas com um complemento que particulariza o sentido da expressão<sup>455</sup>.

O mesmo artigo em Furetière apresenta uma delimitação de sentidos muito mais estruturada e, embora as definições sejam reformuladas e ampliadas, na prática mantém as três acepções essenciais que Pomey consignara (cf. 1,2,3):

---

— *abrir, ajuntar, andar, apertar, causar, cobrir, cortar, deitar, deixar, derrubar, desfazer, diminuir, encher, levantar, meter, perder, separar, soltar, ter.*

<sup>454</sup> Cita-se a partir da edição de 1716, similar à de 1691. Cf. *supra* cap. III.2.3.

<sup>455</sup> Em Pomey e em outros dicionaristas contemporâneos, as estruturas frásica ou locuções nominais e adjectivas já não são o resultado directo da versão do latim. Mais frequentemente, o objectivo é expressar em latim aspectos da organização socio-cultural que a língua de entrada descreve, e que eram desconhecidos na Antiguidade. Cf. Girardin, 1995.

- [1] DOMEINE. s.m. Heritage ou fonds de terre où il y a quelque habitation. Tout le bien de cette Abbaye est en *domeine*, il se consume tout en reparations.[...]
- [2] DOMEINE, se dit quelquesfois d'un droit seigneurial sans propriété. En matiere de Seigneurie, celui qui paye le cens a le *domeine* utile de la terre; [...]
- [3] DOMEINE, se prend quelquesfois pour une generalité de biens qu'on possede en propre, soit heritages, soit rentes, ou autres droits. Le *Domaine* de la Couronne est inalienable, il ne se vent qu'à facultè de rachat perpetuel. [...]
- [4] DOMEINE, en plusieurs Coustumes, signifie le fief dominant, le cheflieu ou manoir, où est deuë la foy & hommage par le vassal, le lieu d'où depend les fiefs & vassaux. On appelle *Domeine immuable* ou *Domeine fiessé*, les cens & rentes seigneuriales, qui n'augmentent ni ne diminuënt jamais [...]

O autor do *Dictionnaire Universel*, que privilegia a palavra e os seus usos em contextos sociolinguísticos específicos, coloca como primeira aceção o sentido de uso mais geral, enquanto as restantes são introduzidas por expressões como «se dit quelquesfois», «se prend quelquesfois», «en plusieurs (Coustumes) signifie». Na generalidade dos artigos, cada parágrafo é uma subentrada e corresponde a uma aceção distinta, apresentando a palavra-lemma em caracteres de corpo inferior. A definição é completada por um exemplo do lema em contexto frásico, cuja função é actualizar num discurso possível os traços definidores anteriormente enunciados. Todavia, ainda que a definição seja a interpretação de um uso específico, a frase-exemplo não constitui por si uma definição bastante, ao contrário do que se verificava nos dicionários bilingues. No que respeita às estruturas fixas, quando o seu sentido está proximamente relacionado com uma determinada aceção, elas são agrupadas num mesmo parágrafo, como sucede em 4) (cf. *supra*).

Esta obra influenciou o *Vocabulario* em aspectos como a hierarquização dos sentidos e a consequente clareza de leitura, mas a aplicação sistemática da técnica de Furetière era incompatível com o modelo de dicionário bilingue que Bluteau traçara, ainda antes de 1690. No *Vocabulario*, o mesmo artigo DOMINIO exemplifica alguns dos limites que o latim impunha:

- [1] DOMINIO. Domínio. Direito de propriedade sobre terras, rios &c. *Dominium, ii.* [...]
- [1A] Deixaõlhe o dominio dos seus bens. *Rerum suarum dominium ei concessum est.* [...]
- [2] Dominio. Bens, que se possuem, & de que se pode usar, & dispor como proprios. *Possessiones, um. Fem. Plur.* [...]
- [3] Dominio. Poder, mando. Tem o fado dominio sobre estas cousas. *In ea dominium casus exercet, ou Ea casus sub dominio habet. Senec. Phil.* (falla como Gentio.) Ter dominio sobre alguem. *Habere imperium in aliquem. Cic.* [...]
- [3A] Dominio. Autoridade, para persuadir, & para inclinar a vontade sobre alguem. (neste sentido.) *In aliquem auctoritatem tenere.* [...]
- [4] Dominio. (Termo Astrologico.) Val o mesmo que Influencia poderosa, na producção de algum effeito. *Dominium, ii. Neut. Vid. Dominante. Vid. Dominar* [...]

A repetição da palavra-lemma é um indício de uma nova acepção, mas as distinções semânticas que se assinalam não são obrigatoriamente relativas ao português. Por exemplo, as acepções de 3) e 3A) são artificiais, na medida em que visam traduzir a diferença no emprego dos termos latinos *imperium* e *auctoritas*. Por outro lado, as frases-exemplo ora surgem em parágrafos isolados (1A), ora após a explicação da acepção (3).

Mas há artigos em que a informação dicionarística se apresenta bem mais fragmentada, o que permite destacar a tradução de séries de estruturas frásicas e expressões nominais, segundo um modelo similar ao que se observou em Pomey. Veja-se o artigo DOMESTICO que, com sete parágrafos, somente assinala duas acepções relevantes para o português:

- [1] DOMESTICO. Doméstico. Domesticado fallando de hum animal bravo, feito manço. *Mansuefactus, Tit. Liv. Ciratus, a, um. Varro. Domitus, a, um. Cic.*
- [2] Domestico. Cousa de casa. *Domesticus, a, um. Cic.*
- [2A] Animal domestico. Criado em casa. *Domesticum animal. Plin. Vid. Caseiro.*
- [2B] Os negocios domesticos. *Res domesticae & familiares. Cic.*
- [2C] Guerra domestica. *Bellum domesticũ. Cic.* Tantas desgraças nas guerras *Domesticas*. Mon. Lusit. Tom. 5. fol. 56. col. 2.
- [2D] Exemplos domesticos. *Domestica exempla, orum. Neut. Plur. Cic.*
- [2E] Temos disto muitos exemplos domesticos. *Sed domi quoque adsunt ejus rei exempla. Cic.*

Seja por incúria dos tipógrafos, que por vezes compunham a página livremente, seja por uma efectiva incongruência do lexicógrafo, o facto é que o parágrafo não pode ser interpretado como uma unidade de sentido estável. Por exemplo, se em 2C) se reúnem num parágrafo expressões que se reportam ao mesmo sentido, o mesmo já não se verifica em 2D) e 2E). Este desajustamento não é um aspecto marginal, pois a configuração rigorosa da mancha gráfica e a hierarquização dos sentidos — com a normalização possível, atendendo à precaridade das análises semânticas e lexicológicas — foi uma conquista fundamental da lexicografia francesa dos finais do século XVII; um progresso que o *Vocabulario* não reproduziu cabalmente, não obstante a importante evolução que representou neste domínio.

### 3.4.1. Homonímia

Os exemplos anteriormente citados são sobretudo casos de polissemia, em que é possível estabelecer conexões de tipo etimológico e semântico entre as diferentes acepções. Todavia, a integração dos casos de homonímia trouxe algumas perturbações à

ordenação, porque estas unidades lexicais poderiam merecer um tratamento num artigo à parte, ou constituir apenas uma subentrada do par homónimo<sup>456</sup>.

A tradição lexicográfica latina tendia a separar os homónimos e Bluteau tenta manter esse procedimento nas palavras portuguesas em que, para além de não haver afinidade entre os sentidos, a homografia não se repetia em latim, como em:

DIVISAM do todo nas suas partes. *Partitio, distributio, tributio, onis* [...]  
 DIVISAM. Divisar Exergar. *Videre* [...]  
 DEBULHO de pão. *Tritura* [...]  
 DEBULHO. O ventre de qualquer animal [...] *intestina* [...]  
 DADO. Adjectivo; cousa que se deu [...]  
 DADO. Substantivo. Bocado de osso [...] [lat. *tessera*]

Os critérios que justificam a separação de artigos nem sempre são tão claros, porque por vezes o lexicógrafo parece privilegiar a etimologia latina, e não a das palavras portuguesas. Por exemplo, em DISTRAHIR, DESFEITO e DESPACHAR, embora haja uma relação entre os significados das diferentes acepções, a tradução para latim não a consegue reproduzir:

DESPACHAR negocios [...] *expediri* [...]  
 DESPACHAR desta vida [...] *morti dare* [...]  
 DISTRAHIR. Encaminhar mal [...]  
 DISTRAHIR. Divertir. Tirar a applicação [...]  
 DESFEITO; Adjectivo. Contrato desfeito [...]  
 DESFEITO. Substantivo. He hum picado [...] Fazse com carneiro [...]

Mas esta não é a solução mais frequente nos artigos extensos e estruturalmente complexos que acumulavam, além das várias acepções comuns, os usos no contexto dos domínios terminológicos e os sentidos figurados consignados nos textos literários. A disparidade do tipo de informação compilada — especulação etimológica, citações latinas, narrativas históricas — quebra a unidade de sentido, transformando o artigo num mosaico de factos e notícias filológicas. Como nas enciclopédias, a entrada é um elemento indexador que introduz um inventário diversificado; daí que não seja inusual a presença de casos de homonímia em subentrada, como se observa nos artigos CANTO e CAPELLA:

CANTO da casa [...]  
 — Canto do olho [...]  
 — Canto. Metaphoric. Estar posto a hum canto [...]  
 — **Canto. A acção de cantar** [...]  
 — **O canto das aves** [...]

<sup>456</sup> De acordo com a terminologia gramatical da época, o conceito de homonímia abarcaria o que hoje se distingue como polissemia. O *Vocabulario*, citando a *Ortographia* (1671) de Barreto, explica que «os nomes *Homonymos* são aquelles, que significão muitas cousas, como este nome Palma, que significa a arvore, a victoria, & a palma da mão» (*Voc.*, s.u. HOMONYMO).

- **O canto chaõ** [...]
- Canto. [...] pedra de cantaria em esquina [...]

CAPELLA

- Capella Real [...]
- Capella (Termo da Curia Romana) Ter Capella [...]
- Capella. Fazenda, que o Testador deixa com obrigação de Missas [...]
- **Capella de flores** [...]
- **Capella de coentro** [...]
- **Capella do olho** [...]
- **Capella. Fortaleza de Picardia, em França** [...]

A localização dos sentidos que não se relacionam com a definição que encabeça o artigo (assinalados a negro) demonstra como a ordenação facilmente escapa a uma rigorosa sequência lógica ou hierárquica: veja-se a última subentrada *canto (pedra)*, que se aproxima semanticamente dos primeiros significados, ou a integração do topónimo *Capella*. À semelhança de Furetière, nos artigos extensos Bluteau privilegia a explicação do maior número possível de significados e, como nota B. Quemada, quanto mais abundante e variada a recolha, mais se tornava perceptível a ausência de uma construção homogénea e coerente<sup>457</sup>.

### 3.4.2. Polissemia

Nos artigos em que as subentradas correspondem apenas a diferentes acepções de um termo polissémico, a ordenação é perturbada pela profusão de sentidos figurados de origem literária, que gozam de uma preponderância que seria muito discutível numa descrição de tipo linguístico, pois formalmente têm um estatuto similar ao das outras acepções.

A coesão e um *continuum* dos sentidos eram garantidos, em primeiro lugar, pela exploração das relações etimológicas, aproveitando os traços semânticos do étimo para construir a definição, ou permitindo que as subentradas se explicassem mutuamente.

ESTANCIA. Morada [...]

- Estancia. (Termo de pedreiro.) [...]
- Estancia. Termo da Poesia Portuguesa [...]
- Estancia. Na Cidade de Lisboa, he o lugar, em que se parte, & vende a lenha. [...]

Estancia em todos os sentidos acima declarados se pode derivar *a stando*, porque em huma pára a cousa, ou a pessoa, em outros a oração.

---

<sup>457</sup> Quemada, 1968: 491.

Numa ordenação de tipo lógico-etimológico, o primeiro significado é o que se aproxima mais do étimo — o *sentido natural*, na terminologia de Bluteau — por oposição ao *sentido impróprio*, que ocorre «quando se significa alguma coisa metaphorica, & imprópriamente»<sup>458</sup>. Como se pressupõe que a definição inicial corresponda ao sentido natural, este raramente é marcado, o que só sucede quando o lexicógrafo pretende sublinhar um contraste entre duas acepções:

AFOGO. **No sentido natural**, suffocação. *Vid.* no seu lugar. No sentido moral, oppressão [...]  
 SUPERCILIO. He palavra Latina de *Supercilium*, que **no sentido natural** quer dizer Sobrancelhas, e no sentido moral, Gravidade, Soberania, Magestade [...]

No *Vocabulario*, a noção de *sentido impróprio* compreende os sentidos figurados, ou não literais, resultantes de extensões metafóricas ou transposições de sentido. Trata-se de alargamentos semânticos que abarcam conceitos não contemplados no sentido próprio e que são assinalados pelas expressões *sentido figurado*, *sentido metafórico* ou *sentido moral*. Em geral, *figurado* indica uma extensão de sentido de uso corrente (cf. CANDEA, ENCOLHER), enquanto *metafórico* aponta para sentidos mais particulares, condicionados pelo contexto específico de um determinado aproveitamento retórico-literário (cf. EMMOLDAR, CENTOPEA):

CANDEA [...] (**No sentido figurado.**) Estar de candeas às avessas com alguém [...]  
 ENCOLHER [...] Encolher os hombros. **No sentido figurado.** Não mostrar resistencia. [...]  
 EMMOLDAR. Vasar no molde. [...] Emmoldar. **No sentido metaphorico.** Os que *Emmoldão* sua alma em Deos. Dial. de Hector Pinto [...]  
 CENTOPEA [...] **Metaphorico.** Huma *Centopèa* de peccados propios. Vieira, Tom. 9. pag. 88. Falla em hum grande numero de peccados.

Todavia, na prática esta distinção não é rigorosa, não só pelas inerentes dificuldades da análise semântica, mas também porque o conceito de sentido figurado incluía a metáfora como uma forma de desvio em relação ao sentido recto<sup>459</sup>. Ou seja, *figurado* e *metafórico* são por vezes expressões equivalentes:

AZA [...] No sentido figurado. Deu-lhe o temor azas à fugida. *Timor addidit alas. Virg.* Seguem-no os que ficarão, & o temor Lhes dá, não pés, mas *Azas* à fugida. Camoens, cant. 4. oit. 43. [...]  
 CHAVE [...] Chave Mestra. Em sentido Figurado. *Vid.* Chave. *Chave Mestra* das sciências he a Philosophia. Varella, Num. Vocal, pag. 193. [...]  
 CAMPO [...] No sentido figurado. Materia larga para o discurso. *Latissimus dicendi campus* [...]

Um sentido metafórico é actualizado em estruturas retoricamente artificiosas, que supõem um investimento estético, ao qual se associa uma intencionalidade discursiva

<sup>458</sup> *Voc.* s.u. IMPROPRIO.

<sup>459</sup> «FIGURADAMENTE. No sentido figurado, ou metaphorico. *Per translationem, per metaphoram* [...]» (*Voc.* s.u.).

específica<sup>460</sup>. O facto de serem sistematicamente ilustrados com citações literárias — sobretudo portuguesas, mas também latinas — indicia que não se trata de sentidos comumente partilhados pelos falantes. De resto, muitos dos significados decorrem apenas da interpretação de um passo literário de um autor assinalado:

CANDELABRO [...] Também **acho** Candelabro **metaphoricamente por** pessoa exemplar, que com a sua virtude, & doutrina alumea. *Candelabro* com luz precioso, & rico Será na vida este Real Prelado. Insul. de Man. Thom. liv. 7. Oit.

Resta referir o *sentido moral*, uma designação inusual dos dicionários franceses que têm servido de comparação, que no *Vocabulario* assinala um extenso número de expressões que remetem para campos semânticos como o das regras de conduta, o comportamento humano, o espírito e o carácter, numa envolvência que é predominantemente religiosa, mas que se pode restringir às práticas do quotidiano<sup>461</sup>.

Como se de uma marca de uso se tratasse, o adjectivo *moral* fornece uma orientação de interpretação, na medida em que o uso figurado só tem o sentido explicitado quando se refere a costumes e características humanas:

ESTOMAGO [...] No sentido moral. Fulano tem estomago para tudo. *Homo est ad omne facinus paratissimus* [...]  
BULIÇOSO [...] No sentido moral. Perturbador. Desinquietao. Aquelle que causa inquietaçoens nas familias, nas communidades, Estados, &c. [...]

A outra vertente — com mais ocorrências que a anterior — associa o *sentido moral* a metáforas do discurso religioso, recolhidas em obras de prédica de autores portugueses, ou a partir de traduções do latim bíblico. O resultado é uma compilação de lugares comuns do púlpito, facilitando aos pregadores a elaboração de sermões e textos moralizantes:

BIOMBOS [...] Biombos, no sentido moral. O Ven. P. Fr. Antonio das Chagas, no segundo volume das suas Cartas Espirituaes chama aos obstaculos, que hà entre a alma, & deos, Muros, & *Biombos* do Espirito. pag. 374.  
CHEIRO [...] (No sentido moral.) Cheiro de virtudes, de santidade, &c. val o mesmo, que opiniaõ, fama, &c. tomada a metaphora destas palavras de S. Paulo 2. Corinth. cap. 2. vers. 15. *Christi bonus odor sumus* [...]

<sup>460</sup> «METÂPHORA. Tropo, ou figura da Rhetorica, & transposição, com que, ou por necessidade, ou por elegancia, ou por encarecimento se muda hũa palavra do seu proprio lugar, & se treslada da sua propria significação para outra, que propriamente não tem, como quando se diz, a balança da justiça, baluarte da fé [...]» (*Voc. s.u.*).

<sup>461</sup> O *Vocabulario* apenas define *sentido moral* no contexto específico do texto moralizador de inspiração religiosa: «SENTIDO [...] O sentido Mystico Tropologico, ou Moral, he o que appropria casos, & historias de hum, & outro Testamento à reformação, & emenda dos nossos costumes [...]» (*Voc. s.u.*). Esta categoria pode ser relacionada com a tradição da hermenêutica bíblica, em que se distinguem os sentidos literal, alegórico, anagórico e moral.

A indexação não é temática, mas basta recordar o valor dos jogos de palavras e das relações semânticas na estética barroca para perceber a utilidade de um dicionário que indicasse quais as possibilidades discursivas que uma determinada palavra proporcionava.

A multiplicação de exemplos e o aparato da fraseologia latina perturbam a boa leitura dos artigos, pois a segmentação da estrutura do enunciado não acompanha as distinções lexicais e semânticas. Nos artigos menos entumecidos com informação bilingue, torna-se imediatamente perceptível uma hierarquização de sentidos coerente, que se inspira nos progressos da técnica lexicográfica de Furetière. Limitando-se a um sentido por parágrafo, no qual se integra a tradução latina, o lexicógrafo estabelece uma unidade basilar, que facilita a distinção das acepções, ainda que recorra a diversas técnicas de exploração semântica.

Assim, torna-se possível admitir no mesmo artigo associações de tipo etimológico — em que a seriação reconstrói o processo de extensão dos sentidos (cf. BERÇO, CANDIDO, DAMASCO) — e fenómenos que o consulente interpretaria como homonímia (cf. CANELA):

DAMASCO. Cidade	BERÇO	CANDIDO. Alvo
— Damasco. seda de lãvres [...]	— Desde o berço [...]	— Candido. Singelo.
— Damasco. Fruto do	— Berço. Patria. Lugar do	— Candido. Muito puro
Damasqueyro [...]	nascimento [...]	
	— Abobada de berço [...]	
	— Berço. Peça curta de artilharia [...]	
CANELA. Droga aromática		
— Canela de fiado. (Termo de Tesselaõ.) He huma canasinha, em que se poem o fiado na lançadeira [...]		
— Canela da perna [...] <sup>462</sup>		

A maioria dos artigos do *Vocabulário* não é modelar no que respeita ao equilíbrio e clareza na distinção e seriação das acepções, mas na própria obra podem encontrar-se bons exemplos de redacção lexicográfica de acordo com a técnica dos dicionários monolingues, algo que os lexicógrafos seguintes decerto não ignoraram. Verney sublinhará o pouco critério com que acumulava estruturas latinas<sup>463</sup>, mas, para Bluteau, a quantidade de bons exemplos era critério bastante. Em todo o caso, expurgados os

<sup>462</sup> Desde que não se registem muitas frases ou sintagmas de exemplo, com a respectiva tradução bilingue, o lexicógrafo tende a elaborar enunciados com uma estrutura coerente. Cf. o artigo CANELA, que ocupa duas colunas, mas apenas tem três parágrafos, correspondentes às três acepções. Inclui citações de tratados técnicos latinos e várias hipóteses de tradução do lema, mas não tem fraseologia bilingue.

<sup>463</sup> Cf. Verney, *Verdadeiro metodo...*, 1746, I: 56.

excessos, permanece o trabalho de compilação de sentidos até então não registados, por vezes apenas sob a forma de frases-exemplo. Este *corpus* volumoso apenas demonstrará todo o seu valor informativo quando, após uma leitura crítica, for reintegrado por Morais Silva no primeiro dicionário verdadeiramente monolíngue<sup>464</sup>.

## 4. Informação linguística

A descrição dos vernáculos através de uma terminologia gramatical sistemática, adaptada da língua latina, encontrou o seu espaço nos primeiros dicionários monolíngues do século XVII. Os lexicógrafos privilegiaram a explicação dos sentidos e a exemplificação, pelo que a informação gramatical foi sempre muito abreviada, concentrando-se sobretudo na distinção das classes de palavras — tradicionalmente designadas como *partes do discurso* —, nos processos de inovação lexical por derivação e composição, e nas notações prosódicas. A sintaxe foi talvez o domínio menos explorado, uma vez que o emprego de marcas codificadoras apenas permitia dicotomias básicas como *verbo transitivo / intransitivo*. Em contrapartida, a ortografia terá sido o aspecto da codificação linguística que mais beneficiou da lexicografia monolíngue, não tanto por uma reflexão explícita de que fosse dada notícia aos consulentes, mas pela consolidação de um uso exemplar e autorizado<sup>465</sup>.

### 4.1. Notações gramaticais

Nos dicionários bilingues, o vernáculo apenas recebia notações de tipo gramatical a título excepcional, pois o equivalente latino era suficiente para esclarecer a classe da palavra-lemma. Neste domínio, Richelet (1680), Furetière (1690) e o dicionário da Académie (1694) representam um progresso considerável, ao generalizar um sistema de

---

<sup>464</sup> Cf. cap. V.1.6.

<sup>465</sup> Delimitamos o âmbito da categoria *informação linguística* de acordo com Hartmann e James, que nela englobam as notações sobre gramática, ortografia e pronúncia (2001: s.u. GRAMMAR, GRAMMATICAL INFORMATION, LINGUISTIC INFORMATION).

codificação que visa classificar todas as palavras, pelo menos no que respeita à categoria gramatical<sup>466</sup>. As abreviaturas empregues por Furetière são já tão claras e regulares, que a dicionarística moderna pouco as alterou (e.g.: *s.f.*, *s.m.*, *plur.*, *sing.*, *adv.*, *part.*, *adj.*, *adj. m.* & *f.*, *part.*, *part. pass.* & *adj.*).

A presença destas notações compreende-se se recordarmos que Richelet compôs o seu dicionário tendo em mente os aprendentes estrangeiros e que Furetière e os académicos tinham plena consciência do carácter transnacional da língua francesa naquele momento histórico. Bluteau inicia o *Vocabulario* com horizontes mais estreitos e, no seu paradigma de dicionário bilingue, a descrição da língua de entrada é secundária, pois conta-se sempre com a competência linguística do falante<sup>467</sup>.

No *Vocabulario* as notações gramaticais não são sistemáticas e assemelham-se a marcas auxiliadoras da redacção, uma vez que a principal função consiste em ordenar e separar a informação quando o macro-artigo agrupa palavras de categorias sintácticas diferentes. Assim, pode dar-se conta dos processos de conversão lexical (ou derivação imprópria) sem multiplicar o número de entradas:

AUXILIAR. Cousa, que ajuda [...]  
Os Auxiliares, ou a gente auxiliar [...]  
Auxiliar. **Verbo.** Soccorrer [...]

O artigo citado demonstra como a informação sobre as categorias se pode reduzir ao mínimo indispensável, sem perturbar a interpretação do enunciado. A primeira alínea refere-se a um adjectivo, que é identificável pela expressão formular *cousa que*; na segunda alínea, pela exemplificação de um uso em contexto («Os Auxiliares»), o consulente percebe que se trata de um substantivo.

<sup>466</sup> Os dicionários bilingues só tardiamente incorporam este procedimento. Se a reedição de Pomey (1691) ainda ignora a gramática francesa, com o avançar do século XVIII a nomenclatura em vernáculo recebe notações sobre a categoria gramatical, como se pode observar na edição de 1735 do *Grand dictionnaire françois et latin* de Danet.

<sup>467</sup> Somente no prólogo do *Suplemento* se lembrará a utilidade do dicionário para os estrangeiros que desejavam aprender português, beneficiando das definições descritivas que permitiam empregar as palavras com propriedade: «Vocabulários proveitosos, são os que declaraõ a natureza, virtudes, e propriedades das cousas, que os vocabulos significão; e são muito mais necessarios aos Estrangeiros, que aos naturaes, porque o Estrangeiro facilmente se equivoca nas palavras de huma lingua, que não he sua, e talvez succede, que com a presumpção de pronunciar huma sentença, com hum disparate desfecha» (*Supp.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

Todavia, e sobretudo quando todas as categorias compreendem palavras de uso frequente, a marca facilita a definição, pois os exemplos em contexto não bastariam para resolver equívocos:

DIARIO. **Adjectivo.** Cousa de cada dia [...]  
Diario. **Substantivo.** O papel, ou livro, em que dia por dia se nota o q̃ succede [...]

ACASO. **Substantivo** [...] Caso fortuito. [...]  
Acaso. **Adverbio.** *Casu, Forte, Fortuito.* Se acaso succeder, que &c. [...]  
Acaso. Se acaso, se por ventura. **Adverbios de duvidar.** *Forsan, forsitan,* [...]

Os participios que apresentam propriedades verbais e nominais merecem particular atenção, sendo geralmente classificados como adjectivos, não obstante os exemplos apontarem mais para funções predicativas do que atributivas<sup>468</sup>. O mesmos participios originam substantivos, através de processos de nominalização:

DITTO, ou Dito. **Adjectivo.** Cousa ditto [...]  
Ditto. **Substantivo.** [...] cousa bem ditto, ou seja grave, como as sentenças, ou aguda, & maliciosa [...]  
COMPOSTO. **Substantivo.** Hum todo, que tem differentes partes [...]  
Composto. **Adjectivo.** O que se compoem de varias cousas [...]  
CALÇADO. **Substantivo.** Todo o genero de çapatos [...]  
Calçado. **Adjectivo** Calçado com çapatos. [...]

A par de adjectivos e participios surgem vários casos de nominalizações recolhidas em textos literários, que podem ser interpretadas como designações elípticas, mas que são integradas no *Vocabulario* como substantivos de valor pleno (cf. COSMICO):

ENROLADO. Participio passivo de Enrolar. *Vid.* Enrolar. **Enrolado. Certo panno de laã.** As finas Beatilhas, Rengos, *Enrolados*, cachas, Beirames, &c. Godinho, viagem da India, 44.  
COSMICO. (Termo Astronomico) [**adjectivo**] Nascimento *cosmico* dos Planetas, Estrellas, & Signos celestes. V. Nascimento. **Cosmico. Substantivo. V. Globo. Acharaõ hum Cosmico, ou Globo Espherico.** Queiros, Vida do Irmaõ Basto [...]

Para os advérbios e interjeições, Bluteau elabora toda uma variedade de classificadores gramaticais, que informam acerca da categoria sintáctica e apontam para um uso com uma finalidade e um contexto enunciativo específicos. Com frequência, os classificadores apoiam-se na interpretação de frases-exemplo, que parecem reproduzir um registo informal e oralizante<sup>469</sup>:

<sup>468</sup> A classificação como participio é menos frequente, mas na prática não parece ser distintiva, pois também é acompanhada por exemplos com função atributiva: «AFILADO. **Participio de afilar.** *Vid.* no seu lugar. **Afilado nariz.** Algum tanto comprido, & agudo [...] Nariz afilado, sobrâcelhas arqueadas [...]» (*Voc.*, s.u.).

<sup>469</sup> Esta terminologia flutuante inspira-se na análise comparativa de usos efectivos: «Ay [...] **Interjeição de sentimento**, v. g. Ay de mim! **De desejo**, v. g. Ay, se viramos já a Deos! **De medo**, v. g. Ay, quanto temo condemnarme! **De pasmo, e admiração**, Ay, quantos beneficios recebemos de

CA. Adverbio, que denota identidade, ou vezinhança de lugar [...]  
 BEM. Adverbio, que significa o bom estado de huma cousa, ou algum grao de perfeição [...]  
 OLÂ. Adverbio de chamar [...]  
 QUAL. Adverbio de duvidar, de afirmar, de zombar, &c. [...] Elle havia de ser tolo? Qual? [...]  
 ASSIM. Adverbio de quem se enfada, de quem concede alguma cousa com ironia, v.g. Acolá se dá muita pancada. Assim! [...]

OLHAI. Interjeição admirativa, irrisoria, e de outros varios effeitos.  
 AZABOMBA. Interjeição chula de quem se admira, v.g. tanto dinheiro tendes? Azabomba.  
 AGOA VAY. Interjeição de quem se admira, de quem zomba, de quem se desembulha  
 PO. Interjeição de quem sente mau cheiro, e se costuma dizer, Po Diabo.

Este género de fórmulas algo empíricas não é tão frequente nas categorias que, para além de compreenderem um número de elementos mais restrito, beneficiavam do exemplo da codificação gramatical latina, como os pronomes e as preposições. Aliás, o objectivo é explorar o paralelismo entre as terminologias e as unidades lexicais das duas línguas:

ELLA. O feminino do pronome relativo elle. *Illa, ea, ipsa*. [...]  
 ESTA, & este. Pronome demonstrativo de cousa, ou pessoa. *Iste, ista, istud*. [...]  
 ISTO. Pronome demonstrativo, e indeclinavel, que se diz da cousa, que se mostra [...] *Id, ejus. Illud, illius. Hoc, hujus* [...]  
 CADA. Pronome Masc. & Fem. que serve de singularisar as cousas, & as pessoas. *Quisque, quaeque, quodque* [...]  
 EU. Pronome primitivo da primeira pessoa. *Ego, mei, mihi, me, me*. [...]  
 ELLE. Pronome relativo. *Ille, is*. [...]

COM. Preposição conjunctiva, com que se denota todo o genero de uniaõ [...] *Cum* [...]  
 DETRAZ. Preposição de lugar, que denota o sitio [...] *Ponè* [...]  
 ENTRE. Preposição de tempo, ou de lugar [...] *Inter* [...]  
 DIANTE. Preposição local, opposta a detraz [...] *Ante. Coram. Prae*. [...]  
 ARRIBA. Arríba. Preposição que denota superioridade [...] *Sursum* [...]

Uma vez apresentados os principais classificadores gramaticais aplicados à descrição do português, deve concluir-se que a terminologia reservada ao latim era mais abundante, o que é apenas o resultado directo de uma descrição comparativamente mais exhaustiva<sup>470</sup>. As lacunas são explicáveis à luz da falta de precedentes, não só porque os dicionários anteriores ignoravam a informação gramatical, mas sobretudo pela ausência de uma produção metalinguística em vernáculo<sup>471</sup>.

---

Deos! **De exhoração**, Ay, não fareis o que vos digo! **De Alegria** Ay, que prazer, Ay, que gloria &c.» (*Supp.*, s.u.).

<sup>470</sup> Apesar do baixo índice de frequência e de um emprego irregular, podemos ainda citar: *particula conjunctiva* (E); *artigo* (DO); *nome colectivo* (CLERO); *termo numeral* (CINCO); *adjectivo numeral* (DECIMO); *palavra corrupta* (ACINTRO, de Absynthium); *palavra composta* (HILARO-TRAGEDIA); *verbo anomalo* (CARANGUEJAR).

<sup>471</sup> Bastará recordar que, em França, a gramaticografia precedeu a dicionarística monolingue. Cf. Collinot e Mazière, 1997: 34-38. De facto, Bluteau cita sobretudo tratados de ortografia, uma vez que as descrições mais amplas do português, recorrendo a uma terminologia específica e empregue com propriedade, são compostas já no início do século XVIII. Merece especial destaque a obra *Regras da*

No *Vocabulario*, os espaços de comentário morfo-sintático acerca do português são geralmente motivados pela versão para latim, recorrendo a um discurso gramatical que pretende ser o quanto possível ambivalente, explorando a intercomunicação entre as duas línguas. Veja-se, por exemplo, a enunciação dos usos e valores da preposição *de*, em que se confrontam estruturas portuguesas e latinas, descritas com a mesma terminologia.

DE. Na lingua Portugueza, de ordinario esta particula he precurso do genitivo, mas no Latim se explica por differêtes modos. [...]

De, entre dous substantivos. O leme de hum navio. *Clavus navis* [...]

Algumas vezes o De Portuguez, que em Latim se explica com hum genitivo, se pode explicar com hum ablativo. V.g. Hum moço de bom natural. *Puer optimae indolis*. [...]

De, entre hum adjectivo, & hum substantivo. Muytas vezes he sinal que em Latim o substantivo se ha de por no genitivo, mas não sempre, como logo se vera. Huma caxa chea de perfumes. *Alabaster plenus unguenti*. [...]

Se no Portuguez este adjectivo for comparativo, & se ao *De* se seguir hum nome plural, (com tanto, q̃ se não falle senão de duas pessoas, ou de duas cousas) traduzirse-há em Latim por outro comparativo, ao qual se dará hum genitivo. V.gr. O mayor dos dous irmãos. *Maior fratrum* [...]

De, quando se segue a hum substantivo, ou a hum adjectivo, tendo apos si hum infinitivo, he sinal, que o infinitivo, Portuguez se há de declarar em Latim com hum gerundio em *Di*. [...]

A técnica de descrição gramatical do latim é particularmente atenta às anomalias de declinação e conjugação e às palavras com significado diferente no plural, mas este tipo de descrição também é aplicado quando o lexicógrafo identifica casos similares em palavras portuguesas:

ESCOLA. Na lingua Portugueza esta palavra no singular val o mesmo que a casa, onde os meninos aprendem a ler, escrever, & contar; & assim se diz *Menino de Escola*, & *andar na escola*, &c. Mas ***Escolas no plural quer dizer os Collegios***, ou Universidade, onde se estudaõ as sciencias [...]

ARMA. ***Esta palavra he mais usada no plural, que no singular***. *Vid.* Armas. *Arma* de arremeço. [...]

A terminologia empregue não constitui novidade, pois é a base da gramaticografia dos vernáculos de origem latina. Todavia, convém sublinhar que a transposição para o dicionário de toda uma série de explicações em estilo quase didático é incomum, e afasta o *Vocabulario* dos dicionários franceses bilingues, que se limitavam a justapor as equivalências. Tal como em outras categorias de informação dicionarística, Bluteau prefere os comentários extensos e pormenorizados às codificações abreviadas, talvez influenciado pela tradição do tratado gramatical de Vóssio, que cita com frequência<sup>472</sup>.

---

*lingua portugueza* (1721) de Contador de Argote. Compare-se, por exemplo, as tipologias de advérbios no *Vocabulario*, atrás citadas, com o esquema normativo de Argote (1725 (1721): 170-171): advérbios de lugar, de tempo, de perguntar, de afirmar, de negar, de mostrar, de comparar, de quantidade.

<sup>472</sup> VÓSSIO, *De arte grammatica libri septem...*, 1635.

## 4.2. Ortografia

O esforço investido em alfabetar um *corpus* lexical alargado — em parte extraído de um conjunto diversificado de autores portugueses que podiam remontar ao século XVI — suscitou inevitavelmente problemas ao nível da fixação de um código ortográfico. Como se referiu no cap. II.4, Bluteau tentou fomentar a discussão de uma norma suportada pela autoridade dos doutos, mas as discussões académicas sobre as palavras a incluir no *Vocabulario* foram episódicas, não se direccionaram para a definição de convenções e o número de unidades abordadas foi pouco relevante.

Acresce que, não obstante colaborações pontuais, uma parte substancial da obra foi composta no exílio de Alcobaça, num labor essencialmente individual, factor que aumenta a preponderância do autor na determinação dos critérios ortográficos do dicionário. Assim se compreende que o lexicógrafo procurasse ancorar as suas opções ortográficas numa série de autoridades, credibilizadoras e justificativas, que constituíram o substituto possível de uma norma por definir. Neste âmbito enquadram-se os tratados ortográficos mais recentes e o *corpus* lexicográfico do português já publicado, mas também o património textual impresso, sob a forma de abonações recolhidas preferencialmente em autores prestigiados<sup>473</sup>.

### 4.2.1. A reflexão metaortográfica nos dicionários

Nas décadas de 80 e 90 — um período em que o *Vocabulario* já era bem mais que um esboço — o debate em torno da ortografia ecoava nos dicionários franceses. A corrente mais conservadora, defensora de um registo etimologizante, recolhia o apoio da Académie, postulando a aproximação ao modelo estável e consagrado que a língua latina oferecia<sup>474</sup>. As propostas alternativas, não desconhecendo as orientações dos académicos,

---

<sup>473</sup> Todavia, a autoridade dos textos metalinguísticos portugueses deve ser ponderada, pois no século XVII a sua função normativa não era consensualmente reconhecida.

<sup>474</sup> Sobre as longas discussões em torno da ortografia que antecederam a edição de 1694, cf. Pasques, 1988. Os trabalhos conducentes à redacção do dicionário iniciaram-se poucos anos após a fundação (1635), mas o empenho dos académicos foi inconstante e desigual, dependendo, durante muito tempo, da dedicação militante de Claude Vaugelas (1585-1650). As críticas ao empreendimento

assentavam na tese de que o caminho para a uniformização passaria pela modernização da escrita, simplificando-a e reduzindo a variedade de grafemas usados para representar o mesmo som<sup>475</sup>.

No prólogo do *Dictionnaire françois* (1680), Pierre Richelet explicita as suas convenções ortográficas, apontando a facilidade de aprendizagem como justificação para algumas simplificações que introduziu na escrita, no sentido de contornar os inconvenientes do sistema tradicional. Uma vez que recusa intervenções tão profundas que perturbem o reconhecimento da palavra, limita-se a eliminar, com prudência, algumas letras que não se pronunciavam<sup>476</sup>.

Ao contrário do dicionário da Académie, Richelet autoriza a nomenclatura com citações de autores prestigiados, sobretudo escritores contemporâneos que pertenciam ao corpo de académicos. Pode assim assegurar que a ortografia apresentada correspondia a um uso efectivo — «Je raporte seulement ce que j'ai vû pratiquer par d'habiles gents»<sup>477</sup> — e é neste contexto que afirma não pretender prescrever leis a ninguém. Esta salvaguarda tem em conta a prometida publicação do dicionário da Académie, pelo que submete o seu trabalho à crítica dos doutos, pedindo-lhes que o corrijam e lhe comuniquem os defeitos que encontrarem<sup>478</sup>.

Furetière, em contrapartida, não parece conceder grande importância à questão da ortografia, pois não a aborda na introdução ao *Essais d'un dictionnaire universel* (1684). O prefácio da edição definitiva, publicada postumamente por Pierre Bayle (1690), é

acumulavam-se, pois os atrasos na publicação desactualizavam uma obra que se propunha dicionarizar a língua contemporânea.

<sup>475</sup> Entre os textos basilares da corrente modernizante, destacam-se as duas ortografias de Louis de Lesclache (*Les véritables règles de l'ortographe francéze, ou l'Art d'apprendre an peu de tams à écrire côrectemant...*, 1668), e Antoine Lartigaut (*Les progrès de la véritable ortographe ou L'ortographe francéze fondée sur ses principes confirmée par démonstracions. Ouvrage particulièrement, et nêcêcêr à toute sorte de persones qui veulent lire, prononcer, ou écrire parfêtement par Règles...*, 1669). Ambas as obras são motivadas pela intenção de tornar a escrita acessível a todos, reclamando em sua defesa o facto de obedecerem a princípios racionais.

<sup>476</sup> «Touchant l'Ortographe, on a gardé un milieu entre l'ancienne, & celle qui est tout à fait moderne, & qui défigure la Langue. On a seulement retranché de plusieurs mots les lettres qui ne rendent pas les mots méconnoissables quand elles en sont ôtées, & qui ne se prononçant point, embarrassent les Etrangers, & la plu-part des Provinciaux. On a écrit avocat, batistere, batême, colére, mélancolie, plu, reçu, revuë, tisanne, tresor, & non pas advocat, baptistere, baptême, cholere, melancholie, pleu, receu, reveue, ptisane, thresor» (Richelet, *Dict. François*, 1680: «Avertissement»).

<sup>477</sup> *Ibidem: loc. cit.*

assinado pelo editor, e também não há indicação acerca dos critérios. À semelhança de Richelet, a nomenclatura é autorizada com citações, pelo que se pressupõe a submissão a um uso literariamente consagrado.

O tão aguardado dicionário da Académie (1694) não é propriamente uma obra modelar em termos de regularidade ortográfica, mas, em grande medida devido aos princípios que os académicos enunciaram no prólogo, ganhou reputação de instrumento normativo, apesar das divergências efectivas entre o prometido e a realidade<sup>479</sup>.

De acordo com os registos do secretário Mézeray, relativos ao período seguinte à morte de Vaugelas, a generalidade dos académicos partilhava o sentimento de que a via etimológica, consentânea com o uso dos que sabem escrever correctamente, era a mais adequada para garantir a uniformização e a permanência gráficas<sup>480</sup>. Mas o sucesso do dicionário de Richelet e propostas como as de Lartigaut e Lesclache, decerto com um alcance mais restrito, mereceram comentário no «Préface» da edição de 1694. A Académie, afirmavam, seguia a ortografia antiga, «receuë parmi tous les gens de lettres», que permitia reconhecer a origem das palavras, recusando as inovações que escondessem as relações etimológicas e analógicas. Nesta matéria, os académicos pretendiam que o dicionário fosse prescritivo, uma vez que só aprovavam a forma registada como entrada, mesmo que grafias distintas surgissem ao longo do texto lexicográfico<sup>481</sup>. Recusando as pretensões dos ortógrafos reformadores, os académicos consideravam normal que a escrita, independentemente da língua, não reproduzisse fielmente a oralidade, fenómeno que já os latinos notavam. Nem se justificava um esforço, de resultados duvidosos, no

---

<sup>478</sup> Até 1694, o *Dictionnaire françois* será reeditado 7 vezes, número que demonstra o bom acolhimento e a carência de textos lexicográficos. No total, conheceu pelo menos cerca de 65 reedições e reimpressões (Bray, 1990: 1798).

<sup>479</sup> O tratamento estatístico do corpus lexicográfico do dicionário da Académie revelou um considerável grau de variação e incoerência nas grafias. Cf. Leroy-Turcan e Wooldridge, 1999. Com recurso à base de dados, os autores ensaiaram um estudo preliminar da variação gráfica e da incoerência na grafia das palavras, confrontando as ocorrências em entrada, o artigo respectivo e os restantes artigos (Leroy-Turcan e Wooldridge, 1998), bem como uma avaliação da constância no uso de dígrafos etimologizantes (Wooldridge, 1999).

<sup>480</sup> As vantagens das letras etimológicas foram enunciadas pelo orador Jacques Bossuet (1627-1704), que felicitou os académicos pelos critérios adoptados, no sentido de manter a fidelidade à matriz latina. Cf. Pasques, 1988: 36-37. Sobre a teorização ortográfica proposta por Mézeray, que seguia em larga medida a escrita tradicional, cf. Swiggers, 1998.

<sup>481</sup> «Et si un mesme mot se trouve escrit dans le Dictionnaire de deux manieres differentes, celle don't il sera escrit en lettres Capitales au commencement de l'Article est la seule que l'Academie approuve» (Académie, 1694: «Préface»).

sentido de alterar a representação escrita para agradar aos estrangeiros, pois a pronúncia devia ser aprendida pela conversação com os naturais<sup>482</sup>.

Nos três dicionários citados, o destaque que nos paratextos explicitamente se concede à questão ortográfica é desigual. Todavia, em nenhum caso se contraria de forma relevante a escrita etimológica e mesmo os autorizados académicos transformam o uso prestigiado em norma tácita, arbitrando em favor de um uso que, no fundo, era o seu, mas que não conseguem sistematizar.

Se considerarmos as influências nacionais mais próximas, a *Prosodia* e o *Tesouro* — obras que o teatino constantemente invoca para regular ortografias dúbias — verifica-se que Bento Pereira se debateu com problemas semelhantes, pois limitou-se a seguir o uso que considerava mais correcto, o «escrever dos atilados». Argumentando que não queria desacreditar o dicionário, o jesuíta acedeu com renitência a explicitar regras ortográficas, como confessa na introdução às *Regras gerays* (1666)<sup>483</sup>.

Convém ainda ter presente que a estruturação de uma técnica lexicográfica em Bluteau é anterior à publicação dos volumes da Académie (1694), pelo que colhe as principais influências em dicionários de aspirações enciclopédicas, com a nomenclatura e grafias abonadas por citações literárias, e sem normas ortográficas consensualmente aceites. Assim, algumas insuficiências que o teatino acaba por reconhecer no seu trabalho são “defeitos” de que enfermam obras contemporâneas similares.

#### 4.2.2. A reflexão metaortográfica no *Vocabulario*

Considerando o exemplo da lexicografia francesa, é curioso que a questão da ortografia não tenha sido mencionada no copioso «Prologo a todo o genero de leitores» (1712), omitindo-se qualquer tipo de esclarecimento explícito sobre os critérios

<sup>482</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>483</sup> «Poys com razam temia a incoherencia que poderiaõ ter regras gerays, que havia de dar, com os vocabulalos [*sic*] já impressos, desdizendo os documentos dos exemplos, as palavras das obras, ensinando huma cousa, & obrando outra. [...] Quanto mays que os que acharem nam guardar a Prosodia as regras do seu author, o podem desculpar entendendo, que a Prosodia foy impressa antes das regras feytas, & antes do pensamento de se fazerem: & que por entam se conformou com o vulgar, & racionavel escrever dos atilados» (B. Pereira, *Regras...*, 1666: «Aos desapayxonados, & benevolos»).

adoptados, e anotando apenas alusões gerais à concordância entre o latim e o português<sup>484</sup>. No afã de antecipar todas as críticas possíveis, apressa-se a enjeitar a responsabilidade pelos erros da impressão, mas pelo contexto se percebe que se refere a gralhas, e não a alterações na ortografia<sup>485</sup>.

É legítimo supor que se tratasse de um silêncio recomendado pela prudência, pois não havia normas consensuais que pudessem ser invocadas, nem uma obra com uma influência comparável à que a *Orthographia* de Feijó teria após 1734. Além disso, a experiência da impressão dos sermões, a partir de 1670, certamente lhe demonstrara que seria impossível garantir, numa obra tão extensa, o respeito pela grafia do autor, conferindo incoerência aos princípios que eventualmente enunciasse. Por último, e considerando a perspectiva do receptor, se o autor admitisse que julgava a ortografia deficiente, punha em causa a possibilidade de o dicionário se tornar uma obra de referência<sup>486</sup>.

Para além das grafias que saíram da pena de Bluteau — fossem ou não do seu agrado — há que considerar as alterações imputáveis ao trânsito entre oficinas tipográficas. Em 1716, o *Vocabulario* passa a ser impresso em Lisboa, na oficina de Pascoal da Silva, o que constitui uma oportunidade para introduzir correcções aos quatro volumes publicados no Colégio das Artes. As erratas estendem-se ao longo de 14 páginas e visam apenas emendar algumas gralhas tipográficas que prejudicavam a inteligibilidade — troca ou supressão de letras — pois o teatino considera que os desvios na pontuação e a variação na grafia das palavras são inúmeros e identificáveis pelos doutos. Os dois tomos de 1712 merecem-lhe especial referência, uma vez que os impressores teriam insistido em grafias que reprovava, sobretudo no que respeita à duplicação de consoantes<sup>487</sup>. De resto,

---

<sup>484</sup> «Na grande afinidade do Portuguez com o Latim, se ve claramente, que o Lacio há de ser a fonte, & o thesouro mais propinquo, donde Portugal há de tirar as palavras, de que necessita» (*Voc.*, I: «Ao muyto alto [...] Rey Dom João»).

<sup>485</sup> «Tambem não sam meus os erros da impressam, mas infallivelmente seram materia da tua Pseudocritica muitos erros destes [...] Se sempre fora o Leitor douto, & benevolo, não imputaria ao Autor estes erros do prelo» (*Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

<sup>486</sup> Porque se apoiava em usos prestigiados, a obra podia ser apresentada como modelo seguro na ortografia, no entender do censor Fr. Pantaleão de Barros: «[...] & paraque todos os Portuguezes possaõ tirar deste grande Theouro da sua lingoa muito proveito, a todos se abre em regras seguras de Orthographia; & chegamos a ter, o que athequi não tinhamos, calificado methodo de escrever com certeza» (*Voc.*, III: «Licenças»).

<sup>487</sup> «Advertencias para as emendas dos dous primeiros volumes. I. Não se apontaõ os erros da pontuaçaõ, pela multidaõ delles; facilmente os conhecerà o Leitor discreto, & douto. II. Certas

desconhece-se até que ponto o autor teve oportunidade de acompanhar a impressão dos dois volumes referidos, após o momento em que remeteu os cadernos para Coimbra<sup>488</sup>.

É apenas no volume de 1727 que se encontra, sob a forma de «Advertencias a todo o leitor, para o uso deste Supplemento», o mais explícito reconhecimento das limitações do dicionário a nível ortográfico. Em resposta às críticas que decerto se acumularam ao longo dos anos, lembra que nas Conferências defendera a normalização:

Se (como ja muitas vezes tenho representado, e com mais particularidade em hum discurso, que sobre esta materia fiz na Academia do Conde da Ericeira) se reformara a Orthografia Portugueza, e se reduzira a hum modo de escrever commum, senaõ a todos, aos zelosos da perfeição da sua lingua, naõ haveria hoje tanta diversidade no escrever, nem tanto trabalho em buscar inutilmente palavras, de cujo significado se necessita.<sup>489</sup>

O lexicógrafo apresenta-se como uma vítima do caos instituído, pois, na ausência de regras, tomou como referência as lições de diferentes autores — isto é, autoridades — originando variações sensíveis. Em consequência, também não considera «certa» a ortografia dos suplementos, ao mesmo tempo que abdica de qualquer tentativa de correcção dos volumes anteriores, já que as erratas são novamente dedicadas às gralhas tipográficas. Bluteau não reclama para o *Vocabulario* um peso normativo, tanto mais que as regras continuavam por definir, dependentes de uma autorização que ultrapassasse as contingências das propostas individuais, com uma difícil aceitação generalizada. A solução residiria numa decisão consensual, emanada de um conselho de homens doutos, cuja autoridade credibilizaria inequivocamente as regras apresentadas:

Neste Supplemento, como tambem nos oito volumes do Vocabulario, naõ está a Orthografia certa, porque até agora naõ achei no idioma Portuguez regras de Orthografia taõ certas, nem Authores nesta arte taõ uniformes, que tenhaõ assentado com geral aceitação, e approvaçãõ dos Doutos, o verdadeiro modo de escrever; [...] finalmente na Orthografia Portugueza, como na casa onde naõ ha paõ, todos gritaõ, e ninguem tem razaõ, porque até naõ assentarem os Doutos, como o tem feito os das outras naçoens, o modo com que se ha de escrever, sempre haverá contendas, e naõ saberá o vulgo quem tem razaõ. Eu, que (como Estrangeiro) naõ tenho voto na materia, muitas vezes me achei taõ confuso, que naõ sabendo que partido seguir, em huns vocabulos me conformey com a Orthografia de huns Authores, em outros com a de outros; e o peor he, que já naõ tem remedio esta diversidade, porque nem posso fazer outra impressãõ, nem já me he possivel emendar o que escrevi.<sup>490</sup>

---

palavras sahem quasi sempre com mais, ou menos letras, ou com letras trocadas: v.g. Edicção, por *Ediçaõ*, plural, por *plural*, luzido, por *luzidio*, Salmacio, por *Salmasio*, accender, & acezo, por *acender*, & *acezo*, &c. Tambem os erros deste genero saõ tantos, que as emendas delles encheriaõ muitas paginas. Dos artigos *do*, & *da*, em lugar de *do*, ou ao contrario, tambem naõ se faz mençaõ, pela razaõ sobredita» (*Voc.*, V, «Erratas, e emendas»).

<sup>488</sup> O processo é descrito na carta do padre António Portocarrero a Bluteau (Coimbra, 14-11-1712. B.N.L. Cod. 7.701).

<sup>489</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico».

<sup>490</sup> *Supp.*, I: «Advertencias a todo o leitor».

Bluteau teria sobretudo em mente as vantagens em transpor para Portugal o modelo e os objectivos da Academia Francesa, cujo dicionário assentava numa longuíssima discussão sobre os critérios ortográficos a adoptar, iniciada aquando da sua instituição e que se prolongou muito para além da publicação da edição de 1694<sup>491</sup>. Mas decerto também não ignoraria a edição do *Diccionario de la lengua castellana* (1726-1739), sob a égide da Real Academia Espanhola<sup>492</sup>, ou o renovado *Vocabulario della Crusca* (1691). Concluída a publicação do *Vocabulario*, a obra e o autor ressentem-se da falta de um patrocínio régio ou académico efectivamente legitimador, que marcaria a diferença entre a opinião particular e a força da autoridade.

#### 4.2.3. Principais soluções ortográficas

O alargamento das fontes de abonação e o universo intertextual das citações literárias expandiram o leque de ortografias contraditórias. Mesmo que optasse por se restringir aos «autores de boa nota», o que não se verificou, as variações seriam inevitáveis, como reconhece no tomo publicado em 1720<sup>493</sup>.

A análise exhaustiva da norma ortográfica no *Vocabulario* afigura-se como uma tarefa que transcende os limites do presente estudo, sobretudo perante a escassez de manuscritos autógrafos e a dificuldade em estimar os efeitos da intervenção dos tipógrafos. Concentramo-nos apenas em alguns traços que configuram a teorização da escrita etimologizante, que se desenvolverá ao longo do século XVIII, e em que a influência do *Vocabulario* não é secundária.

---

<sup>491</sup> As atribuições da Academia Francesa justificam-se à luz de um esforço de unificação política e linguística do território, em face da diversidade dialectal. Cf. Pasques, 1988. Apesar de a Académie ter posto de parte o projecto de publicar uma gramática e uma ortografia, a obra *Remarques sur la langue françoise* (1647) de Vaugelas supre em parte essa função, norteadando o trabalho lexicográfico dos académicos. Cf. Leroy-Turcan, 1998: 96-100. Sobre a construção da teoria ortográfica da Académie, cf. Biedermann-Pasques, 1998.

<sup>492</sup> Sobre a génese do *Diccionario de la lengua castellana*, cf. Miranda, 1998.

<sup>493</sup> Cf. *Voc.*, s.u. ORTHOGRAPHIA. Citado *supra*, cap. II.4.1.3.

#### 4.2.3.1. Diacríticos e timbre vocálico

A percepção de que o número de sons vocálicos era superior ao número de grafemas disponíveis no alfabeto latino já se encontrava expressa em Fernão de Oliveira e João de Barros, autores que se direccionam para uma descrição sincrónica da língua.

Oliveira, atentando nas diferenças articulatórias, identifica oito sons vocálicos — vogais “grandes” e “pequenas” — e amplia o número de grafemas, recorrendo ao alfabeto grego para representar as vogais abertas e mantendo as letras tradicionais para as vogais fechadas (<a, α, e, ε, i, o, u)<sup>494</sup>. João de Barros mantém as distinções estabelecidas pelo antecessor no que respeita às vogais grandes e pequenas, mas aplica o esquema de pares opositivos também ao <i> e ao <u>, classificando os sons consonânticos como “i longo” e “u longo”, e os sons vocálicos como “i pequeno” e “u pequeno”<sup>495</sup>.

Com Gandavo (*Regras*, 1574) e Nunes de Leão (*Orthographia*, 1576), o alfabeto regressa à configuração tradicional, acompanhando a tendência de aproximação do vernáculo ao latim. Leão secundariza os critérios fonético-fonológicos e retoma as noções de quantidade para contestar a duplicação dos grafemas <a, e, o>, uma vez que as letras variavam por motivos acidentais, sem que se alterasse a sua natureza<sup>496</sup>. A vogal seria longa ou breve de acordo com o tipo de letras a que se juntasse, e essa variação poderia ser marcada com diacríticos, sempre que tal auxílio facilitasse a leitura e a pronúncia correctas em formas homógrafas. Assim, aplica o acento circunflexo às vogais fechadas e o agudo às abertas, embora ressalve que a acentuação gráfica não é obrigatória<sup>497</sup>.

Os ortografistas que publicaram tratados até ao final do século XVII mantiveram grande parte dos princípios expostos por Nunes de Leão acerca das vogais, variando contudo na questão da duplicação das vogais e nas recomendações para o emprego dos acentos grave, agudo e circunflexo. De facto, Amaro de Reboredo, Ferreira de Vera e Franco Barreto parafraseiam abundantemente a *Orthographia* de Leão<sup>498</sup>.

<sup>494</sup> Quanto aos grafemas, Barros limita-se ao alfabeto latino, empregando diacríticos e, no caso de <i> e <u>, conferindo às respectivas maiúsculas um valor fonético distinto. Cf. Gonçalves, 1998, II: 13-14; Kemmler, 1996: 20-21.

<sup>495</sup> Cf. Gonçalves, 1998, II: 23; Kemmler, 1996: 24.

<sup>496</sup> Leão, *Orthographia*, 1576: 3r-3v, 6r, 14r.

<sup>497</sup> *Ibidem*: 17v.

<sup>498</sup> Sobre a recusa em admitir a duplicação dos grafemas, cf. por exemplo Vera, *Orthographia*, 1631: 14v; Barreto, *Ortografia*, 1671: 71 e ss.

O discurso de Leão era contextualmente motivado pelas anteriores propostas de novos grafemas, mas cem anos depois os ortografistas ainda repetiam os seus argumentos, sem remissão para os textos de Oliveira e Barros. Talvez seja essa a explicação para o facto de Bluteau considerar contraditório que Leão e os sucessores afirmem que <a, e, o> são letras simples, e simultaneamente notem as diferenças na pronúncia:

Muito me admira a repugnancia dos nossos Orthografos Alvaro Ferreira de Vera, e Joaõ Franco Barreto, em admittir no idioma Portuguez dous EE, hum longo, e outro breve, ou hum *e* pequeno, e outro grande. [...] não pretendo infirmar as suas leys; mas às suas venerandas memorias peço licença para dizer, que forçosamente tem estes dous *ee* alguma differença [...] e he preciso confessar, que huma letra, ainda que na figura semelhante a outra, se faz diversa, quando com diversidade se pronuncia<sup>499</sup>.

Confrontando os sucessivos tratados, regista-se uma evolução no modo de representar graficamente a distinção. Leão, valendo-se de explicações etimológicas, grafa com vogal dupla toda uma série de sons vocálicos abertos, em palavras que classifica como nomes contractos (e.g. lat. PEDE- > *pee*). No século seguinte, Vera ainda reconhece essas grafias, mas nota que «quem não quizer dobrar, use do accento circunflexo»<sup>500</sup>. O jesuíta Bento Pereira propõe nova simplificação, condescendendo apenas nos grupos <yi>, <iy> e <ij>, por considerar que são sons distintos (e.g. *mentyis*)<sup>501</sup>. Só muito esporadicamente se encontram no *Vocabulario* exemplos de duplicação do <e>. Um dos casos é a palavra *veedor*, que no respectivo artigo surge com a forma *védor/ vedor*; o plural *veedores* ocorre duas vezes na letra C. Da palavra *Sé* registam-se duas ocorrências com as grafias *Seé* e *sées*, também na letra C.

Mas se a solução mais aceitável nos finais do século XVII passa pela acentuação gráfica das vogais “breves”, a verdade é que o teatino não encontra regularidade na aplicação dos diacríticos nem entre os autores portugueses, nem no *Thesouro* de Bento Pereira, inclusive no casos em que os acentos gráficos adquiriam valor distintivo em situação de homografia. Aliás, tendo em conta os exemplos que apresenta para demonstrar que em francês a mesma vogal pode representar vários sons (as «tres castas de *e*» em *nettètè, fermettè*), reforça a ideia de que não era necessária uma acentuação que sistematicamente representasse as variações de timbre<sup>502</sup>.

<sup>499</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 192.

<sup>500</sup> Vera, *Orthographia*, 1631: 31.

<sup>501</sup> B. Pereira, *Regras*, 1666: 42.

<sup>502</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 192-193.

Considerando a relação entre a presença do diacrítico e o grau de abertura das vogais, a acentuação gráfica no *Vocabulario* é irregular, facto que é característico deste período da história da língua portuguesa e que está de acordo com uma certa liberdade que os ortografistas dos séculos XVII e XVIII concederam nesta matéria, recomendando o uso dos diacríticos em função da necessidade<sup>503</sup>.

Nos primeiros volumes, a variação no texto impresso é muito mais expressiva que nos suplementos e é particularmente notório o modo assistemático como os compositores optavam pelo acento grave ou agudo, ou simplesmente pela ausência. Neste domínio Bluteau não explicitou cabalmente os princípios que norteavam a acentuação na sua escrita. Todavia, a análise do manuscrito original de imprensa, respeitante a parte da letra G, demonstra que a acentuação gráfica foi precisamente o traço ortográfico que mereceu mais correcções por parte da tipografia<sup>504</sup>.

A amostra, ainda que pouco extensa, permite concluir que o teatino acentuava frequentemente as palavras, mas com muitas incoerências. Geralmente marca as vogais abertas [a] [ɛ] [ɔ] em sílaba tónica com acento grave ou acento circunflexo, prática que a casa tipográfica quase sempre corrigiu imprimindo de preferência com acento agudo. Assim, por exemplo, Bluteau escreve *jâ*, *jâ*, *pê*, *sô*, alterados no texto impresso em *já*, *pé*, *só*. A supressão ou substituição do circunflexo é um procedimento generalizado, talvez porque a quantidade deste tipo de acentos nos manuscritos fosse superior à disponibilidade da caixa tipográfica.

Se é certo que a oscilação entre acento grave e agudo se mantém nos tomos de Coimbra — sem que se possam identificar facilmente padrões devidos à mudança no compositor — nos suplementos o texto tem uma aparência mais normalizada, reduzindo substancialmente as formas com acento agudo. Compara-se o número de ocorrências das diferentes acentuações da palavra *pé*, no conjunto da letra C e nos suplementos:

---

<sup>503</sup> Cf. Marquilhas, 1987: 110-111.

<sup>504</sup> Cf. Marquilhas, 1991: 81-85. Confrontando os manuscritos de Bluteau, Manuel da Rocha, Manuel dos Santos e Tomás Caetano de Bem com os respectivos impressos, conclui que «todos os quatro autores têm problemas em impor as suas opções gráficas no campo da inclusão / exclusão de acentos e de hífen» (*ibidem*: 81).

**Variação na acentuação gráfica**

Letra C ( <i>Voc.</i> II, 1712)	<i>Supp.</i> , 1727-1728
pe (2)	—
pé (42)	pé (141)
pè (69)	pè (5)
pés (40)	pés (146)
pès (52)	pès (14)

As diferenças são significativas, especialmente se notarmos que, no *Suplemento*, das 14 formas de *pès*, 13 foram impressas em carácter itálico, o que indica tratar-se de uma imposição condicionada pelos tipos disponíveis. No caso de *até* / *atè*, o fenómeno é semelhante, uma vez que, no volume de 1712, nenhuma das formas é predominante, enquanto nos suplementos a frequência de *atè* é muitíssimo baixa (inferior a 10).

Todavia, não são muitas as palavras em que a normalização atinge este grau, pelo que não estamos em presença de uma intervenção de revisão consciente e organizada, aquando da impressão do *Suplemento*. É certo que, na generalidade das palavras, a acentuação gráfica se manterá inconstante, mas torna-se mais visível o peso de uma tradição ortográfica vigente na tipografia. Veja-se o caso da forma verbal *dá* / *dà*, forçosamente marcada para distinguir da contracção da preposição com o artigo definido. Na letra C, o acento agudo é o predominante, com mais de 95% das ocorrências. No volume de 1727, todas as formas têm acento agudo, mas, no segundo tomo do *Suplemento*, a prática altera-se, e a forma *dà* representa cerca de dois terços das ocorrências<sup>505</sup>.

Também não se nota a preocupação em distinguir de forma sistemática as vogais abertas nos casos em que se registava alternância de timbre entre o singular e o plural. Embora Bento Pereira e Barreto divergissem a propósito da necessidade de marcar as formas do singular, ambos prescreviam o acento agudo no plural<sup>506</sup>. Todavia, a ortografia do *Vocabulario* demonstra bem o valor relativo das recomendações dos gramáticos junto dos tipógrafos. Como se observa no quadro abaixo, além do facto de as formas acentuadas serem menos frequentes, varia o tipo de diacrítico:

<sup>505</sup> Letra C (*Voc.*, II, 1712): *dá* (191), *dà* (8); *Supp.* I, 1727: *dá* (247); *Supp.*, II, 1728: *dá* (52), *dà* (102).

**Notação gráfica de vogais abertas<sup>507</sup>**

ovos (14)	olhos (88)	ossos (34)	poços (4)	povos (55)
óvos (2)	—	óssos (1)	—	póvos (7)
òvos (4)	òlhos (4)	òssos (1)	pòços (1)	pòvos (1)

#### 4.2.3.2. I vocálico e semivocálico

Como atrás se observou, por imposições da tradição alfabética latina, que desconhecia o <j>, a designação genérica de “i” podia englobar grafemas de valor fonético distinto<sup>508</sup>.

Em 1666, Bento Pereira separa claramente o «i vogal», o «i consoante» e o «ypsilon Portuguez», que é «hum modo de vogal não sufficiente a fazer syllaba». Essa oposição reflectia-se no sistema ortográfico, pois o <y> representa [j], sem que se enunciem excepções ou concessões a grafias tradicionais<sup>509</sup>. Assim, aplica-se em posição medial e final (*Mayo, Rey*), inclusive nos plurais em <-ays, -eys> (*Mortays, andays, sereys*)<sup>510</sup>.

Na «Prosa Grammatonomica», Bluteau reconhece que B. Pereira ditou as «regras mais certas»<sup>511</sup>, mas é forçado a admitir que a prática ortográfica era bastante diversificada: se alguns seguem as recomendações do jesuíta, outros recusam-nas e muitos empregam o <y> somente em algumas palavras. O teatino não encara como problemática a identificação das situações em que «a letra I não he sufficiente para constituir syllaba»,

<sup>506</sup> B. Pereira, *Regras*, 1666: 36; Barreto, *Ortografia*, 1671: 207. No singular, o jesuíta não acentua e Barreto recomenda o acento circunflexo. Na «Prosa Grammatonomica» Bluteau explicita oposições como *corvo, córvos* (*Prosas Portuguezas*, II: 210).

<sup>507</sup> Exemplos recolhidos na letra C (*Voc. II*, 1712).

<sup>508</sup> No que respeita à distinção entre [i] e [j], na segunda metade do século XVII os textos impressos revelam que se consolidou o valor do grafema <j> minúsculo em interior de palavra. O <J> maiúsculo, carácter que não abundaria nas tipografias, ainda não se generalizara, podendo manter-se o <I> em posição inicial. A oposição entre [i] e [j] encontra-se bem documentada nos tratados ortográficos, tendo por base o critério da possibilidade de constituir núcleo silábico. Todavia, a semivogal podia ser representada pelos alógrafos <i, y, j, e>, sendo este último grafema frequente nos plurais cuja grafia fora estabelecida com base na etimologia (lat. –ALES > port. -aes). Cf. Marquilhas, 1991: 85.

<sup>509</sup> B. Pereira, *Regras*, 1666: 70-71. O <y> representaria simultaneamente o y grego etimológico, correspondente a [i].

<sup>510</sup> *Ibidem*: 74.

<sup>511</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 226.

mas a aplicação da regra encontraria muitas resistências, sobretudo na grafia dos plurais, apesar de a grafia <y> ser plenamente justificada<sup>512</sup>.

Se o teatino pensava assim em 1722, a verdade é que nem sempre seguiu estas indicações. Regressando ao estudo de Rita Marquilhas sobre os originais de imprensa, constata-se que no manuscrito do *Vocabulario* referente a parte da letra G, Bluteau escrevia com <i> a semivogal no caso dos ditongos decrescentes, prática que a casa impressora corrigiu sistematicamente por <y><sup>513</sup>.

São justamente os princípios de racionalidade subjacentes a esta regra que dificultam a sua aplicação. O emprego do <y> decorria de uma apreciação da realização fonética da palavra, o que contraria um sistema ortográfico marcadamente ideovisual, em que o uso justifica a grafia. Além de implicar alterações substanciais na configuração gráfica de muitas palavras, modificava-lhes irremediavelmente a aparência latina, introduzindo <y> onde os latinos grafavam <i>. De facto, no caso dos ditongos decrescentes em [j], a regularidade na opção por uma determinada grafia constituiria um traço ortográfico marcante, a que o leitor não seria insensível ao primeiro contacto com o texto, apercebendo-se facilmente de eventuais discrepâncias.

De modo a avaliar em que medida o grau de variação na grafia dos ditongos decrescentes é significativo, procedeu-se a uma sondagem no *corpus* constituído pela letra C (tomo II, 1712), seleccionando entre as palavras de maior frequência as que incluíam os ditongos <ay, ey, oy, uy>. Na mesma amostra pesquisaram-se as formas com os respectivos alógrafos <ai, ei, oi, ui>. Em seguida, de modo a perceber se a discrepância era semelhante, sondou-se o número de ocorrências de ambas as listas de palavras no *corpus* dicionarístico do *Suplemento* (1727-1728). Os dados obtidos são resumidos no quadro seguinte:

---

<sup>512</sup> *Ibidem.*: 226-227.

<sup>513</sup> Marquilhas, 1991: 85, 106.

**Representação gráfica do ditongo decrescente com semivogal [j]**

Letra C ( <i>Voc.</i> , II, 1712)		<i>Supp.</i> (1727-1728)	
vay (66)	vai (36)	vay (142)	—
pay (39)	—	pay (158)	—
raynha (23)	rainha (19)	—	rainha (77)
pays (14)	pais (1)	pays (42)	—
paynel (8)	—	paynel (2)	painel (3)
reyno (143)	reino (7)	reyno (227)	reino (146)
elrey (141)	—	elrey (150)	elrei (1)
primeyro (112)	primeiro (111)	—	primeiro (316)
reys (81)	reis (1)	reys (134)	reis (47)
feyto (53)	feito (28)	—	feito (121)
foy (335)	foi (61)	foy (1242)	foi (6)
noyte (30)	noite (35)	—	noite (126)
boys (24)	—	boys (43)	bois (3)
comboy (10)	—	comboy (3)	—
moyses (6)	—	moyses (30)	—
muyto (268)	muito (284)	—	muito (873)
muytas (94)	muitas (129)	—	muitas (359)
muy (56)	—	muy (124)	—
cuydado (16)	cuidado (102)	—	cuidado (80)

No que respeita à letra C, confrontando o número de ocorrências é visível que a ortografia do conjunto não é coerente, embora haja formas quase exclusivamente grafadas com <y>, como os monossílabos *pay*, *rey* e derivados, *boys* e *muy*. Mas o número de formas não é um dado suficientemente esclarecedor, sendo necessário considerar a sua distribuição ao longo do texto. Assim, se grafias como *vai* / *vay* surgem indiscriminadamente ao longo do texto, inclusive na mesma página, são numerosos os exemplos de variações abruptas e notórias da ortografia, decerto coincidindo com a mudança do compositor encarregado de uma determinada sequência de páginas ou cadernos.

No caso da alternância <ei / ey>, a página 297 da letra C representa o ponto a partir do qual as grafias *feito* e *primeiro* são consistentemente substituídas por *feyto* e *primeyro*, registando-se até ao fim do *corpus* pouquíssimas ocorrências das formas anteriores<sup>514</sup>. Verifica-se o mesmo fenómeno com *noite* / *noyte*, pois a segunda grafia surge somente a partir da página 282, quando antes apenas se empregava a forma com <oi>. No caso de

<sup>514</sup> Registam-se 7 ocorrências de *primeyro* antes da página 297; deste ponto até à p. 654, *primeiro* só ocorre 4 vezes.

*muito* / *muyto*, a distinção observa-se após as páginas 306-307, também a favor da grafia <uy><sup>515</sup>.

Todavia, há soluções ortográficas que, ao longo dos diversos volumes do conjunto dicionarístico, reuniram o consenso dos diferentes tipógrafos. De facto, a variação pode ser um indício revelador das principais áreas problemáticas do sistema ortográfico da época, para as quais a tradição escrita ainda apresentava respostas pouco consolidadas.

Um exemplo de regularidade é a representação gráfica da semivogal [j] em posição intervocálica, cuja variação procurámos analisar de acordo com o mesmo método estabelecido para os ditongos decrescentes:

Letra C ( <i>Voc.</i> , II, 1712)		<i>Supp.</i> (1727-1728)	
arrayal (14)	—	arrayal (2)	—
praya (10)	—	praya (31)	—
mayor (170)	maior (1)	mayor (236)	—
rayos (28)	—	rayos (40)	—
meya (35)	meia (1)	meya (43)	—
cheya (5)	—	cheya (4)	—
meyo (202)	—	meyo (262)	meio (1)
veyo (47)	—	veyo (74)	—

Outro caso de uniformidade é o emprego mais frequente da grafia <ui>, correspondendo a [uj] ou a [ui]. As palavras em que a alternativa <uy> adquire alguma expressão são apenas *muyto*, *muy* e algumas formas do verbo *cuydar*, em determinadas sequências de cadernos do texto impresso. Grafias como *muy* e o antropónimo *Ruy*, fortemente enraizadas na tradição escrita, ainda se mantiveram. As restantes ocorrências de <uy> em ditongo decrescente, inclusive em posição intervocálica, são percentualmente insignificantes<sup>516</sup>.

<sup>515</sup> A alteração das grafias é mais complexa do que os exemplos anteriores fazem supor, não se limitando a um único ponto de cisão. Na escrita da forma verbal *foi* / *foy*, a opção por <y> é a mais frequente, embora seja possível identificar sequências de páginas em que o tipógrafo escreve sistematicamente *foi*, com intromissões muito pontuais da forma. Quase todas as ocorrências de *foi* se registam entre as páginas 116-134, 171-180, 209-233 e 251-268.

<sup>516</sup> Em muitas palavras, os falantes decerto hesitariam entre a pronúncia do ditongo e a divisão em duas sílabas. Perante as perplexidades fonológicas, os tipógrafos parecem ter optado pela solução de escrever com <i>.

#### 4.2.3.3. Consoantes duplicadas

Os autores dos principais tratados ortográficos do século XVII sistematizam com dificuldade os princípios que regulamentam a duplicação das consoantes na escrita do português. Este era um elemento perturbador do sistema ortográfico e o latinista Bento Pereira (*Regras*, 1666) tenta limitar a sua aplicação, concentrando-se no princípio da fundamentação etimológica: «se as dicções forem Latinas, ou deduzidas por algũa via do Latim, se ponham dobradas, ou singelas conformandose com a Latinidade»<sup>517</sup>. Assim, recusa a duplicação no caso de palavras derivadas que sejam de «composição totalmente Portugueza», como *manso/amansar*, *noite/anoitecer*, *proveito/aproveitar*<sup>518</sup>. Mas, em contrapartida, recomenda-a nas situações em que a dupla consoante correspondesse a uma diferença efectiva na pronúncia, como na palavra *accento* ( $\neq$  *assento*), em que <cc> se realizaria [ks]. A dificuldade residia nos casos em que «mays o uso ã a orelha nos ensina que dobram a letra»<sup>519</sup>, pois não se fundavam na etimologia, nem correspondiam a uma pronúncia distinta, mas antes representavam uma tradição escritural enraizada. Comparado com os antecessores, Franco Barreto é aquele que mais claramente tenta pôr em prática uma escrita regulada pelo respeito pela oralidade. As concessões abrangem casos como *occidente* (pronunciado [ks], como notara Bento Pereira), mas também *immenso e innavegavel*, o que pressupõe a nasalidade da vogal inicial ([ĩmẽsu])<sup>520</sup>.

Bluteau reuniu na primeira entrada de cada sequência alfabética um conjunto de notas sobre a ortografia da respectiva letra, elaborando um “breviário ortográfico” em que cita principalmente a *Orthographia* de Leão, o autor mais conservador e marcadamente etimologizante. Este texto metaortográfico — que reproduz parte considerável das listas de grafias recomendadas por Leão — era facilmente localizável e, para o consulente, decerto constituiria um elemento norteador da ortografia do *Vocabulario*<sup>521</sup>.

<sup>517</sup> B. Pereira, *Regras...*, 1666: 46.

<sup>518</sup> *Ibidem*: 45.

<sup>519</sup> Os exemplos mais notórios, segundo B. Pereira, são a sequência <a + f + VOGAL> (e. g. *affinar*, *affagar*), ou, no caso de <ll>, palavras como *fallar*. *Ibidem*: 44-45.

<sup>520</sup> «[...] ã nossos vocabulos ãã dobraremos letra alguma senã quando a orelha o pedir» Barreto, *Ortografia*, 1671: 184. A esta questão dedica as pp. 179-188.

<sup>521</sup> Bluteau recorre ao capítulo «Das dições, que dobrão as letras» (Leão, *Orthographia*, 40v-49r) e quase sempre indica a fonte. Apesar de se tratar de uma obra de 1576, os seus preceitos ainda seriam

O número de consoantes passíveis de duplicação ainda é bastante alargado. Analisando o *corpus* constituído pela letra C, que inclui no total perto de 270.000 palavras portuguesas<sup>522</sup>, observa-se que a grafia <ll> ocorre em cerca de 1,75 % das formas, o que a torna o caso de duplicação mais frequente. Seguem-se, mas somente com cerca de 0,2 % cada, as grafias <cc, ff, mm, nn>; em terceiro lugar, <pp, tt>, com 0,1 %; por fim, com emprego muito excepcional, <bb, gg> (0,01%) e <dd> (0,001%).

No *Vocabulario*, a duplicação das consoantes é uma prática bem consolidada, e esse traço parece ser pouco alterado com a mudança de compositores e casas tipográficas. A título de exemplo, observe-se o seguinte gráfico, em que a primeira coluna regista as formas com <cc> de frequência mais elevada:

Variação na grafia <cc>			
Letra C ( <i>Voc.</i> , II, 1712)		<i>Supp.</i> (1727-1728)	
bocca (31)	boca (70)	—	boca (132)
accusativo (30)	acusativo (9)	accusativo (4)	—
diccionarios (23)	diccionarios (1)	diccionarios (6)	—
ecclesiasticos (22)	—	ecclesiasticos (33)	—
succede (22)	sucede (5)	succede (24)	—
occasio (19)	—	occasio (42)	—
ecclesiastica (16)	—	ecclesiastica (10)	—
successo (15)	sucesso (5)	successo (49)	—
peccados (14)	—	peccados (8)	—
succo (12)	suco (1)	succo (7)	suco (1)
secca (9)	seca (7)	secca (5)	seca (9)
vacca (9)	vaca (8)	vacca (6)	vaca (24)

Na letra C, de um modo geral, as grafias duplicadas são mais frequentes que as respectivas formas alternativas com a consoante simples. Nos casos em que a forma em <c> sobressai, é possível comprovar que se trata de uma opção tipográfica: *bocca* generaliza-se a partir da p. 361, *vacca* a partir da p. 293 e *secca* após a p. 222, quando antes ocorriam sobretudo as formas em <c><sup>523</sup>. Em comparação, o *Supplemento* revela-se um texto ainda mais uniforme, sem hesitações em grafar <cc> nas palavras em que a

---

os que melhor se harmonizavam com o uso prestigiado dos autores portugueses. Talvez por isso o lexicógrafo não hesite em reproduzir citações extensas e completas (cf., por exemplo, *Voc.*, s.u. L). Nunes de Leão pretendeu aplicar às palavras vulgares os mesmos acidentes que explicavam a duplicação em latim, o que permitiu a multiplicação deste tipo de grafias, sobretudo como marcador de fenómenos morfológicos de derivação. Outra consequência é a atribuição de uma aparência latina, mesmo a palavras que só muito remotamente o eram.

<sup>522</sup> Trata-se do somatório de todas as ocorrências; o mesmo *corpus* contém cerca de 38.000 unidades diferentes.

<sup>523</sup> Por vezes, a divergência está bem delimitada: 4 das 5 ocorrências de *sucede* verificam-se na p. 181.

origem latina era bem perceptível. As divergências parecem registrar-se precisamente nos outros casos, em que a duplicação não se funda directamente no latim, variando de acordo com usos particulares<sup>524</sup>.

#### 4.2.3.4. Dígrafos latinizantes

Se as consoantes duplas só muito pontualmente se reflectiam na pronúncia, o mesmo já não se verifica no caso dos numerosos dígrafos etimologizantes. Com estes grupos consonânticos, a escrita evocava a imagem gráfica da língua mãe, sem que a realização oral correspondesse necessariamente às consoantes neles representadas<sup>525</sup>. A generalização deste traço ortográfico resulta numa afectação culta da pronúncia e, em determinados casos, grupos como <ct>, <pt> e <gn> são introduzidos na oralidade. Neste aspecto, a ortografia do *Vocabulario* é ainda muito devedora aos princípios enunciados por Nunes de Leão. Este ortografista, procurando esclarecer em que situações era legítimo empregar os dígrafos, condena aqueles que os aplicam nas palavras que a língua vulgar corrompeu do latim, num esforço de as relatinizar. Nesses casos, recomenda que a ortografia obedeça ao critério da pronúncia. Mas, no que respeita às palavras incorruptas, que do latim somente se distinguem pela terminação, defende uma ortografia etimológica que demonstre a ligação com a origem<sup>526</sup>. Tal distinção permite a coexistência de grafias como *insigne/significar/significação* e *sinall/sinete/assinar*, em que o dígrafo <gn> mais não é que um indício da incorrupção das palavras<sup>527</sup>.

<sup>524</sup> Por exemplo, *vaca* é a forma predominante nos dois tomos do *Suplemento*, enquanto *vacca* / *vaccas* só ocorre no segundo tomo.

<sup>525</sup> Muitos grupos consonânticos de cariz etimológico, quando comparados com outros grafemas simples, não se distinguem destes quanto à realização fónica, pelo que podem ser classificados como unidades homofonemáticas. É o caso, por exemplo, de <ct> e <t>, em *douto* e *docto*. Cf. Gonçalves, 1992: 28-29.

<sup>526</sup> «Mas que na scriptura sigamos a corrupção dos vocabulos corruptos, & não a origẽ, & digamos pẽtem, e não pecte. feito, & não fecto. contar, & não comptar; pois já stão corruptos» (Leão, *Orthographia*, 1576: 51v).

<sup>527</sup> *Ibidem*: 52r. No caso particular do <ct>, o testemunho de Leão permite constatar que o dígrafo por vezes se pronunciava e não se limitava à função de alógrafo de um som corrupto. O autor prefere as formas com <c> (*docto*, *doctor*, *doctrina*, *pecto*, *perfecto*), pronunciadas [ct]; mas «porque na verdade, a pronúnciação d'aquelles vocabulos, & de outros semelhantes, algũus a fazem sem .c.», aceita que também se possam escrever de acordo com a pronúncia corrupta (*douto*, *doutor*, *doutrina*, *peito*, *perfeito*). *Ibidem*: 52r-52v.

Bento Pereira acentua a aproximação à pronúncia e recusa os dígrafos consonânticos etimológicos nas palavras que «nascê do Latim sendo aportuguezadas, & já diversas no som, & pronuncia», pelo que seriam mais correctas as grafias *Doutor, Douto, Reytor, Colleytor, Perfeyto, effeyto, affeyto*<sup>528</sup>. Seguindo uma orientação semelhante, Franco Barreto também elimina o grupo <ct>, escrevendo *santo, doutrina, doutor*, mas recupera o dígrafo etimológico nos casos em que o <c> mudo adquire um valor distintivo, evitando a homofonia em palavras como *acto/ato* e *pacto/pato*<sup>529</sup>. Mas, precisamente porque defende uma grafia orientada pela pronúncia, é forçado a admitir algumas palavras latinizadas, em que o costume introduzira uma realização efectiva do <-c-> (*circumspecto, invectiva, aspecto/aspeto/aspeyto, objecto/objeto*)<sup>530</sup>. A pouca estranheza com que o autor regista este tipo particular de cultismos indica que a frequência do seu uso já seria considerável. Em todo o caso, recusa claramente as palavras iniciadas por <sc-, sm-, sp-, st->, em que Nunes de Leão eliminava o <e-> protético<sup>531</sup>.

Bluteau opta por um caminho diverso, aceitando a autoridade da escrita dita etimológica. Neste domínio, e segundo a «Prosa Grammatonomica», o uso dos autores portugueses é pouco invocado e a correcção da escrita depende da norma latina, só havendo lugar a discussão quando a própria tradição escritural clássica não era consensual. Dos casos que analisa, depreende-se que, uma vez apurada a ortografia latina mais adequada, os grupos consonânticos latinos eram transpostos para a palavra portuguesa e o argumento da pronúncia em vulgar não era considerado. Por exemplo, assim se justifica a duplicação das consoantes — ou a supressão da mesma, quando introduzida abusivamente — em palavras como *sacco, secco, solemne* (e não “sollemne”), *solicitar, succo*<sup>532</sup>.

O real impacto deste princípio é difícil de avaliar, pois os esforços do lexicógrafo no sentido de depurar as falsas etimologias instauradas pelo uso confrontavam-se com a norma dos tipógrafos. Mas, no caso das terminologias, a situação era diferente, uma vez que muitas das palavras eram neologismos com ocorrência praticamente insignificante fora do artigo. Por isso, em geral, os neologismos de origem greco-latina apresentam-se

<sup>528</sup> Bento Pereira, *Regras*, 1666: 33-34.

<sup>529</sup> Barreto, *Ortografia*, 1672: 165.

<sup>530</sup> *Ibidem*: 165-166.

<sup>531</sup> *Ibidem*: 162, 242.

<sup>532</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 216-219.

com uma ortografia constante, marcadamente etimológica, e é precisamente neste tipo de palavras que no *Vocabulário* se mantêm com regularidade dígrafos com consoantes mudas.

Tomaremos como exemplo a dicionarização de um número considerável de termos greco-latinos, em que a forma portuguesa mantém a grafia <s + CONSOANTE> em posição inicial (<s<sup>c, m, p, q, t</sup>->)<sup>533</sup>. Na letra S (tomo VII) registam-se 163 entradas com estes dígrafos e, apesar de ser frequente a remissão para formas alternativas em <es-> previamente dicionarizadas no tomo III (1713), em muitos neologismos e topónimos a grafia latinizante é a única opção que o lexicógrafo apresenta. O grupo <st-> regista 64 entradas e é o mais representado (e.g. STACIONARIO, STÁTICA, STATÛA, STEROMETRIA, STRABISMO) segue-se <sc->, com 60 (SCALENO, SCENA, SCHEMA, SCIÁTICA, SCÔCIA,...); <sp->, com 31 (SPAÇO, SPASMO, SPECTRO, SPIRAL, SPLÊNICO, SPONTÂNEO,...). Alguns destes dígrafos têm uso muito restrito, pois <sm-> regista 4 entradas (SMALANDIA, SMALCALDEN, SMOLENSCO, SMYRNA) e <sq-> apenas 3 (SQUELÊTO, SQUELLÂCHE, SQUILÍTICO).

Além dos neologismos associados aos tecnolectos, esta solução ortográfica é frequente na transcrição da toponímia estrangeira coeva, constituindo cerca de um quarto das entradas. A transposição normalizada de palavras que certamente ocorreriam muito poucas vezes em textos portugueses impressos era ainda problemática, pelo que o decalque da designação latina seria a solução mais imediata e exequível. De resto, o acrescentamento do <e-> protético contrariava a grafia latina e a respectiva transcrição nas línguas modernas, em que se publicavam os principais dicionários com informação geográfica<sup>534</sup>.

No *Vocabulário*, a comparação do topónimo com a designação latina, geralmente registada no artigo, demonstra o respeito pela forma erudita, ao ponto de, por vezes, a grafia se manter inalterada. Por exemplo, na lista de topónimos indexados na série <sca-> (letra S, volume VII), as grafias portuguesa e latina são frequentemente indistintas:

<sup>533</sup> As grafias em <sc-> já haviam sido defendidas por Nunes de Leão (*Orthographia*, 1576: 54r-54v).

<sup>534</sup> Sublinhe-se a influência do *Grand dictionnaire historique* (1699) de Moreri. Entre nós, textos similares são tardios, embora a informação geográfica já se encontrasse representada nos trabalhos de S. Stockhammer («Dictionarium aliud de propriis nominibus...», in Cardoso, *Dictionarium latinolusitanicum*, 1569-1570) (cf. Verdelho, 1995: 431-435) e A. Barbosa (*Dictionarium Lusitanicolatinum*, 1611). A primeira obra de dimensão considerável é o *Diccionario lusitanico-latino de nomes proprios* (1667), por Frei Pedro de Poiães (cf. Almeida, 1967b).

---

SCAGEN (lat. *Scagenum*); SCALABIS; SCALA (lat. *Scalae*); SCAMANDER; SCANDIA; SCANDINAVIA; SCANIA; SCARDONA; SCARPA (lat. *Scarpus*); SCARPANTO (lat. *Carpanthus*).

A questão da toponímia é apenas parte do processo de versão, em ortografia portuguesa, da nomenclatura de âmbito enciclopédico presente nos dicionários latinos. De facto, a *Prosodia* de Bento Pereira já registava, na nomenclatura latina, uma boa parte dos termos que Bluteau indexava em português. No quadro seguinte, recolhem-se as entradas que principiam por <sc-> (volume VII, 1720), com as variantes ortográficas indicadas no artigo correspondente. Na última coluna, regista-se a forma latina que ocorre na *Prosodia* e, quando existe, o equivalente português:

## Entradas com a grafia &lt;sc-&gt; (Voc., VII, 1720)

<i>Voc.</i>	Variantes ortográficas e remissões	<i>Prosodia</i> (1697)
SCAGEN*	—	—
SCALA*	—	—
SCALABIS*	—	L. Scalabis
SCALÊNÔ	—	L. Scalenus
SCAMANDER*	Scamandro	L. Scamander, P. Scamandro
SCANDIA*	—	—
SCANDINÁVIA*	—	—
SCANIA*	—	—
SCANTILHAÔ	→ ESCANTILHAÔ	—
SCARDONA*	—	L. Scardona, P. Scardo
SCARIOTH	Iscariotes	P. Iscariote
SCARPA*	—	—
SCARPANTO*	—	P. Scarpanto
SCENA	—	L. Scena, P. Cena
SCÊNICO	—	L. Scenicus
SCENOGRAPHIA	—	L. Scenographia
SCENOPEGIA	Cenopegia	L. Scenopogia
SCÊPTICO	—	L. Scepticus
SCEPTRO,	Ceptro, → CETRO	L. Sceptrum, P. Sceptro
SCHELÎM,	Xelim	—
SCHLESTAT*	—	—
SCHEMA	—	L. Schema
SCHITTÎM	→ SETIM	—
SCHOLASTICO	→ ESCOLASTICO	L. Scholasticus
SCHÔLIO	→ ESCOLIO	L. Scholium, P. Escholio
SCRONHOVEN*	—	—
SCHOUVEN*	—	—
SCIAGRAPHIA	Sciographia	L. Sciagraphia
SCIATERICA	—	L. Sciathericum
SCIÁTICA	—	L. Sciatica, P. Sciatica
SCIENCIA	—	L. Scientia, P. Scientia
SCIENTE	—	L. Sciens, P. Sciente
SCIENTEMENTE	—	—
SCIENTIFICAMENTE	—	L. Scierter, P. Scientificamente
SCIENTIFICO	—	—
SCILLA*	Scylla	L. Scylla, P. Scylla
SCINCUS	—	L. Scincus
SCINTÎLA	—	L. Scintilla
SCINTILAÇÃO	—	L. Scintillatio
SCINTILANTE	Cintillante	L. Scintillosus
SCINTILAR	Cintilar	L. Scintillo, P. Scintillar
SCIOGRAPHIA	—	L. Sciographia
SCIRRO, ou	Scirrho	L. Scirrhus
SCIRROSO, ou	Escirroso	L. Scirrhodes
SCISMA, SCISMATICO	→ CISMA, → CISMATICO	L. Schisma/ Schismaticus, P. Sisma/ Sismatico
SCITALE	Scytale, Scytal	L. Scytala, Scytale
SCITHA	Scytha	L. Scythae, P. Scythas
SCITHIA*	Scythia	L. Scythia, P. Scythia
SCITHÔPOLI*	Scythopoli	—
SCLERÔTICO	Sclerotico	L. Scleroticus
SCÔCIA	→ ESCOCIA.	L. Scotia, P. Escocia
SCOLOPENDRA	—	L. Scolopendra
SCOPO	—	L. Scopus
SCORBÛTO, ou SCURBUTO.	—	L. Scorbuscus, Scorbustus
SCÔRDIO	→ ESCORDIO	L. Scordium, P. Escordio
SCÔTIA	—	L. Scotia, P. Escocia
SCOTOMIA	→ ESCOTOMIA.	L. Scotomia

(\*) Topónimo; (→) remissão; (L.) latim; (P.) português.

A opção etimologizante de Bluteau representa uma alteração substancial na tradição ortográfica, sobretudo se alargarmos a comparação ao *Thesouro* de Bento Pereira. De facto, poucas das entradas que no *Vocabulario* principiam em <sc-> ocorrem no *Thesouro*, que era essencialmente um dicionário de língua. Aliás, essa grafia foi simplesmente eliminada do pequeno dicionário, pelo que encontraremos as palavras indexadas em <si->, <esc-> ou <c->: CENA DE COMEDIA, ESCOLAR (= lat. Scholasticus), CIATICA DOENÇA, CINTILLAR/SINTILLAR, CIRRO/SIRRO, CISMA NA FÉ/SISMA, CISMATICO/SISMATICO.

Comparando as duas propostas ortográficas, é visível que o esforço de latinização no *Vocabulario* é sistemático, ao ponto de a lista da nomenclatura se assemelhar muito à de um dicionário latino. Por outro lado, esta colagem ao latim demonstrava as potencialidades da etimologia enquanto fundamento da normalização ortográfica, permitindo à língua absorver um enorme caudal de terminologias, sem que a escrita fosse perturbada. Mas convém recordar que os neologismos eram um campo particular, pois ainda não estavam sujeitos à pressão do uso variado dos autores, como se verifica pelo facto de grande parte não registar abonação.

Este incremento da nomenclatura enciclopédica, com consequências na ortografia, foi sem dúvida inspirado nos dicionários franceses que Bluteau seguiu de perto. As obras de Furetière (1690) e Corneille (1694) dedicavam particular atenção à recolha de terminologias e os autores adaptaram os termos latinos com poucas alterações, até porque assim o permitia a ortografia francesa, marcadamente etimologizante.

Porque defendia o princípio da intercomunicação entre obras lexicográficas, Bluteau segue no *Vocabulario* uma ortografia muito semelhante à dos referidos dicionários, para além das óbvias coincidências na nomenclatura. Analisando a mesma série de entradas que seleccionámos anteriormente, quase todas fazem parte da nomenclatura de Furetière, também indexadas em <sc-><sup>535</sup>. Apesar de o modelo configurador ser obviamente o latim,

---

<sup>535</sup> As entradas correspondentes são SCALENE, SCENE, SCENIQUE, SCENOGRAPHIE, SCEPTIQUE, SCEPTRE, SCHELIN, SCHISMATIQUE, SCHISME, SCHOLASTIQUE, SCHOLIE, SCHOLIASTE, SCIATERE, SCIATERIQUE, SCIATIQUE, SCIEMMENT, SCIENCE, SCIENTIFIQUE, SCILLE, SCINC, SCIRRHE, SCLEROTIQUE, SCOLOPENDRE, SCORBUT, SCOTIE, SCYTALE (Furetière, *Dict. Univ.* 1690). Note-se o caso de *cintilar*, em que a língua francesa preferia a forma menos erudita *estinceller*. Mas Bluteau, em função do latim *scintillare*, escreve *scintilar*; assim, traduz de Furetière as entradas ESTINCELANTE, ESTINCELLE, ESTINCELLEMENT, ESTINCELLER, e regista em português SCINTÍLA, SCINTILAÇÃO, SCINTILANTE e SCINTILAR. O dicionário de Corneille (1694), que recupera parte

tudo indica que o precedente francês tenha facilitado a selecção das palavras a adaptar, proporcionando também algumas soluções ortográficas.

Em outros casos de dígrafos com consoantes mudas, a preferência pela etimologia não representou uma inovação tão notória, uma vez que ia ao encontro do uso reconhecido de autores prestigiados, como se constata nas abonações do *Vocabulario*. A par de grafias <ct, cç, gm, gn, mn, pc, pç, pt>, em que a primeira consoante é muda, coexistiam por vezes as formas simplificadas. Bluteau regista as grafias alternantes, mas, em geral, é a forma etimologizante que surge destacada na entrada, sendo também a mais frequente nas restantes ocorrências ao longo do respectivo artigo. Vejamos, por exemplo, a lista das entradas que na letra C (tomo II) apresentam o dígrafo <-ct->. Trata-se de palavras em que a origem latina é bem patente, e raros são os casos em que explicitamente se assinalam formas alternativas:

CARACTER, character, <b>carater</b>	COMPLECTAMENTE	CONTRACTIVO
CATAFRACTO	CONCOCTIVA	CONTRACTO
CATALECTICO	CONCOCTRIZ	CONTRADICTOR→ <b>contraditor</b>
CATAPHRACTO	CONDUCTA	CONVICTO
CIRCUNSPECTO	CONDUCTARIO	CORRECTAMENTE
COLLECTA	CONDUCTOR	CORRECTIVO
COLLECTICIO	CONFLICTO, <b>conflito</b>	CORRECTO
COLLECTIVAMENTE	CONJECTURA, <b>conjeitura</b>	CORRECTOR
COLLECTIVO	CONJECTURAL	CORRECTORA
COLLECTOR, colleitor	CONJECTURAR, <b>conjeiturar</b>	
COMPACTO	CONTACTO	

Nesta amostra, são poucas as grafias fundadas na pronúncia efectiva, seja pela supressão da consoante muda (*carater, conflito*), ou representação gráfica do ditongo decrescente (*conjeitura, conjeiturar*). É certo que o lexicógrafo não as proscree, mas o facto de raramente as abonar representa uma recomendação implícita, atitude em que se presente a procura de uma coerência ortográfica.

Algumas destas palavras testemunham ainda o emprego dos dígrafos etimológicos com valor distintivo. Assim, além de COMPLECTAMENTE e CONTRACTO, o *Vocabulario* regista as palavras COMPLETAMENTE e CONTRATO, em entradas autónomas e correctamente indexadas, mas com significados diversos. Apesar de serem unidades homófonas, a distinção grafemática procura evitar a homonímia e os equívocos

---

considerável das entradas de Furetière, acrescentava ainda o termo SCIOGRAPHIE, que o teatino incluiu no *Vocabulario*.

decorrentes<sup>536</sup>. De acordo com a lógica inerente a um sistema ortográfico etimológico, nos termos em que Bluteau o concebe, o facto de marcar com o grupo <-ct-> uma determinada palavra permite sublinhar que o seu significado se aproxima do sentido original do termo latino correspondente, ao passo que a grafia modernizada é um indicador de uma evolução semântica<sup>537</sup>.

Importa ainda destacar um exemplo de inclusão na nomenclatura de uma grafia analógica, mas com remissão para outra entrada, com a ortografia simplificada. É o caso de CONTRADICTOR, forma literariamente atestada, reconstruída à imagem do participio latino *dictu-*. À luz do respeito pela etimologia, tal grafia seria considerada como imprópria, uma vez que se tratava da latinização das formas derivadas de uma palavra portuguesa (*contradizer*). Assim, o lexicógrafo prefere CONTRADITOR, registando também as entradas CONTRADITORIA, CONTRADITORIAMENTE e CONTRADIÇAM<sup>538</sup>.

Os princípios que vimos enunciando também se verificam em relação a outros grupos etimológicos: o lexicógrafo procura estabelecer uma coerência na fixação das formas de entrada; integram-se as variantes ortográficas, sobretudo as registadas nos dicionários portugueses precedentes; é notória a aproximação às opções ortográficas consignadas na dicionarística francesa contemporânea.

A lista seguinte recolhe outros exemplos de entradas do *Thesouro*, do dicionário de Furetière e do *Vocabulario*. O *corpus* aqui reunido é pouco representativo, mas apenas se pretende demonstrar que a influência dos dicionários citados não se limitou à nomenclatura das técnicas e das ciências. Além de serem palavras com alto índice de

<sup>536</sup> No caso de CONTRACTO/CONTRATO, ambas as palavras derivam do latim *contrahĕre*, mas Bluteau reserva a forma *contracto* para o domínio da terminologia gramatical — e.g. «nomes contractos» —, em oposição a CONTRATO, CONTRATAR, CONTRATADOR e CONTRATADO. De facto, a proximidade com o étimo é maior no primeiro caso, tanto mais que, no *Vocabulario*, as formas latinas correspondentes a *contrato* são *pactum* e *conventum*, abonadas em Cícero, remetendo *contractus* para a linguagem dos juriconsultos antigos. O mesmo princípio permite distinguir COMPLETAMENTE («Inteiramente. Perfeytamente», < lat. *complĕre*) e COMPLECTAMENTE («Juntamente», < lat. *complectĭ*). Cf. *Voc.*, s.u.

<sup>537</sup> Além de evitar equívocos como *invito/ invicto*, «por outras razoens tem o uso introduzido *insecto*, *facto* [...] *exacto*, *olfacto*, e outros assim substantivos, como adjectivos, que sem a letra C, não teriaõ o significado taõ claro, nem taõ certo» (*Prosas Portuguezas*, II: 191).

<sup>538</sup> O *Thesouro* de B. Pereira (1697) indica como sinónimos *contraditor* e *contradizador*, correspondendo ao latim *adversator*.

frequência no *Vocabulário*, as formas seleccionadas são as usadas no respectivo artigo, o que não impede a variação fora desse contexto<sup>539</sup>:

<i>Thesouro</i>	AUGMENTAR, AUGMENTO
<i>Dict. Univ..</i>	AUGMENT, AUGMENTATIF, AUGMENTATION, AUGMENTER
<i>Voc.</i>	AUGMENTAÇAM, AUGMENTADO, AUGMENTAR, AUGMENTO
<i>Thesouro</i>	SIGNIFICAÇAM, SINIFICADA COUSA, SINIFICAR, SINIFICATIVA COUSA
<i>Dict. Univ..</i>	SIGNIFIANT, SIGNIFICATEUR, SIGNIFICATIF, SIGNIFICATION, SIGNIFIER
<i>Voc.</i>	SIGNIFICAÇÃO (significação), SIGNIFICAR (sinificar), SIGNIFICATIVO
<i>Thesouro</i>	COLUNA
<i>Dict. Univ..</i>	COLOMNE
<i>Voc.</i>	COLUMNA (columna, coluna)
<i>Thesouro</i>	SOLENE COUSA, SOLENNEMENTE, SOLENNIDADE, SOLENNISADA COUSA, SOLENNISAR
<i>Dict. Univ..</i>	SOLEMNEL, SOLEMNELLEMENT, SOLEMNISER, SOLEMNISÉ, SOLEMNITÉ
<i>Voc.</i>	SOLEMNE (solenne, solene), SOLEMNEMENTE, SOLEMNIDADE, SOLEMNIZAR

Convém sublinhar que, embora o critério etimológico seja importante, não se sobrepõe ao uso, visto que o lexicógrafo dispensa ou secundariza a forma latinizante quando a grafia simplificada representa um uso enraizado e autorizado<sup>540</sup>.

#### 4.2.3.5. Dígrafos helenizantes

Tal como as consoantes duplicadas e os grupos latinos atrás mencionados, os dígrafos <ch, th, ph, rh> justificam-se sobretudo pela reverência à etimologia, mas com a particularidade de introduzirem no sistema ortográfico equívocos flagrantes com outros dígrafos e grafemas em uso. De facto, os dígrafos helenizantes não se aplicam de acordo com princípios fonéticos, dependendo antes da erudição greco-latina do escrevente e do leitor, pelo que a capacidade para os empregar correctamente constitui um testemunho — ou exibição — de distinção cultural e social.

A sobrecarga visual que representavam, bem de acordo com todo o investimento ornamental de que se reveste a escrita no período em que desponta o neoclassicismo, pode

<sup>539</sup> Colocamos entre parênteses as formas alternantes que Bluteau acrescenta à respectiva entrada. Em geral, coincidem com as grafias simplificadas de Bento Pereira.

<sup>540</sup> O uso autorizado explica a opção por grafias como *dano*, *condenar*, *sono* (registadas como formas de entrada). As variantes *damno*, *condemnar* e *somno* ocorrem no *Vocabulário*, fora dos respectivos artigos, em virtude dos hábitos de escrita dos tipógrafos.

designar-se como uma «extravagância ortográfica»<sup>541</sup>. Por outro lado, equivale a uma estruturação do sistema ortográfico em torno de pressupostos de racionalidade, uma vez que a escrita se regulamenta à imagem do código das línguas clássicas, imutável, divulgado e prestigiado.

Mas a defesa da racionalidade também era invocada pelos que defendiam a simplificação da escrita, eliminando o supérfluo e orientando-a pela oralidade, como é o caso de Franco Barreto<sup>542</sup>. Bento Pereira tolerava as grafias helenizantes, mas, porque não existia aspiração em português, reconhece que a presença do <h> em *rhetorica*, *philosophia* e *theologia* era perfeitamente dispensável<sup>543</sup>. Essa indefinição é bem patente no confronto entre o *Thesouro* e a *Prosodia*. No pequeno dicionário, as entradas portuguesas são geralmente grafadas sem os dígrafos, apesar de estes estarem presentes no termo latino correspondente (e.g. FILOSOFO, TEOLOGO, CRISTANDADE). É certo que, em algumas formas, o uso do dígrafo grego já era regular, como em *catholico*, mas a tendência é claramente favorável à simplificação. Por sua vez, a extensa *Prosodia* acolhe grande quantidade de palavras com os referidos dígrafos, que alternam com as respectivas formas simplificadas<sup>544</sup>.

Essa indistinção é muito notória na edição de 1697 da *Prosódia*, pelo que não surpreende que o *Vocabulario*, saído do prelo poucos anos depois, também apresente neste domínio grafias díspares. O próprio Bluteau reconhece posteriormente que a hesitação entre a ortografia grega e a latina variou ao sabor do uso dos diferentes autores citados. Nas *Prosas*, defende o critério da adopção sistemática das grafias gregas, ao ponto de desejar uma correcção generalizada desse traço ortográfico, numa eventual reedição do *Vocabulario*<sup>545</sup>.

<sup>541</sup> Gonçalves, 1992: 87.

<sup>542</sup> «se os Latinos poẽ aspiraça ã alguns nomes, que temos seus [...] nos os escreveremos sã ela; como ancora, Acaya, Acates, Aquerõte, Aquilles, Maniqueos, meco, Monarquia, monocordio, Monicha, camaleã, character, caridade, coro, carta [...] & assi todos os mays» (Barreto, *Ortografia*, 1671: 133).

<sup>543</sup> «[...] nam condenarey aos que faltarem no pòr da tal aspiraçam nos nomes ã já os Latinos tomãram dos Gregos» (B. Pereira, *Regras*, 1666: 53-54).

<sup>544</sup> Por exemplo, na edição de 1697 da *Prosodia*, o número de ocorrências de *filosofo* / *philosopho* no texto das glosas é quase equivalente.

<sup>545</sup> «Eu, que nisto mesmo que encomendo, tenho faltado, confesso minha culpa, e sinto muito ter dado taõ mau exemplo. Em muitas dicçoens do meu Vocabulario tenho confundido as duas Orthografias Grega, e Latina; porque como no principio, e continuação da obra ainda não tinha tomado partido, hum dia, à imitação de algum Author Portuguez, seguia a Orthografia dos Gregos, outro dia, à imitação de outro Author da mesma nação, seguia a dos Romanos; e quando quiz

Mas os seus argumentos não se limitam à etimologia e à distinção social que advém de uma escrita erudita<sup>546</sup>. O teatino parece vislumbrar na adopção dos dígrafos gregos um elemento essencial para a intercomunicação do português com as demais línguas cultas europeias, processo em que uma lexicografia alfabeticamente unificada é um requisito fundamental:

Convem, que com *ph*, *th*, e não com *F*, nem *T* simplez, os Portuguezes escrevaõ em Portuguez as palavras Grego-Latinas, porque faltandolhe este requisito, nos Vocabularios Latinos não acharaõ facilmente os vocabulos, de cuja intelligencia necessitaõ, v.g. quem se costumar a escrever *Anfiloquia*, *Anfitrite*, *Anfiscios*, &c. buscando as ditas palavras por *anf*, e não por *amph*, não as achará, nem poderá saber, que *Amphiloquia* he Cidade da Grecia; *Amphitrite*, o nome de huma filha do Oceano [...] Deste genero de palavras, cuja Orthografia Grega he muito differente da Portugueza, tem os Vocabularios Latinos (não só nas letras *ph*, e *th*, mas tambem nas que começaõ por *chi*, como *chiragra*, *chiromancia*, *chimera*, e buscadas por *qui*, diriaõ *quiragra*, *quiromancia*, *químera*) muitas palavras, que só com a Orthografia desta syllaba *qui*, quem dellas necessitasse, e nos ditos livros as buscasse, as poderia achar<sup>547</sup>.

No caso de <ch>, além das perturbações na ordenação alfabética, o facto de o mesmo dígrafo já representar [ʃ] / [tʃ] colocava um sério obstáculo à sua aplicação, sobretudo em início de palavra. Bastará consultar as entradas principiadas por <CHI-> para verificar que, no *Vocabulario*, ora segue a ortografia etimológica grega, ora respeita a grafia latina<sup>548</sup>.

Se a ortografia dos dígrafos helenizantes já era bastante diversa nas entradas, de responsabilidade do lexicógrafo, o mesmo também acontecerá no texto das glosas, em que os tipógrafos facilmente introduzem alterações, uma vez que não são obrigados a respeitar uma grafia imposta pela ordenação alfabética da nomenclatura. Os testemunhos manuscritos não são suficientes para verificar se os tipógrafos corrigiam no sentido de eliminar estes grupos etimológicos em particular, uma vez que muitas das palavras em que eram empregues não gozavam de uma tradição escrita consolidada em português, e algumas eram mesmo neologismos<sup>549</sup>. Perante tal dificuldade, e a título de exemplo,

---

remediar, já não era tempo, porque a mayor parte dos volumes tinhaõ sahido à luz» (*Prosas Portuguezas*, II: 195).

<sup>546</sup> «[...] pede o decoro, que a nobreza, e os doutos no fallar, e no escrever se distingãõ do vulgo» (*ibidem*, II: 194). Cf. *supra*, cap. II.4.1.

<sup>547</sup> *Ibidem*, II: 195.

<sup>548</sup> Alguns exemplos: «CHIANA, ou Quiana»; «CHIAVARI, Chiâvari, ou Quiavari»; «CHIMERA. Vid. Químera»; «CHIMICA. Chímica»; «CHIO. Ilha»; «CHIROMANCIA, Chiromância, ou Quiromancia»; «CHIRURGIA. Chirurã. Assi se déve dizer, havendose respeito ao Grego; porem Cirurgia he mais vulgar. Vid. Cirurgia» (*Voc.*, s.u.).

<sup>549</sup> A amostra que Rita Marquilhas analisou aponta no sentido de uma correcção etimologizante, mas os exemplos são muito escassos e confinados a uma pequena parte de um único volume. Cf. Marquilhas, 1991: 104.

limitamo-nos a confrontar as ocorrências mais frequentes da grafia <ph>, na letra C, com as respectivas alternativas em <f>:

**Variação na grafia <ph> / <f>**

Letra C ( <i>Voc.</i> , II, 1712)		<i>Supp.</i> (1727-1728)	
esphera (15)	esfera (5)	esphera (1)	esfera (6)
philosophia (15)	filosofia (1)	philosophia (2)	filosofia (8)
—	filosophia (1)	—	—
epigraphica (14)	—	—	epigrafica (1)
corographia (12)	corografia (6)	corographia (4)	corografia (3)
chorographia (5)	chorografia (1)	—	—
metaphora (12)	metafora (1)	metaphora (1)	metafora (4)
ortographia (11)	ortografia (2)	ortographia (3)	ortografia (5)
philosopho (11)	filosofo (5)	philosopho (6)	filosofo (11)
joseph (10)	—	joseph (28)	—
phelippe (10)	felippe (12) felipe (2)	—	—
triumpho (7)	—	—	triumfo (11)
cosmographia (6)	—	cosmographia (1)	—
periphraſis (6)	—	—	—
cephalica (5)	cefalica (2)	—	—
geographia (5)	geografia (2)	geographia (4)	geografia (2)

Apesar do baixo índice de ocorrências das palavras seleccionadas, observa-se que, neste traço ortográfico em particular, o uso de um dígrafo como <ph> não parece estar suficientemente enraizado, se comparado com a regularidade com que os tipógrafos da oficina da Patriarcal aplicavam <cc> ou <ff> no *Supplemento*<sup>550</sup>.

**4.2.3.6. Alternância <ç-> / <s->**

A alteração do número de unidades distintivas no sistema das sibilantes — que Paul Teyssier situa em meados do século XVI — introduziu consideráveis dificuldades na ortografia do português<sup>551</sup>. No período medieval, o sistema comportava quatro fonemas: a africada dental-alveolar surda /ts/, a sonora /dz/ (grafadas <ç> e <z>, respectivamente), e as fricativas ápico-alveolares surda e sonora. No caso das fricativas, a surda era representada por <s-, -s, -ss->, enquanto a sonora, apesar de se empregar o mesmo grafema, só ocorria em contexto intervocálico. Cerca de 1500, as africadas perdem o

<sup>550</sup> Cf. *supra*, cap. IV.2.3.3.

<sup>551</sup> Teyssier, 1997 (1980): 49-51; Castro, 1991: 256-259.

elemento oclusivo, mas a oposição entre predorsodentais e ápico-alveolares manter-se-á até finais do século XVI, altura em que nova redução limita o sistema às predorsodentais surda e sonora. Pares como *paço/passa* e *cozer/coser* tornam-se foneticamente indistintos no eixo Coimbra–Lisboa, uma vez que tais reduções ocorreram sobretudo nas zonas centro e sul do país, onde se definia a língua padrão. Em contrapartida, em finais do século XVII, ainda se conservavam as quatro sibilantes em extensas zonas do norte e centro interior.

A escrita manteve as distinções, mas, nas zonas em que só se pronunciavam duas sibilantes, a lógica inerente ao sistema tornou-se incompreensível. O resultado é uma ortografia muito variável, em que nem o recurso à etimologia parecia fornecer regras seguras. Além disso, e no que à lexicografia diz respeito, a regularidade da alfabetação era seriamente prejudicada, uma vez que o <s-> alternava com <ç<sup>a, o, u</sup>->, para além de todas as variações no interior das palavras.

Para Bento Pereira, a questão era de difícil resolução, pois «a letra Ç & a letra S. tem quasi a mesma toada», o que não permitia perceber a diferença entre *cidade/sidade*, ou *cinco/sinco*. A primeira regra seria respeitar a etimologia nas palavras portuguesas de origem latina, alargando a analogia a associações como *cebola* < lat. *cepe*, ou *cidade* < lat. *civitas*; e, segundo o mesmo princípio, escrever-se-ia <ci-> vertendo o grupo latino <ti->. Nos restantes casos, em que o latim não auxiliava, devia obedecer-se ao uso consignado nos dicionários<sup>552</sup>.

A organização da nomenclatura do *Thesouro* demonstra bem a complexidade de um sistema em que o /s/ inicial podia ser grafado <s<sup>a, e, i, o, u</sup>->, <ç<sup>a, o, u</sup>->, ou <c<sup>e, i</sup>->, com a série <ça, ce, ci, ço, çu> indexada após <c> (= /k/) e antes <ch> (= /ʃ/). As palavras principiadas por <ç-> eram minoritárias; por exemplo, cerca de 320 na série <SA-> contra 59 entradas em <ÇA->. Mas destas, o número de unidades frequentemente mobilizadas

<sup>552</sup> B. Pereira, *Regras*, 1666: 48. Quanto ao <-s-> intervocálico, com o valor de /z/, prescreve-o nas situações em que o mesmo grafema se encontrasse nas palavras latinas correspondentes (e.g. *rosa*). Mas, tal como sucedia com o <ç>, as associações etimológicas não eram universalmente válidas, pois prevaleciam grafias enraizadas na antiga pronúncia das sibilantes. Assim, Bento Pereira limita-se a tentar definir regras a partir de uma reflexão em torno de usos efectivos. Por exemplo, a propósito de <z>, isola classes morfológicas e determinados morfemas derivacionais em que, no seu entender, a consoante se devia empregar (patronímicos, gentílicos, mas também designações tão específicas como os nomes femininos abstractos terminados em <-eza>, entre outras). *Ibidem*: 47-49.

seria ainda menor, entre as quais destacamos ÇAFAR, ÇAPATO, ÇAPO, ÇOTAM, ÇUJAR, ÇURRAR, ÇUMO.

O *Vocabulario* representa uma alteração substancial ao sistema consagrado no *Thesouro*, uma vez que, de acordo com critérios puramente fonológicos, Bluteau não regista entradas com <ç<sup>a, o, u</sup>-> inicial, desconsiderando a etimologia da palavra. No dicionário, no local onde o consulente esperaria encontrar o início da série <ÇA->, o autor inclui uma série de remissões para <S->, bem como um pequeno texto, em que justifica a opção à luz de princípios de racionalidade: uma vez que não é possível distinguir a diferença entre <s-> e <ç->, o uso deste grafema em tal posição tornou-se dispensável<sup>553</sup>. Pelo contrário, no interior era útil, pois não era possível atribuir-lhe o valor de /z/, como sucederia com o <-s-> medial<sup>554</sup>. Trata-se de uma solução de compromisso, que simplifica a alfabetação e, simultaneamente, permite o respeito pela etimologia no interior da palavra. O resultado é mais um contributo para a latinização da língua no que respeita à forma gráfica das palavras, aproximando-se do esquema conhecido na língua latina, e que também regulava a ortografia e a alfabetação nos dicionários franceses contemporâneos.

Bluteau demonstra coerência na concretização deste princípio, pelo menos na fixação das entradas e nas informações sobre ortografia nos respectivos artigos. Confrontando as entradas do *Thesouro* com as do *Vocabulario*, verifica-se que foram indexadas em <s->, e que nos artigos não se refere o facto de Bento Pereira preferir a grafia com <ç->. Todavia, tendo em conta o peso dos hábitos de escrita dos tipógrafos, não é surpreendente que encontremos palavras iniciadas por <ç-> no mesmo volume em que foram excluídas das entradas. Por exemplo, são frequentes as ocorrências de *çumo*, *çapato*, *çurrar* e derivados<sup>555</sup>.

A simplificação em favor do <s-> acabará por prevalecer na ortografia portuguesa, mas não sem antes conhecer a oposição de Madureira Feijó, que defende a manutenção do <ç->, pautando a grafia pela pronúncia efectiva, que o autor considerava ser perfeitamente

<sup>553</sup> «acho huma taõ grande variedade no uso do Cedilho neste lugar, que naõ sei como destinguir as palavras, que haõ de começar por Ça das que haõ de principiar por Sa. A pronunciaçaõ destas duas syllabas, aindaque escritas com differentes caracteres, he taõ semelhante huma com outra, que finalmente me rezolvi a reduzillas todas a huma sò classe» (*Voc.*, s.u. ÇA).

<sup>554</sup> «porque se estas, & outras semelhantes palavras se escreveraõ com hum S, em lugar do C, com cedilho, v.g. *Fiansa*, *Bonansa*, *Relasão*, &c. [...] darião occasião a que se pronunciassem, como tiverão hum Ze, & assi se diria *Finanza*, *Bonanza*, *Relazão*, &c.» (*Voc.*, s.u. ÇUJAR).

distinta de <s-><sup>556</sup>. Feijó também reconhece que a aplicação das analogias com o latim é problemática, pelo que, para os que não distinguem correctamente os sons, a solução é o estudo de listas de palavras, como aquela que inclui a sua obra. Neste aspecto, nem Pereira nem Bluteau são tidos por fontes seguras, mas identifica-se mais com o sistema do *Thesouro*, embora critique muitas das grafias, considerando que nem sempre seguem a pronúncia. Quanto ao *Vocabulario*, conclui que o teatino reduziu todas as palavras à pronúncia dos interamnenses, «que por vicio patrio affectaõ sempre a pronunciaçãõ do S, e dizem Cabesa, Sima, Simalha, &c.»<sup>557</sup>.

#### 4.2.3.7. Funções do grafema <h>

No sistema ortográfico, o <h> não era somente uma marca etimologizante, mas permitia também a representação de sons característicos das línguas românicas, para os quais o alfabeto latino não dispunha de grafemas. Em português, é o caso do <h> presente nos dígrafos <ch, lh, nh>, conjunto em que só o <ch> sofreu interferências, a partir do momento em que a africada /tʃ/ se confunde com a dorso-palatal /ʃ/, representada por <x>.

Mas, no final do século XVII, os casos que os ortógrafos consideravam mais problemáticos eram precisamente aqueles em que o emprego era justificado em função da língua latina. Como se observou anteriormente<sup>558</sup>, o <h> mantinha-se na constituição dos dígrafos gregos etimológicos <ch, ph, rh, th> — funcionando como marcador ideovisual, sem valor fonético — sendo este um traço ortográfico característico de uma escrita cuidada e socialmente prestigiada.

Mais representativa seria a variação resultante das incertezas acerca do uso etimológico em posição inicial e medial, em que o <h> se associava a vogais, e não a consoantes. O problema desafiava os esforços de normalização, uma vez que tanto se

<sup>555</sup> As formas em <s-> também ocorrem, mas *çumo* é mais frequente que *sumo*. No caso de *çapato/sapato*, o número de ocorrências é aproximado.

<sup>556</sup> «os sons destas duas letras não se equivocãõ [...] porque se escrevermos como naturalmente pronunciamos, diremos com acerto, Çapato, Çapateiro, Çapataria, Cabeça [...] e não Sapato, Sapateyro, Sapataria, Cabessa.» (Feijó, *Orthographia*, 1739 (1734): 36).

<sup>557</sup> *Ibidem*: 38.

<sup>558</sup> Cf. cap. IV.4.2.3.4 e IV.2.3.5.

registariam desvios por abuso — falsas etimologias, grafias analógicas —, como por omissão, em consequência da influência da pronúncia na escrita.

A aprendizagem do emprego do <h-> dependeria da memorização da imagem gráfica da palavra. Uma solução seria recorrer aos léxicos latinos, e escrever por analogia<sup>559</sup>; a outra possibilidade era a simplificação ortográfica, eliminando o <h> quando não se pronunciasse, ignorando a etimologia<sup>560</sup>. Mas a prática ortográfica e os dicionários revelam que a etimologia e a pronúncia originavam grafias alternantes que, por serem foneticamente equivalentes, colocavam dificuldades aquando da alfabetação das palavras.

Para além dos casos etimologicamente justificados, o grafema <h> podia ainda desempenhar uma função similar à de um diacrítico, uma vez que conferia às unidades gráficas um valor distinto daquele que teriam se o referido grafema não fosse empregue. Em determinadas situações, constituía uma alternativa ao uso de um acento gráfico, desfazendo hiatos, distinguindo sílabas em encontros de três vogais e evitando equívocos de homografia<sup>561</sup>. Bento Pereira enuncia algumas formas em que o <h> apresenta valor distintivo, para além das justificadas pela origem latina. Assim acontece com *he* (ser), *hia* (ir), *has*, *ha*, *ham* (haver); por vezes conjuga-se com a acentuação gráfica, potenciando as possibilidades na distinção de palavras: *há*, *hâ* (interjeição de alegria), *ah* (temor), *oh* (espanto)<sup>562</sup>.

De acordo com a «Prosa Grammatonomica», o primeiro argumento de Bluteau a favor da manutenção do <h-> de origem latina é o exemplo do castelhano, italiano e francês, e tal opção é autorizada pelo uso consagrado nos principais dicionários, nomeadamente o *Tesouro da língua castelhana* (1611), léxicos italianos recentes e «todos os Dictionarios de França, sem exceptuar o da Academia»<sup>563</sup>.

---

<sup>559</sup> Jerónimo Cardoso não considerava o <h-> um símbolo gráfico do alfabeto português, e por isso não regista entradas assim principiadas. O *Thesouro* regista 143 entradas na letra H, mas o número está claramente inflacionado pela quantidade de palavras derivadas.

<sup>560</sup> Tendo em conta as situações em que o <h> não influenciava a pronúncia, Franco Barreto (*Ortografia*, 1671: 131-139, 188-189) apresenta uma proposta de simplificação, defendendo a supressão do <h> em posição inicial e nos dígrafos gregos, mantendo-se apenas quando fosse indispensável para evitar equívocos.

<sup>561</sup> Sobre a função diacrítica do <h>, cf. Gonçalves, 1998, I: 138, 149.

<sup>562</sup> B. Pereira, *Regras*, 1666: 54-55.

<sup>563</sup> *Prosas Portuguezas*, II: 199.

Mas, mesmo que se ignorasse o princípio da filiação no latim, subsistia a questão das perturbações que a eliminação do <h-> introduziria na interpretação da língua escrita: «Em quantos absurdos cahirá, e com quantos equívocos se confundirá o idioma Portuguez, se nos vocabulos que começam por vogal, senão conservar o H»<sup>564</sup>. Examinado o exemplos de «equivocos» e «absurdos», constata-se que não se limitam a casos de homografia (*hora/hora, horto/orto, Ostia* (topónimo) / *Hostia*), incluindo também *alito, emicyclo, erege, erança, eroe*, entre outros<sup>565</sup>. Nestes últimos — os «absurdos» — a ausência do <h-> descaracterizaria a palavra, retirando a informação etimológica que o teatino considerava fundamental para a recuperação do significado. No que respeita à fixação de uma ortografia normalizada, estes pressupostos obrigam não só a introduzir o <h->, mas também a corrigir as aspirações impróprias, pois tanto o abuso como a ausência traem a fiel representação do significado.

Exceptuando os neologismos, em que a matriz greco-latina estava bem marcada, grande parte das palavras com <h-> etimológico conhece uma grafia alternante simplificada, inclusive com abonações literárias e registo lexicográfico. De resto, a *Prosodia* e o *Thesouro* terão proporcionado a Bluteau mais perplexidades que certezas, uma vez que as variações são notórias, sem que se identifique uma tendência evidente de regularização em qualquer um dos textos. No caso deste conjunto dicionarístico, a possibilidade de cotejar a forma portuguesa com o latim, se não contrariou a tendência para a simplificação, pelo menos dificultou a introdução de falsas aspirações etimológicas<sup>566</sup>.

Quanto ao *Vocabulario*, porque se trata de um dicionário de usos, o autor procura dar notícia das grafias alternantes, mas a dimensão da obra impõe dificuldades suplementares ao lexicógrafo. De facto, na decisão sobre qual a variante que encabeçaria

<sup>564</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>565</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>566</sup> Nos exemplos seguintes, confrontam-se as ocorrências nos dois dicionários, recorrendo à edição de 1697. Porque interessa observar o respeito pela etimologia, na *Prosodia* a pesquisa da forma portuguesa é limitada ao artigo referente à palavra latina e suas derivadas:

- *Pros.*: lat. HARPA / *Thes.*: ARPA;
- *Pros.*: lat. HARPAGO / *Thes.*: ARPEO;
- *Pros.*: lat. HASTA; port. haste / *Thes.*: ASTE, HASTE;
- *Pros.*: lat. HEBRUS, port. Hebro;
- *Pros.*: lat. HECTICUS, port. etica;
- *Pros.*: lat. HERBA, port. herva / *Thes.*: HERVA -> ERVA;
- *Pros.*: lat. HERI, port. hontem / *Thes.*: HONTEM;
- *Pros.*: lat. HORTUS, port. horta / *Thes.*: ORTA.

o artigo e qual seria objecto de remissão, Bluteau terá optado por destacar o uso mais generalizado. Observando as entradas da letra H, verifica-se que o procedimento comum é a remissão para a forma sem <h->, inclusive quando a forma aspirada seria a mais concordante com o latim. A seguinte lista indica todas as remissões que ocorrem na letra H:

HADRIA → ADRIA	HELIADA → ILIADA	HIEROGLIPHYCO → JEROGLIPHYCO
HADRIANOPOLI → ADRIANOPOLI	HELLEBORO → ELLÉBORO	HIERUSALEM → JERUSALEM
HALCYON → ALCION	HERBOLARIA → ERVOLARIO	HISTRIA → HISTRIA
HARO → HARO	HEREMITA → EREMITA	HISTRIAM → ISTRIAÕ
HARPA, ou ARPA → ARPA	HERMIDA → ERMIDA	HOETA → OETA
HARPAM → ARPAÕ	HERMITAM → EREMITA	HONTEM → ONTEM
HARPOAR → ARPOAR	HERMO ou ERMO → ERMO	HORTELAM ERVA → ORTELAÃ
HARUSPICE → ARUSPICE	HERVA → ERVA	HUETA → OETA
HASPAHAM → ASPAÕ	HIERAPOLI → JERAPOLI	HURCA → HURCA
HEBRO → EBRO	HIERARQUIA → JERARQUIA	

Mas, seguindo a remissão e consultando os respectivos artigos principiados por vogal, nem sempre se indica a existência da variante ortográfica. Na verdade, algumas das grafias omitidas no artigo principal eram pseudo-etimológicas ou analógicas (e.g. HEREMITA, HONTEM), e ao indexá-las na letra H, o lexicógrafo procuraria somente dar conta das diversas possibilidades ortográficas — autorizadas pela tradição literária e lexicográfica<sup>567</sup>. Como se compreende, este princípio corresponde a uma tendência, mas nem sempre é aplicado, seja pela força do uso instituído, seja pelas limitações dos conhecimentos etimológicos, em que a tradição medieval ainda era preponderante.

Considerando novamente a lista de remissões, nota-se que não inclui palavras principiadas por <hy->. No *Vocabulario* são ao todo 68 entradas, em geral transposições de palavras gregas para o português, ou neologismos técnicos criados preferencialmente também a partir do grego (compostos de *hydr-*, *hyper-*, *hypo-*, ...). Todavia, estes termos não estariam suficientemente vulgarizados ao ponto de permitir simplificações e, quando muito, aceitava-se a variante <hi-> (e.g. «HYDRA, ou Hidra»).

<sup>567</sup> Por exemplo, nos artigos EREMITA, ERMIDA e ERMO, não refere as grafias *heremita*, *hermida* e *hermo*, indexadas na letra H. Esta era uma aspiração imprópria, uma vez que a palavra grega tem espírito brando.

## 5. Informação bilingue

No fim do século XVII, os três principais dicionários publicados em França abandonaram a tradicional versão para latim da palavra-lemma, o que constituiu um marco na evolução da descrição lexicográfica dos vernáculos. Richelet, Furetière e a Académie reelaboraram um fundo informativo compilado nos dicionários bilingues e latinos, compondo obras orientadas para públicos e funções distintos, mas em que as descrições linguísticas se cingiam ao francês e os dados de tipo enciclopédico eram traduções de textos que circulavam em latim.

Desta evolução não se pode inferir que a apetência pela informação latina se extinguiu. Em 1704 o dicionário de Trevoux — que reformulou Furetière e foi o texto francês pré-enciclopédico de maior difusão na primeira metade do século XVIII — retomou a tradução do lema, de uma forma sintética, geralmente no fim do artigo e sem a preocupação em citar autores clássicos. Ou seja, o dicionário essencialmente monolíngue, mesmo quando acolhia o latim, remetia-o para uma posição marginal, que não condicionava a estruturação dos artigos, as abonações literárias ou a análise léxico-semântica<sup>568</sup>.

O *Vocabulario* afasta-se da orientação destas últimas obras. Inicialmente influenciado pela lexicografia bilingue dos jesuítas, Bluteau delineou um amplo projecto que consistia em explicar os significados das palavras portuguesas e, simultaneamente, compendiar preceitos e exemplos da expressão latina elegante, o que de modo algum se limitava à procura de equivalências lexicais. O intuito seria tornar acessível ao leitor, por meio de tradução, o tipo de auxílios à composição em latim que se encontrariam num *Calepino*, com explicações do vocabulário, distinção das acepções e abonações seleccionadas<sup>569</sup>. Este modelo, que em comparação com a dicionarística monolíngue posterior será rotulado de confuso e pouco sistemático, coadunava-se certamente com as expectativas do público-alvo.

---

<sup>568</sup> Sobre o dicionário de Trévoux, cf. Quemada, 1998: 60-61.

<sup>569</sup> «A universal aceitação, e as muitas edições do Dicionario de Calepino me obrigáão a tomallo por exemplar do meu Vocabulario» (*Supp.*, II: «Apologia do Autor»).

### 5.1. Tradução e propriedade de sentido

Ainda que formalmente bilingue, a nomenclatura do *Vocabulario* abria-se a domínios do léxico que este género de dicionários evitava, na medida em que representavam o limite da intercomunicação entre o latim e os vernáculos. Bluteau reflecte longamente sobre as perplexidades geradas pelo facto de no seu dicionário nem todas as palavras terem latim correspondente, lembrando que «a todas as Artes, Engenhos, Instrumentos, que se inventaram de mais de mil annos a esta parte, faltou a lingua latina, porque era morta»<sup>570</sup>. Porque recusava as circunloções latinas que, de tão impróprias e imprecisas se tornavam cómicas, uma parte dos artigos do *Vocabulario* é monolingue e estruturalmente inspirada no trabalho de Furetière<sup>571</sup>.

O problema da propriedade da expressão não era central numa obra didáctica como a *Prosodia* de Bento Pereira, em que se encontravam soluções para que a generalidade dos objectos do quotidiano pudesse ser declarada em latim, ainda que por meio de construções bárbaras. A equivalência lexical assim obtida é artificial, uma vez que o correspondente português é, por vezes, um termo genérico, que traduz por aproximação objectos e nomes de profissões que, fora do contexto histórico e temporal do mundo antigo, são anacronismos. Por exemplo, na *Prosodia* a palavra *alguidar* traduz cerca de 20 termos latinos e, entre estes, ARTOPTA, CARDOPO, MACTRA, MAGIDA e MAGIS são vertidos por *alguidar de amassar*.

As fontes lexicográficas de Bluteau, sobretudo o *Calepino* de 1681, recomendavam uma reflexão filológica mais profunda, pelo que o *Vocabulario* não se limitará à acumulação de equivalentes. O significado português e o significado latino são planos de análise diferenciados; se não há conformidade nos referentes, a tradução não é legítima e esse facto é sublinhado no comentário dicionarístico. Para a mesma palavra *alguidar*, o *Vocabulario* conclui que se trata de uma transposição impossível, e em *alguidar de amassar* apenas a lição do *Calepino* é considerada:

ALGUIDAR. Vaso de barro, com mayor circumferencia, que fundo. **Naõ he facil achar palavra propria latina.** *Capedo, onis.* Fem. entre os Romanos era hum vaso largo, & especie de alguidar, de que usavão nos seus sacrificios. Poderaselhe acrecentar o epitheto *fictilis*. Certo Poeta traduzindo

<sup>570</sup> *Voc.* I: «Ao leitor impertinente».

<sup>571</sup> «Em varios lugares desta obra tomei o trabalho de exprimir com periphrasis, & circunloçoens latinas os nomes Portuguezes de varias Artes liberaes, & mecanicas, que não tem latim proprio; mas conhecendo por experiencia a inutilidade deste trabalho, por serem materias, que rarissimas vezes correm em discursos latinos, resolvime a deixar o latim dellas em branco» (*ibidem, loc. cit.*).

estas palavras de Virgílio, *Spumãtia cymbia lactis*, diz Alguidares cheios de leite. Porem *Cymbium* era hũ vaso da feição de barquinho. **Alguidar de amassar pão.** *Artopta, ae. Fem. Vid. Calepinum, verbo Artopta, ubi ait, (Aliqui accipiunt pro vase, in quo farina subigitur. [...]*

A lexicografia latina da segunda metade do século XVII reforçou a importância das abonações rigorosas, motivando a releitura dos textos clássicos, o que permitiu distinguir os contextos de utilização, bem como o período da história da língua em que determinado vocábulo foi empregue. A aceitação dos autores tardios também foi reavaliada, preferindo-se os que escreviam em latim puro e elegante, originando cânones que eram explicitados no início dos dicionários. Esta alteração fundamental observa-se no facto de Bluteau rejeitar muitas das opções de tradução que Bento Pereira acolheu sem restrições, certamente a partir de fontes que recuavam ao século XVI:

*Pros.:* Apsis, idis, f.g. O circulo da roda; tribuna de Igreja, ou circulo nas estrellas.

*Voc.:* CAIMBA [...] Nas rodas dos carros, he hum pedaço de taboa grossa, & curva, em q̃ entraõ os rayos, & se fóрма a circũferencia da roda. *Rotae lignum incurvum.* **Antes quero usar desta circumlocação, do que chamarlhe Absis, ou Apsis, ou Ancon, dos quaes nomes não se achão exemplos neste sentido em bons Authores.** [...]

No *Vocabulario*, os barbarismos são substituídos por circunlóquios, que são descrições parafrásticas que podem incidir sobre o aspecto exterior, os elementos constituintes ou a função de um determinado objecto. Embora estas expressões nem sempre sejam sintéticas, procuram ser auto-suficientes, na medida em que evitam recorrer a termos técnicos que o próprio contexto não esclareça. Na prática equivalem a definições dicionarísticas, compostas por definidores genéricos e definidores específicos<sup>572</sup>:

BORZEGUIM [...] Os que chamão ao Borzeguim *Cothurnus*, não reparão na differença que vai de *Borzeguim* a *Cothurno*. **Melhor he dizer com circumlocação** *Calceamenti genus, quo utuntur Mauri, quod Borzeguim vocatur.* [...]

BELHO. Parte da fechadura. [...] *Ferreum repagulum, quod à clave adductum in postem init, & cum eo forem jungit, & reductum laxat, & aperit.* **Esta circumlocação, por falta de palavra propria latina**, he de Salmasio, no tomo 2. das suas Exercitaçoens sobre Solino pag. 931. [...]

Tal informação não é marginal no contexto do artigo, considerando o espaço e o destaque que lhe são concedidos; a paráfrase, sobretudo quando é descritiva, pode mesmo substituir a definição em português (cf. BANCO, *infra*). A explanação filológica apresenta-se com uma configuração discursiva quase didáctica, em que se enumeram as razões para

<sup>572</sup> Ainda que algumas destas paráfrases tenham sido criadas pelo lexicógrafo, Bluteau teve acesso a obras paralexigráficas que compilavam descrições e epítetos, como auxílio à composição literária. A fonte mais citada no *Vocabulario* é a *Epigraphica, sive Elogia inscriptionesque quodvis genus*

que determinadas expressões sejam preteridas, alegando com abonações clássicas. Raras vezes a língua portuguesa é objecto de análises lexicológicas e semânticas tão meticulosas como aquelas que, a cada passo, se oferecem para o latim.

BANCO [...] Banco de encosto. *Scamnum ligneis compagibus, queis à tergo nitantur sedentes, instructum*. Melhor he usar desta circumlocução, do que dizer com alguns *Scamnum dossuarium*, ou *scamnum ponè marginatum*, ou *dossuariae crepidinis scamnum*. Porque, aindaque Varro chame as bestas de carga, *Iumenta dossuaria*, não se segue, que se possa unir este adjectivo, nem com *scamnum*, nem com *Crepido*; nem me parece, que *Crepido* se possa dizer do encosto de hum banco, nem que *Marginatum*, que significa o que tem margem, se possa dizer de *Scamnum*. [...]

Por recusar os neologismos abusivos em latim, há um conjunto de domínios lexicais em que o *Vocabulario* não cumpre a função de dicionário bilingue, muitas vezes dispensando também os circunlóquios. Entre muitos exemplos desse tratamento monolingue podemos destacar os termos que designam a fauna e flora exóticas — nomeadamente os que têm origem no Brasil e na Índia — cujas características morfofonológicas sempre haviam dificultado qualquer tentativa de latinização (e.g. CAJAZEIRO, CARAPINIMAS, IGBANEXIMANA, ZABUCAJO, citando apenas alguns nomes de árvores do Brasil). O mesmo se verifica com os nomes de objectos e instrumentos que representavam progressos continuados da técnica, e.g. os mecanismos de impressor, os instrumentos náuticos ou cada uma das partes constituintes do navio.

No que respeita às linguagens profissionais, o bilinguismo mantém-se naquelas em que o latim era a língua privilegiada de comunicação, aprendizagem e teorização, como a medicina, o direito e a teologia. Porém, em outras áreas, Bluteau depara-se com um aparato terminológico extenso e bem explicitado em tratados que se haviam emancipado da língua latina. A veterinária — os *termos de alveitar* — será talvez um dos domínios em que o latim tem, no início do século XVIII, uma presença mais residual, sem abonações em fontes clássicas e com poucos circunlóquios, preferindo reproduzir as explicações contidas nos autores portugueses<sup>573</sup>.

As expressões idiomáticas portuguesas colocaram dificuldades à transposição directa para latim, daí que, quando está presente, a tradução é geralmente substituída por

---

*pangendi ratio ubi de inscribendis tabulis, symbolis, clypeis...* (1660), de Ottavio Boldoni (1600-1680).

<sup>573</sup> A veterinária, a equitação e a náutica estavam bem documentadas em obras recentemente publicadas, que se valiam sobretudo de termos vernáculos. O seu carácter eminentemente técnico percebe-se logo nos títulos, como nos seguintes tratados, que Bluteau cita assiduamente: António Galvão de Andrade, *Arte de Cavallaria de Gineta, & Estardiota, bom primor de ferrar, & Alveitaria*.

uma citação literária que exprime um significado aproximado. Também rareia o latim nas expressões que são classificadas como *termos chulos*, que o uso cuidado evitava introduzir na conversação quotidiana e no registo escrito, devendo ser substituídas por palavras mais dignas<sup>574</sup>.

As palavras que não suscitavam desenvolvimentos de tipo enciclopédico, sobretudo verbos e adjectivos, recebiam normalmente uma definição dicionarística por sinonímia ou paráfrase. Apesar de serem concisas e de estrutura simples, não se pode ignorar que a maior parte destas definições, hoje consideradas elementares, surge pela primeira vez no *Vocabulario*, o que representou um aproveitamento ponderado das relações de sentido entre as unidades lexicais da língua portuguesa, mas em que ainda é sensível o ascendente do latim.

Embora se admita que as sequências sinonímicas das glosas da *Prosodia* e a fácil intercomunicação entre o português e latim podiam sugerir algumas das definições, a leitura assídua dos dicionários bilingues franceses forneceria a Bluteau informações mais proveitosas. Nas obras de Pomey e Danet, a palavra-lemma recebia uma breve definição em francês, isto para além de uma ampla fraseologia latina que procurava também traduzir as variações semânticas do vernáculo. Se a definição francesa nem sempre era transponível para o português, a resposta podia encontrar-se na tradução de uma expressão latina ou na sugestão de sinónimos derivados por via erudita. Comparando o *Vocabulario* com Danet, identificam-se sólidas coincidências no que respeita à estrutura do enunciado e às soluções para a definição, dando origem a artigos como *debater: contender com alguém / cum aliquo contendere*<sup>575</sup>.

---

(1678); António Pereira Rego, *Instrucçam da Cavallaria de Brida, com hum Tratado de Alveitaria* (1693); Francisco Pinto Pacheco, *Tratados da Cavallaria de Gineta* (1670).

<sup>574</sup> A tradução latina também acompanha essa elevação:

— BOQUISECO. (Termo chulo.) Ficar boquiseco. **Emmudecer**. Não dizer palavra. **Obmutescere**. (*Voc.*, s.u.).

No artigos de *palavras chulas* (e.g. ATABALHOADO, BOQUITORTO, BALDROCA, CARISMOCHO) não é incomum a ausência de qualquer tipo de informação latina. A excepção parece ser as expressões com um forte pendor satírico, para as quais Bluteau encontra com alguma facilidade citações latinas, também elas expressões idiomáticas:

— ESCANGALHARSE com riso. Termo chulo. *Dissolvere ilia risu. Petron.*

— CALMAR. (Termo chulo.) Dar a alguém com hum pao. *Calmoulhe à parte. Illum malè multavit. Cic. [...]* (*Voc.*, s.u.).

<sup>575</sup> Sobre as características do dicionário de Danet, no que respeita à técnica de definição, cf. Quemada, 1998: 55-56.

DÉBAT, s.m. Contestation, contention, dispute. Contentio, onis, f. Cencertatio, onis. f. Controversia, ae, f. Altercatio, onis, f. [...]	DEBATE. Contenda, disputa. <i>Altercatio, onis. Fem. Cic. Contentio, onis, ou controversia, ae. ou concertatio, onis. Fem. Cic. [...]</i>
DÉBATTRE, V. act. Contester, disputer. Aliquid ou de re aliquâ cum aliquo contendere [...] ou disceptare ou concertare [...]	DEBATER. Contender com alguém. <i>Cum aliquo concertare, ou contendere. [...]</i>
DÉBILE, adj. m. & f. Faible, sans force, languissant. Debilis, m. & f. debile, n. [...]	DEBIL. Fraco de forças. <i>Debilis, le, is. [...]</i>
DÉBILITÉ, subst. fem. Faiblesse de quelque partie du corps. Debilitas, atis f. [...] de la faiblesse de l'esprit. Animi debilitas. Cic. Infirmus animus. Ter.	DEBILIDADE. Fraqueza do corpo, ou do espirito. Debilidade do corpo. <i>Corporis debilitas, atis. [...]</i> Debilidade do espirito. <i>Animi infirmitas, ou debilitas [...]</i>
DEBILITER, V. act. Affaiblir, rendre faible. Debilitare. Infirmare. [...]	DEBILITAR. Enfraquecer. <i>Debilitare. Cic. Debilitar. Abater. Diminuir. [...]</i>

Neste género de definições, a identificação das fontes é complexa, tanto mais que para a sua composição o lexicógrafo mobiliza antes de mais a própria competência linguística. Todavia, sabendo-se que Bluteau percorreu estes dicionários para deles retirar exemplos de latim expurgado de barbarismos, não poderia deixar de colher influências das definições francesas, que frequentemente se concertavam com fraseologia latina por meio de vínculos etimológicos, igualmente válidos para o português.

## 5.2. A descrição do léxico latino

No *Vocabulario*, a tradução não se resume à procura de equivalentes para o português. Porque a discriminação de sentidos em latim goza de uma considerável autonomia, o processo de tradução funciona em ambas as direcções. Em português, os exemplos e as combinatórias fixas estão limitadas pela categoria gramatical da palavra-lemma, mas na componente latina do mesmo artigo as fronteiras podem alargar-se a toda uma família de palavras derivadas. Os dicionários vernáculo-latim integravam com naturalidade as divergências nos sistemas morfológico-derivacionais das línguas em confronto, pois os consulentes pretendiam aceder a uma informação latina tão completa quanto possível, desconsiderando a coerência da análise semântica do vulgar.

Dando continuidade a este modelo, Bluteau dispõe aleatoriamente alíneas subordinadas ao latim nos artigos do dicionário, o que perturba a clareza da ordenação dos sentidos em português, na medida em que tais subentradas não podem ser consideradas

como parte da nomenclatura, nem são formalmente equiparáveis a exemplos ou colocações.

Na falta de uma palavra específica, o dicionarista exprime através de paráfrases determinadas categorias lexicais latinas de formação regular que a gramática portuguesa não contemplava. De facto, estes enunciados poderiam ser lidos ao contrário, pois o verdadeiro lema é o termo latino e a subentrada a sua explicação<sup>576</sup>. Entre os casos mais frequentes podemos destacar:

— os substantivos abstratos derivados de uma raiz verbal (com sufixo latino *-tio*), e que traduzem a realização da acção que o verbo descreve:

BANHAR [...] A acção de se banhar. *Lavatio, onis. Plin. Hist. [...]* [< lat. lauare]  
 BELISCAR [...] A acção de beliscar. *Vellicatio, onis. Fem. Senec. [...]* [< lat. uellicare]  
 CAVALLO [...] A acção de andar a cavallo. *Equitatio, onis. Fem. Plin. Histor. [...]* [< lat. equitare]

— os nomes de agente a partir do sufixo latino *-tor / -trix*:

CONCERTAR [...] O que concerta as cousas, & as poem em ordem. *Dispositor, & ordinator. Senec. Philos. [...]*  
 BUSCAR [...] O que busca alguma cousa. *Indagator, oris. Masc. Columel. Investigator, oris, Masc. Cic. A que busca. Indigatrix, icis. Fem. Cic. S. Tuscul. [...]*

— adjectivos derivados de substantivos, com os sufixos *-to / -fer*, de valor possessivo:

ABANICO [...] Aquelle, que traz abanico. *Flabellifer, a, um. Plaut. [...]*  
 BRACELETE [...] Aquelle, que traz braceletes. *Armillatus, a, um. [...]*  
 CAPA [...] Aquelle, que traz capa d'agoa. *Penulatus, a, um. Cic. pro Mil. [...]*

Com a progressiva latinização do português, muitos destes termos serão decalcados com o significado original, suprimindo necessidades da expressão cuidada a que só o latinismo parecia dar solução satisfatória:

BANHO [...] Cosa concerente a banhos. *Balnearius, a, um. Ulpian. Balneatorius, a, um. Mart. Jurisconsul. [...]*  
 BANQUETE [...] Cosa concerente a banquete. *Convivalis, Masc. & Fem. le, is. Tit. Liv. [...]*

Para muitas destas dificuldades a *Prosodia* apresentava soluções mais próximas do vernáculo, como *equitatio / a cavalgata*, *vellicatio / a beliscadura*, *indigator / o caçador*, mas a tendência para os latinismos prevaleceria ao longo do século XVIII. Algumas palavras, que nem sequer figuravam na nomenclatura do *Vocabulario*, já eram empregues

<sup>576</sup> Cf. Girardin, 1995: 23-24, sobre a natureza e função dos enunciados exemplificativos no dicionário bilingue de Pomey, que são traduções dos termos latinos e não exemplos da palavra-lema.

com um carácter híbrido e ocorrem integradas no texto das glosas, mantendo o sentido original<sup>577</sup>.

### 5.3. Exemplos e citações latinas

Os dicionários bilingues dos jesuítas de finais do século XVII não eram instrumentos elementares do ensino do latim, pois pretendiam consagrar nos seus artigos as «meilleurs façons de parler» e as «expressions elegants», como se pode ler nas páginas de rosto das obras de Danet (1683) e Pomey (1664, 1691). Seguindo o exemplo destes autores, Bluteau concebe um dicionário em que a expressão portuguesa possa beneficiar da tradução de bons modelos de eloquência latina, ao mesmo tempo que fornece, aos que desejam compor em latim, excertos suficientemente extensos e elucidativos, que permitam reproduzir um uso com propriedade e elegância sintáctica.

O *Vocabulario* cumpre a função primordial de verter para latim, sempre que possível, as estruturas essenciais da língua portuguesa, sejam combinatórias fixas ou co-ocorrentes privilegiadas, o que implica frequentemente a composição de fraseologia latina para esse efeito específico, sem abonação em autor clássico. Todavia, não seria de menor interesse para o consulente típico a incorporação de uma variedade e quantidade de citações latinas, de uma forma inédita na lexicografia portuguesa, directamente inspirada na tradição do *Thesaurus* de Robert Estienne e no *Calepino* de Lyon (1681)<sup>578</sup>. Nenhum dos anteriores dicionaristas portugueses conseguiu reproduzir as características que valorizavam o *Thesaurus*, mas que estavam muito para além dos objectivos de edições

---

<sup>577</sup> Por exemplo, *convivialis*, “relativo a banquete”: «Nos seus Symposiacos, ou questoens **convivaes** mostra como este Adonis [...]» (*Supp.*, s.u. ADONIS).

<sup>578</sup> No início do século XVIII, o *Dictionarium, seu Latinae Linguae Thesaurus* mantinha-se como uma fonte autorizada e abundantíssima das melhores citações latinas, com a vantagem de estas se encontrarem agrupadas de acordo com os contextos sintácticos (1ª ed. Paris: 1531; 2ª 1536, ampliada e bilingue; 3ª 1543, monolíngue. Bluteau possuía uma edição de Lyon, 1573, 4 vol. in-fol.). Sobre os principais aspectos lexicográficos do *Thesaurus* e a influência nos primeiros dicionários portugueses, cf. Verdelho, 1995: 346-363. Cardoso, Barbosa e Bento Pereira consultaram Estienne e dele retiraram informação para a constituição da nomenclatura, exemplos de estruturas linguísticas fundamentais, algumas breves citações e muitas indicações de abonação; todavia, sobretudo na *Prosodia*, o ascendente do *Calepino* foi preponderante (*ibidem*: 349, 363). Sobre as fontes lexicográficas do *Thesaurus* e a recepção da obra, cf. Quemada, 1998: 49.

com horizonte escolar: abundância de exemplos em contextos, citações dos melhores autores do período áureo da latinidade e rigor filológico nas transcrições<sup>579</sup>.

Estienne instituiu um fundo textual, parcialmente recuperado dos primeiros *Calepinos*, que será partilhado pelos lexicógrafos posteriores, de acordo com os objectivos e dimensão das respectivas obras. Quando comparado com Nicot (1606) ou Danet (1683), reconhecem-se as interdependências, embora estes autores tenham reduzido o número e a extensão das citações, ou omitido a localização das abonações, de modo a integrar e acompanhar a descrição do francês.

O confronto do *Vocabulario* com os diversos dicionários latinos que Bluteau consultou demonstra que frequentemente prefere o *Thesaurus*, não só para recuperar na íntegra as citações que os autores seguintes mutilaram, mas sobretudo porque a obra, tal como fora concebida, permitia uma tradução para vernáculo das estruturas linguísticas que introduziam as subentradas, como de resto sucedera em francês com o *Dictionarium latinogallicum* (1538) de Estienne. Mas, tendo em conta a extensão dos artigos do *Thesaurus* — por vezes várias páginas em tipo miúdo — os dicionários bilingues mais recentes proporcionavam sínteses muito úteis, na medida em que seleccionavam a fraseologia francesa essencial e as estruturas latinas correspondentes, que Bluteau podia ampliar com citações.

Nos domínios lexicais “translinguísticos”, essencialmente herdados do latim, este auxílio foi bem aproveitado. Sem excluir o recurso a outros textos lexicográficos, nomeadamente o *Calepino*, é clara a importância do *Thesaurus* enquanto *corpus* informativo de referência. Bluteau respeita a ordenação lógica do grande dicionário latino — primeiro as combinações do lema com os qualificadores, depois os sintagmas com núcleo verbal — e integra mais de metade das subentradas da obra original. Embora não iguale o número de abonações, as citações mais extensas também foram recolhidas em Estienne. Por sua vez, o dicionário de Danet forneceu as combinações mais frequentes e de interpretação consensual, que não necessitariam de clarificações adicionais ou exemplos.

À semelhança do que sucede na generalidade dos domínios terminológicos especializados, socorre-se ainda de vocabulários específicos, que apresentavam um *corpus*

---

<sup>579</sup> Segundo T. Verdelho (1995: 350), é precisamente este quadro tipológico que liga a designação de *Thesaurus* às ideias de abundância (riqueza) e de recuperação do património textual escrito.

fraseológico mais abundante que um dicionário geral. Para o direito, cita expressões do *Forensium verborum & loquendi generum* (1545), do humanista Guillaume Budé (1467-1540)<sup>580</sup>. Vários indícios sugerem que não se trata de uma leitura em segunda mão: os trechos citados correspondem fielmente a excertos sequenciais do original, a mesma obra merece várias referências comentadas em outros artigos e o seu título faz parte do catálogo de dicionários franceses e latinos do «Vocabulario de Vocabularios».

Tomaremos por exemplo a fraseologia latina (exemplos e citações) que ocorrem nos artigos TESTEMUNHA e TESTEMUNHAR. Na lista seguinte assinalam-se as expressões que, comprovadamente, foram decalcadas do *Thesaurus* (sublinhado contínuo) e do dicionário de Danet (sublinhado ondulado). O sublinhado pontilhado indica a fraseologia recolhida em Budé:

---

<sup>580</sup> Ao longo do século XVII o nome de Budé consolida o estatuto de autoridade, à medida que os dicionários incorporam as construções latinas presentes nos seus diversos tratados. Em Nicot (1606) já é uma fonte recorrente e, entre nós, o *De asse* (1514) influenciou Jerónimo Cardoso e Bento Pereira (Verdelho, 1995: 274-276),

## TESTEMUNHA

Testemunha fiel, abonada, digna de fé, irrefragavel. *Testis fide dignus. Ex Cic. Testis gravis, locuples, idoneus, integer, incorruptus. Cic.*

Testemunha ocular. *Oculatus testis. Plaut.*

Testemunha de ouvida. *Auritus testis.* Mais val hũa testemunha de vista, q̄ dez de ouvida. *Pluris est oculatus testis unus, quàm decem auriti.*

Testemunha falsa, sobornada, supposta. *Falsus, ou fictus testis.*

Testemunha de algũa cousa. *Testis alicujus rei, ou de re aliqua, ou in rem aliquam. Cic.*

Apresentar testemunhas. *Testes ad Judices producere. Cic.*

Reprovar testemunhas. *Testes refutare, ou reprehendere.* Reprovar testemunhas, & juntamente a sua deposição. *Refellere testes, & testimonia. Cic.*

Confrontar as testemunhas. *Testes coram componere, ou cum reo componere.*

Convencer de falsidade as testemunhas. *Destruere testes. Testium fidem labefactare. Fidem testium elevare, infirmare, imminuere. Cic.*

Dar testemunhas. *Testes dare. Cic. ou dare testimonium. Idem.*

Dar testemunhas contra alguém. *Testes in aliquem dare, ou edere. Cic.*

Mandar vir testemunhas. *Testes evocare.* Tornar a chamar testemunhas. *Testes revocare. Cic.*

Perguntar testemunhas. *Testes interrogare.*

Reperguntar testemunhas. *Vid. Reperguntar.*

Tomar alguém por testemunha. *Aliquem testari. Cic. (or. atus sum.) Aliquem attestari, ou obtestari. Cic. Testem facere, ou adhibere. Cic.* Tomando aos Deoses, & aos homens por testemunhas. *Deos, hominesque contestans. Cic. Cicero diz, Testificari Deum. Tomar a deos por testemunha.* Aquelle que tem tomado alguém por testemunha. *Testatus, a, um. Cic.*

Tomar alguém por testemunha de algũa cousa. *Citare aliquem testem in rem aliquam Cic. Aliquem antestari, (or, atus sum.) Plaut. Horat. Cic.*

— *Licet antestari? Ego verò oppono auriculam. Horat.*

— *Impubes non potest antestari.*

Ter a Deos por testemunha. *Deum habere testem. Cic.*

Ser testemunha. *Dicere pro testimonio. Vid. Testemunhar.*

Ser testemunha contra alguém. *Dicere testimonium in aliquem, ou contra aliquem. Cic. Ser testemunha em favor, ou ajudar alguém com seu testemunho. Sublevare testimonio aliquem. Cic.*

Tirar testemunhas. Escrever o Enqueredor, ou Tabellião o que depõem as testemunhas. *Res, testimonio dictas, litteris, ou scriptis mandare.* Tirou muitas testemunhas. *Multorum testimonia scriptis mandavit.*

Farei constar isto por testemunhas. *Id testibus planum faciam. Cic.*

Es muito boa testemunha, que disto me não déste agradecimento algum. *Pro iis rebus, nullam mihi abs te relatam esse gratiam, tu es optimus testis. Cic.*

Não querer ser testemunha. *Testimonium ejurare. Bud.*

Sobornar testemunhas. *Testibus praescribere, quid dicturi sint. Testibus rogandis, testimonium verbis praeire. Testimonium dictare. Bud.*

## TESTEMUNHAR

Testemunhar falso. *Pro testimonio mētiri. Bud. Mentiri in aliquem, ou adversus aliquem. Cic. Plaut. Dicere falsum testimonium in aliquem.*

Testemunhar de hũa conjuração. *Dicere testimonium de conjuratione. Cic.*

### 5.3.1. O latim como intertexto autónomo

O facto de o latim ser ainda uma língua de expressão literária e de intercomunicação, em muitos domínios com larga vantagem sobre o vernáculo, parece justificar a ruptura nas relações de equivalência entre as duas línguas. Bluteau não subestima a competência do consulente no que respeita à interpretação do latim, pelo que, em determinados contextos, os artigos integram informação que é muito parcialmente explicada em português, ou que permanece sem qualquer tradução. Os leitores eruditos decerto apreciariam a citação de largos excertos de autores e títulos de acesso restrito, evocando um *corpus* de referência que à distância podemos classificar como a literatura histórica e científica mais valorizada no século XVII.

Um primeiro tipo de desequilíbrio observa-se quando o enunciado português que explica uma informação de tipo enciclopédico é menos extenso e pormenorizado do que a citação latina que o corrobora. Na prática, o comentário português resulta de uma tradução parafrástica e abreviada da fonte latina:

CABELLO [...] Escreve Nicoláo Penoto [Perotto?], que em Roma havia hũa Arvore, chamada Capillar, porque nella os moços, & as Vestaes penduravaõ os primeiros cabellos, que cortavaõ. Eis-aqui as palavras do Author. *Adolescẽtibus, apud veteres Romanos comam nutrire, mos erat, quandiu imberbes essent, alioquin deformes habebantur; adulti verò cum primò tondebant barbam, etiam crinium longitudinem deponebant, eosque in arbore, quam ex argumento Capillarem, sive capillatam nominabant, suspensos dicabant Deo, quasi depositis adolescentiae illecebris, jam virilitatem ingredi viderentur.* E em outro lugar, *Erat in urbe Roma arbor antiquissima, quam supra trecentos, & septuaginta annos durasse, compertum est, quae capillata dicebatur, quod virginum vestalium capillos ad eam deferre, mos erat.* [...]

A autonomia da citação é consideravelmente maior quando introduz dados novos, preenchendo categorias informativas que na generalidade dos artigos são declaradas em português. Assim, entre os tópicos que podem surgir apenas em latim, podemos destacar as sugestões de ampliações retóricas, os comentários de tipo filológico sobre a língua latina (especulações etimológicas) ou as descrições do mundo natural (animais, plantas, anatomia):

CANELA [...] Canela da perna. [...] *Tibia, ae. Fem. Cels.* Para evitar a equivocação de *Tibia*, que também significa a perna, eu chamara à Canela; *Anterioris tibiae os, ossis. Neut. ou Tibiae spina, ae.* Vejase, o que Bartolino escreveo sobre a Anatomia, no liv. 4. de *Ossibus*. cap. 21. *Anterior tibiae pars, (diz este Author) acuta, & longa, Spina dicitur, ubi ossis quasi figura triangularis est, & ita acuta est, ut cultri aciem effingat, unde hac parte anteriore, si tibiae os alliditur, dolor fit insignis, quia acutis vicina, & periosteum acuto osse, quasi cultro scinditur.*

Nestes contextos, em que se citam sobretudo tratados técnicos, manter o latim era a melhor forma de assegurar a preservação do significado, pois o vernáculo não possuía

recursos terminológicos capazes de reproduzir as especificidades semânticas do original latino<sup>581</sup>.

## 6. Informação enciclopédica

A configuração tipológica do *Vocabulario* admite, para além da informação linguística, um desejável alargamento a dados de tipo enciclopédico que reflectem conhecimentos sobre factos e coisas, e não apenas sobre as palavras que os designam. Como se observou a propósito da técnica de elaboração da definição — estritamente entendida como a categoria de informação dicionarística que explica o significado da palavra — o facto de esta poder assentar em descrições pormenorizadas das características e funcionalidades dos referentes extralinguísticos é já revelador de uma orientação enciclopedista, na medida em que o lexicógrafo omite as informações respeitantes ao uso do signo linguístico e a palavra-lemma é entendida como um pretexto para a evocação de realidades e factos, por vezes com relações remotas ou circunstanciais<sup>582</sup>.

Mas o principal núcleo de informação de tipo enciclopédico encontra-se sob a forma de dados suplementares, aparentemente externos à definição, mas que na prática a completam, seja pelo desenvolvimento de aspectos sucintamente abordados nas marcas de finalidade, funcionalidade e descritivas, seja pela adição de factos históricos. Não se trata de uma categoria de ocorrência sistemática, mas sim um enriquecimento apreciado e acrescentado de acordo com a disponibilidade das fontes, que obriga a ajustamentos na estrutura do enunciado dicionarístico de modo a integrar as informações acessórias, originando um conjunto de artigos extensos, de redacção mais cuidada e essencialmente monolingues.

---

<sup>581</sup> Veja-se a justificação com que Bluteau introduz uma longa citação latina com mais de duas colunas: «João Bautista Porta, Napolitano, no seu livro intitulado, *Villae, lib. I. cap. 18. mihi pag. 41.* fallando nos Védores da agoa, discute estas materias com tanta curiosidade, que me pareceo bem trazer as suas observaçoens, porque este livro do dito Autor he hoje muito raro, principalmente neste Reyno; & por não haver na tradução algũa equivocação, ou errada intelligencia, porei neste lugar as suas palavras. [...]» (*Voc.*, s.u. VÉDOR).

<sup>582</sup> Sobre a confluência da informação linguística e enciclopédica nos dicionários, cf. Hartmann e James, 2001: s.u. ENCYCLOPÉDIC DEFINITION, ENCYCLOPÉDIC DICTIONARY, ENCYCLOPÉDIC INFORMATION.

A configuração do discurso enciclopédico é patentemente influenciada pelo dicionário de Furetière e pelos subsequentes imitadores, responsáveis por uma original técnica de compilação e ordenação de dados extralinguísticos em vernáculo, a partir de um *corpus* que reunia fontes clássicas e fontes actualizadas. O confronto entre o *Vocabulario* e o *Dictionnaire Universel* revela uma transposição dos artigos que por vezes é quase literal, reproduzindo o tipo de informação e a sua concatenação, mas também é notório que Bluteau facilmente intuiu as regras do modelo subjacente, o que lhe permitiu abreviar a generalidade dos artigos de Furetière, eliminando as informações que considerava demasiado especializadas ou contrárias à fé e às explicações decorrentes da doutrina religiosa. Da mesma forma se explica o modo como compôs inúmeros artigos relativos a factos e referentes não contemplados em Furetière, seleccionando de fontes do património textual português as “notícias” que julgava serem adequadas a um dicionário universal.

As características deste discurso enciclopédico faziam do *Vocabulario* um texto original no panorama editorial português, ímpar no que respeita à abundância, variedade temática, referência de autoridades, clareza quase didáctica e organização indexada, isto para além do facto de reproduzir dados muito actuais, inacessíveis em língua portuguesa e ignorados até nos tratados latinos de aceitação mais comum nos colégios nacionais<sup>583</sup>. Por outro lado, a informação enciclopédica é um dos elementos que conferem ao *Vocabulario* um estatuto lectural transdicionarístico.

Percebe-se a real importância desta renovação se recordarmos que o exemplo mais próximo de uma recolha ampla de saberes é a *Escola decurial de varias liçoens* do cisterciense Fr. Fradique Espínola (m. 1708), com 12 partes publicadas entre 1696 e 1721, que é uma tentativa de actualizar um enciclopedismo de tradição medieval. Trata-se de uma obra de carácter lúdico, com uma distribuição aleatória das diversas matérias, e orientada sobretudo para uma leitura integral, já que os índices e os títulos dos capítulos são pouco informativos acerca dos conteúdos<sup>584</sup>.

---

<sup>583</sup> Segundo Silva Dias (1953: 275-280), no século XVII deve-se aos estrangeiros que ensinaram em Portugal o conhecimento das teorias fundamentais da astrologia, física e filosofia, uma vez que os livros que as veiculavam haviam sido proibidos.

<sup>584</sup> «o [tempo] q̄ eu gastey em te dar estas noticias (materias, que bem te podem divertir, quando a forma te não contente) foy sómēnte, por aproveitar aos principiãtes, que desejaõ de tudo saber alguma cousa; e a aprēder em poucas regras, o q̄ os outros estudaraõ em muitas quantidades de livros» (F. Espínola, *Escola decurial*, I: «Ao leitor»).

No conjunto destaca-se o predomínio das temáticas religiosas, com abundantes referências a episódios bíblicos e explicitação de preceitos da vivência cristã e simbologia dos rituais litúrgicos<sup>585</sup>. O autor acolhe tópicos de uma longa tradição de especulação filosófica medieval, como a idade dos homens no início do mundo ou as múltiplas questões *de origine* a propósito das artes e das práticas sociais. Repetidas vezes manifesta a crença na influência da astrologia na índole e características pessoais<sup>586</sup>, e também os fenómenos físicos são explicados pela «subordinação que todas as cousas sublunares tem aos corpos celestes»<sup>587</sup>. Na *Escola decurial* não há intenção de refutar as alegações dos “graves Autores”, pelo que se reproduzem casos prodigiosos, pitorescos e moralizantes, recolhidos acriticamente da tradição escrita. O tema da linguagem tem um espaço diminuto, preenchido por episódios históricos e míticos de algum modo relacionados com a escrita ou a fala, ou por declarações de etimologias fundamentadas em alegorias<sup>588</sup>.

Bluteau não recusará em absoluto a inclusão de pormenores anedóticos ou prodígios fantasiosos, mas o distanciamento com que os narra e o espaço que lhes dedica afastam-no do modelo de miscelânea que preside ao texto de Fr. Fradique<sup>589</sup>.

### 6.1. Estrutura dos enunciados enciclopédicos

No *Vocabulário*, bem como em Furetière, a estrutura do enunciado enciclopédico não é fixa, sendo possível identificar um conjunto de técnicas para a construção de um discurso que completa a definição, orientado para a explanação de dados extra-

<sup>585</sup> *Ibidem*, I: 49.

<sup>586</sup> *Ibidem*, II:7.

<sup>587</sup> *Ibidem*, I: 31.

<sup>588</sup> Por exemplo, no capítulo «Donde teve principio este nome Fidalguia» (*Escola decurial*, III: 60), Fr. Fradique esclarece que a origem remonta ao casamento entre um varão ilustre de nome Fidal e uma senhora de nome Guia. No *Vocabulário*, Bluteau comenta este achado filológico e distancia-se das explicações que não sejam corroboradas pela tradição gramatical: «O Padre Fr. Fradique Spinola na 3. parte da sua Eschola Decurial Decuria 3. lição 9. deu a esta palavra huma notavel etymologia, que até agora só neste seu livro achei. [...] No tempo, que eu estive no Real Mosteiro de Alcobaça, tive muita amizade com este Padre, e sempre me pareceo muito amigo da verdade; supponho, que não inventou esta etymologia, mas até não achalla em Author antigo fidedigno confesso, que sempre a terey por patranha.» (*Supp.*, s.u. FIDALGUIA).

<sup>589</sup> O *Vocabulário* será uma fonte privilegiada para outra publicação de tipo enciclopédico no século XVIII, o *Divertimento erudito* (1734-1744) de Fr. João Pacheco. Cf. cap. V.1.3.

linguísticos<sup>590</sup>. Essas técnicas discursivas, que vinham sendo desenvolvidas desde a lexicografia latina, podem ser sintetizadas em quatro categorias principais, que procuraremos analisar e documentar adiante:

- amplificação das informações constantes na definição;
- adição de subcategorias informativas não contempladas na definição;
- adição de exemplos com o intuito de corroborar a definição com outros factos extralinguísticos;
- divisão de um conceito genérico em espécies, recorrendo a listas e taxionomias.

Embora estas estratégias conheçam uma aplicação transversal, é possível identificar formulações típicas de determinados domínios do saber, na medida em que a ordenação lógica da exposição se ajusta à natureza dos conteúdos temáticos. Isto porque as fontes informativas — fossem em primeira mão ou já recuperadas de outro dicionário — eram sobretudo os autores que haviam compilado os dados numa área do conhecimento, pelo que os excertos tendem a reflectir as estratégias discursivas que lhe eram características.

Assim, artigos consagrados a termos de medicina, geografia ou botânica distinguem-se não só pelo tipo de definidores específicos que seleccionam, mas também pelos tópicos da informação complementar. Porque está fora do âmbito do presente estudo uma análise extensiva dos tipos de enunciado enciclopédico, escolheu-se um número restrito de domínios (medicina, química, cosmologia, botânica, toponímia) que representam um número elevado de artigos do *Vocabulario*, observando-se em simultâneo o emprego das estratégias acima enunciadas.

### 6.1.1. Medicina

A explicação dos termos relativos à anatomia, farmácia, doenças e fenómenos fisiológicos — em geral decalcados ou construídos tardiamente a partir do grego — principia por uma análise etimológica em que se evidencia a justa relação entre o nome e as funções ou propriedades do referente. No caso específico dos termos de anatomia (tomemos por exemplo o artigo DIAFRAGMA), a definição completa-se com a explicitação da função e a localização relativa face a outros referentes conhecidos (cf. 1, *infra*). As

---

<sup>590</sup> Sobre o discurso enciclopédico de Furetière, cf. A. Rey, 1978, em especial os capítulos «Le Dictionnaire universel — Un texte élaboré» (pp. 79-84) e «Structures d'un dictionnaire» (pp. 85-95).

informações complementares (2) são amplificações de aspectos que haviam sido sumariamente referidos na definição inicial, como a relação entre a forma, a função e o funcionamento (2.1), ou a descrição pormenorizada das partes componentes (2.2). Por fim, algumas afirmações lacónicas que no *Vocabulario* surgem sem autorização e quase a título de curiosidade (como 2.3) traduzem muito parcialmente uma subcategoria informativa que em Furetière se encontra bem mais desenvolvida, e que acolhe dados decorrentes de observações, experiências e autópsias, avalizadas pela sistemática citação de autoridades médicas recentes<sup>591</sup>.

- |     |   |
|-----|---|
| [1] | DIAFRAGMA. (Termo Anatomico.) Derivase do Grego <i>Diaphratein</i> , que val o mesmo, que dividir huma cousa da outra, como frontal, ou muro divisorio. O diafragma, he hum paniculo, ou membrana musculosa, que atravessando o peito, divide, & separa os membros vitaes, a saber, o coração, & os bofes, dos membros naturaes, a saber, o baço, & intestinos.   |
| [2] | [2.1] He largo, & redondo a modo de Raya, & se estende de hũa a outra ilharga, com situação oblíqua, & como principal instrumento da respiração, se afroxa, quando se toma o ar, & quando se lança, se entesa. [2.2] He composto de dous circulos hum membranoso, & outro carnososo; tem duas veas, duas arterias, & dous nervos, & dous buracos na parte inferior, hum, por onde passa a vea cava montante na parte direita, & outro na parte esquerda, por onde passa o Izofago ao estomago. [2.3] Dizem que se vñ morrer com o riso na boca, os a que se atravessou com espada o diafragma [...] |

Em geral, a amplificação inscreve no artigo dois núcleos de informação com graus distintos de complexidade. Em *CAVA (infra)* observa-se o modo como dois aspectos essenciais da definição — é a «mayor vea do corpo» (descrição) e «nela todas as veas vão desagoar» (função) — são desenvolvidos na segunda parte do artigo, com a discriminação do percurso (2.1) e a enumeração das veias com que comunica (2.2). Sem deixar de proporcionar uma descrição exaustiva do referente, a informação complementar representa uma síntese do conhecimento sobre um sistema mais vasto do qual o referente é uma parte.

- |     |   |
|-----|---|
| [1] | Cava. (Termo Anatomico.) A vea cava. Assim chamada, em razão da sua notavel cavidade, he a mayor vea do corpo humano; & nella todas as veas sanguinhas, excepto a pulmonaria, como riachos, & ribeiros vão desagoar, & descarregar o sangue, que levaõ.   |
| [2] | [2.1] Corre a <i>vea cava</i> ao longo do espinhaço, desde o osso sacro até à garganta, & passando em linha recta pelo ventre superior, inferior, naquelle está immediata ao Coração, & neste está pegada ao figado, de cujas partes gibbosas sahindo divide o seu tronco em ascendente, & descendente, & se ramifica por todo o corpo. [2.2] Do Diaphragma para cima entraõ na <i>vea cava</i> , as <i>veas Phrenica, Pulmonica, Coronaria, a Intercostal superior, as Subclavias, as Axillares</i> , & outras muitas pequenas; & do Diaphragma para baixo entraõ na dita <i>vea cava</i> , a <i>Intercostal inferior, a Mammilar, a Mediastina, a Cervial [sic], a Muscular inferior, &amp;c.</i> [...] |

Nos exemplos observados, sob a aparência de um artigo difuso, a estrutura do enunciado é encabeçada pelos tópicos essenciais que garantem uma definição minimamente completa, com autonomia textual, que poderia mesmo dispensar os excursos subsequentes.

<sup>591</sup> Este aspecto é aprofundado no capítulo IV.6.3, dedicado às fontes da informação enciclopédica.

Nos artigos sobre doenças ou fenómenos fisiológicos, a definição é autónoma, mas os complementos são subcategorias de informação originais (cf. EXCRECENCIA). De facto, tópicos como as causas (2.1) ou os processos conducentes à cura (2.2) não são considerados entre os definidores fundamentais, embora se enquadrem perfeitamente no tipo de notícias em que assentava a abrangência de um dicionário universal. Quanto às práticas supersticiosas narradas em 2.3, a estrutura impessoal («dizem...», «dão por razão...») expressa um distanciamento crítico, que remete este género de informações para o domínio do pitoresco e do insólito<sup>592</sup>.

- [1] EXCRECENCIA. (Termo de Cirurgiaõ.) Carne, que se cria preternaturalmente em alguma parte do corpo.
- [2.1] Procede este genero de tumores do alimento da parte nervosa, ou membrosa, copioso, retido, pouco alterado, mudado em outra substancia, & envolto em sua propria membrana, com diferentes nomes, segundo a diversidade do humor; [2.2] & sua exstirpação total se faz com ferro, ou com fogo, & este antes potencial, que actual. [2.3] Dizem, que com o toque da mão do cadaver de homem morto de doença dilatada, se tiraõ as excrecencias; & daõ por razaõ, que o medo da morte comunicado ao arqueo da excrescencia, a faz decrecer & minguar insensivelmente, o que não faz o cadaver de homem morto de morte violenta, porque ainda conserva alguma vitalidade, & algum residuo de seu espirito implantado. [...]

Nos artigos que descrevem as classes de medicamentos (cf. CAUSTICO) identificam-se subcategorias como a formulação (2.2) e modo de emprego (2.3), aspectos estes também desconsiderados na definição. No exemplo seleccionado ocorre uma marca comum nos enunciados enciclopédicos, que é a divisão de conceitos genéricos nas suas espécies, que partilham dos traços mínimos anteriormente definidos (2.1):

- [1] CAUSTICO. Substant. (Termo de Cirurgioens, Medicos, &c.) Derivase do Verbo Grego, *Caio*, que val o mesmo, que *Queimo*. Medicamento corrosivo, & adurante, que consõme a carne, como se queimara.
- [2.1] Fazem os Doutores menção de tres generos de causticos, huns fortes, que obrando cõ violencia, são perigosos, outros brandos, mais seguros, & outros, a que chamaõ mediocres, entre o rigor dos fortes, & a suavidade dos brandos. [2.2] O caustico mais ordinario se faz com pò sutil de cal virgem, com partes iguaes, ou com duas partes de sabaõ, o que tudo incorporado faz huma especie de unguento, [2.3] que applicado na parte conveniente, v.g. nas pernas, para a Modorra, nos quadris, para a Ciatica, nas costas, para as tões inveteradas, de traz das orelhas para os estillicidios, abre em poucas horas huma chaga, da qual sahe sem dor a materia, &c. [...]

<sup>592</sup> Como nota A. Rey (1978: 82), com as estruturas impessoais invoca-se uma autoridade de sábios anónimos. A medicina é um contexto privilegiado para recolher superstições incontestadas, das quais o lexicógrafo não se distancia: «EXCREMENTO [...] Até nos excremêtos mostra a natureza, que não obra nada utilmente. De todos pode a Medicina tirar admiraveis remedios. [...] as aparas das unhas dos pés, & das mãos, atadas, sobre o embigo, purgaõ poderosamente as agoas dos Hydropicos. Para a gota, cortaõse as unhas do pé, mettemse dentro de hum buraco, aberto no tronco de hum carvalho, o qual se tapa com huma cunha, & logo cessa a dôr; para desfazer à sospeita de ser este remedio superstição, dá a razaõ delle Marcos Marcial no seu livro, intitulado, Philosophia dos Antigos restaurada. [...]» (Voc., s.u.).

### 6.1.2. Química

No início do século XVIII, “química” era uma designação muito abrangente, recobrando domínios do saber como a alquimia de tradição medieval ou a medicina e farmácia, e que visava explicar a constituição de todos os corpos naturais — incluindo o corpo humano — bem como as regras e procedimentos para a sua manipulação<sup>593</sup>. No capítulo I.2.4.2 já se sublinhou o profundo conhecimento de Bluteau acerca do pseudolulismo e da alquimia, o que poderá explicar o número de entradas do *Vocabulario* relativas aos termos químicos e a extensão dos artigos. Trata-se de um *corpus* terminológico complexo, de emprego e significação herméticas, em que as próprias definições são geralmente incompreensíveis para os não iniciados.

No que respeita à estrutura do enunciado dicionarístico, partilha com a medicina algumas das subcategorias de informação enciclopédica atrás referidas, como a explicitação de processos e formulações. Todavia, na maioria dos artigos, a definição dos termos químicos baseia-se desde logo na descrição de um processo e dos seus efeitos (cf. 1, em CALCINAR), pelo que na informação complementar encontraremos sobretudo exemplos da aplicação desse processo, que descrevem não o uso da palavra, mas factos extralinguísticos relacionados com o conceito que ela representa:

- |     |  |
|-----|--|
| [1] | CALCINAR. (Termo de Chimico.) He reduzir metaes, ou mineraes a hum pó subtilissimo, a modo de cal, ou unicamente com a violenta operação do fogo, ou cõ a penetrãte efficacia de agentes corrosivos.   |
| [2] | Com azougue, & sal ammoniaco se calcina o ouro em fogo de reverberação: a prata com sal uzual, & sal de Alkali, o cobre com sal, & enxofre, o ferro com sal ammoniaco, & vinagre, o estanho com antimonio, chumbo, & enxofre, o azougue com agua forte, ou só com fogo, como outros mineraes, que se calcinaõ sem droga alguma. Calcinar antimonio. <i>Sibium torrere (torreo, torruí, tostum.)</i> O ouro se calcina pondolhe tres partes de sal. [...] |

O facto de a relação entre a palavra-lemma e um conjunto de factos aduzidos ser meramente analógica é uma marca característica do método de compilação e indexação das informações extralinguísticas no registo enciclopédico. Regressando ao exemplo, observa-se que o conjunto de factos acumulados (cf. 2 *supra*) nem contribui directamente para a definição, não só porque a relação entre o significado da palavra “calcinar” e a lista

---

<sup>593</sup> «CHIMICA. Segundo a accepção commua, he Synonimo de *Alchimia*, ou *Alquimia*. [...] Mas por *Chimica* ordinariamente entendemos a Arte, que com varias, & sutilissimas operaçoens, reduz todos os córpos naturaes a seus primeiros principios, & em minimas particulas os resolve. Á *Chimica* déve a *Medicina* a preparação dos metaes, & a parte mayor dos efficazes, & poderòsos remedios [...]» (*Voc.*, s.u.).

das substâncias que permitem calcinar uma determinada série de metais é analógica, mas também porque a compreensão desses factos depende da descodificação do conceito que a palavra-lemma representa.

### 6.1.3. Cosmologia, astrologia, astronomia

Nestes domínios é particularmente notório o modo como os conteúdos da informação enciclopédica se conformam ao contexto cultural português. Ao longo do século XVII, o entendimento sobre a natureza, constituição e funcionamento do universo sofre mudanças decisivas, graças às descobertas de Tycho Brahe (1546-1601) e Kepler (1571-1630), e à divulgação do sistema cartesiano. A nova cosmovisão permite traçar uma distinção essencial entre a astronomia — a observação do movimento dos astros — e astrologia, sendo esta progressivamente descredibilizada à medida que os pressupostos teóricos que a sustentavam são ultrapassados<sup>594</sup>.

Mas em Portugal encontram-se abundantes testemunhos da prevalência da astrologia e da cosmovisão tradicional, em obras que gozavam de aceitação e são frequentemente citadas no *Vocabulário*, como a *Chronographia, ou Repertorio dos tempos* (1602) de André de Avelar, ou o *Epitome das noticias Astrologicas para a Medicina* (1670) de António Teixeira, que incluía uma acesa crítica aos que descuravam a influência dos astros no tratamento das doenças<sup>595</sup>.

Como se notou no capítulo I.2.3.1, Bluteau não desconhecia os progressos científicos, mas ao seleccionar a informação relativa a factos que contrariassem as doutrinas religiosas, procurou adequá-la ao quadro cultural dos receptores. Neste aspecto,

---

<sup>594</sup> A astrologia, tal como ainda era veiculada nos tratados do século XVII, conjugava-se com o modelo Ptolomaico dos círculos concêntricos para sustentar teorias sobre a influência dos corpos celestes, cujas forças desciam até ao mundo terreno e condicionavam diversos aspectos da meteorologia, biologia e comportamentos humanos. Na definição do *Vocabulário*, sublinha-se a distinção: «Alguns Authores, assi antigos como modernos, poem entre *Astrologia*, & *Astronomia* esta differença, que esta sò considera o sitio, o movimento, o nascimento, o occaso, a estação, a retrogradação, &c. das estrellas. E aquella se occupa em conhecer, & prognosticar de todas estas noticias o futuro» (s.u. ASTROLOGIA).

<sup>595</sup> É certo que a renitência aos novos paradigmas se explica por motivos religiosos, mas deve assinalar-se também a inexistência de observatórios régios ou universitários que apoiassem o ensino prático da astronomia. Apenas no segundo quartel do século XVIII D. João V mandará instalar no

demarca-se de Furetière e Corneille, que nos seus dicionários instituíram o princípio notavelmente rigoroso de descrever os diversos postulados científicos e expurgar dos artigos muitos dos saberes fundados na superstição<sup>596</sup>. Por sua vez, o enciclopedismo do *Vocabulario* tenta corresponder a um conjunto de saberes tradicional e localmente valorizados. Por isso, a leitura que Bluteau faz das fontes enciclopédicas não é servil, omitindo ou acrescentando dados e subcategorias informativas, de modo a que o leitor erudito português encontre os seus interesses espelhados nas páginas do *Vocabulario*.

O tratamento dos termos de astronomia e astrologia obedecerá a esse princípio, com um núcleo de informação que coincide com os tópicos de Furetière e Corneille, com a definição por localização num sistema restrito (cf. 1.1 em CANCRO, *infra*), a relação entre o nome e as características do referente (1.2) e a compilação dos dados das observações astronómicas (1.3)<sup>597</sup>. O segundo grupo reúne o género de excursos que os lexicógrafos franceses recusavam, como as influências dos astros na natureza (2.1), no ser humano e na sua saúde (2.2) e a narração do fundo mítico clássico associado ao corpo celeste ou facto astronómico (2.3).

- |     |   |
|-----|---|
| [1] | CANCRO. (Termo Astronomico.) [1.1] He o quarto dos doze signos do Zodiaco, que em Latim se chama <i>Cancer</i> , que quer dizer Cangrejo, ou Caranguejo; [1.2] porque assim como este marisco anda para traz, assim o Sol entrando no tal signo, he retrogrado, [1.3] virando para a linha equinoccial, em 21. dias de Junho, que he o ponto, em que se dá o Solsticio estivo. Consta este signo de treze Estrellas na opiniaõ de Ptolomeo, na de Queplero tem 17. & na de Bayero 35.   |
| [2] | [2.1] He signo Estivo, Solsticial, & mobil, porque quando o Sol entra nelle, se muda a calidade do tempo, acabando a primavera, & começando o Estio. He casa nocturna, & diurna da Lua, exaltação de Jupiter, detrimento de Saturno, & cahida de Marte. [2.2] Tem dominio no peito, estomago, bofe, & baço. [2.3] Fingiraõ os Poetas, que sahira de huma lagoa hum cangrejo, & que mordera a Hercules, quando pelejou com a Serpente Lernèa; & com esta fabula quizeraõ significar a natureza deste signo, o qual he aquatico, & sua influencia moderadamente fria, & humida para a criaçaõ, & nutrimento das criaturas vegetantes, & sensitivas. [...] |

Bluteau não pretende negar a existência de novas teorias para explicar o real, nem oculta o nome dos proponentes; todavia, cita-as de forma abreviada e com comentários

---

paço um observatório, sob a supervisão dos jesuítas italianos Carbonne e Capacci. Cf. Rómulo de Carvalho, 1975-1978.

<sup>596</sup> Um dos objectivos do *Dictionnaire universel françois & latin* (1704) dos jesuítas de Trévoux é justamente recuperar o texto de Furetière, eliminando marcas de heterodoxia.

<sup>597</sup> Cf. o original de Furetière: «CANCER, est aussi un des signes du Zodiaque, où quand le Soleil est parvenu vers le 21. Juin, il est au Solstice d'esté. C'est une Constellation qui a 13. estoiles, selon Ptolomée; selon Kepler 17. & selon Bayerus 35. qui sont de la nature de Mars & de la Lune: aussi le Cancer est-il la maison de la Lune. Il a été ainsi nommé, à cause qu'il represente un cancre ou écrevisse, & que le Soleil commence à reculer ou à retourner vers l'Equateur quand il y est arrivé, à la maniere des écrevisses» (Furetière, *Dict. Univ.*, s.u.).

que sublinham a sua reprovação<sup>598</sup>. O *Vocabulario*, que se assume como uma obra institucional favorecida pelo poder político e religioso, não poderia transigir na defesa de princípios basilares da ordem estabelecida.

#### 6.1.4. Botânica

Os nomes de plantas mereciam destaque alargado nos dicionários monolíngues latinos desde o século XVI. Nos *Calepinos* mais volumosos encontram-se descrições pormenorizadas, a par de especulações filológicas que confrontam as diversas referências a plantas que ocorrem nos textos latinos, procurando identificá-las entre as espécies do mundo natural moderno<sup>599</sup>. Neste domínio, a técnica lexicográfica obedecia a um modelo cristalizado, pelo que os dicionários universais se limitam a ampliar a quantidade e a minudência das informações.

Na ausência de um sistema de espécies e subespécies, a definição apresenta-se sob a forma de uma extensa descrição, na qual não é possível isolar um núcleo em que reside uma explicação concisa que assinale o género e diferença. Observe-se o artigo ARRUDA (cf. *infra*), em que a justificação etimológica inicial (1) não constitui definição bastante e apenas introduz uma longa descrição (2), logicamente estruturada de acordo com as características do referente, em que são tópicos habituais a divisão em espécies (2.1 e 2.2), a descrição de cada um dos componentes (caule, folhas, flor, frutos, ...) e a percepção ao

---

<sup>598</sup> Cf. a discussão sobre o movimento da Terra: «SYSTEMA. [...] Este Systema [de Copérnico] tem muytas probabilidades apparentes, & muytos sequazes, principalmente da categoria dos Eterodoxos, & de Filosofos naturaes, q̃ cõ sutilissima audacia interpretão em seu favor as escrituras declaradoras do movimẽto do Sol, & da immobilidade da Terra. Porẽm como não ha demonstraçoens, nẽ evidencia algũa das singularidades, q̃ neste Systema se suppõem, melhor he ignorallas com docilidade, & obediencia, do que sustentallas com obstinação [...] Descartes Philosopho, & Cavalheyro Francez, acrescentou outro Systema, em que depois de confutado, & regeytado o de Ptolomeo, que se não compadece com algũas observações modernas, faz dos outros dous hum composto, & hum discreto temperamento, em que não admite cõ Copernico o movimento da terra [...]» (*Voc.*, s.u.).

<sup>599</sup> Consultámos uma edição de Lyon, 1559. Também na *Prosodia* de Bento Pereira são frequentes as hesitações em atribuir o português correcto a nomes latinos de plantas.

olfacto, tacto ou paladar. São comuns as comparações com referentes de aspecto e características semelhantes, o que reforça o visualismo deste género de descrições<sup>600</sup>:

- ARRUDA. [1] Planta, assim chamada do Grego *Ruo*, *conservo*, porque ajuda a cõservar a saude. [2.1] Hà de duas especies, Arruda mansa, hortense, ou domestica, lança hũs talos da grossura de hum dedo, ramosos, & cubertos de huma casca alvadia; as folhas são pequenas, compridinhas, carnosas, retalhadas, & de huma cor de verde mar. Na summidade das folhas brotaõ as flores, cada huma de quatro folhas, de hum amarello deslavado. Toda a planta tem hum cheiro muito desagradavel, & he muito acre, & amargosa ao gosto. [2.2] A arruda brava, ou silvestre he de duas especies, differe da Arrudà domestica em ser muito mais pequena, & ter as folhas divididas em partes mais estreitas, & de hum verde mais escuro. A segunda especie de Arruda brava dà humas folhas deitadas por terra, & muito mais miudas, que as outras. [3.1] Toda a casta de Arruda he attenuante, incisiva boa contra venenos, & mordeduras de cãens danados, abate os vapores, fortifica o cerebro. [3.2] Antigamente mettêdo humas folhas de arruda agreste, & duas pernas de noz em hum figo agreste, o comiaõ, para se preservarem da peste. Nas portas se penduraõ folhas della para defensa de feitiços; tambem dizem, que seu fumo he excellente nas casas, & berço das criãças, para as preservar de quebranto, & as curar estando já abaladas, & enfermas delle. [...]

Segue-se a lista das utilizações da planta, o que pode compreender as virtudes terapêuticas, aplicações na alimentação humana ou animal e também a descrição dos respectivos processos de preparação (3.1). Bluteau ainda valoriza as propriedades de carácter simbólico e os rituais supersticiosos em que eram empregues (3.2), tópicos que por norma Furetière e Corneille ignoravam<sup>601</sup>.

Não é uma coincidência que este tipo de enunciado lexicográfico, quando sobrecarregado de pormenores, se assemelhe às observações da natureza exótica que se encontram nas relações de viagens, que conjugavam a descrição física e uma cuidada narração dos usos que os nativos lhes davam. Os testemunhos dos viajantes contam-se entre as fontes informadoras dos dicionários franceses e também de Bluteau, que no *Vocabulario* traduziu quase à letra longos excertos de descrições da flora da Índia e do Brasil, aproveitando os pormenores pitorescos que relacionavam as plantas com os costumes dos habitantes locais<sup>602</sup>.

<sup>600</sup> No artigo ARRUDA a comparação está limitada a uma espécie próxima, pelo que acrescentamos outro exemplo: «CARYOPHILLATA. [...] colhida no fim do mez de Março dà hum cheiro aggradavel, quasi como de cravo. Lança muitas folhas compridinhas, peludas, como as da Agrimonia, mas mais asperas, mais duras [...] sahem huas flores amarellas, com figura de rosas [...]»(Voc., s.u.).

<sup>601</sup> Furetière (1690) e Corneille (1694) são a fonte principal do artigo ARRUDA (s.u. RUE, nos dois dicionários) e ambos os autores se cingem às aplicações médicas.

<sup>602</sup> Cf. Gonçalves, 2003: 400. Cf. também capítulo IV.6.3.4.2.

### 6.1.5. Toponímia

As informações sobre países, regiões, cidades, rios, montes e outros acidentes naturais decerto suscitaram um vivo interesse entre os leitores do *Vocabulario*, o que se depreende do incremento que este domínio do léxico registou no *Suplemento*. Trata-se, como notámos no capítulo dedicado à nomenclatura (IV.1.4.3), da primeira tradução para português de um manancial de dados que circulavam em dicionários latinos especializados e na recente obra de Moreri, modelos estes que configuram artigos em que a vertente linguística é praticamente ignorada.

No *Vocabulario*, a leitura destes extensos enunciados revela uma estrutura complexa e variada. Por um lado, os dicionários históricos que Bluteau compulsou encontravam-se ainda numa fase de expansão dos conteúdos, pelo que para os seus autores a acumulação de dados era mais importante que um esforço de síntese e reordenação ponderada; por outro lado, o teatino recorrerá também às notas geográficas e etnográficas das relações de viagens, o que imprime ao dicionário a característica prolixidade das descrições originais.

A influência das “relações” é notória nos artigos relativos à toponímia exótica do Oriente e do Brasil. O nome de uma região ou cidade é apenas o pretexto para a descrição física, social e cultural, de acordo com um conjunto de tópicos que, sem ocorrerem obrigatoriamente em todos os artigos, ou sem que a ordem da apresentação obedeça a uma estrutura fixa, corresponderiam ao âmbito de interesses do leitor “curioso”. Os tópicos mais frequentes são<sup>603</sup>:

— localização geográfica e política, mencionando regiões ou países próximos:

LAO. Reyno da India, ao Levante do Reyno de Tunquin, e ao meyo dia do Reyno de Camboja. [...]

— descrição da geografia, fauna e flora:

As cordilheiras dos montes, que o cercaõ, e as grandes matas de arvores altissimas aos pés dos ditos montes, o fechaõ [...] Tem hum grande rio, tambem chamado Lao, dividido em muitos canaes, pela mayor parte navegaveis, e por muitos rios que correndo recebe em si, nunca tresborda, porque tem margens muito altas [...]

— índole dos habitantes:

Os Povos de Lao são muito doceis, e cortezes para com os estrangeiros; prezaõse de fieis, e synceros; dos bons officios que fazem, o primeiro que elles mais estimaõ he, que a pessoa que da sua agencia se valeo, celebre a sua fidelidade [...]

---

<sup>603</sup> Os excertos ilustrativos são retirados do artigo LAO (*Supp.*, s.u.).

— instituições de governo:

O Rey he senhor absoluto de todas as terras do Reyno, aos filhos dos defuntos só larga alguns moveis, e lhes dá alguma tença. Em cada huma das sete Provincias do seu Estado constitue hum Vice-Rey, mas todos sete sempre assistem na Corte, e mandaõ locotenentes para os seus governos [...]

— defesa das cidades e acessibilidades (terra, mar, portos):

Tem este Reyno muita gente, na resenha, que se fez nos annos de mil e setecentos, se acharaõ quinhentos mil homens capazes para as fuçoens militares, sem fallar em velhos, que ainda na idade de cem annos podiaõ servir na guerra em caso de necessidade [...] As cordilheiras dos montes, que o cercaõ, e as grandes matas de arvores altissimas aos pés dos ditos montes, o fechaõ de sorte, que o fazem quasi impenetravel aos Povos visinhos, se o quizessem invadir [...]

— religião e ritos:

Pelo que toca à Religiaõ, saõ Idolatras, e summamente supersticiosos; porém naõ offerecem sacrificios, nem aos seus idolos immolaõ victimas; só os perfumaõ com cheiros, e com flores cobrem os seus Altares [...]

— riquezas (fausto, abundância de alimento, produtos comerciáveis):

A terra he fertilissima. Na parte que olha para o Oriente dá hum arroz, que tem hum cheiro, e sabor admiravel [...]

Entaõ [o rei] sahe com diadema na cabeça, montando em hum Elefante, e cuberto de tantos diamantes, e pedras finas, que sem encarecimento se pôde dizer, que traz sobre si as riquezas de hum Reyno [...]

— notas pitorescas (costumes extraordinários)<sup>604</sup>:

raras vezes comem vaca, ou aves de penna; quando as poem a assar no espeto, naõ as depennaõ, nem se lhes dá do mau cheiro causado do fumo. Dos furtos que se fazem nas estradas, os moradores mais visinhos tem obrigaçaõ de pagar o valor [...] e he cousa notavel, que os peixes deste rio, entrando no de Camboja, morrem; e aos do rio Camboja, passando para o rio Lao, succede o mesmo [...]

Do ponto de vista linguístico, um dos interesses destes longos relatos reside na tentativa de reproduzir as designações das línguas originais (cargos, deuses, fauna, flora), que em geral são acompanhadas por definições integradas no discurso (e.g.: «só aos Telapoens, ou Sacerdotes dos Idolos he licito ter casas de cantaria»).

A atenção que Bluteau concede à vastíssima toponímia da história antiga e do mundo clássico obedece a objectivos distintos. Trata-se de locais referidos pelos autores clássicos (cidades, palcos de batalhas, sítios bíblicos) e que são descritos à luz dos contextos históricos da Antiguidade, como se cristalizados no tempo. Na generalidade dos artigos não há actualização das informações da tradição pelo que, para o consulente, pode até suscitar-se a dúvida sobre a existência moderna desses locais com os mesmos nomes.

<sup>604</sup> As descrições de paragens exóticas são férteis em casos fabulosos. Segundo A. Rey (1978: 82), para Furetière África é o «asile de l'irrationnel», onde locais distantes e secretos acolhem prodígios e um quotidiano impensável.

De facto, muitos desses topónimos converteram-se em tópicos de uso literário é nessa condição que são incluídos na nomenclatura do *Vocabulario*, seja pela evocação dos factos históricos que neles ocorreram ou pelo fundo mítico que explica o seu nome ou a sua origem. Daí que Bluteau privilegie informações eruditas como a origem fabulosa e a simbologia inerente ao nome, e exemplifique os aproveitamentos literários na literatura latina e portuguesa, sobretudo a épica<sup>605</sup>:

CYTHON. Monte da Boecia, que acaba junto da Cidade de Thebas, cujas raizes lava o Rio Assopo. Não he parte do Monte Parnasso, (como cuydou Servio) porque (como advertio Probo) dista do Parnasso mais de trinta mil passos. Foy consagrado a Apollo, & às Musas, donde ellas se chamaraõ *Cytherides*; foy consagrado a Bacco, & nelle se faziaõ huns sacrificios nocturnos a Bacco cada tres annos, chamados por esta razaõ *Trieteria*; & porque se cuydava, que Bacco vivia neste monte com as Musas, dahi veyo, coroaremse os Poetas com Era, insignia de Bacco. *Cytheron, onis. Neut. (Penult. long.)* Cytheron com voz alta, já nos chama E os Laconicos caens, & a domadora Cidade de Cavallos, Epidauo. Costa, Georg. de Virgil. pag. 93. col.

Nos artigos consagrados à toponímia moderna europeia, insiste-se nos dados que permitem a localização dos referentes, imprimindo ao enunciado uma configuração que neste aspecto particular muito deve ao dicionário de Moreri. Bluteau, que denunciara no prólogo do *Suplemento* a ignorância dos portugueses acerca da geopolítica europeia<sup>606</sup>, selecciona do *Dictionnaire historique* informações como os nomes das províncias, capitais, cidades principais, o trajecto dos rios e os limites dos impérios.

ALEMÃO. Grande regiaõ da Europa, com titulo de imperio [...] Desde o reinado de Carlos magno a Alemanha se divide, em alta-Alemanha, *Germania superior*, & em baixa Alemanha, *Germania inferior*. Na alta Alemanha estão as provincias, que se seguẽ, A Suíça, a Alsacia (que hoje està debaixo da dominaçaõ Franceza) a Suabia, o Ducado de Virtemberga, a Baviera, o Palatinado do Rhin, a Bohemia, a Moravia, a Austria, a Estiria, a Carinthia, a Carnia, & o Tirolo. Na baixa-Alemanha, alem das dezassete provincias dos paizes baixos, estão o Bispado de Liege, os tres Bispados, & Eleitorados de Colonia, Moguncia, & Treveri, os paizes de Cleves, de Vespalia, de Hassia, de Turingia, de Saxonia, de Misnia, de Lusacia, de Silezia, o Marquezado de Brandeburgo, a Pomerancia, & os Ducados de Mechelburgo, & de Hostein.

A propósito dos países do norte da Europa, os pormenores reduzem-se às divisões territoriais e respectiva toponímia, deixando de parte os aspectos históricos — nomes de governadores, batalhas, datas importantes — ou porque seriam desinteressantes para os leitores portugueses, ou porque alguns focariam as dissensões religiosas com o sul católico.

<sup>605</sup> A relação entre a origem mítica e a criação literária é sublinhada em expressões como «**Fingiraõ os Poetas** que neste monte [...]» (s.u. ETNA).

<sup>606</sup> «tem [...] taõ pouca curiosidade dos nomes proprios das terras, e naçoens da Europa, que alguns delles, ainda que nobres e bem creados, não se pejaõ de perguntar, em que parte de Roma está a Hungria [...] e commummente a todo o genero de estrangeiro, quer Inglez, quer Italiano, Francez, ou Alemaõ, chamaõ Flamengo.» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

Apenas na toponímia portuguesa se encontram artigos que pela extensão e variedade de conteúdos se assemelham ao modelo de Moreri. Partindo de fontes documentais como a *Monarquia Lusitana*, o texto respeita uma ordenação cronológica, com inúmeras referências a factos datados e figuras históricas, como nobres, bispos e monarcas. Comparando a toponímia exótica com a portuguesa, pode concluir-se que nesta a história de Portugal ocupa o espaço preponderante que na exótica cabia às descrições e notas pitorescas. Os tópicos essenciais são:

— localização geográfica:

BRAGA. Cidade de Portugal na provincia de Entredouro & Minho, Archiepiscopal, & Primaz das Hespanhas [...]

— origem do nome:

foi povoação dos Gallos Celticos Braccatos, ou *Bracatos* assim chamados, por causa de sua vestidura chamada *Brecea*, ou *Bracca*, donde tomou a ditta Cidade o nome. [...]

— habitantes primitivos:

nos seus principios foi povoação dos Gallos Celticos [...] A estes celtas Braccatos, que possuirão Braga quarenta annos, succederão os Romanos, que a dominarão cincoenta, & lhe derão o titulo de Augusta. No tempo dos suecos [*sic*] pello espaço de 170. annos foi Corte. Depois ficou sogeita ao dominio dos Godos, annos 127. [...]

— episódios históricos (actos fundadores, batalhas):

concilio do anno 408. convocado por Pancracion Arcebispo de Braga [...] Deve Braga a el-Rey D. Affonso o Casto a sua restauraçã. [...] doaçõens, que lhe fizeraõ os Reys de Leão, que confirmou o Conde D. Henrique, & a Raynha D. Tareja. [...] De como a Primazia de Hespanha pertence a Braga [...]

— descrição da cidade / vila (destacando fortificações e igrejas):

Goza esta Cathedral de treze dignidades, quarenta, & duas prebendas, doze tercenarias, outros tantos Sacerdotes, [...] hà em cinco capellas, em cada huma das quaes se reza o Officio Divino [...] Tem Braga seu assento em huma grande planicie, entre os Rios Cavado, & Deste, cõ castello, & muros que edificou El-Rey D. Diniz, & reedificou El-Rey D. Fernãdo. He lavada de mais de settenta fontes, entre publicas, & particulares, & povoada de alguns quatro mil vizinhos, com muita nobreza, & grande trato de mercadores, cirgueiros, & officiaes de excellentes armas de fogo.

Tal como se observa em Moreri, estes artigos são verdadeiramente abrangentes e admitem longas derivações a propósito de instituições ou factos históricos de relevo ocorridos num local<sup>607</sup>.

<sup>607</sup> Cf., por exemplo, o artigo COIMBRA, que inclui um pormenorizado relato da fundação e desenvolvimento da universidade até ao século XVI, e AVIS (vila de Évora), em que se destaca a origem da Ordem de Avis, bem como as suas insígnias e privilégios.

## 6.2. A informação enciclopédica na estrutura do artigo

Na grande maioria dos artigos anteriormente citados, a informação de tipo enciclopédico é predominante e, como se notou, a palavra-lema é um pretexto para a narração de factos e para tentativas de explicação do real, através da constituição de classes de objectos e seres, com discriminação lógica das espécies e descrição das características<sup>608</sup>. Em contrapartida, quando é uma parte de um artigo mais vasto, o confronto com a informação linguística evidencia as diferenças tipológicas dos dois registos dicionarísticos, e dessa coexistência resultam perturbações como a criação de distinções semânticas artificiais e a multiplicação de subentradas de extensão e valor informativo díspar.

A consequência mais comum desta interferência é precisamente o número de acepções. A análise semântica sujeita-se à estrutura lógica da informação enciclopédica, criando subdomínios do uso que correspondem mais a conteúdos temáticos de informação extralinguística do que a distinções pertinentes ao nível do significado. Veja-se o exemplo do artigo COROA:

COROA [...] ornamento [...]  
 Coroa, no uso da Armeria. [...]  
 Coroa. Insignia de pessoa Real. [...]

No primeiro parágrafo declara longamente a origem da coroa, enumerando os materiais e as situações em que eram atribuídas na Antiguidade greco-latina; o segundo parágrafo explica a simbologia da coroa na heráldica e o terceiro é dedicado à correcta versão para latim da expressão “coroa real”, justificada com razões históricas. Estas subentradas merecem um tratamento lexicográfico que as equipara aos casos de polissemia ou homonímia, pelo que cabe ao consulente avaliar se a distinção semântica é relevante. Ainda no mesmo artigo:

Coroa de Nossa Senhora. He composta de Setenta, & duas, ou mais Ave Marias [...]  
 Coroa de Rey. Erva, que lança umas flores pequenas [...]  
 Coroa de ouro em França. Antiga moeda d'aquelle Reyno, que El-Rey Phelippe VI. fez lavar no ano de 1339. [...]  
 Coroa de ouro em Portugal. [...] era huma moeda de ouro, que valia dous mil, & desaceis reis. [...]

<sup>608</sup> Bluteau aprende em Furetière um «intérêt constant pour les constitutions de classes extensionnelles (les “choses” désignées), les mots n’étant là que pour les transmettre» (A. Rey, 1978: 84).

Para o lexicógrafo, *Coroa de ouro* não é apenas uma expressão linguística que designa “moeda de ouro”, pois o tratamento dicionarístico separa referentes com existência e características históricas distintas, ainda que exista uma clara associação de sentido entre as duas subentradas.

A segunda consequência é a indexação de subentradas que apenas podem introduzir informação de tipo enciclopédico. Considerando os exemplos *Coroa de Nossa Senhora*, *Coroa de Rey* e *Coroa de ouro*, pode admitir-se para todos eles uma definição dicionarística simples (“oração”, “erva”, “moeda”), que no fundo está implícita, e que permite classificar todos os dados adicionais como informação complementar. Tal não se verifica com as inúmeras designações históricas e mitológicas, que resultam certamente da influência tipológica e documental dos dicionários históricos, mas que no *Vocabulario* são incluídas na dependência de uma palavra-lemma, por analogia formal ou semântica (cf. ainda a sequência de COROA e CANAL, *infra*).

COROA [...]

**Coroa de Ariadna.** [...] he a coroa, que Bacco deu a Ariadna, quando veyo a Creta, para casar com ella. Era toda de ouro [...]

**A Pedra da Coroação.** [...] pozerão os Chins na Cidade de Cochim, deyxando por ley, que todos os Emperadores do Malabar, fossem tomar a investidura do Imperio em Cochim, da mão do Bramane Mór, para a qual função deyxarão naquella Cidade huma pedra, com obrigação, que nella aquelles Emperadores se coroassem [...]

CANAL [...]

**O canal de Inglaterra.** He a parte do mar Oceano Septentrional, que separa o Reyno de Inglaterra do Reyno de França, & corre do Cabo de Cornualha, atè Cales.

A batalha do Canal. Assim chamada do lugar, em que se deo no Alemtejo no anno de 1663 [...]

Esta é uma forma de contornar na prática as limitações impostas pelo facto de ter recusado fazer do *Vocabulario* um dicionário de mitónimos ou antropónimos, uma decisão que é reconsiderada e remediada no *Suplemento*. Por vezes os excursos enciclopédicos são evocados mediante ténues relações analógicas entre uma palavra-lemma e uma coisa ou facto. A própria indexação é flexível, na medida em que este tipo de informação não se destina a ser localizado, mas sim “encontrado”, no decurso de leituras ocasionais ou mesmo extensivas. A noção de acumulação erudita envolve o leitor no prazer das descobertas inesperadas, o que permite encontrar no artigo CAVALLO — e não em CHAFARIZ — uma subentrada *Chafariz dos cavallos*, com a descrição das estátuas de

uma fonte de Lisboa<sup>609</sup>; uma lista de personagens míticas que foram convertidas em constelações, na subentrada *Por entre as estrelas* (s.u. ESTRELLA); ou mesmo a história da conquista de Tróia em *Cavallo de Troya* (s.u. CAVALLO).

Este discurso dicionarístico entrecortado por enxertos enciclopédicos estaria perfeitamente adequado às expectativas do leitor-alvo do *Vocabulario*. O testemunho do Conde da Ericeira, ao afirmar que «neste Vocabulario se acha a cada folha uma flor, e hum fruto [...] os outros Dictionarios servem só para buscar, e este tambem para se ler, instruindo, deleitando»<sup>610</sup> parece bem revelador de um sentimento de fruição literária e intelectual.

Será necessário esperar pela consolidação das fronteiras tipológicas entre dicionários universais, dicionários de língua e dicionários geográfico-históricos, bem como pela difusão de tais obras em Portugal, para que o público português se aperceba dos defeitos estruturais do *Vocabulario*, nomeadamente um discurso enciclopédico difuso, complexo e formalmente pouco eficaz. Em França, os materiais coligidos por Moreri e Furetière foram sucessivamente reeditados com maior rigor crítico, reformulando imperfeições estruturais e discursivas, o que prolongou a sua boa recepção até perto do fim do século. A obra de Bluteau, que permaneceu intocada tal como o autor a deixou, encontrava-se em meados do século XVIII mais envelhecida do que aquelas que lhe tinham servido de exemplo.

### 6.3. Fontes de informação enciclopédica

Do vasto conjunto de fontes lexicográficas e literárias já se assinalaram aquelas que se revelaram úteis para a fixação da nomenclatura e das estruturas linguísticas portuguesas e latinas, seja sob a forma de entradas e subentradas, seja através de citações<sup>611</sup>. Resta explorar um conjunto de obras que documentaram a redacção de definições amplas e excursos enciclopédicos, originando um discurso verdadeiramente multidisciplinar, que

---

<sup>609</sup> «Chafariz dos cavallos. Fonte publica da Cidade de Lisboa, na Rua nova. Tem este nome, [...] porque antigamête havia nella humas estatuas equestres de brôze, q̃ lâçavaõ agoa pella boca dos Cavallos [...]» (*Voc.*, s.u. CAVALLO).

<sup>610</sup> *Supp.* I: «Censura do Excelentissimo Conde da Ericeira».

<sup>611</sup> Cf. cap. IV.6.1 e IV.6.2.

inclui factos históricos, quantificações, notas geográficas e terminologias profissionais de aplicação restrita.

A relação de intertextualidade entre o *Vocabulario* e um número determinado de dicionários franceses não será muito diferente daquela que existiu entre Moreri e Furetière e as respectivas fontes: trata-se de uma complexa técnica de compilação de fontes autorizadas e dispersas, mas que simultaneamente garantiu ao lexicógrafo a possibilidade de um trabalho expedito.

O facto de o *Vocabulario* não se identificar tipologicamente com nenhuma das fontes lexicográficas a que recorreu tornou difícil a tradução integral dos artigos, pois com frequência Bluteau se deparava com informação em excesso para o âmbito do seu dicionário. Assim, de modo a reservar espaço para a informação bilingue e para as citações, optou pela síntese ou por um aproveitamento muito parcial dos dados, sem que, todavia, se perdesse a matriz dos dicionários históricos e universais.

Não obstante a proximidade com as obras francesas — que seria evidente para a generalidade dos leitores eruditos — Bluteau não declara que transcreve Furetière e Moreri, o que é compreensível à luz das noções coevas de autor e autoridade<sup>612</sup>. Um lexicógrafo é visto como um compilador de “notícias” e não como um criador, pelo que uma constante reverência ao *Dictionnaire universel* e ao *Dictionnaire historique* seria desnecessária. Numa cadeia de apropriação contínua dos discursos, de que Bluteau passa a fazer parte, importa preservar a memória das autoridades que escreveram com propriedade de conhecimento sobre uma matéria, e não a dos que se limitam a reproduzir em segunda mão<sup>613</sup>.

---

<sup>612</sup> A compilação de Bluteau não seria interpretada como uma apropriação abusiva de dicionários pré-existentes, tanto mais que actualizava um património inédito em português. De resto, o procedimento era comum até no âmbito de uma mesma língua, bastando recordar que o dicionário de Corneille (1694), editado sob a protecção da Académie, reproduz quase textualmente parte substancial dos artigos de Furetière.

<sup>613</sup> O problema não se colocava na lexicografia latina monolingue, que partilhava um *corpus* de citações, definições e descrições autorizadas. Aos críticos, Bluteau lembra que os lexicógrafos, à medida que expandem os conteúdos informativos dos dicionários, não podem deixar de citar textos alheios: «Supponho, que o Pseudocritico dirá, que tambem nestas obras haverá muita doutrina, e erudição, tomada de outros Authores, e eu o confesso, porque para saber de tudo, dos escritos de todos cada dia mendigo; nem chega a dar-me cuidado a severidade do Pseudocritico, que não tem por homem douto ao Author, que para o seu intento de noticias alheas se aproveita. [...] E do Diccionario das Artes, composto por Thomás Corneille, alumno da dita Academia, que estimação fará a Pseudocritica? Dirá, que he hum Alfabeto conglobado de nomes de plantas, animaes, artefactos, e termos scientificos, de que já muitos Authores deraõ noticia ao Mundo. Isto mesmo confessa o

É precisamente a ausência de referências que dificulta um levantamento exaustivo das fontes e do modo como são integradas no enunciado dicionarístico. Ainda assim, é possível reconstruir com razoável grau de certeza a “mesa de trabalho” do lexicógrafo, que compreende um número de dicionários e textos monográficos essenciais, que permitiriam coligir informação linguística e enciclopédica para compor a generalidade dos artigos. Destacaremos o *Dictionnaire Universel* (1690), o *Dictionnaire historique* (1699), o *Dictionnaire general* (1680) e um conjunto de fontes não lexicográficas, que contempla os tratados técnicos, as “relações” e a historiografia.

### 6.3.1. *Dictionnaire Universel* (1690)

O *Dictionnaire Universel* foi certamente a fonte que foi explorada de um modo mais sistemático, na medida em que o *Vocabulario* poderia acolher qualquer uma das entradas de Furetière e os seus conteúdos de tipo enciclopédico eram valorizados por Bluteau. Não obstante o que acima se notou a propósito do estatuto do lexicógrafo em relação às demais autoridades, é surpreendente que o teatino siga tão à letra os artigos de Furetière, sem lhe dispensar uma referência especialmente elogiosa nos prólogos<sup>614</sup>.

Pode legitimamente falar-se numa apropriação de discurso, uma vez que a influência modeladora é perceptível no estilo das narrações descritivas e na técnica de concatenação dos conteúdos. O confronto com a fonte revela que Bluteau compunha os seus artigos a partir de fragmentos do texto de Furetière, podendo supor-se uma redacção quase ao decorrer da leitura, em que da tradução se eliminam as informações redundantes ou os dados considerados como de interesse muito restrito.

O artigo DIAFRAGMA exemplifica o modo como recupera e reescreve os artigos de Furetière, que geralmente são mais extensos. Na coluna da esquerda, assinalaram-se a

---

proprio Author da obra, porque na prefacção della diz que o dito seu Vocabulario he hum extracto dos melhores Authores, que escreveraõ sobre materias de sua profissaõ.» (*Supp.* II: «Ao leitor pseudocrítico»).

<sup>614</sup> Não temos indicações acerca da recepção do dicionário de Furetière em Portugal, ou mesmo se os conflitos com a Académie, o desafio às proibições régias e alguns laivos de heterodoxia ao longo da obra seriam suficientes para motivar a desconfiança da Inquisição, o que explicaria o silêncio de Bluteau. Em todo o caso, quando o *Vocabulario* foi finalmente publicado, a Europa culta já quase tinha votado o *Dictionnaire universel* ao esquecimento com a edição do dicionário de *Trévoux* (1704), que na prática o substituíra.

negrito os segmentos que Bluteau traduziu e, na coluna da direita, os elementos que acrescentou:

DIAPHRAGME. s.m. Terme de Medicine. **Membrane ou muscle nerveux qui separe la poitrine d'avec le bas ventre, & qui est comme une espece de plancher qui est entre les parties vitales & les naturelle, & entre les deux estages du tronc du corps. La figure de ce muscle est ronde, representant parfaitement la figure d'un poison qu'on appelle une raye. Tout son corps est composé de deux cercles, dont l'un est membraneux, & l'autre charneux, de deux veines, de deux arteres qui s'appellent phreniques, & de deux nerfs. La membrane qui le couvre par dessus s'appelle la pleure, & celle qui est par dessous le peritoine. Sa situation est oblique, parce qu'il va de l'os de la poitrine par ses extremitéz des costes à la region des lombes. Il est percé en deux endroits pour faire passage à l'estomac & à la veine cave montante.** Ce muscle est mi-parti & fait deux actions, l'une pour l'aspiration, & l'autre pour l'expiration. **Il se lasche dans l'aspiration, & se bande dans l'expiration.** On le trouve toujours bandé dans un animal mort. **Ceux à qui on traverse le diaphragme d'un coup d'espée, meurent en riant.** C'est Platon, au rapport de Galien, qui le premier l'a nommé *diaphragme*, du verbe *diaphrattein*, qui signifie *separer* ou *estre entredeux*. [...]

DIAFRAGMA. (Termo Anatomico.) Derivase do Grego *Diaphratein*, que val o mesmo, que dividir huma cousa da outra, como frontal, ou muro divisorio. O diafragma, he hum paniculo, ou membrana muscosa, que atravessando o peito, divide, & separa os membros vitales, **a saber, o coração, & os bofes**, dos membros naturaes, **a saber, o baço, & intestinos**. He largo, & redondo a modo de Raya, & se estende de hũa a outra ilharga, com situaçãõ obliqua, & como principal instrumento da respiraçãõ, se afroxa, quando se toma o ar, & quando se lança, se entesa. He composto de dous circulos hum membranoso, & outro carnoso; tem duas veas, duas arterias, & dous nervos, & dous buracos na parte inferior, hum, por onde passa a vea cava montante na parte direita, & outro na parte esquerda, por onde passa o Izofago ao estomago. Dizem que se vê morrer com o riso na boca, os a que se atravessou com espada o diafragma [...]

Bluteau mantém as comparações explicativas que são um traço característico de Furetière («frontal, ou muro divisorio»/«espece de plancher»; «a modo de raya»/«la figure d'un poison qu'on appelle une raye»), mas esforça-se por encurtar os artigos, condensando vários períodos num só, pela colagem de segmentos do texto. Veja-se por exemplo o período compreendido entre «He largo» e «se entesa», que parece resultar dos três períodos marcados a cinzento na coluna da esquerda.

A tradução é norteadada por um espírito de síntese, uma vez que selecciona os tópicos essenciais da estrutura lógica do artigo, não se limitando a copiar mecanicamente os parágrafos iniciais. Interessa-lhe sobretudo recolher uma descrição geral, uma enumeração das partes componentes, a descrição dessas partes, a função e o funcionamento, ainda que de forma abreviada. Numa avaliação global, o *Vocabulario* perde quase sempre em

abundância de informação enciclopédica, mas mantém intacta uma matriz que confere coerência estrutural e tipológica ao discurso. A principal distinção é o destaque concedido à informação linguística, neste caso a etimologia, que Bluteau coloca à cabeça do artigo como tópico essencial para acesso a um significado, e que em Furetière é equiparada a uma nota entre episódios históricos e factos curiosos.

Em geral, as citações de autoridades são reproduzidas de uma forma meticulosa, aproveitando todas as informações bibliográficas que Furetière transcreve. Para além de conferir ao texto dicionarístico marcas de rigor e credibilidade, o lexicógrafo dá a entender que ele próprio consultou diligentemente as fontes, reclamando para si um lastro de conhecimentos ainda mais amplo do que transparece na brevidade de um artigo de dicionário. Não se duvida da bondade de Bluteau quando afirma que «procurei reduzir a esta obra todos os livros, que me vieram às mãos, Latinos, Gregos, Hebraicos, Portuguezes, Castelhanos, Francezes, Italianos, &c.»<sup>615</sup>, mas é patente que a maioria das notas de erudição autorizadas são recolhidas de fontes em segunda mão e que a tarefa de síntese bibliográfica não seria tão imensa quanto a leitura do *Vocabulario* faz supor. Veja-se a referência à obra de João Baptista Porta, nos artigos TELESCOPE e OCULO:

TELESCOPE [...] **Il est vray que Jean Baptiste Porta a fait mention du secret des lunettes long-temps auparavant, quant à la speculation; mais il ne les a point reduites en pratique, car il en parle dans sa Magie naturelle imprimée en 1549. au Chap. 10. du 17. Liv.** Quelques uns croyent que Bacon en a aussi eu quelque connoissance; & Fra Paolo en fait aussi quelque mention. D'autres croyent que Democrite en avoit quelque usage, parce qu'il a dit le premier, que la Voye Lactée étoit un assemblage de plusieurs étoiles. **On dit que Ptolomé Evergetes avoit dans le Phare d'Alexandrie un telescope, d'où il descouvroit les navires de 60. milles en mer: mais il n'y a pas d'apparence que ce fust le même que le moderne.** On a mis les noms des Auteurs qui en ont escrit au mot de LUNETTE. [...]

OCULO [...] **João Bautista Porta, no capítulo. 10 do liv. 17. da sua Magia Natural, impressa no anno de 1549. falla em oculos de longa mira, mas theorica, & não praticamente.** Tem para si alguns, que Democrito usára de oculo de longa mira, porque foy o primeyro que disse, que a via Lactea he hũa uniaõ de muitas estrellas pequenas. **Nem falta quem diga, que Ptolomeo, terceyro do nome, Rey do Egypto, cognominado Evergetes, (que quer dizer Bemfeytor) tinha hum oculo de longa mira, com o qual descobria do Pahro de Alexandria os navios sessenta milhas ao mar; mas não he provavel que este oculo fosse como os que hoje se usaõ.** [...]

Também não saberemos se Furetière consultou o texto de Porta, porque é precisamente a técnica de redacção das citações que insinua um conhecimento com

<sup>615</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor mofino».

propriedade, ao transformar numa espécie de nota de leitura aquilo que anteriormente era uma informação formularizada, breve e quase marginal.

O artigo OCULO permite ainda ilustrar o interesse que mereciam as curiosidades da história antiga, envolvendo personagens comumente reconhecidas pela tradição literária e tratadística latinas, enquadrando-se no conceito lato de “notícias eruditas”. Estes tópicos, que no *Vocabulario* mantêm a localização no fim do artigo, acrescentam pormenores que em nada contribuem para a descrição ou para o efectivo conhecimento das “coisas”. Estas selecções assemelham-se remotamente a uma tentativa de reconstrução de uma envolvência histórica, ou de um discurso *de origine*, apesar de, por norma, os episódios serem dispersos e carecerem de uma ordenação cronológica. Nestes relatos concisos sobressaem quase sempre as marcas do pitoresco, sob a forma de factos extraordinários relacionados com o mundo natural ou com a técnica<sup>616</sup>.

A transposição dos artigos de Furetière somente foi possível porque Bluteau era qualificador do Santo Ofício. O *Dictionnaire universel* não era de modo algum uma obra subversiva, mas, à luz do contexto cultural português, exigia uma leitura criteriosa que filtrasse os conteúdos e as referências a autores considerados inadequados pela Inquisição. Bluteau tenta manter a estrutura dos artigos, limitando-se a cortar segmentos do texto, como se verifica nas recorrentes referências a Descartes, que o *Vocabulario* não repete, mesmo quando o contexto é aparentemente inofensivo<sup>617</sup>. Procura oferecer aos leitores um texto informativo e coerente, ainda que mutilado, em que o espaço das teorias censuradas é ocupado pela amplificação das que são consentâneas com os cânones dos inquisidores. Mas, em geral, bastam reformulações subtis e precisas, como se observa no artigo CIRCULAÇAM, em que relata a descoberta da circulação sanguínea, mantendo as personagens e as datas inscritas no texto original, mas sem explicitar as referências de Furetière às perseguições e práticas censórias da Inquisição italiana.

<sup>616</sup> No artigo citado, note-se a evocação do farol de Alexandria e de um instrumento que permitia observar 60 milhas no mar, factos esses que assentavam num conhecimento autorizado pela tradição e pertencente a um universo de referência simultaneamente histórico e mítico.

<sup>617</sup> Outro excerto do artigo OCULO, em que se omite uma autorização em Descartes:

— «A Jacobo Mecio, natural da Cidade de Almaer em Holanda, **attribuem muytos** a invenção deste oculo [...]» (*Voc.*)

— «L'invention du telescope **est attribuée par Descartes** à Jacques Metius natif d'Aickinaer en Hollande» (Furetière, *Dict. Univ.*, s.u. TELESCOPE).

CIRCULATION, se dit aussi en Medecine du mouvement qui fait le sang [...] Harvée est un Docteur moderne d'Angleterre qui a le premier decouvert la *circulation* du sang en l'année 1628. qui est maintenant reconnuë par tous les Medecins. [...] Jean Leonicensus adjoûte que le Pere Fra Paolo avoit decouvert la *circulation* du sang, & les valvules des veines; **mais qu'il n'osa pas en parler, de peur de l'Inquisition**, & qu'il communiqua seulement son secret à Aquapendente, qui après sa mort mit le livre qu'il en avoit composé [...]; mais que Aquapendente decouvrit ce secret à Harvée qui étudioit sous luy à Padouë, **lequel le publia étant de retour en Angleterre pays de liberté, & s'en attribua la gloire.** [...]

CIRCULAÇAM [...] mas consta, que só no anno de 1628. se começou a fallar claramente na *Circulação* do sangue, quando a divulgou Harveo medico Inglez, como doutrina, que lhe revelara seu Mestre na Universidade de Padua, o famoso Anatomista, Aquapendente; ao qual o P. Fr. Paulo, antes de morrer, a havia comunicado, mostrãdolhe juntamente o livro, que compuzera sobre esta materia, **& por certas razoens não quizera dar à estampa.** [...]

O confronto entre as fontes revela que a obra de Furetière foi muito mais explorada que o *Dictionnaire des arts* (1694) de Corneille. Este último, publicado quatro anos depois do *Dictionnaire Universel*, não aprofunda significativamente os dados de Furetière e até é menos copioso em datas e notícias eruditas, pelo que a sua utilidade se resumia às novas entradas e alguns aditamentos pontuais<sup>618</sup>.

### 6.3.2. *Dictionnaire historique* (1699)

As diferenças tipológicas entre o *Dictionnaire historique* e o *Vocabulario* eram mais acentuadas, com um conjunto de conteúdos temáticos que não se enquadravam no modelo de dicionário universal, tal como Furetière o definira. De entre as quatro principais categorias temáticas de Moreri — geografia, história do mundo antigo, história contemporânea, biografias — apenas as duas primeiras interessavam a Bluteau, que incluiu na sua nomenclatura a toponímia antiga e moderna, bem como os nomes de cargos e ritos da Antiguidade. A principal contrariedade residia na enorme extensão dos artigos de Moreri que, além de serem difíceis de resumir, compreendiam tópicos de informação muito especializada. Neste contexto, e ao contrário do que se observou para o *Dictionnaire universel*, o lexicógrafo optará pela tradução de apenas uma secção do artigo, e não por uma síntese.

<sup>618</sup> Sobre o *Dictionnaire des Arts* e a sua relação com o *Dictionnaire Universel* de Furetière e o dicionário da Académie, cf. Quemada, 1998: 61; Gemmingen, 1998.

Nos artigos dedicados à toponímia, Bluteau distancia-se do interesse de Moreri pela enunciação de extensas listas de províncias e por relatos pormenorizados de sucessos históricos, que o autor francês apresentava inclusive para locais fora da Europa<sup>619</sup>. Perante artigos de média ou reduzida extensão, em que pode recorrer à técnica da selecção de fragmentos para compor o seu próprio texto, limita-se a reproduzir os tópicos de informação essenciais, como a localização relativa e a indicação da capital (cf. DECAN, DORTMUNDA, *infra*). A condensação atinge extremos em artigos como DORTMUNDA / DORTMOND, em que Bluteau elimina as indicações históricas que seriam pouco significativas ou até mesmo fora do domínio de referências histórico-culturais do leitor português:

**DECAN Roiaume des Indes, dans la presqu'isle de deçà le Gange.** Il a pour limites à l'Orient **Orixa, Province de Bengala**; à l'Occient la mer des Indes, où est le **golfe de Cambaïe; le Roiaume de Binasgar** au Midi; & au Septentrion **les Etats du Grand Mogol**, où se rencontrent les Provinces de Guzarate, ou Cambaïe, de Chitor, &c. Ce país étoit autre-fois sous la domination d'un seul Roi, dit Idalmac ou Idal-Scach, & étoit divisé en diverses belles Provinces, avec grand nombre de villes riches & vastes. Mais les choses sont changées, depuis cent ou six vingt ans. **Outre que les Portuguais y ont** la celebre ville de Goa, le Grand Mogol y a pris les villes de Kerbi, de Chaouïl, Darvatabad, &c. & il y a fait bâtir celle d'Aureng-Abad. **L'Idalcam fait sa residence à Visapour; car cette ville est la Capitale du Roiaume** de ce nom. Il en possedoit autre fois plusieurs autres, comme Decan, Cunan, Balagate, Hamedanage, &c. \*Texeira, liv. I, ch. 22. Jean de Baros. l. 9. Ch. I. &C.

DECAN. Reyno da India, na Peninsula d'aquem do Ganges, entre Orixa, Provincia de Bengala, o Golfo de Cambaya, o Reyno de Bisnaga, & alguns Estados do Graõ Mogol. *Decan* tambem era o nome de huma Cidade principal deste Reyno, o qual despois da entrada dos Portuguezes na India, tem experimentado muitas mudanças. Visapur he a Cidade capital aonde reside o Idalcaõ, senhor do Reyno. [...]

**DORTMONT, Ville Imperiale & Anseatique d'Allemagne, dans la Westphalie,** en Latin *Tremonia*. Elle est sur la riviere d'Empser, à 6. ou 7. lieuës de Munster, **& elle est aujourd' hui** du Comté de la Marck au **Marquis de Brandebourg**. L'Empereur S. Henri fit en sorte que les Prélats y tinrent un Concile le 7. Juillet de l'an 1005. pour la reforme du Clergé. Dithmar, liv. 6.

DORTMUNDA. Cidade de Alemanha na Vestphalia. Hoje he do Marquez de Brandeburgo. *Tremonia*, ou *Drotmania*, *ae. Fem.*

<sup>619</sup> Em geral, no *Vocabulario* apenas a toponímia europeia merece listas mais completas, contemplando as divisões administrativas, como se notou no cap. IV.1.4.3.

Nos artigos consagrados à história antiga, o *Vocabulario* não pretende acompanhar a minúcia dos relatos, nem a profundidade da informação, que frequentemente assumia a configuração de listas que se destinavam a uma consulta ocasional, e não a uma leitura de fruição. Veja-se os artigos DICTADOR (*Voc.*) / DICTATEUR (*Dict. Hist.*)— que não se citam aqui pela extensão deste último — em que Moreri enumera todos os ditadores até Augusto, com as respectivas datas de mandato, e alarga o alcance temporal da notícia aos títulos de ditador na história europeia recente. Bluteau, que concentra apenas a sua atenção na origem do cargo na Roma antiga, aproveita uma breve secção do texto de Moreri, de acordo com o princípio de que um dicionário universal pode abarcar uma ampla variedade de conteúdos, mas de uma forma sintética. No que respeita à mitologia greco-latina e religiões pagãs, parece registar-se um maior equilíbrio entre a fonte e a informação aproveitada, o que se explica pelo interesse de Bluteau no aproveitamento poético e discursivo dos episódios fabulosos e do respectivo simbolismo<sup>620</sup>.

### 6.3.3. *Dictionnaire general et curieux* (1685)

Cada artigo do *Dictionnaire general et curieux* apontava uma colecção de sugestões para o desenvolvimento de discursos a partir de citações literárias, episódios históricos, passagens bíblicas e textos dos doutores da igreja, em séries que facilmente somavam várias dezenas de exemplos. Rochefort não disfarçava um interesse particular pela

<sup>620</sup> — «DANAE, fille d'Acrise, Roi d'Argos & d'Euridice, fille de Lacedemon, fondateur de Lacedemone, fut enfermée dans une tour d'airain par son pere, qui avoit appris de l'Oracle, qu'il seroit tué par l'enfant qui sortiroit de sa fille. Malgré ces obstacles, Jupiter devint amoureux de Danaé, & pour en jouir, se transforma en pluie d'or. [...] Ovide, l.4. des Metam, fab. 16. Horat. lib. 3. Carm. od. 16.» (Moreri, *Dict. Hist.*, s.u.).

— «DANAE. Filha de Acriso, Rey de Argos, e de huma Euridice, filha de Lacedemon, o qual avisado pelo Oraculo, que seu sobrinho a havia de matar, a mandou fechar em huma torre. Entre tanto Jupiter namorado de Danae, e transformado em huma chuva de ouro, entrou pelo telhado da casa onde estava [...] Ovid. *Metamorphos. lib. 4. Fab. 16.*» (*Supp.*, s.u.).

Além de Moreri, deve registar-se a consulta do *Lexicon Universale* de Hofmann, em que, tal como se verifica com o francês, o latim é traduzido quase à letra:

— «CHAMOS, nomen Idoli Moabitarum, cui Salomon, à peregrinis uxoribus seduci se passus, fanum, in excelso monte, prope Hierosolymam extruxit [...]» (Hofmann, *Lexicon*, 1698, s.u.).

— «CHAMOS. Pronuncia Camos. Idolo dos Moabitas, ao qual Salamaõ, allucinado por mulheres idolatras, mandou edificar hum Templo em hum monte perto da Cidade de Jerusalem. [...]» (*Supp.*, s.u.).

temática religiosa, mas formara um conjunto equilibrado, que se revelava útil quer ao orador sagrado, quer ao profano. Todavia, de uma maneira geral, a selecção que Bluteau faz deste *corpus* é visivelmente orientada para o púlpito e para a composição de discursos moralizantes.

Tomaremos por exemplo o artigo DESGRAÇA, que é elaborado tendo por base o correspondente DISGRACES, em Rochefort. O primeiro aspecto a considerar é o facto de, no que respeita a este tipo de elaboração discursiva, Bluteau conjugar o recurso a uma fonte com uma margem considerável de criação autónoma, fazendo valer a sua própria experiência de composição literária e um vasto conhecimento dos processos de amplificação retórica para uso da parenética.<sup>621</sup>

Assim, constata-se que Bluteau selecciona do *Dictionnaire general* uma pequena parte dos tópicos apresentados, insistindo nos exemplos de cariz religioso e recusando quase todos os episódios da história moderna. Por outro lado, reordena os excertos escolhidos sem respeitar a sequência do artigo francês e sem manter a integridade desses mesmos excertos, de modo que o resultado final é uma recriação, em que fragmentos de Rochefort são intercalados com frases compostas pelo lexicógrafo, ou retiradas de outras fontes. Confronte-se o artigo do *Vocabulario*, citado na íntegra, com os trechos que o inspiraram. Assinalaram-se a negro os excertos que Bluteau traduziu quase literalmente, permitindo verificar como alguns segmentos de Rochefort foram isolados e transformados em máximas morais (cf. 1 e 2, *infra*). Há ainda uma margem para a criação pessoal do lexicógrafo, seja pela amplificação de ideias e breves passos, reorientando ou completando o sentido original (cf. 3), seja pela forma como intercala frases que se supõe fazerem parte do seu arsenal de lugares comuns predilectos (cf. 4):

---

<sup>621</sup> Afirma Bluteau, a propósito das características que distinguem o *Vocabulario*: «Tambem deve o Pseudocritico advertir, que em muitas partes deste Vocabulario ha discursos Moraes, Filosoficos, e Theologicos, que sahiraõ da penna do Author, e a Oradores Sagrados, e profanos podem dar para muitos assumptos grande socorro» (*Supp.* I: «Ao leitor pseudocritico»).

- **La plus grande fortune a sa disgrace**, voyla pourquoy on dit, un Revers de medaille, pour montrer qu'il est aussi necessaire à la prosperité d'avoir ses changements, **comme à la medaille d'avoir son révers**. V. Changement.

- Les ruines des Familles, & des Estats ont des causes occultes plus dangereuses que les apparentes, la fortune embrasse ceux qu'elle veut étouffer, & pendant que **le theatre du monde durera on verra toûjours succeder les malheurs aux prosperitez injustes**. Voyez Infortune.

- **Pitta dedia une eschelle au Temple Metelin pour enseigner aux hommes, que toute leur condition est de monter, ou de descendre.**

- **puis qu'ils nous a appris par sa bouche que les Cieux periront, & que rien ne demeurera sur la terre, & souvent le bien que nous perdons nous est tombé injustement en partage, nous, ou nos ancestres en ont peut-estre dépouillez nos voysins, peut-estre aussi que pour s'accomder ils ont violez les Loix de Dieu, & de la nature;**

- DISGRACES. La fortune n'a rien que de funeste, les disgraces sont plûst des preuves de la Bonté de Dieu à nôtre égard, que des marques de sa colere, par elles il exerce la vertu des Innocens, & donne quelques fois par elles des remedes aux coûpables;

- **Le Comte d'Essex eût la teste tranchée faute d'avoir demandé pardon à la Reyne d'Angleterre, il disoit qu'un Favory disgracié ne devoit plus vivre:**

[1] DESGRAÇA. Infortunio. Mà sorte. Mao successo. A mayor fortuna tem seu infortunio, como a mais fermosa medalha seu avesso.

Em quanto durar o theatro do mundo, sempre haverá diferentes senas, & prosperidades alternadas com desgraças.

No templo de Matelin, cidade do Egypto. mandou Pita dedicar huma escada dando a entender, que toda a vida humana consistia em subir, & decer.

Neste mundo, em que segundo o oraculo Divino tudo he transitorio. *Caelum, & terrae transibunt*, he necidade esperar felicidades permanentes. Nenhũ direito temos nos bens, que logramos; muitas vezes perdemos justamente, o q injustamente possuimos; poderã ser, que os nossos pays, tenhaõ tirado a seus cõtemporaneos as fazendas, que herdamos; poderã ser que as tenhaõ acquirido violentamente, contra a ley de Deos, & da natureza.

[2] Mas nem as desgraças que nos perseguem, sempre são castigos de Deos; com ellas exercita Deos a paciencia dos innocentes & lhes prepara triunfos na gloria.

[3] Não hã desgraça mais sensivel, que aque se segue ahum glorioso successo. Para ser mais aspera & dolorosa sua sagrada Paixaõ, quiz o senhor, que succedesse ao triunfo, que teve em Jerusalem. No breve espaço de cinco dias se trocaraõ os applausos, em injurias, & em sentenças de morte, os vivos. Desgraças, hã q fazem aborrecer a vida. Ahum valido, descahido, lhe convem mais morrer, que viver; observou o conde de Essex este dictame: foi degollado, por não querer pedir perdaõ a Rainha de Inglaterra; despois de perder a graça de sua princeza, pareceolhe vergonhosa a vida. A mayor de todas as desgraças, he o peccado, por que he privaçaõ da graça de Deos. [...]

Numa leitura do conjunto, ainda que as citações do *Dictionnaire general* partilhem uma temática e intenção discursiva comuns, a redacção de Bluteau não lhes confere uma sequência lógica que contrarie o carácter fragmentário original, pelo que continuam a funcionar como uma mescla de sugestões para os oradores.

#### **6.3.4. Fontes não lexicográficas**

Os lexicógrafos franceses ampliaram as notícias de tipo enciclopédico recorrendo ao património textual em vernáculo, com particular destaque para os tratados técnicos, as obras de erudição histórica e as relações de viagens. Porque não se trata de dicionários, a informação encontra-se indexada de forma muito parcial, através da divisão em capítulos temáticos, com uma extensão e técnica de composição discursiva que os aproxima da narrativa. Nestas obras compilam-se notícias históricas e geográficas, descrições físicas de elementos do mundo natural e explicações dos processos das artes e ciências, que o lexicógrafo selecciona no decurso de uma leitura que em muitos casos é extensiva.

O modo como Bluteau integra no *Vocabulario* os conteúdos informativos dispersos em obras em língua portuguesa e francesa — estas últimas talvez da sua biblioteca pessoal — não diferirá muito do tipo de aproveitamento que Moreri ou Furetière fizeram do *corpus* que tinham disponível. Na presente análise, que atenta apenas nos mecanismos da intertextualidade, toma-se para exemplo um número restrito de obras que, por serem amplamente citadas, serão representativas da técnica de elaboração dos artigos.

##### **6.3.4.1. Tratados técnicos**

Nos tratados de medicina e farmacopeia do século XVII, para além da pormenorização das características das doenças, sintomas e processos de cura, constavam as descrições das plantas, animais e minerais exóticos e pouco conhecidos, a partir dos quais se confeccionavam os medicamentos.

O conjunto das obras de João Curvo Semedo (1635-1719) foi muito informativo neste domínio, usando Bluteau excertos da *Polyanthea* nos artigos dedicados às

enfermidades e do *Memorial de varios simplices* para as plantas e medicamentos<sup>622</sup>. Através de citações quase literais, é possível recolher tópicos como as propriedades, aplicações e preparação<sup>623</sup>; por vezes, o texto original é tão copioso que sugere ao lexicógrafo a reordenação da informação original, dividindo-a em artigos ou subentradas distintas. O que para Curvo Semedo é uma nota marginal curiosa, para Bluteau é uma relação de sentido que justifica uma hierarquia bem delimitada na estrutura do artigo, encabeçado pelo nome “primitivo”. Assim, isolando a informação sobre o animal (cf. *infra*, texto a negro) e sobre a planta (texto sublinhado) reconstrói o processo lógico de criação do seu sentido.

*Raiz de Monguz, & suas virtudes*

Esta raiz tomou o nome de hum **animalejo, que tem a fôrma, & corpo de hum foraõ; este costuma pelejar com as cobras, & tanto que se sente ferido, larga a peleja, & vay buscar a raiz, & mastigando-a volta a continuar a briga, & assim se cura, & defende das mordeduras da cobra, até que a mata,** & o Monguz fica salvando a vida nessa forma.

Serve moida em agua, & bebida em pequena porção, contra toda a outra especie de veneno, & contra as febres, & dores Nephriticas; & farà muyto melhor os seus effeytos, se se der a beber depois que o doente tiver tomado tres onças de agua Benedicta, ou seis grãos de Tartaro emetico.

Serve, trazida no braço junto à carne, para defensivo dos bichos peçonhentos, & preparada em azeyte sem sal, serve para curar inflammaçoens, & bostelas da cabeça.

MONGUZ. Animalejo, que em a fôrma, e corpo de hum foraõ: costuma pelejar com as cobras, e tanto que se sente ferido, larga a peleja, e vay buscar a raiz, e mastigando-a volta a continuar a briga, e assim se defende das mordeduras da cobra, até que a mata.

Raiz de Monguz. He a que tomou o nome do dito animalejo. Moida em agua, e bebida, e posta sobre a mordedura, serve contra todas as feridas de bichos peçonhentos. *Curvo, Memorial de varios simplices da India Oriental, America, e outras partes do Mundo, pag. 21.*

<sup>622</sup> Cf. caps. IV.1.4 e IV.7.

<sup>623</sup> Geralmente são mínimas as diferenças entre os dois textos:

— «A arvore chamada Largis **he pequena como** hum pessegueyro; as suas folhas são córadas, cria-se nos confins da Persia junto a Turquia; são poucas, & muy raras as ditas arvores. A principal virtude da casca desta arvore he contra a Ictericia, trazida no pescoço junto à carne; não se toma cozida, nem preparada em agua, **como câ se tem introduzido.** Da casca desta arvore, chamada Largis, com raiz de Iosna, & uvas passadas se faz um **quasi divino** xarope [...]» (Curvo Semedo, *Memorial*, 1727: 17).

— «LARGIS. Pao de largis, he o de huma arvore **do tamanho de** hum pessegueiro. As suas folhas são coradas. Criase nos confins da Persia, junto a Turquia. São poucas, e muy raras as ditas arvores. Sua principal virtude he a da casca, contra a ictericia, trazida no pescoço junto à carne, sem ser cozida, nem preparada em agoa, **como algum dia se costumava.** Da casca desta arvore, com raiz de Iosna, e uvas passadas, se faz hum **admiravel** xarope [...]» (*Supp.* s.u.).

Tal como se observou a propósito da intertextualidade com dicionários, mantém-se a apropriação de excertos sem delimitar com precisão o que é citado. Todavia, nos artigos que incidem sobre a farmacopeia e medicina, o lexicógrafo não pretende fazer crer que os conhecimentos são da sua responsabilidade, pelo que a fonte da informação enciclopédica é quase sempre declarada.

A condenação *post-mortem* de Garcia de Orta (c.1499-1568) pela Inquisição portuguesa, em 1580, é a explicação mais provável para o facto de o *Coloquio dos simples e drogas* (1563) não ter sido extensamente aproveitado por Bluteau. A informação compilada pelo médico em Goa foi abreviada em latim pelo francês Clusius (Charles L'Ecluse, 1525-1609), logo em 1567, e rapidamente difundida em traduções nas principais línguas europeias desde o início do século XVII<sup>624</sup>. A primeira edição em francês data de 1602 — atribuindo o texto original a Garcie du Jardin — e por isso os dicionários e tratados que Bluteau consultou incluíam normalmente referências ao autor português<sup>625</sup>. Essas notícias foram incorporadas no *Vocabulario*, mencionando raramente a fonte primária. De resto, esta complexa intertextualidade, de que o *Coloquio* é um bom exemplo, dificulta a identificação dos tratados efectivamente consultados. No caso de obras portuguesas, sabe-se quais foram lidas e exploradas na totalidade, em busca de termos para a nomenclatura e de expressões para abonações ou definições. Todavia, a respeito de tratados estrangeiros frequentemente citados, a leitura do original poderia ter sido dispensada, pois, tal como o texto de Orta, a informação de tipo enciclopédico já havia sido integrada na memória dicionarística do francês.

#### 6.3.4.2. Relações de viagens

No final do século XVII, os termos das relações de viagens eram já uma categoria fundamental na nomenclatura dos dicionários franceses, e no século seguinte, como observa B. Quemada, conheceram nos repertórios um crescimento paralelo ao da

---

<sup>624</sup> Clusius, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia*, 1567. Cf. Murakawa, 2003: 591.

<sup>625</sup> Anthoine Colin (tradutor), *Histoire des drogues espiceries, et de certains médicamens simples, qui naissent és Indes, tant Orientales que Occidentales, divisée en deux parties. La première composée de trois liures: les deux premiers de M. Garcie du Jardin [...]*, 1602.

terminologia científica e técnica<sup>626</sup>. Para a explicação dos sentidos, os lexicógrafos elaboravam definições com base nos contextos em que as palavras ocorriam, o que só por si motivava a intertextualidade. Todavia, com a interferência do modelo dicionarístico proposto por Furetière, pelas reedições de Trévoux e também por Bluteau, o objectivo não é somente permitir a interpretação dos termos das relações, mas sobretudo reproduzir o prazer da leitura dos textos.

Assim, mesmo quando o artigo representa uma síntese, são notórias as afinidades entre os tópicos seleccionados para o enunciado dicionarístico e o desenvolvimento temático típico dos relatos de viagens (sobretudo no que respeita aos costumes dos povos, aspectos económicos, descrições da natureza e notas pitorescas). Para além das diversas *Decadas*, Bluteau privilegia autores franceses que não se encontravam traduzidos em português ou latim, o que constituía um fundo de notícias apetecíveis para os leitores do *Vocabulario*. Um dos autores mais citados é o viajante Jean Baptiste Tavernier (1605-1689), sobretudo em extensos artigos do *Supplemento*<sup>627</sup>:

---

<sup>626</sup> Quemada, 1968: 309-310.

<sup>627</sup> O próprio título parece coincidir com as áreas de interesse dos dicionários históricos: *Les six voyages de Jean Baptiste Tavernier [...] qu'il a fait en Turquie, en Perse, et aux Indes, Pendant l'espace de quarante ans, & par toutes les routes que l'on peut tenir: accompagnez d'observations*

Chap. IV. Route de Surate à **Angra par Brampour** & Seronge.

[...] *Seronge* est une grande ville don't la plupart des habitants sont marchands Baniens & artisans qui y sont de pere en fils, ce qui est cause qu'il y a quelques maisons de pierre & de brique. **Il s'y fait un grand negoce de toutes sortes de toiles peintes qu'on appelle Chites, dont tout le menu peuple de Perse & de Turquie est habillé, & dont l'on se sert en plusieurs autres païs pour des couvertures de lit & des napes à manger. On fait de ces mêmes toiles en d'autres lieux** qu'à Seronge; mais les couleurs n'en sont pas vives, & elles se'en vont en les lavant plusieurs fois. C'est le contraire de celles de Seronge, & plus on les lave plus elles deviennent belles. **Il y passe une riviere dont l'eau a la vertu de donner cette vivacité à ces couleurs;** & pendant la saison des pluyes qui durent quatre mois, les Ouvriers impriment leurs toiles selon que les marchands Etrangers leur en donnent la montre, parce que **désque les pluyes ont cessé, plus l'eau de la riviere est trouble, & le plûtost que l'on peut laver les toiles, les couleurs tiennent davantage & en sont plus vives.**

**Il se fait aussi à Seronge une sorte de toile, qui est si fine que quandelle est sur le corps on voit toute la chair comme si elle estoit à nû. Il n'est pas permis aux marchands d'en transporter, & le Gouverneur les envoye toutes pour le Serrail du Grand Mogol, & pour les principaux de la Cour. C'est de quoy les Sultanes & les femmes des Grands Seigneurs se font des chemises & des robes pour la chaleur, & le Roy & les Grands se plaisent à les voir au travers de ces chemises fines & à les faire danser.**

SERONGA. Cidade do Imperio do Mogor, na India, entre Brampur, e Agra. Faz-se nella hum grande negocio de pannos pintados, chamados *Chitas*, com que todo o povo da Persia, e Turquia se veste, e em muitas partes usaõ dellas para cobertores, e toalhas de mesa. Às mais Chitas, que em outras Cidades se fazem, as de Seronga levaõ a preferencia; porque o rio, em que se tingem, lhes dà huma viveza superior a todas as outras; esperaõ que chova, e acabando de chover, na agua turva as metem: communicalhes a dita agua tanta viveza na cor, que nunca desbotaõ, e quanto mais as lavaõ, mais se acendem. Tambem em Seronga se faz outra casta de pannos, taõ finos, e transparentes, que vestidos deixaõ as carnes à mostra, como se estivessem nûas. Aos mercadores naõ he licito levalllos a outras terras; o Governador os manda todos para o Serralho do Gram Mogor, e para os Magnates da Corte; com elles as Sultanas, e mulheres nobres fazem camisas para o Estio. *Tavernier, Viagem da India.*

### 6.3.4.3. Historiografia

O *Vocabulario* não acolhia com facilidade o mesmo tipo de conteúdos que se encontravam no dicionário de Moreri, em que uma parte considerável da informação histórica é indexada a partir de nomes próprios (monarcas, chefes militares ou religiosos). Em virtude dos limites da nomenclatura do *Vocabulario*, muitas das notícias sobre a

---

*particulieres sur la qualité, la religion, le gouvernement, les coûtumes & le commerce de chaque païs; avec les figures, les poids, & la valeur des monnoyes qui y ont cours, 1676.*

história de Portugal constituem um fundo informativo oculto, que pode ser encontrado ao longo da leitura, mas dificilmente localizável por palavras-chave.

A excepção parece residir na toponímia e nos termos militares, que facilmente proporcionavam desenvolvimentos em factos históricos que documentassem origens, fundações, batalhas ou etimologias. Assim, a recolha de dados em relações do Oriente ou em obras monumentais como a *Monarquia Lusitana* privilegia sobretudo os conteúdos que podem ser encabeçados por um topónimo ou um nome de um povo.

A *Monarchia*, que é o texto mais citado para abonação da nomenclatura, apenas revela verdadeiramente o seu valor como fonte de dados históricos nos artigos consagrados à toponímia portuguesa primitiva e moderna. Até o estilo de Fr. Bernardo de Brito — uma redacção densa, acumulando autoridades e notícias acessórias — se revela adequado aos objectivos de Bluteau. Tomando partido das referências marginais e das citações em segunda mão, elabora um discurso que aparenta resultar de uma colecção exaustiva e laboriosa de fontes, quando de facto assenta no aproveitamento hábil de um único autor.

*CAPITVLO XI. De como o Consul Decio Bruto deu aos soldados de Viriato terras em que viuer [...] com a rellação de hũa batalha, que deu aos Portugueses junto á cidade chamada antigamente Eburobritio.*

[...] Só diremos o recontro, q teue cõ os moradores da cidade chamada antigamente EburoBritio, q **Plinio assenta nos Turdulos antigos, & Diogo de Vasconcellos** [nota marginal: **Plinius 1. 4. c. 22. Vascõc. annot. in Res.**] **a canoniza por hũa villa situada nos coutos de Alcobaça, chamada em nossos tempos Euora. inda que se enganou em cuidar, que esteue neste sitio, pois como logo veremos, a pouoação teue seu assento muyto mays pérto do mar, onde agora está hũa villa piquena, que chamão Alfeizarão, na qual se vem muytos letreiros Romanos antigos, cõ nottaueis indícios de antiguidade** [...] [transcreve textos epigráficos, com traduções e comentários] [...] auemos de crer, que a cidade antiga, q Plinio chama Eburobricio, esteue muy perto de Alfeizarão, & **não em Euora de Alcobaça, onde não ha indícios, nem rastos de cousa antiga** [...]

EBUROBRICIO. Antiga cidade de Portugal, que Plinio no livro 4. cap. 22. assenta nos Turdolos; e Diogo de Vasconcellos, Annotat. in Resend. reconhece por huma Villa, situada nos Coutos de Alcobaça, chamada em nossos tempos Evora, ainda que (como advertio o Padre Bernardo de Brito, Mon. Lusit. tom. 1. fol. 143. col. 4.) o ditto Vasconcellos se enganava em cuidar, que esteve neste sitio, porque a Povoação teve seu assento muito mais perto do mar em huma Villa pequena, que chamaõ Alfeizeraõ, na qual se vem muitos letreiros Romanos antigos, o que se naõ acha em Evora de Alcobaça, onde naõ ha indícios, nem rastos de cousa antiga.

Ainda que construídas a partir de excertos dispersos, por vezes separados por várias páginas, as sínteses de Bluteau são muito eficazes, na medida em que proporcionam uma

informação coerente e representativa do sentido do texto original. Foi esta técnica, sistematicamente aplicada a dicionários, textos franceses e portugueses, que permitiu a elaboração de um texto tão amplo, inscrevendo Bluteau numa tradição de lexicógrafos que, num labor essencialmente individual, produziram obras imensas, à base de processos de compilação.

## 7. Abonações e citações de autores portugueses

Os dicionários monolingues do século XVII constituíram a sua nomenclatura beneficiando do suporte essencial de um património textual em vernáculo que, para além do número de títulos, se expandia também em variedade temática e riqueza lexical. O esforço de uma abonação sistemática de todas as entradas, sob a forma de remissões, ou, de preferência, através da citação de excertos contextualizadores, é a transposição para o vernáculo do conceito fundamental de *autoridade*, que norteava a filologia e a dicionarística latinas, e de que dependiam noções como o bom uso e a norma. O exemplo da palavra escrita, associada a um autor e acreditada pelo texto impresso, autoriza a propriedade de uso e uma ortografia normalizada, bases sobre as quais se estabelecia a emancipação em relação ao latim.

Foi a estreita relação entre o património literário, a norma e a lexicografia que configurou o *Vocabolario della Crusca* (1612). Os académicos desde cedo perceberam que a promoção do uso literário dos dialectos toscano e florentino dependia da existência de um bom dicionário que além de esclarecer os sentidos, reunisse os exemplos dos melhores escritores<sup>628</sup>.

Nel raccogliere le voci degli scrittori, da alcuni de' più famosi, e riceuti comunemente da tutti, per esser l'opere loro alle stampe, che si potrebbon dir della prima classe, i quali sono Dante, Boccaccio, Petrarca, Giouan Villani, e simili, abbiamo tolto indifferentemente tutte le voci, e, per lo più, postrau la loro autorità nell'esempio.<sup>629</sup>

---

<sup>628</sup> Em 1595 os académicos tinham publicado uma versão da *Divina comédia* expurgada dos termos de outros dialectos, introduzidos no texto ao longo das diversas edições. O *Vocabolario* de 1612 foi precedido de um intenso trabalho de leitura crítica e análise lexical, e que é reforçado na edição de 1623. Sobre a reflexão linguística no seio da Crusca e a repercussão em academias similares, cf. Parodi, 1995. Sobre o processo de redacção do dicionário, cf. Parodi, 1998.

<sup>629</sup> *Vocabolario della Crusca*, 1623: «À Lettori». A lista de autores e títulos citados estende-se ao longo de 16 páginas.

O resultado foi uma obra inovadora, recebida com assinalável sucesso em toda a Europa, que se tornou um modelo preferencial para o dicionário da Academia de França, anunciado em 1635<sup>630</sup>. Todavia, em 1638 o dicionário francês sofreu uma reorientação de objectivos, passando a ignorar os arcaísmos e a recusar a inclusão de citações explícitas de autores vivos ou mortos. Sob o pretexto de que alguns dos melhores escritores franceses eram simultaneamente colaboradores no dicionário — o que tornaria imodesta a citação — esta opção manteve-se até 1694 e é justificada no prefácio, em que se reclama para o colectivo dos académicos um poder autorizador bastante.

[...] leur tesmoignage seul auroit fait autorité. [...] Et c'est pour cela qu'il ne cite point, parce que plusieurs de nos plus celebres Orateurs & de nos plus grands Poëtes y ont travaillé, & qu'on a creu s'en devoir tenir à leurs sentiments.<sup>631</sup>

Nesta regra os críticos viam um defeito e os dicionários que entretanto se iam delineando integraram a abonação como um elemento fundamental. O *Dictionnaire François* (1680) de Richelet contou desde o início com um *corpus* de citações que garantia exemplos de bom uso. O desejo de ver o nome como fonte autorizadora do primeiro dicionário monolíngue era publicamente inconfessável e por isso Richelet não mencionou que foram os próprios autores — alguns académicos — que lhe remeteram listas dos excertos que desejavam incluir, colaborando também na recolha de exemplos em escritores já falecidos<sup>632</sup>. No prefácio, as citações são apresentadas como um recurso para o esclarecimento de significados e ortografias duvidosas, que simultaneamente ia ao encontro da apetência dos leitores por modelos de uso exemplar e imitável:

[...] j'ai lu nos plus excellens Auteurs, & tous ceux qui ont écrit des Arts avec réputation. J'ai composé mon livre de leurs mots les plus reçus, aussi-bien que de leus expressions les plus-belles. Je marque les diferens endroits d'où je prens ces mots, & ces expressions à moins que les termes & les manieres de parler que j'emploie ne soient si fort en usage qu'on n'en doute point.<sup>633</sup>

Furetière (1690) foi bem mais comedido na frequência das citações exemplificativas — não nos referimos aqui às fontes de informação enciclopédica —, na medida em que

<sup>630</sup> O dicionário italiano e o *Tesoro* (1611) de Covarrubias são modelos configuradores para os primeiros académicos franceses. Cf. Quemada, 1998: 50.

<sup>631</sup> *Académie*, 1694: «Preface». Cf. Bray, 1990: 1798.

<sup>632</sup> Sobre as condições de elaboração deste *corpus*, cf. Lehmann, 1995: 38. Os principais colaboradores, com textos próprios, foram o académico e jurista Olivier Patru (1604-1681) e o jesuíta Dominique Bouhours (1632-1702), este último um acérrimo adversário da doutrina linguística de Port-Royal (cf. Pellat, 1995).

<sup>633</sup> Richelet, *Dictionnaire François*, 1680: «Avertissement».

não recorre aos autores para esclarecer dúvidas de língua, mas apenas como uma anotação de usos retórico-literários, o que se reflecte na predominância dos excertos de poesia<sup>634</sup>.

### 7.1. O *corpus* de autores portugueses

Bluteau reproduz no *Vocabulario* as funções que os lexicógrafos franceses atribuíram às citações, valendo-se dos cadernos de excertos que acumulara ao longo de seis anos e de uma leitura continuada das novas obras editadas até cerca de 1726. O «Catalogo alphabetico, topographico, & chronologico dos autores portuguezes, citados pella mayor parte nesta obra», que se estende ao longo de 32 páginas no primeiro tomo (1712), não representa a totalidade das fontes portuguesas efectivamente citadas, pois já não abrange um período de cerca de 15 anos de reformulações e aditamentos. Tal como sucede nos dicionários da Crusca e Richelet, o catálogo não podia deixar de ser extenso, uma vez que a qualidade da língua era avaliada em função da dimensão do espólio literário<sup>635</sup>.

A lista compreende perto de 290 autores e 415 títulos, acrescentando geralmente a informação sobre o editor e o ano. Um primeiro aspecto a considerar é a actualidade do *corpus* relativamente ao momento da redacção, tendo em conta que o *Vocabulario* é um dicionário diacrónico que procura esclarecer o significado de termos antigos, mas que o principal objectivo é actualizar e aumentar as nomenclaturas anteriores nos domínios das artes e ofícios, o que aponta para uma descrição sincrónica. Agrupando as obras de acordo com o ano de edição, conclui-se que cerca de 85% datam do século XVII, 10% do século XVI e apenas 5% são posteriores a 1700, e mesmo os títulos seiscentistas distribuem-se com uniformidade ao longo da centúria, sem privilegiar a segunda metade. Ou seja, trata-se de um *corpus* representativo de todo um património e não da mais recente produção editorial.

Segue-se uma divisão dos mesmo autores em 36 domínios temáticos, conferindo ao *corpus* uma diversidade capaz de garantir abonações em português para todos os campos

---

<sup>634</sup> Lehmann, 1995: 49. Nas páginas iniciais não existe sequer uma lista de autores ou abreviaturas.

<sup>635</sup> «Era antigamente a Lingoa Portugueza tam pobre, como o forâm todas as mais lingoas nos seus principios; sô nas folhas de alguns livros Historicos; ou Predicativos sahia singelamente â luz; mas com as obras de muitos Autores teve sucessivamente tão preciosos ornatos, que não tem, que envejar às mais elegantes Lingoas da Europa o seu luzimento.» (*Voc. I: «Catalogo... dos autores»*).

do saber e actividades humanas. Todavia, esta abundância é artificial, pois a leitura dos títulos revela que o peso dos domínios é muito desigual, com perto de dois terços dos autores versando temáticas subordinadas à história e à religião. Retirados da ordenação alfabética em que são apresentados no «Catalogo», podem agrupar-se em 4 categorias temáticas principais<sup>636</sup>:

**HISTÓRIA (120 autores)**

apologias (4)  
 genealogias (5)  
 historia em geral (2)  
 historia de Portugal (17)  
 h. dos Portuguezes na Azia (23)  
 h. dos Portuguezes na Africa (6)  
 h. dos Portuguezes, na America (8)  
 h. das Religioens no Reino de Portugal (13)  
 itinerarios (4)  
 relações varias (14)  
 geografia (2)  
 política (22)

**ARTES E OFÍCIOS (45)**

architectura militar (1)  
 aritmetica (3)  
 arte militar (2)  
 arte nautica (10)  
 artelharía (1)  
 astronomia (7)  
 caça de alta volateria (1)  
 cavallaria, e alveitaria (3)  
 cirurgia (3)  
 jurisprudencia (2)  
 medicina (9)  
 musica (2)  
 pintura (1)

**RELIGIÃO (69)**

cartas pastoraes (1)  
 ceremonias ecclesiasticas (2)  
 meditações (4)  
 predica (17)  
 theologia ascetica (19)  
 theologia moral (4)  
 vidas de santos (22)

**METALINGUAGEM E LITERATURA (48)**

diccionarios (5)  
 grammatica (2)  
 orthographia (4)  
 academias (3)  
 adagios (1)  
 cartas familiares (1)  
 comedias (2)  
 miscellaneas (2)  
 novellas (1)  
 poesia (27)

Tudo indica que a disparidade é um reflexo do universo editorial português, e não o produto de uma escolha subjectiva, orientada pelas preferências literárias de Bluteau. Os autores comumente considerados como de inferior qualidade têm lugar a par dos prosadores e poetas canónicos, uma vez que o lexicógrafo explorou ao máximo os tratados técnicos existentes, citando-os pelo seu fundo lexical e não pela qualidade da escrita, como faz questão de sublinhar<sup>637</sup>.

<sup>636</sup> A distinção entre “história” e “religião” nem sempre é clara, se considerarmos subgéneros como as histórias das ordens religiosas ou as vidas de santos, que eram simultaneamente relatos de factos históricos e textos moralizantes. Transcrevemos as designações mantendo a ortografia original.

<sup>637</sup> «Não pretendo, que os dittos Autores sejam todos igualmente de boa nota; sô digo, que as palavras, que delles tirei, me pareceram dignas de alguma noticia» (*Voc. I: «Catalogo... dos autores»*); «Aos que condenarem a confiança, com que allego com toda a casta de Autores, respondo,

O patrocínio que D. João V dá à fundação da Academia Real de História (1720) renova o interesse das elites intelectuais pela leitura e produção de textos históricos. O género torna-se mais amplo se considerarmos que subcategorias como itinerários, relações de viagens, genealogias, tratados geográficos, apologias e textos “políticos” são no fundo narrações históricas, com relatos minuciosos, recolhas cumulativas de informação e glorificação de personagens.

Os escritores membros do clero — quase metade dos autores citados no «Catalogo» — merecem especial destaque, pois a eles se deve a composição dos trabalhos de maior fôlego, como a *Monarquia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito, ou as obras espirituais de orientação histórica como as vidas de santos ou as fundações das ordens religiosas em Portugal, tirando partido dos fundos documentais dos conventos. O crescente número de ordens na segunda metade do século XVII fomenta também a edição de sermonários e compêndios de reflexão teológica que, além de serem instrumentos de apoio à prédica, eram amplamente procurados como objectos de fruição literária e fonte preferencial de bons exemplos de retórica e oratória.

No que respeita aos tratados técnicos, o número e a variedade das temáticas era insuficiente, sendo a náutica, a astronomia, a medicina, a equitação e a alveitaria os domínios privilegiados. O objectivo destas obras era a compilação e sistematização de um quadro de saberes tradicionais, o que, se não garantia informações actualizadas, pelo menos fornecia ao lexicógrafo um *corpus* bastante amplo<sup>638</sup>. Mas no século XVII ainda rareiam tratados sobre as técnicas de inúmeras actividades e profissões, e ao lamentar «Assim tivera eu achado Autores Portuguezes em todas as Artes liberaes, & mecanicas, para allegar com elles»<sup>639</sup>, Bluteau invoca a necessidade de estudos específicos, como o *Methodo Lusitanico de desenhar as fortificaçoens* (1680) de Luís Serrão Pimentel ou *Agricultura das Vinhas* (1712) de Silvestre Gomes de Morais. De resto, muitas das obras

---

que me aproveitei de todos, porque nas materias da sua profissam, cada hum delles he Texto» (*ibidem: loc. cit.*).

<sup>638</sup> A medicina pode ser considerada uma excepção, sobretudo graças ao conjunto de tratados dos médicos reais Francisco Morato Roma (1588-1668) e João Curvo Semedo (1635-1719). Sobre este último, Inocêncio afirma: «é dos nossos antigos auctores de medicina o que escreveu com maior correcção e propriedade de linguagem, no tocante á sua faculdade; e por isso os criticos o reputam como texto n'esta parte» (Inocêncio Silva, *Dic. Bib.*, III, 358).

<sup>639</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico».

que no «Catalogo» são classificadas como tratados, em rigor são apenas exemplos do uso de um determinado campo terminológico<sup>640</sup>.

Também não se encontrarão em português reflexos de um novo saber fundado nas ciências experimentais, generalizado nas principais capitais europeias com a criação de laboratórios de física, química e astronomia, e que o próprio teatino testemunhou nas sessões práticas da academia das ciências francesa. Dessas experiências resultavam sínteses e relatos que eram publicados pelas academias, algo que em Portugal só tenuemente se verifica no século XVIII, devido ao empenho pessoal do Conde da Ericeira.

O *corpus* catalogado inclui ainda 27 autores de texto lírico, entre os quais podemos destacar Camões, António Ferreira, Rodrigues Lobo e Sá de Miranda. A maioria dos restantes nomes reparte-se por temas caros ao gosto português de setecentos: poemas religiosos, dedicados à vida de santos ou à paixão de Cristo; epopeias a partir de temas portugueses e poemas sobre temática histórica recente<sup>641</sup>.

Numa avaliação do conjunto de autores há ainda que considerar as ausências devidas a imposições da censura inquisitorial, escolha em que a condição de qualificador do santo ofício decerto influiria. Assim, entre as omissões mais notórias encontram-se Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Garcia de Orta ou o *Cancioneiro Geral*. Mas a cautela em não catalogar obras constantes do *Index* não impede que cite os autores com discrição no corpo do dicionário, sem bem que muito raramente<sup>642</sup>.

Todavia, importa distinguir entre a enunciação de um *corpus* autorizador e o seu uso efectivo no *Vocabulario*. O acolhimento destes textos foi desigual, já que se um núcleo restrito foi intensamente explorado, da maioria Bluteau apenas aproveitará citações ocasionais. Tomaremos por objecto de análise o texto dicionarístico integral da letra C (tomo II, 1712), em relação ao qual o «Catalogo» se mantém actualizado. O número de citações revela que as fontes privilegiadas se coadunam com as preferências temáticas

---

<sup>640</sup> Por exemplo, os dois únicos livros sobre jurisprudência são a *Allegação de Direito a favor do Marques de Govea, sobre o Ducado de Aveiro* (1666) de Manuel Lopes de Oliveira e a *Allegação de Direito [...] a favor do Conde de Figueirò* (1677) de Manuel Álvares Pegas.

<sup>641</sup> Algumas obras que a história literária esqueceu, mas que para Bluteau seriam bons exemplos de vocabulário para o estilo sublime: Francisco Lopes, *Santo Antonio de Lisboa poema sacro* (1610); António de Portalegre, *Paixão de Christo metrificada* (1547); Manuel Tomás, *Insulana* (1635); João Pereira da Silva, *Lysia saudosa* (1690).

<sup>642</sup> Por exemplo, os *Coloquios dos simples e drogas da India* de Garcia de Orta são citados e tudo indica que a fonte foi consultada (cf. CANFORA, DIAMANTE, entre outros). C. Murakawa (1984: 15-

atrás enunciadas — religião e história — e que não foi desconsiderado o estatuto dos autores que eram simultaneamente modelos linguísticos e estilísticos:

> 250	Fr. Bernardo de Brito, <i>et alii</i> P. António Vieira	<i>Monarquia Lusitana</i> (1507-1683) <i>Sermoens</i> (1679-1696)
51-100	Francisco Rodrigues Lobo Luís de Camões Sebastião Pacheco Varela Manuel Tomás P. Fernão de Queirós António da Cruz	<i>Corte na Aldea</i> (1630) <i>Lusiadas, Rimas</i> (ed. de 1669) <i>Numero Vocal. Exemplar Catholico, &amp; politico</i> (1702) <i>Insulana</i> (1635) <i>Historia da vida do veneravel irmão Pedro de Basto</i> (1689) <i>Recopilaçam de Cirurgia</i> (1661)
25-50	Francisco Morato Roma Manuel de Faria D. Francisco de Sá de Meneses Fr. António das Chagas Diogo Fernandes Ferreira P. Simão de Vasconcellos António Galvão de Andrade  Luís Serrão Pimentel D. Luís de Meneses P. Manuel Fernandes Fr. António das Chagas Fr. Manuel de Azevedo  P. Álvaro Lobo Gabriel Pereira de Castro	<i>Luz da Medicina</i> (1672) <i>Promptuario moral de questoës practicas</i> (1675) <i>Malaca conquistada</i> (1658) <i>Obras Espirituaes</i> (1688) <i>Arte da Caça de Altanerian</i> (1616) <i>Noticias curiosas do Brasil</i> (1668) <i>Arte de Cavallaria de Gineta, &amp; Estardiota, bom primor de ferrar, &amp; Alveitaria</i> (1678) <i>Methodo Lusitanico de desenhar as fortificaçoens</i> (1680) <i>Portugal Restaurado</i> (1679-1690) <i>Alma instruida</i> (1688-1699) <i>Cartas Espirituaes</i> (1684-1687) <i>Correççam de abusos, introduzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina</i> (1668) <i>Martyrologio romano</i> (1591) <i>Ulyssea, ou Lisboa edificada</i> (1636)
< 25	Luís Mendes de Vasconcelos P. João de Lucena Diogo do Couto Luís Marinho de Azevedo  Fr. Leão de São Tomás  António Teixeira D. Francisco Manuel de Melo Duarte Ribeiro de Macedo D. Francisco Manuel de Melo João Curvo Semedo	<i>Arte militar</i> (1612) <i>Historia do P. Francisco de Xavier</i> (1600) <i>Decadas</i> (1602-1673) <i>Apologeticos discursos em defesa da fama, &amp; boa memoria de Fernão de Albuquerque, Governador da India</i> (1641) <i>Benedictina Lusitana</i> (1644-1651) <i>Estatutos da Universidade de Coimbra</i> (1654) <i>Epítome das noticias Astrologicas para a Medicina</i> (1670) <i>Carta de guia de casados</i> (1651) <i>Vida da Emperatriz Theodora</i> (1677) <i>Epanaphoras de varia historia Portugueza</i> (1676) <i>Polyanthea</i> (1695); <i>Tratado da peste</i> (1680)
>15	Leonel da Costa	<i>Eglogas, &amp; Georgicas de Vergilio, Traduzidas</i> (1624)

A obra mais citada é a *Monarquia Lusitana*, o primeiro ensaio de uma historiografia portuguesa monumental, iniciada no Mosteiro de Alcobaça no período do domínio espanhol e imbuída de um espírito de apologia nacional<sup>643</sup>. Sob a responsabilidade sucessiva de quatro autores distintos, as sete partes publicadas até 1683 revelam-se um conjunto heterogéneo, variando o grau de investimento estético-literário e a qualidade da

19) amplia a lista de autores omitidos, mas baseia-se somente no «Catalogo» e não considera as ocorrências no texto dicionarístico nem a adição de novos textos no *Suplemento*.

informação citada, oscilando entre um esforço de pesquisa documental nos arquivos portugueses e a pura fantasia mitológica<sup>644</sup>. Todavia, características como um discurso romanesco, o recurso à hagiografia e o apelo constante a um suporte documental — real ou ficcionado — iam ao encontro das apetências do público<sup>645</sup>, facto que justificou inclusive a reedição das partes I-III em 1690. Para Bluteau, a *Monarchia* é sobretudo uma inesgotável fonte lexical devido à abundância de intertextos, cuja fidedignidade não discute, em que são numerosos os arcaísmos e termos em desuso, aplicados em contextos fráscicos minimamente esclarecedores.

Da prosa do P. António Vieira (1608-1697), que é a segunda fonte mais representativa, o *Vocabulario* recolhe um manancial de sentidos figurados e estruturas engenhosas, que geralmente pretendem traduzir um uso exemplar e imitável, e não uma mera abonação<sup>646</sup>. A edição dos *Sermoens* principiou em 1679, com supervisão e correções do autor, e prolongou-se além da sua morte, com a publicação póstuma dos tomos XIV-XV. Tal como a generalidade dos pregadores da época, Bluteau veria nos *Sermoens* um modelo estético, uma autoridade na propriedade de expressão e uma das mais conseguidas actualizações em português dos padrões da retórica latina<sup>647</sup>. O teatino seleccionou citações em todos os volumes disponíveis, dispensando-lhes comentários elogiosos que raramente são concedidos a outros autores:

AFANAR. [...] Mereceo esta palavra o agrado do P. Antonio Vieira, a que elle da com singular elegancia huma significação activa [...]

BATARIA [...] Discretamente usou o P. Antonio Vieira desta palavra [...]

ARCHIBANCO. Usa o P. Antonio Vieira desta palavra na forma, que se segue. [...]

<sup>643</sup> Sobre as condições de produção e recepção, cf. Ferreira, 1975-1978.

<sup>644</sup> Fr. Bernardo de Brito (1ª parte, 1597; 2ª 1609) distingue-se pela qualidade da prosa e pela fantasia com que recria a história de Portugal desde a criação divina; Fr. António Brandão (3ª e 4ª, 1632) preocupa-se em introduzir algum rigor documental. Sobre as restantes partes e autores, Fr. Francisco Brandão (5ª, 1650; 6ª, 1672), Fr. Rafael de Jesus (7ª, 1683) e Fr. Manuel dos Santos (8ª, 1727) cf. Inocêncio Silva, *Dic. Bib.*, II: 360-361, VII: 48-49. VI: 102-104.

<sup>645</sup> Lopes e Saraiva, 1995: 440-441. Estes autores entendem a obra como o culminar da erudição humanística na sua fase decadente.

<sup>646</sup> O culto do seu estilo, ainda em vida do autor, transformou os *Sermoens* em «paradigmas perfeitos, inculcados a pregadores, principiantes ou experientes, determinando assim uma influência decisiva na parenética do barroco português» (Castro, 1973: 111).

<sup>647</sup> Nas *Regras da lingua portugueza* (1725 (1721): 310-339), Contador de Argote selecciona uma carta «escrita pelo insigne Padre Antonio Vieyra» como modelo simultaneamente estético e linguístico, através do qual os alunos aprenderiam a «Pratica da regencia da Grammatica Portugueza conforme com a regencia da Latina».

A vantagem do jesuíta em relação a outras obras prestigiadas é clara: na letra C totaliza cerca de 250 citações e o autor seguinte, Rodrigues Lobo, apenas 85. Esta preferência pode também dever-se ao sucesso editorial dos *Sermoens*, que seriam um intertexto acessível à generalidade dos consulentes<sup>648</sup>.

Mas, não obstante o menor número de citações, a *Corte na Aldea* é uma obra intensamente explorada, se considerarmos a dimensão do *corpus* textual (um pequeno volume in-4º, com cerca de 300 páginas), quando comparado com a *Monarchia* e os *Sermoens*. Da diversidade temática dos 16 diálogos e da intenção didáctica subjacente ao discurso resulta um testemunho de variedades tecnolectais, a que se associa uma redacção que configura um modelo de tipo enciclopédico. Assim, este texto revela-se particularmente útil para os objectivos de Bluteau, pois a estrutura em diálogo favorece a apresentação de conceitos em esquemas relacionais bastante sintéticos, que podem ser recuperados para os artigos do *Vocabulario* como definições ou informações de tipo enciclopédico:

DOGMATICO. [...] Medicina Dogmatica. He a que não desprezando a experiencia dos remedios, nem a razão dos exemplos della, abraça tambem as razoens naturaes, em que está fundada a Arte. A Medicina se divide em Empirica, Methodica, *Dogmatica*, ou rational. Lobo, Corte na Aldea, Dial. 16. 331.

ESCREVER. Formar com a penna caracteres, que são retratos do pensamento, & da falla. Franc. Rodrig. Lobo, no seu Livro, intitulado, Corte na Aldea, pag. 20. diz com mais ampla definição, O *Escrever* não he outra cousa mais que suprir com hum instrumento por meyo da Arte, & das mãos, o que com a voz se não pode exprimir [...]

A *Corte na Aldea* permite autorizar um conjunto de expressões que poderiam ser empregues num registo familiar, mas simultaneamente cuidado, uma vez que são considerados adequados ao estatuto dos interlocutores e à situação comunicacional representada por Rodrigues Lobo:

BOCHECHAS. As duas faces inchadas, como quando se toca trombeta. [...] Com huma bochecha de agoa. Facilmente, sem trabalho, com qualquer cousa. [...] Desfaço as suas sentenças com huma *Bochecha* de agoa. Lobo, Corte na Aldea, pag. 171.

CHAÇA. (Termo do jogo da pela.) He o lugar, em que a pela, faz o següido pullo, que se nota com hum sinal. [...] Chaça. No sentido moral. [...] O vosso remoque não deu boa *Chaça*. Lobo, Corte na Aldea, Dial. 5. pag. 114. [...]

<sup>648</sup> Não conseguimos provas evidentes de uma relação de amizade entre Bluteau e Vieira, embora certamente se conhecessem. Ambos estavam em Lisboa entre 1668 e 1669 e havia relações privilegiadas entre teatinos e jesuítas. Na qualidade de qualificador do Santo Ofício, Bluteau dispensou-lhe palavras elogiosas na censura do tomo VI dos *Sermões* (1686), lembrando «a inveja que do seu talento toda a Europa tem a Portugal, e da desesperação em que mete os oradores de poder imitar o seu estilo». Mais relevante será a defesa pública da edição de *Las cinco piedras de la honda de David* (1695), que os censores portugueses tentaram impedir e que Bluteau contrariou. Por fim, recordemos que coube ao teatino proferir o sermão nas exéquias de Vieira (1697).

Um aspecto que distingue a *Corte na Aldeia* da generalidade das fontes de abonações é o facto de os fragmentos transcritos não servirem apenas para precisar o sentido da palavra-lemma: Bluteau revela uma predilecção pelos “ditos” de Lobo, tal é o número de excertos que introduzem notas humorísticas, lições e exemplos, condensados em frases sentenciosas:

ATROAR. Derivase do Trovaõ. Fazer hum grande estrondo. [...] Estes falladores saõ como Cigarras, que *Atroaõ*, & não deleytão. Lobo, *Corte na Aldea*, Dial. 8. pag. 173.

ARRUAR. Apartar em ruas. [...] Para se naõ corromper de todo a lingoa Portugueza, me pareceria, que se ouveraõ de *Arruar* os Letrados, que receyo, se se misturaõ, ã em poucos annos nos achemos em huma certa Babylonia. Lobo, *Corte na Aldea*, Dial. 16. pag. 337.

BONIFRATE [...] O homẽ no fallar naõ hà de parecer estatua, nem *Bonifrate*. Lobo, *Corte na Aldea*, Dial. 8. pag. 163.

ESCUTAR [...] O homem, que se *Escuta*, he lisonjeiro de si mesmo. Lobo, *Corte na Aldea*, Dial. 8. pag. 168.

Sem deixar de ser um dos autores mais citados, é notório que Bluteau não investiu num levantamento exaustivo do léxico camoniano. No final do século XVII, Camões era o emblema maior de uma literatura nacionalista, com sucessivas reedições dos *Lusíadas* e das *Rimas*<sup>649</sup>. Todavia, o período do domínio espanhol e da Restauração favoreceu a produção de outros textos épicos de temática histórica, que visavam a afirmação de uma autonomia cultural e política, como a *Insulana* (1635), *Ulissea* (1636) ou *Malaca conquistada* (1658), para referir apenas as mais citadas. Para o lexicógrafo, estas eram obras cronologicamente próximas, que podiam abonar com segurança e precisão de sentido uma descrição sincrónica do português; mas tudo indica que Bluteau também valorizava a qualidade literária destas epopeias, pois cita frequentemente séries de estrofes com dois e até quatro versos<sup>650</sup>.

Para além da prosa religiosa e histórica, cuja prevalência editorial já se notou, é assinalável a frequência com que cita os tratados técnicos e as “relações” que descrevem o Oriente e o Brasil, o que comprova o interesse por domínios terminológicos que os dicionários anteriores não contemplavam com assiduidade. Neste âmbito sobressaem a medicina (*Recopilaçam, Luz da medicina*), a equitação e a caça (*Arte da caça, Arte de cavallaria de gineta*), engenharia e arquitectura (*Methodo Lusitanico*) e os termos associados às línguas exóticas (*Noticias curiosas do Brasil, Décadas*).

---

<sup>649</sup> No *Vocabulario* segue-se a edição de 1669, que reunia todos os textos conhecidos, com correcções e argumentos de João Franco Barreto. Segundo Inocência Silva, é «sem dúvida a mais ampla que até áquelle tempo se fizera das obras do poeta» (*Dic. Bib.*, V: 257).

Apenas no *Suplemento* se observará uma profunda alteração no que respeita aos títulos e aos géneros literários predominantes, não só porque se recuperam autores até então pouco citados, mas sobretudo pela inclusão de novas obras entretanto publicadas, posteriores à conclusão do *Vocabulário*<sup>651</sup>. De facto, a prosa de Vieira ou de *Corte na Aldea* cede lugar à poesia cultivada nas academias na segunda metade do século XVII, motivadas pelo gosto gongórico e cultista de influência castelhana, e cujos códigos ainda faziam parte da educação literária da nobreza culta da corte de D. João V.

>150	D. Francisco Manuel	<i>Obras metricas</i> (1665)
100-149	Diogo do Couto	<i>Decadas VI, VII, VIII</i> (1602-1673)
	Fr. Simão de Sta. Catarina	<i>Orações académicas</i> (1723-1731)
	P. Bento Pereira	<i>Prosodia, Thesouro</i> (1697)
	Manuel de Faria e Sousa	<i>Fabula de Narciso</i> (1623), <i>Fonte de Aganipe</i> (1646)
50-99	Fr. Manuel Leal	<i>Crysol purificativo</i> (1673)
	André da Silva Mascarenhas	<i>Destruição de Espanha</i> (1671)
	João Curvo Semedo	<i>Polyanthea e Memorial de varios simplices</i> (1695)
		<i>Gazeta de Lisboa</i> (1718-1741)
	João de Barros	<i>Decadas</i> (1553-1615)
	Silvestre de Moraes	<i>Agricultura das vinhas</i> (1720)
	Francisco Barreto Landim	<i>Panegyrico da [...] vida de S. João de Deos</i> (1648)
	Manuel Tavares Cavaleiro	<i>Ramalhete juvenil</i> (1687)

Nos dois tomos do *Suplemento*, as composições portuguesas de D. Francisco Manuel de Melo, insertas nas *Obras metricas* (1665), são a fonte de abonação mais citada, enquanto no *Vocabulário* apenas a *Carta de guia* e as *Epanaphoras* — prosa histórica — mereciam a atenção do lexicógrafo. São também poemas ao gosto das academias as *Orações* de Fr. Simão, a *Fonte de Aganipe* (1624) e *Fabula de Narciso e Ecco* (1623) de Manuel de Faria e Sousa, e o *Ramalhete* de Manuel Cavaleiro (1687). Com menos destaque encontra-se a épica nacionalista no poema *Destruição de Hespanha* (1671) e a hagiografia heróica no *Panegyrico de S. João de Deos* (1648). Quanto à prosa, no *Suplemento* regressam autores do «Catalogo» que foram pouco aproveitados ao longo do

<sup>650</sup> É significativa a pouca diferença entre cerca de 80 citações de Camões (*Rimas* e *Lusíadas*) e cerca de 60 da *Insulana* e 42 de *Malaca conquistada*.

<sup>651</sup> O *Suplemento* corresponde a uma efectiva actualização do repertório bibliográfico, como se verifica pela inclusão de abonações baseadas em números da *Gazeta de Lisboa* de 1726. A mais tardia das referências data de 6 de Junho de 1726 (*Supp.*, s.u. SERENATA).

*Vocabulario*, como as *Decadas* de Diogo do Couto, ou o *Crysol purificativo* (1673), este último uma historiografia religiosa<sup>652</sup>.

Um aspecto excepcional é o facto de se recorrer à autoridade dos dicionários portugueses para abonar a nomenclatura, com uma assiduidade que no *Vocabulario* era incomum (cerca de 120 referências à *Prosodia* e ao *Thesouro* e 35 a Barbosa nos volumes de 1727-1728). A invocação extraordinária da autoridade dos dicionaristas acompanha um esforço para integrar entradas constantes dos dicionários precedentes, que apresentavam dificuldades na ortografia ou na precisão do sentido<sup>653</sup>.

## 7.2. Tratamento lexicográfico das citações

As abonações e citações implicaram uma normalização tipográfica acrescida, de modo a distinguir com rigor as fronteiras entre a definição e o excerto, bem como para garantir a coexistência com todo um sistema paralelo de citações latinas. Porque não contavam com esta dificuldade suplementar, os dicionários monolíngues de Richelet e Furetière apresentavam um texto de fácil leitura, em que as citações se destacam no enunciado, aplicando ao francês as técnicas de marcação que os lexicógrafos precedentes haviam usado para o latim.

No *Vocabulario*, que é um dicionário bilingue duplamente autorizado, as soluções para a sobrecarga informativa variam consoante as casas tipográficas. Nos volumes de Coimbra (I-IV), as citações portuguesas são em corpo romano. As linhas que incluem texto citado principiam por vírgulas<sup>654</sup>, ou, nos caso de versos, o intertexto é assinalado pelo avanço na margem esquerda. Neste sistema, o itálico assinala ora as expressões e citações latinas, ora a ocorrência da palavra-lemma no interior de frases portuguesas (cf. CARTAM, *infra*).

---

<sup>652</sup> No *Suplemento* é muito baixo o número de citações da *Monarquia Lusitana* e de Camões (inferior a 25); de Vieira cita sobretudo a *História do futuro*, publicada em 1718.

<sup>653</sup> Cf. capítulo IV.1.4 sobre as fontes da nomenclatura.

<sup>654</sup> Nas citações muito extensas os tipógrafos dispensavam esta marcação (e.g. s.u. ENTAM, que inclui um longo excerto de Vieira.) Curiosamente, este emprego da vírgula em início de linha não é descrito nas *Regras* de Bento Pereira (1666) ou na *Orthographia* de Feijó (1734).

**CARTAM.** Na Architectura, Esculptura, Pintura, &c. He huma obra, a modo de papel enrolado pellas extremidades, & às vezes com espaço no meyo para alguma inscripção, ou deviza. *Chartacea tabula fcutum chartacerum.* Pareceia hum grande Cartaõ, com as armas do Santo. Vida de D. Fr. Bertholam. fol. 272. col. 1.  
Esta maquina toda se sustenta Sobre huma base, em dous *Cartoons* ao lado.  
Intul. de Man. Thom. liv. 10. Out. 30.

Fig. 1

**VIBRAR.** Dar hum certo movimento tremulo à espada, pique, lança, &c. dando mostras de a querer empregar com violencia. *Vibrare.* (o, avi, atum.) Cic. com accusativo. Vibrando dardos. *Crispans manu hastilia. Virgil.* ( Parece que Pallas está *Vibrando* a lança. Costa In Virgil. 44. ) ( *Vibra* o largo tridente. Ulyss. de Gabr. Per. Cant. 2. oyt. 47. )  
*Miguel Vibrando a fulminante espada.*  
Malaca Conquist. liv. 2. oyt. 63.  
Vibrar. Lançar. *Vid.* no seu lugar.  
*Os rayos, por Vulcano fabricados,*  
*Vibrava o fero, & aspero Tonante.*  
Camões, Eleg. 1. Estanc. 10.  
*Entra o Sol por exercitos de estrellas*  
*Vibrando luz, & fulminando fogo.*  
Gallegos, Templo da Memor. livro 2.  
Estanc. 155.  
*& exhalando*  
*Infausto fogo do abrazado peito*  
*A lingua assim Vibrou vociferando.*  
Malaca Conquist. liv. 1. oyt. 9.

Fig. 2

Com a passagem para Lisboa, introduzem-se alterações que perduram até ao *Supplemento* e que, aliadas à superior qualidade dos tipos, contribuem para uma mancha gráfica mais equilibrada e legível. Assim, o latim permanece em itálico e o português em romano, mas este é isolado por parênteses. Quanto aos versos portugueses, citados com uma frequência crescente, surgem em itálico e com uma apresentação que procura reproduzir a configuração original (cf. **VIBRAR**, *supra*).

A legibilidade da marcação tipográfica é ainda mais importante se considerarmos que a citação não tem um lugar fixo na estrutura do artigo. Os excertos que servem apenas para abonar ou exemplificar palavras e estruturas claras surgem geralmente no fim, por vezes com a acumulação de vários fragmentos de discurso, sem qualquer orientação para a sua interpretação (cf. também **CARTAM** e **VIBRAR**). Todavia, é comum que a citação se integre em enunciados complexos, em que não há uma rigorosa compartimentação dos espaços consagrados à definição, à abonação e à metalinguagem. É, como veremos mais adiante, o caso das citações comentadas, em que um passo literário pode ser objecto de uma análise semântica, ser parte essencial da definição ou, no limite, constituir a própria definição<sup>655</sup>.

<sup>655</sup> Nestes contextos, a citação e sua localização não apresentam a formulação elíptica que caracteriza a simples abonação: «Cavallerias. Aççoens de valeroso cavalleiro, fingidas, ou verdadeiras. Em hu,

A autoridade da citação é confirmada pela presença da referência, que informa acerca do autor, obra e localização, mediante um extenso sistema de abreviaturas definido no *Catalogo*, uma prática que remonta às primeiras edições do *Vocabulario della Crusca*. Esta codificação parece reflectir o modo como as obras eram geralmente identificadas pelos leitores, visto que se encontram designações por antonomásia (*Ant. Vieira = Sermoens; Fern. Mend. Pinto*), abreviaturas em que apenas é considerado o título (*Luz da Med. = Luz da Medicina, de Francisco Morato Roma*) e outras em que se combinam ambos os elementos (*Dial. de Arraes = Dialogos moraes de Amador de Arraes*). Todavia, e à semelhança do que se pode observar em Richelet (1680), a configuração das abreviaturas varia ao longo da redacção, depreendendo-se que o lexicógrafo se preocupa com a inteligibilidade e não com a normalização<sup>656</sup>.

A precisão com que se registam as localizações das autoridades portuguesas — em geral com o número de página ou de composição poética — afasta o *Vocabulario* do modelo dos dicionários bilingues, em que o vernáculo era abonado de forma episódica e sumária, bastando o nome do autor, como sucede em Nicot (1604) e Pomey (1691)<sup>657</sup>. Ainda assim, subsistem algumas indicações vagas, mas em número pouco significativo tendo em conta o rigor filológico que caracteriza o conjunto. Por exemplo: «DESVIVER. Acabar de viver. He do P. Ant. Vieira num Sermaõ. [...]»; «CIAR, ou ciarse. [...] Pois se Christo se Cia tanto de morrer algum hómem, antes que elle morra pelos hómens. O P. Ant. Vieira.»

---

& outro sentido usa o Padre Antonio Vieira desta palavra. No tom. 1. dos seus Serm. pag. 368. diz este Author. Se lera Cavallerias, sahiria Ignacio hum cavalleiro da ardente espada. E no mesmo tomo, pag. 321. diz o mesmo Author. Se o Soldado depois de tantas cavallerias, se vê a pè [...]» (*Voc. s.u. CAVALLERIA*).

<sup>656</sup> Por exemplo, de acordo com o «Catalogo», a abreviatura *Apologet. disc.* remete para *Apologeticos discursos* de Luís Marinho de Azevedo (1641). Uma breve sondagem revela as seguintes variações formais: Marinho. *Apologet. Discursos*. 15. vers. (s.u. DESMENTIR); Marinho, *Discurs. Apologet. (ENCAMPAR)*; Luis Marinho, *Discursos Apologet. 75. (ESQUIPAÇAM)*; Azevedo. *Discurs. Apologet. fol. 95. vers. (CARGO)*; Luis Mar. de Azevedo, *Apologeticos discursos*, pag. 199. (AVENTUREIRO); Marinho, *Disc. Apologet. 92. verso. (CONSIDERAÇAM)*; *Discurs. Apologet. de Luis Mar. 124. (ENTRADA)*.

### 7.2.1. Funções das citações

No capítulo dedicado às fontes da nomenclatura (IV.1.4.5) observou-se que, na amostra constituída pela letra D, apenas cerca de metade dos artigos incluía uma citação extraída de um autor português. De facto, o esforço de autorização da nomenclatura, que não pretende abranger todas as entradas, concentra-se em domínios específicos do léxico, que são definidos no «Prologo». Bluteau preocupa-se em legitimar as palavras tomadas do latim e do grego «já admittidas, & naturalizadas pelos melhores Escritores deste Reyno» e, de uma forma geral, os termos de uso pouco frequente, cuja propriedade poderia suscitar dúvidas aos consulentes:

[...] porque rara he a palavra, menos vulgarmente usada, ou termo scientifico, & extraordinario, que não venha autorizada com algum exemplo, & juntamente com a citaçam da pagina no livro do Autor allegado. Até das palavras, mais vulgares, muitas vezes trago exemplos, paraque conste do sentido, em que forão usadas; & não he superflua esta curiosa pontualidade, porque sobre o significado de termos corriqueiros & chulos, muitas vezes se levantão controversias, que sô com o exemplo de algum Autor se decidem.<sup>658</sup>

Todavia, mesmo em situações em que a citação seria pertinente, há que considerar a dificuldade em localizar certos termos em textos portugueses, como parece ser o caso da toponímia estrangeira ou das linguagens profissionais menos prestigiadas que não haviam merecido um tratado técnico. Na letra D, pouco menos de 20% dos cerca de 75 topónimos têm abonação, e entre as excepções encontram-se sobretudo nomes do Oriente e da Índia, recuperados das *Décadas* de Barros e outras relações de viagens; no que respeita aos tecnolectos, o lexicógrafo declara que se baseou nos testemunhos dos artífices para documentar a nomenclatura em áreas específicas das “artes mecânicas”<sup>659</sup>.

Em contrapartida, a abonação parece tornar-se supérflua nos conjuntos de lemas com relações de derivação morfológica regular, em que a autorização das palavras

<sup>657</sup> No dicionário de Pomey, os nomes dos autores podem ocorrer imediatamente após a palavra-lema, após a definição, ou depois da citação. Cf. Girardin, 1995: 32.

<sup>658</sup> *Voc. I*: «Catalogo... dos autores».

<sup>659</sup> «Assim tivera eu achado Autores Portuguezes em todas as Artes liberaes, & mecanicas, para allegar com elles? Por falta deste subsidio, corri as mais humildes officinas da Republica; passei tardes inteiras em *Atafonas*, entre *Moegas*, & *Almanjarras*, enfarinhado na Arte de moer, esperdiçador de decoros, & aproveitador de farelos [...]» (*Voc. I*: «Ao leitor pseudocritico»). Aponta ainda os domínios lexicais das artes do ferro e da fabricação do vinho e do azeite. A título de exemplo, numa breve sondagem por *termos de atafona* (i.e., relativos à moagem de cereais) não se registam abonações autorizadas, o que parece confirmar o método de recolha (cf. ALEVADOURO, ALMANJARRAS, ARROJADURA, ATAFONA, CACHORRO, CANGALHAS, CANZIL, CARRETE, DORMENTES, EMPARAMENTOS, MOENGAS).

primitivas sustenta as demais unidades lexicais. Assim, é normal que certas categorias como os advérbios de modo e os participílios adjetivais não registem citações nos respectivos artigos, tal como se verifica nas seguintes sequências (assinalam-se a negro as formas abonadas):

DEBUXADO, DEBUXADOR, DEBUXANTE, **DEBUXAR, DEBUXO**  
**DANÇA**, DANÇADEIRA, DANÇADEIRINHA, DANÇADOR, DANÇANTE, DANÇAR  
**DENTE**, DENTINHO, DENTUÇA  
**DECISAM**, DECESIVAMENTE, **DECESIVO**

No léxico comum, a citação corresponde a aceções particulares ou motivações estéticas e extra-linguísticas que decorrem dos conteúdos do próprio intertexto, daí ser possível encontrar longas séries sem abonações, como:

DESEJADO, DESEJAR, DESEJAVEL, DESEJO, DESEJOSO  
 DOUDAMENTE, DOUDEJAR, DOUDICE, DOUDIVANES, DOUDO  
 DESCONFIADAMENTE, DESCONFIADO, DESCONFIANÇA, DESCONFIAR  
 DESOBEDECER, DESOBEDIENCIA, DESOBEDIENTE, DESOBEDIENTEMENTE

Porque um dos objectivos da citação era confirmar uma opção ortográfica, compreende-se que, nos artigos que funcionam como remissões, o número de abonações também seja diminuto<sup>660</sup>. Mas como neste período subsiste o confronto de usos prestigiados — o que não significa que sejam equiparáveis em frequência — justifica-se a duplicação de grafias e entradas, cada qual com o testemunho da respectiva autoridade.

DESPARAR (F. de Queirós, <i>Vida do irmão Basto</i> )	→ DISPARAR (M. Tomás, <i>Insulana</i> )
DESDANHAR (R. Lobo, <i>Corte na Aldea</i> )	→ DESDENHAR (J. Cardoso, <i>Agiologio Lusitano</i> )
DESUADIR (L. da Costa, <i>Eclogas de Virgilio</i> )	→ DISSUADIR (F. de Meneses, <i>Malaca conquistada</i> )
DOCTRINAR (J. Cardoso, <i>Agiologio Lusitano</i> )	→ DOUSTRINAR (A. Macedo, <i>Dominio sobre a fortuna</i> )

A citação pode desempenhar um papel essencial na construção da definição, proporcionando um «complemento documental directo»<sup>661</sup> que não se limita a ilustrar um sentido ou testemunhar um uso. Se considerarmos que as novas adições à nomenclatura, em comparação com o *Thesouro*, resultam da recolha no *corpus* de autores, o principal suporte do lexicógrafo para elaborar as definições era precisamente o contexto da obra em que a palavra ocorria. Deve mesmo admitir-se que Bluteau sentiu dificuldades em apresentar definições claras e autónomas, dando origem a artigos em que a citação assume em exclusivo a função de uma definição por contexto. Nos exemplos seguintes, as citações assinalam-se a negro:

<sup>660</sup> Na letra D, há citações em apenas 10% das 130 remissões. Formas como DECENDENCIA, DECER, DESCOSTUMAR, DESPOIS, DESPOR, DESPOSSAR, DEZIMA, apesar de constituírem entrada, não são autorizadas.

COTOUCO. **Biscouto, muniçoens, Cotoucos, &c.** Couto, dec. 8. fol. 29. col. 2.  
 CORAZIL. **Pelo Natal pagareis hum Corazil de toucinho.** Chron. de Cister, 1. part. pag. 298. col. 1.  
 CORREGIMENTO. **Esperando por Corregimento da náó, que fazia muyta agoa.** Barr. 1. Dec. fol. 146. col. 3.

Mesmo quando o lexicógrafo conhece o significado, a citação pode constituir uma explicação suficiente, ou porque se trata de uma descrição, ou porque o próprio excerto contém uma definição. Em artigos como CONCAVIDADE e CUQUIADA, recursos como a sinonímia e a marca de uso têm um papel secundário, visto que a principal informação se situa no excerto. As frases de autor adquirem também especial relevância quando a principal definição é dada através de uma tradução latina, pelo que a citação veicula a única informação sobre o significado em português (cf. CORRO, CASO).

CONCAVIDADE [...] Concavidade de chaga. *Vid.* Cavidade. **Alimpar a chaga, & encher de carne a Concavidade.** Recopil. de Cirurg. pag. 10.  
 CUQUIADA. (Termo nautico da India) **Deraõ huma Cuquiada, que entre elles he appellidar terra per huma denotação de vóz.** Barr. 1. Dec. fol. 81. col. 1.  
 CORRO de Touros. *Arena, ae. Fem.* **Lançaí o Touro no Corro, & vereis como a todos remette.** Vieyra, Tom. 8. pag. 300.  
 CASO [...] Caso crime. *Causa capitís.* **Por ser dia, em que se julgaõ os Casos crimes,** Vasconc. Arte Militar. 70. vers. [...]

Este tipo de definições implícitas aproxima o *Vocabulario* do dicionário de Furetière, em que o sentido se explica através de estruturas linguísticas exemplares por ele construídas, uma técnica que Bluteau reproduz empregando excertos autorizados. De facto, a insistência nas transcrições é um traço característico do teatino, pois são numerosos os artigos em que a própria definição parafraseia a citação, o que resulta numa duplicação redundante. Mas ao contrário de Richelet e Furetière, que por norma referem a fonte com intenção de abonar, Bluteau transforma o acto de citar num exercício de argumentação justificativo e defensivo, como se necessitasse de provar palavra a palavra que a sua definição está correcta<sup>662</sup>. Este procedimento é mais notório quando a fonte documental da definição é um tratado técnico, cujo discurso é já próximo do dicionarístico:

CACOCCHIMO. (Termo de Medico) cheo de maos humores. *Vitiosis humoribus redundans, tis.* [...] **Estar muito Cacochimio, ou muito cheo de maos humores.** Recopil. de Cirurg. pag. 340. [...]  
 COLERA. [...] Cólera vitelina, assi chamada, porque he amarella, & crassa, como gemas de óvos. *Bilis lurida.* [...] **Da cólera, que chamaõ Vitelina, que he como gemas de óvos, & he mais acre, & mais grossa, se faz o herpes exedens.** Recop. da Cirurg. pag. 118. [...]  
 CAMISA. [...] (Termo de Pedreiro.) He a cal, argamassa, ou a taipa, com que se cobre, & se reboca qualquer obra de pedreiro. *Crusta, ae.* [...] **Será bom revestilas de adobes, ou com huma Camisa de argamassa, ou taipa, q̃ leva cal, & area, &c.** Method. Lusit. 132. [...]

<sup>661</sup> Quemada, 1968: 518.

<sup>662</sup> Em Furetière, as poucas citações de autor representam quase sempre uma ocorrência singular da palavra-lemma associada a um efeito estético-retórico; em Richelet, o principal objectivo das citações mais longas é a autorização de estruturas sintácticas (Lehmann, 1995: 44-49, 51-53).

Motivado pela orientação enciclopédica, o lexicógrafo cita autoridades que permitam atestar a correcção de factos extra-linguísticos, e não apenas testemunhar o uso do lema enquanto termo do português. Daí que prefira as definições que incluem elementos descritivos (cf. CORACORA) ou indicações sobre o funcionamento e funcionalidades do referente (cf. CINCO EM RAMO, CICUTA), concorrendo para um registo próprio de um dicionário universal.

CORACORA. Embarcação da Índia. **São estas *Coracoras* navios de remo compridos, & estreytos, a modo de fustas.** Lucena, Vida do S. Xavier, 244. col. 1. **Lãçaraõ suas *Coracoras* ao mar.** Couto, 7. Dec. 82. col. 4.

CINCO EM RAMO. Erva, que em cada raminho tem cinco folhas. *Quinquefolium, ij* [...] **A erva *Cinco em ramo cozida em agoa mel sara os achaques do peito, & resiste à peçonha.*** Gabr. Grisl. nos Dezeng. da medic. 112.

CICUTA. Erva venenósa. *Vid.* Ançarinha. **Mortifera *Cicuta*, que suavemente cruel, offende o externo, & corrompe o interior.** Varella, Num. vocal, pag. 162.

É certo que as citações transmitem informação de tipo linguístico, na medida em seleccionam como paradigmático um uso, num contexto semântico delimitado, elucidando o consulente sobre a propriedade do sentido e os co-ocorrentes privilegiados (termos médicos em textos de medicina, por exemplo; cf. CORROSIVO, *infra*).

Os contextos podem ser alargados ao ponto de constituírem núcleos de informação autónomos, ao jeito de “notícias” suplementares, de alguma forma relacionadas com a temática do artigo. Para o leitor esta adição não seria indesejada, tanto mais que muitos dos artigos são o resultado de uma acumulação de dados “curiosos” (cf. CARRIÇA).

CORROSIVO. (Termo Chimico, Medico, & Cirurgico) Medicamento *corrosivo*. O que com a introdução de humor acido, com suas pontas, como com cunhas, separa, & dissolve as partes de hum corpo compacto [...] **Chaga virolenta, & Corrosiva.** Recopil. de Cirug. pag. 228.

CARRIÇA. Avesinha, q̄ anda pelos vallados, & por buracos, donde lhe veyo o nome de Troglodytes, do Grego *Troglas dynei, id est* que vive em cavernas. [...] **A cinza da Ave Troglodytes, a que o povo chama *Carrica* dada a beber em seis onças de agoa fervida cõ duas outavas de lascas de pao Nephritico, ou, em falta delle, em agoa cozida com hũs raminhos de pimpinella, quebra a pedra da bexiga por huma rara virtude oculta.** Curvo, Polyanth. Medicin. pag. 593. num. 12. [...]

O valor estético de uma estrutura linguística ou o emprego metafórico da palavra-lema também justifica o alargamento da citação, visto que se trata de usos particulares, devidos ao engenho de um autor e que apenas naquele contexto específico adquirem um determinado sentido. De modo a evitar uma análise semântica explícita, o lexicógrafo proporciona todos os elementos em que se funda a derivação de sentido, confiando à competência literária e linguística do consulente a interpretação do excerto:

CORRENTE [...] Moeda corrente, no sentido moral. **A moeda dos cõprimentos he a mais *Corrente* de todas.** Lobo, Corte na Ald. Dial. 7. 138. [...]

CRECENTE [...] Crecente da marè. V. Enchente. Crecente. No sentido moral. **Passadas as *Crecentes* das perseguiçõens, & as vasantes da pobreza.** Hect. Pinto, Dialog. pag. 210.

CARMIM [...] Líquido Carmim. Metaphoricamente sangue. **Chega fendendo ao casco a espada esquiua. De líquido Carmim sahe fonte viva.** Malaca conquist. Liv. 11. Oit. 53.

As citações mais extensas podem gozar de uma autonomia que quase as desvincula da definição, pois toda a explicitação das circunstâncias enunciativas tem em vista o sentido da composição, e não o emprego da palavra-lemma<sup>663</sup>. É de supor que os leitores portugueses tenham reagido com agrado à inclusão de excertos literários selectos, o que terá inclinado Bluteau a aumentar o seu número e extensão, contrariando o exemplo dos modelos lexicográficos franceses. Se no últimos tomos do *Vocabulario* já é notório o crescente interesse pelo intertexto poético, no *Suplemento* torna-se claro que o motivo não é a abonação do lema, uma vez que se abrem adendas apenas para transcrever composições poéticas, isto mesmo quando a palavra já havia sido abonada no primeiro artigo<sup>664</sup>. E se a motivação não é metalinguística, também não é enciclopédica, pois este género de citações não descreve características ou funções do referente<sup>665</sup>.

A refundação das academias literárias no final do século XVII, a edição das composições dos académicos, a idealização de uma corte ilustrada e literata sob o patrocínio de D. João V são factores que podem explicar o investimento de Bluteau na fruição literária, citando de um modo sistemático os modelos estéticos mais adequados ao gosto predominante. No que respeita à técnica lexicográfica, este desvio das funções inicialmente consignadas à citação cria uma categoria atípica nos dicionários de língua, demasiado recorrente para que se possa equiparar ao excursos literários que pontualmente se encontram em Furetière<sup>666</sup>.

<sup>663</sup> São momentos de hiato no discurso lexicográfico, em que o consulente é guiado na apreciação de composições poéticas. Nestes contextos, os comentários de Bluteau são geralmente irrelevantes para a compreensão do sentido da palavra-lemma: «ZAFIRO. Pedra fina. Vid. Safira, tomo 7. do Vocabulario. **Zafiro singular, que foy vendido A quem em ferro o tem mal engastado A ver que por se haver em vaõ achado, Em pastas de carvão foy convertido. D. Francisco Manoel em hum Soneto, lamentando o infelice casamento de huma Dama.** Obras Metricas, Tuba de Calliope Soneto XCVI. pag. 49.» (*Supp.*, s.u.).

<sup>664</sup> Os artigos do *Suplemento* podem não introduzir uma nova acepção, ou uma informação adicional a respeito do significado que justifique a adenda. Cf. por exemplo CATASOL e VOLUTA (*Supp.*, s.u.), entre muitos outros, em que apenas se transcrevem várias estrofes de D. Francisco Manuel de Melo e Fr. Simão de Santa Catarina.

<sup>665</sup> A citação integral de uma descrição poética pode justificar um novo artigo, como em «VELHICE. Vid. tomo 8. do Vocabulario. No seu Poema da destruição de Hespanha, Andrè da Sylva Mascarenhas no livro 3. Oitava 21. Descreve a velhice nestes versos, **Tem a velhice hum mal, que debilita A toda a cousa, que animada cresce, Ao rico enjoa, ao pobre necessita, Gasta a belleza, as forças enfraquece, As arvores robustas decrepita, As feras vagarosas entorpece, Herva lhe não escapa, ou flor suave, Nadante peixe, ou volatil ave.**» (*Supp.*, s.u.).

<sup>666</sup> Também é atípico o número de composições poéticas citadas para servir de exemplo à elaboração literária, como se notará adiante.

## 8. Informação retórico-literária

### 8.1. Discursos

No *Prologo segundo*, o lexicógrafo aponta, entre as características que tornam o seu dicionário original, a profusão de «discursos Moraes, Filosoficos, e Theologicos, que sahiraõ da penna do Author, e a Oradores Sagrados, e profanos podem dar para muitos assumptos grande socorro»<sup>667</sup>. Não obstante esta reivindicação de autoria, o modelo é inspirado no dicionário de Rochefort (1685) e aproveita largamente o material nele acumulado, o que não invalida a inclusão de alguns textos do próprio Bluteau, que os contemporâneos reconheciam como um hábil orador. Além do citado *Dictionnaire general et curieux*, este tipo de informação era abundante em manuais de retórica, de lugares predicáveis e de interpretação de passos bíblicos, que o teatino possuiria em várias línguas.

No *Vocabulario*, os discursos são predominantemente orientados para o púlpito, de tal modo são férteis em referências bíblicas e prescrições morais<sup>668</sup>. O espaço que lhes é dedicado é variável, bem como a sua extensão, apresentando-se sob a forma de máximas, apotegmas, ou mesmo breves discursos com uma estrutura lógica coerente, que inclui a apresentação de proposições e uma conclusão. Estes discursos ocorrem na dependência de palavras cujo sentido aponta directamente para valores morais, mas há um considerável grau de imprevisibilidade, já que se verificam inúmeras relações analógicas, decorrentes dos próprios artifícios discursivos. A ordenação deste material parece obedecer mais uma indexação lexical do que temática. Assim, artigos como PECCADO, PECCAR ou PARAISO — que são termos marcados no discurso religioso — são surpreendentemente pobres em sugestões para os pregadores. Todavia, o tema da salvação e da condenação é recorrente ao longo do *Vocabulario*, mas partindo de outros termos-chave em que assenta o discurso.

Bluteau dá preferência a estratégias habituais na parenese barroca, como a personificação dos vícios e virtudes e a insistência na linguagem metafórica:

ENVEJA [...] Em todos os peccados hã algum gosto, inda que falso, & breve. Desafoga a ira, tomando vingança, recrease a sensualidade nas delicias, deleitase a cobiça nas riquezas, cevase a gula nos

<sup>667</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico».

<sup>668</sup> Esta orientação da temática dos artigos é complementada pela assídua citação dos principais pregadores portugueses (cf. cap. IV.7).

banquetes, mas não olha a enveja para o bem, senão para o converter em tormento. **A Enveja he vibora, que rasga o ventre, que a engendrou; traça, que roe o panno, que a produz; Era, que derruba o muro, que a sustenta;** vive do seu veneno, & com suas setas se mata; he o algoz do seu patibulo, & a furia do seu Inferno [...]

Sugere frequentemente imagens alegóricas como a caminhada ou a luta, entre outros lugares comuns do discurso religioso (cf. *ESCRUPULO*, *infra*). No que respeita à língua, sobressai a exploração das relações semânticas, sob a forma de jogos de palavras, enumerações e antíteses engenhosas, e demais estratégias da amplificação barroca, mas sem agudezas extremas que tornem imperceptível o conceito (cf. *VIDA*):

*ESCRUPULO*. [...] Na estreita campanha de huma consciencia timorata, dão os escrupulos grandes batalhas. Duvidosa a alma entre peccado, & não peccado, como se estivera suspensa entre o ceo, & o Inferno, já affirmando o que nega, já negando o que affirma, se contradiz a si propria, & se implica comsigo mesma [...]

*VIDA* [...] Só póde a vida humana parecer breve aos que errando o caminho, vão direitos ao inferno. Notavel loucura esta, queixarse de que passa o tempo, & buscar passa tempos; entregarse a prazeres fugitivos, & sentir que a vida fuja. Mais justa seria a queixa do homem no principio da vida, que no fim, porque nasce para morrer, & morre para sempre viver [...]

Estes discursos podem ser autónomos em relação ao sentido da palavra-lemma, na medida em que são ponto de partida de desenvolvimentos analógicos. Assim se interpretam as séries de sentenças lapidares, aparentemente desconexas entre si porque a presença da palavra-lemma não é obrigatória. Veja-se o exemplo de *VESTIDO*, em que se aborda o tema da “ vaidade ” sem que este seja explicitamente introduzido, dependendo a interpretação de uma leitura global do conjunto de frases:

*VESTIDO* [...] O peccado foi a causa, porque se introduzirão os vestidos; quem se glorea delles, do peccado se glorea. [...] Foraõ os vestidos inventados para cobrir, não para enfeitar. He desavergonhado o vestido, q̄ merece mais barretadas, que seu dono. Não he sempre melhor o ginete, q̄ tem melhores jaezes. Em Arithmetica não monta nada a cifra, senão encostada a algum numero. Não se julga da bondade do licor pelo exterior da vasilha. [...] Homens de engenho obtuso, ordinariamente vestem panno mais fino [...]

A constante alusão a exemplos bíblicos era um elemento essencial na estrutura do sermão, que admitia também exemplos retirados da história antiga. No domínio dos textos sagrados, Bluteau é bem mais copioso que Rochefort, o que é compreensível se recordarmos que era doutor em teologia e trabalhava simultaneamente na composição do *Oraculum utriusque testamenti*. Se exceptuarmos os contextos em que a citação da Bíblia assume os contornos de um comentário exegético, com a invocação dos doutores da igreja, não há claras distinções entre o aproveitamento discursivo das personagens bíblicas

e da história antiga. Ambos os universos constituem um fundo de exemplos de boa ou má conduta, de valor ou iniquidade<sup>669</sup>:

ENVEJA [...] Desdo principio do mundo ardeo o Demonio neste fogo, delle resultaraõ a Adaõ, na extinção da sua felicidade, as cinzas da morte. Do coração do Demonio se ateou no coração de Cain o fogo da Enveja: o primogenito da natureza foi o primeiro verdugo da innocencia. O mayor mal da Enveja, he pegarse ao melhor. Tambem busca este fogo os altos; sô virtudes, & talentos sublimes saõ isca para este incendio. Felipe, Rey de Macedonia não podia sofrer o valor de seus capitaens. Alexandre aborrecia a Lysimacho grande General; chorou Cesar de rayva, vendo no retrato de Alexandre, o exemplar dos Heroes; [...]

Parte destas sentenças pode ter origem em excertos recolhidos em autores portugueses, compilados por Bluteau nos mesmos cadernos que forneceram as abonações. No tomo VIII, s.u. VERDADE, encontra-se uma longa lista de «Verdades géraes, para toda a sorte de homens, tomadas de livros Portuguezes, impressos, ou manuscritos», com 12 páginas e sem indicação de fontes. Apesar de também poderem suportar o desenvolvimento de discursos, o lexicógrafo apresenta-as neste artigo como sentenças didáticas — «Ethicas, Politicas, & Economicas» — destinadas ao aperfeiçoamento do leitor, o que confirma a orientação moral de todo o conjunto de informações a que nos temos referido<sup>670</sup>.

## 8.2. Mitologia

Os grandes dicionários latinos, como o *Thesaurus* ou o *Calepino*, acumulavam notícias respeitantes à mitologia, sob a forma de breves explicações de carácter erudito, excertos literários e estruturas linguísticas, tendo como principal objectivo a interpretação dos autores clássicos. Reelaborando o mesmo fundo linguístico e documental, publicavam-se também colectâneas de tipo lexicográfico orientadas para a retórica, que do

<sup>669</sup> Todavia, raramente associa figuras bíblicas e personagens da mitologia pagã, como sucede s.u. EXEMPLO (*Voc.*): «Quando o imperio do principe não abala ao subdito, obrigao o exemplo. A seu pagem da lança mandou Saul, que o matasse; mas não obedeeo; tirou Saul pella espada, & se tirou a vida, logo o pagem cobrou valor, & á imitação de seu senhor, se matou a si mesmo. Tanto que Jupiter, primeiro Nume da Gentilidade, se avassallou a Cupido, todos os mais deoses se sogeitaraõ ao imperio do Amor, pode mais o exemplo do Principe, que a Ley». A mitologia greco-latina, repleta de alegorias e simbolismos, era particularmente apta para desenvolvimentos em discursos profanos e poéticos, de acordo com tópicos transmitidos também pela tradição retórica e a lexicografia latina (cf. cap. IV.8.2).

<sup>670</sup> O lexicógrafo justifica o carácter atípico desta informação num dicionário de língua: «Não faltarão Criticos, que condenem esta colecção de verdades, como impropria para hum Vocabulario, mas acho,

imaginário mitológico destacavam aspectos como os epítetos e as descrições poéticas e simbólicas<sup>671</sup>.

Os primeiros dicionários monolíngues franceses, que pretendiam valorizar e autonomizar o vernáculo, resistiram à inclusão na nomenclatura dos nomes fabulosos, bem como da antroponímia em geral (Richelet, Furetière, Corneille, Académie). Até ao final do século XVII, a mitologia é considerada um domínio dos dicionários históricos, que os próprios autores cultivam e publicitam com realce nas páginas de rosto e nos prólogos. O primeiro subtítulo de Moreri é «Mélange curieux de l’histoire sacrée et profane, qui contient en abrégé l’histoire fabuleuse des dieux & des Heros de l’Antiquité Payenne»; poucos anos depois, um dos propósitos da edição do *Dictionnaire historique et critique* (1697) de Pierre Bayle será precisamente ampliar e corrigir o fundo de história antiga e mitologia de Moreri<sup>672</sup>.

Entre as fontes privilegiadas de Bluteau, o primeiro exemplo da incorporação de mitónimos num dicionário de língua é a abrangente edição revista e ampliada do *Dictionnaire universel* de Trevoux (1721), que é publicado no período da elaboração do *Supplemento*. Mais do que uma inflexão nos limites da nomenclatura do *Vocabulario*, que recusava os nomes próprios, trata-se de um novo tipo de informação, subordinada a uma renovada orientação estético-literária. Esta abertura aos mitos merece insistentes justificações no *Prologo segundo*, em que o lexicógrafo afasta prudentemente as comparações com dicionários históricos.

[...] nomes de pessoas pertencem a Vocabularios Historicos, como he o de Moreri; nomes de cousas são para Vocabularios de linguagem. He verdade, que no meu Vocabulario tenho dado lugar a nomes de pessoas, como v. g. Apollo, Atlante, Bacco, Bellorophon, Cadmo, Faetonte, &c. mas estas são pessoas fabulosas, e ficticias, e como taes nem cousas são [...]<sup>673</sup>

---

que outros Autores de Vocabularios, os enchem de noticias muito menos uteis, que estas» (*Voc.*, s.u. VERDADE).

<sup>671</sup> Deste género de dicionários é exemplo o *Apparatus Latinae locutionis, in usum studiosae juventutis, post Marii Nizolii principia, ex Marci Tullii, Ciceronis, libris collectus* [...] *nominibus quoque, sua Epitheta: Verbis verò, Adverbia subiuncta sunt...* (1632), que Bluteau consultou e cita no *Vocabulario de vocabularios* (*Supp.* II). Nesta obra, que contempla os nomes mitológicos, os artigos incluem um parágrafo especificamente dedicado à enumeração de palavras que costumam acompanhar a palavra-lemma, na condição de adjectivos ou epítetos.

<sup>672</sup> Afirma Bayle: «Et comme Mr. Moreri s’est beaucoup plus abusé dans ce qui concerne la Mythologie, & les familles Romaines, que dans l’Histoire moderne, j’avois principalement fait des recueils sur les Dieux & sur les Heros du Paganisme, & sur les grans hommes de l’ancienne Rome.» (*Dictionnaire historique*, 1697, «Preface»: 2).

<sup>673</sup> *Supp.* II: «Ao leitor pseudocritico».

Tambem he de notar, que como a mayor parte dos Numes, ou Heroes fabulosos tem além do nome mais commum, outros nomes no idioma Portuguez usados, porque chamaõ os nossos Poetas a Vulcano *Mulciber*, a Marte *Gradivo*, a Bacco *Lyeo*, &c. não he escusada a noticia, e declaração destes appellidos: de mais, como este Vocabulario he Portuguez, e Latino, entendi, que convinha fazer menção dos nomes, epithetos, e frases Latinas dos antigos Poetas, para ajudar aos compositores em hum, e outro idioma [...]<sup>674</sup>

Todavia, o tratamento lexicográfico destas unidades lexicais ultrapassa em muito o esclarecimento dos epítetos, alargando-se a todas as informações essenciais para uma correcta interpretação e uso em discurso elaborado, com a descodificação justificada das metáforas e dos símbolos, relatando quando necessário os meandros dos episódios lendários, tal como faziam Moreri, Bayle e Hofmann.

O alargamento a um discurso histórico e enciclopédico é corroborado pela presença de entradas e extensos artigos dedicados à mitologia egípcia e do norte da Europa, bem como a deuses pagãos e epítetos referidos na Bíblia, que decerto não seriam comuns na poesia portuguesa. Por exemplo, na letra C do *Suplemento* encontram-se 3 nomes egípcios (CANOPO, CRACO, CYNOCEPHALO), 2 referências bíblicas (CEPHAS, epíteto de Pedro; CHAMOS, ídolo), uma divindade alemã (CRODO) e o peninsular CID, este último como designação poética dos que se destacam pela valentia. Os restantes situam-se na esfera da Antiguidade greco-latina:

CADMO	CELMIS	CHLORIS	CORONIS
CALLÍOPE	CENEO	<b>CID</b>	CORONIS
CALLIRHOE	<b>CEPHAS</b>	CINTILIA	<b>CRACO</b>
CALYPSO	CEPHEO	CIRCE	CRANA
<b>CANÓPO</b>	CEPHEO	CLEMENCIA	CROCUS
CARIATIDES	CEPHALO	CLIO	CRODO
CEIX	CEPHISO	CLITIA	CUPIDO
CELENO	CERES	CLITORIS	CYBELE
CELENO	<b>CHAMOS</b>	CLITIA	<b>CYNOCEPHALO</b>
CÊLERES	CHARYBDE	CLITORIS	CYPARISSO
CELMES	CHIONE	CLOTHO	

Somando os artigos sobre instituições e ritos da história antiga, em que a religião é geralmente retomada, pode considerar-se que no *Suplemento* o discurso lexicográfico é preenchido por alusões a episódios míticos, com reflexos no índice de frequência de determinadas unidades lexicais. Assim, algumas palavras que no *Vocabulario* tinham uma expressão pouco significativa, tornam-se recorrentes nos dois últimos tomos, como os

<sup>674</sup> *Supp.* II: «Ao leitor impertinente».

nomes dos principais deuses. Compare-se a letra C (tomo II) com o todo o *Supplemento*<sup>675</sup>:

	Letra C (1712)	Supp.
Jupiter	29	326
Venus	25	118
Baco	9	138
Deoses	15	283
Deosa	6	283

Tal não significa que a mitologia estivesse ausente no *Vocabulario*, mas em todo o caso merecia uma atenção marginal, como uma informação complementar de difícil localização. Um conteúdo que no artigo CYPRESTE (tomo II) é uma nota quase etimológica, no *Supplemento* autonomiza-se graças ao destaque concedido à explicação dos mitos:

CYPRESTE [...] Dizem, que o fumo do *Cypreste* queymado afugenta os mosquitos, & que ramos delle, metidos entre os vestidos, os preservaõ da traça. *Cypreste*, & seu nome Latino *Cyparissus*, se derivaõ de *Cyparus*, que he o nome de hum menino, do qual fingiraõ os Poetas, que fora convertido por Apollo em *Cypreste*. [...]

CYPARISSO. Mancebo de tão boa feizaõ, que delle se namorou Apollo. Criava hum veado, que elle matou por erro; do que ficou tão sentido, que se quiz matar a si proprio. Apollo movido de piedade, o transformou em Acipreste. *Ovid. liv. 10. Metamorph. Fab. 3.*

Os conteúdos dos tópicos de informação mais comuns contribuem para que os artigos se apresentem repletos de mitónimos e designações alegóricas equiparáveis, muitos dos quais nem possuem uma entrada autónoma. Um desses tópicos obrigatórios é a complexa genealogia dos deuses, só por si responsável por uma sobrecarga de nomes:

CUPIDO. Fabuloso Deos do amor, a que os Poetas, e Filosofos deraõ diferentes pays. Hesiodo o faz filho do **Caos**, e da terra; Luciano, e depois delle Cicero, filho de **Marte**, e de **Venus**; Arcesiaõ, da **Noite**, e do ar; Sapho de **Celo**, ou do Ceo, e de **Venus**; Alemeon de **Flora**, e de **Zephiro**; Plataõ da **Pobreza**, e de **Poro**, filho do **Conselho**, e da **abundancia**; Seneca de **Vulcano**, e de **Venus**. Ovidio, e antes delle Plutarco, querem que haja dous Cupidos; e o mesmo Plataõ reconhece dous, o primeiro filho de **Venus Urania**, *id est*, **Celeste**; e o segundo de **Venus Terrestre**, ou **Marina**, nascida da escuma do mar. Outros finalmente o fazem filho de **Jupiter**, e de **Venus**, ou do **Erebo**, e da noite. [...]

Para além de uma relação sintética dos principais episódios que tornariam compreensíveis a generalidade das alusões literárias<sup>676</sup>, o lexicógrafo investe na descrição

<sup>675</sup> A dimensão do *corpus* constituído pela letra C do tomo II corresponde a 75% do número total de palavras do *Supplemento* (cerca de 485.000).

<sup>676</sup> Os mitónimos com larga exploração literária merecem extensos artigos no *Supplemento*, mais pormenorizados, como APOLLO, BACCO, JUPITER, VENUS, o mesmo se verificando com as personagens míticas celebradas pela tradição épica, como HELENA ou PENELOPE.

e comentário das representações simbólicas das divindades, que reuniam toda uma série de marcas características comumente reconhecidas e glosadas pelos poetas. Esta insistência, que não é típica de Moreri, acompanha decerto a preferência da estética barroca pelos enigmas e divisas, frequentemente baseados em alusões mitológicas<sup>677</sup>:

CYBELE [...] Em humas medalhas antiquissimas se vê Cybele representada, pondo a mão sobre hum tambor, figura do globo da terra; nas torres que lhe poem sobre a cabeça, se significaõ as Cidades, e outras Povoaçõens; as cadeiras que tem ao redor de si, demonstraõ que em quanto ella fica immovel, tudo ao redor della se move [...] No Leaõ solto, e manso se denota, que naõ ha terra taõ bravia, que naõ possa ser cultivada. Os que representaraõ a Cybele com huma chave na mão, quizeraõ dizer, que no tempo do Inverno a terra fecha em si toda a sua vegetativa prole, e na Primavera se abre para a pôr na luz do Mundo. [...] Os quatro animaes, que puxaõ pelo carro de Cybele, denotaõ as quatro Estaçoens do anno, ou os quatro ventos cardinaes, ou os quatro elementos. Finalmente deraõ a Cybele Saturno por marido, porque naõ produz a terra, senaõ com o tempo [...]

Estes comentários alargam-se em sugestões de desenvolvimentos retóricos, em que a partir dos vícios e virtudes alegorizados na mitologia pagã se compõem discursos de tom moralizante, conformes com a doutrina cristã. Mais uma vez, trata-se de uma marca que o *Vocabulario* não partilha com os dicionários históricos, devendo-se esta configuração às motivações pessoais do lexicógrafo e expectativas dos receptores. Veja-se o artigo CUPIDO, em que o pecado e a condenação do amor sensual se tornam domínios temáticos centrais:

CUPIDO [...] Em toda a parte onde se acha, causa desordens, roubos, homicidios, adulterios, incestos, e todos os mais crimes saõ seus inseparaveis companheiros. Por isso os Antigos o representaraõ, ora como filho da noite, e da pobreza, ora como parto da discordia, e do litigio, deraõlhe por sequazes o arrependimento, a dor, as inimizades, e a febre, querendo dizer, que delle nascem todas as desordens, e desatinos, que na escuridade das trevas, e da culpa se comettem, e que naõ he huma só doença, mas hum composto, e huma multiplicação de todos os males. Está nũ, porque ordinariamente quem ama, se despe de quanto possui, descobre o seu segredo à imitação de Sansaõ, e fica objecto de escarneo, e alvo de todos os opprobios, e miserias do Mundo. [...]

Não obstante estarmos em presença de um universo de referência culturalmente prestigiado e valorizado pela tradição literária, subsiste a preocupação em sublinhar incessantemente a falsidade de todas as religiões pagãs, ídolos, prodígios e rituais da gentilidade que, de acordo com Bluteau, «quanto mais extravagantes saõ, mais acreditaõ as solidas verdades da nossa Sagrada Theologia» e «as ridiculas fabulas, que delles se contaõ, nos devem servir de motivo para dar graças a Deos, de nos ter allumiado com a doutrina do Euangelho»<sup>678</sup>. A redacção destes artigos obedece às cautelas que a censura inquisitorial impõe, recorrendo a expressões modalizantes como *fabuloso*, *patranha*,

<sup>677</sup> Bluteau desenvolve amplamente este tema na «Prosa symbolica. Tratado compendioso da arte symbolica, declarada em toda a sorte de figuras enigmaticas» (*Prosas Portuguezas*, II: 11-106).

<sup>678</sup> *Supp.* I: «Ao leitor impertinente».

*fingirão os Poetas*, que afastam o perigo de o lexicógrafo ser acusado de propagar heresias, ainda que de forma involuntária<sup>679</sup>.

Resta referir a dicionarização da tradução de longas séries de epítetos latinos, que neste período gozariam de um estatuto lexical dúbio, consideradas ora portuguesas, ora latinas. O *Vocabulario* admite na nomenclatura epítetos derivados de adjectivos e topónimos latinos, mas o facto de o lexicógrafo não apresentar abonação em autores portugueses para uma parte destas palavras sugere que a principal motivação é compendiar informação erudita para uso literário. De facto, nem todos os epítetos, directamente derivados de adjectivos e topónimos latinos, possuem a mesma capacidade de se adaptar à morfologia portuguesa: ACIDALIA, AGNIFERO, ANTÍTYPO, ARMÍSONO, BRONTEO, CINTILIA, DELIO, DIONYSIO, DIRCEO, EGIOCHE, EGOBOLO, ELELEO, FEBUO, FERETRIO, GRADIVO, HYPERIAÕ, INTERCISO, LIBER, MENDRACULA, MULCIBER, NOCTURNA, PAPHIA, PYTHIO, VESPERTINO, VITREO<sup>680</sup>.

O número de epítetos é elevado, somando os que fazem parte da nomenclatura com aqueles que surgem como informação complementar no interior dos artigos. A enumeração comentada dos epítetos é uma técnica de redacção muito frequente, uma vez que a explicação dos seus significados invoca toda uma série de episódios fabulosos ou circunstâncias como o nascimento, poderes, local de culto ou metamorfose de uma personagem mitológica. O facto de o lexicógrafo integrar estas palavras com naturalidade no enunciado português constituiria uma autorização implícita do uso em vernáculo:

CYBELE. Filha de Celo, irmã, e mulher de Saturno, que pario a Jupiter, e foy chamada Mãe dos Deoses; teve muitos outros nomes, porque tambem lhe chamaraõ *Rhea*, *Dyndimena*, *Berecynthia*, *Idea*, *Perlinuncia*, *Ops*, *Maya*, *Tellus*, e *Boa Deosa*. [...] *Rhea*, tambem he nome, derivado do Grego *Reein* (correr fallando em cousa liquida) e a *Cybelle* se deu este nome, por causa das chuvas, e influencias celestes, que fertilizaõ a terra [...] *Dyndimena*, ou *Dyndimia*, he nome que se deu a *Cybele*, porque foy particularmente adorada em hum monte da *Phrygia*, ou da *Troada*, chamado *Dyndima* [...]

<sup>679</sup> Trata-se de um conjunto de marcas que por norma não ocorrem em Moreri: (s.u. CADMO) «**fingio a Fabula**, que Cadmo, e Hermiona foraõ mudados em Serpentes»; (CHARYBDE) «o que **deu motivo aos Poetas**, que Charybde, e Scylla eraõ dous horrendos monstros»; (CEPHEO) «**fingiraõ os Poetas**, que fora transformado em Astro [...] foy reputado invencivel pela virtude de hum cabelo, **que (pelo que dizem)** lhe tinha pegado na cabeça, depois de o tirar da de Minerva»; (GERYAO) «A Fabula de Geryaõ **era huma patranha** da Phenicia, cuja explicação he esta»; (ANUBIS) «Os Authores naõ só Christãos, mas tambem Gentios, **zombaraõ deste ridiculo, e fabuloso Deos** dos Egepcios».

<sup>680</sup> Exemplos recolhidos no *Supp.* As fontes das formas autorizadas encontram-se geralmente nos poetas dos séculos XVII e XVIII: «DELIO. Epitheto, que os Poetas daõ a Apollo, ou ao Sol, por ter nascido na Ilha de Delos. *Delius. Virg. Nas aguas se mergulhe o Delio Nume*. Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 367.»; «GRADIVO. Epitheto, que deraõ os Poetas ao Deos Marte [...] *Toma espada o Gradivo soberano*. Faria, Fonte de Aganipe, liv. I. Centuria 6. Soneto 84.»

Os Poetas Latinos chamaõ a Cybele, *Alma Deum genitrix, Alma parens Idae, Magna Deum mater, Turrigera*, ou *Turrita Dea, Phrygia mater, Cybeleya Dea*.

Tal como o artigo CYBELE ilustra, a estrutura inclui normalmente um segundo núcleo de informação que reúne epítetos e frases da tradição poética latina sem quaisquer comentários, e cuja adaptação ao português é mais problemática, pois resultam de designações por paráfrase.

O testemunho de Bluteau indicia que esta duplicação não seria entendida pelos leitores como desnecessária, pois permitia distinguir quais os epítetos admissíveis em português e quais os restritos ao latim<sup>681</sup>. Numa leitura global dos artigos, o *Supplemento* proporcionaria o acesso a um tipo de informação muito similar à que se encontrava em manuais de apoio à composição como o *Gradus ad parnassum*, decerto com menor variedade de exemplos, mas com a vantagem de apresentar notas eruditas mais amplas<sup>682</sup>.

### 8.3. Codificação literária

Nos artigos relativos aos géneros poéticos e formas métricas, o tipo de informação complementar orienta-se para a enunciação de preceitos e modelos estéticos que regulam a composição literária. O *Vocabulario* é configurado à medida dos interesses de uma elite culta que encontrava nas diversas academias um espaço de afirmação social e fruição, que permaneceu temporalmente para além da fundação da Academia Real de História (1720). Nas *Prosas Portuguezas*, em que se registam os principais nomes da Academia dos Generosos, Bluteau dá conta do gosto dos nobres pela erudição e literatura latinas, adivinhando-se uma habilidade para a composição poética em latim, cultivada desde tenra

<sup>681</sup> «como este Vocabulario he Portuguez, e Latino, entendi, que convinha fazer menção dos nomes, epithetos, e frases Latinas dos antigos Poetas, para ajudar aos compositores em hum, e outro idioma» (*Supp.* II: «Ao leitor impertinente»).

<sup>682</sup> O *Gradus ad Parnassum, sive novus synonymorum, epithetorum, phrasium poeticarum, ac versuum Thesaurus*, compilado pelo jesuíta Paul Aler, não consta do «Vocabulario de vocabularios», nem é referido no texto do *Supplemento*, mas há evidentes contactos no tipo de informação que ofereciam. Veja-se um exemplo retirado de uma edição de 1716:

— (*Supp.*) «PENELOPE. [...] Os Poetas Latinos chamaõ a Penelope *Icaria, Icaris, Icariotis. Casta Ulyssis conjux. Difficilis procis. Illus docta fugare procos. Nocturno solvens texta diurna dolo.*»

— (*Gradus*) «Penelope, es. [...] Icaris filia, Ulyssis conjux, quae absente per viginti annos marito castitatem inviolatam servavit. Redux Ulysses, sub mendici habitu procos omnes interemit. SYN. Icaris, icariotis. EPITH. Icaria, pudica, casta, pia, fidelis, fida, formosa, decora, Argolica. PHR. Casta semper Ulyssis conjux. Absenti fida marito. Multis una petita procis. Illus docta fugare procos.»

idade<sup>683</sup>. Aí se encontram figuras que fariam parte do círculo de relações do lexicógrafo e que colaboraram na elaboração do *Vocabulario*, remetendo-lhe sugestões de entradas e informações relacionadas com a composição literária, em que confluem as suas preferências estéticas<sup>684</sup>.

É no *Suplemento* que o espaço dos preceitos formais se alarga — a par da fábula mitológica e dos epítetos — com a adição de novos artigos e a amplificação de aspectos que haviam sido abordados no *Vocabulario*, constituindo um breviário poético português e latino. A participação assídua de D. Francisco Xavier, o ressurgimento das academias após um longo período de guerra, o patrocínio da D. João V às artes são explicações possíveis para um género de compilação sem precedentes nos dicionários franceses do século XVII.

O *Vocabulario* já contempla a generalidade dos termos da poesia vernácula e latina, mas com um tratamento lexicográfico menos orientado para a sistematização e exemplificação<sup>685</sup>. De facto, é comum que nos artigos se privilegie a informação linguística e o acesso ao significado, e que as citações ilustrem o uso e o sentido da palavra-lemma, e não a forma poética em causa:

BALHATA. Canção, com que se baila. He composta de repreza, mudanças, & volta. *Saltatorium carmen, inis. Neut.* ou *Saltatoria cantilena, ae. Fem.* *Balhata* vem do verbo Italiano *Ballare*, que quer dizer *Bailar*, porque com estas cançoens cantavaõ, & bailavaõ. Phelip. Nun. *Arte Poet.* pag. 26. vers.

ENDECHA. Poesia funebre composta de humas coplas, como as de Romance, & humas vezes se fazem de seis pès cada verso, & outras vezes de sinco pès somente, & quanto aos soantes se guarda a mesma regra, que no Romance. Querem alguns, que *Endechas* seja huma corrupção da palavra *Indicios*, porque as *Endechas* são *Indicios* de tristeza, & de amor. [...] Tornemse *Endechas* tristes As doces cantilenas destas aves. Crist. d'alma, 215. [...] *Endechas*, como verso funebre se podê chamar, *Nenia*, ou *Naenia, ae. Fem. Ovid. 6. Fastos.* ou *Naeniae, arum. Fem. Plur.* Tambem a versos alegres se dá o nome de *Endechas*. Cantando alegremente *Endechas* semelhantes às que nas Aldeas se costumaõ. Maris, *Vida de S. Joaõ de Sahagum*, 2. part. pag. 106.

<sup>683</sup> *Prosas Portuguezas*, I: 20-21.

<sup>684</sup> Para além dos Condes da Ericeira (cf. cap. I.2.2), importa destacar o nome de Inácio de Carvalho e Sousa (1680-1759?), fundador e anfitrião dos Anónimos, onde explicava as lições da arte poética, e membro das principais academias da época (cf. Inocência Silva, *Dic. Bib.*, III: 205). Como reconhece no «Prologo Segundo», «ao seu laborioso estudo, e discreta curiosidade deve este *Vocabulario* a noticia dos termos mais exquisitos da Poesia Portugueza» (*Supp.* II: «Ao leitor malévolo»).

<sup>685</sup> Os principais termos da poesia vulgar que merecem artigo próprio no *Vocabulario* estão enunciados s.u. POESIA: «A Poesia vulgar, Portugueza, além das Eclogas, dos Enigmas, Anagrammas, Acrosticos, Centoens, & composicoens varias de versos retrogradados, Leoninos, &c. que imita da Poesia Latina, dá largo campo ao engenho humano em outras muytas obras metricas, como Coplas, Grozas, Redondilhas, Lyras, Romances, Sonetos, Madrigaes, Vilhancicos, Balhatas, Canções, Tercetos, Quartetos, Oitavas, & Sextas rimas, Sextinas, Decimas, Labyrinthos, &c.»

O lexicógrafo considera suficiente definir tipologias, com uma informação sucinta que assenta em traços distintivos essenciais, mas que não são ilustrados com excertos (cf. REDONDILHA, *infra*). Isto verifica-se quando os artigos têm de comportar notícias sobre as diversas acepções de uma palavra-lemma (como DECIMA, ECO, ESTANCIA, LABERINTO, por exemplo) em que, além do uso como termo poético, se regista o sentido primitivo ou outros.

REDONDILHA [...] Ou se chama *Redondilha*, porque se canta nos coros das Tragedias, & Comedias, nos quaes se dança, & dançando se dà muyta volta. Compõem-se de cinco, ou de quatro, & às vezes de oyto versos. Ha *Redõdilhas* simples, dobradas, & mistas. As mistas tem hũa Redondilha de quatro versos, & outra de cinco. Não temos palavras proprias Latinas para estes generos de versos.

Por outro lado, se no *Suplemento* são frequentes os aditamentos que se limitam a um único tema, os artigos do *Vocabulario* ressentem-se mais do espírito de acumulação, pelo que palavras-lemma como VERSO motivam largos excursos com informação erudita histórica e mitológica, sugestões para amplificações retóricas e dezenas de traduções de fraseologia latina, sobrando pouco espaço para uma discriminação dos principais tipos de versos.

Não surpreende que a informação a respeito da poesia latina seja mais abundante, mesmo quando o termo em análise se pode aplicar à produção em português. Os poetas clássicos eram modelos matriciais, que inspiravam as composições dos académicos com um arsenal de recursos estéticos, que os manuais de retórica e as selectas literárias reproduziam e perpetuavam<sup>686</sup>. Não haveria metro, forma ou temática para o qual Bluteau não pudesse reunir com facilidade exemplos prestigiados e esclarecedores, bastando para tal valer-se da sua completa formação literária em La Flèche e da experiência em compor versos latinos, que exercitava com assiduidade. E porque uma parte considerável da produção poética do século XVII foi publicada em castelhano, os leitores não estranhariam que os exemplos para determinadas formas métricas engenhosas fossem apresentados nessa língua e não em português<sup>687</sup>.

As formas poéticas que por norma merecem descrições mais pormenorizadas, tanto no *Vocabulario* como no *Suplemento*, são aquelas que obedecem a prescrições

<sup>686</sup> Cf. RETROGRADO, em que as palavras e versos retrógrados são copiosamente ilustrados com exemplos latinos e com um soneto castelhano, mas sem uma única citação portuguesa.

<sup>687</sup> Cf. o artigo RIMA, em que todos os géneros de rima recebem citações em castelhano.

rigorosíssimas, e cujo grau de dificuldade demonstra a mestria do poeta no domínio da língua e dos códigos<sup>688</sup>:

TERCETO. (Termo da Poesia vulgar.) Compõem-se de tres versos, de tal maneira entresachados, que o terceiro responda ao primeiro, & o primeyro do Terceto seguinte ao segundo do immediato, que passou, & se pódem fazer quãtos o Poeta quizer. Porém o ultimo Terceto ha de levar hum pé mais que responda ao segundo pé do mesmo Terceto ultimo. Não se ha de suspender o cõceito de hum Terceto para outro, aindaque Garcilazo o fez. [...]

LABERINTO. Tambem se da este nome a obras de engenho em versos, ou em prosa, com certo genero de coplas, dicções, ou letras, tam artificiosamente intrincadas, que sem se conhecer o artificio, não se póde entender o sentido. [...] Outros Laberintos se fazem de versos inteiros, os quaes lidos ao direito, ou ao revez, saltados, ou cruzados, ou de outras maneiras, fazem copla com um soneto retrogrado. Outros se compoem de de Coplas, Redondilhas, ou de Serventesios. Outros ha donde não só se lem os versos de muitas maneiras, porém lidos de outra, fazem hum sentido, & lidos de outra, fazem o contrario, & compoemse de Coplas a Arte mayor, & de Redondilhas menores. [...]

A terminologia relativa à técnica de composição poética encontrava-se sobretudo em obras castelhanas. Por isso, neste domínio específico, os dicionários e os tratados franceses dão lugar às obras peninsulares, mais adequadas ao gosto estético vigente. A *Arte Poetica Española* (1592) de Juan Diaz Rengifo (1553-1616) é uma fonte privilegiada, na medida em que recolhe preceitos técnicos e abundantes exemplos que, sintetizados por Bluteau, conferem aos artigos do *Vocabulario* um intenção didáctica próxima do texto original. O confronto dos artigos acima citados com o tratado de Rengifo evidencia a intertextualidade:

Otros Tercetos ay, que se componen de tres versos de tal manera eslavonados, que el tercero responda al primero, y el primero del Terceto, que se sigue, al segundo del inmediato, que passò; y desta manera se vãn continuando, y se pueden hazer quantos el Poeta quisiere: pero el vltimo Terceto ha de llevar vn Pie mas, que responda al segundo Pie del mismo Terceto vltimo. [...] Finalmente en est [sic] Metro no se ha de suspender el concepto de vn Terceto para otro, como de ordinario no se haze en el Latin en los versos Elegiacos, aunque Garcilasso de la Vega le suspendiò en la Elegia segunda [...]<sup>689</sup>

Otros Labyrinthos se hazen de versos enteros, los quales leídos al derecho, ò al revès, saltados, ó cruzados, ù de otras maneras, siempre hazen Copla, como el Soneto Retrogrado, que queda atrás [...] Otros se componen de Coplas Redondillas, ò de Serventesios en esta forma [...] Otros Labyrinthos ay, donde no solo se leen los versos de muchas maneras, pero leídos de vna, hazen vn sentido, y leídos de otra, hazen el contrario, y componense de Coplas de Arte mayor, y de Redondillas menores [...]<sup>690</sup>

<sup>688</sup> Recorde-se que Bluteau não criticava o rigor formal, mas a vacuidade dos temas a que se dedicavam as academias literárias do século XVII: «O engenho, discrição, agudeza e primor Poetico, com que os Academicos trataraõ estes, e outros semelhantes assumptos, certamente he digno de admiração; não póde haver assumptos mais inuteis, e menos dignos do talento, habilidade, e sciencia de taõ grandes sogeitos!» (*Prosas Portuguezas*, I: 337).

<sup>689</sup> Rengifo, *Arte poetica...*, 1727 (1592): 87.

<sup>690</sup> *Ibidem*: 184-185.

Entre os autores portugueses, a breve *Arte poetica* (1615) do dominicano Filipe Nunes, citada em BALHATA, é a fonte mais frequente de Bluteau, proporcionando, além das definições, algumas composições castelhanas modelares<sup>691</sup>. As principais diferenças do *Suplemento* em relação ao *Vocabulario* decorrem do facto de as adições não incluírem informação linguística e análise semântica. São artigos atípicos, em que o lexicógrafo propõe sínteses abrangentes, sob a forma de pequenos tratados, que inclusivamente podem repetir informações presentes em outras entradas do *Vocabulario*<sup>692</sup>. Trata-se afinal de uma subversão dos princípios de ordenação dicionarística que seguiu ao longo dos oito volumes, pois o objectivo já não é a indexação extensiva do léxico, e pode recorrer a palavras-lemma muito mais genéricas, próprias de um dicionário enciclopédico tematicamente orientado. Alguns artigos extensos como VERSO (8 páginas) apresentam uma divisão interna por meio de subtítulos, que agrupa a informação em núcleos temáticos:

VERSO [...]

Versos Latinos, mais usados, e que fazem melhor harmonia [...]

Nomes de versos latinos em ordem ao numero dos tempos, e das medidas dos versos [...]

Titulos latinos, e grego-latinos para varios assumptos de versos [...]

Outros nomes latinos, e Grego-Latinos, que pelo extraordinário, e engenhoso artificio da sua composiçãõ se chamaõ *Ludus Poeticus* [...]

Outra característica do *Suplemento* é o facto de o lexicógrafo não parecer impor limites de espaço à exemplificação, acompanhando os preceitos com modelos seleccionados<sup>693</sup>. No artigo SONETO (6 páginas) reproduzem-se integralmente 17 textos, entre os quais duas engenhosas composições com efeitos visuais que obrigam a quebrar a composição tipográfica regular, e que aproximam definitivamente as páginas do *Vocabulario* — no conteúdo e na forma — de uma colectânea selecta do gosto das academias literárias. O estilo encomiástico, a referência explícita a nomes e factos presentes, a consagração pública nas páginas do dicionário de figuras preponderantes na corte, são marcas transversais a toda a obra, mas que no *Suplemento* se acentuam graças à citação das produções académicas:

<sup>691</sup> O título completo da obra é *Arte poetica, e da pintura, e symmetria, com principios da perspectiva* (1615) e apenas os primeiros 36 fólhos (74 no total) são dedicados à definição e partes da poesia, incluindo um tratado de versificação.

<sup>692</sup> Por exemplo, no artigo SONETO do *Suplemento*, os tópicos «soneto com eco» e «soneto retrogrado» reelaboram e amplificam as entradas ECO e RETROGRADO do *Vocabulario*.

<sup>693</sup> E.g.: «SONETO. No setimo tomo do Vocabulario temos dado contada differença dos Sonetos, mas sem exemplos delles, circunstancia necessaria para a noticia, e uso deste genero de Poesia [...]».

SONETO TETRACROSTICO  
 Em applaudo do Presidente da Academia dos Applicados  
 TRISTÃO GUEDES DE QUEIROS,  
 Na Sessão de 30. de Janeiro de 1720.  
 Pelo Academico Applicado Francisco de Almada.

* A pollo vos	V dmire, e	A me	A ltamente,
A riftão por	A ntos	A T ritulos,	A triumfante,
R ayos	R I epita, e	R I ay	R I utilante,
I usto	I nterpondo	I uizo	I ntelligente.
* S abio	S ois o mais	S olido, e	S apiente,
S tendo o	S iunfo no	S ropico	S onante;
S T amiravel este	S T ais	S T amplauda	S T amante
S T amcurio	S T amgniloquo	S T amgniloquo	S T amgniloquo
* S T amlorias	S T amrato	S T amozais	S T amlorificando
S T amoffa	S T amictoria, e	S T amalido	S T amencendo
S T amffa	S T amsfera effe	S T amspirito	S T amlevando:
* S T amonde effes	S T amons, e	S T amores	S T amispendendo,
S T amlevais	S T amsse	S T amngenho,	S T amxuperando
S T ameculos	S T amempre, e	S T amabios	S T amuspendendo.

Fig. 1

## SONETO PROTEO, EM LABYRINTHO,

Retrogrado, Terciado, Continuo, tirado dos Enneaticos applausos, que compoz Francisco de Sousa de Almada em obsequio do Duque de Banhos, aliás de Aveiro,

METRO VII. ASSUMPTO V.

O qual he darfe a sentença em hum Sabbado, que foy a 17. de Fevereiro, do Anno de 1720.

A Urora, Estrella, Sol,	Gloria Maria,
Esperança, Astro, bem,	Nectár, sustento,
Senhora, liberal,	Segura Guia,
Confiança singular,	Sacro portento
Tutora Celestial,	Alta Alegria,
Bonança, Candor, luz,	Suave alento,
Valedora, Geo, flor,	Sagrada via,
Aliança superior,	Facil augmento,
Defensora, ley, paz,	Apta Harmonia,
Segurança, Não, Mar,	Doce concerto,
Pandora Virginal,	Sacra valia,
Aliança, prazer, Dom,	Contentamento,
Exora feliz Mãe,	Glorioso Dia,
Alcança ao Duque fim,	Dã vencimento.

Fig. 2

Além do intertexto poético, o *Supplemento* alarga-se a conteúdos que dificilmente se enquadrariam nas categorias informativas de um dicionário de língua. Um dos melhores exemplos dessa abrangência é o catálogo de ecos latinos, um dicionário de rimas que estende ao longo de 18 páginas. Com o intuito de «facilitar no idioma Latino o uso deste genero de obra, que ordinariamente dá muito trabalho aos mais agudos engenhos», Bluteau abreviou, decerto para uso pessoal, uma lista de rimas publicada no século XVI pelo humanista Janus Douza (Johan Van Der Does, 1545-1604)<sup>694</sup>. Na prática, trata-se de um dicionário dentro de um artigo de dicionário, que podia figurar entre os vocabulários publicados no fim do segundo tomo.

O *Supplemento* é um compêndio de limites muito flexíveis, que aceita todo o tipo de notícias para uso dos poetas e fruição dos leitores, ainda que não se conformassem com a nomenclatura portuguesa. Os leitores — entre os quais o Conde da Ericeira, que tece largos elogios à estrutura e aos conteúdos que ele próprio ajudou a delinear<sup>695</sup> — apreciariam um conjunto de contributos diversos para uma poética do engenho, com particular destaque para a métrica, formas e textos exemplares, em latim e português.

<sup>694</sup> «como o dito Catalogo he raro, com má ordem impresso, e diminuto, para servir aos amigos deste genero de curiosidades, procurey darlhe melhor fórma, tirar huns vocabulos (na minha opiniaõ) inuteis, e accrescentar outros, que me parecem precisos» (*Supp.*, s.u. ECO).

<sup>695</sup> Cf. *Supp.* I: «Censura do Excelentissimo Conde da Ericeira».

#### 8.4. Adágios portugueses

A incorporação no *Vocabulário* de um fundo de milhares de adágios portugueses resulta de um esforço de inventariação que decorreu ao longo do século XVII. Bluteau valoriza um património de memória que já então era entendido como uma manifestação simultaneamente cultural e linguística, e que seria bastante apreciado se considerarmos o destaque que lhes foi concedido nas obras lexicográficas precedentes. Os adágios — enunciados concisos, culturalmente significativos, que encerram uma mensagem moral ou prática<sup>696</sup> — terão conhecido nos séculos XVI e XVII um amplo uso no ensino das línguas, o que justificaria a sua inclusão em várias edições de cariz didáctico e uma eficaz divulgação e partilha destes micro-textos no interior da comunidade<sup>697</sup>. A quantidade de adágios era também um dos argumentos na longínqua disputa dos vernáculos, em que o número e a originalidade deste tipo de frases concorria para uma expressão pautada pela abundância e pela concisão, marcas incontestáveis da antiguidade e da perfeição<sup>698</sup>.

De acordo com a definição de Bluteau, o adágio é uma «sentença cõmum, popular, & breve com alluzão a alguma cousa»<sup>699</sup> e os termos refrão, provérbio e ditado são seus sinónimos. Quanto a outros conceitos próximos, o anexim é um «axioma vulgar, dito picante, como aquelles de ã commummente usaõ Regateiras, & gente popular», a sentença um «dito grave, de poucas palavras, & com algum documento moral» e o apotegma «huma breve sentença, pronũciada por algũ varaõ illustre»<sup>700</sup>.

Os reflexos da literatura paremiológica na lexicografia portuguesa estão presentes logo no dicionário de Cardoso, que incorporou no seu texto o «Index prouerbiorum secundum ordinem alphabeti» dos *Adagia* (1500) de Erasmo, com a respectiva

<sup>696</sup> A definição é de Hartmann e James, 2001: s.u. PROVERB, PAROEMIOGRAPHY.

<sup>697</sup> «A leitura, análise e memorização dos provérbios e textos análogos, na instância escolar, não pode deixar de ter tido influência na configuração das mentalidades e das competências linguísticas. Os textos dos alunos e até o discurso geral quotidiano deveriam repercutir uma certa impregnação do vocabulário e das próprias fórmulas proverbiais» (Verdelho, 1995: 297). A sua inclusão no dicionário da Académie, que recusava citações literárias, é justificada pelo facto de traduzir estruturas linguísticas fixadas pelo uso popular. Cf. Chevalier, 1998: 300.

<sup>698</sup> Manuel Severim de Faria, nos *Discursos varios politicos* (1999 (1624): 89), apresenta como uma das provas da perfeição da língua portuguesa o «grande número de sentenças, adágios, ditos, e motes, que se trazem vulgarmente, onde com suma brevidade se mostram grandes conceitos».

<sup>699</sup> *Voc.*, s.u. ADAGIO.

tradução<sup>701</sup>. Mas é em colectâneas da segunda metade do século XVII que encontraremos as fontes que informaram o *Vocabulario*, principiando com *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs* (1651) por António Delicado (1610-?). Esta obra acumula mais de 3500 provérbios, agrupados em núcleos temáticos encabeçados por palavras-chave, a que o autor chama lugares comuns, considerando que deste modo «ficam em muito melhor disposiçam, que os que andam em outras linguas escritos, porque com facilidade se acharam sobre qualquer materia, grande numero de conceitos, de conselhos, de doutrina de experiencia, que podem servir, nam só para cousas particulares, mas para importantes discursos em pensamentos maiores»<sup>702</sup>.

Mas o reportório mais divulgado foi sem dúvida o «Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingua portuguesa (1655) de Bento Pereira, publicado juntamente com a *Prosodia* a partir de 1661. O «Florilegio», além das «Frases portuguezas, a que correspondem as mais puras, e elegantes latinas», inclui os «Principais adagios portuguezes, com o seu latim proverbial correspondente», com cerca de 1800 provérbios ordenados alfabeticamente pela primeira letra da frase<sup>703</sup>. A vertente da tradução, que não fora contemplada por Delicado, torna mais evidentes os casos em que o provérbio português decorre do latim (e.g. «Ao homem ousado a fortuna dà a mam / Audaces fortuna juvat»), bem como a situação contrária, em que a confluência assenta nos conceitos e não nas palavras, indiciando a autonomia do adágio português (e.g. «Se te fizeres mel, comerteham as moscas / Quisquis ovem simulat, hunc lupus ore vorat»).

---

<sup>700</sup> *Voc.*, s.u. ANEXIM, APOTHEGMA, SENTENÇA, respectivamente.

<sup>701</sup> Cf. Verdelho, 1995: 417. Os cerca de 4000 adágios de Erasmo, divididos em quilíades e centúrias, ocuparam um espaço essencial na pedagogia humanista. Antes de Cardoso há a registar a publicação de um *Index rerum et verborum copiosissimus ex Des. Erasmi Roterodami Chiliadibus* (Coimbra, 1549), compilado por João Vaseu, e que permitia um fácil acesso à informação erudita e literária (*ibidem*: 411-414). Cf. tb. Teyssier, 1980: 30-32.

<sup>702</sup> António Delicado, *Adagios*, 1651: «Ao leitor». A ordenação alfabética aplica-se à sequência dos lugares comuns e também à disposição dos provérbios no interior de cada um dos conjuntos temáticos, por vezes em séries de largas dezenas. Veja-se, a título de exemplo, a lista dos lugares comuns principiado por A: *affeizam, agradecimento, agricultura, amizade, amo & creado, animaes, asno, astrologia pera agricultura, avareza & cobiça*. Cf. Ribeiro, 1999.

<sup>703</sup> Sobre estes complementos da *Prosodia*, cf. Verdelho, 1982: 18-19, que propõe uma leitura do *Florilegio* como veículo para «uma mensagem doutrinária» que insinua «uma ordem espiritual e política». O conjunto insere-se numa tradição de transmissão cultural em que a selecção de frases e temas revela uma síntese das preocupações históricas, nomeadamente a guerra e um ambiente cavaleiresco. Cf. também Silva, 1999.

Apenas a interpretação dos adágios latinos justifica a adição de comentários que explicam alusões mitológicas ou peculiaridades culturais<sup>704</sup>.

O *Vocabulário* propõe uma reordenação deste *corpus*, em que o agrupamento temático ou a seriação estritamente alfabética são substituídos por uma indexação que valoriza determinadas palavras-chave dos enunciados. Cada um dos adágios citados num artigo representa uma ocorrência efectiva da palavra-lemma, pelo que a sua função não é ilustrar um significado ou um sentido, mas sim documentar o uso de uma unidade lexical. Uma das consequências desta estratégia de leitura é o facto de o lexicógrafo poder constituir longas listas de provérbios em que o termo-chave é uma palavra de significação linguística, e em que não se pretende qualquer espécie de unidade temática entre os exemplos<sup>705</sup>.

A recolha foi ampliada no *Suplemento*, decerto exaurindo quase por completo o material que ainda não fora aproveitado. Tomando por exemplo os artigos CABEÇA, conclui-se, por um lado, que todos os adágios faziam parte das compilações anteriores e, por outro, que a leitura do lexicógrafo foi meticulosa, uma vez que se encontram reproduzidas 18 das 25 ocorrências da palavra “cabeça” em António Delicado e 5 das 8 ocorrências em B. Pereira.

— *Voc.:*

CABEÇA [...] Adagios Portuguezes da cabeça.

[D] Não te metas em contenda, não te quebrarão a cabeça.

[D] A cabeça com comer endireyta.

[D] A dor de cabeça minha, & as vacas nossas.

[D] Quebrasme a cabeça, untasme o casco.

[D] Tal cabeça, tal sizo.

[BP] Ditoso de quem experimenta em cabeça alhea.

[BP] Isto vos há de dar na cabeça.

[D] Nunca lavey cabeça, que me não sahisse tinhosa.

[BP] Não nos doa a nós a cabeça até lá.

[BP] Quem não tem cabeça, não há mister carapuça

[D] Quem em pedra duas vezes tropeça, não he muyto quebrar a cabeça.

[BP] Quantas cabeças, tantas carapuças. *Quot homines, tot sententiae.* [...]

<sup>704</sup> E.g.: «Quem troca odre por odre, algum delles ha de ser podre. / Diomedis, & Glauci permutatio. Foi troca desigual: porque em Troia Diomedes deu a Glauco suas armas de cobre por humas de ouro». O facto de pontualmente se citarem adágios castelhanos, sem qualquer tradução ou equivalentes portugueses, revela um intercâmbio ibérico no que respeita a este património linguístico: «Paga loque debes, sanarás del mal, que tienes. / Solve aes alienam, & quod te cruciat, scies».

<sup>705</sup> Palavras de diversas categorias gramaticais podem motivar listas de adágios. Alguns exemplos, recolhidos na letra A do *Suplemento*: ACHAQUE, ACOMETER, AGORA, AINDA, AL, ALCANÇAR, ALEGRIA, ALHO, ALMA, AMETADE, ANDAR, ANTES, AONDE, AQUELLA, AQUI, ARMA, ARRANHAR, ARREPENDER, ASSAZ, ASSI, ASSOMBRADO, ASSOPRAR, ATIRAR, AVENTURAR.

— *Supp.*:

CABEÇA. Vid. tomo 2. do Vocabul. Outros Adagios da Cabeça.

[D] Não sejas forneira, se tendes Cabeça de manteiga.

[D] Ensaboar a Cabeça do asno, perda do sabaõ.

[D] A Cabeça do vesugo, come o sesudo, e da boga dá à sua sogra.

[D] Quem pedra para cima deita, cahelhe na Cabeça.

[D] Se queres enfermar, lava a Cabeça, e vaite deitar.

[D] O mulato sempre parece asno; quer na Cabeça, quer no rabo.

[D] Preguiça não lava a Cabeça, e se a lava, não a penteia.

[D] A quem tem Cabeça, não lhe falta carapuça.

[D] Boa he a fazenda, quando não sobe à Cabeça.

[D] Com Cabeça de lobo, ganha o raposo.

[BP] Escarmentar em cabeça alheia.

[D] Ainda que João Vaz tem besta, não deixaõ de lhe dar na Cabeça.

Este tipo de ordenação subverte o agrupamento temático e não orienta o leitor para a interpretação mais comum do adágio, pelo que o dicionário não cumpre a função de explicar o sentido. Bastará notar que, em CABEÇA, os adágios extraídos da obra de Delicado inseriam-se em temas como *guerra & paz, medicina, ignorancia, mulher, asno, economica, maldade, morte, preguiça, prudencia, animaes*.

São mais informativos os artigos que apresentam o adágio como um enunciado linguístico com um significado bem delimitado e que pode ser aplicado num determinado contexto comunicativo. O lexicógrafo procura atribuir-lhe uma explicação e um uso racionais, relatando experiências da vivência social ou as metáforas que estão na origem de um determinado dito formular (cf. «Senão bebo na taverna, folgome nella» e «Bebe como funil»).

BEBER [...] Proverbialmente se diz, **Ninguém diga desta agoa não beberei**, *id est*, vendo ao proximo em algum trabalho, consideremos, que nos pode succeder o mesmo. *Homo es, nihil à te alienum putes*. Com outro adagio popular diz o vulgo. **Se não bebo na taverna, folgome nella**. Applicase aos que estão vendo com gosto o passatempo, ou occupação, em que outros se deleitão, como v.g. o que na casa do jogo està vendo jogar a outros, & não joga. *Oculis laetitiam capio*. He frase de Cicero, ou *Alieno delector oblectamento*. De quem bebe muito vinho, dizemos, que **Bebe como funil**. *Est vino inexplibilis*, assim como diz Quintiliano, *Potu inexplibilis*. [...]

Para a tradução dos adágios portugueses em latim proverbial recorre geralmente a excertos de inspiração literária, pelo que a equivalência reside num sentido global que procura reproduzir intenções discursivas similares. Este tipo de citações era abundante nos grandes dicionários latinos, mas Bluteau terá também consultado o adagiário de Erasmo, que merece no *Vocabulario* algumas referências precisas<sup>706</sup>.

<sup>706</sup> «MENDRÍCULA. Supponho, que he corrupção de Mandragora, herua cuja raiz he usada para philtros, ou feitiços, que induzem a amar; tanto assim, que (como advertio Erasmo, Chil. 4. Centur. 5. mihi pag. 864. num. 64. sobre o adagio Latino Bivere *Mandragoram*) os Antigos chamáráõ à

Esta segunda técnica de apresentação dos adágios é muito semelhante à que se encontra em Furetière, que os encarava como expressões fraseológicas, integráveis em contextos discursivos. De resto, “proverbialmente” e “diz-se proverbialmente” são fórmulas de redacção que Bluteau aprendeu no *Dictionnaire universel*, e que neste dicionário introduzem longos parágrafos dedicados à explicação de estruturas linguísticas que não se limitam aos adágios, abrangendo também expressões idiomáticas<sup>707</sup>.

## 9. Dicionários especializados

A adição de glossários especializados, índices, listas de fraseologia e adágios era uma prática comum nos dicionários latinos ou bilingues do século XVII. Todavia, a evolução da técnica lexicográfica tornou cada vez menos pertinente a presença destas listas auxiliares, uma vez que o tipo de informação que reuniam foi progressivamente integrado em artigos do texto dicionarístico principal, localizáveis na ordenação alfabética da nomenclatura. Se nas obras monolíngues do final do século (Richelet, Furetière) já não se encontra qualquer tipo de dicionário especializado, eles continuam presentes nos principais dicionários bilingues.

O *Thresor de la langue françoise* (1606) é um bom exemplo de estrutura complexa, reunindo num único tomo um espectro muito diversificado de informação linguística relativa às línguas clássicas e aos principais vernáculos, pois além do dicionário francês-latim, acrescenta uma gramática francesa traduzida em latim, uma recolha de adágios vulgares com tradução, uma reedição ampliada do *Nomenclator octilinguis* de Hadrianus Junius e um glossário latim-grego<sup>708</sup>. Em outras obras, pretendia-se somente o acesso a

---

Mandragora *Circea*, epitheto tomado da famosa Maga, ou encantadora Circe.» (*Supp.*, s.u.) Cf. também CARRILHO e QUADRADO, entre outros.

<sup>707</sup> Um exemplo da similitude da técnica de redacção: «EAU, se dit proverbiallement en ces phrases. Un Medecin d'eau douce, c'est à dire, un malhabile Medecin qui n'a pour remede que de l'eau douce. On dit qu'un homme a mis de l'eau dans son vin, pour dire, qu'il est revenu de son emportement. Ses desseins vont avau l'eau, pour dire, Cela luy donne l'envie d'en taster [...]» (Furetière, *Dict. Univ.*, s.u.).

<sup>708</sup> A diferentes secções têm títulos bem destacados e, por vezes, folha de rosto e paginação próprias: «Exact et tres facile acheminement a la langue francoise»; «Ioannis Aegidii Nuceriensis adagiorum gallis vulgarium, in lepidos et emunctos latinae linguae versiculos traductio»; «Nomenclator octilinguis omnium rerum propria nomina continens»; «Nomenclator e duobus glossariis

informação não indexada, como é o caso do «Indice delle voci e locuzioni latine» do *Vocabolario della Crusca* (1623), ou da «Table» do *Dictionnaire de l'Academie* (1694), em que se indicam e localizam as palavras tratadas em subentrada, em virtude da ordenação etimológica da nomenclatura no referido dicionário. A informação gramatical para o vernáculo é pouco considerada, assinalando-se o exemplo da «Liste des verbes dont quelques temps se conjuguent irrégulièrement», registada no *Grand dictionnaire françois et latin* (1713) de Danet. Mas é no âmbito dos dicionários especializados que se comprova a continuidade entre a tradição das obras bilingues e o *Vocabulario*, nomeadamente nos catálogos que recolhem domínios restritos do léxico (antroponímia, toponímia), terminologias ou informações de tipo retórico-literário (cf. *supra*, cap. III.2.3)<sup>709</sup>.

### 9.1. Vocabulários onomásticos

Sob a designação genérica de «Vocabulario de nomes propios», Bluteau reúne um conjunto de 9 listas de antropónimos, de extensão desigual, precedidas por uma reflexão acerca da variedade, antiguidade e características particulares dos nomes portugueses. Considerando o facto de também recorrer a fontes documentais como a *Monarquia Lusitana*, é provável que a maior parte dos dados tenha sido coligida em simultâneo com a composição do corpo dicionarístico principal.

De acordo com o prólogo do *Suplemento*, os antropónimos haviam sido excluídos da nomenclatura porque exigiriam um tratamento consentâneo com o modelo definido nos dicionários históricos, que estava a ser aplicado para os mitónimos e os topónimos<sup>710</sup>. Daí

---

vetustissimis collectus, Latinograecus»; «Index rerum et verborum omnium quae a nomenclatore explicantur».

<sup>709</sup> Entre as obras contemporâneas na redacção do *Vocabulario*, registre-se o *Dictionnaire Royal* (1691) de Pomey, que inclui «cinquante Descriptions; comme aussi d'un petit Traité de la Venerie & de la Fauconnerie», ou o *Lexicon universale* (1698) de Hofmann, com «indicibus atque catalogis regum, principum, populorum, temporum, virorum et feminarum illustrium, animalium, plantarum; tum praecipue nominum, quibus regiones, urbes, montes, flumina, &c. in omnibus terris».

<sup>710</sup> Para o lexicógrafo, o esforço de pesquisar biografias portuguesas seria demorado e, neste campo, as fontes francesas revelavam-se pouco abundantes. «O meu Vocabulario não he de pessoas. Se nas folhas dos nomes das pessoas entrar o de Adam, será necessario dar nellas lugar a Abel, a Abrahaõ, a Abimelec, e todas as mais pessoas insignes, cujos nomes começam por A, e pelo consequente será preciso fazer o mesmo dos nomes, que principiaõ pelas mais letras de todo o Alfabeto: nomes de

que Bluteau prefira identificar-se com o dicionário bilingue de Pomey (1691), que proporcionava um modelo menos ambicioso, mas com coerência tipológica, cingindo-se a um conjunto de informações adequadas ao âmbito de um dicionário de língua (aspectos como a inventariação, sinalização de formas corruptas, fixação de variantes ortográficas e a equivalência latina)<sup>711</sup>.

Na sequência das listas parcelares percebe-se uma distinção fundamental entre os nomes de pessoas (1-3) e os nomes de personagens fictícias da tradição literária (4-8):

- 1) Vocabulario de nomes propios, gentilicos, e christãos, para o latim, e para os distinguir uns dos outros no Bautismo (pp. 3-12)
- 2) Vocabulario de nomes propios masculinos, e femininos, mais, ou menos usados, mais vulgares, ou mais raros (pp. 13-48)
- 3) Nomes muito raros de Emperadores, Reis, Príncipes, e Cavalheiros (pp. 48-51)
- 4) Nomes de cavalleiros andantes, e outros destes livros (pp. 53-55)
- 5) Nomes de pastores, e pastoras (p. 55)
- 6) Nomes ridiculos, que formáraõ Adagios, e historias vulgares (p. 55)
- 7) Nomes de Comediantes Italianos (pp. 55-56)
- 8) Nomes de Comediantes Francezes (p. 56)
- 9) Nomes propios usados dos Portuguezes no Brasil (p. 56)

Os dois primeiros vocabulários são os mais importantes do conjunto e, apesar de uma aparente sobreposição no que respeita aos objectivos, terão sido finalizados em momentos distintos e com horizontes de exaustividade diversos, diferindo na selecção e ordenação da nomenclatura, na extensão dos artigos e no aprofundamento dos conteúdos informativos. É o próprio lexicógrafo que sublinha o carácter parcelar do repertório inicial, advertindo que «na segunda parte deste Vocabulario de nomes propios, que se segue, achará o Leitor outro Catalogo de nomes propios [...], mais amplo, e mais exacto, que este primeiro»<sup>712</sup>.

O âmbito restrito da nomenclatura (apenas 72 entradas) deve-se ao facto de pretender sobretudo o esclarecimento de casos em que era duvidosa a existência de um santo, como se depreende do conjunto de entradas na letra A: ADEOSINDA, AIDULFO, APRÍGIO, ARAGUNTA, ARTÛRO, ALDONÇA, ALDA, ABRIL, APPARÍCIO, AYMERICO, AFFONSOS, AHUFO AHUFES, AYRES, ANNES. Bluteau não o cita, mas há um evidente paralelo com um opúsculo publicado

---

personas pertencem a Vocabularios Historicos, como he o de Moreri; nomes de cousas são para Vocabularios de linguagem.» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

<sup>711</sup> «Peloque tenho observado, de todos os Autores de Diccionarios, Francezes, e Latinos, só o P. Francisco Pomey [...] se lembrou dos nomes propios [...]. Animado com este exemplo, não só direy o Latim, que aos nomes propios costumaõ dar os Autores, mas distinguindo os nomes Christãos, a estes darey a preferencia, por serem ordinariamente nomes de Santos.» (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes propios»: 1).

<sup>712</sup> *Ibidem*: 12

poucos anos antes pelo abade Claude Chastelain (1639-1712), em que a tónica era precisamente a conveniência em adoptar nomes de santos católicos<sup>713</sup>.

No que respeita às fontes informadoras, a *Monarquia Lusitana* e as *Décadas de Barros* forneceram a maioria dos nomes antigos, raros ou fora de uso, bem como as respectivas ocorrências em contexto, que introduziam breves notícias históricas<sup>714</sup>. A atestação dos nomes ultrapassa o âmbito da antroponímia portuguesa ou da hagiografia cristã, com a inclusão de notas de tipo biográfico, relativas a nomes de bispos e de membros das famílias reais, recolhidas nos dicionários de Moreri e Hofmann<sup>715</sup>. Mas o domínio privilegiado é claramente o da hagiografia, com frequentes alusões a episódios das vidas dos santos, extraídos do *Martyrologio romano* (1681) e do *Agiologio Lusitano* (1657-1666)<sup>716</sup>.

A inclusão de nomes de santos não usados em Portugal parece resultar da consulta do «Vocabulaire hagiologique» — também composto por Chastelain — que foi publicado em anexo ao *Dictionnaire Etymologique, ou Origines de la Langue Française* (1694) de

<sup>713</sup> *Vocabulaire des noms français et latins des saints et des saintes que l'on peut donner au baptesme et à la confirmation, et sous le titre desquels une église ou une chapelle peut être bénie*, 1700 (68 pp.). Para além da semelhança do título, as advertências de cariz religioso são um assunto central no prólogo justificativo que antecede a nomenclatura: «Em ordem ao Latim, os nomes proprios Portuguezes se podem reduzir a tres classes: huns differem do Latim, outros são quasi meramente Latinos, outros de nenhuma sorte são derivados do Latim. [...] A terceira classe, he dos nomes proprios, que não sómente não tem afinidade com o Latim, mas não são nomes de Santos, nem nas lendas mais antigas se achaõ. Neste lugar obriga-me o zelo a estranhar em Reinos Catholicos, nomes proprios, improprios ao decoro, e santidade da Religiaõ, que as pessoas professão. [...] Supposto isto, devem os Pays, Padrinhos, e Parocos procurar com zelo, que aos bautizandos não se ponhaõ nomes, Gentilicos, Fabulosos, extravagantes, e ignotos à Igreja [...]» (*Supp.*, II, «Vocabulario de nomes proprios»: 1-2).

<sup>714</sup> «BERENGUER, *Berenguella, e Berengueira*. [...] Dona *Berenguella*, filha delRey D. Sancho o Primeiro, criou-se em Lorvaõ. *M.L. tomo 4. fol. 33. c.* [...]»; «BERMUM. [...] Entre os Capitaens da grossa Armada, que no anno de quinhentos e cinco ElRey D. Manoel mandou à India, faz Joaõ de Barros mençaõ de hum *Bermum* Dias, Fidalgo Castelhana. *1. Dec. fol. 151. col. 4.*» (*Ibidem*: s.u.).

<sup>715</sup> «BRANCA. Nome, indaque profano, proprio de muitas Princezas, e Rainhas Christãas; *Branca* de Valois, Emperatriz, mulher do Emperador Carlos IV. de Luxemburgo. *Branca* de Castella, Rainha de França, filha de Affonso IX. *Branca* de França, Rainha de Bohemia; outra *Branca* de França, filha posthuma delRey Carlos IV. [...] Os Autores Latinos, quando fallaõ em Princezas deste nome *Branca*, dizem *Blanca*. *Blanca Castellana. Blanca Aquitana. Blanca Artesia, &c. Lexicon Universale Joannis Jacobi Hofmanni.*» (*Ibidem*: s.u.).

<sup>716</sup> «BRITES, ou Britis. [...] com pouca mudança he nome derivado de *Beatriz*, Santa, que no tempo do Emperador Diocleciano foy affogada na cadea pela confissãõ de Christo Senhor nosso. Era irmã dos Santos Simplicio, e Faustino, que depois de muitos, e diversos tormentos foraõ degollados. No Martyrologio Romano se faz mençaõ desta Santa aos 29. de Julho. [...]» (*Ibidem*: s.u.).

Ménage<sup>717</sup>. Esta fonte revelou-se útil na fixação dos nomes latinos correspondentes e na tentativa de explicar as “corrupções” que originaram as formas vulgares:

— «Voc. de nomes»:

MAFALDA. No seu Vocabulário Agiologico diz Menage, verbo *Sicildis*, que de *Mathildis* os Francezes fizeraõ *Mahaud*. Nos de *Mathildis* e *Mahaud* fizemos *Mafalda* [...]

— «Voc. Hagiologique»:

*Sicildis*, Sainte Seraute; Vierge du Maine; communément *Sainte Serote*. Ce nom c'est ainsi formé: *Sicildis*. Sefaut, comme *Mathildis* Mahaut; puis *Seraut*, comme pour *maison* le peuple du Maine dit *mairon*; & enfin *Seraute* [...]

O segundo vocabulário, «de nomes próprios masculinos, e femininos», foi elaborado de raiz, repetindo entradas e dados que constavam no anterior. A extensão da nomenclatura, com perto de 530 entradas, constitui a diferença mais notória num conjunto em que subsistem traços como as anotações biográficas ou os episódios das narrativas hagiográficas.

A longa sistematização teórica que o precede (pp. 13-19) tem em conta o leitor estrangeiro — que é explicitamente referido<sup>718</sup> — uma vez que insiste em minuciosas explicações a propósito da formação dos nomes em português, focando aspectos como a combinação dos apelidos ou o emprego da preposição *de*. O lexicógrafo aponta uma série de fontes antes não consideradas, nomeadamente o elenco de nomes dissimulados e de anagramas recolhidos nos *Commentarios* (1639) de Faria e Sousa; os nomes antigos e raros do *Catalogo real genealogico de España* (1639), por Rodrigo Mendes Silva; ou o capítulo «As origens de todos os appellidos e armas das familias nobres do reino» nas *Noticias de Portugal* (1655) de Severim de Faria<sup>719</sup>.

O objectivo é compilar uma ampla lista de nomes e, simultaneamente, apreciar a frequência de uso, através de uma classificação tripartida que também contempla a dimensão diacrónica. Em cada sequência alfabética as entradas são divididas em três grupos: *nomes comuns*, *nomes raros* e *nomes antigos*. As designações adoptadas suscitam dúvidas de interpretação, pois um grupo de nomes *comuns* abarca unidades com índices

<sup>717</sup> «Vocabulaire hagiologique, ou recueil de noms de saints, contenant principalement ceux que l'usage a éloignés de leur origine». Com mais de um milhar entradas em latim ao longo de 40 páginas, é complementado por um índice remissivo dos nomes em vulgar.

<sup>718</sup> «[...] e aqueles, que julgaõ inuteis, ou ridiculas nos Vocabularios estas observaçoens, não sabem que para os Estrangeiros são muitas vezes, como as mais importantes» (*Supp.*, II: «Vocabulário de nomes próprios»: 13).

<sup>719</sup> Quanto a fontes francesas, por duas vezes cita o *Traité de l'origine des noms et des surnoms, de leur diversité, de leurs propriétés* (1681), de Gilles-André de la Roque (*Supp.*, II: «Vocabulário de nomes próprios»: 15; *ibidem*: s.u. TRISTAÕ).

de frequência diversos, o que motiva a adição de comentários como *não he muito commum*, ou *pouco usado*. Por outro lado, a julgar pelas fontes de abonação, muitos dos nomes classificados como *raros* são também *antigos*, mas conheceram um uso continuado até ao século XVIII, sendo todavia pouco frequentes. Veja-se o exemplo dos nomes masculinos da letra M:

— Nomes de homens mais communs:

MANOEL, MARCOS, MARÇAL, MARTINHO, MATTHEUS, MATHIAS, MAURICIO («naõ he muito commum»), MAURO («he pouco usado»), MAXIMO («Em Portugal naõ he muito commum»), MELCHIOR, MIGUEL

— Nomes de homens mais raros:

MACÁRIO («Naõ he vulgar»), MAMEDE, MANRIQUE («He mais usado em Castella, que em Portugal; e o foy só em algumas familias nobres»), MANÇOS («He mais usado nas Provincias»), MEDARDO («nome de um Bispo de Suessons em França»), MENDO

— Nomes masculinos antigos:

MANFREDO («houve hum Rey de Napoles deste nome»), MARINHO, MARIO («pouco usado em Portugal»), MEM, MOÇO, MONINHO

De novo ocorrem nomes que, sem serem usuais em português, faziam parte da memória histórica europeia ou eram antropónimos comuns em línguas estrangeiras. De modo a facilitar a tradução, são registados no catálogo com as adaptações necessárias à morfologia portuguesa, mantendo-se o confronto com a forma original<sup>720</sup>.

Para além do esforço de inventariação, importa assinalar o conjunto diversificado de informações que se revestem de interesse para o estudo linguístico. É o caso da indicação de nomes *comuns* e *raros* que no seu emprego conheciam alguma delimitação de tipo social ou geográfico, geralmente opondo a nobreza ao povo, ou o território castelhano ao português (cf. grupo 1, *infra*). A leitura das glosas permite ampliar consideravelmente o espectro da efectiva variedade de antropónimos, dada a quantidade de diminutivos, de formas resultantes de fenómenos fonéticos e de designações poéticas de nomes comuns (cf. 2):

- 1) *Abrahaõ* [...] Em Portugal foy pouco usado, excepto de alguns Estrangeiros, que se naturalizáraõ. [...]  
*Adriaõ*. Na nobreza de Portugal naõ tem uso. Foy mais commum entre o povo. [...]  
*Adaõ* [...] em Portugal he mais usado dos lavradores.  
*Brazia*, feminino de *Braz*, mais usado no povo, e paisanos [...]
- 2) *Antonia* [...] O seu diminutivo he *Antonîca*, e *Antoninha*. [...] Poeticamente se diz *Antandra*, *Tionia*, *Anfrisa*.  
*Fadrique*, corruptamente *Fradique*, sendo abreviatura de *Federico* [...]  
*Raimundo*, que alguns dizem *Reimundo* erradamente. [...] antigamente se disse *Ramon*, *Raymondo*, e *Reymondo*, e depois *Raimaõ*, que durou em familias nobres [...]

<sup>720</sup> E.g.: «*Lutgarda*, ou *Luigarda*, mulher de Carlos Magno, era Alemãa, e amiga das boas letras.»; «*Lançarote*, he tomado do Francez *Lancelot*, ou *Lancilot* [...]» (*Ibidem*: s.u.).

Sem que se aborde a questão do baptismo, no que respeita aos nomes bíblicos e de santos é frequente a exploração de sentidos simbólicos, com base nas etimologias hebraicas e na tradição da interpretação do texto sagrado, que relacionava os nomes com valores morais e qualidades (cf. 3)<sup>721</sup>. Outro nível de análise do sentido, mais próximo do âmbito de um dicionário geral de língua, é a formação de substantivos comuns a partir de antropónimos, por fenómenos de extensão semântica. Trata-se, em geral, de palavras compostas ou combinatórias fixas, em que o nome próprio é um elemento essencial para a explicação lógica do significado (cf. 4)<sup>722</sup>:

- 3) *Anna*, nome Hebraico, que significa *Graciosa, e pia* [...] *Gabriel*, em Hebraico, *Fortaleza de Deos* [...]  
*Susanna*, significa *Lirio, Rosa, e Alegria*; e parece que estas agradáveis propriedades lhe derao o privilegio de ser quasi o unico nome do Testamento velho, que he mais commum em Portugal, menos na nobreza.
- 4) *Lázaro* [...] *lazarento* se diz dos que estaõ com chagas, e lepra, por se dedicarem a este Santos os Hospitales, ou Albergarias deste mal; e paga cada casa de Lisboa hum Real, que se chama Real de S. Lazaro [...]  
*Luzia* [...] Chamaõ-se olhos de Santa Luzia huns doces de açucar queimado, e ovos molles, que tem esta fórma.

É rara a intertextualidade com o corpo do *Vocabulario*, sob a forma de remissões explícitas. Estas apontam sobretudo para informação extralinguística (notas pitorescas, episódios históricos) de modo a não alargar a extensão das glosas, que por norma são breves<sup>723</sup>.

Exceptuando os «Nomes muito raros de Emperadores e os Nomes proprios usados dos Portuguezes no Brasil», as restantes listas enumeram nomes fictícios. Para além do facto de estes se afastarem da antroponímia portuguesa, são menos interessantes no que respeita à técnica lexicográfica, uma vez que as entradas sucedem-se com poucas ou

<sup>721</sup> Sobre a tradição medieval de definição etimológica dos nomes próprios, sobretudo quando provenientes da onomástica sagrada, cf. Buridant, 1990: 44, 51.

<sup>722</sup> Observa-se o mesmo processo na explicação dos adágios: «*Bernardo* [...] Adagio. *Valente como hum Bernardo*, o que allude a *Bernardo del Carpio*, a que se attribuirão muitas açcoens heroycas. Outro adagio, *Remoque Bernardo*, quando he muito claro; [...]» (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes proprios»: s.u.).

<sup>723</sup> E.g.: «*Marcos* [...] chama-se *Touro de S. Marcos* huma festa, e cerimonia supersticiosa, que não devia ser tolerada. Vid. tomo 8. do *Vocabulario*, na palavra *Touro*, *Touro de S. Marcos* [...]» (*ibidem*, s.u.).

— «*TOURO* [...] O *Touro de S. Marcos*. Em algumas partes, vespera do Euangelista S. Marcos, costumaõ tomar hum *Touro* muito bravo, & emborrachallo [...] no dia seguinte os rapazes, & as raparigas o levaõ até a Igreja, aonde o ebrio animal, em quanto se dizem os Officios, está cabeceãdo [...]» (*Voc.*, s.u.).

nenhumas explicações, e por vezes até com desrespeito pela ordenação alfabética.

Ocorrem nomes como:

- Cavalleiros: Orlando furioso, e namorado, Palmeirim de Inglaterra, Palmeirim de Oliva, Dom Quixote de la Mancha, Rodamonte, Roldaõ, Rogeiro, Rocicler.
- Pastores: Satyro, Salicio, Sereno Pescador, Silvio, Silvia, Silvano
- Nomes ridículos: *Gargantuà*, nome, com que se intimida aos meninos, e que foy tirado da celebre Historia de *Rabelais*, Medico Francez, de exquisita erudição.
- Comediantes: Arlequím. Scaramucha, o Doutor Baluardo, ou o Doutor Graciano. Polichinello. Pantalaõ. Capitaõ Spetza ferro. Capitaõ Spetza monti.

A divisão temática (cavaleiros, comediantes, pastores) parece decorrer do aproveitamento de um fundo onomástico da memória literária, com particular destaque para a literatura de cavalaria, o que pode ser considerado como um testemunho da prevalência deste género em Portugal no século XVII<sup>724</sup>.

## 9.2. Vocabulários analógicos

No final do século XVII, os principais exemplos de dicionários com organização temática encontravam-se em obras destinadas a auxiliar a aprendizagem do vocabulário latino, através do agrupamento do léxico em campos semânticos frequentemente mobilizados no discurso<sup>725</sup>. Com a tradução e adaptação para português da *Amalthea onomastica* (1664) e do *Indiculus universalis* (1667), propôs-se uma reordenação global do léxico de acordo com uma cosmovisão que dividia o real em classes e subclasses, estabelecendo taxionomias que conduziam a conjuntos cada vez mais restritos<sup>726</sup>.

<sup>724</sup> «[...] não me esqueceraõ os nomes de Pastores, nem os de Cavalleiros andantes, fazendo so memoria dos principaes, que andaõ em livros Portuguezes» (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes propios»: 14). «Dos nomes Pastorñs, e até dos ridiculos, fiz alphabetos separados; mas como estes, e os dos Cavalleiros andantes são infinitos, e se fingem, como os Poeticos, segundo as idéas, etymologias, anagrammas, e letras iniciaes, ao arbitrio de cada hum, só fiz memoria dos mais celebres» (*ibidem*: 19).

<sup>725</sup> Entende-se por dicionário analógico um tipo de obra que recorre à ordenação temática como princípio organizativo, em que as palavras são a expressão de conceitos semanticamente relacionados (com base em aproximações de sentido, noções ou famílias de palavras). Numa perspectiva onomasiológica, direcciona-se do conceito para a palavra, e não da palavra para a explicação (Hartmann e James, 2001: s.u. ONOMASIOLOGICAL DICTIONARY, THEMATIC DICTIONARY).

<sup>726</sup> Sobre a tradição europeia dos dicionários temáticos (monolingues e bilingues) até ao século XVII, cf. Jackson, 2002: 147-150, que concede especial destaque à *Ianua linguarum* (1631) de Coménio e à proposta de classificação universal do léxico, por John Wilkins, em *An essay towards a real character* (1668). Deve acrescentar-se a referência à *Ianua linguarum* (1611) de William Bathe e à *Porta de linguas* (1623) de Amaro de Reboredo (cf. Almeida, 1969a; Verdelho, 2000a).

Apesar das alterações e adições, os textos portugueses mantiveram-se fiéis aos modelos originais, privilegiando sobretudo a compilação de substantivos. A *Amalthea, siue hortus onomasticus* (Lisboa, 1673) apresenta-se em duas partes, a primeira respeitante ao mundo natural e a segunda às actividades humanas. As designações dos diversos capítulos correspondem geralmente a conceitos equiparáveis a hiperónimos, e que permitem a indexação de conjuntos bem delimitados de substantivos comuns<sup>727</sup>.

O *Indiculo* (Évora, 1716) proporciona um tipo de informação mais diversificada, porque o seu objectivo era desenvolver a fluência em latim a par do domínio do léxico. Além dos substantivos, inclui verbos e segmentos em que se registam relações de predicação que permitem a construção de enunciados, descrevendo estados de coisas, situações ou eventualidades. Ainda que na estrutura lógica da constituição de conjuntos lexicais se assemelhe à *Amalthea*, encontram-se alíneas que envolvem conceitos mais abstractos, que são expressos preferencialmente através de fraseologia<sup>728</sup>:

Modos Bellicos, *Formulae Bellicae*

Ajuntar gente da guerra com o sinal da cayxa; Alistarse; Obrigar o soldado dandolhe juramento; Pagar o soldo; Fazer rezenha dos soldados para lhe pagar o soldo; Soldado, a quem se tirou o estipendio [...]<sup>729</sup>

O «Vocabulario de termos proprios, e metaforicos, em materias analogas» distingue-se dos exemplos precedentes no que respeita aos objectivos e à estrutura. Orientado para a composição literária, trata-se de uma selecção de conceitos que decorre do conhecimento dos *topoi* que sustentam a retórica barroca. Explorados isoladamente, ou conjugados com outros conceitos semanticamente relacionados (por semelhança ou antagonismo), constituem um abundante fundo para a construção do discurso engenhoso, dando corpo a antíteses, enumerações, paráfrases, símiles e amplificações<sup>730</sup>. De facto, a

<sup>727</sup> Alguns exemplos desses conjuntos lexicais: «Florilegium primum. De rebus physicis, siue naturalibus: De animalibus, De vermibus, de piscibus, De partibus terrae, De virtutibus, & vitijs»; «Florilegium secundum. De artefactis, siue de rebus artificialibus: De armis, De vestibis sacris, & profanis, De calceamentis, De officijs rusticis, De officijs maritimis, De officijs militaribus» (Tomás da Luz, *Amalthea*, 1673). Cf. Almeida, 1969b.

<sup>728</sup> «Dividi este Indiculo em tres partes, com a mayor distincam, que me foi possivel. A primeira trata do Mundo em geral, e principiando de sua creaçam, explica as suas partes, que sam os Ceos, e os quatro Elementos. A segunda trata do Homem, e suas partes, Alma, e Corpo [...] A terceira trata da Cidade, em primeiro lugar dos Habitadores divididos em varias classes, conforme a idade, o estado, a consanguinidade, e afinidade, &c. Depois se refere cada huma das partes da Cidade em geral» (António Franco, *Indiculo*, 1716, «Prefaçam do Autor»: 4-5).

<sup>729</sup> António Franco, *Indiculo*, 1716: 213.

<sup>730</sup> «Para te poupar a Ti, e a qualquer compositor este trabalho, Te offereço este Promptuario de termos proprios, e metaforicos em materias Anàlogas, quero dizer, materias, que tem semelhança, ou

maioria dos conceitos dispõe-se em pares antitéticos, com a redacção dos títulos a sublinhar fenómenos de antonímia entre as unidades lexicais que os compõem. Por exemplo:

- De cousas, que principiaõ, e começaõ a existir / De cousas, que acabaõ, e por varios modos tem fim
- De diferentes modos de atar / De diferentes modos de desatar, e desfazer
- De melhoras, e acrescentamentos / De danificar, e pejorar
- De cousas, que alegraõ / De cousas, que entristecem
- De cousas maximas / De cousas minimas
- De castigos, e infirmitades do corpo, e da Alma / De recompensas, e premios
- De não falar, e guardar silencio / De varias castas de estrondo

Em casos de antonímia graduável, as relações semânticas podem alargar-se a conjuntos mais amplos que exploram cadeias de sentido, compreendendo variações de espaço, tempo ou intensidade (cf. 1, *infra*). São menos frequentes as relações de tipo hierárquico entre conceitos genéricos e conceitos específicos (cf. 2):

- 1) De cousas mais altas, que outras.  
De cousas, que se abatem, ou vaõ para baixo.  
De cousas, mais patentes à vista, que occupaõ o primeiro lugar.  
De cousas, que occupaõ o lugar do meyo.  
De cousas, que occupaõ o ultimo lugar.  
De cousas metidas em outras, ou entre outras.
  - 2) De cousas, que cobrem, e encobrem.  
De cousas, com que cobre o homem a cabeça.  
De diferentes modos de descobrir.
- De varias desordens, e desconcertos.  
De calamidades, e ruinas publicas.

No que respeita às fontes consultadas para a elaboração do «Vocabulario de termos», a leitura de manuais de retórica ou dicionários especializados não terá sido essencial, uma vez que parte substancial da informação foi recolhida a partir da nomenclatura, expressões idiomáticas e fraseológicas do próprio *Vocabulario*. Num exercício de pesquisa lexical, o autor percorreu os artigos correspondentes à palavra-chave do conceito (cf. 3), bem como palavras sinónimas, ou que traduziam conceitos aproximados (cf. 4). Na coluna da esquerda reproduzem-se excertos de artigos do *Vocabulario*:

---

proporção com a natureza, ou significado de outras; [...] Não te pareça inutil, ou pueril este trabalho, porque em todo o genero de discursos Te poderà dar grande soccorro, para proprias, doutas, e discretas expressoens.» (*Supp.*, II, «Vocabulario de termos»: 425).

3)

ATAR alguma cousa [...] **Atar huma ferida.** *Vulnus obligare, alligare.* [...] Dizemos proverbialmente, **chegou ao Atar das feridas, id est, Tarde. Atarse ao parecer de alguém.** *Alicujus opinioni adhaerescere.* [...] **Atar a lingoa a alguém. No sentido figurado. Convencer alguém de modo, que não tenha, que responder.** *Aliquem elinguem reddere.* [...] Atálas. Fogir. Atou-as. Em phrase chula. **Não ata, nem desata.** Não diz cousa concertada, & com ordem. [...]

Termos, e diferentes modos de atar.

Atar as feridas, chegar ao atar das feridas, id est, tarde.

Atar a lingua a alguém, convencello com razões de sorte, que não tenha que responder.

Atar-se ao parecer de alguém.

Fulano não ata, nem desata.

4)

DESDAR o nó  
(DASARMAR) Desarmar huma cousa tesa como a corda de hum arco  
(DESARMAR) A vara da costella  
(DIRIMIR) Dirimir. Desfazer. Dissolver o matrimonio  
(DIRIMENTE) Impedimentos dirimentes, são os que dissolvem o matrimonio já contrahido  
(DISSOLVER) Dissolver. Derreter, fallando em neve, caramelo, metaes. &c.

Termos, e diferentes modos de desatar, e desfazer.

Desdar hum nó.

Desarmar o arco, desarmar a vara da costela.

Dissolver, ou dirimir o Matrimonio.

Impedimento dirimente.

Derreter neves, caramelos, metaes.

A técnica de ordenação dos artigos não contempla uma distinção entre sentidos próprios, figurados, ou extensões de sentido<sup>731</sup>. A ordenação revela-se complexa, combinando critérios lógicos e alfabéticos, pois no mesmo artigo observam-se agrupamentos de itens com sentidos próximos (cf. 5, *infra*), mas também outras sequências em que apresenta uma seriação alfabética das palavras-chave até à primeira ou segunda letras. Esta última possibilidade confirma que a compilação seguiu de perto a nomenclatura indexada do *Vocabulario* (cf. 6).

5) — De cousas, que acabaõ, e por varios modos tem fim.

Chegar ao ultimo da vida. Dispor da sua ultima vontade. O dia dos finados.

— De movimento apressado

Homem madrugador. Sahir de madrugada. Primeiro que o Sol, madruga a Aurora.

6) — De cousas de muita duraçaõ.

Cadea **indisoluvel**. Materia **inconsumptivel**. **Incansavel** no trabalho. **Incessante** curso do Sol.Fidelidade **inconcussa**. Praça **inconquistavel**. **Inconsolavel** pena. Achaque **incuravel**.

A maior parte dos artigos acumula indistintamente substantivos, verbos e expressões que representam relações predicativas. A excepção verifica-se em algumas categorias semanticamente bem delimitadas, similares às da *Amalthea* (1673), que agregam

<sup>731</sup> Na já citada lista de «Termos, e diferentes modos de atar», os itens interpretáveis no sentido próprio (e.g.: «Amarra, que se ata à ancora; Pega de Boy; Trèla de Galgo») alternam com sentidos figurados («Atar a lingua; Ligar por feitiçaria; Liarse em parentescos; Rima encadeada; O encadeado de letras escritas; Encadear palavras»).

substantivos hipónimos<sup>732</sup>. O traço mais característico do «Vocabulario de termos» é a abundância de expressões fraseológicas que, através do desenvolvimento de uma breve glosa geralmente retomada do *Vocabulario*, permitem o acesso ao significado, como se de um dicionário de língua se tratasse. Mas o principal objectivo é proporcionar conteúdos especialmente configurados para o aproveitamento retórico-literário, como a elaboração de símiles, acompanhados de orientações para a sua interpretação (cf. 7, *infra*); ou a enumeração de expressões que, por reiterarem o mesmo conceito, permitem a construção de amplificações (cf. 8)<sup>733</sup>.

- 7) — De diferentes modos de alumiar.  
Branquear taboas, he tirar o carpinteiro a carepa, ou superficie dellas, para as aprinar.  
Lumiar he lugar; Lumiars Villa de Portugal.
- 8) — De diferentes modos de alumiar.  
Sedas, metaes, marmores, &c. recebem polimento, e se lustraõ. Tambem dà o Orador lustre ao discurso. Ha paineis, que vistos a huma luz representaõ huma cousa, e vistos a outra luz representaõ outra. Raros saõ homẽs grãdes a todas as luzes.  
— De castigos da Justiça, enfermidades do corpo, e da Alma.  
Tambem as paixões atormentaõ o homem. O medo comprime o coração. A inveja o roe. A soberba incha o homem. A ira o acende. O furor o precipita. [...]

Resta referir, no âmbito dos dicionários analógicos, o «Vocabulario de Cavallaria. Termos pertencentes á pessoa do Cavalleiro» (pp. 478-494), que explora um *corpus* lexical e fraseológico de uma linguagem especializada, dividindo-o em núcleos temáticos pertinentes («exercícios próprios do cavalleiro», «partes do corpo do cavallo», «boas qualidades do cavallo», «differêtes movimentos», ...). Trata-se de um exemplo isolado de um projecto ambicioso de tipo glossarístico, no sentido de elaborar vocabulários temáticos, analogicamente estruturados, dos termos das artes e das ciências, e que Bluteau

<sup>732</sup> E.g.: «De cousas, com que cobre o homem a cabeça: Tiara do Pontifice. Coroa, ou Diadema de Rey. Capello de Cardial. Mitra de Bispo, ou Arcibispo. [...]»; «De materias excrementicias, e superfluas: Borra do azeite. Balsa do vinho. Sarro da pipa. Bagaço da uva. Migalhas da mesa. [...]» (Cf. a semelhança com a Areola XXII da *Amalthea* (1673), «Sordes, faeces, excrementa, aliaequ corruptiones, & eorum contraria»).

Pelo facto de os conceitos seleccionados por Bluteau serem geralmente abstractos, a relação de sentido que os itens dos artigos mantêm entre si é mais ténue que na *Amalthea*, por vezes dependendo da interpretação das expressões à luz de um determinado contexto discursivo: «De moderar, e ter maõ: Rios, e torrentes com diques se reprezaõ. O sangue, que se extravaza, se veda. Ter a redea curta aos moços. Reduzir um moço desencaminhado».

<sup>733</sup> Note-se ainda a convergência com o «Vocabulario de Sinonimos» no registo de epítetos e designações poéticas.

— «Voc. de termos»: «Termos de cousas minimas: Anaõ. Homem monstruosamente pequeno. Epitome, ou compendio da humanidade. Boneca viva. Bonifrate racional»;  
— «Voc. de Syn.»: «ANAM. Pygmeo. Compendio da humanidade. [...] Boneco racional. [...]».

não concretizará, «desanimado com a consideração do trabalho, e duvidoso da aceitação»<sup>734</sup>.

### 9.3. O «Vocabulario de synonymos, e phrases»

O dicionário de sinónimos de Bluteau filia-se numa tradição de compêndios latinos, em que se entrecruzam a exploração das relações de sentido e o inventário de exemplos para uso literário, e que desde o século XVI vinham conhecendo adaptações às línguas vernáculas. O investimento neste género de compilações advém sobretudo do valor que a retórica barroca concedeu à sinonímia, aproveitando as equivalências de sentido na construção de amplificações<sup>735</sup>.

B. Quemada situa na segunda metade do século XVII o período em que a crítica das redundâncias oratórias altera os objectivos das recolhas de sinónimos, procurando conjugar a ornamentação da frase com a clareza de expressão: a repetição de palavras é entendida como um defeito do discurso, recomendando-se a sua substituição por equivalentes ou epítetos adequados<sup>736</sup>. No que respeita às recolhas em francês, que poderão ter constituído uma influência motivadora ou informadora, refira-se *Synonymes et epithètes françoises* (1645) de A. de Montmérán, que associa os epítetos aos sinónimos, integrando o material reunido no século anterior por Maurice de la Porte<sup>737</sup>.

Em Portugal, a prevalência do barroco literário no início do século XVIII condiciona o primeiro dicionário de sinónimos que, tal como as obras europeias similares, privilegia a informação poética e literária. No prólogo, Bluteau explicita que se trata de um instrumento auxiliar, para «abrir o caminho para descripçoens, amplicaçoens [*sic*], e engenhosas expressoens em prosa, e em verso»<sup>738</sup>. Apesar de criticar o uso imoderado de sinónimos, na prática o material compilado permite dar corpo a composições marcadas

---

<sup>734</sup> *Supp.*, II, «Vocabulario de termos»: 426.

<sup>735</sup> Entre as obras latinas que configuraram os dicionários poéticos e os dicionários de sinónimos importa destacar *Epithetorum opus* (1541) de Ravisius Textor e *Epitheta M. T. Ciceronis* (1570) de Nunes de Valença. Cf. Verdelho, 1995: 287-289, 291.

<sup>736</sup> Quemada, 1968: 135-136.

<sup>737</sup> *Les epithetes [...] livre non seulement utile à ceux qui font profession de la poësie, mais fort propre aussi pour illustrer toute autre composition françoise*, 1571.

<sup>738</sup> *Supp.*, II, «Voc. de syn.»: 58-59.

pela acumulação e pela reiteração de sentidos, adequando-se às expectativas da maioria dos consulentes<sup>739</sup>.

O facto de não ter conhecido uma edição autónoma não retira importância a esta obra precursora, que influenciará compilações subsequentes e de largo uso, como o *Diccionario poetico* (1765) de Cândido Lusitano. Os aspectos relativos ao conceito de sinonímia, a selecção e seriação das unidades lexicográficas apresentadas como sinónimos, a técnica lexicográfica e as valências poético-literárias foram já objecto de um estudo anterior<sup>740</sup>, pelo que no presente trabalho merecerão uma referência sumária. Atentaremos sobretudo em algumas questões que permanecem ainda insuficientemente exploradas, em especial a sondagem de prováveis fontes informadoras e uma avaliação do aproveitamento das redes de relações semânticas estabelecidas no *Vocabulario*, sob a forma de remissões e definições.

### 9.3.1. Sinónimos

A primeira categoria informativa na estrutura dos artigos consiste no reagrupamento de unidades lexicais de sentido aproximável. No texto preambular, Bluteau nega a existência de uma sinonímia absoluta, baseando a sua argumentação em exemplos da tradição gramatical latina que, por extensão, aplica às línguas modernas:

Nesta obra, não me obrigo a dar synonymos tão perfectos, que debaixo de nomes diversos, sempre signifiquem a mesma cousa, porque duvido muito, que em nenhuma lingua se achem termos com esta identica semelhança; até nos exemplos, que trazem os Autores, acho muita differença na significação<sup>741</sup>.

<sup>739</sup> «A muitos parecerà pueril, ou inutil este opusculo. A mim me pareceu muito necessario. O mais eloquente Rhetorico, o mais sutil Philosopho, o mais sabio Jurisconsulto, o mais profundo Thelogo poderà necessitar delle. A qualquer delles, que no idioma Portuguez queira compor em materias da sua profissão, synonymos lhe serã precisos, por não repetir muitas vezes o mesmo vocabulo, ou para ornar com a variedade das dicçoens o seu dizer. [...] Conheço, e confesso, que Synonimos, sem prudente moderação amontoados, embaraço a oração [...] mas não he razaõ, que por este inconveniente se condene o uso delles; porque no nimio, e não na mediana està o vicio» (*ibidem*: 57-58).

<sup>740</sup> E. Verdelho, 1981.

<sup>741</sup> *Supp.*, II, «Voc. de syn.»: 58. Cf. o respectivo artigo no *Voc.*: «SYNÔNIMO. Deriva se da particula Grega *Syn, Cum, & Onoma, Nome, & val o mesmo que nome, ou verbo, que significa o mesmo que outro, com pouca differença, v.g. Ensis, Mucro, Gladius. Vozes Synonymas. Vocabula, quae idem significant, ou idem valent. Quintil. [...]*» (s.u.). A respeito da sinonímia, Bluteau cita no prólogo a obra *Eloquentiae sacrae et humanae parallela libri XVI* (1619) de Nicolas Caussin e é possível

Todavia, trata-se de um conjunto de princípios repetidos por outros lexicógrafos contemporâneos, mas com poucas repercussões na análise semântica<sup>742</sup>. A constatação de que muitos dos termos geralmente considerados sinónimos não são comutáveis entre si em determinados contextos suscitou aos compiladores inúmeras dificuldades na distinção dos sentidos. Daí que as primeiras recolhas em vulgar sejam exercícios de sinonímia cumulativa, com listas agrupadas por campos semânticos, sem incluir definições que esclareçam a natureza das diferenças ou o grau de aproximação dos significados<sup>743</sup>.

Apesar de não haver uma indicação explícita acerca da génese desta recolha, tudo indica que a base do trabalho se encontra em material elaborado por D. Luís Caetano de Lima (1671-1757), autor de um *Vocabulario de Synonimos e Equivalentes*, que permanece manuscrito e incompleto na B.N.L.<sup>744</sup>. Bluteau decerto acompanhou os diversos projectos lexicográficos de D. Luís, embora só declare ter beneficiado de uma compilação de «expressoens, por ordem alfabetica distribuidas em cadernos avulsos»<sup>745</sup>. O manuscrito do teatino português é de data incerta, mas não se trata de uma compilação elaborada a partir do texto já publicado no *Supplemento*, pois apresenta artigos incompletos ou só com a palavra-lema, que em Bluteau surgem desenvolvidos. Caetano

---

estabelecer pontos de contacto com a teorização de Francisco Leitão Ferreira na *Nova Arte de Conceitos* (1718-1721). Cf. E. Verdelho, 1981: 181-182, 187-188.

<sup>742</sup> Segundo Quemada (1968: 134), «toutes les analyses effectuées du XVIIe au XIXe siècle aboutissent à la même conclusion: il n'existe d'équivalence rigoureuse entre deux termes que dans des catégories lexicales délimitées, associées à des concepts ou à des techniques spécialisés». No prefácio do *Dictionnaire de l'Académie* (1694), adverte-se que «le Synonyme ne répond pas tousjours exactement à la signification du mot don't il est Synonyme, & qu'ainsi ils ne doivent pas estre employez indifferemment», mas os exemplos propostos nos artigos são apresentados como casos de sinonímia total: «SYNONYME. adj. de t.g. Qui a mesme signification qu'un autre mot. *Espée est synonyme de glaive. aimer & cherir sont mots synonymes, sont termes synonymes, sont synonymes.* [...]» (*ibidem*, s.u.).

<sup>743</sup> Uma excepção é a obra do abade Gabriel Girard, *La justesse de la langue françoise, ou les différentes significations des mots qui passent pour synonymes* (1718), de que Bluteau não parece recolher influências sensíveis. No «Discours préliminaire», o autor justifica a necessidade de uma sinonímia de tipo distintivo: «D'autrefois ces différences sont plus petites, difficiles à remarquer, & apperçûes de peu de gens [...] enfin toutes celles des mots qu'on nomme communément synonymes; qu'il est important de bien caractériser, par ce qui leus est propre & particulier; afin qu'on aprenne à ne les employer qu'à propos, à ne les point confondre, & à les mettre précisément à leurs places» (pp. xv-xvi). Cada artigo compara um grupo de palavras, explicando a diferença de sentidos com recurso a frases e ditos sentenciosos. E.g. «FIN. DELICAT. Il suffit d'avoir assez d'esprit pour concevoir ce qui est Fin: Mais il faut encore du goût pour entendre ce qui est Délicat. Le Fin n'est pas compris de tout le monde: Le Délicat l'est de peu de personnes» (*ibidem*, s.u.).

<sup>744</sup> B.N.L., Cod. 3137-3138.

<sup>745</sup> *Supp.* II: «Ao leitor malevolo». Cf. a lista de obras manuscritas de Caetano de Lima (cap. I.2.1).

de Lima também não regista epítetos ou amplificações retóricas, pelo que estas categorias teriam sido acrescentadas ao material disponibilizado. Assim, e considerando as coincidências entre os dois textos, pode concluir-se que o pequeno manuscrito constituiu uma fonte extensamente explorada, como se observa na seguinte sequência de entradas:

— *Vocabulario de Synonimos e Equivalentes*:

*Fiança*. Caução, abono.

*Fidalguia*. Nobreza, sangue, generosidade, soberania, dignidade, magestade.

*Figura*. Forma, representação, significação, simbolo, idea, retrato, imagem, jeroglifico, exemplar, emblema.

*Fingido*. Ficticio, postiço, falso, supposto, mentido, fabuloso.

*Fim*. Remate, termo, baliza, clausula, confins, limites, arrabaldes.

*Fingimento*. Ficção, dissimulação.

*Finta*. Contribuição.

— «Voc. de Syn.»:

FIANÇA Caução. Abono. Garantia.

FIDALGUIA. Nobreza. Sangue illustre.

FIDALGUIA. II. Generosidade. Soberania. Dignidade.

FIDELIDADE. Lealdade. Fè. \*Virtude, que sempre deve luzir nos contratos [...]

FIGURA. Fórma. Representação. Significação. Symbolo. Idèa. Retrato. Imagem. Jeroglyfico. Exemplar. Emblema.

FILHOS. Partos. *Netos*. Successores. Herdeiros. Descendentes. Vindouros. Fruto. Efeito. Sangue. Progenie. Prole. [...]

FIM. Termo. Baliza. Clausula. Remate. Confins. Limites. Arrabaldes. Horizonte. Conclusão. Fecho. Causa final. Peroração.

FINEZA. Primor. Desvelo. [...]

FINGIDO. Ficticio. Postiço. Falso. Mentido. Apocryfo. Fabuloso.

FINGIMENTO. Ficção. Vid. Dissimulação. \*Efeito ordinario do medo [...]

FIM. Termo. Cessação. Extinção.

A reescrita de Bluteau introduziu novas entradas (e.g. FIDELIDADE, FINEZA), mas não ampliou consideravelmente o número de sinónimos dos artigos de Caetano de Lima. De um modo geral, não há lugar a uma reordenação dos itens lexicais de acordo com o grau de aproximação semântica em relação à palavra-lemma, embora se observe, muito pontualmente, uma desmultiplicação dos artigos, que visa distinguir acepções ou extensões de sentido (cf. FIDALGUIA, FIM, *supra*)<sup>746</sup>.

O contributo do *Vocabulario*, na perspectiva da intertextualidade, parece ser pouco relevante. De facto, as redes de sentidos presentes nas remissões e nas definições por sinonímia estão aquém da variedade apresentada no «Vocabulario de Synonimos», constatando-se que apenas uma parte ocorre nos respectivos artigos do *Vocabulario*. Numa breve sondagem de uma sequência de entradas, observa-se que os artigos do

<sup>746</sup> Outras estratégias de distinção dos sentidos consistem na fixação de entradas no singular e no plural (e.g. FUMO / FUMOS, GASTO / GASTOS, GRAÇA / GRAÇAS), ou no registo de contextos sintáticos

*Vocabulario* não ofereciam uma solução expedita para a composição das listas de sinónimos, mesmo se alargarmos a análise às palavras latinas, que podiam sugerir equivalentes por via erudita<sup>747</sup>. Mais significativo é o facto de desconsiderar inclusive algumas possibilidades de sinonímia destacadas nas definições do *Vocabulario*, como se observa em DECRETAR:

– *Voc.*:

DECRETAR. Passar hum decreto. V. Decreto. **Determinar. Resolver.** *Aliquid decernere, (no, crevi, cretum.) Aquid statuere, ou constituere, (uo, ui, utum).* Aprove o Rey com a observancia, o que Decreta com a potestade. Varella Num. Vocal, pag. 399.

– «Voc. de Syn.»:

DECRETAR. Ordenar. Mandar. Sentencear. Julgar.

Não obstante o facto de ser a mais ampla nomenclatura em português, o *Vocabulario* não era um fundo a partir do qual se pudessem extrair facilmente listas de sinónimos. No que respeita a esta categoria de informação, será preferível considerar que Caetano de Lima e Bluteau mobilizaram sobretudo os conhecimentos resultantes da própria experiência de exercitação literária, que integrava a poesia, a gramaticografia e a parenese.

### 9.3.2. Epítetos

Sob a designação de “epíteto” confluem nos artigos dois tipos de estruturas linguísticas, que Bluteau aproxima tendo em conta a função que desempenham no discurso. De acordo com o respectivo artigo no *Vocabulario*, o epíteto «he hum nome, que se ajunta com hum substantivo, & serve para descripção, & declaração das cousas, ou para propriedade, ou para ornamento, & enfeite, como tambem para desdouro, & deslustre dellas»<sup>748</sup>.

---

e semânticos (ADVERTIR A OUTREM / ADVERTIR A SI; ABATIMENTO, POR OBSEQUIO / ABATIMENTO, POR DESPREZO). Cf. E. Verdelho, 1981: 183-186.

<sup>747</sup> Por exemplo, o artigo DEBATE regista apenas 2 dos 17 sinónimos presentes no «Voc. de Synonimos». Observa-se a mesma tendência em outros artigos: DEBILITAR: 2 em 5; DEBRUÇAR-SE: 0 em 3; DEBUXAR: 1 em 2; DECLARAR: 3 em 14; DECORO: 0 em 4; DECREPITO: 1 em 2; DECRETAR: 0 em 4; DEFEITO: 3 em 9; DEFENDER: 2 em 8.

<sup>748</sup> *Voc.*, s.u.

Esta concepção, que aproxima o epíteto do adjectivo enquanto adjunto nominal, coincide com as definições apresentadas pelos lexicógrafos franceses<sup>749</sup> e conforma-se com a orientação da generalidade das recolhas em latim e vernáculo. A mais difundida, *Les epithetes de M. de La Porte* (1571), reúne quase exclusivamente adjectivos, sobretudo nos artigos relativos a nomes comuns; os adjectivos que permitem designações por antonomásia registam-se geralmente em artigos sobre mitónimos, ou outros nomes próprios<sup>750</sup>.

Todavia, no *Vocabulario de Synonimos*, o conceito compreende as expressões compostas por vários lexemas, formando sintagmas nominais complexos que, além de acompanhar o nome, podem adquirir autonomia e substituí-lo, na medida em que funcionam como uma descrição parafrástica: «neste opusculo acharà o Leitor muitos epithetos, os quaes, indaque não sejaõ synonymos, significaõ o mesmo que o nome, ao qual se applicaõ»<sup>751</sup>. A opção de Bluteau é atípica, já que os manuais mais recentes, e entre eles o latino *Gradus*, distinguem claramente as três categorias de informação:

— «Voc. de Syn.»:

ELOQUENCIA. Rhetorica. Facundia. Elegancia no falar. Elocação culta, e ornada de figuras. Adorno da practica. Enfeite da frase. Concerto da lingoagem. Douta, e discreta affluencia de palavras. [...]

— *Gradus ad Parnassum*:

Eloquentia. SYN. Facundia, eloquium. EPITH. Nectarea, facunda, ambrosia [...] PHR. Dicendi vis, ubertas, copia. Larga copia fandi, oris facundia culti. Blandae modulamina linguae. Facundia melle dulcior. Eloquii nitor, décor, gratia. Verba diserta. Liquido verba fluentia cursu. Potentis eloquii virtus. Facundae suavissima gratia linguae. Gratia facundi quanta sit eloquii.<sup>752</sup>

No que respeita às fontes informadoras, a influência dos sermonários e das recolhas de conceitos predicáveis terá sido preponderante, tendo em conta que os temas seleccionados são particularmente adequados ao púlpito. A extensão dos artigos que se referem a vícios, virtudes e comportamentos deve-se, em grande medida, à enumeração de lugares comuns da oratória sacra<sup>753</sup>:

CARNE [...] Lodo animado. Barro vivente. Pó organizado. Trofeo do tempo. Jogo da Fortuna. Alvo de miserias. Campo de dores. Theatro da podridaõ. Isca de bichos. Triunfo da morte. [...]

<sup>749</sup> «EPITHETE. s.f. Nom adjectif qui designe quelques qualitez d'un nom substantif qui luy est joint [...]» (Furetière, *Dict. Univ.*, 1690); «EPITHETE. [...] Terme adjectif, qui estant joint à un substantif, y designe, y marqué, y fait connoitre quelque qualité [...]» (*Académie*, 1694).

<sup>750</sup> E.g.: «Declaration. Facile, entiere, aperte, publique, manifeste, articulee [...]»; »Dedale ou Dedalus. Labyrinthean, subtil, fameux, cherpenteur [...]» (La Porte, *Les epithetes*, 1571, s.u.).

<sup>751</sup> *Supp.*, II, «Voc. de syn.»: 58.

<sup>752</sup> Cita-se a edição de Veneza (1747).

<sup>753</sup> Cf. E. Verdelho, 1981: 190: «além da inclusão de epítetos em artigos sobre entidades como ADAM, ANJO, DEMONIO, DEOS, JESU CHRISTO, PAPA, há também que referir a sua presença em muitos outros concernentes a temas, aspectos da doutrina e a actos do ritual cristãos.»

CASTIDADE [...] De vicios venereos exterminio glorioso. Vittoria do sensual appetite. Desprezo de prazer immundo. Freyo da concupiscencia.  
 CASTIGO [...] Freyo da culpa. Preservativo da iniquidade. Guarda da innocencia. Remedio dos males da Republica. [...]

Nos artigos do *Vocabulario*, em contextos temáticos semelhantes, as paráfrases também são comuns, sobretudo na informação latina. De resto, a fraseologia dos dicionários bilingues que Bluteau consultou é uma fonte a considerar, uma vez que estas obras pretendiam constituir um auxílio à composição estilisticamente cuidada, citando ou adaptando expressões de autores latinos<sup>754</sup>.

### 9.3.3. Discursos

Nesta categoria de informação, geralmente localizada no fim dos artigos, o lexicógrafo apresenta um conjunto de textos exemplares, de extensão variável, que obedecem a uma estrutura lógica, incluindo um mote relacionado com o tema do artigo, o seu desenvolvimento através de estratégias retóricas e uma conclusão. A presença destes textos, claramente orientados para a composição da oratória, é um traço que o «Vocabulario de Synonimos» partilha com o *Vocabulario*, recorrendo novamente à intertextualidade com o *Dictionnaire general et curieux* (1685). Principiando com um mote, que por norma não se encontra em Rochefort, Bluteau recria textos coesos, plenos de enumerações e amplificações, a partir de fragmentos do dicionário francês.

DISCORDES. [...] Rome, maîtresse de l'Univers se perdit par la discorde de ses Citoyens, & par les sanglantes inimitiez de Cesar, & de Pompée, Athènes fit la mesme fin, partagée par la division & discorde de ses Philosophes. [...] Cesar ne devoit la conquete d'Egypte qu'aux més-intelligences des Habitants. La puissance du Turc ne subsiste que par la discorde des Princes Chrétiens. [...]

DISCORDIA. [...] \* Febre Ethica, que insensivelmente consome os corpos politicos, mais robustos, e poderosos. Roma, Senhora do Universo, pereceo pelas discordias de seus moradores, e pelo implacavel odio de Cesar, e de Pompeo. Padeceo Athenas outra semelhante ruina pelas dissensões dos seus Filosofos. Deve Cesar a Conquista do Egypto às desavenças dos Egypcios; não subsiste o poder do Turco senão pela perpetua emulação dos Principes christãos.

Na relação de intertextualidade, o teatino explora os segmentos que facilitam a elaboração de símiles em torno de um conceito, justapondo comparações que permitem

<sup>754</sup> Um dos dicionários mais abundantes em paráfrases é o *Invantaire des deus langues françoise et latine* (1636) do padre Philibert Monet. Nele se identifica o mesmo interesse pelos temas do discurso religioso moralizaste. Por exemplo: «*Charnel*. [...] Quod suadet ab sensibus libidine deprauatis, voluptatis pruritu concitatis, libidinis titillatione percitis. *Plaisir Charnel*: Foeda sensuum voluptas. Impurae voluptatis titillans sensus. Contaminatis mollitia membris hausta oblectatio. Libido impura. Voluptas foeda» (s.u.).

interpretações simbólicas. Todavia, se no *Vocabulario* os textos retirados do *Dictionaire general* podiam ser lidos como um somatório de aspectos históricos curiosos, dado o seu carácter fragmentário, no «Vocabulario de Synonimos» Bluteau torna mais explícitos os símiles de Rochefort, completando-os com um mote ou um remate que esclarecem a intenção discursiva moral e doutrinária.

DISSIMULAÇAM [...] \* **Arquitectura Pyramidal**. Nas Pyramides huma das tres faces sempre fica fóra de vista, por muitas voltas, que dem os olhos para as descobrir juntamente todas. **No homem dissimulado sempre fica alguma face às escuras.** \* **Apparencia enganosa, aborrecida do supremo Monarca**. No numero das suas victimas não quiz Deos admitir o Cysne. *Levit. Cap. II. num. 18*. Debaixo da sua candida plumagem cria o Cysne huma carne escura e negra; **symbolo do dissimulado, que debaixo de huma superficial candidez traz hum coração danado.** [...] <sup>755</sup>

A maioria dos textos direcciona-se para a temática moral<sup>756</sup>, mas importa assinalar a atenção que concede a assuntos da literatura e estética literária, seja pela abordagem de tópicos mitológicos, seja pela crítica dos exageros estilísticos da poesia contemporânea<sup>757</sup>.

#### 9.4. Glossários

Inclui-se nesta categoria um conjunto de vocabulários que se caracterizam por uma nomenclatura circunscrita a domínios lexicais bem delimitados e por apresentarem uma informação dicionarística sucinta. Distinguem-se dos agrupamentos analógicos, atrás abordados, na medida em que o objectivo destes glossários é uma descrição parcial do léxico, seja uma linguagem especializada, seja um registo dialectal ou sociolectal<sup>758</sup>. A diversidade das temáticas, que reforça a autonomia de cada um dos repertórios, está patente nos títulos:

Vocabulario de termos commumente ignorados, mas antigamente usados em Portugal, e outros, trazidos do Brasil, ou da India Oriental, e Occidental (pp. 495-500)

<sup>755</sup> O original de Rochefort: «DISSIMULER, DISSIMULATION [...] Les dissimulez sont comme le pyramides, qui ne se montrent jamais toutes entieres, de trois faces, il y en a toujourns une, qui demeure hors de la veuë, de quelque oeil de perspective qu'on la puise envisager. [...] Les Interpretes du Texte Sacré remarquent que Dieu a rejetté le Cygne nonobstant la blancheur de son plumage, & la douceur de son chant, jamais il ne l'a voulu admettre au rang de ses victimes, d'autant que sous sa plume blanche, il cache une chair noire, tellement il deteste les apparences sans effets, & les choses deguisees. *Levit. cap. II. v. 18.* [...]» (*Dict. General*, 1685, s.u.).

<sup>756</sup> Para uma lista de artigos em que o espaço dos discursos morais e religiosos é preponderante, cf. E. Verdelho, 1981: 192-193.

<sup>757</sup> Sobretudo em artigos como CONFEITEIROS, CONVERSAÇAM, ELOQUENCIA, ESTYLO NO COMPOR, NOVELLA, PALAVRA, PENNA DE ESCRITOR, POESIA, SCIENCIA DAS FABULAS, SENTENÇA e VOCABULARIO, de acordo com a selecção de E. Verdelho (1981: 193).

<sup>758</sup> Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. GLOSSARY.

- Vocabulário de palavras e modos de falar do Minho, e Beira, &c. (pp. 501-505)  
 Vocabulário de títulos de dignidades ecclesiasticas (p. 506)  
 Vocabulário de títulos de dignidades seculares (pp. 507-509)  
 Vocabulário de nomes, que ficaraõ de plantas, tomados do Latim, e do Grego, para evitar circunloçoens (pp. 468-477)  
 Vocabulário de varios officios da republica, com títulos portuguezes, e versos latinos (pp. 512-534)

Dos dois primeiros há notícia de que resultaram de listas de palavras que foram remetidas ao lexicógrafo já tardiamente e que, por conseguinte, não puderam ser integradas na nomenclatura do *Supplemento*<sup>759</sup>.

O «Vocabulário de termos commumente ignorados» é uma lista de palavras cujo significado permanecia obscuro ou insuficientemente explicado, acompanhadas pela indicação de uma fonte autorizadora. A nomenclatura agrega, sem distinção, léxico português antigo e nomes de plantas e animais introduzidos a partir das línguas exóticas, constituindo estes últimos a maioria das entradas. As principais fontes, de resto já exploradas no *Vocabulário*, são a *Monarquia Lusitana*, a *Nobiliarquia Portuguesa* de António Sampaio (léxico português), a *Description d’Afrique* (1686) de Dapper, a *Historia naturalis Brasiliae* (1648) por Willem Piso e a *Nova Lusitania, historia da guerra brasilica* (1675) de Francisco de Brito Freire (termos das línguas exóticas). A lista não foi elaborada tendo em conta eventuais lacunas na nomenclatura do *Vocabulário*, uma vez que algumas das palavras têm entrada própria ou ocorrem no interior de artigos.

- «Voc. de term.»: Boicinininga. Boioboi. Boitiapo. Boiguacu. *Cobras*. S<sup>760</sup>.  
 — *Voc.*: CÓBRA. [...] Cóbra de Cipó. Serpente do Brasyl, de côr azeitonada [...] O Gentio lhe chama, **Boitiapò**. [...] Cóbra de veado, ou Gibóya, ou cóbra Boy. Outra Serpente do Brasyl, & por ventura a mayor de todas. [...] O Gentio lhe chama *Giboya*, & **Boiguacú**. [...] Cóbra verde. Outra Serpente do Brasyl, verde, como porro. [...] O Gentio lhe chama **Boiobi**. [...] Cóbra de cascavél. Serpente do Brasyl assi chamada, porque com a extremidade da cauda faz ruido sonoro [...] O Gentio lhe chama **Boicinininga**. [...]

<sup>759</sup> «Tambem não es o primoroso, e muito douto Advogado Manoel Tinoco de Magalhaens, que da Cidade de Braga me escreveo huma carta com data de 12. de Janeiro de 1727 [...] Nesta mesma carta me dá o Author della para o Supplemento do Vocabulário humas noticias, que por virem tarde, não poderaõ occupar o seu lugar alfabetico; mas ficaõ no fim do segundo volume deste Supplemento, debaixo do titulo, que diz, Vocabulário de nomes, pela mayor parte ignorados, & c.» (*Supp.* II: «Ao leitor malevolo»). É possível que o «Vocabulário de palavras e modos de falar do Minho», «cuja notícia não veyo a tempo de se lhe dar lugar Alfabetico neste Supplemento» (p. 501), deva a sua autoria ao mesmo colaborador.

<sup>760</sup> A identificação das fontes assenta numa codificação que apenas se observa neste «Vocabulário de termos», que provavelmente foi concebida pelo autor da lista e reproduzida sem alterações por Bluteau. A cada item da tabela bibliográfica atribuiu-se uma letra do alfabeto, sem relação com qualquer palavra-chave do título. Assim, por exemplo: A, *Decadas* de Barros; B, *Decadas* de Couto; C, *Monarquia*. As abonações nos artigos apenas remetem para a obra, sem indicar a página ou o capítulo, o que dificulta a localização dos contextos.

A ordenação não é estritamente alfabética, observando-se agrupamentos por categorias de referentes, ou por conjuntos de palavras extraídas da mesma fonte autorizadora. O esclarecimento do significado resume-se a anotações de espécie — e.g. *herva, animaes, arvores* — ou, quando é obscuro, à indicação do texto em que é mencionada.

O «Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho, e Beira, &c.» retoma um aspecto da análise lexical que fora amplamente considerado ao longo do *Vocabulario*, pois desde os primeiros volumes se observa uma marcação da variedade linguística de tipo regional<sup>761</sup>. Não obstante o facto de declarar em subtítulo que a notícia das palavras «não veyo a tempo de se lhe dar lugar Alfabetico neste Supplemento», boa parte encontra-se registada na nomenclatura, com significado preciso e, por vezes, acompanhada de um marcador de informação diatópica explícito. Todavia, o compilador não terá trabalhado a partir do *Vocabulario*, pois esclarece significados que Bluteau não dilucidara (cf. CONGOSTA):

— *Voc.*:  
 CANHOTO [...] Canhoto, tambem se chama hum troço de pao, mal feito, & cheyo de nós.  
 COMESTO. Comido. Vid. no seu lugar. [...]  
 CUNCA. Tigella de páo, no Minho. V. Tigella  
 CONGOSTA. Obrigando o inimigo a meterse numa Congosta. Successos militar. pag. 73.  
 — «Voc. de palavras»:  
 Canhoto, *Acha pequena*.  
 Comesto, *Comido*.  
 Cunca, *Tigela*.  
 Congosta, *Azinhaga*.

Em contrapartida, o catálogo revela-se inovador na inclusão de formas que se desviavam do padrão linguístico em aspectos fonológicos (metáteses, realização das consoantes /b/ e /v/ (cf. 1, *infra*) e no registo e comentário de locuções interjectivas ou idiomáticas, que se supõe serem inusuais em Lisboa (cf. 2):

- 1) Aldigar, *Alguidar*.  
 Acolocos, *Acolytos*.  
 Austinado. *Obstinado*.  
 Binagre, *Vinagre*.  
 Coibes, *Couves*.

<sup>761</sup> O registo linguístico das áreas geográficas referidas é, segundo a definição do lexicógrafo, um dialecto, correspondendo a um «Modo de fallar proprio, & particular de huma lingoa nas diferentes partes do mesmo Reino; o que cõsiste no accento, ou na pronunciação, ou em certas palavras, ou no modo de declinar, & conjugar; & assim vemos, ã no mesmo Reino de Portugal os da Provincia da Beira, de Entredouro, & Minho &c. não fallaõ, nem pronunciação [*sic*] o Portuguez do mesmo modo, que os filhos de Lisboa» (*Voc.*: s.u. DIALECTO).

- 2) Ai nossa Senhora! *Quando se admiraõ.*  
 Botou para fõra, *Naõ està em caza.*  
 Derrancoulhe as colladas, *Moëu-o.*

Acerca dos restantes glossários não há informações que permitam atribuí-los a colaboradores de Bluteau. O interesse do «Vocabulario de titulos de dignidades» (eclesiásticas e seculares) reside na compilação de uma grande quantidade de nomes estrangeiros, retirados sobretudo das relações de viagens e memórias históricas contemporâneas, enumerando as designações das hierarquias civis e religiosas nos principais reinos da Europa e da Ásia. No que respeita à estrutura, para além do facto de a organização não ser alfabética, a maioria dos artigos dispensa a glosa, na medida em que os itens são registados em contextos que asseguram a informação essencial:

*Eleitor* do Imperio.  
*Vaivoda* da Transilvania.  
*Burgravio*, ou Bulgravio de Bohemia.  
 [...]
   
*Presidente* de qualquer Tribunal.  
*Governador* de Provincia.  
*Procurador* S. Marcos, em Veneza.

O «Vocabulario de nomes, que ficaraõ de plantas, tomados do Latim, e do Grego» reúne informação extralinguística acerca das propriedades e utilidades da planta. Todavia, a selecção das unidades lexicais que constituem entrada é orientada não por referentes concretos (como sucedia no *Vocabulario*), mas por categorias tipológicas que organizam os itens num campo do mundo natural. A indexação parte de um adjectivo, de significado lato, aplicável a uma série de plantas que se integram numa determinada categoria:

*Herva pratense.* Toda a herva, que naturalmente se cria nos prados, se chama *Pratense*, porque o Latim *pratium* he prado.  
*Herva hepatica.* A que he boa para o Fígado, que em Latim he *Hepar*. [...]  
*Herva cochleada.* A, cujas flores se torcem, e retorcem a modo de caracol, em Latim *Cochlea*.

Por fim, o «Vocabulario de varios officios da republica, com titulos portuguezes, e versos latinos» encontra um paralelo — e provavelmente um modelo — nas 50 descrições que Pomey publicou em anexo ao *Dictionnaire Royal*<sup>762</sup>. Do conjunto de glossários em análise, é aquele em que a informação relativa ao português é mais residual, apenas presente quando a entrada pode suscitar equívocos de interpretação (e.g. «Arqueyro.

<sup>762</sup> «Ayant aussi consideré le bon office que je rendois au public, si j'ajoûtois aux simples locutions, quelques descriptions de ce choses, qui souffrent & qui semblent même demander cette sorte d'enrichissement; [...] j'ai fait reflexion, qu'il seroit plus commode de les ramasser toutes ensemble à la fin [...]» (Pomey, *Dict. Royal*, 1716 (1691): «Avis au lecteur»).

Official, que faz arcas»; «Artelheiro. Official, que faz canhoens, e outras peças de Artelharia»). As descrições em latim que preenchem os artigos têm como objectivo, por um lado, traduzir através de paráfrases os nomes de profissões, actividades, instrumentos e práticas que não tinham correspondente na Antiguidade<sup>763</sup>. Por outro lado, porque são estilisticamente elaboradas e estão redigidas na primeira pessoa, permitem dar corpo a descrições enigmáticas, que eram um exercício textual com aceitação nas academias literárias e constituíam uma técnica de aprendizagem da composição em latim<sup>764</sup>.

### 9.5. O «Diccionario Castellano y Portuguez»

O *Diccionario Castellano* foi publicado no final do oitavo volume (1721), mas deverá ter sido redigido logo após a conclusão do *Vocabulario*, uma vez que as licenças datam de 1716. A boa recepção aos primeiros volumes editados poderá justificar a inclusão deste instrumento facilitador da consulta, que garantia um horizonte de difusão muito mais alargado, não só a Espanha, mas também por parte dos castelhanos que viviam em Portugal.

A informação relativa à língua castelhana é frequente ao longo do *Vocabulario*, sobretudo quando a sua inclusão abona palavras que também são comuns à língua portuguesa, esclarecendo o significado, ou especificando particularidades semânticas que distinguem o emprego de um mesmo termo em cada uma das línguas. Assim, além de excertos literários e adágios, registam-se por vezes citações de dicionários castelhanos, sobretudo o *Tesoro* (1611) de Covarrubias<sup>765</sup>.

<sup>763</sup> Por vezes, a designação portuguesa presente na entrada também é parafrástica: «Official, que faz bacias de cobre, de toda a casta»; «Official, que faz, ou vende balanças» (*Supp.*, II: «Voc. de varios officios»).

<sup>764</sup> E.g.: «IMPRESSOR. Arte meâ reliquas illustro Typographus artes. Imprimo dũ varios aere micâte libros. [...]»; «MINEIRO. Qui loca terrigeno foecunda metallicus auro, Divitis, & Pluti mille pererro domos. [...]» (*ibidem*: s.u.). Nas *Prosas Portuguezas* encontram-se abundantes exemplos, em latim e português, desta exercitação literária a que o próprio Bluteau se dedicara, tendo inclusive coligido um caderno destas composições (cf. *Prosas Portuguezas*, II: 11-53).

<sup>765</sup> E.g.: «CECEAR, e Ceceoso. Do verbo Cecear mais usaõ os Castelhanos, que os Portuguezes. Segundo Cobartuvias, cecear, he fallar ceceoso, pronunciando o C por S, como por Senhor dizer Cenhor [...]»; «ENCANDEAR. He tomado do Castelhana Encandilar, que (segundo Covarrubias no seu Tesouro) es deslumbrar com el candil, o la vela de noche, poniendola delante de los ojos del que nos viene al encuentro [...]» (*Voc.*, s.u.).

Mais do que qualquer outro dos dicionários publicados no *Suplemento*, o «Diccionario Castellano» relaciona-se directamente com a nomenclatura do *Vocabulario*, desempenhando uma função similar à do índice de formas latinas do *Vocabolario della Crusca*, destinado aos estrangeiros que não dominassem o vernáculo que servia de língua de entrada. O latim revelava-se uma solução pouco eficaz para este fim específico, pois a nomenclatura do *Vocabulario* compreendia termos especializados que não tinham tradução na língua clássica. O castelhano, mais difundido no resto da Europa que o português, poderia cumprir essa função.

O *Diccionario* é antecedido pela «Prosopopeia del idioma portuguez a su hermana la lengua castellana», em que Bluteau recorda o parentesco e a semelhança entre as línguas ibéricas, bem como a prevalência do castelhano na literatura e na vivência cultural lisboeta<sup>766</sup>. Apesar de a sua língua ser incontestavelmente prestigiada e cultivada, os castelhanos terão interesse em aprender o português por três motivos: conhecerão mais uma língua, a aprendizagem é facilitada pela semelhança entre os idiomas e «de la inteligencia de dicho idioma le resultará utilidad»<sup>767</sup>. Com esta última justificação, o autor pretende referir-se ao *Vocabulario* pois, no seu entender, não existe outra obra em castelhano que reúna o mesmo tipo de notícias, sobretudo a informação latina seleccionada com critérios filológicos e exposta de modo a auxiliar a composição literária.

[...] y para aprovecharse los curiosos de dicha obra, puso el Autor al fin de ella este pequeño Vocabulario Castellano, y Portuguez [...] De este genero de libros estan los Portuguezes tan mal proveidos, como los Castellanos. En nuestros Diccionarios, que empiegan por nuestro Romance, cada dicion sale tan desnuda, y esteril, que ordinariamente solo apunta su natural significado, dexando en blanco los equivos, y phrases, que podrian estender a muchas paginas su multiplicada acepcion. Estrechado de esta esterilidad, suspende el Compositor Latino la pluma, ò recurriendo a terminos improprios, y barbaros desautoriza con mal Latin su doctrina. [...] a la noticia universal de mi Vocabulario Portuguez, se acrecienta la utilidad de la lengua Latina, tan necessaria, como ya tenemos visto. Es verdad, que a los Castellanos será preciso buscar las palabras Latinas por medio de las Portuguezas, mas para quien desea saber, no puede ser molesta, ni será injuriosa esta mediacion<sup>768</sup>.

Com base na semelhança das duas línguas e suportado pelo «Diccionario», Bluteau propõe um «methodo breve, y facil, para que todo Castellano curioso pueda entender en

<sup>766</sup> «Yo, aunque zelador de mis expresiones, soy amigo, y panegyrista de las que en Castilla se usan. Todos los dias resuena en los Theatros de Lisboa da discrecion de sus Comedias: en todas las fiestas, que en las Iglesias deste Reyno se celebran, constituinte sus Coplas, Villancicos, y Motetes se alientan las armonias [...] No pretendo, que violente su natural, y se obligue a hablar Portuguez, quiero que quando yo le hablare, ella me entienda» (*Voc.*, VIII, «Prosopopeia»: 4).

<sup>767</sup> *Ibidem*: 4.

<sup>768</sup> *Ibidem*: 12-13.

menos de dos horas la mayor parte del idioma Portuguez»<sup>769</sup>. O primeiro passo é conhecer as principais palavras em que a semelhança não se verifica, recolhidas na «Tabla de palabras portuguesas, remotas de la lengua castellana». Com 10 páginas e cerca de 1100 entradas, esta lista guia-se por critérios de frequência, excluindo os termos de «oficios Fabriles, y materias vulgares, que en estilo culto, y politico raras vezes tienen lugar»<sup>770</sup>. A estrutura dos artigos é simples, justapondo as palavras ou expressões equivalentes, adicionando somente um número restrito de categorizadores genéricos (e.g. *ave, planta, erva, arvore*). Transcrevemos, a título de exemplo, as primeiras entradas:

Aba de chapêo. *Ala de sombrero*.  
 Abada. *Regazada*.  
 Abâno. *Aventadêro*.  
 Fazer de Abôbada. *Bobedar*.  
 Abrandar. *Calmar*.  
 Abûtre. *Ave. Buitre*.

O *Diccionario castellano, y portuguez*, com 125 páginas, reúne cerca de 22.500 entradas<sup>771</sup>, o que é um número bastante significativo, quando comparado com as 24.500 do *Tesouro* de Bento Pereira. A nomenclatura segue de perto a do *Vocabulario*, registando topónimos, mitónimos e termos técnicos (e.g.: DYNASTIA, DYSCRASIA, DYSENTERIA, DYSPEPSIA, DYSPNEA). A técnica de redacção dos artigos evidencia as semelhanças com o português, pelo facto de nem registar a tradução quando as formas são absolutamente coincidentes. À excepção de uma sucinta categorização (*ciudad, animal, termino de...*) as glosas contêm pouquíssima informação a respeito do significado, o que supõe a remissão para o *Vocabulario*:

Dabir. *Ciudad. Id.*  
 Dabuh. *Animal. Id.*  
 Dâcia. *Region. Id.*  
 Dacio. *Imposto.*  
 Dactylo. *Id.*  
 Dadivosidad. *Liberalidade.*  
 Dadivoso. *Id.*  
 Dado. *Participio de dar. Id.*  
 Dado para jugar. *Id.*  
 Dador. *Id.*  
 Daga. *Adaga. Punhal.*  
 Dalaca. *Termino de la India. Id.*  
 Dalaca. *Isla. Id.*  
 Dalmacia. *Region. Id.*  
 Dalmata. *Id.*  
 Dalmatica. *Id.*

<sup>769</sup> *Ibidem*: 10.

<sup>770</sup> *Ibidem*: 15.

<sup>771</sup> Pinilla e Jiménez, 1997: 538.

Em geral, a informação apenas é ampliada nos casos de palavras que, adaptando a expressão de Bluteau, poderíamos designar como termos castelhanos “remotos” do português. Deste modo, o *Diccionario* auxiliaria os portugueses que buscassem o significado de palavras castelhanas, observando-se recursos típicos da dicionarística bilingue, como a sinonímia e descrição por paráfrase:

Acequia. Açude, ou fosso, ou cano de agoa.

Açorarse. Incharse. Ensoberbecerse. Levantarse a mayores. Dar pavonadas. Vid. Pavonada.

De facto, à época não existia em Portugal um dicionário bilingue que confrontasse o português e o castelhano, já que tanto o *Compendium Calepini* (1621) como a *Prosodia in Vocabularium Trilingue* (1637) não proporcionavam a tradução para todas as palavras e a língua de entrada era o latim. No caso da *Prosodia*, as poucas equivalências foram mesmo eliminadas a partir da edição de 1697. A utilidade do conjunto elaborado por Bluteau terá justificado uma reedição, em 1841, no Rio de Janeiro, noticiada por Inocêncio Silva<sup>772</sup>.

## 10. Organização estrutural do *Vocabulario*

Os dez volumes do *Vocabulario* e do *Suplemento* oferecem ao consulente um conjunto estruturalmente complexo, com um *corpus* paratextual extenso e disperso, acrescido dos diversos textos dicionarísticos e paradicionarísticos (cf. *supra*, IV.9).

Nenhum dos tomos foi objecto de reedição, pelo que a ordenação dos conteúdos é constante em todos os exemplares que consultámos. No caso dos cadernos iniciais do tomo I — compreendendo a folha de rosto, as licenças e o «Prologo do autor a todo o genero de leitores» — houve um processo de reimpressão, sendo possível identificar diferenças nos ornatos e na norma ortográfica, mas não na disposição do texto. Devido a esta duplicação, que poderá ter servido para remediar deficiências nos tipos ou para enriquecer esteticamente as páginas com ornatos de maior qualidade, entrou em circulação um número comparativamente menor de volumes, em que foram aproveitados os cadernos

<sup>772</sup> «Não tenho visto a seguinte [obra], apesar de mencionada no *Catalogo da Bibliotheca Fluminense*, que della possui um exemplar com o n.º 1366: 9) *Diccionario castellano y portuguez*, impresso en Lisboa por orden de el-rey de Portugal D. Juan, etc. Auctor el P. D. R. Bluteau. Rio de Janeiro 1841. 8.º gr.» (Inocêncio Silva, *Dic. Bib.*, VII: 45).

resultantes da primeira impressão. De facto, das consultas efectuadas em diversas bibliotecas portuguesas, podemos concluir que o número de exemplares com a primeira versão é reduzido. Os exemplares da Universidade de Aveiro, bem como o da Biblioteca do Rio de Janeiro, que serviu de base ao microfilme, apresentam a segunda versão. Um desses raros volumes encontra-se na biblioteca da Escola Secundária José Estêvão de Aveiro (cf. fig. 2):

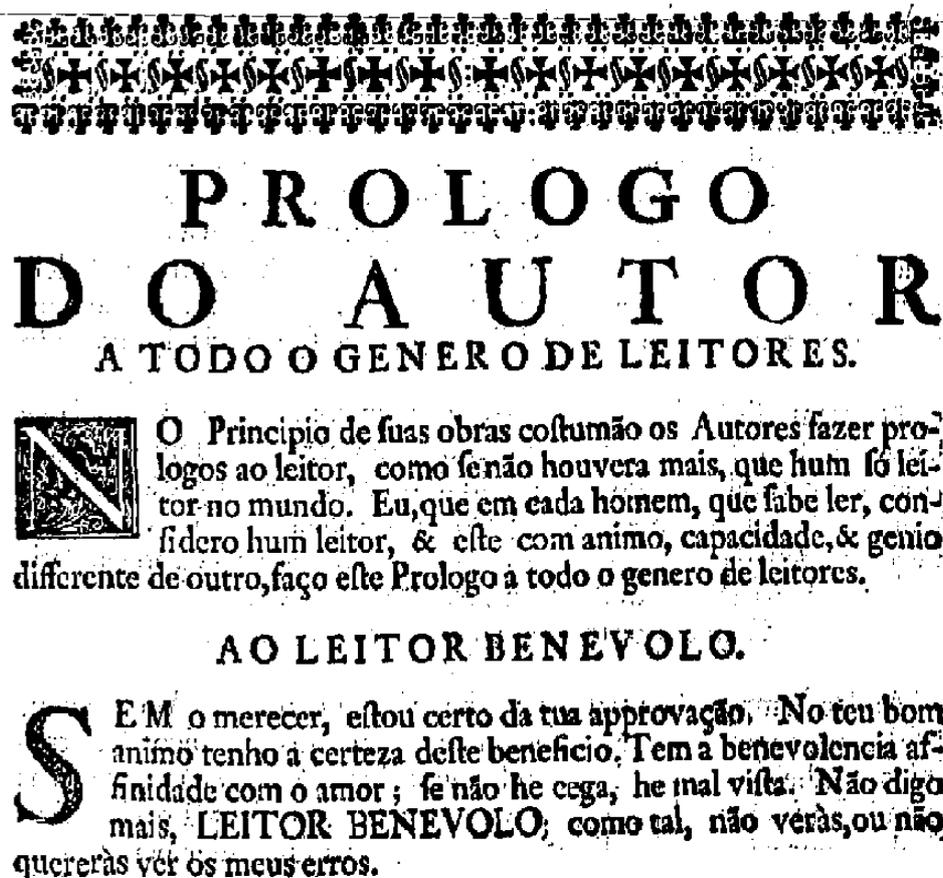


Fig. 1

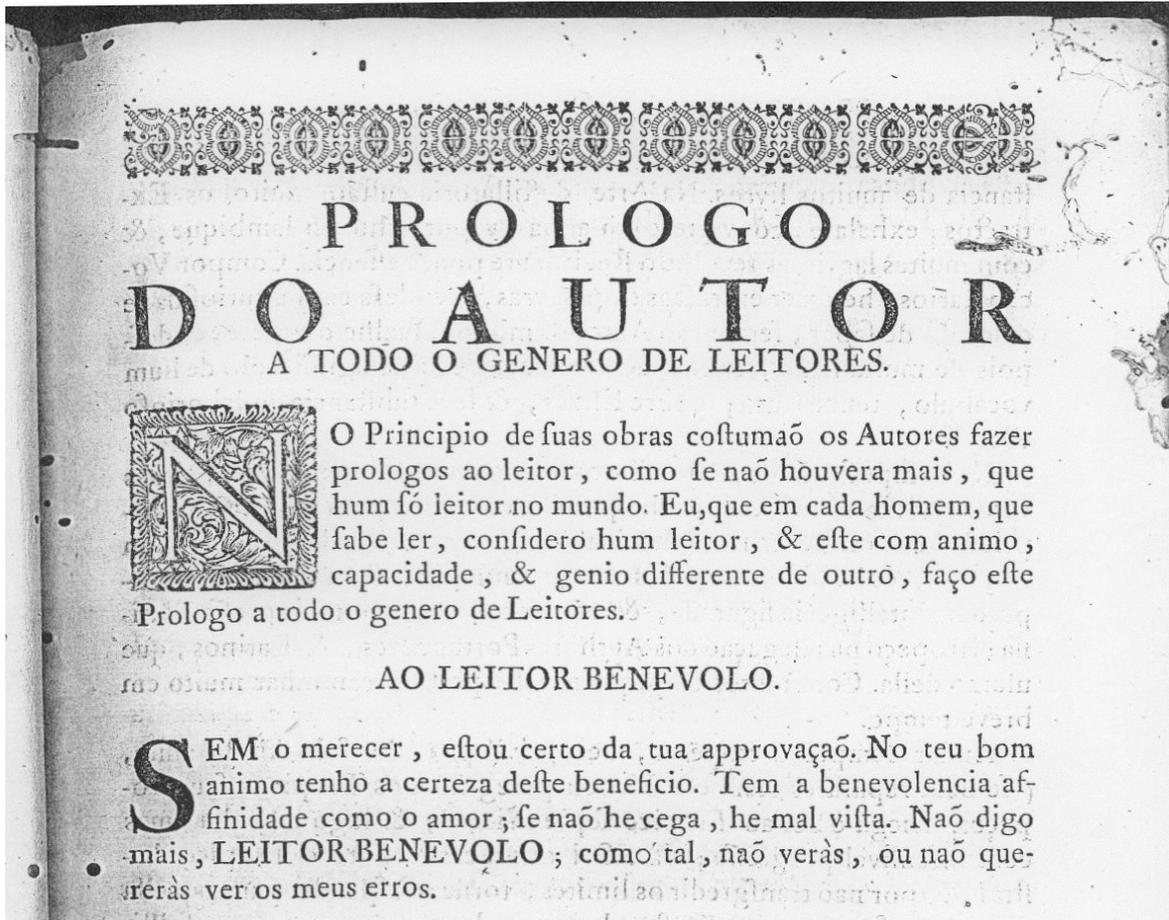


Fig. 2

Os consulentes portugueses estavam familiarizados com obras que reuniam textos suplementares, como o *Dictionarium latinolusitanicum* (1569-1570) de Cardoso ou a *Prosodia*, pelo que é provável que a configuração do *Vocabulario* se adequasse às expectativas dos receptores. Todavia, ao contrário do que se verificava nos dicionários franceses e portugueses atrás citados, os repertórios acrescentados por Bluteau não são facilmente localizáveis, na medida em que se repartem em diferentes volumes e são entrecortados por uma profusão de textos preambulares. A extensa lista dos paratextos e do material dicionarístico revela a complexidade da estrutura que resulta, em parte, dos hiatos temporais entre as diversas fases de redacção e impressão:

**Tomo I (A) Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712**

[114], 698 pp.

- Ao muyto alto e muyto poderoso rey Dom Joaõ o Quinto [...] [3-8]
- Carta do Graõ Duque de Toscana Cosmo Terceiro ao author deste Vocabulario [Duque de Toscana] [9]
- Elogium Pentaglotton; [D. Francisco Xavier, Conde da Ericeira] [11-14]
- Ad Reverendissimi D. Raphaelis Bluteavi Lusitaniae vocis dissertatissimum vocabularium [Gaspar Leitão da Fonseca (1680-c.1759)] [15]
- Reverendissimo, ac scientifico domino D. Raphaeli Bluteavio [Gaspar Leitão da Fonseca] [16]
- Reverendissimo Patri D. Raphaeli Bluteau Clerico Regulari [anónimo] [17]
- Em applauso do amplissimo dictionario da lingua portugueza [...] [Troilo de Vasconcellos da Cunha (c.1654-1729)] [18]
- Cópia de huma carta de D. Francisco de Sousa, capitam da guarda del rey de Portugal, ao P.D. Raphael Bluteau, estando em Paris com intento de impirmir na dita Cidade, o seu Vocabulario [19-20]
- En Merecido Elogio Del Docto Diccionario [...] [José Soares da Silva (1672-1739)] [21-22]
- [Licenças e censuras] [23-25]
- Prologo do Autor a todo o genero de Leitores [27-70]
- Ao leitor benevolo; Ao leitor malevolo; Ao leitor impaciente; Ao leitor estrangeiro; Ao leitor douto; Ao leitor indouto; Ao leitor pseudocrítico; Ao leitor impertinente; Ao leitor mofino.
- Catalogo alphabetico, topographico, e chronologico dos autores portuguezes, citados pella mayor parte nesta obra [71-88]
- Catalogo de outros livros portuguezes, cujo autor se dissimula, ou se ignora, tambem citados nesta obra.
- Catalogo dos autores portuguezes, segundo as materias, que tratarão [89]
- Abreviaturas das citaçoens dos livros portuguezes e a declaraçam dellas [90-94]
- Summaria noticia dos antiguos autores latinos, citados nesta obra, para exemplares da boa latinidade [103-113]
- Abreviaturas das citaçoens dos autores latinos, e a declaraçam dellas [114]
- Letra A: pp. 1-698.

**Tomo II (B-C) Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712**

[2], 216, 654 pp.

- Letra B: pp. 1- 216; Letra C: pp. 1- 654

**Tomo III (D-E) Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713**

[10], 319, 407 pp.

- In laudem eximii viri praeclarissimique Doctoris D. Raphaelis Bluteavijs, super vocabulario locupletissimo [...] ; Labyrinthus poeticus circumcirca nomen auctoris concludens [...] [Francisco de Sousa de Almada (1676-c.1759)]
- Letra D: pp. 1- 319; Letra E: pp. 1- 407

**Tomo IV (F-I) Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713**

[10], 243, 164, 91, 237 pp.

- In laudem eximii viri praeclarissimique [...]
- Letra F: pp. 1- 243; Letra G: pp. 1- 164; Letra H: pp. 1- 91; Letra I: pp. 1- 237

**Tomo V (K-N) Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716.**

[26], 778 pp.

- Maxime colendo, e observando maxime, Patri Doctori Domino Raphaeli Blutovo, Domino suo, Ioannes Pirerius, Duo soliti, duo insoliti generis Epigrammata [...] [João Pereira da Silva ? (?-1708)]
- Licenças
- Erratas, e Emendas dos primeiros quatro volumes deste Vocabulario impressos em Coimbra
- Letra K: pp. 1-2; Letra L: pp. 3-223; Letra M: pp. 225-654; Letra N: pp. 655-778

**Tomo VI (O-P) Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720**

[8], 839 pp.

— Letra O: pp. 1-166; Letra P: pp. 167-839

**Tomo VII (Q-S) Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720**

[4], 824 pp.

— Letra Q: pp. 1-75; Letra R: pp. 76-403; Letra S: pp. 405-824

**Tomo VIII (T-Z) Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721.**

[12], 652, 189 pp. / [12], 652, [6], 3-189

— Outras erratas, e emendas dos primeiros quatro Volumes, impressos em Coimbra, diferentes das que estão apontadas no principio do quinto Volume.

— Letra T: pp. 1-340; Letra V: pp. 341-606; Letra X: pp. 607-618; Letra Y: pp. 619-621; Letra Z: pp. 620 (aliás 622) - 652

— Dicionario Castellano: [6], 3-189

— [Licenças e censuras] [3-5]

— Prosopopeia del Idioma Portuguez a su hermana la Lengua Castellana (3-15)

— Tabla de Palabras Portuguezas, remotas de la Lengua Castellana (15-24)

— Dicionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino (25-189)

**Suplemento I (A-L) Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727**

[132], 568 pp.

— Ao Muito Alto, Muito Poderoso, e Magnifico Rey, D. Joaõ Quinto [3-8]

— Prologo segundo, ou segunda advertencia do Author aos Leitores, já nomeados nas primeiras folhas do primeiro volume do Vocabulario [...] [9-38]

— Advertencias a todo o leitor, para o uso deste Suplemento [38]

— Cópia da carta do Santissimo Padre Innocencio XIII, ao Author do Vocabulario Portuguez, e Latino [39]

— Em applauso delRey D. Joaõ o V. nosso Senhor, concorrendo com a sua grandeza, para a impressãõ do Vocabulario da lingua Portugueza, em dez volumes [Conde da Ericeira] [40]

— Reverendissimo, atque Sapientissimo D. D. Raphaeli Bluteavio &amp;c. in voluminibus quinque octuplicato Lusitanorum verborum Indici superadditis [Gaspar Leitão da Fonseca] [41]

— Au tres Reverend Père Dom Raphael Bluteau [Jacques Le Quien de La Neufville, 1647-1728] [42]

— [Licenças, censuras] [43-48]

— Erratas dos oito volumes do Vocabulario [49-71]

— Catalogo de mais de cinco mil vocabulos, accrescentados aos oito volumes do Vocabulario Portuguez, e Latino, ou com mais amplas noticias declarados no Suplemento que se segue a este catalogo [73-132]

— Letra A: pp. 1-93; Letra B: pp. 94-165; Letra C: pp. 166-286; Letra D: pp. 287-336; Letra E: pp. 337-417;

Letra F: pp. 418-443; Letra G: pp. 444-475; Letra H: pp. 476-502; Letra I: pp. 503-537; Letra K: pp. 538-

542; Letra L: pp. 453-568

**Suplemento II, Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.**

[4], 325, [6], 592

— Letra M: pp. 1-66; Letra N: pp. 66-85; Letra O: pp. 85-103; Letra P: pp. 103-163; Letra Q: pp. 163-169;

Letra R: pp. 169-187; Letra S: pp. 188-233; Letra T: pp. 234-275; Letra V: pp. 275-319; Letra X: pp. 319-

321; Letra Y: p. 321; Letra Z: pp. 321-325

— Outros dez Vocabularios: [6], 1-548

— Vocabulario de nomes proprios, Masculinos, e femininos, Antigos, e não usados, Vulgares, e raros, e muito raros (1-56)

— Vocabulario de Synonymos, e Phrases Portuguezas (57-424)

— Vocabulario de termos proprios, e metaforicos, em materias analogas (425-467)

— Vocabulario de nomes, que ficáraõ de plantas, tomados do Latim, e do Grego, para evitar circunloçoens (468-477)

- Vocabulario de Cavallarfa (478-494)
- Vocabulario de termos commumente ignorados, mas antigamente usados em Portugal, e outros trazidos do Brasil, ou da India Oriental, e Occidental (495-500)
- Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho, e Beira, &c. (501-505)
- Vocabulario de Titulos (506-509)
- Vocabulario de Artes nobres, e mecanicas (510-534)
- Vocabulario de Vocabularios (535-547)
- Apologia do Autor do Vocabulario, e do Supplemento, illustrada com a censura do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes
  - Censura da Apologia do P. D. Rafael Bluteau pelo Conde da Ericeira (551-552)
  - Apologia do Autor do Vocabulario Portuguez, e Latino (553-558)
  - Censura sobre as materias concernentes ao Reino de Portugal, e suas Conquistas, referidas do grande dicionario historico de Luis Moreri (559-592).

### 10.1. O *corpus* paratextual

Antes de considerar as funções e conteúdos dos diversos textos que acompanham o dicionário, deve atender-se à dimensão estética da obra, do ponto de vista da realização material e do aproveitamento dos recursos oferecidos pela técnica tipográfica. A encadernação, a folha de rosto, a qualidade dos elementos ornamentais, a disposição do texto na folha impressa são aspectos muito valorizados na recepção das obras no período barroco. O *Vocabulario* é, entre os textos metalinguísticos, o principal testemunho de um aperfeiçoamento técnico e estético que se verificou a partir dos últimos anos do século XVII, e que é um traço característico do conjunto de obras que obtiveram o patrocínio régio, ou compostas por autores que eram figuras próximas da corte. Antes mesmo do mecenato artístico de D. João V, a procura da monumentalidade e do aparato tipográfico é visível em pormenores como a dimensão física dos volumes ou a presença de ilustrações gravadas em metal, e de ornamentações vistosas de florões e vinhetas<sup>773</sup>.

A tentativa de imprimir o *Vocabulario* em Paris, cerca de 1699, não se explicará apenas por questões políticas. Haveria em Lisboa oficinas capazes de realizar uma edição esteticamente cuidada, mas as especificidades do texto dicionarístico exigiriam uma disponibilidade de tipos que poucos impressores poderiam assegurar. Nenhum testemunho escrito esclarece a opção pelo Colégio das Artes em Coimbra, mas pode supor-se que na

<sup>773</sup> São exemplos desta renovação a *Historia de Portugal Restaurado* (1679-1698), de D. Luís de Meneses, impressa em Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes; ou a *Polyantea medicinal* de Curvo Semedo (Lisboa, António Pedrozo Galram, 1704). Em ambas as obras, entre outros indícios de esmero tipográfico, destacam-se as gravuras com o retrato dos autores.

decisão terão pesado as boas relações entre os teatinos e os jesuítas, ou as condições económicas mais vantajosas. De facto, em comparação com os volumes posteriormente editados em Lisboa, os ornatos tipográficos e mesmo os tipos da oficina de Coimbra eram de inferior qualidade, ainda que tentassem, na medida do possível, reproduzir o requinte dos dicionários franceses que haviam servido de modelo a Bluteau. (cf. figs. 1-4)

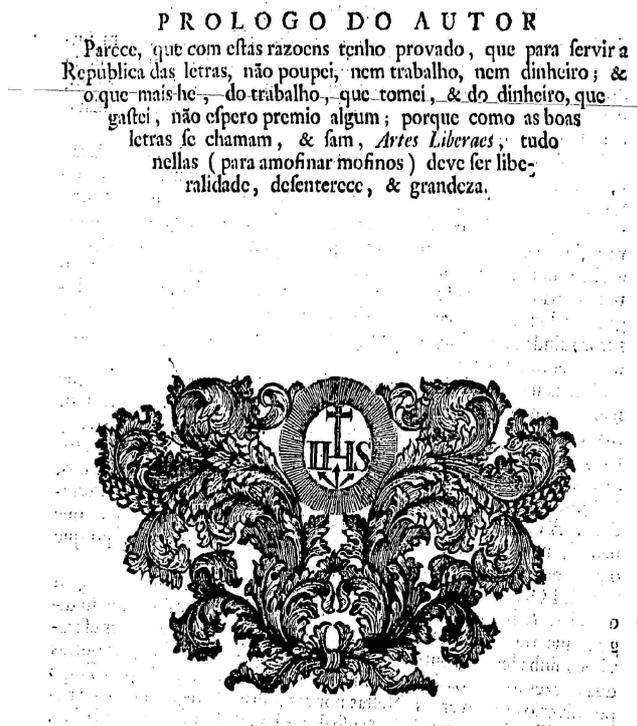


Fig. 1



Fig. 2



**A**  
LETRA ELEMENTAR,  
PORTUGUEZA;  
E SCIENTIFICA.



em quanto letra  
elementar. He le-  
tra vogal, & a  
primeira de to-  
das em todas as  
linguas. Sahe da  
Traca arctica,  
cô hiato da bo-  
ca, ferindo o sô  
o cêvao do pa-  
dar, & fazendose ouvir mais no prin-

xofos da sua desobediencia, que foi cati-  
fa de todas as miserias da vida huma-  
na. He tão natural aos meninos esta le-  
tra, que escufandose Jeremias do officio  
de Propheta, para o qual o destinava  
Deos, dizia A, A, A, Senhor, não sei fal-  
lar, porque sou hum menino. *Hierem.  
cap. i.* A he huma das letras gutturacs,  
porque se pronuncia sem ministerio da  
lingoa, nem dos dentes. Quintiano Stoa  
exprime a pronunciaçõ dçita letra com

Fig. 3



Prima letra Alphabeti, in omnibus se-  
re linguarum, paulo aliam tamen eque pronun-  
ciatio apud Orientales, quam apud nos.  
Apud Latinos venit & absolutissimo erat  
nota, uti C. coelestinationis. uti docet  
Pier. Hieroglyph. l. 7. c. 23. Alpha  
Graecorum, in mystico sensu, initium  
denotat, sicut finem Omega. Utroque li-  
tere Servator mundi se comparat, Apoc.  
c. 1. v. 8. vide Epiphani. in Anchora-  
ta. Origen. tractat. 1. in 5. 768. Pier. in Hieroglyph. l. 47. c. 34.

A Memoria, nomen officii in Imperat. Aula, apud Ael. Lam-  
pid. in *Alexand. Ser. Ptolemaeos horarum subscriptiones* & *lectio-  
ni Epiphilaram semper de la sperant, ita ut ab Epiphilari & Libella &  
à Memoria, semper affluerent. Nonnunquam etiam, si forte per male-  
ficiosem non possit, fuerint, reliquibus eodem Libellari & ita, quae  
frivolis grecis. Graeci si Memorem acciderint. Investigantur utempe  
Magistri Memoriae, seu Primum Memoriae, aut à Memoria, qui pae-  
ni & principes erant in scilicet Memoriae, vultu infusa ad Memoriam.  
A Pedibus, Ad Pedes, Circumpedes, Pedibus dicebantur apud  
Romanos (seri), qui Dominum comitantes sequebantur, cum con-  
tra Amici, obsequium facientes, amittunt, hanc *Anticambionem* &  
...*

Fig. 4

### 10.1.1. A folha de rosto

Na redacção e disposição do título e subtítulos reconhecem-se estratégias próprias das composições barrocas, nomeadamente a enumeração prolixa e o agrupamento de palavras com a mesma categoria gramatical. A extensão do enunciado é um traço também presente em outros dicionários contemporâneos, como o *Lexicon Universale* (cf. fig. 1), o *Dictionnaire Universel* (fig. 2), o *Dictionnaire de Trevoux* (fig. 3) ou o *Dictionnaire historique* (fig. 5). Devido à ausência de gravuras, a atenção centra-se no nome de D. João V, em corpo superior ao do próprio título. Este destaque só tem equivalente no *Dictionnaire de l'Academie* (fig. 6), em que a folha de rosto, além de mencionar a dedicatória, é precedida por uma gravura de página inteira com o busto de Luís XIV.

Numa apreciação global, a configuração não é inovadora e assemelha-se à que pode ser encontrada em outras obras impressas em Portugal na mesma época, como é o caso da já citada *Polyanthea medicinal* (fig. 7).

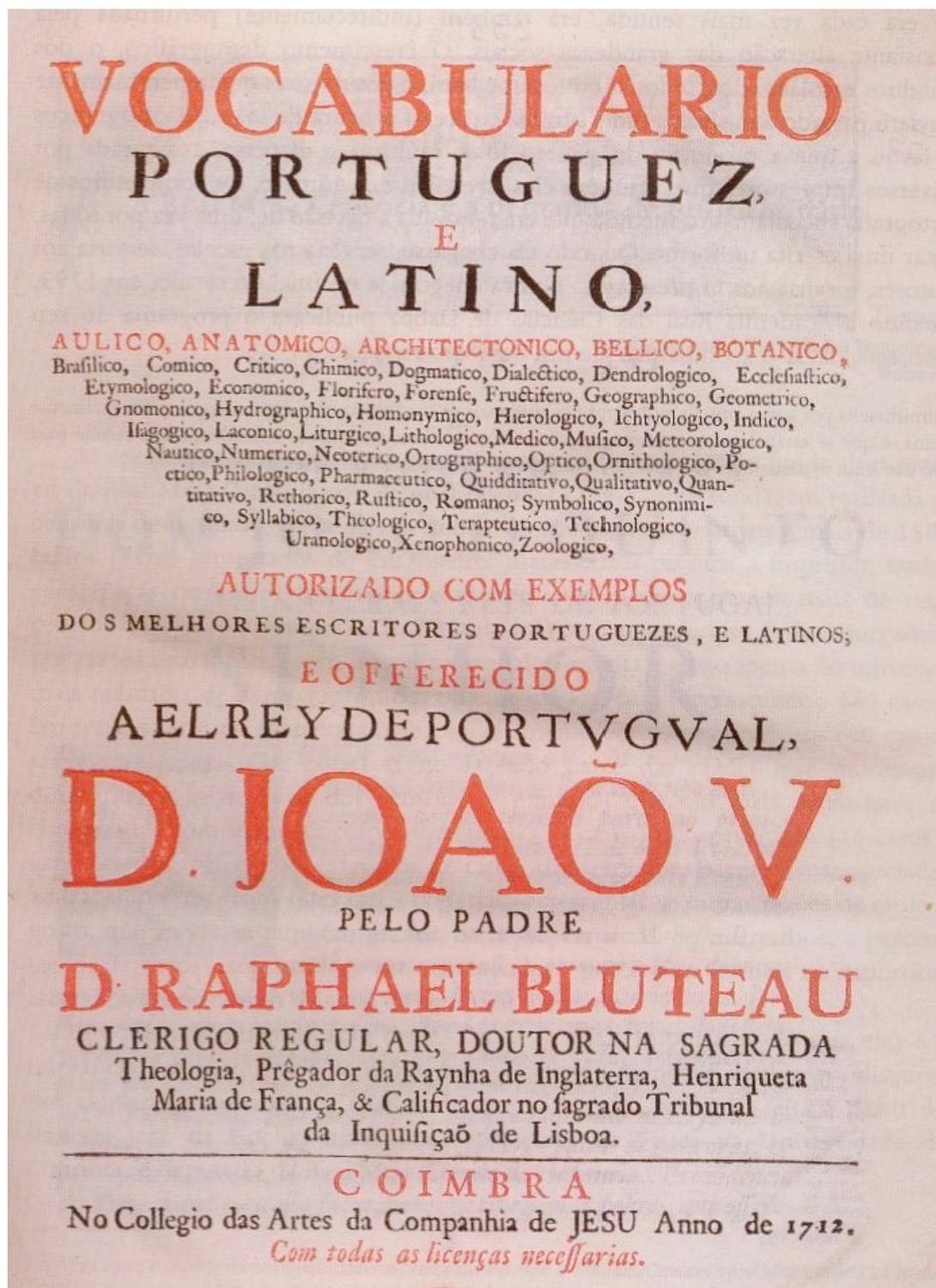


Fig. 1

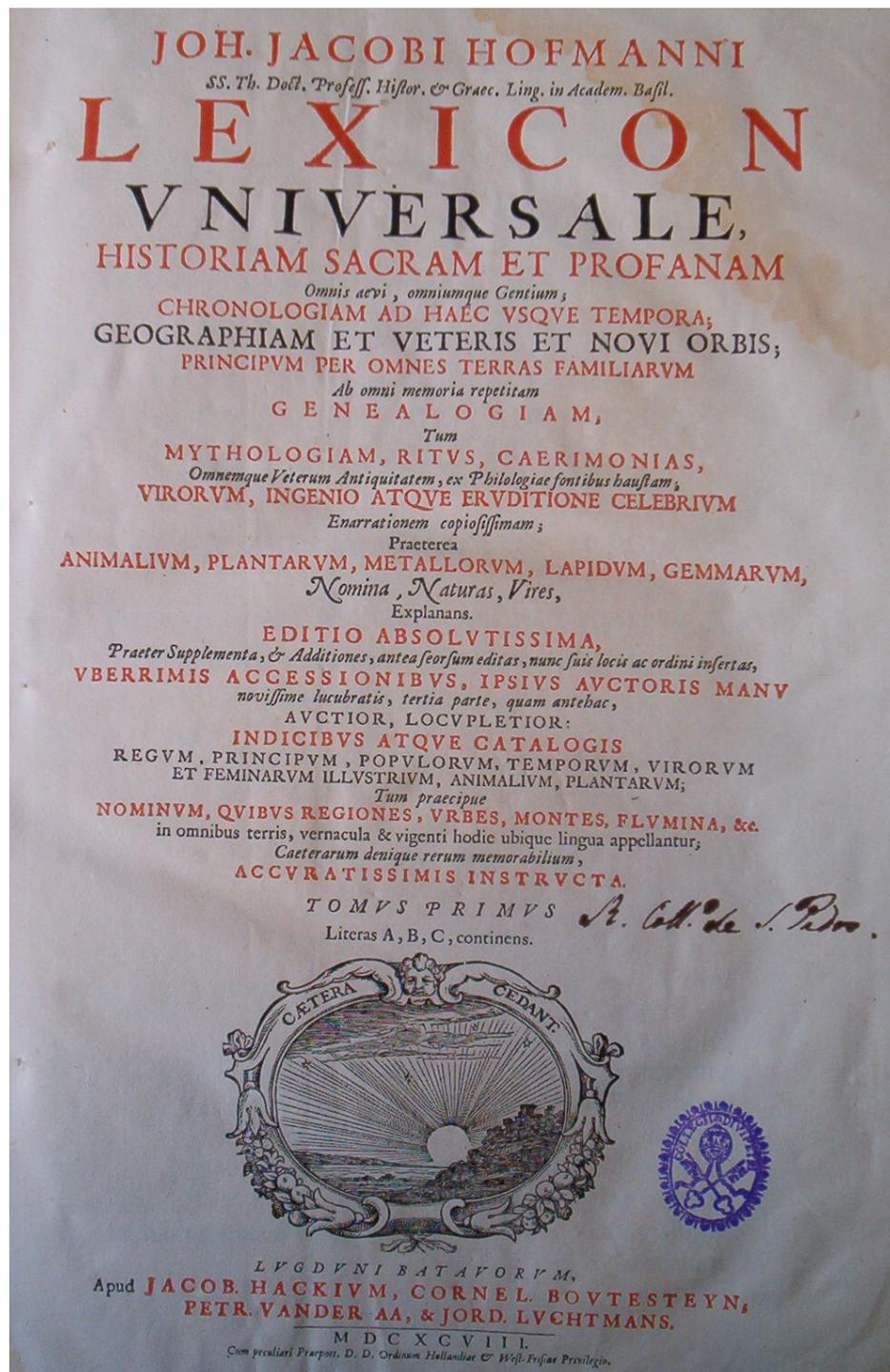


Fig. 2

# DICTIONNAIRE UNIVERSEL,

Contenant généralement tous les MOTS FRANÇOIS tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les SCIENCES ET DES ARTS.

### S Ç A V O I R

La Philosophie, Logique, & Physique, la Médecine, ou Anatomie, Pathologie, Therapeutique, Chirurgie, Pharmacopée, Chymie, Botanique, ou l'Histoire naturelle des Plantes, & celle des Animaux, Minéraux, Métaux & Pierres, & les noms des Drogues artistielles.

La Jurisprudence Civile & Canonique, Fociale & Municipale, & sur tout celle des Ordonnances.

Les Mathématiques, la Géométrie, l'Arithmétique, & l'Algebre, la Trigonométrie, Géodésie, ou l'Arpentage, & les Sections coniques, l'Astronomie, l'Astrologie, la Cosmologie, la Géographie, la Métrique, tant en théorie qu'en pratique, les Instrumens à vent & à cordes, l'Optique, l'Acoustique, l'Optique, & l'Architecture civile & militaire, la Pyrotechnie, l'Artillerie, & le Trépan.

Les Arts, la Rhétorique, la Poésie, la Grammaire, la Peinture, Sculpture, &c. la Marine, le Mariage, l'Art de faire des armes, le Blason, la Venerie, Fauconnerie, la Pêche, l'Agriculture, ou Maison Rustique, & la plus-part des Arts mécaniques.

Plusieurs termes de Relations d'orient & d'occident, la qualité des Peux, Métiers & Manèges, les Esquisses des mots, l'Invention des choses, & l'Origine de plusieurs Proverbes, & leur relation à une ou à plusieurs Langues.

Et enfin les noms des Auteurs qui ont traité des matieres qui regardent les mots, expliqués avec quelques Hibotes, Custodites naturelles, & Sentences morales, qui font rapportées pour donner des exemples de phrases & de constructions.

Les uns extraits des plus excellents Auteurs anciens & modernes.

Recueilli & compilé par feu

Messire ANTOINE FURETIERE, Abbé de Chalivoy, de l'Académie Française.

TOME PREMIER.



Fig. 3

# DICTIONNAIRE UNIVERSEL FRANÇOIS ET LATIN,

CONTENANT

LA SIGNIFICATION ET LA DEFINITION

Tant des Mots de l'une & de l'autre Langue, avec leurs différens usages; que des Termes propres de chaque Etat & de chaque Profession;

LA DESCRIPTION

De toutes les Choses naturelles & artificielles; leurs figures, leurs especes, leurs usages, & leurs propriétés;

L'EXPLICATION

De tout ce que renferment les Sciences & les Arts, soit Libéraux ou Mécaniques.

AVEC DES REMARQUES D'ERUDITION ET DE CRITIQUE.

Le tout tiré des plus excellents Auteurs, des meilleurs Lexicographes, Etymologistes & Glossaires, qui ont paru jusqu'icy en différentes Langues.

Imprimé par ordre de S. A. S. Monseigneur

PRINCE SOUVERAIN DE DOMBES.

Nouvelle Edition revue, corrigée & augmentée. TOME PREMIER.



Imprimé à TRAVOUX, chez

A PARIS,

Chez FLORENTIN DELAULNE, HILAIRE FOUCAULT, MICHEL CLOUSIER, JEAN-GEOFFROY NYON, ESTIENNE GANEAU, NICOLAS GOSSELIN.

M. DCCXXI.

AVEC APPROBATION ET PRIVILEGE DU PRINCE.

Fig. 4

LE GRAND DICTIONNAIRE HISTORIQUE OU LE MÉLANGE CURIEUX DE L'HISTOIRE SACRÉE ET PROFANE: QUI CONTIENT EN ABREGE L'HISTOIRE FABULEUSE Des Dieux & des Heros de l'Antiquité Payenne: LES VIES ET LES ACTIONS REMARQUABLES Des Patriarches & des Rois de Judaïsme, des Papes, Saints Martyrs & Confesseurs, des Peres de l'Eglise & des Docteurs Orthodoxes, des Evêques, des Cardinaux & autres Prelats ecclésiastiques, & des Heretiques & des Schismatiques, avec leurs principaux dogmes: Des Empereurs, Des Rois, Des Princes illustres, & des grands Capitaines: Des Auteurs anciens & modernes, Des Philosophes, Des Inventeurs des Arts, & de ceux qui se font rendre recommandables en toute force de Postillons, par leur Science, par leurs Ouvrages, & par quelque action éclatante.

L'ÉTABLISSEMENT ET LE PROGRES Des Ordres Religieux & Militaires; & LA VIE de leurs Fondateurs: LES GENEALOGIES De plusieurs Familles illustres de France, & d'autres Païs: LA DESCRIPTION Des Empires, Royaumes, Republiques, Provinces, Villes, Iles, Monagies, Fleuves, & autres lieux considérables de l'Ancienne & nouvelle Géographie: ou l'on remarque la situation, l'étendue & la qualité du Païs, la Religion, le Gouvernement, les mœurs & les coutumes des Peuples: Ou l'on voit les Dignitez, les Magistrazes ou Titres d'honneur: Les Religions, Sectes des Chrétiens, des Juifs & des Turcs: Les principaux noms des Arts & des Sciences: Les Actions publiques & solennelles: Les Jeux, les Fêtes, &c. Les Edits & les Loix, dont l'Histoire est curieuse, &c.

L'Histoire des Conciles généraux & particuliers, sous le nom des lieux où ils ont été tenus.

Le tout enrichi de Remarques, de Dissertations & de Recherches curieuses, pour l'éclaircissement de l'histoire, de la Chronologie & de la Géographie: tirées de différents Auteurs, & par son Dictionnaire Critique de M. BAYLE.

Par M<sup>r</sup> LOUIS MORERI, Prêtre, Docteur en Théologie.

NOUVELLE ET DERNIERE ÉDITION REVUE, CORRIGÉE ET AUGMENTÉE.

TOME I.

De l'Académie de la Bible d'Or — De l'Académie de la Bible d'Or

A PARIS, Chez JEAN-BAPTISTE COIGNARD, Imprimeur ordinaire du Roy, & de l'Académie Française, rue S. Jacques, à la Bible d'Or.

M DCCXXII.

AVEC APPROBATION ET PRIVILEGE DE SA MAJESTE.

Fig. 5

LE DICTIONNAIRE DE L'ACADÉMIE FRANÇOISE, DEDIE AU ROT. TOME PREMIER. A-L



A PARIS, Chez la Veuve de JEAN BAPTISTE COIGNARD, Imprimeur ordinaire du Roy, & de l'Académie Française, rue S. Jacques, à la Bible d'Or; ET Chez JEAN BAPTISTE COIGNARD, Imprimeur & Libraire ordinaire du Roy, & de l'Académie Française, rue S. Jacques, près S. Severin, au Livre d'Or.

M. DC. LXXXIV. 1684.

AVEC PRIVILEGE DE SA MAJESTE.

Fig. 6

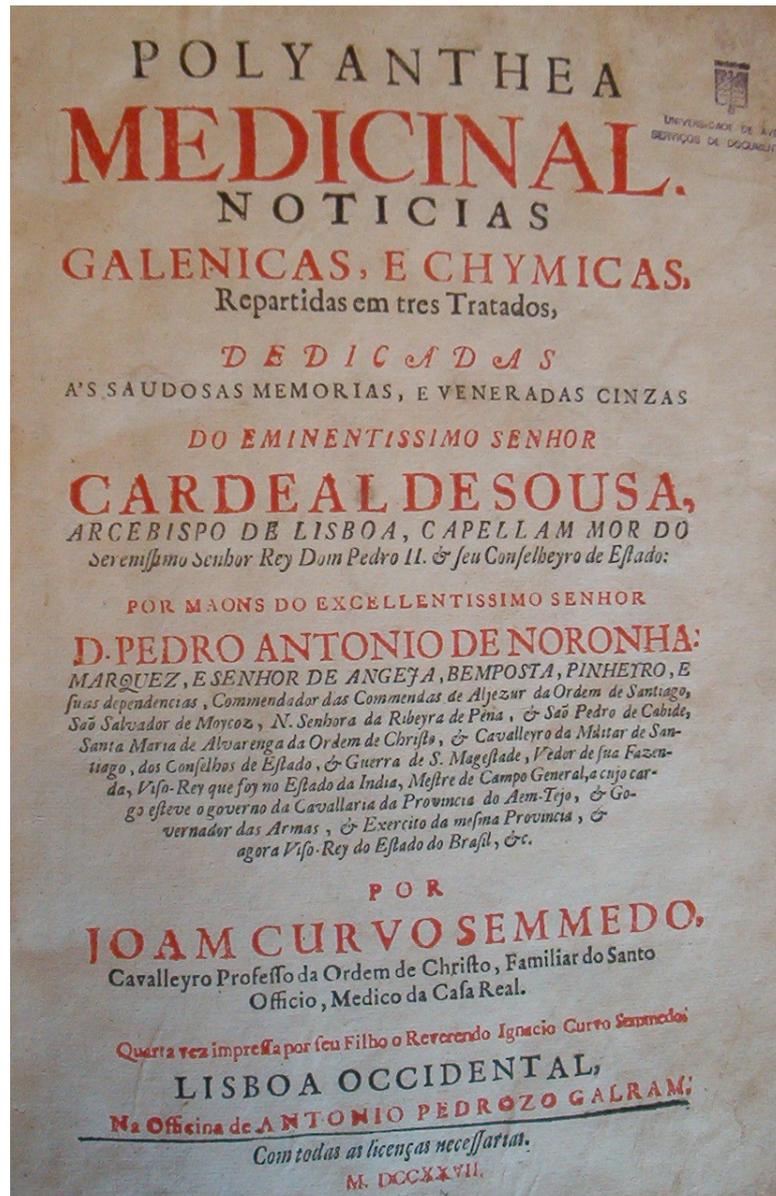


Fig. 7

### 10.1.2. Dedicatória, textos laudatórios e censuras

Antes do prólogo ao leitor, os dicionários antigos apresentavam um conjunto de composições que poderemos designar genericamente como textos gratulatórios e de louvor, e que, por norma, se distinguem do prólogo por não abordarem questões metalexigráficas. No *Vocabulario* este *corpus* é invulgarmente extenso, com mais de uma dezena de textos no primeiro tomo e, em menor número, nos tomos III, IV, V e

*Suplemento*. Devemos mesmo concluir que é o mais profuso de todo o conjunto de dicionários que compulsámos, só encontrando paralelo no *Tesoro de la lengua* (1611) de Covarrubias<sup>774</sup>.

A dedicatória é um dos paratextos mais comuns à generalidade dos dicionários dos séculos XVII e XVIII, sendo tradicionalmente o espaço de agradecimento ao mecenas protector que favoreceu a publicação da obra. A apresentação tipográfica requintada e algumas das estratégias retóricas na redacção dos textos podem considerar-se mesmo formulares, ao ponto de ser possível identificar coincidências entre a dedicatória «Ao muy alto e poderoso Dom João o Quinto» e o texto correspondente no *Dictionnaire François* (1680) de Richelet (cf. figs. 1 e 2):



Fig. 1

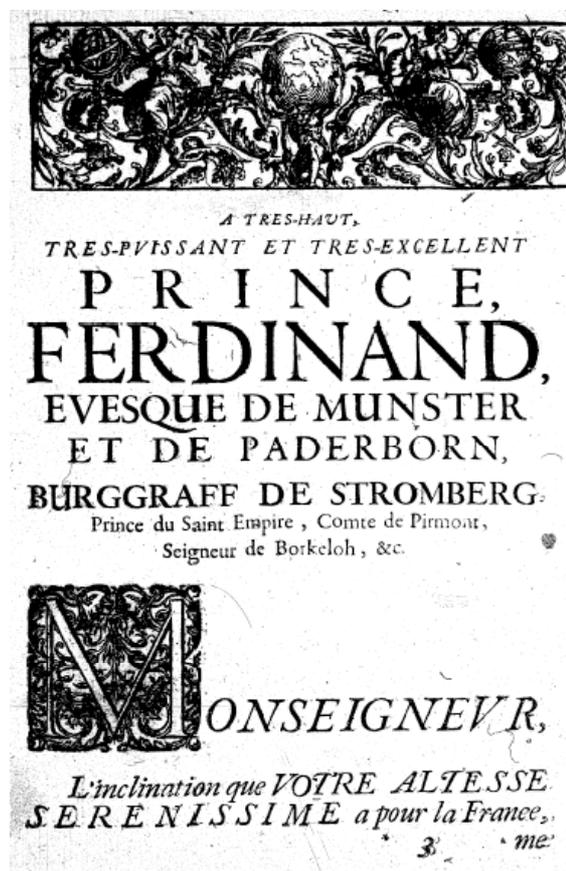


Fig. 2

<sup>774</sup> Ainda assim, o conjunto presente no *Tesoro* é mais modesto, incluindo a carta régia que autoriza a impressão, as licenças, uma carta dirigida ao lexicógrafo, a resposta à carta e a dedicatória da obra ao rei (Cf., Covarrubias, *Tesoro...*, 1994 (1611)).

Apesar de o apoio régio ter sido posterior ao início da edição, a dedicatória permite estabelecer entre D. João V e o *Vocabulario* uma relação semelhante à que unia o *Dictionnaire de l'Academie* a Luís XIV: um monarca culto, fomentador das artes e das letras e que se expressava numa língua que não devia em perfeição às restantes línguas europeias<sup>775</sup>.

Segue-se à dedicatória um conjunto de cartas, poemas e censuras que contribuem para o elogio da obra e do autor, e dão testemunho de um relacionamento privilegiado com nomes importante da nobreza frequentadora das academias e do clero: D. Francisco Xavier, Gaspar Leitão da Fonseca, Troilo de Vasconcelos da Cunha, D. Francisco de Sousa e Fr. Lucas de Santa Catarina. Os elogios dos censores e o investimento retórico em alguns dos pareceres justifica-se pelo facto de Bluteau ser também qualificador do Santo Ofício, havendo lugar a uma deferência que Bluteau teria ocasião de retribuir nas censuras que elaborava.

As composições em verso formam uma espécie de selecta poética multilingue (português, latim, castelhano, francês, italiano), em que os respectivos autores exibem a habilidade para a escrita engenhosa (cf. o «Labyrinthus poeticus», tomo III) e o domínio do latim e das principais línguas vivas europeias (cf. o «Elogium pentaglotton» do Conde da Ericeira, tomo I; cf. fig. 3). O número destes textos é, mais uma vez, superior ao de qualquer outro dicionário francês contemporâneo, multiplicando os elogios ao autor e o ornamento tipográfico das páginas. O *Dictionnaire general* de Rochefort (cf. fig. 4) ainda regista um poema dedicado ao autor, mas esta prática não se verifica em obras posteriores:

---

<sup>775</sup> A dedicatória de Bluteau reproduz o tom laudatório do dicionário da Académie: «Mas não quero julgar por trabalho, o que poderá ter a fortuna de merecer os aggrados de hum Monarcha tão magnificamente estudioso [...] terá V. M. nesta obra huma imagem das ideas de sua duplicada eloquencia, & nesta propria imagem veraõ os vassalos de V. M. as duas lingoas, Portugueza, & Latina, [...] Mas não podia ficar ás escuras huma obra, destinada para os olhos de V. M. & por si mesma, sem merecimento do Author, digna das veneraçoes do Universo, porque he Vocabulario da Lingoa, que V. M. falla. [...] algum dia terá o Author delle a gloria de ter preparado, e repartido por classes toda a locução Portugueza, & Latina, para a fabrica dos encomios de V. M. que Deos guarde, & prospere na guerra, & na paz; na terra, & no mar; dentro, & fora de seus Estados; inaccessible ás adversidades, inevitavel aos triumphos, querido da Fortuna, mimoso da gloria, exemplar da Magestade, exemplo de Religiaõ, Potentado dos coraçoes, emulação dos Potentados, & eterno assumpto dos Epinicios da Fama» (*Voc.*, I: «Ao muy alto e muy poderoso rey»).

ELOGIVM PENTAGLOTTON,

*Latine  
Gallicè  
Italice  
Hispanice  
Lusitanice.*

IN LAUDE M AUCTORIS LEXICI LUSITANICO-LATINI,  
COMES ERICERLÆ D. D. C.

EPIGRAMMA

*Latine* Turbantur lingua, celsâ Babylonis in arce,  
Nesciâ Terrigenum cum petit astra manus;  
Lisâ composito distinguitur ordine lingua,  
Ingenuo, Raphaël, cum subis astra, tuo.

SONET

*Gallicè.* Montrer la pureté d' une langu' estrangere,  
Et scavoir de ses mots, et l' usage, et l' accent,  
Fixer les dictions, et le tour elegant,  
Nous en developper le plus caché mistere.  
D' une langue scauante este censeur severo,  
Et si mort' eloquenc' animer doctement,  
Connoistre les beautés de son siecle scauant,  
Et voir, sans s'oblouir si brillante Lumiere.  
Non, ce n'est pas l' esser des forces d' un mortel  
C'est d' un esprit divin le don furnaturel,  
Qui t' a doñé ( Blueau ) cette force eloquente.  
C'est pour lui que tu rends les deux tresors, ouvert,  
Et ces deux langues faits, admirant l' Univers  
Et propre l' estrangere, & la morte vivante.

§

MA-

Fig. 3

A MONSIEUR  
DEROCHEFORT  
SUR SON DICTIONNAIRE.  
SONNET

*De l' Art de R. de Dieu, du Ciel, des Hommes, de la Terre,  
Du Scauoir, des Vestes, des Arts, et de la Guerre,  
Et sur chaque fait, pour ne rien ignorer,  
L'ouïs mille moyens de pourvoir raisonner.*

*De l'opinez scauoir, & n'estre en tout de choses,  
Nous choisis le plus bon, n'en offrir que les restes,  
Et pour que l'on se passe, de Voluntas directes,  
Dire tout en un seul, instruire l'Univers.*

*Des Versus & des Adrets, ne faire qu'un Histoire,  
Reduire dans un corps l'esprit universel,  
L'illustrer la raison, diriger la mémoire.*

*C'est d'inspire aux hommes, un sçavoir sans pareil,  
C'est de rendre amoureux, c'est de rendre de clair,  
C'est d'inspirer de tout, d'inspirer tout adroitement.*

JUSSEPH GERACE VIOSSY, Avocat  
à la Cour de Parlement de Chambéry

SIXAIN.

*A vant que ROCHEFORT eut mis la plume en train  
L'art est bien trop curieux, l'ornement en vain,  
Il fallut offrir mieux pour sçavoir quelques choses,  
Mais qui de son Recueil vaudra lire le cours,  
Vrai sur l'art de parler recueillir mille restes,  
D'inspire & de servir sçavoir en peu de mots.*

JEAN MILLIARÉ,  
Juge de l'Élection

Fig. 4

Alguns dos nomes que deixaram impressas as suas homenagens eram visitantes estrangeiros, que Bluteau poderá ter conhecido no palácio dos condes da Ericeira, ou nos períodos em que o teatino frequentou a corte. Assim, no tomo I cita uma carta de Cosme III (1642-1723), príncipe de Médicis e grão duque da Toscana, antigo aluno de Galileu e colecionador de obras científicas, que se deslocou a Portugal em 1669 para visitar as principais praças militares; no *Suplemento* encontra-se um madrigal composto por Jacques Le Quien de la Neufville (1647-1728), autor de uma *Histoire générale de Portugal* (1700), que visitou Lisboa em 1713. Nestes paratextos, o lexicógrafo patenteia uma prestigiosa rede de contactos pessoais e demonstra o reconhecimento da sua erudição em França e Itália, pelos superiores da congregação dos teatinos e inclusive pela Santa Sé<sup>776</sup>.

### 10.1.3. Os prólogos

O «Prologo a todo o genero de leitores» e o «Prologo segundo» formam um extenso conjunto paratextual — 44 e 30 páginas, respectivamente — que não tem precedente nos dicionários contemporâneos do *Vocabulario*. Mesmo os prólogos mais alargados, como o do *Dictionnaire universel* (11 pp.) ou do *Dictionnaire de Trevoux* (14 pp.), são quase integralmente dedicados à síntese da teoria e técnica lexicográfica, com uma resenha do processo de composição e indicações para os consulentes.

Se os textos franceses e o prólogo do *Vocabulario* se distinguem no que respeita à forma, há todavia um conjunto de tópicos de informação metalexigráfica e de reflexão linguística que Bluteau recupera, mas com um tratamento menos fundamentado e uma exposição pouco sistemática, perturbada pela profusão de artifícios da retórica barroca e excursos autobiográficos.

Os prólogos de Bluteau são textos argumentativos em que a temática principal é a defesa da obra e do autor, recorrendo a estratégias discursivas muito próximas do registo da parenese. A estruturação dos conteúdos apresenta-se sob a forma de uma artificiosa divisão do texto em dez alíneas, cada uma dedicada a um tipo de leitor: benévolo,

---

<sup>776</sup> Cf. *Supp.*, I: «Copia da carta do Santissimo Padre Innocencio XIII, ao Author do Vocabulario Portuguez, e Latino».

malévolo, impaciente, português, estrangeiro, douto, indouto, pseudocrítico, impertinente e mofino. Os diversos leitores levantam objecções à obra ou ao autor, e Bluteau “encena” uma disputa em que rebate as críticas, dirigindo-se a cada um deles em particular. Há geralmente uma relação de sentido entre a designação do leitor e o tipo de questões; por exemplo, com o leitor estrangeiro discute a perfeição da língua portuguesa, com o português o estatuto do lexicógrafo, com o impaciente o longo processo de redacção do *Vocabulário*<sup>777</sup>. As críticas são introduzidas em discurso indirecto, como se reproduzisse os comentários do interlocutor visado:

Agora pergunto. Com as razoens sobreditas, & com esta demonstraçam ficaràs tu satisfeito, & eu justificado? Não sei. Se a primeira folha desta obra deu â tua impertinencia tão grande campo, que será entrando mais da terra para dentro? Já sei, que topaste com palavras antiquadas, & entendo, que como taes, as queres exterminar deste Vocabulário. Não sabes, que tem as palavras, como as Monarchias, seu principio, estado, & declinaçam?<sup>778</sup>

Após a enunciação da crítica, Bluteau apresenta os seus argumentos, que frequentemente são sublinhados com o recurso a amplificações retóricas, sob a forma de enumerações, símiles ou jogos de palavras. A acumulação de imagens, exemplos históricos, citações e lugares comuns é equiparável às amplificações dos conceitos na oratória sacra, e em muito contribui para a extensão dos prólogos.

Tal como os discursos académicos das *Prosas Portuguezas*, os prólogos estão condicionados por modelos estéticos que valorizam o culto da palavra e da agudeza de engenho. De acordo com os parâmetros da época e a opinião do próprio Bluteau, o aparato retórico não era incompatível com um texto que se pretendia informativo para os leitores, na medida em que a riqueza formal apenas era condenável quando estava ao serviço de temáticas fúteis. Numa apreciação do conjunto, as enumerações e o discurso alegórico são os recursos mais frequentes:

— Sim, Senhor Leitor Indouto. Até agora sem o Vocabulário de D. Raphael passaraõ os Portuguezes dias, mezes, e annos, e seculos, passaraõ Invernos, Primaveras, Estios, e Oítonos. Até agora sem este pezadello passaraõ as Provincias deste Reyno, e suas Conquistas, e no mesmo tempo sobre as cabeças dos Portuguezes passaraõ o Sol, e a Lua, Jupiter, e Saturno com seus Satellites, todas as Estrellinhas da Via Lactea, e todos os Astros do Firmamento.<sup>779</sup>

— Se foras mais sofrido, havias de sentir, o que padeci nesta litteraria navegaçaõ. Levado naõ já da aura popular, mas de huma forte inspiraçaõ, & zelo do bem commum, dei à vela, & fui em demanda dos Emporios que mais florescia o commercio das Linguas Portugueza, & Latina, & com os mais ricos Authores em hum, & outor idioma, cheguei à falla; com varia fortuna fiz muitas escalas, ora com o vento escaço, ora com vento galhardo; hum dia com bonança, outro dia com travessia; muitas vezes me vi embaraçado, & perplexo, sem poder desencalhar; outras vezes com arvore seca sem socorro, &

<sup>777</sup> Cf. Silvestre, 2001.

<sup>778</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor impertinente».

<sup>779</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor indouto».

outras vezes em bandolas com perigo de me perder. Agora, que depois de tantos trabalhos, estou surgindo, recolhendo as velas, & desembarcando os efeitos da minha navegação, queixas-te, IMPACIENTE LEITOR, da tardança [...] <sup>780</sup>

O estilo dos prólogos, com invectivas provocatórias dirigidas ao leitor e expressões interjectivas, contrasta com a solenidade que caracteriza os restantes paratextos. Em alguns excertos, os ataques aos críticos atingem uma comicidade próxima do registo satírico:

Aos louvores, que alguns davaõ ao Vocabulario, respondeo o dito Leitor [Indouto]: Até agora passamos sem isto; [...] Vem cá miseravel; para que sobre ignorante, queres à força ser tolo? Esta tua ridícula advertencia, Até agora passamos sem isto, de toda a cousa nova, ainda que excellentissima, incontrastavelmente se verifica. <sup>781</sup>

Para que apuras a minha paciencia, LEITOR IMPERTINENTE; em lugar de metterte nas tuas conchas, te mettes, onde te não chamão; estranhas, o que não entendes; condenas, o que não sabes; as tuas emendas, sam nodoas, com que sujas este livro; os teus reparos sam pique, comque offendes seu Autor; mas pois não entendes razam, deixame, & já que es mosca, môsca. Vade. <sup>782</sup>

Apesar de se tratar de um conjunto, as alíneas gozam de autonomia textual e poderiam ser lidas isoladamente, observando-se inclusive a repetição de tópicos, argumentos e exemplos no mesmo prólogo. Assim, para responder cabalmente a uma determinada crítica, questões como a extensão do título, as características tipológicas de um dicionário universal ou a técnica de definição são abordadas sempre que se justifica <sup>783</sup>.

O resultado desta construção engenhosa, com repetições, excursos e exposição dos tópicos de modo fragmentário, é um texto de leitura complexa, em que é difícil localizar a

<sup>780</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor impaciente».

<sup>781</sup> *Supp.*, I: «Ao leitor indouto».

<sup>782</sup> *Voc.*, I: «Ao leitor impertinente».

<sup>783</sup> No prólogo do *Supplemento*, a propósito da técnica de definição, o mesmo exemplo é apresentado ao leitor douto e ao impertinente:

— «Lembre a este proposito o encontro, que tive com hum destes desprezadores das definiçoens, e descripçoens de miudezas, e cousas de non nada, que naturalmente vem à maõ, de que dou conta na obra. Dizia eu, e torno a dizer, que o definir, ou descrever qualquer cousa, ainda que commua, e trivial, não he taõ facil como parece. Rindose o homem do meu dito, e dando por razaõ, que tudo o que se vé, ou se ouve, e na esfera dos sentidos cabe facilmente, e sem dar tratos ao juizo, com palavras se exprime; bem está (disse eu) visto isto, digame vossa merce, que cousa he maõ; desconfiou o homem, mudou de cor, e depois de masgar, e remoer na boca a dita palavra, se sahio com esta discreta definição, Maõ, maõ, maõ, he maõ; viva vossa merce mil annos (disse eu) por nos dar huma regra, ou exemplo taõ facil para definir qualquer cousa, homem he homem, &c.» (*Supp.*, I: «Ao leitor douto»);

— «A mim me succedeo, que pedindo a hum destes sabichoens à moda, que me dissesse, que cousa he maõ, mudou de cor, e depois de mascar, e revolver entre dentes o monosyllabo maõ, se sahio finalmente com esta bella definição: maõ he maõ; supponho, que deste mesmo modo o nosso Impertinente affectando gravidade, e arcando as sobrancehas, se descartaria com dizer: maceira he

informação essencial para a consulta do dicionário, relativa aos limites da nomenclatura, à ortografia, à ordenação dos sentidos e às categorias informativas. No que respeita à recepção por parte dos leitores contemporâneos de Bluteau, os prólogos terão sido positivamente apreciados enquanto exercício retórico, como se depreende da referência que surge na *Orthographia* de Madureira Feijó<sup>784</sup>. Alguns anos mais tarde, Verney fará uma avaliação extremamente negativa, concluindo que, para além das desvantagens da prolixidade, não cumprem satisfatoriamente os objectivos de esclarecimento metalexigráfico:

Era mui medroso: e nam tinha metodo. O medo, reconhece-se em cada pagina das-suas obras. Fora maltratado por-alguns Portuguezes injustamente; e a cada paso se-queixa, e dá uma satisfasam. Os Prologos, tanto na primeira obra, como no-Suplemento, sam insoportaveis: e apostarei, que nam-se-acha omem, de tanta paciencia, e tam mao gosto, que os-posa ler todos seguidamente: porque a cada momento, repete as mesmas coizas. E o pior é, que com dizer tanto, nam explica o que deve: pois querendo um leitor saber, o que ele faz no-Dicionario, e que razam dá da-obra; nam sabe por-onde á-de comesar. Com um só titulo dirigido ao leitor \*\*\* compreendia todos, os que ele poem no -seu Prologo: e com um Prologo mui breve, dava razam de toda a obra. Os omens doutos, intendem mui bem as coizas: e sabem desculpar um autor, que escreve uma obra grossa: especialmente um que escreva um Dicionario [...]<sup>785</sup>

Sem testemunhos concretos que o documentem, é difícil avaliar o peso das críticas negativas que efectivamente foram apontadas ao *Vocabulario*, legitimando o tom da resposta nos prólogos. Para além das críticas mais fundamentadas, resultantes da perplexidade perante a dimensão ou as características do dicionário, poderá ter existido um conjunto de ataques em tom satírico, especialmente dirigidos à figura do autor, sob a forma de «papeis anonymos»<sup>786</sup>.

---

maceira: pereira he pereira. Muito obrigada ficaria a Republica, a quem lhe dêsse noticia taõ peregrina» (*ibidem*: «Ao leitor impertinente»).

<sup>784</sup> «Leitor sábio e entendido, isto não he prólogo, para antecipar satisfaçoens á crítica dos Zoilos; porque depois que o doutissimo Bluteau fez prólogos para todo o genero de Leitores, todos os mais ficão escusados, para confusaõ da mordacidade, na crítica» (Madureira Feijó, *Orthographia...*, 1739: «Prolegomeno»).

<sup>785</sup> Verney, *Verdadeiro metodo...*, 1746: 55-56.

<sup>786</sup> A questão é indirectamente referida no «Prologo segundo»: «Padre, veja lá como falla, que não faltará quem lhe responda. Responda embora, mas ponha o seu nome na resposta, que de papeis anonymos ninguem faz caso» (*Supp.*, I: «Ao leitor mofino»). É uma hipótese bastante plausível, à luz do retrato amargo de uma Lisboa intrigista e maledicente, descrita pelo próprio Bluteau aquando do regresso a Paris, em 1697: «A mim me parece, que no systema da vida moral, e politica he Pariz taõ contrario a Lisboa, como o dia à noite, porque em Pariz, o que se faz às claras, em Lisboa se costuma fazer às escuras. No trato commum dos que frequentaõ esta Corte, a todos he licito dizer claramente o seu parecer. [...] Lá [Lisboa] toda a queixa se faz na ausencia das pessoas, e quasi às escuras; quando muito se desabafa com os amigos, e só da impenetrabilidade do segredo se fia o desafogo da sinceridade» (Bluteau, *Primicias...*, III, 1698: «Antiloquio panegyrico...»).

Nos diversos capítulos do presente trabalho procurámos recensear as informações que documentam o pensamento linguístico e metalexigráfico de Bluteau. Não se justifica repetir aqui, sem o enquadramento teórico e contextual, os excertos já oportunamente analisados. Optamos por uma apresentação esquemática dos conteúdos mais relevantes, tal como se distribuem ao longo dos prólogos, o que permite comprovar a dispersão das matérias e estabelecer um breve índice temático:

### **Prologo a todo o genero de leitores (1712)**

#### **Ao leitor impaciente:**

— especificidade da obra lexicográfica e do texto dicionarístico, em comparação com outros tipos de obras literárias.

#### **Ao leitor portuguez:**

— estatuto do lexicógrafo “estrangeiro”: «supre o estudo a falta do nascimento».

#### **Ao leitor estrangeiro<sup>787</sup>:**

— a «preferência das lingoas»: o número de vocábulos do português, tendo por critério comparativo a extensão dos dicionários de vernáculo das principais línguas europeias; a autonomia do português em relação ao castelhano; a posição do português na “hierarquia” das línguas; características da língua adâmica, a única que pode ser classificada como perfeita; inutilidade das especulações etimológicas para a ilustração das línguas modernas.

#### **Ao leitor douto:**

— características valorizadas na obra lexicográfica: notícia de línguas estrangeiras; termos de todas as artes e ciências; notícias acerca de todos os termos;

— características tipológicas de um dicionário universal.

#### **Ao leitor indouto:**

— teoria da definição; contributo informação etimológica para a explicação do sentido.

#### **Ao leitor pseudocrítico:**

— resposta a críticas ao *Vocabulario*: erros nos conteúdos das definições; erros de tipografia; autorização da nomenclatura.

#### **Ao leitor impertinente:**

— resposta a críticas ao *Vocabulario*: título da obra; inclusão na nomenclatura de neologismos, termos científicos e léxico antigo;

— critérios filológicos no tratamento da informação latina.

### **Prologo segundo**

#### **Ao leitor malevolo:**

— lista de colaboradores na recolha de nomenclatura em domínios lexicais específicos.

#### **Ao leitor impaciente:**

— domínios lexicais adicionados na nomenclatura do *Suplemento*; categorias informativas ampliadas.

#### **Ao leitor portuguez:**

— adição de neologismos e palavras estrangeiras aportuguezadas.

#### **Ao leitor estrangeiro:**

— características tipológicas de um dicionário universal: as definições de tipo enciclopédico.

#### **Ao leitor douto:**

<sup>787</sup> A alínea «ao leitor estrangeiro» representa perto de um quarto da extensão total do prólogo. A defesa e ilustração da língua portuguesa é um aspecto central na argumentação do teatino, na medida em que o valor da obra lexicográfica era indissociável do mérito do seu objecto.

— características tipológicas de um dicionário universal: as definições de tipo enciclopédico (continuação).

**Ao leitor pseudocrítico:**

- configuração do título, justificada como elemento de dignificação da obra;
- características tipológicas de um dicionário universal: a nomenclatura;
- fontes documentais da informação de tipo enciclopédico;
- intertextualidade entre dicionários;
- informação complementar de tipo retórico-literário.

**Ao leitor impertinente:**

- técnica de definição: definição por género e diferença;
- inclusão de antropónimos e mitónimos;
- informação complementar de tipo retórico-literário.

O processo da génese do *Vocabulario* e as inovações que este introduz no panorama lexicográfico português explicam um prólogo em que a tónica é colocada na defesa da obra, empregando recursos do texto argumentativo<sup>788</sup>. Acaba por deixar em segundo plano a preocupação em fornecer, de um modo explícito, indicações para a consulta do dicionário, que talvez considerasse desnecessárias para o público a que se destinava. De facto, as informações metalinguísticas e metalexicográficas estão presentes, embora obnubiladas pela encenação de um certame entre o autor e os seus leitores.

#### 10.1.4. O «Vocabulario de vocabularios»

O vasto catálogo de obras lexicográficas que Bluteau apresenta no fim do segundo *Suplemento* não representa uma lista das fontes do *Vocabulario*, ainda que seja admissível que o autor efectivamente conhecesse uma grande parte dos títulos que cita. Na «Apologia» declara possuir na sua cela cerca de 60 dicionários, a que devemos somar as obras da biblioteca dos teatinos e aquelas com que contactou ao longo do período de formação e aprendizagem de línguas, em Paris e Itália.

Os dicionários circunscrevem-se quase exclusivamente ao âmbito do latim e das principais línguas românicas e a selecção incide apenas sobre «os melhores, e mais

<sup>788</sup> Uma breve sondagem do léxico do «Prologo a todo o genero de leitores» evidencia algumas marcas típicas de um texto argumentativo, como a frequência dos conectores *porque* (84) e *como* (104), este último introduzindo as abundantes comparações que ilustram e autorizam os argumentos apresentados. Observa-se também a abundância de formas pronominais referentes aos interlocutores, reforçando a vivacidade de um discurso que procura tornar presente as figuras dos diferentes tipos de leitores: *eu* (21), *me* (49), *tu* (9), *tua / tuas* (31), *teu / teus* (14). Por outro lado, o levantamento dos substantivos de maior frequência neste prólogo confirma a predominância da temática linguística: *lingoa / lingoa*s (112 ocorrências), *palavra / palavras* (100), *nome / nomes* (64), *obra / obras* (61),

usados». Bluteau demonstra um amplo horizonte de referência, recenseando os textos fundamentais da dicionarística latina europeia do século XVI e XVII, os primeiros grandes dicionários de vernáculo e a diversidade de léxicos especializados que surge nos finais do século XVII.

Em preâmbulo, propõe uma caracterização tipológica mais coerente e sustentada por exemplos esclarecedores, se comparada com os textos dos prólogos<sup>789</sup>. Distingue dicionários históricos e verbais (de língua), ressaltando que os melhores destes últimos são aqueles em que «se achão todas as disciplinas com os termos, de que usaõ», com definições de tipo enciclopédico. Todavia, no catálogo as obras são distribuídas de acordo com as línguas que descrevem, e não segundo o tipo de informação que oferecem<sup>790</sup>.

No total, são 144 títulos de impressos, com a indicação adicional de 8 obras manuscritas de autores portugueses, que permaneceram inéditas e se perderam<sup>791</sup>. O número real de obras será ligeiramente inferior, pois por vezes os títulos fazem parte de conjuntos dicionarísticos editados num mesmo volume, como é o caso da *Prosodia*, que se desdobra em 4 títulos (*Prosodia*, *Thesouro*, *Adagios* e *Frazes*).

A divisão por línguas, tal como Bluteau a configura, demonstra a prevalência dos títulos latinos, franceses e dos dicionários especializados ou com informação de tipo enciclopédico, que têm uma secção autónoma:

- portuguezes, e latinos (7)
- outros vocabularios, compostos por portuguezes (8)
- latinos, e portuguezes (5)
- castelhanos (3)
- castelhanos, e latinos (9)

---

*autor* / *autores* (59), *leitor* / *leitores* (58), *Vocabulario* / *Vocabularios* (49), *livro* / *livros* (46), *letra* / *letras* (38), *mundo* (35), *tempo* (34), *vocábulo* / *vocábulos* (32). Cf. Silvestre, 2001.

<sup>789</sup> Cf. cap. III.1.

<sup>790</sup> O inventário admite qualquer obra que recolha informação de tipo dicionarístico, independentemente do título: «Resta advertir que ainda que alguns Vocabularios, ou Diccionarios, dos que se seguem tenhaõ outros titulos, v.g. *Glossarios*, *Thesouros*, *Jardins*, *Onomasticos*, *Inventarios*, *Indices universaes*, &c. todos realmente são Vocabularios, porq̃ trazem por ordem Alfabetica, e declaraõ o significado de vocabulos» (*Supp.*, II, «Vocabulario de vocabularios»: 538).

<sup>791</sup> «Joaõ Franco Barreto na sua Bibliotheca Lusitana, que se naõ imprimio, faz menção de varios Vocabularios, que Portuguezes compuzeraõ em diferentes idiomas, e materias; o Diccionario Hebraico, e Grego manuscrito de Heliodoro de Paiva, o Diccionario Malabarico de Henrique Henriques; o Diccionario Brasilico do P. Manoel da Veiga; outro Diccionario Brasilico do P. Joseph Anchieta, da Ilha de Teneriffe, da Companhia de Jesus. Hum Vocabulario Latino, e Portuguez de Duarte Nunes de Leão, e outro Vocabulario Latino Lusitano, manuscrito de Francisco Sanches. No seu livro intitulado *Vergel de Plantas*, &c. fol. 10. diz o P. Fr. Jacintho de Deos que o P. Fr. Gaspar de S. Miguel, Religiozo de S. Francisco, compoz na Lingoagem do Reino do Idalcaõ hum Calepino, huma Arte, e hum Manoal para os Parocos, e Reitores; no mesmo lugar diz o ditto Autor que o Padre Manuel Banha, tambem da Ordem Serafica, fez hum Vocabulario da mesma Lingua do Idalcaõ» (*ibidem*: 538-539).

castelhanos, e francezes (2)  
italianos (5)  
italianos, e latinos (7)  
italianos, e francezes (3)  
italianos, e castelhanos (2)  
francezes (32)  
francezes, e castelhanos (2)  
francezes, e italianos (2)  
francezes, e latinos (8)  
meramente latinos (7)  
latinos, polyglotos (7)  
latinos, e portuguezes (6)  
latinos, e italianos (2)  
latinos, e francezes (5)  
latinos, e alemaes (1)  
latinos, de artes, e sciencias (29)

Considerando o número de vezes que uma determinada língua é objecto de descrição, essa preponderância é ainda mais evidente: latim, 93 obras; francês, 54; italiano, 21; castelhano, 18; português, 18<sup>792</sup>.

O catálogo não deve ser confundido com uma lista de fontes, pois de alguns dos dicionários Bluteau pouco mais conheceria que o nome, a julgar pelo modo sumário e impreciso como são descritos, abreviando o título e sem indicar o ano da edição<sup>793</sup>. De facto, as descrições pormenorizadas, transcrevendo título e subtítulos, coincidem precisamente com as obras de consulta regular e que estariam acessíveis quando redigiu o inventário.

A distribuição cronológica das obras revela um *corpus* actualizado, em que a maioria dos títulos é recente e se localiza no período correspondente à redacção do *Vocabulario*. Apesar de nem todas referências incluírem o ano de edição, foi possível datar com muita segurança um total de 137 dicionários, que se distribuem do seguinte modo:

1700-1723	11 títulos
1675-1699	50
1650-1674	22
1625-1649	6
1600-1624	21
1575-1599	11
1550-1574	11
1525-1549	5
1513	1

<sup>792</sup> O número de obras versando o português está artificialmente inflacionado pelo desdobramento de títulos, como acima se referiu.

<sup>793</sup> Por exemplo, o *Dictionnaire des proverbes françois* (1710) de George de Backer apenas consta como «Dictionnaire des proverbes». Não conseguimos identificar conclusivamente referências a um «Dictionnaire de Chasseurs», ou a um «Dictionnaire de droit», entre outros. Algumas notícias como «Vocabulario de Christoval de las casas» [ed. de 1570?], sugerem que Bluteau as citava de memória.

Nos extremos deste repertório, o título mais antigo é a *Cornucopiae linguae latinae* (1513) de Nicolau Perotto e o mais recente o *Dictionaire de la bible* (1722) de Augustin Calmet. A distribuição reflecte o incremento na produção de dicionários bilingues e monolingues à medida que se aproxima o final do século XVII, mas também a edição de obras de informação técnica especializada, redigidas em vulgar e com uma estrutura interna de tipo dicionarístico. O «Vocabulario de vocabularios» considera este precioso fundo textual que, se não é especificamente orientado para a informação linguística, inclui as fontes documentais para a lexicografia de tipo enciclopédico que se desenvolverá na primeira metade do século XVIII.

## V. RECEPÇÃO

### 1. Recepção do *corpus* dicionarístico

No longo período que mediou entre o *Supplemento* e o *Diccionario* de Morais Silva (1789), a produção de obras lexicográficas não foi abundante, nem representou um acréscimo substancial à nomenclatura coligida por Bluteau. Considerando o percurso editorial de obras europeias congêneres — Furetière e Trevoux, por exemplo — a evolução do imenso fundo de informação lexical passaria normalmente por uma actualização e correcção que remediasses as falhas tipográficas e as incongruências da técnica lexicográfica, decorrentes de um processo de composição e edição que se prolongou por mais de trinta anos.

O *Vocabulario* não beneficiou de uma reformulação que mantivesse e aprofundasse as marcas características de um dicionário monumental, repleto de informação linguística, literária e enciclopédica, como os que se aperfeiçoavam nas principais línguas europeias, e que o tornaria um instrumento mais completo para a preservação da memória lexical. Desconhece-se qual a efectiva orientação do *Complemento* preparado por José Caetano (n. 1690), que, de acordo com os testemunhos citados por Inocêncio Silva, estaria no prelo aquando do terramoto de 1755, o que explicaria o malogro de todo o projecto<sup>794</sup>. Mas, a

---

<sup>794</sup> «De uma carta autographa de José Caetano [...] datada de 23 de Agosto de 1755, e dirigida ao Padre Preposito da Casa de S. Caetano, se vê que este professor fôra encarregado muitos annos antes, por ordem d'el-rei D. João V, em virtude de proposta feita pelo conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, e pelo padre D. Raphael Bluteau, de revêr, pôr em limpo, e fazer imprimir o *Complemento do Vocabulario portuguez* do mesmo Bluteau; empreza que [...] se conservára suspensa até que el-rei D. José resolvêra tomar a si a continuação [...]. Vê-se mais que á data da carta havia já uma porção de folhas impressas, e se ia proseguindo em imprimir as restantes [...]» (Inocêncio Silva, *Dic. Bib.*, IV: 281-282).

avaliar pelo título, tratar-se-ia da revisão de materiais que não haviam sido incluídos no *Suplemento*, compilados por Bluteau e pelos Condes da Ericeira<sup>795</sup>.

No que respeita à redução do *Vocabulario* a um formato e extensão compatíveis com um uso escolar, há que considerar o facto de esse espaço ser ocupado pelas reedições de Cardoso e pela *Prosodia*, que gozava da preferência dos jesuítas e se conformava com o seus métodos de ensino<sup>796</sup>. Apenas em meados do século XVIII parece haver condições que propiciem a edição de obras alternativas, que se propõem erradicar os barbarismos do dicionário dos jesuítas e que reclamam um rigor filológico e a propriedade na expressão latina. Este interesse pela qualidade do ensino do latim — que antecipa as orientações da reforma pombalina — adia os esforços para a composição de um dicionário monolíngue e pode explicar o facto de os lexicógrafos não terem sentido a necessidade de ampliar a nomenclatura ou de melhorar as definições das palavras portuguesas.

Antes da profunda reformação de António Morais Silva, de que resultará uma obra substancialmente diferente, o *Vocabulario* foi a principal fonte informadora de um conjunto de textos lexicográficos e paralexográficos, em que se destacam os dicionários bilingues de Carlos Folqman (1755) e José Marques (1764), e o catálogo anexo à *Orthographia* (1734) de Madureira Feijó. Com menor repercussão na tradição dicionarística subsequente, o texto de Bluteau motivou também a recolha de informação de tipo enciclopédico e terminologias nele contidas, sob a forma de compilações paralexográficas e indexações de extensão variável, como é o caso do *Divertimento erudito* (1734) de Fr. João Pacheco, ou do pequeno *Diccionario portuguez das plantas* (1765) de José Monteiro de Carvalho<sup>797</sup>.

---

<sup>795</sup> Pode admitir-se a uma relação entre o texto de José Caetano e o *Complemento ao Doutissimo Vocabulario do P. D. Rafael Bluteau*, que Barbosa Machado atribui a D. Luís Carlos de Meneses, a que já nos referimos no cap. I.2.2. Da correspondência entre Bluteau e D. Francisco Xavier, concluiu-se que D. Luís teria um particular interesse pela terminologia científica e que colaborou com o pai numa revisão que visava conferir uma maior sistematicidade à nomenclatura, corrigindo incongruências e palavras erradas que não haviam figurado em erratas anteriores (Caetano de Bem, *Memorias...*, 1792: 314). Esse trabalho poderá ter sido posteriormente ampliado e ter servido de base de trabalho a José Caetano.

<sup>796</sup> Ao longo do século XVII, o conjunto dicionarístico de Jerónimo Cardoso foi várias vezes reeditado (cf. Teyssier, 1980: 11), o mesmo sucedendo com a *Prosodia* no século seguinte.

<sup>797</sup> O confronto entre Bluteau, Folqman, Marques e Morais Silva apoia-se numa análise comparativa da nomenclatura da letra D e de um conjunto de artigos. Tendo em conta as diferenças na técnica lexicográfica e a questão das variantes ortográficas, um cálculo estrito do número de entradas não permitiria uma correcta avaliação da importância do *corpus* coligido por Bluteau para os dicionaristas subsequentes. Assim, na tabela comparativa (anexo V), há que considerar as seguintes intervenções:

### 1.1. *Diccionario portuguez, e latino* (1755)

O dicionário bilingue composto pelo padre Carlos Folqman (1704-?) é a primeira obra que patenteia de forma explícita uma filiação no *Vocabulario*, pretendendo resumi-lo a um pequeno volume in-4º, orientado sobretudo para o trânsito escolar<sup>798</sup>. Filho de pai alemão e mãe holandesa, com formação escolar no estrangeiro, deve-se à sua experiência multilingue um conjunto de obras de reflexão linguística, com a *Grammatica hollandeza* (1742) e a *Nomenclatura portugueza, e latina das cousas mais communs e vesiveis* (1793)<sup>799</sup>.

O principal objectivo é tornar acessível aos estudantes uma série de equivalências bilingues apenas registadas no volumoso e raro dicionário de Bluteau, fundadas em bons autores e transcritas com preocupações filológicas<sup>800</sup>. Folqman, que não dispensa qualquer elogio a Cardoso, Barbosa ou Bento Pereira, apresenta o seu dicionário como sendo «não só utilissimo, mas summamente necessario» a todos que estudam a língua latina, o que aponta para uma renovação do ensino, baseado em instrumentos pedagógicos mais

---

— as novas entradas do *Supplemento* foram integradas na ordenação alfabética (assinalam-se com asterisco);

— eliminaram-se as duplicações de entrada em casos de homonímia (e.g. DADO/DADO);

— suprimiram-se as entradas repetidas (e.g. DIANTEIRO, DIANTEIRA, DIANTEIRO);

— eliminaram-se as entradas de formas verbais na conjugação reflexa, quando a forma do infinitivo também está registada (e.g. DEVOLVER, DEVOLVERSE);

— as entradas de Folqman, Marques e Morais Silva que apenas correspondiam a uma variação ortográfica de uma entrada do *Vocabulario* não foram consideradas, para efeitos de comparação, como uma nova palavra-lemma (e.g. *Voc.*: DESENQUIETAÇAM; *Diccionario* de Morais: DESENQUIETAÇÃO, DESINQUIETAÇÃO).

<sup>798</sup> *Diccionario portuguez, e latino, No qual as dicções, e frases da lingua portugueza, e as suas variantes significações, genuinas, e metaforicas, se achão clara, e distinctamente vertidas na Latina, e autorizadas com exemplos dos Authores classicos, compilado do Vocabulario do Reverendo Padre D. Rafael Bluteau, e dos melhores Diccionarios de varias linguas, A todos, que estudão a lingua Latina, não só utilissimo, mas summamente necessario, [...] Oferecido ao Rei Fidelissimo Dom José I Nosso Senhor por Carlos Folqman [...], 1755.*

<sup>799</sup> Também estas obras apresentam uma organização paralexiconográfica. A *Grammatica hollandeza* inclui «huma nomenclatura copiosa, varios dialogos em huma collecção dos mais selectos proverbios de ambas as linguas», e a *Nomenclatura*, para além de uma ordenação do léxico por campos semânticos, adiciona um «pequeno vocabulario de verbos Portuguezes, e Latinos» (pp. 29-87). São escassos os dados biográficos sobre Carlos Folqman, capelão de S. Bartolomeu dos Alemães, em Lisboa (cf. Inocêncio Silva, *Dic. Bib.*, II: 31). Para uma apresentação geral das obras de Folqman, cf. Almeida, 1969e: 27-36; 1972.

<sup>800</sup> «Como o grande *Vocabulario Portuguez, e Latino* do Reverendo Padre D. Rafael Bluteau pela sua multidão de tomos ficou só servindo de ornato de livrarias, e não para bem publico dos que estudão a lingua Latina, faço com este *Diccionario* compendioso à Republica litteraria deste Reino participante do que nelle, e em outros *Diccionarios* de varias linguas achei mais util para o estudo de verter huma oração Portugueza na Latina» (Folqman, *Diccionario*: «Prologo ao Leitor»).

criteriosos que a *Prosodia* dos jesuítas. De resto, este dicionário é contemporâneo do *Apparato critico para a correcção do Diccionario intitulado Prosodia* (1755), publicado por António Pereira de Figueiredo, em que se aprecia a pouca valia do *Thesouro* como modelo de boa latinidade<sup>801</sup>.

A base de trabalho de Folqman é a nomenclatura estabelecida por Bluteau, da qual selecciona as palavras de uso frequente, ou aquelas que, uma vez traduzidas, correspondem às estruturas linguísticas fundamentais do latim. Assim, tomando por amostra a letra D, verifica-se uma notória coincidência entre as duas nomenclaturas, já que 98% das entradas de Folqman estão registadas no *Vocabulario* (964 num total de 982).

Apesar de Folqman ter reduzido a nomenclatura em mais de metade (na letra D, apenas aproveita 41% das 2326 entradas de Bluteau), o resultado é um dicionário de língua bastante completo, em que se mantém o vocabulário essencial do português. Para esta redução contribuiu a supressão de muitas entradas que resultavam de variações morfológicas de outras palavras primitivas; mas as unidades lexicais eliminadas pertencem sobretudo aos domínios das terminologias especializadas e da toponímia moderna, que além de serem palavras de emprego restrito, por norma suscitavam a introdução de barbarismos<sup>802</sup>.

Por exemplo, a sequência DIA- do *Vocabulario* (120 entradas), que está repleta de termos de medicina e farmácia, apenas concorda com o dicionário de Folqman em 10 palavras-lemma: DIA, DIABOLICO, DIACONO, DIAFA, DIALOGO, DIAMANTE, DIANTE, DIANTEIRA, DIANTEIRO, DIARIO. De fora ficam termos como DIACALAMINTHES, DIACARTHAMO, DIACASSIA, DIACASTOREO, DIACATOLICAM, que Bluteau registara justamente para assegurar a intercomunicação entre o português e o latim em todas as áreas do conhecimento<sup>803</sup>.

<sup>801</sup> «É este *Thesouro da Lingua Portuguesa* o único dicionário de que para as suas composições se valem principalmente os que frequentam as aulas da Companhia. Para nós vemos que tais sairão estas composições, basta saber os muitos barbarismos e os vocábulos viciosos que por este *Thesouro* se aprendem» (*Apparato*, Proposição XII, cit. por Mendes de Almeida, 1969d: 34). Cf. Verdelho, 1982: 17-23.

<sup>802</sup> «Muitas palavras exclui, por serem de pouca importancia, e não terem os latins certos, como são: Alfeloia, Alfenim, Alhada, Amortecer, Bispar, Encarapitar-se, Encaramonado, e outras semelhantes» (Folqman, *Diccionario*: «Prologo ao Leitor»). Bluteau apresenta tradução latina para todas estas palavras, mas através de paráfrases elaboradas. E.g.: «ALFELOA, *juncus saccharreus flavi coloris*»; «ENCARAPITARSE, *alicui rei editiore incinere*» (*Voc.*, s.u.).

<sup>803</sup> Folqman também ignora a generalidade dos nomes próprios, sejam topónimos (e.g. DABUL, DACIA, DALMACIA) ou mesmo mitónimos greco-latinos (e.g. DANAE, DANAIDES).

O lexicógrafo revela a sua autonomia em relação à fonte em aspectos como a avaliação de tipo sociolinguístico da nomenclatura, bem como no esforço para uma normalização ortográfica. Assim, recusa um determinado número de palavras que se desviavam do “bom uso”, e que no *Vocabulario* eram marcadas como *termos vulgares e chulos*<sup>804</sup>. No que respeita à ortografia, Folqman elimina as entradas duplas de Bluteau, que se conformavam com opções e autoridades divergentes, e declara peremptoriamente que uma determinada forma é incorrecta, o que pressupõe uma evolução na consciência dos limites da norma culta<sup>805</sup>.

O peso das entradas que não se encontravam na nomenclatura do *Vocabulario* é muito reduzido, quer pelo seu número global (na letra D, não ultrapassa 19 entradas em 982, cerca de 2%), quer considerando o seu contributo para uma efectiva ampliação do fundo lexical. De facto, as adições são geralmente variações morfológicas de outras palavras-lemma contempladas, o que resulta apenas na correcção de omissões que perturbavam a regularidade formal da nomenclatura estabelecida por Bluteau. Veja-se a lista das adições na letra D, acompanhadas pela indicação de formas próximas presentes no *Vocabulario*<sup>806</sup>:

DA	DESCURIOSO ( <i>Voc.</i> DESCURIOSIDADE)
DANÇARINO ( <i>Voc.</i> DANÇADOR)	DESENCAIXADAMENTE ( <i>Voc.</i> DESENCAIXADO)
DECADENCIA	DESENFARDAR
DECOAR ( <i>Voc.</i> DECOADA)	DESGARREAR-SE
DESAFIADO ( <i>Voc.</i> DESAFIAR)	DESIRMANADO ( <i>Voc.</i> DESIRMANAR)
DESANCAR	DESPROVIDO
DESARVORADO ( <i>Voc.</i> DESARVORAR)	DINAMARQUEZ
DESCARADAMENTE ( <i>Voc.</i> DESCARADO)	DISFARÇADAMENTE ( <i>Voc.</i> DISFARÇADO)
DESCONSOLADO	DISTRIBUIDO ( <i>Voc.</i> DISTRIBUIR)
DESCULPAVEL	

<sup>804</sup> «Outras [palavras] refuguei, por serem de má linguagem Portuguesa, como são: Acabellado, Açaçapar, Afundar, Emmarar-se, &c.» (Folqman, *Diccionario*: «Prologo ao Leitor»). Todos estes exemplos constam no *Vocabulario* e são tratados como palavras de uso restrito.

<sup>805</sup> No seu dicionário, altera «muitas [palavras], que estavam escritas por má ortografia, como: Abaxo, Baxa, Baxeza, Baxo, Comprir, Cubrir, Enquerir, Enqueridor, Encubrir, Inveja, Jogar, &c.» (*ibidem*: *loc. cit.*). Em regra, no *Vocabulario* os artigos eram encabeçados pelas formas que Folqman repudia sem hesitação: ABAXO, ou abaixo; BAXA, ou baixa; BAXEZA, ou baixeza; BAXO, ou baixo; COMPRIR; CUBRIR; ENQUERIR, ou inquirir; ENQUEREDOR, ou Inquiridor; ENCUBRIR, ou encobrir.

<sup>806</sup> As omissões na nomenclatura do *Vocabulario*, que os dicionaristas posteriores tentam corrigir, por vezes explicam-se à luz da própria técnica de ordenação da informação. Por exemplo, Folqman adiciona DESCURIOSO, mas esse termo já era explicado por Bluteau (*Voc.*, s.u. DESCURIOSIDADE): «DESCURIOSIDADE. Pouca, ou nenhuma curiosidade, *Incuriositas*, não he palavra Latina. *Incuria*, he negligencia, ou descuido. E assim *Incuriosus*, não he **descurioso**, mas negligente. Por descuidosidade poderás dizer *Parum curiositatis*, ou *Nulla curiositas*, e por **descurioso**: *Expers curiositatis*.»

Folqman reduz a estrutura dos artigos ao esquema original que Bluteau recuperara dos dicionários bilingues franceses de uso escolar — lema, definição sintética, tradução, fraseologia — mas que no *Vocabulario* frequentemente se intumescia com especulações etimológicas para ambas as línguas e com as definições de tipo descritivo. Por exemplo, no artigo DAMA, que ilustrará a comparação entre os dois dicionários, Bluteau principia com uma longa explicação da origem da palavra, citando comentários de Manuel Faria e Sousa e alegando com exemplos castelhanos. Folqman ignora completamente a questão e concentra-se na informação linguística, aproveitando parte das definições e esforçando-se por apresentar uma hierarquia das acepções mais coerente e delimitada, para o que muito contribui uma rigorosa aplicação de auxílios visuais tipográficos, como os asteriscos, caracteres em capital e o avanço de parágrafo (cf. coluna da direita):

— **Voc.:**

DAMA [...] Dama. Molher fidalga. Molher de sangue illustre. *Illustris*, ou *nobilis femina*, ou *matrona. Femina Primaria. Ter. Cic.* (Fallandose com ella, se poderá dizer no vocativo, *Domina*.)

Dama de Palacio. *Virgo aulica, ae.*

Molher Dama. *Meretrix, icis. Fem.*

Dama, que ama, & he amada de hũ Varaõ. *Amatrix, icis. Fem. Plaut.*

Damas. He jogo de Tabulas no taboleyro de Xadrês, que não depende de fortuna.

Dama, no jogo das damas he a tabula, que chega a ultima casa do jogo, sobre a qual, se poem outra. *Scrupus geminatus. Duella, & duplio*, com que alguns querẽ significar hũa dama destas, significaçõ outra cousa. Fazer dama cobrir a dama *Scrupos geminare*.

Dama de Xadrês. He a segunda peça, depois do Rey, que anda como todas as mais peças, excepto como cavallo. *Latrunculus, quem Dominam vocant, ou Regina, in ludo latrunculorum.*

Dama da copa. Vid. Copa.

— **Diccionario:**

DAMA. f. (mulher fidalga, mulher de sangue illustre). *Illustris*, ou *nobilis foemina*, ou *Matrona. Foemina primaria, ae, f.*

\* DAMA do Palacio, ou do Paço, *Virgo aulica, ae, f.*

\* MULHER DAMA, *Meretrix, icis. f.*

\* DAMA no jogo das damas, *Scrupus geminatus. Calculus, latrunculus, i, m.*

O jogo das damas, *Scruporum ludus.*

Jogar o jogo das damas, *Ludere scrupis.*

Estamos jogando as damas, *Latrunculis ludimus. Sen. Ph.*

Mas o aspecto mais notável do trabalho de Folqman será talvez a leitura criteriosa das extensas listas de expressões fraseológicas portuguesas, que se confundiam com inúmeras traduções em vernáculo de citações latinas. O *Vocabulario* acumulava expressões sem atentar no facto de serem ou não estruturas frequentes da língua, tanto mais que a vertente retórico-literária era muito valorizada. O *Diccionario portuguez* selecciona estruturas fundamentais que, no seu conjunto, apresentam um espectro muito

completo das possibilidades semânticas de uma determinada palavra em diversos contextos frásico. Esta triagem é interessante sobretudo quando se aplica a palavras que implicavam uma análise semântica complexa, e que no *Vocabulario* originavam artigos extensos, com expressões de valor semelhante. Veja-se o artigo DAR, em que Bluteau colige 64 expressões em português com tradução latina, ao passo que Folqman apenas apresenta 20, 19 das quais retiradas do *Vocabulario* com a respectiva tradução<sup>807</sup>:

- DAR alguma cousa a alguem.
- Dar a escolher.
- Dar a cada qual o que he seu.
- \*DAR, (produzir, fallando em arvores)
  - A oliveira não dá todos os annos, mas de ordinario de dous em dous annos.
- \* DAR em alguem [...] Dar huma punhada em alguem [...] Dar sobre o inimigo
- \* DAR com alguem (colher, como quando se diz: Deu a justiça com elle)
- \* DAR de si, (fallando em huma viga muito carregada)
- \* DAR com a cabeça n'huma parede
- \* DAR com o navio nos cachopos
- \* DAR, (fallando do Sol.) Neste lugar dá o Sol desde a manhã até á noite
- \* DAR em parvoices, em ridicularias
  - Deu em pleitar pelos amigos
- \* Esta rua vai dar à praça
- \* DAR-SE, (applicar-se, entregar-se.) Dar-se a hum genero de vida
  - Deu-se á Filosofia
- \* DAR-se-lhe de alguma cousa
  - Não se me dá de cousa alguma

Apesar de Folqman invocar em subtítulo a leitura «dos melhores Diccionarios de varias linguas», o seu *Diccionario portuguez* foi elaborado quase exclusivamente a partir do *Vocabulario*. O autor não pretendeu ir além de uma obra elementar — o que explica a redução na nomenclatura e a parcimónia na citação de fontes clássicas — ao mesmo tempo que respeita princípios de clareza e racionalidade, reordenando o excesso de informação de Bluteau. Não obstante os seus méritos, tudo indica que o *Diccionario* teve um acolhimento muito modesto, talvez porque fosse entendido como um instrumento incompleto, tendo em conta os métodos mais difundidos de ensino do latim em Portugal. De resto, nem se encontra entre as obras recomendadas nas *Instrucções para os professores de grammatica latina*, publicadas em 1759<sup>808</sup>.

<sup>807</sup> Não se reproduz a tradução latina, que segue a lição do *Vocabulario*. Apenas a expressão «dar huma punhada em alguem» não se encontra aí registada.

<sup>808</sup> Cf. Verdelho, 1982: 31-32. O *Diccionario portuguez, e latino* é hoje uma obra rara. Na B.N.L. existe apenas um exemplar referenciado.

## 1.2. *Novo dictionario das linguas portugueza, e franceza (1764)*

Este dicionário bilingue, que terá sido composto pelo P. José Marques<sup>809</sup> antes do *Diccionario portuguez, e latino* de Folqman, apenas logrou a publicação em 1764, em virtude de um percurso editorial atribulado. O autor concebeu-o como complemento de outra obra sua, o *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise*, mas, de acordo com as datas das licenças, ambos os volumes estariam concluídos em 1748. O dicionário francês-português foi editado em 1752 e novamente em 1756<sup>810</sup>, e em nota do editor dá-se a notícia de que nesta última data a impressão do segundo volume estaria em curso. Todavia, este somente aparecerá em 1764, ao que tudo indica sem alterações ao texto original<sup>811</sup>. Apesar de as duas páginas de rosto serem similares na apresentação dos conteúdos e dos objectivos, o 2º volume demarca-se por anunciar o *Vocabulario* à cabeça da lista de fontes lexicográficas. Na verdade, os dois dicionários de Marques são obras substancialmente diferentes, que não assentam numa apresentação reversa da entrada e da tradução.

O *Novo dictionario* é uma compilação da nomenclatura, definições e tradução latina do *Vocabulario*, mas em moldes distintos de Folqman. Retomando a comparação no *corpus* da letra D, Marques aproveita 1559 (67%) das 2326 entradas de Bluteau e apenas adiciona 5 que não constavam do *Vocabulario*<sup>812</sup>. À semelhança do volume francês-

<sup>809</sup> Sobre José Marques, Inocêncio Silva apenas reproduz o que se pode ler no frontispício do *Novo dictionario*: «Capellão Regente do Coro, e Mestre da Musica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto». Sobre a obra, acrescenta que «está hoje de todo antiquada, e não tem uso algum. Tambem no mercado são raros de encontrar os exemplares á venda» (cf. *Dic. Bib.*, V: 59, 453).

<sup>810</sup> *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise. Tiré des meilleurs Auteurs, & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Avec les noms des Nations, des Royaumes, des Provinces, des Villes, des Contrées, des Rivières du Monde, & les noms propres d'Hommes, & des Femmes, &c. [...]*, 1756. No prólogo da edição de 1756, que consultámos, explica-se que a reimpressão se deveu à perda dos exemplares armazenados, aquando dos incêndios de 1755.

<sup>811</sup> *Novo dictionario das linguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P. D. Raphael Bluteau, dos Diccionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das Naçoens, dos Reinos, das Provincias, das Cidades, das Comarcas, dos Rios do Mundo, &c.*, 1764

<sup>812</sup> DECADENCIA, DESPERDIÇADOR, DESPROPORCIONADAMENTE, DIACIDRAÕ, DROGUISTA. São unidades lexicais que nem sequer representam neologismos introduzidos no período temporal que separa os dois dicionários. No *Vocabulario*, a palavra *desperdiçador* é apresentada como forma alternativa de DESPERDIÇADO (s.u.), ao passo que outras ocorrem integradas no texto dicionarístico: «ENORME. **Desproporcionadamente** grande»; «Por senão saberem as leys da **decadencia**, muitos erros se fazem» (s.u. ERRO); «assi chama Plinio aos **droguistas**, ou boticarios» (s.u. CHEIRAR).

português, o *Novo dictionario* recolhe grande quantidade de topónimos (cidades, rios, províncias), sobretudo os relativos ao continente europeu<sup>813</sup>. Embora o espaço concedido às terminologias não seja amplo, é superior ao de Folqman, com ocorrências de domínios como a farmacopeia, medicina, astronomia e arte náutica. Esta abrangência no tipo de entradas e conteúdos pode encontrar explicação nas palavras do editor, que entende o conhecimento da língua francesa como um veículo fundamental para o acesso às «materias scientificas»<sup>814</sup>. Todavia, o lexicógrafo parece ter-se concentrado em termos técnicos de uso mais generalizado, ignorando, por exemplo, a maior parte dos nomes de medicamentos na sequência DIA-. De facto, a sua preocupação não é a extensão ou a actualização do *corpus* lexical português a traduzir para francês, tanto mais que não adicionou as novas entradas que surgiram no *Supplemento*, guiando-se apenas pelos volumes de 1712-1721.

No que respeita à redacção dos artigos e selecção da informação, o *Vocabulario* revelava-se muito útil, na medida em que Marques concebeu um dicionário que na prática era trilingue, com uma indicação sumária da tradução latina. Daí que conviesse manter a lição de Bluteau em aspectos como o número de acepções e as respectivas correspondências na língua clássica (cf. DAMA):

- Dama, mulher nobre, fidalga. *Dame de qualité*. (Domina, illustris matrona.)  
 Dama de Palacio. *Dame du Palais*. (Virgo aulica.)  
 Dama, mulher dama, amiga de alguém. *Dame, maitresse, l'amie de quelqu'un*. (Amatrix, icis.)  
 Dama, mulher corrupta. *Une femme débauchée, une courtisane*. (Meretrix, icis.)  
 Damas, he jogo de taboas no taboleiro de xadrez. *Le jeu des Dames, avec le damier*. (Tessera, ae.)

Em comparação com o *Vocabulario*, e inclusive com Folqman, observa-se uma redução acentuada da quantidade de informação linguística, ao ponto de se despreverem muito parcialmente as possibilidades semânticas em português. O resultado são enunciados claramente incompletos, de uma surpreendente brevidade, se atendermos à fraseologia que Bluteau acumulara. Observe-se o artigo DAR:

- Dar alguma cousa a alguém, dar alguma cousa occultamente a alguém. *Mettre quelque chose dans la main de quelqu'un sans qu'on s'en aperçoive, lui donner quelque chose secrètement*. (Dare alicui in manum.)

---

Quanto a *diacidrão*, está registado na *Prosodia*, s.u. DIACITRON: «O **Diacidram**, a cidrada, ou casquinha».

<sup>813</sup> Aproveita do *Vocabulario* topónimos como DABIR, DACIA, DAMIATA, DANUBIO, DARDANELLOS, DECAN, DELFINADO, DELPHOS, DONAVERTE, DORCESTER, DORDONHA.

<sup>814</sup> «[...] lisongearey o gosto daquelles Portuguezes, que verdadeiramente amaõ as letras, e como taes cultivaõ a lingua Franceza, em que se achaõ escritas as obras mais selectas, e que todos deveraõ aprender para chegarem a possuir o mais delicado gosto nas materias scientificas» (José Marques, *Novo dicionário*: «Nota do Editor»). Encontram-se termos como DALA (náutica), DELTETON (astronomia), DIAGARGANTE, DIAGNOSTICO, DIALTEA, DIAPALMA, DIAPAPAR (medicina e farmácia).

Em contrapartida, nas palavras que são definidas por meio de descrições, tende a manter quase literalmente parte do texto do *Vocabulário*. A tradução não se refere apenas à palavra lema, uma vez que o lexicógrafo transpõe também uma parte da definição, conferindo ao enunciado francês um elevado grau de autonomia:

— *Voc:*

DALA da Bomba. (Termo de Navio.) He hum cano de taboas, a modo de calha, ou quelha de moinho sobre a cuberta, por donde corre a agoa, que do poraõ se tira com a bomba, & vay para o mar

— *Novo dictionario:*

Dala da bomba, (termo nautico) he hum cano de taboas, a modo de calha, ou quelha de moinho sobre a cuberta, por donde corre a agua, que do poraõ se tira com a bomba, e vay para o mar. Le canal de la pompe du navire, par où s'écoule l'eau.

O *Novo dictionario* repete alguns dos excursos de Bluteau, pelo que em muitos dos artigos não há sequer a comparação entre estruturas linguísticas, substituídas pela reprodução de notícias geográficas e históricas. Essa mesma informação é quase integralmente vertida para francês, tirando partido da intercomunicação entre o *Vocabulário* e as suas fontes dicionarísticas estrangeiras. No artigo DAIRO de Marques, a tradução francesa foi extraída do dicionário de Moreri (s.u. DAIRO) e corresponde sem grandes diferenças de conteúdo ao texto apresentado por Bluteau, originalmente retirado também do *Dictionaire historique*:

— *Voc:*

DAYRI, ou Dayro. Titulo do Emperador do Japaõ. [...] Segundo o Livro da Embaixada dos Olandezes no Japaõ, os predecessores do Emperador, que hoje reyna, usurparaõ o nome de *Daryo* à familia do Sũmo Pontifice dos Japoens; de sorte que este titulo, ou nome *Dayro* he mais proprio do dito Pontifice, que do Emperador. Tem este o assento da sua Corte na Cidade de Sedo; o Pontifice, ou verdadeyro *Dayro*, tem na Cidade de Miaco seu palacio. A Santidade, que attribuem os Japoens a este seu Pontifice, he taõ grande, que nem seus pés haõ de tocar terra, nem lhe há de dar o Sol na cabeça, nem já mais há de ficar descoberto ao Ar, nem se lhe haõ de cortar os cabellos, unhas, nem barba. Todos os dias lhe cozem o comer em louça nova, & lhe servem na mesa em pratos novos. [...]

— *Novo dictionario:*

DAYRO, ou Dairo, he o nome que tomavaõ os Imperadores Japaõ. [...] O Imperio do Japaõ pertencia à familia deste Principe, e foy usurpada pelos predecessores do Imperador, que reina no tempo presente. O Palacio do Dayro está na Cidade de Meaco, e o do Imperador na Cidade de Jedo, que agora he a capital do Japaõ. A santidade que attribuem os Japões ao seu Dayro he taõ grande, que nem seus pés haõ de tocar a terra, nem lhe ha de dar o Sol na cabeça, nem já mais ha de ficar descoberto ao ar, nem se lhe haõ de cortar os cabellos, unhas, nem barba [...] *L'Empire du Japon appartenoit à la famille de ce Prince, & a été usurpé par les prédecésseurs de l'Empereur, qui reges à present. Le palais du Dairo est dans la Ville de Meaco; & celui de l'Empereur dans la Ville de Jedo, qui est maintenant la capitale du Japon. La sainteté que les Japonnais attribuent à leur Dairo est si grande, qu'il ne faut pas que ses pieds touchent la terre, que le Soleil donne sur la tête, qu'il soit jamais découvert à l'air, qu'en lui coupe ni les cheveux, ni la barbe, ni les ongles. [...]*

### 1.3. *Divertimento erudito* (1734-1744)

A obra do eremita agustiniano Fr. João Pacheco (n. 1677), ainda que não tenha sido integralmente publicada, representa um amplo e ambicioso projecto de um compêndio de tipo enciclopédico em língua portuguesa. O título aponta para uma miscelânea de notícias dispersas, mas a análise da estrutura, selecção e disposição das matérias revela um conjunto muito mais coerente e actualizado que a *Escola decurial* de Fr. Fradique Espínola<sup>815</sup>.

O autor apresenta o seu trabalho como uma história cronológica, em que as referências temporais são estabelecidas pelos episódios da narrativa bíblica, e em que a temática predominante é a religião, seja pelo comentário dos textos sagrados, seja pela presença de discursos de cariz moralizante. Na estrutura delineada por Fr. Pacheco, as notícias das restantes áreas do saber (artes e ciências), subordinam-se ao fio condutor da história bíblica:

E como este titulo me está convidando a tratar de tudo, o que he digno, e util de saberse de todo o genero de pessoas, tanto doutos, como indoutos, porque estas, e aquellas desejaõ ter noticias, do que lhes póde, ou pertencer, ou servir, nas occasioens, que a cada passo, se offerecem; me resolvi a tratar, quasi como se fora ex professo, com extensaõ todas as Artes, e Sciencias, que das palavras da Sagrada Historia colho, e infiro.<sup>816</sup>

A macro-estrutura assenta na divisão da história em sete idades, e os tomos correspondem às suas subdivisões. O primeiro volume é consagrado ao período compreendido entre a criação do mundo e a expulsão do paraíso, e nele se encontram capítulos em que a introdução de notícias científicas é motivada por associações analógicas. Por exemplo, a propósito «Da Creação do terceiro Dia», surgem subcapítulos em que se exploram tópicos como a navegação ou as tipologias dos minerais:

Articulo VII. Da Creação do terceiro Dia  
Articulo VIII. Do Elemento da Agoa  
Articulo IX. Da Arte de Navegar  
§. I. Dos Ventos, de que póde servir hum baixel [...]

---

<sup>815</sup> *Divertimento erudito para os curiosos de noticias historicas, escolasticas, politicas e naturaes, sagradas, e profanas. Descobertas em todas as Idades, e Estados do Mundo, até o presente [...]*, 1734. As informações de Inocêncio Silva respeitantes às datas de publicação e impressores parecem imprecisas, apontando 1738 como o ano de edição dos tomos II, III e IV (*Dic. Bib.*, III: 430-431). De acordo com os volumes da B.G.U.C. que consultámos, a sequência é a seguinte: Tomo I, Lisboa Oriental, Na officina Augustiniana, 1734; Tomo II, Lisboa Occidental, Na officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1736; Tomo III, Lisboa Occidental, Na Officina de Pedro Ferreira, 1741; Tomo IV, Lisboa Occidental, Na Officina de Domingos Gonçalves, 1744.

<sup>816</sup> João Pacheco, *Divertimento*, II, 1736: «Prologo».

- §. IX. Da Qualidade, e Diversidade dos Ventos [...]  
 Artículo X. Do Elemento da Terra  
 §. I. Do que he este Elemento, e suas propriedades, e extensão  
 §. II. Dos mineraes em commum  
 §. III. Dos Metaes em particular [...]  
 §. VI. Das Plantas, Hervas, e Arvores

Em boa parte destes subcapítulos, após um texto introdutório, com considerações de carácter geral sobre a origem de uma arte ou ciência, ou sobre os seus princípios fundamentais, segue-se uma lista de palavras, ordenadas alfabeticamente e acompanhadas de uma breve definição. Assim, estes tratados apresentam uma configuração de tipo lexicográfico, em que o *Vocabulario* sobressai como a principal fonte informadora.

O próprio Bluteau, no prólogo de 1712, já sublinhava as vantagens de uma recolha sistemática do léxico dos diferentes domínios terminológicos, que permitiria aprender um conjunto de noções essenciais sobre uma arte ou ciência, abrindo caminho para um conhecimento amplo com pouco esforço e dispêndio de livros<sup>817</sup>. Dos léxicos especializados que integram o *Suplemento*, o «Vocabulario de cavallaria»<sup>818</sup> é o que mais se aproxima do modelo geralmente empregue no *Divertimento*. Um tema pode compreender uma série de subdomínios lexicais, devidamente discriminados, que por norma reflectem divisões taxionómicas (partes constituintes, categorias) ou associações analógicas<sup>819</sup>.

Nos quatro tomos do *Divertimento* identificam-se mais de trinta léxicos especializados, de extensão variável, mas que frequentemente ultrapassam as 50 páginas, reunindo centenas de entradas:

- Tomo I.  
 Da arte de navegar (pp. 121-127)  
 Termos maritimos (pp. 127-157)  
 Das Pèdras (pp. 226-260)  
 Noticias das Plantas, Hervas, e Arvores (pp. 263-414)  
 Dos Peyxes em particular, e suas especies qualidades, e propriedades (pp. 479-516)  
 Das Aves em particular, e suas especies qualidades, e propriedades (pp. 519-561)

<sup>817</sup> «este [dicionário], que por mao, que seja, he tão bom que lendo por elle, & pondo em papel cada dia dez, ou doze vocabulos, distribuido em columnas, ou cadernos, debaixo de diferentes titulos. v. g. as palavras Theologicas, debaixo do titulo Theologia, as Astronomicas, de baixo do titulo, Astronomia, & assim todas as mais, no espaço de quatro, ou cinco anos, terás sufficiente cabedal, para te fazeres sciente em todas as materias [...] sem outros mestres, nem livros, que muitos vocabulos de cada sciencia, ou Arte, distribuidos em classes» (*Voc.*, I: «Ao leitor indouto»).

<sup>818</sup> *Supp.* II: 478-494.

<sup>819</sup> No «Vocabulario de cavallaria» encontram-se listas parcelares de termos e fraseologia referentes a domínios e temas tais como: «Exercicios propios do cavalleiro», «Termos propios das partes do corpo do cavallo», «Termos propios de cavallos de pouco prestimo, e dos seus defeitos, e vicios», «Termos propios dos arreyos dos cavallos».

Dos Animaes em particular, e especies qualidades, e propriedades suas (pp. 571-645)

— Tomo II.

Da Anatomia (pp. 34-101)

Termos de Pintor, Escultor; e Tintureiro (pp. 162-178)

Termos de todo o genero de Agricultura, ou Arte de cultivar a terra (pp. 209-252)

Termos Pastoriz, e de Boeiros (pp. 255-265)

Termos da Architectura (pp. 290-312)

Termos de Carpinteiro, Marceneiro, Torneiro, Semblador, e officios semelhantes (pp. 312-332)

Termos de Tanoeiros (pp. 332-334)

Termos da Carpentaria de toda a sorte de carruagens (pp. 334-338)

Termos de moinhos, atafonas, azenhas, lagares e noras (pp. 338-342)

Termos de Imprensa, e tudo, o que a ella pôde pertencer, como papel, livros, com todos os seus officiaes (pp. 342-348)

Termos de Alvaneos, Pedreiros, Oleiros, e outros semelhantes (pp. 348-363)

Termos Mathematicos que comprehendem a Geometria, Arithmetica, e Astronomia, ou Astrologia (pp. 782-881)

Das Moedas, e seus artifices (pp. 886-905)

Cathalogo de algumas pedras que senaõ poseraõ no I. Tomo (pp. 910-911)

Termos dos Ourives de ouro, e prata, e Lapidarios (pp. 911-924)

Dos Pezos (pp. 924-930)

— Tomo III.

Termos Logicos, Filosoficos, e Theologicos para a praxe dos que devem frequentar estas Sciencias (pp. 117-326)

Termos Musicos (pp. 337-356)

Das Musas, e divisãõ da Poesia, e de que consta (pp. 361-372)

Da variedade, e castas de Poesias (pp. 372-437)

Termos Dos Arrieiros, Almocreves, Picadores, Alveitares, Ferradores, dos arreios, dos cavallos, e do mais, que pertence a estas Artes (pp. 445-468)

Termos dos Ferreiros, Serralheiros, Cutileiros, e dos maes officiaes, que trabalhaõ em ferro, folhas de Flandres, Estanho, Cobre, Arame, e semelhantes; de Fundidores, e Mineiros, e Espingardeiros (pp. 479-503)

Termos das Artes de fiar, tecer, bordar, torcer, dos Alfaiates, Costureiras, e todo o genero de officios, de cozer, ou tecer, e entre estes dos Sapateiros, Correeiros, Esparteiros, Sirqueiros, &c. (pp. 515-548)

— Tomo IV.

Dos Termos dos Sacrificios, Ceremonias, e Vestes Sacerdotaes (pp. 10-84)

Dos Termos da Cozinha (pp. 87-108)

Dos Termos do Blasaõ (pp. 195-209)

Dos Termos nas fabricas das vinhas (pp. 331-345)

Entre as principais áreas de interesse encontram-se as classes do mundo natural (espécies de animais, plantas e minerais), as ciências “escolares” (matemática, filosofia e teologia), ou temáticas literárias, como a tipologia dos géneros e subgéneros poéticos. Mas o *Vocabulario* revela a sua utilidade sobretudo na elaboração de listas de instrumentos e técnicas das artes mecânicas, que no *Divertimento* constituem a maioria dos léxicos acima referenciados. Para além das entradas que apresentavam marcas diatélicas, Fr. Pacheco procedeu a uma recolha atenta das subentradas, acepções e locuções nominais e verbais, revelando um vasto número de termos técnicos que no *Vocabulario* eram de difícil localização.

Tomando por amostra a lista de termos marítimos<sup>820</sup>, que reúne 625 entradas ao longo de 31 páginas, verifica-se que o *Vocabulario* informou a grande maioria dos artigos. Da sequência da letra D, que abaixo se transcreve, apenas 3 entradas não foram registadas por Bluteau (DESAFOGAR A VÊLA, DESPEDIDA NAO, DUNETAS); as restantes encontram-se no *Vocabulario*, à cabeça do artigo ou no seu interior, recolhidas em subentradas ou nas frases de exemplo. As compilações de Fr. Pacheco são abundantes em locuções, que são indexadas de acordo com as palavras-chave definidas na fonte lexicográfica. Assim, mantêm-se entradas como DESNAVEGAVEL TEMPO, DESEQUIPADO NAVIO, ou DESTROÇADO NAVIO, quando a dimensão da nomenclatura permitiria facilmente uma reformulação.

DALA DA BOMBA	DESEMBARCAR	DESFERIR AS VÊLAS
DAVANTE	DESEMBARQUE	DESFRALDAR AS VÊLAS
DECLINA	DESEMBOCAR	DESGARRAR
DECLINAÇÃO DA AGULHA	DESEMMASTEAR	DESNAVEGAVEL TEMPO
DENTE DA ANCORAS	DESENCALHAR A NÀO	DESTROÇADO NAVIO
DERROTA	DESENCAPELLAR	DOBRAR HUM CABO
DESAFERRAR DO PORTO	DESENVAZAR A NÀO	DORMENTES
DESANCORAR	DESENXARXEAR HUM NAVIO	DRIÇA
DESAPARELHAR A NÀO	DESEQUIPADO NAVIO	DUNA
DESCAHIR	DESFEITA TORMENTA	

As glosas do *Divertimento* são muito concisas, concentrando-se numa definição descritiva, completada pela indicação das funções ou utilidades dos referentes, sem aproveitar a informação latina. Em geral, Fr. Pacheco recupera excertos das definições originais de uma forma literal, reproduzindo nos seus pequenos dicionários as mesmas técnicas e soluções. Assim, opta ou pela citação do núcleo da definição, ou pela junção de excertos, eliminando segmentos que considera supérfluos<sup>821</sup>.

A vertente lexicográfica é apenas uma parte, se bem que substancial, de um conjunto muito heterogéneo de informação. No copioso «Index dos authores, de cujas obras se extrahiraõ estas noticias» figuram nomes clássicos e modernos (como Lutero, ou

<sup>820</sup> João Pacheco, *Divertimento*, I, 1734: 127-157.

<sup>821</sup> Alguns exemplos de intertextualidade:

— *Voc.*: «DAVANTE. Em phrase Nautica val tanto, como por diante. Fez tomar o navio por *Davante*. Barros, Dec. 4. fol. 57. Saltaraõ no Castello *Davante*. Barros, I. Dec. 116. col. 3. Era o vento tanto por *Davante*. Ibid. 164. col. 2. Antes de darem por *Davante*. Britto, Viagem do Brasil, 284. »

— *Divertimento*: «Davante. He o mesmo, que Pór diante. Dar por davante; Tomar por davante, & c.»

— *Voc.*: «DECLINAÇÃO. [...] (Termo Nautico.) *Declinação* da Agulha, he quando a agulha se desvia do verdadeiro Norte, ou do Polo. *Declinatio, onis. Fem.* Outros lhe chamaõ *Varição*. Vid. no seu lugar. [...]»

Atanásio Kircher), lexicógrafos (Charles Estienne, Cardoso e Bento Pereira), mas não há referência a Bluteau ou ao *Vocabulario*, não obstante a sua utilização ser recorrente.

Desconhece-se qual o efectivo contributo do *Vocabulario* na composição dos volumes que ficaram por publicar, ou cuja redacção foi somente delineada. A julgar pelo projecto que o autor expôs no prólogo do tomo II, é legítimo supor que as notícias históricas e geográficas compiladas por Bluteau poderiam continuar a ser uma fonte privilegiada de citações<sup>822</sup>.

#### 1.4. *Diccionario Portuguez das Plantas* (1765)

O facto de o *Vocabulario* ter sido a fonte quase exclusiva dos dicionários do *Divertimento* deve-se ao carácter elementar das glosas compostas por Fr. Pacheco. O seu objectivo era apenas a compilação de uma nomenclatura previamente registada e garantir o acesso ao significado das palavras, coligindo excertos das definições disponíveis, independentemente do modo como haviam sido formuladas (sinónmia, paráfrase ou descrição).

Todavia, um tipo de aproveitamento que se direccionasse apenas para o discurso enciclopédico (compreendendo tópicos de informação como descrições pormenorizadas, funções, origens, causas, efeitos) era mais problemático, porque esta formulação não estava presente de forma regular em todas as palavras de um determinado domínio lexical. Bastará recordar que Bluteau recolhia as notícias de acordo com a disponibilidade das suas fontes, alternando artigos em que se destacava o confronto bilingue, com outros em que predominava a descrição de factos extra-linguísticos. Na prática, o *Vocabulario* proporcionava aos autores posteriores um *corpus* informativo de tipo enciclopédico demasiado lacunar, que só por si não podia constituir uma fonte completa.

---

— *Divertimento*: «Declinação da Agulha: He quando a Agulha se desvia do verdadeiro Norte, ou Pólo.»

<sup>822</sup> «O que prosigo no terceiro Tomo, que he como segunda Parte deste segundo; que já está composto. O mesmo farei no Tomo quarto, e quinto a que já vou dando principio. No sexto, e settimo te exporei hum Mappa universal de todo o Mundo com as maiores individuaçoens, que se podem desejar. Nos seguintes te refirirei todos os sucessos dellas, entretecidas com algumas Historias naturaes» (Pacheco, *Divertimento*, II, 1736: «Prologo»). Inocêncio noticia a existência, no espólio da

A relação de intertextualidade entre o *Vocabulario* e o *Diccionario Portuguez das Plantas* demonstra em que medida a indefinição das características tipológicas condicionou a recepção da obra. Composto por José Monteiro de Carvalho, este dicionário colige termos que designam espécies do mundo natural (vegetal, animal e mineral), acompanhadas por definições em que se privilegiam as descrições e as funções do referente<sup>823</sup>.

No que respeita à nomenclatura, e mesmo tendo em conta que o objectivo de Carvalho não é proceder a uma acumulação exaustiva, são inúmeros os casos de entradas que não ocorrem em Bluteau, o que revela a inevitável desactualização do *Vocabulario* no campo das linguagens especializadas, em meados do século XVIII. No conjunto de 19 entradas da letra D, identificam-se 8 termos novos (aqui assinalados com asterisco), que nem sequer estão registados em subentrada:

DABUTI*	DORONICO*
DAMASQUEIRO	DOURADA
DAUCO*	DOURADINHA
DEDO DE MERCURIO*	DRABA*
DELFIN	DRAGÃO
DITAMO	DRAGAM
DONINHA	DRAGOEIRO
DORMIDEIRA	DRIOPTERIA*
DORMIDEIRA CORNICULAR*	DURIAM
DORMEDARIO	

Para além das adições à nomenclatura do *Vocabulario*, há que considerar o facto de a intertextualidade apenas se verificar quando os artigos respeitam os tópicos do discurso de tipo enciclopédico. As definições sinonímicas e relacionais, geralmente sintéticas, não se coadunavam com o modelo definido por Carvalho, que nestas circunstâncias recorreria a dicionários estrangeiros (especializados ou de língua) em que o discurso enciclopédico era explorado com maior coerência. Bluteau ainda apresenta soluções como:

DAMASQUEYRO. Planta, q dá Damascos. [...]  
 DONINHA. Animal daninho aos pombaes, capoeiras, &c. [...]  
 DOURADA. Peixe conhecido. [...]

---

B.N.L., de um tomo manuscrito que o autor não chegou a imprimir (Inocêncio Silva, *Dic. Bib.*, III: 430).

<sup>823</sup> *Diccionario Portuguez das Plantas, Arbustos, Matas, Arvores, Animaes quadrupedes, e reptis, Aves, Peixes, Mariscos, Insectos, Gomas, Metaes, Pedras, Terras, Mineraes, &c. que a Divina Omnipotencia creou no globo terraqueo para utilidade dos viventes*, 1765. Trata-se de um pequeno volume em 8º, com 600 páginas de texto dicionarístico. Inocêncio Silva (*Dic. Bib.*, V: 75) não apresenta dados biográficos para além do facto de o autor assinar com o título de capitão e ter publicado uma *Noticia astronomica, ou discurso do cometa que na noute de 28 de Dezembro se viu sobre esta cidade de Lisboa*, 1744.

DRAGOEIRA, ou Dragoeiro. A plãta, que dá o sangue de Drago [...]

É certo que as definições sintéticas também têm lugar nas glosas de Carvalho, mas são completadas por uma notícia mais pormenorizada e descritiva, que contemple aspectos como a função e utilidade para o homem (instrumento, medicamento, alimento, ...). Quando estes tópicos estão presentes, o texto do *Vocabulario* é geralmente integrado, não sob a forma de uma citação literal ou integral, mas através de uma reescrita que sintetiza o enunciado original, e elimina as remissões para as autoridades e a informação bilingue:

— *Voc.:*

DROMEDARIO. Especie de Camelo mais pequeno, & mais veloz, que os Camelos ordinarios. Na Relaçã da sua Viagem da India, diz o P. Manoel Godinho, que hum Dromedario anda trinta legoas em hum dia, os Camelos nove até dez, não mais; que andando pella Arabia Deserta, leva sobre si a agoa, que há de beber no caminho, & come os espinhos, & carrascos, que acha; se não os há, jejua dous, & tres dias, sem por isso desfallecer, mas que a desenquietação do seu andar he tal, que moe todo hum corpo. *Dromas camelus, dromadis cameli. Quint. Curt.* Com estas duas palavras se pode por seguramente hum adjectivo, porque *Dromas* he do genero feminino, & *Camelus* como tenho mostrado sobre a palavra Camelo, he do genero cômum. [...]

— *Diccionario portuguez das plantas:*

Dormedario. Animal quadrupede, que he especie de Camelo, porém mais pequeno do corpo, e muito mais veloz, porque anda trinta leguas em hum dia pelos desertos da Africa, e leva sobre si a agua, que ha de beber no caminho, servindo-lhe de sustento os espinhos, e caroços, que acha, que se os não ha, jejua dous, e trez dias, sem por isso desfalecer; porém a desinquietação, com que anda, moe o corpo de quem vai em sima delle.

### 1.5. *Orthographia* (1734)

No *Suplemento*, Bluteau reconheceu que o seu conjunto dicionarístico não permitia sustentar uma norma ortográfica coesa. Para esta insuficiência concorriam várias razões, como as contradições dos usos autorizados, as intervenções abusivas dos tipógrafos e, sobretudo, o facto de só tardiamente o lexicógrafo ter adoptado um sistema coerente de orientação etimologizante. Não obstante as concessões a usos instituídos e a duplicação de grafias, a opção pela etimologia era predominante, e uma reedição revista decerto viria a conferir ao *Vocabulario* um estatuto normativo distinto.

Ainda que indirectamente, a tarefa de rever o conjunto foi ensaiada por Madureira Feijó (1688-1741), que, de uma forma prática e expedita, aproveitou o inventário lexical de Bluteau, submetendo-o ao que considerava ser uma sistematização racional no sentido

de aprofundar os vínculos com o latim, criando uma base estável para a norma culta. A análise das relações entre o *Vocabulario* e a *Orthographia* merece especial atenção, tendo em conta a efectiva influência deste compêndio no ensino e na prática da escrita, como se depreende do número de edições, sucessivamente corrigidas, até meados do século XIX<sup>824</sup>.

A primeira e segunda partes da *Orthographia* apresentam um discurso metaortográfico com uma estrutura comum à generalidade dos tratados até então publicados, incidindo na formulação de regras e em listas de exemplos<sup>825</sup>. Todavia, Feijó rejeita boa parte das lições dos ortografistas e lexicógrafos precedentes, invocando a desactualização das suas descrições. Em contrapartida, Bento Pereira e Bluteau são as fontes mais coerentes com o uso coevo e na reflexão de Feijó é constante a aferição com as prescrições dos dois autores<sup>826</sup>.

No que respeita à formulação das regras, Feijó aceita os princípios do «doutissimo Bluteau» relativos à escrita etimológica, nomeadamente o uso dos grafemas e dígrafos que preservavam a memória da origem grega e latina<sup>827</sup>. Em geral, a etimologia e a analogia são os critérios preferenciais para uma norma racional e sustentam-se numa linha de argumentação filológica que o teatino desenvolveu no *Vocabulario* e na *Prosa Grammatonomica*:

Estas linguagens porém, que são do verbo *Pôr*, e no Latim *Pono*, e as dos seus compostos, na primeira pessoa do preterito: eu *Pús*, *Antepús* [...] diz o doutissimo Bluteau, que se escrevem com S; e tem mais razão, e fundamento, que aquellas, que eu li, e dizem, que se escrevem com Z; porque a orthografia do S nas dictas palavras, tem analogia com as Latinas, que lhe correspondem, que também se escrevem com S, pronunciado como Z: *Posui*, *Anteposui* [...]»<sup>828</sup>.

<sup>824</sup> *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, 1734; cita-se a partir da 2ª impressão, de 1739. Inocêncio Silva (*Dic. Bib.*, III: 422) regista a 10ª edição (1824) e Filomena Gonçalves (1992: 53) acrescenta a notícia de uma posterior, datada de 1861.

<sup>825</sup> Os títulos das partes são, respectivamente, «Que cousa he orthografia, como se divide, e com que Letras se haõ de escrever as Palavras» e «Divisaõ das Palavras, e Pontuaçaõ» (Feijó, *Orthographia*, 1739: 15-108, 109-130).

<sup>826</sup> «Outros Auctores ha, cuja Orthografia devia ser a mais correcta, porque tinhaõ obrigaçaõ de a indagar. [...] E sendo este Auctor [Bluteau] o ultimo que escreveo na materia, teve razaõ para mais apurar o exame das palavras Portuguezas; como doutamente faz [...]; mas elle mesmo se queixa das muitas que se imprimiraõ alheyas do seu original [...] Quanto aos Orthografos, que já nos ensinaraõ as regras desta arte de tres, que li, nenhum deve ser imitado» (*ibidem*, «Introducçaõ»: 3).

<sup>827</sup> Por exemplo, o caso do <y> etimológico: «Saõ innumeraveis as palavras, que pela sua analogia se devem escrever com Y. O doutissimo Bluteau assigna estas regras para a mayor parte dellas» (*ibidem*: 92-93). Feijó cita as 9 regras enunciadas no *Vocabulario*, no início da letra Y, e recolhe da nomenclatura uma lista com perto de 300 exemplos.

<sup>828</sup> «Das palavras, que acabaõ em Z» (*ibidem*: 101). Todavia, há aspectos em que Feijó discorda de Bluteau, como na questão do <ç> inicial, cuja pronúncia o autor da *Orthographia* ainda diferenciava

As listas de exemplos que se seguem às regras serão também resultado da leitura da nomenclatura do *Vocabulario*, não só porque se verifica uma elevada concordância ortográfica, mas porque muitas das unidades lexicais seleccionadas não fazem parte do *Thesouro* e revelam traços que Bluteau tornaria consistentes, como a duplicação de consoantes ou o emprego sistemático dos grupos <pc> e <pt><sup>829</sup>.

A terceira parte, intitulada «Erros do vulgo, e emendas da orthografia», é a mais extensa (pp. 131-541), quase totalmente preenchida pelo catálogo de «Erros communs da pronunciaçam do vulgo, com as suas emendas em cada letra» (pp. 157-541). Feijó apresenta-a como uma compilação de tipo lexicográfico, que goza de uma certa autonomia no conjunto em que se integra, uma vez que foi composta posteriormente, sendo por isso mais correcta, actualizada e coerente que os textos que a precedem.

E bem lhe podes chamar hum Thesouro, ou Vocabulário Orthográphico da lingua Portugueza; porque só neste acharás o como se escrevem, e como se pronunciaõ todos os vocábulos da nossa lingua, que poderião causar duvida, ou nas letras, ou na pronunciação. Só neste acharás os erros oppostos, para os conhecer por táes, ainda quando se encontraõ em alguns Auctores [...] [...] no tempo, em que compuz a Primeira, e Segunda Parte, ainda me naõ vinha ao pensamento a Terceira pelo methodo com que vay disposta; e por isso me hia accomodando ao uso commum dos nosso Auctores, sem a rigorosa observaçaõ dos accentos para a pronunciação, e sem aquelle particular exame, com que a fui apurando [...]»<sup>830</sup>

Trata-se de uma extensa análise da ortografia e ortoépia, tomando por referência a nomenclatura do dicionário mais compendioso e abrangente. Ainda que não se reproduzam todas as preferências ortográficas de Bluteau, a dependência em relação a um dicionário extensivo garantia que o catálogo não deixava em claro nenhuma das principais dificuldades de escrita. O aspecto em que mais se distingue do tipo de auxílio proporcionado por um dicionário convencional é o facto de não se limitar às tradicionais formas paradigmáticas, indexando variações morfológicas que suscitavam problemas, como o plural dos substantivos, a variação em género ou formas da conjugação verbal.

---

de <s>: «O doutissimo Bluteau diz, que por evitar a variedade, que achou no uso do C, e do S, as reduzio todas à classe do S. E eu digo, que desta classe só pódem ser bons discipulos os Interamnenses, que por vicio patrio affectaõ sempre a pronunciação do S, e dizem *Cabesa, Sima, Simalha, &c.* [...] ou havemos de mudar a pronunciação Portugueza universalmente usada dos mais doutos, e sabios da Corte, das Universidades, e dos pulpitos; ou se haõ de escrever com Ç, e as mais, que dellas se dirivarem» (*ibidem*: 38).

<sup>829</sup> Ao *Vocabulario* devem-se extensas listas de exemplos, com uma rigorosa ordenação alfabética, como a «Das palavras, que se escrevem com dous ll» (*ibidem*: 63-67), com cerca de 430 unidades.

<sup>830</sup> *Ibidem*: «Prolegomeno».

Com frequência a glosa alarga-se em explicações que permitem aceder ao significado de palavras de uso restrito ou de sentido equívoco (sobretudo os casos de homonímia e paronímia), baseando-se nas definições do *Vocabulario*, citadas de uma forma muito concisa. O resultado é um completo dicionário de casos duvidosos, no que respeita à pronúncia, ortografia e sentido.

Só me podes estranhar, que as significaçõens que ajunto a todas as palavras, que necessitaõ dellas, naõ pertencem á Orthografia, e que estas tinhas tu em Bluteau. Respondo, que tens razaõ, porque daqui se segue, que se eu naõ tivéra o excessivo trabalho do que estranhas, naõ terías tu o allívio de saber como se escreve, e pronuncia esta, e aquella palavra, mas ficarias ignorando o que significa, ou irias buscarlhe a significação a Bluteau [...]<sup>831</sup>

A nomenclatura é consideravelmente extensa, tendo em conta o âmbito específico do dicionário. Na amostra constituída pela letra D, que na *Orthographia* soma cerca de 550 artigos, Feijó recupera, com poucas adições, quase um quarto das entradas do *Vocabulario*, sendo portanto esta a fonte principal<sup>832</sup>. A abrangência de domínios lexicais também é reproduzida, uma vez que se encontram topónimos e termos técnicos, alguns de uso bastante restrito<sup>833</sup>.

A intervenção mais notória consiste numa reavaliação do elevado número de grafias alternativas, que Bluteau acumulava nas entradas e remissões, sem se pronunciar explicitamente sobre a correcção e a frequência. Em contrapartida, na *Orthographia* propõe-se uma distinção taxativa entre o aceitável e o erro:

<i>Voc.</i>	DESSECAR, & dessecativo. Vid. Desecar, & desecativo.
<i>Orth.</i>	Desecar. Erro: dessecar
<i>Voc.</i>	DESCUBRIR. Vid. Descobrir.
<i>Orth.</i>	Descobrir. Erro: Descubrir.
<i>Voc.</i>	DELICTO. Vid. Delito.
	DELITO, ou Delicto.
<i>Orth.</i>	Delicto, melhor que Delíto.

O resultado desta leitura crítica está patente no modo como reformula um conjunto de informações que, devido a erros tipográficos, a uma redacção pouco clara, ou a imprecisões da análise semântica, se apresentavam como enunciados incoerentes. Sem se referir directamente ao *Vocabulario*, Feijó propõe a correcção de grafias ou de

<sup>831</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>832</sup> A estimativa é aproximada, porque por vezes a mesma entrada do *Vocabulario* desmultiplica-se em duas ou mais entradas na *Orthographia*, consoante o número de dificuldades que as variações morfológicas suscitem. As adições efectivas são pouco significativas: DEMONÍACO, DESECANTE, DESHONESTAR, DESPROPOSITAR.

explicações dos sentidos e acepções. O artigo DIGIRIR ilustra o desencontro entre a forma registada como palavra-lemma e as restantes ocorrências na glosa e nas remissões, provavelmente da responsabilidade dos compositores:

- Voc.* DIGIRIR. Vulgarmente se toma por cozer o comer no estomago, mas segundo a sua origem do verbo Latino *Digerere*, **Digerir** he distribuir, & repartir por todas as partes do corpo a substancia do que se tem comido, & neste segũdo sentido o **digerir** [...] DIGESTIR. **Digerir**. Vid. no seu lugar. [...] COZER [...] Cozer. **Digerir**. Fazer cozimento. Cozer o comer. [...]
- Orth.* Digerir, e não Digirir, nem Digestir. fazer cozimento, distribuir.

O mesmo se verifica com a duplicação artificial de acepções, que no *Vocabulario* representavam distinções pertinentes na língua latina, mas pouco relevantes para o significado em português:

- Voc.* DEFLORAR. Deshonrar. Tirar a flor da virgindade *Virginem constuprare*. [...] Desflorar. Tirar o mais puro, o mais fino, perfeito de alguma cousa. *Aliquid deflorare, ou praefflorare* [...]
- Orth.* Desflorar, e Deflorar. Acho a hũa, e outra palavra com differente applicação, porque Deflorar dizem que he deshonrar a donzella: e Desflorar, que he tirar o mais puro, o mais fino, e o mais perfeito de algũa cousa. Eu digo, que ambos significaõ o mesmo, porque no Latim Defloro não tem differença, e he o mesmo que tirar a flor. Ordinariamente se tóma no primeiro sentido, e sempre se diz Deflorar.

Todavia, não consegue resolver satisfatoriamente muitas das dificuldades com que Bluteau também se confrontou, no que respeita ao largo uso, por autores de boa nota, de formas contrárias à etimologia. Embora destaque a grafia que prefere, as variantes “prestigiadas” não são proscritas:

- Voc.* DAMNIFICAÇAM, damnificador, damno & c. *Vid.* Danificação, Danificador, Dano, &c. DANO, ou Damno, ou Danno.
- Orth.* Damnificar, com os seos derivados Damno, e Damos. Outros escrevem sem m.
- Voc.* ALUMIAR. [...] A luz deste castiçal alumea o templo [...]
- Orth.* Allumiar, dar luz: Esta he a derivação mais propria do Latim *Illuminare*. [...] Outros dizem *Allumea, Allumêo, Allumêas* &c. Mas não tem mais razão do que escreverem assim, porque assim querem pronunciar<sup>834</sup>.

O domínio da metalinguagem em que a autoridade do *Vocabulario* é mais vezes invocada de forma explícita é precisamente o da etimologia, uma vez que, à época, era a fonte portuguesa que acumulava mais discussão etimológica, compilada da tradição

<sup>833</sup> Inclui designações geográficas como DELFICO, DELFINADO, DORNELLAS ou termos de raro emprego como DIOPTRA, DIOPTRICA, DUTRO com o objectivo de esclarecer a sua correcta pronúncia, mediante a marcação de diacríticos.

<sup>834</sup> Neste contexto refere-se precisamente à autoridade do *Vocabulario*: «Entrei na duvida da conjugação de muitos verbos; e se me queria valer dos Vocabularios Portuguezes, estes me causavaõ mayor confusão; porque não achando nelles mais que os infinitos, ainda esses são taõ varios, que não

lexicográfica castelhana e submetida a uma leitura crítica. Bluteau, que consultou os tratados de Ménage (1650, 1694), propôs correcções a inúmeras etimologias fantasiosas registadas no *Tesoro* (1611) de Covarrubias<sup>835</sup>.

Perante a instabilidade de registos dialectais e sociolectais, Feijó recorre a Bluteau para justificar vínculos que, apesar de remotos, eram suficientes para decidir casos em que a realização fonológica perturbava a fixação da forma escrita<sup>836</sup>.

### 1.6. *Diccionario da lingua portugueza* (1789)

Até ao dicionário de António Morais Silva (c.1756-1825), o património de informação lexical do *Vocabulario* foi reaproveitado em projectos pouco ambiciosos, que não ampliaram de modo sensível a nomenclatura, nem propuseram uma explicação das estruturas linguísticas do português que não passasse pelo confronto bilingue.

O *Diccionario* de Morais Silva corresponde a uma profunda transformação da obra que serviu de modelo principal, apenas possível graças a uma leitura criteriosa, documentada pela comparação com fontes lexicográficas e textuais novas ou até então

---

he facil acertar qual seja o proprio [...] nos Auctores achei Allumã como traz Vieyra; e a Allumêa como diz Bluteau» (Feijó, *Orthographia*, 1739: 132).

<sup>835</sup> Feijó encontra no *Vocabulario* um confronto das principais fontes que poderiam confirmar ou invalidar a justeza da aproximação entre uma palavra portuguesa e a língua latina: «OUTORGAR. Parece derivado do Francez Octroyer, que quer dizer *Conceder*. Da palavra *Otorgo*, que he substantivo do verbo Otorgar, diz Covarrubias, que he do numero das palavras antigas Hespanholas, e que atégora, com ser taõ usada, lhe não tem achado etymologia, senão do verbo Latino *Auctorare*, que he alistarse na milicia com juramento de não faltar à sua palavra; mas nesta etymologia não acho fundamento por duas razoens, a primeira porque o verbo Latino, que significa Alistarse para soldado, ou obrigar-se a alguém com juramento, segundo Calepino, mais propriamente he *Authorare* do que *Auctorare*; a segunda, porque este sentido he muito differente do que damos à palavra *Outorgar*, como se vê no Thesouro da lingua Portugueza do P. Bento Pereira, que no seu lugar alphabetico diz, *Outorgar, Concedo, permitto*. A outra etymologia de *Outorgar* tambem de Covarrubias me parece taõ impropria como a primeira, porque procura reduzir o vocabulo *Otorgo*, ao verbo Grego *Optomai*, vejo, e dà por razaõ, que quem *Outorga* huma cousa, o faz, havendo-a primeiro visto, e considerado. Etymologias, muito puxadas, passaõ a ridiculas. Melhor he dissimular a origem de huma palavra, do que porfiar em lhe attribuir huma derivação falsa. No idioma Francez (como já temos dito) *Octroyer* quer dizer *Outorgar*, mas no livro das suas Etymologias o famoso Menage não se cansa em buscar donde se deriva, porque desconfiou de poder achar a este verbo derivação certa» (*Supp.*, s.u.).

<sup>836</sup> «Albricóque. fruta nova. Outros dizem *Albecorque*, outros *Alboquorque*, e outros *Alvericóque*, que assim succede, quando cada hum pronuncia como lhe tôa, ou como quer sem etymologia, nem analogia. Pela origem, que lhe dá Bluteau, devemos dizer *Albercóque*, porque diz, que se deriva da palavra Arábica *Albercôq* [...]» (Feijó, *Orthographia*, 1739: s.u.).

insuficientemente exploradas. Para além da selecção de um *corpus* monolíngue de palavras e expressões, em que se reconhece a intertextualidade com o *Vocabulario*, há todo um investimento na actualização da técnica lexicográfica, desde logo visível em aspectos como redacção dos artigos, a valorização da informação metalinguística ou aplicação de um sistema auxiliar de abreviaturas<sup>837</sup>.

Apesar de o subtítulo apresentar o trabalho como uma reedição revista do texto de Bluteau, essa indicação é reformulada nas edições seguintes. É compreensível a filiação explícita numa obra prestigiada, tornando acessível um conjunto bibliográfico raro, com a vantagem de se encontrar ajustado às expectativas dos novos consulentes, que não necessitavam da vertente latina e esperavam um esclarecimento efectivo acerca dos significados, que no *Vocabulario* se confundiam na estrutura bilingue do enunciado<sup>838</sup>. Em contrapartida, no prólogo há uma inequívoca reclamação de autoria e de uma intervenção profunda, em quantidade e qualidade: «Do que recolhi das minhas leituras fui suprimindo as faltas, e diminuições que nelle achava; e quem tiver lido o Bluteau, e conferir com o seu este meu trabalho, achará que não foi pouco o que ajuntei»<sup>839</sup>.

### 1.6.1. Nomenclatura

Ao mesmo tempo que procura ampliar a nomenclatura, Morais contraria a tendência cumulativa que caracterizava o *Vocabulario*, uma vez que reavalía a pertinência do registo de determinados domínios lexicais que Bluteau coligira meticulosamente. Morais trabalha sob a perspectiva de uma delimitação tipológica renovada, em que um dicionário de língua não deve obrigatoriamente suprir as funções de um compêndio enciclopédico. O modelo de dicionário monolíngue parte também de uma configuração material que

---

<sup>837</sup> Cf. Verdelho, 2002: 479-480.

<sup>838</sup> Em 1789, o título é *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Em 1813 é alterado para *Diccionario da lingua portugueza recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado, por Antonio Moraes Silva* (Lisboa, Typographia Lacerdina). Não são claros os motivos para o destaque concedido ao nome do teatino na primeira edição. Segundo T. Verdelho, há que considerar «a ponderação da conjuntura política portuguesa, e provavelmente a intenção de não agravar a inospitalidade do Santo Ofício já anteriormente experimentada por parte de Moraes Silva. O prestígio de Bluteau serviria de recomendação favorável.» (2002: 475).

<sup>839</sup> Moraes Silva, *Diccionario*, «Prologo ao leitor»: viii.

privilegia aspectos como o formato, o manuseio e a concisão da informação fornecida, adaptando-se à crescente procura deste género de instrumentos linguísticos.

Uma primeira triagem elimina a generalidade dos termos da história antiga, geografia e mitologia, que devem ser procurados em dicionários especializados, mas é em aspectos como a diacronia e a frequência que a selecção se revela mais complexa. Morais pende para uma descrição sincrónica, mas o *Vocabulario* havia introduzido um conceito de exaustividade que de alguma forma condicionou as obras imediatamente posteriores. Em Bluteau a ausência de determinados domínios terminológicos era interpretada como um defeito: ainda que a descrição não conseguisse esgotar um domínio, devia abarcar léxico para todos os assuntos, provando a riqueza da língua e assegurando uma expressão com propriedade e a interpretação dos autores antigos. Morais põe em causa o interesse de boa parte deste fundo lexical, afirmando que não seria relevante incluir as palavras que comprovadamente eram de uso restrito e sem trânsito efectivo:

Acompanhei este estudo com os auxilios do Bluteau, que achei muitas vezes em falta de vocabulos, e frases; e mui frequentemente sobejo em dissertações desapropositadas, e estranhas do assumpto, que fazem avolumar tanto a sua obra.

Este ultimo reparo me animou a escolher para meu uso tudo o que elle traz propriamente Portuguez, deixando sómente os termos da Mythologia, os da Historia antiga, e da Geografia, á imitação dos melhores Diccionaristas das linguas vivas. E ainda eu quizera ommitir muitos vocabulos de cargos, officios, navios, e outras cousas da Asia, e Ethiopia, que vem nas Historias daquellas partes explicados ahi mesmo pelos Autores, e de que ninguem usou depois: mas receei que me accusassem dessa ommissão, e lá os conservei.<sup>840</sup>

Presentindo a apetência dos consulentes pela acumulação da memória da tradição escrita, Morais não agiliza a sua nomenclatura com a profundidade pretendida. Considerando a amostra da letra D, o *Diccionario* mantém cerca de 85% das entradas do *Vocabulario*; o número de adições é cerca de 650, representando um incremento de 30% em relação ao total de entradas disponível na letra D e no *Suplemento*<sup>841</sup>.

A lista das palavras recusadas na sequência DA- permite verificar que estas são, na sua maioria, topónimos (cf. 1, *infra*) e mitónimos (cf. 2). Menos frequentes são os casos de nomes de animais e plantas exóticas, decalcados das línguas nativas (DABUH), ou os termos que Bluteau classificava como antigos e de significação obscura, e que Morais ignora (DAMINHO). As outras situações não representam propriamente uma avaliação sobre a pertinência da palavra no conjunto da nomenclatura, pois resultam de aspectos

<sup>840</sup> *Ibidem*: vii-viii.

como a divergência nas convenções ortográficas<sup>842</sup> (5), ou a fixação da categoria da forma paradigmática (DADORA).

1) DABIR	DAMIATA	2) DAGON	5) DAHI
DABUL	DAMOAÕ	DAMIA	DAMNIFICAÇAM
DACIA	DAMUTE	DANAE	DAMNOSO
DADIVAN	DAMVILERS	DANAIDES	DAMORIM
DALECALIA	DANTISCO		D'ANTES
DALEM	DANTZIC		
DALMACIA	DANUBIO		
DALMATA	DANVILLIRES	3) DABUH	6) DADORA
DAMAM	DARAGOA		
DAMASCENO	DARDANELLOS	4) DAMINHO	

A redução alarga-se às linguagens especializadas cujos termos, além do emprego restrito, eram claramente transposições de compostos greco-latinos, e que no *Vocabulario* nem sequer se apresentavam consentâneos com a morfologia portuguesa. Tal como se observou a propósito das nomenclaturas de Folqman e Marques, as longas séries de termos da farmacopeia não se integraram na tradição dicionarística. Se no caso dos primeiros autores a rejeição se pode justificar pelo carácter elementar das suas recolhas, em Morais já reflectiria a desactualização do *corpus* do *Vocabulario*, que não representaria cabalmente o léxico fundamental de determinados domínios do saber<sup>843</sup>.

É o confronto com as adições de Morais que revela as lacunas da nomenclatura do *Vocabulario*, sobretudo no que respeita a uma descrição satisfatória das possibilidades da morfologia derivacional. Entre as cerca de 650 novas entradas, 30% são adjectivos participiais, o que é superior ao número de novos verbos no infinitivo, que representam 20% do número total de adições; 7% são substantivos formados com o sufixo *-mento*

<sup>841</sup> Neste cálculo ponderou-se o facto de Morais Silva ser mais abundante em entradas que apenas funcionam como remissões ortográficas, pelo que esses casos não foram considerados como inovação na nomenclatura.

<sup>842</sup> Com a revisão das opções ortográficas suprimem-se entradas como DESALUMBRAMENTO, DESEMBURULHAR, DIFFORMAR, DICIPLINA, DICIPULO. Para além dos casos em que se verifica a cedência da grafia à pronúncia, Morais Silva também elimina formas para as quais Bluteau apresenta abonação, pelo que seriam palavras em desuso. Assim, não recupera artigos como: «DESALUMBRAMENTO, ou Deslũbramento. *Vid.* no seu lugar. O *Desalubrimento*, ou ambição daquelles Medicos, que consentem &c. Correçãõ de Abusos, 464.»; «DESASSUSTAR. Tirar o susto, segurar do susto. [...] Ellas com a fortaleza da nova muralha desasustaõ do risco das batarias. Corograf. Portug. tom. 1. cap. 2. pag. 3.».

<sup>843</sup> Recorde-se que a inclusão destes termos na nomenclatura do *Vocabulario* obedece à necessidade de integrar conteúdos de tipo enciclopédico, pretendendo descrever a composição e efeitos dos principais medicamentos em uso no final do século XVII. Além do facto de não serem palavras portuguesas, Morais não lhes reconheceria interesse informativo ou relevância, isto para além de representarem um saber médico datado (e.g. DIASEBESTEN, DIASENE, DIASPERMATON, DIASUCCINO, DIASULPHURIS, DIATARTARO, DIATHAMARON, DIATRAGACANTHE, DIATURBITH, DIATURPETHO, DIAZINGIBER).

(e.g. DENODAMENTO, DELINEAMENTO, DESENFREAMENTO); 6% são substantivos que indicam agente (sufixo –or); 5% são advérbios com sufixo –mente.

Analisando os conjuntos formados por famílias de palavras, uma parte substancial das novas entradas introduz adições morfológicas pontuais que completam o espectro da variação de outras formas já consignadas em Bluteau<sup>844</sup>. Todavia, há grupos que são consideravelmente ampliados, com formas que não seriam improváveis no início do século XVIII, o que confirmaria a ideia de uma descrição aquém da efectiva riqueza lexical, explicável em parte pela necessidade de manter a tradução bilingue das palavras-lemma. Nos seguintes exemplos, as palavras acrescentadas no *Diccionario* assinalam-se com +:

DESACATAR, DESACATO, +DESACATADAMENTE, +DESACATADO, +DESACATAMENTO  
 DESAFIADOR, DESAFIAR, +DESAFIAÇÃO, +DESAFIADO  
 DENODO, DENODADO, +DENODADAMENTE, +DENODAMENTO  
 DEFENDENTE, DEFENDER, DEFENSA, DEFENSAM, DEFENSAVEL, DEFENSIVO, DEFENSOR,  
 +DEFENDEDOR, +DEFENDIDO, +DEFENSAR, +DEFENSAVELMENTE

Por outro lado, o facto de existirem grupos totalmente novos não significa necessariamente que se trata de neologismos. Por exemplo, em comparação com o *Vocabulario*, Morais aumenta o número de verbos derivados com o prefixo des-, mas uma parte significativa é autorizada por fontes textuais portuguesas que Bluteau também consultou e que por algum motivo desconsiderou<sup>845</sup>.

### 1.6.2. Técnica lexicográfica

Morais introduz alterações pontuais à forma de fixar a categoria das palavras-lemma, imprimindo à nomenclatura herdada do *Vocabulario* uma configuração moderna, ao eliminar marcas características da lexicografia latina bilingue<sup>846</sup>.

<sup>844</sup> São vários os participípios de formação regular que no *Vocabulario* não são registados, mas que o consulente deduziria a partir do infinitivo.

<sup>845</sup> A pesquisa lexical regressa às fontes que o *Vocabulario* explorara, pelo que, nos casos em que Morais não assinala a fonte, torna-se complexa a identificação de possíveis neologismos. Alguns exemplos das adições de Morais, atestadas por fontes comuns a ambos os dicionários:

— DESLAÇAR-SE (Nunes de Leão, *Chronica dos Reis*); DESANOJAR (Luís Pereira, *Elegiada do successo da armada del Rey D. Sebastião*); DESENCARRETAR (F. Mendes Pinto, *Historia das Peregrinaçoens*); DESBASTARDAR (Diogo Paiva de Andrade, *Sermoens*); DESENTRESOLHAR (Lopes de Castanheda, *Historia da India*); DECALVAR (Manoel Severim de Faria, *Noticias de Portugal*).

<sup>846</sup> C. Murakawa (1982: 57-105) propôs uma análise comparativa entre o *Vocabulario* e a edição de 1813 do *Diccionario*, que incide especialmente na técnica de definição e na intertextualidade. Baseando-se no confronto de uma amostra aleatória de 1000 entradas, identificou pontos de

As intervenções mais comuns consistem na redução à forma do singular de palavras que com frequência eram empregues no plural, bem como a passagem ao masculino de adjectivos que geralmente acompanhavam substantivos femininos em combinatórias fixas<sup>847</sup>. Assinala-se ainda a fusão, sob a forma masculina, das entradas que no *Vocabulario* mereciam artigos distintos para proporcionar a cada um dos géneros gramaticais a respectiva tradução latina:

- Voc.* DECRETAES. (Termo do Direito Canonico) são as cartas de varios Põtifices [...] *Epistolae decretales* [...]
- Dicc.* DECRETAL, s.f. decreto do Papa sobre materias Canonicas. § *As decretaes*, o corpo dos Decretos Papaes.
- Voc.* DECLINATORIA. (Termo Forense) Acto pelo qual se declara, que o Juiz [*sic*] que se deu, não he competente. *Exceptio, ou praescriptio fori*. Exceiçãõ *Declinatoria* se deve allegar secundariamente. Vid. Livro 3. da Ordenac. Tit. 49. § 3
- Dicc.* DECLINATORIO, adj. *exceiçãõ* —, a que se allega para se declinar a jurisdicçãõ, ou mostrar-se incompetencia de juizo. *Orden.* 3. 49. 3.
- Voc.* DESPENSEIRO. Aquelle, por cuja conta corre a despensa, & gastos dos mâtimentos da casa. [...]  
DESPENSEIRA. Dispensadora. No sentido moral. *Dispenseira* das graças, merces, beneficio. [...]
- Dicc.* DESPENSEIRO, s.m., *dispenseira*, s.f. o homem, ou mulher que tem a seu cargo a despensa, e dá o preciso della. [...]

No que respeita à redacção dos artigos, Morais impõe um conjunto de alterações no sentido de agilizar e racionalizar a explicação dos sentidos e a localização da informação. Para além da recusa dos excursos enciclopédicos e dos complementos de cariz retórico-literário, interessa sobretudo destacar uma série de estratégias de reescrita que, tomando partido dos mecanismos de intertextualidade, permitem reconverter as definições de Bluteau em enunciados mais concisos e formularizados. Por norma, mantém-se a técnica de definição que o *Vocabulario* propunha (sinonímia, paráfrase, género-diferença), com transformações que deixam reconhecer segmentos essenciais da fonte informativa:

- Voc.* DADIVA. Dom. Presente. [...] Dadiva. Offerta, a Deos, ou aos Santos. *Vid.* Voto, Offerta, Oblaçãõ.
- Dicc.* DADIVA, s.f. coisa que se dá, presente, dom.

---

identidade, semelhança e divergência entre as duas obras. O estudo apresenta uma vasta lista de exemplos de identidade textual na definição, bibliografia citada, exemplos e expressões ilustrativas, técnica de definição (sinonímia, definição por exemplo e por oposição), bem como de casos em que os lexicógrafos divergem nos aspectos referidos.

<sup>847</sup> Ao contrário do que era prática comum no *Vocabulario*, Morais evita indexar as combinatórias fixas e as expressões na nomenclatura:

— *Voc.*: DARES, & tomares. Contendas alternadas; debates reciprocos. [...]

— *Dicc.*: DARES, s.f. pl. *ter dares, e tomares com alguem, i.e.* disputas, contendas, altercações. [...]

*Voc.* DADIVOSO. Amigo de dar. Liberal. [...]

*Dicc.* DADIVOSO, adj. liberal, amigo de dar, e presentear. [...]

*Voc.* DALAÇA. (Termo da India) Barca grande, lada, & raza. Partio com duzentas *Dalaças*. Barros, Decada 4, pag. 178. [...]

*Dicc.* DALAÇA, s.f. As. embarcação grande larga, e rasa. *Barros*.

*Voc.* DARIS. He o nome de certos Bugios de Guiné, na serra Lioa. *Vid.* Bugio.

*Dicc.* DARIS, s.m. pl. especie de bugios da serra lioa.

A concisão resulta de um somatório de supressões sistemáticas, que incidem sobre tópicos como as notícias de tipo etimológico. Estas, no *Vocabulario*, constituíam uma espécie de preâmbulo acessório da definição, na medida em que tentavam estabelecer uma relação lógica entre a palavra e o significado (cf. DACTILO, *infra*). Também são eliminadas muitas das anotações que inseriam as palavras e a sua interpretação num determinado contexto discursivo (*termo de...*, *termo de que usa...*, *fallando em...*), com que Bluteau reproduzia uma marca característica da técnica lexicográfica de Furetière, associando o significado a uma situação de comunicação específica (cf. DADA, *infra*). A clareza da definição era ainda perturbada pela acumulação de marcas distintivas específicas que, por se confundirem com um discurso de tipo enciclopédico, se revelavam redundantes e mesmo supérfluas do ponto de vista da delimitação do significado. Morais condensa a informação original seleccionando termos genéricos que continuam a assegurar a distinção de espécies e categorias (cf. DADÁ).

*Voc.* DACTILO. (Termo da Prosodia Latina.) Derivase do Grego, *Dactilos*, *Dedo*, porque assi como o dedo he composto de tres juntas, ou nós, que começaõ por hum mayor, que os outros dous, assi o pé *Dactylo*, he composto de tres syllabas, a primeyra longa, & as outras duas breves. *Dactylus*, i. *Masc. Cic.*

*Dicc.* DACTILO, adj. *pé dactilo*, da metrificacão Latina, o que consta de 1 silaba longa, e logo duas breves.

*Voc.* DADA. A açcaõ de dar, fallando em officios, ou beneficios [...]

*Dicc.* DADA, s.f. o acto de dar [...]

*Voc.* DADA. He nome, que os Mahometanos daõ aos prelados dos conventos dos Devisios, Calenderes, & outros seus Religiosos. Os Superiores de todos chamaõse *Dadas*. Godinho, na sua Viagem da India 159.

*Dicc.* DADÁ, s.m. entre *Mahometanos*, prelado de Convento. *Godinho*.

Deve ainda referir-se a importância do emprego das abreviaturas de informação metalinguística, que no *Vocabulario* conheceram uma aplicação muito pontual para o português, não obstante serem comuns na maioria dos dicionários que lhe serviram de modelo. Os esclarecimentos sobre a categoria gramatical, género ou número exigiam uma descrição por extenso, que sobrecarregava a estrutura sintáctica do enunciado com

segmentos como *he o nome de...*, *he o nome com que...*, *deuse este nome...*, citando apenas o exemplo dos substantivos.

A menor extensão dos artigos conjuga-se por vezes com uma reformulação geral, que clarifica o enunciado e torna o sentido mais preciso. O interesse destes artigos no âmbito da análise da recepção deriva do facto de, apesar de se apresentarem formalmente alterados, tudo indicar que o *Vocabulario* continua a ser a fonte informadora. De resto, Morais melhora substancialmente a fonte, se recordarmos os artigos em que Bluteau, por desconhecimento ou por estilo de redacção, não explicava o significado e apenas fornecia contextos de ocorrência (cf. DAINECAS):

- Voc.* DAINECAS. O rio não se passa alli por ponte de pedra, ou de *Dainecas*, como em Babylonia, se não por barca lastrada. Godinho, Viagem da India. 140.  
*Dicc.* DAINECA, s.f. sorte de barca lada de atravessar rios; dellas se fazem pontes. *Godinho*.

O recurso à paráfrase permite-lhe sintetizar relatos pormenorizadas do funcionamento e funções, eliminando comparações que, como foi notado no capítulo consagrado à técnica de definição, conferiam um visualismo à descrição (cf. DALA). Este exercício de reescrita é particularmente eficaz nos artigos em que, sem possuir dados adicionais acerca do significado, Morais melhora os enunciados registados no *Vocabulario*, evitando levantar questões relacionadas com a insuficiência das fontes. A leitura do artigo DARANDELA revela o modo como ultrapassou as dificuldades em apresentar uma descrição completa, assentando a definição em traços mínimos essenciais, inferidos do texto de Bluteau:

- Voc.* DALA da Bomba. (Termo de Navio.) He hum cano de taboas, a modo de calha, ou quelha de moinho sobre a cuberta, por donde corre a agoa, que do poraõ se tira com a bomba, & vay para o mar.  
*Dicc.* DALA, s.f. canal de táboas por onde corre ao mar a agua, que sai das bombas do navio.  
*Supp.* DARANDELLA. Trage taõ antigo, que naõ acho quem me diga o que era. *Nossas avós às singelas Com saynhos de palmilha, Pareciaõ menos bellas? Saõ melhor as darandellas De Madrid, ou de Sevilha?* Obras Metric. de D. Franc. Man. Çamfonha de Euterpe, fol. 96. col. 1.  
*Dicc.* DARANDELA, s.f. hum trage antigo de senhoras, *D. Francisco de Portugal*, *são melhor as darandellas de Sevilha, ou de Castella?* durando era panno usado em tempo de Felipe 2.

A enumeração das acepções também beneficia deste conjunto de intervenções, na medida em que se amplia o número de sentidos e expressões, ao mesmo tempo que se reduz consideravelmente a extensão dos artigos. A passagem a um enunciado monolingue implica a expansão e análise semântica das acepções que em Bluteau apenas tinham tradução latina, como é o caso de *Dama de Palacio* (lat. *virgo aulica*), que Morais define

como «A senhora que assiste por fazer corte junto ás Rainhas» (cf. DAMA *infra*). Mas, apesar de os artigos do *Diccionario* apresentarem uma divisão cuidada dos sentidos com marcas tipográficas, por norma o número de novas acepções é modesto, uma vez que explora exemplos e estruturas fraseológicas que no *Vocabulario* haviam merecido uma explicação insuficiente. Por exemplo, no artigo DAMA, não obstante os melhoramentos da reformulação, somente acrescenta um sentido literal e figurado de «soprar a dama»:

— **Voc.:**

DAMA [...] Dama. Molher fidalga. Molher de sangue illustre. *Illustris*, ou *nobilis femina*, ou *matrona. Femina Primaria. Ter. Cic.* (Fallandose com ella, se poderá dizer no vocativo, *Domina*.)

Dama de Palacio. *Virgo aulica, ae.*

Molher Dama. *Meretrix, icis. Fem.*

Dama, que ama, & he amada de hũ Varaõ. *Amatrix, icis. Fem. Plaut.*

Damas. He jogo de Tabulas no taboleyro de Xadrês, que não depende de fortuna.

Dama, no jogo das damas he a tabula, que chega a ultima casa do jogo, sobre a qual, se poem outra. *Scrupus geminatus. Duella, & duplio*, com que alguns querẽ significar hũa dama destas, significaõ outra cousa. Fazer dama cobrir a dama *Scrupos geminare*.

Dama de Xadrês. He a segunda peça, depois do Rey, que anda como todas as mais peças, excepto como cavallo. *Latrunculus, quem Dominam vocant*, ou *Regina, in ludo latruncolorum*.

Dama da copa. Vid. Copa.

— **Diccionario:**

DAMA, s.f. senhora nobre, de qualidade. § A senhora que assiste por fazer corte junto ás Rainhas. § Mulher galanteada, e servia honestamente de algum galante, ou namorado. *Ulisipo*. § Meretriz v.g., *he mulher dama*. § *Jogo das damas*, n'hum taboleiro dividido em lisonjas alternadamente brancas, e negras, com tabolas. § *Soprar a dama, he perder a dama por não ter comido com ella o que devera, e fig.* tirar o rival do lanço, tomar-lhe, ou casar com a sua dama. § Peça do jogo do Xadres. § *Dama da copa*, mulher, que cuida della.

Nos artigos relativos às formas verbais, Morais confrontava-se com uma fraseologia abundante e pouco interessante do ponto de vista da distinção de valores semânticos, dado o elevado número de traduções de citações latinas. Mas a leitura criteriosa permitiu-lhe seleccionar desse fundo os exemplos mais pertinentes, reconvertendo-o numa descrição das principais co-ocorrências, locuções e expressões idiomáticas do português.

O artigo DAR, que atrás já ilustrou a comparação com os dicionários de Folqman e José Marques, dá conta de um esforço de compilação muito superior ao destes últimos autores, em que as adições corrigem lacunas na descrição de Bluteau, quando a fraseologia latina se substituíra à explicação dos sentidos em português. Morais ainda recorre com frequência à definição através de exemplos em contexto, que na estrutura do *Diccionario* ocupam o lugar que anteriormente cabia à tradução latina:

*Voc.* Dar. Produzir. *Fruges ferre, ou fundere.* [...] Cãpo, que dá muyto. *Ager fructuosissimus* [...]  
*Dicc.* Produzir v.g. , *a terra dá copiosos frutos* [...]

A vertente latina também pode ser considerada uma fonte informadora, pois alguns destes segmentos frásicos, compostos por Bluteau, eram explicações por paráfrase de expressões portuguesas que não conheciam equivalente directo nas estruturas do latim clássico. Daí que, pela inversão do processo, a tradução proporcione exemplos e definições adequadas a um dicionário monolíngue:

*Voc.* Dar senhoria. *Aliquem dominationis titulo ornare.*  
 Dar-lhe Alteza, ou Excellencia. *Aliquem excelsi, ou excellentis nomine colere, ou honestare.*  
 [...]
 *Dicc.* Dar a alguem Senhoria, Excellencia, tratá-lo com estes tratamentos [...]

*Voc.* Dar num pensamento. Dei neste pensamento. *In eam cogitationem veni, ou incidi.* [...]  
*Dicc.* Dar n'hum pensamento, dizemos quando elle nos vem, ou o achamos. [...]

O artigo DAR, em Morais, reúne cerca de 40 alíneas, contemplado a explicação do sentido pleno e dos contextos em que funciona como verbo de suporte. Numa primeira leitura, a clareza do *Diccionario* contrasta com a compilação difusa do *Vocabulario*, que multiplicava os exemplos para um mesmo sentido, acumulando traduções que acompanhavam os conjuntos de citações recolhidas em dicionários latinos. Todavia, a comparação dos artigos revela que cerca de 75% dos sentidos e expressões de Morais encontravam-se já registados em Bluteau, se bem que com explicações menos conseguidas<sup>848</sup>:

DAR, v. at. passar gratuitamente o dominio do que he nosso a outrem.  
 § Entregar v.g. , *dá essa carta a teu amo.*  
 § Produzir v.g. , *a terra dá copiosos frutos* [...]
 → *Voc.* Dar. Produzir. *Fruges ferre, ou fundere.* Cic. & fallandose em arvores, *Fructum ferre.*  
*Plin. Hist.* A oliveyra não dá todos os años [...] Cãpo, que dá muyto. [...]  
 § Prescrever v.g. , *dar regras, ordens, preceitos.*  
 § Mostrar v.g. , *dar obediencia a alguem.*  
 § *Dar nos olhos, ferilos v.g. , a luz;* e talvez deslumbrar [...]
 → *Voc.* Dar nos olhos a luz. Cegalos com o resplandor. Vid. Cegar. [...]  
 § *Dar com sigo, ou com outrem no chão,* atirar, ou cahir. [...]
 → *Voc.* Dar comsigo no chaõ. Vid. Cahir.  
 § *Dar em alguem pancadas, golpes, huma bofetada.*  
 → *Voc.* Dar em alguem. *Aliquem percutere* ou *caedere* ou *ferire.*  
 § *Dar sobre o inimigo, accomette-lo* [...]
 → *Voc.* Dar sobre o inimigo. *In hostem irruere.* [...]  
 § *Dar com alguem, encontrá-lo, achá-lo, tomá-lo* [...]
 → *Voc.* Dar com alguma cousa. Vid. Achar. Encontrar. [...]  
 § Levá-lo v.g. , *deu comigo no Ressio.*  
 § *Dar de si, dobrar v.g. , a viga, a trave;* ceder; *deu de si o alicerce, e abriu a parede.*

<sup>848</sup> Cita-se apenas a parte inicial do extenso artigo. Quando pertinente, transcreve-se o excerto correspondente do artigo do *Vocabulario* (→ *Voc.*).

→ Voc. Dar de si. Dobrar. Vergar. *Curvari, ou incurvari*. Dar de si. Ir huma cousa cahindo pelo peso, que tem.

§ Ir tocar v.g. ,, deu a não na areia, n'hum penedo.

→ Voc. Dar em alguma cousa com o movimento que se faz. [...] Dar com a cabeça na abobada. [...] Deu a não nos cachopos. [...]

À semelhança de outros exemplos anteriormente analisados, observa-se que a relação de intertextualidade não se baseia em citações literais. Em todo o caso, o *Vocabulario* ofereceu um repositório das principais estruturas do português, carecendo de uma análise e ordenação apenas possíveis com a técnica lexicográfica renovada que Morais introduziria.

## 2. Reflexão metalexigráfica

### 2.1. *Verdadeiro metodo de estudar* (1746)

Na primeira carta do *Verdadeiro metodo*, em que Verney (1713-1792) propõe uma ampla reforma do ensino da língua materna e da ortografia, a reflexão sobre os dicionários ocupa um espaço modesto<sup>849</sup>. Todavia, os textos académicos de Bluteau e o exemplo do *Vocabulario* enquanto instrumento de normalização linguística são elementos importantes na discussão metaortográfica, em que se equacionam as soluções propostas pelos gramáticos portugueses, o uso dos doutos e a possibilidade de estabelecer uma norma racional. Com um tom excessivo e polémico, Verney apresenta críticas alicerçadas numa vasta erudição, na abertura de horizontes proporcionada pelos círculos intelectuais italianos e na experiência da composição de um conjunto de tratados didáticos, nos domínios da lógica, física e gramática latina<sup>850</sup>.

<sup>849</sup> *Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*, 1746. A carta I é subordinada à temática linguística: «Mostra-se, com o exemplo dos Antigos, a necessidade de uma Gramatica Portugueza, para comesar os estudos. Dá-se uma ideia, da melhor Ortografia Portugueza: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulario do Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da Mocidade» (Verney, *Verdadeiro metodo*: «Index»). As opiniões de Verney sobre a língua motivaram a resposta, em textos subsequentes, de José de Araújo (*Reflexões apologeticas*, 1748), Francisco de Pina e Melo (*Balança intelectual*, 1752) e Francisco José Freire (*Ilustração critica*, 1751). Cf. Pires, 1991: 140-143. Sobre as condições de edição e a recepção do *Verdadeiro metodo*, cf. A. Andrade, 1966 e 1980.

<sup>850</sup> Sobre a originalidade das obras pedagógicas de Verney, e os entraves políticos e económicos à sua edição, cf. Salgado Júnior, 1950: XXI e ss.

A reforma ortográfica assenta numa simplificação sistemática, em que a escrita toma por modelo a pronúncia dos «omens de melhor doutrina, da-Provincia de Estremadura»<sup>851</sup>. As *Prosas Portuguezas* e os artigos iniciais de cada sequência alfabética do *Vocabulario* terão sido as fontes documentais que permitiram a Verney demonstrar o conhecimento da evolução da questão ortográfica, pois não terá consultado os textos de Leão e Barros. Em resultado da análise dessa tradição, Verney partilha com Bluteau um conjunto de perplexidades, como a variedade de usos ou a inconstância das soluções propostas pelos ortógrafos, mas distingue-se ao apresentar uma via normalizadora que se afasta inequivocamente do paralelo com a língua latina.

Não obstante todas as críticas que lhe dirigirá, reconhece que Bluteau percebeu a necessidade imperiosa de uma norma e de princípios conducentes a uma simplificação, mas que na prática cedeu frequentemente aos usos e não adoptou no seu dicionário uma orientação ortográfica criteriosa.

[...] tive a curiosidade de ler, o que dise nesta materia o P. Bluteau, cuja leitura me-confirmou, no meu propozito, e me-convida, a abrir-me mais prontamente: porque assim vejo, que tenho mais padrinhos, doque nam cuidava. [...] O Bluteau no-Prologo do-Suplemento, falando com o leitor Pseudo-critico, confesa, que muitos omens doutos, nam dobram as letras no-Portuguez [...] Reconhece porem, que seria necesario, reformar a Ortografia Portugueza. Mas, conhecendo isto, adotou no-seu Dicionario, todas as variaçoens de Ortografia dos-autores; como confesa no-Prologo do-Suplemento. O que nam tem desculpa em um omem, que estudou trinta anos, o argumento do-seu livro.<sup>852</sup>

[...] diz, que na Academia do-Ericeira, se-asentára, que nem sempre se-devia escrever como a pronuncia: Mas aqueles nomes que conhecidamente encerravam origens sem corrusam, s'escrevessem como na sua etimologia, quando as letras nam fossem como a pronuncia: [...] olhando para o que asentáram, formo mao conceito do-seu juizo: pois conhecendo a razam, e tendo bons autores, que os-apadrinhassem; ainda assim quizeram seguir os prejuizos e preocupasoens que mamáram, somente por-serem antigas. Isto certamente nam é emendar a Ortografia. O pior é, que o Bluteau conhecendo isto mesmo, como em algumas partes confessa, deixa-se guiar da-corrente.<sup>853</sup>

As reflexões académicas e o *Vocabulario* sugeriram soluções que aprofundaram a perspectiva etimológica, mas não contribuiram para uma efectiva reforma, pois tornavam o sistema mais complexo. Do cotejo entre as *Prosas* e o dicionário, Verney recolhe exemplos que demonstram a inviabilidade de uma escrita fundada na etimologia, em que se admitem excepções, desde que recomendadas por autores prestigiados. Assim, facilmente pôde apontar a Bluteau a formulação de regras incongruentes ou não implementadas no *Vocabulario*:

<sup>851</sup> Verney, *Verdadeiro metodo*, I: 14.

<sup>852</sup> *Ibidem*, I: 16.

<sup>853</sup> *Ibidem*, I: 33.

O Bluteau nam admite isto, nos-*Opusculos*<sup>854</sup>; e defende, que sempre o *ch* se-deve pronunciar quasi semelhantemente ao *x*. Mas ele mesmo se-contrareia no-Dicionario: pois diz, que em Portuguez se-deve escrever, *Archanjo, Patriarcha &c.* com *ch*, aindaque se-pronuncie o *k*: Tomára pois que medese a diversa razam, porque em outros nomes oriundos da-mesma Grecia, se-deva escrever com *qui* v.g. *Monarquía &c.* O certo é, que em ambas as partes, a razam é a mesma.<sup>855</sup>

O Bluteau, que no-Dicionario diz, que em algumas partes se-podia deixar de pôr o *h* no principio; em outros lugares porem defende, a introdusam do-*h*, querendose desculpar, com a lingua Italiana. Mas erra manifestamente no-que diz [...]<sup>856</sup>

Na avaliação de Verney confluem aspectos ortográficos e lexicológicos. O *Vocabulario* autorizou e introduziu novos vocábulos, transpondo palavras e neologismos compostos de origem latina, obedecendo a princípios de representação ideovisual. A reforma não põe em causa o aportuguesamento de termos estrangeiros, contanto que a grafia seja simplificada, de modo a não se afastar da pronúncia efectiva:

Nam posso sofrer, que o Bluteau na sua *Proza Gramatonmica*, queira introduzir, no-principio das-palavras Portuguezas, o *s* antes de consoante: e escrever, *Squeleto, Spasmo, Scena, Sciencia, &c.* Esta corresam é tam fora do-escolio, que nenhum Portuguez, que nam seja latino, saberá pronunciar aquele *s*, no tal lugar: [...] é mudar a pronuncia da-letra, e é fazer uma ridicularia, fundada unicamente em querer mostrar, que sabe a derivasam daquelas palavras.<sup>857</sup>

As artes Liberais, Ciencias &c. tratando-se em Portuguez, devem ter os seus nomes Estrangeiros, mas aportuguezados. [...] quando se-trata de Artes e Ciencias: cujos termos é necesario uzar, mas com cautela.<sup>858</sup>

As considerações que visam especificamente o *Vocabulario* servem de conclusão à primeira carta do *Metodo* (pp. 55-58). Atentando na estrutura lógica da argumentação, este tópico surge como um corolário, na medida em que o autor reclama a necessidade de um dicionário que suporte a reforma ortográfica. Verney percebe que o *Vocabulario*, prolixo e sobrecarregado de informação, é um produto do tempo em que foi composto e que seriam inevitáveis os defeitos numa obra que era claramente precursora.

Para a actualização e valorização do imenso *corpus* lexicográfico impunha-se uma profunda revisão, de que resultariam duas obras distintas, mais funcionais e adequadas às novas expectativas dos consulentes, nomeadamente a aprendizagem da língua materna. A primeira revisão reduziria a extensão e o número de volumes, pela impressão em caracteres de menor tipo, mas sobretudo corrigiria a desproporção do peso das diferentes categorias informativas. Verney recomenda uma selecção criteriosa das melhores citações e exemplos, evitando a sobreposição redundante que se verificava especialmente na componente latina, obtendo assim um conjunto que poderia ser reeditado em 3 ou 4 tomos.

<sup>854</sup> Verney emprega esta designação para se referir aos textos académicos.

<sup>855</sup> *Ibidem*, I: 18.

<sup>856</sup> *Ibidem*, I: 22.

<sup>857</sup> *Ibidem*, I: 28-29.

<sup>858</sup> *Ibidem*, I: 40.

O outro dicionário que Verney reclama, um «Compendio, para uzo dos-rapazes»<sup>859</sup>, afasta-se das características tipológicas do *Vocabulario*, exigindo mais que o simples exercício de condensação. Para além da supressão sistemática da informação complementar de tipo enciclopédico, concebe-o como um instrumento prescritivo, que constituiria uma referência basilar para o ensino do português e, por conseguinte, para a normalização da escrita. No seu entender, um dicionário didáctico não poderia reproduzir do *Vocabulario* a acumulação, por vezes indistinta, de palavras «boas», «plebeas» e «antigas»<sup>860</sup>. Na selecção da nomenclatura, deveria privilegiar-se a descrição do português moderno, excluindo o léxico fora de uso, que denotasse afectação ou a contaminação por latinismos injustificados. As fontes da nomenclatura e das citações deveriam procurar-se entre os autores «que faláram melhor, v.g. desde o fim do-seculo pasado para cá: ou encurtar mais o tempo»<sup>861</sup>.

As críticas aos pressupostos tipológicos e à falta de método na técnica lexicográfica são reforçadas pela frequente comparação com os dicionários da Académie e da Crusca, que omitiam determinados registos sociolectais e evitavam o léxico antigo. Por isso, ao contrário dos referidos dicionários, o *Vocabulario* não oferecia uma descrição do “bom uso” e «nam ensina a falar bem Portuguesez»<sup>862</sup>. Apesar de ter sido idealizado à imagem dos grandes dicionários institucionais, Bluteau não consolidou um conjunto de critérios que conferissem a regularidade esperada de um instrumento normativo: «mas se o dito P. o-nam-fez, porque quiz compreender, tudo o que se-acha em Portuguesez, ou por-outro motivo; no-Compendio porem do-dito Dicionario, nam se-deviam escrever, senam palavras puras e boas, e seguindo a pronuncia mais suave»<sup>863</sup>.

<sup>859</sup> *Ibidem*, I: 57.

<sup>860</sup> *Ibidem*: loc. cit.

<sup>861</sup> *Ibidem*: loc. cit.

<sup>862</sup> *Ibidem*: loc. cit.

<sup>863</sup> *Ibidem*, I: 58. A importância da análise de Verney justifica a citação de um largo excerto da carta I: «Concluirei esta carta lembrando a V.P., que, para facilitar este estudo à Mocidade, seria necessario, que algum omem douto, abreviáse o Dicionario do P. Bluteau, e o-reduzise à grandeza, de um tomo em folha, ou dois em 4º. Ninguem pode olhar para a obra do-P. Bluteau, sem ficar esmurecido, pola quantidade de volumes. Este Religioso era douto, e infatigavel: e fez à nasam Portugueza um grande serviso; compondo um Dicionario, que ela nam tinha: e quem diser mal dele deste particular, é invejoso, ou ignorante. Mas tem alguns defeitos, que seria necessario emendar: Era mui medroso: e nam tinha metodo. O medo, reconhece-se em cada pagina das suas obras. Fora maltratado por-alguns Portuguesez injustamente; e a cada passo se-queixa, e dá uma satisfasam. Os Prologos, tanto na primeira Obra, como no Suplemento, sam insoportaveis: [...] E o pior é, que com dizer tanto, nam explica o que deve: pois querendo um leitor saber, o que ele faz no-Dicionario, e que razam dá da-obra; nam sabe por-onde á-de começar. [...] Nem menos me-agrada o titulo da-obra, que é mui afetado, e cheio de superfluidades. Ja se-sabe que um Dicionario, compreende todas as palavras, com que se-explicam na dita lingua, todas as coisas imaginaveis. [...] Avulta tambem muito

Verney não aprova o excesso de informação latina no *Vocabulario*, mas fornece um interessante testemunho do auxílio que a fraseologia acumulada proporcionaria a determinadas áreas profissionais, como é o caso do direito. A descrição do *Verdadeiro metodo* pode revestir-se de algum exagero satirizante, mas é de admitir que fosse comum recorrer ao *Vocabulario* para a composição de textos a partir de fragmentos de estruturas linguísticas e de citações latinas, obtendo enunciados que, provavelmente, desrespeitariam as regras da sintaxe e a propriedade de sentido<sup>864</sup>.

---

a obra, porque as explicasoens sam longas, e o carater é mui grande. O que tudo se-podia reduzir, a menor extensam: bastando um exemplo de um bom autor, e deitando fora tantos Latins, e citasoens superfluas. E assim, todo aquele grande Vocabulario, se-pode reduzir nas segundas-impressoes, a trez ou quatro volumes, se lhe-tirassem o que tem de superfluo: e seria tambem mais barato, e mais util à Republica. Mas, ainda depois de tudo iso, seria necesario, fazer um Compendio, para uzo dos-rapazes. [...] Mas neste Dicionario, se-deveria acautelara outra coisa, em que caio o P. Bluteau; que foi, nam distinguir as palavras boas, de algumas plebeias, e antigas. Ele ajuntou tudo: e ainda muitas palavras Latinas, que muitos Portuguezes modernos afetadamente aportuguezáram. E este é o maior defeito que eu acho, naquele Dicionario, porque nam ensina a falar bem Portuguez; a lingua Portugueza, como á pouco tempo que comesou a aperfeisoar-se, nam pode excluir, tudo o que é moderno. Contudo, deveria o P. Bluteau, nam abrasar senam os autores, que faláram melhor. v.g. desde o fim do-seculo pasado para cá: ou encurtar mais o tempo. E ainda neses, que talvez nam seram iguais em tudo, escolher, o que é mais racional: e nam tudo o que aportuguezáram alguns destes, prezados de eruditos; que, por-forsa, querem introduzir, uma mixtura de Portuguez, com Latim. E isto mesmo deveria ter feito Bluteau: pondo em um volume, as palavras boas; no-outro, as antigas &c. [...] O mesmo Bluteau em certa parte, reconhece a necessidade deste distinto livro; e deu uma ideia dele, nos-Catalogos que traz, no-Suplemento. Mas se o dito P. o-nam-fez, porque quiz compreender, tudo o que se-acha em Portuguez, ou por-outro motivo; no-Compendio porem do-dito Dicionario, nam se-deviam escrever, senam palavras puras e boas, e seguindo a pronuncia mais suave. E.g. nam escrever *Devaçam*, porque o disse o Vieira [...] assim a pronuncia melhor, sendo apadrinhada por-omens doutos, deve ser preferida. Tambem se-devia no-dito cazo, emendar a Ortografia do-Bluteau, que é variante: e estabelecer uma certa, e sempre a melhor. Este Compendio seria mui necessario, os que quizessem majores noticias, podiam procurálas no-Vocabulario grande» (*ibidem*: 55-58).

<sup>864</sup> «achará V.P. mil Advogados, que nunca estudáram Leis [...] Verdade é, que estes tais quando devem escrever, em um ponto de Direito, acham-se em calsas pardas: [...] Contudo iso, nam á algum destes, que ou bem, ou mal; ou por-si, ou por-paraclete, nam fasa os seus arrezoados: e, sendo Juiz, nam á algum, que nam escreva a sua sentensa, ou *tensam*, como eles lhe-chamam; aindaque nam saiba Latim: pois para isto é que serve, o Dicionario do-Bluteau; no-qual buscando-se as palavras uma por-uma, se-acha suficiente materia, para compor a sentensa» (Verney, *Verdadeiro metodo*, II: 145).

## 2.2. «Planta» do *Diccionario da Academia* (1793)

O projecto do *Diccionario da Academia* pretendeu substituir o *Vocabulario* enquanto obra de referência na fixação e autorização do léxico português, investindo numa maior fundamentação teórica, no que respeita à tipologia, objectivos e técnica dicionarística. No conjunto paratextual que introduz o volume, apresenta-se um exercício de reflexão metalexigráfica que enuncia meticulosamente as características da obra e a distinção face aos dicionários anteriores, de que resulta «a melhor síntese crítica do *Vocabulario*»<sup>865</sup> até então publicada.

A composição da «Planta» foi confiada a Pedro José da Fonseca (1737-1816) e aprovada pelos académicos em 1780. Neste guia programático, o autor demonstra o conhecimento dos princípios em que assentava a dicionarística moderna e os objectivos de obras similares editadas pelas academias europeias<sup>866</sup>.

Para além da redacção de uma parte substancial da letra A, Fonseca consagrou à temática linguística um extenso número de obras, desde a retórica à lexicografia latina<sup>867</sup>. Numa obra anterior, o *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771), apesar de reconhecer o valor informativo do *Vocabulario*, demonstra a consciência de que o modelo traçado por Bluteau se revelava ineficaz enquanto instrumento para a aprendizagem do latim. Como se conclui da leitura do prólogo, não lhe interessava uma condensação, mas um trabalho de raiz que não seguisse o *Vocabulario* como obra exemplar<sup>868</sup>.

Também o *Diccionario* da Academia se apresenta como uma obra de superação, com uma técnica lexicográfica inovadora — à data da redacção, o dicionário de Morais Silva ainda não havia sido publicado — e um *corpus* de abonações mais extenso e

---

<sup>865</sup> Verdelho, 1994: 676.

<sup>866</sup> Cf. Casteleiro, 1993, 1998.

<sup>867</sup> Cf. Inocência Silva, *Dic. Bib.*, VI: 419-424.

<sup>868</sup> «[...] ainda que a principio fosse este *Diccionario* formado com total independencia do *Vocabulario* de Bluteau [...] a conformidade porém, que pelo tocante ao Latim algumas occasiões se observará entre nós, he mais effeito de nos havermos casualmente encontrado, recorrendo ás mesmas fontes, de que por eu querer exactamente seguillo» (Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, 1771: «Ao Leitor»).

seleccionado<sup>869</sup>. No excerto em que se traçam os objectivos essenciais, pode entender-se uma crítica implícita ao título do *Vocabulario*, próprio de uma obra de carácter elementar:

Não intenta a Academia dar á luz debaixo deste titulo hum simples Vocabulario de palavras Portuguezas; mas fixar em geral no idioma patrio (quanto se permite nos existentes) pela autoridade dos nossos melhores Escritores, a differença dos significados em seus vocabulos [...]  
De mais, não houve exemplar, que seguir, nem nos nossos, nem nos estranhos Dictionarios das lingoas vulgares, como testificará a comparação. O valor tambem de muitos Escritores Portuguezes não se encontrava antes determinado, e o de alguns nem conhecido era [...]<sup>870</sup>

A possibilidade de uma efectiva função normativa e de preservação da pureza do português decorre de um trabalho colaborativo, atribuído a uma “sociedade de sábios”, que recolhem no dicionário «tudo, que melhor póde contribuir para fixar o bem regulado uso de cada huma das lingoas»<sup>871</sup>. O *Vocabulario* é apresentado como o produto de um estágio na evolução da técnica lexicográfica e no esforço de valorização das línguas nacionais, equiparável ao *Tesoro de la Lengua Castellana* (1611) de Covarrubias<sup>872</sup>. Ou seja, a reformulação é considerada uma etapa natural na evolução dos instrumentos metalinguísticos, sem desmerecer a importância da obra que se pretende substituir, porque esta se integra numa cadeia de contínuo aperfeiçoamento. De um conjunto de aspectos que careciam de revisão, porque eram incompatíveis com a dicionarística moderna e a fixação da língua, destacam-se os critérios de documentação, no que respeita à qualidade das abonações e à fundamentação das definições e aceções:

Se alguém com tudo presumir a olhos cerrados, que desnecessariamente se emprehende hum Dictionario da Lingoa Portugueza, em razão de já possuirmos o seu volumoso Vocabulario; o titulo deste mesmo Vocabulario, a redundancia da sua proluxa erudição, a falta de innumeraveis vocabulos Portuguezes, e de autoridades, que na maior parte das suas aceções qualifiquem os mesmos, que traz finalmente a má eleição dessas taes poucas autoridades sem crítica, nem gradação, será per si de sobejo para logo lhe desvanecer a sua falsa supposição. E isto mesmo com facilidade summa se lhe fizera evidente (se tal fora o designio) dandolhe a ver hum sem conto de definições ou explicações de termos por varios modos defeituosas, muytas etymologias erradas ou pouco seguras, havendo outras certas ou mais provaveis, e não menos citações de Autores Portuguezes impropriamente allegadas, ou em confirmação de significado, para que não servem, ou pelo modo viciado, com que estão transcritas; além de outros defeitos assás notaveis ainda naquillo mesmo, que directamente toca á

<sup>869</sup> «O *Diccionario* da Academia é o mais significativo empreendimento da exercitação normativa sobre a língua portuguesa, foi suscitado num momento de teorização linguística intensa, de teor nacionalista. O purismo, a defesa e o enriquecimento do idioma pátrio dominam o pensamento linguístico do final do séc. XVIII.» (Verdelho, 1994: 677).

<sup>870</sup> *Diccionario da lingoa portugueza*, 1793: «Prologo».

<sup>871</sup> *Ibidem*: «Introducción».

<sup>872</sup> «O seu Thesouro da lingoa Castellana da mesma sorte, que o Vocabulario Portuguez e Latino do sobredito Bluteau, forão os que anticiparão a ambas as nações o conhecimento da necessidade e fructo, que se dá em obras desta natureza. Mas assim como a Real Academia Hespanhola não teve por bastante o anterior trabalho do seu Covarrubias para deixar de compôr hum Dictionario inteiramente novo, com igual razão se deve formar o nosso, pois não he mais do que os Hespanhoes tinhão, aquillo, que entre nós nesta parte se acha feito» (*ibidem*, *loc. cit.*).

lingoa Portugueza. E desta sorte ficaria a toda a luz manifesto, que a referida lingoa não se acha atégora enriquecida, como por inadvertencia supposero os Academicos Hespanhoes com hum perfeitoissimo Diccionario.<sup>873</sup>

No que respeita à selecção da nomenclatura, os académicos admitem os «vocabulos puramente Portuguezes»<sup>874</sup>, eliminando parte substancial dos decalques latinos que, em Bluteau, saíam do âmbito da descrição do português e revelavam um conceito muito lato de intercomunicação linguística. Para se demarcarem do modelo de dicionário acumulativo, os domínios em que a nomenclatura se assemelha à do *Vocabulario* são cuidadosamente justificados. É o caso dos mitónimos, em que «se autorizarão sómente as accepções metaphoricas, e de que procedem frases particulares» e dos termos «peculiares ás Sciencias, ás Artes liberaes e mechanicas, se estas vozes se acharem impressas nos Autores approvados e Diccionarios Portuguezes. [...] Mas nesta adopção de vocabulos modernos e estrangeiros se guarde sempre aquella judiciosa economia, que a Crítica recomenda»<sup>875</sup>. Embora coloquem reservas às palavras «usadas por pessoas da infima condição», aceitam as «expressões burlescas e vulgares, que supposto não convenham aos assumptos serios e graves, não deixão por isso de ser Portuguezas, muito proprias do estilo jocoso»<sup>876</sup>.

O *corpus* de fontes literárias foi ampliado e menciona-se explicitamente uma série de autores que Bluteau proscreeva por motivos religiosos ou de “decência”, mas que os académicos consideram testemunhos imprescindíveis do léxico antigo<sup>877</sup>. Para abonação preferem-se os “clássicos”, definidos de acordo com critérios que visam salvaguardar a pureza da linguagem, recusando especificamente autores e estilos que Bluteau destacara, sobretudo no *Suplemento*. São clássicos «todos quantos decorrem desde o meio do XVI seculo até fim deste mesmo seculo» porque «do meio do passado seculo por diante, os estudos escolasticos, e o espirito commum de subtilizar, começárão a corromper a arte de bem dizer [...] vindo [a lingua] depois com excesso a estragarse quasi de todo pela leitura

---

<sup>873</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>874</sup> *Ibidem*, «Planta»: I.

<sup>875</sup> *Ibidem*, «Planta»: VIII.

<sup>876</sup> *Ibidem*, «Planta»: VII.

<sup>877</sup> Entre outras: [...] o Cancioneiro geral, publicado por Garcia de Resende, a Menina e Moça e mais obras de Bernardim Ribeiro, as de Gil Vicente, e quaesquer outras, que estiverem impressas, aindaque sejam da mais remota antiguidade [...] Todas as palavras antiquadas dos referidos escritos entrarão no Diccionario, da mesma sorte as dos antigos monumentos, como escrituras, doações, testamentos, &c.» (*Ibidem*, «Planta»: II).

de livros estrangeiros, especialmente Francezes»<sup>878</sup>. Destes autores, e ao contrário da prática comum no *Vocabulario*, devem extrair-se citações breves, informativas quanto à propriedade de sentido ou emprego da palavra na estrutura da frase, recusando fazer do dicionário uma selecta literária<sup>879</sup>.

No que respeita à ortografia, os académicos preferem a que «mais se conformar com a etymologia», mas registam um conjunto de variantes comumente admitidas, com remissão para a forma recomendada. Trata-se de uma solução de compromisso, até à desejada fixação de regras<sup>880</sup>. Como se notou no cap. IV.4.2.2, Bluteau ensaia um método semelhante, mas porque não o explicita nem é regular na sua aplicação, não proporciona uma referência ortográfica coerente.

Quanto às definições propostas por Bluteau, o *Diccionario* recupera as que «se julgarem merecedoras de acceitação»<sup>881</sup>. A explicação é vaga, mas Pedro José da Fonseca refere-se decerto aos enunciados que apresentavam uma formulação assente num conjunto sistematizado de definidores. De resto, o valor informativo do *Vocabulario* é favoravelmente apreciado:

com elle [o *Vocabulario*] se autorizárão todas aquellas vozes, que em nenhum outro escritor nosso se encontrarem; mas das suas mesmas definições, etymologias e observações, se podem (parecendo) receber aquellas, que por seu incançavel estudo se conhecerem com exacção preoccupadas.<sup>882</sup>

À semelhança da obra de Morais Silva, o *Diccionario* da Academia distingue-se claramente do *Vocabulario* na redacção dos artigos, procurando assegurar a legibilidade e a localização da informação. A «Planta» critica a acumulação de notícias acessórias e o peso da erudição, bem como o emprego de um estilo que já não podia ser tomado por exemplar de "bom uso":

O estilo do Diccionario será claro, conciso, e descarregado de toda aquella redundante e apparatusa erudição, que deixe de servir para representar a formosura da lingua, descobrir a sua natural elegancia, e fixar pelo modo possivel o valor de suas palavras e frases<sup>883</sup>.

<sup>878</sup> *Ibidem*, «Planta»: II, c).

<sup>879</sup> *Ibidem*, «Planta»: IX.

<sup>880</sup> *Ibidem*, «Planta»: XI. Sobre a recepção dos trabalhos de B. Pereira e Bluteau, cf. o estudo J. de Pina Martins que introduz a reimpressão do *Diccionario* (1993: LXXVII-LXXVIII).

<sup>881</sup> *Ibidem*, «Planta»: XXI.

<sup>882</sup> *Ibidem*: «Introdução».

<sup>883</sup> *Ibidem*, «Planta»: XXIV.

### 2.3. Reflexões sobre a lingua portugueza (1842)

Com o objectivo de auxiliar o escritor principiante a compor com palavras puras e propriedade de sentido, Francisco José Freire<sup>884</sup> propõe nas *Reflexões* uma análise do léxico português, incidindo na diacronia e em aspectos semânticos. O *corpus* lexical reunido por Bluteau é uma das referências privilegiadas e é objecto de uma leitura crítica, à luz de novas concepções de estética literária, “bom uso” e aceitabilidade.

As *Reflexões* são publicadas postumamente (1842), em edição inicialmente preparada por Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879), autor do prefácio e de grande parte das notas adicionais e correcções. No texto preambular, Rivara sintetiza a visão de Freire acerca da evolução da língua portuguesa, em que confluem aspectos como a inovação lexical, o conceito de autoridade ou os estilos literários. O período compreendido entre meados do século XVII e a primeira metade do século seguinte, em que floresceu boa parte dos autores que documentaram o *Vocabulário*, teria sido marcado por uma acentuada degenerescência da língua e do estilo:

A 3ª [idade] abraça a epocha, em que a lingua degenerou daquella pureza e elegancia da idade anterior, ou por nella se admittirem sem discernimento vozes estranhas, ou por se applicar a exprimir pensamentos intrincados, mal definidos, e dedusidos contra as regras da recta razão. [...] Passado o primeiro quartel do seculo de seiscentos, começou entre nós a degenerar o bom gosto literario; e a naturalidade e madureza do estilo dos quinhentistas a serem substituidas pelos conceitos estudados, metaphoras atrevidas, e despropositadas anthitheses, equivocos, e trocadilhos. - Ahi estão os discursos academicos, e evangelicos, as narrações historicas, as silvas, os romances, os labyrinthos, [...] e todos os escriptos, mórmente dos principios do seculo 18º. [...] Já Jacintho Freire, e Vieira, Classicos puritanos na linguagem, se acham tocados da epidemia devastadora do bom gosto do estilo.<sup>885</sup>

Na primeira reflexão, «Sobre a auctoridade dos Auctores Classicos da Lingua Portugueza», (pp. 5-21), Freire propõe um cânone de escritores exemplares. Neste âmbito, critica os critérios de Bluteau, que adicionara palavras à nomenclatura portuguesa, mediante a abonação em autores de «infima nota». De facto, o que para o teatino era

<sup>884</sup> O P. Francisco José Freire (1714-1773) frequentou o Colégio de Santo Antão, a casa dos teatinos e professou, em 1752, na Congregação de S. Filipe de Néri. No que respeita à formação literária e estética, conheceu os trabalhos de Dominique Bouhours (1632-1702), Nicolas Boileau (1636-1711), Ludovico Muratori (1672-1750) e Ignacio Luzán (1702-1754), «os principais teorizadores do movimento antibarroco europeu» (Castro, 1997: 699). Com o ingresso na Arcádia Lusitana (1756) — sob o pseudónimo de Cândido Lusitano — e com um conjunto de obras especialmente vocacionadas para o apoio à composição, lançou bases «sólidas e convincentes para a constituição e observância do código estético neoclássico na literatura portuguesa» (*ibidem*, *loc. cit.*). Destaca-se o *Secretario portuguez* (1746), a *Arte poetica* (1748) e o *Diccionario poetico* (1758). Sobre os dados biobibliográficos, cf. Castro, 1997: 697-700 e Inocência Silva, *Dic. Bib.*, II: 404-411.

<sup>885</sup> Freire, *Reflexões*, 1842, I, «Prefação»: V-VII.

sobretudo um esforço de descrição do léxico, permitindo o acesso ao significado dos textos, era entendido por Freire como uma autorização implícita do uso, pelo menos na perspectiva dos consulentes. A opinião acerca do *Vocabulario* e do mérito do seu autor é, de um modo geral, semelhante à que Verney expressara poucos anos antes, no *Verdadeiro metodo*. A um dicionário de referência — Freire escreve antes dos trabalhos de Moraes Silva e da Academia — caberia a fixação do bom uso autorizado:

[...] quando se formar um Dicionario Portuguez, cujos vocabulos se vejam sempre auctorisados com exemplos classicos para segurança dos Escriptores pouco instruidos na Lingua materna. O P. Bluteau, a quem muito seguimos nesta obra, não foi neste ponto escrupuloso, como devêra, em todos os termos que trás no seu Vocabulario, allegando a cada passo, já com AA. Classicos, já com outros da infima nota; mas sempre será um Escriptor de immortal fama entre os Portugueses, por lhes dar um Dicionario, que elles não tinham, e de que tanto necessitavam.<sup>886</sup>

Na reflexão «Sobre o uso de algumas vozes antiquadas» (pp. 22-32) apresenta-se uma lista de palavras presentes nos “clássicos”, mas que, na época de Freire, se encontravam «inteiramente antiquadas», pelo que não deveriam ser reintegradas em textos modernos, no esforço de imitar os bons autores. Nota que as listas anteriormente compiladas — por Barros, Leão, B. Pereira e também por Bluteau, no *Suplemento* — registavam as palavras que no século XVI foram consideradas antigas. Assim, propõe-se tratar somente aquelas que «desde Barros até Vieira floresceram reinantes, e vieram a murchar na idade presente, sem mais fundamento, que a opposição do uso»<sup>887</sup>. Depreende-se a percepção de uma mais profunda alteração do léxico nos domínios da «linguagem da plebe» e «das sciencias e artes», uma vez que se limita àquelas que poderiam ser empregues em «discursos graves, nas obras serias, e nas conversações polidas»<sup>888</sup>.

Do confronto entre os artigos de Freire e o *Vocabulario* percebe-se que a maioria das palavras analisadas foi recolhida neste dicionário, tendo em conta as coincidências nas definições e nas fontes ou excertos textuais invocados. Alguns dos termos já eram classificados no *Vocabulario* como *palavras antigas* (cf. COMPANHA, *infra*), mas devemos recordar que esse marcador também podia indicar que a palavra era usada por autores do século XVI ou anteriores<sup>889</sup>. Ou seja, a inconsistência na técnica de marcação não permite concluir claramente se Bluteau entendia que uma determinada palavra era de uso corrente, limitando-se a apontar a sua ocorrência numa determinada fonte. Em todo o caso, deve

<sup>886</sup> *Ibidem*, I: 21.

<sup>887</sup> *Ibidem*, I: 22.

<sup>888</sup> *Ibidem*, I: 32.

<sup>889</sup> Cf. cap. IV.2.4.

aceitar-se que nas *Reflexões* se identificam exemplos pertinentes de evolução semântica e renovação lexical (cf. DELONGA, ESMOLAR):

COMPANHA. Palavra antiga, de que usa Camoens em lugar de companhia. A pastoral *Companha*. Cant. 3. out. 49. O P. Fr. Luis de Sousa, na Historia da Ordem de S. Domingos, chama a chusma dos marinheiros, *Companha*. Seria a *Companha* desta bem fortunada viagem entre mareantes, & homens d'armas até cento, & setenta. Barros, I. Dec. 63. col. 4.

*Companha* por *companhia* é de Fr. Luiz de Sousa, de Camoes [...] e de Barros [...] mas creio que do P. Fr. Luiz de Sousa para diante não se usou mais desta palavra.<sup>890</sup>

DELONGA. Dilação. *Vid.* no seu lugar. E com estas *Delongas* lhes passou o tempo. Damiaõ de Goes, fol. II. col. 2.

*Delonga* por *dilação* era mui usado em outra idade: usou deste termo Damião de Goes na sua chronica pag. 11, e Sá de Miranda em diversos lugares.<sup>891</sup>

ESMOLAR. Dar Esmolas, *Vid.* Esmola. Quanto *Esmolava* com mayor largueza. Barretto, Vida do Evangel. 148. 34. [...]

*Esmolar* por *dar esmolas* tem a seu favor os melhores textos da lingua: hoje se se usa é só por pedir esmola.<sup>892</sup>

A terceira reflexão, «sobre algumas palavras, das quaes frequentemente se usa, e os criticos não admittem, por não acharem dellas exemplos seguros» (pp. 32-44), coloca em causa a qualidade das abonações no *Vocabulario*. Os comentários de Freire apontam uma série de palavras exemplificadas por autores que não deveriam constituir autoridade, ou porque introduziram um neologismo desnecessário, ou porque não empregaram o termo com propriedade de sentido. As abonações seleccionadas por Bluteau procuram testemunhar a ocorrência e o significado, justificando a dicionarização de neologismos e linguagens especializadas<sup>893</sup>. A natureza da fonte documental (tratados técnicos, texto épico, documentação histórica antiga) indica o registo privilegiado em que a palavra ocorre, e o lexicógrafo raramente se pronuncia acerca da aceitabilidade em outros géneros literários ou domínios temáticos. Uma leitura pouco avisada destas abonações equivocaria os compositores inexperientes, que aceitariam como usos exemplares aquilo que eram usos

<sup>890</sup> Freire, *Reflexões*, 1842, I: 23.

<sup>891</sup> *Ibidem*, I: *loc. cit.*

<sup>892</sup> *Ibidem*, I: 26.

<sup>893</sup> «Todas as palavras, que tem nesta obra seu particular paragrafo, são usadas do vulgo, ou dos homens doutos, e da mayor parte delles se confirma o uso com exemplos de Escritores Portuguezes, com que allega o Author, para que os Leitores pouco lidos o não fação inventor delles» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

pontuais, «parecendo-lhes que qualquer palavra, uma vez que se ache em algum auctor, para logo é portugueza, e se póde usar della sem o minimo escrupulo»<sup>894</sup>.

Freire critica repetidamente algumas das fontes informadoras da nomenclatura do *Vocabulario*, como o *Vergel de Plantas* (1690) de Fr. Jacinto de Deus, ou o *Agiologio Lusitano* (1657-1666) de Jorge Cardoso. Nem sequer o próprio lexicógrafo escapa a reparos, a propósito de termos que usou nos prólogos:

*Incolume*, e *Incolumidade* achamo-los no *Vergel de Plantas*, pag. 324, livro, que com mais propriedade se deveria chamar sementeira de vocabulos latinis puerilmente aportuguezados.<sup>895</sup>

*Pristino* por cousa muito antiga, se lê na pag. 365. do *Vergel de Plantas*, livro tantas vezes citado, e que ainda citaremos, porque nenhum outro nos soccorre tanto de vozes latinis puerilmente aportuguezadas.<sup>896</sup>

*Depredar* por *assolar*, e *saquear* foi usado por Fr. Jacintho de Deus no seu *Vergel de Plantas* [...] porem é de pouco peso a auctoridade deste escriptor.<sup>897</sup>

*Tentorio* por *Tenda militar*, é do tom. 2º pag. 714. do *Agiologio Lusitano*, a cujo Auctor devem mais as Antiguidades Ecclesiasticas de Portugal, do que a lingua em que as escreveo.<sup>898</sup>

*Ingenito* é palavra, de que usa Bluteau no Prologo ao Leitor Estrangeiro. Quem lêr as diversas Prefacções, que traz no principio do vocabulario, encontrará outras muitas vozes, em cujo uso não pareceu fautor da pureza da lingua, a qual honrava.<sup>899</sup>

*Inusitado* (por desusado) soffre-se em Poesia, porque se acha em Camões no cant. 2. est. 107, mas não se tolera no P. Bluteau, usando delle no Prologo fallando com o Leitor Estrangeiro.<sup>900</sup>

Alguns dos exemplos atrás citados foram recolhidos na reflexão sobre «nomes latinis introduzidos [...] por Escriutores de inferior classe, aos quaes não se deve seguir» (pp. 44-60). Freire condena os autores que, como Fr. Jacinto de Deus, adoptaram palavras latinis quando existiam termos portuguezes que, sem circunlóquios, podiam exprimir um conceito de forma semelhante. Quanto ao caudal terminológico «dos Medicos, dos Juristas, dos Poetas, e de outras classes de sciencias e artes», decalcados do latim, considera que devem ser evitados, sempre que «o não obrigar uma necessidade extrema»<sup>901</sup>. Os mesmos princípios applicam-se aos «Vocabulos Francezes, e Italianos, novamente introduzidos na Lingua Portugueza» (reflexão 5ª, pp. 60-65). Por norma, Bluteau notava os neologismos inspirados no latim, francês e italiano:

<sup>894</sup> Freire, *Reflexões*, 1842, I: 32.

<sup>895</sup> *Ibidem*, I: 50.

<sup>896</sup> *Ibidem*, I: 55.

<sup>897</sup> *Ibidem*, I: 33.

<sup>898</sup> *Ibidem*, I: 58.

<sup>899</sup> *Ibidem*, I: 50.

<sup>900</sup> *Ibidem*, I: 51-52.

<sup>901</sup> *Ibidem*, I: 60.

EXARADO. He Latino de *Exarare*, que he *Escrever*. Com huma prophesia *Exarada* em pedra. Vergel das plantas. Aqui *Exarado* val o mesmo que *Aberto*, *Gravado*. *Vid.* nos seus lugares.

CONTERRÂNEO. He palavra Latina de *Conterraneus*. *Vid.* Paisano. (Trazer seus *Conterraneos* ao rebanho de Christo. Fr. Jacintho de Deos, Vergel, pag. 121.

DEFIDENTE. He tomado do Italiano *Diffidente*, & este do latim *Diffidere*, que val o mesmo, que *Desconfiar*, *naõ ter fê em alguém, duvidar* &c. Antonio Alvares da Cunha usa desta palavra na sua Traducção, intitulada Escola das verdades pag. 65. [...]

*Exarado* por cousa *esculpida* só a achamos no *Vergel de Plantas*, e com este livro allegou o P. Bluteau, ao fazer menção desnecessaria desta palavra, para a qual temos não só *esculpido*, mas *gravado*, *aberto* &c.<sup>902</sup>

*Conterraneo* por *paisano* é do mesmo Auctor acima allegado, famoso introductor de vozes Latinas, onde o não obrigava a necessidade, pag. 121.<sup>903</sup>

*Defidente* (por não ter fé) não é termo seguro, acha-se no livro *Eschola das Verdades* pag. 65, mas em auctor classico certamente se não encontrará.<sup>904</sup>

Se o *Vocabulario* parece dar testemunho de uma fase inicial da ocorrência de determinadas palavras estrangeiras traduzidas, nas *Reflexões* percebe-se a oposição a um conjunto de interferências no léxico e na sintaxe, que já seriam mais que ocasionais<sup>905</sup>. Freire pergunta: «Porque havemos de dizer *Abandonar* se temos *Desamparar*; *Resurce* se temos *Remedio*; *Discolo* se temos *Malprocedido*; *Affares* se temos *Negocio* &c»<sup>906</sup>. Confrontando as perplexidades de Freire com os comentários nos artigos do *Vocabulario*, verifica-se que Bluteau dá conta da inovação e da circulação ainda restrita, mas sem reprovar absolutamente o seu uso, como nos seguintes exemplos:

ABANDONAR. Até agora não achei esta palavra, se não no Epitome Historico das ultimas guerras do Turco com o Imperador pag. 30, aonde diz *Abandonou* a empreza, &c. He tomado do Francez *Abandoner* ou do Italiano *Abādonare*, & em huma, & outra lingoa val o mesmo, que *Largar*, *dezemparar* [...]

AFFARES. Palavra Franceza, derivada de *Affaires*, que val o mesmo, que negocios. Querem alguns introduzir na lingoa Portugueza esta palavra, como necessaria quando se falla em negocios politicos; & já a vejo impressa no Elogio, que Luis do Couto Felix compoz ao Conde de Ericeira, sobre a Historia do Principe Jorge Castrioto, aonde está na pag. 6. Sem a experiencia dos *Affares* publicos. Porem a muitos parece superflua a introdução desta nova palavra.

Para além das questões da evolução semântica e lexical, na segunda parte das *Reflexões*, os comentários destacam alguns casos de opções ortográficas do *Vocabulario*

<sup>902</sup> *Ibidem*, I: 46-47.

<sup>903</sup> *Ibidem*, I: 46.

<sup>904</sup> *Ibidem*, I: 33.

<sup>905</sup> Os «sujeitos nimiamente amantes dos idiomas francez, e italiano, destes taes modos de fallar se valem a cada momento nas conversações e cartas, e (o que mais é) nos escriptos impressos» (*ibidem*, I: 64).

<sup>906</sup> *Ibidem*: *loc. cit.*

que, de acordo com a explicação de Freire, se baseavam em exemplos de autores ou em pronúncias antigas que a escrita cristalizara, afastando-se inclusive da pronúncia que seria mais comum no início do século XVIII<sup>907</sup>. Cf., por exemplo:

*Vicente* e não *Vincente*, como pronunciaram muitos do seculo passado, imitando ainda aos auctores do decimo sexto. Bluteau é um destes, posto que, quando escreveu o seu Vocabulario, já constantemente se pronunciava *Vicente*.<sup>908</sup>

*Oda* e não *ode* diz Bluteau quasi sempre que falla nesta especie de poesia. Não sabemos em que exemplos se fundou para tal pronunciaçãõ, a qual, se a houve, era certamente já muito antiquada no seu tempo [...]<sup>909</sup>

Importa ainda considerar o capítulo «sobre muitos vocabulos, que presentemente se não admittem em estilo magnífico, e sublime, mas só no familiar, comico, ou jocoso» (parte III, pp. 75-114), em que Freire assinala uma série de “termos humildes”, inadequados ao “estilo grave”. As palavras analisadas encontram-se na nomenclatura do *Vocabulario* e observa-se inclusive uma coincidência nas fontes alegadas, pelo que, com segurança, pode afirmar-se que se trata de uma leitura crítica da recolha lexical de Bluteau. Norteando-se pelo conceito de “bom uso” e pela adequação de registo, aconselha os compositores a relerem atentamente os próprios textos, de modo a averiguar se um «vocabulo, ou fraze, ou modo de fallar são ou não decorosos, isto é, sem baixeza, por serem muito populares, ou despertarem algumas ideias sordidas, impuras e satiricas»<sup>910</sup>.

Tomando por exemplo a lista de palavras principiadas por C, não se encontram termos que Bluteau poderia excluir liminarmente do seu dicionário de língua, pois não se aproximavam dos limites do disfemismo ofensivo que o teatino estabelecera, nem justificam a inclusão de marcas de uso ou recomendações do lexicógrafo acerca da “decência”<sup>911</sup>. Os comentários de Freire não discutem o significado estabelecido por Bluteau, mas a adequação e a aceitabilidade:

*Caçalume*: é cousa assentada que só no estilo jocoso poderá este termo ter uso [...]

*Calcanhar* [...] tem aquella baixeza que não sofre a polida elegancia [...]

*Campar* [...] por levar vantagem [...] hoje só no familiar tem uso [...]

*Canalha*, que se acha na epopea, Malaca Conquistada [...] já não se admite senão no comico, no familiar ou no satirico.

<sup>907</sup> A parte segunda trata «do que pertence á pronunciaçãõ», encontrando-se várias referências ao dicionário de Bluteau, sobretudo no «Vocabulario de palavras, que correm presentemente com pronunciações diversas» (Freire, *Reflexões*, 1842, II: 38-153).

<sup>908</sup> *Ibidem*, II: 25.

<sup>909</sup> *Ibidem*, II: 110-111.

<sup>910</sup> *Ibidem*, II: 114.

<sup>911</sup> Cf. *Supp.*, II, «Apologia do Autor»: 585-586. As palavras comentadas por Freire, na sequência C, são: *caçalume*, *calcanhar*, *campar*, *canalha*, *carranca*, *chapado*, *cioso*, *coçar*, *cocegas*, *codea*, *coitado*, *comichão*, *comilão*, *couce* e *cursar*.

---

*Chapado* por *consummado* em alguma sciencia ou arte só se admitte no estilo familiar, comico e jocoso, com o exemplo de D. Francisco Manuel, nas suas Cartas [...]

*Coitado*, não obstante ter a seu favor uma epopea tal como a de Camões no cant. 5. est. 70, hoje não se sofre senão em discurso familiar [...]<sup>912</sup>

As autoridades invocadas no *Vocabulario* constituem uma referência para Freire, mas não com a função de fontes exemplares, pois delas conclui em que autores ou em que período temporal uma palavra foi admitida num determinado registo, estabelecendo assim limites ao seu emprego.

---

<sup>912</sup> Freire, *Reflexões*, II: 83-84.



## VI. A INFORMATIZAÇÃO DO *CORPUS* DICIONARÍSTICO

O presente estudo pôde já apoiar-se parcialmente no tratamento informático do *Vocabulário*. A perspectiva do registo integral deste valioso fundo informativo, e a posterior integração numa base de dados adequada à especificidade do texto dicionarístico, representam um importante contributo para o estudo metalexiconográfico da obra e da língua portuguesa dos séculos XVII e XVIII.

Com este tipo de projectos, semelhante a outros em curso nas principais línguas europeias, pretende-se simultaneamente a preservação e a divulgação de *corpora* lexicográficos, recolhidos com critérios filológicos e disponibilizados com instrumentos que potenciam a leitura e pesquisa lexical.

Entre os trabalhos precursores, que geralmente privilegiaram os primeiros dicionários monolíngues, deve referir-se o registo informático das 8 edições do *Dictionnaire de l'Académie* (1694-1935) e do *Vocabolario degli accademici della Crusca* (1612), cujos resultados — ainda parciais, no primeiro caso — já se encontram disponíveis na internet, sob a forma de motores de busca que geram concordâncias e permitem ler excertos do texto dicionarístico<sup>913</sup>.

---

<sup>913</sup> O projecto de registo do dicionário da Académie foi apresentado em 1994, aquando da comemoração do tricentenário da edição. Cf. Wooldridge e Leroy-Turcan, 1999; Catach, 1996. Quanto ao texto do *Vocabolario* (1612), é pesquisável em: <http://vocabolario.biblio.cribecu.sns.it/Vocabolario/html/>

O esforço e o tempo investidos em tarefas de digitação e correção, necessariamente morosas dada a extensão e as dificuldades de leitura, justificam-se amplamente pela importância da obra a estudar. No âmbito da língua portuguesa, a recolha do *corpus* do *Vocabulario* pode ser defendida com argumentos semelhantes aos que motivaram o registo do dicionário da Académie: trata-se de uma obra que se impôs como modelo normativo e é uma referência incontornável para o estudo da língua, pois o testemunho do lexicógrafo representa uma competência linguística sincrónica<sup>914</sup>. Apesar de não ser monolíngue e de nem toda a informação ser pertinente para o estudo do português, entre os dicionários antigos é o que reúne a maior quantidade de texto em vernáculo.

Até ao ano de 2000, o acesso ao *Vocabulario* limitava-se aos exemplares originais dos fundos antigos das bibliotecas<sup>915</sup>. A reprodução de um microfilme em CD-ROM, obtido a partir de um exemplar pertencente à Biblioteca do Rio de Janeiro, constituiu sem dúvida um modo expedito de facilitar a consulta, sobretudo aos investigadores fora de Portugal<sup>916</sup>. Todavia, este suporte revela-se ineficaz para a pesquisa filológica, uma vez que a qualidade das imagens não dispensa o recurso aos exemplares impressos.

Em 2003 surgiu a primeira publicação em fac-símile, em 8 volumes, que, se melhora a qualidade em relação ao microfilme, mantém naturalmente os defeitos de impressão e legibilidade da edição original<sup>917</sup>. Estas iniciativas, que vêm dar um acesso mais fácil ao texto, por um lado, e que, por outro, respondem ao interesse dos bibliófilos e das bibliotecas, tornam menos útil uma nova reedição fac-símile, ou de tipo diplomático. Subsiste, todavia, a desejável hipótese de uma edição crítica em papel, que recupere na íntegra a informação das edições de 1712-1728, que intervenha criteriosamente em aspectos como a ortografia, a correção de erros tipográficos e que estude soluções

---

<sup>914</sup> Wooldridge, 1998.

<sup>915</sup> Em 1933 ensaiou-se uma «segunda edição» do *Vocabulario*, pelas Publicações do Arquivo Histórico de Portugal, que não avançou para além de um fascículo de apresentação. Os editores António Machado de Faria, Ernesto Soares e José da Cunha Saraiva expõem as razões da iniciativa: «A reedição [...] é, quanto a nós, de tão subido valor e inadiável oportunidade que não hesitamos em a ela nos abalancharmos [...] Parecerá temeridade pretendermos arcar com tão desmesurada empresa, sem que haja a auxiliá-la o favor do Estado ou a bolsa de algum opulento Mecenas [...] a obra do teatino interessa a todos: historiadores, médicos, numismatas, genealogistas, militares, músicos e, sobretudo, àqueles que se dedicam ao estudo das línguas clássicas » (Bluteau, *Vocabulário Português e Latino*, 1933 (1712-1728): «Introdução»). O fascículo contém uma reprodução da página de rosto, a dedicatória ao rei e a parte inicial da sequência alfabética AB. Houve a preocupação em manter as grafias originais, a mancha gráfica e mesmo os ornatos tipográficos.

<sup>916</sup> Bluteau, *Vocabulário Português e Latino*, 2000 (1712-1728).

<sup>917</sup> Bluteau, *Vocabulário Português e Latino*, 2003a (1712-1728).

editoriais para as discontinuidades do cânone lexicográfico, que afectam um vocabulário acrescido com um suplemento e condicionado por uma certa discronia ortográfica.

O suporte digital afigura-se entretanto como um empreendimento prioritário. As potencialidades oferecidas pelas bases de dados recomendam um registo que atenda à macro-estrutura e micro-estrutura do texto dicionarístico, permitindo sondagens que uma consulta tradicional dificilmente possibilitaria, de modo a recuperar informações nos domínios da semântica, ortografia e lexicologia.<sup>918</sup>

## 1. Registo e constituição de uma base de dados

O projecto de informatização do *Vocabulario* deve balizar-se em critérios de registo que, sem pôr em causa a sua concretização em tempo útil, potenciem a obtenção de resultados e, simultaneamente, permitam a integração do *corpus* recolhido em outras bases de dados.

A simples transcrição do texto, com a adição de delimitadores de localização, bastaria para aceder a um conjunto de funcionalidades comuns em ferramentas informáticas de análise estatística de *corpora*. Refira-se, em especial, a leitura em hipertexto; a obtenção de concordâncias e índices parciais ou totais com contextos, localizando cada ocorrência na respectiva página e artigo; a informação estatística sobre a

---

<sup>918</sup> Em 1994, N. Catach traçou um conjunto de objectivos que deveriam nortear o registo do dicionário da Académie, implicando uma planificação criteriosa e teoricamente sustentada das convenções para a classificação das unidades lexicais do *corpus*. A identificação dos domínios lexicais é apenas uma das áreas de pesquisa e pressupõe a consideração de outros aspectos que se inter-relacionam: «les indices de la détermination des familles de mots, les choix et erreurs d'étymologie (et les réussites), les mentions de prononciation, les jugements de valeur et de registres de langue, les proverbes, les changements de sens, les changements morphologiques et graphiques, l'apparition et la transformation des féminins, les définitions de certaines catégories de référents, les archaïsmes, les mots inconnus ou disparus, etc., ne devraient pas, et pour certains ne peuvent pas être traités sans une étude préalable avant balisage. Encore n'ai-je pas abordé la nécessité, qui va de soi, d'une série de conventions graphiques et typographiques strictes à établir (je ne parle pas de normalisation ou de modernisation, car je ne les souhaite pas). L'intérêt et le prestige de ces dictionnaires justifient, surtout pour les éditions les plus anciennes, qu'on ne se contente pas pour eux d'une saisie rapide. Ce travail devrait relever d'une équipe de spécialistes bien outillés, qui prendrait l'ensemble en compte. Je ne me cache pas la difficulté de l'entreprise. Même s'il ne faut pas rêver de reconstruire le passé du même au même, la tentative, limitée (mais réfléchie) vaut sans doute d'être tentée.» (Catach, 1994).

frequência, em relação à totalidade do *corpus* ou em comparação com outras formas lexicais.

Todavia, o espectro de possibilidades é consideravelmente ampliado se o registo contemplar uma análise metalexigráfica da micro-estrutura dos artigos. Neste âmbito, deve incluir-se a identificação das subentradas que introduzem casos de homonímia, palavras compostas e estruturas combinatórias fixas; a delimitação dos segmentos do texto dicionarístico dedicados a determinadas categorias informativas, como as fontes de abonação, as citações autorizadas, os adágios e a informação bilingue.

Entre os procedimentos essenciais deve prever-se a marcação de palavras estrangeiras, tanto das línguas clássicas, como das modernas. Esta distinção é vantajosa para a arquitectura da base de dados, pois permite não só calcular a percentagem do texto vernáculo no conjunto do *corpus*, mas também eliminar das listas e dos dados estatísticos um conjunto de formas latinas e castelhanas que, devido a coincidências formais, de outro modo seriam contabilizadas entre as unidades lexicais do português.

### **1.1. Contributos para o estudo metalexigráfico e linguístico<sup>919</sup>**

No que respeita à consulta, é desnecessário exemplificar as vantagens da integração, na sequência alfabética, dos cerca de 6000 aditamentos a artigos e novas entradas do *Suplemento*. Mas a informatização revela-se útil sobretudo na localização da nomenclatura oculta que, na definição de T. Wooldridge<sup>920</sup>, compreende as unidades lexicais com tratamento dicionarístico, que, na estrutura do artigo, não estão situadas nos locais esperados pelo consulente, dificultando a pesquisa. O mesmo autor propõe a distinção de diferentes graus de “ocultamento”, considerando factores como a distância em relação à palavra que encabeça o artigo, ou a existência de algum tipo de destaque tipográfico.

É o caso das entradas em que se acumulam variantes ortográficas e palavras de diferentes classes gramaticais, mas em que apenas uma encabeça o artigo. Em CALOTE, por

---

<sup>919</sup> A título de exemplo, utilizaremos um *corpus* constituído pela letra C do tomo III do *Vocabulario* e do *Suplemento*, que contém marcas localizadoras de página e a distinção entre o vernáculo e as restantes línguas.

exemplo, a definição também abrange implicitamente *calotear* e *caloteiro*, tanto mais que estas unidades não têm entrada própria.

CALÔTE. Calotear, e Caloteiro, são termos do vulgo. Pregar hum calote [...] Ser muito destro em fazer trapanças, urdir enganos & c.

A influência dos dicionários de “coisas” contribui para que nas entradas se recolham as diversas unidades lexicais que designam o mesmo referente, pelo que, se não há lugar a duplicação de entradas, uma das palavras passa à nomenclatura oculta. Para o lexicógrafo, *cagalume* e *cagaluz* (cf. *infra*) seriam unidades equivalentes do ponto de vista do tratamento dicionarístico, uma vez que se identificam remissões para esta última palavra, embora não seja facilmente localizável, nem possua entrada autónoma.

CAGALUME, ou Cagaluz. Insecto [...]

BICHO [...] Bicho luzente, ou Noite luz, ou Luzêcù. Vid. cagalùz. [...]

A marcação das remissões que não têm a entrada correspondente indica um conjunto de palavras que o lexicógrafo considera relevantes, mas que acabaram por ser preteridas em face de outras variantes ortográficas. Parece ser o caso de *cacafonia*, mencionada s.u. CACAFETAM, que não tem a prometida entrada, nem surge como forma alternativa em «CACOFONIA, ou Cacophonia»<sup>921</sup>. A identificação das variantes permite, por outro lado, reagrupar os casos de duplicação de artigos, indexando-as com todas as entradas possíveis (*cacatous*, *cacatua* e *catatua*, no exemplo *infra*):

CACATOUS, ou Cacatuã. He o nome de huma casta de papagayos, todos brancos, tem na cabeça hum pennacho nacarado [...]

CATATUA. Passaro, que se acha na Java, Samatra, e outras partes: he branco, com hum penacho cor de ouro na cabeça [...]

A lista reordenada das entradas pode ser completada com o acesso à “nomenclatura esquecida”, que compreende as palavras que não são tratadas, mas ocorrem no texto dicionarístico<sup>922</sup>. A publicação do *Suplemento* representou a primeira tentativa de remediar a falta de um conjunto de entradas que o consulente julgaria óbvias, porque eram palavras de uso frequente. Apesar de só fazerem parte da nomenclatura nos volumes de 1727-1728, podem encontrar-se nas glosas do *Vocabulario*. Exemplos como CALDEIRADA (*Supp.*), em que se percebe a intertextualidade com COMER (*Voc.*), indiciam que este processo de actualização passou pela releitura do dicionário:

<sup>920</sup> Wooldridge, 1999.

<sup>921</sup> «CACAFETAM. Cacafonia. Vid. no seu lugar.»

<i>Voc.</i>	COMER [...] Em cada casa <i>comem</i> favas, & na nossa as caldeiradas [...]
<i>Supp.</i>	CALDEIRADA. O Adagio Portuguez diz: em cada casa comem favas, e na nossa as Caldeiradas.
<i>Voc.</i>	CATASOL, ou Cataçol. He hũ tecido a modo de camelaõ, mas muito fino, & lustroso [...]
<i>Supp.</i>	CAMELAÕ. Certo pano, que se fazia de pello de camelo, donde lhe veyo o nome.
<i>Voc.</i>	CANTARES. Hum dos livros Canonicos de Salamaõ [...] Chamaõlhe <i>Cantica Canticorum</i> , porque he <i>Cantico</i> por excellencia.
<i>Supp.</i>	CANTICO. Canto espiritual, e festivo, dedicado a Deos [...]

Mas nem todas as unidades que se inserem nesta categoria têm o mesmo interesse para o estudo lexicológico. Bluteau omitiu da nomenclatura algumas variações em classe gramatical que, por não apresentarem particularidades de sentido ou de emprego, aumentariam artificialmente o número de entradas<sup>923</sup>. Alguns exemplos de participios, adjetivos e diminutivos:

caldeado (s.u. CALDEAR)  
 calabriado (s.u. CALABRIAR)  
 calcinado (s.u. CADINHO; cf. CALCINAÇAM, CALCINAR)

canarina (s.u. CANARIM, substantivo)  
 calcedonense (s.u. CONCILIO)

calçoenssinhos (s.u. CUECAS)  
 caixaõsinho (s.u. CALAMBA)

Os artigos extensos, com informação de tipo enciclopédico, são contextos propícios para o registo de palavras da mesma família ou semanticamente relacionadas com a forma-  
 lema (cf. 1, *infra*). A acumulação de informações, as cadeias de definições integradas no texto das glosas e as extensas citações proporcionam contextos esclarecedores para palavras que não fazem parte da nomenclatura, num processo em que o sentido é implicitamente explicado através do uso. Neste domínio, o interesse do registo integral reside na possibilidade de, uma vez fixada a nomenclatura consultável e a nomenclatura oculta, se alargar automaticamente a todos os artigos a sondagem das palavras “esquecidas” (cf. 2):

- 1)  
 CABALA [...] A certo Theologo, que queria criticar as proposições do famoso Pico Miradulano, em que algumas tratavaõ da sciencia **cabalistica**, foy pergütado, que cousa era *Cabala* [...]  
 CALAMINA [...] pedra **calaminâr**. He huma pedra mineral, brãca, ou declinante a vermelho [...]

<sup>922</sup> Wooldridge, 1999.

<sup>923</sup> Alguns casos são testemunho de variações que não são regulares no português actual. Cf., por exemplo, o feminino do adjetivo *cabrum*: «CABRUM. Cousa de cabra, ou cabraõ. *Caprinus, a, um*. Cic. As pelles *Cabrunas*, com que se cobriaõ. Antiquid. de Lisboa, 185. Estes gados *Cabruns*. Costa, Eclóg. de Virgil. 75. vers.». ».

CANTO [...] O canto chaõ, que tambem chamaõ canto firme, & coral, por se usar nos coros, he huma simples, & uniforme prolação na **cantoria**, sem variação alguma de tempo [...]  
 CADMO [...] por isso a pedra metalica, da qual se tira o cobre, ou o aço, se chama *Cadmia* [...]

2)

CROMATICO [...] O genero *Cromatico* procede por outros tres intervallos, distinctos **cantavel** de cinco comas, & outro incantavel de quatro, & tres semitonos, dous mayores, & hum menor. Nunes, Trat. das explanaç. Pag. 52.

CONTAR [...] Contar as estrellas. Fazer a **calculação** dellas [...]

CALDAS. Fontes de agua quente [...] Todas ellas sam **calefacientes**, & dessecantes [...]

COURO [...] He muyto vasta a nomenclatura deste genero de *couros* [...] sorteados, tenados, cortidos, **camuflados**, *couros* em cabelo [...]

CATALÔ. Nome, que na India, e na China se dá aos **Canapés**, ou preguiceiros. [...]

Uma parte desse fundo lexical, cuja dimensão é presentemente difícil de calcular, será constituída por topónimos, mitónimos e gentílicos (cf. 3, 4, 5, *infra*):

3)

Cabyra (s.u. COLOSSIS)  
 Caccian (s.u. COCHINHINA)  
 Cacongo (s.u. CONGO)  
 Cadaval (s.u. CONDESTABLE)  
 Caisar (s.u. CESAREA)  
 Calamiana (s.u. CALAMINHAÕ)  
 Calich (s.u. CURDOS)  
 Calvi (s.u. CORSIGA)  
 Cambayete (s.u. CAMBAYA)  
 Cananea (s.u. CARIJOS)  
 Candy (s.u. CEILAM)  
 Canedo (s.u. CANAL)  
 Caocheu (s.u. CANTON)

4)

Calchas (s.u. CLAROS)

5)

Caledios (s.u. CURDOS)  
 Calethios (s.u. CURDOS)

Não obstante terem sido eliminados dos dicionários que sucederam ao *Vocabulario*, Bluteau considerava importantes estes domínios do léxico e admitia-os na nomenclatura de acordo com o que supunha serem os interesses dos seus leitores. Para além do acesso ao conhecimento de tipo enciclopédico, recordemos que, para o lexicógrafo, as designações geográficas e históricas eram palavras que o homem culto deveria saber empregar com correcção e propriedade no quotidiano. O estilo de redacção do *Vocabulario* reproduz uma linguagem reveladora de erudição, pelo que os nomes próprios são parte de um discurso que não pretende ser apenas metalinguístico. Assim, justifica-se acrescentar a um índice de palavras “esquecidas” todo um fundo típico dos dicionários históricos.

Além do inventário lexical, o registo integral permite recuperar e reagrupar as definições que estão localizadas fora dos artigos relativos às palavras explicadas. O discurso de tipo enciclopédico constrói-se em sucessões de definições concatenadas,

alcançando uma riqueza informativa que, numa avaliação global, ultrapassa seguramente a amplitude da nomenclatura. Isto porque os artigos apresentam a forma de pequenos tratados, em que os novos conceitos introduzidos para a explicação da palavra-lemma são também definidos sumariamente. O recurso às remissões permitiria obter enunciados mais sintéticos, mas o lexicógrafo privilegia as definições descritivas. Se o resultado parece ser uma duplicação das definições, a leitura atenta pode revelar explicações de termos que não fazem parte da nomenclatura. Em ATAFONA, as definições de *carrete*, *veyo* e *taco* coincidem em larga medida com as que são propostas nas respectivas entradas. Todavia, a palavra *fuselo* somente é definida s.u. ATAFONA e CARRETE:

ATAFONA [...] Para a pedra moer tem hum encayxo com hum pão largo, & comprido, por nome *Segurelha*, levantase, & abaxase a pedra com hum pão, chamado *Alevadouro*, & o *Carrete*, que consta de seis *Fuselos*, **que são huns páo-sinhos, redondos, & direytos**, anda por meyo de hum ferro comprido em baxo, a que chamão *Veyo*, & o pão em que anda o dito Veyo se chama **Taco**. [...]

SEGURELHA [...] (Termo de Atafona.) He hũ ferro, que tem as extremidades mais largas, & vay diminuindo para o meyo, no qual tem hũa abertura, aonde entra o ferro, que faz andar a pedra de cima [...]

ALEVADOURO. (Termo de Atafona.) He hum pao, que faz levãtar, & abaixar a pedra.

CARRETE. (Termo de Atafona.) Consta de seis **fuzelos, q̃ são huns paosinhos, redõdos, postos a prumo**; está assentado num taco, em que anda a rôda, debaixo da pedra.

VEYO. (Termo de Atafona.) He hũ ferro comprido, que faz andar por baixo da pedra o carrete no Taco. [...]

TACO [...] Termo de atafona. He hum bocado de pao de azambujo com hũa cova no meyo, em que anda a roda o piaõ com o seu ferraõ, & o carrete com o seu veyo.

O estabelecimento destas redes semânticas é previsível nas definições relacionais, em que o objecto é definido através da descrição do seu funcionamento e das partes componentes, mas há todo um conjunto de definições inesperadas, através de extensões de sentido e analogias, que só podem ser recuperadas pela leitura auxiliada informaticamente. É o caso de *carabus* (s.u. CARAPAO) ou *casulo* (s.u. BICHO DA SEDA):

CARAPAO. Peixinho, da feição de sardinha, mas com cabeça, & rabo mais agudo. Tem pelos lados hum cordãozinho de escama mais alta. Alguns lhe chamão *Carabus* pela analogia deste nome com *Carapao*; mas he hum pequeno marisco da feição de Caranguejo.

BICHO DA SEDA [...] O casulo do bicho da seda, he huma bolsinha ovada, firme como pergaminho, ao redor da qual tendo ordido, sem descontinuar, toda a seda, se encerra dentro, & se muda em borboleta [...]

Este cruzamento de dados é importante se notarmos que as definições adicionais são geralmente diferentes da que consta no artigo principal. Comparem-se a definição de ANATOMIA, GNOMONICA e CUTICULA, com as registadas em ANALYSIS, ARCHITECTURA e EXANGUE:

ANATOMIA. He huma recta divisaõ, determinação dos membros de qualquer corpo, & principalmente do corpo humano [...]

ANALYSIS [...] A **anatomia** de hum corpo he a Analysis das partes, que o compunhaõ [...]

GNOMONICO. Concernente à arte Gnomonica [...] Arte, ou sciencia Gnomonica. He aquella, que ensina a fazer todo o genero de relgios do Sol, por meyo do gnomon, ou estilo, cuja sombra assinala as horas pellas linhas, conforme as differenças da elevação do Polo. [...]

ARCHITECTURA [...] **Gnomonica**, que he a arte de representar com instrumentos astronomicos as espheras, & movimentos dos corpos celestes [...]

CUTICULA (Termo Anatomico) Flor da pelle, & (na opiniaõ de alguns) excremento della. He huma pellicula muyto delgada, que carece de sentimento, & não tem veas, nem arterias, nem nervos, & serve de couro ao verdadeyro couro, taõ unida, & junta com elle, que parece continua. [...]

EXANGUE [...] Cousa, que carece de sangue. *Exanguis*. A **cuticula**, he huma pellicula tenue, densa, & Exsanguie. Cirurg. de Ferreira, 13.

Como se observa no último exemplo, a presença de definições adicionais pode mesmo ser fortuita, se recordarmos que os termos técnicos são abonados com citações retiradas de tratados, e que nestas obras as explicações exigem um discurso que se aproxima do lexicográfico.

Uma vez identificadas estas definições, é possível reconstruir os macro-artigos, somando não apenas a informação do *Suplemento*, como atrás se sugeriu, mas também aquela que se encontra dispersa e não é registada no artigo principal. Por exemplo, no *Vocabulario*, no artigo ENXOVIA não se assinala a existência de um topónimo. Este apenas é explicado no *Suplemento*, no artigo ENXOVIO, que é um gentílico.

ENXOVIA. Enxovía. Prisaõ baixa, & escura [...]

ENXOVIO. Mouro da Provincia de **Enxovia**, que he huma das Provincias do Reyno de Marrocos [...]

Este tipo de enunciados surge frequentemente associado a termos estrangeiros transpostos para o português (topónimos, nomes de plantas, animais). Tal como se referiu a propósito da nomenclatura “esquecida”, a recolha destas definições vem aumentar sobretudo o número de entradas para informação de tipo enciclopédico. Sem dúvida que Bluteau prezava estas notícias, ao ponto de as repetir, como a definição de *Atchia*, s.u. BANEANE (*Voc.*) e BISNOW (*Supp.*):

BANEANE. He o nome de huma casta de Gentio da India [...] Estes Baneanos não comem se não ervas, legumes, manteiga fresca, & leite. A sua melhor iguaria he o seo *Atschia*, que he huma composição de cidraõ, gengibre, alhos, & semente de mostarda, curtidos com sal [...]

BISNOW. He o nome de huma Seita de Baneanos na India. [...] tambem estes não comem carne, o seu ordinario mantimento, hervas, legumes, manteiga fresca, e leite; o seu prato pois mais regalado he *Atschia*, iguaria composta de cidraõ de salmoura, com gengivre, alho, e graõs de mostarda. [...]

Mas, tal como acontece com as inúmeras definições de termos latinos, as informações acerca de palavras das línguas exóticas devem ser distinguidas daquelas que são orientadas para a descrição do português. Assim, a marcação das línguas é um

procedimento essencial para que a indexação integral do *Vocabulario*, sem impedir o acesso à busca contextualizada de todas as formas, esclareça que unidades lexicais da nomenclatura “esquecida” são portuguesas ou quais os contextos em que o português é objecto de reflexão metalinguística.

O registo integral colocará o *Vocabulario* à disposição de estudos literários e linguísticos, que até ao presente puderam usufruir apenas da informação localizável através das entradas assinaladas. Os resultados possíveis de obter a partir do *corpus* recolhido no âmbito do presente trabalho são dados meramente ilustrativos, mas demonstram a exequibilidade de um conjunto de objectivos essenciais, nomeadamente a indexação do léxico e o acesso à micro-estrutura.

## CONCLUSÃO

A pesquisa em torno do contexto de produção e da recepção do *Vocabulário Portuguez, e Latino* revelou um património de textos metalinguísticos e lexicográficos portugueses, mais amplo do que supúnhamos à partida. A história da lexicografia e os estudos culturais sublinham, muito justamente, a singularidade do trabalho de Bluteau: uma obra de superação que, durante meio século, se manteve como o principal instrumento de referência da língua portuguesa, e que veio suprir, de uma forma inesperadamente abundante, as debilidades de um panorama dicionarístico modesto, insuficiente em relação à vida da língua e atrasado face à lexicografia europeia.

É certo que, na sombra deste monumento — também materialmente imponente — ficaram outros trabalhos, alguns incompletos, que documentam uma tipologia de obra lexicográfica em todo o caso pouco representada entre nós. Correspondem à transição entre os dicionários latim-vernáculo, orientados quase exclusivamente pela descrição do latim (como a *Prosodia*), e os dicionários de base monolíngue, com extensa informação de tipo enciclopédico e uma redacção textualizada (como o *Vocabulário*). Numa fase intermédia encontra-se uma dicionarística bilingue, de que observámos diversos exemplos franceses, com informação linguística abundante e relevante para o vernáculo, uma estrutura simples e que, na prática, cumpriam parte das funções de um dicionário monolíngue.

Bluteau pretendeu superar estes modelos, mas outros autores ensaiaram obras deste tipo, que permaneceram manuscritas. O *Diccionario Portuguez e Latino* de Caetano de Lima, que contém uma descrição muito extensa e se apresenta numa fase adiantada de

redacção, poderá merecer um estudo que avalie a descrição linguística nele contida. No período entre Bluteau e Morais Silva, geralmente desconsiderado porque os lexicógrafos não avançaram de um modo inovador na direcção de uma obra monolíngue, destaca-se o injustamente esquecido dicionário de Folqman. Este texto bilingue recupera com invulgar eficácia a descrição do português do *Vocabulario*, reformulando-a e completando-a com uma técnica já próxima dos dicionários modernos, e que prenuncia o modelo estabelecido por Morais Silva.

No que respeita ao ponto central do nosso trabalho, as linhas de análise que definimos permitem uma perspectiva integradora do contexto de produção, das características tipológicas e da técnica lexicográfica. O conhecimento da obra é o ponto de partida para a releitura crítica de que o *Vocabulario* está sendo objecto, com o auxílio de instrumentos informáticos. Apesar dos limites do presente estudo, foi já possível ensaiar um olhar prospectivo sobre o que será o resultado deste projecto de trabalho, para o qual esperamos contribuir com os dados reunidos na pesquisa até agora efectuada.

1. O levantamento dos principais aspectos biográficos permitiu concluir que o *Vocabulario*, ao contrário da maioria dos dicionários monumentais editados nos séculos XVII e XVIII, não teve a sua origem num projecto institucional ou colaborativo. O interesse de Bluteau pela composição de uma obra de tipo dicionarístico corresponde a uma motivação pessoal, que terá sido estimulada pela convivência com os teatinos portugueses, responsáveis por um conjunto de trabalhos de reflexão metalinguística. Na sua génese, o *Vocabulario* é apenas um dos diversos exercícios lexicográficos que se produziram na Casa da Divina Providência, que apenas se distinguiu dos demais pelo esforço sistemático de abonação em textos portugueses; todavia, foi o único que conheceu continuidade e suplantou o carácter elementar dos dicionários bilingues ou glossários de que temos notícia. Aos mais eruditos dos teatinos, além das funções eclesiásticas, foram atribuídas tarefas no âmbito da diplomacia estrangeira e dos negócios públicos, que impediram uma dedicação intensa como a que foi possível dispensar ao *Vocabulario*, a partir do momento em que as suspeições políticas afastaram o autor da esfera da corte.

Bluteau participou as etapas desse labor a uma comunidade alargada de nobres e clérigos ilustrados, e por esse facto o dicionário não deverá ter sido encarado com reservas no que respeita à qualidade da informação reunida, sobretudo a partir do momento em que

foi implicitamente sancionado pelo rei. De resto, a imagem de autoridade em questões de língua já vinha sendo construída antes da edição do dicionário, graças às intervenções acadêmicas.

O *Vocabulario* reflecte uma leitura do património dicionarístico, mas também uma envolvimento discursiva (estética, literária, retórica), que justifica o conjunto textual e paratextual, bem como as características materiais da obra. Pode mesmo reconhecer-se uma coerência entre o estilo de redacção do *Vocabulario* e as reflexões académicas de Bluteau sobre questões estéticas: é lícito o investimento retórico num texto que pretende ser informativo, desde que não obscureça os conceitos. Na concepção de Bluteau, decerto não haveria distinção entre o “leitor douto” que apreciava as *Prozas Portuguesas* e o leitor do seu dicionário.

2. Num período em que o conhecimento metalinguístico do português era uma consequência do ensino do latim, a regulação ortográfica torna-se o ponto central da codificação linguística, pois é a base que permite avançar no sentido de uma consistente gramatização do vernáculo, que se prepara ao longo do século XVIII. Os textos preambulares do *Vocabulario* e os escritos académicos revelam que o dicionário foi redigido com uma consciência acrescida da dificuldade na normalização da língua: à leitura crítica dos dicionários de Jerónimo Cardoso, Agostinho Barbosa e Bento Pereira, junta-se a perplexidade pela diversidade de usos num *corpus* literário cada vez mais abundante. Bluteau reflectiu sobre a complexa relação entre a pluralidade de usos e os parâmetros de uma norma racional que, se não era uniformizadora, pelo menos reduzia a diversidade. À medida que avançava o trabalho lexicográfico, percebeu claramente que a norma devia obedecer a princípios de racionalidade sustentados na analogia com o latim, mas já era tarde para que o *Vocabulario* seguisse orientações coerentes, ainda que apenas no âmbito estrito das formas que constituíam as entradas dos artigos.

Bluteau acreditava que a língua era um sistema no qual se podia intervir e que, uma vez legitimada uma norma com a aprovação dos doutos, o uso se moldaria a essas convenções. Aguardando essa validação, o lexicógrafo acumula uma série de soluções de compromisso, apresentando muitas variantes ortográficas e sem reclamar uma autoridade normativa para as formas preferidas. Todavia, Bluteau não supunha o alcance da sua influência na consolidação de uma tradição de escrita, através das obras metaortográficas

que viriam a ser suportadas pelo seu exemplo, com especial relevo para a *Ortografia* de Madureira Feijó, que explicitamente adoptou o *Vocabulario* como fonte de referência.

3. A complexa tipologia do *Vocabulario* procura abranger uma série de géneros dicionarísticos que não existiam no âmbito da língua portuguesa. Mas mesmo este processo de sincretismo foi uma construção evolutiva, pois ao longo dos 30 anos de redacção foram surgindo novos dicionários que entraram na mesa do lexicógrafo, e que foram incorporados no seu trabalho. No início, coligiu os seus apontamentos com base em dicionários bilingues de tipo escolar e em grandes dicionários monolingues repletos de citações latinas, acrescentando as expressões que seleccionou no *corpus* literário português. Todavia, após 1690, tomará por referência fundamental o *Dictionaire universel* de Furetière, optando assim por um modelo de descrição linguística bem distante do da Académie. Esta reorientação no trabalho permitiria incluir com facilidade o novo caudal informativo que colhe posteriormente no dicionário histórico de Moreri (1699). Bluteau, nos textos de reflexão metalexigráfica, aproxima a sua obra dos bons dicionários de língua, que no seu entender deveriam incluir a explicação dos termos de todas as disciplinas e procurar oferecer, sistematicamente, uma descrição de tipo enciclopédico dos referentes. Apesar de uma profunda reescrita, o *Vocabulario* não ganhou uma estrutura fechada, pois da leitura integral conclui-se que os últimos tomos têm artigos mais densos, preenchidos por um discurso de tipo enciclopédico mais bem desenvolvido e elaborado.

4. Se considerarmos apenas a nomenclatura fundamental da língua portuguesa, o *Vocabulario* não alarga significativamente a recolha estabelecida pelos dicionários anteriores e elimina inclusive uma série de palavras derivadas de morfologia regular. A base estruturante da nomenclatura portuguesa encontra-se já, em grande parte, no *Thesouro* de Bento Pereira e, neste âmbito, as obras de Cardoso e Agostinho Barbosa terão sido usadas muito pontual e esporadicamente. Para além do que poderíamos considerar o português básico, coube a Bluteau o alargamento da nomenclatura a novos domínios lexicais no âmbito do acesso à memória escrita da língua e de muitas linguagens de especialidade. As linguagens especializadas são justamente o domínio do léxico que conheceu o maior crescimento em comparação com os dicionários anteriores, notando-se também um acentuado interesse pelo vocabulário antigo, termos hápax e topónimos.

Esta inovação foi certamente motivada pelo modelo de Furetière, que, além de fornecer termos especializados, ensinou a Bluteau os critérios que permitiram seleccionar palavras nos dicionários posteriormente publicados e nos tratados técnicos impressos em português. A nomenclatura pôde abrir-se a todos os termos técnicos registados no património literário, acrescentando ainda, num processo de decalque, as terminologias dos dicionários franceses, mesmo quando não documentadas nos autores portugueses que consultara. Com o exemplo do francês, os termos formados a partir do latim, anteriormente empregues em textos técnicos redigidos na língua clássica, podiam legitimamente ser integrados nos tratados compostos em vernáculo e, por conseguinte, na nomenclatura do dicionário. Assim, o *Vocabulario* representa um marco essencial no processo de aproximação da língua portuguesa ao francês, que conquista um espaço privilegiado outrora ocupado pelo castelhano.

Deve-se ainda à influência francesa a adopção de uma série de marcas de uso, características dos dicionários terminológicos, que revelam pertinentes distinções de tipo sociolinguístico, a consciência dos registos e a divisão do léxico em domínios, factos até então insuficientemente descritos nos dicionários portugueses.

5. A técnica lexicográfica conheceu sensíveis melhoramentos, também devido ao exemplo dos dicionários franceses, especialmente na consolidação da ordenação alfabética, restando pequenas incongruências que apenas serão resolvidas por Morais Silva. As formas-lemma, em geral, surgem normalizadas no que respeita ao género e número, mas a nomenclatura é perturbada pela quantidade de estruturas sintagmáticas, diminutivos e femininos de formação regular que constituem entrada, justificados pela necessidade de descrever a morfologia e a sintaxe latinas.

No que respeita à análise do léxico português, não insiste numa descrição de tipo gramatical, que discrimine categorias de palavras, variações morfológicas ou fenómenos derivacionais. Não obstante o facto de o *Vocabulario* ser anterior a obras como *Regras da lingua portugueza* (1721), os dicionários franceses já apresentavam modelos de técnicas de descrição adaptáveis ao português. Consideramos que Bluteau, sobretudo devido à sua experiência multilingue (inglês, francês, latim, grego, italiano, castelhano, português) comparava e entendia as línguas na perspectiva da intercomunicação de significados, e não de acordo com descrições gramaticais. As palavras dão acesso a sentidos, sob a forma de

notícias sobre aquilo que a palavra representa e também sobre aquilo que se relaciona com esse sentido.

Bluteau redigiu ou adaptou um extensíssimo conjunto de definições, originais para o português, que têm verdadeiramente um carácter instituidor, e que serão reformuladas ou abreviadas pelos lexicógrafos seguintes. Trabalhando com fontes tipologicamente distintas, diversificou os processos de definição, combinando definições por género/diferença, usuais em dicionários de língua, com as definições descritivas próprias dos dicionários universais e históricos. Ainda assim, subsistem muitos casos de palavras sem explicação do sentido, em que a tradução latina é considerada como informação bastante. O espaço concedido à vertente latina prejudica a descrição do português, mas fornece esclarecimentos que, em determinados aspectos, são comuns a ambas as línguas, como a informação de tipo gramatical, a propriedade de sentido, o registo de estruturas sintácticas ou as etimologias que justificam a adopção de grafias latinizantes para as palavras portuguesas.

Provavelmente a explicação das estruturas do português não seria o principal objecto de interesse para a maioria dos leitores do *Vocabulario*. O dicionário revelava-se um instrumento muito satisfatório em outros domínios, como a redacção em latim — possibilitando a tradução de expressões por meio de exemplos autorizados —, ou a composição literária em vários registos, pois recolhia elementos temáticos frequentes no discurso barroco (mitologia, história antiga, descrições), apresentados em moldes que permitiam um aproveitamento quase imediato.

6. Na perspectiva da constituição de uma memória dicionarística, além das definições, Bluteau legou um vasto *corpus* de citações, de extrema importância para Morais Silva e, por conseguinte, para a autorização de toda a moderna lexicografia portuguesa. O mesmo *corpus* foi também a fonte para os autores que, nos séculos XVIII e XIX, se debruçaram sobre a questão da pureza da língua e da propriedade de sentido, tomando os excertos citados no *Vocabulario* como exemplos canónicos de um determinado escritor, estilo, época da história literária ou da história da língua. A tarefa de recolha deste lastro informativo, se não tivesse sido realizada por Bluteau, decerto teria sido iniciada somente pelos lexicógrafos da Academia, o que atrasaria ainda mais o desenvolvimento da dicionarística monolíngue do português.

Nos últimos anos de vida, Bluteau continuou a supervisionar a recolha de material lexicográfico efectuada pelos condes da Ericeira, projectando a elaboração de volumes de actualização. Os novos tomos, mesmo que tivessem sido publicados, não supririam a necessidade de uma reedição reformulada do conjunto, que o próprio autor considerava oportuna em virtude do número de incorrecções. Por outro lado, porque a estrutura dos artigos dependia muito da informação latina, uma revisão que apenas suprimisse a língua clássica obrigaria a uma reescrita de grande parte do dicionário. Aliás, na primeira metade do século, tal alteração nem seria encarada como vantajosa, tendo em conta o espaço do latim, no ensino, na religião e na administração judicial.

Com o avançar do século XVIII, também a informação de tipo enciclopédico foi registando uma progressiva desactualização, especialmente na medicina e nas ciências naturais. Ainda assim, o *Vocabulário* permaneceu como a fonte mais completa nos restantes domínios, pois o mercado editorial não viabilizou a edição, em português, de uma obra verdadeiramente enciclopédica.

Mas a técnica lexicográfica, relativamente ao português, revelou ser suficientemente moderna para que as gerações seguintes se apercebessem que o caminho para os novos dicionários estava traçado pelo exemplo de Bluteau. Sem latim, completando as definições que faltavam, reduzindo ao mínimo os excursos descritivos e os enunciados sobrecarregados de retórica, o primeiro dicionário moderno do português encareceu o seu frontispício assumindo-se como uma reformação de Bluteau. É inegável que o dicionário de Moraes Silva foi uma superação do modelo anterior, mas só pôde ser concretizada de uma forma já tão coerente porque o património sobre o qual trabalhou era só por si bastante elaborado e suficientemente compendioso. E Bluteau — é justo reconhecer — não pôde contar com um auxílio semelhante quando tentou a descrição do léxico português. Nesse facto radicam, simultaneamente, as debilidades e os grandes méritos do seu legado.



## FONTES MANUSCRITAS

AMBROSIO, Francisco, carta de 1726. B.N.L., Mss., Cx. 24, nº 93.

ARRONCHES, Marquês de, carta de 19-11-1698. B.N.L., Cod. 7.701.

BEM, Tomás Caetano de, *Catalogo das Obras Literarias Impressas, e Manuscritas; que foraõ estudo, e trabalho dos Religiosos de quem se faz mençaõ nestas Memorias.* B.N.L., Cod. 187.

BLUTEAU, Rafael, *Diccionario portuguez. Fragmento manuscrito original do Vocabulario impresso.* B.N.L., Cod. 3347.

— *Lucerna Sepulcralis, Cujus Radii Epitaphia Vetera et Nova, Rudia, et Elegantia, et Sepulcralia Elogia recordatione digniora; Secundum Dignitates, Aetates, et Officia, Dotes, Moresque Personarum distributa in classes [...].* B.N.L., Cod. 3354.

— *Oraculum utriusque testamenti [...].* B.N.L. Cod. 3000-3002.

— *Tragedia. Pietas regnorum vitrix.* B.N.L. Cod. 6.809.

*Catalogo methodico dos livros que a Comunidade dos Clerigos Regulares da Divina Providência de Lisboa doou à Real Biblioteca Publica da Corte no anno de 1796.* B.N.L., Cod. 12935-12937.

LIMA, Luís Caetano de, 1729, *Latina vocabula, locutionesque minus usitatae lusitanicè explicatae. Cum de latini sermonis utilitate ac praestantia dissertatione.* B.N.L., Cod. 3126.

— 1729, *Lusitanicae loquutiones latinè explicatae alphabetico ordine et Cardin. Petr. Bembi et Jacobi Sadoleti verbis expressae.* B.N.L., Cod. 3129.

— *Diccionario Latino e Portuguez.* B.N.L., Cod. 3348.

— *Diccionario Portuguez e Latino das palavras e frases portuguezas mais necessarias e de melhor uso explicadas na mais pura latinidade e com exemplos dos melhores autores.* B.N.L., Cod. 3120-3124.

— *Vocabulario de Synonimos e Equivalentes.* B.N.L., Cod. 3137-3138.

- *Vocabulario nautico da lingua e frases portuguezas*. B.N.L., Cod. 3138.
- LOBO, João José de Madureira, *Á morte do R.mo P.e M. D. Rafael Bluteau q recitou na Academia dos Unidos da Torre de Mon.o Joaõ Josê de Madur. Lobo. Academico da mesma Academia na Conferencia de 28 de Março de 1734*. B.N.L., Colecção Pombalina, Tom. II , Cod. 127, fol. 118-120.
- MENESES, Joana de, carta de Lisboa, 16 de Fevereiro de 1698, B.N.L., Mss., Cx. 24, nº 108 *Morreo o Gram Bluteau; não para a Fama [...]*. B.N.L. Colecção Pombalina, Tom. II, Cod. 127, fol. 117.
- PORTOCARRERO, António, carta de Coimbra, 14 de Dezembro de 1712. B.N.L., Cod. 7.701
- PROCESSOS DA INQUISIÇÃO DE LISBOA, nº 1871 e nº 2753. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- SOARES, Diogo, carta de 22 de Julho de 1671, B.N.L., Cod. 7.701.
- SOUSA, Manuel Caetano de, carta de 4 de Setembro de 1692. B.N.L., Mss., Cx. 56, nº 8.

**FONTES IMPRESSAS**

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 1993 (1793), *Dicionário da Língua Portuguesa*. Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências (edição original: Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1793).
- 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, Verbo.
- ACADÉMIE FRANÇAISE, 1694, *Dictionnaire de l'Académie Française, dédié au Roy*. Paris, Vve. Jean Baptiste et Jean Baptiste Coignard.
- 1995a (1635), *Lettres patentes pour l'établissement de l'Académie Française, Académie Française. Statuts et règlements*. S.l.  
(on-line: [http://www.academie-francaise.fr/role/statuts\\_complets.html](http://www.academie-francaise.fr/role/statuts_complets.html)).
- 1995b (1635), *Statuts et règlements de l'Académie Française, Académie Française. Statuts et règlements*. S.l.  
(on-line: [http://www.academiefrancaise.fr/role/statuts\\_complets.html](http://www.academiefrancaise.fr/role/statuts_complets.html)).
- ACCADEMIA DELLA CRUSCA, 1623, *Vocabolario degli accademici della Crusca, in questa seconda impressione da' medesimi riueduto, e ampliato, con aggiunta di molte voci degli autor del buon seculo, e buona quantità di quelle dell'vso [...]*. Venezia, Iacopo Sarzina.
- 1691, *Vocabolario degli accademici della Crusca, in questa terza impressione da' nuovamente corretto, e copiosamente accreciuto [...]*. Firenze, Stamperia dell'Accademia della Crusca.
- ALDRETE, Bernardo, 1674 (1606), *Del origen y principio de la lengua castellana, ò Romance que oy se usa en España [...]*. Madrid, Melchor Sanchez (edição original: Roma, Carlo Vulliet, 1606).
- ALER, Paul, 1716, *Gradus ad Parnassum, sive novus synonymorum, epithetorum, phrasium poeticarum, ac versuum Thesaurus [...]*. Amsterdolami, Joannis Boom.

- 1747, *Gradus ad Parnassum sive novus synonymorum [...]*. Venetiis, Ex Typographia Balleoniana.
- ALMEIDA, Átila de, 1988, *Dicionários, parentes e aderentes*. Paraíba – São Paulo, João Pessoa – Nova Stela.
- ANDRADE, António Galvão de, 1678, *Arte de Cavallaria de Gineta, & Estardiota, bom primor de ferrar, & Alveitaria [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- ANDRADE, Diogo Paiva de, 1603-1615, *Sermoens [...]*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.
- ARAÚJO, José de, 1748, *Reflexoens apologeticas à obra intitulada Verdadeiro metodo de estudar [...]*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de, 1725 (1721), *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, Ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portugueza [...]*. Lisboa Occidental, Off. da Musica (edição original: Lisboa Occidental, Mathias Pereira da Silva e João Antunes Pedroso, 1721).
- 1732-1747, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
- ARNAULD, Antoine e Claude LANCELOT, 1662, *La logique ou L'art de penser [...]*. Paris, Charles Savreux.
- ARRAIS, Amador, 1589, *Dialogos [...]*. Coimbra, Antonio de Mariz.
- AVELAR, André de, 1602, *Chronographia ou reportorio dos tempos o mais copioso que te agora sayo a luz [...]*. Lisboa, Jorge Rodriguez.
- AZEVEDO, Luís Marinho de, 1641, *Apologeticos discursos offerecidos [...] em defesa da fama, e boa memoria de Fernão d'Albuquerque [...]*. Lisboa, Manoel da Sylva.
- AZEVEDO, Manuel de, 1668, *Correcção de abusos introduzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina [...]*. Lisboa, Diogo Soares de Bulhoens.
- BALBO, João, 1495, *[Catholicon] Incipit summa que vocatur catholicon edita a fratre Joanne de Janua [...]*. Venetiis, Bonem Locatelli.
- BARBOSA, Agostinho, 1611, *Dictionarium Lusitanicolatinum iuxta seriem alphabeticam optimis, probatisque doctissimorum Auctorum testimonijs perutili quadam expositione locupletam, cum copiosissimo Latini Sermonis Indice, necnon libello uno aliquarum Regionum, Civitatum, Oppidorum, Fluviorum, Montium & Locorum, quibus veteres uti solebant. Omnia in studiosae iuventutis gratiam, & usum collecta Per Agustinum Barbosam Lusitanum*. Bracharae, Typis, & expensis Fructuosi Laurentij de Basto.
- BARBOSA, José, 1743, *Epitome da Vida do Ilustriss. e excelentis. senhor D. Luiz Carlos Ignacio Xavier de Menezes [...]*. Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca.
- BARRETO, João Franco, 1671, *Ortografia da Lingua Portugueza*. Lisboa, Joam da Costa.
- BARROS, João de, 1552-1615, *[Décadas]*. *Asia de Joam de Barros [...]*, Lisboa, G. Galharde, 1552; *Terceira decada da Asia [...]*, Lisboa, J. de Barreira, 1563; *Quarta decada da Asia [...]*, Madrid, Impressão Real, 1615.

- 
- 1971 (1540), *Gramática da língua portuguesa: cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhao BUESCU. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (edição original: *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone, Lodouicum Rotorigiu, 1540).
- BATHE, William, 1611, *Ianua linguarum, sive, Modus maxime accommodatus, quo patefit aditus ad omnes linguas intelligendas [...]*. Salmanticae, Franciscum de Cea Tesa.
- BAYLE, Pierre, 1697, *Dictionaire historique et critique*. Rotterdam, Reinier Leers.
- BEM, Tomás Caetano de, 1792-1794, *Memorias historicas chronologicas da Sagrada Religião dos Clérigos Regulares em Portugal, e suas conquistas na India Oriental [...]*. Tomo I, 1792; tomo II, 1794. Lisboa, Regia Officina Typografica.
- BLUTEAU, Rafael, 1670, *Oração funebre que disse o R. P. D. Rafael Bluteau [...] nas exequias do [...] Barao de Bateville [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- 1670, *Sermam que prégou o R. P. D. Rafael Bluteau [...] na Capella Real o primeiro dia de Janeiro [...] dedicado a [...] D. Maria Francisca Isabel de Saboya [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- 1672, *Oração funebre que disse o R. P. D. Rafael Bluteau [...] na Santa Casa da Misericordia [...] de Lisboa nas exequias annuaes do [...] Rey de Portugal D. Manoel [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- 1673, *Sermam no sexto dia do outavario da festa de S. Francisco [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- 1676, *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegiricos do Padre D. Rafael Bluteau [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- 1679, *Instrucçam sobre a cultura das amoreiras, & criaçao dos bichos da seda: dirigida a conservaçao, & aumento das manufacturas da seda [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- 1683, *Sermoni Overo Panegirici Del Padre Don Raffaele Blytaeav C. R. [...] Tradotti Dalla Lingva Portoghese Nell'Italiana [...]*. Venezia, Bertani.
- 1684, *Oração funebre nas exequias reaes da [...] Rainha de Portugal D. Maria, Francisca, Isabel de Saboya, celebradas na Santa Casa da Misericordia de Lisboa, aos 27. de Janeiro de 1684 [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- 1685, *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegyricos do P. D. Rafael Bluteau [...] Parte Segunda [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- 1693, *Oraçoens gratulatorias na feliz vinda da [...] Rainha da Gram Bretanha, compostas, e recitadas na Igreja da Divina Providencia à nobreza de Portugal [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- 1694, *Porticus triumphalis, a regali palatio [...] ad publicam receptionem [...] Mariae, Sophiae, Elisabethae, Portugalliae Reginae, Ulyssiponem ingredientis, anno Domini MDCLXXXVII. die 11. Augusti pictis, inscriptisque tabulis [...] ornata*

- a R. P. D. Raphaelae Bluteauio [...]*. Ulyssipone, ex typographia Michaelis Deslandes.
- 1698, *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegyricos do Padre D. Raphael Bluteau [...]* Parte Terceira. Paris, Joaõ Anisson.
  - 1712-1728, *Vocabulario portuguez e latino [...]*. Tomos I e II: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.
  - 1727-1728, *Prosas portuguezas recitadas em diferentes congressos academicos [...]*. 2 partes em 1 vol. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
  - 1732-1733, *Sermoens Panegyricos, e Doutrinaes, que em diversas festividades, e assumptos Prégou o Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau [...]*. 2 vols. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
  - 1736, *Oraculum utriusque Testamenti ad promiscuas in Sacra Biblia interrogationes, servato literarum ordine, responsa reddens, et Verbi Divini praeconibus viam aperiens ad innumerabiles argutas sententias, quas vocant conceptus praedicabiles, ex multiplici Sacrarum Literarum sensu, ac praecipuè literali, pro sermonis opportunitate eruendas. Tomus primus opera, et labore P. D. Raphaelis Bluteau [...]*. Ulissipone Occidentali, Ex Praelo Michaelis Rodrigues, D. Patriarchae Typographi.
  - 1933 (1712-1728), *Vocabulário Português e Latino pelo Padre D. Rafael Bluteau. Segunda edição*. Vol 1. Lisboa, Publicações do Arquivo Histórico de Portugal.
  - 2000 (1712-1728), *Vocabulario Portuguez e Latino*. Fac-símile em CD-ROM. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
  - 2003a (1712-1728), *Vocabulário Português e Latino*. 10 vols. Edição fac-similada. Hildesheim - Zürich - New York, Georg Olms.
  - 2003b (1712-1728), *Vocabulário Portuguez e Latino*. Fac-símile em CD-ROM. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.
- BOILEAU, Nicolas, 1674, *Oueuvres diverses [...]*. Paris, Denys Thierry.
- BOLDONI, Ottavio, 1660, *Epigraphica, sive Elogia inscriptionesque quodvis genus pangendi ratio ubi de inscribendis tabulis, symbolis [...]*. Augustae Perusiae, Apud Bartolos & A. Laurentium.
- BOYER, Paul, 1649, *Dictionnaire servant de bibliotheque universell ou recueil succinct de toutes les plus belles matieres de la theologie, de l'histoire, du droit [...]*. Paris, Antoine de Sommaville.
- BRITO, Bernardo de, et alii, 1973-1988 (1597-1727), *Monarquia Lusitana*, 8 vols. Lisboa, IN-CM (edição original: 1ª parte: Alcobça, Alexandre de Siqueira & Antonio

Alvarez, 1597; 2ª parte: Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1609; 3ª e 4ª partes: Lisboa, Pedro Craesbeck, 1632; 5ª parte: Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1650; 6ª parte: Lisboa, Joam da Costa, 1672; 7ª parte: Lisboa. Antonio Craesbeeck de Mello, 1683; 8ª parte: Lisboa, Offic. da Musica, 1727).

BROISSINIÈRE, Juigné, 1643, *Dictionnaire théologique, historique, poétique, cosmographique et chronologique [...]*. Paris, G. Le Bé.

BUDÉ, Guillaume, 1514, *De asse et partibus eius libri quinque [...]*. [Paris], in edibus Ascensianis.

— 1545, *Forensium verborum & loquendi generum quae sunt à G. Budaeo proprio commentario descripta, Gallica de foro Parisiensi sumpta interpretatio [...]*. Lutetiae, Ex officina R. Stephani.

BUNGUS, Petrus, 1617, *Petri Bungi Bergomatis Numerorum mysteria ex abditis plurimarum disciplinarum fontibus hausta [...]*. Lutetiae Parisiorum, L. Sonnum.

CALEPINO, Ambrosio, 1559, *Ambrosii Calepini Dictionarium [...]* Adiuncta sunt postremo Pauli Manutij Aldi F. Additamenta [...]. Lugduni, Haeredes Iacobi Iuntae.

— 1622, *F. Ambrosii Calepini [...]* Dictionarium septem linguarum, hac in nostra editione septima nouissimis infinitarum pene vocum additionibus [...]. Venetiis, Io. Guerilium.

— 1681, *Ambrosii Calepini Dictionarium, Quanta maxime fide ac diligentia accurate emendatum, & tot recens factis accessionibus ita locupletatum, [...]* Nunc à R. P. Laurentio Chiffletio Soc. Jesu, Presbytero aliisque Philologis revisa [...]. Lion, Ffr. Anissoniorum, et Joannis Posuel.

CALMET, Augustin, 1722, *Dictionnaire historique, critique, chronologique, géographique et litteral de la Bible [...]*. Paris, Emery.

CAMÕES, Luís de, *Obras de Luis de Camoes [...]* com os argumentos do lecenceado João Franco Barreto [...]. Lisboa, Antonio Craesbeeck d'Mello.

CARDOSO, Jerónimo, 1562, *Hieronimi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*. Ulissypone, Ex offic. Joannis Alvari.

— 1569-1570, *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m] cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione [...]*. Conimbricae, Joan. Barrerius.

CARDOSO, Jorge, 1652-1744, *Agiologio lvsitano dos sanctos e varoens lllvstres [...]*. 4. vols. I: Lisboa, na Officina Craesbeekiana, 1652; II: Lisboa, Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657; III: Lisboa, Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666; IV: Lisboa, Regia Officina Sylviana, 1744.

CARDOSO, Simão, 1994, *Historiografia gramatical: 1500-1920: língua portuguesa - autores portugueses*. Porto, Faculdade de Letras.

CARVALHO, José Monteiro de, 1765, *Diccionario Portuguez das Plantas, Arbustos, Matas, Arvores, Animaes quadrupedes, e reptis, Aves, Peixes, Mariscos, Insectos, Gomas,*

- Metaes, Pedras, Terras, Mineraes, &c. que a Divina Omnipotencia creou no globo terraqueo para utilidade dos viventes [...].* Lisboa, Miguel Manescal da Costa.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de, 1552-1561, *Historia do descobrimento & conquista da India pelos portugueses.* Coimbra, João de Barreira.
- CASTRO, Gabriel Pereira de, 1636, *Ulyssea ou Lisboa edificada [...].* Lisboa, Lourenço Crasbeeck.
- CAUSSIN, Nicolas, 1619, *De eloquentiae sacrae et humanae parallela, libri XVI.* Parisiis, Sumptibus Sebastiani Chappellet.
- CAVALEIRO, Manuel Tavares, 1687, *Ramalhete juvenil pelo licenciado Manoel Tavares Cavalleyro [...].* Lisboa, Miguel Deslandes.
- CHAGAS, António das, 1684-1687, *Viva Jesus. Cartas espirituas [...].* Lisboa, Miguel Deslandes.
- CHAGAS, António das, 1688, *Obras espirituas do espiritual, & veneravel Padre Frey Antonio das Chagas [...].* Lisboa, Miguel Deslandes.
- CHASTELAIN, Claude, 1700, *Vocabulaire des noms français et latins des saints et des saintes que l'on peut donner au baptesme et à la confirmation, et sous le titre desquels une église ou une chapelle peut être bénie [...].* Paris, L. Josse.
- CLUSIUS / Charles L'Ecluse, 1567, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia.* Antuerpiae, ex officina Christophori Plantini.
- COLIN, Anthoine, *Histoire des drogues espiceries, et de certains médicamens simples, qui naissent és Indes, tant Orientales que Occidentales, divisée en deux parties. La première composée de trois liures: les deux premiers de M. Garcie du Iardin [...].* Lyon, Iean Pillehotte.
- CORNEILLE, Thomas, 1694, *Dictionnaire des arts et des sciences [...].* Paris, Vve Jean Baptiste et Jean Baptiste Coignard.
- COSTA, Leonel da, 1624, *As eclogas, e georgicas de Vergilio [...] traduzidas de latim, em verso solto portuguez [...].* Lisboa, Geraldo da Vinha.
- COUTO, Diogo do, 1602-1673, *[Décadas]. Decada quarta da Asia [...],* Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1602; *Decada quinta da Asia [...],* Lisboa., Pedro Craesbeeck, 1612; *Decada sexta da Asia [...],* Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1614; *Decada setima da Asia [...],* Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1616; *Decada outava da Asia [...].* Lisboa, Joam da Costa, & Diogo Soarez, 1673.
- COVARRUBIAS, Sebastian de, 1994 (1611) *Tesoro de la Lengua española o castellana.* Ed. de Felipe Maldonado e rev. de Manuel Camarnero. Madrid, Castalia (edição original: *Tesoro de la lengua castellana o española [...].* Madrid, L. Sanchez, 1611).
- CRUZ, António da, 1661, *Recopilaçam de Cirurgia [...].* Lisboa, Henrique Valente de Oliveira.

DANET, Pierre, 1683, *Nouveau dictionnaire françois et latin, enrichi des meilleures façons de parler en l'une et en l'autre langue, composé par l'ordre du roy pour Monseigneur le Dauphin [...]*. Paris, Veuve de C. Thiboust et P. Esclassan.

— 1735 (1713), *Grand dictionnaire françois et latin, enrichi des meilleures façons de parler, en l'une et l'autre langue, avec des notes de critique et de grammaire [...]*. Lyon, Deville (edição original: Lyon, Deville, 1713).

DAPPER, Olfert, 1686, *Description de l'Afrique, contenant les noms la situation & les confins de toutes ses parties [...]*. Amsterdam, Wolfgang, Waesberge, Boom & van Someren.

DELICADO, António, 1651, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs [...]*. Lisboa, Domingos Lopes Rosa.

*Dictionnaire universel françois & latin [de Trévoux] [...]*, 1704. Trévoux, Estienne Ganeau.

*Dictionnaire universel françois et latin [de Trévoux], contenant la signification et la definition tant des mots de l'une & de l'autre langue, avec leurs différens usages; que des termes propres de chaque etat et de chaque profession: la description de toutes les choses naturelles & artificielles; leurs figures, leurs especes, leurs usages, & leurs propriétés: l'explication de tout ce que renferment les sciences & les arts, soit libéraux, ou mécaniques [...]*, 1721. Trevoux, Chez Florentin Delaulne, Hilaire Foucault, Michel Clousier, Jean-Geoffroy Nyon, Estienne Ganeau, Nicholas Gosselin.

DURET, Claude, 1613, *Thresor de l'histoire des langues de cest vniuers. Contenant les origines, beautés, perfections, decadences, mutations, changemens, conuersions & ruines de langues [...]*. Cologny, Par Matth. Berjon.

ERASMUS, Desiderius, 1500, *Collectanea adagiorum [...]*. Paris, Johann Philippi de Cruzenach.

ESCALÍGERO, Justo, 1610, «Diatriba de Europaeorum linguis», in *Iusti Scaligeri Iulii Caesaris a Burden filii Opuscula varia antehac non edita*. Parisiis, apud Hadrianum Beys.

ESPINOLA, Fradique, 1696-1721, *Escola decurial de varias liçoens [...]*. Lisboa, Manoel Lopes Ferreyra.

*Estatutos da Universidade de Coimbra [...]*. 1654. Coimbra, Thome Carvalho.

ESTIENNE, Charles, 1553, *Dictionarium historicum ac poeticum, omnia gentium, hominum, locorum, fluminum ac montium [...]*. Lutetiae, C. Stephanus.

ESTIENNE, Robert, 1531, *Dictionarium seu Latinae linguae thesaurus, non singulas modò dictiones continens, sed integras quoque Latinè & loquendi, & scribendi formulas ex optimis quibusque authoribus accuratissimè collectas. Cum gallica ferè interpretatione*. Parisiis, Ex officina Roberti Stephani.

— 1538, *Dictionarium Latinogallicum thesauro nostro ita ex adverso respondens [...]*. Parisiis, Ex officina Roberti Stephani.

- 1539, *Dictionaire Françoislatin, contenant les motz & manieres de parler François, tournez en Latin*. Paris, Robert Estienne.
- EXPECTAÇÃO, António da, 1727, *A Estrella d'Alva Applicada. Breviario de varios assumptos, e ideas predicaveis de varios Santos, e outros sermoens de entre anno [...]*. Lisboa Occidental, Antonio Pedrozo Galram.
- FARIA, Joaquim Leocadio de, 1734, *Obsequio Funebre dedicado á saudosa memoria do Reverendissimo Padre D. Raphael Bluteau [...]*. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
- FARIA, Manuel de, 1675. *Promptuario moral de questoens praticas e casos repentinos em a theologia moral [...]*. Coimbra, Viuva de Manoel de Carvalho.
- FARIA, Manuel Severim de, 1655, *Noticias de Portugal [...]*. Lisboa, Officina Craesbeeckiana.
- 1999 (1624), *Discursos vários políticos*. Introdução, actualização e notas de Maria Leonor VIEIRA. Lisboa, IN-CM (edição original: *Discursos varios politicos [...]*. Évora, Manoel Carvalho, 1624).
- FEIJÓ, João Madureira, 1739 (1734), *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza [...]*. Coimbra, Luis Seco Ferreyra, 1739 (edição original: Lisboa Occidental, Miguel Rodrigues, 1734).
- FEIJOO, Benito, 2000 (1726), «Paralelo de las lenguas castellana y francesa», in *Theatro Critico Universal*. Madrid, Lorenzo Francisco Mojados (citado a partir do fac-símile reproduzido em: Telmo VERDELHO, «Uma polémica sobre “la lengua lusitana, ò gallega”, no século XVIII», in J. L. RODRÍGUEZ (ed.), *Estudios dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia – Universidade de Santiago de Compostela, vol. 2, 2000, pp. 759-806).
- FERNANDES, Manuel, 1687-1699, *A alma instruida na doutrina, e vida christã [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- FERREIRA, Diogo Fernandes, 1616, *Arte da caça da altaneria [...]*. Lisboa, na officina de Jorge Rodriguez.
- FERREIRA, Francisco Leitão, 1718, *Nova Arte de conceitos que com o título de Licções academicas na publica Academia dos Anonymos de Lisboa, dictava, e explicava o beneficiado Francisco Leitam Ferreyra [...]*. Lisboa Occidental, Antonio Pedrozo Galram.
- FOLQMAN, Carlos, 1742, *Grammatica hollandeza ou arte compendiosa para hum portuguez aprender a lingua hollandeza [...]*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram.
- 1755, *Diccionario portuguez, e latino, No qual as dicções, e frases da lingua portugueza, e as suas variantes significações, genuinas, e metaforicas, se achão clara, e distinctamente vertidas na Latina, e authorizadas com exemplos dos Authores classicos, compilado do Vocabulario do Reverendo Padre D. Rafael Bluteau, e dos melhores Diccionarios de varias linguas, A todos, que estudão a lingua Latina, não só utilissimo, mas summamente necessario [...]*. Lisboa, Miguel Manescal da Costa.

- 1793, *Nomenclatura portugueza, e latina das cousas mais commuas, e visiveis [...]*. Lisboa, Antonio Rodrigues Galharde.
- FONSECA, Pedro José da, 1771, *Diccionario Portuguez, e Latino [...]*. Lisboa, Regia Officina Typografica.
- FRANCO, António, 1716, *Indiculo Universal. Contem distinctos em suas classes os nomes de quazi todas as cousas que ha no mundo, & os nomes de todas as Artes e Sciencias [...]*. Évora, Universidade.
- FRAYER, Ernesto, 2000 (1727), *Discurso Philologico Critico sobre el Corolario del Discurso XV del theatro Critico Universal que saca a luz Ernesto Frayer*. Madrid (citado a partir do fac-símile reproduzido em: Telmo VERDELHO, «Uma polémica sobre “la lengua lusitana, ò gallega”, no século XVIII», J. L. RODRÍGUEZ (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia – Universidade de Santiago de Compostela, vol. 2, 2000, pp. 759-806).
- FREIRE, Francisco de Brito, 1675, *Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasilica [...]*. Lisboa, J. Galram.
- FREIRE, Francisco José, 1842, *Reflexões sobre a lingua portugueza [...]*. Lisboa, Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
- FURETIÈRE, Antoine (1690), *Dictionaire Universel, Contenant generalement tous les Mots François tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les Sciences & des Arts [...]*. La Haye & Rotterdam, Arnout & Reinier Leers.
- [1684], *Essais d'un dictionnaire universel, contenant generalement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les termes de toutes les sciences & des arts [...]*. S.l., s.d.
- 1694, *Nouveau recueil des factums du procez, d'entre défunt mr. l'Abé Furetière, l'un des quarante de l'Academie Française, et quelques-uns des autres Membres de la même Academie [...]*. Amsterdam, Henry Desbordes.
- Coronica do Condestabre de purtugal Nuno alvarez Pereyra [...]*.1526. Lixboa, Germã Galharde.
- GANDAVO, Pero de Magalhães de, 1981 (1574), *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da lingua portuguesa. Com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma lingua*. Edição fac-similada da 1ª edição. Introdução de Maria Leonor Carvalhão BUESCU. Lisboa, Biblioteca Nacional (edição original: *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua*. Lisboa, Antonio Gonsalvez, 1574).
- Gazeta de Lisboa Occidental*, 1718-1741. Lisboa, (Vários impressores; 1º número, Pascoal da Sylva).
- GESNER, Conrad, 1555, *Mithridates, de differentis linguarum tum veterum tum quae hodie apud diversas nationes in toto orbe terrarü in usu sunt [...]*. Tiguri, Froshoverus.

- GIRARD, Gabriel, 1718, *La justesse de la langue françoise, ou les differentes significations des mots qui passent pour synonymes [...]*. Paris, L. d'Houry.
- GRANADA, Luís de, 1576, *Ecclesiasticae rhetoricae siue De ratione concionandi libri sex [...]*. Olysippone, Antonius Riberius.
- JUNIUS, Hadrianus, 1567, *Nomenclator, omnium rerum propria nomina variis linguis explicata indicans [...]*. Antverpiae, Ex officina C. Plantini.
- HOFMANN, Johan Jakob, 1698, *Lexicon Vniversale, Historiam Sacram Et Profanam, Omnis aevi, omniumque Gentium; Chronologiam Ad Haec Vsque Tempora; Geographiam Et Veteris Et Novi Orbis; Principum Per Omnes Terras Familiarum Ab omni memoria repetitam Genealogiam, Tum Mythologiam, Ritus, Caerimonias, Omnemque Veterum Antiquitatem, ex Philologiae fontibus haustam; Virorum, Ingenio Atque Eruditione Celebrium Enarrationem copiosissimam; Praeterea Animalium, Plantarum, Metallorum, Lapidum, Gemmarum, Nomina, Naturas, Vires Explanans [...]*, 4 vols. Lugduni Batavorum, apud Jacob Hackium, Cornel, Bovtesteyn, Petr. Vander AA, & Jord. Luchtmans (edição original: *Lexicon universale historico-geographico-chronologico-poetico-philologicum [...]*, 2 vols. Basileae, J. H. Widerhold, 1677; suplemento: 3 vols. Basileae, Iohan. Herman Widerhold, 1683).
- HOUAISS, Antônio, Mauro VILLAR, Francisco FRANCO, 2001, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- KIRCHER, Athanasius, 1667, *China Monumentis, qua Sacris qua profanis, nec non naturae et artis spectaculis, aliarumque rerum memorabilium argumentis illustrata [...]*. Amstelodami, Apud Joannem Janssonium à Waesberge & Elizeum Weyerstraet.
- 1667, *China Monumentis, qua Sacris qua profanis, nec non naturae et artis spectaculis, aliarumque rerum memorabilium argumentis illustrata*. Romae, Typis Varesii.
- 1679, *Turris Babel, sive Archontologia qua Primo Priscorum post diluuium hominum vita. mores rerumque gestarum magnitudo, Secundo Turris fabrica civitatumque exstructio, confusio linguarum, et inde gentium transmigratio, cum principalium inde enatorum idiomatum historia, multiplici eruditione describuntur et explicantur*, Amstelodami, Ex Officina Janssonio-Waesbergiana.
- LANCELOT, Claude e Antoine ARNAULD, 1660, *Grammaire generale et raisonnée. Contenant les fondemens de l'art de parler [...]*. Paris, Pierre le Petit.
- LANDIM, Francisco Barreto de, 1648, *Panegyrico da sancta vida e gloriosa morte do grande Patriarcha S. João de Deus [...]*. Lisboa, Manuel da Silva.
- LANGIUS, Josephus, 1621, *Florilegii magni, seu, Polyanthae floribus nouissimis sparsae, libri XX [...]*. Lugduni, A. de Harsy & P. Ravaud.
- LARTIGAUT, Antoine, 1669, *Les progrès de la véritable ortographe ou L'ortographe francêze fondée sur ses principes confirmée par démonstracions. Ouvrage particulièrement nêcêcêr à toute sorte de personnes qui veulent lire, prononcer, ou ecrire parfêtement par Règles [...]*. Paris, Laurent Ravenau.

- LAURENTIUS, Josephus, 1644, *Amalthea onomastica: in qua voces universae, abstrusiores, sacrae, profanae, antiquae, usurpatae, usurpandae: e latinis, latinograecis, latinobarbaris [...]*. Lugduni, Sumptibus Laurentii Anisson.
- LEAL, Manuel, 1673, *Crysol purificativo, em que se apura o monacato do grande Patriarca, e Doutor principal da Igreja S. Agostinho [...]*. Lisboa, Antonio Rodriguez d'Abreu.
- LEÃO, Duarte Nunes de, 1576, *Orthographia da Lingoa Portugueza*. Lisboa, João de Barreira.
- LESCLACHE, Louis de, 1668, *Les véritables règles de l'ortographe francéze, ou l'Art d'apprendre an peu de tams à écrire côrectemant [...]*. Paris, l'auteur et Laurant Rondet.
- LIMA, Luís Caetano de, 1710, *Grammatica Franceza, ou arte para aprender o Francez por meyo da lingua Portugueza*. Lisboa, Officina Real Deslandiana.
- 1734, *Grammatica Italiana, e arte para aprender a lingua Italiana por meyo da lingua Portugueza*. Lisboa, Officina da Congregação do Oratorio.
- 1736, *Orthographia da lingua portugueza*. Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca.
- LISBOA, Cristóvão de, 1653, *Jardim da Sagrada Escripura. Disposto em modo alphabetico. Com hum elenco de discursos, & conceitos sobre os Evangelhos das domingos, quartas, & sextas feiras da Quaresma, & domingos do Advento [...]*. Lisboa, Paulo Craesbeek.
- LLOYD, Nicolas, 1670, *Dictionarium historicum, geographicum, poeticum [...] Editio novissima [...] recensuit, supplevit, locisque pene infinitis emaculavit Nicolaus Lloydius*. Oxonii, Ex Typographeo Guilielmi Hall & Guilielmi Downing.
- LOBO, Álvaro, 1591, *Martyrologio romano [...]*. Coimbra, Antonio de Maris.
- LOBO, Francisco Rodrigues, 1991 (1619), *Corte na Aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de CARVALHO. Lisboa, Editorial Presença (edição original: *Corte na aldeia, e noites de Inverno*. Lisboa, Pedro Craesbeek, 1619).
- LOCKE, John, 1690, *An Essay Concerning Humane Understanding [...]*. London, T. Basset.
- LOPES, Fernão, 1644, *Chronica del Rey D. Ioam I de Boa Memoria [...]*. Lisboa, Antonio Alvarez.
- LOPES, Francisco, 1610, *Santo Antonio de Lisboa poema sacro*. Lisboa, Pedro Craesbeek.
- LUCENA, João de, 1600, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier [...]*. Lisboa, Pedro Crasbeek.
- LUSITANO, Cândido / Francisco José FREIRE, 1746, *O secretario portuguez [...]*. Lisboa, Domingos Gonçalves.
- 1748, *Arte poetica, ou regras da verdadeira poesia em geral e de todas as suas especies principaes*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno

- 
- 1765, *Diccionario Poetico, para uso dos que principião a exercitarse na Poesia Portugueza [...]*. Lisboa, Offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- LUZ, Tomás da, 1673, *Amalthea, sive hortus onomasticus in gemina divisus florilegia [...]*. Ulyssipone, Joannes a Costa.
- MACEDO, António de Sousa de, 1682, *Dominio sobre a fortuna, e tribunal da razaõ [...]*. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes.
- MACEDO, Duarte Ribeiro de, 1677, *Vida da Emperatriz Theodora [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- MACEDO, José de, [1710], *Antidoto da Lingua Portugueza [...] por Antonio de Mello da Fonseca*. Amesterdam, Miguel Diaz.
- MACHADO, Diogo Barbosa, 1965-1667 (1741-1759), *Bibliotheca Lusitana [...]*. Coimbra, Atlântida (edição original: Lisboa Occidental, Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759).
- MACHADO, José Pedro, 1995, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 5. vols. Lisboa, Livros Horizonte.
- MAROT, Clément, 1558, *Oeuvres*. Lyon, J. de Tournes.
- MARQUES, José, 1756, *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise. Tiré des meilleurs Auteurs, & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Avec les noms des Nations, des Royaumes, des Provinces, des Villes, des Contrées, des Rivières du Monde, & les noms propres d'Hommes, & des Femmes, &c. [...]* Lisbonne, De l'Impression de Joseph da Costa Coimbra.
- 1764, *Novo diccionario das linguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P. D. Raphael Bluteau, dos Diccionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das Naçoens, dos Reinos, das Provincias, das Cidades, das Comarcas, dos Rios do Mundo, &c.* Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- MASCARENHAS, André da Silva, 1671, *A Destruicam de Espanha, Restauraçam summaria da mesma*. Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello.
- MEGISER, Hieronimus, 1593, *Specimen quadraginta diversarum et inter se differentium linguarum et dialectorum, videlicet Oratio Dominica totidem linguis expressa [...]*. Francofurti, Spiess.
- MELO, Francisco de Pina e de, 1752, *Balança intellectual em que se pezava o merecimento do verdadeiro methodo de estudar [...]*. Lisboa, Manoel da Silva.
- MELO, Francisco Manuel de, 1624-1627, *Fuente de Aganipe [...]*. Madrid, Andres de Parra.
- 1651, *Carta de guia de casados [...]*. Lisboa, Offic. Craesbeeckiana.

- 
- 1655, *Obras metricas [...] Contienen Las tres musas. El pantheon. Las musas portuguesas. El tercer coro de las musas [...]*. Leon de Francia, Horacio Boessat y George Remeus.
  - 1676, *Epanaphoras de varia historia portugueza [...]*. Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello.
- MÉNAGE, Gilles, 1650, *Les origines de la langue françoise*. Paris, Augustin Courbé.
- 1694, *Dictionaire Etymologique, ou Origines de la Langue Françoise [...]*. Paris, Chez J. Anisson.
- MENESES, Francisco de Sá de, 1658, *Malaca conquistada poema heroico [...]*. Lisboa, Paulo Craesbeeck.
- MENESES, Francisco Xavier de, 1734, «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau», in *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. Tomo XIII. Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva.
- 1736, «Extractos academicos dos livros, que a Academia de Petersbourg mandou à de Lisboa», in *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. Tomo XIV. Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva.
- MENESES, Luís de, 1679-1698, *Historia de Portugal Restaurado*. Parte I: Lisboa, João Galvão, 1679; Parte II: Lisboa, Antonio Pedroso Galvão.
- MESSNER, Dieter, 1994-1999, *Dicionário dos dicionários portugueses*. Salzburg, Institut fur Romanistik der Universitat.
- MONET, Philibert, 1636, *Invantaire des deus langues françoise et latine [...]*. Lyon, Claude Obert.
- MONTMÉRAN, Antoine de, 1645, *Synonimes et épithètes françoises recueillies & disposée selon l'ordre de l'alphabet [...]*. Paris, chez Jean Le Bouc.
- MORAIS, Silvestre Gomes de, 1712, *Agricultura das vinhas [...]*. Lisboa, Off. Real Deslandesiana.
- MORERI, Louis, 1699, *Le grand dictionaire historique ou le mélange de l'histoire sacrée et profane [...]*. Paris, Jean-Baptiste Coignard. (1ª edição: Lyon, Iean Girin & Barthelemy Riviere, 1674.)
- 1712, *Le grand dictionaire historique ou le mélange curieux de l'histoire sacrée et profane [...]*. Paris, Jean-Baptiste Coignard.
- MÜLLER, Andreas, 1680, *Oratio orationum: SS. Orationis Dominicae Versiones praeter Authenticam ferè Centum [...] Singulae geminis linguae suae characteribus [...]*. Berolini, Ex officina Rungiana.
- NEBRIJA, Antonio de, 1492, *Dictionarium latino-hispanicum [...]*. Salmanticae.
- NEUFVILLE, Lequien de la, 1700, *Histoire générale de Portugal [...]*. Paris, Anisson.

- NICOT, Jean, 1606, *Thresor de la langue françoise tant ancienne que moderne auquel entre autres choses sont les noms propres de marine, vénerie & faulconnerie [...]*. Paris, D. Douceur.
- NIZZOLI, Mario, 1632, *Apparatus Latine locutionis, in usum studiosae juventutis, post Marii Nizolii principia, ex Marci Tullii, Ciceronis, libris collectus [...]*. Lutetiae Parisiorum, apud Sebastianum Chapelet.
- NUNES, Filipe, 1615, *Arte poetica, e da pintura, e symmetria, com principios da perspectiva [...]*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.
- OLIVEIRA, Fernão de, 1536, *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa, Germão Galharde.
- OLIVEIRA, Manuel Lopes de, 1666, *Allegação de direito a favor de D. João da Silva [...]*. Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello.
- ORTA, Garcia de, 1563, *Coloquio dos simples e drogas he cousas medicinais da India e assim dalguas frutas achadas nella [...]*. Goa, Ioannes de Endem.
- PACHECO, Francisco Pinto, 1670, *Tratado da cavalaria da gineta, com a doutrina dos melhores authores [...]*. Lisboa, Ioam da Costa.
- PACHECO, João, 1734-1744, *Divertimento erudito para os curiosos de noticias historicas, escolasticas, politicas e naturaes, sagradas, e profanas. Descobertas em todas as Idades, e Estados do Mundo, até o presente. E extrahida de varios authores [...]*. Tomo I: Lisboa Oriental, Na officina Augustiniana, 1734; Tomo II, Lisboa Occidental, Na officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1736; Tomo III, Lisboa Occidental, Na Officina de Pedro Ferreira, 1741; Tomo IV, Lisboa Occidental, Na Officina de Domingos Gonçalves, 1744.
- PÊGAS, Manuel Álvares, 1667, *Allegaçam de direito a favor do Senhor Conde de Figueiró [...]*. Lisboa, Ioam da Costa.
- PEREIRA, Bento, 1666, *Regras gerays, breves e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, & Portugueza. Para se ajuntar â Prosodia. Ordenadas pelo author della o P. D. Bento Pereyra da Cõpanhia de Jesus, Qualificador do S. Officio. Aprovadas per Varoës peritissimos em huma, & outra lingua. Dividemse em tres partes. A primeira he a das regras commuas á lingua Latina, & Portugueza. A segunda he a das tocantes só á Latina. A terceyra he a das tocantes sô á Portugueza [...]*. Lisboa, Domingos Carneyro.
- 1697, *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta [...]* *Septima editio auctior, et locupletior [...]*. [Inclui: *Thesouro da lingua portugueza; Primeira parte das frases portuguezas, a que correspondem as mais puras, & elegantes Latinas como tiradas de Marco Tullio, & outros Authores de primeira classe; Segunda parte dos principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial corespondente; Tertia pars selectissimarum descriptionum, quas idem auctor vel olim á se compositas, vel à probatissimis Scriptoribus emendicatas alphabetico ordine digessit.*] Eborae, ex Typographia Academiae.

- PIMENTEL, Luís Serrão, 1680, *Methodo lusitanico de desenhar as fortificaçoens [...]*. Lisboa, Antonio Craesbeeck.
- PISO, Willem, 1648, *Historia naturalis Brasiliae [...] in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur [...]*. Lugduni Bataurorum, Apud Franciscum Hackium.
- POMEY, François Antoine, 1691, *Le Dictionnaire Royal, augmenté de nouveau, & enrichi d'un grand nombre d'expressions elegantes, de quantité de mots François nouvellement introduits; & de cinquante descriptions; comme aussi d'un petit Traité de la Venerie & de la Fauconnerie [...]*. Lyon, Antoine, & Horace Molin.
- 1716, *Le Dictionnaire Royal, augmenté de nouveau [...]*. Lyon, Louis Servant.
- 1661, *Candidatus rethoricae [...]*. Lugduni, A. Molin.
- 1661, *Pomariolum floridioris Latinitatis [...]*. Lugduni, A. Molin.
- 1664, *Syllabus, seu Lexicon latino-gallico-graecum [...]*. Lugduni, A. Molin.
- 1667, *Indiculus uniuersalis, rerum fere omnium, quae in mundo sunt, scientiarum item, artiumque nomina, apte, breuiterque colligens*. Lyon, Chez Antoine Molin.
- PORTALEGRE, António de, 1547, *Meditaçã da inocētissima morte y paixã de nosso señoer em estilo metrificado [...]*. Coimbra, João de Barreyra e João Aluarez.
- PORTE, Maurice de la, 1571, *Les epithetes de M. de la Porte parisien. Liure non seulement vtile à ceux qui font profession de la Poësie, mais fort propre aussi pour illustrer toute autre composition Françoise [...]*. Paris, Gabriel Buon.
- POYARES, Pedro de, 1667, *Diccionario lusitanico-latino de nomes proprios de regioens, reinos, prouincias, cidades, villas, castellos, lugares, rios, mares, montes, fontes, ilhas, peninsulas, isthmos, &c. Com o nome latino, dando a esse nome latino o vulgar que hoje tem, per a boa intelligencia de liuros sagrados, & prophanos*. Lisboa, Ioam da Costa.
- QUEIRÓS, Fernão de, 1689, *Historia da vida do veneravel irmão Pedro de Basto [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- QUINTILIANO, Marco Fábio / Quintilien, 1975-1980, *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean COUSIN. 7 vols. Paris, Les Belles Lettres.
- RAMUS, Petrus / Pierre de La Ramée, 1559, *Gramere*. Paris, A. Wechel.
- 1559, *P. Rami Scholae grammaticae*. Parisiis, apud A. Wechelum.
- REAL ACADEMIA ESPANOLA, 1726-1739, *Diccionario de la lengua castellana [...]*. Madrid, F. Del Hierro.
- REBOREDO, Amaro de, 1619, *Methodo grammatical para todas as linguas [...]*. Lisboa, Pedro Craesbeeck.
- 1621, *Raizes da lingua latina mostradas em hum trattato e diccionario [...]*. Lisboa, Pedro Craesbeeck.

- 1623, *Porta de linguas ou modo muito accommodado para as entender [...]*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.
- REGO, António Pereira, 1693, *Instrucçam da Cavallaria de Brida [...]*. Coimbra, Joam Antunes.
- RENGIFO, Juan Diaz, 1727 (1592) *Arte Poetica Española, con vna Fertilissima Sylva de Consonantes Comunes, Proprios, Esdruxulos, y Reflexos, y vn Divino Estimulo del Amor de Dios [...]*. Barcelona, Imprenta de Maria Marti (edição original: Salamanca, M. Serrano de Vargas, 1592).
- RICHELET, Pierre, 1680, *Dictionnaire françois, contenant les mots et les choses, plusieurs nouvelles remarques sur la langue françoise [...] le tout tire de l'usage et des bons auteurs de la langue françoise [...]*. Geneve, Chez Jean Harman Widerhold.
- ROCHFORT, César de, 1685, *Dictionnaire general et curieux, contenant les principaux mots, et les plus usitez en la langue françoise, leurs definitions, divisions, & etymologies; enrichies d'eloquens discours, soutenus de quelques histoires, de passages des pères de l'eglise, des auteurs et des poètes les plus celebres anciens & modernes: avec des demonstrations catholiques sur tous les points qui sont contestez entre ceux de l'eglise romaine, et les gens de la religion prétendue reformee [...]*. Lyon, P. Guillimin.
- ROMA, Francisco Morato, 1672, *Luz da medicina, pratica racional, e methodica guia de enfermeiros, directorio de principiantes [...]*. Lisboa, Antonio Crasbeeck de Mello.
- ROQUE, Gilles-André de la, 1681, *Traité de l'origine des noms et des surnoms, De leur diversité, de leurs proprietéz, de leurs changemens, tant chez les anciens peuples que chez les François, les Espagnols, les Anglois, les Allemans, les Polonois, les Suedois, les Danois, les Italiens & autres nations [...]*. Paris, Estienne Michallet.
- SAMPAIO, António de Vilas Boas e, 1676, *Nobiliarchia portugueza tratado da nobreza hereditaria, & politica [...]*. Lisboa, Francisco Villela.
- SANTA CATARINA, Simão de, 1723, *Orações academicas [...]*. Lisboa, Offic. da Musica.
- SANTOS, Manuel dos, 1710, *Alcobaça illustrada noticias e historia dos mosteyros & monges insignes Cistercienses [...]*. Coimbra, Bento Seco Ferreyra.
- SÃO TOMÁS, Leão de, 1644-1651, *Benedictina lusitana dedicado ao grande patriarca S. Bento [...]*. Coimbra, Diogo Gomes de Loureiro.
- SEMEDO, João Curvo, 1680, *Tratado da peste [...]*. Lisboa, João Galrão.
- 1727 (1695), *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres tratados*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram (edição original: Lisboa, Miguel Deslandes, 1697).
- 1727, «Memorial de varios simplicis que da India Oriental, da America, & de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remedio de muytas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada hum, & o modo com que se devem usar», in João Curvo SEMEDO, *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres tratados*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram, 1727.

- SILVA, António de Morais, 1789, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, 1858-1923, *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- SILVA, João Pereira da, 1690, *Lysia saudosa consolandose com o seu Tejo aurifero rey dos rios [...]*. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes.
- SILVA, Rodrigo Mendes, 1639, *Catalogo real genealogico de España*. Madrid, Diego Diaz de la Carrera.
- SOUSA, Manuel de Faria e, 1623, *Fabula de Narciso e Echo*. Lisboa.
- 1639, *Lusiadas [...] Comentadas por Manuel de Faria i Sousa [...]*. Madrid, Juan Sanchez.
- TACHARD, Gui, 1692, *Dictionnaire nouveau, François-Latin, plus ample, & plus exact, que ceux qui ont paru jusques à present [...] Sur les memoires des principaux Auteurs, tant anciens que modernes, & principalement de Pomey, Danet, Richelet, & Furetiere, & autres excellens Auteurs [...]*. Paris, André Pralard. (1ª edição, *ibidem*, 1689).
- TAVERNIER, Jean Baptiste, 1676, *Les six voyages de Jean Baptiste Tavernier [...] qu'il a fait en Turquie, en Perse, et aux Indes, Pendant l'espace de quarante ans, & par toutes les routes que l'on peut tenir: accompagnez d'observations particulieres sur la qualité, la religion, le gouvernement, les coütumes & le commerce de chaque país; avec les figures, les poids, & la valeur des monnoyes qui y ont cours*. Paris, Gervais Clouzier et Claude Barbin.
- TEIXEIRA, António, 1670, *Epitome das notícias astrologicas para a medicina [...]*. Lisboa, Ioan da Costa.
- TESAURO, Emanuel, 1655, *Il Cannocchiale aristotelico, o sia Idea dell'arguta et ingeniosa elocutione [...]*. Venetia, Paolo Baglioni.
- TEXTOR, Ravísio, 1541, *Opus epithetorum integrum [...]*. Basileae, Brylinger et Francken.
- 1610, *Theatrum poeticum et historicum, sive officina Io. Ravisii Textoris [...]*. Basileae, Typis Conr. Waldkirchi.
- THEVET, André, 1575, *La cosmographie universelle [...]*. Paris, G. Chaudière.
- TOMÁS, Manuel, 1635, *Insulana*. Amberes, Ioam Mevrsio.
- USSHER, James, 1650-1654, *Annales Veteris Testamenti, a prima mundi origine deducti*. Londini, J. Flesher.
- VALENÇA, Pedro Nunez de, *Epitheta M. T. Ciceronis [...]*. Venetiis, Aldus Manutius.
- VARELA, Sebastião Pacheco, 1702, *Numero vocal, exemplar catholico, e politico [...]*. Lisboa, Manoel Lopes Ferreira.

- VASCONCELOS, Luís Mendes de, 1612, *Arte militar dividida em tres partes [...]*. Impressa no termo d'Alenquer, Vicente Alvarez.
- VASCONCELOS, Simão de, 1668, *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- VASEU, João, 1549, *Index rerum et verborum copiosissimus ex Des. Erasmi Roterodami Chiliadibus [...]*. Conimbricæ, excudebant Ioannes Berreius & Ioan. Alvarez.
- VAUGELAS, Claude Favre de, 1647, *Remarques sur la langue françoise [...]*. Paris, Augustin Courbé.
- VERA, Álvaro Ferreira de, 1631, *Orthographia, ou modo para escrever certo na lingua Portuguesa [...]*. Lisboa, Mathias Rodriguez.
- VERNEY, Luís António, 1746, *Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à Republica, e à Igreja, proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal [...]*. Valensa [Nápoles], Antonio Balle.
- VIEIRA, António, 1679-1718, *Sermoes do P. Antonio Vieira [...]*, 15 vols. Lisboa, Ioam da Costa / Miguel Deslandes.
- 1695, *Las cinco piedras de la honda de David en cinco discursos morales [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
  - 1718, *Historia do futuro. Livro antepimeyro prologomeno a toda a historia do futuro [...]*. Lisboa occidental, Antonio Pedrozo Galram.
- WILKINS, John, 1668, *An Essay towards a real character and a philosophical language*. London, Gellibrand & Marby.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALMEIDA, Carlos Marques de, 1996, *O Elogio do Intelectual. A figura do “Sabio Cristaõ” nas Prosas Portuguezas de D. Rafael Bluteau*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (reprodução policopiada).
- ALMEIDA, Justino Mendes de, 1959, «Lexicógrafos portugueses de língua latina. O primeiro lexicógrafo português da língua latina: Jerónimo Cardoso», *Evphrosyne*, 2, pp. 139-152.
- 1965, «Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina», *Revista de Guimarães*, 75, 1/4, pp. 31-40.
- 1967a, «A Prosódia de Bento Pereira», *Revista de Guimarães*, 77, 1/2, pp. 5-12.
- 1967b, «O Dicionario Lusitanico-Latino de Frei Pedro de Poyares», *Revista de Guimarães*, 77, 1/2, pp. 12-17.
- 1969a, «A Porta de línguas (Ianva lingvarum), de Amaro de Reboredo», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 5-7
- 1969b, «A Amalthea siue hortus onomasticus do P. Fr. Tomas da Luz», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 7-13.
- 1969c, «O Vocabulario portuguez e latino de D. Rafael Bluteau», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 13-27.
- 1969d, «O Apparato critico para a correcção do dicionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta, de Antonio Pereira de Figueiredo», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 27-36.
- 1969e, «O Dicionario portuguez, e latino, do Padre Carlos Folqman», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 36-40.

- 
- 1972, «Nomenclatura port., e latina», *Revista de Guimarães*, 82, 3/4, pp. 163-168.
- ANDRADE, António Alberto de, 1945a, «A Orientação da filosofia nas escolas dos Institutos Religiosos, antes e depois de Vernei», *Brotéria*, 41, 4, pp. 241-256.
- 1945b, «A posição filosófica de D. Rafael Bluteau», *Brotéria*, 41, 6, pp. 540-553.
- 1965, *Vernei e a cultura do seu tempo*. Coimbra, Universidade.
- 1980, *Verney e a projecção da sua obra*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- ANSELMO, Artur, 1988 «Património», *Claro-Escuro – Revista de Estudos Barrocos*, 2-3, pp. 55-59.
- 1989, «Perspectiva historiográfica do século XVIII», *Claro-Escuro – Revista de Estudos Barrocos*, 2-3, pp. 79-82.
- AUROUX, Sylvain, 1989-1992, *Histoire des idées linguistiques*. 2 vols. Liège, Mardaga.
- 1994, *La révolution technologique de la grammatisation*. Liège, Mardaga.
- BARBOSA, Jorge Morais, 1994, *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*. Coimbra, Livraria Almedina.
- BEBIANO, Rui, 1987, *D. João V – poder e espectáculo*. Aveiro, Estante.
- BIEDERMANN-PASQUES, Liselotte, 1998, «Les théories orthographiques de l'Académie et leur mise en pratique (1673; 1694-1992)», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 111-126.
- BIERBACH, Mechtild, 1998, «Le Dictionnaire d'Antoine Furetière face au Dictionnaire de l'Académie 1694. Lexicographie et histoire des idées», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 139-151.
- BOTTINEAU, Yves, 1973, «Le goût de Jean V: art et gouvernement», *Bracara Augusta. Revista cultural da Câmara Municipal de Braga*, Vol. XXVII, n° 64 (76), pp. 341-353.
- BRANCA-ROSOFF, Sonia, 1996, «Noms abstraits et nominalisation au XVIIIe siècle», in Nelly FLAUX *et alii*, *Les noms abstraits. Histoire et théories. Actes du colloque de Dunkerque (15-18 septembre 1992)*. Lille, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 147-160.

- BRAY, Laurent, 1990, «La lexicographie française des origines à Littré», in Franz Josef HAUSMANN *et alii* (eds.), *Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie / An International Encyclopedia of Lexicography / Encyclopédie internationale de lexicographie. 2.* Berlin-New York, De Gruyter, pp. 1789-1818.
- BUESCU, Maria. L. C., 1983a, *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI.* Lisboa, IN-CM.
- 1983b, *O estudo das línguas exóticas no século XVI.* Lisboa – Amadora, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- BURIDANT, Claude, 1990, «Définition et étymologie dans la lexicographie et la lexicologie médiévales», in Jacques CHAURAND e Francine MAZIÈRE (eds.), *La définition. Actes du Colloque 'la Définition' organisé par CELEX (Centre d'Etudes du Lexique) de l'Université Paris-Nord à Paris les 18 et 19 novembre 1988.* Paris, Larousse, pp. 43-59.
- CAEIRO, Francisco Gama, 1960, «Ortodoxia e Lulismo em Portugal (Um depoimento seiscentista)», Separata de *Estudios Lulianos*, Tomo IV, fasc. 3, pp. 233-256.
- 1989, «Lulismo em Portugal no séc. XVIII», in *Studia Lullistica. Miscellanea in honorem Sebastiani Garcias Palou.* Civitate Majoricarum: Majoricensis Schola Lullistica, pp. 27-34.
- CARRETER, Fernando Lazaro, 1949, *Las ideas lingüísticas en España durante el siglo XVIII.* Madrid, Consejo superior de investigaciones científicas.
- CARVALHO, Rómulo de, 1975-1978, «Astronomia em Portugal», in Joel SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*, vol. 1. Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 243-245.
- CASTELEIRO, João Malaca, 1993, «Estudo Linguístico do 1º Dicionário da Academia (1793)», in ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Dicionário da Língua Portuguesa.* Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, pp. xi-xxiv.
- 1998, «La lexicographie lusitanienne et le Dictionnaire de l'Académie», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994.* Paris, Honoré Champion, pp. 431-438.
- CASTILHO, Júlio de, 1956, *Lisboa Antiga. O Bairro Alto.* Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

- CASTRO, Aníbal Pinto de, 1973, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos.
- 1997, «Francisco José Freire», in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 2. Lisboa, Verbo, pp. 697-700.
- CASTRO, Ivo de, 1991, *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CATACH, Nina, 1968, *L'Orthographe française à l'époque de la Renaissance. Auteurs, imprimeurs, ateliers d'imprimerie*. Genève, Librairie Droz.
- 1996, «Les dictionnaires de l'Académie française», *Computing in the Humanities Working Papers*, B. 21.
- (on-line: [http://www.chass.utoronto.ca/epc/chwp/catach\\_n/](http://www.chass.utoronto.ca/epc/chwp/catach_n/)).
- 1998, «Histoire et importance de la première édition du Dictionnaire de l'Académie», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 69-88.
- CIDADE, Hernâni, 1975 (1933-1939), *Lições de cultura e literatura portuguesas*. vol. 2. Coimbra, Coimbra Editora.
- COLLINOT, André e Francine MAZIÈRE, 1997, *Un prêt à parler: le dictionnaire*. Paris, Presses Universitaires de France.
- 1985, «L'overture des dictionnaires. Remarques sur les titres et préfaces des dictionnaires français du XVIIe siècle», *Lexique*, 3, pp. 11-32.
- 1990, «L'usage des mots, l'institution du sens dans le Dictionnaire de l'Académie», in Michel GLATIGNY (coord.), *Les marques d'usage dans les dictionnaires (XVIIe-XVIIIe siècles)*. Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 81-88.
- DELESALLE, Simone, 1990, «De la définition du nom et du verbe dans la *Logique et Grammaire* de Port-Royal», in Jacques CHAURAND e Francine MAZIÈRE (eds.), *La définition. Actes du Colloque 'la Définition' organisé par CELEX (Centre d'Etudes du Lexique) de l'Université Paris-Nord à Paris les 18 et 19 novembre 1988*. Paris, Larousse, pp. 72-77.
- DIAS, José Sebastião da Silva, 1953, «Portugal e a Cultura Europeia (Séculos XVI a XVIII)», *Biblos*, vol. XXVIII, pp. 203-498.
- DOMINGOS, Manuela, 1994, «Acervos iniciais da Real Biblioteca Pública. A doação dos Teatinos», *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, 9 (2) Jul.-Dez., pp. 75-121.

- DÓRIA, António Álvaro, 1975-1978a, «Maria Francisca Isabel de Sabóia», in Joel SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*. Vol. IV. Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 183-185.
- 1975-1978b, «Pedro II», in Joel SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*. Vol. V. Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 33-34.
- DROIXHE, Daniel, 2001, «Les conceptions du changement et de la parenté des langues européennes aux XVIIe et XVIII siècles», in Sylvain Auroux, *History of the language sciences*. Berlin, De Gruyter.  
(on-line: [http://www.ulb.ac.be/philo/linguis/dr\\_hsk.htm](http://www.ulb.ac.be/philo/linguis/dr_hsk.htm)).
- ECO, Umberto, 1996 (1993), *A procura da língua perfeita*, Lisboa, Presença (edição original: *La Ricerca della lingua Perfetta*. Roma-Bari, Gius. Laterza & Figli, 1993).
- FÁVERO, Leonor Lopes, 1996, *As concepções linguísticas no século XVII: a gramática portuguesa*. Campinas, Unicamp.
- FERREIRA, João Palma, 1982, *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- FERREIRA, Maria Emília Cordeiro, 1975-1978, «Monarquia Lusitana», in Joel SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*. Vol. 4. Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 329-331.
- FERREIRO, Manuel, 2001, *Gramática Histórica Galega. II. Lexicoloxía*. Santiago de Compostela, Edicións Laiovento.
- FONSECA, Maria do Céu Brás da, 2000, *Historiografia linguística do século XVII. As unidades de relação na produção gramatical portuguesa*. Évora, Universidade de Évora (edição policopiada).
- GEMMINGEN, Barbara von, 1998, «Le “Dictionnaire à part” de l’Académie Française: le Dictionnaire des Arts et des Sciences de Thomas Corneille (1694)», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l’Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 153-164.
- GIARD, Luce, 1992, «L’entrée en lice des vernaculaires», in Sylvain AUROUX, *Histoire des idées linguistiques*. Vol. II. Liège, Mardaga, pp. 206-225.
- GIRARDIN, Chantal, 1995, «Une doctrine jésuite de l’exemple. Le *Dictionnaire royal augmenté* de François-Antoine Pomey», *Langue française*, 106, pp. 21-34.

- GONÇALVES, Maria Filomena, 1992, *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII. Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, Ministério da Educação – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- 1998, *As ideias ortográficas em Portugal: da etimologia à reforma (1734-1911)*. 2 vols. Évora, Universidade de Évora (edição policopiada).
- 2003, «Vocabulário Português, e Latino de Rafael Bluteau: aspectos da estrutura e da definição lexicográfica», in Amália MENDES e Tiago FREIRA (orgs.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 399-410.
- GOOSE, André, 1998, «L'Académie “greffier de l'usage”, in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 229-235.
- HANSON, Carl, 1986 (1981), *Economia e sociedade no Portugal barroco*. Lisboa, Publicações Dom-Quixote (edição original: *Economy and Society in Baroque Portugal, 1668-1703*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1981).
- HARTMANN, Reinhard e Gregory JAMES, 2001, *Dictionary of Lexicography*. London - New York, Routledge.
- HAYASHI, Tetsuro, 1978, *The Theory of English Lexicography. 1530-1791*. Amsterdam, John Benjamins B. V.
- HÜLLEN, Werner, 1999, *English Dictionaries 800-1700. The Topical Tradition*. Oxford - New York, Clarendon Press - Oxford University Press.
- JACKSON, Howard, 2002, *Lexicography. An introduction*. London - New York, Routledge.
- JÚNIOR, António Salgado (ed.), 1949-1952, *Verdadeiro método de estudar*. 5 vols. Lisboa, Livraria Sá da Costa-Editora.
- KEMMLER, Rolf, 1996, *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa. O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911*. Tübinga, Neuphilologische Fakultät der Eberhard-Karls-Universität Tübingen.
- KOULOUGHLI, Djamel-Eddine, 1989, «Lá thématique du langage dans la Bible», in Sylvain AUROUX, *Histoire des idées linguistiques*. Vol. I. Liège, Mardaga, pp. 65-78.
- LANDAU, Sidney I., 1991 (1984), *Dictionaries. The art and craft of lexicography*. Cambridge, Cambridge University Press (edição original: New York, Charles Scribner's Sons, 1984).

- LEHMANN, Alise, 1995, «La citation d'auteurs dans les dictionnaires de la fin du XVIII<sup>e</sup> siècle (Richelet et Furetière)», *Langue française*, 106, pp. 35-54.
- 1998, «Exemplification et métalangue: le traitement de la phraséologie dans la première édition du Dictionnaire de l'Académie», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 165-184.
- LEITE, Ana Maria, 2002, *Antídoto da lingua portuguesa: edição e comentário*. Aveiro, Universidade de Aveiro (edição policopiada).
- LEROY-TURCAN, Isabelle e Terence Russon WOOLDRIDGE, 1998, *Quelques exemples des acquis de la base informatisée de la première édition du Dictionnaire de l'Académie française (1694)*. Conférence présentée à l'Université Laval et à l'Université de Montréal en février 1998.  
(on-line: <http://chass.utoronto.ca/~wulfric/academie/acad1694/quebec298.htm>).
- 1999, *Variantes graphiques et norme orthographique dans la première édition du Dictionnaire de l'Académie française (1694)*. Communication présentée à l'Université de Cergy-Pontoise dans le cadre de la journée des dictionnaires du 17 mars 1999.  
(on-line: <http://chass.utoronto.ca/~wulfric/academie/acad1694/cergy.htm>).
- LEROY-TURCAN, Isabelle, 1998, «Les grammariens du XVIII<sup>e</sup> siècle et la première édition du Dictionnaire de l'Académie Française», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 89-109.
- MARGOLIN, Jean-Claude, 1981, «L'éducation au temps de la Contre-Réforme», in Gaston MIALARET e Jean VIAL (eds.), *Histoire mondiale de l'éducation*. Vol. 2. Paris, P.U.F., pp. 213-232.
- MARQUILHAS, Rita, 1987, «O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas», in Ivo CASTRO *et alii* (orgs.), *A Demanda da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, João Sá da Costa, pp. 103-116.
- 1991, *Norma gráfica setecentista. Do autógrafo ao impresso*. Lisboa, INIC.
- 2000, *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa, IN-CM.

- 2001, «Em torno do *Vocabulario* de Bluteau. O reformismo e o prestígio da norma no século XVIII», in Maria Helena M. MATEUS (coord.), *Caminhos do Português*. Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 105-118.
- MARTINS, José de Pina, 1993, «As fontes literárias do Dicionário da língua Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa (1793)», in ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Dicionário da Língua Portuguesa*. Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências, pp. xxv-cxvii.
- MATIAS, Elze Vonk, 1982, «A Academia dos Generosos. Uma Academia ou uma sequência de Academias?», *Revista da Biblioteca Nacional*, 2 (2), pp. 223-241.
- MAZIÈRE, Francine, 1996, «Un événement linguistique, la définition du nom abstrait dans la première édition du dictionnaire de l'Académie», in Nelly FLAUX *et alii*, *Les noms abstraits. Histoire et théories. Actes du colloque de Dunkerque (15-18 septembre 1992)*. Lille, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 161-174.
- MEL'CUK, Igor *et alii*, 1984-1999, *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain*. 4 vols. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal.
- MIRANDA, Pedro Alvarez de, 1998, «La Real Academia Española et l'Académie Française», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 403-415.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva, 1962-1964/67, «No alvorecer do “Iluminismo” em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira», *Revista de História Literária de Portugal*, vols. I-II.
- MOREIRA, Alzira Teixeira Leite, 1983, «O regimento secretíssimo da Real Fábrica das Sedas — 1757. Subsídios para a história da sericultura em Portugal», *Revista da Biblioteca Nacional*, 3 (1-2), pp. 75-104.
- MURAKAWA, Clotilde Almeida, 1984, *O primeiro Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva — Estudo crítico da edição de 1813*. Araraquara, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (edição policopiada).
- 2003, «Garcia D'Horta: fonte de referência para Bluteau», in Amália MENDES e Tiago FREIRA (orgs.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 591-599.
- OTMAN, M. Gabriel, 1995, «La terminologie et la qualité de la connaissance», Jean-Michel ELOY, *La qualité de la langue: le cas du français*. Paris, Honoré Champion Éditeur, pp. 305-325.

- PARODI, Severina, 1995, «Une académie consacrée à la langue : La Crusca», in I. LEROY-TURCAN e T. R. WOOLDRIDGE, *Gilles Ménage (1613-1692), grammairien et lexicographe: Le rayonnement de son oeuvre linguistique*. Lyon, Siehlda.  
(on-line: <http://www.chass.utoronto.ca/~wulftric/siehllda/actesmen/parodi.htm>).
- 1998, «La Crusca au tournant de la crise de la langue italienne», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 393-401.
- PASQUES, Liselotte, 1988, «Théories de l'écrit dans l'orthographe de l'Académie», in Nina CATACH (ed.), *Pour une théorie de la langue écrite*. Paris, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 35-45.
- PAZ, Ramon Mariño, 2002, «18<sup>th</sup> century linguistic mentality and the history of the Galician language», *Estudios de Sociolingüística*, 3 (2) 2002, pp. 1-41.
- PERCIVAL, W. Keith, 1992, «La connaissance des langues du monde», in Sylvain AUROUX, *Histoire des idées linguistiques*. Vol. II. Liège, Mardaga, pp. 226-238.
- PINCHON, Jacqueline, 1998, «Note sur la terminologie verbale dans le Dictionnaire de l'Académie de 1694. Description et utilisation», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 197-201.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves, 1988, «Reflexões acerca da poética barroca», *Claro-Escuro – Revista de Estudos Barrocos*, 1, pp. 39-46.
- 1991, *Verdadeiro método de estudar. Cartas sobre a retórica e poética*. Lisboa, Presença.
- QUEMADA, Bernard, 1968, *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863: étude sur leur histoire, leurs types et leur méthodes*. Paris, Didier.
- 1972, «Du glossaire au dictionnaire: deux aspects de l'élaboration des énoncés lexicographiques dans les grands répertoires du XVII<sup>e</sup> siècle», *Cahiers de lexicologie*, 20, 1, pp. 97-128.
- 1998, «La lexicographie du français au XVII<sup>e</sup> siècle», in B. QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 41-68.
- REY, Alain, 1978, «Antoine Furetière imagier de la culture classique», in Antoine FURETIÈRE, *Dictionnaire universel*. Vol. 1. Paris, Le Robert, pp. 5-75.

- 
- 1990, «Les marques d'usage et leur mise en place dans les dictionnaires du XVIIIe siècle: le cas Furetière», in Michel GLATIGNY, (coord.), *Les marques d'usage dans les dictionnaires (XVIIe-XVIIIe siècles)*. Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 17-29.
  - 1995, «Le statut du discours littéraire en lexicographie», in Pierre CORBIN e Jean-Pierre GUILLERM, *Dictionnaires et Littérature. Actes du Colloque International Dictionnaires et littérature - Littérature et dictionnaires (1830-1990)*, 26-28 septembre 1991. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 17-32.
- RIBEIRO, Guilherme Martins Canelha, 1999, *Uma leitura dos Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares-Comuns, de António Delicado e edição crítica*. Aveiro, Universidade de Aveiro (edição policopiada).
- RIBEIRO, Henrique Jales, 1989, «Lulismo», in *Logos — Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa — São Paulo, Editorial Verbo, pp. 523-527.
- PINILLA, José Antonio Sabio e Catalina JIMÉNEZ, 1997, «O Dicionário Castellano-Portuguez do Padre Rafael Bluteau: um Dicionário Moderno?», in Ivo CASTRO (org.), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística Braga-Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996. Homenagem a José de Azevedo Ferreira*. Vol. 2. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 537-547.
- SAGER, Juan C. (ed.), 2000, *Essays on Definition*, Amsterdam – Philadelphia, John Benjamins.
- SAINT-GÉRARD, Jacques-Philippe, 1998, «Le statut des Exemples dans le Dictionnaire de l'Académie et ses entours: transition du XVIIIe au XIXe siècle», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 271-294.
- SANCIER-CHATEAU, Anne, 1993, *Introduction à la langue do XVIIe siècle*. Paris, Éditions Nathan.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte, 2001, *A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Braga, Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos.
- SARAIVA, António José e Óscar LOPES, 1995, *História da liteartura portuguesa*. Porto, Porto Editora.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, [1980], *História de Portugal*. Vol. V. S.l., Verbo.

- SHAW, Jean, 1997, *Contributions To A Study Of The Printed Dictionary In France Before 1539*. Toronto, Edicta.  
(on-line: <http://www.unilim.fr/~caron/DictA/shaw/>).
- SILVA, João Henriques Fidalgo Lopes da, 1999, *Dos principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial correspondente de Bento Pereira: leitura crítica e edição*. Aveiro, Universidade de Aveiro (policopiado)
- SILVESTRE, João Paulo, 2001, «Argumentação no prólogo do *Vocabulario Portuguez, e Latino*: a defesa da obra e da língua portuguesa», in Luís Machado de ABREU e António Ribeiro MIRANDA, *O Discurso em Análise – Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 87-101.
- 2003, «Palavras tabu e eufemismos nos dicionários de Bento Pereira e Rafael Bluteau», in António Manuel FERREIRA (coord.), *Percursos de Eros. Representações do erotismo*. Aveiro, Associação Labor de Estudos Portugueses - Universidade de Aveiro, pp. 223-229.
- SWIGGERS, Pierre, 1998, «Mézeray et son apport à l’orthographe française», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l’Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 203-212.
- TAPIÉ, Victor, 1988 (1957), *Barroco e Classicismo*. 2 vols. Lisboa, Presença (edição original: *Baroque et classicisme*. Paris, Plon, 1957).
- TEYSSIER, Paul, 1980, «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise», *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, 41, pp. 7-32.
- 1985, «Une source pour l’histoire du vocabulaire portugais: Les dictionnaires de Jerónimo Cardoso (1562, 1562-1563, 1569-1570)», in *XVI Congrès Internacional de Lingüística i Filologia Romàniques. Actes. II*. Palma de Mallorca, Editorial Moll, pp. 245-256.
- 1989, «La méthode statistique dans l’étude des premiers dictionnaires de la langue portugaise», in Dieter KREMER (ed.), *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Université de Trèves (Trier) 1986. Tome IV. Section VI. Lexicologie et lexicographie. Section VII. Onomastique*. Tübingen, Max Niemeyer, pp. 360-370.
- 1997 (1980), *História da Língua Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora (edição original: *Histoire de la Langue Portugaise*, Paris, Presses Universitaires de France, 1980).

- VERDELHO, Evelina, 1981, «Lexicografia sinonímica portuguesa: O *Vocabulário de Synonimos e Phrases*, de Rafael Bluteau, e o *Ensaio sobre alguns sinonimos*, do Cardeal Saraiva», *Biblos*, 57, pp. 171-221.
- 1983, «Sobre o Dicionario Poetico de Cândido Lusitano», *Boletim de Filologia*, 28, pp. 269-303.
- 1991, «Dicionários de rimas da língua portuguesa», in *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia. Actas*. Lisboa, INIC, Universidade Nova de Lisboa, pp. 257-276.
- VERDELHO, Telmo, 1982, «Historiografia linguística e reforma do ensino. A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal», Separata de *Brigantia, Revista de Cultura*, vol. II, 4, pp. 347-560.
- 1987, «Latinização na historia da lingua portuguesa - o testemunho dos dicionarios», *Arquivos do Centro Cultural Portugues*, tom. XXIII. Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 157-187.
- 1991, «Os dicionários bilingues até ao fim do século XVIII, fonte privilegiada da lexicografia portuguesa», in *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia. Actas*. Lisboa, INIC, Universidade Nova de Lisboa, pp. 248-256.
- 1992, «Aspectos da diacronia lexical do português. A inovação entre o Dicionário de Morais Silva e o Vocabulário do Português Fundamental», in Ramón LORENZO (ed.), *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas. Universidade de Santiago de Compostela. II. Lexicoloxía e Metalexigrafía*. Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 133-148.
- 1993, «Aspectos da obra lexicográfica de Bento Pereira», in Gerold HILTY (ed.), *Actes du XXe Congrès international de linguistique et philologie romanes. Université de Zurich (6-11 avril 1992)*, IV. Tübingen – Basel, A. Francke Verlag, pp. 777-785.
- 1994, «Portuguiesisch: Lexicographie. Lexicografia», in, Günter HOLTUS, Michael METZELTIN, Christian SCHMITT (eds.), *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL)*. 6, 2. Max Niemeyer, Tübingen, pp. 673-692.
- 1995, *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- 1997, *As linguagens científicas e técnicas em português: perspectiva diacrónica*. Aveiro, Universidade de Aveiro (edição policopiada).
- 1998, «Terminologias na língua portuguesa. Perspectiva diacrónica», in *Actes del col·loqui La història dels llenguatges iberoromànics d'especialitat (segles XVII-XIX)*. Barcelona, Institut universitari de lingüística aplicada, pp. 89-131.

- 
- 2000a, «O calepino em Portugal e a obra lexicográfica de Amaro Reboredo», *Revista Portuguesa de Filologia*, 23, pp. 125-149.
  - 2000b, «Uma polémica sobre “la lengua lusitana, ò gallega”, no século XVIII», in J. L. RODRÍGUEZ (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia – Universidade de Santiago de Compostela. Vol. 2, pp. 759-806.
  - 2001, «Um remoto convívio interlinguístico: tradição teórica e herança metalinguística latino-portuguesas», in Maria Helena M. MATEUS (coord.), *Caminhos do Português*. Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 75-94.
  - 2002, «O Dicionário de Morais Silva e o início da Lexicografia Moderna», in *Actas do encontro História da Língua e História da Gramática*. Braga, Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos, pp. 473-490.
- VERGER, Jacques, 1981, «Les universités à l'époque moderne», in Gaston MIALARET e Jean VIAL (eds.), *Histoire mondiale de l'éducation*. Vol. 2. Paris, P.U.F., pp. 247-271.
- VIGUERIE, Jean de, 1981, «Les collèges en France», in Gaston MIALARET e Jean VIAL (eds.), *Histoire mondiale de l'éducation*, vol. 2. Paris, P.U.F., pp. 301-316.
- VILELA, Mário, 1994, *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra, Livraria Almedina.
- 1995, *Léxico e Gramática*. Coimbra, Almedina.
- WOOLDRIDGE, Terence Russon e Isabelle LEROY-TURCAN, 1999, «L'informatisation du *Dictionnaire de l'Académie française* (1694-1935): premières analyses critiques de la première édition (1694)», *Cahiers de lexicologie*, 75, pp. 153-72.  
(on-line: <http://www.chass.utoronto.ca/~wulfric/articles/infodaf/>).
- WOOLDRIDGE, Terence Russon, 1997 (1977), *Les débuts de la lexicographie française. Estienne, Nicot et le Thresor de la langue francoyse (1606)*. Toronto, University of Toronto Press (on-line: <http://www.chass.utoronto.ca/~wulfric/edicta/wooldridge/>; 1<sup>a</sup> edição: Toronto, University of Toronto Press, 1977).
- 1998, «Projet d'informatisation du *Dictionnaire de l'Académie* (1694-1935)», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 309-320.
  - 1999, *Les consonnes aspirées dans la première édition du Dictionnaire de l'Académie française (1694)*.  
(on-line: <http://chass.utoronto.ca/~wulfric/academie/acad1694/catach99.htm>).

XAVIER, Maria Francisca e Maria Helena M. MATEUS, 1992, *Dicionário de termos linguísticos*. Vol. 2. Lisboa, Cosmos.

## ÍNDICE REMISSIVO ONOMÁSTICO

### A

Afonso VI, 19, 29  
 Aldrete, Bernardo, 58  
 Aler, Paul, 329  
 Alexandria, Fílon de, 56  
 Almada, Francisco de Sousa de, 368  
 Almeida, Carlos Marques de, 21, 41  
 Almeida, Justino Mendes de, 240, 346, 347, 391, 392  
 Ambrosio, Francisco, 44  
 Anchieta, José, 386  
 Andrade, António Alberto de, 23, 36, 420  
 Andrade, António Galvão de, 259, 308  
 Andrade, Diogo Paiva de, 414  
 Andrade, Jacinto Freire de, 25  
 Anselmo, Artur, 33  
 Araújo, José de, 420  
 Ardizzoni, António, 25  
 Argote, Jerónimo Contador de, 25, 26, 32, 33, 77, 81, 175, 220, 309  
 Aristóteles, 187  
 Arrais, Amador, 315  
 Arronches, Marquês de, 21  
 Arroyta, Baltasar Navarro de, 55  
 Asseca, Visconde de, 32  
 Ataíde, Luís Álvares de Sousa e, 45  
 Ataíde, Nuno da Cunha e, 47  
 Auroux, Sylvain, 53  
 Avelar, André de, 275  
 Azevedo, António de, 32  
 Azevedo, Luís Marinho de, 308, 315  
 Azevedo, Manuel de, 308

### B

Backer, George de, 387  
 Balbo, João, 122  
 Banha, Manuel, 386

Barbosa, Agostinho, 79, 95, 116, 117, 130, 131, 135, 137, 138, 143, 240, 263, 313, 391, 449, 450  
 Barbosa, Caetano, 25  
 Barbosa, José, 24, 25, 31, 32, 33  
 Barreto, João Franco, 72, 73, 74, 79, 80, 82, 129, 211, 228, 229, 231, 232, 236, 239, 247, 253, 311, 386  
 Barros, João de, 25, 62, 64, 65, 160, 171, 228, 229, 312, 316, 342, 421, 430  
 Barros, Pantaleão de, 225  
 Bathe, William, 346  
 Bayle, Pierre, 86, 100, 101, 102, 188, 222, 324, 325  
 Bebiano, Rui, 64  
 Beeckmann, Tomás, 25  
 Bem, Tomás Caetano de, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 31, 43, 44, 47, 48, 129, 230, 390  
 Biedermann-Pasques, Liselotte, 75, 227  
 Bierbach, Mechtild, 101  
 Boécio, 187  
 Boileau, Nicolas, 29, 34, 429  
 Boldoni, Ottavio, 259  
 Bottineau, Yves, 64  
 Bouhours, Dominique, 69, 303, 429  
 Boyer, Paul, 109, 396  
 Brandão, António, 309  
 Brandão, Francisco, 309  
 Bray, Laurent, 101, 123, 162, 164, 223, 303  
 Brito, Bernardo de, 301, 306, 308, 309  
 Broissinière, Juigné, 102  
 Bruegel, Pieter, 43  
 Budé, Gillaume, 265  
 Buescu, Maria Leonor Carvalhão, 59, 65  
 Bungus, Petrus, 49  
 Buridant, Claude, 185, 345

### C

Caeiro, Francisco Gama, 49

- Caetano, José, 389  
 Cahné, Pierre, 37  
 Calepino, 76, 95, 97, 106, 107, 109, 121, 141, 174, 189, 256, 257, 263, 264, 323, 365, 386  
 Calmet, Augustin, 388  
 Cameron, Helena Freire, 5  
 Camões, Luís de, 307, 308, 311, 312, 313, 432, 435  
 Cardoso, Jerónimo, 5, 79, 95, 116, 122, 130, 131, 135, 137, 143, 199, 240, 253, 263, 265, 335, 336, 367, 390, 391, 403, 449, 450  
 Cardoso, Jorge, 317, 432  
 Carreter, Fernando Lázaro, 54, 58, 60  
 Carvalho, Inácio de, 32  
 Carvalho, José Monteiro de, 390, 404  
 Carvalho, Rómulo de, 276  
 Casas, Cristobal de las, 387  
 Cassini, Giovanni Domenico, 35  
 Castanheda, Fernão Lopes de, 414  
 Casteleiro, João Malaca, 425  
 Castilho, Júlio de, 23  
 Castro, Ivo de, 249  
 Castro, Aníbal Pinto de, 45, 46, 48, 309, 429  
 Castro, Gabriel Pereira de, 308  
 Catach, Nina, 122, 132, 133, 437, 439  
 Caussin, Nicolas, 352  
 Cavaleiro, Manuel Tavares, 312  
 Chagas, António das, 214, 308  
 Chastelain, Claude, 342  
 Chevalier, Jean-Claude, 205, 335  
 Chiffletio, Laurentio, 107  
 Cícero, 17, 69, 105, 108, 245  
 Cidade, Hernâni, 28, 29, 33  
 Clusius / Charles L'Ecluse, 298  
 Colin, Anthoine, 298  
 Collinot, André, 8, 10, 90, 99, 100, 189, 191, 219  
 Coménio, 346  
 Copérnico, 277  
 Corneille, Thomás, 86, 113, 127, 156, 159, 243, 276, 278, 286, 291, 324  
 Cosme III, 380  
 Costa, António Rodrigues da, 32  
 Costa, Leonel da, 308, 317  
 Couto, Diogo do, 171, 308, 312, 313  
 Covarrubias, Sebastián, 56, 67, 68, 69, 98, 303, 362, 377, 410, 426  
 Cruz, António da, 308  
 Cunha, António Álvares da, 32  
 Cunha, Cardeal da, 33, 48  
 Cunha, Luís da, 32  
 Cunha, Pedro da, 32  
 Cunha, Troilo de Vasconcelos da, 368, 378
- D**
- Danet, Pierre, 85, 207, 217, 260, 263, 264, 265, 340, 396  
 Dapper, Olfert, 359  
 Delesalle, Simone, 187  
 Delicado, António, 336, 337, 338  
 Descartes, 36, 277, 290  
 Deus, Jacinto de, 386, 432  
 Dias, Sebastião da Silva, 28, 36, 269  
 Domingos, Manuela, 24  
 Dória, António Álvaro, 19  
 Douza, Janus, 334  
 Droixhe, Daniel, 60  
 Dürer, Albrecht, 43  
 Duret, Claude, 59
- E**
- Eco, Umberto, 57, 59  
 Erasmo, 43, 335, 336, 338  
 Escalígero, Justo, 60  
 Esopo, 17  
 Espínola, Fradique, 269, 270, 399  
 Estienne, Charles, 102, 403  
 Estienne, Robert, 10, 121, 122, 185, 263, 264  
 Estrées, Jean d', 28  
 Expectação, António da, 48
- F**
- Faria, António Machado de, 438  
 Faria, Joaquim Leocádio de, 16  
 Faria, Manuel de, 308  
 Faria, Manuel Severim de, 65, 66, 68, 335, 343, 414  
 Feijó, Madureira, 75, 78, 79, 129, 225, 251, 252, 313, 383, 390, 405, 406, 407, 408, 410  
 Feijoo, Benito, 64  
 Félix, Luís do Couto, 32, 433  
 Fernandes, Manuel, 82, 308  
 Ferreira, António, 307  
 Ferreira, Diogo Fernandes, 308  
 Ferreira, Francisco Leitão, 32, 33, 353  
 Ferreira, João Palma, 32  
 Ferreira, Maria Emília Cordeiro, 309  
 Figueiredo, António Pereira de, 392  
 Folqman, Carlos, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 413, 418, 448  
 Fonseca, Gaspar Leitão da, 368, 369, 378  
 Fonseca, Pedro José da, 425, 428  
 Fortes, Manuel de Azevedo, 32, 33  
 Franco, António, 347  
 Frayer, Ernesto, 69  
 Freire, Francisco de Brito, 359  
 Freire, Francisco José, 82, 420, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435  
 Freire, Jacinto, 429  
 Furetière, Antoine, 60, 61, 63, 69, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 112, 113, 115, 127, 132, 138, 143, 144, 156, 157, 158, 159, 163, 175, 186, 187, 188, 189, 207, 208, 209, 212, 215, 216, 217, 222, 243, 244, 245, 256, 257, 269, 270, 271, 272, 276, 278, 280,

283, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 296,  
299, 303, 313, 318, 320, 324, 339, 356, 389,  
416, 450

**G**

Galileu, 30, 380  
Gandavo, Pêro de Magalhães de, 64, 65, 228  
Gemmingen, Barbara von, 291  
Gesner, Conrad, 59, 62  
Giard, Luce, 63, 67  
Girard, Gabriel, 353  
Girardin, Chantal, 96, 208, 262, 316  
Gonçalves, Maria Filomena, 12, 74, 79, 228, 238,  
247, 253, 406  
Granada, Luís de, 45

**H**

Hanson, Carl, 19  
Hartmann, Reinhard, 87, 92, 116, 121, 142, 144,  
162, 164, 169, 170, 171, 177, 178, 179, 180,  
182, 184, 190, 216, 268, 335, 346, 358  
Hausmann, Franz Josef, 98  
Henriques, Henrique, 386  
Hofmann, Johan Jakob, 97, 111, 112, 113, 293,  
325, 340, 342  
Houaiss, António, 116, 120  
Hüllen, Werner, 121

**I**

Inocêncio XIII, 380

**J**

Jackson, Howard, 346  
James, Gregory, 87, 92, 116, 121, 142, 144, 162,  
164, 169, 170, 171, 177, 178, 179, 180, 182,  
184, 190, 216, 268, 335, 346, 358  
Jesus, Rafael de, 309  
Jiménez, Catalina, 364  
João V, 11, 22, 25, 27, 31, 33, 48, 55, 64, 71, 117,  
275, 306, 312, 320, 330, 370, 372, 378, 389  
José Caetano, 389  
José I, 389  
Júnior, António Salgado, 420  
Junius, Hadrianus, 116, 339  
Jussieu, Bernard, 30

**K**

Kemmler, Rolf, 73, 74, 228  
Kepler, 30, 275, 276  
Kircher, Atanasius, 56, 57, 59, 403  
Kouloughli, Djamel-Eddine, 54, 55

**L**

Landau, Sidney, 138  
Landim, Francisco Barreto, 312  
Lartigaut, Antoine, 222, 223  
Leal, Manuel, 312

Leão, Duarte Nunes de, 64, 65, 72, 82, 130, 177,  
228, 229, 236, 237, 238, 239, 240, 386, 414,  
421, 430

Lehmann, Alise, 163, 303, 304, 318  
Leite, Ana Valente, 69  
Leroy-Turcan, Isabelle, 223, 227  
Lesclache, Louis de, 222, 223  
Lima, Luís Caetano de, 25, 26, 33, 128, 353, 354,  
355, 447  
Lisboa, Cristóvão de, 48  
Lloyd, Nicolas, 102  
Lobo, Álvaro, 308  
Lobo, Francisco Rodrigues, 68  
Lobo, João Madureira, 16  
Lobo, Rodrigues, 307, 308, 310, 317  
Locke, John, 57, 187  
Longius, Josephus, 49  
Lopes, Fernão, 160  
Lopes, Francisco, 307  
Lopes, Óscar, 309  
Lucena, João de, 25, 308  
Luís XIV, 19, 21, 43, 45, 64, 372, 378  
Lúlio, Raimundo, 19, 49  
Lusitano, Cândido, 352, 429  
Lutero, 18, 402  
Luz, Tomás da, 347

**M**

Macedo, António de Sousa de, 19, 317  
Macedo, Diogo Rangel de, 16  
Macedo, Duarte Ribeiro de, 20, 308  
Macedo, José de, 68, 76  
Machado, Diogo Barbosa, 25  
Machado, José Pedro, 177  
Magalhães, Manuel Tinoco de, 359  
Margolin, Jean-Claude, 17, 18  
Marot, Clément, 131  
Marques, José, 390, 391, 396, 397, 398, 413, 418  
Marquilhas, Rita, 12, 82, 83, 124, 230, 232, 233,  
248  
Martins, José de Pina, 428  
Mascarenhas, André da Silva, 312, 320  
Mascarenhas, José Freire de Monterroio, 16, 43  
Mateus, Maria Helena Mira, 164  
Mazière, Francine, 8, 10, 99, 100, 188, 189, 191,  
219  
Megiser, Hieronimus, 59  
Mel'cuk, Igor, 142, 144  
Melo, Francisco de Pina e, 420  
Melo, Francisco Manuel de, 32, 308, 312, 320  
Melo, Júlio de, 32  
Ménage, Gilles, 69, 185, 343  
Meneses, Carlos de, 28, 30, 390  
Meneses, Fernando de, 28  
Meneses, Francisco de Sá de, 308, 317  
Meneses, Francisco Xavier de, 16, 17, 19, 20, 28,  
29, 30, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 41, 71, 129, 226,

285, 307, 330, 334, 368, 369, 370, 378, 389, 390, 421  
 Meneses, Joana de, 21, 28, 29  
 Meneses, Luís de, 19, 20, 28, 39, 308, 370  
 Miranda, Pedro Alvarez de, 227  
 Miranda, Sá de, 307, 431  
 Monet, Philibert, 357  
 Monteiro, Ofélia Paiva, 28, 29, 30, 33, 39  
 Montméran, Antoine de, 351  
 Morais, Silvestre Gomes de, 306, 312  
 Moreri, Louis, 30, 64, 85, 86, 87, 97, 100, 102, 103, 104, 112, 154, 155, 156, 240, 279, 281, 282, 285, 286, 291, 292, 293, 296, 300, 324, 325, 327, 328, 341, 342, 370, 398, 450  
 Mornay-Montchevreuil, Abade de, 28  
 Müller, Andreas, 59  
 Murakawa, Clotilde, 12, 307, 414  
 Muratori, Ludovico, 429

## N

Nebrija, Antonio, 121  
 Neufville, Jacques Le Quien de la, 369, 380  
 Neufville, Lequien de la, 28  
 Newton, 30  
 Nicot, Jean, 122, 138, 164, 185, 207, 264, 265, 315  
 Nizzoli, Mario, 324  
 Nunes, Filipe, 333

## O

Oliveira, Fernão de, 228, 229  
 Oliveira, Manuel Lopes de, 307  
 Orta, Garcia de, 298, 307  
 Otman, Gabriel, 63  
 Ovídio, 17

## P

Pacheco, Caetano de Gouveia, 25  
 Pacheco, Francisco Pinto, 260  
 Pacheco, João, 270, 390, 399, 401, 402, 403  
 Paiva, Heliodoro de, 386  
 Palma, Manuel Gomes da, 32  
 Parodi, Severina, 302  
 Pascal, Blaise, 187  
 Pasques, Liselotte, 75, 221, 223, 227  
 Patru, Olivier, 303  
 Paz, Ramon Mariño, 68  
 Pedro II, 19, 21, 22, 28, 29  
 Pegas, Manuel Álvares, 307  
 Percival, Keith, 59  
 Pereira, Bento, 5, 72, 76, 78, 79, 82, 107, 116, 117, 130, 131, 135, 141, 143, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 185, 199, 224, 229, 231, 232, 236, 239, 241, 243, 245, 246, 247, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 263, 265, 277, 312, 313, 336, 337, 364, 391, 403, 406, 428, 430, 449, 450

Pereira, Luís, 414  
 Peroto, Nicolau, 388  
 Pestana, José do Couto, 32  
 Pimentel, Luís Serrão, 306, 308  
 Pimentel, Manuel, 32  
 Pinilla, José Antonio Sabio, 364  
 Pinto, Fernão Mendes, 414  
 Pires, Maria Lucília Gonçalves, 34, 49, 420  
 Piso, Willem, 359  
 Platão, 187  
 Poiares, Pedro de, 240  
 Pomey, François, 85, 86, 90, 97, 104, 105, 106, 208, 210, 217, 260, 262, 263, 315, 316, 340, 341, 361  
 Portalegre, António de, 307  
 Porte, Maurice de la, 351, 356  
 Portocarrero, António, 27, 226  
 Proença, Martinho de Mendonça de Pina e, 69  
 Ptolomeu, 277

## Q

Queirós, Fernão de, 308, 317  
 Quemada, Bernard, 10, 85, 86, 89, 94, 100, 101, 109, 116, 120, 121, 122, 138, 142, 163, 186, 187, 189, 191, 192, 195, 196, 197, 198, 201, 203, 212, 298, 299, 318, 351, 353  
 Quintiliano, 17, 73, 74, 338

## R

Rabelais, François, 43  
 Ramus, Petrus, 131  
 Reboredo, Amaro de, 79, 228, 346  
 Rego, António Pereira, 260  
 Rego, Francisco Xavier do, 25  
 Rengifo, Juan Diaz, 332  
 Resende, Garcia de, 427  
 Rey, Alain, 99, 100, 162, 187, 271, 273, 280, 283  
 Ribeiro, Bernardim, 307, 427  
 Ribeiro, Guilherme Martins, 336  
 Ribeiro, Henrique Jales, 19  
 Richelet, Pierre, 85, 94, 122, 138, 162, 163, 164, 207, 216, 217, 222, 223, 256, 303, 304, 313, 315, 318, 324, 339, 377, 396  
 Richelieu, 36  
 Rivara, Heliodoro da Cunha, 429  
 Rochefort, César de, 85, 97, 109, 111, 293, 294, 321, 322, 357, 358, 378  
 Roma, Francisco Morato, 306, 308, 315  
 Roque, Gilles-André de la, 343  
 Rubens, Peter, 43

## S

Sabóia, Maria Francisca de, 19, 20, 44, 64  
 Sager, Juan, 187  
 Sampaio, António, 359  
 Sancier-Chateau, Anne, 63  
 Sanromán, Álvaro Iriarte, 142, 143, 144

Sanromán, Álvaro Iriarte, 142  
 Santa Catarina, Lucas de, 378  
 Santa Catarina, Simão de, 312, 320  
 Santos, Manuel dos, 160, 230, 309  
 São Miguel, Gaspar de, 386  
 São Tomás, Leão de, 308  
 Saraiva, António José, 309  
 Saraiva, José da Cunha, 438  
 Schomberg, General, 28  
 Semedo, João Curvo, 160, 296, 297, 306, 308, 312, 370  
 Serrão, Joaquim Veríssimo, 20, 21  
 Sevilha, Isidoro de, 56, 187  
 Shaw, Jean, 122  
 Silva, André Nunes da, 25  
 Silva, António Morais, 5, 7, 12, 120, 142, 216, 389, 390, 391, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 425, 428, 430, 448, 451, 452, 453  
 Silva, João Henriques Fidalgo, 336  
 Silva, João Pereira da, 307, 368  
 Silva, José Soares da, 32, 368  
 Silva, Rodrigo Mendes, 343  
 Silvestre, João Paulo, 183, 381, 386  
 Soares, Diogo, 44  
 Soares, Ernesto, 438  
 Sousa, Francisco de, 32  
 Sousa, Inácio de Carvalho e, 330  
 Sousa, Manuel Caetano de, 20, 25, 27, 32, 33  
 Sousa, Manuel de Faria e, 160, 312, 343, 394  
 Stockhammer, Sebastião, 240  
 Swiggers, Pierre, 223

**T**

Tachard, 85, 396  
 Tapié, Victor, 19  
 Tavernier, Jean Baptiste, 299, 300  
 Teixeira, António, 275, 308  
 Teles, Manuel, 32  
 Teles, Manuel (Marquês de Alegrete), 32  
 Tesouro, Emanuel, 49  
 Textor, Ravísio, 49, 351

Teyssier, Paul, 131, 137, 249, 336, 390  
 Thevet, André, 59  
 Tomás, Manuel, 307, 308, 317

**U**

Ussher, James, 56

**V**

Valença, Nunes de, 351  
 Varela, Sebastião Pacheco, 308  
 Varrão, 74  
 Vasconcelos, Luís Mendes de, 308  
 Vasconcelos, Simão de, 59, 171, 308  
 Vaseu, João, 336  
 Vaugelas, Claude, 63, 66, 69, 123, 221, 223, 227  
 Veiga, Manuel da, 386  
 Vera, Álvaro Ferreira de, 65, 72, 73, 82, 228, 229  
 Verdelho, Evelina, 12, 352, 353, 355, 356, 358  
 Verdelho, Telmo, 5, 12, 69, 75, 107, 121, 122, 148, 240, 263, 264, 265, 335, 336, 346, 351, 392, 395, 411, 425, 426  
 Verger, Jacques, 19  
 Verney, Luís António, 23, 34, 114, 215, 383, 420, 421, 422, 423, 424, 430  
 Vicente, Gil, 307, 427  
 Vieira, António, 25, 40, 45, 46, 60, 308, 309, 310, 312, 313, 315, 424, 429, 430  
 Viguerie, Jean de, 17, 18  
 Vilela, Mário, 201  
 Villamaior, Conde de, 32  
 Virgílio, 17  
 Vóssio, 220

**W**

Wechel, Andreas, 131  
 Wilkins, John, 346  
 Wooldridge, Terence, 123, 164, 223, 438, 440, 441, 442

**X**

Xavier, Maria Francisca, 164







**Universidade  
de Aveiro  
2004**

Departamento de  
Línguas e Culturas

**João Paulo  
Martins Silvestre**

**Rafael Bluteau e  
o *Vocabulario Portuguez, e Latino*:**

**Teoria metalexiconográfica, fontes e recepção**

# **ANEXOS**



---

## ÍNDICE

<b>I. Rafael Bluteau (1638-1734): breve cronologia .....</b>	<b>1</b>
<b>II. Dedicatórias e prólogos (tomo I e <i>Suplemento</i>) .....</b>	<b>5</b>
i) «Ao muyto alto [...] Dom Joaõ o Quinto» (tomo I, 1712) .....	5
ii) «Prologo do autor a todo o genero de leitores» (tomo I, 1712) .....	9
iii) «Ao muito alto [...] D. Joaõ Quinto» ( <i>Suplemento</i> , 1727) .....	35
iv) «Prologo segundo» ( <i>Suplemento</i> , 1727) .....	38
<b>III. «Catalogo [...] dos Autores Portugueses» (tomo I, 1712) .....</b>	<b>57</b>
<b>IV. Fontes da nomenclatura do <i>Vocabulario</i> (letra D) .....</b>	<b>93</b>
<b>V. Comparação da nomenclatura de BLUTEAU, FOLQMAN, MARQUES e MORAIS .....</b>	<b>133</b>



## ANEXO I

### Rafael Bluteau (1638-1734): breve cronologia

- 1638** Rafael Bluteau nasce em Londres, a 4 de Dezembro. A família era francesa, de apelido Chevalier, e encontrava-se refugiada em Inglaterra, devido a um delito cometido pelo pai. Os biógrafos explicam o facto de se ter atribuído um sobrenome inglês à criança como um reconhecimento pelo asilo concedido por Milord Blutaw.
- 1644** O rei Carlos I declara guerra à França e o clima de convulsão política impõe o regresso a Paris da Rainha Henriqueta Maria; Bluteau e a família embarcam no mesmo navio.
- 1644-1660** Frequenta, sucessivamente, os colégios jesuítas de La Flèche, Reims e Clermont. Em Paris, ingressa na ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providência.
- 1660** Enviado a Florença para o noviciado na Casa de S. Miguel. A família sugere-lhe que aceite a oferta de um cargo na corte de Carlos II de Inglaterra, mas Bluteau opta pela vida religiosa.
- 1661** Professa em 23 de Agosto, com 23 anos de idade. Em Verona, prossegue os estudos de filosofia.
- 1664-1667** Prega na Capela Real, em França. Ordenação sacerdotal em Paris (1665).
- 1668** Enviado pelos superiores para Portugal, onde chega a 26 de Junho.

- 1669 Profere os primeiros sermões em português.
- 1676 Publicação do primeiro tomo das *Primicias Evangelicas*.
- 1679 Publicação da *Instrucçam sobre a cultura das amoreiras*.
- 1680 Acompanha Duarte Ribeiro de Macedo na negociação do casamento da princesa D. Isabel com o Duque de Sabóia. Macedo morre durante a viagem e Bluteau continua a viagem para Turim, onde inicia os acordos matrimoniais.  
Segue para Paris, incumbido de angariar artífices experientes para o fomento da indústria portuguesa. Exerce o cargo de prepósito da Casa de Santa Ana.
- 1681 Regressa a Portugal, em Novembro. Ocupa o cargo de Procurador Geral dos teatinos.
- 1685 Publicação do segundo tomo das *Primicias Evangelicas*.
- 168? A pedido do conde da Ericeira, parte numa expedição a Trás-os-Montes, para examinar minas de prata e avaliar a viabilidade da sua exploração.
- 1691 Manifesta o desejo de se deslocar a Roma, tendo em vista a publicação das suas obras (incluindo o *Vocabulario*, que já se encontrava bastante adiantado).
- 1694 Participação nas Conferências Discretas e Eruditas.
- 1697 Parte para Paris, considerando que a sua presença em Portugal não é desejada. Nomeado Visitador pelo Padre Geral dos teatinos. Publica em França o terceiro tomo das *Primicias Evangelicas*.
- 1704 Regressa a Portugal. É acolhido com alguma suspeição, visto que havia sido declarada guerra à França. Por ordem do rei, é enviado para o Mosteiro de Alcobaça, onde permanece três anos. Prossegue a redacção do *Vocabulario* e do *Oraculum*. Mantém assídua correspondência com amigos em Portugal e no estrangeiro.
- 1712 Início da publicação do *Vocabulario* (tomos I e II).
- 1713 Por intercessão do Cardeal D. Nuno da Cunha, é novamente recebido na corte. D. João V ordena que todas as obras de Bluteau passem a ser impressas por conta da Real Fazenda.  
*Vocabulario* (tomos III e IV).
- 1716 *Vocabulario* (tomo V).

- 
- 1717 Participa nas sessões da Academia dos Generosos.
- 1720 Integra a Academia Real de História, na qualidade de membro de nomeação régia.  
*Vocabulario* (tomos VI e VII).
- 1721 *Vocabulario* (tomo VIII)
- 1727 Publicação do primeiro tomo do *Suplemento ao Vocabulario*
- 1728 Publicação das *Prosas portuguezas* e do segundo tomo do *Suplemento ao Vocabulario*.
- 1732 *Sermoens panegyricos* (tomo I).
- 1733 *Sermoens panegyricos* (tomo II).  
Ultima a publicação do *Oraculum utriusque Testamenti*.
- 1734 Morre a 13 de Fevereiro, com 95 anos.



**ANEXO II**  
**DEDICATÓRIAS E PRÓLOGOS**  
**(Tomo I e *Suplemento*)**

**i) «Ao muyto alto [...] Dom Joaõ o Quinto» (tomo I, 1712)**

AO MUYTO ALTO  
E  
MUYTO PODEROSO REY  
DOM JOAÕ O QUINTO  
XXI. DOS NATURAES REYS DE PORTUGAL;  
SENHOR,

NESTA Obra offereço a V. M. hum extracto de grandes livrarias, & hum trabalho de trinta annos; pequeno tributo para taõ grande Monarcha; mas na extenção de outo Volumes, grande theatro, para operaçoens de Regio entendimento. Escolher vozes, & accommodar palavras, naõ he impropio à Magestade. A primeyra occupaçaõ do primeyro Rey do mundo foy ver, & considerar, que nomes havia de por ás criaturas<sup>1</sup>. Nesta curiosa nomenclatura gastou Adaõ as primeyras horas do seu governo, Legislador de vocabulos, no prelude da vida, compositor do primeyro Diccionario, & neste nobilissimo exercicio, superior a todos os Potentados, seus successores, porque nascendo os Reys na abundancia dos bens da terra, jazem no berço faltos de palavras, & por lei da natureza, obrigados ao Silencio da Infancia. Providencia de Deos chamo eu a esta falta, paraque tivessem os pobres, que offerecer aos Princepes. Estava V. M. nas mantilhas da silenciosa idade, quando nos primeyros tomos deste Vocabulario, ajuntava a minha curiosidade palavras, que na bocca de V. M. se haviaõ de converter em oraculos; & como os homens, que só sabem o idioma, com que foraõ criados, sempre saõ meninos; com a bocca ao peyto da sua lingua materna; para trofeo de eloquencia varonil, offereço a V. M. os retratos das vozes, comque os Portuguezes, saõ ouvidos em partes, a onde naõ chegaraõ os Romanos; mas nestes vocaes retratos há esta differença, a lingua Latina, já morta, he incapaz de augmento; & a Lingoa Portugueza, sempre viva, sempre vay tendo, para bem do Reyno, mayores progressos.

---

<sup>1</sup> Nota marginal: «Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea; omne enim quod vocavit Adam animae viventis, ipsum est nomen ejus. Gen. 2. vers. 19.»

A fecundidade, & elegancia das linguas he huma eloquente demonstraçaõ da prosperidade das Monarchias. Na posteridade de Heber, floreceo com a lingua Hebraica a nobreza de aquella naçaõ, até que no cativeyro de Babylonia, perderaõ os Hebreos com a pureza do seu fallar, a authoridade do seu poder: & desde aquelle tempo, ficara totalmente extincto o idioma Hebraico, se entre os fragmentos das ruinas, não conservára Deos milagrosamente os sagrados volumes da escritura. Testemunhas da mesma verdade são Athenas & Roma; porque em Athenas a lingua Grega, & em Roma a lingua Latina, se corromperaõ na destruiçaõ de hum, & outro Imperio; & ao abatimento das duas potencias, se seguiraõ, como infallivel consequencia, a rudeza, & esterilidade da locucaõ.

A opulencia de hum Reyno não só consiste na abundancia das riquezas, senão tambem na affluencia das palavras; & assi pelo contrario, todo o Reyno, falto de palavras, he pobre. Já o disse Quintiliano, em Roma, no tempo, que da Grecia mendigava o Lacio as dicçoens, que lhe faltavaõ<sup>2</sup>. Sem abundancia de vozes para todas as materias do discurso, emmudecem as artes, & as sciencias, & fica ociosa a capacidade dos que nos Pulpitos, Academias, & congressos dos sabios, querem expor os cabedaes do seu engenho.

Naõ há muytos annos, que padecia Inglaterra huma taõ grande inopia de vocabulos, que nos tribunaes de Londres se defendiaõ as causas em Lingoa Franceza; em França, & Italia os livros modernos ostentaõ nos campos da Eloquencia innumeraveis literarias conquistas; continuamente descobre Castella na facundia de seus Escriitores, minas domesticas de riquissimas expressoens, & envejando a Portugal a graça, & gala de algumas vozes, não se despreza de se ornar com ellas, & de as honrar como peregrinas, & hospedas; tanto assi, que à Palavra, significativa da primeyra, & mais tenra idade, fizerão os Cortezãos em Madrid tão bom acolhimento, que a introduzirão em Palacio, de sorte que as Pessoas Reaes, antes querẽ chamar a hũ seu pagõsinho, *Menino*, ã Miniño; & se as naçoẽs Septentrionaes sentirão tão vivamente, como os Portuguezes a *pena da auzencia, complicada com ansias do dezejo da restituiaõ de hũ bem amado*, não tardariaõ em tomar do thesouro dos affictos Portuguezes a preciosa, & dulcissima palavra, Saudade.

Em todas as linguas são permittidas estas innocentes usurpaçoens, & discretos latrocínios de Palavras; & com muyta razão, porque como os vocabulos são moedas, que na officina da bocca, com ar se cunhão; podem ser roubadas sem escrupulo, por terem todos de casa, no ar, o metal, & na lingua, o artifice, com se formão. Na grande affinidade do Portuguez com o Latim, se ve claramente, que o Lacio há de ser a fonte, & o thesouro mais propinquo, donde Portugal há de tirar as palavras, de que necessita. Por-isso à Naçaõ Portugueza, mais que a qualquer outra, lhe importa saber com perfeiçaõ o idioma Latino. Aos Authores, que o sabião, & souberão valer-se delle, certamente devemos huma grande copia de Palavras epicas, que hoje são da nossa prosa, & poësia o melhor ornamento. Neste duplicado vocabulario, a cada passo se descobre a pratica desta communicacão dos dous idiomas, & só na ordem alphabetica, propria deste genero de livros, se podia conhecer, & lograr esta erudita experiencia.

Como a noticia das linguas depende da memoria, potencia debil, & fallivel, os Dictionarios, ricos Indices, copiosos Reportorios, & Memoriaes impressos, em que com ordem, distincão, & facilidade se achão as palavras, a significacão, & uso dellas natural, & metaphorica, são obras, não só uteis, mas precisas, assi aos que aprendem linguas, como a os que já as sabem, porque nem estes as sabem totalmente, nem aqueles sem este Promptuario, & domestico auxilio, podem facilmente aprender as que não sabem.

Todos os homens são mortaes, mas nem todos são indoutos. Se não há remedios contra a morte, para a ignorancia não faltão antidotos. Para combaterem este monstro, nos vocabularios estão as palavras, como em exercito bem ordenado, em fileiras alphabeticas, & a pé quedo, como as estrellas, que fixas nos seus postos, desbaratarão as tropas, capitaneadas por Sisara<sup>3</sup>. Quem nos mais livros estuda, poderá, como Vulcano, tirar ás martelladas, da cabeça de Jupiter, à Minerva; mas correndo as folhas de hum Vocabulario, a

<sup>2</sup> Nota marginal: «Pauperate sermoni laboramus.»

<sup>3</sup> Nota marginal: «Stelae, manentes in ordine, & curso suo, adversus Sisaram pugnaverunt. Jud. 5. 20.»

cada Paragrapho topara com Pallas, sempre prompta, & sempre facil, para instruir, a quem a consulta. De Hesiodo escrevem, que com poucas folhas, colhidas dos bosques do Helicon, monte consagrado às Musas, se fizera subitamente de rustico Pastor, Poëta insigne. Deste genero de milagres sempre forão fecundas as folhas dos Dictionarios; cada huma dellas he campo aberto, & cultivado, para produzir erudiçoens, & fertilizar engenhos.

Esta SENHOR, he a razão, que me obrigou a preferir a composição de hum Vocabulario à fabrica de outros livros, que com fastosa ambição de sabedoria, investigação o que se não pode humanamente saber, desprezando os Authores delles a noticia de materias proporcionadas com a nossa capacidade, & no trato desta vida summamente necessarias. Finalmente todo o meu empenho, he a utilidade, (que abaxo de Deos, deve ser o fim de todos os estudos dos Escritores) & só este motivo podia aliviar o grande trabalho, notoriamente preciso, para a execuçam de tão vasta, & laboriosa empreza.

Na composiçam de livros de outra natureza, o gosto, & a inclinação dos Authores faz equilibrio ao peso do trabalho, porque o engenho se recrea no que inventa, & amplifica; deleitase a discrição, porque se apura; allegrase a eloquencia, porque se orna; & a Arte festeja, porque se ostenta. Mas na composiçam de hum vocabulario, tedioso cathalogo de palavras interruptas, sem outra connexam, ou ordem entre si, no principio de cada dição, que a das letras alphabeticas; fica o engenho cativo, a discriçam atada, a eloquencia muda; & a Arte inculta; & aindaque por falta destas prerogativas, estou livre do risco de semelhantes penalidades, muyto mayores são as que continuamente experimentei em revolver Authores Portuguezes, & Latinos, para exemplificar as dicçoens mais proprias, & elegantes de hum, & outro idioma; em buscar ethymologias, & derivaçoens de palavras, que me pareceraõ estranhas, & remotas da nossa intelligencia; em correr officinas mechanicas, para colher os termos proprios das Artes, & finalmente em explicar, & definir todas as entidades corporeas, & espirituas, que me vieraõ à noticia desde o convexo do Empyreo, até a o centro da terra, & desde Deos até a o nada, que não he menor que este assumpto de hum Vocabulario, & o emprego do seu Author.

Mas não quero julgar por trabalho, o que poderá ter a fortuna de merecer os aggrados de hum Monarcha tão magnificamente estudioso, que no thesouro da sua memoria accrecêtou ao cabedal da lingua materna, o mais precioso do Erario Latino. Desta sorte, com a uniaõ dos ditos idiomas, terá V. M. nesta obra huma imagem das ideas de sua duplicada eloquencia, & nesta propria imagem veraõ os vassalos de V. M. as duas lingoas, Portugueza, & Latina, postas em paralelo, & com tão exacta correspondencia dispostas, que qualquer delles, sufficientemente instruido nos rudimentos da Grammatica, poderá formar discursos, escrever cartas, & compor livros em latim com facilidade, & elegancia; & juntamente alcançará o genuino sentido da muytas palavras Portuguezas, difficultosas de entender, ou por serem termos proprios de sciencias, & Artes liberaes; & officios fabris; ou por serem tomadas do Latim, ou do Grego, mas já admittidas, & naturalizadas pelos melhores Escritores deste Reyno, como se pode ver nas citaçoens, com que procuro, grangearlhe a aceitação, que merecem, & fazer publico, & commum a todos o uso, que dellas particularmente fizeraõ ao seu intento os seus primeyros Authores.

Naõ me estendo em mostrar as mais utilidades desta obra, porque sahindo ella do Cahos do seu original, a experiencia publica as manifestará melhor que a minha penna. Sey, que para as letras, já passou a idade Dourada, & que nas Cortes já não correm os Zephyros da beneficencia, que fazem sahir à luz os partos do engenho. Mas não podia ficar ás escuras huma obra, destinada para os olhos de V. M. & por si mesma, sem merecimento do Author, digna das veneraçoens do Universo, porque he Vocabulario da Lingoa, que V. M. falla. He esta obra, o Inventario das palavras, com que nas leys, & decretos de V. M. recebe hum, & outro Hemisferio as influencias do seu poder; finalmente he esta obra o Paradeyro, & descanzo do Idioma, que correo o ambito da terra, & em todos os climas se foy insinuando, para inculcar a todas as naçoens as excellencias de hum Principe, com que o pendor da sua Coroa determina as fortunas dos Dominantes, & com admiração do Orbe Catholico, enthronizou, & coroou a piedade na Sagrada Magnificencia de huma Capella, mais pomposa em apparatus, que o Pantheon de Agripa, mais excelsa em mysterios, que o Templo de Salamaõ, mais angusta, mas não menos augusta, que as Basilicas Lateranense, &

Vaticana; no brilhante das luzes, competidora do Firmamento, em celestes armonias, imitadora do Empyreo, & summamente grata a Deos pelo continuo sacrificio de hum coração, tão Religioso, como Regio, holocausto mais precioso, que as Hecatombas da Grecia, & superior a todas as victimas dos antigos Numes, & Gentilicas Deidades.

Destas maravilhosas grandezas interprete, & Panegyrista será este Vocabulario, distribuindo pelas boccas dos oradores as palavras, & noticias, de que fica depositario, & algum dia terá o Author delle a gloria de ter preparado, e repartido por classes toda a locução Portugueza, & Latina, para a fabrica dos encomios de V. M. que Deos guarde, & prospere na guerra, & na paz; na terra, & no mar; dentro, & fora de seus Estados; inaccessible ás adversidades, inevitavel a os triumphos, querido da Fortuna, mimoso da gloria, exemplar da Magestade, exemplo de Religiaõ, Potentado dos coraçoes, emulação dos Potentados, & eterno assumpto dos Epinicios da Fama. Alcobaça 28. Março 1711.

D. RAPHAEL BLUTEAU  
Clerigo Regular

## ii) «Prologo do autor a todo o genero de leitores» (tomo I, 1712)

### PROLOGO DO AUTOR A TODO O GENERO DE LEITORES

NO Principio de suas obras costumão os Autores fazer prólogos ao leitor, como se não houvera mais, que um só leitor no mundo. Eu, que em cada homem, que sabe ler, considero hum leitor, & este com animo, capacidade, & genio differente de outro, faço este Prologo a todo o genero de leitores.

#### AO LEITOR BENEVOLO

SEM o merecer, estou certo da tua approvaçãõ. No teu bom animo tenho a certeza deste beneficio. Tem a benevolencia affinidade como o amor; se não he cega, he mal vista. Não digo mais, LEITOR BENEVOLO; como tal, não veràs, ou não quereràs ver os meus erros.

#### AO LEITOR MALEVOLO

CONTRA ti não se arma o meu discurso. Coraçãõ mal affecto he Fortaleza inexpugnavel à razãõ. Não se rende o baluarte do odio a batarias da Philosophia, nem pode haver erudiçãõ inacessivel a tiros de malevolencia. Nas mais altas cadeiras do Senado Romano combateo Porcio a eloquencia de Cicero, & na sublimidade do Parnaso se atreueo Mevio à facundia de Virgilio. Alvo de maledicencia sempre foi, & sempre serà, o que chegou a ser objecto de malevolencia.

#### AO LEITOR IMPACIENTE

IA estou contigo, IMPACIENTE LEITOR. Estavas cançado de esperar por este cançado Vocabulário. Que cuidavas? Que livros são cogumelos, partos acelerados de huma noite humida, repentinas producçoens de huma chuva estiva? Cada palavra desta obra he materia para hum tratado, & cada tratado pode ser a substancia de muitos livros. Na Arte destillatoria custãõ muito os Extractos; exhalase, convertese em agoa o vapor; chora o lambique, & com muitas lagrimas recolhe o Recipiente pouca essencia. Compor Vocabularios, he fazer extractos de palavras, acendese com a curiosidade o dezejo de saber; fervem ao Autor os miolos, sualhe o topete, & depois de muita liçãõ, apenas acerta com a genuina significaçãõ de um vocabulo, tenue fruto; pobre Elixir, & leve substancia do [de]<sup>4</sup> laborioso estudo.

Na composiçãõ de outros livros correm com natural affluencia as vozes; nesta obra, em que he preciso examinar com atençaõ a propriedade natural, & metaphorica do significado, cada diçãõ he hum tropeço, & muitos tropeços na etymologia, & derivaçãõ; tropeço na intelligência figurada, & equivoca; tropeço na expressãõ latina; tropeço na allegaçãõ dos Authores Portuguezes, & Latinos, que usarãõ della. Com tantos tropeços não he possivel caminhar muito em breve tempo.

Andar sempre a tropeçar, he privilegio do sol. Ainda assim, (se bem reparares) tem este Planeta peregrino nos Tropicos seus tropeços. Chega o Sol ao Tropico septentrional, &

<sup>4</sup> Errata: *de* laborioso estudo. Na presente ediçãõ, indicam-se as correcçoens presentes nas «Erratas, e emendas dos primeiros quatro volumes deste Vocabulario, impressos em Coimbra» (*Voc.*, tomo V).

logo dà volta; mas com insensível progresso; dà o Sol outra carreira atè ao tropico Austral, & por não transgredir os limites, torna a suspender para aquella parte o curso; porem não estranha o mundo estes tropeços, ou solsticios, porque na sua propria suspensão não para o Sol, & com perpetuo alento vai fomentando as obras da natureza.

Muito caminha quem sempre anda; muito trabalha quem [naõ]<sup>5</sup> descansa. Hà mais de trinta annos, que trabalho nesta obra, sem outro descanso, que o que me deu a paciencia. Se em menos de tres annos o famoso baixel, chamado *Victoria*, deu de Polo a Polo huma volta ao mundo; em tres dezenas de annos, quantas voltas poderia eu ter dado à este globo terraqueo? Se foras mais sofrido, havias de sentir, o que padeci nesta litteraria navegação.

Levado não já da aura popular, mas de huma forte inspiração, & zelo do bem commum, dei à vela, & fui em demanda dos Emporios, em que mais florescia o commercio das Linguas Portugueza, & Latina, & com os mais ricos Authores em hum, & outro idioma, cheguei à falla; com varia fortuna fiz muitas escalas, ora com o vento escaço, ora com vento galhardo; hum dia com bonança, outro dia com travessia; muitas vezes me vi embarçado, & perplexo, sem poder desencalhar; outras vezes com arvore seca sem socorro, & outras vezes em bandolas com perigo de me perder. Agora, que despois de tantos trabalhos, estou surgindo, recolhendo as velas, & desembarcando os effeitos da minha negoceação, queixaste, IMPACIENTE LEITOR, da tardança; bem podèras tu festejar a chegada, que (como diz o vulgo) *Não tarda, quem chega*.

#### AO LEITOR PORTUGUEZ

DA tua impaciencia conheço, que es Portuguèz; como tal não podes deixar de estranhar, que se arrojasse hum Estranho a compor do teu idioma o Diccionario. Entendamo-nos Amigo, & entende, que isto, que te parece arrojão, he veneração. Tirei dos Authores Portuguezes as palavras, que fora da alphabetica Jerarchia andavão dispersas, & a todas ellas, como a simulacros da eloquencia colloquei com ordem nas aras desta Philologia; recolhi palavras antiquadas, como reliquias de Portugal o velho, & acrecentei vozes modernas, como enfeites de Portugal o novo; entronizei nestas folhas a lingua Portugueza com tanta magestade, que ao pè de cada dição se acha com exemplar fidelidade o Author, com etymologicas descendencias mostro a origem, & apuro a nobreza dos vocabulos, manifesto o parentesco, & afinidade, que elles tem com a lingoa Hebraica, Arabica, Grega, Italiana, Castelhana, ou Franceza, & obrigo a Latina a ter com o Portuguèz primorosas correspondencias.

Diràs, que estes beneficios só os pode fazer hum Portuguez de nascimento, porque os nacionaes são de juro herdado legisladores da sua locução. Se isto fora assim, não poderia haver Vocabularios de duas lingoas, porque ninguem he, nem pode ser natural de duas terras. A Patria he Mãy, & assim como nenhum homem naceo de duas mãys; de duas patrias ninguem he filho. Mas com termos todos huma só patria, pode cada hum de nòs fallar mais de huma lingoa. Para este effeito supre o estudo a falta de nascimento. Por isso ha tantos Vocabularios, em que hum só Author falla duas, ou mais lingoas; a com que se criou, & as que aprendeo. Sem fazermos menção de Vocabularios Francezes, & Italianos, Castelhanos, & Francezes, partos de hum só Autor; versado em dois idiomas, hum, natural, & outro, aquirido; quantos exemplos temos em Portugal de duplicada locução, emanada de hum só sogeito. O P. Bento Pereira, que naceo em Borba, na sua Prosodia parece nacido em Lacio, taõ perfeitamente declara tudo, o que pertence ao latim: o Cardoso, & o Barbosa, criados na Corte de Lisboa nos seus Dictionarios parecem naturaes da antiga Roma.

A isto se acrecenta, que nem sempre os filhos da terra sabem melhor a sua lingoa. Pronunciarão, & cortarão melhor as palavras, sim: porque desde a infancia começarão a fallar a sua lingoa materna, & sò nos annos mais tenros tem o orgão da voz a flexibilidade precisa para a propria, & nativa articulação das palavras; circumstancia, que falta aos estranhos já adultos; porem estes mesmos com a curiosidade, & applicação podem aquirir mais noticias em huma lingoa, que os proprios naturaes della. Em Alemanha, Inglaterra,

<sup>5</sup> Errata: quem *naõ* descansa.

Hollanda, & outras partes ha curiosos, que sabem de Grego melhor, que os proprios Gregos, & em França certo Suiço, ou Esguiçaro, chamado *Vaugelas*, fez sobre a lingua Franceza observaçoens, que merecerão a approvação, & estimação dos mais cultos Francezes. Finalmente Sanctes Pagnino, que era da Republica de Luca em Italia, fez o Thesouro da lingua Sancta; compos o Cardeal Bellarmino huma Gramatica Hebraica, & he certo, que este Eminentissimo Principe da Igreja não era Hebreo.

Tambem he de saber, que muitos Portuguezes, que pretendem reprovarme por estranho, são menos Portuguezes, do que eu. Todo o Portuguez, que naceo de quarenta annos a esta parte, tem menos annos de Portugal, do que eu. No anno de 1668. cheguei a este Reino, & desde aquelle tempo, raro foi o dia, em que me não aproveitasse de alguma noticia na lingua Portugueza. De todas ellas te faço nesta obra, LEITOR PORTUGUEZ, hum presente: se não for de teu agrado, será porque não vem da mão de outro Portuguèz, que (a meu entender) es Portuguez tão fino, que não havias de receber de hum Indio hum bisalho de diamantes, nem de hum Gentio de Ceilão hum fio de perolas; nem de hum morador do Pegû hum collar de Rubis, porque tudo, o que não sahe de mão Portugueza, na tua estimação he nada.

Notavel respeito, & amor da patria! Não deve esta fineza ser grande virtude, porque nos não deu exemplo della o melhor exemplar das nossas acçoens. Era Christo natural de Belem, & sem embargo de estar com o primeiro fervor de recém nacido, não regeitou os presentes, que lhe trouxerão estranhos. Das mãos de Melchior recebeu Ouro, das mãos de Gaspar Incenso; até de hum negro por nome Balthasar aceitou huma pouca de Myrra. *Beda in collectaneis afferit primum e Magis nominem Melchiorem donasse aurum, secundum nomine Gasparem Thus; tertium nomine Balthasarem Myrrham.* Que importa, serem estes donativos offerecidos por mãos de Assirios, Persas, ou Arabes? A diversidade da Patria não deve diminuir a estimação da offerta. Muitas vezes permite o Ceo, que nos venhão mayores bens de terras alheas, que das proprias. Ao Divino Redemptor tributarão os Estranhos Ouro, & preciosos aromas humas vezes [rezes]<sup>6</sup>, & huns lacticinios lhe offerecerão os Paysanos.

#### AO LEITOR ESTRANGEIRO

VENTILAR questoens sobre a preferencia das linguas he curiosidade de necios. Todas tem singulares excellencias, & [a]<sup>7</sup> cada nação lhe parece o seu idioma o melhor de todos. Supposto isto, de qualquer nação que sejas, LEITOR ESTRANGEIRO, com a presumpção da prèminencia da tua lingua, estranharà a vasta extensaõ deste Vocabulario. Outo volumes deste tamanho de vozes Portuguezas, quando os Academicos da Crusca em tres toda a lingua Italiana, & a Academia Real de França em quatro volumes encerrou a fecundidade, & facundia da lingua Franceza?

Jà certo Religioso estrangeiro dos mais conspicuos da sua Religião, admirado da grande quantidade dos meus cadernos me disse, que não imaginava, que fosse a lingua Portugueza tão copiosa. O P. Mestre devia de crer, que os Portuguezes não erão tão amigos de fallar como as mais naçoens, ou que lhes não era licito dar nomes a quanto viaõ neste mundo. No tocante aos Vocabularios da Crusca, & da Academia Real de França não fazem tantos volumes, como este, porque são monoglottos, quero dizer, de hum só idioma; hum he Francèz, outro he Italiano; mas este Vocabulario he bilingue, Portuguèz, & Latino, & posto que o Latim em comparaçãõ do Portuguèz occupe nelle pouco lugar, necessita de mayor espaço, que os ditos monoglottos, em que tambem não entram, como neste, nomes concernentes à Geographia, ou descripçãõ de terras. Porem pellas noticias, que tenho, acho que este Vocabulario, aindaque não fora, nem Latino, nem Geographico, ainda seria mais copioso, que os que ategora se tem impresso em lingua vulgar estranha.

Tambem houve, quem com rustica simplicidade me disse, que não merecia a lingua Portugueza tanto trabalho. A razaõ deste disparate he, que na opiniaõ da maior Parte dos

<sup>6</sup> Errata: *rezes*.

<sup>7</sup> Errata: *a* cada nação.

Estrangeiros, a lingua Portugueza não he lingua de por si, como he o Francez, o Italiano, &c. mas lingua enxacoca, & corrupçam do Castelhana, como os Dialectos, ou lingoagens particulares das provincias, que são corrupçoens da lingua, que se falla na Corte, & cabeça do Reino, o Gascaõ v. g. o Normando, & o Provençal em França, o Genovez, o Milanéz, & o Bergamasco em Italia.

Sobre esta errada apprehensão, tenho tido grandes debates com Estrangeiros de porte, & litteratos. A razão, em que se fundaõ, he, que muitos vocabulos Portuguezes são radicalmente Castelhanos, mas truncados, & diminutos; falta, que (segundo elles dizem) denota a sua corrupta derivação. Trazem por exemplo humas diçoens, em que o Portuguez tem huma, ou duas letras de menos, v. g. Fogo, Morte, em que em Castelhana he *Fuego, Muerte*, Pè, Mão, que em Castelhana he *Pie, Mano*; Sogra, Pay, Mãy, Geral, a que os Castelhanos chamaõ, *Suegra, Padre, Madre, General*.

Mas esta inducção he argumento taõ debil, que pellos mesmos fios se pode retorcer contra elles, porque se a menor quantidade das letras de huma dição fora indicio da corrupção de huma lingua, por esta propria razão podèramos dizer, que o Castelhana he hum Portuguèz corrupto. A todas as palavras, que acabam em *Ad*, acrescenta o Portuguèz hum E no fim, que enriquece a palavra de huma syllaba de mais; o Castelhana diz *Caridad, Castidad, Humanidad, Suavidad, Virtud, Santidad, Inmortalidad, Eternidad, &c.* o Portuguèz mais liberal de letras, & Syllabas, diz Caridade, Castidade, Humanidade, Suavidade, Virtude, Santidade, immortalidade, Eternidade, &c.

Em outras muitas materias sahem as diçoens Portuguezas mais opulentas de letras, que as Castelhanas, como se vè nas que se seguem; por *Relox* dizemos Relogio; por *Velon*, candieiro; por *Fogo*, Fogareiro; por *Arbol*, Arvore; por *Laud*, ou *Leud*, Alaude, por *Laurel*, Loureiro; por *Sauco*, Sovereiro; por *Olla*, Panella; & cadeira por *Silla*.

Digo mais, as proprias diminuiçoens são engrandecimentos da lingua Portugueza, porque com muitas dellas se duplicaõ os significados; no Castelhana, Pay temporal, & espiritual he *Padre*; Mãy natural, & Religiosa, he *Madre*; Geral de huma Religiaõ, & de hum Exercito; he *General*; mas com distincta, & dobrada noção chamaõ os Portuguezes ao Pay temporal, *Pay*, & ao Espiritual, *Padre*; à Mãy natural, *Mãy*; & à Religiosa, *Madre*; ao Geral de huma Religiaõ, *Geral*, & ao de hum Exercito, *General*. Em conclusaõ este reparo na pluralidade das letras he taõ futil, que se tomassem as palavras do mayor numero das letras a sua nobreza, & excellencia, estariamos obrigados a confessar, que nos infinitivos dos verbos fallaõ os nossos Ratinhos melhor que os Palacianos porque em lugar de dizer *Amar, Andar &c.* dizem *Amare, Andare, &c.*

Poderàs dizer, LEITOR ESTRANGEIRO, que com o Castelhana tem o idioma Portuguèz muita analogia, & grande cadencia; mas a semelhança não he corrupção. As linguas Portugueza, & Castelhana são duas irmaans, que tem alguma semelhança entre si, como filhas da lingua Latina; mas huma, & outra logra a sua propria independencia, & nobreza, porque nem do Portuguez se deriva o Castelhana, nem do Castelhana descende o Portuguèz.

Primeiro que imperassẽ nas Hespanhas os Romanos, he certo, que as duas naçoens, a q chamamos Castelhana, & Portugueza fallavaõ alguma lingua, se a lingua Phenicia, ou Cartagineza, se outra cõmposta destas duas, ou misturadas com idiomas de Gregos, Gallos, & outros povos advêticos, não o examino, nem tenho noticias sufficientes para didir questaõ taõ intrincada, como esta. Sò digo, que depois de entrarem os Romanos em Hespanha; Castelhanos, & Portuguezes misturaraõ a lingoagem de seus novos Dominados [dominadores]<sup>8</sup> com a que entaõ fallavaõ; & assim cada huma destas duas naçoens pello seu modo alterou, adulterou, & corrõpeo a lingua Romana, ou Latina; porem com taõ senhoril fidalguia, que nas palavras derivadas do Latim, nem o Castelhana ao Portuguèz, nem o Portuguèz ao Castelhana deve a nova forma da sua locução.

Na belleza, fidalguia, riqueza, & virtudes destas duas irmaans não queiras especular preferencias; ellas são taõ bellas, que muito se parecẽ com sua Mãy, a lingua Latina & atè no que della se differençaõ, tem graça. Ellas são taõ fidalgas, que com phrases altilocas podem

<sup>8</sup> Errata: *dominadores*.

ennobrecer mechanicos assumptos; Ellas são taõ ricas, que occupadas no cõmercio, introduziraõ na Europa o ouro do Perù, & os diamantes da India. Finalmente são taõ virtuosas, que com a pregação Apostolica propagaraõ nas terras mais barbaras a Fè de Christo.

Na amizade, & uniaõ destas duas irmaans não fallo. Em materias Epicas, & estilo culto andam tam unidas, que quasi se identificam. Logo se teve a lingoa Castellhana seus Lexico-graphos, se publicaram no mundo as suas perfeiçoens os Nebrissas, & Aldretes, se descobriraõ os Covarruvias os seus tezouros; porque razam à lingoa Portugueza, sua irmã lhe faltariam zelosos interpretes, & pregoeiros de suas excellencias? Neste exercicio gloriosamente se occuparam os Barbosas, os Cardosos, os Pereiras, & a mim, quem me tolhe o seguir os seus vestigios, para renovar a memoria de seos oraculos. A única razam, porque nam approvas estes tam merecidos louvores da lingoa Portugueza, he que es Estrangeiro, idolatra da tua proza, & surdo à harmonia de lingoagens alheas.

Muito te pareces com certo Autor Francèz, eloquente, & discreto, mas para a sua lingoa materna tam apaixonado, que na sua estimaçam delle, só ella merece toda a estimaçam. Em desabono da lingoa Castellhana, que diria este famoso Aristarco de estranhos idiomas? Queixa-se de que appropriate o Castellhano a pequenas entidades magnificos nomes. Com esta erronea, emprega contra a palavra, Maçanares, a sua indignação, dizendo, ou querendo dizer pouco mais, ou menos isto, que agora direi. *Que nos quererà o Castellhano inculcar com este soberbo nome, Maçanares. Maçanàres he o nome de hum Rio, mas de que Rio? De hum tão caudaloso Rio, como o Hydaspe, que despois de banhar os Medos, & os Partos, ainda tem alentos, para se incorporar com o Indo? De hum tão benefico Rio, como o Nilo, que todos os annos com suas enchentes fertiliza o Egypto? De hum tão rico Rio, como o Pactôlo, por cujas margens, em areas de ouro, tresbordam thezouros? Este Pomposo, este Sequipedal, & altitonante vocabulo Maçanàres, he o nome de hum Riacho, tão pobre, & tão mesquinho, que não tendo confiança, para se mostrar à Corte de Madrid, se vai escoando por hum lado da Cidade, & sô com enxurradas de inverno engrossa a corrente.*

Com este exemplo quer o ditto Autor provar, que a lingoa Castellhana não mede as palavras com as materias, como se as palavras se houvessem de estender ao martello, para alcançarem a materialidade do significado. Desta maneira (segundo o axioma philosophico) *Contrariorum eadem est ratio* ; assim como grandes vocabulos não competem a pequenas entidades; pequenos vocabulos não se devem attribuir a vastos, & descompassados objectos.

Mas se a desproporção do nome com a extensaõ material do significado fora imperfeição de huma lingoa, que lingoa haveria mais imperfeita, que a Franceza, que dá a cousas grandes brevissimos nomes, & grandes nomes a huns nonnadas. Com que consciencia chama o Francez ao Mosquito, *Moucheron*, à Borboleta, *Papillon*; a hum bichinho, *Vermisseau*, & ao bicho da cosinha *Marmiton*? Pello contrario se cousas grandes pedem grandes vocabulos, com que justiça chamaõ os mesmos ao Gigante *Geant*, ao Rey dos metaes *Or*, & ao Sol do microcosmo *Coeur*? Com licença do Critico Francèz não procedem estes reparos de outra perspicacia no conhecimento das lingoas. Do entendimento, que as applica, depende o valor das palavras, & assim taõ proprias são muitas letras, para significarem pouco, como poucas, para significarem muito: no Latim para dizer *Tudo*, bastaõ as cinco letras de *Omnia*, & no mesmo idioma, outras tantas letras na palavra *Nihil*, querem dizer *Nada*; tambem no Francês *Rien*, & *Tout*, & no Portuguèz, *Nada*, & *Tudo*, com o mesmo numero de letras, significam cousas tão excessivamente mayores humas, que as outras, que huma dellas he o universo todo, & a outra he a privaçam, ou negaçam delle. Todas as letras do Alphabeto com as infinitas combinaçoens, de que sam capazes, não sam dignas de exprimir o nome do Divino Creador de tudo, porque he ineffavel; com tudo nas principaes lingoas do mundo se contenta este summo bem com hum nome de quatro letras; permitindo, que do Hebraico, Grego, Latim, & outros idiomas tome seu mayor inimigo os arrogantes apellidos de *Astaroth*, *Leviathan*, *Beelzebub*, *Satanàz*, *Diabolus*, *Cacodaemon* &c. Quantas vezes se enganaria hum Estrangeiro, que pella multidão das letras de hum nome quizesse julgar da excellencia, & grandeza do significado? Julgaria elle, que *Manucodiata* he hum passarinho das Malucas do tamanho de Andorinha? Que *Famocantraton* he huma

lagartixa da Ilha de S. Lourenço? Que *Myrabolanos* sam humas nozes, ou especie de Ameixas de Cambaya? Que *Sommonoxodon* he hum ridiculo nome [Nume]<sup>9</sup> do Reino de Siam; & que *Guararicaba* he o nome da mais pequena Ave do Brasil?

Nem pellas noticias da nossa lingoa materna podemos julgar da propriedade, & elegancia de outro idioma; porque palavras que (segundo o nosso uso, & criação) tem gala, em lingoagens alheas, âs vezes são injurias, & vituperios. Esta propria palavra *Gala* tem analogia com *Gale*, que em Francêz he *Sarua* [*Sarna*]<sup>10</sup>; *Balurdo*, que nos nossos lagares de azeite, he certo ferro, com hum buraco no meyo, na lingoa Italiana quer dizer *Tolo*, ou *Desazado*; *Lama*, que entre nos he *Lodo*, para huns Povos da Tartaria he o titulo do seu legislador (na sua opiniam immortal) o *Grão Lama*.

Para cada naçam as suas palavras nacionaes são as melhores, porque respondem ao conceito & idea, de quem usa dellas, & nos limites da sua esfera não correm tanto risco de affrontosas equivocacoens. Poderâ ser, que na antiga lingoa do Perù, que chamava â Lua *Quilha*, ao Sol *Yuti*, â Estrella de Venus, *Chascha*, & ao Arco celeste, *Cuychu*, as dittas nossas palavras, *Lua*, *Sol*, *Venus*, & *Arco*, sejam immundicias, ou torpezas. Por esta mesma razam do uso, & aceitaçam commua, ao Inglez o seu *Tongue*, para dizer *Lingoa*, lhe parece tam bella palavra, como ao Hebreo *Lascòn*; ao Grego *Glossa*; ao Alemam, *Dic jung*; ao Francez, *Langue*; & ao Florentino, *Lingoa*. Tambem para os Biscainhos, não hâ expressam mais significativa de *Senhor*, & *Senhora*, que *Jona*, & *Andrêa*: nesta lingoa Vascoense *Bâ*, que quer dizer *Si*, parece primo com irmão do *Pâ* de huns Gentios da America; & para os Hespanhoes seria este *Pâ* contumelioso equivoco; tanto assim, que certo Castelhanao, perguntando nas estradas do Brasil, se o caminho, que levava, era acertado, & respondendolhe hum Gentio *Pâ*, entendeo, que era remoque, & de enfadado disse, *Vagame el cielo: hasta a câ llegò la Pâ de la hornera de Aljubarrota?* Destas, & outras muitas razoens, que deixo em silencio, se infere, que toda a lingoa, bem fallada, he bella. Que lingoas mais bellas, que as que appareceram no cenaculo? Lingoas de fogo, flammantes oraculos, Symbolos ardentes, & brilhantes divisas da Eloquencia Divina. Por estas lingoas fallou o Espirito Santo ao mundo; lingoas tambem falladas, eram todas igualmente bellas, com tam prodigiosa perfeiçam que na sua belleza primeiro se suspenderam os olhos, que os ouvidos. Na origem, ampliaçam, & armonica propriedade de todas as lingoas do mundo preside, & domina o Espirito Santo, porque procede da infinita facundia de hum Pay, que desde a eternidade diz tudo em huma palavra, & da pessoa de hum Filho, que he essencialmente sabedoria; sendo pois todas as lingoas admiraveis emanaçoens deste Divino Espirito, nenhuma dellas foi indigna da declaraçam de suas verdades; em todas ellas fallou ao mundo por boca dos Apostolos, & todas pareceram tam bellas humas como as outras, porque todas foram Divinamente falladas; tam certo he, que toda a lingoa, que se falla bem, he bella.

Na quella sagrada Academia das lingoas do universo, não houve altercaçoens sobre a preferencia, porque ouvia cada naçam fallar a sua lingoa natural, & parece foi artificio Divino, para todos os ouvintes ficarem igualmente honrados & satisfeitos. Podia o Divino Espirito declarar-se com huma nova lingoa, que todos milagrosamente entendessem tam perfeitamente como a sua lingoa propria; mas conhecendo a fraqueza ou presumida ignorancia dos homens, que sempre querem, que o seu seja o melhor, a todas as Naçoens, que naquelle dia estavam em Jerusalem fallou de maneira, que a cada huma dellas lhe parecia ouvir praticar, & pregar na sua lingoa; por isso diz expressamente o Texto, *Audiebat unusquisque linguâ suâ illos loquentes*. Nam ouviam todos juntos huma sô lingoa, ouvia cada hum em particular a sua lingoa propria. *Unusquisque linguâ suâ*. Ouvia o Arabe fallar Arabico; ouvia o Judeo fallar Hebreo; ao Cretense lhe parecia, que estava em Creta; faziase o Persa na Persia, & o Assirio na Mesopotamia; & assim com a particular satisfaçam de ouvir cada hum a phrasi da sua patria, receberam todos com igual jubilo, & veneraçam os oraculos da Divina palavra.

Neste Vocabulario não me obrigo a fallar na lingoa da tua terra, LEITOR ESTRANGEIRO, nem me empenho em fazer os encomios della; suponho, que he tam boa,

<sup>9</sup> Errata: *Nume*.

<sup>10</sup> Errata: *Sarna*.

que nella declararíam seus conceitos os Anjos, se fallassem. Aos dous idiomas, Portuguez, & Latino dediquei o trabalho desta obra. Se fores Latino, não acharás mal empregado o tempo, que gastei no que pertence ao Latim; toda a sua aversam he ao Portuguez. Se tiveras tantos annos de Portugal, como eu, certamente mudâras de opiniam, & acabâras de conhecer, que a lingua Portugueza não desmerece lugar entre as melhores, se he verdade (o que me não posso persuadir) que hâ linguas melhores que outras; mais amplas, mais cultivadas, & mais celebres no mundo, sim; porque deixadas as competencias, que neste particular poderiam ter entre si as linguas da nossa Europa, os Arabes, que como descendentes de Ismael, pretendem ser filhos primogenitos do Abraham, & juntamente herdeiros de seu idioma, (que elles separados de todas as mais naçoens, conservaram nos desertos, que habitaram) tem no Arabico huma lingua muito mais rica, & ampla, que a Hebraica. Na lingua Arabica, hâ mais de seis mil raizès de nomes, todas diversas; na lingua Hebraica, apenas se contam duas mil; desde o Nacente até o Poente occupa a lingua Arabica mais de tres mil legoas de terra; a lingua Hebraica em nenhuma terra do mundo se falla pura: Depois de cooperar com iterados *Crucifiges* no execrando Deicidio, homiziada se acolheo ao Sagrado dos Templos, & Synagogas para os Officios Divinos, & sô em caracteres de antigos volumes permanecem suas memorias; que aos Hebreos, que hoje nam tem Rey, nem Pontifice, nesta corrupçam de suas preminencias, lhes basta hum fallar corrupto.

Mas por serem humas linguas mais abundantes, & estendidas, que outras, não por isso sam essencialmente melhores, porque o caso mais que a razão ajuntou as syllabas, & formou as palavras, para declarar o conceito, & para quem com ellas se criou, todas sam igualmente boas. Unicamente a lingua de nosso primeiro pay teve a perfeição de declarar a essencia do significado. Aos animaes da Terra, & aves do Ceo poz Adão os nomes, & cada nome foi huma definiçam das propriedades essenciaes dos Animaes, & das Aves. *Omne enim, quod uocauit Adam animae uiuentis, ipse est nomen eius. Genes. Cap. 2. Vers. 20* Com estas palavras implicitamente diz o Texto; os nomes das mais linguas não sam os proprios nomes do que por elles se significa, porque não declaram o constitutivo, & essencia do significado. Sô Adam com a luz da Philosophia infusa acertou com a propriedade dos nomes, porque o conhecimento da essencia, foi o artifice do appellido. Ainda hoje, depois de tantos seculos, o nome, que deu Adam a cada hum dos viventes, he o seu proprio nome; *Ipsum est nomen ejus*. Outro nome da propria creatura, não o pode haver, porque he nome definitivo do ser; & como o ser nam se muda, nam se pode mudar este nome. *Ipsum est nomen ejus*. Poderia succeder, que com as letras, & virtude de alguns nomes de outro idioma se declarasse o ser dos dittos viventes; mas que he do philosopho capaz para a formaçam & approvaçam destes nomes? Perdeose com Adam esta Philosophia nominal, & com ella se perderam os nomes quidditativos, & expressivos das sciencias na primeira lingoagem do mundo. Se elles escaparam do Diluio Universal, & persistiram até o tempo dos temerarios architectos da Torre de Babel todos no calor de aquella turbulenta empreza se misturaram, & os que desta mistura resultaram, sam partos abortivos da confusam.

A este cahos das linguas se seguio o instituto dos homens, o genio, e uso das Gentes, que formaram, introduziram, & autorizaram em todas as partes do mundo infinitos vocabulos, para o trato Natural, Civil, Politico, & Militar. E por quanto, com o andar do tempo, o uso se fez natureza, a cada naçam lhe parecem nam sô genuinas, & proprias, mas naturaes, & necessarias as vozes, com que se declara; tanto assim, que homens, & molheres do vulgo, achandose em terras estranhas, se admiram de que use a gente de outro modo de fallar, que o seu delles. A este proposito me lembra, que na Cidade de Paris a criada de certo Embaixador del Rey de Portugal chamou por huma molher, que andava pellas ruas apregoando leite, & perguntandolhe em bom Portuguez por quanto vendia o quartilho, se admirou muito de que a villaã Franceza não entendesse a pergunta, & com todas as veras dizia, *Não hâ terra, como Portugal, aonde a falla he tão clara, & corrente, que ate crianças a entendem.*

Outra razam, que induz os homens a crer, que huma lingua he melhor, mais nobre, ou mais antiga que outra, he a especulaçam etymologica. Nesta sciencia se fundaram o Abbade

Perion, Nicod, & Sylvio, que procuraram reduzir [deduzir]<sup>11</sup> do Grego as poucas lingoas, que sabiam; & certo Autor, por nome *Guischard*, pretendeo honrar muito a lingua Franceza, com derivar muita parte de seus vocabulos do Hebreo. Na incuria destas noticias acho, que o vulgo he mais discreto, que os sábios, na investigação dellas, porque o descobrimento da origem das palavras he tam infructuoso, como trabalhoso estudo.

A etymologia das vozes he como a Genealogia das Familias. Rara he a Ascendencia, que com genealogica indagaçam se remonte a mais de mil annos de notoria antiguidade. Do decimo seculo para cima entre inextricaveis escuridades desvanece o esplendor das familias mais illustres. Sò de hum Evangelista temos huma ascendencia de progenitores coevos ao mundo; he a que fez S. Lucas, em que desde S. Joseph, pay putativo do Divino Redemptor, pello espaço de mais de quatro mil annos estende até Adam, & de Adam a Deos, a nobilissima serie de seus Ascendentes. Parece quis o Senhor com a demonstraçam desta antiguidade participar com seu nascimento temporal a diuturnidade de sua geraçam eterna.

Nos Nobiliarios da terra não hã noticias para tão antigos descobrimentos. Na successiva revoluçam de poucos seculos, some-se a mais celebrada nobreza; dissipam os annos o fumo de aquella vaidade: perdesse na confusam dos successos o nome dos progenitores; ignorase quem foi do ultimo Avô, o Pay; segue-se a luminosos apparatus hum perpetuo eclipse, com ignorancia & silencio se termina a gloria anterior de huma inclita posteridade.

Com a nobreza das Familias se parece a prosapia dos vocabulos. Brevemente se decifra toda a descendencia de huma palavra; da quarta, ou quinta geraçam não passam as noticias de seus principios. Sô da palavra & Verbo Divino, que do Eterno Pay por via de geraçam se deriva, he infinitamente excelsa a nobreza. De todos os mais verbos, nome, & palavras he tam breve, como incerta a descendencia: em chegando a certa altura perde a etymologia o tino. Em huma das primeiras palavras de hum vocabulario temos o exemplo.

Derivase *Abbade* do Italiano, *Abbate*, & este do Latim, *Abbas*; & este do Grego, *Appas*; & este, do Syriaco, *Abba*, que quer dizer Pay. Daqui por diante não se sabe donde procede *Abbade*; se de outra lingua, tambem originada da Babylonica confusam; se do primitivo idioma, que se fallou antes do Diluvio, & na balbuciente infancia do mundo. A esta incerteza se acrescenta, que a ditto palava [palavra]<sup>12</sup>, que no Syriaco val o mesmo que *Pay*, desta primeira significaçam foi degenerando de sorte, que em certo modo perdeu o attributo de Paternidade, porque hoje os Abbades, pella obrigaçam do celibato Sacerdotal, não podem licitamente ser Pays temporaes, nem os Abbades seculares de França, & outras terras do Norte sam pays espirituas, porque não tem cura de almas.

De palavras, cuja genealogia na quarta, ou quinta derivaçam se perde de vista, & de muitos vocabulos, que, como meninos expostos, não tem pays certos, & conhecidos, está cheia a Republica das letras, mas com esta falta não perdem a sua estimaçam, porque como o principal ministerio da palavra, he significar, o porque foi instituida, mais se attende à sua significaçam, que à sua origem.

Não imagines, que com esta advertencia te quero induzir a desprezar as noticias dos Etymologistas. A Varro, que compoz os livros da origem da lingua Latina, grangeou esta occupação o titulo do mais sabio dos Romanos; entre as virtudes de Santo Isidoro, muito se acreditou a paciencia, com que trabalhou o livro das suas etymologias: não renovo a memoria do grande, & pequeno Etymologico, com que se illustrou a antiguidade da lingua Grega; não faço menção dos Martinios, nem dos Vossios, nem de Julio Scaligero, que em outenta livros sobre esta materia, os quais se perderão, deixou aos curiosos inexplicaveis saudades.

O que digo, & torno a dizer, he, que para o effeito de sua instituição todos os vocabulos são igualmente bons. As palavras são espelhos do pensamento, & imagens do conceito; toda a sua excellencia he representaçam. Em todas as lingoagens tem qualquer vocabulo esta excellencia. Representa o que quer dizer a pessoa, que falla: nas letras da

<sup>11</sup> Errata: *reduzir*.

<sup>12</sup> Errata: *palavra*.

escritura, representa os olhos; como som da falla, representa aos ouvidos; tudo o mais, que se chama nobreza, antiguidade, elegancia, & suavidade da palavra, são prerogativas, que a vaidade das naçoens excogitou para a preferencia do seu idioma; & como nesta contenda, o amor proprio he o juiz, a cada huma dellas com igual harmonia lhe toa a dição, com que se declara: Ao Alemão taõ nobre, & suave lhe parece o seu *Brot* para dizer *Pão*, como ao Inglês, o seu *Breade*; ao Latino, *Panis* ; ao Grego, *Artos*; & ao Hebreo, *Lechem*, que significão o mesmo. Em todas as mais diçoens corre a mesma razão. Se te não pagares della, & porfiarés em querer averiguar, qual he a melhor das lingoas, sou de parecer, que se dê ordê a huma junta de todas as naçoens do mûdo, em que presida hum juiz com sufficiente noticia de todas as lingoas para pronunciar a sentença em favor daquella, que lhe parecer melhor.

Em quanto se for buscando por este mundo, juiz idoneo para a decisam de tam intrincada controversia, trata tu, LEITOR ESTRANGEIRO, de aprender o Portuguez, entenderás, & lerás com gosto, o que em abono da ditta lingua escreveo certo Autor, tam discreto, como veridico, & ainda que Portuguez, sincero, & não encarecido.

*Não tenho a nossa lingua, por grosseira, nem por bons os argumentos, com que alguns querem provar, que he esta. Antes he branda para declarar; grave para encarecer; efficaz para mover; doce para pronunciar; breve para resolver; & accomodada às materias mais importantes da pratica, & escritura. Para fallar he engraçada com hum modo senhoril; para cantar he suave, cõ hum certo sentimento, que favorece a Musica; para pregar he substanciosa com huma gravidade, que autoriza as razoens, & as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita copia, que dane, nem brevidade esteril, que a limite; para Historia nem he tam florida, que se derrame; nem tam seca, que busque o favor das alheas. A pronunciaçam não obriga a ferir o ceo da boca, com aspereza; nem a arrancar as palavras com vehemencia do gargalo. Escreve da maneira, que se lê, & assim se falla. Tem de todas as lingoas o melhor, a pronunciação da Latina; a origem da Grega; a familiaridade da Castellhana; a brandura da Franceza; a elegancia da Italiana. Tem mais adagios, & sentenças, que todas as vulgares em fê de sua antiguidade. E se a lingua Hebraea pella honestidade das palavras chamaram Santa, certo, que não sei eu outra, que tanto fuja de palavras claras em materia descomposta, quanto a nossa.*

No segundo dos seus discursos Manoel de Faria Severim mostra, que a lingua Portugueza tem todas as partes de huma lingoagem perfeita, & algumas com eminencia de outras lingoas; nas razoens deste Autor acharam os Estrangeiros cabal satisfaçam às duvidas, que lhe pode propor a affeição que todos naturalmente tem ao paterno idioma.

#### AO LEITOR DOUTO

A Ti, LEITOR DOUTO, & Leitor lido, que à imitaçam da mayor parte dos Doutos sò estimas o que sabes, te parecerá esta obra indigna da tua curiosidade. Não se abatem a humildes noticias de vocabulos os brios do teu espirito. Remontouse a tua especulaçam ao Olympo da Theologia, conversas com os Anjos, tens trato com as Jerarquias, investigas o que Deos fazia antes da criaçam do mundo, & nos longes da presciencia Divina procuras descobrir os arcanos da nossa predestinaçam.

Versado nas Escrituras revolve Biblias Maximas, Vulgatas, & Polyglottas, Pentateuchos, & Apocalypses. Addicto à Jurisprudencia te occupas em digerir a substancia dos Digestos, empregas no Inforciato toda a força do Espirito, & não largas das mãos os Codegos Gregoriano, Theodosiano, Justiniano, Hermogeniano. Curioso da Historia buscas nos Chronologicos fundaçoens de Imperios, & declinaçoens de Monarquias, medes o tempo por Indicçoens, olympiadas, lustros; fazes o computo das Eras, & ajustas com as Epocas sagradas as profanas. Soberbamente ambicioso destas, & outras litterarias magnificencias não te dignarás por os olhos numa tediosa compilaçam de vozes, num Reportorio de palavras, catalogo de vocabulos, & A, B, C, de Principiantes, que estas de ordinario sam as primeiras ideas, que se formão de hũ Diccionario; & na realidade não merecem outro titulo os que secamente, & sem declaraçam alguma, trazem no seu lugar alphabetico os termos de hum idioma.

Sem embargo desta esterilidade, achando o leitor em Vocabularios de duas lingoas as palavras da sua terra postas em paralelo com outras de outro Reino, pode aggradecer ao Autor o cuidado desta combinaçam, porque della resulta a noticia de huma lingua estranha.

E assim vemos que em toda a parte se estimão muito Dictionarios bilingues; hũs, Francezes, & Castelhanos, em que sem sahir de Paris, alcança o Francêz o que se falla em Madrid; outros Castelhanos, & Francezes, com que no meyo da Andaluzia percebe o Castelhana as praticas de Borgonha, & outros muitos deste genero, em que sem correr terras, nem passar mares, sem dispendios, nem perigos de jornadas, pode hum curioso aprender na sua terra tudo o que se diz na alhea.

Semelhante conveniencia a esta se offerece este Vocabulario, em que tomando a lingoa Portugueza por guia, facilmente te introduziràs nos mais secretos gabinetes da antiga Corte Romana, & juntamente ouviràs praticar com elegancia todos aquelles famosos Escritores; em materias Politicas os Tacitos, Suetonios, Justinos, Titos Livios, & Floros; em causas civis, & oratorias os Ciceros, & Quintilianos; em phrase militar os Cesares, em estilo Epistolar os Plinios; em dogmas Medicos os Celsos; em Astronomia os Hyginos; em Architectura os Vitruvios; em Agricultura Varrão, Catão, & Columella; em Metamorphosis Ovidio; em Satyras Persio; em Odes Horacio; em Versos heroicos Virgilio; em Versos Amatorios Tibullo, Catullo, & Propercio; em Comedias Terencio, & Plauto; & em todas as obras da natureza, Plinio secundo, sem segundo, Oraculo da Philosophia sublunar, & envejada gloria de Verona.

Mas como es tão *Divino*, que despresa *Humanidades*, & tam Narciso de ti mesmo, que *feas* te parecem as *bellas letras*, para satisfazer a penetrante ambiçam de tuas profundas especulaçoens, tras este Vocabulario os termos proprios de todas as sciencias Humanas, & Divinas, & de todas as Artes liberaes, & Mecanicas com definiçoens, ou descripçoens, que em breves palavras claramente expoem a substancia dellas.

Da tua modestia supponho, que não pretendes ser em todas as Artes perito, nem em todas as sciencias consummado; se com perfeição souberes alguma dellas, não serà pouco, porque raro he o homem perfeito na propria sciencia, que professa. Com os termos pois, que na sciencia, ou Arte de tua profissam ignoras, acharàs neste Vocabulario outros muitos das sciencias, & Artes, que não professas. Não te encareço as utilidades deste descobrimento; sò digo que sendo tu já LEITOR DOUTO, chegaràs a ser doutissimo leitor; entenderàs os termos, & fallaràs com propriedade nas proprias sciencias, que ignoras.

Não es Astronomo de profissam, & poderàs dar razão do Almagesto, & centiloquio de Ptolomeo, das Ephemerides de Argolio, & da Theoria dos Planetas; não estudaste Geometria, & entenderàs os Elementos de Euclides, os Cylindros de Sereno, & os Esphericos de Theodosio. Ouviràs fallar em Abadernas, & Alefrizes, em variaçoens de agulha, em sangraduras, & loxodromias; & ajudando com outros termos de Navegaçam a pratica, pareceràs Nautico. Cahirá o discurso nas terras Arcticas, & Polares, na terra Austral, incognita, no Mar Erythreo, Pacifico, Glacial, & Maguellanico [Magellanico]<sup>13</sup>; a este proposito faràs mençam das terras mediterraneas, maritimas, & adjacentes, & juntamente do Mar Pamphylio, Cretico, Libyco, Atlantico, & os ouvintes te julgaram grande Geographo, & Hydrographo. Hã mayor fortuna do que esta; estudar pouco, & saber muito, grangear com poucos nomes grande nome, & em breves horas aproveitar-se do suòr de muitos seculos?

Ainda não estás satisfeito, porque, se me não engano, o que nesta obra te scandaliza, como cousa inutil, & superflua, he a declaraçam de humas miudezas, assim da Natureza, como da Arte, indignas da atençaõ de homens graves, & doutos. Pelloque vejo, imaginas, que sò da noticia de objectos, materialmente grandes, se podem tirar proveitosas doutrinas. Como andas enganado! Tudo nas obras da natureza he admiravel; porque o Author della he Deos. Não se mede a grandeza do criador pella corpulencia das criaturas; nas minimas Deos he maximo.

Na parvidade de huma Abelha hã tanto, que admirar, como na vastidam de hum Elephante, & para Philosophos qualquer ervinha do campo he ampla materia para o discurso. Salamão, que foi o mais douto dos mortaes, em huma especie de Vocabulario, que fez dos nomes, & virtudes das plantas, não sò descreveo as arvores Reaes, aos mais humildes vegetantes abateo a magestade do estilo; celebrou os cedros do Libano, & não

<sup>13</sup> Errata: *Magellanico*.

deixou no tinteiro as propriedades do Hyssopo. Quem dissera, que este arbusto, que lança huns talos duros, & nodosos, pobremmente vestidos de folhinhas estreitas, fosse dotado do singulares virtudes? O Hyssopo he incisivo, aperitivo, degestivo, deterativo, vulnerario, fortificante, egregio para os achaques de peito, & quando não prestara mais, que para resolver com seu vapor os flatos dos ouvidos, recebido por elles, quem não estimara summamente a noticia de hum simplex taõ sobreano para huma parte, como o ouvido, cuja tortuosa, & recondita figura o faz quasi inacessivel a topicos remedios? De mais disto saberâs, LEITOR DOUTO, que celebres Botanicos, & entre elles Roberto Dodoneo, sam de opiniam, que o nosso Hyssopo não he o Hyssopo legitimo, cujas virtudes sò da penna de Salamão podiaõ receber os merecidos encomios.

Vocabulario universal he huma nomenclatura de tudo, o que comprehende em si o universo. Areas, & atomos são partes deste, & como tem nome, tem direito para terem nos Vocabularios o seu lugar, & às vezes succede, que na descripção da sua figura, & virtudes naturaes mayor espaço occupe hum ouçam, que hum Elephante, & a formiga, que a grã Besta.

Na lição deste genero de livros, todo o leitor hâ de ser, como Asclepiodoro, de quẽ escreve Suidas, que era taõ curioso dos milagres da Natureza, & da Arte, que a Philosophos, & artifices andava sempre fazendo perguntas nas materias de seu officio delles, & acrecenta Suidas que hũs, & outros muitas vezes se enfadavaõ de tam continua, & exacta indagaçam. A tua curiosidade, LEITOR DOUTO, ainda que chegasse a superar a de Asclepiodoro, a ninguem darã molestia. Tem este livro respostas promptas, & correntes para tuas duvidas. Primeiro te cançarâs tu em buscar, & perguntar, que elle em apontar, & responder. Finalmente livros desta natureza são utilissimos, & tão instructivos, que por douto, que sejas, hum menino (não digo com este Vocabulario, porque seria, ou pareceria vaidade minha) mas com qualquer outro, foliando, & perguntando, a cada passo te poderã dar muito quinao; & não te pareça pouco o saber, o que cada vocabulo significa, porque (como disse Socrates, allegado por Vincencio Gallo, na sua Rhetorica) a noticia das dicçoens he principio de toda a erudiçam: *Cognitio nominum, eruditionis est principium.*

#### AO LEITOR INDOUTO

MUito dô tenho de ti, LEITOR INDOUTO: como homem, es animal racional, como indouto, es meramente animal. Porem, se dezejas saber, aindaque indouto, es homem, porque (segundo Aristoteles) o homem he animal deseioso de saber. *Homo est animal sciendi cupidum.* Notavel definiçam do ser humano. Nenhuma outra cousa, que dezejes, poderã fazerte homem. Se dezejas ser rico, não por isso es propriamente homem, que já não hã Ricos homens; ricas estatuas, sim, & com bons jaezes, Ricos Cavallos, & ricas Bestas: nem com o desejo de ser poderoso, te manifestas homem; hũ vapor condensado na nuvẽ, ainda que quando cahe, mais pode que todos os poderosos; mais que todos elles pode o fogo, ainda quando reprimido, & apertado; & o mais baixo dos elementos, que todos pisam, atẽ quando treme, mais que todos os Reys pode! Por não gastar tempo em representar a inutilidade de mil outros semelhantes desejos, abbrevio razoens, & digo, que sò com o desejo de saber, mostrarâs, que es homem, porque pay deste desejo he o discurso, & o discurso he o constitutivo do homem.

Jâ vejo, que como homem, judiciosamente curioso, dezejas saber. Para satisfazer o teu desejo, ajuntei em outo volumes todos os nomes, que pude achar em toda a extensam, & jurisdicçam da lingua Portugueza. Com este tam copioso ajuntamento de nomes, não pertendo introduzir-te na seita, ou escola dos Nominaes, discipulos de Occam, que na sua philosophia sò faziam caso dos nomes, sem attender a essencia. O meu intento he, que por meyo de todos estes nomes, postos em ordem alphabetica, chegue a tua curiosidade a tomar muitas, & proveitosas noticias.

Na mente humana, toda a noticia suppoem noçam, ou ella propria he a noçam, quero dizer a idea geral, ou particular, que formou o homem, do que lhe veyo ao conhecimento. Para noçam, não basta a noticia do nome. *Joa, colete, Munhoens, Reforços,* são nomes de algumas das partes, de que consta hum canham, mas em quanto não sabes o que estes

nomes significam, fica o teu entendimento sem noçam do significado; isto mesmo te succederá em todas as palavras, de que tiveres noticia, sem noçam, ou imagem, & idea, do que ellas significam.

De dous principios pode proceder a noçam de huma palavra; da sua etymologia, & da sua definiçam. A etymologia abre o caminho, a definiçam o corre todo atè cabo; faz a etymologia o primeiro risco, da a definiçam os ultimos toques, & aperfeiçoa a pintura, ou imagem, que se forma no entendimento. Quando sei, que esta dicção *Neophyto* se deriva do Grego *Neos*, que quer dizer *Nova*, & de *Phytos*, que val o mesmo que *Planta*, começo a entender, que *Neophyto* he sogetto, em algum estado, ou profissam principiante, & novo. Este principio de noçam he etymologico; & quando com a definiçam do ditto nome chego a saber, que *Neophyto* na Igreja Primitiva era o Gentio novamente convertido a Fè de Christo; já tenho huma noçam perfeita da ditto palavra, & com ella posso fazer alguma proposiçam, questam, ou discurso na materia.

Supposto isto, claramente vêes que as noticias dependem das nações, & que para as ter he necessario derivar, & definir. Por isso he esta obra tam abundante de etymologias, & definiçoens, & muito mayor seria a abundancia das derivaçoens, se eu não moderara a minha curiosidade, & a não restringira às que me pareceram mais naturaes, & precisas para a intelligencia das palavras.

Em primeiro lugar não fis caso de etymologias arrastadas, & forçadas; que hã palavras, como pessoas, nadas, (como diz o vulgo) das ervas, & cuja origem seria mais difficultosa de descobrir, que aos primeiros exploradores da America, o novo mundo.

Em segundo lugar, as definiçoens, que trago, não são todas logicas, & muitas vezes mais são descripçoens, que definiçoens, porque de ordinario seria mais difficultosa de entender a definição, que o definido; e assim se eu definira Logica, & Dialecticamente plantas, animaes, instrumentos, & artefactos, mais facilmente os haviás de conhecer pello nome, que pella definiçam, & como não es versado na phrase Escolastica, outro Vocabulario te seria necessario, para entenderes o meu.

Logo sou de parecer, que te contentes com este, que por mao, que seja, he tão bom que lendo por elle, & pondo em papel cada dia dez, ou doze vocabulos, distribuido em colunas, ou cadernos, debaixo de diferentes titulos. v. g. as palavras Theologicas, debaixo do titulo Theologia, as Astronomicas, de baixo do titulo, Astronomia, & assim todas as mais, no espaço de quatro, ou cinco anos, terás sufficiente cabedal, para te fazeres sciente em todas as materias, & passando pella memoria as dittas palavras, & significaçam dellas, sem tomares lição de sciencia, nem Arte alguma, unicamente com o socorro das dittas noçoens, praticando com homens doutos, ou escrevendo, & compondo em qualquer materia, parecerás Theologo, Astronomo, Philosopho, Geometra, Geographo, Jurisconsulto, & geralmente perito em todas as Artes liberaes, & Mecanicas.

Para entenderes melhor esta theoria, ponhoa em praxi com este exêplo. De seus lugares alphabeticos tirei humas palavras de Alta volateria, & depois de ajuntalos num papel, fiz o discurso que se segue, sendo eu na Arte da ditto caça tam pouco experimentado, & tam indouto, como por ventura tu proprio. As palavras, que tirei, & ajuntei, sam estas.

*Aferrar. Aguadeiras. Alcarços. Alcandora. Aleteo. Alfaneque. Altaneiro. Apegador. Ardido. Avessadas.*

*Bafari. Borni. Bucho.*

*Çafaro. Cainho. Caparão. Cascaveis. Cingideiras. Citreiro. Colerico. Cuberteiras. Cutellos. Deceinar, Dormida. Escudete. Fuzis.*

*Garceiro, Gazalhado, Gerifalte, Gosma, Gruciro.*

*Malho, Mão, Milhaneiro.*

*Nebri, Ninhego, Orgulho.*

*Partidouras, Pennas Reaes, Perdigueiro, Picadas, Piô, Prima, Prumada.*

*Querença, Ralê.*

*Sancos, Salto, Tolhedura, Treinar, Trecô, Vianda, Voaria.*

Depois de considerar, & revolver na imaginaçam as definiçoens, & noçoens de cada palavra das sobreditas, fingi hum caso, & fis este discurso, entresachando em seu lugar os termos proprios da Arte.

Certo Príncipe, que se deleitava na criação, & caça de Falcoens, *Nebrís*, *Bafarís*, & *Bornís*, *Trecôs*, & *Primas*, *Alfaneques*, *Aletos*, & outras Aves de rapina, quasi todas *Ninhegas*, tinha entre outras hum *Gerifalte*, *Çafaro*, mas tam perfeito, que era admirado de todos. Tinha esta Ave bom rosto, & ventas bem abertas, bons *Sancos*, bem guarnecidos de *Escudetes*, boas *Maãos* & fortes, com *Cingideiras*, & *Alcanços* capazes de *Aferrar* em toda a casta de *Voaria*. Era descarregado das costas; & com vistosa variedade lhe cobrião o corpo as pennas *Reaes*, acompanhadas das *Aguadeiras*, *cubeiteiras*, *Fuzís*, & *Cutellos*, humas, instrumentos da ligeireza, & outras, artifices da gala, com que fendia os ares. A estes ornatos da natureza mandâra o Príncipe acrescentar outros da Arte; *Caparão* de carmezim, *Piôs*, & *salto* do couro dourado, com *Cascaveis* de prata, & *Malhos* de seda. As melhores *Viandas* eram para o *Gerifalte*, faziamlhe *Gazalhado* com *picadas*. *Trenavão*o [*Treinavão-no*]<sup>14</sup> na melhor *Ralê*, *deceinavao* o *Citreiro* de noite, & o levava no hombro, sempre sujo de suas *Tolheduras*; mas a Ave, sempre aspera, & esquiva, dos proprios afagos tomava *Orgulho*. Debatiasse na *Alcandora*, sempre impaciente, & sempre brava, porque com instincto natural suspirava a *Querença*, & desejava verse na sua *Dormida*. Finalmente era o *Gerifalte* *Ardido*, & *colerico*, *Altaneiro*, *Perdigueiro*, *Milhaneiro*, *Cainho*, & *apegador*, *Belissimo Garceiro*, & grande *Grueiro*; mas tam bravo, & çafaro que o Príncipe desconfiado de o poder ensinar, o largou. Como o passaro era *Gargantam*, nacerãolhe *Gosmas* na boca, fezlhe o *Bucho* duro, as *prumadas*, que lançava, erão podres, entristeceose, & morreo, castigo ordinario, & desastrado fim da indocilidade, & braveza.

A caçadores de Alta volateria lhes parecerâ esta narração composta por sogeito, perito na ditto caça; porem atê agora nem vi caçar aves de rapina, nem pratiquei com pessoas versadas neste exercicio; sô com as noticias, ou noçoens dos termos proprios desta caça, que tirei de varios livros, & ultimamente do meu proprio Vocabulario, fiz a descripçam deste imaginado successo, & com as dittas noçoens me seria muito facil fazer outros muitos nesta propria materia, mudando de assumpto. Dos vocabulos, que pertencem às letras A, B, C, como são *Aguadeiras*, *Alcanços* &c. *Caparão*, *Cuberteiras*, *Cutellos*, &c. acharâs a declaração nestes dous primeiros volumes; por não ficar a tua curiosidade suspensa atê sahir a luz toda a obra, aqui te declaro a significaçam das palavras, que pertencem às mais letras.

*Deceinar*, he trazer na mão a Ave de noite, depois de sahir da muda, para a abrandar. *Dormida*, he a arvore, à qual vai dormir todas as noites, como a sua casa. *Escudetes*, são as asperezas, que as aves de rapina tem, a modo de escamas de peixe, nas canellas das pernas. *Fuzís* sam humas pennas, que estão nos cotos das azas.

*Garceiro*, he o Falcão que mata *Garças*, & *Grueiro*, o que aferra nos *Grous*. *Gazalhado* he o bom trato, & mantimento, que lhe dão. *Gerifaltes* sam falcoens muy grandes, & quando sahem bons, muy estimados dos Principes. *Gosmas* sam humas bostellas, que nacam na bocca, & ouvidos.

*Malhos*, são as correas, em que tem os casveis. *Mão*, os pêz dos Falcoens chamãose *Maãos*. *Milhaneiro*; o Falcam, amigo de pegar em milhanos.

*Nebris* sam falcoens muy formosos, & os mais nobres de todos. *Ninhego* se chama o Falcam, criado pellos homens. *Orgulho* he a soberba, que toma a Ave, quando a não trazem à mão, & lhe daõ muito de comer.

*Partidouras* são as pennas, que nacam nas juntas das azas da banda de dentro. *Pennas Reaes* são as mais compridas de todas. *Perdigueiro* Falcão, he, o que caça perdizes. *Picadas* sam as de carne, que o caçador dà à Ave, para mostrar, que lhe he amigo. *Pios* sam as correas que as Aves trazem postas nas pernas. *Primas*, nas Aves de rapina sam as femeas. *Prumada*, he hum vultinho de pennas, que os Falcoens lançaõ da boca cada dia pella menhaã.

*Querença* he o lugar, donde estas Aves costumam criar de veram seus filhos, *Ralê* he o passaro, ao qual he mais inclinado o Falcaõ, *Saucos* sam as canellas das pernas. *Salto* he a correa, que vai do tornel às contas.

*Tolhedura* he a immundicia da Ave. *Treinar* he ensinar a Ave, que pegue na *Ralê*, na qual por sua inclinação nũca havia de pegar. *Trecô* he o macho das Aves de rapina. *Vianda*

<sup>14</sup> Errata.

he o comer, que lhe dão. *Voaria* he toda a ave, que os Falcoens, & Açores cação.

Pareceme, que bastará este exemplo, para que vejas, LEITOR INDOUTO, com os teus proprios olhos, como sem outros mestres, nem livros, que muitos vocabulos de cada sciencia, ou Arte, distribuidos em classes, debaixo de seus titulos, poderás mostrarte em todas as sciencias, & Artes doutissimo.

Escrevem graves Autores, que o famoso Cujacio, perguntado, como se fizera tam douto em toda a Jurisprudencia, apontára para hum Calepino, dizendo que o dito livro fora seu mestre, por ter achado nelle a significaçam das palavras, segundo sua primeira instituiçam, & accepçam; & que sô, quem destas noçoens se fizesse senhor, poderia entender bem a força da ley, & a mente do legislador. Da declaraçam das mais vozes se pode justamente inferir o mesmo, para o modo de conseguir as mais sciências; porque se com a noticia dos termos da jurisprudência, sahio Cujacio, tão grande jurisconsulto, cõ a intelligência dos vocabulos do outras sciencias se podia o proprio Cujacio fazer em todas ellas doutissimo. Sendo pois os Dictionarios desta Era muito mais abundantes de termos proprios em todo o genero de saber, que Calepino; claro está, que com a grande copia de noçoens em toda a materia, hoje qualquer curioso, breve, & facilmente chegará a saber muito mais, que os Antigos.

Com estas gloriosas conveniencias te convido, LEITOR INDOUTO; sei quanto aborreces as contendas, & letigios das Escolas; quizera levarte sem tropeços para o Templo da sabedoria, & sem matriculas da Universidade tomara verte em toda a materia scientifica universal. Não te prometto tanto, porque com a simples noticia das dicçoens, ninguem pode ser perfeitamente douto; porem com a pratica deste vocabulario, aprenderás sem trabalho, e alcançaras sem estudo, o que grandes Mestres, & famosos cathedaticos ignorão: sem tomar delles postilla, entenderás os termos, com que se explicaõ; e juntamente lhes poderás ensinar muitos, que elles ignoraõ. Em todas as artes fallarás, como Mestre; & como jubilado, em todas as sciencias; poderás seguir, & proseguir os discursos dos mais scientes, em todas as faculdades te dará a tua erudição, com que sustentar a pratica, & com o commercio das letras, em toda a Região escolastica farás escala.

A hũ peregrino lhe convê ter conhecidos em todas as partes. O conversar he peregrinar. Aonde mais acode o saber, mais se estêde a peregrinação. Em conferencias discretas brevemente se faz o gyro do mundo: do centro da terra até o convexo do Empyreo tudo se corre; a pratica dos termos abre o caminho; com esta noticia chegarás aonde leva o discurso, sem ella não darás na carreira da erudição hum passo. Se se fallar em situaçoens, & aspectos, em distancias, & limites de Provincias, & Imperios, palavras Geographicas te serviraõ de guia, & sem ellas não terás, nem por terras de Principes amigos passaporte seguro. Se a viagens, Armadas, & tormêtas se estender o discurso, sem palavras Nauticas, nos mares mais profundos darás em seco. Em congresso de Mathematicas, desprovido de palavras Astronomicas, no meyo da Ecliptica ficarás às escuras; & em Academias de Philosophos, pella inopia de Dialecticas expressoens ao primeiro argumento te metteram em hum sapato. Finalmente falta de palavras do canto cham, & figurado, entre Musicos assistirás, *tanquam asinus ad lyram*; & por ignorancia de palavras Anatomicas, tam pouco saberás de ti proprio, que se hoje vivera, certamente te diria o Sabio da Grecia: *Nosce te ipsum*.

#### AO LEITOR PSEUDOCRITICO

DA Critica, que he a sciencia de julgar das obras de engenho, tomara eu izentar esta obra, porque não he obra de engenho, mas de muito trabalho. Critique embora Platam as obras de Socrates, & critique Aristitoles as de Platam; sejam as obras de Hermogenes criticadas por Cicero, & as de Cicero, por Salustio. Em obras de tam soberanos engenhos, razam era, que se empenhasse a Critica: mas em hum Vocabulario, obra de sua natureza desagradavel, impertinente, sempre indigesta, porque sempre diminuta, & tam fora de exercitar o engenho, que he capaz para fazer perder o juizo; na minha opiniam não tem lugar a Critica; a compaixam, sim, & a piedade, porque neste genero de composaçam em

certo modo sam inevitaveis os erros, pellas infinitas materias, em que falla o Autor sem a requisita noticia.

Mas que piedade pode haver em huma Era, em que a Pseudocritica tomou as vozes da boa Critica? No tempo de Horacio havia bons criticos, porque havia bons, & prudentes Leitores.

*Vir bonus, & prudens uersus reprehendet inertes,  
Culpabit duros, &c.*

Na quelles seculos a bondade, & a prudencia eram companheiras da Critica: censuravam os Doutos para emendar a obra, mas não para envergonhar o Autor, hoje no pobre do Autor se empregam todos os tiros, principalmente sendo Autor de Vocabulario. Em outras materias se repartem os Criticos em bandos; Criticos Scotistas, contra a doutrina da Escola Angelica; contra os dogmas da Seraphica Escola, Criticos Thomistas. Para criticarem Philosophias modernas, se ajuntam os sequazes de Aristoteles; a criticar novos theoremas de Geometria se convidam os discipulos de Euclides. Mas a hum Autor de Vocabulario todos se atrevem, porque foi tam bom, ou tam, simplez, que quiz contentar a todos.

Hum Vocabulario he a coruja dos livros. Ao redor da curuja se ajuntam outras Aves, & cada huma dellas lhe dá sua picada: folgam todos de foliar hum Vocabulario, para lhe dar unhas; & o peor he, que para este rigor, tanta autoridade tẽ nas palavras de seu officio o mais humilde mecanico, como nos livros da sua profissam o Catedratico mais insigne. Mas tu, LEITOR PSEUDOCRITICO, que por ventura não es official, nem letrado, te eriges em censor, como se fora a Critica teu officio; defines, approvas, & reprovas, como se em materias onomasticas podêras ler de cadeira.

Entre os muitos reparos da tua Pseudocritica, dizes, que não pode esta obra deixar de ter muitos erros. Agudissimo reparo? Qual he a obra, que não tenha muitos? Excellentes obras deraõ a o mundo celeberrimos Autores, hum Doutor *Angelico*, hum Doutor *Seraphico*; chamase *Scoto*, o Doutor *Sutil*; chamãõ commumente a *Dyonisio Cartusiano*, o Doutor *Extatico*; a *Raymundo Lullo*, o Doutor *Iluminado*; a *Alexandre de Hales*, o Doutor *Irrefragavel*; ao *Cardeal Eusano [Cusano]*<sup>15</sup>, o Doutor *Christianissimo*; & a *Rogério Bacon*, o Doutor *Admiravel*; atẽ agora a nenhum Doutor, nem Autor, ouvi dar o titulo de *Infallivel*. A infallibilidade he attributo proprio de Deos, & communicado à Igreja sua Esposa. A palavra de Deos he infallivel; a Igreja universal, junta em concilio, he infallivel; & a infallibilidade, que se dá ao Vigario de Christo, he sò em materias concernetes a Fê. Todos os escritores, como homens, podem ter, & tem erros proprios, ou alheos; principalmente os compositores de Vocabularios, porque com a obrigação, ou com o brio de fallar em tudo, fallam em muitas cousas, que nunca viram, & muitas vezes se fiam, de quem se enganou, & os engana.

No Lexicon Geographico de Antonio Baudrand achou outro Autor da mesma profissam tantos erros de Geographia, que sò dos erros nas palavras, que começam pello A, deu à luz hum livro; por não desacreditar a obra, suspendeo a censura. No dictionario universal do Abbade de Furetiere achou Cornelio muitos erros; de alguns delles faz menção no proloquio do seu Dictionario das Artes, & sciencias. Todos os dias se vão descobrindo novos erros no grande Dictionario Historico de Moreri, que os curiosos vam emmendando ao mesmo passo, que se fazẽ da ditta obra novas ediçoens. Calepino, tantas vezes visto, & revisto, examinado, & apurado por Passeracio, & outros insignes Philólogos, ainda necessita de muitas emendas; porem sem embargo de seus defeitos, estes, & outros semelhantes livros correm com muita estimação todo o Orbe litterario, porque contẽm em si muitas noticias utilissimas, entre as quaes se somem as suas faltas.

Imperfeçoens vagas não aniquilam o constitutivo da bondade; Perolas, ainda que barrocas, tem seu preço; não lança de si o Joalheiro a Esmeralda, que tem erva; não perde o Diamante a sua estimação; aindaque bruto. Não imagines, que da minha vaidade procedem estas comparaçoens. Sei, que não he esta obra, Diamante; mas tem muito de amante, pello muito gosto, com que para o bem publico tomei este trabalho; nem por me ter esmerado nella, lhe compete o nome de Esmeralda; como Perola, a podes estimar, pello

<sup>15</sup> Errata.

candor, ou candidez, com que nestas folhas fiz patente ao mundo a minha insciencia. Porem (como já tenho ditto) tenhas entendido, que não sam meus todos os erros desta obra; os dous primeiros, que entre as diçoens da letra - A - se descobrião, era [eraõ]<sup>16</sup> de Portuguezes, que tambem os naturaes na lingua materna se equivocam. Nem por isto deixei de consultar outros nas perplexidades, em que me achei; muitos me ensinaram o caminho, alguns mo fizeram errar; no meyo de tantos Doutores, me succedeo o mesmo, que ao amigo de Symmaco, que não tendo febre, do repetido contacto das mãos enregeladas de muitos medicos, que lhe tomaram o pulso, se achou febricitante.

*Centum me tetigere manus, Aquilone gelatae,  
Non habui febrem, Symmache, nunc habeo.* Martial.

A muitos mostrei os meus papeis, multiplicarãose os erros; dei o meu braço a trocar, fiquei estropiado.

Tambem não sam meus os erros da impressam, mas infallivelmente seram materia da tua Pseudocritica muitos erros destes, que às vezes por falta, ou acrecentamento de huma, ou mais letras vem atados à oraçam tam propriamente, que parecem abortos de superior officina. Se sempre fora o Leitor douto, & benevolo, não imputaria ao Autor estes erros do prelo; mas como a mayor parte dos Leitores, sobre malevolos, são indoutos, se dos tiros da malevolencia escapou o Autor, não se pode livrar dos desatinos da impericia. A este infortunio estam sogeitos os Autores de melhor nota. Francisco Patricio, & Pedro Gassendi infamaram ao Principe dos Philosophos com huma calumnia, que era ignorancia sua delles. Publicaram, que Aristoteles dissera, que Deos he Animal. Tam fora estava este Philosopho de cahir neste horrivel absurdo, que na sua Metaphisica faz escarneo, dos que se afiguram a Deos em forma humana; & no outavo livro da Physica ensina, que Deos he indivisivel. com tudo, na opiniam de muitos, foi Aristoteles taõ barbaramente necio, que poz a Deos na categoria dos animaes. A razam desta tam injuriosa calumnia, foi erro dos Amanuenses, que em lugar de escrever *Zàon*, que quer dizer *vivente*, escreveram *Zòon*, que quer dizer *animal*; & huns pseudocriticos, pouco versados na lingua Grega, levantaram sem escrupulo ao oraculo da Philosophia este testemunho. Como riguroso censor de quanto vês, & não entendes, não deixarás de reparar nos accentos, com que vam notados os vocabulos, que com letra mayor trazem variedade na diçam. E poderã ser, que terás lido a Epigraphica de Octavio Boldonio, que da pag. 615. até 629. se afadiga em querer provar, que os accentos repugnam à natureza das letras mayores, a que vulgarmente chamamos cabidolas, & que, o que se acham em algumas inscriçoens antigas, foram postos por ignorancia dos Abridores. Porẽ Francisco Pola, Autor, que o ditto Boldonio venera, nas letras mayores das suas inscriçoens pôz accentos, corroborando o uso delles com a orthographia de Aldo Manucio. Em Vocabularios mais, que em qualquer outro genero de livros, he precisa esta accentuaçam; porque como cada vocabulo, que segundo a serie alphabetica traz variedade, para mayor clareza, & distinçam vem impresso com letras capitaes, sem accento na ultima, ou na penultima, ou na antepenultima, erraria o Leitor na pronunciaçam da palavra, a quantidade da Syllaba, principalmente nos vocabulos, tomados da Lingoa Grega, ou outro peregrino idioma; & esta ignorancia de prosodia causaria nos ouvintes riso, & no Leitor confusam. Para evitar este inconveniente nas letras mayores de cada novo vocabulo acharã o accento collocado, sobre a syllaba, que se hã de ferir, segundo a pronunciaçam, que pede a palavra, & paraque não imagines, que me faço author desta novidade, sabe, que acharã em outros Vocabularios modernos o mesmo, particularmente no Diccionario Latino Gallico do P. Tachard da Companhia de Jesvs, impresso em Paris, Anno de 1687, & no do Abade Danet, que começa pello Latim, impresso tambem em Paris, Anno de 91.

Ouçõ, que sahes com outra queixa, PSEUDOCRITICO LEITOR. Estranhas os muitos exemplos, que trago de Autores Portuguezes. Sem estas autoridades como me havia eu de defender do rigor da tua Critica? De cada diçam, de que ignoras o significado, havias de condenar o assento; chamarias temeridade minha, o que he ignorancia tua. Na tua Patria, mal podia ser introductor de vozes estranhas, quem tanto trabalho teve em se conservar nella. Palavras de fora, aindaque proprias, & expressivas, não as admite, quem as não

<sup>16</sup> Errata.

entende. Que palavra mais propria, & significativa, que o Verbo, que desde a Eternidade diz mais, que toda a eloquencia dos Anjos? Quizse esta Divina palavra introduzir no mundo, veyo pessoalmente com toda a propriedade, *In propria uenit*; & os proprios, que della mais necessitavam, não a quizeram admittir, *Et sui eum non receperunt*. Era palavra, que não se accomodava com a lingoagem do mundo; antes quizeram os homens seguir às escuras o seu perverso estilo, do que ouvir huma palavra, que sahia á luz, para manifestar verdades, *Et dilexerunt homines magis tenebras, qua lucem*. Joan. 3. cap. 19. Finalmente correo no mundo a palavra Divina mais de trinta annos, mas tam pouco aceita, que para a naturalizar, foi precisa a autoridade de huma Divina approvaçam, & esta tão autentica, que nos ouvidos dos circunstantes a imprimio o estampido de hum trovam. *Vox Patris intonuit, hic est Filius meus dilectus*.

Pois que ? LEITOR PSEUDOCRITICO, já dás licença, paraque corram palavras autorizadas com exemplos? Parece que si. Mas queres exemplos de Autores muito graves. Para o uso das palavras, não há Autores mais graves, que os Mestres do officio, de que sam as palavras. Que querias? que para palavras proprias do officio do Sangrador, ou Barbeiro, puxasse por autoridades da *Arte de reinar de Parada*, ou do *Autor da Brachilogia dos Principes*? Para a ditta materia tirei exemplos da *Pratica dos Barbeiros* de Manoel Leitão, Mestre em Artes, & Cirurgia. Para nomes de achaques, & lesoens de cavallos, havia eu de recorrer as *Epanaphoras de D. Francisco Manoel, às Decadas de Barros, & Monarchias Lusitanas*? Para este effeito peguei da *Summula* de Alveitaria do Rego, porque, como diz Horacio, *Tractant fabrilis fabri*.

Assim tivera eu achado Autores Portuguezes em todas as Artes liberaes, & mecanicas, para allegar com elles? Por falta deste subsidio, corri as mais humildes officinas da Republica; passei tardes inteiras em *Atafonas*, entre *Moegas*, & *Almanjarras*, enfarinhado na Arte de moer, esperdiçador de decoros, & aproveitador de farelos; entrei em forjas de Ferreiros, & Fundidores, examinei *Bramideiras*, & *Foganhas*, tomei postilla de fundiçam entre *Cadinhos*, & *Alcravizes*; mettime em lagares de vinho, puzme de *Gorra* ao pê das uvas, & em lagares de azeite andei a roda no meyo de *Varandas*, & *Entrosas*; chegueime a *Frades*, que nem sam Religiosos, nem Apostatas, & fui obrigado a carregar a memoria da *Capachos*, & *Balurdos*.

Do trabalho, que tomei em colher de todos os livros Portuguezes, que me vieram às mãos, dicçoens, & phrases, não faço menção; sô digo, que enchi dellas alguns dez volumes de quarto, & nesta colleccãm gastei mais de seis annos. Não me arrependo do tempo, que me levou esta curiosidade: sem exemplos de Autores, cada dia se formariam duvidas sobre o significado, & uso de muitas palavras deste Vocabulario. Na frequencia destas allegaçoes imitei a Calepino, em que rara he a palavra, sem o nome do Autor, que usou della. Desta noticia depende no latim o abono das vozes, se a palavra, ou phrase fica aceita por Latina; mas sendo de Autor contemporaneo aos Antoninos, no principio da corrupçam da latinidade, não se pode usar dellas com segurança.

Por esta mesma razam, allego nesta obra com Autores antigos, & modernos; pello tempo, em que escreveram, distinguirás as vozes correntes das antiquadas, cuja noticia tambem tem seu prestimo, para se entenderem livros, & Escrituras antigas, que hoje, entre os proprios naturaes, necessitam de interpretes: nem reparei em misturar nesta obra Autores cultos com incultos, porque tambem nestes há expressoens dignas de se saber; & como de todos me aproveitei, de todos venero a memoria.

Se entre estes Autores Portuguezes não achas o teu nome, LEITOR PSEUDOCRITICO, a culpa não he minha. Muito dezejara valerme da tua erudiçam, & divulgar no mundo a elegancia do teu estilo; mas não allego com obras tuas, porque (se me não engano) as tuas obras ainda estam debaixo do prelo da tua idea. Como sahirem á luz, não faltaram zeladores, que te façam a caridade.

#### AO LEITOR IMPERTINENTE

VALhame Deos! como me poderei eu livrar de impertinentes? Com zelo de perfeição, & às vezes com ignorancia crassa, em tudo embica a impertinencia. Pôs o LEITOR

IMPERTINENTE os olhos no Frontispicio desta obra, & tropeçando em vocabulos ignotos, diz, que não hã, quem se entenda com tantos titulos, Latino Gregos, & Grego Latinos. Não hã duvida, que para ti, & outros taes hã nos titulos deste livro vocabulos inauditos: mas como sei, que es impertinente, delles, & dos mais faceis de entender, te farei logo huma breve declaração.

Chamo a este Diccionario *Aulico, Bellico, Comico, Chimico, Critico, Ecclesiastico, Florifero, Forense, Fructifero, Juridico, Rustico, Romano*. *Aulico* derivase do latim *Aula*, que quer dizer *Corte*; comprehende este epitheto as palavras proprias dos Palacianos, officios, & manejos da Corte. *Bellico* derivase de *Bellum*, que em latim he *Guerra*; quer dizer, que traz os termos militares usados nas Fortificaçoens, assedios de praças, batalhas, armas, instrumentos, & maquinas, que nellas se usam. Este Vocabulario he *Comico*, porque tambem faz menção de palavras chulas, rifoens, & annexis do vulgo, proprios de comedias, & farças; he *Chimico* nos termos da Arte destillatoria, spagirica, & *Chimica*; he *Critico*, particularmente no uso de algumas diçoens latinas, cuja significaçam he ambigua, ou de Autores menos abonados; he *Ecclesiastico*, no que toca às dignidades, imunidades, & preeminencias Ecclesiasticas. *Florifero*, & *Fructifero*, aindaque não significuẽ propriamête, o que no latim quer dizer *Florifer*, & *Fructifer*, são epithetos, que a este Vocabulario se pode appropriar, porque traz descripçoens, & noticias de todo o Genero de *Flores*, & *Fructos*; he *Forense*, na praxi dos Tribunaes, & estilo dos Letigios que segundo Quintiliano tambem o homẽ versado em demandas se chama *Homo Forensis*: he *Juridico*, nas expressoens, concernentes ao exercicio da justiça; *Rustico*, nas phrases campestres, & termos de Agricultura, à imitaçam do livro composto por Catão; & intitulado *De Re Rustica*; & chamolhe *Romano*, porque traz o latim, lingoa propria, & natural dos Antigos Romanos; por isso o P. Felice Felicio da Companhia de Jesvs, dando a razam, porque chamou ao seu Diccionario, Italiano, & Latino, *Onomasticum Romanum*, diz na Epistola ao Leitor, *Romani cognomen inditum est operi, quia Romanum sermonem, hoc est latinum, docet*.

Bem està, diz o *Leitor Impertinente*; Da declaraçam destes primeiros epithetos conjecturo, que estes outros, a saber, *Anatomico, Architectonico, Dogmatico, Dialectico, Etymolgico, Economico, Geographico, Geometrico, Medico, Musico, Nautico, Numerico, Orthographico, Poetico, Religioso, Symbolico, Sygnonimico, & Theologico*, denotam palavras pertencentes à *Anatomica, & Architectura*, aos *Dogmas*, & materias concernentes à Fê, & pontos de Religião; à *Logica*, ou *Dialectica*, à *Etymologias*, ou derivaçoens de outras lingoas; à *Economica*, ou governo das casas, à *Geographia*, ou descripçam de terras, Provincias, & Reinos; à *Geometria*, ou sciencia de medir os corpos, & partes delles; à *Medicina, Musica, Nautica*, ou Arte de navegar; à *Algebra, Arithmetica*, & sciencia dos numeros; à *Ortographia*, ou Arte de escrever correctamente; à *Poesia*, às *Ordens Religiosas*; a motes, devizas, Emblemas, Jeroglyphicos, & Symbolicas imagens; a Synomicos, ou vozes, que, aindaque diversas, significam o mesmo, & finalmente a toda a Theologia Escholastica, & Positiva.

Mas tantos outros titulos, pella mayor parte inauditos, quem os poderã decifrar? Quem? Qualquer, que tenha huma leve noticia da lingoa Grega. He este Vocabulario, *Botanico*, porque declara nomes, & propriedades das ervas. *Botani* quer dizer *Erva*. He *Dendrologico*, porque falla em toda a casta de arvores; *Dendros* he *Arvore*. He *Homonymico*, porque expoem todo o genero de Equivoco; *Homonymico* he o mesmo que *Equivoco*; compoemse de *Homos*, ou *Omoios*, que val o mesmo, que *Semelhante*, & do Jonico *Onyma*, por *Onoma*, que quer dizer *Nome*; com o mesmo nome significam os Equivocos cousas diversas. He este Vocabulario *Hierologico*, de *Hieros*, sagrado; manifesta os nomes de toda a cousa sagrada, ornatos, vasos de Altares, Sacramentos &c. He *Ictyologico*: acharàs nelle o nome, & a descripçam da mayor parte dos peyxes. *Ictyos* quer dizer *Peixe*. He *Isagogico*, de *Isagogi*, introduccam. Bem sei, que não hã Vocabulario, nem pode haver, que não seja *Isagogico*, porem como neste se definem, & explicam todos os termos, que introduzem ao conhecimento de todo o genero de sciencias, & doutrina, parece lhe compete com particularidade o titulo *Isagogico*. He *Laconico* de *Laconismos*, que quer dizer falla breve, propriedade de *Lâcones*, ou *Lacedemonios*, que em breves sentenças diziam muito, & hum bom Diccionario, breve, & substancialmente trata de tudo.

He *Lithologico*, de *Lithos*, pedra. Falla em toda a casta de pedras, assim toscas, como

finas, conhecidas dos Architectos, Philosophos, & Lapidarios. He *Liturgico*, de *Liturgia*, Acção, ou Ministerio publico; nelle se declaram as ceremonias dos Ministros da Igreja nos officios Divinos. He *Meteorologico*, de *Meteoros*, que val o mesmo, que *Altos*, *levantados*, *sublimes*; falla em vapores, que se levantam da terra, em chuva, pedra, ventos, neve, nuvens, & outras impressoens, que se formam no Ar. He *Neoterico*, de *Neos*, novo; novamente sahe à luz, & traz muitas palavras novamente introduzidas no idioma Portuguez.

He *Optico*, de *Opsis*, visam. Expoem toda a fabrica, & artificio do orgam da vista, rayos visuaes, oculos, microscopios, & outros instrumentos, com que para os olhos se muda a realidade, ou apparencia dos objectos. He *Ornithologico*, de *Ornithos*, Ave. Dà razam de toda a casta de Aves mansas, caseiras, bravas, silvestres, & de rapina. He *Philologico*, de *Philologos*, Amante das boas letras. Nelle se explicam vozes Grammaticaes para a propriedade, & elegancia da locuçam, termos de Poesia vulgar, & Latina, & tudo, o que pertence a Humanidades, & amena litteratura. He *Pharmaceutico*, de *Pharmacon*, Remedio. Falla nos medicamentos, & drogas, que se preparam na Botica. He *Syllabico*. Sobre as palavras, que podem causar embaraço na pronunciaçam, hã sinaes, que denotam as breves, & longas das syllabas. Neste proprio sentido usa o Autor do Martyrologio em Portuguez deste adjectivo *Syllabico*. *Quidditativo*, *Qualitativo*, *Quantitativo*, sam nomes que denotam, a essencia, qualidades, & quantidade, assim discreta, como numerica.

He *Rethorico*, porque traz os nomes de todos os tropos, & figuras da Rethorica. He *Technologico*, de *Techni*, Arte. Trata de todas as Artes liberaes, & Mechanicas. He *Terapteutico*, porque declara termos da Cirurgia, de que a Terapteutica he parte. He *Uranologico*, de ouranos; descobre não sò as perfeiçoens do Ceo material, mas as virtudes dos Espiritos Angelicos, as calidades dos corpos gloriosos, & felicidade do Ceo Empyreo. He *Xenophonico*, de *Xenos*, Estranho, & *Phoni*, voz. Declara muitas vozes estranhas, que o commercio com o Brasil, India, & outras terras ultramarinas introduzio, se não na lingoa, na Historia das conquistas de Portugal, como se vê no livro das Noticias do Brasil do P. Simão de Vasconcellos, nas Decadas de Joam de Barros, Diogo do Couto, &c. & por esta mesma razam chamo a este Vocabulario *Brasilico*, & *Indico*, & a estes dous se lhes poderia ajuntar muitos outros epithetos, & nomes de naçoens diversas, porque das suas conquistas, & dominios fora da Europa, de Angola v. g. Congo, Moçambique, Sofala, &c; trouxeram os Portuguezes muitos vocabulos; & como a mayor parte dos termos militares se tem tomado de varias naçoens da Europa, ao Vocabulario, que as traz, compete ainda mais particularmente o titulo de *Xenophonico*.

Tambem se pode este Vocabulario chamar *Gentilico*, do latim *Gentilitius*, cousa concernente a Familias, donde vem chamar Tito Livio aos nomes das familias, *Gentilitia nomina*, & chamam os Latinos às armas das Familias; *Insignia Gentilitia*; & a esta obra se deve este titulo pellas vozes, & phrases, que nella se declaram, proprias do Blazam, ou Arte de Armeria.

Para rematar com a ultima letra do Alphabeto os titulos deste Vocabulario, chamolhe *Zoologico*, do Grego *Zoon*, que quer dizer *Animal*, porque sem ser Arca de Noe, recolhi nelle todo o genero de animaes, & aquaticos, bravos, & domesticos, bipedes, quadrupedes, &c.

Insta o LEITOR IMPERTINENTE: Tudo isto se podia dizer neste unico epitheto, *Universal*, & era escusada a triplicada serie de vocabulos, que todos juntos não dizem tanto, como elle.

A esta nova instancia respondo, que para distinguir com clareza noçoens intellectuaes, nos ensina o discurso a proceder de universal para os particulares. Nestas primeiras, & poucas palavras do Genesis, *In principio creavit Deus Caelum, & Terram* tinha Moyses ditto, quanto se contem nas obras da criaçam: porem como esta noticia universal era tam confusa, como o primeiro cãos do mundo, deceo o Historiador sagrado aos particulares, & com titulos genericos foi dividindo em seis classes a innumeravel multidam das criaturas. A imitaçam de tam grande Autor procedem os bons Autores do geral para o particular, & podendo eu seguir o exemplo de alguns modernos, que dão aos seus vocabularios o titulo de *Universal*, & debaxo delle vam declarando os particulares; para evitar a impertinencia dos teus reparos, não honrei o frontispicio desta obra com tam magnifico titulo; sò com varios epithetos procurei declarar a substancia, do que contem.

Tambem não he razam, que condenes estes nomes, por serem Gregos, ou Grego-Latinos; que eu não sou o introductor deste genero de titulos em livros compostos em idioma Portuguez. Já dos prelos de Portugal sahiram com aceitação muitas obras com titulos tomados da Grecia; digam-no as *Epanaphoras* de D. Francisco Manoel; a *Brachilogia* de Fr. Jacinto de Deos. A *Corographia* de Barreiros: o *Catastrophe* de Portugal: a *Polyanthea* de João Curvo de Semmedo; a *Topographia* de Antonio de Carvalho. Muito antes destes Authores o celebre Chronista João de Barros imprimio anno de 1532. hum Dialogo moral intitulado *Rhopica Pneuma*, palavras Gregas, que em Portuguez valem o mesmo, que *Mercadoria Espiritual*, obra naquelle tempo tam estimada. Ludovico Vives, hum dos mais doutos homens do seu tempo, com a liçam della se moveo a dedicar a Joam de Barros o tratado, que fez da oraçam mental, impresso no anno de 1535 com o titulo de *Exercitationes animi in Deum*.

Sem estas, & outras semelhantes usurpaçoens, ou emprestimos do Grego, muitas vezes seria necessaria hum grande escritura, para formar o titulo de qualquer livrinho; quando pello contrario, com poucas palavras, tomadas do Grego, manifesta hum Escritor a substancia da mais vasta idea. Diante dos olhos tens a prova desta verdade. No frontispicio desta obra com cincoenta, & quatro adjectivos, pella mayor parte Grego-Lusitanicos, digo, o que declarado em romance, não caberia em muitas folhas de tediosos periphrasis, & circunloquios.

Agora pergunto. Com as razoens sobreditas, & com esta demonstraçam ficaràs tu satisfeito, & eu justificado? Não sei. Se a primeira folha desta obra deu â tua impertinencia tão grande campo, que serâ entrando mais da terra para dentro?

Já sei, que topaste com palavras antiquadas, & entendo, que como taes, as queres exterminar deste Vocabulario. Não sabes, que tem as palavras, como as Monarchias, seu principio, estado, & declinaçam? Não se escreve sô a Historia dos Reinos, que florecem; tambem se renova nos livros a memoria dos Reinos, que acabaram. No tempo de seu reinado, as palavras, que hoje desprezas, exerciam os mesmos officios, & logravam as mesmas preeminencias, que as que substituyo o tempo no seu lugar. Deves de as considerar, como soldados emeritos, & aposentados, que no seu tempo sustentaram os decoros da lingua materna; estâs obrigado a venerallas, como reliquias da eloquencia dos nossos antepassados.

Tambem hâs de advertir, que as vozes, aindaque<sup>17</sup> extinctas, & mortas, tem como as cinzas seu uso. Saõ as cinzas, pobres residuos da materia combustivel, mas cõ ellas se alimpam vasos de muito preço; cõ as cinzas de certos vegetantes se fazem vidros tam claros, como cristal; & na Igreja tem as cinzas hum dia de tanta gloria, que ate na testa dos Monarcas tem assento. Que respeito não tiveram os Antigos âs cinzas? Guardavam as cinzas de seus mayores, & chegou o Amor conjugal a fazer da Rainha Artemisia, vivo deposito das cinzas de seu esposo.

Tu, LEITOR IMPERTINENTE, olhas para dicçoens antigas, como para inuteis avanços, & cinzas da locuçam. Mas tem a noticia dellas seu uso, & seu valor. Com esta noticia se farão pretendentes ao teu conhecimento os seculos passados; com ellas entenderâs a lingoagem de teus Avôs, os quaes, se tornassem a viver nas suas cazas, mal poderiam entender a de seus netos; finalmente te abrirâ esta noticia o caminho para a intelligencia das Escrituras, que, se te não forem de proveito, poderão recrear a tua curiosidade. Quem sabe, se algum dia estas palavras mortas tornarâm a resuscitar, segundo o vaticinio do Poeta. *Multa renascentur, quae jam periêre?* Com a perpetua revoluçam das cousas sublunares, tambem para vocabulos hâ restauraçoens de ruinas, & nam desmerecem veneraçam probabilidades de novo luzimento.

Com outra perluxidade sahe o LEITOR IMPERTINENTE; diz, que neste Vocabulario a varias dicçoens falta o latim. Desta falta não tenho eu toda a culpa, porque se algumas destas faltas sam ignorancias minhas, a mayor parte dellas sam penurias da propria lingua latina. A todas as Artes, Engenhos, Instrumentos, que se inventaram de mais de mil annos a esta parte, faltou a lingua latina, porque era morta. Aos Autores, que depois da extinçam

<sup>17</sup> *Andaque* no original.

deste nobilissimo idioma escreveram, não foi licito suprir estas faltas, porque nenhum Autor tem direito para ampliar a lingoagem, que lhe não he natural.

Se por algum portentoso estrago (de que nos livre a summa bondade Divina) não houvera mais Portuguezes no mundo, seria bom, que Inglezes, Hollandezes, ou outras naçoens do Norte, se offerecessem para prover a lingoia Portugueza das palavras, que com o tempo poderiam faltar para a expressam de novos inventos, & artificios? Outro absurdo semelhante a este seria, que depois de extincta com os antigos Romanos a lingoia latina, tomassem outras Naçoens a sua conta fabrica das dicçoens, de que com o tempo se vio, & sempre mais se vai vendo necessitada a ditto lingoia: dado pois o caso, que se podera por isto em praxi, parece, que a huma sô naçam se havia de encarregar este negocio; porque se a cada qual dellas fosse permittido excogitar palavras alatinadas, cada huma dellas as fabricaria ao seu modo; & para o mesmo significado seria tam grande, & tam diversa a variedade dos vocabulos, que huma Naçam não entenderia o novo latim, ou arremedo de latinidade inventado por outra: & se conviessem todas as naçoens, em que a huma particularmente se desse este cuidado, qual dellas levaria com assenso, & beneplacito de todas a preferencia?

Acaba de entender, LEITOR IMPERTINENTE, que sam irremediaveis as faltas de huma lingoia morta: morreo com os antigos latinos a lingoia latina; não hã no mundo officina capaz, para se forjarem nella vocabulos proprios nas indigencias deste idioma. Em que Autor latino acharemos palavras proprias para tudo, o que pertence a moinhos de papel, & armas de fogo, artificios ignorados dos Antigos? Nem para huma folha de papel, nem para quatro graões de polvora temos palavras proprias latinas. *Papyrus* não he propriamente o papel, de que usamos; he o nome de huma arvore, de cuja entrecasca se serviam os Antigos, para escrever nella: *Charta* vẽ a ser pouco mais, ou menos o mesmo. Tambem *Pulvis nitratus*, que val o mesmo, que *Pô amassado com Salitre*, não he adequado significado de polvora; porque alem de salitre, na composiçam da polvora, entra Enxofre, & Carvam; & assim qualquer pô da terra misturado com salitre se poderia chamar *Pulvis nitratus*.

Finalmente, nem para as proprias Artes, em que foram Mestres os antigos Romanos, como a Cavalaria, & a Nautica, nos ficaram palavras proprias, & genuinas: tanto assim, que como os Romanos cavalgavam sem estribos, não temos latim certo para Estribo: *Astraba*, *scala*, *staphia*, *stapes*, & *stapeda* são de Autores, que escreveram depois da corrupçam da latinidade; & não sò para esta dicçam, mas em mil outros particulares da Cavallaria de Gineta, & Estardiota carecemos de termos proprios latinos.

O mesmo nos succede na Nautica. Fabricaram os Romanos Galès, & Baxeis de alto bordo, Navios de Guerra, & mercantis, com mastos, cordas, & enxarcias; tiveram Pilotos, Capitaens, & outros officiaes subalternos; sulcaram os mares, deram batalhas naveas, venceram tormentas, padeceram naufragios; porem entre alguns termos latinos, de que faz mençam Bayfio no seu Tratado *De Re Nautica*, quantos outros nos faltão para a construcção, aparelho equipação, & marcação das Embarçaçoens modernas? Aonde acharemos latim proprio para *Alcaxas*, *Botêolos*, *Delgados*, *Entremechas*, *Moucarroens*, *Zoncho*, & outros infinitos termos da carpintaria das nossas naos, muito diversa da fabrica das antigas?

Em varios lugares desta obra tomei o trabalho de exprimir com periphraisis, & circunloçoens latinas os nomes Portuguezes de varias Artes liberaes, & mecanicas, que não tem latim proprio; mas conhecendo por experiencia a inutilidade deste trabalho, por serem materias, que rarissimas vezes correm em discursos latinos, resolvime a deixar o latim dellas em branco; quanto mais que muitos destes circunloquios, sobre tediosos, se fazem ridiculos, como verês no exemplo, que se segue.

Quero fazer em latim esta pergunta. Quanto val este estribo? Palavra propria latina (como já tenho ditto) não a hã; recorro a circunloçoam, & digo, *Quantum ualet instrumentum istud ferreum, ab equi lateribus utrinque dependens, cui innituntur, atque insistunt equitantium pedes?* Todas as palavras deste Periphraisis sam latinas, & esta definiçam, ou descripçam do Estribo he de Vossio; porem neste lugar o uso della he mais digno de riso, que de imitaçam.

Tornarã a instar o LEITOR IMPERTINENTE, & dirã, que o deixar o latim em branco, he faltar a Fê publica, & ao titulo da obra, que diz, *Vocabulario Portuguez, & latino*.

Se eu previra, que es de tão mao contento, nesta obra não appareceriam palavras, a

que falta o latim. Ainda assim, não me arrependo de ter feito mençam dellas; ficava esta obra mais defectuosa dos vocabulos de duas, que de huma sô lingoa. Se algumas vezes faltar o latim, contentate com o Portuguez; bastará para satisfazer a tua curiosidade, ou para alumiar a tua inscicia; melhor he teres alguma noticia mais em Portuguez sem latim, do que ignorares o latim juntamente, & o Portuguez. Muitas vezes os titulos dos livros sam como os rotolos da Botica. Nas boticas, mais abundantes de drogas, se acham rotolos, que prometem, o que os vasos não tem. Tambem hã titulos, que prometem mais do que dão o livro. No Calepino de outo lingoas quantas palavras hã sem outra noçam, que a do latim? A quantas outras falta o Hebreo, ou outra lingoa das que promete o titulo do dito livro? Nenhum Autor está obrigado a esgotar a materia, de que trata; nem se deve de envergonhar, se entre as muitas cousas, que sabe, ignora algumas. Finalmente não escurecem toda a obra os claros, que nella se acham. Na sua Eneida deixou o Principe dos Poetas alguns versos imperfeitos; poderia ser mysterio esta interrupçam; haverã occasiam, em que mais diga Virgilio com hemystchio, do que teria ditto com hum verso inteiro.

Todo o Vocabulario he obra sogeita a defectuosas noticias; porque he hum aggregado dos nomes de todas as obras de Deos, & dos homẽs; & não hã Autor, que tudo saiba, para poder dar razam de tudo. *Non omnia nouimus omnes*. Por esta mesma razam, não hã Autor mais infelice, que o de hum Vocabulario. Dos mais Autores, não se espera, se não hum certo genero de noticias; do Philosopho natural, noticias Physicas; do Jurisconsulto, noticias legaes; do Astronomo, noticias do Ceo; do Geographo, noticias da terra; do Autor de hum Vocabulario, com injusto rigor se pretende, que dê noticias de tudo; para fartar a ambiçam da curiosidade, milhoens de noticias não bastam; huma noticia menos, he huma intoleravel abstinencia.

Pois que, LEITOR IMPERTINENTE? Ainda serás tam cruel, que me queiras obrigar a saber de tudo? Que pouco te aproveitarã os teus rigores! Tam fora estou, de querer saber tudo, que já me dei por satisfeito com saber, que não sei nada. *Hoc unum scio, me nihil scire*. Mas tambem sei, que se me tornares a molestar, te enxotarei como mosca. Mosca he o impertinente. Por isso hum dos nomes do Demonio he Beelzebub, que (segundo a raiz Hebrea) quer dizer *Idolo das moscas*. Symbolo da impertinencia he a mosca. A quem começou de perseguir, não o larga; vai, & vem; voa, & volta; lançada de huma face, investe com outra; assoprada da boca, mettese pellos olhos; inimiga tão obstinada, como atrevida; presente, & remota; sempre expulsa, nunca desterrada; aggressora, & fugitiva; interrompe os assaltos, para os multiplicar; suspende as picadas, & as renova; de toda a superficial bizzarria da natureza, & da Arte, inevitavel estragadora; & da mais sofrida paciencia, volatil tiranna.

Isto mesmo por outros modos executa o Idolo, ou (segundo outra versam) o principe das moscas; sempre inquieto, & nocivo; sempre alerta para os ataques, porque insensivel às repulsas; perseguidor das virtudes, contaminador das cõsciencias, & da paz interior da alma perturbador eterno. Atè ao Rey dos Anjos se atreueo o Rey das moscas; excogitou huma treta, secundou com outra, porfiou com terceira; a primeira foi talho á abstinencia; *Dic, ut lapides isti panes fiant*; a segunda foi reuez à prudencia; *Mitte te deorsum*; a terceira foi estocada a santa pobreza. *Haec omnia tibi dabo*. Finalmente não suspendera a mosca Infernal as suas investidas, se o Divino Senhor o não enxotara com hum *Vade retro*, que pos por fim aos tiros de sua importuna temeridade.

Para que apuras a minha paciencia, LEITOR IMPERTINENTE; em lugar de metterte nas tuas conchas, te mettes, onde te não chamão; estranhas, o que não entendes; condenas, o que não sabes; as tuas emendas, sam nodoas, com que sujas este livro; os teus reparos sam pique, comque offendes seu Autor; mas pois não entendes razam, deixame, & já que es mosca, môsca. Vade.

#### AO LEITOR MOFINO

MOFINO de mim; que cahi nas mãos de hum mofino. Vio o miseravel os dous primeiros volumes deste Vocabulario, & lançando a conta, ao que poderia custar toda a obra junta, esmoreceo com a consideraçam de mercancia tam cara. Já lâ vai o tempo, em que

a peso de ouro se vendiam os livros; *Theat. vit. Hum.* Já se extinguiu a prosapia dos que entendiam, que a verdadeira riqueza he o saber. Desta geraçam illustre, foi o Divino Platam, que ainda que mal provido dos bens da fortuna, não reparou em dar dez mil Denarios (moeda de prata dos antigos Romanos) pellas obras de Philolao Pythagorico. Desta mesma categoria foi Aristoteles, que comprou huns poucos de livros de Speusippo Atheniense por settenta, & dous mil sestercios, (tambem moeda de prata, que naquelle tempo corria em Roma.) *Aul. Gell. lib. 3. cap. 17.*

Hoje todas as riquezas se empregam em materias oppostas ao saber, para delicias, que pervertem a razam; chove nas casas de impudicas Danaes o ouro; em crapulas, que offuscam o juizo, se esgotam Rios de prata; absorbe as perolas o luxo; estraga Rubis, & Diamantes a vaidade; finalmente, para satisfaçoens, & adornos do corpo, se desentranham os Potosis; estam as minas interditas pera ornatos do Espirito.

Se nesta Era fora o saber tam custoso, como nas primeiras idades do mundo; não me admirara tanto esta negligencia, & desprezo das letras. Alguns annos antes do Diluvio, o terceiro filho de Adam, por nome Seth, em duas columnas, que erigio, deixou gravadas, para a instrucçam da Posteridade, as noticias, que adquirira; naquelle tempo não havia outros Mestres, nem collegios, que aqueles dous estiticos padroens, dos quaes hum foi levado das agoas do Diluvio, & o outro, que era de pedra inteiriça, ficou em pê; & (segundo escreve Joseph Hebreo) *Joseph. Antiquit. Hebraic. lib. 2.* ainda no seu tempo se via nos campos de Syriada. Aquella columna era o unico sustento de toda a sciencia de aquella idade; de terras distantes hiam os curiosos consultar este oraculo, peregrinos discipulos de hum penedo; & postoque, com o andar do tempo, a Arte de escrever facilitou a communicaçam das sciencias expostas em folhas da palmeira, entrecasas de Arvores, laminas de chumbo, postas de cera, pelles de Animaes, sempre com trabalhosa industria se aprendiam, porque em muitos volumes se encerrava pouca doutrina, & se gastava mais tempo em desenrolar, que em ler as obras de hum Autor.

A isto se acrescenta, que a mayor parte dos doutos daquelle tempo, se fechavam com o seu saber, como fizeram Pythagoras, Socrates, & muitos Philosophos da Lacedemonia, que não quizeram divulgar seus scientificos arcanos; o que obrigou a Dion Chrysostomo, Demetrio Grego, Epitecto Stoico, Apollonio Thianeo, & outros illustres varoens a correr terras, para se avistarem com os sabios seus contemporaneos, merecendo com os descommodos da peregrinaçam os progressos do seu saber.

Por isso se fez Asinio Pollio tão celebre com a fabrica, & disposiçam da livraria de Roma, em que (como advertio Plinio) *Ingenia hominum rem publicam fecit plin. lib. 35. cap. 2.* os engenhos humanos se fizeram bens publicos, & numa como Dieta universal, se ajuntaram, aindaque auzentes, ou mortos, os mayores letrados do mundo.

Muito mayor beneficio fizeram ao Orbe litterario os inventores do papel, & da Impressam, porque com estes dous artificios não se formou huma, mas muitas, & tam abundantes livrarias, que podem saciar a mais voraz curiosidade. Hoje com estes eruditos socorros o aprender he mais divertimento, que trabalho. Para se aproveitar da sciencia dos Doutos, não hã mister correr terras, nem surcar oceanos; elles mesmos com melhores letras, que dão os Banqueiros aos viandantes, andam pello mundo, & por arte Typographica multiplicados, acodem no mesmo tempo a muitas partes; nas lojeas dos mercados estam em venda, como escravos; dos compradores, huns os fecham, & os tem presos; outros os correm, & os trazem nas palmas; outros os distribuem pellas estantes das livrarias, aonde juntos, & divididos, dizem sem alteraçam o seu parecer, & com inalteravel firmeza sempre dizem o mesmo.

Quando pellas escrituras dos Amanuenses se publicavam obras de engenho, gota a gota destillava das pennas o precioso antidoto da ignorancia; mas agora, que de hum jacto se tiram no prelo folhas inteiras, repentinamente doutas, brotam em cachoens as fontes da sabedoria, & com perennes affluencias a sede de saber se apaga.

Para te fazeres capaz desta verdade, LEITOR MOFINO, hã de advertir, que nos livros, quando se compram, se paga sô, o que se vê, & o que se toca. Pagase o papel, pagase a letra, pagase o trabalho dos artifices, & o uso, ou gasto da Empresa. Mas nesta mesma compra o melhor, & o mais precioso, a saber, o que se não vê, & sô se entende, o que se não

toca com as mãos, & sô com o juizo se alcança, nunca se paga.

Partos do entendimento não se podem pagar; sam emanaçoens de huma potencia espiritual, superior a tudo, o que hâ de material no mundo. Segundo a moral Theologia, o comprar, ou vender cousa espiritual, he pecado; porque o espiritual, em quanto espiritual, não tem preço material equivalente. Argumentando pois do espiritual da graça para o espiritual da natureza, com a devida distincão, e reverencia, seria huma especie de symonia querer pagar com dinheiro obras de engenho; porque sam producçoens, com que pella sua natural nobreza não tem equivalencia os mayores tesouros do mundo.

Supposto isto, na compra dos livros huma cousa se compra, outra não; comprase o material do livro, porque para esta materialidade pode haver equivalencia material; mas não se compra o espiritual, o engenhoso, o judicioso, o sentencioso, o doutrinal, o scientifico, o discreto, porque para espiritual riqueza não hâ opulencia material equivalente. De sorte, que comprar hum livro, he comprar; he dar dar dinheiro por huma cousa, & não dar nada por outra; ou (segundo a phrasi do Propheta Isaias cap. 55) he comprar sem dinheiro, *Venite, emite absque argento*. Vinde, comprai sem dinheiro. Para quem compra livros; não tem este modo de fallar implicantia; porque com o seu dinheiro sò paga o comprador o material do livro; o formal d'elle, que he a sciencia, a discriçam, dase de graça, que nenhuma somma de dinheiro se pode por em paralelo com huma dragma de entendimento. Aquelles generosos Mecenas, que por humas prosas, ou por huns versos mandavam distribuir tesouros, na minha opiniam, [não]<sup>18</sup> pretenderam premiar os Autores; quizeram acreditar o seu proprio juizo com a estimaçam, que fizeram das obras de engenho.

Nenhuma destas razoens te abala, LEITOR MOFINO, porque mais estimas hum golpe de dinheiro, que toda a descriçam do Parnaso. Não me tens tu geito de querer seguir o exemplo daquelle Principe Toscano, que desejava ter noticia de tantos livros, que para os comprar todos, se visse obrigado â empenhar a melhor joya da sua coroa, nem tão pouco estás com disposiçam para imitares aquelle cavalheiro Tudesco, que comprando huma livraria, & dandolhe o livreiro tempo para a paga, não aceitou o prazo, dizendo, que mercancias destinadas para commodos, & ornatos do corpo, honradamente se podião tomar fiadas, mas que livros, preciossimos ornamentos, & entretenimentos do Espirito se haviam de pagar de contado.

A mim estas razoens exemplos me obrigarão a preferir livros a tudo, o que o mundo estima; & para não ser inutil ao publico esta minha curiosidade, procurei reduzir a esta obra todos os livros, que me vieram âs mãos, Latinos, Gregos, Hebraicos, Portuguezes, Castelhanos, Francezes, Italianos, &c. Para a execuçam desta laboriosa empresa, *Quae totum hominem desiderat*, fui precisado a tirarme da predica, & renunciar os emulumentos della, que pella continuaçam de muitos annos importariam a estas horas muitos mil crusados. De todo este lucro cessante, & dano emergente não fiz caso; não attentei âs advertencias dos amigos, que duvidosos da possibilidade do successo, me aconselharam, que fizesse deste parto hum aborto; não me desanimarão as contrariedades dos Emulos, que com indiscretas criticas procuravam escurecer a obra antes da sahida a luz. Como eu não levava outro fim, que a gloria de Deos, & a utilidade publica todos os obstaculos me parecião chimeras, & espantalhos de pusillanimes. Resolvi-me a passar a Franca, para na Metropoli de aquelle Reino fazer mais exacta, ou mais celebre a impressam do Vocabulario. Para ensayo da empreza, entreguei ao Director da Impressam Real do Luvre alguns sermoens meus manuscritos, prègados na Corte de Portugal, que formaram o terceiro volume das minhas primicias Evangelicas. Mas brevemente me desenganou a experiencia: porque da officina do Impressor sahiam as provas com tão grande numero de erratas, que não cabiam nas margens as emmendas.

A razam desta desordem he, que nas officinas Typographicas o official, a que chamão *Compositor*, he o que com o original diante dos olhos, tira successivamente as letras, & as arruma para compor as palavras; & quando não sabe a lingoagem do papel, que tem diante de si, a cada passo tomas humas letras por outras, & trocandose com este desacerto as palavras, se embaraça, & confunde o sentido. Verdade he, na ditta officina havia

<sup>18</sup> Errata.

Compositores, que sem saberem Latim, nem Grego, nem Hebraico, não deixavam de compor correctamente os papeis, que lhe entregavam nos dittos idiomas; porem (segundo elles mesmos affirmavam) atinavam com as letras pello uso dellas, & a pratica tinha lugar de sciencia.

A esta falta de Compositores praticos na liçam de papeis Portuguezes, se acrescentavam outras difficuldades, a saber, o custoso transporte da obra, depois de impressa, perigos do mar, insultos de Piratas, ou inimigos, & outros muitos inconvenientes, que deixo em silencio. Com este desengano da impressam dos meus papeis em Paris, tratei de enfardelar, & porme a caminho para Portugal com esperança de melhor successo. Poucos mezes depois da minha chegada a esta Corte, a politica das guerras da Europa, metteo a Coroa de Portugal na liga contra França; valeose desta revoluçam a sagacidade dos meus Emulos. Excogitaram razoens para provar, que o meu regresso a Portugal fora mysterio, para me fazerem sospeito; fizeram-me Estadista; acharão-me talentos, para me acharem [achacarem]<sup>19</sup> perfidias; creceo com a suspeiçam a calumnia; alguns dispendios no meu trato, ajudados da caridade alhea, foram reputados liberalidades de hum Monarca, em premio da minha agencia; forjou a impostura delitos, cuja execuçam era em si moralmente impossivel, mas facil, & provavel para a credulidade dos necios. No meyo das tormentas de huma infelice innocencia, pouco faltou, que não cahisse em mim o rayo exterminador da nação Franceza; não me valia o ser Inglaterra minha patria, & a lingoa Ingleza minha lingoa materna. Parecia a muitos, que he incompativel coração Portuguez com lingoa Franceza.

A este excesso chegou a emulação: não achando na minha fidelidade peccados de obras, pegouse às palavras; & por não serem Portuguezas, as fiz criminosas. Graças a Deos, que segundo o sistema dos negocios da Europa, não quebrará Portugal com a Grecia; que em occasiam de guerra com os Gregos, muito dano me poderia fazer a pouca noticia, que tenho da sua lingoa. Nesta materia não digo mais, porque não he este lugar para apologeticos despiques. Mas he preciso, que diga, que para me livrar de populares insultos, fui obrigado a buscar o Real, & Religioso asylo de Alcobça: El-Rey D. Pedro segundo, meu suspirado senhor, foi servido honrar com sua soberana recommendaçõ o meu retiro; por ordem deste Senhor, o Reverendissimo Padre Fr. Pedro de Lencastro, que entam era Geral, & como Esmoler mór assistia em Lisboa, & hoje he dignissimo Bispo de Elvas, escreveo a estes padres, que me dessem bom trato; quanto mais, que Sua Magestade não tinha do meu procedimento queixa alguma. Para a caridade, & cortezania destes Santos Religiosos. Não era necessario este estimulo; de sua ingenita bondade recebi singularissimos favores, & com singularissimo contentamento fui eu hospede mais de tres annos; neste intervallo tive tempo, para retocar toda a obra; retardouse a impressã, mas com proveito; porque este genero de obras, quanto mais se dilata, mais se augmenta, & aperfeiçoa.

Se fora o LEITOR tão discreto, como MOFINO; desta dilação tomâra motivo para mais estimar a obra. Nenhuma cousa merece mayor estimaçõ, que a que tem custado muito tempo; por que o tempo he a mais preciosa cousa do mundo. Ao homem dalhe Deos muita terra, para a lavoura; muito mar, para o commercio; muita luz, para a vista; muita flor, para o olfacto; muita fruta, para o gosto; mas o tempo não no lo dà Deos, senão por successivos instantes; nunca logramos dous instantes juntos; o instante passado já lâ vai; o instante futuro ainda não existe; entre o passado, & o futuro, a penas subsiste o momento presente.

A razam moral desta tam moderada, & miuda repartiçõ, he, que não tem a natureza cousa mais preciosa, que o tempo. Com o tempo, madurecẽ no câpo as searas, & se cozẽ os metaes nas minas; traz o tẽpo todas as galas da primavera; sazona o tempo todos os sabores de outono; em breves horas se ganhão victorias, com que se fundam Reinos, & Imperios; & com hum instante bem gastado se compra a Eternidade. A este proposito, discretamente dizia aquelle antigo, que não hã, nem pode haver homem mais prodigo, que o ocioso; porque o não aproveitarse do tempo he desperdiçar o mayor tesouro.

LEITOR MOFINO, não me canço em fazerte a enumeraçam dos dias, & horas, que gastei na composiçam deste Vocabulario; sò digo, que trabalhei nesta obra mais de trinta

<sup>19</sup> Errata.

annos. Duas vezes escrevi de minha letra os oito volumes, que vão sahindo à luz, & outras duas vezes foram os dittos volumes tresladados, & postos em limpo por diversos Escreventes. Nestas poucas folhas offereço ao publico para a intelligência, propriedade, & uso das palavras Portuguezas, & latinas a substancia de mais de dois mil volumes. Aos curiosos poupa esta obra o gasto de huma grande livraria; & ainda que tivesse cada particular todos os livros, que revolvi, & Autores, que consultei para o intento, todas estas noticias estariam espalhadas sem ordem, nem distinçam entre diferentes assumptos, & materias; quando pello contrario, nesta obra, como num campo, em que se faz alardo geral de hum Exercito, todas as palavras em fileiras, ou filas estam por sua ordem Alphabetica continuamente expostas â curiosidade dos Leitores.

Parece, que com estas razoens tenho provado, que para servir a Republica das letras, não poupei, nem trabalho, nem dinheiro; & o que mais he, do trabalho, que tomei, & do dinheiro, que gastei, não espero premio algum; porque como as boas letras se chamam, & sam, *Artes Liberaes*, tudo nellas (para amofinar mofinos) deve ser liberalidade, desenterece, & grandeza.

**iii) «Ao muito alto [...] D. João Quinto» (*Supplemento*, 1727)**

AO MUITO ALTO,  
MUITO PODEROSO, E MAGNIFICO REY,  
D. JOÃO QUINTO.

SENHOR.

ESTE Supplemento he effeito do bom gosto de Vossa Magestade, e he juntamente tributo da minha obediencia. Quando tive a honra de pôr aos pés de Vossa Magestade o setimo, e oitavo volume do Vocabulario Portuguez, e Latino, Vossa Magestade, a cuja Soberana prespicacissima comprehensãõ nada se occulta, considerou, que a dita obra, ainda que ampla, era diminuta pela innumeravel quantidade de vocabulos, que na vastissima extensãõ de hum idioma, por todo o theatro da natureza em creaturas, por Artes Liberaes, e Mecanicas, por todas as Sciencias, e ministerios da Republica, por todos os officios do vulgo, e geralmente por todas as expressoens do trato humano, com insensivel, e perpetua fecundidade se multiplicaõ.

Assim he, Senhor; e desde o anno de mil e seiscentos e sessenta e oito, que cheguey a primeira vez a este Reyno, estou admirando no idioma Portuguez esta notavel multiplicação em palavras, antigamente desconhecidas, e hoje sublimadas ao throno da mais excelsa eloquencia, e por isso me animo a sahir com este Supplemento.

Todos os Vocabularios saõ obras, que nunca chegaõ a ter coroa, porque naõ tem, nem moralmente fallando, podem ter fim. Este mesmo defeito, bem considerado, he grande privilegio. Tudo neste Mundo acaba; hum Vocabulario sempre pôde crescer; he hum rio, em que às primeiras ondas succedem as segundas, e a estas outras, com indeficiente affluencia; he hum Ceo sereno, em que naõ podem os olhos determinar o numero de Estrellas, porque apoz humas vem nascendo outras; nem as de hum, e outro hemisferio se deixaõ ver no mesmo tempo todas juntas; naõ he pequena gloria huma infinidade, ainda que apparente; nas suas dicçoens, qualquer idioma tem huma participaçãõ desta gloria; nenhum Author de Diccionario se pôde justamente gavar de as ter ajuntado todas.

Quando no anno de 1509. vio Ambrosio Calepino o seu Diccionario Latino impresso, sem vaidade podia crer ter dado à Republica das letras hum grande soccorro; porém nas paginas do seu livro, naõ foraõ as columnas, como as de Hercules, limitadas com o *Non plus ultra* do progresso; saberaõ famosos Descobridores, que senaõ abriraõ como Colon, e Gama o caminho a novos Mundos, com doutos acrescentamentos encheraõ o Mundo de eruditos additamentos, e desde o Occidente até o Oriente estenderaõ as propriedades, e elegancias da sempre venerada locuçãõ dos antigos Romanos.

No seu Diccionario Historico naõ foy menos venturoso Luiz Moreri, e se hoje vivera, e na sua obra se vira, naõ se reconhecera a si proprio na sua numerosa corpulencia. Quem no mar deste genero de literatura se engolfa, naõ ha de acabar a viagem, navegando de barra a barra em direitura; nem aos curiosos convem, que tome porto, e lance ferro para sempre; he preciso, que dé outra volta, e arripie a carreira, para tornar a correr pelas letras todos os rumos do Alfabeto.

Esta com o mandado, ou beneplacito de Vossa Magestade animada, he a potentissima causa deste novo, e repetido estudo; torno a soletrar o Abecedario Portuguez, e com este exercicio, restituído à puericia, agradeço a Vossa Magestade a mercé, com que me favorece em hum tempo, em que me vem atropellando a muita idade; mas por muito mais que ella fosse crescendo, nunca chegaria esta obra a ser completa. Só Deos, que fez tudo, pôde dar conta perfeita de tudo o que elle fez. Poz Adaõ nomes a todos os animaes da terra, e a todas

as aves; não se acha, que chamasse pelos seus nomes os peixes; nem tão pouco se sabe, que soubesse Adaõ os nomes de todas as Estrellas: só Deos, que fez todas aquelas peregrinas luzes, sabe os nomes de todas<sup>20</sup>.

Taõ fora está o homem de saber tudo, que de tudo nem os nomes sabe. Deve o homem contentarse com a noticia dos nomes, que para o seu trato lhe são mais necessarios; não deve esperar por livro que diga tudo: não he desdouro da obra o que fica no tinteiro. Desta verdade taõ persuadidos estavaõ os Athenienses, que à estatua de Mercurio (para elles Deos das sciencias) ainda que mutilada, e manca, faziaõ as mesmas honras, que se fora inteiriça. Nos Dictionarios, principios fundamentaes de todas as sciencias, se representa Mercurio, eloquente Ministro dos Deuses da Fabula; não he razaõ, por que qualquer defeito percaõ o credito. Até nas obras de Deos ha claros, e escuros; da luz, e das trevas compoz Deos o dia natural; creou Deos o Ceo, e a terra, isto he, corpos lucidos, e opacos; no meyo dos Astros mais resplandecentes ha Estrellas nebulosas; que muito he, que entre milhoens de palavras, fiquem algumas em branco, destas mesmas se póde dizer, que não ficaõ às escuras.

Conheço, que para hum Monarcha, como Vossa Magestade, de solidas Filosofias amigo, nenhuma efficacia tem estas razoens, mas em todo o rigor de justiça, quem faz quanto póde, não está obrigado a mais; nem podia eu fazer mais do que vencer os obstaculos, que pareciaõ impossibilitar a execuçaõ desta obra. Parecia-me impossivel a empreza de alfabetar em lingua, não minha, o Mundo; sem carta de naturalizaçaõ, ostentarme Lusitano, sendo Inglez de nascimento; e sem desconfiança das forças precisas, nem cuidado dos cabedaes, necessarios para as despezas Tipograficas, gastar a melhor parte da vida na construçaõ de taõ vasta machina literaria.

Estes, e outros apparentes impossiveis venceo a zelosa ambiçaõ de servir a Vossa Magestade, e aproveitar os seus Vassallos; porque por engenhosos, por doutos, e eruditos que sejaõ, com o socorro de dez volumes, lhes será mais facil fundar, e ornar em toda a materia os seus discursos no idioma Portuguez, e Latino.

Por experimentado que seja o Piloto, necessita de roteiro, e agulha de marear; por pratico que seja o viandante, não deixa de levar em grandes jornadas itinerario; no mar da literatura, este Vocabulario he roteiro; no caminho para o saber he guia; os erros são do Author, mas entre alguns erros, e desvios, ha estradas Reaes e vias rectas, que sem tropeço vão entestar nos dominios da verdade.

A isto se acrescenta, que de todos os livros, que se daõ à estampa, os Dictionarios são os que mais prompta, e facilmente influem quem os consulta; basta buscar pelas letras do Alfabeto a palavra da qual se deseja ter noticia, em breves instantes se acha alguma noçaõ ignorada; e assim para a intelligencia de todo o genero de palavras, hum bom Vocabulario he hum Indice de todos os Indices de huma grande Livraria; he hum thesouro, em que se acha junto, o que anda em muitos cofres dividido; he a ucharia dos pastos do entendimento, a guardaroupa das sciencias, o armazem das noticias, e o banquete universal de toda a sabedoria.

Se o Vocabulario for Historico, como o de Luiz Moreri, nos nomes das pessoas insignes, e dignas da memoria da posteridade, se achará hum compendio da sua historia.

Se o Vocabulario for de cousas, e não de pessoas, como o do Abbade de Furetiere, ou da Academia da lingua Franceza, nos nomes de todas as coisas corporeas, e incorporeas se acharaõ as suas mais singulares propriedades.

Se o Vocabulario for como o do Lexicon Universal de Hofman, achará o Leitor noticias das pessoas juntamente, e das cousas, e andarã advertido nas materias concernentes à pureza da Fé, porque o Author não he Orthodoxo.

Este meu Vocabulario, como não he de pessoas, nele só se acharaõ os nomes de alguns Nomes, ou Heroes, e Personagens fabulosas, cujo conhecimento me pareceo preciso para os Poetas, e Mythologicos. Porém de todas as cousas, que me vieraõ à noticia, faz o dito Vocabulario mençaõ; e para credito, e honra do seu Author foy acabado no Reynado de hum Monarcha taõ amante das letras, que de seu proprio motu, e por sua ingenua

<sup>20</sup> Nota marginal: «Numerat multitudinem Stellarum, & omnibus eis nomina vocat.»

munificencia, lhe deu para sahir à luz preciosos alentos.

Sim, Senhor, se com auxilios do erario Real não acudira Vossa Magestade, no meyo da carreira parava a obra, e a suspensão della era por agora huma especie de suffocação, e morte para a lingua Portugueza, lingua hoje viva, e tão viva, que com ventagem à lingua Latina morta, cada dia com novas expressoens se amplifica.

Mas por ampla, e elegante que chegue a ser a nossa lingua, para Vossa Magestade, sempre será esteril, e defectuosa na composição dos encomios, fundados na sagrada magnificencia do culto Divino, na pia observancia da Liturgia Romana, na sua inalteravel serenidade, e firmeza de animo em emprezas arduas, na gloria das armas, na creação das Academias, no patrocínio das letras, e em outras excelsas prerogativas, tão superiores ao discurso humano, que para dignamente celebrallas, não tem cabedaes as mais ricas linguas do Mundo.

A outras pennas, que à minha toca, tão grande, tão excelso, tão glorioso assumpto; e outro campo, que outra epistola dedicatoria, seria preciso para o alarde das incomparaveis virtudes de Vossa Magestade; mas consagrando a Vossa Magestade este fruto dos meus estudos, tenho a satisfação de dar a Vossa Magestade huma, ainda que leve, prova do meu agradecimento. Se della colher o publico alguma utilidade, a Vossa Magestade deverá toda a obrigação, e esta mesma me obrigará a confessarme ainda mais obrigado a Vossa Magestade, cuja vida, prosperidade, e gloria sempre pedirey a Deos, em quanto eu viver. Lisboa Occidental, Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, anno de 1722.

D. Rafael Bluteau,  
Clerigo Regular.

#### iv) «Prologo segundo» (*Suplemento*, 1727)

PROLOGO SEGUNDO,  
 OU SEGUNDA ADVERTENCIA DO AUTHOR  
 aos Leitores, já nomeados nas primeiras folhas do primeiro volume do Vocabulario, a  
 saber,  
 O Leitor Benevolo. O Leitor Malevolo. O Leitor Impaciente. O Leitor Portuguez. O  
 Leitor Estrangeiro. O Leitor Douto. O Leitor Indouto. O Leitor Pseudocritico. O Leitor  
 Impertinente. O Leitor Mofino.

##### AO LEITOR BENEVOLO.

CONHEÇO o muito, que me tens favorecido, Benevolo Leitor, e confesso o muito, que te devo. Sey, que te fizeste contraste do valor desta obra, e tiraste pela espada, para acutilar a Pseudocritica. Com discreta moderação reprimiste as demazias dos Aristarcos; de alguns, que não tem juizo, te fizeste Juiz, e apadrinhaste a minha causa, para confundir necios: mostraste a grande differença, que vay de erratas a erros, declarando, que aquellas são peccados do Impressor, e estes pela mayor parte, inadvertencias do Author, ou ignorancias das pessoas, que consultou, e algumas vezes malicias de malevolos, como logo manifestarey no segundo paragrafo deste Prologo.

##### AO LEITOR MALEVOLO.

Naõ sey quem es, nem como te chamas, nem adonde moras; nem procuro sabello, porque es malfazejo, e cruelmente malevolo. A quem te conhece, e contigo tem muito trato, ouvi dizer que todas as vezes, que te consultey sobre o significado de algum vocabulo Portuguez, sempre me disseste o contrario do que significa: linda habilidade! Bella acção! Grande façanha! A hum peregrino duvidoso ensinaste a errar o caminho; ao aprendiz, desejoso de saber, déste regras contrarias à arte; ao innocente comprador vendeste gato por lebre. Verdade he, que nada vendeste, porque em ti o fazer mal, he mercancia de graça. Muito obrigada te fica a tua Patria: manchaste a pureza da sua locução; e com tua lingua sujaste uma das melhores linguagens da Europa.

Naturalmente todo o homem procura encobrir o mal, que faz; em ti, o fazer mal he taõ natural, que fazes gala do mal que fazes; nos mais homens a maldade he vicio, em ti he natureza; e assim naõ pódes ser bom, senaõ para fazer mal; mas nem isto sabes fazer bem, porque em tudo andas desatinado.

O fazer mal tambem he arte. Para matar com espingarda, naõ basta ter pólvora, e bala; he necessario prover a escorva, pôr ponto, desfechar o caõ, e dar em parte, que derrube, e mate; tu, quando muito, abalas, mas naõ derrubas; atiras, mas naõ matas; só para ti tens hum bem, e he, que se naõ sabe bem quem es; para nós naõ importa saber cousa taõ pouca. Mas já que naõ sei dizer quem es, direy quem naõ es.

Naõ es cousa digna de se saber. Naõ es nenhum dos homens honrados, e amigos da Patria, que persuadidos da utilidade desta obra, me deraõ noticias, e me ajudaraõ na empreza. Para evitar competencias de precedencia, eu os irey nomeando, naõ segundo as calidades das pessoas, mas pouco mais, ou menos segundo a serie dos tempos, em que me favorecerãõ.

Logo em primeiro lugar, naõ es Antonio Luiz de Azevedo, primeiro Official da Secretaria das Mercés, e sojeito notoriamente versado nas boas letras, o qual vio a obra das

mantilhas, e com a lição dos primeiros cadernos, medindo *Ex ungue leonem*, considerava o muito que a obra daria de si, e juntamente me animava a continuar o trabalho com a esperança do premio.

Também não es Mendo de Foyos Pereira, Secretario de Estado, Ministro a todas as luzes grande, e taõ empenhado em favorecer esta producção, que para a emulação não abortar o feto, em quanto viveo, solicitou o parto.

Naõ es Antonio Rodrigues da Costa, Academico Real, da Republica das letras Gregas, e Latinas singularmente benemerito, a cujo prespicacissimo juizo foy em primeiro lugar commettida a censura do Vocabulario.

Naõ es o Capitaõ da Guarda delRei D. Pedro II. E do seu Conselho de Estado D. Francisco de Sousa, Varaõ cortado dos Astros para modello da galantaria Aulica, e da politica sagacidade; na carta, que está no principio do primeiro volume, se vê, como sempre foy acerrimo defensor desta obra, e pregoeiro da sua utilidade.

Certamente não es o Marques de Alegrete Manuel Telles da Sylva, taõ versado em toda a sciencia do Hippodromo, e manejo Equestre, que tendo em tudo bom termo de Cavalheiro, com a noticia dos termos, que me deu, se acreditou insigne Cavalleiro; e sem offender na Academia Real o seu officio de Secretario, sabe publicar o que sabe.

Naõ es o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, viva encyclopedia, e perpetuo manancial de toda a literatura. Na Universidade de Coimbra, em hum Congresso de homens doutos, taõ singularmente acreditou o Vocabulario, que lhe chamou *Livro universal*; e depois com os additamentos, que me communicou, o fez ainda mais copioso.

Naõ es o Conde de Assumar D. Joaõ de Almeida e Portugal, do Conselho de Estado, em toda a parte magestoso, na sua Embaixada em Castela, representando a pessoa do seu Rey; e da Academia Real Portugueza, pela sua erudição venerando ornamento. Para este Supplemento mandou vir da Corte de Madrid noticias, nesta Corte ou duvidosas, ou ignoradas.

Naõ es o Academico Real Joseph Soares da Sylva, excellente Orador, Poeta elegante, e na Arithmetica das glorias da Mãe de Deos, Contador taõ primoroso, que no seu *Diario Metrico*, de toda a Eternidade da Graça, não deixou passar hum instante sem triunfo. Com seus conselhos, e noticias, não só ajudou a composição desta obra, mas com encomios, impressos no primeiro volume, honrou o seu nascimento, e com repetidos abonos sempre deu ao Author novos alentos.

Naõ es o Licenciado Agostinho Gomes Guimaraens, Academico Real, e Deputado do Santo Officio, que levado do zelo da verdade, solicitou o remedio de humas travacontas, que embaraçavaõ a impressão dos primores<sup>21</sup> volumes do Vocabulario, e foy causa de que emendey hum erro, em que me fez cahir o Dicionario Historico de Moreri, na lista das Reliquias da Igreja de Santo Ambrosio de Milaõ. Na primeira parte deste Supplemento, *verbo Milaõ*, achará o Leitor huma curiosa, e ampla emenda deste erro.

Naõ es o estudioso Ignacio de Carvalho e Sousa, hoje Academico Real, e taõ singular, que ainda que Anonymo, he digno dos nomes Applicado, e Generoso. Ao seu laborioso estudo, e discreta curiosidade deve este Vocabulario a noticia dos termos mais exquisitos da Poesia Portugueza.

Naõ es o Cosmografo môr Manoel Pimentel, em cuja casa se fez hereditaria a Nautica, Geometrica, e Astronomica sabedoria. Do pay ao filho, do filho ao neto, se foy communicando o saber, sem degenerar com os annos a descendencia, porque sempre foy sobindo do amor das letras a nobreza. Develhe esta obra muitas emendas, e proveitosas advertencias.

Naõ es o amigo, e visinho meu Luiz Peres, sojeito taõ caritativo, que tomou à sua conta a investigação de vocabulos peregrinos; até aos menos conhecidos dey com boa vontade bom gasalho.

Certamente não es o Desembargador Gregorio Pereira Fidalgo, que da Lusitania, na India, e na Persia, do Occidente para o Oriente, e do Oriente para o Occidente, sempre se houve taõ fidalgamente, que depois de honradas peregrinações, só no Supremo Tribunal

---

<sup>21</sup> *Sic.*

do Paço tomou lugar para o descanso, e este taõ nobremente laborioso, que no meyo das suas quotidianas occupaçoens, achou tempo para ajudarme a ornar, e amplificar este Supplemento, com a noticia da continuada successão dos Vice-Reys, e Governadores da India.

Naõ es o Reverendissimo Padre Antonio dos Reys, Padre do Oratorio, Academico da Academia Real, primeiro Chronista Latino da sua Illustrissima Congregaõ; nem es o Padre Domingos Pereira, tambem filho de S. Filippe Neri, Religiosissimo, ambos com as ricas palavras que me deraõ, accrescentaraõ este literario thesouro da providencia.

Já que fallamos em Padres, certamente naõ es tu dos meus. Naõ es o Reverendissimo D. Joseph Barbosa, Academico Real, e Chronista da Casa de Bragança; naõ es o Reverendissimo D. Luiz de Lima, Academico Real, Secretario das linguas Europeas na Corte, e nas linguas Orientaes versado; nem es o Reverendissimo D. Jeronymo Contador de Argote, Academico Real, elegante, e pio Escritor das virtudes, e glorias do seu Patriarca; muito menos es o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, tambem Clerigo Regular Theatino, Examinador das Ordens Militares, e dignissimo Pro-Commissario da Bulla da Cruzada. Contribuiraõ estes quatro eruditos sogeitos à formaçaõ, e perfeiçaõ do Vocabulario; o primeiro, com hum livro, escrito de sua letra, intitulado *Indice de palavras, e frases Portuguezas, tomadas de varios Authores*; o segundo, com outras expressoens, por ordem alfabetica distribuidas em cadernos avulsos; o terceiro, com humas objecções, ou criticas advertencias sobre os primeiros volumes do Vocabulario, que lhe foraõ à maõ, estando actualmente em Braga; o quarto, de tempo em tempo com selectos, e exquisitos termos, cuja intelligencia, quanto mais rara, he mais preciosa.

Até na Serafica pobreza se abriu hum thesouro, com que o Reverendissimo Padre Fr. Manoel S. Boaventura, e da Academia Real doutissimo Academico, da Villa de Amarante, sua nobilissima Patria, me deu noticias taõ ricas, e tantas, que tive trabalho coarctar a extensaõ, e reprimir a abundancia. Para esta obra palavras da India saõ perolas do Oriente; com muitas dellas ornou a eloquencia Portugueza as Historias, e Relaçoens daquellas terras, e foy providencia de Deos, que a esta Corte chegasse hum sogeito, tambem Serafico, a tempo de ajudarme a enriquecer este Vocabulario com termos, que ainda que proprios de outro hemisferio, usados dos Portuguezes no ambito de suas Conquistas, tem direito para serem naturalizados neste Reyno. Este Religioso Ultramarino he o Reverendissimo Padre Fr. Afonso da Madre de Deos Guerreiro, naõ só de nome, mas de officio, pela profissão das armas quando secular, e hoje tambem guerreiro pelo genio bellicoso, com que à Academia Real (de que he dignissimo alumno) deu papeis, em que propoem meynos para a recuperaçaõ, e fortificaçaõ de Praças, dentro deste Reyno, e fóra.

Que he isto, Leitor Malevolo? Naõ acabo de saber quem es? Entre os meus naõ te acho; naõ te acho entre os alheios.

Naõ es o curioso, e douto Joseph Caetano, que de Setuval me enviou humas palavras, que faltaõ, e com generosa caridade me prometeo remetter outras, cuja expectaçãõ me alvoroça, e me recreará com a sua novidade a chegada.

Naõ es o engenhoso Francisco de Sousa e Almada, dos Ennueaticos applausos Author discretamente festivo, que com estudiosa prodigalidade me trouxe papeis, cheyos de palavras epicas, e vulgares para o estylo serio, e jocoso.

Tambem naõ es o primoroso, e muito douto Advogado Manoel Tinoco de Magalhaens, que da Cidade de Braga me escreveo huma carta com data de 12. de Janeiro de 1727, a qual começa assim.

"Reverendissimo Senhor. Reconhecendo a grande obrigaçaõ em que a naçaõ Portugueza está a V. Reverendissima no excessivo desvelo, e louvavel trabalho, com que exaurio, e acreditou a propriedade, e excellencia de sua lingua, com incançavel estudo, e revoluçaõ de tantos livros, se anima a minha confiança cá destas partes remotas, a dar-lhe em nome desta Cidade Primaz, o condigno agradecimento de taõ frutifero, e generoso beneficio, &c." Nesta mesma carta me dá o Author della para o Supplemento do Vocabulario humas noticias, que por virem tarde, naõ poderaõ occupar o seu lugar alfabetico; mas ficaõ no fim do segundo volume deste Supplemento, debaixo do titulo, que diz, *Vocabulario de nomes, pela mayor parte ignorados, &c.*

Finalmente não acho o teu nome entre os Qualificadores do Santo Officio, e Revedores do Paço, que com suas expeditas approvaçoens deraõ à minha obra pés para correr, e com suas pennas, azas para voar.

Abre, Leithor Malevolo, o primeiro volume do Vocabulario, e repara no que diz, o Cancellario da Universidade de Coimbra, e Geral dos Conegos Regrantes, o Reverendissimo Padre D. Gaspar da Encarnaçãõ. Declara, que a empreza do Author he digna da attençaõ da Magestade, e que merece honra o seu trabalho. Revolve os outros sete volumes Malevolo Leitor, e nos principios delles vê o que da ditta obra diz o Doutissimo, e Sapientissimo Padre Fr. Manoel Guilherme, do Ceo Dominicano Astro taõ benefico, que ainda que depois de se ausentar para sempre dos seus posthumos resplandores, ficará com que allumiar, e eternizar na Livraria do seu Convento o seu nome, e o seu saber.

Vê o que diz o Padre Pantaleaõ de Barros, da Companhia de Jesus, Mestre da Primeira no seu Collegio de Coimbra. Na sua approvaçãõ faz ao Author hum taõ solido, e honorifico elogio, que toda a Rethorica he insufficiente para o agradecimento.

Vê o que diz o Reverendissimo Padre Mestre Fr. Bernardo Telles, que coroadõ com a fidalguia da sua urbanidade a nobreza do seu sangue, se faz de Revedor admirador, e de Censor Panegyrista. No mesmo tempo vê o que na outra pagina diz o suavissimo Mestre Fr. Bernardo de Castro, tambem filho de S. Bernardo. Com lingua duplicadamente melliflua, porque duas vezes Bernarda, celebra este novo Promptuario da lingua Portugueza, e para o tirar da plebe dos Dictionarios *Epilogo de erudiçoens* o chama.

Naõ tinha eu razaõ, Leitor Malevolo, para dizer, que já que não sey dizer quem es, saberia dizer quem não es?

Naõ es o esclarecido Mestre Fr. Joseph do Nascimento, Religioso Jeronymo, de todos singularmente estimado, e taõ notavel estimador do Vocabulario, que se não tivera fama de verdadeiro, e syncero, podera parecer encarecido, e lisongeiro. O mesmo se pôde justamente dizer dos outros quatro doutissimos, sapientissimos, e benignissimos Qualificadores, o Padre D. Bento de Santo Agostinho, do Collegio Augusto da Sapiencia; o Padre Fr. Antonio Chichorro, da Ordem de Christo; o Padre Fr. Antonio da Expectaçãõ, Religioso de S. Francisco; e o Padre Fr. Antonio do Sacramento, Religioso de S. Domingos, cujos encomios não repito, para que em mim não pareça filaucia, e vaidade, o que certamente he confusaõ, raiva, e amofinaçãõ para o Malevolo Leitor.

Ah sim, de louvores alheyos te amofinas? Pois armate de paciencia, e tapa esta boca. Em quatro censuras, hum só Revedor fez ao Vocabulario quatro panegyricos. Por mandado delRey, que Deos guarde, revio os quatro ultimos volumes o Reverendissimo Padre Fr. Lucas de Santa Chatarina, filho do grande Patriarcha S. Domingos, Historiografo da sua Sagrada Religiaõ, e da Academia Real Academico. Este zelosissimo Patrono do Vocabulario, e curiosissimo descobridor das suas utilidades, depois de fulminar com o rayo da sua penna as ignorancias, e invejas dos maledicos, em cada censura engrandece ao Vocabulario com titulos, que se já os não tivera publicado o prélo, a modestia do Author os entregara ao silencio. Na primeira das suas censuras este benevolo Censor chama ao Vocabulario, *Microcosmo noticioso, e Mundo abreviado, que inclue o melhor, e o tudo, como o homem o tudo, e o melhor do Universo*. Na segunda censura chamalhe *Bibliotheca da erudiçãõ humana*. Na terceira censura dalhe o titulo de *Thesouro inexhausto, &c. com que sem estudo de outras sciencias pôde o entendimento doutrinado entrar na Patria de todos, talvez com o conhecimento do melhor dellas*; finalmente na quarta, e ultima censura diz, que a empreza do Vocabulario *He toda desta Coroa, pelo idioma; toda da sua gloria, pelos commercios estranhos, que lhe grangea, e toda da Magestade delRey Nosso Senhor, pelo patrocínio, e pelo dispendio*.

A tudo isto dirá o Leitor Malevolo, que todos estes abonos saõ adulaçoens, e que não ha livro, por inutil, e mau que seja, que não tenha seu padrinho. Eu para mim, supponho, que a minha obra he a peor das que até agora viraõ a luz do Mundo; mas com que consciencia o Leitor Malevolo a fez ainda peor do que era, multiplicando nella com noticias falsas os erros. Ao triste do Vocabulario não lhe bastava ser mau; para que foy fazello peor? A razaõ he clara; o Leitor Malevolo he homem pessimo, e como tal, deleitou-se em fazer o mau mais mau.

Mas como havia de fazer cousa boa hum sogeito, que se por huma parte parece, que

he, por outra parte não he. Sim, Malevolo Leitor, ainda que não conhecido, bem considerado, tu es hum es não es. Não es hum dos muitos doutos, prudentes, discretos, e benignos, que acabo de nomear, e não acabarey de estimar, e louvar; e com tudo não deixas de ser, porque es o contrario do que elles saõ; mas este mesmo es, he hum não es, porque não es o que houveras de ser, e este teu es, he hum não es.

#### AO LEITOR IMPACIENTE.

Trinta annos gastados na composiçaõ dos oito volumes do Vocabulario, com outros dez empregados na emenda, reforma, e additamentos delle, em outros dous volumes de folha, saõ quarenta. Em todo este tempo a tua paciencia se exercitou, ou se amoffinou a tua impaciencia.

Agora não tens razaõ de queixarte da tardança deste Supplemento. Se eu me tivera detido em dar conta do que nestes additamentos se encerra, ainda não teria apparecido o Vocabulario. Eraõ precisos alguns annos mais, para dar noticia de tudo o que neste Supplemento tens de novo. Não te peze ter esperado. Aqui se acha o que parecia perdido; aqui se faz mençaõ do que escapou à penna; aqui se emenda o em que errou a impericia; aqui se authorizaõ com exemplos, expressoens destituidas de abonador. Vocabulos vulgares, e outros inauditos ao vulgo; termos nobres, frases elegantes, jaziaõ no sepulchro do esquecimento; neste segundo theatro sahem à luz, e as noticias que daõ, saõ premios devidos à paciencia dos curiosos.

#### AO LEITOR PORTUGUEZ.

Perdaõ, amigo, perdaõ; se eu te pareço atrevido, considera, que sou curioso. A curiosidade, que tenho do teu idioma, me obriga a este novo atrevimento. Torno a correr pelas letras do alfabeto a linguagem Portugueza, e aos oito volumes do Vocabulario accrescento outro com o titulo de Supplemento. Tu (se não me engano) tornas a enfadarte da teima do Flamengo em estender o Vocabulario.

Sey, que es bom Portuguez, e como tal estranhas, que em toda a obra, e principalmente neste additamento haja muita palavra, que não he meramente Portugueza. A huma linguagem taõ nobre como a tua, não sofres, que viva de esmolos; e na realidade não só he miseria, mas tambem vileza, mendigar o necessario principalmente a estranhos. A vergonha com que se pede aos seus, fica das portas a dentro; a necessidade, que occupa os de fora, se faz publica, e envergonha ao necessitado. A hum Gentio, que pedia pelos Deoses, respondeo hum Spartano, não tenho devoçaõ a Deidades mais pobres do que eu.

Mas como ha de ser? Todas as linguas nascem pobres, e mendigando se enriquecem. Desde o principio da confusaõ das linguas na empreza da Torre Babilonica, da lingua Hebraea mendigaraõ palavras a lingua Caldaica, a Arabica, ou Medianitica, a Samaritana, a Ethiopica, e a Syriaca. Com outra semelhante inopia, pobreza, e em certo modo insensivel mendicidade, em todas as naçoens se foraõ humas linguas remedeando com os cabedaes das outras.

Que imaginas, Leitor Portuguez, que a tua lingua nasceo rica, abastada, e provida de todo o necessario? Como andas enganado, se tal imaginas. A tua lingua, ainda que nobilissima, nos seus principios foy muito pobre; para se tirar de lazeira, se valeo de palavras derivadas de nomes Gregos, Hebraicos, Latinos, Arabicos, e Syros; Francezes, Italianos, Alemaens lhe meteraõ em casa peregrinas expressoens; em memoria da sua dominaçaõ, alguns vocabulos lhe deixaraõ os Godos.

Das palavras das ditas naçoens, introduzidas no idioma Portuguez, faz mençaõ Duarte Nunes de Leaõ, no seu livrinho intitulado Origem da lingua Portugueza, desde a pagina 53. até a pag. 97. e das palavras originariamente Portuguezas, que não foraõ tomadas de outra gentes, faz o dito Author hum Catalogo, em que depois de as contar por curiosidade, achey, que entre todas saõ unicamente setecentas e oitenta e oito.

Dirás, que saõ muito poucas, e assim he; mas nos mais florentes idiomas se acha esta

mesma penuria de palavras nativas. Hoje a lingua Franceza passa por huma das mais ricas da Europa. Não quizera eu jurar, que tem a dita lingua setecentas palavras originariamente Francezas. No livro composto por Egidio Menage, intitulado *Diccionario Etymologico da lingua Franceza*, muitas palavras ha meramente Francezas; mas folheando, e repassando o dito livro, achey, que a mayor parte das palavras de que o dito Author faz menção, são derivadas de linguagens diferentes da Franceza. Se pois a lingua Franceza he de sua natureza tão pobre, como a Portugueza, que muito he, que huma, e outra, com os emprestimos, ou despojos de outras remedee a sua indigencia? Os idiomas são como os elementos; em todos os mixtos os elementos entraõ; a mayor parte dos discursos são huns mixtos de varias linguagens; com a primeira mistura se compoem a harmonia da natureza; na outra mistura consiste a harmonia da locução.

Amigo, não queiras ser Portuguez mais do necessario; no coração sempre sê Portuguez; na lingua nem sempre; na falla da mais orgulhosa nação subtilmente se insinuaõ palavras estranhas.

#### AO LEITOR ESTRANGEIRO.

Tambem a ti te faz este Supplemento subir a mostarda ao nariz? Vejote picado de ver outro volume de vocabulos Portuguezes. Que culpa tenho eu, se na tua linguagem não tens outros tantos? Neste genero de obras não faltaõ palavras para os Authores, faltaõ Authores para ajuntar as palavras; a huns falta a curiosidade; parecelhes cansaço inutil, andar à caça de palavras, alistar dicçoens, e fazer reclutas<sup>22</sup> de vocabulos. A outros falta paciencia, e valor para tão trabalhoso estudo.

De toda a empreza literaria a mais modesta, e embaraçada he a de hum Vocabulario. Qualquer outro livro se divide em paragrafos, ou capitulos concernentes a huma só materia, ou assumpto; nos Vocabularios cada palavra he de por si hum paragrafo, cada dicção he hum capitulo, com materia muitas vezes tão diferente, e remota da que immediata lhe fica, como he a terra do Ceo, e do Ceo o Inferno. Nas ancas de hum officio fabril, poderá vir hum termo Theologico; a hum medicamento se seguirá hum veneno; a hum monstro hum Anjo; e a hum Anjo hum demonio. Para toda a variedade de objectos ha de ser geralmente preparado o Author do Vocabulario; a mesma ordem alfabetica lhe causa confusão pela diversidade das materias, que humas às outras instantaneamente se seguem; e assim passa o miseravel de labyrintho em labyrintho; sahe de hum caos, entra em outro; semelhante ao vento Tufaõ, que no espaço de hum relógio de area, corre todos os rumos da agulha; nas poucas folhas de huns livros se vê obrigado a dar conta de varias creaturas terrestres, e maritimas; corporeas, e incorporeas; de muitos officios da Republica; de muitos modos de fallar de Cidades, Provincias, e Reynos de hum Polo a outro Polo, andando sempre em huma roda viva de cima para baixo, e debaixo para cima, do Empyreo para o Averno, da primeira esfera para o ultimo elemento, quasi com risco de lhe dar o juizo volta; tanto assim, que Scaligero, invitado dos amigos para compor hum Vocabulario da lingua Italiana, respondeo, que não queria enlouquecer, como se este genero de obra fosse caminho certo para a loucura.

Muito menos trabalhosa, e menos util he a composição dos Vocabularios de duas, ou tres linguas, que unicamente trazem as palavras, que de hum idioma correspondem às de outro, como v. g. Do Portuguez ao Latim, Paõ, *Panis*. Cabeça, *Caput*. Guerra, *Bellum*, &c. Em poucos mezes, e com pouco trabalho se pôde fazer hum Vocabulario destes; mas desta summa esterilidade, que proveito pôde tirar o Leitor? Quando muito chega a saber os nomes de suas cousas em duas linguas; mas da essencia, e propriedades dellas não aprende nada; para jornadas por terras alheas, pôde hum Diccionario destes ter serventia; para a sciencia pouco importa. Que importa, que em Ingles, e em Alemaõ, ou em outras linguas eu saiba como se chama hum Thermometro, se realmente não sey outra cousa d'elle, que o seu nome, nos ditos idiomas.

<sup>22</sup> Sic.

Vocabularios proveitosos, são os que declaraõ a natureza, virtudes, e propriedades das cousas, que os vocabulos significaõ; e são muito mais necessarios aos Estrangeiros, que aos naturaes, porque o Estrangeiro facilmente se equivoca nas palavras de huma lingua, que não he sua, e talvez succede, que com a presumpção de pronunciar huma sentença, com hum disparate desfecha. Na Corte de França, ao Cardeal Bentivoglio, Italiano de nação, querendo gavar à Duqueza de Guisa a gentil postura do Duque seu marido a cavallo, escapou hum termo taõ descomposto, que depois de o saber o dito Cardeal, envergonhado, nunca mais quiz dizer huma só palavra Franceza.

Sey, que a mayor parte dos Estrangeiros, que assistem em Portugal, são homens de negocio, mas tambem a quem negocea, lhe convem saber bem a linguagem da terra. No commercio ha muitos termos nacionaes, que ignorados podem ter causa de grandes damnos; e bem entendidos podem occasionar grandes lucros. Segundo a ordem, que Deos tem posto nos negocios do Mundo, quer Deos que os homens se conheçaõ, e huns com os outros communicuem. Com a noticia das linguas se abre e se fomenta esta communicação.

A isto se acrescenta, que toda a nação naturalmente estima, e ama aos que fallaõ a sua lingua. Para conciliar a benevolencia de Povos estranhos, aprenderaõ, e fallaraõ grandes Principes as suas linguas. Mithridates, Rey de Ponto, fallava vinte e duas linguagens diversas; o Emperador Carlos Magno fallava Grego, Latim, e outros idiomas; affirmaõ os Historiadores o mesmo de Carlos IV. Emperador, e de Maximiliano I<sup>23</sup>.

Ordinariamente a palavra Estrangeiro, he nome odioso. Em muitas terras são os homens como os caens; ao mais vil criado de casa faz o caõ festa, porque he de casa; ao mais honrado homem do Mundo ladrará o caõ, e o morderá, porque he de fóra; na falla mais, que em nenhuma outra cousa se conhece, que hum sugeito he desta, ou daquella terra, e juntamente mais, ou menos digno de amor. No livro 3. dos Juizes, cap. 12. he celebre a prova, com que os Galaaditas, para reconhecerem aos Povos de Ephraim, seus inimigos, os obrigavaõ a pronunciar a palavra Schibboleth, porque estes não sabendo aspirar a primeira syllaba, diziaõ Sibboleth, e pronunciando sin, em lugar da letra Hebraica Schin, eraõ passados à espada; falta de lingua, que não custou menos, que as vidas de quarenta e dous mil homens.

Nos principios da Acclamação delRey D. João IV. com outra semelhante experiencia reconheciaõ os Portuguezes aos Castelhanos, que encontravaõ de noite, porque obrigando-os a dizer area, diziaõ arena; e esta unica palavra, diversamente pronunciada, os declarava estranhos, por não dizer inimigos. A todo o homem, tanto como isto, importa o fallar bem a lingua da terra, em que se acha.

Com estas razoes não pertendo persuadir aos Estrangeiros, moradores neste Reyno, que se entreguem ao estudo da lingua Portugueza; façaõ bem os seus negocios, e os alheyos; aceitem, e paguem letras, ainda que nem Humanas, nem Divinas; com as bolças de Londres, e Amsterdaõ tratem de encher a sua; mas não deixem de parecer affeiçoados à lingua dos que lhe abrem o coração, e os trataõ como naturaes; procurem fallar bom Portuguez, pareceraõ menos estranhos. Observaõ os Medicos a lingua, para conhecerem a constituição do corpo, pela linguagem se conhece o temperamento do espirito; com gosto falla o homem a lingua da nação de que gosta.

#### AO LEITOR DOUTO

Já que es douto, certamente sabes, que nenhum homem póde naturalmente saber tudo, mas só algumas cousas, e estas ainda imperfeitamente, porque até nas sciencias demonstrativas, huma sciencia suppoem outra, e estoutra muitas vezes se ignora, ou se não sabe com a perfeição requisita. He o homem creatura mediana, entre corpo, e espirito; e assim com a alma se levanta ao Ceo, e com o corpo se abate à terra, e na sua esfera fica como a Lua, Planeta ora escuro, e ora luminoso. Desta participação de luz, e de sombra nasce a incerteza, que ha em toda a sciencia humana; e he a razão porque (excepto nas materias de Fé) tudo se póde defender problematicamente, como antigamente fizeraõ os Scepticos, ou

<sup>23</sup> Nota marginal: «*Cuspinian.*»

Pyrrhonios, e ultimamente Dionysio Egeo, que (segundo escreve Phocio na sua Bibliotheca) compoz hum livro de Medicina, o qual consta de cem capitulos, com cem proposiçoens, provadas com razoens de uma, e outra parte taõ oppostas, e contrarias, que no meyo dellas fica o juizo forçosamente indeterminado, e suspenso.

Nesta universal ambiguidade, da qual tomou Plataõ motivo, para chamar à Natureza enigma, que luz posso eu dar para o conhecimento do Mundo? E se (como o diz o titulo) este meu Leitor he douto, com que doutrina de mais poderey satisfazer a sua curiosidade?

Amigo, tudo o que nesta minha obra te poderey ensinar, são nomes. Todos os Leitores, que quizerem revolver as folhas dos oito volumes do Vocabulario, e do seu Supplemento, se poderaõ propriamente chamar Nominaes, já naõ Nominaes da escola de Guilherme Ocçaõ, e de Rucelino, que contra os Thomistas, Scotistas, e outros Filósofos, queriaõ, que tudo no Mundo fossem nomes, e naõ cousas, e realidades e a que, por serem Authores desta falsa doutrina, Anselmo Cantuariense chamou Hereges da Dialectica<sup>24</sup>; mas Nominaes, indagadores de substancias; Nominaes, investigadores de realidades; Nominaes, interpretes de cousas existentes; Nominaes de tudo o que vem os olhos, ouvem os ouvidos, conhecem os mais sentidos, e percebem os entendimentos; Nominaes finalmente de todas as invisiveis, e visiveis creaturas.

Outros Vocabularios de duas linguas, que sem definir, nem descrever o em que falaõ, só trazem nomes, são meramente Nominaes; nomeaõ, e paraõ; apontaõ o vocabulo, o mais fica em silencio; tudo he huma mera nomenclatura alfabetica; dicçoens interruptas; muito vocabulo em fileiras; muita palavra sem discurso.

Pelo contrario em todos os volumes do nosso Vocabulario, e juntamente neste seu Supplemento, cada cousa de que se faz mençaõ, vem, ou definida, ou descrita; de sorte, que toda a obra se poderã justamente chamar *Definicionario Universal*; titulo, que já deraõ alguns Authores aos seus Dictionarios, e entre outros o doutissimo Padre Fr. Stanislaõ de S. Bartolomeu, Carmelita Descalço, ao seu Vocabulario Latino, impresso na Cidade de Bolonha, anno 1685.

Segundo os Peripateticos, dos modos de saber, demonstrativos do que se ignora, o primeiro he a definiçaõ; e esta he huma oraçaõ, que explica a natureza da cousa, qualidade, que ajuda muito a adquirir sciencias, porque conhecida pela definiçaõ a natureza, ou essencia de huma cousa, se vem em conhecimento das propriedades, e virtudes, que della emanaõ; por exemplo, quando definindo a natureza do homem, digo, que he animal racional, facilmente infiro, que he risivel; desta inferencia pois resulta a demonstraçaõ, da qual se origina a sciencia, que he habito adquirido por demonstraçaõ.

A isto se accrescenta, que sempre a definiçaõ he fundamento, e principio da conclusaõ scientifica, para a qual (segundo as leys da Dialectica) he preciso conhecer a qualidade da cousa, que he o que a definiçaõ declara. A razaõ disto he manifesta, e he, que como se naõ pôde demonstrar *à priori* a essencia do subjecto, mas da essencia se procede à demonstraçaõ das propriedades, convem, que anticipadamente se conheça a essencia, ou a questaõ *Quid sit*.

Uso dos termos da escola, porque supponho, que o Leitor he homem douto, e capaz para conhecer a differença dos Vocabularios, que definem, daquelles, que sem definir, nem dar noticia alguma quidditativa, amontoaõ palavras, sem dar conhecimento algum das cousas de que trataõ, e sem outro trabalho, que de collocar as dicçoens segundo a ordem do alfabeto.

Como homem douto, naõ podes deixar de conhecer o muito, que custa este methodo definitivo, ou descriptivo de toda a materia em que se falla.

O ignorante, que naõ falla, porque saiba o que diz; mas (como diz o vulgo) falla, porque tem boca, naõ repara nesta doutrina, nem faz caso della; mas antes faz zombaria das definiçoens, ou descripçoens de cousas, que na sua estimaçaõ são indignas da atençaõ do Author.

De hum destes falladores ouvi dizer, que folheando o Vocabulario, e topando com a palavra aranha, escandalizado do muito que digo della, dissera: *He boa esta, o Padre nos quer*

<sup>24</sup> Nota marginal: «*Lib. De Verbi Incarnat.*»

*ensinar, que cousa he aranha;* pouco mais, ou menos disse o mesmo Doutor, lendo o que lhe digo da mosca. Não sabe o barbaro, que do soberano artificio da Omnipotencia Divina ha tanto que admirar na pulga, como no camelo, e no mosquito, como no elefante.

Pelo que vejo, tem o Leitor Douto grandes espiritos, e só com cousas grandes se alegra. Tem huns brios, como aquella Dama, que para fazer inveja às visinhas, pedio ao seu amante, que lhe mandasse hum presente, que avultasse muito; o galan, depois de cuidar muito na materia, mandou à amiga, como mimo de mayor vulto, hum não sey que, ou que não he para se dizer. Não havia este Doutor de abater os voos da sua penna a celebrar, como Philippe Melanthon, os louvores da formiga, ou como Marco Antonio Majoragio, os encomios do ovo. Só aos Gigantes de Flegra, às Aguias altivolantes, e aos Astros da primeira magnitude se havia de remontar o seu estylo. Que tarde se havia de cançar hum Doutor destes em definir, ou descrever o ouçaõ, o ponto mathematico, a semente da mostardeira, e mil outros quasi indivisiveis, e impalpaveis objectos.

Lembre-me a este proposito o encontro, que tive com hum destes desprezadores das definiçoens, e descripçoens de miudezas, e cousas de non nada, que naturalmente vem à mão, de que dou conta na obra. Dizia eu, e torno a dizer, que o definir, ou descrever qualquer cousa, ainda que commua, e trivial, não he tão facil como parece. Rindose o homem do meu dito, e dando por razaõ, que tudo o que se ve, ou se ouve, e na esfera dos sentidos cabe facilmente, e sem dar tratos ao juizo, com palavras se exprime; bem esta (disse eu) visto isto, digame vossa merce, que cousa he mão; desconfiou o homem, mudou de cor, e depois de masgar, e remoer na boca a dita palavra, se sahio com esta discreta definiçaõ, Mão, mão, mão, he mão; viva vossa merce mil annos (disse eu) por nos dar huma regra, ou exemplo tão facil para definir qualquer cousa, homem he homem, &c.

Eis ahi, meu Douto Leitor, a pouca fortuna, que tem os que querem ser, ou procuraõ passar por doutos. O ignorante tão fóra está de reconhecer hum trabalho literario, que nem conhece que he trabalho. Cuida, que as sciencias são lebres, que a correr se apanhaõ, imagina; encomenda-vos huma traducçaõ, mais difficultosa do que foy para o proprio Author a composiçaõ, para dizer melhor, empurra-vos huma pagina, que he hum livro, e a seu ver, não foy pequena honra a empurraçaõ. Honradores deste lote não só não sabem, mas nem saber querem, quanto custa o saber. Ouvem fallar em artes liberaes, e se persuadem, que os professores dellas são os que devem mostrar a sua liberalidade. Leitor Douto, se assim he, não tens bom officio; por muito que dêis, sempre ficarás devendo.

#### AO LEITOR INDOUTO.

Sey o pouco cuidado, que te dá a impressaõ de qualquer livro; se for livro de nomes, ainda menos; porque como só attendes a cousas de teu gosto, de nomes não fazes caso. A qualquer animal succede o mesmo. Corre o cavallo, nada o peixe, voa a ave; nenhum delles sabe o nome do que vê, do que ouve, nem do que come.

Notaveis privilegios são os da ignorancia. O ignorante não se acha obrigado a carregar de noticias a memoria; em apurar verdades não cança o entendimento; nas Academias não dá conta dos seus estudos; não recea o rigor dos Aristarcos. Sem frequentar as escolas, tem confiança para se insinuar nos congressos dos Sabios; esquecidos das ruinas de Troya, não reparaõ em admittir hum cavallo.

O mais besta de todos, he o ignorante enfronhado em Filosofias; sonhou, que aprendeo sem Mestres, e que para saber não ha mister livros. Para elle a palavra Mestre he injuriosa, porque he correlativa de discipulo. Zomba do que escreveraõ os Antigos das honras, que se faziaõ aos Mestres; da ley de Pithagoras, que mandava, que no cabo do anno fossem os discipulos ao Templo declarar com juramento quanto tinhaõ aprendido das liçoens dos Mestres, e que à proporçaõ do proveito pagassem o ensino. Diz, que era impertinencia; da obrigaçaõ em que no primeiro artigo poem Hypocrates aos Medicos moços de reconhecer por pays aos que os instruirãõ, (titulo que o Emperador Alexandre costumava dar a Ulpiano Jurisconsulto) diz, que he lisonja, e affectaçaõ; até da galantaria com que ao seu Mestre Aristoteles, dava Alexandre Magno a mão direita, diz, que era

baixeza<sup>25</sup>; finalmente de todas as merces honorificas, ou lucrativas, com que Principes agradecidos, e magnanimos remuneraraõ aos que os ensinaraõ, e particularmente das estatuas de ouro, que (segundo Julio Capitolino) o Emperador Antonino mandou levantar aos seus Mestres, diz o ignorante presumido, que saõ, ou necedades, ou patranhas.

Dos livros faz o Leitor indouto a mesma estimaçaõ, que dos Mestres. Nenhum livro lhe parece bem, porque em todos vê o muito que não sabe, e não póde saber bem o que se ignora. Até para os sabios ha livros, de que elles não gostaõ. Não tem os livros o privilegio do maná, que sabia bem segundo o gosto de todo. De huns livros gosta hum homem douto, de outros gosta outro. Ao ignorante todo o livro faz nojo. Não he daquelles, a que Cicero chama *Helluones librorum*, devoradores de livros. Para literarios alimentos, he homem indigesto; não o convide Plutarco para o banquete dos sabios; dos guizados da sabedoria, ficaria em jejum. Camaleaõ da vaidade, só de sustentos aereos se deleita; prezase de dançar com bom ar; a huma Comedia, ou galhofa irá pelos ares; sem ponderar circunstancias, apanha as cousas no ar, sempre faz castellos no ar, porque para tudo lhe falta fundamento; mas tem um bem, e he, que como faz tiros no ar, ninguem do que elle diz, se offende.

Eu em mim mesmo experimento esta verdade. Sey, que certo Leitor Indouto, ouvindo gavar o Vocabulario, e juntamente encarecer a necessidade delle, se sahio com hum dito, que aos circunstantes pareceo reparo malicioso, e a mim parece judiciosa reflexaõ, e verdade manifesta. Aos louvores, que alguns davaõ ao Vocabulario, respondeo o dito Leitor: Até agora passamos sem isto; abaixo das verdades da Fé, não na verdade mais certa que esta. Sim, Senhor Leitor Indouto. Até agora sem o Vocabulario de D. Raphael passaraõ os Portuguezes dias, mezes, e annos, e seculos, passaraõ Invernos, Primaveras, Estios, e Oitonos. Até agora sem este pezadello passaraõ as Provincias deste Reyno, e suas Conquistas, e no mesmo tempo sobre as cabeças dos Portuguezes passaraõ o Sol, e a Lua, Jupiter, e Saturno com seus Satellites, todas as Estrellinhas da Via Lactea, e todos os Astros do Firmamento. Dos Portuguezes huns passaraõ para a India, outros para o Brasil, para Angola, outros muitos para a outra vida, e ainda hoje para lá todos vaõ passando.

Mas assim como sem o Vocabulario, até agora passaraõ os Portuguezes, assim foy passando sem ti o Mundo. Nas primeiras Monarchias passaraõ sem ti os Assyrios, os Medas, os Babylonios, os Gregos, e os Romanos; passaraõ em Portugal, e em toda Hespanha, Celtas, Turdulos, Suevos, Alanos, Godos, Ostrogodos, e Visigodos; e sem lisonja supponho, que até o dia do Juizo poderá passar sem ti o Mundo, porque não faltaõ no Mundo idiotas, e ainda hoje, como no tempo de Salamaõ, *Stultorum infinitus est numerus*.

Vem cá miseravel; para que sobre ignorante, queres à força ser tolo? Esta tua ridicula advertencia, Até agora passamos sem isto, de toda a cousa nova, ainda que excellentissima, incontrastavelmente se verifica. Quando Vasco da Gama dobrou o Cabo Naõ, e pelas portas do Oriente abrio hum Theatro às glorias da sua naçaõ, e à propagaçaõ da Ley de Christo, he certo, que até entaõ passara Portugal sem isto. Depois, que Pedro Alvares Cabral lançou ferro nas prayas da America, e do lugar de Porto Seguro foy descobrindo para o Imperio Portuguez hum novo Mundo, tambem até entaõ passara Portugal sem isto. Finalmente até à execuçaõ de todas as empresas por mar, e por terra; de todas as batalhas dadas, e vitorias conseguidas, depois de todas as acções illustres dos antigos, e modernos Heroes Portuguezes, havia Portugal passado sem isto.

Mas para não sahir dos limites da esfera literaria, até a impressaõ do livro de alguma sciencia, sem aquelle livro certamente passou o Mundo. Em quanto não sahiraõ à luz as obras de Santo Agostinho, de Santo Thomás, de Cicero, e de Virgilio, e geralmente de todos os Authores sagrados, e profanos, passou o Mundo sem ellas. Mas he necessario saber o como passou, porque ha dous modos de passar, a saber, passar bem, e passar mal. Com soldada muito tenue passa o criado; mas não passa bem; com huma commenda muito limitada passa o Cavalheiro, mas passa mal. Do mesmo modo, sem as obras dos Santos Padres, e sem os Interpretes da Sagrada Escritura, não passaria bem a Igreja; sem os livros de Direito, passaria mal a Jurisprudencia. E assim de todas as mais sciencias, e artes, que com livros, ensinos, e exemplos se communicaõ.

<sup>25</sup> Nota marginal: «*Rossi, tom. 2. 234.*»

Primeiro que em Portugal sahisses a Grammatica do Padre Manoel Alvares, os Dictionarios de Agostinho Barbosa, de Amaro de Roboredo, e de Jeronymo Cardoso, naõ passavaõ os estudantes do Latim taõ bem como agora: appareceu a Prosodia do Padre Bento Pereira, e com ella passaõ todos taõ egregiamente, que de annos em annos a repassaõ pelo prélo, com novos additamentos, e para brevemente conseguir a ultima perfeiçaõ, que os Filosophos chamaõ *ut octo*, a sua setima edicçaõ espera pela oitava.

Naõ ignoro o genuino sentido das palavras do Leitor Indouto. Até agora passamos sem isto, quer dizer, para nós os Portuguezes, os Bluteaus saõ livros escusados. Para ti, Leitor Indouto saõ escusadissimos. Para o surdo he escusada a solfa; para o cego he escusada a pintura; para o aleijado de mãos he escusada a espada. Tambem para Leitor obstinadamente indouto, todo o genero de liçaõ he escusado.

#### AO LEITOR PSEUDOCRITICO.

Primeiro que eu desabafe contigo, bom será, que eu trate da minha justificaçaõ. Dizem alguns, que eu sou o verdadeiro Pseudocritico, e que sem razaõ, nem piedade, com todo o genero de Leitores entendo, chamando a huns ignorantes, a outros malevolos, e geralmente fazendo advertencias a todos, como queixoso, e mal satisfeito. Isto mesmo que em mim estranhas, houveras de condemnar em hum Historiador dos mais celebres, e benemeritos da tua naçaõ.

No principio da quarta Decada de Joaõ de Barros, impressa em Madrid, anno de 1615. em lugar de Prologo, faz Joaõ de Barros a sua Apologia, para se desculpar dos Censores da sua Historia. Em primeiro lugar, como se todos os tempos fossem os mesmos, diz o dito Author, que toda a obra publicamente feita, tem tres generos de Juizes, Ignorantes, Doutos, e Maliciosos. Dos ignorantes diz, que naõ se contentaõ de emendar o sapato, a que sómente chega o seu juizo, mas como fez o Sapateiro de Apelles, querem entender na cabeça.

Dos Doutos, que o naõ saõ em solida doutrina diz, que tomaõ o officio de hum Medico, que olhando para outra taboa de pintura, tambem posta a juizo publico, chegou a condemnalla em cousas fóra do seu officio, para mostrar, que em tudo sabia. O que naõ podendo sofrer o Pintor, sahio donde estava ouvindo estes juizos, e disse ao Medico: as minhas obras julgaõse porque se vem; as vossas naõ, porque as meteis debaixo da terra, onde ninguem as póde ver. Motejando delle por matar muitos enfermos com suas erradas curas.

Dos Maliciosos diz, que naõ se prezaõ de dar na capa; mas que o seu gosto he tirar ao rosto; e naõ satisfeitos de apontar vicios da obra, condemnaõ a pessoa, advertindo, que naõ póde gastar tanto papel, sem roubar muito tempo ao governo da casa, e às obrigaçoens do officio.

Se contra Escritor taõ grave, e taõ singularmente benemerito da Historia Portugueza Oriental, se armaraõ as linguas de Leitores Ignorantes, Malevolos, e Doutos Pseudocriticos; da rigurosa censura de outros semelhantes Leitores, como havia de escapar hum triste Estrangeiro, que neste Reyno naõ tem parente, nem adherente, nem outro patrocínio, que o desejo de trabalhar, e prestar?

A razaõ porque ha tantos, e taõ maos Criticos he, que hoje he officio, que cada hum toma, e exerce, sem authoridade do Magistrado. Antigamente houve Censores em Roma, mas naõ eraõ mais que dous, e estes eraõ escolhidos da ordem Senatoria, e approvados só para o espaço de cinco annos, depois dos quaes se elegiaõ outros, e eraõ chamados *Magistri morum*, Mestres, ou Juizes dos costumes<sup>26</sup>; porque supposto ao seu officio incumbiaõ muitos cuidados, e entre outros o fazer, ou tomar o rol das fazendas, officio, que em Latim se chama *Censere*, donde se deriva o nome *Censor*, tomavaõ conhecimento do trato, vida, e costumes da gente para os emendar, e manter nas familias o decoro, e bom procedimento.

Hoje em lugar de Censores de obras domesticas, temos Censores de obras literarias, e estes em muito mayor numero que os Authores, porque cada Author tem muitos; e estes sem outra authoridade, que a que injustamente se arrogaõ, e com a qual, *per fas, & nefas*,

<sup>26</sup> Nota marginal: «*Rosinus Dempsteri, Antiquit. Roman. lib. 7. cap. 10.*»

fazem, e desfazem, approvaõ, e reprovaõ, louvaõ, e condemnaõ quanto querem.

A estes Censores lhes chamamos vulgarmente Criticos, e se dividem, ou degeneraõ em Hypercriticos, e Pseudocriticos. Os Hypercriticos, são os que são nimios em criticar; os Pseudocriticos, são os que sem bastante fundamento criticaõ, e condemnaõ. Famoso Hypercritico foy Miguel de Montanha, Cavalheiro Francez, o qual se obrigava a descobrir na melhor, e mais virtuosa acção cincoenta defeitos<sup>27</sup>. Criticos houve taõ Hypercriticos, que pertenderaõ achar erros na fabrica do Mundo.

De Pseudocriticos estaõ cheas as terras, habitadas de sogeitos enfarinhados de sciencias, e semidoutos. Saõ estas terras xarcos, povoados de humas raãs, que não tendo dentes para morder, tem grandes bocas para gritar. Nos areaes da Lybia vâ viver, quem não quizer ouvir os seus clamores. Não se acha, que raãs se tenhaõ agregado em Palacios, senaõ no de Farao, Tyranno do Egypto.

Graças a Deos, que assisto em huma Corte, onde a modestia desarmou, e a sciencia emmudeceo a Pseudocritica. Aqui a Critica he douta, e cortezã; conhece o erro, não envergonha o errante; procura emenda, não solicita ruina. Ninguem melhor do que eu experimenta o zelo desta urbanidade, e a discrição deste zelo. A empreza do Vocabulario Portuguez, e Latino, foy honra usurpada, e roubada à nação. A Portuguezes lhe tocava de juro este genero de estudo. Por não inculcarem em cada paragrafo as ricas expressoens do seu idioma, deixaraõ ao cuidado de hum Estrangeiro este glorioso exercicio; permittiraõ, que fizesse huma resenha geral dos seus vocabulos; dividisse os seus adagios em esquadroens; com armas nacionaes desse batalhas aos inimigos da sua linguagem, e ao estandarte da Lusitania attribuisse as glorias do triunfo.

Com as advertencias de Leitores Pseudocriticos, não são incompativeis estas honras; nem sempre a censura do Pseudocritico he insulto do criticante, ou do criticado injuria. Aqui chamo Pseudocriticos aos que sem nota de ignorancia, e sem malicia, fazem nas obras dos Authores huns reparos escusados, e procedidos da descuriosidade dos seus estudos. Alguns delles que se governaõ por Orthografia, ou errada, ou diferente da nossa, não achaõ no Vocabulario a palavra que buscaõ, e não advertindo na causa da falta, daõ ao Author a culpa. Se (como ja muitas vezes tenho representado, e com mais particularidade em hum discurso, que sobre esta materia fiz na Academia do Conde da Ericeira) se reformara a Orthografia Portugueza, e se reduzira a hum modo do escrever commum, senaõ a todos, aos zelosos da perfeição da sua lingua, não haveria hoje tanta diversidade no escrever, nem tanto trabalho em buscar inutilmente palavras, de cujo significado se necessita. Huns escrevem ley, com I Latino; outros escrevem ley com I Grego. Huns dobraõ as consoantes, e escrevem communicação, comminação, Aggravo, allegoria, &c. outros com huma só consoante escrevem communicação, agravo, alegoria, &c. A huns lhes parece bem fazer do I hum E e assim escrevem deminuir, dereito, &c. em lugar de diminuir, direito, &c. a outros lhes parece melhor usar do I, em lugar do E, e assim dizem dirivar, por derivar, rindeiro, por rendeiro, &c. Variedades, por não dizer ignorancias, e desconcertos, pela mayor parte nascidos de se não respeitar os nomes primitivos, ou de se não guardar a analogia dos vocabulos, derivados da lingua Latina, ou Grega, ou qualquer outra, que antes de nós usou delles.

Entre tanto se levantaõ sem escrupulo testemunhos ao Vocabulario, e sem piedade se accusa o Author de diminuto, sem outra razaõ, que a desgraça de não ter nascido em Portugal, porque os Dictionarios até agora compostos pelos naturaes do Reyno, seraõ mais certos, mas não são nem mais copiosos, nem mais elaborados, que o seu.

Tambem no numero dos Pseudocriticos entraõ os que estranhaõ, ou condemnaõ o grande numero de esdruxulos, que com apparente affectação escolhidos, ou amontoados, enchem o frontispicio do meu Vocabulario. Tomara eu saber, que modo havia mais breve, para declarar as materias de que trata a obra. Sey, que das Officinas de França sahiraõ Vocabularios com titulos taõ magestosamente breves, que com duas, ou tres palavras manifestaõ o seu cabedal, v. g. *Le Dictionnaire del Academie Françoise; le Dictionnaire des Arts, por Monsieur de Corneille*, e outros; mas nem a todos os Authores pareceo bem esta rigurosa

<sup>27</sup> Nota marginal: «*Lib. 1. cap. 26. dos seus Essais*».

brevidade. Em mais de vinte regras estendeo o Abbade Furetiere os titulos do seu Diccionario Francez, impresso na Haya, e em Roterdaõ, anno de 1612<sup>28</sup>. Em huma lauda deste papel naõ cabem os titulos do Diccionario Historico de Moreri; naõ he menos pomposo, e rico de enfaticos attributos o Lexicon Universal de Joaõ Jacobo Hofman, impresso em Leida, ou Leiden, Cidade de Hollanda, anno de 1698.

Digame agora o Pseudocritico, porque razaõ havia eu de negar ao meu Vocabulario Portuguez, e Latino todo o honorifico epitheto de que he digno? Do seu idioma tanta estimação fazem os Portuguezes, como do seu os Francezes, e qualquer outra nação. Nas suas expressoens he a lingua Portugueza taõ nobre, que senaõ fora filha da lingua Latina, podera competir com ella; os que a ignoraõ, a desprezaõ, porque ninguem estima o que ignora; da sua abundancia, e maravilhosa fecundidade provas authenticas saõ os dez volumes deste Vocabulario. Tudo nelles saõ termos Portuguezes, ou aporuguezados para a intelligencia, e uso dos nacionaes.

Enganaõse os que attribuem a vastidaõ da obra à insaciavel curiosidade do Author, que para accrescentar o numero dos vocabulos, os foy accumulando sem a escolha, e moderação que convem. Todas as palavras, que tem nesta obra seu particular paragrafo, saõ usadas do vulgo, ou dos homens doutos, e da mayor parte delles se confirma o uso com exemplos de Escritores Portuguezes, com que allega o Author, para que os Leitores pouco lidos o naõ façãõ inventor delles.

Como tambem na Geografia tambem a lingua Portugueza com sua diferente locução se explica, me foy preciso trazer os nomes das Cidades, rios, e Reynos, de que outros Diccionarios fazem menção. O que para os Italianos he Venezia, ou Venegia, e para os Francezes Venize, para os Portuguezes he Veneza; o Bordeaux de França, para nós he Bordeos; o que os Franceses chamaõ Gennes, e os Italianos Genoa, lhe chamamos Genova; em Roma he Tevere, o que em Lisboa he Tybre. Sem estes, e outros semelhantes nomes das Cidades, rios, Provincias, e Reynos de diferentes naçoens, qualquer Diccionario he imperfeito, principalmente em Portugal, aonde faz muita falta nesta noticia. E he muito para admirar, que sendo os Mappas, e cartas Geograficas da Africa, Asia, e America cheas de nomes Portuguezes, que successivamente vaõ eternizando os nomes, e a fama de seus descobridores, tem os seus descendentes taõ pouca curiosidade dos nomes proprios das terras, e naçoens da Europa, que alguns delles, ainda que nobres e bem creados, naõ se pejaõ de perguntar, em que parte de Roma está a Hungria: perguntaõ outros se Hollanda he huma taõ bella Cidade como dizem, e commummente a todo o genero de estrangeiro, quer Inglez, quer Italiano, Francez, ou Alemaõ, chamaõ Flamengo.

No tocante pois ao grande numero de esdruxulos da primeira folha do Vocabulario, entendo, que se o Francez, e outros idiomas foraõ taõ capazes destas dactylicas dicçoens, como o Portuguez, naõ fariaõ escrupulo de usar delles, pois vejo, que naõ podendo valerse dos adjectivos, recorrem aos substantivos, e com elles daõ aos seus Vocabularios taõ amplos, e soberbos titulos, que naõ promettem menos que os termos proprios de todas as artes, e sciencias.

As primeiras regras do titulo do grande Diccionario do Abbade Furetiere, dizem assim:

*Dictionaire Universal, contenant generalement tous les mots François, & les termes de toutes les sciences, & les Arts, sçavoir, la Philosophie, Logique, & Fisique, la Medicine, ou Anatomie, Pathologie, Therapeutique, Chirurgie, Farmatopés, Chymie, Botanique, ou l'Historie Naturelle des plantes, & celles des Animaux, Mineraux, Metaux, & Piereries, & les nomes des drogues artificielles; la Jurisprudence Civile, & Canonique, Feodale, & Municipale; les Mathematiques, la Geometrie, l'Aritmetique, & l'Algebre, la Trigonometrie, Geodesie, ou l'Arpentage, & les sections Coniques, l'Astronomie, l'Astrologie, la Gnomonique, la Geografie, la Musique, tant en theorie, qu'en pratique, les instruments a vent, & à cordes, l'Optique, Catoptrique, Dioptrique, & Perspective, l'Architecture Civile, & Militaire, la Pyrotechnie, Tactique, & Statique.*

Por naõ molestar ao Leitor, deixo em silencio outras oito regras dos titulos da dita obra; e pergunto se nas leys Typograficas, só os Francezes tem o privilegio de ornar com

<sup>28</sup> A data correcta é 1690.

magnificas expressoens os frontispicios dos seus Vocabularios. Que culpa temos nós da falta, que elles tem de esdruxulos? Se assim como nos permite o idioma Portuguez, que digamos Aulico, Architectonico, Bellico, Florifero, Fructifero, Nautico, Numerico, Syllabico, &c. aos Francezes lhe dera o seu idioma faculdade, para dizer *Aulique, Architectonique, Florifere, Fructifere, Nautique, Numerique, Bellique, Syllabique, &c.* quem estranharia, que usassem destes, e outros semelhantes termos, para evitar circunloquios, e com succinta elegancia abreviar discursos?

Segundo a idéa, que tenho do genio Portuguez, tenho por certo, que se à imitação do dito Vocabulario Francez, sahira o meu com titulos no frontispicio mais claros, e especificos declarando, que nelle se tratados nomes das sciencias humanas, e Divinas, dos officios fabris, e politicos, dos animaes aquaticos, e terrestres, dos bipedes, e quadrupedes, dos sentidos do tacto, e do ouvido, dos instrumentos musicos de corda, e de assopro, de todos os doces, liquidos, e secos; o mais sizudo Leitor se riria de taõ miuda, e distinta especificação.

Para justificar o seu riso, poderia elle dizer, que com o titulo de Diccionario Universal, ficaria escusada toda a caterva de titulos superfluos; e na realidade he assim, e parece, que por naõ cahir no erro desta inutilidade, os dous mais celebres Vocabularios Francezes reduziraõ toda a pompa titular a estas breves inscriçõens; a primeira diz: *Dictionaire de l'Academie Françoise*; a segunda diz, *Dictionaire des Artes, & des Sciences*. De obras taõ grandes, naõ póde haver titulos mais laconicos do que estes. Mas que damno, ou que injuria faz ao publico hum Author, que com mais clareza expoem o cabedal da sua obra, e de hum jacto faz em certo modo patente ao Leitor a sua substancia? O frontispicio de hum livro, he huma especie de taboleta, ou insignia com que o Author, que mais claramente pintou a sua mercancia, procura darlhe melhor sahida. Joaõ Jacobo Hofmanno, que se fora Escritor Orthodoxo, na minha opiniaõ merecera hum dos primeiros lugares no consistorio dos Autores de Vocabularios, naõ se contentou com dar aos seus quatro volumes Latinos o titulo de *Lexicon Universale*; a este titulo, *ex vi nominis*, diz tudo, accrescentou qualidades, e prerogativas tantas, que em huma folha destas naõ cabem; e fulano d'Herbeloc, que na primeira folha do seu livro chama à sua Bibliotheca Oriental, *Diccionario Universal*, como se com este titulo dissera pouco, com o sainete das muitas noticias, que promete a todo o genero de Leitores, convida o gosto, e desperta o appetite.

Obstinado Pseudocritico, se a estas razoens, com que pertendo abonar os titulos do meu Vocabulario, te naõ renderes, entenderey, que es inimigo de esdruxulos, que tens antipatia com as razoens do Francez, como tinha Germanico com o cantar do gallo<sup>29</sup>. Temos outra classe de Pseudocriticos mais sofriveis, porque modestos, e desejosos do bem comum, mas sem a moderação, e limitação, que a este genero de obras se deve. Diccionarios de linguas trazem nomes de cousas, e naõ de pessoas; porque em todas as linguas os nomes das pessoas, pouco mais, ou menos saõ os mesmos; e os nomes das cousas saõ quasi sempre diversos. Diccionarios de nomes de pessoas, saõ Historicos; daõ conta da genealogia, nascimento, vida, e morte, virtudes, ou vicios, fortunas, ou desgraças de pessoas celebres no Mundo. Diccionarios de nomes de cousas, saõ Etymologicos, Grammaticaes, Scientificos; daõ conta das cousas produzidas da natureza, ou da arte.

Hum dia, sem reparar nesta diferença, certo amigo meu, homem de boa nota, e naõ mediocremente versado nas letras, fallando no meu Vocabulario, me fez esta pergunta: Padre na sua obra como lhe escapou Adam? Eu admirado da innocencia do homem, respondi: E vossa merce como escapou a Herodes? O meu Vocabulario naõ he de pessoas. Se nas folhas dos nomes das pessoas entrar o de Adam, será necessario dar nellas lugar a Abel, a Abrahaõ, a Abimelec, e todas as mais pessoas insignes, cujos nomes começaõ por A, e pelo consequente será preciso fazer o mesmo dos nomes, que principiaõ pelas mais letras de todo o Alfabeto: nomes de pessoas pertencem a Vocabularios Historicos, como he o de Moreri; nomes de cousas saõ para Vocabularios de linguagem.

He verdade, que no meu Vocabulario tenho dado lugar a nomes de pessoas, como v. g. Apollo, Atlante, Bacco, Bellorophon, Cadmo, Faetonte, &c. mas estas saõ pessoas

<sup>29</sup> Nota marginal: «*Plut.*»

fabulosas, e ficticias, e como taes nem cousas saõ; porém devem ser admittidas nos Vocabularios de linguagem, pelas razoens, que logo direy ao Leitor Impertinente, para lhe tirar escrupulos, e livrarme das suas perseguiçoens.

Ainda assim a hum Pseudocritico me confesso obrigado; he este certo sogeito muy discreto, e cortezaõ, que com sua singularissima aguedeza procura persuadir aos amigos, e conhecidos, que o meu Vocabulario naõ he obra de homem douto, por quanto tudo o que na dita obra digo, em outros livros se acha. Conforma-se esta advertencia com a judiciousa sentença de outro, que disse, e vay dizendo, que o dito Vocabulario naõ he outra cousa mais, que huma traducçaõ do Calepino em Portuguez. Outros para mais me honrarem, dizem, que a obra he hum *Theatrum vitae humanae*; porém a Calepino, e a Beyerling, se ainda vivessem neste Mundo, lhes seria necessario aprender o Portuguez, para abonarem a comparaçaõ.

Desde a idade de nove para dez annos, em hum Collegio dos Padres da Companhia, tive Mestres muito doutos, e toda a minha vida tratey, e conversey com homens doutos; porém sempre conheci o pouco, que eu sabia; e hoje melhor que nunca conheço o muito pouco que sey, e taõ fóra estou de querer parecer douto, que na mayor obra que até agora dey à luz, faço ver a todos, que no A B C ando. Folgo muito, que o Pseudocritico diga, que tudo o que diz o Vocabulario em outros livros se acha; se isto assim he, os erros naõ saõ meus; e os acertos, se os ha, ainda que naõ sejaõ frutos da minha lavra, saõ colheitas da minha diligencia.

A todos os compiladores se póde dar o mesmo louvor, porque ajuntaõ noticias separadas, e encadeaõ doutrinas avulsas. Daqui tomaraõ o nome muitas cadeas de Sagrada, e profana erudiçaõ *Catena Lippomani*, *Catena Divi Thomae*, *Catena*, seu *Cyclus totius Mythologiae Graecorum*, &c. Estas, e outras muitas cadeas foraõ para os Authores dellas coroas do seu estudo, e zelo do bem commum literario. No encadeamento das palavras de hum Vocabulario, he preciso muito mayor trabalho, porque naquellas chamadas Catenas, ou cadeas nada poem o Author do seu, e a cada passo póde o Author de hum Vocabulario dar amplas noticias do vocabulo de que fizer mençaõ, como em effeito se póde ver na explicação, e declaraçaõ de muitas dicçoens desta obra, que em nenhum outro livro se achaõ, e cujo significado por carta, ou de palavra foy manifestada ao Author.

Tambem deve o Pseudocritico advertir, que em muitas partes deste Vocabulario ha discursos Moraes, Filosoficos, e Theologicos, que sahiraõ da penna do Author, e a Oradores Sagrados, e profanos podem dar para muitos assumptos grande soccorro. Estes literarios auxilios naõ os achará o Pseudocritico em nenhum outro Author; e para que naõ entenda, que todo o nosso estudo se limita no dstricto de hum Vocabulario, saberá, que a nossa laboriosa studiosidade se estendeo a outros dez volumes, tambem de folha.

Os dous primeiros seraõ de Sermoens, prégados nesta Corte, que andaõ impressos em tres volumes de quarto, com alguns outros Sermoens avulsos, e outro volume, que ainda naõ sahio à luz, e já tem a licença do Santo Officio.

Tenho entre mãos dous volumes de Prosas Portuguezas, Academicas, Filologicas, Theologicas, Gratulatorias; Funebres; Economicas, Symbolicas, &c.

O quinto volume, tambem de folha, tem por titulo *Musaeum Bluteaevianum*, contém varios Opusculos Latinos em prosa, e em verso, Elogios, Epitafios, &c.

Os outros cinco volumes constaõ de perguntas, e respostas, em muitos lugares da Sagrada Escritura, com o titulo de *Oraculum utriusque Testamenti*; já tem os dous primeiros as licenças da Religiãõ, e do Santo Officio; os outros tres só alinhavados, esperaõ pelo seu complemento.

Supponho, que o Pseudocritico dirá, que tambem nestas obras haverá muita doutrina, e erudiçaõ, tomada de outros Authores, e eu o confesso, porque para saber de tudo, dos escritos de todos cada dia mendigo; nem chega a dar-me cuidado a severidade do Pseudocritico, que naõ tem por homem douto ao Author, que para o seu intento de noticias alheas se aproveita. Porém estranhando este rigor, tenho lastima de todos os mais Authores de Vocabularios, porque como forçosamente se valem de noticias, tomadas de outros escritores, na idea do cruel Aristarco, naõ podem ter lugar entre os Doutos; e assim com o seu Lexicon Juridico, naõ póde Simaõ Scardio passar por homem douto, porque em cada

paragrafo allega com Tiraquello, com Accursio, com Cujacio, com Antonio Goveano, e outros Juristas: nem no Catalogo dos homens doutos poderá ter lugar o meu Padre D. Jeronymo Vital, que no seu Lexicon Mathematico, com as observaçoens de Astronomos Arabes, antigos, e modernos explica, e solta as mais intrincadas questoens da sua profissão; finalmente, nem com os elementos de Euclides na cabeça, parecerà douto na Geometria; nem com os Aforismos de Hippocrates na ponta da lingua, será julgado douto na Medicina; nem com todos os problemas de Aristoteles, promptos na memoria, será tido por douto na Filosofia; nem com toda a Summa de Santo Thomás nos cascos, douto na Theologia, Doutor algum que der livros à luz, abonados com exemplos de outros Doutores, porque destas authoridades são cheyos os livros, e dos livros de seus Authores estão abarrotadas as Livrarias. A razão pois desta exclusão da cathegoria dos doutos he, que no bestunto do Pseudocritico, o valer-se do que está escrito, não he proprio de homem douto.

Pois que? Será necessario, que por não parecer indouta a Academia da lingua Franceza recolha o seu famoso Diccionario? Sim, porque ao juizo dos Pseudocriticos o que no dito Diccionario se explica, não he outra cousa, que huma serie de vocabulos, locuçõens, e frases do idioma Francez, que em Authores da dita nação se achão espalhadas, e accomodadas ao sentido, e materia de que trataõ.

E do Diccionario das Artes, composto por Thomás Corneille, alumno da<sup>30</sup> dita Academia, que estimação fará a Pseudocritica? Dirá, que [no]<sup>31</sup> he hum Alfabeto conglobado de nomes de plantas, animaes, artefactos, e termos scientificos, de que já muitos Authores deraõ noticia ao Mundo. Isto mesmo confessa o proprio Author da obra, porque na prefacção della diz que o dito seu Vocabulario he hum extracto dos melhores Authores, que escreveraõ sobre materias de sua profissão; e nesta mesma prefacção declara, que para dar razão das plantas, se valera de Matthiolo, e Dioscorides, das obras de Etmuller, para a Medicina; do Diccionario de Perraut, para termos Chimicos; do livro de Felibien, para dicçoens de Architectura, Escultura, e Pintura; de varios livros de viagens, para a descripção de ervas, e animaes, não conhecidos na Europa, &c.

Desta mesma sorte na declaração das obras da natureza, e da arte, muitos outros Authores de Vocabularios se ajudaõ com as noticias, que em outros livros achão; e se na opiniaõ do Leitor Pseudocritico, não merecem estes taes o nome de homens doutos; he porque com bom zelo divulgaõ o que sabem; e os mesmos, que indoutos lhes chamaõ, sem o auxilio deste genero de livros, na mayor parte das cousas deste Mundo seriaõ, ou difficultosamente doutos, ou forçosamente ignorantes.

Finalmente não posso deixar de chamar Pseudocritico a huns sogeitos, que com o especioso titulo de perfeição, e zelo do bem commum, dizem, que a este Vocabulario lhe falta outro, que comece pelo Latim. Para Vocabularios pequenos, e taõ succintos, que só apontaõ a palavra Latina, com o numero da folha, em que se faz menção della, como se vê no Diccionario de Agostinho Barbosa, ou que junto de cada palavra Latina poem o seu significado em Portuguez, como tem feito Jeronymo Cardoso no seu Diccionario Latino Lusitanico, não seria totalmente inutil esta circumstancia; mas em hum Vocabulario como este, cheyo de frases, de adagios, de noticias, descripçoens, e discursos, que figura faria huma palavra Latina, na testa de cada vocabulo, com sentidos muito differentes huns dos outros, e com paragrafos, que trazem materias diversas, e talvez contrarias ao genuino significado da palavra Latina, debaixo da qual tiveraõ lugar? A isto se acrescenta, que toda a pessoa, que quer compor em Latim, naturalmente cuida na sua lingua materna, e muitas vezes ignora o vocabulario Latino, que lhe he necessario, v. g. quero dizer em Latim: cahio hum foguete em hum palheiro; para o meu intento não me serve Vocabulario Latino, porque não sey como se chama em Latim foguete; e assim me vejo obrigado a recorrer ao Vocabulario Portuguez, e Latino, e ver o que nesta materia se pode dizer em bom Latim, porque como no tempo dos Romanos não havia polvora, não podia haver foguetes. Em qualquer outra materia, ainda que haja vocabulos Latinos, ao compositor Latino sempre lhe he mais necessario valer-se do Diccionario, que começa pelo idioma natural, do que pelo

<sup>30</sup> Alumda no original.

<sup>31</sup> No surge no original, mas deve ser erro de impressão.

Latino. Para verter o Latim em outra lingua, he excellente o Calepino; mas para verter qualquer lingua em Latim são precisos Vocabularios do idioma nativo para o Latino. Se com estas razoens se não satisfaz o Pseudocritico, busque quem lhe faça Vocabularios ao seu modo.

#### AO LEITOR IMPERTINENTE.

A impertinencia he filha do primor. Com pretexto de perfeição em tudo embica, e quer emendar tudo. O excesso a faz viciosa; e em todas as materias lhe muda o nome. Na Religião a impertinencia he escrupulo; na cortezania affectação; na negociação empicilho; na fidelidade desconfiança; no trato do corpo melindre; na communicação importunidade; em toda a materia immoderação, e demasia.

Tambem na censura das obras de engenho ha impertinencias. Huns querem hum estylo muito conciso, como o dos Athenienses, outros o querem amplo, e diffuso, como o dos Asiaticos<sup>32</sup>; gava Quintilliano o estylo dos Rhodios, entre a brevidade Atheniense, e a pompa Asiatica; e tem Quintilliano razão, porque nas obras literarias, como nas moraes, o lugar da virtude he o meyo entre dous extremos.

Na censura das ditas obras corre a mesma razão; o Censor discreto he como o Sol, a mediania he a sua ecliptica entre rigor, e mollidão. O Sol, perpetuo védor, e revedor das obras da natureza, nunca sahe da linha do meyo no Zodiaco. Só os Planetas passam dos limites, e declinaõ para os Climas frios do Norte; à imitação destes excede os termos o Leitor Impertinente, e dá em frioneiras.

Póde haver reparo mais insulso do que este? Estranha o Leitor Impertinente, e condemna de ridicula a definição, que dou de algumas plantas, v. g. maceira, arvore, que dá maçãs, pereira, arvore, que dá peras. Em todas as escholas da Logica se ensina, que toda a definição, que consta de genero, e differença he boa; nestas definiçoens arvore, he o genero, maçãs, e peras, são as differenças. Que queria o Impertinente? Queria, que eu dissesse: Maceira, arvore que dá medronhos? Pereira, arvore, que dá castanhas? Dirá o Impertinente, melhor fora não dizer nada. Bem está; mas ao Impertinente se acaso lhe perguntarem, que cousa he maceira, ou pereira, que dirá elle? A mim me succedeo, que pedindo a hum destes sabichoens à moda, que me dissesse, que cousa he maçã, mudou de cor, e depois de mascar, e revolver entre dentes o monosyllabo maçã, se sahio finalmente com esta bella definição: maçã he maçã; supponho, que deste mesmo modo o nosso Impertinente affectando gravidade, e arcando as sobranceiras, se descartaria com dizer: maceira he maceira: pereira he pereira. Muito obrigada ficaria a Republica, a quem lhe dêsse noticia taõ peregrina.

Segunda o dito Leitor a sua impertinencia dizendo, que contra as leys dos Dicionarios das linguas, que (segundo a minha propria observação) não admittem nomes de pessoas, trago no meu Vocabulario muitos nomes de pessoas, particularmente das de que a Fabula, e a Gentilidade fazem menção. Assim he; mas em primeiro lugar he necessario saber, que tambem à lingua Portugueza, muitos destes nomes de pessoas pertencem; porque ha Authores Portuguezes, particularmente Poetas, que chamaõ a Jupiter Jove, a Faetonte Faetaõ, ao Sol Febo, a Lua Febe; &c.

Tambem he de notar, que como a mayor parte dos Numes, ou Heroes fabulosos tem além do nome mais commum, outros nomes no idioma Portuguez usados, porque chamaõ os nossos Poetas a Vulcano *Mulciber*, a Marte *Gradivo*, a Bacco *Lyeo*, &c. não he escusada a noticia, e declaração destes appellidos: de mais, como este Vocabulario he Portuguez, e Latino, entendi, que convinha fazer menção dos nomes, epithetos, e frases Latinas dos antigos Poetas, para ajudar aos compositores em hum, e outro idioma.

Tambem não fiz escrupulo de ajuntar tudo o que de semelhantes personagens inventou a Fabula, e a Gentilidade; porque as suas noticias, ainda que profanas, e ficticias, servem muito para a Mythologia; e as patranhas da Theologia Gentilica, quanto mais extravagantes são, mais acreditaõ as solidas verdades da nossa Sagrada Theologia.

Com esta mesma razão respondo ao Leitor Impertinente, escandalizado de ver no

<sup>32</sup> Nota marginal: «*Quintil. Institut. Orator.*»

meu Vocabulario os nomes de muitos idolos antigos, e modernos, porque os idolos não são pessoas, mas cousas, pedras, v. g. metaes, e outras materias em figura de animaes, ou de homens, que nunca existiraõ, nem são dignos da nossa memoria, senaõ para escarneo, e aborrecimento; e a cegueira com que humas nações os adoraõ, e crem as ridiculas fabulas, que delles se contaõ, nos devem servir de motivo para dar graças a Deos, de nos ter allumiado com a doutrina do Euangelho. Aprende Leitor Impertinente a não ser nimio em censurar; embicar em obras alheas, não he difficultoso; em fazer outras melhores, está o busilis. Todos os Poetas contemporaneos de Virgilio, deraõ unhas na sua Eneida, nenhum delles teve a penna taõ bem aparada, que fizesse outra obra taõ boa. Não condemno a censura; só digo, que convem usar della com o sal da discricaõ. A censura moderada he virtude, a immoderada he vicio; este vicio he temeridade, ou insolencia, e quando menos, impertinencia.

#### AO LEITOR MOFINO.

Se imaginas, que com estas regras te quero exhortar a comprar o meu Vocabulario, andas enganado; pelo bem que te quero, não quero compres tal livro. Para o teu estudo unicamente são bons livros de contas, livros de razaõ, e livros de haver. Que te importa saber termos de artes liberaes, ou mecanicas; de sciencias humanas, ou divinas? Tens arte para poupar; sciencia tens para não gastar; consiste a tua Rhetorica em amplificar indigencias; a tua Poesia está em fingirte necessitado; da Agricultura tomaste o podar, e o privarte do superfluo; na Logica aprendeste a apertar em toda materia o argumento. Na caça de montaria es caõ de fila, não largas a preza; na alta volataria es falcaõ, bom apegador, em toda a ralé afferras; na Nautica pouco te adiantarás, sempre navegas com tempos excassos. Deu Aristoteles a razaõ da sua tenacidade. Diz este Filosofo, que todo o homem vil, e sem habilidade para grangear, he mofino, porque largando o que tem, desconfia de poder adquirir outro tanto.

Eu compadecido da tua miseria, estou com vontade de darte os Vocabularios de graça; mas duvido muito, que os queiras aceitar, porque o Euangelho dos velhos diz: O escasso, por não dar, não quer tomar. Ainda assim, sem esperança do retorno, e desobrigandote do agradecimento, fizerate este donativo, se não reparara, que a homem, o qual talvez mal saberá ler, não podem parecer bem as boas letras, nem com mofinos se podem adjectivar artes liberaes.

Sem duvida es do numero daquelles, que condemnaõ a grande extensaõ desta obra. Dez volumes de Vocabulario, até agora não ha exemplo de taõ exorbitante verbosidade. Já entendo a razaõ da tua queixa. Se com o numero dos volumes, não subira de preço a obra, não lhe havia de achar redundancia. Todo o custoso te aborrece; até na sabedoria buscas o barato. Dos Italianos diz certo Author, que fazem a Pedra Filosofal com os dentes, porque para ajuntar quatrini, alguns delles não comem. Tambem tu queres filosofar sem gastar; dos livros compostos por Apuleio, só te agrada o Asno d'ouro.

Padre, veja lá como falla, que não faltará quem lhe responda. Responda embora, mas ponha o seu nome na resposta, que de papeis anonymos ninguem faz caso. De mais do que, em todos estes meus discursos, faça o que de si diz o Epigrammatico Poeta.

*Hunc servare modum nostri novere libelli,  
Parcere personis, dicere de vitiis<sup>33</sup>.*

Manifesto as culpas, mas perdoo às pessoas, porque as não nomeo, nem a mayor parte dellas conheço.

<sup>33</sup> Nota marginal: «*Martial lib. 10. cap. 33.*»

ADVERTENCIAS A TODO O LEITOR,  
para o uso deste Supplemento.

I. Quando no Vocabulario topar com palavra, cuja explicação lhe pareça errada, ou diminuta, tome o trabalho de recorrer a este Supplemento, buscando a mesma palavra pelo seu lugar Alfabetico; poderá ser, que ache emenda, ou accrescentamento.

II. Neste Supplemento, como tambem nos oito volumes do Vocabulario, não está a Orthografia certa, porque até agora não achey no idioma Portuguez regras de Orthografia taõ certas, nem Authores nesta arte taõ uniformes, que tenhaõ assentado com geral aceitação, e approvação dos Doutos, o verdadeiro modo de escrever; huns principiaõ a mesma dicção com H, outros com I, ou com O, ou com outra vogal; outros em alguns vocabulos usaõ do Y em lugar do I, outros do I em lugar do Y, outros antepoem, ou pospoem o R, ou o L às vogaes de algumas palavras; finalmente na Orthografia Portugueza, como na casa onde não ha paõ, todos gritaõ, e ninguem tem razaõ, porque até não assentarem os Doutos, como o tem feito os das outras naçoens, o modo com que se ha de escrever, sempre haverá contendas, e não saberá o vulgo quem tem razaõ. Eu, que (como Estrangeiro) não tenho voto na materia, muitas vezes me achey taõ confuso, que não sabendo que partido seguir, em huns vocabulos me conformey com a Orthografia de huns Authores, em outros com a de outros; e o peor he, que já não tem remedio esta diversidade, porque nem posso fazer outra impressaõ, nem já me he possivel emendar o que escrevi.

III. Neste Supplemento a muitos vocabulos falta o Latim, porque ou saõ jocosos, e chulos, sem expressoens correspondentes na Latinidade, ou saõ termos fabris, e de artes novamente inventadas, ou ervas, e drogas, ignoradas dos Romanos.

## ANEXO III

### «CATALOGO ... DOS AUTORES PORTUGUESES» (Tomo I, 1712)

#### CATALOGO ALPHABETICO, TOPOGRAPHICO, & CHRONOLOGICO DOS AVTORES PORTVGVEZES, CITADOS PELLA MAYOR PARTE NESTA OBRA.

As palavras não significam por sua natureza, mas por instituição dos homens; & cada Nação, assim barbara, como polida, deu principio, & sentido às palavras, de que usa. Daqui nasce, que não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas, & deste uso não há evidencia mais certa, & permanente, que a q nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritas ou impressas.

Suposto isto, para a ampliação, & cabal perfeição de huma lingua, seria preciso, que toda a pessoa capaz para compor, deixasse na Arte, ou sciencia da sua profissam alguma obra ao Publico, no que hoje com utilissima curiosidade se exercitão os Francezes; & com tão felice successo, que quasi cada Arte, & profissam tem no idioma Francez seu Vocabulario distincto.

Neste particular, com grande detrimento do Orbe litterario, faltarão os Antigos Romanos, porque excepto na Arte Oratoria, Historica, ou poetica, em que com admiravel primor apuraram a penna Cicero, Quintiliano, Julio Cesar, Suetonio, Tacito, Virgilio, Ovidio, & alguns outros no reinado dos doze Cesares, em que floreceo a Latinidade; nas Artes Liberaes, & Mecanicas, apenas temos dous, ou tres Autores, que para a pureza da Lingoa Latina nos possam servir de modello.

Na Architectura sô temos a Vitruvio, na Agricultura a Columella, Varro, & Catão, na Medicina a Cornelio Celso, & se não tiveramos a Historia natural de Plinio, ficaria a Lingoa Latina muda no meyo das maravilhas da natureza. Em todas as mais materias temos poucos, ou nenhuns Autores Latinos; ou porque as ignoraram, ou porque não deixaram memorias dellas; & os que escreverão depois da corrupçam da Latinidade, foram obrigados a suprir com Periphrasis, ou com termos inventados, a falta das palavras proprias; & finalmente depois de tantos seculos, que a Lingoa Latina he lingua morta, com a invençam de novas Artes, engenhos, & instrumentos, todos os dias se vai descobrindo mais a sua pobreza.

Pello contrario a Lingoa Portugueza, como lingua viva, sempre se vai enriquecendo, & já he tão abundante, & opulenta, que em todas as materias tem ricos termos. Era antigamente a Lingoa Portugueza tam pobre, como o forâm todas as mais lingoas nos seus principios; sô nas folhas de alguns livros Historicos; ou Predicativos sahia singelamente a

luz; mas com as obras de muitos Autores teve sucessivamente tão preciosos ornatos, que não tem, que envejar às mais elegantes Lingoas da Europa o seu luzimento.

De todos os Autores Portuguezes, que me vierão à mão, fiz este catalogo, não sô, para seu credito delles, mas para autoridade deste Vocabulario, porque rara he a palavra, menos vulgarmente usada, ou termo scientifico, & extraordinario, que não venha autorizada com algum exemplo, & juntamente com a citaçam da pagina no livro do Autor allegado. Atè das palavras, mais vulgares, muitas vezes trago exemplos, paraque conste do sentido, em que forão usadas; & não he superflua esta curiosa pontualidade, porque sobre o significado de termos corriqueiros, & chulos, muitas vezes se levantão controversias, que sô com o exemplo de algum Autor se decidem.

Para hum Diccionario, como este, composto por hum estrangeiro, não era precisa menos ampla, & autentica abonação, que esta de alguns trezentos Autores, promiscuamente citados ao pê de cada dicção, segundo o lugar, que nesta obra lhe cabe.

Mas quem me quizer fazer justiça, louvarâ o trabalho, com que de Autores Portuguezes escolhi hum tão grande numero de palavras, que com ellas cheguei a compor hum Vocabulario, tão copioso, como os mais amplos, que novamente sahiram da Academia Real de França, & da Academia da Crusca, em Italia.

A vista destes volumes, (aos quaes com o tempo se poderâm acrescentar outros,) que dirâm certos Estrangeiros, os quaes publicavão pella Europa, que a lingua Portugueza he hum idioma pobre, inculto, barbaro, & casualmente formado de varios Fragmentos da Lingoa Mourisca, & Castelhana? Confesso, que despois de ajuntar os materiaes para esta obra, eu mesmo fiquei admirado, & juntamente opprimido da multidam dos vocabulos, que achei nos Autores antigos, & modernos.

Não pretendo, que os dittos Autores sejam todos igualmente de boa nota; sô digo, que as palavras, que delles tirei, me pareceram dignas de alguma noticia, ou por antiquadas, & desusadas; ou por escuras, & Grego-Latinas; ou por peregrinas, & muito cultas: de todas ellas era necessaria alguma declaração; das antiquadas, & desusadas, para a intelligencia de Escrituras, & livros antigos; das escuras, & Grego-Latinas, para o entendimento de Autores peritos na Arte, ou sciencia, em que escrevem; & das peregrinas, & muito cultas, para a imitação, & uso dellas no estilo levantado, poetico, ou Oratorio.

Aos que condenarem a confiança, com que allego com toda a casta de Autores, respondo, que me aproveitei de todos, porque nas materias da sua profissam, cada hum delles he Texto. Em Cirurgia, & Medicina tão propriamente fallam Antonio da Cruz na sua Recopilação, & o Doutor João Curvo na sua Polyanthea, como João de Barros na Historia, & o P. Antonio Vieira na Predica; & a seu tempo, & lugar tanto caso fiz de algumas expressoens de Antonio Galvam na sua Alveitaria, & de Manoel Leitam na sua Practica de Barbeiros, como das Phrases, & elegancias de Jacinto Freire, & das metaphoras, & Paranomasias do Bispo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda.

Tambem não fiz escrupulo de allegar com alguns Autores, que com algumas palavras offendem a pureza da Lingoa Portugueza; porque nestes taes achei outros termos, & vocabulos, muito proprios. Assim como não hâ Autor tam bom, em que não haja, que condenar; assim não hâ tão mau Autor, em que se não ache, que louvar. De huns, & outros he necessario colher, o que tem de melhor. Muito devemos á fineza, dos que se cançaram, para nos instruirem, ainda despois de mortos. Não he razam, que desprezemos a sua practica, ainda que menos à moda. Para a Posteridade mais aproveita a lhaneza de quem escreve, ainda que sem muito alinhamento, do que a desconfiança de huns Criticos, que oppilados da sua sempre abafada erudiçam, nem bem, nem mal escreveram.

A boa locução he como o bom parecer, este com o tempo passa, & sô nos retratos vive; & daquella sô os livros sam os retratos, em que permanece. Por isso neste Catalogo não ha lugar, para os que fallam bem, & não compoem. Fallar bem, & não compor, he apregoar virtudes, & faltar de boas obras. A eloquencia esteril he huma pompa sonora, que desvanece com o ar, que a forma; & muitas vezes a brevidade do seu ser, não deixa ver a sua deformidade. Recea o juizo dos olhos huma fermosura fugitiva, & huma loquacidade transitoria teme a censura dos juizos. O valor da descriçam está em esperar a pé quedo pellos insultos da Critica. Os caracteres impressos, ajuntados em palavras, & estendidos em

regras, sam esquadroens em ordenança, sempre promptos a dar batalha; aindaque a percam, não ficam descompostos. Saber, & não sahir a campo, he treta da ignorancia, que antes da peleja, busca a retirada. Quantos com o medo de se fazerem reos, não querem ser Autores? Muy discretos nas praticas, & eternamente mudos nas folhas. Nenhum proveito tirarâm os Vindouros destes vãos ostentadores de palavras; a ouvilos, parece, que ham de cançar os prelos das mais laboriosas officinas, & em toda a Republica das letras, a penas se acharâ, do feitio delles, hum soneto. Vamos aos nossos Autores, & em aggradecimento do seu trabalho, renovemos neste catalogo a sua memoria.

Os titulos deste catalogo sam tres, por tres razoens. He Alfabeticico, Topographico, & Chronologico. Alfabeticico, pella disposiçam dos Autores pelos seus nomes proprios, segundo a ordem das suas letras iniciaes; Topographico, com a declaraçam da Cidade, & officina, em que o livro foi impresso; & Chronologico, pella noticia do Anno, em que sahio a luz. Destes tres titulos nacam tres utilidades; a saber, o conhecimento do Autor, da ediçam, & do tempo, em que foi impressa a obra. Todas as vezes, que se achar in fol. entendersehâ, que o livro he de folha. Os mais, que não tem este sinal sam in 4. ou in 8. ou in 12. &c. A este catalogo se seguirâm outros tres; o primeiro de alguns Autores Portuguezes, de cujas obras, aindaque sô manuscritas, me vali neste Vocabulario; o segundo dos livros, dos quaes o Author se dissimula, ou se ignora; & o terceiro das materias tratadas por Autores Portuguezes.

AFFONSO DA CRUZ.

Espelho de Religiosos. Lisboa, na officina de Pedro Craesbeck. No anno 1622. 2. Tom. in 4.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE.

Commentarios do Grande Affonso de Albuquerque, Capitão General da India. Lisboa, por João de Barreira. Anno 1576. in fol.

AFFONSO DE MIRANDA.

Dialogo da perfeiçam, & partes do bom Medico. Lisboa, por João Alvares. Anno 1562.

AFFONSO GUERREIRO.

As festas, que se fizeram na Cidade de Lisboa, na entrada de Felipe. Lisboa, por Franco Correa. Anno de 1581.

AGOSTINHO BARBOSA.

Diccionario Lusitano Latino. Braga, na officina de Fructuoso Lourenço de Basto, Anno de 1611. in fol.

AGOSTINHO DE GAVI.

Historia do famoso cerco, que o Xerife poz â fortaleza de Maçagão. Lisboa, por Vicente Alvares. Anno de 1607.

AGOSTINHO DE MENDONÇA.

Cerco de Maçagam. Lisboa, Anno 1607.

FR. AGOSTINHO DE SANTA MARIA.

Santuário Mariano, & Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, & das milagrosamente apparecidas, &c. Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galvão, Anno de 1707.

ALEIXO DE MENEZES.

ALONSO DE ALCALA, Y HERRERA.

Jardim Anagrammatico. Lisboa, na officina Craesbequiana. Anno de 1654.

ALVARO FERREIRA DE VERA.

Ortographia Portugueza, com hum Tratado da Memoria Artificial, & outro da semelhança das lingoas Portugueza, & Latina. Lisboa, por Mattheus Rodrigues. Anno 1631.

Fr. ALVARO LEITAM, Dominicco.

Tardes das Domingas da Quaresma; Lisboa por João da Costa. Anno 1670.

ALVARO LOBO, Da Companhia.

Martyrologio Romano. Coimbra. Anno 1691.

Historia da Provincia de Portugal da Companhia.

Entrada das Religioens do Reino de Portugal.

AMADOR ARRAES.

Dialogos moraes. Coimbra. Anno 1589.

AMADOR RABELLO.

Alguns capitulos tirados das cartas da India, China, &c. Lisboa. Anno 1588.

Vida del Rey D. Sebastião.

ANDRE DE AVELLAR.

Chronographia, ou Repertorio dos tempos. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1602.

ANDRE NUNES DA SILVA.

Hecatombe sacra, ou sacrificio de cem victimas, em cem sonetos, em que se contem as principaes acçoens de S. Caietano. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno de 1686.

ANDRE RODRIGUES DE MATOS.

Jerusalem libertada. Poema Heroico, Traducçam de Torquato Tasso. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1682.

Dialogo Funebre, na morte da Infanta de Portugal. Lisboa. Anno 1690.

D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA.

Escola das verdades. Traducção do P. Luis Juglaris, da Companhia de Jesvs. Lisboa, por Antonio Craesbeck de Mello. Anno 1671.

Applausos Academicos, & Relaçam do feliz successo da victoria do Ameixial. Amsterdão, em casa de Jacob Valsvelsem. Anno 1673.

ANTONIO ALVARES SOARES.

Rimas. Lisboa. Anno 1628.

ANTONIO BAULAR.

Defensa Evangelica do Parentesco De Santiago com Christo. Coimbra. Anno 1631.

ANTONIO BRANDAM.

Terceira parte da Monarchia Lusitana. Lisboa. Anno 1631. in Fol.

Quarta parte da mesma Historia.

ANTONIO CARVALHO.

Discurso sobre, se convem, que os Pregadores reprehendam os Princepes, & Ministros. Lisboa. Anno 1627.

ANTONIO CARVALHO DA COSTA.

Via Astronomica. 1. parte. Lisboa, por Francisco Villela. Anno 1676. in. 4.

Via Astronomica. 2. parte. Lisboa, por Antonio Crasbeck de Mello. Anno 1677.

Tratado compendioso da fabrica, & uso dos Relogios do Sol. Lisboa, por Antonio Crasbeck. Anno 1678.

Corographia, & Topographia Portugueza: Tom. 1. & 2. impressos em Lisboa, na officina de Valentim da Costa Deslandes. Anno 1706. & 1708.

ANTONIO CARVALHO DE Perada.

Justificaçam dos Portuguezes sobre a açam de libertarem o seu Reino da obediencia de Castella. Lisboa, por Paulo Crasbeck. Anno 1643.

Arte de Reinar. Bucellas, por Paulo Crasbeck. Anno 1643. in Fol.

ANTONIO CERAIVA.

Historia das Conquistas dos Portuguezes na costa de Africa.

ANTONIO CORREA.

Fama posthuma do veneravel Padre Fr. Antonio da Conceição.

ANTONIO DA CRUZ.

Recopilaçam de Cirurgia. Lisboa, por Henrique Valente de Oliveyra. Anno 1661. in 4.

ANTONIO DA NATIVIDADE.

Meritos de Coroas de S. Agostinho. Lisboa, por Henrique Valente. Anno 1663. in Fol.

O Ven. Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

Cartas Espirituaes. Primeira, & segunda parte. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1690. in 4.

Obras Espirituaes. Primeira, & segunda parte. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1688.

ANTONIO DA PURIFICAÇAM.

Chronica dos Eremitas de S. Agostinho, 1. parte. Lisboa, por Miguel da Silva. Anno 1642. in Fol.

Segunda parte da ditta chronica, tambem in fol. por Diogo Lopes Rosa. Anno 1656.

ANTONIO DE ANDRADA.

Novo descobrimento do Grão Catayo. Lisboa, por Mattheus Pinheiro. Anno 1626.

ANTONIO DE CASTILHO.

Commentarios do cerco de Goa, & de Chaul. Lisboa. Anno 1573.

ANTONIO DE FREITES.

Primores Politicos. Lisboa, por Manoel da Silva. Anno 1641.

ANTONIO DE GOVEA.

Relaçam, em que se tratão as guerras, & grandes victorias, que alcançou o Grande Rey da Persia Xaabbas do grão Turco Mahometo, & seu filho Ametê. Lisboa, por Pedro Crasbeck. Anno 1611.

Jornada do Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Meneses. Coimbra. Anno 1606. in Fol.

ANTONIO DELICADO

Adagios Portuguezes, reduzidos a lugares communs. Lisboa, por Domingos Lopes Rosa. Anno de 1651.

ANTONIO DE MARIS CARNEIRO.

Regimento dos Pilotos, & Roteiro das Navegaçoens da India Oriental. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1642.

ANTONIO DE NAXARA.

Navegação especulativa, & pratica. Lisboa. Anno 1628.

Summa Astrologica. Lisboa. Anno 1632.

ANTONIO DE PORTALEGRE.

Paixão de Christo metrificada. Coimbra. Anno 1581.

O P. ANTONIO DE SAA, da Companhia.

Sermão da Cinza. Coimbra. Anno 1673.

Sermão da Quinta Dominga da Quaresma. Coimbra. Anno 1675.

Sermão da primeira sesta feira da Quaresma. Lisboa. Anno 1674.

Sermão dos Passos. Coimbra. Anno 1689.

Sermão da Conceição. Lisboa. Anno 1675.

Sermão de S. Thomè. Coimbra. Anno 1686.

Sermão nos Annos del Rey D. Affonso 6.

ANTONIO DE S. AGOSTINHO.

Relação de como os Franciscanos restaurarão os lugares Santos. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1691.

ANTONIO DE S. BERNARDINO.

Caminho do Ceo descuberto aos Viadores da terra. Londres. Anno 1665.

ANTONIO DE SETUVAL.

Coroa de doze estrellas da Virgem Senhora Nossa. Lisboa. Anno 1632.

ANTONIO DE SOUSA, DE MACEDO.

Dominio sobre a fortuna, & tribunal da razão. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1682.

Armonia Politica dos documentos divinos, com as conveniencias de Estado. Na Haga do Conde em Hollanda, por Samuel Bro. Anno 1651.

Eva, & Ave, ou o Mundo cahido em Eva, & levantado em Ave. Lisboa, â despeza de Antonio Craesbeck. Anno 1676.

Panegirico sobre o milagroso successo, com que Deos livrou a el Rey D. João 4. Lisboa, por Paulo Craesbeck. Anno 1647.

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

Tratado do Anjo da Guarda. 2. Volum. in 4. o primeiro vol. em Evora, por Francisco Simoens. Anno 1621. 02. vol. em Lisboa, por Pedro Craesbeck. Anno 1622.

ANTONIO DE VILLASBOAS, & Sampayo.

Nobiliarchia Portugueza. Tratado da Nobreza hereditaria, & politica. Lisboa, por Francisco Villela. Anno 1676.

ANTONIO FEO.

- Sermoens de Maria Santissima. Lisboa. Anno 1615. in fol.  
Tratados das Festas, & Vidas dos Santos. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1612. & 1615. in fol.  
Tratados Quadragesimae. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1612. in fol.
- ANTONIO FERNANDES.  
Arte de Musica de canto de orgam, & canto chão, & proporçoens da Musica, divididas armonicamente. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1626.
- ANTONIO FERREIRA.  
Poemas Lusitanos. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1598.
- ANTONIO FIALHO FERREIRA.  
Relaçam da sua viagem, que fez a Macão. Lisboa, por Domingos Lopes. Anno 1643.
- ANTONIO FRANCISCO CARDIM.  
Relaçam da gloriosa morte de quatro Embaxadores de Macão. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1643.
- ANTONIO FREIRE.  
Primor, & honra da Vida Soldadesca no Estado da India. Lisboa. Anno 1630.
- ANTONIO GALVAM.  
Tratado dos caminhos por onde costuma vir a especiaria da India. Anno 1563.
- ANTONIO GALVAM DE ANDRADA.  
Arte de Cavallaria de Gineta, & Estardiota, bom primor de ferrar, & Alveitaria. Lisboa, por João da Costa. Anno 1678. in fol.
- ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA.  
Poesias varias. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1617.
- ANTONIO LEITE.  
Historia da apariçam, & milagres de Nossa Senhora da Lapa. Coimbra. Anno 1639.
- ANTONIO LOPES CABRAL.  
Pancarpia, ou capella florida, tecida em 18. Sermoens. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1694.
- ANTONIO PEREIRA REGO.  
Instrucçam da Cavallaria de Brida, com hum Tratado de Alveitaria. Coimbra. Na officina de João Antunes. Anno 1693.
- ANTONIO PINTO PEREIRA.  
Historia da India do governo de D. Luis de Attaide. Coimbra, por Nicolao Carvalho. Anno 1613. in fol.
- ANTONIO ROSADO.  
Tratados em louvor do Rosario. Lisboa. Anno 1622.
- ANTONIO TEIXEIRA.  
Epitome das noticias Astrologicas para a Medicina. Lisboa, por João da Costa. Anno 1670.
- ANTONIO TENREIRO.  
Itenerario da India a Portugal por terra. Coimbra. Anno 1565.
- ANTONIO VELLOSO DE LYRA.  
Espelho de Lusitanos, no cristal do Psalmo 43; cuja vista em Summa representa a tres Estados deste reino; o primeiro desde seus principios até El Rey D. João o 3. O segundo El Rey D. Sebastião com o governo Castelhano; o terceiro a aclamaçam, & restauraçam de Portugal. Lisboa, por Paulo Craesbec. Anno 1642.
- O P. ANTONIO VIEIRA, Da Companhia.  
Sermoens. Tom. 1. Lisboa, por João da Costa. Anno 1679.

Tom. 2. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1682.

Tom. 3. Ibidem. Anno 1683.

Tom. 4. Ibidem. Anno 1685.

Tom. 5. Ibidem. Anno 1686.

Tom. 6. Ibidem. Anno 1688.

Tom. 7. Ibidem. Anno 1689.

Tom. 8. Ibidem. Anno 1690.

Tom. 9. Ibidem. Anno 1692.

Tom. 10. Ibidem. Anno 1694.

Tom. 11. Ibidem. Anno 1696.

Tom. 12. Ibidem.

Palavra de Deos, empenhada, & desempenhada &c. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1690.

AYRES VARELLA.

Successos das fronteiras no anno de 41. Lisboa, por Domingos Lopes. Anno 1642.

BALTHAZAR PAES.

Sermoens da Quaresma. Lisboa. Anno 1630. & 1633. 2. volumes.

Sermoens da semana Santa. 2. volumes.

O P. BALTHAZAR TELLES, Da Companhia.

Chronicas da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal. Anno 1645. 48. 60. 3. vol. in fol.

Historia Geral da Ethiopia Alta. Coimbra, por Manoel Dias. Anno 1660. in fol.

BELCHIOR DE S. ANNA.

Chronica dos Carmelitas descalços de Portugal. Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira. Anno 1657. in fol.

O P. BENTO PEREIRA, da Companhia.

Thesouro da lingua Portugueza. Lisboa.

Regras geraes da melhor Orthographia. Lisboa, por Domingos Carneiro. Anno 1666.

BENTO TEIXEIRA FEO.

Naufragio da Nao Sacramento, & N. Senhora da Atalaya. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1650.

BERNARDINO DA SILVA.

Defensa da Monarchia Lusitana. Coimbra. Anno 1620.

BERNARDINO DE S. ANTONIO.

Vida do servo de Deos Fr. Simão da Rocha. Lisboa, por Pedro Craesbec.

Fr. BERNARDO DE BRITO, Relig. de S. Bernardo.

Monarchia Lusitana. 1. parte. Alcobaça. Anno 1597. in fol.

Monarch. Lusitana. 2. parte. Lisboa. Anno 1609. in fol.

Chronica de Cister. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1602.

Elogios dos Reys de Portugal. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1603.

O P. BERTOLAMEU DE QUENTAL.

Meditações da Sacratissima morte, & paixão de Christo Senhor Nosso. Lisboa, por Antonio Rodrigues. Anno 1675.

Meditações da Infancia de Christo até os trinta annos de sua idade. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1682.

BERTOLAMEU GUERREIRO.

Jornada dos Vassallos de Portugal, para restaurar a Bahia. Lisboa, por Mattheus Pinheiro. Anno 1625.

Recuperação da Bahia. Lisboa, por Mattheus Pinheiro. Anno 1625.

BERTOLAMEU PACHAM.

Fabula dos Planetas, moralizada com varia doutrina politica, Ethica, & Economica. Lisboa, por Domingos Lopes Rosa. Anno 1643.

D. CRISTOVAM DE ALMEIDA, Bispo de Miranda.

Sermoens varios. 1. parte. Lisboa, por João Galram. Anno 1681.

2. parte. Lisboa. Anno 1680.

3. parte. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1680.

CHRISTOVAM DE LISBOA.

Santoral de varios Sermoens, Lisboa. Anno 1638.

Jardim da Escritura. Lisboa, por Pedro Craesbec.

Fr. CHRISTOVAM OSORIO.

Pancarpia dos varoens Illustres da Santissima Trindade. Lisboa, na officina de Pedro Craesbec. 1628.

CHRISTOVAM RODRIGUES DE Oliveira.

Summario de algumas noticias de Lisboa.

DAMIAM DE GOES.

Chronica del Rey D. Manoel. Lisboa. Anno 1566. & 1519. in fol. por Antonio Alvares.

Chronica do Principe D. João, que foi destes reinos segundo de nome. Lisboa, por Francisco Correa. Anno 1567. in fol.

D. DIOGO DA ANNUNCIACAM, ARCEBISPO DE CRANGANOR.

Trofeo Evangelico, exposto em Sermoens Historicos, Moraes, & Panegyricos. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes. Anno 1685.

2. parte. Lisboa. Anno 1699.

3. parte. Lisboa. Anno 1699.

DIOGO BERNARDES.

Flores do Lima. Lisboa. Anno 1597.

Varias rimas. Lisboa. Anno 1616.

Rimas Portuguezas, & Castelhanas. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1601.

Rimas devotas: Ibid. Anno 1622.

DIOGO DO COUTO.

Decada quarta da Asia. Lisboa, por Pedro Craesbec, no Collegio de S. Agostinho. Anno 1612.

Decada settima da Asia. Lisboa, a custa de João da Costa, & Diogo Soares. Anno 1673.

Fr. DIOGO DE LEMOS.

Vida de S. Domingos. Anno 1524.

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA.

Sermoens do Advento, & Quaresma. Lisboa. Anno 1603. in 4.

Sermoens das Festas de N. S. & dos Santos. Anno 1604.

DIOGO BERNARDES FERREIRA.

Arte da Caça de Altenaria. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1611.

DIOGO MARQUEZ SALGUEIRO.

Relação das festas da Companhia de Jesvs, na Beatificação de S. Francisco Xavier. Lisboa, por João Rodrigues. Anno 1621.

DIOGO MONTEIRO.

Arte de orar. Coimbra, por Diogo Gomes. Anno.

Outro DIOGO MONTEIRO.

Poema de S. Gonçalo de Amarante.

DIOGO GOMES CARNEIRO.

Historia do Capuchinho Escocez. Traducçam de Italiano. Lisboa, por Henrique Valente.

Anno 1657. in 12.

Oração Apodoxica aos scismaticos da Patria. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1641.

DIOGO PERES CINSA.

Vida & martyrio de S. Vicente. Lisboa, por Pedro Craesbeck. Anno 1602.

Fr. DOMINGOS DE S. THOMAS.

Predica Sacramental. Lisboa, por João da Costa. Anno 1675.

DOMINGOS RODRIGUES.

Arte de cosinha dividida em duas partes; a primeira trata do modo de cosinhar varios pratos; a segunda de peixes, marisco, frutas, ervas, laticinios com ervas, &c. Lisboa, por João Galvão. Anno 1683.

DUARTE CORREA.

Relaçam do levantamento do Ximabara. Lisboa, por Manoel da Silva. Anno 1641.

DUARTE DE SANDE.

Itinerario dos Princeps Japoens a Europa. Macão. Anno 1589.

DUARTE LOPES.

Relaçam da sua navegaçam a Africa, & Congo.

DUARTE NUNES DE LEAM.

Primeira parte das Chronicas dos Reys de Portugal. Lisboa. Anno 1600. in Fol.

Genealogia verdadeira dos Reys de Portugal. Lisboa. Anno 1590.

Orthographia da Lingoa Portugueza. Lisboa, por João de Barreira. Anno 1576.

Origem da Lingoa Portugueza. Lisboa, por Pedro Crasbeck. Anno 1606.

Leys Extravagantes, collegidas, & relatadas pello licenciado Duarte Nunes de Leão, &c. Lisboa, por Antonio Gonçalves. Anno de 1569.

DUARTE PACHECO.

Vida de S. Thomas de Villanova, com outro Tratado da Vida do Ven. Fr. Luis de Montaia. Lisboa. Anno 1629.

DUARTE RIBEIRO DE MACEDO.

Panegirico Historico, & Geneologico da Casa de Nemürs. Paris, na officina de Estevam Maucroy. Anno 1669.

Juizo Historico, juridico, & Politico sobre a paz celebrada entre as coroas de França, & Castella no anno de 1660. Lisboa, por João da Costa. Anno 1666. in 12.

Vida da Princeza Theodora. Lisboa, por João da Costa. Anno 1677.

Fr. FAUSTINO DA MADRE DE DEOS.

Primeira parte do Florilegio Espiritual. Lisboa.

Fr. FELLIPE DA LUZ.

Tratado da vida comtemplativa. Lisboa. Anno 1627.

Sermoens. Lisboa. Anno 1627. in fol.

FELIPPE NUNES.

Arte Poetica, & da Pintura, & Symetria, com principios da Perspectiva. Lisboa, por Pedro Crasbeck. Anno 1619.

D. FERNANDES ALVIA DE CASTRO.

Discurso Politico da verdadeira razão de Estado. Lisboa. Anno. 1616.

Aforismos, tirados das Decadas de Barros. Lisboa. Anno 1621.

Observaçoes da vida de Monsieur Villeroy. Ibidem. Anno 1621.

Panegirico Genealogico do Duque de Banclar.

FERNANDO ALVARES.

Lusitania transformada. Lisboa. Anno 1607.

D. FERNANDO CORREA DE LACERDA, Bispo do Porto.

- Panegirico do Marquez de Marialva. Lisboa, por João da Costa. Anno 1674.  
Vida da Princeza Dona Joanna.  
Vida do Bêaventurado S. João da Cruz. Lisboa, por Miguel Manescal. Anno 1680.  
Vida de S. Isabel, Rainha de Portugal. Lisboa, por João Galvão. Anno 1680.  
Carta Pastoral sobre a dedicação, & consagração do Templo. Lisboa, por João da Costa. Anno 1676.
- D. FERNANDO DE MENESES. Conde da Ericeira.  
Vida e acçoens del Rey D. João o primeiro. Lisboa, por João Galvão. Anno 1677.
- FERNANDO XIMENES DE ARAGAM  
Renovação do Homem. Lisboa, por Pedro Craesbeck. Anno 1608.  
Doutrina Catholica. Ibid. Anno 1625.
- O P. FERNAM DE QUEIROS.  
Historia da vida do veneravel irmão Pedro de Basto. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1689.
- FERNAM DE OLIVEIRA.  
Grammatica da Lingoage Portugueza. Lisboa, em casa de Germão Galharde, Anno 1536.
- FERNAM LOPES DE CASTANHEDA.  
Historia da India.
- FERNAM MENDES PINTO.  
Historia da sua peregrinação, em que dá conta de muitas, & estranhas cousas, que vio, & ouviu no Reino da China, no da Tartaria. &c. Lisboa, por Pedro Craesbeck. Anno 1614. in fol.
- Fr. FRADIQUE ESPINOLA.  
Escola Decurial de varias liçoens, em onze partes. Lisboa, na officina de Manoel Lopes Ferreira, do Anno de 1696. até o Anno de 1707.
- FRANCISCO ALVARES.  
Verdadeira informação do Preste João das Indias. Lisboa. Anno 1640. in fol.
- O P. FRANCISCO AYRES.  
Parallelos Academicos. Lisboa, por Antonio Craesbec. Anno 1662.  
Metaphoricos Exemplaes da esclarecida origem das virtudes &c. Lisboa, por Antonio Craesbec. Anno 1660.
- O P. FRANCISCO CARDIM.  
Relação das Provincias do Japão, Malavar, &c.
- O P. Fr. FRANCISCO DA NATIVIDADE, Carmelitano.  
Lenitivos da dor, applicados no sentimento da morte da Serenissima Raynha Dona Maria Sofia. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes. Anno 1700.
- FRANCISCO DE ANDRADA.  
Chronica del Rey D. João o terceiro. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1613. in fol.  
O primeiro cerco de Dio, em verso. Lisboa. Anno 1589.
- FRANCISCO DE ANDRADA LEITAM.  
Discurso Politico sobre haver de largar a Coroa de Portugal, Angola, S. Thomè, & Maranhão. Lisboa, por Antonio Alvares. Anno 1642.
- FRANCISCO DA SILVA.  
Opusculo da infancia, & puericia dos Portuguezes. Lisboa, por Paulo Craesbec. Anno 1644.
- FRANCISCO DE BRITO FREIRE.  
Historia da Guerra Brasilica, Decada 1. Lisboa, por João Galvão. Anno 1675. in Fol.  
Relação da viagem, que fez ao Brasil a armada da companhia, sendo o ditto Author

General. Lisboa, por Henrique Valente. Anno 1657.

D. FRANCISCO DE PORTUGAL.

Divinos, & humanos versos. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1652.

D. FRANCISCO DE SAA DE Menezes.

Malaca conquistada. Em outava rima. Lisboa por Paulo Crasbeck, Anno 1658.

FRANCISCO DE SAA DE MIRANDA.

Satiras, & Eclogas. Porto, por João Rodrigues. Anno 1626.

O P. FRANCISCO DE SANTA MARIA Conego da Congregação do Evangelista.

O Ceo aberto na Terra.

Historia das Sagradas Congregações dos Conegos seculares de S. Jorge em Alga de Veneza & de S. João Evangelista em Portugal. Lisboa, na officina de Manoel Lopes Ferreira. Anno 1697.

FRANCISCO DE SOUSA Coutinho.

Manifesto, & Protestação sobre a injusta retenção do Principe D. Duarte. Lisboa. Anno 1641.

FRANCISCO LOPES LIVREIRO.

Vida de S. Antonio em Quintilhas. Lisboa, por Pedro Craesbeck. Anno 1610.

D. FRANCISCO MANOEL

Epanaphoras de varia historia Portugueza. Lisboa, por Antonio Crasbec. Anno 1676.

Carta de guia de casados. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno. 1651.

Cartas familiares escritas a varias pessoas sobre assumptos diversos. Roma, por Felipe Maria Manciana. Anno 1664.

FRANCISCO MORATO ROMA.

Luz da Medicina. Practica racional, & Methodica. Lisboa, por Antonio Craesbeck de Mello. Anno 1672.

FRANCISCO PINTO PACHECO.

Tratados da Cavallaria de Gineta. Lisboa, na officina de João da Costa. Anno 1670.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Corte na Aldea, & noites de Inverno. Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galvão. Anno 1695.

Primavera. Primeira, & Segunda parte. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1670.

O desenganado. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1670.

O Condestavel de Portugal. Poema Heroico. Lisboa. Anno 1610.

Eclogas. Lisboa. Anno 1605.

Vida de S. Maria Egipciaca, em outavas. Por Leonel.

P. FRANCISCO ROGEMONT, da Companhia.

Relação do Estado Politico, & Espiritual do Imperio da China traduzida do Francez em Portuguez por hum Autor Anonimo. Lisboa, por João da Costa. Anno 1672.

FRANCISCO SOARES TOSCANO.

Parallos de Principes, & Varoens illustres antigos. Evora, por Manoel Carvalho. Anno 1623.

FRANCISCO VAS DE ALMADA.

Tratado do successo da Nao S. João Bautista. Anno 1625.

FRANCISCO VELASCO DE GOUVEA.

Justa aclamação do serenissimo Rey de Portugal D. João o quarto. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1644. in fol.

GABRIEL DE MATOS.

Perseguição do Japão. Anno 1616.

GABRIEL GRISLEY.

Desenganos para a Medicina, ou Botica, para todo pay de familias. Lisboa, por Henrique Valente. Anno 1656.

Fr. GABRIEL PAES.

Ordenaçoens da terceira ordem de S. Francisco.

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.

Ulyssea, ou Lisboa edificada. Poema Heroico de Gabriel Pereira de Castro, dedicado ao Principe Dom Theodosio.

GASPAR BARREIROS.

Chorographia de algũs lugares, que estao em hum caminho, que fez o ditto Autor de Badajos de Castella a Milão de Italia. Coimbra, por João Alvares. Anno 1561.

Cênsura sobre quatro livros, intitulos em M. Porcio catão de Originibus, em Beroso Chaldeo, em Manethon Egyptio, & em Q. Fabio Pictor Romano. Coimbra, por João Alvares. Anno 1561.

Fr. GASPAR DA CRUZ.

Tratado, em que se cõtão muito por extenso as cousas da China com suas particularidades, & assim do Reino de Ormùs. Evora, por Andrè de Bruga. Anno 1659.

GASPAR DE SAA.

Itinerario da India. Lisboa. Anno 1611.

Fr. GASPAR DE S. BERNARDINO.

Itinerario da India por terra, atè este Reino. Lisboa, na officina de Vicente Alvares. Anno 1611.

GASPAR ESTAÇO.

Antiguidades de Portugal. Lisboa, por Pedro Craesbeck. Anno 1625.

GASPAR NICOLAS.

Practica de Arithmetica, acrescentada por Manoel de Figueiredo, cosmographo môr. Lisboa, por João Galrão. Anno 1677.

GASPAR PEREIRA.

Informação por parte das ordens de Santiago, & Avis. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1630. in Fol.

Fr. GERARDO DAS CHAGAS.

Tratado do direito da Religião de S. Bernardo. Anno 1554.

GERARDO DE ESCOBAR.

Cristaes da alma, Phrases do coração, &c. Lisboa, por Manoel Lopes Ferreira. Anno 1690.

Fr. GIL DE S. BENTO.

Satisfação Apologetica, & Quinta essencia das verdades. Lisboa, por Manoel da Silva. Anno 1651.

GOMESIO DE S. ESTEVAM.

Historia do Infante D. Pedro, que correo as sette partidas do mundo.

GONÇALO GOMES CALDEIRA.

Thesouro de prudentes, novamente acrescentado, & ampliado. Lisboa, por João da Costa. Anno 1675.

GONÇALO VAZ.

Breve compendio das ceremonias da Missa. Lisboa, por Antonio Craesbec. Anno 1656.

GONÇALO VAS COUTINHO.

Historia do successo da Ilha de São Miguel com a armada Inglesa. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1630.

Fr. HEITOR PINTO. Jeronimo.

Imagem da vida Cristãa, ordenada em Dialogos, 1. & 2. parte. Lisboa, por Miguel Manescal. Anno 1681.

Fr. JACINTO DE DEOS. Capucho.

Escudo dos Cavalleiros das Ordens Militares. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1670.

Brachilogia de Principes. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1671.

Vergel de Plantas, & flores da Provincia da Madre de Deos dos Capuchos reformados. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1690. in Fol.

JACINTO FREIRE DE ANDRADA.

Vida de D. João de Castro, quarto Visorey da India. Lisboa, por João da Costa. Anno 1671. in Fol.

JERONIMO CORTEREAL.

Successo do segundo cerco de Dio. Lisboa. Anno 1674.

Naufragio de Manoel de Sousa de Sepulveda. Lisboa, por Simão Lopes. Anno 1594.

JERONIMO DE MENDONÇA.

Jornada de Africa. Lisboa. Anno 1607.

JERONIMO FREIRE SERRAM.

Discurso Politico da Excellencia, aborrecimento, perseguição, & zelo da verdade. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1647.

O P. JERONIMO RIBEIRO.

Sermoens avulsos impressos em Coimbra, em diferentes annos.

JOAM BARREIRA.

Repertorio dos tempos. Coimbra. Anno 1592.

JOAM BAUTISTA DE ESTE.

Consolação Christãa. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1616.

JOAM BAUTISTA LAVANHA.

Viagem da Catholica Real Magestade de el Rey Felippe segundo ao Reino de Portugal, & Relaçam do solemne recebimento, que nelle se lhe fez. Madrid, por Thomas Juntis. Anno 1622. in Fol.

Regimento Nautico. Lisboa, por Simão Lopes. Anno 1595.

Naufragio da Nao S. Alberto. Lisboa. Anno 1597.

Fr. JOAM CARDOSO.

Jornada da alma libertada. Lisboa, por Gerardo da Vinha. Anno 1626.

JOAM CURVO SEMEDO.

Tratado da Peste. Lisboa, por João Galrão. Anno 1680.

Polyanthea Medicinal, Noticias Galenicis, & Chemicas. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes. Anno 1697.

Observaçoes Medicas, Doutrinaes de casos gravissimos. Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galrão. Anno 1707.

Fr. JOAM DA MADRE DE DEOS.

Explicaçam dos Psalmos penitenciaes. Lisboa. Anno 1613.

Fr. JOAM DAS CHAGAS.

Triumphos da pobreza Evangelica. Lisboa. Anno 1625.

Fr. JOAM DE CEUTA.

Religioso de S. Francisco.

Quadragesma de Sermoens. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1625. in fol.

O P. JOAM DE LUCENA, Da Companhia.

Historia do P. Francisco de Xavier, & do que fizerão na India os mais Religiosos da Companhia de Jesus. Lisboa. Anno 1600. in fol.

JOAM DE MADEIROS CORREA.

Panegirico a Andrè de Albuquerque Ribafria. Lisboa, por Domingos Carneiro. Anno 1662.

Relação da Restauração da Bahia. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1625. in 4.

Relaçam da tomada do Recife, Itamaracã, Paraiba, &c. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1654.

Perfeito soldado, & Politica militar. Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira. Anno 1659.

JOAM DE MELLO DE SOUSA.

Silva de varios Romances. Anno 1588.

Fr. JOAM DE S. FRANCISCO.

Primavera sagrada. Lisboa, por Domingos Carneiro. Anno 1675.

Fr. JOAM DOS PRAZERES, Religioso de S. Bento.

Vida do Patriarca S. Bento, discursada em empresas politicas, & predicativas. Tomo I. Lisboa, por João Galvão. Anno 1690. in fol. Tom.2.

Abecedario Real, & Regia instrucção de Principes Lusitanos. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1692. in 8.

Fr. JOAM DOS SANTOS, Dominico.

Ethiopia Oriental, repartida em sinco livros, E varia Historia de cousas notaveis do Oriente. Impressa no Convento de S. Domingos de Evora, por Manoel de Lira. Anno 1609.

JOAM FRANCO BARRETO.

Ortographia da Lingoa Portugueza. Lisboa, por João da Costa. Anno 1671.

JOAM PEREIRA DA SYLVA.

Epinicio Lusitano. Lisboa. Anno 1665.

Lydia saudosa, na morte da Infanta D. Isabel Luisa Josepha. Lisboa. Anno 1690.

JOAM PINTO RIBEIRO.

Desengano ao parecer enganoso, que se deu a ElRey D. Felipe. Lisboa, por Paulo Craesbec. Anno 1645.

Discurso, sobre os Portuguezes não militarem em conquistas alheas. Lisboa, por Paulo Craesbeck, Anno 1632.

Preferencia das letras às armas. Lisboa, por Paulo Craesbec. Anno 1645.

JOAM SALGADO DE ARAUJO.

Successos militares.

JOAM SOARES DE BRITO.

Apologia do Principe dos Poetas de Hespanha, Luis de Camoens. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1641.

JORGE CARDOSO.

Agiologio Lusitano, Tom. I. Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira. Anno 1657.

Agiologio Lusitano. Tom. 2. Lisboa, por Antonio Craesbeck de Mello. Anno 1666.

Fr. JORGE DE CARVALHO.

Vida do Conde Duque. Lisboa, por Manoel Gomes de Carvalho. Anno 1650.

JORGE DE LEMOS.

Historia dos Cercos de Malaca, pellos Achens, & Jaos. Lisboa, em casa de Manoel de Lira. Anno 1585.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS.

Tres Comedias. Anno 1616. 1618. 1619.

JOSEPH CARREIRA.

Naufragio da Nao N. Senhora de Belem. Lisboa, por Lourenço Craesbec. Anno 1636.

JOSEPH HOMEM DE ANDRADA.

Primeira, & Segunda parte Apologetica pella trituração da Jalapa. Lisboa. Anno 1692.

Fr. ISIDORO BARREIRA.

Tratado das significações das Plantas, flores, & frutos, que se refere na Sagrada Escritura. Lisboa, por Pedro Crasbeck. Anno 1622.

LASARO DE LA ISLA.

Breve Tratado da Arte da Artelharia, & Geometria, & Artificios de fogo. Lisboa, por Domingos Carneiro. Anno 1676. por ordem de Joseph Homem de Menezes.

LEANDRO DE FIGUEIRA.

Arte do computo Ecclesiastico. Coimbra, por Manoel de Araujo. Anno 1604.

Fr. LEAM DE SANTO THOMAS.

Benedictina Lusitana. Tom. I. Coimbra, na officina de Diogo Gomes Loureiro. Anno 1644. Tom. 2. Ibidem na officina de Manoel de Carvalho. Anno 1651.

LEONEL DA COSTA.

Eglogas, & Georgicas de Virgilio, Traduzidas do latim em verso solto, com a explicação de todos os lugares escuros, Historias, & fabulas, que o Poeta tocou. Lisboa, por Gerardo da Vinha. Anno 1624. in fol.

A vida de Virgilio, no principio das ditas obras.

LOPO DE SOUSA COUTINHO.

O primeiro cerco de Dio, em verso. Coimbra. Anno 1559.

Fr. LOURENÇO GARRO.

Breve doutrina dos Sacramentos. Lisboa, por Pedro Crasbeck. Anno 1620. in 8.

Fr. LOURENÇO PORTEL.

Explicação dos casos reservados. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1611.

LUCAS DE ANDRADA.

Acções Episcopaes, tiradas do Ceremonial dos Bispos, & Pontifical Romano. Lisboa, por João da Costa. Anno 1671.

Illustrações aos Manuaes da Missa solemne; & officio da somana santa. Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira. Anno 1660.

O P. LUIS ALVARES, Da Companhia.

Amor Sagrado. Evora. Anno 1673.

Sermoens I, & 2. parte. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1693.

Fr. LUIS DA NATIVIDADE.

Divindade do filho de Deos humanado. Lisboa. in Fol.

LUIS DE CAMOENS.

Os Lusíadas, Rimas, Comedias, & mais obras. Lisboa, por Antonio Crasbec. Anno 1669.

Fr. LUIS DE MERTOLA, OU DA Apresentação.

Vida do P. Fr. Antonio da Conceição. Lisboa.

Vida do P. Fr. Manoel Tavares.

Vida do Ven. P. Fr. Estevam. Lisboa, por Craesbeck. Anno 1621.

Da Esmola, & seus fructos. Lisboa, por Gerardo da Vinha. Anno 1626.

Contra os Hebreos. Ibidem in fol.

D. LUIS DE MENEZES, Conde da Ericeira.

Portugal Restaurado. Tom. I. in fol. Lisboa, na officina de João Galvão. Anno 1679.

Tom. 2. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes. Anno 1690.

Fr. LUIS DE SOUSA. Dominico.

Primeira, & segunda parte da Historia de S. Domingos. Benfica. Anno 1622, ou em Lisboa, por Henrique Valente. Anno 1662.

Vida do Ven. Dom Fr. Bertolameu dos Martyres, Arcebispo de Braga, composta por Fr. Luis Cacegas: reformada, & ampliada por Fr. Luis de Sousa. Na Villa de Viana, por Niculao Carvalho, anno de 1619.

Fr. LUIS DOS ANJOS.

Jardim de Portugal de molheres illustres. Coimbra. Anno 1626.

Outro Fr. LUIS DOS ANJOS.

Mesa Espiritual. Lisboa. Anno 1667.

LUIS LOURENÇO DE SAMPAYO.

Discurso Politico. Lisboa. Anno 1670.

LUIS MARINHO DE AZEVEDO.

Cõmentarios da guerra do Alentejo. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1644.

Apologeticos discursos em defesa da fama, & boa memoria de Fernão de Albuquerque, Governador da India. Lisboa, por Manoel da Silva. Anno 1641.

Da fundação, Antiguidade, & grandezas de Lisboa. Part. I. in fol.

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS.

Arte militar. Lisboa, por Vicente Alvares. Anno 1612. in Fol.

Sitio de Lisboa. Lisboa, por Luis de Estapinan. Anno 1608.

LUIS PEREIRA.

Elegiada do successo da armada del Rey D. Sebastião. Lisboa. Anno 1588.

LUIS SERRAM PIMENTEL.

Methodo Lusitanico de desenhar as fortificaçoens das praças regulares, & irregulares, posto de campanha, & outras obras pertencentes à architectura militar. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1680. in fol.

Roteiro do mar mediterraneo, tirado do Espelho, ou Tocha do mar, no qual se contem as derrotas, Portos, Baixos, & correntes até avante de Napoles, & pellas Ilhas deste mar, até Sicilia, pellas costas de Berberia, até Tunes. Lisboa, por João da Costa. Anno 1676. in fol.

MANOEL ALVARES PEGAS.

Allegação de Direito, sobre a casa de Aveiro a favor do Conde de Figueirò. Lisboa, por João da Costa. Anno 1667. in fol.

O P. MANOEL BERNARDES, da Congregação do Oratorio,

Exercicios espirituaes, & meditaçoens da Via Purgativa, Lisboa, na officina de Miguel Deslandes. 1. & 2. parte. Anno 1686.

Luz, & calor. Obra Espiritual, para os que tratão do exercicio de virtudes, & do caminho de perfeiçam. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes. Anno 1696.

MANOEL BOCARRO.

Anacephaleoses da Monarchia Lusitana, com suas Annotaçoens. Lisboa, por Antonio Alvares. Anno 1624.

Fr. MANOEL CALLADO.

O valeroso Lucideno, & triumpho da liberdade. Primeira parte. Lisboa, por Paulo Craesbec. Anno 1648. in fol.

Fr. MANOEL DA ESPERANÇA.

Historia Seraphica. Lisboa, por Crasbec. Anno 1656. in fol.

MANOEL DA VEIGA.

Laura de Anfriso. Evora. Anno 1628.

Outro MANOEL DA VEIGA.

Relação da Christandade de Ethiopia. Lisboa, por Matheus Pinheiro. Anno 1628.

Tratado da vida, & virtude do Ven. Simão Gomes. Lisboa, por Matheus Pinheiro. Anno 1625.

Fr. MANOEL DAS CHAGAS.

Vida de S. Thereza, em outava rima. Anno 1630.

Meditações de Christo. Lisboa. Anno 1577.

Fr. MANOEL DE AZEVEDO, Carmelita.

Correcção de abusos, introduzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina. Lisboa, por Diogo Soares de Bulhões. Anno 1668.

MANOEL DE BRITO.

Antiguidades de N. Senhora de Nazareth. Lisboa. anno 1628. & de segunda impressam, Anno 1631.

MANOEL DE COIMBRA.

Relação do sumptuoso apparatus, que se dispoz na grande Igreja de S. Pedro de Roma, & ceremonias na canonização dos Santos, S. Lourenço Justiniano, S. João Capistrano, &c. Lisboa, por Manoel Lopes Ferreira. Anno 1691.

MANOEL DE FARIA.

Promptuario moral de questoës practicas, & casos repentinos na Theologia moral, para exame de curas, & confesores, traduzido do Castelhana. Lisboa, por Domingos Carneiro. Anno 1676.

MANOEL DE FARIA, E SOUSA.

Cômentarios de Camoens. 2. volum. in fol. Madrid. Anno 1639.

Albania. Poema Lyrico.

MANOEL DE FIGUEREDO.

Hydrographia. Exame de Pilotos. Anno 1625.

Fr. MANOEL DE LACERDA.

Memorial, ou Antidoto contra os pôs venenosos. Lisboa. Anno 1631.

Fr. MANOEL DOS ANJOS.

Historia universal, em que se descrevem os Imperios, Monarchias, Reinos, & Provincias do mundo, com muitas cousas notaveis, que hã nelle. Coimbra, por Manoel Dias. Anno 1651.

Triumpho da Sacratissima Virgem Maria. Lisboa, por Lourenço Craesbec. Anno 1638.

MANOEL DOS REYS, TAVARES.

Controversias Philosophicas, & Medicas. Lisboa, por João da Costa. Anno 1667.

MANOEL FERNANDES.

Recapitulação da antiguidade da Sè de Lamego.

O P. MANOEL FERNANDES, da Companhia.

Alma instruída na doutrina, & vida christãa. Primeira parte. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1688.

Segunda parte. Ibidem. Anno 1690. in fol.

MANOEL FERNANDES DE VILLAREAL.

Discursos Politicos da vida do Cardeal Richelieu.

Ante caramuel. Paris. Anno 1643.

Fr. MANOEL FRAGUELA.

Das idades do homem. Lisboa.

O P. MANOEL GODINHO.

Vida, & virtudes, & morte com opinião de Santo do Ven. Padre Fr. Antonio das Chagas. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1687.

Horario Evangelico, demonstrador de 4. horas dadas pellos Evangelistas, com outras tantas meditações Sacramentaes parallelas; no Jubileo, & Laus perenne, que a Santidade do Papa Innocencio XI. concedeo a esta Cidade de Lisboa à instancia do Illustrissimo Senhor Luis de Sousa, Arcebispo de Lisboa. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1683.

Relaçam do novo caminho, que fez por terra, & mar vindo da India. Lisboa, na officina de Henrique Valente de Oliveira. Anno 1665.

MANOEL GODINHO CARDOSO.

Relação do naufragio da Nao Santiago. Anno 1602.

MANOEL LEITAM.

Pratica de Barbeiro, em 4. Tratados, em os quaes se trata como se hã de sangrar. Lisboa, por Francisco Villela. Anno 1667.

MANOEL LOPES DE OLIVEIRA.

Allegação de Direito a favor do Marques de Govea, sobre o Ducado de Aveiro. Lisboa, por Antonio Craesbec. Anno 1666. in fol.

MANOEL MENDES BARBUDA.

Vida de N. Senhora em outavas. Lisboa, por Diogo Soares. Anno 1667.

MANOEL MONTEIRO.

MANOEL NUNES DA SILVA.

Arte minima, que com semibreve prolação trata em tempo breve os modos da maxima, & longa sciencia da musica. Lisboa, por João Galram. Anno 1685.

MANOEL PIMENTEL.

Arte practica de navegar, & Roteiro das viagens, & costas maritimas do Brasil, Guinè, Angola, Indias, & Ilhas Orientaes, & Occidentaes, novamente emmendado, & acrescentado do Roteiro da Costa de Espanha, & mar mediterraneo. Lisboa, na officina de Bernardo da Costa de Carvalho. Anno 1699. in fol.

MANOEL SEVERIM DE FARIA.

Noticias de Portugal. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1655. in fol.

MANOEL THOMAS.

Insulana. Poema Heroico do descobrimento da Ilha da Madeira. Anvers, por João Meursis. Anno 1635.

MANOEL XAVIER.

Victorias do Governador da India Nuno Alvares Botelho. Lisboa, por Antonio Alvares. Anno 1633.

Fr. MARCOS DE LISBOA, Bispo do Porto.

Primeira parte das Chronicas de S. Francisco. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1615.

MARIA MAGDALENA, Freira da Madre de Deos.

Vida de S. João Evangelista. Lisboa. Anno 1628.

D. MARIANNA DE LUNA.

Ramalhete de flores, em verso. Lisboa, por Domingos Lopes. Anno 1642.

O P. MARTIM ROA.

Estado dos Bemaventurados no Ceo. Lisboa, por Antonio Alvares. Anno 1628.

MATTHEUS BOSIO.

Compendio Genealogico da Real casa de Saboya, com hum apendice, em que se dâ succinta noticia dos Estados, rendas, forças, & titulos, que tem esta augustissima casa. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1682.

MAURO DE ROBOREDO.

Porta de lingoas, ou modo muito accommodado para as entender; publicado primeiro com a traducção Espanhola, agora acrescentada a Portugueza com numeros interlineares. Lisboa, por Pedro Craesbeck. Anno 1623.

MELCHIOR BRAS FREIRE.

Jornada do Arcebispo D. Fr. Aleixo de Meneses.

MELCHIOR ESTAÇO DE AMARAL.

Relações de batalhas entre huns galeões Portuguezes, Hollandezes, & Inglezes. Lisboa. Anno 1602.

MIGUEL LEITAM DE ANDRADA.

Miscellanea.

MISSIONARIOS DA COMPANHIA de JESV.

Noticias summarias das Perseguições da missam de Cochinchina. Lisboa, na officina de Miguel Manescal. Anno 1700.

NICOLAO AGOSTINHO.

Summario da vida do Illustrissimo Senhor D. Theotonio de Bragança. Evora, por Francisco Simoens. Anno 1614.

Fr. NICOLAO DE OLIVEIRA.

Livro das grandezas de Lisboa. Lisboa. Anno 1620.

D. NICOLAO DE S. MARIA.

Conego Regrante.

Chronica das ordens dos Conegos Regrantes. Primeira, & segunda parte. Lisboa, por João da Costa. Anno 1668. in Fol.

Fr. NICOLAO DIAS.

Do Rosario de N. Senhora. Lisboa, por Francisco Correa. Anno 1537.

Tratado do juizo final. Anno 1588.

Vida da Princeza D. Joanna. Lisboa, Anno 1585.

NUNO BARRETO FUSEIRO.

Vida de S. Thereza de Jesus. Lisboa, por Francisco Villela. Anno 1691. in fol.

Vida do Evangelista, em outava rima.

Pratica entre Heraclito, & Democrito. Roma, por João Jaime Komarek Bohemio, ao Anjo Custodio. Anno 1693.

Fr. PANTALEAM BAUTISTA.

Ramalhete espiritual. Lisboa. Anno 1655.

Fr. PANTALEAM DE AVEIRO.

Itinerario da terra Santa. Lisboa. Anno 1593.

PAULO DE PALACIO.

Summa Caietana, trasladada em lingoagem Portug. com annotações de muitas duvidas, & casos de consciencia. Lisboa. Anno 1566.

PAULO GONÇALVES DE ANDRADA.

Poesias varias. Coimbra. Anno 1658.

Fr. PEDRO CALVO.

Defenção das lagrimas dos justos.

Homilias da Quaresma. Anno 1629. in fol.

Fr. PEDRO CORREA.

Conspiração universal de vicios, & virtudes. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1615. in fol.

Triumphos Ecclesiasticos. Lisboa. Anno 1617.

Triumphos Seraphicos. Evora. Anno 1683.

Fr. PEDRO DA CRUZ, Carmelita.

Instrução geral para o caminho da Perfeição. Lisboa, por Domingos Rosa Lopes. Anno 1650.

PEDRO DE MAGALHAENS DE GANDAVO.

Historia da Provincia de Santa Cruz do Brasil. Lisboa, por Antonio Gonçalves. Anno 1579.

PEDRO DE MARIS.

Dialogos de varia Historia.

Historia de S. João de Sahagron, Patrão Salamantino.

Historias da invenção, & maravilhas do Santo Crucifixo de Burgos. Lisboa, por Antonio Alvares. Anno 1609.

Fr. PEDRO POYARES.

Diccionario Lusitanico-Latino de nomes proprios de Regioens, Reinos, Provincias, Cidades, &c. Lisboa, por João da Costa. Anno 1667.

Fr. PEDRO DE S. ANTONIO.

Jardim Espiritual. Lisboa. Anno 1632.

PEDRO LOPES DE SOUSA.

Historia do primeiro cerco de Dio. Coimbra. Anno 1555.

PEDRO NUNES.

Tratado da Esfera, & Tratado em defensão da carta de marear. Lisboa. Anno 1537. in fol.

PEDRO TEIXEIRA.

Relação dos Reys da Persia, Ormuz. &c. Anvers. Anno 1610.

Fr. RAPHAEL DE JESVS, da Ordem de S. Bento.

Castrioto Lusitano. Empreza, & Restauração de Pernambuco, & das Capitancias confinantes, varios, & bellicos sucessos entre Portuguezes, & Belgas. &c. Lisboa, na Impressam de Antonio Craesbec de Mello. Anno 1679.

Monarchia Lusitana. Parte settima. Contem a vida de El Rey D. Affonso o 4. por Excellencia o Bravo. Lisboa, na Impressão de Antonio Craesbec de Mello. Anno 1683.

D. RODRIGO DA CUNHA, Arcebispo de Lisboa.

Explicação dos Jubileos do Anno de 1619. & 1621. Porto, por João Rodrigues. Anno 1622.

Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa. Lisboa, por Manoel da Silva. Anno 1642. in fol.

Historia Ecclesiastica da Igreja do Porto.

Fr. ROQUE SOVRAL, Jeronimo.

Historia do apparecimento da Luz. Lisboa. Anno 1610.

ROQUE FRANCISCO.

Verdadeiro resumo do valor do ouro, & prata. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1694.

RUY DE PINA.

RUY FREIRE DE ANDRADA.

Commentarios, em que se relatão suas proezas do anno 1619; em que partio deste Reino, por General do mar de Ormuz, & costa de Persia, & Arabia até sua morte, tirados de humas relaçãoens &c. Lisboa, por Paulo Craesbeck. Anno 1647.

RUY LOURENÇO DE TAVORA.

Historia de Varoens Illustres do appellido Tavora. Paris, in fol. por Sebastião, & Gabriel Cramoisy. Anno 1648.

Foi esta a Historia recolhida por Alvaro Pires de Tavora.

SAMUEL DA SILVA.

Tratado da immortalidade da alma. Amsterdão, em casa de Paulo Ravestein. Anno da Criação do Mundo 5383.

SEBASTIAM CESAR.

Summa Politica. Em Amsterdão, por Simão Dias Soeiro. Anno 1650.

SEBASTIAM PACHECO VARELLA.

Numero Vocal. Exemplar Catholico, & politico, proposto no mayor entre os Santos o Glorioso S. João Bautista, para imitação do mayor entre os principes o Serenissimo D. João 5. &c. Lisboa, na officina de Manoel Lopes Ferreira. Anno 1702.

Fr. SIMAM COELHO.

Compendio das Chronicas dos Carmelitas Calçados. Lisboa, por Antonio Gonçalves. Anno 1572. in fol.

Antiguidades da ordem de N. Senhora do Carmo. Lisboa, por Antonio Gonçalves. Anno 1572.

O P. SIMAM DE VASCONCELLOS, da Companhia.

Vida do P. João de Almeida. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1658. in fol.

Noticias curiosas do Brasil. Lisboa, por João da Costa. Anno 1668.

SIMAM ESTAÇÃO DA SILVEIRA.

Relação das cousas do Maranhão. Anno 1624. in fol.

SIMAM MACHADO.

Comedias. Lisboa. Anno 1631.

Fr. TIMOTHEO DE CIABRA, Carmelita.

Exhortação militar aos Soldados Portuguezes. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1650.

Panegyrico funeral, em a morte do Serenissimo Senhor D. Duarte, Infante de Portugal. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1650.

Fr. THOMAS DA LUZ.

Amalthea Onomastica. Lisboa, por João da Costa. Anno 1672.

Fr. THOMAS DA VEIGA.

Considerações sobre as Domingas do Espirito Santo. Lisboa. Anno 1620. & sobre as Domingas da Quaresma. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 161.

VALENTIM DE SAA.

Regimento da navegação. Lisboa.

VASCO MARTINHO DE CASTEL-BRANCO.

Rimas varias. Lisboa. Anno 1594.

Discurso sobre a vida da Rainha Santa Isabel.

VICENTE DA COSTA DE MATOS.

Breve discurso contra a perfidia Heretica do Judaismo. Lisboa. Anno 1622.

VIOLANTE DO CEO, Religiosa Dominica.

#### CATALOGO DE OUTROS LIVROS PORTUGUEZES,

CUJO AUTOR SE DISSIMULA, OU SE IGNORA, TAMBEM CITADOS NESTA OBRA.

ACADEMIAS dos singulares de Lisboa. 1. parte. Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira. Anno 1665.

Academias dos singulares de Lisboa. 2. parte. Por Antonio Craesbeck de Mello. Anno 1668.

APPLAUSOS ACADEMICOS da Universidade de Coimbra, na Acclamação del Rey D. João o 4. impressa por ordem do Reitor, Manoel de Saldanha. Coimbra, por Diogo Gomes Loureiro. Anno 1641.

APPLAUSOS ACADEMICOS, & Relação da celebre victoria do Ameixial, offercidos a D. Sancho Manoel, Conde de Villaflor. Amsterdam, em casa de Jacob Vanvelsen. Anno 1673.

CATASTROPHE DE PORTUGAL,

Na deposição del Rey D. Afonso 6. & subrogação do Principe D. Pedro o unico, por Leandro Doria Caceres, & Faria, em Lisboa, à custa de Miguel Manescal. Anno 1669.

COMMENTARIO do grande Capitão Ruy Freire de Andrada, em que se relatão suas proezas do Anno 1619, em que partio deste Reino, por General do mar de Ormuz, & Costa da Persia, & Arabia, até sua morte. Lisboa, por Paulo Crasbeck. Anno 1647.

CONSTITUIÇOENS SYNODAES de Bispado da Guarda, impressas por mândado de D. Francisco de Castro, Bispo da Guarda. Em Lisboa, por Pedro Craesbeck. Anno 1621.

ESTATUTOS DA UNIVERSIDADE de Coimbra, impressos por mandado, & ordem de Manoel de Saldanha, Reitor da ditta Universidade, & Bispo eleito da Cidade de Coimbra. Coimbra, por Thomè Carvalho. Anno 1654. in Fol.

O FORASTEIRO ADMIRADO, Relação Panegyrica do triunfo, & festas, que celebrou o Real Convento do Carmo de Lisboa, pella canonização da Seraphica Virgem S. Maria Magdalena de Pazi, por Siro Ulperni, em Lisboa, na officina de Antonio Rodriguez de Abreu. Anno 1672.

MARTYROLOGIO ROMANO, traduzido de Latim em Portuguez, por alguns Padres da Companhia de Jesv. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes. Anno 1681.

ORDENAÇOENS, & Leys do Reino de Portugal. Lisboa, no Real Mosteiro de S. Vicente da Ordem dos Conegos Regulares. Anno 1636. & Anno 1637.

PAM PARTIDO em pequeninos para os pequeninos da casa de Deos. Breve Tratado Espiritual. &c. Composto por hum Padre da Congregaçam do Oratorio de Lisboa, na officina de Antonio Pedro Galvão. Anno 1696.

REGRA DA CAVALLARIA, & ordem militar de Avís. Lisboa, por Jorge Royzano. Anno 1631.

RELAÇAM dos artificios do fogo, que se fazem no Terreiro do Paço em obsequio dos felicissimos desposorios dos Serenissimos Senhores D. João V. & de D. Marianna de Austria, Reis de Portugal. Lisboa, na officina de Manoel, & Joseph Lopes Ferreira. Anno 1708.

VIDA DO PRINCIPE ELEITOR, &c. Pay da Raynha N. Senhora, D. Maria Sofia, Isabella, a quem a dedica por seus Religiosos a Provincia de Portugal da Companhia de Jesus. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes. Anno 1692.

#### CATALOGO DOS AVTORES PORTVGVEZES, SEGUNDO AS MATERIAS QUE TRATARÃO.

Para fallar propriamente em huma materia, bom he consultar o Autor, que fallou nella. Por isso no principio deste Vocabulario, em que procuro facilitar os meyoys para a propriedade da Lingoa Portugueza, ao Catalogo dos Autores Portuguezes, segundo a ordem dos seus nomes, acrecento outro Catalogo, segundo a distribuição das materias, que tratarão. Debaixo de cada materia achará o Leitor os nomes dos Autores, que fallarão nella, & querendo saber mais particularmente o que escreveram, em que lugar, & em que tempo, bastará, que busque no primeiro Catalogo o nome, que se aponta neste.

#### ACADEMIAS.

Vid. Academias dos singulares de Lisboa, 1. & 2. parte.

Applausos Academicos, na Acclamação del Rey D. João o 4.

Applausos Academicos ao Conde de Villa flor pella Victoria do Ameixial.

#### ADAGIOS.

Vid. Antonio Delicado.

#### APOLOGIAS.

Vid. Antonio Carvalho de Parada.  
Bernardino da Silva.  
João Soares de Britto.  
Luis Marinho de Azevedo.

ARCHITECTURA MILITAR.  
Vid. Luis Serrão Pimentel.

ARITMETICA.  
Vid. Gaspar Nicolas.  
Leandro de Figueira.  
Manoel de Figueiredo.

ARTE MILITAR.  
Vid. João de Madeiros Correa.  
Luis Mendes de Vasconcellos.

ARTE NAUTICA.  
Vid. Antonio de Maris Carneiro.  
Antonio de Naxara.  
Antonio Tenreiro.  
Gaspar de Sâ.  
João Bautista Lavanha.  
Luis Serrão Pimentel.  
Manoel Pimentel.  
Manoel de Figueiredo.  
Pedro Nunes.  
Valentim de Sâ.

ARTELHARIA.  
Lazaro de la Isla.

ASTRONOMIA.  
Vid. Andrè de Avellar.  
Antonio Teixeira.  
Antonio de Carvalho da Costa.  
Antonio de Naxara.  
Gonçalo Gomes Caldeira.  
João Barreira.  
Pedro Nunes.

CAÇA DE ALTA VOLATERIA.  
Vid. Diogo Fernandes Ferreira.

CARTAS FAMILIARES.  
Vid. D. Francisco Manoel.

CARTAS PASTORAES.  
Vid. D. Fernando Correa de Lacerda.

CAVALLARIA, E ALVEITARIA.  
Vid. Antonio Galvão de Andrada.  
Antonio Pereira Rego.  
Francisco Pinto Pacheco.

CEREMONIAS ECCLESIASTICAS.  
Vid. Gonçalo Vaz.  
Lucas de Andrada.

CIRURGIA.  
Vid. Antonio da Cruz.

Joseph Ferreira.

Manoel Leitão.

COMEDIAS.

Vid. Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Simão Machado.

DICCIONARIOS.

Vid. Agostinho Barbosa.

Bento Pereira.

Mauro de Roboredo.

Pedro de Poyares.

Thomas da Luz.

GENEALOGIAS.

Vid. O Conde Dom Pedro.

Duarte Nunes de Leão.

Duarte Ribeiro de Macedo.

Mattheus Bosio.

Ruy Lourenço de Tavora.

GEOGRAPHIA.

Vid. Gaspar Barreiros.

Pedro de Poyares.

GRAMMATICA.

Bento Pereira.

Fernão de Oliveira.

HISTORIA.

em Geral.

Vid. André dos Anjos.

Manoel dos Anjos.

Historia de Portugal.

Vid. Gaspar Estaço.

Alvaro Lobo.

Antonio Brandão.

Antonio Saraiva.

Antonio Varella.

Bernardo de Brito.

Christovão Rodrigues de Oliveira.

Damião de Goes.

Duarte Nunes do Leão.

Francisco da Silva.

D. Luis de Meneses.

Luis Marinho de Azevedo.

Manoel Fernandes.

Manoel Severim de Faria.

Nicolao de Oliveira.

Raphael de Jesus.

Rodrigo da Cunha.

Historia dos Portuguezes na Azia.

Vid. Affonso de Albuquerque.

Amador Rabello.

Antonio de Andrada.

Antonio de Castilho.

Antonio de Gouvea.

Antonio Freire.

Antonio Galvão.  
Antonio Pinto Pereira.  
Diogo do Couto.  
Fernão Lopes de Castanheda.  
Fernão Mendes Pinto.  
Francisco Alvares.  
Francisco Cardim.  
Francisco Rogemont.  
Gaspar da Cruz.  
Jeronimo Corte Real.  
Jorge de Lemos.  
Lopo de Sousa Coutinho.  
Manoel Godinho.  
Manoel Xavier.  
Missionarios da Companhia, na Cochinchina.  
Pedro Lopes de Sousa.  
Pedro Teixeira.  
Historia dos Portuguezes na Africa.  
Vid. Agostinho de Gavi.  
Agostinho de Mendonça.  
Balthazar Telles.  
Jeronimo de Mendonça.  
João dos Santos.  
Manoel da Veiga.  
Historia dos Portuguezes, na America.  
Vid. Bettolameo Guerreiro.  
Francisco de Britto Freire.  
João de Madeiros Correa.  
Manoel Callado.  
Pedro de Magalhaens de Gandavo.  
Raphael de Jesvs.  
Simão de Vasconcellos.  
Simão Estaço da Silveira.  
Historia das Religioens no Reino de Portugal.  
Vid. Alvaro Lobo.  
Antonio da Purificação.  
Balthazar Telles.  
Belchior de S. Anna.  
Christovão Osorio.  
Francisco de Santa Maria.  
Jacinto de Deos.  
Leão de Santo Thomas.  
Luis de Sousa.  
Manoel da Esperança.  
Marcos de Lisboa.  
Nicolao de S. Maria.  
Simão Coelho.

ITINERARIOS.  
Vid. Antonio Tenreiro.  
Duarte de Sande.  
Gaspar de Sâ.  
Fr. Gaspar de S. Bernardino.

JURISPRUDENCIA.  
Vid. Manoel Alvares Pegas.

Manoel Lopes de Oliveira.

MEDICINA.

Vid. Affonso de Miranda.

Antonio Teixeira.

Francisco Morato Roma.

Gabriel Grisley.

João Curvo de Semedo.

Joseph Homem de Andrada.

Manoel de Azevedo.

Manoel de Lacerda.

Manoel dos Reys, Tavares.

MEDITAÇOENS.

Vid. Bertholameu do Quental.

O P. Manoel Bernardes.

O P. Brandão.

Fr. Manoel das Chagas.

MISCELLANEAS.

Vid. Miguel Leitão de Andrada.

Fr. Fradique Espinola.

MUSICA.

Vid. Antonio Fernandes.

Manoel Nunes da Silva.

NOVELLAS.

Vid. Gerardo de Escobar.

ORTHOGRAPHIA.

Vid. Alvaro Ferreira de Vera.

Bento Pereira.

Duarte Nunes de Leão.

João Franco Barreto.

PINTURA.

Vid. Felipe Nunes.

POESIA.

Vid. André Nunes da Silva.

André Rodrigues de Mattos.

Antonio Alvares Soares.

Antonio de Portalegre.

Antonio Ferreira.

Antonio Gomes de Oliveira.

Diogo Monteiro.

D. Francisco de Portugal.

Francisco de Sâ de Meneses.

Francisco de Sâ de Miranda.

Francisco Lopes Livreiro.

Francisco Rodrigues Lobo.

Gabriel Pereira de Castro.

João de Mello de Sousa.

João Pereira da Silva.

Leonel da Costa.

Luis de Camoens.

Luis Pereira.

Manoel Bocarro.

Manoel de Faria, & Sousa.  
Manoel Mendes Barbuda.  
Manoel Thomas.  
Marianna de Luna.  
Nuno Barretto Fuzeiro.  
Paulo Gonçalves de Andrada.  
Vasco Martinho de Castelbranco.  
Violante do Ceo.

POLITICA.

Vid. D. Antonio Alvares da Cunha.  
Antonio Carvalho da Parada.  
Antonio de Freitas.  
Antonio de Sousa, & Macedo.  
Antonio de Villas Boas.  
Antonio Velloso de Lyra.  
Bernardino da Sylva.  
Diogo Bernardes.  
Duarte Ribeiro de Macedo.  
Fernandes Alvia de Castro.  
Francisco de Andrada Leitão.  
Francisco de Sousa Coutinho.  
Francisco Velasco de Gouvea.  
Jacinto de Deos.  
Jeronimo Freire Serrão.  
João de Madeiros Correa.  
João dos Prazeres.  
João Pinto Ribeiro.  
Luis Lourenço de Sampayo.  
Manoel Fernandes de Villa Real.  
Sebastiam Cesar.  
Sebastiam Pacheco Varella.

PREDICA.

Vid. Fr. Agostinho de Santa Maria.  
Alvaro Leitão.  
Antonio de Sâ.  
Antonio Lopes Cabral.  
Antonio Vieira.  
Balthazar Paes.  
Christovão de Almeida.  
Christovão de Lisboa.  
Diogo da Annuniação.  
Diogo de Paiva de Andrada.  
Domingos de S. Thomas.  
João de Ceuta.  
João de S. Francisco.  
Jeronimo Ribeiro.  
Luis Alvares.  
Pedro Calvo.  
Thomas da Veiga.

RELAÇOENS VARIAS.

Vid. Diogo Marquez Salgueiro.  
Duarte Correa.  
Duarte de Sande.

Duarte Lopes.  
Gabriel de Mattos.  
Frãncisco Vas de Almada.  
João Bautista Lavanha.  
Joseph Cabreira.  
Manoel da Veiga.  
Manoel de Coimbra.  
Manoel Godinho Cardoso.  
Melchior Bras Freire.  
Melchior Estaço de Amaral.  
Pantaleão de Aveiro.

THEOLOGIA ASCETICA.  
Vid. Antonio de S. Bernardino.  
Diogo Monteiro.  
Heitor Pinto.  
Felipe da Luz.  
João Bautista de Este.  
João da Madre de Deos.  
João das Chagas.  
Isidoro Barreira.  
Luis Alvares.  
Luis da Natividade.  
Luis dos Anjos.  
Manoel Fernandes.  
Manoel Godinho.  
Martim Roa.  
Nicolao Dias.  
Pantaleão Bautista.  
Pedro Correa.  
Pedro da Cruz.  
Pedro de S. Antonio.  
Theologia Moral.  
Vid. Lourenço Garro.  
Lourenço Portel.  
Manoel de Faria.  
Paulo de Palacio.

VIDAS DE SANTOS, & Pessoas Illustres.  
Vid. Antonio da Natividade.  
Diogo de Lemos.  
Diogo Peres Cinsa.  
Duarte Pacheco.  
Duarte Ribeiro de Macedo.  
D. Fernando de Meneses.  
D. Fernão Correa de la Cerda.  
O P. Fernão de Queiros.  
Jacinto Freire de Andrada.  
João de Lucena.  
João dos Prazeres.  
Jorge Cardoso.  
Jorge de Carvalho.  
Leonel da Costa.  
Luis de Mertola.  
Luis dos Anjos.  
Manoel das Chagas.

Manoel Godinho.  
 Nicolao Agostinho.  
 Nicolao Dias.  
 Nuno Barretto Fuzeiro.  
 Simão de Vasconcellos.

ABREVIATURAS DAS CITAÇOENS DOS LIVROS PORTUGUEZES  
 E A DECLARAÇAM DELLAS.

A

Abeced. Real. Abecedario Real do P. Fr. João dos Prazeres.  
 Academ. Singul. Academias dos singulares de Lisboa.  
 Academ. applaus. de Coimb. Applausos Academicos da Universidade de Coimbra a el Rey D. João o 4.  
 Academ. applaus. ao Conde de Villaf. Applausos Academicos ao Conde de Villafior, pella victoria do Ameixial.  
 Acçoens Episcop. Acçoens Episcopaes de Lucas de Andrada.  
 Aforism. do Castr. Aforismos, tirados das Decadas de Barros, por D. Fernandes Alvia de Castro.  
 Africa. do Mend. Jornada de Africa de Jeronimo de Mendonça.  
 Alma instr. Alma instruida do P. Manoel Fernandes.  
 Amalth. Onomast. Amalthen Onomastica do P. Fr. Thomas da Luz.  
 Amor Sag. Amor sagrado do P. Luis Alvares.  
 Anacephal. de Boc. Anacephaleoses da Monarchia Lusitana, de Manoel Bocarro.  
 Antecaram. Antecaramuel de Manoel de Villareal.  
 Antig. de Lisb. Antiguidades, & grandezas de Lisboa de Luis Marinho de Azevedo.  
 Antig. de N. Senhora de Naz. Antiguidades de N. Senhora de Nazareth, por Manoel de Britto.  
 Antig. de Port. Antiguidades de Portugal, por Gaspar Estaço.  
 Antig. do Carmo. Antiguidades da Ordem de N. Senhora do Carmo, por Fr. Simão Coelho.  
 Ant. Vieira. Tom. 1. 2. &c. Sermoens do P. Antonio Vieira, Tom. 1. 2. &c.  
 Apologet. disc. Apologeticos discursos de Luis Marinho de Azevedo.  
 Apolog. de Cam. Apologia de Luis de Camoens, por João Soares de Britto.  
 Armon. Polit. Armonia Politica de Antonio de Sousa de Macedo.  
 Arte da Caça, ou Arte da Caça de Alten. Arte da Caça de Altenaria de Diogo Fernandes Ferreira.  
 Arte de Naveg. de Pim. Arte practica de navegar &c. de Manoel Pimentel.  
 Arte de Pint. Arte de Pintura de Felipe Nunes.  
 Arte de Rein. Arte de reinar de Antonio Carvalho de Parada.  
 Arte mil. de Vasc. Arte militar de Luis Mendes de Vasconcellos.  
 Arte min. Arte minima de Manoel Nunes da Silva.  
 Arte Poet. Arte Poetica de Felipe Nunes.

B

Barreira, sign. das Plant. Tratado das Significaçoens das Plantas, pello Padre Fr. Isidoro Barreira.  
 Barreto, Vida de S. Ther. Vida de S. Thereza, por Nuno Barretto Fuseiro.  
 Barretto, Vida do Evang. Vida do Evangelista, em outava rima, por Nuno Barretto Fuseiro.  
 Bened. Lusit. Benedictina Lusitana de Fr. Leão de Santo Thomas.  
 Brachil. de Princ. Brachilogia de Principes, por Fr. Jacinto de Deos.  
 Brit. Chron. de Cist. O P. Fr. Bernardo de Brito, Chronica de Cister.

Brit. Elog. dos Reys. O P. FR. Bernardo de Brito, Elogios dos Reys de Portugal.

## C

Cam. do Ceo. Caminho do Ceo descoberto, de Antonio de S. Bernardino.  
 Camoens, cant. 1. out. 1. Lusíadas de Luis de Camoens, canto 1. outava 1.  
 Capuch. Escocez. Historia do Capuchinho Escocez de Diogo Gomes Carneiro.  
 Cardim Rel. do Jap. Francisco Cardim, Relação do Japão, Malavar &c.  
 Carta de Guia de Cas. Carta de Guia de casados, de D. Francisco Manoel.  
 Cartas de D. Franc. Man. Cartas familiares de Dom Francisco Manoel.  
 Cartas Espir. De Fr. Ant. Cartas Espirituaes do Veneravel P. Fr. Antonio das Chagas.  
 Carta Pastor. do Porto. Carta Pastoral do Bispo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda.  
 Casos reserv. Casos reservados de Fr. Lourenço Portel.  
 Castrioto Lusit. Castrioto Lusitano do P. Fr. Raphael de Jesvs.  
 Catast. de Port. Catastrophe de Portugal.  
 Cavallar. de Rego. Instrução da Cavallaria de Brida &c. de Antonio Pereira Rego.  
 Ceremon. da Mis. Ceremonias da Missa, por Gonçalo Vas.  
 China de Gasp. da Cruz. Tratado, em que se contão as cousas da China, por Fr. Gaspar da Cruz.  
 Chorograph. de Barr. Chorographia de alguns lugares &c, por Gaspar Barreiros.  
 Chron. del R. D. João 3. Chronica del Rey D. João o terceiro, por Francisco de Andrada.  
 Chron. de S. Franc. Chronica de S. Francisco, de Fr. Marcos de Lisboa.  
 Chron. dos Carm. Descals. Chronica dos Carmelitas Descalços, de Belchior de S. Anna.  
 Chron. dos Erem. de S. Agost. Chronica dos Eremitas de S. Agostinho, por Fr. Antonio da Purificação.  
 Chron. dos Regr. Chronica das ordens dos Conegos Regrantas, por P. Nicolao de S. Maria.  
 Chronograph. de Avel. Chronographia ou Repertorio dos tempos de Andrè de Avellar.  
 Comment. de Albuquerque. Commentarios do Grande Albuquerque.  
 Comment. do cerco de Goa. Commentarios do cerco de Goa, por Antonio de Castilho.  
 Comp. Eccles. Computo Ecclesiastico de Leandro de Figueira.  
 Conspir. de vicios. Conspiração de Vicios, & virtudes, por Fr. Pedro Correa.  
 Constit. da Guarda. Constituiçoens Synodaes do Bispado da Guarda.  
 Controvers. Med. Controversias Medicas de Manoel dos Reys Tavares.  
 Coroa de 12. Est. Coroa de 12 Estrellas da Virgem, por Antonio de Setuval.  
 Correc. de abus. Correção de abusos, introduzidos na Medicina, Autor Fr. Manoel de Azevedo.  
 Corte na Ald. Corte na Aldea de Francisco Rodrigues Lobo.  
 Corter. cerco de Dio. Jeronimo Cortereal, o segundo cerco de Dio.  
 Cout. Cerco Dio. Lopo de Sousa Coutinho o primeiro cerco de Dio.  
 Couto, Dec. 5.6.&c. Diogo de Couto, Decada 5.6. &c.  
 Cristaes de Escobar. Gerardo de Escobar, Cristaes da alma.  
 Cunha, Bisp. do Porto. Historia dos Bispos do Porto de D. Rodrigo da Cunha.

## D

Dam. de Goes, Chron. del Rey D. Man. Damião de Goes, Chronica del Rey D. Manoel.  
 Dam. de Goes, Chron. do Princ. D. João. Damião de Goes, Chronica do Principe Dom João.  
 Defesa da Mon. Lusit. Defesa da Monarchia Lusitana de Bernardino da Silva.  
 Descobrim. do Catayo. Novo descobrimento do Grão Catayo, por Antonio de Andrada.  
 Dial. de Arraes. Dialogos moraes de Amador de Arraes.  
 Dial. de Heitor Pinto. Dialogos de Heitor Pinto.  
 Dial. da Perfeic. Dialogo da perfeição, & partes de bom Medico de Affonso de Miranda.  
 Dial. Fun. Dialogo Funebre de Andrè Rodrigues de Mattos na morte da Infanta.  
 Disc. Polit. de Castro. Discurso Politico da verdadeira razam de Estado, por D. Fernandes Alvia de Castro.

Disc. Politic. de Samp. Discurso Politico de Luis Lourenço de Sampayo.  
Disc. Polit. de Vill. Discurso Politico de Manoel Fernandes de Villareal.  
Divind. do Filho de Deos. Divindade do Filho de Deos, de Fr. Luis da Natividade.  
D. Franc. de Port. Divin. & Hum. vers. D. Francisco de Portugal, Divinos, & humanos versos.  
Doming. de Leit. Tardes das Domingas da Quaresma, do P. Fr. Alvaro Leitão.  
Domin. sobre a Fort. Dominio sobre a Fortuna, de Antonio de Sousa, & Macedo.  
Doutr. Cathol. Doutrina Catholica de Dom Fernando Ximenes de Aragão.  
Duarte Nun. Chron. dos R. Duarte Nunes de Leão, Chronica dos Reys de Portugal.  
Duarte Nun. Geneal. Genealogia dos Reys de Portugal, por Duarte Nunes do Leão.  
Duarte Rib. Paneg. Histor. Duarte Ribeiro de Macedo, Panegirico Historico da casa de Nemurs.  
Duarte Rib. Juizo Hist. Duarte Ribeiro de Macedo, juizo Historico, juridico, & Politico, &c.  
Duarte Rib. Vida da Princ. Theod. Duarte Ribeiro de Macedo, Vida da Princesa Theodora.

## E

Eclog. de Leon. da Costa. Eclogas de Virgilio, traduzidas por Leonel da Costa.  
Empr. da Vida de S. Bento. Vida de S. Bento, discursada em emprezas, por Fr. João dos Prazeres.  
Epanaph. de Franc. Man. Epanaphoras de Dom Francisco Manoel.  
Epin. Lusit. Epinicio Lusitano de João Pereira da Silva.  
Escudo de Caval. Escudo de Cavaleiros do P. Fr. Jacinto de Deos.  
Espelho de Lusit. Espelho de Lusitanos de Antonio Velloso de Lira.  
Espelho de Rel. Espelho de Religiosos de Affonso da Cruz.  
Estado dos Bemavent. Estado dos Bemaventurados de Fr. Martim Roa.  
Estatut. da Univers. Estatutos da Universidade de Coimbra.  
Ethiop. Orient. Ethiopia Oriental do P. Fr. João dos Santos.  
Eva, & Ave. Eva, & Ave de Antonio de Sousa de Macedo.  
Exhort. Mil. Exhortação militar de Fr. Timotheo de Ciabra.

## F

Fabrica de Relog. Fabrica de Relogios de Antonio Carvalho da Costa.  
Fabula dos Plan. Fabula dos Planetas, moralizada por Bertholameo Pachão.  
Fama Posth. Fama Posthuma do Ven. P. Fr. Antonio da Conceição, por Antonio Correa.  
Feo, Serm. de Mar. Sermoens de Maria de Antonio Feo.  
Feo, Trat. das Fest. Tratados das Festas, & vidas dos Santos, por Antonio Feo.  
Feo, Quadrag. Tratados Quadragesimaes de Antonio Feo.  
Fern. Mend. Pinto. Historia das Peregrinaçoens de Fernão Mendes Pinto.  
Fern. Exerc. Espir. O P. Manoel Fernandes Exercicios Espirituaes &c.  
Fern. Luz, & Cal. O P. Manoel Fernandes Luz, & calor; obra Espiritual &c.  
Florileg. Espirit. Florilegio Espiritual de Fr. Faustino da Madre de Deos.  
Franc. de Sâ, Sat. ou Eclog. Francisco de Sâ de Miranda, Satiras, ou Eclogas.

## G

Gabr. Grisl. Deseng. Gabriel Grisley, Desenganos para a Medicina.  
Galvão, Arte de Caval. Arte de Cavalaria de Ginetas, & Estardiota, por Antonio Galvão de Andrada.  
Gandavo Histor. de Bras Pedro de Magalhaens de Gandavo, Historia da Provincia de Santa Cruz do Brasil.  
Gavi, Cerco de Maçag. Agostinho de Gavi, cerco de Maçagão.  
Georg. de Leon. Georgicas de Virgilio, traduzidas por Leonel da Costa.  
Grand. de Lisb. Grandezas de Lisboa, de Fr. Nicolao de Oliveira.  
Guerra Brasil. Historia da Guerra Brasilica, por Francisco de Britto Freire.  
Guerra do Alent. Commentarios da Guerra do Alentejo de Luis Marinho de Azevedo.

## H

Hect. Sacra. Hecatombe Sacra de Andrè Nunes da Silva.  
 Histor. de S. Doming. Historia da Religião de S. Domingos, do P. Fr. Luis de Sousa.  
 Histor. dos Pad. Loyos. O Ceo aberto na terra, do P. Francisco de Santa Maria.  
 Histor. dos Tavor. Historia dos Tavoras, por Fr. Lourenço de Tavora.  
 Histor. Seraph. Historia Seraphica de Fr. Manoel da Esperança.  
 Hist. Univers. Historia Universal de Andrè dos Anjos.  
 Horar. Evangel. Horario Evangelico do P. Manoel Godinho.  
 Hydrograph. De Figueir. Hydrographia de Figueiredo.

## I

Jac. Freire. Jacinto Freire, Vida de D. João de Castro.  
 Jardim de Escrit. Jardim da Escritura, de Christovão de Lisboa.  
 Jardim de mulh. Illust. Jardim de mulheres Illustres de Fr. Luis dos Anjos.  
 Jerusal. Libert. Jerusalem libertada de Andrè Rodrigues de Mattos.  
 Illustr. da Missa. Illustraçoes aos Manuaes da Missa solemne, por Lucas de Andrada.  
 Insul. de Man. Thomas. Insulana de Manoel Thomas. Poema Heroico.  
 Itiner. de Sande. Itinerario dos Principes Japoens â Europa de Duarte de Sande.  
 Itiner. de Tenr. Itinerario da India a Portugal de Antonio Tenreiro.  
 Itiner. de Fr. Gasp. Itinerario da India atè este Reino, de Fr. Gaspar de S. Bernardino.

## L

Lavanha, Regim. Naut. Regimento Nautico de João Bautista Lavanha.  
 Lavanha, viag. de Felipe. João Bautista Lavanha, Viagem de Felipe Segundo ao Reino de Portugal.  
 Lemos, Vida de S. Doming. Vida de S. Domingos, de Diogo de Lemos.  
 Lemos, Cerco de Malaca. Jorge de Lemos dos Cercos de Malaca pellos Achés & Jaos.  
 Lenit. da dor. Lenitivos da dor, na morte da Serenissima Raynha D. Maria Sofia, pello P. Fr. Francisco da Natividade.  
 Lobo, entrada da Relig. Entrada das Religioens de Portugal, do P. Alvaro Lobo.  
 Lopes, Historia de Dio. Pedro Lopes de Sousa, Historia do 1. Cerco de Dio.  
 Lucena, vida de Xav. João de Lucena, Historia da Vida de S. Francisco Xavier.  
 Luis Alvar. Serm. Tom. I. Tom. 2. Sermoens do P. Luis Alvares, Tom. I. Tom. 2.  
 Lusit. Transfor. Lusitania transformada, de Fernando Alvares.  
 Luz da Med. Luz da Medicina, de Francisco Morato Roma.

## M

Mad. Paneg. de Albuqu. Panegirico a Andrè de Albuquerque, por João de Madeiros Correa.  
 Mad. perf. Sold. Perfeito Soldado, & Politica militar de João de Madeiros Correa.  
 Malaca Conquist. Malaca conquistada de Dom Francisco de Sâ de Menezes.  
 Maris, Regim. de Pil. Regimento de Pilotos de Antonio de Maris.  
 Maris, Dial. de var. Histor. Dialogos de varia historia, de Pedro de Maris.  
 Martyrol. Vulgar. Martyrologio Romano, traduzido em Lingoa Portugueza pellos Padres da Companhia.  
 Mesa Esprit. Mesa Espiritual de Fr. Luis dos Anjos.  
 Methodo Lusit. Methodo Lusitanico de Luis Serrão Pimentel.  
 Miscellan. de Leitão. Miscellanea de Miguel Leitão de Andrada.  
 Missionar. da Cochín. Summarias noticias das perseguiçoens da Cochinchina.

## N

Naveg. especul. Navegação especulativa, & practica de Antonio de Naxara.

Nobiliarch. Portug. Nobiliarchia Portugueza de Antonio de Villasboas, & Sampayo.  
Noticias Astrol. Epitome de noticias Astrologicas do P. Fr. Antonio Teixeira.  
Noticias de Port. Noticias de Portugal de Manoel Severim de Faria.  
Notic. do Brasil. Noticias curiosas do Brasil, pello Padre Simão de Vascellos.  
Nunes. Trat. da Esphera. Pedro Nunes, Tratado da Esfera.

## O

Obras Espirit. de Fr. Ant. das Chagas. Obras Espirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas.  
O deseng. de Lobo. O desengano de Francisco Rodrigues Lobo.  
Oliveira, Grammat. Portug. Fernão de Oliveira, Grammatica da Lingoagem Portugueza.  
Oração Apod. Oração Apodoxica de Diogo Gomes Carneiro.  
Origem da Ling. Portug. Origem da Lingoa Portugueza de Duarte Nunes do Leão.  
Ordenac. do Reino. Ordenações, & Leys do Reino de Portugal.  
Orthog. Portug. Orthographia Portugueza de Alvaro Ferreira de Vera.  
Orthog. de Duarte Nun. Orthographia Portugueza de Duarte Nunes do Leão.  
Orthog. de Bar. Orthographia de João Franco Barretto.

## P

Paiva, Serm. do Adv. Diogo de Paiva de Andrada, Sermoens do Advento.  
Paiva, Serm. de Fest. Diogo de Paiva de Andrada, Sermoens das Festas de N. Senhora, & dos Santos.  
Pancarp. de Ant. Lopes. Pancarpia de Antonio Lopes Cabral.  
Pancarp. de Osor. Christovão Osorio, Pancarpia dos Varoens illustres da Santissima Trindade.  
Paneg. Do Marq. de Mar. Panegirico do Marques de Marialva, composto por D. Fernando Correa de Lacerda, Bispo do Porto.  
Pão Partido. Pão partido em pequeninos, para os pequeninos da casa de Deos. Por hum Padre da Congregação do Oratorio de Lisboa.  
Parall. Acad. Parallelos Academicos de Francisco Ayres.  
Parall. de Princip. Parallelos de Principes, & homens illustres antigos, por Francisco Soares Toscano.  
Past. Pereg. Pastor Peregrino de Frãcisco Rodrigues Lobo.  
Pegas, Allegac. de Dir. Manoel Alvares Pegas, allegações de Direito sobre a casa de Aveiro, &c.  
Persia de Gouvea. Relação, em que se tratão as guerras, & victorias, que alcançou Xaabras, Rey da Persia, do P. Fr. Antonio Gouvea.  
Pinto de Cavall. Francisco Pinto Pacheco, Tratados da Cavallaria de Gineta.  
Poes. De Oliveira. Poesias varias de Antonio Gomes de Oliveira.  
Port. Restaur. Portugal Restaurado do Conde da Ericeira D. Luis de Menezes.  
Pract. de Aritmet. Practica de Aritmetica de Gaspar Nicolas.  
Pract. de Barb. Practica de Barbeiros, de Manuel Leitão.  
Pract. entre Heracl. & Democ. Practica entre Heraclito, & Democrito de Nuno Barretto Fuseiro.  
Predica Sacram. Predica Sacramental do P. Fr. Domingos de S. Thomas.  
Prefer. das let. Preferencia das letras às armas, por João Pinto Ribeiro.  
Primav. Sag. Primavera Sagrada, de Fr. João de S. Francisco.  
Primor. Polit. Primores politicos de Antonio de Freitas.  
Promptuar. Moral. Promptuario Moral de Manoel de Faria.

## Q

Quadrag. 1. de Ceuta. Quadragena I. do Padre Fr. João de Ceuta.

Quadrag. 2. de Ceuta. Quadragena 2. do Padre Fr. João de Ceuta.  
 Queiros Vida de P. de Basto. O P. Fernão de Queiros, Historia da vida do Ven. Irmão Pedro de Basto, Coadjutor temporal da Companhia de Jesus.  
 Quental, Medit. da morte de Christo. O P. Bertholameu de Quental, Meditações da morte, & paixão de Christo Senhor nosso.  
 Quental, Medit. da Infanc. de Christo. O P. Bertholameu de Quental, meditações da Infancia de Christo.  
 Quental, Serm. Sermoens do P. Bertholameu de Quental.

## R

Rabel, Capit. da Carta, Amador Rabello, capitulos tirados de Cartas da India, China, &c.  
 Recopil. de Cirurg. Recopilação de Cirurgia, por Antonio da Cruz.  
 Recuper. da Bahia. Recuperação da Bahia, por Bertholameu Guerreiro.  
 Relac. das Guer. da Persia. Relação de Antonio de Gouvea das Guerras, & victorias, que Xaablas, Rey de Persia, alcançou do Grão Turco.  
 Relac. do Maranh. Relação das cousas do Maranhão de Simão Estaço da Silveira.  
 Relac. de Rogem. Relação do Estado Politico, & Espiritual da China, pello P. Francisco de Rogemont.  
 Relac. da Viag. de Brito. Relação da Viagem, que fez ao Brasil a armada da Companhia, sendo General della Francisco de Brito Freire.  
 Renov. do Homem. Renovação do Homem, por Fernando Ximenes de Aragão.  
 Repert. De Barr. Repertorio dos tempos, de João Barreira.  
 Resumo de Roq. Franc. Resumo do valor do ouro, & prata, por Roque Francisco.  
 Rimas var. de Bernard. Rimas varias de Diogo Bernardes.  
 Rimas devot. de Bern. Rimas devotas de Diogo Bernardes.  
 Rom. de Sousa. Silva de varios Romances de João de Mello de Sousa.  
 Rot. do mar Medit. Roteiro do mar Mediterraneo de Manoel Pimentel.

## S

Sacram. de Garro. Breve doutrina dos Sacramentos, por Fr. Lourenço Garro.  
 Santor. de Christ. de Lisb. Santoral de Christovão de Lisboa.  
 Santuar. Mar. Santuario Mariano de Fr. Agostinho de Santa Maria.  
 Serm. de Ant. de Sâ. Sermoens do P. Antonio de Sâ.  
 Serm. do Bispo de Martyr. Tom. I. 2. 3. Sermoens de D. Christovão de Almeida, Tomo 1. 2. 3.  
 Silva, Immort. da alma. Samuel da Silva, Tratado da immortalidade da alma.  
 Sum. Astrol. Summa Astrologica de Antonio de Naxara.  
 Sum. Caiet. Summa Caietana de Paulo de Palacio.  
 Sum. Polit. Summa Politica de Sebastião Cesar.

## T

Teix. Relac. da Pers. Relação dos Reys da Persia, Ormuz, &c. de Pedro Teixeira.  
 Telles, Chron. da Comp. O P. Balthazar Telles Chronica da Companhia.  
 Thes. de Prud. Thesouro de Prudentes de Gonçalo Gomes Caldeira.  
 Trat. da Artelhar. Tratado da Arte da Artelharia, & Geometria, & Artificios de fogo, por Lazaro de la Isla.  
 Trat. do Anjo da Guarda. Tratado do Anjo da Guarda, de Antonio de Vasconcellos.  
 Tritur. da Jal. Primeira, & 2. parte da Trituração da Jalapa, por Joseph Homem de Andrada.  
 Triumph. Eccles. Triumphos Ecclesiasticos de Fr. Pedro Correa.  
 Triumph. Seraph. Triumphos Seraphicos de Fr. Pedro Correa.  
 Trof. Evang. Trofeo Evangelico de D. Diogo da Annunciaçam, Arcebispo de Cranganor.

## V

- Valer. Lucid. O valeroso Lucideno, & triunfo da liberdade, por Fr. Manoel Callado.
- Varella. Num. voc. Numero vocal, Exemplar Catholico, &c. de Sebastião Pacheco Varella.
- Vasconc. Vida do P. Alm. Vida do P. João de Almeida do P. Simão de Vasconcellos.
- Vergel de Plant. Vergel de Plantas, & flores da Provincia da Madre de Deos, por Frei Jacinto de Deos.
- Via Astron. I. & 2. part. Via Astronomica de Antonio Carvalho da Costa I. & 2. parte.
- Vida contemp. Tratado da vida contemplativa de Frei Felipe da Luz.
- Vida da Princ. D. Joanna. Vida da Princeza D. Joanna, pello Bispo do Porto, Dom Fernando Correa de Lacerda.
- Vida da R. Santa. Vida da Rainha Santa, pello Bispo do Porto Dom Fernando Correa de Lacerda.
- Vida de Fr. Bertol. dos Mart. Vida do Veneravel D. Fr. Bertolameo dos Martyres, pello Padre Frei Luis de Sousa.
- Vida del R. D. João I. Vida del Rey D. João o primeiro, pello Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes.
- Vida do B. S. João da Cruz. Vida do Bemaventurado S. João da Cruz, pello Bispo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda.
- Vida do Princ. Eleit. Vida do Principe Eleitor, pellos Padres da Companhia.
- Ulys. de Per. Ulyssea, ou Lisboa edificada, de Gabriel Pereira, Poema Heroico.
- Vinc. Perfid. do Jud. Vincente da Costa de Matos, Perfidia Heretica do Judaismo.

## ANEXO IV

### FONTES DA NOMENCLATURA DO VOCABULARIO (letra D)

#### Legenda:

- t: ocorre em entrada do *Thesouro* (1697)
- a: apresenta abonação em autor português
- >o: remete para uma variante ortográfica
- >s: remete para um sinónimo ou para um macro-artigo semanticamente relacionado

D	- - -	
DABIR	- - -	
DABUH	- - -	
DABUL	- a -	
DACIA	- a -	
DACTILO	- - -	
DACTYLICO	- - -	
DADA	t a -	
DADA	- - -	
DADIVA	t - -	
DADIVOSO	t a -	
DADO	t - -	
DADO	t - -	
DADOR	t a -	
DAHI	t a -	
DAIRI	- - >o	DAIRI; ou Dairo. Vid. Dayri
DAINECAS	- a -	
DALAÇA	- a -	
DALA	- - -	
DALI	t - -	
DALMACIA	- - -	
DALMATA	- a -	
DALMATICA	- a -	
DAMA	t - -	
DAMAM	- a -	
DAMARIA	- a >s	DAMARIA, Damaríã. Vid. Damice

DAMASCADO	- a -	
DAMASCENO	- a -	
DAMASCO	t - -	
DAMASQUEIRO	- - -	
DAMASQUILHO	- a -	
DAMASQUINO	- a -	
DAMIATA	- - -	
DAMICE	- a -	
DAMNIFICAÇAM	- - >o	DAMNIFICAÇAM, damnificador, damno &c. Vid. Danificação, Danificador, Dano, &c
DAMNOSO	- a >o	DAMNOSO. Vid. Danoso
DAMO	- - >s	DAMNOSO. Vid. Danoso
DAMVILERS	- - -	
DANADO	t a -	
DANAR	t a -	
DANÇA	t a -	
DANÇADEIRA	t - -	
DANÇADEIRINHA	t - -	
DANÇADOR	t - >s	DANÇADOR, Dançadôr, & dançadora. Vid. Dançante
DANÇANTE	- - -	
DANÇAR	t - -	
DANIFICAÇAM	t - -	
DANIFICADO	t - -	
DANIFICADOR	t a -	
DANIFICAR	t a -	
DANINHO	t a -	
DANO	t a -	
DANOSO	t - -	
D'ANTEMAM	t a -	
D'ANTES	t - -	
DANTISCO	- - >o	DANTISCO. Cidade. Vid. Dantzic
DANTZIC	- - -	
DANUBIO	- - -	
DANVILLIRES	- - >o	DANVILLIRES. [...] Vid. Damvilers
DAQUEM	t - >s	DAQUEM. Vid. Aquem
DAQUI	t - >s	DAQUI. Vid. Aqui
DAR	t a -	
DARDANELLOS	- - -	
DARDO	t a -	
DARES	- a -	
DARIS	- - -	
DARVIZ	- a >o	DARVIZ, Darvîz, ou Darvizio. Vid. Derviz
DATA	- a -	
DATARIA	- - -	
DATARIO	- - -	
DATILES	t a >s	DATILES. Vid. Tamara
DAVANTE	- a -	
DAYRI	- a -	
DE	- a -	
DEADO	- a -	
DEALBADO	- a -	
DEAMBULATORIO	- a -	

DEAM	t	-	-	
DEARTICULAR	-	a	-	
DEBADOURA	t	-	>o	DEBADOURA. Vid. Dobadoura
DEBAIXO	-	-	>o	DEBAIXO. Vid. Debaxo
DEBALDE	t	-	-	
DEBATE	t	a	-	
DEBATER	t	a	-	
DEBATIDIÇO	-	a	-	
DEBATIDO	t	a	-	
DEBATIDURA	-	a	-	
DEBAXO	t	a	-	
DEBELLAÇAM	-	a	-	
DEBELLAR	-	a	-	
DEBICAR	-	-	-	
DEBIL	t	a	-	
DEBILIDADE	-	a	-	
DEBILITAÇAM	t	-	-	
DEBILITADO	t	a	-	
DEBILITAR	t	-	-	
DEBILMENTE	t	-	-	
DEBITO	-	a	-	
DEBOLAR	-	a	-	
DEBREAR	t	-	-	
DEBRUADO	t	a	-	
DEBRUAR	t	a	-	
DEBRUÇARSE	t	a	-	
DEBRUÇOS	t	a	-	
DEBRUM	t	-	-	
DEBULHA	-	-	-	
DEBULHAR	t	-	-	
DEBULHO	t	-	-	
DEBULHO	t	a	-	
DEBUXADO	t	-	-	
DEBUXADOR	t	-	>s	DEBUXADOR, Vid. Debuxante
DEBUXANTE	-	-	-	
DEBUXAR	t	a	-	
DEBUXO	t	a	-	
DECADA	-	a	-	
DECAGONO	-	a	-	
DECALOGO	-	-	-	
DECAMPAR	-	a	-	
DECAN	-	a	-	
DACANADO	-	-	>s	DECANADO. Vid. Deado
DECANIA	-	a	-	
DECANIS	-	a	-	
DECANO	-	-	-	
DECANO	-	a	-	
DECANTADO	-	a	-	
DECANTAR	-	a	-	
DECEINAR	-	a	-	
DECEMVRATO	-	a	-	
DECEM-VIROS	-	a	-	
DECENCIA	t	a	-	
DECENDENCIA	t	-	>o	DECENDENCIA, Decendente, decender, &c. Vid. Descendencia,

## descendente, &amp;c

DECENTE	t	a	-	
DECENTEMENTE	-	-	-	
DECEPADO	t	a	-	
DECEPAR	t	a	-	
DECER	t	-	>o	DECER. Vid. Descer
DECIDA	t	-	>o	DECIDA. Vid. Descida
DECIDIR	-	a	-	
DECIFRAR	t	a	-	
DECIMA	t	a	-	
DECIMAÇAM	-	a	-	
DECIMAL	-	-	>s	DECIMAL. [...] Vid. Dizima
DECIMAR	-	-	>o	DECIMAR. Vid. Dizimar
DECIMO	t	a	-	
DECISAM	t	a	-	
DECISIVAMENTE	-	-	-	
DECESIVO	-	a	-	
DECLAMAÇAM	-	-	-	
DECLAMADOR	-	a	-	
DECLAMADO	-	a	-	
DECLAMAR	-	-	-	
DECLAMATORIO	-	-	-	
DECLARAÇAM	t	-	-	
DECLARADAMENTE	t	a	-	
DECLARADO	t	-	-	
DECLARAR	t	a	-	
DECLINA	-	a	-	
DECLINAÇAM	t	a	-	
DECLINANTE	-	a	-	
DECLINAR	t	a	-	
DECLINATORIA	-	a	-	
DECLIVE	-	a	-	
DECLIVIDADE	-	a	-	
DECOADA	t	a	-	
DECOÇAM	-	a	-	
DECORAR	t	a	-	
DECORO	t	a	-	
DECOROSO	-	a	-	
DECOTADO	t	a	-	
DECOTAR	t	a	-	
DECRECIMENTO	t	a	-	
DECREMENTO	-	a	-	
DECREPITO	t	a	-	
DECRETADO	t	-	-	
DECRETAES	-	a	-	
DECRETAR	t	a	-	
DECRETO	t	-	-	
DECRETORIAMENTE	-	a	-	
DECRETORIO	-	a	-	
DECUBITO	-	-	-	
DECUMANO	-	a	-	
DECUPLIO	-	a	-	
DECURIA	-	-	-	
DECURIAM	t	-	-	
DECURSO	-	a	-	
DADADA	t	-	-	
DEDAL	-	-	-	
DEDEIRA	-	-	-	

DEDICAÇAM	t	a	-	
DEDICAR	t	-	-	
DEDICATORIA	t	-	-	
DEDICARSE	-	a	-	
DEDILHAR	t	-	-	
DEDINHO	t	-	-	
DEDO	t	-	-	
DEDUCÇAM	t	a	-	
DEDUCCIONAL	-	a	-	
DEDUZIR	t	a	-	
DEFAMADO	t	-	>o	DEFAMADO, & defamar. Vid. Diffamado. Diffamar
DEFECADO	-	a	-	
DEFECAR	-	-	-	
DEFECTIBILIDADE	-	a	-	
DEFECTIVO	t	a	-	
DEFECTUOSO	t	a	-	
DEFEITO	t	-	-	
DEFEITUOSO	-	-	>o	DEFEITUOSO. Vid. Defectuoso
DEFENDENTE	t	-	-	
DEFENDER	t	a	-	
DEFENSA	-	a	-	
DEFENSAM	t	a	-	
DEFENSAVEL	t	a	-	
DEFENSIVO	t	a	-	
DEFENSOR	t	a	-	
DEFERENTE	-	a	-	
DEFERIR	t	-	-	
DEFESA	t	a	-	
DEFESO	-	a	-	
DEFICIENCIA	-	a	-	
DEFIDENTE	-	a	-	
DEFINHAR	t	-	-	
DEFINIÇAM	t	-	-	
DEFINIDOR	t	-	-	
DEFINIR	t	-	-	
DEFINITIVAMENTE	-	-	-	
DEFINITIVO	t	a	-	
DEFLUVIO	-	a	-	
DEFLORAR	-	a	-	
DEFORMADO	-	-	-	
DEFORMAR	-	a	-	
DEFORME	t	-	-	
DEFORMIDADE	t	a	-	
DEFRAUDAR	t	a	-	
DEFRAUDO	-	a	-	
DEFRUTAR	t	-	>o	DEFRVTAR. Vid. Desfrutar
DEFUMADO	t	-	-	
DEFUMADURA	t	a	-	
DEFUMAR	t	a	-	
DEFUNTO	t	-	-	
DEGENERAR	t	a	-	
DEGOLAÇAM	-	-	-	
DEGOLADO	t	-	-	
DEGOLADOURO	t	a	-	
DEGOLAR	t	a	-	
DEGRADAÇAM	t	a	-	
DEGRADADO	t	-	-	
DEGRADAR	t	a	-	

---

DEGRADO	-	a	-	
DEGRADUAR	-	a	-	
DEGRAO	t	a	-	
DEGREDO	t	-	-	
DEIDADE	-	a	-	
DEJECCAM	-	-	>s	DEJECCAM. [...] Vid. Camaras
DEIFICAÇAM	-	a	-	
DEIFICAR	-	a	-	
DEIFICO	-	a	-	
DEIFORME	-	a	-	
DEITADO	t	-	-	
DEITAR	t	a	-	
DEIXA	-	a	-	
DEIXAÇAM	-	-	-	
DEIXADO	t	-	>s	DEIXADO. Desemparedado. [...] Vid. Desamparedado
DEIXAR	t	a	-	
DELAMBER-SE	-	a	-	
DELAMBIDO	t	-	-	
DELATAR	-	a	-	
DELATOR	-	a	-	
DELECTO	-	a	-	
DELEGAÇAM	t	a	-	
DELEGADO	t	a	-	
DELEGAR	t	a	-	
DELEITAÇAM	t	-	-	
DELEITAR	t	a	-	
DELEITAVEL	t	-	-	
DELEITE	t	a	-	
DELEITOSO	t	-	>s	DELEITOSO. Vid. Deleitavel
DELEIXADO	t	-	-	
DELEIXAMENTO	t	a	-	
DELETERIO	-	a	-	
DELFI	-	-	-	
DELFICO	-	-	>o	DELFICO. Vid. Delphico
DELFIN	t	a	-	
DELFINADO	-	a	-	
DELFIOS	-	-	>o	DELFIOS. Vid. Delphos
DELGADAMENTE	t	-	-	
DELGADEZA	t	a	-	
DELGADO	t	a	-	
DELI	-	-	>o	DELI, Dèli. Cidade. Vid. Delli
DELIA	-	a	-	
DELIBERAÇAM	t	a	-	
DELIBERADAMENTE	t	-	-	
DELIBERADO	t	a	-	
DELIBERAR	t	-	-	
DELIBERATIVO	-	-	-	
DELICADAMENTE	t	a	-	
DELICADEZA	t	a	-	
DELICADO	t	a	-	
DELICIA	t	a	-	
DELICIOSAMENTE	t	-	-	
DELICIOSO	t	a	-	
DELICTO	t	-	>o	DELICTO, Delicto. Vid. Delito
DELIDO	-	a	-	
DELINEAÇAM	-	a	-	
DELINEADO	-	a	-	
DELINEAR	-	a	-	

DELINEATIVO	-	a	-	
DELINQUENTE	t	-	-	
DELINQUIR	t	a	-	
DELIO	-	a	-	
DELIQUAR	-	a	-	
DELIQUIO	-	a	-	
DELIR	t	a	-	
DELIRAMENTO	-	a	>s	DELIRAMENTO. Vid. Delirio
DELIRAR	t	-	-	
DELIRIO	t	-	-	
DELITO	-	-	-	
DELIVRAR	-	-	-	
DELONGA	-	a	-	
DELOS	-	-	-	
DELPHICO	-	-	-	
DELPHOS	-	-	-	
DELTETON	-	a	-	
DELUBRO	-	a	-	
DELUTO	-	-	-	
DEMANDA	t	a	-	
DEMANDADO	t	-	-	
DEMANDANTE	t	-	>s	DEMANDANTE, & Demandaõ. Vid. Demandista
DEMANDAR	t	a	-	
DEMANDISTA	-	-	-	
DEMARCAÇAM	t	a	-	
DEMARCADOR	t	-	-	
DEMARCAR	t	a	-	
DEMASIADO	t	a	-	
DEMASIA	t	a	-	
DEMASIADAMENTE	t	-	-	
DEMASIADAS	-	-	-	
DEMASIARSE	t	a	-	
DEMENCIA	-	a	-	
DEMERITO	-	a	-	
DEMIGOLLA	-	a	-	
DEMINUIÇAM	t	-	>o	DEMINUIÇAM, deminuir, com os mais. Vid. Diminuiçãõ, diminuir. &c
DEMISSAM	-	a	-	
DEMISSO	-	a	-	
DEMITIR	-	a	-	
DEMO	t	a	-	
DEMOCRACIA	-	a	-	
DEMOCRACIO	-	a	-	
DEMOLIÇAM	-	-	-	
DEMOLIR	-	a	-	
DEMOLITORIO	-	a	-	
DEMONIO	t	-	-	
DEMONSTRAÇAM	t	-	>o	DEMONSTRACAM, ou Demostraçãõ. Vid. Demostraçãõ
DEMONSTRAR	t	-	>o	DEMONSTRAR, Demonstrativo, com os mais. Vid. Demonstrar, Demonstrativo. &c
DEMORA	-	a	-	
DEMORAR	-	a	-	
DEMOSTRAÇAM	-	a	-	
DEMOSTRADO	-	-	-	
DEMOSTRADOR	-	a	-	
DEMOSTRANTE	-	a	-	
DEMOSTRAR	-	a	-	
DEMOSTRATIVAMENTE	-	a	-	
DEMOSTRATIVO	-	a	-	

DEMOVER	-	a	-	
DEMUDADO	t	a	-	
DEMUDARSE	t	-	-	
DENARIO	-	a	-	
DENEGAR	-	a	-	
DENEGRIDO	t	-	>o	DENEGRIDO, & Denegrir. Vid. Denigrado, & Denigrir
DENIA	-	-	-	
DENIGRADO	-	a	-	
DENIGRIR	-	-	-	
DENODADO	t	a	-	
DENODO	t	-	-	
DENOMINAÇAM	-	a	-	
DENOMINADOR	-	a	-	
DENOMINAR-SE	-	a	-	
DENOTAR	t	a	-	
DENSAMENTE	t	-	-	
DENSIDADE	-	a	-	
DENSO	t	a	-	
DENTADA	t	-	-	
DENTADO	-	-	-	
DENTAM	-	-	-	
DENTE	t	a	-	
DENTINHO	t	-	-	
DENTRO	t	-	-	
DENTUÇA	t	-	-	
DENUNCIAÇAM	t	a	-	
DENUNCIADO	t	-	-	
DENUNCIADOR	t	a	-	
DENUNCIAR	t	a	-	
DEOS	t	-	-	
DEOSA	t	-	-	
DEOSES	-	-	-	
DEPARAR	t	a	-	
DEPARTIR	t	a	-	
DEPENNADO	t	-	-	
DEPENNAR	t	a	-	
DEPENDENCIA	t	-	-	
DEPENDENTE	t	-	-	
DEPENDER	t	-	-	
DEPENDURA	t	a	-	
DEPENICADO	t	-	-	
DEPENICAR	t	-	-	
DEPLORADO	-	a	-	
DEPLORAVEL	-	a	-	
DEPOIMENTO	t	-	-	
DEPOIS	t	-	-	
DEPOR	t	a	-	
DEPORTAÇAM	-	a	-	
DEPOSIÇAM	-	a	-	
DEPOSITADO	t	-	-	
DEPOSITADOR	t	-	-	
DEPOSITAR	t	a	-	
DEPOSITARIO	-	-	-	
DEPOSITO	t	-	-	
DEPOSTO	t	a	-	
DEPRAVAÇAM	-	a	-	
DEPRAVADAMENTE	t	-	-	
DEPRAVADO	t	a	-	

DEPRAVADOR	t	-	-	
DEPRAVAR	t	a	-	
DEPRECAÇAM	t	a	-	
DEPRECAR	-	-	-	
DEPREDAR	-	a	-	
DEPRESSA	t	-	-	
DEPRIMIDO	t	-	-	
DEPRIMIR	t	a	-	
DEPTERAS	-	a	-	
DEPUTADO	t	a	-	
DEPUTAR	t	a	-	
DEREITAMENTE	-	-	>o	DEREITAMENTE, Dereyto. Dereytura. Vid. Direytamente, direyto, direyτος, &c. direytura
DERELICTO	-	a	-	
DERIVAÇAM	t	a	-	
DERIVADO	t	-	-	
DERIVANTE	-	a	-	
DERIVAR	t	a	-	
DERIVATIVO	-	a	-	
DERIVATORIO	-	a	-	
DEROGAÇAM	t	-	-	
DEROGAR	t	a	-	
DEROGATORIO	-	a	-	
DERRABADO	t	a	-	
DERRABAR	t	a	-	
DERRADEIRO	t	-	-	
DERRAMADO	t	-	-	
DERRAMADOR	-	-	-	
DERRAMAMENTO	t	a	-	
DERRAMAR	t	a	-	
DERREADO	t	-	-	
DERREAR	t	-	-	
DERREDOR	-	a	-	
DERREGAR	t	-	-	
DERRETER	t	-	-	
DERRETIDO	t	-	-	
DERRETIMENTO	t	-	-	
DERRIBADO	t	a	-	
DERRIÇAR	t	a	-	
DERROCAR	t	a	-	
DERROGAR	-	-	>o	DERROGAR. Vid. Derogar
DERROTA	t	a	-	
DERROTA	t	a	-	
DERROTADO	-	a	-	
DERROTAR	t	-	-	
DERRUBADO	-	a	-	
DERRUBADOURO	-	a	-	
DERRUBAR	t	a	-	
DERVIZ	-	a	-	
DESABAFADO	t	a	-	
DESABAFAR	t	a	-	
DESABALADAMENTE	t	-	-	
DESABALADO	t	a	-	
DESABITADO	t	-	-	
DESABITAR	t	-	-	
DESABITUADO	t	-	>s	DESABITUADO. Vid. Desacostumado
DESABITUAR	t	-	>s	DESABITUAR. Vid. Desacostumar
DESABONAR	-	-	-	

DESABONO	-	-	-	
DESABOTOAR	t	a	-	
DESABRIDAMENTE	-	-	-	
DESABRIDO	t	a	-	
DESABRIGADO	t	-	-	
DESABRIGAR	t	-	-	
DESABRIGO	t	-	-	
DESABRIMENTO	t	-	-	
DESABRIR	t	a	-	
DESABROCHAR	t	-	-	
DESACATAR	t	-	-	
DESACATO	t	-	-	
DESACERTAR	-	a	-	
DESACERTO	-	a	-	
DESACOBARDAR	-	-	>s	DESACOBARDAR. Vid. Animar
DESACOMMODADO	-	a	-	
DESACOMMODAR	-	-	-	
DESACOMPANHADO	t	a	-	
DESACOMPANHAR	t	-	-	
DESACONSELHAR	-	-	>s	DESACONSELHAR. Dissuadir. Vid. no seu lugar
DESACORDADO	t	a	-	
DESACORDAR	t	-	-	
DESACORDO	t	a	-	
DESACOSTUMADO	t	-	-	
DESACOSTUMAR	t	-	-	
DESACREDITADO	t	-	-	
DESACREDITAR	t	-	-	
DESADORADO	t	-	-	
DESADORAR	t	-	-	
DESAFECTAÇAM	-	-	-	
DESAFECTADO	-	a	-	
DESAFECTO	-	a	>s	DESAFECTO. Vid. Desafeyção
DESAFEIÇAM	-	a	-	
DESAFEIÇOADO	t	-	-	
DESAFEIÇOAR	t	-	-	
DESAFEIÇOARSE	t	a	-	
DESAFERRAR	t	a	-	
DESAFERROLHAR	t	a	-	
DESAFIADOR	t	-	-	
DESAFIAR	t	a	-	
DESAFINADO	-	-	-	
DESAFINAR	-	-	-	
DESAFIO	t	a	-	
DESAFOGADO	t	a	-	
DESAFOGAR	t	a	-	
DESAFOGO	t	a	-	
DESAFORADAMENTE	-	-	-	
DESAFORADO	t	a	-	
DESAFORAR	t	a	-	
DESAFORO	t	-	-	
DESAFORTUNADO	t	-	-	
DESAFREGUESADO	t	-	-	
DESAFRONTAR	t	a	-	
DESAGASALHADO	t	-	-	
DESAGASALHAR	t	-	-	
DESAGASTADO	t	-	-	
DESAGASTAR	t	-	-	
DESAGOAR	t	a	-	

DESAGRADAR	t	a	-	
DESAGARADAVEL	t	-	-	
DESAGRADAVELMENTE	t	-	-	
DESAGRADECER	t	-	-	
DESAGRADECIDO	t	-	-	
DESAGRADECIMENTO	t	-	-	
DESAGRADO	-	a	-	
DESAGRAVAR	t	a	-	
DESAGRAVO	t	-	-	
DESAGUISADO	t	a	-	
DESAGUIZO	t	-	>s	DESAGUIZO, Desaguízo. Vid. Desaguisado
DESAINADURA	-	a	-	
DESAIRAR	-	a	-	
DESAIRE	-	a	-	
DESAIROSAMENTE	t	-	-	
DESAIROSO	t	-	-	
DESAJUDAR	-	a	-	
DESALBARDAR	t	-	-	
DESALAGAR	-	a	-	
DESALINHADO	-	a	-	
DESALINHAR	-	-	-	
DESALINHO	-	a	-	
DESALIVIAR	t	a	-	
DESALMADO	-	a	-	
DESALMAR	-	a	-	
DESALOJAR	t	-	-	
DESALTERAR	-	a	-	
DESALUMBRAMENTO	-	a	-	
DESAMADO	t	-	-	
DESAMANHAR	t	-	-	
DESAMAR	t	a	-	
DESAMARRAR	t	a	-	
DESAMOR	t	-	-	
DESAMORADO	-	a	-	
DESAMORAVEL	t	a	-	
DESAMORAVELMENTE	t	-	-	
DESAMPARADO	-	-	>o	DESAMPARADO. Desamparar, & desamparo. Vid. Desemparedado, desemparedar, & desemparedo
DEAMUARSE	t	-	-	
DESANCORAR	t	-	-	
DESANDAR	t	a	-	
DESANGRADO	-	a	-	
DESANGAR	-	a	-	
DESANIMAR	t	-	-	
DESANINHAR	-	a	-	
DESANNEXAR	-	a	-	
DESAPAIXONADO	-	-	>o	DESAPAIXONADO, & Desapaixonar. Vid. Desapaixonado, &c
DESAPARECER	t	-	-	
DESAPARELHAR	t	a	-	
DESAPARENTADO	t	-	-	
DESAPAIXONADAMENTE	t	-	-	
DESAPAIXONADO	t	a	-	
DESAPAIXONAR	t	-	-	
DESAPEGADO	t	-	>o	DESAPEGADO, desapegar, &c. ou (como querem outros) Desapegado, desapegar, &c. Vid. nos seus lugares
DESAPERCEBIDO	t	a	-	
DESAPERTAR	t	-	-	
DESAPODERAR	t	-	-	

DESAPODERADAMENTE	t	a	-	
DESAPOSSAR	t	a	-	
DESAPRAZER	-	a	-	
DESAPRENDER	t	a	-	
DESAPRESSAR	-	a	-	
DESAPROPRIARSE	t	-	-	
DESAPROVEITADO	t	-	-	
DESAPROVEITAR	t	a	-	
DESAR	t	a	-	
DESARAR	-	a	-	
DESARCADO	t	-	-	
DESARCAR	t	-	-	
DESARMADO	t	a	-	
DESARMAR	t	a	-	
DESARRAYGAR	t	a	-	
DESARRANJADO	t	-	-	
DESARRANJAR	t	a	-	
DESARRANJO	t	a	-	
DESARRESOADAMENTE	t	-	-	
DESARREZOADO	t	-	-	
DESARREZOAR	-	a	-	
DESARRUGAR	t	-	-	
DESARVORAR	-	a	-	
DESASADO	t	-	-	
DESASIDO	-	a	-	
DESASISADO	t	a	-	
DESASNAR	t	-	-	
DESASO	t	a	-	
DESASSISTIDO	-	a	-	
DESASOLVAR	-	a	-	
DESASSOMBRADAMENTE	-	a	-	
DESASSOMBRADO	t	-	-	
DESASSOMBRAR	t	-	-	
DESASSOCEGADO	t	-	-	
DESASSOCEGAR	t	-	-	
DESASSOCEGO	t	a	-	
DESASTRADAMENTE	t	-	-	
DESASTRADO	t	a	-	
DESASTRE	t	a	-	
DESATACAR	t	-	-	
DESATADO	t	a	-	
DESATAR	t	a	-	
DESATAVIAR	t	-	>s	DESATAVIAR. Vid. Desenfeytar
DESATENÇAM	-	a	-	
DESATENDER	-	a	-	
DESATENDIDO	-	a	-	
DESATENTADAMENTE	t	-	-	
DESATENTADO	t	-	-	
DESATENTAR	t	-	-	
DESATENTO	t	a	-	
DESATINADAMENTE	t	a	-	
DESATINADO	t	a	-	
DESATINAR	t	-	-	
DESATINO	t	-	-	
DESATRAVESSAR	t	-	-	
DESAVAGAR	-	a	-	
DESAUCIADO	-	-	-	
DESAVENÇA	t	a	-	

DESAVENTURA	t	- >s	DESAVENTURA. Vid. Desastre
DESAVENTURADAMENTE	t	- -	
DESAVENTURADO	t	- -	
DESAVERGONHADAMENT	t	- -	
E			
DESAVERGONHADO	t	- -	
DESAVERGONHAMENTO	t	- -	
DESAVERGONHARSE	t	- -	
DESAVEZADO	t	- >s	DESAVEZADO, & desavezar. Vid. Descostumado, & descostumar
DESAVIAMENTO	-	a -	
DESAVINDOS	t	- -	
DESAVIRSE	t	- -	
DESAUTORIDADE	-	a -	
DEAUTORIZADO	t	- -	
DEAUTORIZAR	t	- -	
DESAZADO	t	- >o	DESAZADO. Vid. Desasado
DESBAGOAR	-	- -	
DESBALSAR	-	- -	
DESBANCAR	t	- -	
DESBARATADAMENTE	t	- -	
DESBARATADO	t	a -	
DESBARATADOR	t	- -	
DESBARATAR	t	a -	
DESBARATE	t	- -	
DESBARATO	-	a -	
DESBARBADO	t	- -	
DESBARRAR	t	a -	
DESBARRETARSE	t	- -	
DESBASTADO	t	- -	
DESBASTAR	t	a -	
DESBOCADO	t	a -	
DESBOCARSE	t	a -	
DESBOTADO	t	- -	
DESBOTADURA	-	- -	
DESBOTAR	t	- -	
DESBOTAR	-	a >s	DESBOTAR, ou Botar os dentes. [...] Vid. Botar
DESBRAVAR	-	a -	
DESBROCHAR	t	- >o	DESBROCHAR. Vid. Desabrochar
DESBUCHAR	t	- -	
DESBULHO	-	- >o	DESBULHO. Vid. Debulho
DESCABEÇAR	t	a -	
DESCABELLADO	t	- >o	DESCABELLADO. Vid. Escabellado
DESCADEIRAR	t	- >s	DESCADEIRAR. Vid. Derrear
DESCAHIDA	t	- -	
DESCAHIDO	-	- -	
DESCAHIMENTO	-	a -	
DESCAHIR	t	a -	
DESCALÇAR	t	- -	
DESCALÇO	t	a -	
DESCAMBAR	t	- -	
DESCAMINHADO	-	- >o	DESCAMINHADO, & Descaminhar. Vid. Desencaminhado, & desencaminhar
DESCAMINHO	-	a -	
DESCAMPADO	t	- -	
DESCANÇADAMENTE	t	- -	
DESCANÇADO	t	a -	
DESCANÇAM	t	- -	
DESCANÇAR	t	a -	

DESCANÇO	t	-	-	
DESCANTAR	t	a	-	
DESCANTE	-	a	-	
DESCARADO	t	-	-	
DESCARAPUÇADO	t	-	-	
DESCARGA	-	a	-	
DESCARGO	t	a	-	
DESCARNAR	t	a	-	
DESCARREGA	-	a	-	
DESCARREGADO	t	a	-	
DESCARREGAR	t	a	-	
DESCARTAR	t	-	-	
DESCARTE	-	a	-	
DESCASCADO	t	-	-	
DESCASCAR	t	-	-	
DESCATIVAR	t	a	-	
DESCAVALGAR	t	a	-	
DESCAVEIRADO	t	-	>o	DESCAVEIRADO. Vid. Escaveirado
DESCENDENCIA	t	-	-	
DESCENDENTE	t	-	-	
DESCENDENTES	t	a	-	
DESCENDER	t	a	-	
DESCENDIMENTO	t	-	-	
DESCENSAM	-	a	-	
DESCER	t	a	-	
DESCERCAR	t	a	-	
DESCIDA	t	-	-	
DESCINGIDO	t	-	>s	DESCINGIDO, Descingido. [...] Vid. Descingir
DESCOALHAR	-	a	-	
DESCOBRIDOR	t	a	-	
DESCOBRIMENTO	t	a	-	
DESCOBRIR	t	a	-	
DESCOCADAMENTE	-	-	-	
DESCOCADO	-	-	-	
DESCOCARSE	-	a	-	
DESCOCO	-	-	-	
DESCODEAR	-	-	-	
DESCOMEDIDAMENTE	t	-	-	
DESCOMEDIDO	t	a	-	
DESCOMEDIMENTO	t	a	-	
DESCOMEDIRSE	t	a	-	
DESCOMER	-	-	>s	DESCOMER. Vid. Desistir do corpo
DESCOMMODO	-	a	>s	DESCOMMODO, Descômmodo. Incommodidade. Vid. no seu lugar
DESCOMPADRADO	t	-	-	
DESCOMPASSADAMENTE	t	-	-	
DESCOMPASSADO	t	a	-	
DESCOMPOR	t	a	-	
DESCOMPOSIÇAM	-	a	-	
DESCOMPOSTAMENTE	t	-	-	
DESCOMPOSTO	t	a	-	
DESCOMPOSTURA	t	-	-	
DESCONCERTADAMENTE	t	-	-	
DESCONCERTADO	t	-	-	
DESCONCERTAR	t	a	-	
DESCONCERTO	t	-	-	
DESCONCORDANCIA	t	-	-	
DESCONCORDAR	t	-	-	
DESCONFIADAMENTE	t	-	-	

DESCONFIADO	t	-	-	
DESCONFIANÇA	t	-	-	
DESCONFIAR	t	-	-	
DESCONFORMAR	t	a	-	
DESCONFORME	-	a	-	
DESCONFORMIDADE	t	-	-	
DESCONHECER	t	-	-	
DESCONHECIDO	t	-	-	
DESCONHECIMENTO	t	-	>s	DESCONHECIMENTO. [...] Vid. Ingratidão
DESCONJUNTARSE	t	-	-	
DESCONJUNTURA	-	-	-	
DESCONSENTIR	-	a	-	
DESCONSOLAÇAM	t	-	-	
DESCONTAR	t	a	-	
DESCONTENTADISSO	-	a	-	
DESCONTENTAMENTO	t	a	-	
DESCONTENTAR	t	a	-	
DESCONTENTE	t	a	-	
DESCONTINENCIA	-	a	-	
DESCONTINUAÇAM	t	-	-	
DESCONTINUADO	t	-	-	
DESCONTO	t	a	-	
DESCONVENIENCIA	-	a	-	
DESCONVENIENTE	t	-	-	
DESCONVERSAR	-	-	-	
DESCONVERSAVEL	-	-	-	
DESCORADO	t	-	-	
DESCORAR	t	-	-	
DESCORÇOAR	-	a	>s	DESCORÇOAR. Vid. Desanimar
DESCOROAR	t	a	-	
DESCORRER	t	-	>o	DESCORRER. Vid. Discorrer
DESCORSOAR	-	-	>o	DESCORSOAR. Vid. Descorçoar
DESCORTEZ	t	-	-	
DESCORTEZIA	t	-	-	
DESCORTEZMENTE	t	-	-	
DESCORTINAR	t	-	-	
DESCOSER	t	a	-	
DESCOSIDO	t	-	-	
DESCOSIDURA	-	-	-	
DESCOSTUMAR	-	-	>o	DESCOSTUMAR. Vid. Desacostumar
DESCOSTUME	t	a	-	
DESCOUTAR	-	a	-	
DESCOZER	t	-	>o	DESCOZER. Vid. Descoser, com os mais
DESCREDITADO	t	-	>o	DESCREDITADO, & descreditar. V. Desacreditado, & desacreditar
DESCREDITO	t	-	-	
DESCREPANCIA	-	a	-	
DESCREPAR	t	-	-	
DESCRER	t	a	-	
DESCREVER	t	-	-	
DESCRIPÇAM	t	-	-	
DESCUBERTAMENTE	t	a	-	
DESCUBERTO	t	a	-	
DESCUBRIR	-	-	>o	DESCUBRIR. Vid. Descobrir
DESCUIDADAMENTE	t	-	-	
DESCUIDADO	t	-	-	
DESCUIDARSE	t	-	-	
DESCUIDO	t	-	-	
DESCULPA	t	a	-	

DESCULPAR	t a -	
DESCURSO	t - >o	DESCURSO. Vid. Discurso
DESDANHAR	t a >o	DESDANHAR. Vid. Desdenhar
DESDAR	t a >s	DESDAR. o nó. Vid. Desatar
DESDE	t - -	
DESDÉM	t a -	
DESDENHAR	- a -	
DESDENHOSO	- a -	
DESDENTADO	t - -	
DESDENTAR	t - -	
DESDITA	t a -	
DESDITOSAMENTE	t - -	
DESDITOSO	t - -	
DESDIZERSE	t a -	
DESDOBRADO	t - -	
DESDOBRAR	t - -	
DESDOURAR	t - -	
DESECAR	t - -	
DESECATIVO	- - -	
DESEDIFICAR	- a -	
DESEJADO	t - -	
DESEJAR	t - -	
DESEJAVEL	t - -	
DESEJO	t - -	
DESEJOSO	t - -	
DESEMBAINHADA	t - -	
DESEMBAINHAR	t - -	
DESEMBARAÇADAMENTE	t - -	
DESEMBARAÇADO	t a -	
DESEMBARAÇAR	t a -	
DESEMBARAÇO	t - -	
DESEMBARALHAR	t - -	
DESEMBARCADOURO	t a -	
DESEMBARCAR	t - -	
DESEMBARGADOR	t - -	
DESEMBARGAR	t - -	
DESEMBARGO	t a -	
DESEMBARQUE	- - -	
DESEMBEBEDAR	t - -	
DESEMBESTAR	t a -	
DESEMBIRRAR	t - >s	DESEMBIRRAR. Vid. Desagastar
DESEMBOCAR	- a -	
DESEMBOLÇAR	t - -	
DESEMBORRACHAR	- - -	
DESEMBRAVECER	t - -	
DESEMBRAVECIDO	t - -	
DESEMBRENHAR	t - -	
DESEMBRULHAR	t - -	
DESEMBUÇAR	t - -	
DESEMBUCHAR	t - >o	DESEMBUCHAR. Vid. Desbuchar
DESEMBURRAR	t - >s	DESEMBURRAR. Vid. Desasnar
DESEMBURULHAR	t - >o	DESEMBURULHAR. Vid. Desemburulhar
DESEMMALAR	- - -	
DESEMMARANHAR	t a -	
DESEMMASTEAR	t - >o	DESEMMASTEAR hum navio. Vid. Desmastear
DESEMELHANÇA	t - >o	DESEMELHANÇA. Vid. Dessemelhança
DESEMPACHADO	t - >s	DESEMPACHADO. Vid. Desembaraçado
DESEMPACHAR	t - -	

DESEMPAPAR	-	-	-	
DESEMPAPELAR	t	-	-	
DESEMPARAR	t	-	-	
DESEMPARADO	t	-	-	
DESEMPARAR	t	a	-	
DESEMPARELHAR	-	-	-	
DESEMPARO	t	-	-	
DESEMPAVEZAR	-	-	-	
DESEMPEÇADO	t	a	-	
DESEMPEÇAR	t	a	-	
DESEMPEDIDO	t	-	-	
DESEMPEDIR	t	a	-	
DESEMPEDRAR	-	-	-	
DESEMPENAR	t	-	-	
DESEMPENHAR	t	-	-	
DESEMPENHO	t	-	-	
DESEMPERRAR	t	-	-	
DESEMPESTAR	t	-	>s	DESEMPESTAR. Vid. Desinficionar
DESEMPOAR	-	-	-	
DESEMPOSSAR	-	a	>o	DESEMPOSSAR. Vid. Desapossar
DESEMPRASTAR	t	-	-	
DESEMPULHARSE	t	-	-	
DESEMCAVAR	-	-	>o	DESEMCAVAR. Vid. Desencavar
DESEMCABRESTADAMEN TE	t	-	-	
DESEMCABRESTAR	t	-	-	
DESENCADear	t	-	-	
DESENCADERNAR	t	-	-	
DESENCAIXADO	t	-	>o	DESENCAIXADO, & desencaixar. Vid. Desencaxado, & desencaixar
DESENCALHADA	t	-	-	
DESENCALHAR	t	a	-	
DESENCALMADO	t	-	-	
DESENCALMAR	t	a	-	
DESENCAMINHADO	t	a	-	
DESENCAMINHAR	t	a	-	
DESENCAMIZAR	-	a	-	
DESENCAMPAR	t	-	-	
DESENCANTAR	t	a	-	
DESENCAPELLAR	t	-	-	
DESENCARCERAR	t	-	-	
DESENCARREGAR	t	a	-	
DESENCATELLAR	t	a	-	
DESENCASOAR	t	-	-	
DESENCAVAR	t	-	-	
DESENCAXAR	-	a	-	
DESENCERRAR	t	a	-	
DESENCOLAR	-	-	-	
DESENCOLHER	t	a	-	
DESENCONTRADO	-	-	-	
DESENCONTRARSE	-	-	-	
DESENCONTRO	-	-	-	
DESENCORDOAR	-	-	-	
DESENCOSTADO	t	-	-	
DESENCOSTAR	t	-	-	
DESENCOVAR	t	-	-	
DESENDIVIDARSE	t	-	-	
DESENFADADIÇO	t	a	-	
DESENFADADO	t	-	-	

DESENFADAMENTO	t	a	-	
DESENFADAR	t	-	-	
DESENFADO	-	a	-	
DESENFARDELAR	t	-	-	
DESENFASIADAMENTE	t	-	-	
DESENFASIADO	t	-	-	
DESENFASIAR	t	-	-	
DESENFAXAR	t	-	-	
DESENFETADO	t	a	-	
DESENFETAR	t	-	-	
DESENFETIÇAR	t	-	-	
DESENFEXAR	t	-	-	
DESENFERRUJAR	t	-	-	
DESENFEZAR	t	-	>o	DESENFEZAR. Vid. Defecar
DESENFREADAMENTE	t	-	-	
DESENFREADO	t	a	-	
DESENFREAR	t	-	-	
DESENFREARSE	t	a	-	
DESENFRONHAR	t	-	-	
DESENGAÇAR	t	-	-	
DESENGANADAMENTE	t	-	-	
DESENGANADO	t	a	-	
DESENGANAR	t	-	-	
DESENGANO	t	-	-	
DESENGASTAR	-	-	-	
DESENGENHOSO	t	-	-	
DESENGOMAR	t	-	-	
DESENGONÇADO	t	-	-	
DESENGONÇAR	t	-	-	
DESENGRAÇADAMENTE	t	-	-	
DESENGRAÇADO	t	-	-	
DESENGRAZAR	-	-	-	
DESENGRENHAR	t	-	-	
DESENGROSSAR	t	-	-	
DESENGUIÇAR	-	-	-	
DESENHAR	-	a	-	
DESENHO	t	a	-	
DESENJURIARSE	t	-	-	
DESENLAÇAR	t	a	-	
DESENNASTRADO	t	-	-	
DESENNOVELLAR	t	-	-	
DESENQUIETAÇAM	t	-	-	
DESENQUIETAR	t	a	-	
DESENQUIETO	t	a	-	
DESENREDAR	-	a	-	
DESENROLADO	t	a	-	
DESENROLAR	t	a	-	
DESENSACAR	t	-	-	
DESENSINAR	t	-	-	
DESENTENDER	-	a	-	
DESENTENDIDO	-	a	-	
DESETERESSADAMENTE	t	-	-	
DESETERESSADO	t	-	-	
DESETERESSE	-	-	-	
DESETERIA	t	-	>o	DESETERIA, Desentêria. Vid. Dysentaria
DESETERRADOR	-	a	-	
DESETERRAR	t	a	-	
DESETEROURAR	t	-	-	

DESENTEZAR	t	-	-	
DESENTOADAMENTE	t	-	-	
DESENTOADO	t	a	-	
DESENTOAR	t	a	-	
DESENTORPEÇER	-	-	-	
DESENTRANÇAR	t	a	-	
DESENTRANHADO	t	-	-	
DESENTRANHAR	t	a	-	
DESENTRONIZAR	-	-	-	
DESENTROUXAR	t	-	-	
DESENTULHAR	t	-	-	
DESENTUPIR	t	-	-	
DESENVAZAR	t	-	-	
DESENVENCILHARSE	t	-	-	
DESENVERNAR	t	-	>o	DESENVERNAR. Vid. Desinvernar
DESENVOLAR	t	a	-	
DESENVOLTAMENTE	t	-	-	
DESENVOLTO	t	-	-	
DESENVOLTURA	t	a	-	
DESENVOLVER	t	-	-	
DESENXABIDAMENTE	t	-	-	
DESENXABIDO	t	-	-	
DESENXARCEAR	t	a	-	
DESERDAÇAM	-	-	>o	DESERDAÇAM. Deserdado, Deserdar. Vid. Desherdaçaõ, Desherdado, Desherdar
DESERTA	t	a	-	
DESERTO	t	a	-	
DESERTOR	-	a	-	
DESERVIÇO	-	a	-	
DESERVIR	-	a	-	
DESESPANTAR-SE	-	a	-	
DESESPERAÇAM	t	-	-	
DESESPERADAMENTE	t	-	-	
DESESPERADO	t	a	-	
DESESPERAR	t	a	-	
DESESQUIPADO	-	a	-	
DESESTIMADO	t	-	-	
DESESTIMAR	t	-	-	
DEFABRICAR	-	a	-	
DEFALCAMENTO	-	a	-	
DEFALCAR	t	a	-	
DEFALECER	t	a	-	
DEFALECIDO	t	a	-	
DEFALECIMENTO	t	a	-	
DEFASTIO	-	-	-	
DESFAVOR	t	a	-	
DESFAVOREÇER	t	-	-	
DESFAVORECIDO	t	-	-	
DESFAZER	t	a	-	
DESFECHADO	t	a	-	
DESFECHAR	t	a	-	
DESFECHO	-	-	-	
DESFEITA	t	a	-	
DESFEITO	t	a	-	
DESFEITO	t	a	-	
DESFERIR	-	a	-	
DEFERRAR	t	-	-	
DEFERROLHAR	-	-	>o	DEFERROLHAR. Vid. Desaferralhar

DESFIADO	t	-	-	
DESFIADOS	t	a	-	
DESFIAR	t	-	-	
DESFIGURAR	t	-	-	
DESFILADA	t	a	-	
DESFILAR	-	a	-	
DESFIVELLAR	-	-	-	
DESFLEIMAR	t	-	-	
DEFLORAÇAM	-	-	-	
DEFLORAR	-	a	-	
DESFOGONAR-SE	-	-	-	
DESFOLHADA	t	-	-	
DESFOLHADURA	t	-	-	
DESFOLHAR	t	a	-	
DESFORÇAR-SE	t	a	-	
DESFORMAR	-	a	-	
DESFORME	t	-	>o	DESFORME, com os mais. Vid. Deforme
DESFORRAR	-	-	-	
DESFRAZADO	-	-	-	
DESFRAZARSE	t	-	-	
DESFRAZAR	t	a	-	
DESFRAZAR	-	a	-	
DESFUNDA	t	-	-	
DESGABAR	t	a	-	
DESGADELHADA	-	-	-	
DESGADELHAR	-	-	-	
DESGALHAR	-	a	-	
DESGARRADO	t	a	-	
DESGARRAR	t	a	-	
DESGARRO	-	a	-	
DESGOSTAR	t	-	-	
DESGOSTO	t	a	-	
DESGOSTOSO	t	-	-	
DESGOVERNADO	t	-	-	
DESGOVERNAR	t	a	-	
DESGOVERNO	-	a	-	
DESGRAÇA	t	-	-	
DESGRAÇADAMENTE	t	-	-	
DESGRAÇADO	t	-	-	
DESGRENHADO	-	a	-	
DESGRUDAR	-	-	-	
DESHERDAÇAM	-	a	-	
DESHERDADO	-	-	-	
DESHERDAR	-	a	-	
DESHONESTAMENTE	t	-	-	
DESHONESTIDADE	t	a	-	
DESHONESTO	t	-	-	
DESHONRA	t	-	-	
DESHONRAR	t	-	-	
DESHORADO	-	a	-	
DESHORAS	t	-	-	
DESHUMANAMENTE	t	-	-	
DESHUMANIDADE	t	a	-	
DESHUMANO	t	-	-	
DESIDIA	-	a	-	
DESIGNADO	-	a	-	
DESIGNAR	-	a	-	
DESIGNIO	-	a	-	

DESIGUAL	t	a	-	
DESIGUALDADE	t	a	-	
DESIGUALMENTE	t	-	-	
DESJEJUARSE	-	-	-	
DESIMAGINAR	t	a	-	
DESINÇAR	t	a	-	
DESINCHADO	t	a	-	
DESINCHAR	t	-	-	
DESINFICIONAR	-	-	-	
DESINFLAMAR	-	a	-	
DESINSAR	-	-	>o	DESINSAR. Vid. Desinçar
DESINVERNAR	-	-	-	
DESIRMANAR	-	-	-	
DESISTENCIA	-	-	-	
DESISTIR	t	a	-	
DESISTIVO	-	a	-	
DESLACERAR	-	a	-	
DESLADRILHAR	-	-	-	
DESLAMBERSE	-	a	-	
DESLAVADO	t	a	-	
DESLAVAR	t	-	-	
DESLAVRAR	-	-	-	
DESLEAL	t	-	-	
DESLEALDADE	t	a	-	
DESLEALMENTE	t	-	-	
DESLEIXADO	-	-	-	
DESLIAR	t	-	-	
DESLIGAR	-	a	>s	DESLIGAR. Vid. Desatar
DESLINDAR	t	-	-	
DESLIVRAR	-	a	-	
DESLIZAR	-	a	-	
DESLOCAÇAM	-	a	-	
DESLOCADO	-	-	-	
DESLOCAR	-	a	-	
DESLOCADURA	-	a	>s	DESLOCADURA, ou Dislocadura. Vid. Deslocação
DESLOMBADO	t	-	-	
DESLOMBAR	t	-	-	
DESLUMBRAMENTO	-	a	-	
DESLUMBRAR	t	a	-	
DESLUSTRAR	-	a	-	
DESLUSTRE	-	a	-	
DESLUZIDO	t	a	-	
DESLUZIR	-	-	-	
DESMAGINADO	-	a	-	
DESMAIADO	t	-	-	
DESMAIAR	t	a	-	
DESMAIIO	t	-	-	
DESMAMAR	t	-	-	
DESMANCHADAMENTE	t	-	-	
DESMANCHADO	t	-	-	
DESMANCHAPRAZERES	t	-	-	
DESMANCHAR	t	a	-	
DESMANCHO	t	-	-	
DESMANDADO	t	a	-	
DESMANDARSE	t	a	-	
DESMANTELAR	t	a	-	
DESMARCADAMENTE	t	-	-	
DESMARCADO	t	a	-	

DESMAREAR-SE	- a -	
DESMASTEAR	- a -	
DESMAZELADAMENTE	t - -	
DESMAZELADO	t - -	
DESMAZELAMENTO	t - >s	DESMAZELAMENTO. Vid. Desmazelo
DESMAZELO	t a -	
DESMEDIDO	t - -	
DESMEDIRSE	t - -	
DESMEDRAR	t - -	
DESMELHORAR	t a -	
DESMEMBRAÇAM	- a -	
DESMEMBRAR	t a -	
DESMEMORIADO	t a -	
DESMENTIDO	- a -	
DESMENTIR	- a -	
DESMERECER	t - -	
DESMERECIMENTO	t - >s	DESMERECIMENTO, ou demerimento. Vid. Demerito
DESMESURADO	- a -	
DESMIOLAR	t - -	
DESMONTADO	- a -	
DESMONTAR	- a -	
DESMORONARSE	- - -	
DESNACER	- a -	
DESNARIGAR	t - -	
DESNATURALIZAÇAM	- a >s	DESNATURALIZAÇAM. O Desnaturalizar. Vid. no seu lugar
DESNATURALIZAR	t - -	
DESNATURAR	- a -	
DESNAVEGAVEL	- a -	
DESNECESSARIAMENTE	t - -	
DESNECESSARIO	t a -	
DESNEVADO	- a -	
DESNINHAR	t - >o	DESNINHAR, ou Desaninhar. Vid. Desaninhar
DESNOCAR	- - -	
DESOBEDECER	t - -	
DESOBEDIENCIA	t - -	
DESOBEDIENTE	t - -	
DESOBEDIENTEMENTE	t - -	
DESOBRIGADO	t a -	
DESOBRIGAR	t a -	
DESOBSTRUENCIA	- a -	
DESOBSTRUENTE	- a -	
DESOBSTRUIR	- - >s	DESOBSTRUIR. Desopilar. Vid. no seu lugar
DESOCCUPADO	t a -	
DESOCCUPAR	t a -	
DESOCCUPARSE	t - -	
DESOLAÇAM	- a -	
DESOLAR	- a -	
DESOPILAR	- - -	
DESOPPRIMIR	- - -	
DESORDEM	t - -	
DESORDENADAMENTE	t - -	
DESORDENADO	t a -	
DESORDENAR	t - -	
DESORELHADO	t - -	
DESORELHAR	t - -	
DESOSSADO	t - -	
DESOSSAR	t - -	
DESOVAR	t - -	

DESPACHADAMENTE	t	-	-	
DESPACHADO	t	-	-	
DESPACHADOR	t	-	-	
DESPACHAR	t	a	-	
DESPACHAR	-	a	-	
DESPACHO	t	-	-	
DESPALMAR	-	a	-	
DESPAPADO	-	a	-	
DESPARAR	-	a	>o	DESPARAR. Ou Disparar. Vid. Disparar
DESPARATADO	-	-	>o	DESPARATADO, Desparatar, Desparate. Vid. Disparatado, &c
DESPARTIR	t	a	-	
DESPARZIR	-	a	-	
DESPEADO	-	a	-	
DESPEADO	-	a	-	
DESPEAR	t	-	-	
DESPEDAÇADO	t	a	-	
DESPEDAÇAR	t	-	-	
DESPEDIDA	t	a	-	
DESPEDIDO	t	-	-	
DESPEDIR	t	a	-	
DESPEGADO	t	-	-	
DESPEGAR	t	-	-	
DESPEGO	-	a	-	
DESPEJADAMENTE	t	-	-	
DESPEJADO	t	-	-	
DESPEJAR	t	-	-	
DESPEJO	t	a	-	
DESPEITO	-	a	-	
DESPEITORARSE	t	-	-	
DESPENAR	t	-	-	
DESPENDER	t	a	-	
DESPENDIO	-	-	-	
DESPENDIDO	t	-	-	
DESPENHADEIRO	-	-	>s	DESPENHADEIRO. Precipicio. [...] Vid. Precipicio
DESPENHAR	-	-	-	
DESPENHO	-	a	-	
DESPENSA	t	a	-	
DESPENSAÇAM	t	-	>o	DESPENSAÇAM, & Despensar. Vid. Dispensaçaõ. Vid. Dispensar
DESPENSEIRA	t	a	-	
DESPENSEIRO	t	a	-	
DESPENTEAR	-	a	-	
DESPERDIÇADO	t	-	-	
DESPERDIÇAR	t	a	-	
DESPERDICIO	-	a	-	
DESPERTADO	-	-	-	
DESPERTADOR	t	a	-	
DESPERTAR	t	a	-	
DESPEZA	t	a	-	
DESPIADOSAMENTE	t	-	-	
DESPIADOSO	t	-	-	
DESPICARSE	-	-	-	
DESPIDO	t	a	-	
DESPIIDADE	t	-	-	
DESPIEDADO	-	a	-	
DESPIMENTO	-	a	-	
DESPINTAR	-	a	-	
DESPIQUE	-	-	-	
DESPIR	t	a	-	

DESPLUMAR	- a -	
DESPOJADO	t a -	
DESPOJAR	t a -	
DESPOJO	t - -	
DESPOIS	t - >o	DESPOIS, ou Depois. Vid. no seu lugar
DESPONSAES	- - >s	DESPONSAES, ou Esponsaes. Vid. Desposorios
DESPONTAR	t a -	
DESPOR	t - >o	DESPOR. Desposição &c. Vid. Dispor, DESPOR. Desposição &c. Vid. Dispor, Disposição. &c
DESPORTILHAR	- a -	
DESPOSADO	t - -	
DESPOSAR	t - -	
DESPOSORIOS	t - -	
DESPORTILHAR	- a -	
DESPOSSAR	- - >o	DESPOSSAR, ou desapossar. Vid. no seu lugar
DESPOTICO	- a -	
DESPOVOADO	t a -	
DESPOVOAR	t a -	
DESPRAZER	t a -	
DESPREGADURA	t - -	
DESPREGAR	t a -	
DESPRENDER	- a -	
DESPREVENIDO	- a -	
DESPREZADO	t - -	
DESPREZADOR	t - -	
DESPREZADORA	t - -	
DESPREZAR	t a -	
DESPREZAVEL	- - -	
DESPREZIVELMENTE	t - -	
DESPREZO	t a -	
DESPRIMOR	t - -	
DESPRIMOROSAMENTE	- - -	
DESPROPORÇAM	t - -	
DESPROPORCIONADO	t - -	
DESPROPOSITADAMENTE	- - -	
DESPROPOSITADO	t - -	
DESPROPOSITO	t - -	
DESQUEIXAR	- a -	
DESQUERER	- a -	
DESQUERIDO	- a -	
DESQUITARSE	t - -	
DESQUITE	t a -	
DESRAMAR	- - -	
DESREGRADO	t - -	
DESREGRARSE	t - -	
DESSABOR	t a -	
DESSABOROSO	t - -	
DESSARADO	- a -	
DESSECAR	t - >o	DESSECAR, & dessecativo. Vid. Deseclar, & desecativo
DESSEMELHADO	- a -	
DESEMELHANÇA	t a -	
DESEMELHANTE	t a -	
DESEMELHANTEMENTE	t - -	
DESSERT	- - -	
DESSOLAR	- - >o	DESSOLAR. Vid. Desolar
DESTACAMENTO	- - -	
DESTACAR	- - -	
DESTAMPADO	t - -	

DESTAPAR	t	-	-	
DETECER	t	-	-	
DESTELHAR	t	a	-	
DESTEMIDO	-	a	-	
DESTEMPERADAMENTE	t	-	-	
DESTEMPERADO	t	a	-	
DESTEMPERAMENTO	t	-	-	
DESTEMPERANÇA	t	-	>s	DESTEMPERANÇA dos ares, humores &c. Vid. Intemperie
DESTEMPERAR	t	a	-	
DESTEMPERO	-	a	>s	DESTEMPERO [...] Vid. Intemperie
DESTERRADO	t	-	-	
DESTERRAR	t	-	-	
DESTERRO	t	a	-	
DESTETAR	t	-	>s	DESTETAR. Vid. Desmamar
DESTILAÇAM	t	-	>o	DESTILAÇAM, & destilar. Vid. Distillação, & distillar
DESTINAÇAM	t	-	>s	DESTINAÇAM. Vid. Destino
DESTINADO	t	a	-	
DESTINAR	t	a	-	
DESTIMIDO	-	-	>o	DESTIMIDO. Vid. Destemido
DESTINGIR	-	-	-	
DESTINO	t	a	-	
DESTINTO	-	a	>o	DESTINTO. Instinto. Vid. no seu lugar
DESTITUIÇAM	-	a	-	
DESTITUIDO	-	a	-	
DESTORCER	t	a	-	
DESTORROADO	-	-	-	
DESTORROAR	-	-	-	
DESTOUCAR	t	a	-	
DESTRA	t	a	-	
DESTRAGARSE	t	-	>o	DESTRAGARSE. Vid. Estragarse
DESTRAHIDO	-	-	>o	DESTRAHIDO, Destrahimento, Destrahir. Vid. Distrahido, Distrahimento, Distrahir
DESTRAMENTE	t	-	-	
DESTRANCAR	-	-	-	
DESTRATAR	-	-	>o	DESTRATAR, ou distratar. Vid. Distratar
DESTRAVAR	-	-	-	
DESTREPARSE	-	-	>s	DESTREPARSE por huma corda. Vid. Deslizarse
DESTREZA	t	-	-	
DESTHRONAR	-	-	>o	DESTHRONAR. Vid. Destronar
DESTRICTO	t	-	>o	DESTRICTO, ou Districto. Vid. no seu lugar
DESTRINÇAR	t	-	-	
DESTRO	-	a	-	
DESTROÇADO	t	a	-	
DESTROÇAR	t	a	-	
DESTROCAR	-	-	-	
DESTROÇO	t	a	-	
DESTRONAR	-	-	-	
DESTRONCADO	-	a	-	
DESTRONCAR	-	a	-	
DESTRUCTIVO	-	a	-	
DESTRUIÇAM	t	-	-	
DESTRUIDOR	t	a	-	
DESTRUIDORA	t	-	-	
DESTRUIR	t	-	-	
DESUADIR	t	a	>o	DESUADIR. Vid. Dissuadir
DESVAIRADO	-	a	-	
DESVALIDO	-	-	-	
DESVALIMENTO	-	-	-	

DESVANECER	- a -	
DESVANECIDO	- a -	
DESVANECIMENTO	- a -	
DESVAM	- - -	
DESVARIADO	t a -	
DESVARIAR	t - -	
DESVARIO	t a -	
DESVELADO	t a -	
DESVELAR	t a -	
DESVELO	t - -	
DESVENTURA	t - >o	DESVENTURA. Vid. Desventura
DESVIADO	t a -	
DESVIAR	t a -	
DESVIO	t a -	
DESVITUAR	- a -	
DESVIVER	- a -	
DESUNIAM	t - -	
DESUNIR	t a -	
DESUSADO	t a -	
DESUSO	t a -	
DETENÇA	t - -	
DETENÇAM	- a >s	DETENÇAM. Retençaõ. Vid. no seu lugar
DETENÇOSO	- a >s	DETENÇOSO. Vagaroso. Vid. no seu lugar
DETER	t a -	
DETERIOR	- a -	
DETERIORAR	- - -	
DETERMINAÇAM	t a -	
DETERMINADAMENTE	t - -	
DETERMINADO	t - -	
DETERMINAR	t a -	
DETESTAÇAM	t - -	
DETESTADO	t - -	
DETESTAR	t - -	
DETESTAVEL	t - -	
DETIDO	t - >s	DETIDO, Detído. [...] Vid. Deter
DETONAR	- a -	
DETORAR	- - -	
DETRACÇAM	t a -	
DETRACTOR	- a >s	DETRACTOR, Detractôr. Vid. Maledico
DETRAHIR	t a -	
DETRAZ	- - -	
DETRIMENTO	- a -	
DETRONAR	- - >s	DETRONAR. Vid. Desentronizar
DEVAÇAM	t a -	
DEVAGAR	t - -	
DEVANEO	- - -	
DEVANTER	- - -	
DEVASSA	t - -	
DEVASSADO	- a -	
DEVASSAR	t - -	
DEVASSIDAM	t a -	
DEVASSO	t - -	
DEVASTAÇAM	- a -	
DEVASTADOR	- - -	
DEVASTADORA	- - -	
DEVASTAR	- a -	
DEVEDOR	t a -	
DEVEDORA	t - -	

DEVENTRE	-	a	-	
DEVER	t	a	-	
DEVERAS	-	-	-	
DEVERTIMENTO	t	-	>o	DEVERTIMENTO, & devertir. Vid. Divertimento, & divertir
DEVEZA	t	a	-	
DEVIDAMENTE	t	a	-	
DEVIDO	t	-	-	
DEVIZA	t	-	>o	DEVIZA, Devíza. Vid. Deviza.
DEVIZAR	-	-	>o	DEVIZAR. Vid. Divizar.
DEVOÇAM	-	a	-	
DEVOCIONARIO	-	a	-	
DEVOLUÇAM	-	-	-	
DEVOLVER	-	a	-	
DEVOLVERSE	-	a	-	
DEVOLUTARIO	-	-	-	
DEVOLUTO	-	a	-	
DEVORAR	-	a	-	
DEVOTAMENTE	t	-	-	
DEVOTO	t	a	-	
DEUTERONOMIO	-	-	-	
DEXTRA	-	a	-	
DEZ	-	-	-	
DEZANOVE	t	-	-	
DEZASEIS	t	-	-	
DEZASETTE	t	-	-	
DEZEMBRO	t	-	-	
DEZENA	t	-	-	
DEZENHAR	-	-	>o	DEZENHAR, & Dezenho. Vid. Desenhar. Vid. Desenho
DEZIMA	-	-	>o	dezima, & DEZIMAR. Vid. Decima, Vid. Dizima, & Dizimar.
DEZIMAR	t	-	-	
DEZOUTO	t	a	-	
DIA	-	-	-	
DIA	-	-	-	
DIABALAUSTIA	-	-	-	
DIABALZEMER	-	-	>s	DIABALZEMER. [...] Vid. Diasene, q he o mesmo
DIABETES	-	a	-	
DIABO	t	-	-	
DIABOLICO	t	-	-	
DIABORACIS	-	-	-	
DIABOTANO	-	-	-	
DIABRETE	t	a	-	
DIABRURA	t	-	-	
DIABRYONIAS	-	-	-	
DIABUGLOSSI	-	-	-	
DIACALAMINTHES	-	a	-	
DIACARTHAMO	-	-	-	
DIACASSIA	-	-	-	
DIACASTOREO	-	-	-	
DIACATOLICAM	-	a	-	
DIACHALCITEOS	-	-	-	
DIACHYLAM	-	a	-	
DIACINNABARIS	-	-	-	
DIACINNAMONO	-	-	-	
DIACLETES	-	a	-	
DIACODIO	-	-	-	
DIACOLOCYNTHIDOS	-	-	-	
DIACONATO	t	-	-	
DIACONISA	-	-	-	

DIACONO	t	-	-	
DIACORO	-	-	-	
DIACOSTO	-	-	-	
DIACROCO	-	-	-	
DIACRYDIO	-	-	>o	DIACRYDIO. Vid. Diagyrdio
DIACRYSTAL	-	-	-	
DIACURCUMA	-	-	-	
DIACYMINO	-	a	-	
DIADAMASCENO	-	-	>s	DIADAMASCENO, Diadamascèno. Vid. Diaprunis
DIADEMA	t	a	-	
DIAFA	-	-	-	
DIAFANO	-	a	-	
DIAFAREARA	-	-	-	
DIAFENICAM	-	-	>o	DIAFENICAM. Vid. Diaphenicaõ
DIAFORETICO	-	-	-	
DIAFRAGMA	-	a	-	
DIAFRAGMATICO	-	-	-	
DIAGALANGA	-	-	-	
DIAGARGANTE	t	-	-	
DIAGNOSTICO	-	-	-	
DIAGONAL	-	a	-	
DIAGRYDIO	-	a	-	
DIAHYSSOPE	-	-	-	
DIAJALAPA	-	-	-	
DIALACCA	-	a	-	
DIALAURO	-	-	-	
DIALECTICA	t	-	-	
DIALECTICO	t	a	-	
DIALECTO	-	a	-	
DIALOGIA	-	-	-	
DIALOGISMO	-	-	-	
DIALOGO	t	a	-	
DIALTEA	-	a	-	
DIALUNA	-	-	-	
DIAMANNA	-	-	-	
DIAMANTE	t	a	-	
DIAMANTINO	-	a	-	
DIAMARGATITAM	-	a	-	
DIAMBAR	-	a	-	
DIAMERCURIO	-	-	-	
DIAMETRAL	-	-	-	
DIAMETRALMENTE	-	-	-	
DIAMETRO	t	-	-	
DIAMOMIA	-	-	-	
DIAMORO	-	a	-	
DIAMORUSIA	-	-	-	
DIAMUSCO DOCE	-	a	-	
DIANA	-	a	-	
DIANITRI	-	-	-	
DIANTE	t	a	-	
DIANTEIRO	-	a	-	
DIANTEIRA	t	a	-	
DIANTEIRO	-	a	-	
DIANUCUM	-	-	-	
DIAPALMA	-	-	-	
DIAPAPAR	-	-	>s	DIAPAPAR, Diapapár. Vid. Diagargante
DIAPAZAM	-	a	-	
DIAPEDISIS	-	a	-	

DIAPENTE	-	a	-	
DIAPHANO	-	-	>o	DIAPHANO, ou Diafano. Vid. Diafano
DIAPHENIÇAM	-	a	-	
DIAPHRAGMA	-	-	>o	DIAPHRAGMA, ou Diafragma. Vid. Diafragma
DIAPLAUTAGO	-	-	-	
DIAPOMPHOLYGOS	-	-	-	
DIAPRASIO	-	-	-	
DIAPRUNIS	-	a	-	
DIAPYRITES	-	-	-	
DIAQUILAM	t	-	-	
DIARIAMENTE	-	a	-	
DIARIO	-	a	-	
DIARRHEA	-	a	-	
DIARRODAM	-	a	-	
DIASATURNO	-	-	-	
DIASCORDIO	-	-	-	
DIASEBESTEN	-	-	-	
DIASENE	-	a	-	
DIASENNA	-	a	>o	DIASENNA. Vid. Diasene
DIASPERMATON	-	-	-	
DIASTOLE	-	a	-	
DIASUCCINO	-	-	-	
DIASULPHURIS	-	-	-	
DIATARTARO	-	-	-	
DIATHAMARON	-	-	-	
DIATHEZERAM	-	a	-	
DIATHEUTICA	-	a	-	
DIATONICO	-	a	-	
DIATRAGACANTHE	-	-	-	
DIATURBITH	-	-	-	
DIATURPETHO	-	-	-	
DIAZINGIBER	-	-	-	
DIÇAM	-	a	-	
DICÇAM	t	a	-	
DICCIONARIO	t	-	-	
DICHA	-	-	-	
DICCIPLINA	t	-	>o	DICCIPLINA, Diciplîna. Vid. Disciplina
DICIPULO	t	-	>o	DICIPULO, Dicîpulo. Vid. Discipulo
DICTADO	-	a	-	
DICTADOR	-	a	-	
DICTADURA	-	a	-	
DICTAME	-	a	-	
DICTAMO	-	a	-	
DICTAR	-	-	-	
DICTERIO	-	a	-	
DIDAL	t	-	>o	DIDÂL, Vid. Dedal
DIECESE	-	a	-	
DIEPPA	-	-	-	
DIERESIS	-	a	-	
DIESIS	-	a	-	
DIETA	t	a	-	
DIETHEUTICA	-	-	>o	DIETHEUTICA. Dietheûtica. Vid. Diatheutica
DIFFAMAÇAM	-	a	-	
DIFFAMADO	t	-	-	
DIFFAMADOR	-	-	-	
DIFFAMAR	t	-	-	
DIFFAMATORIO	-	-	-	
DIFFERENÇA	t	a	-	

DIFFERENÇAR	t	-	-	
DIFFERENTE	t	-	-	
DIFFERENTEMENTE	t	-	-	
DIFFERIR	-	a	-	
DIFFICIL	t	-	-	
DIFFICILMENTE	t	-	-	
DIFFICULDADE	t	-	-	
DIFFICULTAR	t	-	-	
DIFFICULTOSAMENTE	t	-	-	
DIFFICULTOSO	t	-	-	
DIFFINIDOR	-	-	>o	DIFFINIDÔR. Vid. Definidor
DIFFUNDIR	-	a	-	
DIFFUSAMENTE	-	a	-	
DIFFUSAM	-	-	-	
DIFFUSIVO	-	a	-	
DIFFUSO	t	a	-	
DIGIRIR	t	a	-	
DIGESTAM	t	-	-	
DIGESTIR	-	a	>o	DIGESTIR. Digerir. Vid. no seu lugar
DIGESTIVO	-	a	-	
DIGESTO	t	a	-	
DIGNAMENTE	t	a	-	
DIGNAR	-	a	-	
DIGNIDADE	t	a	-	
DIGNO	t	-	-	
DIGRESSAM	t	a	-	
DIJON	-	-	-	
DILAÇAM	t	a	-	
DILACERAR	-	a	-	
DILAPIDAR	t	a	-	
DILATAÇAM	t	a	-	
DILATADAMENTE	-	-	-	
DILATADO	t	-	-	
DILATADOR	t	-	-	
DILATAR	t	a	-	
DILECÇAM	-	a	-	
DILEMMA	-	a	-	
DILEMMATICO	-	a	-	
DILIGENCIA	t	-	-	
DILIGENCIAR	-	a	-	
DILIGENTE	t	-	-	
DILIGENTEMENTE	t	-	-	
DILINGUEN	-	-	-	
DILUCIDAR	-	a	-	
DILUCIDO	-	a	-	
DILUVIO	-	a	-	
DIMANAR	-	a	-	
DIMENSAM	-	a	-	
DIMIDIADO	-	a	-	
DIMIDIAR	-	a	-	
DIMINUIÇAM	t	a	-	
DIMINUIDO	t	-	>s	DIMINUIDO. [...] Vid. Diminuto
DIMINUIR	t	a	-	
DIMINUTAMENTE	-	a	-	
DIMINUTIVO	-	-	-	
DIMINUTO	-	a	-	
DIMISSAM	-	a	>o	DIMISSAM, ou Demissão. Vid. Demissão
DIMISSORIO	-	-	-	

DIMITTIR	- -	>o	DIMITTIR, ou Demittir. Vid. no seu lugar
DINAMARCA	- a -		
DINAMENTE	- -	>o	DINAMENTE, Dinidade, &c. Vid. Dignamente, dignidade &c
DINAN	- - -		
DINANTE	- - -		
DINAR	- a -		
DINASTA	- -	>o	DINASTA. Vid. Dynasta
DINHEIRO	t a -		
DIO	- a -		
DIOCESE	- a -		
DIOCESANO	- a -		
DIONYSIO	- a -		
DIOPTRA	- a -		
DIOPTRICA	- - -		
DIORESIS	- a -		
DIOSCORIDA	- a -		
DIPHALANGARCHIA	- a -		
DIPHTONGO	- a -		
DIPLOA	- a -		
DIPLOMA	- a -		
DIPTYCO	- - -		
DIQUE	t a -		
DIRAS	- a -		
DIREÇAM	- a -		
DIRECTAMENTE	- a -		
DIRECTIVO	- a -		
DIRECTOR	- a -		
DIRECTORA	- a -		
DIRECTORIO	- a -		
DIREITA	t - -		
DIREITAMENTE	t - -		
DIREITO	t a -		
DIREITURA	- a -		
DIRIGIDO	t a -		
DIRIGIR	t a -		
DIRIMENTE	- a -		
DIRIMIR	- a -		
DIRIVAÇAM	t -	>o	DIRIVAÇAM, & Dirivar. Vid, Derivaçãõ, & Derivar
DISBARATE	t -	>o	DISBARATE. Vid. Disparate. Com os mais
DISCENSAM	- -	>o	DISCENSAM. Vid. Dissençaõ
DISCENTERIA	- -	>o	DISCENTERIA. Vid. Dissenteria
DISCERNIR	t a -		
DISCINGIDO	t - -		
DISCINGIR	t - -		
DISCIPLINA	t a -		
DISCIPLINADO	- a -		
DISCIPLINANTES	t - -		
DISCIPLINARSE	- a -		
DISCIPLINAVEL	- a -		
DISCIPULA	t - -		
DISCIPULO	t a -		
DISCO	- a -		
DISCOLO	- a -		
DISCOMMODIDADE	- a	>s	DISCOMMODIDADE. Vid. Descommodo
DISCOMMODO	- -	>o	DISCOMMODO. Vid. Descommodo
DISCONFORME	- - -		
DISCONVENIENCIA	- a -		
DISCORDANCIA	- a -		

DISCORDAR	t a -	
DISCORDE	- a -	
DISCORDIA	t - -	
DISCORRER	t a -	
DISCRASIA	- - >o	DISCRASIA. Vid. Dyscrasia
DISCREPANCIA	t a -	
DISCREPANTE	t - -	
DISCREPAR	- a -	
DISCRETAMENTE	t - -	
DISCRETO	t a -	
DISCRIÇAM	t a -	
DISCRIMINADO	- a -	
DISCURSAR	- a -	
DISCURSIVO	- a -	
DISCURSO	t a -	
DISCUTIR	- a -	
DISFARÇADO	t a -	
DISFARÇAR	t - -	
DISFARCE	t - -	
DISFAVOR	- - >o	DISFAVOR, Disfavôr, Desfavor. Vid. no seu lugar
DISFORME	t a >o	DISFORME. Vid. Deforme
DISGREGAR	- a -	
DISGREGATIVO	- a -	
DISISTAM	- a -	
DISISTIR	- - >o	DISISTIR. Vid. Desistir, & as mais vozes procedidas desta
DISJUNCTIVO	- a -	
DISJUNTA	- a -	
DISLOCAÇAM	- - >o	DESLOCAÇAM, & dislocar. Vid. Deslocação, & Deslocar
DISMUDA	- - -	
DISPARAR	- a -	
DISPARATADAMENTE	- - -	
DISPARATADO	- a -	
DISPARATE	- a -	
DISPARIDADE	- a -	
DISPENDER	- a >o	DISPENDER, ou Despender. Vid. no seu lugar
DISPENDIO	- a -	
DISPENSA	- a -	
DISPENSAÇAM	- a -	
DISPENSADO	- a -	
DISPENSADOR	- a -	
DISPENSAR	t a -	
DISPENSEIRO	- - >o	DISPENSEIRO. Vid. Despenseiro
DISPERSAM	- a -	
DISPERSO	- a -	
DISPLICENCIA	- a -	
DISPOR	- a -	
DISPOSIÇAM	- a -	
DISPOSITIVAMENTE	- a -	
DISPOSTO	- - -	
DISPUTA	t a -	
DISPUTADOR	t - -	
DISPUTAR	t - -	
DISPUTAVEL	- a -	
DISSABOR	- - >o	DISSABOR, ou dessabor. Vid. Dessabor
DISSENSAM	t a -	
DISSENTERIA	- - >o	DISSENTERIA. Vid. Dysenteria
DISSENTIR	- - -	
DISSEPULOTICA	- - >o	DISSEPULOTICA chaga. Vid. Dysepulotico

DISSIDENTE	-	a	-	
DISSIMILAR	-	a	-	
DISSIMULAÇAM	t	-	-	
DISSIMULADAMENTE	t	a	-	
DISSIMULADO	t	a	-	
DISSIMULAR	t	-	-	
DISSIMULO	-	a	>s	DISSIMULO. Vid. Dissimúlação
DISSIPACAM	-	-	-	
DISSIPAR	-	a	-	
DISSOLUÇAM	t	a	-	
DISSOLVENTE	-	-	-	
DISSOLVER	-	a	-	
DISSOLVIDO	-	-	-	
DISSOLUTIVO	-	-	>s	DISSOLUTIVO, ou dissolvente. Vid. Dissolvente
DISSOLUTO	t	a	-	
DISSONANCIA	t	a	-	
DISSONANTE	-	a	-	
DISSONAR	-	-	-	
DISSONO	-	a	-	
DISSUADIR	t	a	-	
DISTANCIA	t	a	-	
DISTANTE	t	-	-	
DISTAR	t	-	-	
DISTICO	t	a	-	
DISTILLAÇAM	t	a	-	
DISTILLAR	-	a	-	
DISTINÇAM	-	-	-	
DISTINCTO	t	a	-	
DISTINGIR	-	-	>o	DISTINGIR. Vid. Destingir
DISTINGUIR	t	-	-	
DISTINGUIVEL	-	a	-	
DISTINTAMENTE	t	-	-	
DISTINTIVO	-	a	-	
DISTINTO	-	-	>s	DISTINTO. [...] Vid. Diferente
DISTRACÇAM	t	a	-	
DISTRACTIVO	-	a	-	
DISTRAHIDO	t	a	-	
DISTRAHIMENTO	t	a	-	
DISTRAHIR	t	a	-	
DISTRAHIR	-	a	-	
DISTRATO	t	a	-	
DISTRIBUIÇAM	t	a	-	
DISTRIBUIDOR	t	-	-	
DISTRIBUIR	t	-	-	
DISTRIBUTIVA	-	-	-	
DISTRICTO	-	a	-	
DISTRINÇAR	t	-	>o	DISTRINÇAR. Vid. Destrinçar
DITA	t	-	-	
DITADO	t	-	>o	DITADO. Ditador, Ditadura, Ditame, Ditar. Vid. Dictado, Dictador, Dictadura, Dictame, Dictar
DITE	-	a	-	
DITO	t	-	>o	DITO, ou Ditto. Vid. Ditto
DITONGO	-	-	>o	DITONGO, ou Diphtongo. Vid. Diphtongo
DITONNO	-	a	-	
DITOSAMENTE	t	-	-	
DITOSO	t	-	-	
DITTAME	-	-	>o	DITTAME. Vid. Dictame
DITTAR	-	-	>o	DITTAR. Vid. Dictar

---

DITTO	-	-	-	
DIU	-	-	-	
DIVA	-	a	-	
DIVAM	-	-	-	
DIVAGAR	-	a	-	
DIVERSAMENTE	-	-	-	
DIVERSAM	t	a	-	
DIVERSIDADE	t	-	-	
DIVERSIFICAR	-	a	-	
DIVERSO	t	a	-	
DIVERSORIO	-	a	-	
DIVERTIDAMENTE	-	a	-	
DIVERTIDO	t	a	-	
DIVERTIMENTO	-	a	-	
DIVERTIR	-	a	-	
DIVICIAS	-	a	-	
DIVIDA	t	-	-	
DIVIDAMENTE	-	a	-	
DIVIDENDO	-	a	-	
DIVIDIDO	t	-	-	
DIVIDIR	t	a	-	
DIVINAMENTE	t	-	-	
DIVINATORIO	-	a	-	
DIVINDADE	t	-	-	
DIVINIZAR	-	a	-	
DIVINO	t	-	-	
DIVISA	t	a	-	
DIVISAM	t	a	-	
DIVISAM	-	a	-	
DIVISIVEL	-	-	-	
DIVISO	-	a	-	
DIVISOR	-	a	-	
DIVORCIADO	-	a	-	
DIVORCIO	t	a	-	
DIVOS	-	a	-	
DIURETICO	-	a	-	
DIURNO	-	a	-	
DIUTURNIDADE	-	a	-	
DIUTURNO	-	a	-	
DIVULGADO	t	-	-	
DIVULGAR	t	a	-	
DIXES	-	a	-	
DIZENHO	-	-	>o	DIZENHO. Vid. Desenho
DIZER	t	a	-	
DIZIDOR	-	a	-	
DIZIMA	-	a	-	
DIZIMAR	t	a	-	
DIZIMADOR	-	a	-	
DIZIMEIRO	t	-	>o	DIZIMEIRO. Vid. Dizimador
DIZIMO	t	-	-	
DIZIVEL	-	a	-	
DO	t	-	-	
DO	t	a	-	
DOAÇAM	t	-	-	
DOADO	t	a	-	
DOADOR	t	a	-	
DOAR	t	-	-	
DOBADEIRA	-	-	-	

DOBADOURA	t	-	-	
DOBAR	-	-	-	
DOBRA	t	a	-	
DOBRADAMENTE	t	-	-	
DOBRADEIRA	-	-	-	
DOBRADIÇO	t	-	-	
DOBRADO	t	-	-	
DOBRADURA	t	-	-	
DOBRAM	-	-	-	
DOBRAR	t	a	-	
DOBRE	-	a	-	
DOBREZ	t	a	-	
DOBRO	t	-	-	
DOÇAINA	t	-	-	
DOÇAINHA	-	a	-	
DOÇAINO	-	a	-	
DOCE	t	a	-	
DOCEL	t	-	-	
DOCEMENTE	t	a	-	
DOCEZINHO	-	-	-	
DOCIL	-	-	-	
DOCILIDADE	-	a	-	
DOCTAMENTE	-	-	>o	DOCTAMENTE, Doctrina, & doctrinar com os mais. Vid. Doutamente, doutrina &c
DOCTRINAR	-	a	>o	DOCTRINAR. Vid. Doutrinar
DOCUMENTO	t	a	-	
DOÇURA	t	-	-	
DODECAGONO	-	a	-	
DODECATEMORIO	-	a	-	
DODONA	-	-	-	
DODRANTAL	-	a	-	
DOENÇA	t	-	-	
DOENTE	t	a	-	
DOENTIO	t	-	-	
DOER	t	a	-	
DOESTAR	t	a	-	
DOESTO	t	a	-	
DOGMA	-	a	-	
DOGMATICO	-	a	-	
DOGMATIZAR	-	-	-	
DOGMATISTA	-	a	-	
DOLA	-	-	-	
DOLO	-	a	-	
DOLORIDO	t	-	>s	DOLORIDO. Dolorído. Vid. Dorido
DOLOROSAMENTE	t	-	-	
DOLOROSO	t	a	-	
DOLOSO	-	a	-	
DOM	t	-	-	
DOM	t	a	-	
DOMADO	t	-	-	
DOMADOR	t	a	-	
DOMADORA	-	-	-	
DOMAR	t	a	-	
DOMAVEL	-	a	-	
DOMBES	-	-	-	
DOMESTICAR	t	a	-	
DOMESTICAVEL	t	-	-	
DOMESTICO	t	a	-	

---

DOMICILIO	- a -	
DOMINAÇAM	- a -	
DOMINADO	t - -	
DOMINADOR	t - -	
DOMINADORA	t - -	
DOMINANTE	- a -	
DOMINAR	t a -	
DOMINATIVO	- a >s	DOMINATIVO. Dominatívo. Vid. Dominante
DOMINGA	t - -	
DOMINICAL	- a -	
DOMINICANO	- a >s	DOMINICANO. Vid. Dominico
DOMINIO	t a -	
DOMINIOSO	- a -	
DOMO	- a -	
DON	- - -	
DONA	t a -	
DONADO	- - -	
DONATARIO	- a -	
DONATIVO	- a -	
DONATO	- a -	
DONAVERTE	- - -	
DONAYRE	t - -	
DONCHERY	- - -	
DONDE	t - -	
DONINHA	t - -	
DONO	t - -	
DONOSO	- - -	
DONZEL	t a -	
DONZELLA	t a -	
DOR	t - -	
DORCESTER	- - -	
DORDONHA	- - -	
DORDRECT	- - -	
DORIA	- - -	
DORICO	- a -	
DORIDA	- - -	
DORIDO	- - -	
DORMENTE	t a -	
DORMIDA	t a -	
DORMIDEIRAS	t - -	
DORMINHOCO	- a -	
DORMIR	t a -	
DORMITAR	- a -	
DORMITORIO	t - -	
DORNA	t a -	
DORNELLAS	- - -	
DOROSTORO	- a -	
DORSEL	- a -	
DORSO	- a -	
DORTMUNDA	- - -	
DOSIS	- - -	
DOTAÇAM	- a -	
DOTADO	t a -	
DOTAL	- a -	
DOTAR	t a -	
NOTE	t a -	
DOUAI	- - >o	DUOAI. Cidade Vid. Duai
DOUDAMENTE	t - -	

DOUDEJAR	t	-	-	
DOUDICE	t	-	-	
DOUDIVANES	-	-	-	
DOUDO	t	-	-	
DOURADA	t	-	-	
DOURADINHA	t	a	-	
DOURADO	t	a	-	
DOURADOR	t	-	-	
DOURADURA	-	-	-	
DOURAR	-	a	-	
DOURO	t	-	-	
DOUS	t	-	-	
DOUTAMENTE	t	-	-	
DOUTO	t	-	-	
DOUTOR	t	-	-	
DOUTORADO	t	-	-	
DOUTORAMENTO	-	a	-	
DOUTORANDO	-	a	-	
DOUTORARSE	t	-	-	
DOUTRINA	t	-	-	
DOUTRINADO	t	a	-	
DOUTRINAL	-	-	-	
DOUTRINALMENTE	-	a	-	
DOUTRINANTE	-	a	-	
DOUTRINAR	t	a	-	
DOUTRINAVEL	-	a	-	
DOZE	t	-	-	
DRACHMA	-	a	-	
DRACUNCULO	-	-	-	
DRAGAM	t	a	-	
DRAGO	-	a	-	
DRAGOEIRA	-	a	-	
DRAGONERA	-	-	-	
DRAGONTEA	-	a	-	
DRAGUINHAM	-	-	-	
DRAMA	-	-	-	
DRAVO	-	-	-	
DRESDA	-	-	-	
DREUX	-	-	-	
DRIADAS	-	-	>o	DRIADAS, Dríadas. Vid. Driadas
DRIÇA	t	a	-	
DRIN	-	-	-	
DRINAVAR	-	-	>o	DRINAVAR. Cidade. Vid. Drin
DRINO	-	-	-	
DROGA	-	a	-	
DROGARIA	-	a	-	
DROGAS	t	-	-	
DROGUETE	-	-	-	
DROMEDARIO	t	a	-	
DRUENÇA	-	-	>o	DRUENÇA, ou Durenza. Vid. Durenza
DRUIDAS	-	a	-	
DRYADAS	-	-	-	
DUAI	-	-	-	
DUAL	-	a	-	
DUAS	t	-	-	
DUBIO	-	a	-	
DUBLIN	-	-	-	
DUCADO	-	-	-	

DUCAL	-	a	-	
DUÇAM	-	a	-	
DUCATAM	-	-	-	
DUCTIL	-	a	-	
DUCTO	-	a	-	
DUELLISTA	-	-	>s	DUELLISTA. Vid. Duello
DUELLO	-	a	-	
DUENDE	-	-	-	
DUINA	-	-	-	
DUISBURGO	-	-	-	
DULÇAINA	-	a	>o	DULÇAINA. Vid. Doçaina
DULCIFICAR	-	a	-	
DULCINHO	-	-	-	
DULIA	-	a	-	
DUMBAR	-	-	-	
DUMBLAN	-	-	-	
DUME	-	a	-	
DUN	-	-	-	
DUNA	-	-	-	
DUNAS	-	a	-	
DUNFREI	-	-	-	
DUNGAL	-	-	-	
DUNDERQUE	-	a	-	
DUO	-	a	-	
DUODECAGONO	-	-	>o	DUODECAGONO. Vid. Dodecagono
DUODECIMO	t	-	-	
DUODENO	-	a	-	
DUPLEX	-	-	>o	DUPLEX. Vid. Duplice
DUPLIÇAÇAM	-	a	-	
DUPLICADO	-	a	-	
DUPPLICAR	-	a	-	
DUPLICE	-	a	-	
DUPLO	-	a	-	
DUQUADO	-	a	-	
DUQUE	t	a	-	
DUQUEZA	t	-	-	
DURA	t	-	-	
DURAÇAM	-	a	-	
DURAÇO	-	-	>o	DURAÇO. Vid. Durazo
DURA-MATER	-	a	-	
DURAMENTE	t	-	-	
DURANTE	-	a	-	
DURAR	t	-	-	
DURAVEL	t	-	-	
DURAZIO	t	-	-	
DURAZO	-	a	-	
DUREIRO	t	a	-	
DURENZA	-	a	-	
DUREZA	t	a	-	
DURIAM	-	a	-	
DURLAC	-	-	-	
DURO	-	a	-	
DURTAL	-	-	-	
DUSSELDORP	-	-	-	
DUTRO	-	a	-	
DUVIDA	t	a	-	
DUVIDAR	t	a	-	
DUVIDOSAMENTE	t	-	-	

---

DUVIDOSO	t	a	-	
DUVINA	-	-	-	
DUUMVIRATO	-	-	-	
DUUMVIROS	-	-	-	
DUZENTOS	t	-	-	
DUZIA	t	a	-	
DYNASTA	-	a	-	
DYNASTIA	-	a	-	
DYSCOLO	-	-	>o	DYSCOLO, Dîscolo. Vid. Discolo
DYSCRACIA	-	a	-	
DYSCRACIADO	-	a	-	
DYSENTERIA	-	-	-	
DYSEPULOTICO	-	a	-	
DYSPESIA	-	-	-	
DYSPNEA	-	-	-	
DYSURIA	-	a	-	



## ANEXO V

### COMPARAÇÃO DA NOMENCLATURA DE BLUTEAU, FOLQMAN, MARQUES E MORAIS (Letra D)

A comparação da nomenclatura tem por base os seguintes critérios:

- as novas entradas do *Suplemento* foram integradas na ordenação alfabética (assinalam-se com asterisco);
- eliminaram-se as duplicações de entrada em casos de homonímia (e.g. DADO/DADO);
- suprimiram-se as entradas repetidas (e.g. DIANTEIRO, DIANTEIRA, DIANTEIRO);
- eliminaram-se as entradas de formas verbais na conjugação reflexa, quando a forma do infinitivo também está registada (e.g. DEVOLVER, DEVOLVERSE);
- as entradas de Folqman, Marques e Morais que apenas correspondiam a uma variação ortográfica de uma entrada do *Vocabulário* não foram consideradas, para efeitos de comparação, como uma nova palavra-lemma (e.g. *Voc.*: DESENQUIETAÇAM; *Diccionario* de Morais: DESENQUIETAÇÃO, DESINQUIETAÇÃO).

	<i>Voc. — Supp.</i>	Folqman	Marques	Morais
Total de entradas comparadas	2326	982	1564	2622
Coincide com o <i>Voc.</i>	—	964	1559	1973
Rejeita do <i>Voc.</i>	—	1362	767	354
Adiciona ao <i>Voc.</i>	—	19	15	649

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
D	—	D	D
—	DA	—	DA
DABIR	—	DABIR	—
DABUH	—	—	—
DABUL	—	—	—
DACIA	—	DACIA	—
DACTILO	—	DACTILO	DACTILO
DACTYLICO	—	—	DACTILICO
DACTYLOS IDEOS	—	—	—
DADA	—	—	DADA
DADA	—	—	DADA
—	—	—	DADEGO
DADIVA	DADIVA	DADIVA	DADIVA
DADIVAN*	—	—	—
DADIVOSO	DADIVOSO	DADIVOSO	DADIVOSO
DADO	DADO	DADO	DADO
DADOR	DADOR	DADOR	DADOR
DADORA*	—	—	—
DAGON*	—	—	—
DAHI	DAHI	—	—
DAINECAS	—	—	DAINECA
DAIRI	—	—	—
DALAÇA	—	—	DALAÇA
DALA	—	DALA	DALA
DALECALIA*	—	—	—
DALEM*	—	—	—
DALI	DALI	DALI	D'ALI
DALIA*	—	—	—
DALMACIA	—	—	—
DALMATA	—	—	—
DALMATICA	DALMATICA	DALMATICA	DALMATICA
DAMA	DAMA	DAMA	DAMA
DAMAM	—	—	—
DAMARIA	—	—	DAMARIA
DAMASCADO	DAMASCADO	—	DAMASCADO
DAMASCENO	—	—	—
DAMASCO	DAMASCO	DAMASCO	DAMASCO
DAMASQUEIRO	DAMASQUEYRO	DAMASQUEIRO	DAMASQUEIRO
DAMASQUILHO	—	—	DAMASQUILHO
DAMASQUINO	—	—	DAMASQUINO, DAMASQUIM,
—	—	—	DAMEJAR
DAMIA*	—	—	—
DAMIATA	—	DAMIATA	—
DAMICE	—	—	DAMICE
DAMINHO*	—	—	—
—	—	—	DAMNACA
—	—	—	DAMNAÇÃO
—	—	—	DAMNADOR
—	—	—	DAMNAMENTO
DAMNIFICAÇAM	DAMNIFICAÇAM	DAMNIFICAÇÃO	—
DAMNOSO	—	DAMNOSO	—
DAMO	—	DAMO	DAMO
DAMOAÕ*	—	—	—
DAMORIM*	—	—	—
DAMVILERS	—	—	—
DAMUTE*	—	—	—
DANADO	DANADO	DANADO	DAMNADO
DANAE*	—	—	—
DANAIDES*	—	—	—
DANAR	DANAR	DANAR	DAMNAR
DANÇA	DANÇA	DANÇA	DANÇA

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DANÇADEIRA	DANÇADEIRA	DANÇADEIRA	DANÇADEIRA
DANÇADEIRINHA	—	—	DANÇADEIRINHA
DANÇADOR	DANÇADOR	DANÇADOR	DANÇADOR
DANÇANTE	—	—	DANÇANTE
DANÇAR	DANÇAR	DANÇAR	DANÇAR
—	DANÇARINO	—	—
DANIFICAÇAM	DANIFICAÇAM	DANIFICAÇÃO	DANIFICAÇÃO
DANIFICADO	DANIFICADO	DANIFICADO	DANIFICADO
DANIFICADOR	DANIFICADOR	—	DANIFICADOR
—	—	—	DANIFICAMENTO
DANIFICAR	—	DANIFICAR	DANIFICAR
DANINHO	DANINHO	DANINHO	DANINHO
DANO	DANO	DANO	DANO
DANOSO	DANOSO	DANOSO	DANOSO
—	—	—	DANTE
D'ANTEMAM	D'ANTEMAM	—	D'ANTEMÃO
D'ANTES	D'ANTES	—	—
DANTISCO	—	—	—
DANTZIC	—	—	—
DANUBIO	—	DANUBIO	—
DANVILLIRES	—	—	—
DAQUEM	DAQUEM	DAQUEM	D'AQUEM
DAQUI	DAQUI	DAQUI	DAQUI
DAR	DAR	DAR	DAR
DARANDELLA*	—	—	DARANDELA
DAROGA*	—	—	—
DARDANELLOS	—	DARDANELLOS	—
—	—	—	DARDEJAR
DARDO	DARDO	DARDO	DARDO
DARES	—	DARES	DARES
DARIS	—	—	DARIS
DARVIZ	—	—	DARVIZ
DATA	DATA	DATA	DATA
DATARIA	—	DATARIA	DATARIA
DATARIO	—	DATARIO	DATARIO
—	—	—	DATILADO
DATILES	—	DATILES	DATILE
DATIVO*	—	—	DATIVO
—	—	—	DATIVO
DAVANTE	—	—	D'AVANTE
DAYRI	—	DAYRO	DAYRI
DE	DE	—	DE
—	—	—	DEA
DEADO	—	DEADO	DEADO
DEALBADO	—	DEALBADO	DEALBADO
DEAMBULATORIO	—	DEAMBULATORIO	DEAMBULATORIO
DEAM	DEAM	DEAÕ	DEÃO
—	—	—	DEARREZOAR
—	—	—	DEARTICULADO
DEARTICULAR	—	—	DEARTICULAR
DEBADOURA	—	DEBADOURA	DEBADOURA
DEBAIXO	DEBAIXO	DEBAIXO	DEBAIXO
DEBALDE	DEBALDE	DEBALDE	DEBALDE
DEBATE	DEBATE	DEBATE	DEBATE
—	—	—	DEBATEDURA
DEBATER	DEBATER	DEBATER	DEBATER
DEBATIDIÇO	—	—	DEBATIDIÇO
DEBATIDO	DEBATIDO	DEBATIDO	DEBATIDO
DEBATIDURA	—	DEBATIDURA	DEBATIDURA
DEBAXO	—	DEBAXO	DEBAXO
DEBELLAÇAM	—	DEBELLAÇÃO	DEBELLAÇÃO
DEBELLAR	—	DEBELLAR	DEBELLAR
DEBICAR	—	DEBICAR	DEBICAR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DEBIL	DEBIL	DEBIL	DEBIL
DEBILIDADE	DEBILIDADE	DEBILIDADE	DEBILIDADE
DEBILITAÇAM	DEBILITAÇAM	DEBILITAÇÃO	DEBILITAÇÃO
DEBILITADO	DEBILITADO	DEBILITADO	DEBILITADO
DEBILITAR	DEBILITAR	DEBILITAR	DEBILITAR
DEBILMENTE	DEBILMENTE	DEBILMENTE	DEBILMENTE
DEBITO	—	DEBITO	DÉBITO
DEBOLAR	—	—	DEBOLAR
DEBREAR	—	DEBREAR	DEBREAR
DEBRUADO	DEBRUADO	DEBRUADO	DEBRUADO
DEBRUAR	DEBRUAR	DEBRUAR	DEBRUAR
—	—	—	DEBRUÇADO
DEBRUÇARSE	DEBRUÇARSE	DEBRUÇARSE	DEBRUÇAR-SE
DEBRUÇOS	DEBRUÇOS	DEBRUÇOS	DEBRUÇOS
DEBRUM	DEBRUM	DEBRUM	DEBRUM
DEBULHA	DEBULHA	DEBULHA	DEBULHA
—	—	—	DEBULHADO
—	—	—	DEBULHADOR
DEBULHAR	DEBULHAR	DEBULHAR	DEBULHAR
DEBULHO	DEBULHO	DEBULHO	DEBULHO
DEBUXADO	—	DEBUXADO	DEBUXADO
DEBUXADOR	—	DEBUXADOR	DEBUXADOR
DEBUXANTE	—	DEBUXANTE	DEBUXANTE
DEBUXAR	DEBUXAR	DEBUXAR	DEBUXAR
DEBUXO	DEBUXO	DEBUXO	DEBUXO
DECADA	—	DECADA	DÉCADA
—	DECADENCIA	DECADENCIA	—
DECAGONO	—	DECAGONO	DECÁGONO
DECALOGO	—	DECALOGO	DECALOGO
—	—	—	DECALVADO
—	—	—	DECALVAR
DECAMPAR	—	DECAMPAR	—
DECAN	—	DECAN	—
DACANADO	—	DACANADO	DACANADO
DECANIA	—	—	DECANIA
DECANIS	—	—	—
DECANO	—	—	DECANO
—	—	—	DECANTAÇÃO
DECANTADO	DECANTADO	DECANTADO	DECANTADO
DECANTAR	—	DECANTAR	DECANTAR
DECEINAR	—	DECEINAR	DECEINAR
DECEMVRATO	—	—	DECEMVRATO
DECEM-VIROS	—	DECEMVIROS	DECEMVIROS
DECENCIA	DECENCIA	—	DECENCIA
DECENDENCIA	DECENDENCIA	DECENDENCIA	DECENDENCIA
DECENTE	DECENTE	DECENTE	DECENTE
DECENTEMENTE	DECENTEMENTE	DECENTEMENTE	DECENTEMENTE
DECEPADO	—	DECEPADO	DECEPADO
—	—	—	DECEPAMENTO
DECEPAR	DECEPAR	DECEPAR	DECEPAR
DECER	—	DECER	DECER
DECERTAR*	—	—	DECERTAR
DECIDA	—	DECIDA	DECIDA
—	—	—	DECIDIDO
DECIDIR	DECIDIR	DECIDIR	DECIDIR
—	—	—	DECIFRADO
DECIFRAR	DECIFRAR	DECIFRAR	DECIFRAR
DECIMA	DECIMA	DECIMA	DECIMA
DECIMAÇAM	—	DECIMAÇÃO	DECIMAÇÃO
—	—	—	DECIMADO
DECIMAL	—	DECIMAL	DECIMAL, DIZIMAL
DECIMAR	—	DECIMAR	DECIMAR
DECIMO	DECIMO	DECIMO	DECIMO

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DECISAM	DECISAM	DECISAÕ	DECISÃO
DECISIVAMENTE	—	DECISIVAMENTE	DECISIVAMENTE
DECESIVO	DECESIVO	DECISIVO	DECISIVO
DECLAMAÇAM	—	DECLAMAÇÃO	DECLAMAÇÃO
DECLAMADOR	—	DECLAMADOR	DECLAMADOR
DECLAMADO	—	—	DECLAMADO
DECLAMAR	—	DECLAMAR	DECLAMAR
DECLAMATORIO	—	DECLAMATORIO	DECLAMATORIO
DECLARAÇAM	DECLARAÇAM	DECLARAÇÃO	DECLARAÇÃO
DECLARADAMENTE	DECLARADAMENTE	DECLARADAMENTE	DECLARADAMENTE
DECLARADO	DECLARADO	DECLARADO	DECLARADO
—	—	—	DECLARADOR
DECLARAR	DECLARAR	DECLARAR	DECLARAR
DECLARATIVO*	—	—	—
—	—	—	DECLARATORIO
DECLINA	—	—	DECLINA
DECLINAÇAM	DECLINAÇAM	DECLINAÇÃO	DECLINAÇÃO
—	—	—	DECLINADO
DECLINANTE	—	DECLINANTE	DECLINANTE
DECLINAR	DECLINAR	DECLINAR	DECLINAR
DECLINATORIA	DECLINATORIA	DECLINATORIA	DECLINATORIA
DECLIVE	—	DECLIVE	DECLIVE
DECLIVIDADE	—	DECLIVIDADE	DECLIVIDADE
—	—	—	DECLIVIO
DECOADA	DECOADA	DECOADA	DECOADA
—	DECOAR	—	—
DECOCÇAM	—	DECOCÇÃO	DECOCÇÃO
—	—	—	DECOMPOR
—	—	—	DECOMPOSIÇÃO
—	—	—	DECOMPOSTO
—	—	—	DECORADO
—	—	—	DECORAMENTE
DECORAR	—	DECORAR	DECORAR
DECORO	—	DECORO	DECÓRO
DECOROSO	—	—	DECOROSO
DECOTADO	—	DECOTADO	DECOTADO
—	—	—	DECOTADOR
DECOTAR	DECOTAR	DECOTAR	DECOTAR
—	—	—	DECRECIDO
DECRECIMENTO	—	DECRECIMENTO	DECRECIMENTO
DECREMENTO	—	DECREMENTO	DECREMENTO
DECREPITAR*	—	—	DECREPITAR
DECREPITO	DECREPITO	DECREPITO	DECREPITO
—	—	—	DECRESCENTE
—	—	—	DECRECER
DECRETADO	DECRETADO	DECRETADO	DECRETADO
DECRETAES	—	DECRETAES	DECRETAL
—	—	—	DECRETALISTA
DECRETAR	—	DECRETAR	DECRETAR
DECRETO	DECRETO	DECRETO	DECRETO
DECRETORIAMENTE	—	—	DECRETORIAMENTE
DECRETORIO	—	—	DECRETORIO
DECUBITO	—	—	DECUBITO
DECUMANO	—	—	DECUMANO
DECUPLO	—	—	DECUPLO
DECURIA	—	DECURIA	DECURIA
DECURIAM	DECURIAM	DECURIAÕ	DECURIAÕ
DECURSO	—	DECURSO	DECURSO
DADADA	—	—	DADADA
DEDAL	DEDAL	DEDAL	DEDAL
DÉDALO*	—	—	—
DEDALIAÕ*	—	—	—
DEDECORAR*	—	—	DEDECORAR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DEDEIRA	—	—	DEDEIRA
DEDICAÇAM	DEDICAÇAM	DEDICAÇÃO	DEDICAÇÃO
—	—	—	DEDICADO
DEDICAR	DEDICAR	DEDICAR	DEDICAR
DEDICATORIA	—	DEDICATORIA	DEDICATORIA
DEDIGNARSE	—	—	DEDIGNAR-SE
DEDILHAR	—	DEDILHAR	DEDILHAR
DEDINHO	—	DEDINHO	DEDINHO
DEDO	DEDO	DEDO	DEDO
DEDUCÇAM	—	DEDUCÇÃO	DEDUCÇÃO
DEDUCCIONAL	—	—	DEDUCCIONAL
DEDUZIR	—	DEDUZIR	DEDUZIR
DEFAMADO	—	DEFAMADO	DEFAMADO
DEFECADO	—	DEFECADO	DEFECADO
DEFECAR	—	DEFECAR	DEFECAR
DEFECTIBILIDADE	—	—	DEFECTIBILIDADE
DEFECTIVO	—	DEFECTIVO	DEFECTIVO, DEFEITIVO
DEFECTUOSO	—	DEFECTUOSO	DEFECTUOSO
DEFEITO	DEFEITO	DEFEITO	DEFEITO
DEFEITUOSO	DEFEITUOSO	DEFEITUOSO	—
—	—	—	DEFENDEDOR
DEFENDENTE	DEFENDENTE	DEFENDENTE	DEFENDENTE
DEFENDER	DEFENDER	DEFENDER	DEFENDER
—	—	—	DEFENDIDO
—	—	—	DEFENDIMENTO
DEFENSA	DEFENSA	DEFENSA	DEFENSA
DEFENSAM	—	—	DEFENSÃO
—	—	—	DEFENSAR
DEFENSAVEL	—	—	DEFENSAVEL
—	—	—	DEFENSAVELMENTE
DEFENSIVO	DEFENSIVO	DEFENSIVO	DEFENSIVO
DEFENSOR	DEFENSOR	DEFENSOR	DEFENSOR
DEFERENTE	—	—	DEFERENTE
—	—	—	DEFERIDO
DEFERIR	DEFERIR	DEFERIR	DEFERIR
—	—	—	DEFERIVEL
DEFESA	DEFESA	DEFESA	DEFESA
DEFESO	DEFESO	DEFESO	DEFESO
DEFICIENCIA	—	—	DEFICIENCIA
DEFIDENTE	—	—	DEFIDENTE
DEFINHADO*	DEFINHADO	—	DEFINADO
DEFINHAR	DEFINHAR	—	DEFINHAR, DEFINAR
DEFINIÇAM	DEFINIÇAM	DEFINIÇÃO	DEFINIÇÃO
—	—	—	DEFINIDO
DEFINIDOR	DEFINIDOR	DEFINIDOR	DEFINIDOR
DEFINIR	DEFINIR	DEFINIR	DEFINIR
DEFINITIVAMENTE	—	DEFINITIVAMENTE	DEFINITIVAMENTE
DEFINITIVO	DEFINITIVO	DEFINITIVO	DEFINITIVO
DEFIRIR*	—	—	DEFIRIR
—	—	—	DEFLEGMADO
—	—	—	DEFLEGMAR
—	—	—	DEFLEGAÇÃO
DEFLORAÇAM	DEFLORAÇAM	DEFLORAÇÃO	DEFLORAÇÃO
DEFLORAR	DEFLORAR, DESFLORAR	DEFLORAR, DESFLORAR	DEFLORAR, DESFLORAR
—	—	—	DEFLORADO
—	—	—	DEFLORADOR
DEFLUVIO	—	DEFLUVIO	—
—	—	—	DEFORAR
DEFORMADO	—	DEFORMADO	DEFORMADO
DEFORMAR	—	DEFORMAR	DEFORMAR
DEFORME	DEFORME	DEFORME	DEFORME
DEFORMIDADE	DEFORMIDADE	DEFORMIDADE	DEFORMIDADE
—	—	—	DEFRALDAR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DEFRAUDADO
—	—	—	DEFRAUDADOR
DEFRAUDAR	DEFRAUDAR	DEFRAUDAR	DEFRAUDAR
DEFRAUDO	DEFRAUDO	—	DEFRAUDO
DEFRONTAR*	—	—	DEFRONTAR
DEFRUTAR	—	—	DEFRUTAR
DEFUMADO	DEFUMADO	DEFUMADO	DEFUMADO
—	—	—	DEFUMADOURO
DEFUMADURA	—	DEFUMADURA	DEFUMADURA
DEFUMAR	DEFUMAR	DEFUMAR	DEFUMAR
—	—	—	DEFUNDO
DEFUNTO	DEFUNTO	DEFUNTO	DEFUNTO
—	—	—	DEGELADO
DEGELAR*	—	—	DEGELAR
—	—	—	DEGENERACÃO
—	—	—	DEGENERADO
DEGENERAR	DEGENERAR	DEGENERAR	DEGENERAR
DEGOLAÇAM	DEGOLAÇAM	DEGOLLAÇÃO	DEGOLAÇÃO
DEGOLADO	DEGOLADO	DEGOLLADO	DEGOLADO
DEGOLADOURO	DEGOLADOURO	DEGOLLADOURO	DEGOLADOURO
—	—	—	DEGOLADURA
DEGOLAR	DEGOLAR	DEGOLLAR	DEGOLAR
DEGRADAÇAM	DEGRADAÇAM	DEGRADAÇÃO	DEGRADAÇÃO
DEGRADADO	—	DEGRADADO	DEGRADADO
DEGRADAR	DEGRADAR	DEGRADAR	DEGRADAR
DEGRADO	—	—	DEGRADO
DEGRADUAR	—	—	DEGRADUAR, DESGRADUAR
DEGRAO	DEGRAO	DEGRÃO	DEGRAO
—	—	—	DEGREDDADO
DEGREDO	DEGREDO	DEGREDO	DEGREDO
DEIANIRA*	—	—	—
—	—	—	DEJARRETEAR
DEIDADE	DEIDADE	DEIDADE	DEIDADE
DEJECÇAM	—	DEJECÇÃO	DEJECÇÃO
DEIFICAÇAM	—	DEIFICAÇÃO	DEIFICAÇÃO
—	—	—	DEIFICADO
DEIFICAR	—	DEIFICAR	DEIFICAR
DEIFICO	—	—	DEIFICO
DEIFORME	—	—	DEIFORME
—	—	—	DEISMO
DEISTA*	—	—	DEISTA
DEITADO	DEITADO	DEITADO	DEITADO
DEITAR	DEITAR	DEITAR	DEITAR
DEIXA	DEIXA	—	DEIXA, DEICHA
DEIXAÇAM	DEIXAÇAM	DEIXAÇÃO	DEIXAÇÃO
DEIXADO	DEIXADO	DEIXADO	DEIXADO
DEIXAR	DEIXAR	DEIXAR	DEIXAR
DELAMBER-SE	—	—	DELAMBER-SE
DELAMBIDO	—	—	DELAMBIDO, DESLAMBIDO
—	—	—	DELATADO
DELATAR	DELATAR	DELATAR	DELATAR
DELATOR	DELATOR	DELATOR	DELATOR
DELECTO	—	—	DELECTO
DELEGAÇAM	—	DELEGAÇÃO	DELEGAÇÃO
DELEGADA	—	—	—
DELEGADO	—	DELEGADO	DELEGADO
DELEGAR	—	DELEGAR	DELEGAR
DELEITAÇAM	DELEITAÇAM	DELEITAÇÃO	DELEITAÇÃO
DELEITAR	DELEITAR	DELEITAR	DELEITAR
DELEITAVEL	DELEITAVEL	—	DELEITAVEL
DELEITE	—	DELEITE	DELEITE
—	—	—	DELEITOSAMENTE
DELEITOSO	—	—	DELEITOSO

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DELEIXADAMENTE
DELEIXADO	—	—	DELEIXADO
DELEIXAMENTO	—	DELEIXAMENTO	DELEIXAMENTO
DELETERIO	—	—	DELETERIO
DELETREAR*	—	—	DELETREAR
DELFI	—	—	—
DELFICO	—	DELFICO	—
DELFINADO	—	DELFINADO	DELFINADO
DELFINADO	—	DELFINADO	—
DELFOS	—	DELFOS	—
—	—	—	DELGAÇAR
DELGADAMENTE	DELGADAMENTE	DELGADAMENTE	DELGADAMENTE
DELGADEZA	DELGADEZA	DELGADEZA	DELGADEZA
DELGADO	DELGADO	DELGADO	DELGADO
DELI	—	—	—
DELIA	—	—	DELIA
DELIBERAÇAM	DELIBERAÇAM	DELIBERAÇÃO	DELIBERAÇÃO
DELIBERADAMENTE	DELIBERADAMENTE	DELIBERADAMENTE	DELIBERADAMENTE
DELIBERADO	DELIBERADO	DELIBERADO	DELIBERADO
DELIBERAR	DELIBERAR	DELIBERAR	DELIBERAR
DELIBERATIVO	—	—	DELIBERATIVO
DELICADAMENTE	DELICADAMENTE	DELICADAMENTE	DELICADAMENTE
DELICADEZA	—	DELICADEZA	DELICADEZA
DELICADO	DELICADO	DELICADO	DELICADO
DELICIA	DELICIA	DELICIA	DELICIA
DELICIARSE*	—	—	DELICIAR
DELICIOSAMENTE	DELICIOSAMENTE	DELICIOSAMENTE	DELICIOSAMENTE
DELICIOSO	DELICIOSO	DELICIOSO	DELICIOSO
DELICTO	DELICTO	DELICTO	DELICTO
DELIDO	DELIDO	DELIDO	DELIDO, DILIDO
DELINEAÇAM	DELINEAÇAM	DELINEAÇÃO	DELINEAÇÃO
DELINEADO	DELINEADO	—	DELINEADO
—	—	—	DELINEADOR
—	—	—	DELINEAMENTO
DELINEAR	DELINEAR	DELINEAR	DELINEAR
DELINEATIVO	—	—	DELINEATIVO
DELINQUENTE	DELINQUENTE	DELINQUENTE	DELINQUENTE
DELINQUIR	DELINQUIR	DELINQUIR	DELINQUIR
DELIO	—	—	DELIO
DELIQUAR	—	—	DELIQUAR
DELIQUIO	—	DELIQUIO	DELIQUIO
DELIR	DELIR	—	DELIR, DILIR
—	—	—	DELIRAÇÃO
DELIRAMENTO	—	—	DELIRAMENTO
—	—	—	DELIRANTE
DELIRAR	DELIRAR	DELIRAR	DELIRAR
DELIRIO	DELIRIO	DELIRIO	DELIRIO
DELIS*	—	—	DELIS
DELITO	DELITO	DELITO	DELITO
—	—	—	DELIVRAMENTO
DELIVRAR	—	DELIVRAR	DELIVRAR-SE
DELLES*	—	—	—
DELONGA	—	DELONGA	DELONGA
—	—	—	DELONGADO
—	—	—	DELONGADOR
—	—	—	DELONGAR
DELONGO*	—	—	DELONGO
DELOS	—	—	—
DELPHICO	—	DELPHICO	—
DELPHOS	—	DELPHOS	—
DELTA*	—	—	—
DELTETON	—	DELTETON	DELTETON
—	—	—	DELTOIDES

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DELUBRO	—	DELUBRO	DELUBRO
DELUCIDARIO*	—	—	—
DELUTO	—	—	DELUTO
—	—	—	DEMAIS
DEMANDA	DEMANDA	DEMANDA	DEMANDA
DEMANDADO	—	—	DEMANDADO
DEMANDANTE	—	—	DEMANDANTE
DEMANDAR	DEMANDAR	DEMANDAR	DEMANDAR
DEMANDISTA	DEMANDISTA	DEMANDISTA	DEMANDISTA
DEMARCAÇAM	DEMARCAÇAM	DEMARCAÇÃO	DEMARCAÇÃO
—	—	—	DEMARCADAMENTE
—	—	—	DEMARCADO
DEMARCADOR	DEMARCADOR	DEMARCADOR	DEMARCADOR
DEMARCAR	DEMARCAR	DEMARCAR	DEMARCAR
DEMASIA	DEMASIA	DEMASIA	DEMASIA
DEMASIADAMENTE	DEMASIADAMENTE	DEMASIADAMENTE	DEMASIADAMENTE
DEMASIADAS	—	—	DEMASIADAS
DEMASIADO	DEMASIADO	DEMASIADO	DEMASIADO
DEMASIARSE	DEMASIARSE	—	DEMASIAR-SE
—	—	—	DEMEAR
DEMENCIA	—	DEMENCIA	DEMENCIA
—	—	—	DEMENTE
DEMERITO	—	DEMERITO	DEMERITO
DEMIGOLLA	—	—	DEMIGOLA
DEMINUIÇAM	—	—	DEMINUIÇÃO
DEMISSAM	—	DEMISSÃO	DEMISSÃO
DEMISSO	—	—	DEMISSO
DEMITIR	DEMITIR	—	DEMITTIR
DEMO	DEMO	DEMO	DEMO
DEMOCRACIA	—	DEMOCRACIA	DEMOCRACIA
DEMOCRACIO	—	DEMOCRACIO	DEMOCRACIO
—	—	—	DEMOCRATICO
DEMOLIÇAM	DEMOLIÇAM	DEMOLIÇÃO	DEMOLIÇÃO
—	—	—	DEMOLIDO
DEMOLIR	DEMOLIR	DEMOLIR	DEMOLIR
DEMOLITORIO	—	—	DEMOLITORIO
—	—	—	DEMONINHADO
DEMONIO	DEMONIO	DEMONIO	DEMONIO
DEMONSTRAÇAM	DEMONSTRAÇAM	DEMONSTRAÇÃO	DEMONSTRAÇÃO
DEMONSTRAR	DEMONSTRAR	DEMONSTRAR	DEMONSTRAR
DEMORA	DEMORA	DEMORA	DEMORA
—	—	—	DEMORADO
DEMORAR	DEMORAR	DEMORAR	DEMORAR
DEMOSTRAÇAM	DEMOSTRAÇAM	DEMOSTRAÇÃO	DEMOSTRAÇÃO
DEMOSTRADO	—	DEMOSTRADO	DEMOSTRADO, DEMONSTRADO
DEMOSTRADOR	—	—	DEMOSTRADOR, DEMONSTRADOR
DEMOSTANTE	—	—	DEMOSTANTE, DEMONSTRANTE
DEMOSTRAR	DEMOSTRAR	DEMOSTRAR	DEMOSTRAR
DEMOSTRATIVAMENTE	—	DEMOSTRATIVAMENTE	DEMOSTRATIVAMENTE, DEMONSTRATIVAMENTE
—	—	—	DEMONSTRATIVO
DEMOSTRATIVO	—	DEMOSTRATIVO	DEMONSTRATIVO
—	—	—	DEMOVER
DEMOVER	—	DEMOVER	DEMOVER
—	—	—	DEMOVIDO
DEMUDADO	DEMUDADO	DEMUDADO	DEMUDADO
DEMUDARSE	DEMUDARSE	DEMUDARSE	DEMUDAR-SE
DENARIO	—	DENARIO	DENARIO
DENDROPHOROS*	—	—	—
—	—	—	DENEGADO
DENEGAR	—	DENEGAR	DENEGAR
DENEGRIDO	DENEGRIDO	DENEGRIDO	DENEGRIDO
DENIA	—	DENIA	—
DENIGRIDO	—	DENIGRIDO	—

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DENIGRIR	DENIGRIR	DENIGRIR	—
—	—	—	DENODADAMENTE
DENODADO	—	DENODADO	DENODADO
—	—	—	DENODAMENTO
DENODO	—	—	DENODO
DENOMINAÇAM	—	DENOMINAÇÃO	DENOMINAÇÃO
—	—	—	DENOMINADO
DENOMINADOR	—	—	DENOMINADOR
DENOMINAR-SE	—	—	DENOMINAR
—	—	—	DENOTAÇÃO
—	—	—	DENOTADO
—	—	—	DENOTADOR
DENOTAR	DENOTAR	DENOTAR	DENOTAR
DENSAMENTE	—	DENSAMENTE	DENSAMENTE
DENSIDADE	—	DENSIDADE	DENSIDADE
DENSO	—	DENSO	DENSO
DENTADA	DENTADA	DENTADA	DENTADA
DENTADO	DENTADO	DENTADO	DENTADO
—	—	—	DENTAES
DENTAM	—	DENTAÕ	DENTÃO
—	—	—	DENTAR
DENTE	DENTE	DENTE	DENTE
—	—	—	DENTEBRUM
DENTIFRICO*	—	DENTIFRICO*	—
—	—	—	DENTILHÕES
DENTINHO	DENTINHO	DENTINHO	DENTINHO
DENTRO	DENTRO	DENTRO	DENTRO
DENTUÇA	DENTUÇA	DENTUÇA	DENTUÇA
—	—	—	DENTUDO
DENUNCIACAM	DENUNCIACAM	DENUNCIACAO	DENUNCIACAO
DENUNCIADO	DENUNCIADO	DENUNCIADO	DENUNCIADO
DENUNCIADOR	DENUNCIADOR	DENUNCIADOR	DENUNCIADOR
DENUNCIAR	DENUNCIAR	DENUNCIAR	DENUNCIAR
DEOS	DEOS	DEOS	DEOS
DEOSA	DEOSA	DEOSA	DEOSA
DEOSES	DEOSES	DEOSES	—
—	—	—	DEPARADO
DEPARAR	DEPARAR	DEPARAR	DEPARAR
DEPARTIÇÃO*	—	—	DEPARTIÇÃO
DEPARTIR	—	—	DEPARTIR
DEPENNADO	DEPENNADO	DEPENNADO	DEPENNADO
DEPENNAR	DEPENNAR	DEPENNAR	DEPENNAR
DEPENDENCIA	DEPENDENCIA	DEPENDENCIA	DEPENDENCIA
DEPENDENTE	—	DEPENDENTE	DEPENDENTE
DEPENDER	DEPENDER	DEPENDER	DEPENDER
DEPENDURA	DEPENDURA	DEPENDURA	DEPENDURA
—	—	—	DEPENDURADO
—	—	—	DEPENDURAR
DEPENICADO	—	DEPENICADO	DEPENICADO
DEPENICAR	—	DEPENICAR	DEPENICAR
DEPETADO*	—	—	—
—	—	—	DEPHLEGMADO
DEPLORADO	—	DEPLORADO	DEPLORADO
DEPLORAR*	—	—	DEPLORAR
DEPLORAVEL	DEPLORAVEL	DEPLORAVEL	DEPLORAVEL
—	—	—	DEPOENTE
—	—	—	DEPOER
DEPOIMENTO	DEPOIMENTO	DEPOIMENTO	DEPOIMENTO
DEPOIS	DEPOIS	DEPOIS	DEPOIS
DEPONENTE*	—	—	DEPONENTE
DEPOPULADO*	—	—	DEPOPULADO
—	—	—	DEPOPULAR
DEPOR	DEPOR	DEPOR	DEPOR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DEPORTAÇAM	—	—	DEPORTAÇÃO
—	—	—	DEPORTADO
—	—	—	DEPORTE
DEPOSIÇAM	DEPOSIÇAM	DEPOSIÇÃO	DEPOSIÇÃO
DEPOSITADO	DEPOSITADO	DEPOSITADO	DEPOSITADO
DEPOSITADOR	DEPOSITADOR	—	DEPOSITADOR
DEPOSITAR	DEPOSITAR	DEPOSITAR	DEPOSITAR
DEPOSITARIO	DEPOSITARIO	DEPOSITARIO	DEPOSITARIO
DEPOSITO	DEPOSITO	DEPOSITO	DEPOSITO
DEPOSTO	DEPOSTO	DEPOSTO	DEPOSTO
DEPRAÇA*	—	—	—
—	—	—	DEPRÃO
DEPRAVAÇAM	DEPRAVAÇAM	DEPRAVAÇÃO	DEPRAVAÇÃO
DEPRAVADAMENTE	—	DEPRAVADAMENTE	DEPRAVADAMENTE
—	—	—	DEPRAVADISSIMO
DEPRAVADO	DEPRAVADO	DEPRAVADO	DEPRAVADO
DEPRAVADOR	—	DEPRAVADOR	DEPRAVADOR
DEPRAVAR	DEPRAVAR	DEPRAVAR	DEPRAVAR
DEPRECAÇAM	—	DEPRECAÇÃO	DEPRECAÇÃO
—	—	—	DEPRECADO
DEPRECADOR*	—	—	—
—	—	—	DEPRECANTE
DEPRECAR	DEPRECAR	DEPRECAR	DEPRECAR
DEPRECATORIA*	—	—	DEPRECATORIO
—	—	—	DEPREDAÇÃO
—	—	—	DEPEDADO
—	—	—	DEPEDADOR
DEPEDAR	—	DEPEDAR	DEPEDAR
DEPRESSA	DEPRESSA	DEPRESSA	DEPRESSA
—	—	—	DEPRESSÃO
—	—	—	DEPRESSOR
DEPRIMIDO	—	DEPRIMIDO	DEPRIMIDO
DEPRIMIR	—	DEPRIMIR	DEPRIMIR
DEPTERAS	—	—	DEPTERA
—	—	—	DEPUTAÇÃO
DEPUTADO	DEPUTADO	DEPUTADO	DEPUTADO
DEPUTAR	DEPUTAR	DEPUTAR	DEPUTAR
—	—	—	DEQUITAR-SE
DERBENT*	—	—	—
DERBICES*	—	—	—
DERCETO*	—	—	—
DEREITAMENTE	—	—	—
DERELICTO	—	DERELICTO	DERELICTO
DERIVAÇAM	DERIVAÇAM	DERIVAÇÃO	DERIVAÇÃO
DERIVADO	DERIVADO	—	DERIVADO
DERIVANTE	—	—	DERIVANTE
DERIVAR	DERIVAR	—	DERIVAR
DERIVATIVO	DERIVATIVO	DERIVATIVO	DERIVATIVO
DERIVATORIO	—	—	DERIVATORIO
DERNIS*	—	—	—
DEROGAÇAM	—	DEROGAÇÃO	DEROGAÇÃO
—	—	—	DEROGADO
—	—	—	DEROGADOR
DEROGAR	DEROGAR	DEROGAR	DEROGAR
DEROGATORIO	—	DEROGATORIO	DEROGATORIO
DERPT*	—	—	—
DERRABADO	DERRABADO	DERRABADO	DERRABADO
DERRABAR	DERRABAR	DERRABAR	DERRABAR
—	—	—	DERRADEIRAMENTE
DERRADEIRO	DERRADEIRO	DERRADEIRO	DERRADEIRO
—	—	—	DERRAMA
DERRAMADO	DERRAMADO	DERRAMADO	DERRAMADO
DERRAMADOR	—	DERRAMADOR	DERRAMADOR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DERRAMAMENTO	—	DERRAMAMENTO	DERRAMAMENTO
DERRAMAR	DERRAMAR	DERRAMAR	DERRAMAR
—	—	—	DERRANCADO
—	—	—	DERRANCAMENTO
DERRANCAR*	—	—	DERRANCAR
DERRANGAR*	—	—	—
DERREADO	DERREADO	DERREADO	DERREADO
—	—	—	DERREAMENTO
DERREAR	DERREAR	DERREAR	DERREAR
DERREDOR	—	DERREDOR	DERREDOR
—	—	—	DERREGADO
DERREGAR	—	—	DERREGAR
DERRENCAR*	—	—	—
DERRETER	DERRETER	DERRETER	DERRETER
DERRETIDO	DERRETIDO	DERRETIDO	DERRETIDO
DERRETIMENTO	—	—	DERRETIMENTO
DERRIBADO	DERRIBADO	DERRIBADO	DERRIBADO
—	—	—	DERRIBADOR
—	—	—	DERRIBADOURO
—	—	—	DERRIBAMENTO
—	—	—	DERRIBAR
—	—	—	DERRIÇADO
DERRIÇAR	—	DERRIÇAR	DERRIÇAR
—	—	—	DERROCADO
DERROCAR	—	DERROCAR	DERROCAR
DERROGAR	—	DERROGAR	—
DERROTA	DERROTA	DERROTA	DERROTA
DERROTADO	DERROTADO	DERROTADO	DERROTADO
DERROTAR	DERROTAR	DERROTAR	DERROTAR
DERRUBADO	DERRUBADO	DERRUBADO	DERRUBADO
DERRUBADOURO	—	DERRUBADOURO	DERRUBADOURO
DERRUBAR	—	DERRUBAR	DERRUBAR
—	—	—	DERRUIDO, DERROIDO
—	—	—	DERRUIR
DERVIZ	—	—	DERVIS
—	—	—	DESÁBADO
DESABAFADO	—	DESABAFADO	DESABAFADO
—	—	—	DESABAFAMENTO
DESABAFAR	DESABAFAR	DESABAFAR	DESABAFAR
DESABALADAMENTE	—	DESABALADAMENTE	DESABALADAMENTE
DESABALADO	—	DESABALADO	DESABALADO
—	—	—	DESABAR
—	—	—	DESABE
—	—	—	DESABILITADO
—	—	—	DESABILITAR
DESABITADO	—	DESABITADO	DESABITADO
DESABITAR	—	DESABITAR	DESABITAR
DESABITUADO	—	DESABITUADO	DESABITUADO
DESABITUAR	—	DESABITUAR	DESABITUAR
—	—	—	DESABONADO
—	—	—	DESABONADOR
DESABONAR	DESABONAR	DESABONAR	DESABONAR
DESABONO	DESABONO	DESABONO	DESABONO
—	—	—	DESABORIDO
—	—	—	DESABOTOADO
DESABOTOAR	DESABOTOAR	DESABOTOAR	DESABOTOAR
DESABRIDAMENTE	—	DESABRIDAMENTE	DESABRIDAMENTE
DESABRIDO	DESABRIDO	DESABRIDO	DESABRIDO
DESABRIGADO	DESABRIGADO	DESABRIGADO	DESABRIGADO
DESABRIGAR	—	DESABRIGAR	DESABRIGAR
DESABRIGO	DESABRIGO	DESABRIGO	DESABRIGO
DESABRIMENTO	DESABRIMENTO	DESABRIMENTO	DESABRIMENTO
DESABRIR	DESABRIR	DESABRIR	DESABRIR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DESABROCHADO
DESABROCHAR	—	—	DESABROCHAR
—	—	—	DESABUSADO
—	—	—	DESABUSAR
—	—	—	DESACARVAR
—	—	—	DESACATADAMENTE
—	—	—	DESACATADO
—	—	—	DESACATAMENTO
DESACATAR	—	DESACATAR	DESACATAR
DESACATO	DESACATO	DESACATO	DESACATO
—	—	—	DESACERTADO
DESACERTAR	—	—	DESACERTAR
DESACERTO	DESACERTO	DESACERTO	DESACERTO
—	—	—	DESACOBARDADO, DESACOVARDADO
DESACOBARDAR	—	DESACOBARDAR	DESACOBARDAR
DESACOMMODADO	DESACOMMODADO	DESACOMODADO	DESACOMMODADO
DESACOMMODAR	DESACOMMODAR	DESACOMODAR	DESACOMMODAR
DESACOMPANHADO	—	DESACOMPANHADO	DESACOMPANHADO
DESACOMPANHAR	—	DESACOMPANHAR	DESACOMPANHAR
—	—	—	DESACONSELHADO
DESACONSELHAR	—	DESACONSELHAR	DESACONSELHAR
—	—	—	DESACORAÇÃOAMENTO, DESACORÇÃOAMENTO
—	—	—	DESACORAÇÃOADO, DESCORAÇÃOADO, DESCOROÇÃOADO, DESCORAÇÃOADO
DESACORAÇÃOAR*	—	—	DESACORAÇÃOAR
DESACORDADO	DESACORDADO	DESACORDADO	DESACORDADO
DESACORDAR	—	—	DESACORDAR
DESACORDO	DESACORDO	—	DESACORDO
—	—	—	DESACORDATIVO
—	—	—	DESACOROÇÃOADO
—	—	—	DESACORRIDO
—	—	—	DESACOSTUMADAMENTE
DESACOSTUMADO	DESACOSTUMADO	DESACOSTUMADO	DESACOSTUMADO
DESACOSTUMAR	DESACOSTUMAR	DESACOSTUMAR	DESACOSTUMAR
—	—	—	DESACRAVAR
DESACREDITADO	DESACREDITADO	DESACREDITADO	DESACREDITADO
—	—	—	DESACREDITADOR
DESACREDITAR	DESACREDITAR	DESACREDITAR	DESACREDITAR
—	—	—	DESADORAÇÃO
DESADORADO	—	DESADORADO	DESADORADO
DESADORAR	DESADORAR	DESADORAR	DESADORAR
—	—	—	DESАFAZER
DESАFECTAÇAM	—	—	DESАFECTAÇÃO
DESАFECTADO	—	—	DESАFECTADO
DESАFECTO	—	—	DESАFECTO
DESАFEIÇAM	—	DESАFEIÇÃO	DESАFEIÇÃO
DESАFEIÇADO	—	DESАFEIÇADO	DESАFEIÇADO
DESАFEIÇOAR	—	DESАFEIÇOAR	DESАFEIÇOAR
—	—	—	DESАFEITO
—	—	—	DESАFERRADO
DESАFERRAR	DESАFERRAR	—	DESАFERRAR
—	—	—	DESАFERROLHADO
DESАFERROLHAR	—	DESАFERROLHAR	DESАFERROLHAR
—	—	—	DESАFIAÇÃO
—	DESАFIADO	—	DESАFIADO
DESАFIADOR	—	DESАFIADOR	DESАFIADOR
DESАFIAR	DESАFIAR	DESАFIAR	DESАFIAR
—	—	—	DESАFIGURADO
DESАFINADO	DESАFINADO	DESАFINADO	DESАFINADO
DESАFINAR	DESАFINAR	DESАFINAR	DESАFINAR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESAFIO	DESAFIO	DESAFIO	DESAFIO
—	—	—	DESAFIUSAR
DESAFOGADO	DESAFOGADO	DESAFOGADO	DESAFOGADO
DESAFOGAR	DESAFOGAR	—	DESAFOGAR
DESAFOGO	DESAFOGO	—	DESAFOGO
DESAFORADAMENTE	DESAFORADAMENTE	DESAFORADAMENTE	DESAFORADAMENTE
DESAFORADO	DESAFORADO	DESAFORADO	DESAFORADO
—	—	—	DESAFORAMENTO
DESAFORAR	DESAFORAR	—	DESAFORAR
DESAFORO	DESAFORO	—	DESAFORO
DESAFORTUNADO	DESAFORTUNADO	DESAFORTUNADO	DESAFORTUNADO
DESAFREGUESADO	—	DESAFREGUEZADO	DESAFREGUESADO
—	—	—	DESAFREGUESAR
—	—	—	DESAFRONTA
—	—	—	DESAFRONTADO
DESAFRONTAR	DESAFRONTAR	DESAFRONTAR	DESAFRONTAR
—	—	—	DESAFUMAR
—	—	—	DESAFUSCAR
DESAGASALHADO	DESAGASALHADO	DESAGASALHADO	DESAGASALHADO
DESAGASALHAR	—	DESAGASALHAR	DESAGASALHAR
—	—	—	DESAGASALHO
DESAGASTADO	DESAGASTADO	DESAGASTADO	DESAGASTADO
DESAGASTAR	DESAGASTAR	DESAGASTAR	DESAGASTAR
—	—	—	DESAGOADEIRO
—	—	—	DESAGOADO
DESAGOAR	DESAGOAR	DESAGUAR	DESAGOAR
—	—	—	DESAGRADO
DESAGRADAR	DESAGRADAR	DESAGRADAR	DESAGRADAR
DESAGRADAVEL	DESAGRADAVEL	DESAGRADAVEL	DESAGRADAVEL
DESAGRADAVELMENTE	—	DESAGRADAVELMENTE	DESAGRADAVELMENTE
DESAGRADECER	—	DESAGRADECER	DESAGRADECER
—	—	—	DESAGRADECIDAMENTE
DESAGRADECIDO	DESAGRADECIDO	DESAGRADECIDO	DESAGRADECIDO, DESAGARDECIDO
—	—	—	DESAGRADECIMENTO
DESAGRADECIMENTO	DESAGRADECIMENTO	DESAGRADECIMENTO	DESAGRADECIMENTO
DESAGRADO	—	DESAGRADO	DESAGRADO
—	—	—	DESAGRAVADO
DESAGRAVAR	DESAGRAVAR	DESAGGRAVAR	DESAGRAVAR
DESAGRAVO	DESAGRAVO	DESAGGRAVO	DESAGRAVO
—	—	—	DESAGUAR
—	—	—	DESAGUISADAMENTE
DESAGUISADO	—	—	DESAGUISADO
DESAGUIZO	—	—	DESAGUIZO
DESAINADURA	—	—	DESAINADURA
DESAIRAR	—	—	DESAIRAR
DESAIRE	—	DESAIRE	DESAIRE
DESAIROSAMENTE	DESAIROSAMENTE	DESAIROSAMENTE	DESAIROSAMENTE
DESAIROSO	DESAIROSO	DESAIROSO	DESAIROSO
—	—	—	DESAJUDADO
DESAJUDAR	—	DESAJUDAR	DESAJUDAR
—	—	—	DESALBARDADO
DESALBARDAR	DESALBARDAR	DESALBARDAR	DESALBARDAR
—	—	—	DESALFORJAR
—	—	—	DESALAGADO
DESALAGAR	DESALAGAR	DESALAGAR	DESALAGAR
—	—	—	DESALENTADO
DESALENTARSE*	—	—	DESALENTAR
—	—	—	DESALIADO
DESALINHADO	—	DESALINHADO	DESALINHADO
DESALINHAR	—	DESALINHAR	DESALINHAR
DESALINHO	—	DESALINHO	DESALINHO
DESALIVADO*	—	—	DESALIVADO, DESALIVIADO
—	—	—	DESALIVAMENTO

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESALIVIAR	—	DESALIVIAR	DESALIVIAR
DESALMADO	DESALMADO	DESALMADO	DESALMADO
—	—	—	DESALMAMENTO
DESALMAR	—	—	DESALMAR
—	—	—	DESALOJADO
DESALOJAR	DESALOJAR	DESALOJAR	DESALOJAR
—	—	—	DESALTERADO
DESALTERAR	—	—	DESALTERAR
DESALUMBRAMENTO	—	DESALUMBRAMENTO	—
DESAMADO	—	DESAMADO	DESAMADO
—	—	—	DESAMADOR
DESAMANHAR	—	DESAMANHAR	DESAMANHAR
DESAMAR	—	DESAMAR	DESAMAR
—	—	—	DESAMARRADO
DESAMARRAR	DESAMARRAR	DESAMARRAR	DESAMARRAR
—	—	—	DESAMAVEL
—	—	—	DESAMBIÇÃO
DESAMOR	—	DESAMOR	DESAMOR
DESAMORADO	—	DESAMORADO	DESAMORADO
DESAMORAVEL	—	DESAMORAVEL	DESAMORAVEL
DESAMORAVELMENTE	—	DESAMORAVELMENTE	DESAMORAVELMENTE
—	—	—	DESAMOROSO
DESAMPARADO	DESAMPARADO	DESAMPARADO	DESAMPARADO
—	—	—	DESAMUADO
DESAMUARSE	DESAMUARSE	—	DESAMUAR-SE
—	DESANCAR	—	—
—	—	—	DESANCORADO
DESANCORAR	—	DESANCORAR	DESANCORAR
—	—	—	DESANDADO
—	—	—	DESANDADOR
DESANDAR	DESANDAR	DESANDAR	DESANDAR
DESANGRADO	—	DESANGRADO	DESANGRADO
DESANGAR	—	DESANGAR	DESANGAR
—	—	—	DESANIMADO
DESANIMAR	DESANIMAR	DESANIMAR	DESANIMAR
—	—	—	DESANINHO
DESANINHAR	—	DESANINHAR	DESANINHAR
—	—	—	DESANNEXADO
DESANNEXAR	DESANNEXAR	—	DESANNEXAR
—	—	—	DESANOJAR
DESAPAXONADAMENTE	DESAPAXONADAMENTE	DESAPAXONADAMENTE	DESAPAXONADAMENTE
DESAPAXONADO	DESAPAXONADO	DESAPAXONADO	DESAPAXONADO, DESAPAXONADO
—	—	—	DESAPAXONAR, DESAPAXONAR
DESAPAXONAR	DESAPAXONAR	DESAPAXONAR	DESAPARECIMENTO
—	—	—	DESAPARECER
DESAPARECER	DESAPARECER	DESAPPARECER	DESAPARELHADO
—	—	—	DESAPARELHAR
DESAPARELHAR	DESAPARELHAR	DESAPARELHAR	DESAPARENTADO
DESAPARENTADO	—	DESAPARENTADO	DESAPARTAR
—	—	—	DESAPEGADAMENTE
—	—	—	DESAPEGADO
DESAPEGADO	DESAPEGADO	—	DESAPEGAR
DESAPEGAR*	—	—	DESAPEGAMENTO
—	—	—	DESAPERCEBIDAMENTE
DESAPERCEBIDO	—	DESAPERCEBIDO	DESAPERCEBIDO
—	—	—	DESAPERCEBIMENTO
—	—	—	DESAPERTADO
DESAPERTAR	DESAPERTAR	DESAPERTAR	DESAPERTAR
DESAPIEDADO*	—	—	DESAPIEDADO, DESAPIADADO
—	—	—	DESAPIEDAR
—	—	—	DESAPODERADO
DESAPODERAR	DESAPODERAR	DESAPODERAR	DESAPODERAR

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESAPODERADAMENTE	—	DESAPODERADAMENTE	DESAPODERADAMENTE
—	—	—	DESAPONTAR
—	—	—	DESAPOSSADO
DESAPOSSAR	DESAPOSSAR	DESAPOSSAR	DESAPOSSAR
DESAPRAZER	—	—	DESAPRAZER
DESAPRENDER	—	DESAPRENDER	DESAPRENDER
—	—	—	DESAPRESSADO
DESAPRESSAR	—	—	DESAPRESSAR
—	—	—	DESAPRIMORADO
—	—	—	DESAPROPOSITADO
—	—	—	DESAPROPRIADO
DESAPROPRIARSE	DESAPROPRIARSE	—	DESAPROPRIAR
—	—	—	DESAPROVAÇÃO
—	—	—	DESAPROVADO
—	—	—	DESAPROVADOR
DESAPROVAR*	DESAPROVAR*	—	DESAPROVAR
—	—	—	DESAPROVEITADAMENTE
DESAPROVEITADO	—	DESAPROVEITADO	DESAPROVEITADO
DESAPROVEITAR	—	—	DESAPROVEITAR
DESAR	DESAR	DESAR	DESAR
DESARAR	—	—	DESARAR
DESARCADO	—	DESARCADO	DESARCADO
DESARCAR	—	DESARCAR	DESARCAR
—	—	—	DESAREIADO
—	—	—	DESAREIAR
DESARMADO	DESARMADO	DESARMADO	DESARMADO
—	—	—	DESARMADOR
DESARMAR	DESARMAR	DESARMAR	DESARMAR
—	—	—	DESARRAIGADO
DESARRAYGAR	DESARRAYGAR	DESARRAIGAR	DESARRAIGAR, DESARREIGAR
—	—	—	DESARANHADO
DESARRANJADO	DESARRANJADO	DESARRANJADO	DESARRANJADO
DESARRANJAR	DESARRANJAR	DESARRANJAR	DESARRANJAR
DESARRANJO	DESARRANJO	DESARRANJO	DESARRANJO
—	—	—	DESARRASOADO
DESARRESOADAMENTE	DESARRESOADAMENTE	DESARREZOADAMENTE	DESARRESOADAMENTE
DESARREZOADO	DESARREZOADO	DESARREZOADO	DESARRESOADO
—	—	—	DESARRESOAMENTO
DESARREZOAR	—	—	DESARRESOAR
—	—	—	DESARRIMADO
—	—	—	DESARRIMO
—	—	—	DESARRUFAR
—	—	—	DESARRUGADO
—	—	—	DESARRUGAMENTO
DESARRUGAR	—	DESARRUGAR	DESARRUGAR
—	—	—	DESARRUMADO
—	—	—	DESARRUMAR
—	—	—	DESAVISADO
—	—	—	DESAVISAR
—	—	—	DESARVORADO
DESARVORAR	DESARVORADO DESARVORAR	DESARVORAR	DESARVORAR
—	—	—	DESASADAMENTE
DESASADO	—	DESAZADO	DESASADO
—	—	—	DESASAR
—	—	—	DESASAZONADO
DESASIDO	—	—	DESASIDO
—	—	—	DESASIR
DESASISADO	—	—	DESASISADO
—	—	—	DESASNADO
DESASNAR	—	DESASNAR	DESASNAR
DESASO	—	DESASO	DESASO
—	—	—	DESASSANHADO
—	—	—	DESASSANHAR-SE

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DESASSELLAR
—	—	—	DESASSISADO
DESASSISTIDO	—	—	DESASSISTIDO
—	—	—	DESASSISTIR
DESASOLVAR	—	—	DESASSOLVAR
—	—	—	DESASSOLUTO
DESASSOMBRADAMENTE	—	—	DESASSOMBRADAMENTE
DESASSOMBRADO	—	DESASSOMBRADO	DESASSOMBRADO
DESASSOMBRAR	—	—	DESASSOMBRAR
—	—	—	DESASSOCEGADAMENTE
DESASSOCEGADO	DESASSOCEGADO	DESASSOCEGADO	DESASSOCEGADO
DESASSOCEGAR	DESASSOCEGAR	DESASSOCEGAR	DESASSOCEGAR
DESASSOCEGO	DESASSOCEGO	DESASSOCEGO	DESASSOCEGO
DESASUSTAR*	—	—	—
DESASTRADAMENTE	—	DESASTRADAMENTE	DESASTRADAMENTE
DESASTRADO	—	DESASTRADO	DESASTRADO
DESASTRE	DESASTRE	DESASTRE	DESASTRE
—	—	—	DESATACADO
DESATACAR	DESATACAR	DESATACAR	DESATACAR
DESATADO	DESATADO	DESATADO	DESATADO
DESATAR	DESATAR	DESATAR	DESATAR
—	—	—	DESATAVIADAMENTE
—	—	—	DESATAVIADO
DESATAVIAR	—	DESATAVIAR	DESATAVIAR
—	—	—	DESATAVIO
DESATENÇAM	DESATENÇAM	DESATTENÇÃO	DESATENÇÃO, DESATTENÇÃO
DESATENDER	—	—	DESATENDER
DESATENDIDO	—	—	DESATENDIDO
DESATENTADAMENTE	DESATENTADAMENTE	DESATTENTADAMENTE	DESATENTADAMENTE
DESATENTADO	DESATENTADO	DESATTENTADO	DESATENTADO
DESATENTAR	—	DESATTENTAR	DESATENTAR
DESATENTO	DESATENTO	DESATTENTO	DESATENTO
DESATINADAMENTE	DESATINADAMENTE	DESATINADAMENTE	DESATINADAMENTE
DESATINADO	DESATINADO	DESATINADO	DESATINADO
DESATINAR	DESATINAR	DESATINAR	DESATINAR
DESATINO	DESATINO	DESATINO	DESATINO
—	—	—	DESATRAVESSADO
DESATRAVESSAR	—	—	DESATRAVESSAR
DESAVAGAR	—	—	DESAVAGAR
DESAUCIADO	—	DESAUCIADO	DESAUCIADO
DESAVENÇA	DESAVENÇA	DESAVENÇA	DESAVENÇA
DESAVENTURA	—	DESAVENTURA	DESAVENTURA
DESAVENTURADAMENTE	—	DESAVENTURADAMENTE	DESAVENTURADAMENTE
DESAVENTURADO	—	DESAVENTURADO	DESAVENTURADO
DESAVERGONHADAMENTE	DESAVERGONHADAMENTE	DESAVERGONHADAMENTE	DESAVERGONHADAMENTE
DESAVERGONHADO	DESAVERGONHADO	DESAVERGONHADO	DESAVERGONHADO
DESAVERGONHAMENTO	—	DESAVERGONHAMENTO	DESAVERGONHAMENTO
DESAVERGONHARSE	—	DESAVERGONHARSE	DESAVERGONHAR-SE
DESAVEZADO	—	DESAVEZADO	DESAVESADO
—	—	—	DESAVESAR
DESAVIAMENTO	—	—	DESAVIAMENTO
DESAVINDOS	DESAVINDOS	DESAVINDOS	DESAVINDO
DESAVIRSE	DESAVIRSE	—	DESAVIR-SE, DESAVIR
—	—	—	DESAVISAR
—	—	—	DESAUTHORADO
DESAUTHORAR*	—	—	DESAUTHORAR
DESAUTORIDADE	—	—	DESAUTORIDADE
DEAUTORIZADO	DEAUTORIZADO	DEAUTHORISADO	DEAUTORISADO
DEAUTORIZAR	DEAUTORIZAR	DEAUTHORISAR	DEAUTORISAR
DESAZADO	—	—	DESAZADO
—	—	—	DESBAGOADO
DESBAGOAR	—	DESBAGOAR	DESBAGOAR
—	—	—	DESBAGULHAR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DESBALSADO
DESBALSAR	—	—	DESBALSAR
—	—	—	DESBANCADO
DESBANCAR	—	—	DESBANCAR
DESBARATADAMENTE	—	DESBARATADAMENTE	DESBARATADAMENTE
—	—	—	DESBARATADISSIMO
DESBARATADO	—	DESBARATADO	DESBARATADO
DESBARATADOR	—	DESBARATADOR	DESBARATADOR
DESBARATAR	DESBARATAR	DESBARATAR	DESBARATAR
DESBARATE	DESBARATE	DESBARATE	DESBARATE
DESBARATO	—	—	DESBARATO
DESBARBADO	—	DESBARBADO	DESBARBADO
DESBARBAR*	—	—	—
DESBARRAR	—	—	DESBARRAR
—	—	—	DESBARRETADO
DESBARRETARSE	—	DESBARRETARSE	DESBARRETAR
DESBASTADO	—	DESBASTADO	DESBASTADO
—	—	—	DESBASTADOR
DESBASTAR	DESBASTAR	DESBASTAR	DESBASTAR
—	—	—	DESBASTARDAR
—	—	—	DESBAUTIZAR-SE
—	—	—	DESBEIÇAR
DESBOCADO	DESBOCADO	DESBOCADO	DESBOCADO
DESBOCARSE	—	—	DESBOCAR-SE
—	—	—	DESBOLADO
—	—	—	DESBORÇOLADO
—	—	—	DESBOROADO
—	—	—	DESBOROAR
DESBOTADO	DESBOTADO	DESBOTADO	DESBOTADO
DESBOTADURA	DESBOTADURA	DESBOTADURA	DESBOTADURA
DESBOTAR	DESBOTAR	DESBOTAR	DESBOTAR
—	—	—	DESBRAGADO
—	—	—	DESBRAVADO
DESBRAVAR	—	—	DESBRAVAR
—	—	—	DESBRINCAR
DESBROCHAR	—	DESBROCHAR	DESBROCHAR
DESBUCHAR	—	DESBUCHAR	DESBUCHAR
DESBULHO	—	DESBULHO	—
—	—	—	DESCABEÇADO
DESCABEÇAR	DESCABEÇAR	DESCABEÇAR	DESCABEÇAR
DESCABELLADO	—	DESCABELLADO	DESCABELLADO
—	—	—	DESCABELLAR
DESCADEIRAR	—	DESCADEIRAR	DESCADEIRAR
DESCAHIDA	DESCAHIDA	DESCAHIDA	DESCAHIDA
DESCAHIDO	DESCAHIDO	—	DESCAHIDO
DESCAHIMENTO	—	—	DESCAHIMENTO
DESCAHIR	DESCAHIR	—	DESCAHIR
DESCALÇAR	DESCALÇAR	DESCALÇAR	DESCALÇAR
DESCALÇO	DESCALÇO	DESCALÇO	DESCALÇO
—	—	—	DESCALVAR
DESCAMBAÇÃO*	—	—	DESCAMBAÇÃO
—	—	—	DESCAMBADELLA
DESCAMBADO*	DESCAMBADO	—	—
DESCAMBAR	—	DESCAMBAR	DESCAMBAR
—	—	—	DESCAMBIO
DESCAMINHADO	—	DESCAMINHADO	DESCAMINHADO
—	—	—	DESCAMINHADOR
DESCAMINHO	DESCAMINHO	DESCAMINHO	DESCAMINHO
—	—	—	DESCAMINHADOR
—	—	—	DESCAMINHAR
DESCAMPADO	DESCAMPADO	DESCAMPADO	DESCAMPADO
DESCANÇADAMENTE	DESCANÇADAMENTE	DESCANÇADAMENTE	DESCANÇADAMENTE
DESCANÇADO	DESCANÇADO	DESCANÇADO	DESCANÇADO

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESCANÇAM	—	—	DESCANÇÃO
DESCANÇAR	DESCANÇAR	DESCANÇAR	DESCANÇAR
DESCANÇO	DESCANÇO	DESCANÇO	DESCANÇO
—	—	—	DESCANTADO
DESCANTAR	—	DESCANTAR	DESCANTAR
DESCANTE	DESCANTE	DESCANTE	DESCANTE
—	DESCARADAMENTE	—	—
DESCARADO	DESCARADO	DESCARADO	DESCARADO
—	—	—	DESCARAMENTO
DESCARAPUÇADO	—	DESCARAPUÇADO	DESCARAPUÇADO
—	—	—	DESCARDEAR
DESCARGA	DESCARGA	DESCARGA	DESCARGA
DESCARGO	DESCARGO	DESCARGO	DESCARGO
—	—	—	DESCARIDOSO
DESCARNADO*	—	—	DESCARNADO
DESCARNAR	DESCARNAR	DESCARNAR	DESCARNAR
DESCARREGA	—	—	DESCARREGA
DESCARREGADO	—	DESCARREGADO	DESCARREGADO
—	—	—	DESCARREGAMENTO
DESCARREGAR	DESCARREGAR	DESCARREGAR	DESCARREGAR
—	—	—	DESCARRIADO
—	—	—	DESCARTADO
DESCARTAR	—	DESCARTAR	DESCARTAR
DESCARTE	—	DESCARTE	DESCARTE
—	—	—	DESCASA CASADOS
—	—	—	DESCASAMENTO
—	—	—	DESCASAR
—	—	—	DESCASADO
—	—	—	DESCASCAMENTO
DESCASCADO	DESCASCADO	DESCASCADO	—
DESCASCAR	DESCASCAR	DESCASCAR	DESCASCAR
DESCATIVAR	—	—	DESCATIVAR
DESCAVALGAR	—	—	DESCAVALGAR
DESCAVEIRADO	—	DESCAVEIRADO	DESCAVEIRADO
DESCENDENCIA	DESCENDENCIA	DESCENDENCIA	DESCENDENCIA
DESCENDENTE	DESCENDENTE	—	DESCENDENTE
DESCENDENTES	—	—	DESCENDENTES
DESCENDER	DESCENDER	DESCENDER	DESCENDER
DESCENDIMENTO	—	DESCENDIMENTO	DESCENDIMENTO
DESCENSAM	—	—	DESCENSÃO
—	—	—	DESCENSO
—	—	—	DESCENTE
DESCER	DESCER	DESCER	DESCER
—	—	—	DESCERCADO
DESCERCAR	—	DESCERCAR	DESCERCAR
—	—	—	DESCHANCELAR
DESCIDA	DESCIDA	DESCIDA	DESCIDA
—	—	—	DESCIMENTO
DESCINGIDO	DESCINGIDO	—	DESCINGIDO
DESCINGIR	DESCINGIR	—	DESCINGIR
DESCOALHAR	—	DESCOALHAR	DESCOALHAR
—	—	—	DESCOBERTA, DESCUBERTA
—	—	—	DESCOBERTAMENTE
DESCOBRIDOR	DESCOBRIDOR	DESCOBRIDOR	DESCOBRIDOR
DESCOBRIMENTO	DESCOBRIMENTO	DESCOBRIMENTO	DESCOBRIMENTO
DESCOBRIR	DESCOBRIR	DESCOBRIR	DESCOBRIR
DESCOCADAMENTE	—	DESCOCADAMENTE	DESCOCADAMENTE
DESCOCADO	—	DESCOCADO	DESCOCADO
DESCOCARSE	—	—	DESCOCAR-SE
DESCOCO	—	DESCOCO	DESCOCO
DESCODEAR	—	DESCODEAR	DESCODEAR
DESCOMEDIDAMENTE	—	DESCOMEDIDAMENTE	DESCOMEDIDAMENTE
DESCOMEDIDO	—	DESCOMEDIDO	DESCOMEDIDO

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESCOMEDIMENTO	—	DESCOMEDIMENTO	DESCOMEDIMENTO
DESCOMEDIRSE	—	—	DESCOMEDIR-SE
DESCOMER	—	DESCOMER	DESCOMER
DESCOMMODO	DESCOMMODO	DESCOMMODO	DESCOMODO
—	—	—	DESCOMPARADO
DESCOMPADRADO	—	DESCOMPADRADO	—
—	—	—	DESCOMPADRAR
DESCOMPASSADAMENTE	—	DESCOMPASSADAMENTE	DESCOMPASSADAMENTE
DESCOMPASSADO	DESCOMPASSADO	DESCOMPASSADO	DESCOMPASSADO
—	—	—	DESCOMPASSAR
DESCOMPOR	DESCOMPOR	DESCOMPOR	DESCOMPOR
DESCOMPOSIÇAM	—	DESCOMPOSIÇÃ	DESCOMPOSIÇÃ
DESCOMPOSTAMENTE	DESCOMPOSTAMENTE	DESCOMPOSTAMENTE	DESCOMPOSTAMENTE
DESCOMPOSTO	DESCOMPOSTO	DESCOMPOSTO	DESCOMPOSTO
DESCOMPOSTURA	DESCOMPOSTURA	DESCOMPOSTURA	DESCOMPOSTURA
—	—	—	DESCOMPRAZER
DESCONCERTADAMENTE	DESCONCERTADAMENTE	DESCONCERTADAMENTE	DESCONCERTADAMENTE
DESCONCERTADO	DESCONCERTADO	DESCONCERTADO	DESCONCERTADO
DESCONCERTAR	DESCONCERTAR	DESCONCERTAR	DESCONCERTAR
DESCONCERTO	—	DESCONCERTO	DESCONCERTO
DESCONCORDANCIA	DESCONCORDANCIA	DESCONCORDANCIA	DESCONCORDANCIA
—	—	—	DESCONCORDANTE
DESCONCORDAR	DESCONCORDAR	—	DESCONCORDAR
DESCONFIADAMENTE	DESCONFIADAMENTE	DESCONFIADAMENTE	DESCONFIADAMENTE
DESCONFIADO	DESCONFIADO	DESCONFIADO	DESCONFIADO
DESCONFIANÇA	DESCONFIANÇA	DESCONFIANÇA	DESCONFIANÇA
DESCONFIAR	DESCONFIAR	DESCONFIAR	DESCONFIAR
DESCONFORMAR	—	DESCONFORMAR	DESCONFORMAR
DESCONFORME	DESCONFORME	DESCONFORME	DESCONFORME
DESCONFORMIDADE	DESCONFORMIDADE	DESCONFORMIDADE	DESCONFORMIDADE
—	—	—	DESCONFORTADAMENTE
—	—	—	DESCONFORTADO
—	—	—	DESCONFORTAR
—	—	—	DESCONFORTO
DESCONHECER	DESCONHECER	DESCONHECER	DESCONHECER
DESCONHECIDO	DESCONHECIDO	DESCONHECIDO	DESCONHECIDO
DESCONHECIMENTO	—	DESCONHECIMENTO	DESCONHECIMENTO
—	—	—	DESCONJUNÇÃ
—	—	—	DESCONJUNTADO
—	—	—	DESCONJUNTAMENTO
DESCONJUNTARSE	DESCONJUNTARSE	DESCONJUNTARSE	DESCONJUNTAR
DESCONJUNTURA	—	DESCONJUNTURA	DESCONJUNTURA
—	—	—	DESCONSENTIDO
DESCONSENTIR	—	DESCONSENTIR	DESCONSENTIR
DESCONSOLAÇAM	DESCONSOLAÇAM	DESCONSOLAÇÃ	DESCONSOLAÇÃ
—	—	—	DESCONSOLADAMENTE
—	DESCONSOLIDADO	—	DESCONSOLIDADO
—	—	—	DESCONSOLIDADOR
—	—	—	DESCONSOLAR
—	—	—	DESCONSOLATIVO
—	—	—	DESCONSOLO
—	—	—	DESCONTADO
DESCONTAR	DESCONTAR	DESCONTAR	DESCONTAR
DESCONTENTADISSO	—	—	DESCONTENTADIÇ
DESCONTENTAMENTO	DESCONTENTAMENTO	DESCONTENTAMENTO	DESCONTENTAMENTO
DESCONTENTAR	DESCONTENTAR	DESCONTENTAR	DESCONTENTAR
—	—	—	DESCONTENTATIVO
DESCONTENTE	DESCONTENTE	DESCONTENTE	DESCONTENTE
DESCONTINENCIA	—	DESCONTINENCIA	DESCONTINENCIA
DESCONTINUAÇAM	—	DESCONTINUAÇÃ	DESCONTINUAÇÃ
—	—	—	DESCONTINUADAMENTE
DESCONTINUADO	—	DESCONTINUADO	DESCONTINUADO
DESCONTINUAR	—	DESCONTINUAR	DESCONTINUAR

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESCONTO	DESCONTO	DESCONTO	DESCONTO
DESCONVENIENCIA	—	DESCONVENIENCIA	DESCONVENIENCIAS
DESCONVENIENTE	—	DESCONVENIENTE	DESCONVENIENTE
DESCONVERSAR	—	—	DESCONVERSAR
DESCONVERSÁVEL	—	DESCONVERSÁVEL	DESCONVERSÁVEL
—	—	—	DESCONVERSÁVELMENTE
—	—	—	DESCONVIR
DESCORADO	DESCORADO	DESCORADO	DESCORADO
—	—	—	DESCORAMENTO
DESCORAR	DESCORAR	DESCORAR	DESCORAR
DESCORCHAR*	—	—	DESCOCHAR
DESCORÇOAR	DESCORÇOAR	DESCORÇOAR	—
DESCORNAR*	—	—	DESCORNAR
—	—	—	DESCOROADO
DESCOROAR	—	—	DESCOROAR
—	—	—	DESCORREGER-SE
DESCORRER	DESCORRER	—	DESCORRER-SE
DESCORSOAR	—	—	—
DESCORTEZ	DESCORTEZ	DESCORTEZ	DESCORTEZ
DESCORTEZIA	DESCORTEZIA	DESCORTEZIA	DESCORTEZIA
DESCORTEZMENTE	DESCORTEZMENTE	DESCORTEZMENTE	DESCORTEZMENTE
—	—	—	DESCORTIÇAR
DESCORTINAR	DESCORTINAR	DESCORTINAR	DESCORTINAR
DESCORTINO*	—	—	DESCORTINO
DESCOSER	DESCOSER	DESCOSER	DESCOSER
DESCOSIDO	DESCOSIDO	DESCOSIDO	DESCOSIDO
DESCOSIDURA	—	DESCOSIDURA	DESCOSIDURA
DESCOSTUMAR	DESCOSTUMAR	DESCOSTUMAR	DESCOSTUMAR
DESCOSTUME	DESCOSTUME	DESCOSTUME	DESCOSTUME
—	—	—	DESCOTOADO
DESCOUTAR	—	—	DESCOUTAR
DESCOZER	DESCOZER	DESCOZER	—
DESCREDITADO	—	—	DESCREDITADO
DESCREDITO	DESCREDITO	DESCREDITO	DESCREDITO
DESCREPANCIA	—	—	DESCREPANCIA
DESCREPAR	DESCREPAR	—	—
DESCRER	—	—	DESCRER
—	—	—	DESCRIDO
DESCREVER	DESCREVER	DESCREVER	DESCREVER
DESCRIPÇAM	DESCRIPÇAM	DESCRIPÇÃO	DESCRIPÇÃO
—	—	—	DESCRIPTOR
DESCUBERTAMENTE	DESCUBERTAMENTE	DESCUBERTAMENTE	—
DESCUBERTO	DESCUBERTO, DESCOBERTO	DESCUBERTO	DESCOBERTO
DESCUBRIR	DESCUBRIR	DESCUBRIR	—
DESCUIDADAMENTE	DESCUIDADAMENTE	DESCUIDADAMENTE	DESCUIDADAMENTE
DESCUIDADO	DESCUIDADO	DESCUIDADO	DESCUIDADO
DESCUIDARSE	DESCUIDARSE	DESCUIDARSE	DESCUIDAR
DESCUIDO	DESCUIDO	DESCUIDO	DESCUIDO, DESCUDO
—	—	—	DESCUIDOSO
DESCULPA	DESCULPA	DESCULPA	DESCULPA
—	—	—	DESCULPADO
—	—	—	DESCULPADOR
DESCULPAR	DESCULPAR	DESCULPAR	DESCULPAR
—	DESCULPAVEL	—	—
DESCURIOSIDADE*	DESCURIOSIDADE*	—	—
—	DESCURIOSO	—	—
DESCURSO	—	—	DESCURSO
DESDANHAR	—	DESDANHAR	DESDANHAR, DESDEGNAR-SE
DESDAR	—	DESDAR	DESDAR
DESDE	DESDE	DESDE	DESDE
DESDEM	DESDEM	DESDEM	DESDEM
—	—	—	DESDENHADO

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DESDENHADOR
DESDENHAR	DESDENHAR	DESDENHAR	DESDENHAR
DESDENHOSO	—	DESDENHOSO	DESDENHOSO
DESDENTADO	DESDENTADO	DESDENTADO	DESDENTADO
DESDENTAR	—	DESDENTAR	DESDENTAR
DESDITA	DESDITA	DESDITA	DESDITA
—	—	—	DESDITADO
DESDITOSAMENTE	DESDITOSAMENTE	DESDITOSAMENTE	DESDITOSAMENTE
DESDITOSO	DESDITOSO	DESDITOSO	DESDITOSO
DESDIZERSE	DESDIZERSE	DESDIZERSE	DESDIZER
—	—	—	DESDISIMENTO
DESDOBRADO	DESDOBRADO	DESDOBRADO	DESDOBRADO
DESDOBRAR	DESDOBRAR	DESDOBRAR	DESDOBRAR
—	—	—	DESDOURADO
DESDOURAR	—	DESDOURAR	DESDOURAR
DESDOURO	DESDOURO	DESDOURO	DESDOURO
—	—	—	DESECADO
—	—	—	DESECANTE
DESECAR	DESECAR	—	DESECAR
DESECATIVO	DESECATIVO	—	DESECATIVO
—	—	—	DESECLIPSADO
—	—	—	DESECLIPSAR-SE
DESEDIFICAR	—	—	DESEDIFICAR
—	—	—	DESEGURADO
DESEJADO	DESEJADO	DESEJADO	DESEJADO
DESEJAR	DESEJAR	DESEJAR	DESEJAR
DESEJAVEL	DESEJAVEL	—	DESEJAVEL
DESEJO	DESEJO	DESEJO	DESEJO
—	—	—	DESEJOSAMENTE
DESEJOSO	DESEJOSO	DESEJOSO	DESEJOSO
—	—	—	DESEMBAINHADURA
DESEMBAINHADA	DESEMBAINHADA	—	DESEMBAINHADA
DESEMBAINHAR	DESEMBAINHAR	DESEMBAINHAR	DESEMBAINHAR
DESEMBARAÇADAMENTE	DESEMBARAÇADAMENTE	DESEMBARAÇADAMENTE	DESEMBARAÇADAMENTE
DESEMBARAÇADO	DESEMBARAÇADO	DESEMBARAÇADO	DESEMBARAÇADO
DESEMBARAÇAR	DESEMBARAÇAR	DESEMBARAÇAR	DESEMBARAÇAR
DESEMBARAÇO	—	DESEMBARAÇO	DESEMBARAÇO
DESEMBARALHAR	—	DESEMBARALHAR	DESEMBARALHAR
—	—	—	DESEMBARCAÇÃO
DESEMBARCADOURO	—	—	DESEMBARCADOURO
DESEMBARCAR	DESEMBARCAR	DESEMBARCAR	DESEMBARCAR
—	—	—	DESEMBARGADAMENTE
DESEMBARGADOR	DESEMBARGADOR	DESEMBARGADOR	DESEMBARGADOR
DESEMBARGAR	—	DESEMBARGAR	DESEMBARGAR
DESEMBARGO	DESEMBARGO	DESEMBARGO	DESEMBARGO
DESEMBARQUE	DESEMBARQUE	DESEMBARQUE	DESEMBARQUE
DESEMBEBEDAR	—	—	DESEMBEBEDAR
DESEMBESTAR	—	—	DESEMBESTAR
DESEMBIRRAR	—	DESEMBIRRAR	DESEMBIRRAR
DESEMBOCAR	—	DESEMBOCAR	DESEMBOCAR
DESEMBOLÇAR	DESEMBOLÇAR	DESEMBOLÇAR	DESEMBOLÇAR
—	—	—	DESEMBOLÇO
DESEMBORRACHAR	—	—	DESEMBORRACHAR
—	—	—	DESEMBOSCAR-SE
—	—	—	DESEMBRAÇAR
DESEMBRAVECER	—	DESEMBRAVECER	DESEMBRAVECER
DESEMBRAVECIDO	—	DESEMBRAVECIDO	DESEMBRAVECIDO
DESEMBRENHAR	—	—	DESEMBRENHAR
—	—	—	DESEMBRIAGAR
DESEMBRULHAR	—	DESEMBRULHAR	DESEMBRULHAR
—	—	—	DESEMBUÇADAMENTE
—	—	—	DESEMBUÇADO
DESEMBUÇAR	DESEMBUÇAR	—	DESEMBUÇAR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESEMBUCHAR	—	DESEMBUCHAR	DESEMBUCHAR
DESEMBURRAR	—	DESEMBURRAR	DESEMBURRAR
DESEMBURULHAR	—	—	—
DESEMMALAR	—	—	DESEMMALAR
DESEMMARANHAR	—	DESEMMARANHAR	DESEMMARANHAR
DESEMMASCARAR*	—	—	—
—	—	—	DESEMMASTEADO
DESEMMASTEAR	—	DESEMMASTEAR	DESEMMASTEAR
DESEMMOINHAR*	—	—	DESEMMOINHAR
DESEMELHANÇA	—	—	—
DESEMPACHADO	—	DESEMPACHADO	DESEMPACHADO
DESEMPACHAR	—	DESEMPACHAR	DESEMPACHAR
DESEMPAPAR	—	—	DESEMPAPAR
DESEMPAPELAR	DESEMPAPELAR	—	DESEMPAPELAR
DESEMPAR	DESEMPAR	—	DESEMPAR
DESEMPARADO	DESEMPARADO	DESEMPARADO	DESEMPARADO
DESEMPARAR	DESEMPARAR, DESAMPARAR	DESEMPARAR	DESEMPARAR
DESEMPARELHAR	—	DESEMPARELHAR	DESEMPARELHAR
DESEMPARO	DESEMPARO, DESAMPARO	DESEMPARO	DESEMPARO
DESEMPAVEZAR	—	—	DESEMPAVEZAR
DESEMPEÇADO	—	DESEMPEÇADO	DESEMPEÇADO
DESEMPEÇAR	—	DESEMPEÇAR	DESEMPEÇAR
DESEMPEDIDO	DESEMPEDIDO	DESEMPEDIDO	DESEMPEDIDO
—	—	—	DESEMPEDIMENTO
DESEMPEDIR	DESEMPEDIR	—	DESEMPEDIR
DESEMPEDRAR	—	DESEMPEDRAR	DESEMPEDRAR
—	—	—	DESEMPEGAR
—	—	—	DESEMPENADO
DESEMPENAR	—	—	DESEMPENAR
—	—	—	DESEMPENHADO
—	—	—	DESEMPENHAMENTO
DESEMPENHAR	DESEMPENHAR	DESEMPENHAR	DESEMPENHAR
DESEMPENHO	DESEMPENHO	DESEMPENHO	DESEMPENHO
DESEMPERRAR	—	—	DESEMPERRAR
DESEMPESTAR	—	DESEMPESTAR	DESEMPESTAR
DESEMPOAR	—	DESEMPOAR	DESEMPOAR
—	—	—	DESEMPOÇAR
—	—	—	DESEMPOLGAR
—	—	—	DESEMPOR
DESEMPOSSAR	—	DESEMPOSSAR	DESEMPOSSAR
DESEMPRASTAR	—	DESEMPRASTAR	—
—	—	—	DESEMPRENHAR
DESEMPULHARSE	—	—	DESEMPULHARSE
—	—	—	DESEMPUNHADO
—	—	—	DESEMPUNHAR
—	—	—	DESENCABEÇAR
DESEMCABRESTADAMENTE	—	DESEMCABRESTADAMENTE	DESEMCABRESTADAMENTE
DESEMCABRESTAR	—	DESEMCABRESTAR	DESEMCABRESTAR
DESENCADEAR	—	DESENCADEAR	DESENCADEAR
DESENCADERNAR	DESENCADERNAR	DESENCADERNAR	DESENCADERNAR, DESENQUADERNAR
—	DESENCAXADAMENTE	—	—
DESENCAXADO	—	DESENCAXADO	DESENCAXADO
DESENCALHADA	—	—	—
DESENCALHAR	DESENCALHAR	—	DESENCALHAR
—	—	—	DESENCALMADAMENTE
DESENCALMADO	DESENCALMADO	DESENCALMADO	DESENCALMADO
DESENCALMAR	—	DESENCALMAR	DESENCALMAR
DESENCAMINHADO	DESENCAMINHADO	DESENCAMINHADO	DESENCAMINHADO
DESENCAMINHAR	DESENCAMINHAR	DESENCAMINHAR	DESENCAMINHAR
DESENCAMIZAR	—	—	DESENCAMISAR
DESENCAMPAR	—	DESENCAMPAR	DESENCAMPAR



<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESENGOMAR	—	DESENGOMMAR	DESENGOMAR
DESENGONÇADO	DESENGONÇADO	DESENGONÇADO	DESENGONÇADO
DESENGONÇAR	DESENGONÇAR	—	DESENGONÇAR
DESENGRAÇADAMENTE	DESENGRAÇADAMENTE	DESENGRAÇADAMENTE	DESENGRAÇADAMENTE
DESENGRAÇADO	DESENGRAÇADO	DESENGRAÇADO	DESENGRAÇADO
DESENGRAZAR	—	—	DESENGRAZAR
DESENGRENHAR	—	DESENGRENHAR	DESENGRENHAR, DESGRENHAR
DESENGROSSAR	—	DESENGROSSAR	DESENGROSSAR
DESENGUIÇAR	—	DESENGUIÇAR	DESENGUIÇAR
DESENHAR	—	DESENHAR	DESENHAR, DESSENHAR
DESENHO	DESENHO	DESENHO	DESENHO, DISSENHO
DESENJURIARSE	—	—	DESENJURIAR-SE
DESENLAÇAR	DESENLAÇAR	DESENLAÇAR	DESENLAÇAR
—	—	—	DESENLEAR
DESENNASTRADO	—	—	DESENNASTRADO
DESENNOVELLAR	DESENNOVELLAR	DESENNOVELAR	DESENNOVELLAR
DESENQUIETAÇAM	DESENQUIETAÇAM	DESENQUIETAÇÃO	DESENQUIETAÇÃO, DESINQUIETAÇÃO DESINQUIETADO
DESENQUIETAR	—	DESENQUIETAR	DESINQUIETAR
DESENQUIETO	DESENQUIETO	DESENQUIETO	DESINQUIETO
DESENREDAR	—	DESENREDAR	DESENREDAR
DESENROLADO	DESENROLADO	DESENROLADO	DESENROLADO
DESENROLAR	DESENROLAR	DESENROLAR	DESENROLAR
DESENROSCAR*	—	—	DESENROSCAR
DESENSACAR	—	DESENSACAR	DESENSACAR
DESENSEIAR	—	—	DESENSEIAR
DESENSINAR	—	—	DESENSINAR
—	—	—	DESENSOLVAR
—	—	—	DESENTÃO
DESENTENDER	—	DESENTENDER	DESENTENDER
DESENTENDIDO	DESENTENDIDO	DESENTENDIDO	DESENTENDIDO
DESENTERESSADAMENTE	DESENTERESSADAMENTE	DESENTERESSADAMENTE	DESINTERESSADAMENTE
DESENTERESSADO	DESENTERESSADO	DESENTERESSADO	DESENTERESSADO, DESINTERESSADO
DESENTERESSE	—	—	DESINTERESSE
DESENTERIA	DESENTERIA	DESENTERIA	DESENTERIA
—	—	—	DESENTERRADO
DESENTERRADOR	—	DESENTERRADOR	DESENTERRADOR
DESENTERRAR	DESENTERRAR	DESENTERRAR	DESENTERRAR
DESENTESOURAR	—	DESENTESOURAR	DESENTESOURAR
DESENTEZAR	—	—	DESENTEZAR
DESENTOADAMENTE	DESENTOADAMENTE	DESENTOADAMENTE	DESENTOADAMENTE
DESENTOADO	DESENTOADO	DESENTOADO	DESENTOADO
DESENTOAR	DESENTOAR	DESENTOAR	DESENTOAR
DESENTORPEÇER	—	DESENTORPEÇER	DESENTORPEÇER
DESENTRANÇAR	—	—	DESENTRANÇAR, DESTANÇAR
DESENTRANHADO	—	—	DESENTRANHADO
DESENTRANHAR	DESENTRANHAR	DESENTRANHAR	DESENTRANHAR
—	—	—	DESENTRESOLHAR
DESENTRONIZAR	—	DESENTRONISAR	DESENTRONIZAR
DESENTRONIZAR	DESENTRONIZAR	—	DESENTRONIZAR
DESENTULHAR	DESENTULHAR	DESENTULHAR	DESENTULHAR
DESENTUPIR	DESENTUPIR	DESENTUPIR	DESENTUPIR
DESENVAZAR	—	—	DESENVAZAR
DESENVENCILHARSE	—	—	DESENVENCILHAR-SE
DESENVERNAR	—	DESENVERNAR	DESENVERNAR
DESENVOLAR	—	—	DESENVOLAR
DESENVOLTAMENTE	DESENVOLTAMENTE	DESENVOLTAMENTE	DESENVOLTAMENTE
DESENVOLTO	DESENVOLTO	DESENVOLTO	DESENVOLTO
DESENVOLTURA	DESENVOLTURA	DESENVOLTURA	DESENVOLTURA
DESENVOLVER	—	—	DESENVOLVER
DESENXABIDAMENTE	—	DESENXABIDAMENTE	DESENXABIDAMENTE

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESENXABIDO	—	DESENXABIDO	DESENXABIDO
DESENXARCEAR	—	—	DESENXARCIAR
DESERDAÇAM	—	—	—
DESERÇÃO*	DESERÇAM	—	DESERÇÃO
DESERTAR*	DESERTAR	—	DESERTAR
DESERTA	—	—	—
DESERTO	DESERTO	DESERTO	DESERTO
DESERTOR	DESERTOR	DESERTOR	DESERTOR
DESERVIÇO	—	—	DESERVIÇO
DESERVIR	—	—	—
—	—	—	DESESCOMMUNGAR
—	—	—	DESESEISTARADO
DESESPANTAR-SE	—	—	DESESPANTAR
DESESPERAÇAM	DESESPERAÇAM	DESESPERAÇÃO	DESESPERAÇÃO
DESESPERADAMENTE	DESESPERADAMENTE	DESESPERADAMENTE	—
DESESPERADO	DESESPERADO	DESESPERADO	DESESPERADO
DESESPERAR	DESESPERAR	DESESPERAR	DESESPERAR
DESESQUIPADO	—	DESESQUIPADO	DESESQUIPADO
—	—	—	DESESTIMAÇÃO
DESESTIMADO	DESESTIMADO	DESESTIMADO	DESESTIMADO
—	—	—	DESESTIMADOR
DESESTIMAR	DESESTIMAR	DESESTIMAR	DESESTIMAR
DESFABRICAR	—	DESFABRICAR	DESFABRICAR
DESFAÇARSE*	—	—	DESFAÇAR-SE
DESFALCAMENTO	—	—	DESFALCAMENTO
DESFALCAR	—	DESFALCAR	DESFALCAR
DESFALECECER	DESFALECECER	DESFALECECER	DESFALECECER
DESFALECIDO	DESFALECIDO	DESFALECIDO	DESFALECIDO
DESFALECIMENTO	DESFALECIMENTO	DESFALECIMENTO	DESFALECIMENTO
—	—	—	DESFALQUE
—	—	—	DESFAÇAMENTO
DESFATIO	—	DESFATIO	DESFATIO
DESFAVOR	—	DESFAVOR	DESFAVOR
DESFAVOREÇER	—	DESFAVORECER	DESFAVORECER
DESFAVORECIDO	—	DESFAVORECIDO	DESFAVORECIDO
DESFAZER	DESFAZER	DESFAZER	DESFAZER
—	—	—	DESFAZIMENTO
DESFECHADO	—	DESFECHADO	DESFECHADO
DESFECHAR	—	DESFECHAR	DESFECHAR
DESFECHO	—	—	DESFECHO
—	—	—	DESFEIAR
DESFEITA	—	—	DESFEITA
DESFEITO	DESFEITO	DESFEITO	DESFEITO
—	—	—	DESFERIDO
DESFERIR	—	—	DESFERIR
—	—	—	DESFERRADO
DESFERRAR	DESFERRAR	DESFERRAR	DESFERRAR
DESFERROLHAR	—	DESFERROLHAR	—
DESFIADO	DESFIADO	DESFIADO	DESFIADO
DESFIAR	DESFIAR	DESFIAR	DESFIAR
DESFIGURAR	DESFIGURAR	DESFIGURAR	DESFIGURAR
DESFILADA	DESFILADA	DESFILADA	DESFILADA
—	—	—	DESFILADEIRO
DESFILAR	—	—	DESFILAR
DESFIVELLAR	—	DESFIVELLAR	DESFIVELLAR
DESFLEIMAR	—	DESFLEIMAR	DESFLEIMAR
—	—	—	DESFLORIDO
DESFOGONAR-SE	—	—	DESFOGONAR-SE
DESFOLHADA	DESFOLHADO	DESFOLHADA	DESFOLHADO
—	—	—	DESFOLHADOR
DESFOLHADURA	—	DESFOLHADURA	DESFOLHADURA
DESFOLHAR	DESFOLHAR	DESFOLHAR	DESFOLHAR
DESFORÇAR-SE	—	—	DESFORÇAR

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESFORMAR	—	DESFORMAR	DESFORMAR
DESFORME	—	DESFORME	DESFORME
—	—	—	DESFORRA
DESFORRAR	DESFORRAR	—	DESFORRAR
DESFRADADO	—	DESFRADADO	DESFRADADO
DESFRADARSE	—	DESFRADARSE	DESFRADAR-SE
—	—	—	DESFRALDADO
DESFRALDAR	—	—	DESFRALDAR, DEFALDAR
—	—	—	DESFRUNCHAR
DESFRUTAR	DESFRUTAR	—	DESFRUTAR
—	—	—	DESFUNDADO
DESFUNDAR	DESFUNDAR	DESFUNDAR	DESFUNDAR
DESGABADO	—	—	—
DESGABAR	—	DESGABAR	DESGABAR
DESGADELHADA	—	DESGADELHADA	—
DESGADELHAR	—	—	DESGADELHAR
DESGALHAR	—	—	DESGALHAR
—	—	—	DESGARRADA
DESGARRADO	—	DESGARRADO	DESGARRADO
DESGARRAR	—	DESGARRAR	DESGARRAR
—	DESGARREAR-SE	—	—
DESGARRO	—	DESGARRO	DESGARRO
—	—	—	DESGORJADO
DESGOSTAR	DESGOSTAR	DESGOSTAR	DESGOSTAR
DESGOSTO	DESGOSTO	DESGOSTO	DESGOSTO
DESGOSTOSO	DESGOSTOSO	DESGOSTOSO	DESGOSTOSO
DESGOVERNADO	DESGOVERNADO	DESGOVERNADO	DESGOVERNADO
DESGOVERNAR	—	DESGOVERNAR	DESGOVERNAR
DESGOVERNO	DESGOVERNO	DESGOVERNO	DESGOVERNO
DESGRAÇA	DESGRAÇA	DESGRAÇA	DESGRAÇA
DESGRAÇADAMENTE	DESGRAÇADAMENTE	DESGRAÇADAMENTE	DESGRAÇADAMENTE
DESGRAÇADO	DESGRAÇADO	DESGRAÇADO	DESGRAÇADO, DESGRACIADO
DESGRENHADO	—	DESGRENHADO	DESGRENHADO
DESGRUDAR	DESGRUDAR	DESGRUDAR	DESGRUDAR
—	—	—	DESGUARNECIDO
DESGUARNECER*	—	—	DESGUARNECER
DESHERDAÇAM	DESHERDAÇAM	DESHERDAÇAÕ	DESHERDAÇAÕ
DESHERDADO	DESHERDADO	DESHERDADO	DESHERDADO
DESHERDAR	DESHERDAR	DESHERDAR	DESHERDAR
DESHONESTAMENTE	DESHONESTAMENTE	DESHONESTAMENTE	DESHONESTAMENTE
—	—	—	DESHONESTAR
DESHONESTIDADE	DESHONESTIDADE	DESHONESTIDADE	DESHONESTIDADE
DESHONESTO	DESHONESTO	DESHONESTO	DESHONESTO
DESHONRA	DESHONRA	DESHONRA	DESHONRA
—	—	—	DESHONRADAMENTE
—	—	—	DESHONRADO
—	—	—	DESHONRADOR
DESHONRAR	DESHONRAR	DESHONRAR	DESHONRAR
DESHORADO	—	—	DESHORADO
DESHORAS	—	DESHORAS	DESHORAS
DESHUMANAMENTE	DESHUMANAMENTE	DESHUMANAMENTE	DESHUMANAMENTE
DESHUMANIDADE	—	DESHUMANIDADE	DESHUMANIDADE
DESHUMANO	DESHUMANO	DESHUMANO	DESHUMANO
—	—	—	DESJARRETAR
DESIDERADA*	—	—	—
DESIDIA	—	DESIDIA	DESIDIA
—	—	—	DESIGNAÇÃO
DESIGNADO	—	DESIGNADO	DESIGNADO
DESIGNAR	—	DESIGNAR	DESIGNAR
DESIGNIO	DESIGNIO	DESIGNIO	DESIGNIO
DESIGUAL	DESIGUAL	DESIGUAL	DESIGUAL
DESIGUALDADE	DESIGUALDADE	DESIGUALDADE	DESIGUALDADE
—	—	—	DESIGUALEZA

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESIGUALMENTE	—	DESIGUALMENTE	DESIGUALMENTE
—	—	—	DESIGUALAR
DESJEJUARSE	—	—	DESJEJUAR-SE
DESIMAGINAR	—	—	DESIMAGINAR
DESINÇAR	—	—	DESINÇAR
DESINCHADO	DESINCHADO	DESINCHADO	DESINCHADO
DESINCHAR	DESINCHAR	DESINCHAR	DESINCHAR
—	—	—	DESINCLINADO
DESINFECTAR*	—	—	DESINFECTAR
—	—	—	DESINFICIONADO
DESINFICIONAR	—	—	DESINFICIONAR
DESINFLAMAR	DESINFLAMAR	—	DESINFLAMMAR
DESINSAR	—	—	—
DESINVERNAR	—	—	DESINVERNAR
—	DESIRMANADO	—	—
DESIRMANAR	—	—	DESIRMANAR
—	—	—	DESISCAR
DESISTENCIA	DESISTENCIA	DESISTENCIA	DESISTENCIA
DESISTIR	DESISTIR	DESISTIR	DESISTIR
DESISTIVO	—	—	DESISTIVO
—	—	—	DESLAÇAR-SE
DESLACERAR	—	DESLACERAR	DESLACERAR
DESLADRILHAR	—	DESLADRILHAR	DESLADRILHAR
—	—	—	DESLAGEAR
DESLAMBERSE	—	—	DESLAMBER-SE
—	—	—	DESLAPIDADO
DESLASTRE*	—	—	DESLASTRE
DESLAVADO	—	DESLAVADO	DESLAVADO
—	—	—	DESLAVAMENTO
DESLAVAR	—	DESLAVAR	DESLAVAR
DESLAVRAR	—	DESLAVRAR	DESLAVRAR
DESLEAL	DESLEAL	DESLEAL	DESLEAL
DESLEALDADE	DESLEALDADE	DESLEALDADE	DESLEALDADE
DESLEALMENTE	DESLEALMENTE	DESLEALMENTE	—
DESLEIXADO	—	DESLEIXADO	DESLEIXADO
DESLIAR	—	—	DESLIAR
DESLIGAR	—	DESLIGAR	DESLIGAR
—	—	—	DESLINDADOR
DESLINDAR	—	DESLINDAR	DESLINDAR
—	—	—	DESLINGUADO
DESLIVRAR	—	—	DESLIVRAR
—	—	—	DESLIZADEIRO
DESLIZAR	—	DESLIZAR	DESLIZAR-SE
DESLOCAÇAM	—	DESLOCAÇÃO	DESLOCAÇÃO
DESLOCADO	—	DESLOCADO	DESLOCADO
DESLOCAR	DESLOCAR	DESLOCAR	DESLOCAR
DESLOCADURA	—	DESLOCADURA	DESLOCADURA
DESLOMBADO	—	DESLOMBADO	DESLOMBADO
DESLOMBAR	—	DESLOMBAR	DESLOMBAR
—	—	—	DESLOUVAR
DESLUMBRAMENTO	—	DESLUMBRAMENTO	DESLUMBRAMENTO
DESLUMBRAR	—	DESLUMBRAR	DESLUMBRAR
DESLUSTRAR	DESLUSTRAR	DESLUSTRAR	DESLUSTRAR
DESLUSTRE	DESLUSTRE	—	DESLUSTRE
DESLUZIDO	—	DESLUZIDO	DESLUZIDO
—	—	—	DESLUSIMENTO
DESLUZIR	DESLUZIR	DESLUZIR	DESLUZIR
DESMAGINADO	DESMAGINADO	—	DESMAGINADO
DESMAIADO	DESMAIADO	DESMAYADO	DESMAIADO
DESMAIAR	DESMAIAR	DESMAYAR	DESMAIAR
DESMAIIO	DESMAIIO	DESMAYO	DESMAIIO
—	—	—	DESMALHADO
—	—	—	DESMALHAR

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESMAMAR	DESMAMAR	DESMAMAR	DESMAMAR
DESMANCHADAMENTE	—	DESMANCHADAMENTE	DESMANCHADAMENTE
DESMANCHADO	DESMANCHADO	DESMANCHADO	DESMANCHADO
DESMANCHAPRAZERES	—	—	DESMANCHAPRAZERES
DESMANCHAR	DESMANCHAR	DESMANCHARSE	DESMANCHAR
DESMANCHO	—	—	DESMANCHO
DESMANDADO	—	DESMANDADO	DESMANDADO
DESMANDARSE	DESMANDARSE	DESMANDARSE	DESMANDAR
DESMANTELAR	—	DESMANTELAR	DESMANTELAR
DESMARCADAMENTE	—	DESMARCADAMENTE	DESMARCADAMENTE
DESMARCADO	DESMARCADO	DESMARCADO	DESMARCADO
DESMAREAR-SE	—	—	DESMAREAR-SE
DESMASTEAR	—	DESMASTEAR	DESMASTEAR, DESMASTRAR
DESMAZELADAMENTE	DESMAZELADAMENTE	DESMAZELADAMENTE	DESMAZELADAMENTE
DESMAZELADO	DESMAZELADO	DESMAZELADO	DESMAZELADO
DESMAZELAMENTO	—	DESMAZELAMENTO	DESMAZELAMENTO
DESMAZELO	DESMAZELO	DESMAZELO	DESMAZELO
DESMEDIDO	—	DESMEDIDO	DESMEDIDO
DESMEDIRSE	—	—	DESMEDIR-SE
DESMEDRAR	—	DESMEDRAR	DESMEDRAR
—	—	—	DESMELANCOLISADO
—	—	—	DESMELANCOLISAR
DESMELHORAR	—	—	DESMELHORAR
DESMEMBRAÇAM	—	DESMEMBRAÇÃO	DESMEMBRAÇÃO
—	—	—	DESMEMBRADO
DESMEMBRAR	DESMEMBRAR	DESMEMBRAR	DESMEMBRAR
DESMEMORIADO	DESMEMORIADO	DESMEMORIADO	DESMEMORIADO
DESMENTIDO	—	DESMENTIDO	DESMENTIDO
DESMENTIR	—	DESMENTIR	DESMENTIR
—	—	—	DESMERECEDOR
DESMERECER	DESMERECER	DESMERECER	DESMERECER
—	—	—	DESMERECIDO
DESMERECIMENTO	—	DESMERECIMENTO	DESMERECIMENTO
—	—	—	DESMESURA
DESMESURADO	—	DESMESURADO	DESMESURADO
DESMIOLAR	—	—	DESMIOLAR
—	—	—	DESMIUÇAR
DESMONTADO	—	—	DESMONTADO
DESMONTAR	DESMONTAR	DESMONTAR	DESMONTAR
—	—	—	DESMONTOAR
DESMORONARSE	—	—	DESMORONAR
—	—	—	DESMOUTAR
—	—	—	DESMUSICO
DESNACER	—	—	DESNACER
—	—	—	DESNAMORAR
—	—	—	DESNARIGADO
DESNARIGAR	—	DESNARIGAR	DESNARIGAR
—	—	—	DESNATURADO
—	—	—	DESNATURAL
DESNATURALIZAÇAM	—	DESNATURALIZAÇÃO	DESNATURALISAÇÃO
—	—	—	DESNATURALISADO
—	—	—	DESNATURALISAMENTO
DESNATURALIZAR	DESNATURALIZAR	DESNATURALIZAR	DESNATURALIZAR
—	—	—	DESNATURAMENTO
DESNATURAR	—	DESNATURAR	DESNATURAR
DESNAVEGAVEL	—	—	DESNAVEGAVEL
DESNCESSARIAMENTE	—	DESNCESSARIAMENTE	DESNCESSARIAMENTE
DESNCESSARIO	DESNCESSARIO	DESNCESSARIO	DESNCESSARIO
—	—	—	DESNERVADO
DESNEVADO	—	DESNEVADO	DESNEVADO
DESNINHAR	—	DESNINHAR	DESNINHAR
—	—	—	DESNO
—	—	—	DESNODADO

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DESNODAR-SE
DESNOCAR	—	DESNOCAR	DESNOCAR
—	—	—	DESNUDAR
—	—	—	DESNUEZ
DESOBEDECER	DESOBEDECER	DESOBEDECER	DESOBEDECER
DESOBEDIENCIA	DESOBEDIENCIA	DESOBEDIENCIA	DESOBEDIENCIA
DESOBEDIENTE	DESOBEDIENTE	DESOBEDIENTE	DESOBEDIENTE
DESOBEDIENTEMENTE	—	DESOBEDIENTEMENTE	DESOBEDIENTEMENTE
DESOBRIGADO	DESOBRIGADO	DESOBRIGADO	DESOBRIGADO
DESOBRIGAR	DESOBRIGAR	DESOBRIGAR	DESOBRIGAR
DESOSTRUCUENÇA	—	—	DESOSTRUCUENÇA
DESOSTRUCUENTE	—	—	—
—	—	—	DESOSTRUCUÍDO
DESOSTRUCUR	—	DESOSTRUCUR	DESOSTRUCUR
DESOCUPADO	DESOCUPADO	DESOCUPADO	DESOCUPADO
DESOCUPAR	—	DESOCUPAR	DESOCUPAR, DESACUPAR-SE
—	—	—	DESOFUSCADO
DESOLAÇAM	—	DESOLAÇÃ	DESOLAÇÃ
—	—	—	DESOLADO
DESOLAR	—	DESOLAR	DESOLAR
—	—	—	DESOPILADO
DESOPILAR	—	DESOPILAR	DESOPILAR
—	—	—	DESOPRIMIDO
DESOPRIMIR	—	—	DESOPRIMIR
DESORDEM	DESORDEM	DESORDEM	DESORDEM
DESORDENADAMENTE	—	DESORDENADAMENTE	DESORDENADAMENTE
DESORDENADO	DESORDENADO	DESORDENADO	DESORDENADO
DESORDENAR	—	DESORDENAR	DESORDENAR
DESORELHADO	DESORELHADO	DESORELHADO	DESORELHADO
DESORELHAR	—	DESORELHAR	DESORELHAR
—	—	—	DESORIENTADO
—	—	—	DESORIENTAR
DESOSSADO	—	DESOSSADO	DESOSSADO
DESOSSAR	—	DESOSSAR	DESOSSAR
DESOVAR	DESOVAR	DESOVAR	DESOVAR
DESPACHADAMENTE	—	DESPACHADAMENTE	DESPACHADAMENTE
DESPACHADO	—	DESPACHADO	DESPACHADO
DESPACHADOR	—	DESPACHADOR	DESPACHADOR
DESPACHAR	DESPACHAR	DESPACHAR	DESPACHAR
DESPACHO	DESPACHO	DESPACHO	DESPACHO
DESPALMAR	—	DESPALMAR	DESPALMAR
DESPAPADO	—	—	DESPAPADO
DESPARAR	—	DESPARAR	DESPARAR
DESPARATADO	—	DESPARATADO	DESPARATADO
—	—	—	DESPARECER
—	—	—	DESPARRAR
DESPARTIR	—	DESPARTIR	DESPARTIR
DESPARZIDO*	—	—	—
DESPARZIR	—	—	DESPARZIR
DESPEADO	—	DESPEADO	DESPEADO
DESPEAR	—	—	DESPEAR
DESPEDAÇADO	—	DESPEDAÇADO	DESPEDAÇADO
DESPEDAÇAR	DESPEDAÇAR	DESPEDAÇAR	DESPEDAÇAR
DESPEDIDA	DESPEDIDA	DESPEDIDA	DESPEDIDA
DESPEDIDO	—	DESPEDIDO	DESPEDIDO
—	—	—	DESPEDIMENTO
DESPEDIR	DESPEDIR	DESPEDIR	DESPEDIR
DESPEGADO	DESPEGADO	DESPEGADO	DESPEGADO
DESPEGAR	DESPEGAR	DESPEGAR	DESPEGAR
DESPEGO	—	DESPEGO	DESPEGO
DESPEJADAMENTE	—	—	DESPEJADAMENTE
DESPEJADO	—	DESPEJADO	DESPEJADO
DESPEJAR	DESPEJAR	DESPEJAR	DESPEJAR

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESPEJO	—	DESPEJO	DESPEJO
—	—	—	DESPEITAR
DESPEITO	—	—	DESPEITO
DESPEITORARSE	—	DESPEITORARSE	DESPEITORAR
—	—	—	DESPEITOSO
DESPENAR	—	DESPENAR	DESPENAR
DESPENDER	DESPENDER	DESPENDER	DESPENDER
DESPENDIO	DESPENDIO	—	—
DESPENDIDO	—	DESPENDIDO	DESPENDIDO
—	—	—	DESPENDURAR
DESPENHADEIRO	DESPENHADEIRO	DESPENHADEIRO	DESPENHADEIRO
—	—	—	DESPENHADO
DESPENHAR	DESPENHAR	DESPENHAR	DESPENHAR
DESPENHO	—	DESPENHO	DESPENHO
DESPENSA	DESPENSA	DESPENSA	DESPENSA
DESPENSAÇAM	—	DESPENSAÇÃO	DESPENSAÇÃO
DESPENSEIRA	—	—	—
DESPENSEIRO	DESPENSEIRO	DESPENSEIRO	DESPENSEIRO
—	—	—	DESPENTEADO
DESPENTEAR	—	—	DESPENTEAR
DESPERDIÇADO	—	DESPERDIÇADO	DESPERDIÇADO
—	—	DESPERDIÇADOR	DESPERDIÇADOR
DESPERDIÇAR	DESPERDIÇAR	DESPERDIÇAR	DESPERDIÇAR
DESPERDICIO	DESPERDICIO	DESPERDICIO	DESPERDICIO
DESPERTADO	DESPERTADO	DESPERTADO	DESPERTADO
DESPERTADOR	DESPERTADOR	DESPERTADOR	DESPERTADOR
DESPERTAR	DESPERTAR	DESPERTAR	DESPERTAR
—	—	—	DESPERTO
—	—	—	DESPESAR
DESPEZA	DESPEZA	DESPEZA	DESPESA
DESPEZO*	—	—	DESPESO
DESPIADOSAMENTE	—	DESPIADOSAMENTE	DESPIADOSAMENTE
DESPIADOSO	—	DESPIADOSO	DESPIADOSO
—	—	—	DESPICADO
DESPICARSE	DESPICARSE	DESPICARSE	DESPICAR
DESPIDO	DESPIDO	DESPIDO	DESPIDO
DESPIEDADE	—	DESPIEDADE	DESPIEDADE
DESPIEDADO	—	DESPIEDADO	DESPIEDADO
DESPIMENTO	—	DESPIMENTO	DESPIMENTO
DESPINTAR	—	—	DESPINTAR
DESPIQUE	—	DESPIQUE	DESPIQUE
DESPIR	DESPIR	DESPIR	DESPIR
—	—	—	DESPLANTAR
—	—	—	DESPLANTE
DESPLUMAR	—	DESPLUMAR	DESPLUMAR
DESPOJADO	—	DESPOJADO	DESPOJADO
DESPOJAR	DESPOJAR	DESPOJAR	DESPOJAR
DESPOJO	DESPOJO	DESPOJO	DESPOJO
DESPOIS	DESPOIS	DESPOIS	DESPOIS
DESPONSAES	—	DESPONSAES	DESPONSAES
DESPONTAR	—	DESPONTAR	DESPONTAR
DESPOR	DESPOR	—	DESPOR
DESPORTILHAR	—	—	DESPORTILHAR
DESPORTO*	—	—	—
DESPOSADO	DESPOSADO	DESPOSADO	DESPOSADO
DESPOSAR	DESPOSAR	DESPOSAR	DESPOSAR
DESPOSORIOS	DESPOSORIOS	DESPOSORIOS	DESPOSORIO, DESPOSOUROS
DESPOSSAR	—	DESPOSSAR	DESPOSSAR
—	—	—	DESPOTA
—	—	—	DESPOTICAMENTE
DESPOTICO	DESPOTICO	DESPOTICO	DESPOTICO
—	—	—	DESPOTISMO
DESPOTO*	—	—	—

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DESPOVOAÇÃO
DESPOVOADO	—	DESPOVOADO	DESPOVOADO
—	—	—	DESPOVOADOR
DESPOVOAR	DESPOVOAR	DESPOVOAR	DESPOVOAR
DESPRAZER	DESPRAZER	DESPRAZER	DESPRAZER
—	—	—	DESPRAZIMENTO
—	—	—	DESPRAZIVEL
DESPREGADURA	—	DESPREGADURA	DESPREGADURA
—	—	—	DESPREGADO
DESPREGAR	DESPREGAR	DESPREGAR	DESPREGAR
DESPRENDER	—	DESPRENDER	DESPRENDER
—	—	—	DESPRENDIDO
DESPREVENIDO	DESPREVENIDO	DESPREVENIDO	DESPREVENIDO
DESPREZADO	DESPREZADO	DESPREZADO	DESPREZADO
DESPREZADOR	DESPREZADOR	DESPREZADOR	DESPREZADOR
DESPREZADORA	DESPREZADORA	—	—
DESPREZAR	DESPREZAR	DESPREZAR	DESPREZAR
DESPREZAVEL	DESPREZIVEL	DESPREZAVEL	DESPREZAVEL, DESPREZIVEL
DESPREZIVELMENTE	—	DESPREZIVELMENTE	DESPREZIVELMENTE
DESPREZO	DESPREZO	DESPREZO	DESPREZO
DESPRIMOR	—	DESPRIMOR	DESPRIMOR
DESPRIMOROSAMENTE	—	—	DESPRIMOROSAMENTE
—	—	—	DESPRIMOROSO
—	—	—	DESPRIVANÇA
DESPRIVAR*	—	—	DESPRIVAR
DESPROPORÇAM	—	DESPROPORÇÃO	DESPROPORÇÃO
—	—	DESPROPORCIONADAMENTE	—
—	—	—	—
DESPROPORCIONADO	—	DESPROPORCIONADO	DESPROPORCIONADO
DESPROPOSITADAMENTE	DESPROPOSITADAMENTE	—	DESPROPOSITADAMENTE
DESPROPOSITADO	DESPROPOSITADO	—	DESPROPOSITADO
—	—	—	DESPROPOSITAR
DESPROPOSITO	DESPROPOSITO	DESPROPOSITO	DESPROPOSITO
—	DESPROVIDO	—	DESPROVIDO
—	—	—	DESPROVIMENTO
DESQUE*	—	—	DESQUE
DESQUEIXAR	—	DESQUEIXAR	DESQUEIXAR
DESQUERER	—	—	DESQUERER
DESQUERIDO	—	—	DESQUERIDO
—	—	—	DESQUIETO
—	—	—	DESQUITADO
DESQUITARSE	DESQUITARSE	DESQUITARSE	DESQUITAR-SE
DESQUIE	—	DESQUIE	DESQUIE
DESRAMAR	—	DESRAMAR	DESRAMAR
DESREGRADO	DESREGRADO	DESREGRADO	DESREGRADO
DESREGRARSE	—	DESREGRARSE	DESREGRAR-SE
—	—	—	DESREVESTIR-SE
—	—	—	DESSABER
DESSABOR	DESSABOR	DESSABOR	DESSABOR
—	—	—	DESSABORIDO
DESSABOROSO	DESSABOROSO	—	DESSABOROSO
DESSAR*	—	—	DESSAR
DESSARADO	—	—	DESSARADO
DESSAU*	—	—	—
DESSAY*	—	—	—
—	—	—	DESSAZONADO
DESSECAR	—	—	DESSECAR
DESSEINARSE*	—	—	DESSEINAR
DESSEMELHADO	—	—	DESSEMELHADO
DESEMELHANÇA	DESEMELHANÇA	—	DESEMELHANÇA
DESEMELHANTE	DESEMELHANTE	DESEMELHANTE	DESEMELHANTE
DESEMELHANTEMENTE	DESEMELHANTEMENTE	DESEMELHANTEMENTE	DESEMELHANTEMENTE
—	—	—	DESEMELHAR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DES-SENTIR
DESSERT	—	—	DESSERT
—	—	—	DESSOCEGADO
—	—	—	DESSOCORRIDO
—	—	—	DESSOLAÇÃO
DESSOLAR	—	DESSOLAR	—
—	—	—	DESSOVADO
—	—	—	DESSUJEITO
DESTACAMENTO	DESTACAMENTO	DESTACAMENTO	DESTACAMENTO
DESTACAR	—	DESTACAR	DESTACAR
DESTAMPADO	—	DESTAMPADO	DESTAMPADO
DESTAMPATORIA*	—	—	DESTAMPATORIO
DESTAPAR	DESTAPAR	DESTAPAR	DESTAPAR
—	—	—	DESTARRACHAR
—	—	—	DESTECEDEURA
DETECER	—	DETECER	DETECER
DETELHAR	DETELHAR	DETELHAR	DETELHAR
DESTEMER*	—	—	DESTEMER
DESTEMIDO	—	DESTEMIDO	DESTEMIDO
DESTEMPERADAMENTE	—	DESTEMPERADAMENTE	DESTEMPERADAMENTE
DESTEMPERADO	DESTEMPERADO	DESTEMPERADO	DESTEMPERADO
DESTEMPERAMENTO	DESTEMPERAMENTO	—	DESTEMPERAMENTO
DESTEMPERANÇA	—	DESTEMPERANÇA	DESTEMPERANÇA
DESTEMPERAR	DESTEMPERAR	DESTEMPERAR	DESTEMPERAR
DESTEMPERO	—	DESTEMPERO	DESTEMPERO
DESTERRADO	DESTERRADO	DESTERRADO	DESTERRADO
DESTERRAR	DESTERRAR	DESTERRAR	DESTERRAR
DESTERRO	DESTERRO	DESTERRO	DESTERRO
DESTETAR	—	DESTETAR	DESTETAR
DESTILAÇÃO	—	DESTILAÇÃO	DESTILLAÇÃO
DESTINAÇÃO	—	DESTINAÇÃO	DESTINAÇÃO
DESTINADO	—	DESTINADO	DESTINADO
DESTINAR	DESTINAR	DESTINAR	DESTINAR
DESTIMIDO	DESTIMIDO	DESTIMIDO	—
—	—	—	DESTINGIDO
DESTINGIR	DESTINGIR	—	DESTINGIR
DESTINO	DESTINO	DESTINO	DESTINO
DESTINTO	—	DESTINTO	DESTINTO
DESTITUIÇAM	—	DESTITUIÇÃO	DESTITUIÇÃO
DESTITUIDO	DESTITUIDO	DESTITUIDO	DESTITUIDO
—	—	—	DESTITUIR
DESTORCER	DESTORCER	DESTORCER	DESTORCER
DESTORROADO	—	DESTORROADO	DESTORROADO
DESTORROAR	DESTORROAR	DESTORROAR	DESTORROAR
—	—	—	DESTOUCADO
DESTOUCAR	—	DESTOUCAR	DESTOUCAR
DESTRA	—	DESTRA	DESTRA
DESTRAGARSE	—	—	DESTRAGAR
DESTRAHIDO	—	DESTRAHIDO	DESTRAHIDO
DESTRAMENTE	DESTRAMENTE	DESTRAMENTE	DESTRAMENTE
DESTRANCAR	—	DESTRANCAR	DESTRANCAR
DESTRATAR	—	DESTRATAR	DESTRATAR
—	—	—	DESTRAVADO
DESTRAVAR	—	DESTRAVAR	DESTRAVAR
DESTREPARSE	—	—	DESTREPAR-SE
DESTREZA	DESTREZA	DESTREZA	DESTREZA
DESTHRONAR	—	—	DESTHRONAR
DESTRICTO	—	DESTRICTO	DESTRICTO
DESTRINÇAR	—	—	DESTRINÇAR
DESTRIPAR*	DESTRIPAR*	—	—
DESTRO	DESTRO	DESTRO	DESTRO
DESTROÇADO	DESTROÇADO	DESTROÇADO	DESTROÇADO
DESTROÇAR	DESTROÇAR	DESTROÇAR	DESTROÇAR

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DESTROCAR	DESTROCAR	DESTROCAR	DESTROCAR
DESTROÇO	DESTROÇO	DESTROÇO	DESTROÇO
DESTRONAR	—	DESTHRONAR	DESTRONAR
DESTRONCADO	—	DESTRONCADO	DESTRONCADO
DESTRONCAR	DESTRONCAR	DESTRONCAR	DESTRONCAR
DESTRUCTIVO	—	—	DESTRUCTIVO
DESTRUIÇAM	DESTRUIÇAM	DESTRUIÇÃO	DESTRUIÇÃO
DESTRUIDOR	DESTRUIDOR	DESTRUIDOR	DESTRUIDOR
DESTRUIDORA	—	—	—
DESTRUIR	—	DESTRUIR	DESTRUIR
DESUADIR	—	DESUADIR	DESUADIR
DESVAIRADO	—	—	DESVAIRADO
—	—	—	DESVAIRAR
—	—	—	DESVAIRE
DESVAIRO*	—	—	DESVAIRO
—	—	—	DESVALER
—	—	—	DESVALIA
DESVALIDO	—	DESVALIDO	DESVALIDO
—	—	—	DESVALIJAR
DESVALIMENTO	—	—	DESVALIMENTO
DESVANECER	DESVANECER	DESVANECER	DESVANECER
DESVANECIDAMENTE*	—	—	—
DESVANECIDO	DESVANECIDO	DESVANECIDO	DESVANECIDO
DESVANECIMENTO	DESVANECIMENTO	DESVANECIMENTO	DESVANECIMENTO
DESVAM	—	—	DESVÃO
DESVARIADO	DESVARIADO	—	DESVARIADO
DESVARIAR	—	DESVARIAR	DESVARIAR
DESVARIO	DESVARIO	DESVARIO	DESVARIO
DESVELADO	DESVELADO	DESVELADO	DESVELADO
DESVELAR	DESVELAR	DESVELAR	DESVELAR
DESVELO	DESVELO	DESVELO	DESVELO
DESVENTURA	—	DESVENTURA	DESVENTURA
—	—	—	DESVERGONHA
—	—	—	DESVESTIR
DESVIADO	DESVIADO	DESVIADO	DESVIADO
DESVIAR	DESVIAR	DESVIAR	DESVIAR
DESVIO	DESVIO	DESVIO	DESVIO
—	—	—	DESVIRTUDE
DESVITUAR	—	—	DESVITUAR-SE
DESVIVER	—	DESVIVER	DESVIVER
DESUNIAM	DESUNIAM	DESUNIAO	DESUNIAO
DESUNIR	DESUNIR	DESUNIR	DESUNIR
DESUSADO	DESUSADO	DESUSADO	DESUSADO
DESUSO	—	DESUSO	DESUSO
DETENÇA	DETENÇA	DETENÇA	DETENÇA
DETENÇAM	—	DETENÇÃO	DETENÇÃO
DETENÇOSO	—	DETENÇOSO	DETENÇOSO
—	—	—	DETECTOR
DETER	DETER	DETER	DETER
DETERIOR	—	—	DETERIOR
DETERIORAR	—	DETERIORAR	DETERIORAR
—	—	—	DETERIORIDADE
DETERMINAÇAM	DETERMINAÇAM	DETERMINAÇÃO	DETERMINAÇÃO
DETERMINADAMENTE	—	DETERMINADAMENTE	DETERMINADAMENTE
DETERMINADO	—	DETERMINADO	DETERMINADO
—	—	—	DETERMINADOR
DETERMINAR	DETERMINAR	DETERMINAR	DETERMINAR
DETERSIVO*	—	—	—
DETESTAÇAM	—	DETESTAÇÃO	DETESTAÇÃO
DETESTADO	—	DETESTADO	DETESTADO
DETESTAR	—	DETESTAR	DETESTAR
DETESTAVEL	—	DETESTAVEL	DETESTAVEL
DETIDO	DETIDO	DETIDO	DETIDO

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DETONAR	—	—	DETONAR
DETORAR	—	DETORAR	DETORAR
DETRACÇAM	—	DETRACÇAÕ	DETRACÇAÕ
DETRACTOR	—	DETRACTOR	DETRACTOR
DETRAHIR	—	DETRAHIR	DETRAHIR
DETRAZ	—	DETRAZ	DETRAS
DETRIMENTO	—	DETRIMENTO	DETRIMENTO
DETRONAR	—	DETRONAR	DETRONAR
DEVAÇAM	—	DEVAÇAÕ	DEVAÇAÕ
DEVAGAR	DEVAGAR	DEVAGAR	DEVAGAR
—	—	—	DEVANEAR
DEVANEO	—	DEVANEO	DEVANEO
DEVANTER	—	—	—
DEVASSA	DEVASSA	DEVASSA	DEVASSA
DEVASSADO	—	—	DEVASSADO
—	—	—	DEVASSADOR
—	—	—	DEVASSAMENTE
—	—	—	DEVASSAMENTO
DEVASSAR	DEVASSAR	DEVASSAR	DEVASSAR
—	—	—	DEVASSIDADE
DEVASSIDAM	—	—	DEVASSIDÃO
DEVASSO	DEVASSO	DEVASSO	DEVASSO
DEVASTAÇAM	—	DEVASTAÇAÕ	DEVASTAÇAÕ
—	—	—	DEVASTADO
DEVASTADOR	—	DEVASTADOR	DEVASTADOR
DEVASTADORA	—	DEVASTADORA	—
DEVASTAR	—	DEVASTAR	DEVASTAR
DEUCALIAÕ*	—	—	—
DEVEDOR	DEVEDOR	DEVEDOR	DEVEDOR
DEVEDORA	DEVEDORA	DEVEDORA	—
DEVENTRE	—	DEVENTRE	DEVENTRE
DEVER	DEVER	DEVER	DEVER
DEVERAS	DEVERAS	DEVERAS	DEVÉRAS
DEVERRA*	—	—	—
DEVERTIMENTO	—	—	DEVERTIMENTO
DEVEZA	—	—	DEVEZA
DEVIDAMENTE	—	DEVIDAMENTE	DEVIDAMENTE
DEVIDO	—	DEVIDO	DEVIDO
—	—	—	DEVINHAR
DEVIZA	—	—	DEVISA
DEVIZAR	—	—	DEVISAR
—	—	—	DEVISEIRO
DEVOÇAM	DEVOÇAM	DEVOÇAÕ	DEVOÇAÕ
DEVOCIONARIO	—	—	DEVOCIONARIO
DEVOÇOENS*	—	—	—
DEVOLUÇAM	—	—	DEVOLUÇAÕ
DEVOLVER	—	—	DEVOLVER
DEVOLUTARIO	—	—	DEVOLUTARIO
—	—	—	DEVOLUTIVO
DEVOLUTO	DEVOLUTO	—	DEVOLUTO
DEVONIA*	—	—	—
—	—	—	DEVORADO
—	—	—	DEVORADOR
DEVORAR	—	DEVORAR	DEVORAR
DEVOTAMENTE	DEVOTAMENTE	DEVOTAMENTE	DEVOTAMENTE
DEVOTO	DEVOTO	DEVOTO	DEVOTO
DEUTERONOMIO	—	DEUTERONOMIO	DEUTERONOMIO
DEXICREONTE*	—	—	—
—	—	—	DEXTERIDADE
DEXTRA	—	DEXTRA	DEXTRA
DEZ	DEZ	DEZ	DEZ
DEZANOVE	DEZANOVE	—	—
DEZASEIS	DEZESEIS	—	DES-E-SEIS

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DEZASETTE	DEZASETTE	—	—
DEZEMBRO	DEZEMBRO	DEZEMBRO	DEZEMBRO
DEZENA	DEZENA	DEZENA	DEZENA
DEZENHAR	—	—	—
—	—	—	DEZENO, DESENO
DEZIMA	—	—	—
DEZOUTO	DEZOITO	—	—
DHARITA*	—	—	—
DHOROVETTI*	—	—	—
—	—	—	D'Í
DIA	DIA	DIA	DIA
DIA	—	—	DIA
DIABALAUSTIA	—	—	—
DIABALZEMER	—	—	—
DIABELHA*	—	—	—
DIABETES	—	—	DIABETES
—	—	—	DIABETICO
DIABLINTES*	—	—	—
DIABO	—	DIABO	DIABO
—	—	—	DIABOA
DIABOLICO	DIABOLICO	DIABOLICO	DIABOLICO
DIABORACIS	—	—	—
DIABOTANO	—	—	—
DIABRETE	—	DIABRETE	DIABRETE
DIABRORIA*	—	—	—
DIABRURA	—	DIABRURA	DIABRURA
DIABRYONIAS	—	—	—
DIABUGLOSSI	—	—	—
DIACALAMINTHES	—	—	—
DIACARTHAMO	—	—	—
DIACASSIA	—	—	—
DIACASTOREO	—	—	—
DIACATOLICAM	—	—	—
DIACHALCITEOS	—	—	—
DIACHYLAM	—	—	—
DIACHO*	—	—	DIACHO
—	—	DIACIDRAÕ	—
DIACINNABARIS	—	—	—
DIACINNAMONO	—	—	—
DIACLETES	—	—	—
DIACO*	—	—	—
DIACODIO	—	—	—
DIACOLOCYNTHIDOS	—	—	—
DIACONATO	—	DIACONATO	DIACONATO
DIACONISA	—	DIACONISA	DIACONISA
DIACONO	DIACONO	DIACONO	DIÁCONO
DIACORO	—	—	—
DIACOSTO	—	—	—
DIACROCO	—	—	—
DIACRYDIO	—	—	—
DIACRYSTAL	—	—	—
DIACURCUMA	—	—	—
DIACYMINO	—	—	—
DIADAMASCENO	—	—	—
DIADEMA	—	DIADEMA	DIADEMA
DIAFA	DIAFA	—	DIÁFA
—	—	—	DIAFANEIDADE
DIAFANO	—	DIAFANO	DIÁFANO
DIAFAREARA	—	—	—
DIAFENICAM	—	—	—
DIAFORETICO	—	—	DIAFORETICO
DIAFRAGMA	—	DIAFRAGMA	DIAFRAGMA
DIAFRAGMATICO	—	DIAFRAGMATICO	DIAFRAGMATICO

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DIAGALANGA	—	—	—
DIAGALVES*	—	—	—
DIAGARGANTE	—	DIAGARGANTE	—
—	—	—	DIAGNOSIS
DIAGNOSTICO	—	DIAGNOSTICO	DIAGNOSTICO
DIAGONAL	—	DIAGONAL	DIAGONAL
—	—	—	DIAGALVES
DIAGRYDIO	—	—	—
DAHYSOPE	—	—	—
DIJALAPA	—	—	—
DIAL*	—	—	DIAL
DIALACCA	—	—	—
DIALAURO	—	—	—
DIALECTICA	—	DIALECTICA	DIALECTICA
DIALECTICO	—	DIALECTICO	DIALECTICO
DIALECTO	—	DIALECTO	DIALECTO
DIALOGIA	—	—	DIALOGIA
DIALOGISMO	—	DIALOGISMO	DIALOGISMO
DIALOGO	DIALOGO	DIALOGO	DIALOGO
DIALTEA	—	DIALTEA	—
DIALUNA	—	—	—
DIAMANNA	—	—	—
—	—	—	DIAMANTADO
DIAMANTE	DIAMANTE	DIAMANTE	DIAMANTE
DIAMANTINO	—	DIAMANTINO	—
DIAMAÕ*	—	—	DIAMAÕ
DIAMARGARITAM	—	—	—
DIAMASTICOSE*	—	—	—
DIAMBAR	—	—	—
DIAMERCURIO	—	—	—
DIAMETRAL	—	—	DIAMETRAL
DIAMETRALMENTE	—	—	DIAMETRALMENTE
DIAMETRO	—	DIAMETRO	DIAMETRO
DIAMOMIA	—	—	—
DIAMORO	—	—	—
DIAMORUSIA	—	—	—
DIAMUSCO DOCE	—	—	—
DIANA	—	DIANA	DIANA
DIANITRI	—	—	—
DIANTE	DIANTE	DIANTE	DIANTE
DIANTEIRA	DIANTEIRA	DIANTEIRA	—
DIANTEIRO	DIANTEIRO	—	DIANTEIRO
DIANUCUM	—	—	—
DIAPALMA	—	DIAPALMA	—
DIAPAPAR	—	DIAPAPAR	—
DIAPAZAM	—	DIAPAZAÕ	DIAPASÃO
DIAPEDISIS	—	—	—
DIAPENTE	—	—	DIAPENTE
DIAPHANO	—	—	—
DIAPHENIÇAM	—	—	—
DIAPHRAGMA	—	—	—
DIAPLAUTAGO	—	—	—
DIAPOMPHOLYGOS	—	—	—
DIAPRASIO	—	—	—
DIAPRUNIS	—	—	—
DIAPYRITES	—	—	—
DIAQUILAM	—	—	—
DIARBEKIR*	—	—	—
DIARIAMENTE	—	—	DIARIAMENTE
DIARIO	DIARIO	—	DIARIO
—	—	—	DIARISTA
DIARRHEA	—	—	DIARRÉA
DIARRODAM	—	—	—

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DIARTHROSE
DIASATURNO	—	—	—
DIASCORDIO	—	—	—
DIASEBESTEN	—	—	—
DIASENE	—	—	—
DIASENNA	—	—	—
DIASIAS*	—	—	—
DIASPERMATON	—	—	—
DIASPRO*	—	—	DIASPRO
DIASTOLE	—	—	DIASTOLE
DIASUCCINO	—	—	—
DIASULPHURIS	—	—	—
DIATARTARO	—	—	—
DIATHAMARON	—	—	—
DIATHEZERAM	—	—	DIATESERÃO
DIATHEUTICA	—	—	DIATHEUTICA
DIATONICO	—	—	DIATONICO
DIATRAGACANTHE	—	—	—
DIATURBITH	—	—	—
DIATURPETHO	—	—	—
DIAZINGIBER	—	—	—
—	—	—	DIBRA
DIBRES*	—	—	—
DIÇAM	—	—	DIÇÃO
DICÇAM	DICÇAM	DICÇAÕ	DICÇAÕ
DICCIONARIO	DICCIONARIO	DICCIONARIO	DICCIONARIO
—	—	—	DICCIONARISTA
DICE*	—	—	—
DICHA	—	—	DICHA
—	—	—	DICHO
DICHOTE*	—	—	—
DICIPLINA	—	—	—
DICIPULO	—	—	—
DICTADO	—	—	DICTADO
DICTADOR	—	DICTADOR	DICTADOR
DICTADURA	—	DICTADURA	DICTADURA
DICTAME	DICTAME	DICTAME	DICTAME
DICTAMO	—	DICTAMO	DICTAMO
DICTAR	DICTAR	DICTAR	DICTAR
DICTERIO	—	—	DICTERIO
DICTYNNA*	—	—	—
DIDAL	—	DIDAL	—
DIECESE	DIECESE	DIECESE	DIECESE
DIEPPA	—	DIEPPA	—
DIERESIS	—	DIERESIS	DIERESIS
DIESIS	—	DIESIS	DIESIS
DIETA	—	DIETA	DIETA
DIETHEUTICA	—	—	—
DIFFAMAÇAM	—	DIFFAMAÇÃO	DIFFAMAÇÃO
DIFFAMADO	DIFFAMADO	—	DIFFAMADO
DIFFAMADOR	DIFFAMADOR	DIFFAMADOR	DIFFAMADOR
DIFFAMAR	—	DIFFAMAR	DIFFAMAR
DIFFAMATORIO	DIFFAMATORIO	—	DIFFAMATORIO
DIFFERENÇA	DIFFERENÇA	DIFFERENÇA	DIFFERENÇA
—	—	—	DIFFERENÇADO
DIFFERENÇAR	DIFFERENÇAR	DIFFERENÇAR	DIFFERENÇAR, DIFFERENCEAR
—	—	—	DIFFERENCIAÇÃO
—	—	—	DIFFERENCIAL
—	—	—	DIFFERENCIAR
DIFFERENTE	DIFFERENTE	DIFFERENTE	DIFFERENTE
DIFFERENTEMENTE	DIFFERENTEMENTE	DIFFERENTEMENTE	DIFFERENTEMENTE
DIFFERIR	DIFFERIR	DIFFERIR	DIFFERIR
DIFFICIL	DIFFICIL	DIFFICIL	DIFFICIL

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DIFFICILLIMO
DIFFICILMENTE	DIFFICILMENTE	DIFFICILMENTE	DIFFICILMENTE
DIFFICULDADE	DIFFICULDADE	DIFFICULDADE	DIFFICULDADE
DIFFICULTAR	DIFFICULTAR	DIFFICULTAR	DIFFICULTAR
DIFFICULTOSAMENTE	DIFFICULTOSAMENTE	DIFFICULTOSAMENTE	DIFFICULTOSAMENTE
DIFFICULTOSO	DIFFICULTOSO	DIFFICULTOSO	DIFFICULTOSO
DIFFIRIR*	—	—	DIFFIRIR
DIFFINIDOR	—	DIFFINIDOR	DIFFINIDOR
DIFFORMAR*	—	—	—
DIFFUNDIR	—	DIFFUNDIR	DIFFUNDIR
DIFFUSAMENTE	—	DIFFUSAMENTE	DIFFUSAMENTE
DIFFUSAM	—	DIFFUSAÕ	DIFFUSÃO
DIFFUSIVO	—	DIFFUSIVO	DIFFUSIVO
DIFFUSO	—	DIFFUSO	DIFFUSO
DIGAMMA*	—	—	DIGAMMA
DIGIRIR	DIGERIR	DIGIRIR	DIGERIR
DIGESTAM	DIGESTAM	DIGESTAÕ	DIGESTÃO
DIGESTIR	—	—	DIGESTIR
DIGESTIVO	DIGESTIVO	—	DIGESTIVO
DIGESTO	—	DIGESTO	DIGESTO
DIGNAMENTE	DIGNAMENTE	DIGNAMENTE	DIGNAMENTE
DIGNA*	—	—	—
DIGNAR	DIGNAR	DIGNARSE	DIGNAR
DIGNIDADE	DIGNIDADE	DIGNIDADE	DIGNIDADE, DINIDADE
DIGNO	DIGNO	DIGNO	DIGNO, DINO
DIGRESSAM	—	DIGRESSAÕ	DIGRESSÃO
DIJON	—	—	—
DILAÇAM	DILAÇAM	DILAÇAÕ	DILAÇÃO
DILACERAR	—	DILACERAR	DILACERAR
DILAPIDAR	—	—	DILAPIDAR
DILATAÇAM	—	DILATAÇAÕ	DILATAÇÃO
DILATADAMENTE	—	DILATADAMENTE	—
DILATADO	DILATADO	DILATADO	DILATADO
DILATADOR	—	DILATADOR	DILATADOR
DILATAR	DILATAR	DILATAR	DILATAR
DILECÇAM	—	DILECÇAÕ	DILECÇÃO
DILEMMA	—	DILEMMA	DILEMMA
DILEMMATICO	—	DILEMMATICO	DILEMMATICO
DILIGENCIA	DILIGENCIA	DILIGENCIA	DILIGENCIA
DILIGENCIAR	DILIGENCIAR	—	DILIGENCIAR
DILIGENTE	DILIGENTE	DILIGENTE	DILIGENTE
DILIGENTEMENTE	DILIGENTEMENTE	DILIGENTEMENTE	DILIGENTEMENTE
DILINGUEN	—	DILINGUEN	—
DILUCIDAR	—	DILUCIDAR	DILUCIDAR
DILUCIDARIO*	—	—	—
DILUCIDO	—	—	DILUCIDO
—	—	—	DILUCULO
—	—	—	DILUENTE
—	—	—	DILUIR
DILUVIO	DILUVIO	DILUVIO	DILUVIO
DIMANAR	—	DIMANAR	DIMANAR
DIMENSAM	—	DIMENSAÕ	DIMENSÃO
DIMIDIADO	—	DIMIDIADO	DIMIDIADO
DIMIDIAR	—	—	DIMIDIAR
DIMINUIÇAM	DIMINUIÇAM	DIMINUIÇAÕ	DIMINUIÇÃO
DIMINUIDO	—	DIMINUIDO	DIMINUIDO
DIMINUIR	DIMINUIR	DIMINUIR	DIMINUIR
DIMINUTAMENTE	—	DIMINUTAMENTE	DIMINUTAMENTE
DIMINUTIVO	DIMINUTIVO	—	DIMINUTIVO
DIMINUTO	DIMINUTO	DIMINUTO	DIMINUTO
DIMISSIONAM	—	—	DIMISSIONAM
DIMISSIONARIO	DIMISSIONARIO	DIMISSIONARIO	DIMISSIONARIO
DIMITTIR	DIMITTIR	DIMITTIR	DIMITTIR

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DINAMARCA	DINAMARCA	DINAMARCA	—
—	DINAMARQUEZ	—	—
DINAMENTE	—	—	DINAMENTE
DINAN	—	—	—
DINANTE	—	—	—
—	—	—	DINAMICA
DINAR	—	—	DINAR
DINASTA	—	DINASTA	DINASTAS
DINHEIRAMA*	—	—	DINHEIRAMA
DINHEIRO	DINHEIRO	DINHEIRO	DINHEIRO
DIO	—	—	—
DIOCESE	DIOCESE	DIOCESE	DIOCESE
DIOCESANO	—	DIOCESANO	DIOCESANO, DIECESANO
DIONE*	—	—	—
DIONYSO	—	—	—
DIONYSOPOLI*	—	—	—
DIOPTRA	—	—	DIOPTRA
DIOPTRICA	—	—	DIOPTRICA
—	—	—	DIOPTRICO
DIORESIS	—	—	DIORESIS
DIOSCORIDA	—	—	—
DIOSPOLIS*	—	—	—
DIOSPOLITAS*	—	—	—
DIPHLANGARCHIA	—	—	DIPHLANGARCHIA
DIPHTONGO	DIPHTONGO	DIPHTONGO	DIPHTONGO
DIPLOA	—	—	DIPLOA
DIPLOMA	—	DIPLOMA	DIPLOMA
—	—	—	DIPLOMATICO
DIPTYCO	—	—	DIPTICO
DIQUE	—	DIQUE	DIQUE
—	—	—	DIRANDELLA
DIRAS	—	—	DIRAS
DIRCE*	—	—	—
DIRCEO*	—	—	—
DIREÇAM	DIREÇAM	DIRECÇÃO	DIRECÇÃO
DIRECTAMENTE	—	DIRECTAMENTE	DIRECTAMENTE
DIRECTIVO	—	DIRECTIVO	DIRECTIVO
DIRECTOR	—	DIRECTOR	DIRECTOR
DIRECTORA	—	DIRECTORA	—
DIRECTORIO	—	—	DIRECTORIO
DIREITA	—	DIREITA	DIREITA
DIREITAMENTE	DIREITAMENTE	DIREITAMENTE	DIREITAMENTE
—	—	—	DIREITEZA
DIREITO	DIREITO	DIREITO	DIREITO, DEREITO
DIREITURA	DIREITURA	—	DIREITURA
DIRGH*	—	—	—
DIRIGIDO	—	DIRIGIDO	DIRIGIDO
DIRIGIR	DIRIGIR	DIRIGIR	DIRIGIR
DIRIMENTE	DIRIMENTE	DIRIMENTE	DIRIMENTE
DIRIMIR	—	DIRIMIR	DIRIMIR
DIRIVAÇAM	—	DIRIVAÇÃO	DIRIVAÇÃO
—	—	—	DIRO
DIS*	—	—	—
DISBARATE	—	DISBARATE	DISBARATE
DISCENSAM	—	DISCENSAO	—
DISCENTERIA	—	DISCENTERIA	—
—	—	—	DISCERNIMENTO
DISCERNIR	—	DISCERNIR	DISCERNIR
DISCINGIDO	—	DISCINGIDO	—
DISCINGIR	DISCINGIR	DISCINGIR	DISCINGIR
DISCIPLINA	DISCIPLINA	DISCIPLINA	DISCIPLINA, DESCEPLINA
DISCIPLINADO	DISCIPLINADO	DISCIPLINADO	DISCIPLINADO
DISCIPLINANTES	—	DISCIPLINANTES	DISCIPLINANTES

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DISCIPLINARSE	—	DISCIPLINARSE	DISCIPLINAR
DISCIPLINAVEL	—	DISCIPLINAVEL	DISCIPLINAVEL
DISCIPULA	DISCIPULA	DISCIPULA	DISCIPULA
DISCIPULO	DISCIPULO	DISCIPULO	DISCIPULO
DISCO	—	DISCO	DISCO
DISCOLO	—	—	DISCOLO
DISCOMMODIDADE	—	—	DISCOMMODIDADE, DESCOMODIDADE
DISCOMMODO	—	—	—
DISCONFORME	—	—	DISCONFORME
DISCONVENIENCIA	—	DISCONVENIENCIA	DISCONVENIENCIA
DISCORDANCIA	—	DISCORDANCIA	DISCORDANCIA
DISCORDAR	DISCORDAR	DISCORDAR	DISCORDAR
DISCORDE	DISCORDE	DISCORDE	DISCORDE
DISCORDIA	DISCORDIA	DISCORDIA	DISCORDIA
DISCORRER	DISCORRER	DISCORRER	DISCORRER
DISCRASIA	—	—	DISCRASIA
DISCREPANCIA	—	DISCREPANCIA	DISCREPANCIA
DISCREPANTE	—	—	DISCREPANTE
DISCREPAR	DISCREPAR	DISCREPAR	DISCREPAR
DISCRETAMENTE	DISCRETAMENTE	DISCRETAMENTE	DISCRETAMENTE
—	—	—	DISCRETEAR
DISCRETO	DISCRETO	DISCRETO	DISCRETO
DISCRIÇAM	DISCRIÇAM	DISCRIÇÃO	DISCRIÇÃO
DISCRIMINADO	—	—	DISCRIMINADO
DISCURSAR	DISCURSAR	—	DISCURSAR
DISCURSIVO	—	—	DISCURSIVO
DISCURSO	DISCURSO	DISCURSO	DISCURSO
—	—	—	DISCUSSÃO
—	—	—	DISCUTIDO
DISCUTIR	DISCUTIR	—	DISCUTIR
—	DISFARÇADAMENTE	—	—
DISFARÇADO	DISFARÇADO	DISFARÇADO	DISFARÇADO, DESFARÇADO
DISFARÇAR	DISFARÇAR	DISFARÇAR	DISFARÇAR
DISFARCE	DISFARCE	DISFARCE	DISFARCE, DISFRACE
DISFAVOR	—	DISFAVOR	DISFAVOR
DISFORME	—	DISFORME	DISFORME
—	—	—	DISFORMIDADE
DISGREGAR	—	—	DISGREGAR
DISGREGATIVO	—	—	DISGREGATIVO
DISISTAM	—	—	DISISTÃO
DISISTIR	—	—	—
DISJUNCTIVO	—	DISJUNCTIVO	DISJUNCTIVO
DISJUNTA	—	—	DISJUNTA
—	—	—	DISLATE
DISLOCAÇAM	—	DISLOCAÇÃO	DISLOCAÇÃO
DISMUDA	—	—	—
DISPAR*	—	—	DISPAR
DISPARAR	DISPARAR	DISPARAR	DISPARAR
DISPARATADAMENTE	—	DISPARATADAMENTE	DISPARATADAMENTE
DISPARATADO	—	DISPARATADO	DISPARATADO
DISPARATE	DISPARATE	DISPARATE	DISPARATE
DISPARIDADE	DISPARIDADE	—	DISPARIDADE
DISPENDER	DISPENDER	DISPENDER	DISPENDER
DISPENDIO	DISPENDIO	DISPENDIO	DISPENDIO
DISPENSA	DISPENSA	DISPENSA	DISPENSA
DISPENSAÇAM	—	DISPENSAÇÃO	DISPENSAÇÃO
DISPENSADO	—	DISPENSADO	DISPENSADO
DISPENSADOR	—	DISPENSADOR	DISPENSADOR
DISPENSAR	DISPENSAR	DISPENSAR	DISPENSAR
DISPENSEIRO	—	DISPENSEIRO	—
DISPERSAM	—	—	DISPERSÃO
DISPERSO	—	DISPERSO	DISPERSO

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DISPLICENCIA	—	DISPLICENCIA	DISPLICENCIA
DISPOR	DISPOR	DISPOR	DISPOR
DISPOSIÇAM	DISPOSIÇAM	DISPOSIÇÃO	DISPOSIÇÃO, DESPOSIÇÃO
DISPOSITIVAMENTE	—	—	DISPOSITIVAMENTE
—	—	—	DISPOSITIVO
DISPOSITOR*	—	—	DISPOSITOR
DISPOSTO	DISPOSTO	DISPOSTO	DISPOSTO
DISPUTA	DISPUTA	DISPUTA	DISPUTA
DISPUTADOR	—	DISPUTADOR	DISPUTADOR
DISPUTAR	DISPUTAR	DISPUTAR	DISPUTAR
DISPUTAVEL	—	—	DISPUTAVEL
DISSABOR	—	DISSABOR	DISSABOR
DISSECCÃO*	—	—	DISSECCÃO
—	—	—	DISSECAR
DISSENSAM	DISSENSAM	DISSENSAO	DISSENSÃO
DISSENTERIA	—	DISSENTERIA	DISSENTERIA, DISENTERIA
—	—	—	DISSENTIMENTO
DISSENTIR	—	—	DISSENTIR
DISSEPULOTICA	—	—	DISSEPULOTICA
DISSERTAÇÃO*	—	—	DISSERTAÇÃO
—	—	—	DISSERTADOR
—	—	—	DISSERTAR
DISSIDENTE	—	—	DISSIDENTE
DISSIMILAR	—	—	DISSIMILAR
DISSIMULAÇAM	DISSIMULAÇAM	DISSIMULAÇÃO	DISSIMULAÇÃO
DISSIMULADAMENTE	DISSIMULADAMENTE	DISSIMULADAMENTE	DISSIMULADAMENTE
DISSIMULADO	DISSIMULADO	DISSIMULADO	DISSIMULADO
DISSIMULAR	DISSIMULAR	DISSIMULAR	DISSIMULAR
—	—	—	DISSIMULAVEL
DISSIMULO	—	DISSIMULO	DISSIMULO
DISSIPACAM	—	DISSIPACÃO	DISSIPACÃO
—	—	—	DISSIPADO
—	—	—	DISSIPADOR
DISSIPAR	DISSIPAR	DISSIPAR	DISSIPAR
DISSOLUÇAM	—	DISSOLUÇÃO	DISSOLUÇÃO
DISSOLVENTE	—	DISSOLVENTE	DISSOLVENTE
DISSOLVER	DISSOLVER	DISSOLVER	DISSOLVER
DISSOLVIDO	—	DISSOLVIDO	DISSOLVIDO
DISSOLUTIVO	—	DISSOLUTIVO	DISSOLUTIVO
DISSOLUTO	DISSOLUTO	DISSOLUTO	DISSOLUTO
—	—	—	DISSOLUVEL
DISSONANCIA	DISSONANCIA	DISSONANCIA	DISSONANCIA
DISSONANTE	DISSONANTE	DISSONANTE	DISSONANTE
DISSONAR	DISSONAR	DISSONAR	DISSONAR
DISSONO	—	DISSONO	DISSONO
—	—	—	DISSONORO
DISSUADIR	DISSUADIR	DISSUADIR	DISSUADIR
DISTANCIA	DISTANCIA	DISTANCIA	DISTANCIA
—	—	—	DISTANCIAR-SE
DISTANTE	DISTANTE	DISTANTE	DISTANTE
DISTAR	DISTAR	DISTAR	DISTAR
DISTICO	—	DISTICO	DISTICO
DISTILLAÇAM	DISTILLAÇAM	DISTILLAÇÃO	DISTILLAÇÃO
—	—	—	DESTILLADO
DISTILLAR	DISTILLAR	DISTILLAR	DESTILLAR
DISTINÇAM	DISTINÇAM	DISTINÇÃO	DISTINÇÃO
DISTINCTO	—	DISTINCTO	DISTINCTO
DISTINGIR	DISTINGIR	DISTINGIR	DISTINGIR
DISTINGUIR	—	DISTINGUIR	DISTINGUIR
DISTINGUIVEL	—	—	DISTINGUIVEL
DISTINTAMENTE	DISTINTAMENTE	DISTINCTAMENTE	DISTINTAMENTE
DISTINTIVO	—	—	DISTINTIVO
DISTINTO	—	DISTINCTO	DISTINTO

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DISTRACÇAM	DISTRACÇAM	DISTRACÇAÕ	DISTRACÇAÕ
DISTRACTIVO	—	DISTRACTIVO	DISTRACTIVO
DISTRAHIDO	DISTRAHIDO	DISTRAHIDO	DISTRAHIDO
DISTRAHIMENTO	—	—	DISTRAHIMENTO
DISTRAHIR	DISTRAHIR	DISTRAHIR	DISTRAHIR
DISTRATAR	DISTRATAR	—	DISTRATAR
DISTRATO	DISTRATO	DISTRATO	DISTRATO
DISTRIBUIÇAM	DISTRIBUIÇAM	DISTRIBUIÇAÕ	DISTRIBUIÇAÕ
—	DISTRIBUIDO	—	—
DISTRIBUIDOR	DISTRIBUIDOR	DISTRIBUIDOR	DISTRIBUIDOR
DISTRIBUIR	DISTRIBUIR	DISTRIBUIR	DISTRIBUIR
DISTRIBUTIVA	—	—	DISTRIBUTIVO
DISTRICTO	DISTRICTO	DISTRICTO	DISTRICTO
DISTRINÇAR	—	—	—
DISTURBIO	—	—	—
DITA	DITA	—	DITA
DITADO	DITADO	—	DITADO
DITE	—	—	—
DITHYRAMBO*	—	—	DITHIRAMBO, DITIRAMBO
DITINHO*	—	—	DITINHO
—	—	—	DITIRAMBICO
DITO	DITO	DITO	DITO
DITONGO	—	DITONGO	DITONGO
DITONNO	—	DITONNO	DITONNO
DITOSAMENTE	DITOSAMENTE	DITOSAMENTE	DITOSAMENTE
DITOSO	DITOSO	DITOSO	DITOSO
DITTAME	—	—	—
<b>dittar</b>	—	—	—
DITTO	DITTO	—	—
DIU	—	—	—
DIVA	—	DIVA	DIVA
DIVAM	—	DIVAM	—
DIVAGAR	—	—	DIVAGAR
—	—	—	DIVERGENTE
DIVERSAMENTE	DIVERSAMENTE	DIVERSAMENTE	DIVERSAMENTE
DIVERSAM	—	DIVERSAÕ	DIVERSÃO
—	—	—	DIVERSAR
DIVERSIDADE	DIVERSIDADE	DIVERSIDADE	DIVERSIDADE
DIVERSIFICAR	—	—	DIVERSIFICAR
DIVERSO	DIVERSO	DIVERSO	DIVERSO
DIVERSORIO	—	DIVERSORIO	DIVERSORIO
DIVERTIDAMENTE	DIVERTIDAMENTE	DIVERTIDAMENTE	DIVERTIDAMENTE
DIVERTIDO	DIVERTIDO	DIVERTIDO	DIVERTIDO
DIVERTIMENTO	DIVERTIMENTO	DIVERTIMENTO	DIVERTIMENTO
DIVERTIR	DIVERTIR	DIVERTIR	DIVERTIR
DIVICIAS	—	DIVICIAS	DIVICIAS
DIVIDA	DIVIDA	DIVIDA	DIVIDA
DIVIDAMENTE	DIVIDAMENTE	—	DIVIDAMENTE
DIVIDENDO	—	—	DIVIDENDO
DIVIDIDO	DIVIDIDO	DIVIDIDO	DIVIDIDO
DIVIDIR	DIVIDIR	DIVIDIR	DIVIDIR
DIVIDO*	—	—	—
—	—	—	DIVINADOR
—	—	—	DIVINAL
DIVINAMENTE	DIVINAMENTE	DIVINAMENTE	DIVINAMENTE
DIVINATORIO	—	DIVINATORIO	DIVINATORIO
DIVINDADE	DIVINDADE	DIVINDADE	DIVINDADE
—	—	—	DIVINIZADO
DIVINIZAR	—	—	DIVINIZAR
DIVINO	DIVINO	DIVINO	DIVINO
DIVISA	DIVISA	DIVISA	DIVISA
DIVISAM	DIVISAM	DIVISAÕ	DIVISÃO
—	—	—	DIVISAR

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DIVISIVEL	DIVISIVEL	DIVISIVEL	DIVISIVEL
DIVISO	—	DIVISO	DIVISO
DIVISOR	—	—	DIVISOR
DIVISORIO*	—	—	DIVISORIO
—	—	—	DIVO
DIVORCIADO	—	—	DIVORCIADO
—	—	—	DIVORCIAR
DIVORCIO	DIVORCIO	DIVORCIO	DIVORCIO
DIVOS	—	—	DIVOS
DIURETICO	—	DIURETICO	DIURETICO
DIURNO	—	DIURNO	DIURNO
DIUTURNIDADE	—	DIUTURNIDADE	DIUTURNIDADE
DIUTURNO	—	DIUTURNO	DIUTURNO
—	—	—	DIVULGAÇÃO
DIVULGADO	DIVULGADO	DIVULGADO	DIVULGADO
—	—	—	DIVULGADOR
DIVULGAR	DIVULGAR	DIVULGAR	DIVULGAR
DIXES	—	DIXES	DIXES
DIXIMES DIXEMES*	—	—	DIXEMEDIXEME
DIZENHO	—	—	—
DIZER	DIZER	DIZER	DIZER
—	—	—	DIZERES
DIZIDOR	—	—	DIZIDOR, DIZEDOR
DIZIMA	DIZIMA	—	DIZIMA
—	—	—	DIZIMADO
DIZIMAR	DIZIMAR	DIZIMAR	DIZIMAR
DIZIMADOR	—	DIZIMADOR	DIZIMADOR
DIZIMEIRO	DIZIMEIRO	—	DIZIMEIRO
DIZIMO	DIZIMO	DIZIMO	DIZIMO
DIZIVEL	—	DIZIVEL	DIZIVEL
DO	—	—	DO
DO	DO	DÓ	DÓ
—	—	—	DOA
DOAÇAM	DOAÇAM	DOAÇÃO	DOAÇÃO
DOADO	DOADO	—	DOADO
DOADOR	DOADOR	DOADOR	DOADOR
—	—	—	DOAIRO
DOAR	DOAR	DOAR	DOAR
DOBADEIRA	—	—	DOBADEIRA
DOBADOURA	—	DOBADOURA	DOBADOURA
DOBAR	—	DOBAR	DOBAR, DEBAR
DOBRA	DOBRA	DOBRA	DOBRA
—	—	—	DOBRADA
DOBRADAMENTE	DOBRADAMENTE	DOBRADAMENTE	DOBRADAMENTE
DOBRADEIRA	—	—	DOBRADEIRA
—	—	—	DOBRADIÇA
DOBRADIÇO	DOBRADIÇO	DOBRADIÇO	DOBRADIÇO
DOBRADO	DOBRADO	DOBRADO	DOBRADO
DOBRADURA	—	DOBRADURA	—
—	—	—	DOBRADA
DOBRAM	—	DOBRAÔ	DOBRÃO
DOBRAR	DOBRAR	DOBRAR	DOBRAR
DOBRE	—	DOBRE	DOBRE
DOBREZ	—	—	DOBREZ
DOBREZA*	—	—	DOBREZA
DOBRO	DOBRO	—	DOBRO
DOÇAINA	—	—	DOÇAINA
DOÇAINHA	—	DOÇAINHA	DOÇAINHA
DOÇAINO	—	—	DOÇAINO
—	—	—	DOÇAR
DOCE	DOCE	DOCE	DOCE
DOCEL	—	DOCEL	DOCEL
DOCEMENTE	DOCEMENTE	DOCEMENTE	DOCEMENTE

<b>Voc./ Supp.</b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DOCEZINHO	DOCEZINHO	DOCESINHO	DOCEZINHO
DOCIL	DOCIL	DOCIL	DOCIL
DOCILIDADE	DOCILIDADE	DOCILIDADE	DOCILIDADE
DOCTAMENTE	—	—	DOCTAMENTE
DOCTRINAR	—	—	—
DOCUMENTO	—	DOCUMENTO	DOCUMENTO
DOÇURA	DOÇURA	DOÇURA	DOÇURA
—	—	—	DODECAÉDRO
DODECAGONO	—	—	DODECAGONO
DODECATEMORIO	—	—	DODECATEMORIO
DODO*	—	—	—
DODONA	—	DODONA	—
DODRANTAL	—	—	DODRANTAL
DOENÇA	DOENÇA	DOENÇA	DOENÇA
DOENTE	DOENTE	DOENTE	DOENTE
DOENTIO	DOENTIO	DOENTIO	DOENTIO
DOER	DOER	DOER	DOER
DOESBURGO*	—	—	—
DOESTAR	—	DOESTAR	DOESTAR
DOESTO	—	DOESTO	DOESTO
DOGE*	—	—	DOGE
DOGMA	—	DOGMA	DOGMA
DOGMATICO	—	DOGMATICO	DOGMATICO
—	—	—	DOGMATIZANTE
DOGMATIZAR	—	DOGMATISAR	DOGMATIZAR
DOGMATISTA	—	DOGMATISTA	DOGMATISTA
DOGO*	—	—	DOGO
—	—	—	DOGUE
DOILO*	—	—	DOILO
—	—	—	DOITO
DOL*	—	—	—
DOLA	—	DOLA	—
DOLANQUIM*	—	—	—
DOLINHA*	—	—	—
DOLO	—	DOLO	DÓLO
—	—	—	DOLOR
DOLORIDO	—	DOLORIDO	DOLORIDO
DOLOROSAMENTE	—	—	DOLOROSAMENTE
DOLOROSO	—	DOLOROSO	DOLOROSO
DOLOSO	—	—	DOLOSO
DOM	DOM	DOM	DOM
DOMADO	DOMADO	DOMADO	DOMADO
DOMADOR	—	DOMADOR	DOMADOR
DOMADORA	—	—	DOMADORA
DOMAR	DOMAR	DOMAR	DOMAR
DOMAVEL	DOMAVEL	DOMAVEL	DOMAVEL
DOMBES	—	—	—
—	—	—	DOMESTICAMENTE
DOMESTICAR	—	DOMESTICAR	DOMESTICAR
DOMESTICAVEL	—	—	DOMESTICAVEL
DOMESTICO	DOMESTICO	DOMESTICO	DOMESTICO
—	—	—	DOMESTIQUEZA
—	—	—	DOMICILIADO
—	—	—	DOMICILIAR-SE
DOMICILIO	DOMICILIO	DOMICILIO	DOMICILIO
DOMINAÇAM	—	DOMINAÇÃO	DOMINAÇÃO
DOMINADO	—	DOMINADO	DOMINADO
DOMINADOR	—	DOMINADOR	—
DOMINADORA	—	—	—
DOMINANTE	—	DOMINANTE	DOMINANTE
DOMINAR	DOMINAR	DOMINAR	DOMINAR
DOMINATIVO	—	—	DOMINATIVO
DOMINGA	DOMINGA	DOMINGA	DOMINGA

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
—	—	—	DOMINGO
—	—	—	DOMINGUEIRO
DOMINICAL	—	DOMINICAL	DOMINICAL
DOMINICANO	—	—	—
DOMINICO*	—	DOMINICO*	—
DOMINIO	DOMINIO	DOMINIO	DOMINIO
DOMINIOSO	—	DOMINIOSO	DOMINIOSO
DOMO	—	—	DOMO
DON	—	DON	—
DONA	DONA	DONA	DONA
DONA BRANCA	—	—	—
DONADO	—	DONADO	—
—	—	—	DONAIREAR
—	—	—	DONAIROSO
DONATARIO	DONATARIO	DONATARIO	—
DONATIVO	DONATIVO	DONATIVO	—
DONATO	DONATO	DONATO	—
DONAVERTE	—	DONAVERTE	—
DONAYRE	—	DONAIRE	DONAIRE
DONCHERY	—	—	—
DONDE	DONDE	DONDE	DONDE
DONDO*	—	—	—
DONINHA	—	DONINHA	DONINHA
DONO	DONO	DONO	DONO
DONOSO	—	DONOSO	DONOSO
—	—	—	DONS
DONZEL	—	DONZEL	DONZEL
DONZELLA	DONZELLA	DONZELLA	DONZELLA
DOR	DOR	DOR	DOR
DORCESTER	—	DORCESTER	—
DORDONHA	—	DORDONHA	—
DORDRECT	—	—	—
DORIA	—	DORIA	—
DORICO	—	DORICO	DORICO
DORIDA	—	—	—
DORIDO	—	DORIDO	DORIDO
DORIS*	—	—	—
DORMENTE	DORMENTE	DORMENTE	DORMENTE
DORMENTES*	—	—	DORMENTES
DORMIDA	—	—	DORMIDA
DORMIDEIRAS	DORMIDEIRAS	DORMIDEIRAS	DORMIDEIRAS
—	—	—	DORMIDO
—	—	—	DORMILÃO
DORMINHOCO	DORMINHOCO	—	DORMINHOCO
DORMIR	DORMIR	DORMIR	DORMIR
DORMITAR	—	DORMITAR	DORMITAR
DORMITORIO	DORMITORIO	DORMITORIO	DORMITORIO
DORNA	—	DORNA	DORNA
DORNELLAS	—	—	—
—	—	—	DOROSAMENTE
—	—	—	DOROSO
DOROSTORO	—	—	—
DORSEL	—	DORSEL	DORSEL
DORSO	—	DORSO	DORSO
DORTMUNDA	—	—	—
—	—	—	DOS
—	—	—	DOSE
DOSIS	—	DOSSIS	DOSIS
DOSITHEOS*	—	—	—
DOTAÇAM	—	DOTAÇÃO	DOTAÇÃO
DOTADO	DOTADO	DOTADA	DOTADO
DOTADOR*	—	—	DOTADOR
DOTAL	DOTAL	—	—

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DOTAR	DOTAR	DOTAR	—
DOTE	DOTE	DOTE	DOTE
DOUAI	—	—	—
DOUDAMENTE	DOUDAMENTE	DOUDAMENTE	DOUDAMENTE
—	—	—	DOUDARRÃO
DOUDEJAR	—	DOUDEJAR	DOUDEJAR
—	—	—	DOUDETE
DOUDICE	DOUDICE	—	DOUDICE
—	—	—	DOUDINHO
DOUDIVANES	—	—	DOUDIVANES
DOUDO	DOUDO	DOUDO	DOUDO
DOURADA	DOURADA	DOURADA	DOURADA
DOURADINHA	DOURADINHA	DOURADINHA	DOURADINHA
DOURADO	—	DOURADO	DOURADO
DOURADOR	DOURADOR	DOURADOR	DOURADOR
DOURADOS*	—	—	—
DOURADURA	DOURADURA	—	DOURADURA
DOURAR	DOURAR	DOURAR	DOURAR
DOURO	DOURO	DOURO	—
DOUS	DOUS	DOUS	DOUS
DOUTAMENTE	DOUTAMENTE	DOUTAMENTE	DOUTAMENTE
—	—	—	D'OUTIVA
—	—	—	DOUTIVAMENTE
DOUTO	DOUTO	DOUTO	DOUTO, DOCTO
DOUTOR	DOUTOR	DOUTOR	DOUTOR
DOUTORADO	—	DOUTORADO	DOUTORADO
DOUTORAL*	—	—	DOUTORAL
DOUTORAMENTO	DOUTORAMENTO	—	DOUTORAMENTO
DOUTORANDO	DOUTORANDO	—	DOUTORANDO
DOUTORARSE	DOUTORARSE	DOUTORARSE	DOUTORAR
DOUTRINA	DOUTRINA	DOUTRINA	DOUTRINA
DOUTRINA CHRISTÃA*	—	—	—
DOUTRINADO	—	DOUTRINADO	DOUTRINADO
DOUTRINAL	—	DOUTRINAL	DOUTRINAL
DOUTRINALMENTE	—	—	DOUTRINALMENTE
DOUTRINANTE	—	—	DOUTRINANTE
DOUTRINAR	DOUTRINAR	DOUTRINAR	DOUTRINAR
DOUTRINAVEL	DOUTRINAVEL	—	DOUTRINAVEL
DOUX*	—	—	—
—	—	—	DOZAVO
DOZE	DOZE	DOZE	DOZE
DRACHMA	—	DRACHMA	DRACHMA, DRACHMA
DRACUNCULO	—	—	DRACUNCULO
—	—	—	DRAGA
DRAGAM	DRAGAM	DRAGAÕ	DRAGÃO
DRAGO	—	—	DRAGO
DRAGOEIRA	—	DRAGOEIRA	DRAGOEIRA
DRAGONARIO*	—	—	—
DRAGONERA	—	—	—
—	—	—	DRAGONISTICO
DRAGONTEA	—	DRAGONTEA	DRAGONTEA
DRAGUINHAM	—	—	—
DRAMA	—	DRAMA	DRAMA
—	—	—	DRAMADEIRA
—	—	—	DRAMATICO
—	—	—	DRASTICO
DRAVO	—	DRAVO	—
DRESDA	—	DRESDA	—
DREUX	—	DREUX	—
DRIADAS	—	DRIADAS	DRIADAS
DRIÇA	—	—	DRIÇA
DRIN	—	—	—
DRINAVAR	—	—	—

<i>Voc./ Supp.</i>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DRINO	—	DRINO	—
DROGA	DROGA	DROGA	DROGA
DROGARIA	—	—	DROGARIA
DROGAS	—	DROGAS	—
DROGUETE	—	DROGUETE	DROGUETE
—	—	DROGUISTA	—
DROMA*	—	—	—
DROMEDARIO	DROMEDARIO	DROMEDARIO	DROMEDARIO
DROMONA*	—	—	—
DRONTHEIM*	—	—	—
—	—	—	DRUDARIA
DRUENÇA	—	—	—
DRUIDAS	—	DRUIDAS	—
DRUSOS*	—	—	—
DRYADAS	—	DRYADAS	DRYADAS
DRUOPE*	—	—	—
DUAI	—	DUAI	—
DUAL	—	DUAL	DUAL
DUARF*	—	—	—
DUAS	—	DUAS	DUAS
DUBIO	—	DUBIO	DUBIO
DUBLIN	—	DUBLIN	—
DUCADO	DUCADO	DUCADO	DUCADO
DUCAL	—	DUCAL	DUCAL
DUÇAM	—	—	DUÇÃO
DUCATAM	—	—	DUCATÃO
DUCTIL	—	—	DUCTIL
DUCTO	—	—	DUCTO
—	—	—	DUEDENARIO
DUELLISTA	—	—	DUELLISTA
DUELLO	—	DUELLO	DUELLO
DUENDE	DUENDE	DUENDE	DUENDE
—	—	—	DUERNO
DUESMA*	—	—	—
DUNA	—	—	—
DUISBURGO	—	—	—
DULÇAINA	—	DULÇAINA	DULÇAINA
—	—	—	DULCIFICADO
DULCIFICAR	—	DULCIFICAR	DULCIFICAR
DULCINDA*	—	—	—
DULCINHO	—	—	—
DULIA	—	DULÍA	DULIA
—	—	—	DUM
DUMBAR	—	—	—
DUMBLAN	—	DUMBLAN	—
DUME	—	—	—
DUN	—	—	—
DUNA	—	DUNA	DUNA
DUNALMA*	—	—	—
DUNAS	—	DUNAS	DUNAS
DUNFREI	—	—	—
DUNGAL	—	—	—
DUNDERQUE	—	—	—
—	—	—	DUNO
DUO	—	—	DUO
DUODECAGONO	—	—	DUODECÁGONO
DUODECIMO	—	DUODECIMO	DUODECIMO
—	—	—	DUODENARIO
DUODENO	—	—	DUODENO
DUPLEX	—	DUPLEX	DUPLEX
DUPLICAÇAM	—	DUPLICAÇÃO	DUPLICAÇÃO
DUPLICADO	—	DUPLICADO	DUPLICADO
DUPLICAR	—	DUPLICAR	DUPLICAR

<b><i>Voc./ Supp.</i></b>	<b>Folqman (1755)</b>	<b>Marques (1764)</b>	<b>Morais (1789)</b>
DUPLICE	—	DUPLICE	DUPLICE
DUPLO	—	—	DUPLO
DUQUADO	—	—	—
DUQUE	DUQUE	DUQUE	DUQUE
DUQUES*	—	—	—
DUQUEZA	DUQUEZA	DUQUEZA	DUQUEZA
DURA	DURA	—	DURA
DURAÇAM	—	DURAÇÃO	DURAÇÃO
DURAÇO	—	—	DURAÇO
—	—	—	DURADOURO
DURA-MATER	—	DURA-MATER	DURAMATER
DURAMENTE	DURAMENTE	DURAMENTE	DURAMENTE
DURANTE	DURANTE	—	DURANTE
DURAR	DURAR	DURAR	DURAR
DURAVEL	DURAVEL	DURAVEL	DURAVEL
DURAZIO	DURAZIO	DURAZIO	DURAZIO
DURAZO	—	—	—
DUREIRO	—	—	DUREIRO
DURENZA	—	—	—
DUREZA	DUREZA	DUREZA	DUREZA
DURIAM	—	—	DURIÃO
DURLAC	—	—	—
DURO	DURO	DURO	DURO
DURTAL	—	—	—
DUSIOS*	—	—	—
DUSSELDORP	—	—	—
DUTRO	—	—	—
DUVIDA	DUVIDA	DUVIDA	DÚVIDA
DUVIDAR	DUVIDAR	DUVIDAR	DUVIDAR
DUVIDOSAMENTE	DUVIDOSAMENTE	DUVIDOSAMENTE	—
DUVIDOSO	DUVIDOSO	DUVIDOSO	DUVIDOSO
DUVINA	—	—	—
DUUMVIRATO	—	DUUMVIRATO	DUUMVIRATO
DUUMVIROS	—	DUUMVIROS	DUUMVIRO
DUZENTOS	DUZENTOS	DUZENTOS	DUZENTOS
DUZIA	DUZIA	DUZIA	DUZIA
DYNASTA	—	DYNASTA	DINASTAS
DYNASTIA	—	DYNASTIA	DINASTIA
DYRCE*	—	—	—
DYSARES*	—	—	—
DYSCOLO	—	—	DISCOLO
DYSCRACIA	—	—	DISCRASIA
DYSCRACIADO	—	—	DISCRASIADO
DYSENTERIA	—	DYSENTERIA	DISENTERIA
DYSPULOTICO	—	—	DISEPULOTICO
DYSPESIA	—	—	DISPEPSIA
DYSPNEA	—	—	DISPNEA
DYSURIA	—	—	DISURIA